O PANORAMA

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO.

VOLUME XIV

PRIMEIRO DA QUARTA SERIE.

PUBLICADO DE JANEIRO A DEZEMBRO DE 1857.

LISBOA
TYPOGRAPHIA DE A. J. F. LOPES
TRAVESSA DA VICTORIA, 52.

1857.

AP
65
P36
V.14

875127

O PANORAMA,

SEMANARIO DE LITTERATURA E INSTRUCÇÃO.

INTRODUCÇÃO.

O Panorama enceta com este numero o seu decimo quarto volume.

É certo que nenhum dos jornaes litterarios do paiz contou tão longa duração; mas é egualmente certo, que o Panorama, sempre acreditado, não tem até hoje desmerecido do conceito em que foi tido desde que appareceu pela vez primeira.

Os nossos esforços tendem a procurar-lhe a continuação d'esse conceito; e para isso contamos com a mesma collaboração que até agora tem honrado as suas columnas.

Não faremos promessas irrealisaveis, ou que não possamos cumprir. Diremos só que procuraremos melhorar este semanario quanto pudermos, e n'esse empenho nos ajudarão todos os que tem amor ás lettras, e tomam a peito a instrucção publica.

No proximo numero descreveremos o edificio do collegio dos nobres, em Moscow, cujo desenho apresentamos hoje.

DESCRIPÇÃO E RECORDAÇÕES HISTORICAS DO PAÇO E QUINTA DE QUELUZ.*

Desd'o começo de Julho de 1774 até fins de Junho de 1778 esteve silencioso e solitario o paço de Queluz, tanto em razão da doença d'el-rei D. José, que o fez passar alternadamente os verões dos tres primeiros annos na quinta do marquez de Pombal em Oeiras e no palacio da Ajuda, para d'estas moradas ir commodamente tomar os banhos do Estoril e das Alcaçarias, como por outras causas que, depois da morte d'aquelle monarcha em 25 de Fevereiro de 1777, decidiram a rainha sua filha e successora a ficar no ultimo d'aquelles paços até ao estio do anno seguinte, em que, sobre accordo e ás custas d'ella e d'el-rei seu esposo, se fez o quarto alto que jaz na rampa que conduz á praça, e no qual a mesma soberana morou sendo já viuva, quarto traçado por Matheus Vicente d'Oliveira, e que, visto d'esse largo, não diz com as outras construcções que o cingem.

Voltando regularmente a côrte a este sitio, e tornando a festejarem-se ali com a antiga pompa e concorrencia os dias de S. João, e S. Pedro, bem como os natalicios de algumas das pessoas reaes, pede a razão e a curiosidade que eu mostre aqui o quadro fallante, com retratos novos e ditos trazidos a monte da minha memoria já enfraquecida, que, apoz uma tão grande mudança de scenas n'estas occasiões alegres, presentava a galeria reanimada onde já, a proposito das primeiras funcções que lá houveram, introduzi os meus leitores; traçando eu estas linhas não só por divertir-me e entretel-os, mas afim de registrar na idéa do publico indulgente que ler este bosquejo da nossa côrte na derradeira parte do seculo passado muitas coisas hoje desconhecidas ou esquecidas de um mundo que acabou, para que ellas não fiquem, como tantas outras velhices, sepultadas n'uma obscuridade profunda: a pintura dos homens, que dá vida á narração dos acontecimentos, pode ser proveitosa aos que escreverem a nossa historia dos ultimos tempos.

Mas, por isso mesmo que a *realidade poetisada*, titulo que um homem de genio, bem que um tanto affectado, que conversei, deu apropriadamente ás suas interessantes Memorias, ou, como tambem dizia e usava outro grande pintor litterario com quem tratei, este modo de narrar *repondo as pessoas no theatro onde representaram*, faz maior impressão, e deixa no pensamento mais altas raizes que as descripções em que os objectos não são tangiveis e palpaveis como nas que cito e que sigo, ha tanto mais mister quem assim escreve, no paiz e não mui distante da acção que descreve, a vida de uma antiga sociedade polida ter tento na penna, para, sem frustrar as esperanças dos que buscam a exacção nas descripções, a justiça na historia, e a verdade em tudo, não ser ecco de paixões contrarias e quasi contemporaneas. Para conceituar devidamente os homens é força tiral-os do conflicto dos partidos, e não attender ás censuras acerbas nem aos panegyricos hyperbolicos das facções, que degradariam o historiador á baixeza do adulador ou do escrevinhador de folhetos satyricos; e tal foi a razão porque puz mais vagar nos *pertos* que nos *longes* d'esta pintura.

(*) Continuação dos artigos que vem a pag. 29, 77, 210, 365, 370, 393 dos volumes XI e XII, 3.ª e 4.ª da 3.ª serie.

Quando eu, antes de traçar estas linhas, recordava com pausada meditação o que na minha mocidade ouvi a quem viu aquelles festins depois do, já por mim marcado, periodo activo e violento, fecundo, por vezes grande, e digno do buril de Salustio, até á cessação d'estes regosijos pela ceifa que a foice pavorosa da morte fez de alguns membros da familia real (1) pouco antes de romper o tufão de tempestades que revolvendo a Europa, deu volta ao juizo da rainha D. Maria I afiguraram-se á minha imaginação os dias serenissimos que o ceo repartiu, com uma grande colheita de paz (2), a Portugal nos breves annos do governo d'esta princeza que sobejou a tantas dôres, como o outono doce, alegre, e frugifero que a natureza, revezando as estações, mette de permeio entre o estio ardente, brilhante e creador, e o inverno triste, duro, esteril e desabrido. As phases da vida social tem muita analogia com as do mundo physico, differençando-se porém, entre outros pontos, umas de outras em que, n'estas, os corpos naturaes guardam sempre as suas leis, e, n'aquellas, os homens aberram frequentemente dos seus principios.

De feito, bem que, nas mudanças e catastrophes dos ministros, diga o prudente, como S. Lourenço nas grelhas, *assem-me do outro lado*, a queda do marquez de Pombal, mais vencido pelos successos que pelos inimigos, e n'ella successiva e contrariamente remunerado com uma commenda, e punido com um degredo (3), deu, como elle previra (4), a Lisboa um *grande alegrão*, que, em muitos peitos, trasbordou por cima do desafogo decente; e n'este elaterio de tantas almas e tantos corações contentes de ver aternar o despotismo que, por um quarto de seculo, comprimira todos os animos, e sacrificara muitas victimas, tendo as que poderam resistir aos tormentos sido então, por cumulo de miseria, soltas d'involta com alguns malfeitores (5), vaticinaram, como sempre succede, os descontentadiços do tempo passado, e creu logo de leve a turba amiga da novidade, e a vaidade aspirante e tresloucada que o novo poder, extinguindo, e não variando, os abusos do antigo, faria entrar Portugal na edade de oiro. O comico, em todas as côrtes e em todos os tempos, está sempre ao pé do tragico: e o impeto do desejo que nos arrebata para mudanças cega-nos aos dictames luminosos da razão e ás mais certas e claras evidencias. Tambem por esse tempo o nonagenario Voltaire, lendo avessamente a sina de um rei nascido em cruel signo, e enthusiasmando-se de um ministro que conhecia mais os livros que os homens, augurava flores e fructos a um reinado que só produziu abrolhos e espinhos: a vida humana tem duas infancias e uma só primavera.

Para fallar justamente das personagens historicas, e sobretudo das que, resumindo em si uma civilisação, fizeram muitos bens á custa de grandes males, é mister olhal-as com uma admiração temperada com rigorismo. É tempo que a historia, depois de fazer boa justiça, como eu penso que fiz, ao archiministro d'el-rei D. José, pintando-o como um homem de acção, mas de coração duro, que, tendo alma para conceber e força para executar grandes empresas, se por vezes se equivocou em datas, nunca errou as marés, caracterise com egual imparcialidade a administração frouxamente branda, e, na quasi totalidade dos seus membros, com as mais rectas tenções, desacertada, que manejou os negocios logo depois da morte d'aquelle principe. Os governantes melhor intencionados podem ser mal entendidos; e, quando a este desar accresce o de não se entenderem uns com os outros, e de não haver quem os acorde e concerte, essa Babel de opiniões, tão fatal como a da confusão das linguas, faz que a machina politica pare, e que tudo fique suspenso, ou, por outros termos, abre a porta ao desgoverno, coisa muito peior que um mau governo.

As côrtes, que, entre raios de grandeza, com muitas sombras e miserias, são, contrariamente as theorias de Bernardin de Saint Pierre e de Lavater sobre a harmonia das opposições, as maiores collecções de contrastes de caracter d'onde no theatro do mundo, assim como nos dramas, nascem de ordinario as peripecias, raramente terão presentado uma tão grande diversidade de genios e indoles como a que se viu n'aquella governança mosaica, sem significação, nem acção por não ter quem lhe imprimisse um pensamento e o movimento, cada uma de cujas partes componentes estava, com a heterogeneidade das do cahos, em fronteira com a sua contraria, e tinha no nosso mundo politico, e dentro do mesmo gabinete um antipoda. A rainha D. Maria I, mui bem dotada da natureza, e cultivada no bom ensino, mas encolhida por summa modestia, e já enredada em escrupulos, trazia sempre a sua resolução pendente do parecer alheio. El-rei D. Pedro, chamado por sua esposa ao conselho, pela mesma fina contemplação com que associara a effigie d'elle á sua nas primeiras moedas d'oiro que mandou cunhar, não tendo as prendas e prendimentos d'espirito d'aquella princeza, *nem os vin-*

(1) El-rei D. Pedro III morreu em 1786, a infanta D. Mariana Victoria, e o infante D. Gabriel seu esposo, em 1787, e o principe D. José em 1788.

(2) O tratado de paz de Portugal com Hespanha, concluido em 11 de Março de 1781 por intervenção da rainha mãe, que para esse fim passou a Madrid.

(3) Vejam-se os decretos de 1 de Março de 1777, e de 16 de Agosto de 1781.

(4) Ao Dr. Huet, que com uma sangria salvou o marquez de Pombal de um ataque apopletico, disse, logo que tornou a si este ministro — de forte alegrão privastes hoje Lisboa.

(5) Um d'estes, chamado Placido, e que fôra um homem muito turbolento, commetteu depois d'aquelle perdão, um crime atroz que o levou á forca; outro por nome Toribio, que havia sido algoz, deu occasião a um dito do nosso poeta Nicolau Tolentino, o qual, perguntado por uma senhora acerca do modo de vida d'aquelle sugeito, respondeu — eu cuido que elle hoje vive de enforcar por casas particulares.

te e quatro modos de negar d'el-rei D. João IV (1), obstava afoito a todas as propostas e pretenções a eito com a mesmissima phrase *eu não vou para ahi*, por julgar que dizer a tudo que não era ser justo. O, por ambição e medo, dobre e dobradiço cardeal da Cunha, ultimamente mettido no conselho d'estado e no despacho, para dizer, como dizia, a tudo que sim, pelo marquez de Pombal (a quem virou as costas mal o viu caido) asylava-se então com silenciosa complacencia nas azas da protecção de um ministro influente com quem tinha parentesco, e ao qual d'antes não fallava tambem por susto: a invariabilidade nos sentimentos é quasi uma planta exotica nas côrtes, e as amisades dos cortezãos são, por via de regra, umas mentiras reciprocas; não é porém menos certo que ha gente que não sabe ser o que é, e em quem a pusilanimidade e o amor do nicho tem as vezes ar d'inconstancia, e até de perfidia. O mais grosso de maneiras que d'engenho, e tão audaz, loquaz e confuso como franco, frugal e isento arcebispo de Thessalonica, confessor da rainha, e tambem ministro assistente ao despacho, entrando de ordinario d'outiva e não doutamente nas discussões, embrulhava por isso e pelas suas longas digressões, os negocios a ponto de fazer perder de vista os assumptos. O astuto cortezão, mas não sagaz estadista, marquez d'Angeja, presidente do erario, levando as coisas por manha, só se oppunha abertamente a todas e quaesquer despezas por mais justas e necessarias que fossem: pondo depois, por não malquistar-se com as partes, ás costas e nas boccas dos collegas, os estorvos que tinham saido da sua. O, como já disse, *liso* e *lido* visconde de Villa Nova da Cerveira (depois marquez de Ponte de Lima), ministro dos negocios do reino, em quem uma grande rectidão de desejos e desestima das proprias conveniencias, e a mais subida elevação de sentimentos e generosidade d'alma, se viam a miudo paralyticadas pela sua habitual distracção, e irresolução no conselho e nas obras, dilatava infinitamente o expediente com interlocuções continuas, para obter esclarecimentos superfluos ou inuteis: assim como ha pennas que, correndo arrebatadamente, precipitam as resoluções, ha outras que, por nimio aparo ou apuramento, impedem que os negocios voem. Martinho de Mello, que el-rei D. João V mettera á força na Patriarchal, e que el-rei D. José, por uma excepção da regra, fez, mau grado ao seu guia, ministro da marinha, resuscitada por este antigo conego, e do ultramar, que ainda aguarda um resuscitador, tendo, por esta habilidade e especialidade, passado para o novo governo, onde estava mais solto de mãos e de lingua, era da laia de gente de bom senso, efficaz e energica, que frisa com os homens de genio; fazendo a sua rigidez de principios e inflexibilidade d'animo que elle embicasse em tudo e em todos. Emfim, o manso e molle Ayres de Sá, que o marquez de Pombal, seu parente e patrono, passara da quieta e grata côrte de Napoles para a então contra nós fragueira e rixosa côrte de Madrid, quando quiz que a nossa legação ali fosse surda, e que, por morte do languido D. Luiz da Cunha, (sobrinho do grão diplomata do mesmo nome) fez ministro dos negocios estrangeiros e da guerra, por crer que, n'esta repartição, onde o omnipotente ministro fazia tudo, era bom que o chefe nominal fosse mudo, ficando este depois conservado, por aquelle *senão*, que em algumas occasiões é prenda, no mesmo posto, sem outras inspirações que as dos seus bons sentimentos, *levava* elle assim, por me servir das suas proprias expressões, *a vida pachorrentamente, para não viver depressa*, sendo tido em conta de uma honesta e perfeita nullidade politica. Todas estas personagens (salvo o cardeal, por não dar som de si) mais rapida e vivamente expressadas e esculpidas, por meio da physionomia e acção, n'uma decima (1), que então teve muita voga quando ainda se não tinha introduzido na sciencia ou litteratura historica o genero de retratos politicos, poderiam, apesar de tudo, fazer algum bem a Portugal se, dando desde o principio de mão aos conselhos turbados das paixões, curassem mais de reparar as injustiças e violencias feitas pelo governo precedente, e de retocar e prefazer as reformas uteis que elle operara em todos os ramos da administração publica, que de fartar a sêde de graças e de vinganças de ambiciosos, todos occupados na expugnação dos empregos, e dos homens rancorosos, que, não contentes da elongação do planeta que lhes fôra desfavoravel, queriam ver logo totalmente eclipsada uma celebridade em fama, que não se vence nem se perde em pouco tempo: mas os odios das facções não reflectem; o espirito de partido, que é o mais besta de todos, doe-se mais do fulgor que do ardor dos contrarios; e, finalmente, na balança dos ministros existentes, que governam como se enfronham no governo, pesam pouco as memorias dos ministros mortos ou caidos; vindo talvez d'aqui a gana que o bom Ayres de Sá tinha de viver, para escapar o mais tempo que lhe fosse possivel á justiça prematura dos seus successores. Não tendo eu, por minha parte, podido fugir a estas reflexões, deitando, porém, aqui um veo de prudencia sobre muitos desconcertos, ou, para usar da phrase mais moderada de um espirituoso escriptor, *incommodos da realidade*, que deslustraram

(1) Gabando-se este rei um dia de similhante prenda diante d'um cortezão, que, como muitos, não cessava de supplicar, respondeu-lhe este: = pois bem, se vossa magestade tem vinte e quatro modos de negar, eu tenho vinte e cinco modos de pedir.

(1) Eis aqui a decima:

O negocio se propõe;
Duvida el-rei meu senhor;
Atrapalha o confessor;
Angeja a pagar se oppõe;
Nada a rainha dispõe;
Martinho marra esturrado;
Ayres não passa d'honrado;
E o visconde, em conclusão,
Pede nova informação;
Fic'o negocio empatado.

aquella era de luzes, elegancia, e urbanidade, passarei a pintar o espectaculo variado que na noite de 21 d'Agosto de 1779 em que se festejava o decimo nono anniversario do nascimento do principe D. José, offerecia a bella e esplendida galeria de Queluz, procurando eu figurar os diversos grupos, sem os confundir, e pintar as personagens, hoje todas mortas, e por isso immoveis, que personificavam os costumes e o espirito d'aquella epoca com as suas feições e côres, que as pessoas vivas, e, como taes, movediças, no meio de tantas vagas e ondas de mudanças, ora a favor da ordem, ora assopradas furiosamente pelo amor da liberdade, não deixam bem copiar; e visto que a melhor pintura é a que retrata a forma e a falla, darei tambem uma idéa dos dialogos entre os differentes interlocutores.

No topo da *Sala das Serenatas* estava a familia real, cujos delineamentos physicos e moraes já tirei, fallando, depois da recepção do corpo diplomatico, com varias personagens differentemente notaveis da côrte.

A rainha D. Maria I trocava algumas palavras insignificantes, e por forma, com seus bonissimos, mas um pouco cansativos tios os senhores D. Antonio e D. José, filhos naturaes d'el-rei D. João V, e legitimados por el-rei D. José, vulgarmente chamados ainda depois de velhos, *os meninos de Palhavã*, pelo sitio suburbano de Lisboa que habitaram desde a sua infancia, e aos quaes o instruido memorião e amuado cortezão conde de S. Lourenço, que punha alcunhas mesmo aos que já tinham outras (1) chamava *S. Chrispim* e *S. Chrispiniano* pelo martyrio que aquelles dois irmãos inseparaveis tinham, por um resentimento ministerial, soffrido no Bussaco até aos primeiros dias do novo reinado. El-rei D. Pedro fallava ainda mais sobre posse com o, em tudo grosso, cardeal patriarcha Silva, feitura mal feita do ministro caido, mimoseada pelo epigrammista D. Gastão da Camara com o frisante appellido de *animal mitrado*, e de quem o bobo arlequim Estacio dizia que, se sabia theologia, a elle o devia, por lh'a ter feito aprender n'um livro castelhano, visto não ser aquelle prelado avezado ao latim. Em contrario d'estas praticas forçadas, conversava mui grata e affavelmente a rainha mãe com o tão intelligente e experiente como alegre, franco, e generoso José de Seabra da Silva, (cuja agradavel e instructiva companhia eu, ao sair da puericia, frequentei) recemchegado do presidio das Pedras Negras, onde pagara a pena de uma importante revelação que fizera áquella princeza (2), e merecera a graça, que d'ali a cinco annos lhe fez a soberana, de o reintegrar no posto de ministro da corôa. O principe D. José, em quem, apar da gentileza, e de um, talvez nimio, brio juvenil (1), brilhavam os talentos da natureza desinvolvidos pela educação forte, viril, e sã, que lhe dava o eximio bispo de Beja, D. Fr. Manuel do Cenaculo, discorria sobre a guerra do Sul com o marquez de Lavradio, homem de grande ser e respeito, e modelo consummado de urbanidade delicada, que com energia e sagacidade tinha por longo tempo, e em circunstancias criticas, vice-reinado no Brazil, onde deixou honrosas memorias, e que dentro em poucos mezes foi nomeado mordomo-mór da princeza D. Maria Francisca Benedicta. Esta formosa e amavel princeza, e sua não bella, nem tão agradavel, mas egualmente boa irmã a infanta D. Marianna, que eram a personificação do pensamento religioso applicado a obras de caridade, tratavam da fundação de um estabelecimento pio com monsenhor Mascarenhas, prelado mui douto, que passou a sua vida repartida entre lettras e virtudes, e o padre Theodoro d'Almeida, congregado da casa do Espirito Santo, e homem de virtude tambem esclarecida e indubitada, e que a uma grande agudeza, e viveza d'imaginação, e a um genio suave e alegre juntava uma copia de conhecimentos em sciencias physico-mathematicas, que divulgou em Portugal com a mesma fortuna e pelo mesmo methodo do celebre abbade Nollet; merecendo pelo seu amor do proximo, o titulo de genio da beneficencia.

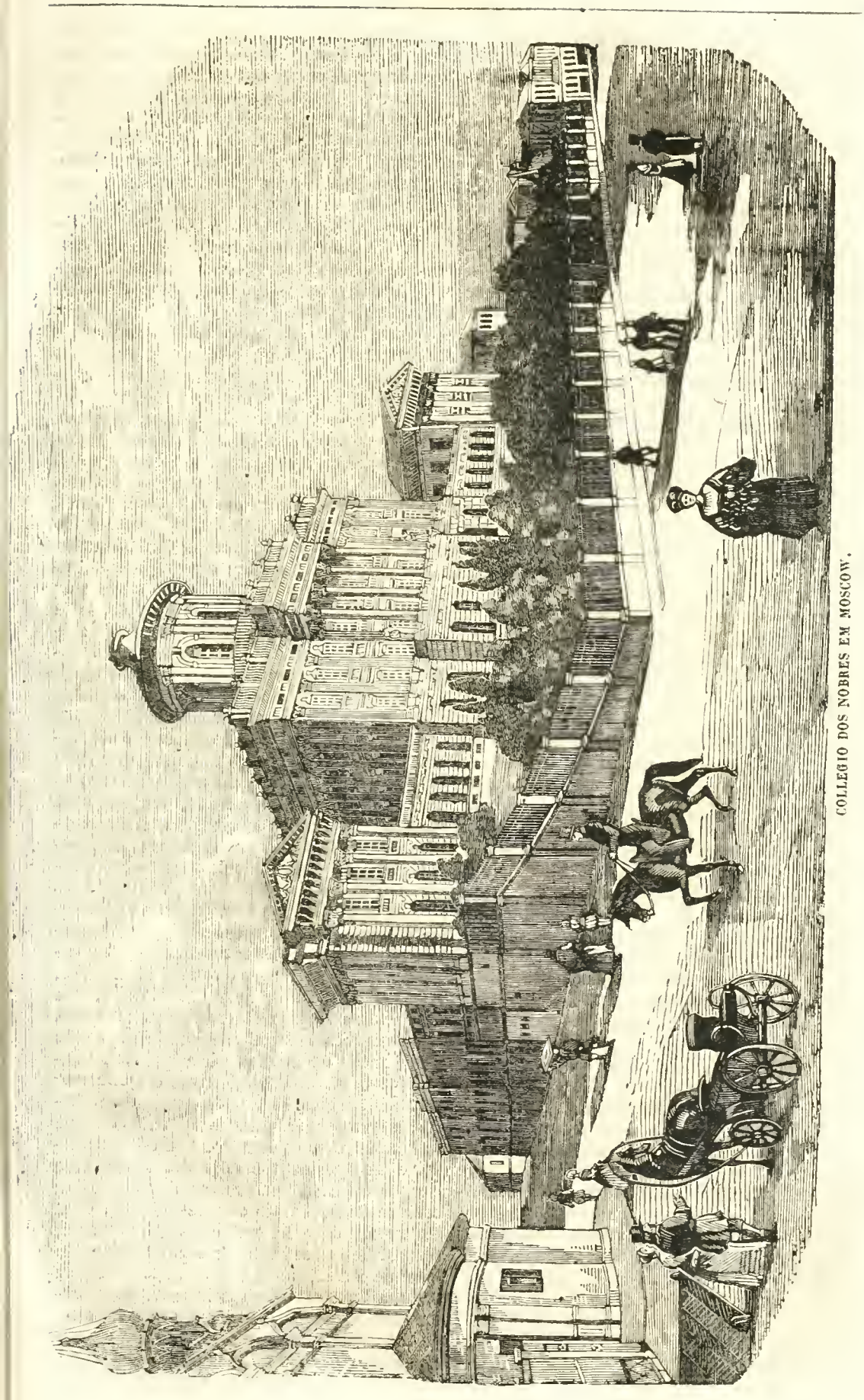
O infante D. João, que contava apenas doze annos, mostrava aos seus dois amigos d'infancia Francisco da Cunha e D. Vasco da Camara um lindo presente que o embaixador de França acabava de offertar-lhe da parte de Luiz XV, que havia sido seu padrinho de baptismo: e a linda infanta D. Marianna Victoria que, com a doçura do seu genio, mas não podendo suster o riso, narrava á tambem macia e serena D. Maria Joanna de Lima, sua dama camarista, o caso tragi-comico e recente do gordo viador D. Christovão de Vilhena, e do seu não menos obeso collega D. Tristão da Cunha, que só puxados por cordas, poderam sair de uma sege em que ficaram enleiados; d'onde o primeiro veiu a dizer na linguagem burlesca em que fallava: *cum Tristanis nada*.

N'um grupo de senhoras e homens de côrte, onde já não figurava a discreta e diamantina duqueza d'Abrantes, ali supprida pela achacosa marqueza de Villa Flor, camareira-mór e aia dos principes, viam-se tambem a velha e quasi morta marqueza D. Maria Caetana da Cunha.

(1) Este camarista inoffensivo d'el-rei D. Pedro, em quem o marquez de Pombal se vingou da opposição que ás cegas lhe fazia aquelle principe, perguntando um dia a Nicolau Tolentino d'Almeida, afflicto com dôres de dentes, se queria fazer uso do segredo de um jesuita que fôra seu companheiro de carcere, replicou vivamente o sempre chistoso poeta, — se é um em que elle esteve preso dezenove annos, não senhor.

(2) A verdadeira causa d'esta desgraça, attribuida por algumas pessoas a um abuso de poder, foi o conhecimento que teve o marquez de Pombal da revelação, que José de Seabra, por via da açafata D. Isabel da Gama, fizera á rainha mãe, do projecto, assim mallogrado, que o marquez formara, e queria executar de extorquir por surpreza a renuncia dos direitos successorios da princeza, depois rainha D. Maria, em favor do seu primogenito.

(1) Este principe, que tinha muita alma, foi na sua edade ardente, seduzido pela philantropia romanesca do imperador José II, que na Allemanha meridional arremedava o poeta, philosopho, musico e guerreiro Frederico II.



COLLEGIO DOS NOBRES EM MOSCOW.

camareira-mór da rainha mãe; a viva e desenfastiada dona de honor D. Ignez Breyner, que, para lograr a boa vista da galeria, dizia ao prasenteiro mestre-sala, que estava adiante d'ella: *oh! senhor D. Antão, já que é d'Almada, passe para a outra banda;* D. Marianna Arriaga, dona da camara mui valida da rainha D. Maria I, e pessoa de muito discernimento, e de maneiras polidas, em cuja pousada se juntavam muitas celebridades poeticas, e, á moda franceza, se faziam jogos d'espirito; a bella e boa açafata, tambem valida, D. Bernarda Caupers; o corpulento e vesgo senhor D. João, mordomo-mór das duas rainhas, que perguntava ao conde de Rezende, capitão da guarda real dos archeiros, como iam as coisas, ao que o sabido fazedor de equivocos respondia, com um sorriso ironico: *isto vae como vossa alteza vê:* ao que o sempre jovial conde da Ponte, mordomo-mór d'el-rei, accrescentava: *ou está parado como aquelles relogios sem corda*, apontando para os quatro secretarios d'estado, entretidos na contemplação de um morcego que andava esvoaçando na sala, e ao qual o Estacio, e a tambem caturra preta anã *D. Rosa*, com duas grandes canas na mão, e não pequeno risco dos lustres e dos quasi tão altos toucados d'esse tempo, davam caça.

N'uma roda de camaristas e viadores, novos e velhos, onde já não avultava o autorisado marquez d'Alvito, aio do principe, vendo-se ainda ali a doce e fina expressão da sympathica physionomia do marquez de Marialva, entre seus tres filhos os condes de Cantanhede, dos Arcos, e d'Atalaia, estavam bem assim o ingenuo marquez de Penalva, cultor das musas, e o marquez de Fronteira, que não perdia occasião de dardejar contra quem estava no poder.

No meio do salão estava o corpo diplomatico, no qual tinham havido algumas alterações depois do ultimo ajuntamento n'aquelle local. Ao estimavel cardeal Conti, homem de cabeça, e sem pós no cabello, tinha succedido, como nuncio, o limitado e muito apolvilhado monsenhor Mutti, verdadeira caricatura, que, entre estrondosos espirros exclamava: *al diavolo sia fatta questa illuminazzione*, cada vez que o tossegoso Agostinho Jose Gomes abria uma porta para o jardim, afim de ver se se conservavam acesas as luminarias. O marquez de Bombelles, novo embaixador de França, que se assimilhava na figura, na estatura, e nos gestos áquelle prelado, machucava com toda a força as delicadas mãos de monsenhor Salema, antigo ministro em França; homem brando e que era um tombo de anecdotas galantes dos salões do motejador e egoista conde de Maurepas, e da marqueza de Pompadour. O orgulhoso, e, ainda quando parecia querer ser civil, descortez conde Fernan Nunes, que, depois da conclusão da paz de Portugal com Hespanha, occupava o posto d'embaixador de Carlos III, desculpava-se com o duque de Lafões, chegado de fresco do seu grato desterro nas côrtes principaes da Europa, de lhe não haver pagado ainda a sua visita por não ter podido descobrir a sua morada, ao que o duque com a sua delicada ironia, respondia: *eu mesmo não sei bem onde moro, mas é lá para diante da Samaritana, e perto do embrechado de um santo e de uma velha que vende melões.* O principe Raffadalli, ministro de Napoles, e tambem recentemente chegado a Lisboa, onde brilhava mais pelas suas aguas marinhas que pelo fogo do seu engenho, fallava com o bom e serviçal D. Miguel de Portugal. Finalmente, o conde Fontana, ministro, tambem novo de Sardenha, homem mettido comsigo, conversava com o elegante e chanceiro epicurista Aguilar.

No fim da sala estavam muitos militares e magistrados conspicuos, e não poucas nobrezas scientificas e litterarias, para as quaes o principe D. José tinha uma decidida inclinação, alphabetando, como el-rei D. João II, os nomes d'ellas e de todas as outras pessoas eminentes, para, em tempo competente, as poder aproveitar a bem da patria; que assim se ensaiava aquelle herdeiro presumptivo do throno para o governo! Avultavam entre estas differentes capacidades, muitas das quaes dentro em pouco mezes formaram a illustre corporação que provocou, animou, e dirigiu entre nós o movimento intellectual, o aspero e teimoso conde de Azambuja, successor do não menos rigido Maklean no governo das armas da côrte e provincia da Estremadura, e que, recebendo pate de um grande incendio que abrasara o quartel do regimento de cavallaria de Meklemborg, perguntava em voz grossa, e enfurecido a D. Antonio d'Almeida Beja, (que fôra portador deste aviso) se se tinham salvado muitos cavallo, ao que o capitão respondia: *não, senhor, pram todos para o inferno.* Os marechaes de camp Bartholomeu da Costa, homem talentoso, e d'tempera velha, e Luiz Valleré, summamente amavel e perito, discorriam sobre planos tedentes ao grande incremento que, graças a amos, então tiveram em Portugal as fundições d'artilheria, e a arma que por excellencia se chama *engenharia;* ao passo que o coronel Luiz Clavier, ajudante d'ordens do marquez d'Angja, era o objecto de ditos mui engraçados pla scena joco-seria d'este official com um leig torto tão bem pintada em quatro decimas por Nicolau Tolentino. O quasi cego e longevo chaceller mor do reino Antonio Freire d'Andrade Encerrabodes, a quem o marquez de Fronteira chamava *o seculo ambulante*, um dos muito homens lidos e jucundos de que se perdeu semente, e que, tendo sido ministro em Roa, onde fez certame de bons ditos com Benecto XIV, e em Inglaterra, onde foi mui estimado de Jorge I, sendo, sem que se soubesse o peque, preso na torre de Belem, abraçava a Onçalo José da Silveira Preto, magistrado instrido, de entendimento repousado, mui prato nos negocios, de são conselho, e que passava por ser o mentor de dois ministros, dizendo-lhe ao ouvido: é

grande canseira, amigo, ser desasnador de parvos e teimosos. Junto d'elles, o grave e sisudo procurador da corôa João Pereira Ramos, e seu não menos illustre irmão D. Francisco de Lemos, que acabava de tomar posse do bispado de Coimbra, fallavam amigavelmente com o desembargador do paço Antonio Henriques da Silveira, antigo e mui distincto lente da Universidade, mas que, pela sua figura mesquinha, e pela coroinha que tinha de minerista, foi muitas vezes tomado por um sachrista. N'um grupo de ecclesiasticos via-se o padre Antonio Pereira de Figueiredo, defensor acerrimo das liberdades gallicanas, e das doutrinas pistoienses, de que algumas pessoas procuravam vãmente removel-o, fallando em assumptos litterarios com os seus antigos collegas o erudito e perseguido Antonio Verney, seu irmão Diogo Verney, homem de critica ajustada, que, possuindo a sciencia, o gosto, e o estylo, concorreu com o seu *Verdadeiro Methodo de Estudar* para o acordamento litterario de Portugal, e para debellar o fatal *gongorismo:* os eximios philologos Antonio Alves, Antonio das Neves, José d'Azevedo, e Francisco José Freire, mais conhecido pelo anagramma de *Candido Luzitano* e que tanto cooperou para a restauração da boa poesia; e João Faustino, excellente astronomo, e que foi a primeira pessoa que fez subir machinas aerostaticas n'esta côrte. Não longe d'esta ficira de grandes sabios fr. Francisco de Sá, serventuario do cargo de esmoler-mor, e que por morte do seu geral, em quinta-feira santa, mandou dobrar os sinos sem badalos, estava, ao que parecia, conversando mui attentamente com D. de S., que, n'uma falla que acabava de fazer n'um tribunal disse que: *quando Christo creou o mundo poz cada coisa em separado para que os homens as não confundissem:* estando tambem ali como interlocutor L. M. de M., o qual, n'uma memoria que publicou, refere que: *os hospitaes antes de os haver, eram governados pelos bispos.*

Na sala immediata (forrada de seda, e não guarnecida de espelhos, como eu por engano disse,) estavam logo á entrada os nossos bons poetas Diniz, Gonzaga, José Basilio da Gama, Durão, João Xavier de Mattos, Nicolau Tolentino, José Anastacio da Cunha, Paulino Cabral, Caldas Barbosa, Mathias Azedo, Theotonio Gomes de Carvalho, Curvo Semedo, e os dois Malhões, todos os quaes já mencionei e pintei, fallando em voz baixa, com muito louvor, de um poema heroe-comico intitulado — o Reino da Estupidez —, e attribuido ao doutor Francisco de Mello Franco, ainda estudante, em que o autor mettia a ridiculo as ninharias retrogradas do novo reformador e reitor da Universidade de Coimbra. N'outro rancho de poetas, via-se Francisco Manuel do Nascimento, filho da escola de Garção e Diniz, e imbuido no gosto da sabia antiguidade, bem que seguisse livremente um trilho novo, e que foi o que entre nós mais finamente entendeu e executou o artificio d'estylo a que se deu o nome de *harmonia imitativa:* Domingos Maximiano Torres, cujas eclogas rivalisam com as de Gesner, não sendo as suas cançonetas, que deixam n'alma um eco de harmonia, inferiores ás de Metastasio: fr. Joaquim Forjaz, engenho livre, que, a uma eloquencia impetuosa e rica de pensamentos, e a uma voz insinuante e vigorosa, como a dos antigos oradores da Grecia e de Roma, juntava a linguagem de uma musa solta e independente; não sendo menos admiravel pela naturalidade e graça dos seus conceitos, que pela viveza riquissima dos affectos, e pela facilidade da versificação e doçura da rima: monsenhor Corrêa de Sá, depois bispo do Porto, cujas saboridas poesias, quasi sempre inspiradas pela jocosa Thalia, mostravam que o culto das musas não é inconciliavel com as acções proprias de um pastor em tudo exemplarissimo: fr. José do Coração de Jesus, não menos sublime poeta, em quem brilhavam, como Voltaire disse do cardeal Quirini, as tres Graças de Homero e a Graça Divina, soltava mansamente alguns soluços pelo injusto degredo do horaciano Antonio Ribeiro dos Santos, seu mui fiel e ternissimo amigo: Domingos Monteiro de Albuquerque e Amaral, magistrado inteiro, não menos notavel pelos seus conhecimentos juridicos, que como poeta, e cujas producções, repassadas de uma meiga ternura, eu que tantas vezes lh'as ouvi recitar n'um tom de voz que as tornava mais melodiosas e expressivas, folheio com o mesmo prazer melancolico com que se desfolham as ultimas rosas do verão, e se trilham nos bosques as folhas caidas e descoradas no outono. Junto d'estas celebridades poeticas estavam o padre Braz, que vinha de dar em verso as suas —Novidades—, que ficaram passando em proverbio, e o alto e narigudo prior da Nazareth, autor tambem burlesco do — Palito Metrico — ouvindo repetir ao doutor Matta uns versos compostos pelo engraçadamente picante Lobo, piatando a tormenta que correu, vindo de Salvaterra para Lisboa, o doutor Estevão Manuel Raposo, versos, que eu sabia e esqueci, e nos quaes vinha uma invocação d'este medico da camara a Neptuno que acabava assim:

Lembra-te da minha esposa,
E vê que tem raposinhos.

Emfim, na sala hoje chamada do *Alenternim* pela claraboia que ali se mandou fazer no tempo da invasão franceza estavam o moço, e já com grandes creditos de scientifico, Luiz Antonio Furtado de Mendonça, depois visconde e conde de Barbacena, doutor em leis e em philosophia, e primeiro secretario da Academia Real das Sciencias de Lisboa, discursando, com o talentoso, encyclopedico, e algum tanto desconfiado José Corrêa da Serra, que lhe succedeu n'aquelle cargo, e com Alexandre Antonio das Neves, douto e jovial demonstrador

de historia natural e physica experimental, e o sabio naturalista Vandelli, sobre a nova nomenclatura barbaro-inintelligivel com que os francezes tinham, por me servir da phrase de um homem de genio, abarrotado a sua linguagem scientifica nos livros de medicina, chymica, e historia natural: e, chegando-se a estes quatro homens um, então mui influente, que lhes fallou na conveniencia de se fazer uma plantação de chá na serra da Arrabida: *eu, por mim*, respondeu Alexandre Antonio das Neves, alludindo á falta de cuidado em promover a cultura do trigo, *digo que, antes do chá, devem vir as fatias*. N'um circulo de frades, formado junto ao corredor que cummunica com a capella, viam-se fr. José da Rocha, dominico fino e que tinha predominio no arcebispo de Thessalonica; o bom conversador e estimavel nery padre Bonifacio Ferreira, confessor da senhora infanta D. Marianna; o cruzio D. Thomaz da Virgem, professor de philosophia no collegio de Mafra; o menos agudo grillo fr. José da Consolação a quem, materialmente fallando, chamavam *cabeça de santo Athanazio;* o manso e instruido capucho fr. Sebastião de Santo Antonio; o grande cometa loyo Antonio Pinto, depois conego de Braga e atacado de um grande fastio; fr. Antonio Forjaz, graciano, que não tinha as graças oratorias e poeticas de seu confrade e irmão fr. Joaquim; fr. José de Moraes, bernardo de muito tino; o douto benedictino fr. José de Santa Escholastica; e fr. Alexandre Palhares, franciscano bem fallante apesar de lhe tardar a falla, ouviam, com riso amarello, um soneto de Paulino Cabral satyrisando as corporações a que aquelles religiosos pertenciam, e que o singelissimo ex-jesuita, e pouco feliz hydraulico, Estevão Cabral lhes repetia.(1)

N'um grande grupo em que se distinguiam Joaquim Ignacio da Cruz, thesoureiro mór do erario, homem talhado para merecidamente occupar maiores empregos, seu irmão Anselmo José da Cruz, alma grande em corpo pequeno, os lentes Paschoal José de Mello Freire, contra cujo compendio de direito patrio se tinha levantado um grande partido, e Manuel Paes de Aragão, ou *Dragão* Trigoso, como lhe chamavam os estudantes para pintar o seu semblante que não devia nada á formosura e a sua excessiva severidade; e José Ricalde Pereira de Castro, a quem o moço conde de Tarouca perguntou *como anda?* ao que elle sempre de bom humor, respondeu: *para diante;* tornou-lhe o conde: *pois não é pouca habilidade, em quem figurou tanto no antecedente reinado, ir tambem n'este ávante, quando outros que estavam nas mesmas circunstancias tem desandado ou perdido o trilho*. Viam-se tambem na mesma sala, entre outros artistas, o velho Francisco Vieira, melhor pintor que poeta, e condecorado com o habito de S. Thiago que trazia dentro de uma concha, queixando-se ao gordo e jocoso leigo marianno fr. Bernardo, denominado *bispo de Saragoça*, e mui estimado do arcebispo inquisidor geral, de que o santo officio não deixasse passar um trecho da vida, que elle compozera em verso e queria imprimir, de sua adorada e fallecida esposa; achando-se tambem ali Pedro Alexandrino de Carvalho, que pintara os retabolos dos tres altares da capella de Queluz; Parodi, que fizera os retratos mui parecidos de um grande numero de pessoas da côrte, e Luciano José dos Santos, João de Sousa de Carvalho, e Antonio Leal Moreira, excellentes compositores de musica.

A um signal dado por Pedro José da Silva Botelho, director dos theatros reaes, abriram-se as portas para o corredor em que está a escada que conduzia ao antigo theatro no mesmo local onde se construiu o quarto alto de que fallei, e que habitou a rainha D. Maria I depois de viuva; indo toda a côrte assistir á representação do drama intitulado — La Galatéa — composto por Metastasio, posto em musica por Antonio da Silva, e executado sob a direcção de João Cordeiro, pelos excellentes cantores recem-chegados d'Italia José Orti, Luiz Torriani, José Romanini, e Violani que cantou primorosamente a bella aria da scena final — Ah! taci Alcide amato —, depois da qual houve uma dança da composição de Alberti, chamado *il Tedeschino;* terminando a funcção por um vistosissimo fogo de artificio.

MARQUEZ DE REZENDE.

(1) Para comprovar a singeleza do padre Estovão Cabral bastará dizer que, ouvindo elle cantar a senhora D. Marianna Victoria n'um serenim que houve no paço da Ajuda, virou-se para D. Lucas Giovini, dizendo em voz alta, e em ar de quem fazia um cumprimento: — a rainha canta mal, mas é desafinada, — o que excitou o riso d'esta princeza e de toda a companhia.

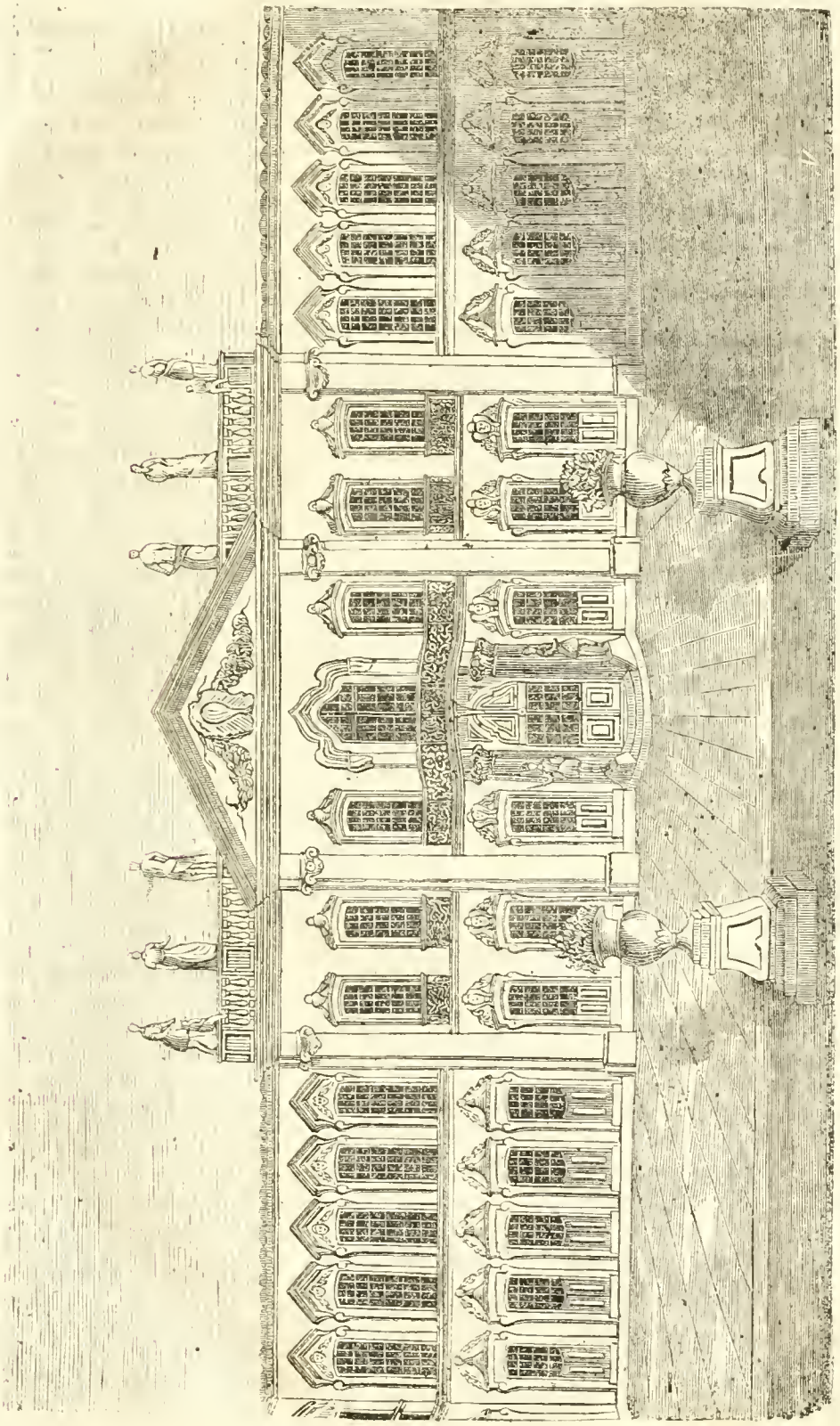
ECONOMIA RURAL.

Em os periodicos agricolas, publicados em Buda (Hungria), inseriu-se um artigo assignado por Jatschka, em que este recommenda que se faça a poda das cepas no outono, em vez de ser feita na primavera.

Em um vinhedo das cercanias da dita cidade (diz o artigo) fez-se o respectivo ensaio, podando-se metade das cepas no outono, e a outra metade na proxima primavera.

Affirma o referido Jatschka que as primeiras rebentaram muitos dias antes das segundas; resultando ainda o beneficio d'uma baixa nos jornaes, que são mais modicos no outono do que na primavera.

Ao artigo, que inserimos do sr. marquez de Rezende, pertence uma gravura que representa o palacio de Queluz, a qual não podemos publicar n'este numero, o que faremos no immediato.



PALACIO DE QUELUZ

O COLLEGIO DOS NOBRES EM MOSCOW.

Do alto da torre de Ivan-Veliki no Kremlin a vista de Moscow, dilatada como a de Roma pelas encostas e faldas de muitas collinas, apresenta um aspecto que a imaginação engrandece. Os tectos das casas não são de telhas, de lousa, de colmo, ou de taboas, nem de outra qualquer materia empregada nos demais paizes; são todos de chapas de ferro e pintados ou de vermelho escuro ou de verde carregado; e este contraste de duas côres fortes misturadas confusamente é salpicado em todas as direcções e por assim dizer esmaltado de zimborios, coruchéos, e campanarios de innumeraveis egrejas.

Nem a grande Cordova dos arabes, segundo talvez mentiam os seus geographos, que continha duzentas mil casas e com ellas seiscentas mesquitas, cincoenta hospitaes, oitocentas escolas publicas, e novecentos banhos, tinha comparação com Moscow, na quantidade de edificios destinados ao culto.

Em eras antigas dizia-se proverbialmente que Moscow possuia quarenta vezes quarenta egrejas: os incendios, e as differentes occasiões em que foi tomada de assalto, juntamente com a acção destruidora do tempo, aniquilaram boa porção; mas, ainda lhe restam muitas e algumas reconstruidas, porque esta cidade é considerada santa pelos scismaticos gregos como os catholicos reputam Roma. Cumpre notar que a maioria d'essas egrejas, que ainda agora se contam em numero de novecentas, são apenas capellas de differentes formas, construidas no estylo e gosto byzantino e asiatico, e sómente merece especial menção a vasta e magnifica egreja de S. Basilio, de architectura gothica.

Entre os edificios modernos considera-se um dos mais elegantes o que foi palacio da familia Pashkoff, cedido á corôa pelos seus proprietarios, e que os soberanos converteram no gymnasio ou collegio dos nobres, para educação dos mancebos das classes hierarchicas do imperio. É a obra que no gosto moderno tem a primazia de mais perfeita na antiga capital da Russia, como a representa na fachada exterior a estampa que reproduzimos no passado numero.

M.

VINGANÇA POR VINGANÇA.

I

NA LAREIRA.

Era em uma das frias e chuvosas tardes de Janeiro do anno de 1680. N'uma casa cerca á *Porta do Arco da Graça* (pouco antes conhecida pela *Porta da rua da Pela*, até que em 1657 ahi, n'um grande oratorio, se collocou a imagem de *Nossa Senhora da Graça* mesmo no transito para o collegio de Santo Antão, achavam-se reunidas, junto a um brasido, quatro pessoas que compunham toda a familia de Aldonsa Peres, viuva de um honrado mercador, que juntara sua fortuna no trato das Indias.

Aldonsa Peres fiava a sua teia, occupação em que nem um unico dia deixava de pôr mão, afora os santificados; pois n'este caso incorreria de certo nas censuras do seu confessor, e aquella boa dona, temente a Deus como era, nem por todo o cabedal que possuia (e na cidade se dizia que não era pouco) queria levar aos pés do padre mestre Gaspar a confissão de similhante peccado n'um dia consagrado ao Senhor.

Beatriz, sua filha, donzella de dezesete annos, e unica herdeira da fortuna de seus paes, lia em voz alta um livro de devoção que o padre mestre, havia tres dias, lhe dera para entretenimento do espirito e purificação da alma.

Sancha, criada antiga, e tão antiga que já o fôra da mãe de Aldonsa — e vira nascer esta e viera com ella para sua casa — sendo por isso tratada por Beatriz com as attenções de avó — passava vagarosamente por entre os rugosos dedos as contas de um grosso rosario, que fôra benzido em Roma, e mandado com outros pelo geral da ordem da Companhia de Jesus aos padres do collegio de Santo Antão, para presente de consoadas aquellas que se distinguissem por actos de virtude, e amor á ordem.

Marianna, moça quasi da edade de Beatriz, recolhida n'aquella habitação desde que aos sete annos ficara orphã, remendava um gibão de baeta amarella, com que a velha Sancha se costumava abafar.

Tal o quadro que repentinamente havia ferir os olhos de quem entrasse em casa de Aldonsa Peres, no momento em que principiamos a descrever as personagens da nossa historia.

Mas se acaso o espectador se demorasse um pouco mais, conheceria logo que algumas d'ellas nem todos os sentidos tinham empregados na sua occupação. A viuva parava um pouco com o fiado, para fazer repetir á filha uma phrase mal percebida; e Sancha, cruzada no chão, deixava pender a cabeça com a somnolencia propria da sua avançada edade, e mais duas ou tres contas lhe escorregavam pelos dedos, além d'aquella que devia passar. Por isso a obra das duas velhas não avançava — a da primeira pela frequencia das interrupções — a da segunda, porque ao estremunhar, olhava para a mão em que tinha o rosario, e conhecia que não ia tão avançada no *mysterio*, e fazia recuar não só as contas fugitivas, mas, por cautela, mais duas ou tres, para que chegado o *offerecimento*, não lhe faltasse um *Padre Nosso* ou uma *Ave-Maria*, antes sobejassem.

D'aqui julgará o leitor que as unicas absorvidas na tarefa eram a que lia, e a que remendava!.... De certo que não. As edades eram curtas de mais para uma e outra se entreterem assim; e por isso não deve admirar-se, dizendo-lhe que Beatriz erguia a miudo a vista de so-

bre o livro para a dirigir á porta como quem esperava alguem; e Marianna, trocando com ella olhares de intelligencia, deixava a agulha mettida no remendo, ora para chegar á janella a ver se a agua, que caia do ceo, já enchia o alguidar que tinha posto fóra da porta, ora para perguntar a Sancha, se aquellas rajadas de vento, que se repetiam incessantemente, seriam indicio de trovoada.

Era já a sexta vez que tal pergunta interrompia a beatifica somnolencia da velha, e á qual acabava de responder, resmungando,—que se confiasse em Deus, pois não havia tal perigo—quando repentinamente o clarão de um relampago esclareceu a casa, e d'ahi a seis segundos um trovão se deixou sentir; indicio certo, pelo tempo que mediou entre o raio e o trovão, de que a trovoada se achava a seiscentas toezas d'aquelle local. Porém as boas mulheres que não eram melhores mathematicas de que o acabamos de ver na avó Sancha, logo ao relampago soltaram um estremecedor *Ai Jesus!* que é a christã invocação em todos os momentos de agonia, e ao trovão cairam ajoelhadas repetindo a *Magnificat*.

Ao terminal-a, disse Aldonsa Peres para a criada:

—Corre ao oratorio e acende o cirio da ultima semana santa.... Olha; traz tambem a caldeirinha da agua benta, que o padre mestre Gaspar nos enviou sabbado de Alleluia, e o palmito santo que foi benzido no domingo de Ramos!

A moça ergueu-se toda tremula, e bem a medo se dirigia a cumprir as ordens da ama, pois os relampagos e trovões succediam-se encurtando rapidamente o intervallo, quando Sancha lhe bradou:

—Não te esqueças de vir tangendo a campainha do senhor S. Jeronymo.

—Beatriz, continuou Aldonsa Peres voltando-se para a filha, lê-nos as orações de Santa Barbara.

A filha levantou-se lentamente, e com os olhos erguidos para o ceo, como quem procurava n'elle um lenitivo á alma que está afflicta, foi buscar a uma arca o pedido livrinho, e com bastante fé principiou a sua leitura.

Terminadas as orações disse Beatriz:

—Madre minha, rezemos um *Padre Nosso* por aquelles que andam a estas horas fóra de suas casas.

—E uma *Ave-Maria* pelos que se acham sobre as ondas do mar, que assim fazia eu quando teu padre, que Deus tenha sua alma no ceo, andava no trato das Indias.

—E um *Gloria Patri*, accrescentou Sancha, em louvor de Deus, que se digna livrar os infieis tambem d'este perigo.

Acabavam as mulheres suas devoções, quando Marianna volvia com o ramo e a caldeirinha de agua benta na mão esquerda e agitava na direita a campainha de S. Jeronymo.

N'esse momento um relampago mui vivo, que pareceu incendiar a casa, seguido immediatamente de um espantoso trovão—indicio de que a trovoada pairava sobre aquelle logar—e o cheiro horrivel de enxofre, deram a perceber que a materia ignea caira mui perto d'ali.

Não devemos admirar-nos que ellas, fracas mulheres, se aterrassem tanto com este phenomeno electrico, quando vemos muitos homens possuidos do mesmo terror supersticioso. Uma nuvem cheia de materia electrica, posta em acção, encontra outra que o não está, ou esta menos carregada. Formam-se immediatamente duas correntes, uma effluente, outra affluente que se encontram, se chocam, e acendem todas as materias inflammaveis, e que se abrem passagem. Sua impetuosidade, junta á acção da chamma, produz no ar que as cerca uma agitação rapida. D'aqui provem a explosão. Um fragor que todas as nuvens visinhas e todos os eccos repetem, faz-se então ouvir. Levanta-se um vento impetuoso que dura pouco, e os vapores reunem-se, e caem em gotas sobre a terra.

Porém não damos aqui prelecções de physica, e prosigamos em o nosso conto.

As mulheres ficaram como petrificadas, sem poderem soltar uma palavra. Marianna largou das mãos a campainha de S. Jeronymo que rolou pelo sobrado dando um som agudo; e tambem a caldeirinha de agua benta, que toda se extravasou.

E a porta da rua abriu-se como a impulsos da rajada do vento!

Não o foi. Era o effeito natural da entrada de um homem.

Ao vel-o, Beatriz correu para elle, com um sorriso nos labios, e alegria nos olhos.

—*Senhora da Piedade!* Como vens, primo! A agua escorre por todos os lados! Estas mais remolhado que uma sopa bem embebida!

E a donzella foi ajudando-lhe a despir o comprido ferragonho que cobria o mancebo desde a cabeça até aos pés.

Era ver a alegria com que ella acolhia aquelle homem, cuja entrada fôra tão brusca, e a chegada era o termo de um turbilhão de pensamentos, de uma infinidade de preces que a donzella dirigira do intimo do coração, sem que os labios o significassem, n'aquella meia hora decorrida desde que principiámos a nossa narração.

—Não ouviste aquelle medonho trovão? Não viste aquelle terrivel raio, que necessariamente havia cair aqui mui cerca!... Porque te não acolheste a alguma pousada apenas principiou a chuva?... Para que te expozeste assim a este desabrido temporal?... Tudo por nossa causa, Simão!... Tudo por nós, madre minha!.... Olhe como elle vem tão frio!... Esta gelado!... Chega-te aqui para o brazeiro... Anda, Simão Rodrigues... anda... que nos hasde dar assim desgosto...

E Beatriz continuaria por longas horas suas

amargas reprehensões, nas quaes tomava de certo maior parte o coração do que os labios, se acaso Aldonsa Peres não a interrompesse, dizendo:

— Simão, desembaraça-te d'essa louquinha, e chega-te a mim para que te abençoe.

O recem-chegado tinha abraçado sua prima, e impresso, ás furtivas, um osculo n'aquella casta fronte, quando resoaram as palavras de sua tia. Dirigiu-se para ella, com o ar humilde e respeitoso de quem sempre a reconhecera como segunda mãe, e ajoelhando beijara-lhe a mão.

— Senta-te, filho, disse a boa velha. Não urgia tanto o negocio que viesses por este mau tempo.

— Louvado Deus, para lhe trazer uma feliz nova, não haveria tempestade que me detivesse. O mercador saldou sua conta, e não contando a ganancia d'elle, ainda temos tudo isto.

E mettendo a mão nos bolsos, d'elles saccou uma boa porção de cruzados que entregou a sua tia.

Foi n'esta occasião que a avó Sancha, recobrada do susto que lhe incutira o raio, pareceu acordar ao tinir d'aquelle metal. Olhou estupefacta para Simão, e com a tontice da edade lhe perguntou:

— Pois o raio não o feriu!

— Tão são e escorreito como me vêdes, avósinha! Não digo que não tivesse um deslumbramento ao penetrar na casa, vendo o raio cair ahi na cêrca do collegio de Santo Antão; porém havia em mim uma fé e uma esperança de que d'este limiar a dentro encontrar-me-hia a porto e salvamento.

Estas palavras foram ditas fitando os olhos nos de sua prima.

— Era porque nós, atalhou Marianna, oravamos por vós, sr Simão.

— Bem o creio.

E novamente olhou para Beatriz.

— E deveis crel-o, accrescentou sua tia. Ahi está entornada sobre esse sobrado toda a agua benta que havia em casa. Diz o padre mestre Gaspar que a agua benta purifica, e não deixa penetrar o demonio onde ella existe.

— Por isso Deus nos mandou o nosso anjo, accrescentou sua prima.

— « Sejas louvada, gloriosa Senhora, e por todos amada e glorificada, assim na terra como no ceo » — resmungou a velha Sancha, offerecendo o seu rosario, cujo ultimo *Gloria Patri* dos *Mysterios Gloriosos* acabava de repetir.

— Então o raio caiu na cêrca do collegio, sr. Simão? perguntou Marianna.

— Como o estou dizendo. Levantava a aldraba da porta, quando uma chamma brilhante e viva, rasgando o ceo, pareceu prendel-o á terra n'uma fita de fogo, tão ondulante que me fez doer os olhos. Tive unicamente tempo de pestanejar, e quando os reabri, o ceo estava negro e cerrado como um pego, o vento soprava com espantosa violencia, e o cheiro de enxofre era de suffocar.

— « Mas livrae-nos sempre de todos os perigos, ó Virgem gloriosa e bemdita » — repetiu Sancha em voz alta, pois n'este momento estava acabando a *Ladainha de Nossa Senhora*.

— É preciso, Marianna, que ámanhã bem cedo se mande saber do padre mestre. Com que susto não estará aquella alminha de Deus caindo-lhe o raio mesmo no collegio.

— Porém, madre minha, interrompeu Beatriz, que vontade de comer não terá Simão, que desde as dez da manhã anda correndo seca e meca por nossa causa!.... Se me dá licença?...

E a donzella fitou os olhos no chão.

— Sim... Sim. O pão está na arca, e no bofete esta guardada a vianda... Vae, Simão, vae, que bem precisas refazer-te... Como esquecida sou do que primeiro me devia lembrar! Se o padre Gaspar soubera que a troco d'este dinheiro me deslembrei de cumprir a primeira obra de misericordia!... e de mais a mais sendo parente meu!...

— « Derramae sobre mim, Deus meu, vossa grande misericordia » — atalhou a avó nas suas supplicas pedindo perdão a Deus.

Beatriz e Simão não esperaram se lhe repetisse a ordem. A primeira, lançando meigamente o braço por cima do hombro de seu primo:

— Vem, Simão, lhe disse. Já basta de te afadigares hoje por nossa causa. Em soando as Trindades irás á rua dos Mercadores fechar a nossa loja, e depois te recolherás a casa da tia. Até então és nosso, para dar tempo a passar a chuva. Ámanhã...

Não se ouviu o resto, que, assim fallando, ambos tinham entrado na casa de jantar.

— Ide, meus filhos, disse Aldonsa Peres, revendo-se n'aquelles dois pedaços da sua alma, porque uma era filha das suas entranhas, e o outro seu afilhado de baptismo, e de todos os seus sobrinhos o mais querido: ide, e que Nossa Senhora das Virtudes vos faça dignos um do outro.

E lhes resou nas costas um *Credo* em cruz, como presagio de prosperas venturas, e para Deus os livrar das tentações do demonio.

No entanto, Marianna, mais tranquilla, continuava a remendar o gibão da avó Sancha, sem lhe importar já com o alguidar, que estava trasbordando d'agua.

Sancha, que acabara as suas orações, estava novamente immergida n'aquella somnolencia, que de tempos a tempos interrompia para mastigar as primeiras palavras da oração dominical.

E a trovoada ia correndo para tão longe, que já os ouvidos a custo apercebiam o rimbombo dos trovões.

. . . . . .

. . . . . .

Continua.

DILUVIO DE LUZ.

«Vocavi, et renuistis: extendi manum meam, et non fuit qui aspiceret.
«Despexistis omne consilium meum, et increpationes meas neglexistis.»
PROVER. — I, 24-25.

«E que diluvio de muitas aguas é este? E a multidão de afflicções, e angustias, que n'aquella hora como um diluvio afogam o coração dos que se guardaram para ella... n'aquelle tropel, e tumulto de cuidados, de affectos, de dôres, de penas, de temores, de irresoluções, de assombros, e n'aquelle verdadeiramente diluvio de ancias, e angustias mortaes, opprimido, e afogado o homem dentro, e fóra de si mesmo, nenhum haverá que tenha forças, ou tino para nadar á Arca da salvação e nenhum que se possa chegar a Deus, ainda que quizesse.»
VIEIRA — SERMÕES, VI PARTE, § 314.

I

Pouco mais de quatro mil e duzentos annos ha, que se deu na terra um estranho espectaculo. Nuvem espessa involveu e toucou uma altissima montanha, e figura extraordinaria surgiu do meio d'ella, com semblante entre magoado e triste. Ecoando em todo o mundo, sua voz, acompanhada d'uma orchestra solemne de raios e trovões, declamou assim:

«Terra! As tuas iniquidades chamaram sobre ti o açoite do ceo!

Eu suspiro e gemo com amargura do meu espirito. Como o mar grande é o meu desfallecimento!

«A ingratidão derramou-se em todos os corações. O rancor de Satanaz não respeitou o homem feitura do Eterno!

«Possessos levantaram a espada sobre os que foram sempre presentes aos olhos de Deus. E castigaram-n'os. E o sacerdote e o propheta foram mortos no santuario. E as solemnidades ermas. E a lei suprema rota e calcada aos pés pelos endemoninhados!

«Vassallos possuem o mundo e se tem enriquecido n'elle. O verdadeiro povo de Deus mendiga o pão, morre sequioso de justiça.

«Boas e más doutrinas cresceram a par. Hoje não ha quem extreme a boa da ma semente!

Da má, digo eu, o que um dia se dirá d'um templo da terra: *não ficará aqui pedra sobre pedra, que não seja derribada!*

«Os primeiros de hoje serão dentro em pouco os ultimos e os servos: as mas hervas cortadas pela raiz: a eira limpa; o trigo recolhido no celeiro; mas as palhas queimadas em fogo que jámais se apagará.

«Filhos das trevas! O Senhor vae levantar-se contra vós, pela multidão de vossos crimes!

Essa mancha caliginosa, que poderá delil-a? O marmore, de que a cegueira e a baixeza vos fizeram estatuas, já presente destruição e sua de vergonha!

Tocastes o termo da maldade. Tambem vos chegara o calix. Sereis d'elle embriagados e sereis despidos!

«Recebereis o pago como merecem as obras de vossas mãos!

«O Senhor vos perseguirá no seu furor, e fará pó debaixo dos ceos!

«Não póde a razão por si só trazer a concerto os membros desconjuntados. Hade o castigo e a destruição ser escarmento e vindima dos maus!

«O tempo está proximo. Filhos das trevas, se sois justos como Noé, aparelhae uma arca e salvae-vos do cataclismo, que ja assoma no horisonte, e vos inclina a fronte para o nada!

«Depois virá o dia do triumpho, e o reinado da justiça!»

II

Parte do annuncio sobrehumano cumpriu-se. Pouco depois só o disco luminoso do raio cortava a escuridão pavorosa. A todos faltam as forças. A vista cansada em vão corre em torno. Fechada em estreito horisonte só acha ceo bronzeado que ameaça morte, serras d'espuma, escarceos que sobem do abysmo, e borrifam tudo com o rocio salgado. Nem vento amigo, que abrande as torrentes de chuva incessante! Para castigo da raça humana abrem-se as cataratas do ceo, rompem-se as matrizes do grande abysmo! Ao abrir das nuvens e desentranhar das aguas, rispido fragor retumba nos ares! Escurecidos sol e lua, pareciam cair do firmamento as estrellas, e finar-se toda a edade corrupta.

O successo e solemne. O premio ou o castigo pendem sobre todas as cabeças: feito será das que não tiveram o refugio da consciencia. A ultima hora aproxima-se.

Assim passam os primeiros dias d'afflicção. Os precursores do cataclismo e da confusão deram-se. Muitos vieram falsamente em nome do Senhor. Ouviram-se guerras e rumores de guerras. Nações e reinos se levantaram entre si. Lavraram pestes, fomes, e terremotos. Pela verdade havia attribulados e mortos; aborrecidos, escandalisados, e entregues por traição. A iniquidade multiplicara-se: a caridade resfriara. Só a liberdade, a innata tendencia civilisadora dos povos, não podia perecer ali, porque quasi nem era conhecida. Fôra sempre perseguida e acutilada, como Pedro acutilou Malco, porque era o que levava a luz, o unico que então luzia, de quantos invadiam o Horto.

A inundação cresce como phantasma gigante! A trombeta fatal a todos assigna o termo da existencia. Repercute na densa escuridade que cega, nas nuvens que de si escorrem mares, nas nevoas que embriagam.

Sombras fecham o firmamento. Sol e estrellas estão encobertos para sempre. Passageiro relampago lampeja n'esta scena de terrores. Os raios são fanaes, que rasgando os ares alumiam este espectaculo de tremenda destruição.

Quanto havia nos plainos tudo desappareceu já. Tufões negros derrancam quanto ha nas montanhas; levam tudo aos ares em medonho redopio, brincam com moles immensas, como agitam

e baralham no espaço as folhas seccas do estio, e em vortice rapido mandam tudo ao abysmo.

O mar rompe seus diques. As fontes convertem-se em torrentes. São mares os rios; trasbordam furibundos, espraiam-se pelos campos, tudo derribam e arrebatam. Plantas, gados, gentes, habitações, que é feito d'elles? Terra e mar já tudo se confunde. Tudo é mar. O mar já não tem praias. Poucos já restam. Que foi feito de paes e irmãos? Tambem dentro em pouco lhes chegará a hora da confusão e do naufragio. Tudo vae perecer n'esse lago infindo.

Soberbas torres de marmore tremem, e rotas e aluidas caem nas ondas. Campos, que é de vós? Trabalham remos onde até aqui puxavam a charrua. Boiam embarcações desmantelladas sobre campos de messes, e aldêas subvertidas. Bosques e edificios tudo lá jaz. Até rochas escarpadas combatidas das vagas se despenham no pelago. Já torreões de espuma cobrem as serras. As ondas fremem nos mais fragosos picos. Vagas medonhas alumiadas pelos raios sobem até ao cume das cordilheiras. Cada uma rola comsigo milhões de cadaveres. Os fugitivos, que vão de praia em praia sem descanso, são atropellados pelos mortos. Quando os infelizes crêem ter conquistado um refugio, as ondas galgam mais ligeiras do que elles e lh'o disputam.

Gritos d'afflicção e brados lastimosos eccoam nos ares. São das victimas. Na maior agitação e agonia trepam em vão por montes alcantilados. Já não ha refugio. A onda que alaga os pés e a tumba que conduz ao eterno jazigo.

Retumbam insolitos lamentos. Que horror! A rocha, recamada de gente espavorida, vacilla em seus fundamentos, despega-se e desapparece.

O filho, que buscava salvar o pae moribundo, lá escorrega. Absorve-o a torrente caudal. A pobre mãe já não pode subir a escarpa do rochedo, e vae augmentar por sua vez o numero das victimas. Os filhinhos, a quem poucos momentos já resta de vida, soltam medonhos gemidos. Transidos de terror ainda estendem os bracinhos nús. Mas o ceo feito bronze, forrado de nuvens desapiedadas não os ouve, abandona-os, ensurdecen aos clamores dos innocentinhos. Nem barca nem oiteiro pode salval-os.

Já para as aves, que esvoaçam anciadas, não ha terra em que descansem o vôo. Exhaustas de forças caem n'agua e ali acabam. Que farão já agora os poucos homens que ainda restam, quando a aguia succumbe? Lobo e ovelhas ahi andam juntos. Por sobre os mares boiam leões e tygres. Toda a humanidade perece. Toda a terra vae jazer alagada para afogar a má semente, que só por nova e melhor sementeira pode o mundo regenerar-se!

. . . . . .

Tudo pereceu! Não ha em toda a natureza signal de vida! Só a grande arca de madeira que guarda as reliquias das especies, boia agitada por sobre o cataclismo!

Continua. JOSÉ DE TORRES.

O ESCRAVO BRANCO.

Quem nunca saiu da terra
Onde lhe coube nascer,
Não sabe o que são saudades
Que a alma pode conter!
Da nossa patria a lembrança,
Até a fé em Deus cansa,
Quando nos morre a esp'rança
De tornal-a ainda a ver.

Eu nasci longe d'aqui,
E do meu solo natal
Trouxeram-me as ambições
A este imperio real:
Imperio que no passado,
Do mesmo rei governado
Foi um irmão extremado,
Dos reinos de Portugal.

Dizem lá por entre os meus
Que quem quer muito ganhar,
Parta ás terras do Brazil
Ricas fortunas buscar;
E este dizer tão mentido,
Me faz hoje estar vendido
Rival do negro abatido
Sem me poder resgatar!

Eu era pobre, mas livre
Vivia na minha aldeia,
Tinha afagos de familia
Que longe por mim pranteia.
Agora tenho a saudade,
Dos gosos da liberdade
Que troquei n'uma vaidade
Aos lucros da terra alheia.

Eu tinha no meu casal
Santo dever a cumprir
Do trabalho do meu braço
Tinha irmãos a nutrir:
Tinha a mãe pobre, mirrada,
Que lá anda abandonada,
De porta em porta arrumada
Com seus filhos a pedir.

E quem pudera contar
Em horas de afflicção
Maldições que tem o filho
Nascidas do coração!!
Quando a mãe ao caminhante
Estende a mão vacillante
E por esmola constante,
Tem desdem, em vez de pão!

Nasci humilde, quiz muito
Tornou-se em nada o meu pouco:
A sina que Deus me deu
Quiz mudal-a: fui um louco!
Querendo thesouros buscar,
Só aqui vim encontrar
Dos gemidos que soltar
Um ecco fugindo rouco.

Se do pobre escravo branco
Ás terras de Portugal
Levasse vozes o vento
E o vento fosse leal,
Lá diria em tom sentido
Que o branco já é vendido.
Aonde outr'ora era tido
Como um irmão sem rival.

Mas peito cala estas magoas,
Guarda-as bem no coração!
Estranhos se as ouvissem
Davam-lhe em paga irrisão.
E o pobre escravo merecia,
Que a liberdade perdia
Quando a mente concebia
Regalos de cortezão.

Mas a esp'rança inda vive,
E juro á fé de christão
Nos braços de minha mãe
Ser livre sem ambição.
Qu' eu sinto n'alma gravada
Essa verdade sagrada
Que tanto a cruz é pesada
Maior e a redempção.

8 de Novembro de 1856.

A. M. Veiga dos Santos.

ESTUDOS SOBRE A HISTORIA SAGRADA.

PATRIARCHAS.

O nome dado aos antepassados do Salvador do mundo, considerado no ponto de vista das suas relações com a humanidade, foi o de *patriarcha*. Significa pae, ou chefe da familia.

Devem distinguir-se tres classes de *patriarchas*. Os que existiram antes do diluvio; os que viveram depois do diluvio ate a vocação de Abrahão; e os que se seguiram desde essa epoca ate á servidão do Egypto.

Os doze filhos de Jacob, que pertencem á terceira epoca, são os que marcam distinctamente as doze tribus do povo de Israel, porque cada um d'elles foi o chefe das respectivas tribus.

Não sera prodigio o considerar-se a longa vida de cada um d'estes patriarchas? Assim era necessario, para que Moysés escrevesse o que existia na memoria dos homens, especialmente n'um tempo em que a traducção mutua era a unica historia que se transmittia de paes a filhos.

Vejamos uns poucos de exemplos.

Adão, pelos calculos da Escriptura Sagrada, viveu cincoenta e seis annos com Lamech.

Lamech, viveu quinhentos e noventa e cinco annos em companhia de Noé.

Noé viveu quatrocentos e quarenta e oito annos com Sem.

Sem viveu cento e cincoenta annos com Abrahão.

Abrahão viveu setenta e cinco annos com Isaac.

Isaac viveu trinta e tres annos na companhia de Levi, que foi o avô da mãe de Moysés, a qual se chamava *Jocabed*.

Note-se mais, que Deus empregou unicamente dez *patriarchas*, ou chefes de familia antes do diluvio para a transmissão das grandes verdades da religião; que depois d'esta desgraçada epoca se não serviu de maior numero de instrumentos, porque dez foram tambem os *patriarchas*.

Vivendo seculos em companhia uns dos outros, fallando e entretendo-se reciprocamente dos prodigios a que tinham assistido, não é para admirar que estes primeiros historiadores do mundo nos transmittissem pura a verdade, no meio da depravação que corrompeu a especie humana.

Alem d'este grande fim que o Eterno marcou á longa vida dos primitivos *patriarchas*, devemos considerar a necessidade de se povoar a terra, formando assim a sociedade humana.

Ate os nomes d'estes *patriarchas* eram uma especie de simples monumentos. Denotavam o que o seu nascimento tinha de singular, ou o favor especial que recebiam de Deus, ou algum successo memoravel do seu tempo.

Venhamos aos exemplos.

Adão, significa o homem terrestre.

Eva, a mãe dos viventes.

Phaleg, a divisão. Foi no seu tempo que os filhos de Noé se dispersaram.

Abrahão, o pae de uma grande geração.

Assim fica demonstrado, que estes nomes, cuja significação se explicava de paes a filhos, eram um monumento mais valioso do que esses que as posteriores edades levantaram amontoando pedras.

Até este cuidado de assim transmittir á posteridade os grandes feitos, e esta previdencia do futuro, faz honrada e distincta a memoria dos troncos primitivos da raça humana.

DILUVIO.

Procure-se o mais insignificante povo da terra, investigue-se o mais policiado, ou o mais barbaro, e n'elle se encontrará a tradição do *diluvio universal*.

No Oriente foi celebre sempre a arca, na qual se salvaram os restos do genero humano, e tambem os logares onde ella parou depois d'esta terrivel catastrophe.

Pergunta-se, porém, apesar do testemunho de todos os povos, que dimensões não eram precisas a este grande navio salvador da especie humana, para conter, não só milhões de animaes, mas egualmente os necessarios alimentos para um anno.

Examinando-se os livros santos, n'elles se encontra a medida d'esta arca. A sua capacidade era de cento e cincoenta mil toezas. Repare-se hoje na capacidade dos maiores navios de guer-

ra, calcule-se a sua artilheria e munições; a sua equipagem; a tropa; as provisões necessarias para toda essa gente, e diga-se depois se entra na ordem do impossivel haver na arca, com aquellas dimensões, o sustento necessario para oito pessoas, com os pares de animaes que Deus determinou fossem n'ella guardados.

Devemos lembrar-nos egualmente que as especies primitivas dos animaes não eram tão numerosas como o são hoje. Alguns autores as computam em oitenta e sete.

A razão pode ajudar-nos no calculo d'estas especies. Não sabemos hoje que as raças se apuram e multiplicam pelo cruzamento? Por exemplo na especie canina, quantas raças ha hoje, que não existiam ha vinte annos? Olhemos para um viveiro, e examinemos depois de que as vergonteas se fizeram arvores fructiferas a immensa variedade que saiu da mesma semente! Quantas flores differentes não saem da semente de uma unica flor?

A natureza, uniforme nas suas funcções, varia sempre nos seus detalhes. Nos animaes a experiencia, o estudo e a sciencia tem convencido a especie humana dos mesmos resultados, que os fructos e as flores nos tem apresentado.

Lancemos os olhos para as variedades que se notam mesmo na especie humana. Que encontramos n'ella? Brancos, pretos, mulatos, fulos, acobreados, etc. Uns de estatura agigantada, outros anões. Alguns extremamente gordos, varios excessivamente magros.

E comtudo elles não são de origem differente, nem ha diversas especies de homens. O cabello mais liso ou mais crespo, mais fino ou mais grosso, olhos mais claros ou mais escuros, tez mais pallida ou mais colorida, não passam de ser simples accidentes da forma externa. As partes internas, a construcção essencial do physico são sempre as mesmas. Aquellas (as externas) podem depender do tempo, do clima, e de outras causas que nos são desconhecidas; estas, são as que verdadeiramente constituem o genero.

Prova-se mesmo que estas variedades não são mais do que effeitos passageiros considerando-se que ha povos, que tendo sido primitivamente negros, pela sua transplantação para outros paizes, ou incorporação em diversas nações tem tomado differente côr; isto é, tem ficado tão brancos como os originarios do paiz para onde vieram.

Bem sabemos que a este respeito, e muitos outros, como por exemplo, os motivos porque Deus, ou o Ente Supremo, fez morrer todos os animaes, se submergiu a terra, etc., fazem os incredulos repetidas interrogações. A resposta está na *Escriptura Sagrada*, e não vimos aqui defender a these. Apresentamos os factos. Estes bastam para responder n'este caso. Está provado pela sciencia, e pela descoberta dos fosseis ou animaes antidiluvianos que o *diluvio* foi universal. Isto nos basta para confirmar a authenticidade das lettras sagradas.

Ainda se tem opposto ao *diluvio* outra objecção; e vem a ser: — «Como possivel que uma chuva de quarenta dias inundasse todo o globo terrestre?

Tambem a resposta é facil, e unicamente a demencia ou cegueira poderia inventar a interrogação. Leia-se a *Escriptura*, e veja-se o minucioso cuidado que ella emprega em nos indicar todas as fontes d'esta terrivel chuva. — «O mar trasborda; abrem-se os abysmos da terra; esgotam-se todos os reservatorios dos ceos!» — Que quantidade d'agua não podia sair d'ali? Calcule-se, se é possivel, ainda mesmo que se não deseje metter em linha de conta a Omnipotencia de Deus.

Ainda outra objecção a este terrivel castigo. Se a terra esteve submergida pelo espaço de um anno, como é possivel que as sementes, plantas, e arvores se não corrompessem?

E quem não sabe que os pantanos e os mares tem plantas proprias? Quem ignora que as arvores se conservam nas aguas? Concedamos ainda que os troncos das arvores se destruissem e corrompessem cobertos um anno pela agua; mas as suas raizes, fortalecidas por um sol vigoroso depois d'aquella inundação, acaso não rebentavam mais robustas e virentes? Não fallamos na possibilidade de que Deus expressamente as conservasse, como a sciencia já descobriu que se conservam incorruptas as sementes involvidas na terra, ou no limo.

DURAÇÃO DA VIDA HUMANA.

A sua declinação depois do *diluvio universal* explica-se physicamente, sem recorrer a outra origem. Os succos enterrados ou contidos na terra alteraram-se necessariamente por essa grande massa de aguas que caiu, e pelo longo periodo que a inundaram.

O ar, carregado d'uma excessiva humidade, desinvolveu e fortificou os principios da corrupção.

Seguiu-se d'aqui achar-se enfraquecida a primitiva constituição do universo; e por tanto a vida humana, que até á occasião do diluvio se estendia a seculos, diminuiu progressivamente.

Tambem, por este mesmo motivo, as hervas e os fructos não conservaram a sua força primitiva. Então foi preciso dar ao homem um nutrimento mais substancial; e este se encontrou na carne dos animaes. Apesar d'isso o novo alimento não pôde suster o progresso descendente da vida; que já no tempo de David chegara ao ponto d'elle dizer: — «Os dias da nossa vida, ordinariamente não passam dos setenta annos; e se os mais robustos chegam a viver oitenta, já é com muito custo e muitas dôres.»

Continua. A.

Damos hoje, como promettemos, a estampa que representa o palacio de Queluz.

THEATRO DE MACRI.

Os amphitheatros eram edificios puramente romanos, de que os gregos não usavam; portanto, á epoca do dominio romano pertencem todos os que ainda existem na Asia Menor, nenhum dos quaes, comtudo, é comparavel na grandeza, nem no estado de conservação, aos de Italia e da França. Sobre uma eminencia, visinha a Nicea, acham-se umas ruinas, denominadas agora o palacio de Theodoro, pequena porção da muralha e quasi todo o alicerce ainda permanecem como monumento eterno da solidez das construcções romanas; ahi se contam doze varandas subterraneas de abobadas dispostas em forma circular e declinando para o centro, circunstancias que denotam que não podia ser senão um amphitheatro. O de Angora na Syria está quasi no mesmo estado; mas as fieiras de tijolos misturadas com as pedras que o compõem marcam-lhe epoca menos antiga que a de Augusto. Tambem se encontram vestigios de uma obra d'esse genero em Bergamah, antigamente Pergamo, capital do reino d'este nome, fundado por Attalo, um dos generaes de Alexandre Magno.

As ruinas de theatros ainda são mais raras na Asia Menor, mas a sua conservação é em geral mais perfeita do que as dos de Italia á excepção de Pompeia e Tusculum. O que é representado em nossa estampa está situado á beira do golpho de Macri e faz parte das ruinas de Telmisso: é como quasi todos os theatros da antiguidade fabricado no declive de uma collina que sustenta uma grande porção dos bancos dos espectadores; todo o semicirculo acha-se bem conservado; mas, as extremidades que o reuniam ao palco scenico, como não eram sustentadas pelo terreno, já desappareceram de todo. O theatro de Laodicea e outros na mesma região existem egualmente em bom estado comparativamente aos de outras partes do mundo, onde ainda se observam essas provas da magnificencia do povo rei que assoberbou a terra.

M.

Os monarchas devem identificar-se com as nações: mas os thronos devem estar sobranceiros a todas as facções.

—

No theatro do mundo alternadamente todos são actores e espectadores.

VINGANÇA POR VINGANÇA.

I

NA LAREIRA.

Continuação.

Neste entrementes que Aldonsa Peres e Marianna continuam sua tarefa, sem a interromperem, Sancha finalmente ronca bem ferrada no somno, e Beatriz acompanha seu primo Simão Rodrigues á refeição, tentemos descrever estes dois personagens.

Principiemos por Beatriz.

Não julgue o leitor que vamos á antiguidade pagã procurar o cinzel, com que os famosos estatuarios da Grecia e de Roma cinzelavam os grupos das suas donzellas, para levantar com elles o gracioso busto da virgem christã. O rosto severo d'aquellas só pode traduzir a expressão da alma materialisada — expressão que se não casa com o perfil gracioso da donzella que deve reproduzir a idéa grandiosa de uma religião toda espiritual.

Nem seus famosos pinceis, nem suas riquissimas palhetas tambem nos servem para traçar e colorir o graciosissimo rosto das nossas virgens, poetisadas pela crença de um goso ineffavel que lhe desprende o espirito da forma terrena, para lh'o divagar pela infinidade dos espaços. A grega Iphygenia, resignada ao sacrificio, tem a expressão de uma dôr mundana; a martyr christã, correndo ao supplicio, retrata em todas as feições a alegria, que lhe inunda a alma, vendo aproximar-se a hora de se reunir ao principio immutavel de todas as coisas. Uma é grande nos affectos do mundo; a outra é sublime na crença do espirito.

Será, portanto, a nossa descripção mais apropriada ao typo que apresentámos.

Beatriz, collocada no meio termo entre a estatura elevada e baixa, achava-se n'aquella mediania, que não apparenta a mulher de altiva para pretender a independencia, nem de fragil para unicamente vegetar encostada ao arrimo que a ampare.

Ao vêl-a dir-se-hia logo moldada para ser verdadeiramente a companheira do homem, e não sua tyranna, nem sua escrava.

Submissa em termos taes que não rastejavam na escravidão, sabia assumir a dignidade propria nas occasiões em que á mulher se exige o esforço e a constancia de mãe ou de esposa.

Reunindo á lucidez da sua intelligencia uma percepção clara, e naturalmente sagaz, parecia fadada para conselheira d'aquelle que a desposasse; e não talhada para lhe impor absolutamente a sua vontade.

O perfil d'aquella cabeça apparecia como circundado de uma aureola de bemaventurança celestial — resignada ao sacrificio quando fosse mister, sublime no amor quando chegasse a amar.

Seu rosto mimoso moldurado em longas madeixas de cabello côr d'azeviche, tomava alternativamente a expressão de uma doce melancolia, ou uma suave alegria, segundo o estado d'aquella alma; e seus olhos, meigos e maviosos, traduziam a languidez de uma terna saudade e esperança, ou o fulgor de um casto amor e reciproca sympathia. Nas linhas severas de um nariz bem contornado, não appareciam as rugas de quem se possue de colera ou odio; e em seus labios delicados que matisavam o carmim com o alvo de uns finissimos dentes, liam-se palavras de affecto e candura, que outras não podiam manchar, nem ter saida por aquella pequenina bocca costumada sempre á verdade, e nunca a mentir. Sua engraçada barba, posta em relevo por uma feiticeira covinha, rival de outras duas que se lhe descobriam nas faces ao sorrir, completavam o todo d'aquelle rosto que se unia ao tronco por um collo de cysne, e ao qual se seguiam as formosissimas formas da mulher qual o Eterno as destinou para alimentação da especie humana. A cintura era tão delicada e tão flexivel como o vime que graciosamente se curva. Ao ver-lhe seus pequeninos e delicados pés julgal-os-hieis pertencerem aos anjos, que os trazem sempre poisados em transparentes nuvens de azul e oiro!

Tal era Beatriz.

E Simão Rodrigues?

Não lhe busqueis o typo nem na classe elevada da sociedade, onde a alvura da pelle transparenciando as veias, e uma symetrica proporção de formas logo vos denunciam o apuro da raça; nem na mais infima, onde a rudeza do trabalho, a escassez dos recursos, e a negligencia que a acompanha desde o berço, causam uma especie de estranheza ao espectador logo ao primeiro aspecto.

Ide procural-o á classe media—á burguezia, que participa da primeira pelos desvios de ambas, e procede da segunda por essa lei natural que a impelle a elevar-se. Quer abastada, quer vivendo na mediania tem sempre um cunho que lhe é peculiar; e por isso nunca desce aos misteres mais rudes da vida, nem se consome na indolencia da primeira classe. Trabalha, e vive do trabalho honesto — do trabalho que enriquece o estado porque é o seu nervo; que alimenta a classe mais baixa, porque lhe dá emprego; que negoceia com a mais nobre, porque lhe offerece o necessario aos seus commodos. É, emfim, a classe do empregado, do militar, do proprietario, do lavrador, do negociante, do artista, e de outras eguaes profissões que se honram e os honram.

Varonil, sem pretenções ás formas robustas do athleta; apessoado, sem tendencias á galhardia do guerreiro; bem feito e contornado, sem rastejar pela effeminação; trigueiro algum tanto na côr da pelle, cerrado na barba, negro em

cabellos, tal era a pessoa do primo de Beatriz.

Em quanto ao moral — de caracter franco, e honestidade exemplar, sem nunca se torcer a preconceitos ou ambições, sabia conservar tão intacta, na edade de vinte seis annos, a fé commercial, que sua palavra bastava de garantia a qualquer somma, por mais exorbitante que fosse, apesar da mediocridade da sua fortuna. Por isso era muito estimado pelos da sua classe de mercador; e mais de um havia lançado sobre elle vistas de alliança com as filhas que tinham, no interesse de não verem desbaratada sua fazenda; pois ao contrario, Simão era homem, pelo seu trabalho, intelligencia, e actividade, para dobrar, ou triplicar os cabedaes.

. . . . . .

Agora que conhecemos a um e outro, e elles voltam a sentar-se á lareira, continuemos a narrar os acontecimentos d'este dia.

— A fé vos digo, minha tia, que o mercador Samuel era bom para thesoureiro da casa d'el-rei. . .

— Dize primeiro, Simão, se comeste a fartar, ou ainda ficaste algo-rem por saciar?

— Graças a Deus, por mais que me apresentassem não teria gana.

— Bem sabe que o primo alimenta-se de bem pouco. Bem ateimei para não deixar restos; foi o mesmo que martellar em ferro frio. Ainda ficou com que alimentar a dois pedintes, se por vendaval tão solto aqui viessem pedir esmola.

— Mas como ia fallando; encontrei-me com Samuel quando elle vinha do *Tronco*, de metter em ferros d'el-rei um desvalido, que por lhe sonegar fazenda que não teria de conto mais de dois ceitis, se tanto eu dera. . .

— O deshumano!

— Caiu em boas mãos a triste prêa; mais lhe valera ser captivo da moirama.

— Qual! . . . . . Sr. Samuel, lhe disse eu depois de regularmos nossa contagem, que, a juisos meus, não lhe ficou pouco no trato, apesar de mutias protestações de que tivera perda quando se lhe alvitrava ganancia. Não, que me não cegam assim as fallas brandas que elle emprega! . . . Sr. Samuel, lhe disse: — Aqui está um cruzado que é sua estima pela fazenda, e vamos ás justiças pela liberdade d'esse homem. . .

— Sempre bom! honrado sempre! exclamou sua prima.

— Encontrou-me com fallas de demora, por esquivança ao mau tempo. Onde ha tardança, retruquei, se um homem se afoga!... Partamos já... E assim foi, que logo se porton por fé estar inteirado Samuel; e Vaz Gil, que assim se chamava o revendão, m'o agradeceu, ao ver-se solto, com muito cortezes mencios, e um forte aperto de mão.

— Se eu fôra rainha, disse Marianna, solicitara d'el-rei, ou mandara ás gentes de sua justiça transpassar os ferros de um para o outro.

— Bem fizeste, Simão, lhe disse sua tia. É obra meritoria qualquer alma tirar de pena com um *Padre Nosso* que se reze; não menos digno é porém aos olhos de Deus soltar um pobre encarcerado.

— E por mim te agradeço, primo, essa boa acção. Tenho que d'ahi nos hade vir ventura.

E assim dizendo, Beatriz levantou-se d'onde estava sentada, poisou com muito cuidado no mesmo sitio a almofada em que costureava uma capinha das que então andavam em moda, e foi direita a Simão dar-lhe um meigo aperto de mão.

Quem poderá descrever o effeito d'aquella acção no enamorado mercador?

Bastará dizermos que Simão se ergueu febril e agitado.

— Louvado Deus! por uma coisa de tanta desvalia, gabos tamanhos! . . . Ora já que vou tão miudo heide-me aventurar a contar-vos tudo. Vaz Gil que tem moradia cerca ao *Arco da Tanoaria*, além me guiou; e encontrei-me com sua mulher, e filhos que pranteavam aquelle tristonho successo. Ao assentar olhos n'elle, não tomavam por desengano a verdade do que estavam vendo; e força foi repetil-o muitas vezes para o crerem. Então a mulher enlaça-se-me ao pescoço, e os filhos abraçam-se-me ás pernas, que força me foi tambem chorar de enternecido; e por esquivar-me áquella scena vim seguindo de enfiada pelo Rocio, senão ainda ate ora estaria ouvindo palavras de gabo. . . Vêde que só ao recordal-o as lagrimas se me escapám dos olhos.

Mas não era sómente nos d'elle que estas pregoeiras da alegria ou dôr, borbulhavam e bem grossas; tambem os lindos olhos de Beatriz se debulhavam em myriades de aljofares, que, deslisando-se-lhe pelo rosto, similhavam perolas da aurora escorregando levemente pela rubra folha da rainha das flores.

Aquelle chorava de enternecimento pelo quadro que acabava de presencear; esta, de seu natural benefica e bemfazeja, por conhecer que amava um ente capaz de comprehender-lhe os sentimentos de sua alma.

Bem depressa estas lagrimas de felicidade se apagaram e seccaram, como se um vento abrasador as viera extinguir, ou um ardente raio do sol as resequisse no calice da flor onde estavam depositadas.

Bastou o som da aldrabada na porta da rua, e o timbre de uma voz bem conhecida, que penetrou agudamente por entre as rotulas da adufa, para aquellas lagrimas refluirem ao coração, que estavam alliviando, e trocar aquella scena de ternura n'outra de constrangimento.

Aldonsa Peres largou tão depressa o fiado, e com tanta precipitação se levantou para ir descerrar a porta, que por pouco não caiu sobre Sancha.

Esta, só n'esse momento acordou; e á noticia de ser o padre mestre Gaspar, desencruzou

as entorpecidas pernas, e foi seguindo sua ama.

— A benção do Senhor seja comvosco. Disse o padre mestre, entrando com o seu companheiro, e estendendo a descarnada mão ás duas velhas, que reverentemente lh'a beijaram.

E ao pronunciar estas breves palavras relanceou os olhos pela casa, e ao aperceber Simão, que se encostara com sua prima á janella, que se abria para o lado da *rua da Pela*, franziu imperceptivelmente o supercilio, e contrahiu os labios com um leve sorriso de desdem, mas tão rapido, que a vista mais perspicaz não lh'o perceberia.

Simão sentiu como o calafrio percorrer-lhe o corpo; e Beatriz apertou involuntariamente o braço a seu primo, como se um presentimento a impellira a pedir-lhe amparo.

Era a força da repulsão que assim actuava sobre aquelles tres individuos, que não tendo ainda motivos de aggravo entre si, já se aggravavam só da vista.

E quem pode dar razão da sympathia ou antipathia que sentimos por uma pessoa logo á primeira entrevista?

Ninguem.

E, comtudo, esta força de attracção ou repulsão é bem natural!

Não teem os animaes instincto para conhecer as plantas que os podem nutrir ou matar?

E porque não hade tel-o egualmente o homem n'estas affeições ou desalfeições da alma?

O padre mestre Gaspar, retomando a impenetrabilidade do rosto, que a ninguem permittia mergulhar-lhe a vista no coração para esquadrinhar-lhe os pensamentos d'alma, dirigiu um candido comprimento a Beatriz, e uma leve saudação a seu primo.

— Oh! Como bella se vae reflorindo a açucena do Senhor, cultivada nos jardins da sua graça!... Como é santo ver a benção de Deus unir no espirito da nossa religião duas pessoas pelo sangue humanamente unidas!... Admirae, meus filhos; admirae o quadro da natureza que o horisonte ahi vos descobre, e os vossos corações rendam graças ao Omnipotente que de tudo isso é creador!

Beatriz correspondeu ao comprimento com uma mesura, e Simão com uma leve inclinação de cabeça.

Depois voltaram-se para a janella, ou para verem quem passava, ou realmente para admirar aquelle magnifico ponto de vista; pois descobrindo-se d'ali parte da cidade de então, cingida pela segunda muralha de el-rei D. Fernando, se via ao fundo d'aquelle panorama o monte de Nossa Senhora da Graça, e toda a extensão, que decorre até á encosta do Castello aonde a muralha se fechava, coberta de vecejantes hortas. Para alem a formosissima parte do Tejo que em ondas de safiras, e em outras de agua, banha as faldas do monte em que Palmella está assentada, e mais logares que se lhe avisinham ao longo da praia.

O padre mestre Gaspar voltou-se então para Marianna, que pacientemente aguardava a vez de lhe beijar a mão, e, estendendo-lh'a, levemente lhe tocou com os dedos na face, dizendo:

— Não me descuidei hoje. Eis o promettido *Agnus Dei*. Tende n'elle fé e devoção, que muitos perigos vos hade evitar da alma, e do corpo.

A veronica de latão era tão polida e luzente, que podia correr parelhas com o oiro.

Depois de examinada pelas tres mulheres, Aldonsa Peres instou com os padres para se sentarem; ao que elles se recusaram sob pretexto do avançado da hora, e dos urgentes negocios que haviam tido n'aquelle dia, e os obrigava a recolherem-se o mais breve possivel ao collegio para darem conta da sua commissão.

As velhas contaram então o medo que tiveram com a trovoada, os sustos causados pelo raio que caira na cêrca, as orações que rezaram, e a desgraça de se lhes ter entornado toda a agua benta; ao que o padre mestre Gaspar prometteu remediar, enviando no dia seguinte nova bilhinha.

— Senhora Aldonsa Peres, continuou o padre, que dia é ámanhã?

— Se o não sei! É dos Santos Reis.

— Por isso mesmo foi que entrei em vossa poisada. Quereis reconciliar-vos, como tendes de usança?

— Se o quero, meu padre! Ás sete horas da manhã achar-me-hei na egreja.

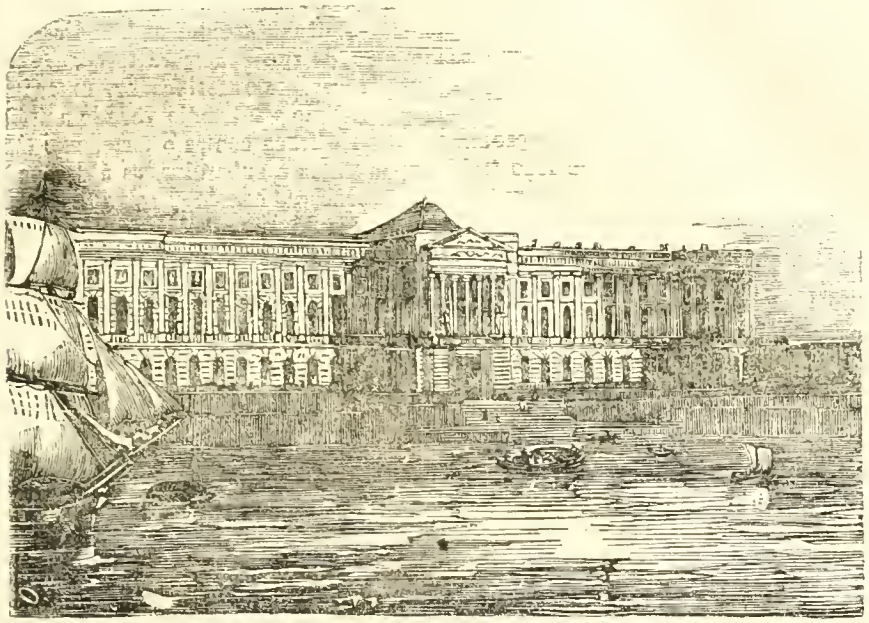
— Madre, exclamou vivamente Beatriz, lá apparece o *arco da velha* tão vivo e tão brilhante, mesmo sobranceiro ao Castello.

As mulheres e os padres correram á janella para admirar o *Iris*. O ceo estava no oriente carregado de nuvens que se desfaziam em chuva, e no occidente o sol tocava o seu occaso. Reflectia-se contra ellas n'um circulo brilhante, decorado com as sete côres do prisma, effeito natural da decomposição dos raios da luz.

Ao cabo de alguns minutos de muda contemplação, o padre Gaspar, ajoelhando em frente da janella, disse para os mais que seguiram o seu exemplo:

— Adoremos a Deus nas suas maravilhas. Aquelle é o signal da alliança de Deus com os homens, e o monumento da sua misericordia. Tal o prometteu a Noé, quando este santo patriarcha saiu da arca onde se salvou a raça humana. A Egreja está figurada n'aquelle arco, que assentado no ceo faz brilhar sobre todas as partes da terra a vivacidade das suas côres no meio das sombrias nuvens que o cercam! Aquellas côres tão vivas symbolisam as diversas graças que o Eterno espalha sobre sua divina Esposa, fiel em reconhecer que todas lhe provêm d'elle, e que sómente este é o verdadeiro sol que a esclarece, e a faz brilhar aos olhos dos homens!

Continua.



ACADEMIA DAS BELLAS-ARTES EM S. PETERSBOURG.

DILUVIO DE LUZ.

Continuação.

III

Emfim o Senhor soltou os ventos que diminuiram as chuvas. O mar afastou-se das montanhas. O tufão parou nos ares. Os rochedos do Caucaso surgiram. O arco iris, signal de universal alliança, apparece no firmamento. No ceo e na terra vae seguir-se-lhe grande harmonia de hymnos e louvores. Geração perversa e adultera pedia um prodigio e não lhe foi dado outro prodigio. Os maus, que escarneciam dos mais santos principios e perseguiam os sectarios da luz, foram aniquilados. Só os escolhidos da arca se salvaram. Grande é o seu futuro, grande a renascença, grande a empresa que lhes toca, porque resurgem depois de dias de soffrimento e tribulação.

Mas, comprehenderão elles todo o alcance da nova missão?

IV

O diluvio das aguas veiu limpar o mundo da raça humana pervertida, e transviada da sua vocação original. Mas esse castigo infligido em tempos de Noé não aproveitou. A lição perdeu-se. O meio foi inefficaz para melhorar os vicios da especie.

Muitos seculos ha que a humanidade (o maior numero do genero humano, a parte desherdada, e sacrificada) combate para chegar ao triumpho d'uma organisação social, onde a medida do direito seja uma, indefectivel e inquebrantavel. Contra os privilegios de excepção tem andado em campo alguns principios de luminosa e possivel equidade. Ora triumphantes, ora eclipsados, nem prosperidade nem revezes os desvairaram no espirito, ou afrouxaram na aspiração. Cada vez mais acesa tem conservado a fé na propria santidade, e na missão grandiosa.

Até agora toda a guerra tem sido entre o forte collectivo, e o fraco individual; que se assim não fosse, e em ambos os contendores se egualassem as condições de collectividade, os fortes foram menos fortes e os fracos menos fracos.

Agora, porém, parece chegado o tempo em que esses dois elementos fundidos como em dois individuos, vão achar-se um diante do outro, fronte a fronte. A pendencia deve acabar, e a victoria do fraco, egualado ao forte, sem oppressão nem desequilibrio social, proclamar-se. Ao imperio da razão e da justiça não ha poderes nem sophismas que resistam por muito tempo. Até aqui a liberdade foi um nome vão, que realidades negativas tornaram irrisorio. Esmagavam-na com pé desdenhoso quando queria menear a cabeça e remoçar-se. Nos antros e cavernas gemeu com ella, desconsolada, homisiada, e triste, a humanidade de boa fé. Ameaçaram-na, apuparam-na. Os privilegios nunca quizeram estender-lhe a mão, nem eleval-a até si. Mas ella protestou na sua condição miseranda subir ás mais altas prerogativas, de que os senhores foram, por seu mal, sempre tão avaros.

Embalde se crera a principio que a razão

podesse, por si só, trazer a concerto de opiniões os exagerados e insoffridos dos dois campos. Foi mau, mas inevitavel que se empregasse o ostracismo contra a exageração d'actos e doutrinas, contra preconceitos deshumanos que ainda muitos guardavam no coração. Cegos e obstinados foram emfim banidos. Possessos de principios viciados não consentiam admoestação ou conselho; resistiam à modificação ou conciliação. A composição entre elles fôra liccão, e laço traiçoeiro aos bons. Esses elementos de perturbação e descredito foram anathematisados, desterrados para sempre. Nenhum dos contendores conta, ou deve já'gora contar com elles.

O plano final da regeneração pacifica, tem por si a força que profunda convicção e união crearam; é pensamento melhorado pelo estudo, e pelas grandes lições de experiencia dolorosa. Não se pedem diluvios d'agua, ou sangue, já sabidos inefficazes para obviar trevas, causa efficiente e primaria dos males e desconcertos do mundo. Para isso só um DILUVIO DE LUZ, que é o que os sinceros amigos da humanidade querem, e preparam.

V

Estamos na sazão em que deve semear-se a verdade. Agora é que ella não pode deixar de crescer, engrossar o tronco de dia para dia, e distender as franças por todo o mundo. Arvore de sciencia será uma arvore sagrada. Só para ella haverá sol que lhe dê vida, orvalho do ceo que lhe mitigue a sede, seiva na terra para alimento da rainha dos bosques. Nem sol, nem orvalho, nem seiva terão as outras, reprovadas como inuteis e venenosas. A verdade estenderá raizes por todo o solo, cobril-o-ha de ramos frondosos, cuja coma ascendente transpondo terra e espaço será escada para a bemaventurança e para a justiça. Sombreada pela verdade, a mentira, que até agora enchia o mundo d'espinhos e pestilencias, definhará sem ter luz nem calor que lhe dê vida.

Na nova empresa ha muito que fazer material e moralmente, muito abuso que cortar, ulceras mui velhas que canterisar na sociedade. Tal é a obra que incumbe á razão libertada, e ás mãos purificadas de commoções e tumultos. Paz e moderação nos labios, que não é entre discordias, que se hasteiam pendões de liberdade social. Perdão com generosidade, para fazer amigos captivos pela clemencia. Punição aos crimes, para que a impunidade os não alente; mas sem mais austeridade que a da lei, porque nada ha mais amargo do que castigar.

VI

Até aqui blasonou-se muito da liberdade politica, e a liberdade politica não soube ou não pôde corrigir o mal na origem.

Já hoje se conhece que a liberdade politica é por si só uma idea vã, vasia de sentido pratico, fallaz no meio de seductoras apparencias, promettendo beneficios que não dá e podia dar. Bem longe de ser a expressão da justiça e a amiga do fraco, deixa-o ao desamparo e esquece-o. Guarda todas as blandicias, toda a expressão de sua ephemera ternura para o poderoso, sacerdote e sacrificador, unico iniciado nos mysterios do seu templo vedado a profanos. Não protege o fraco contra o forte, não faz a ambos dependentes e subordinados a direito commum, mas escurece, encobre, salva da condemnação os crimes da prepotencia, que a corteja a toda a hora.

A liberdade social é a que é de todos, de fracos como de fortes, de pobres como de ricos. Hade levantar-se emfim sobre as ruinas da liberdade politica prostituida, desacreditada, sem moralidade, sem alma generosa que pranteie a malfadada na queda de ignominia. As armas que seus pseudo amigos levantam sobre os campeões da liberdade social, são tenue nevoeiro, que a apparição do astro luminoso da verdade, e a vulgarisação da sciencia, hãode dissipar. Nullas, impotentes toupeiras amam as trevas; a luz deslumbra-as, desconcerta-lhes as ambições immoraes de que viviam, e é para ellas o peior dos patibulos, o pelourinho de maior execração.

Com a liberdade social cada individuo sera atalaia vigilante por si, e por todos. Só assim irão em esquadrão cerrado, caminho da illustração e progresso. Sciencia incapaz de beneficios, arte que a paz não engrandeça nem aprimore, não as haverá. Não haverá fortes para o mal, porque não haverá fracos para o bem. Eguaes nos direitos da sociedade, e da vida, como na hora do nascimento em que por entre lagrimas e nudez cairam todos no mundo, haverá paz entre os homens, que hãode concentrar o pensamento na propria destinação, e conformar-se com as dôres e alegrias que prepararem ou não souberem evitar, mas sempre impotentes para fazerem reflectir sobre os outros o peso de suas magoas, ou as tramas da sua malignidade.

VII

O conceito que os espiritos fracos, ou pervertidos formam da nova philosophia social, dista da verdade, quanto o sol, que alumia com deslumbrante clarão, dista das trevas, que tudo desmaiam, tudo cegam, tudo escondem. Tambem os publicanos accusavam a doutrina de Jesus, e erravam.

A nova philosophia social, que ha tido prolongada paixão, deve tambem ter uma resurreição. Atraiçoem-na, prendam-na, arrastem-na de tribunal em tribunal e de juiz em juiz, condemnem emfim a innocente, despojem-na dos vestidos, corôem-na de espinhos, apresentem-na d'est'arte ás turbas como espantalho aterrador, levem-na ao Golgotha, exhale ahi o ultimo alento, nem assim haverá triumphado o erro. O san-

gue da victima caira sobre a cabeça dos reprobos. Crendo tel-a sepultado, vel-a-hão no fim de tres dias resurgir ovante; e entre resplendores de luz ascender ao ceo.

A velha sociedade já não pode lançar da sua altura secular olhos desdenhosos sobre a nova tendencia social, mas diante d'ella enfia como a creança a quem fallam de encantamentos. Mesmo sentada nas nuvens succumbe ao peso do destino. A séde está carunchosa, carcomida dos annos e dos vermes. Accidentes doirados querem disfarçar-lhe e encobrir-lhe a fraqueza do throno, mas já lhe não é dado illudir-se, e está proxima a desfallecer, sem ter sequer um cabello a que na queda possa lançar mão e pedir amparo. Precipita-se de barranco em barranco. N'ella encarnou o obscurantismo, que nem para si nem para ninguem quiz, nem illustração nem liberdade. Não tem feito senão conduzir pela mão a humanidade ao altar em que a immolava banhada no proprio sangue. Guia traiçoeira tem levado o cego á borda do precipicio em que despenhar-se. Viu impassivel o horrivel espectaculo, o infeliz rolar pelos alcantis com gemido surdo, dependurado um ou outro momento das pontas do rochedo, mas escorregando sempre para sumir no abysmo os membros despedaçados! — E acompanhou todo este sacrificio com uma gargalhada feroz!

A velha sociedade é incoherente e banal na accusação que faz ás novas idéas. Não as accusa por factos consequentes, pede a sua condemnação porque teme ver n'ellas o juiz austero e inflexivel que deve julgal-a. Como os judeus respondiam a Pilatos, quando lhes perguntava porque pediam a condemnação de Christo, não tem mais razões d'accusação do que este grito d'inveja e sedição — *Seja crucificado!* — Prefere favorecer os maus, que opprimem os justos: — prefere a soltura de Jesus, a soltura de Barrabás. Mas, pois e indigna da apotheose, nem por isso merece martyrio. Basta que seja expulsa pelo azorrague, como os mercadores do templo. Em vão protesta contra o novo principio, que se levanta contra ella. Còa um mosquito, e engole um camello. Quando os vermes do sepulchro a esperam para tragar tantas soberbas; quando tudo a aponta reproba; ainda pensa poder dizer ao passaro que não vôe, ao peixe que não atravesse os mares? Guerras e revezes são nada para a causa da humanidade, que renasce de suas proprias cinzas. Deus é poderoso para que de pedras nasçam filhos a Abrahão.

As paixões humanas tão preconisadas como obstaculo a grande reforma social, são como quaesquer sentimentos, susceptiveis de educação. A illustração que serve a desbraval-as, ensinará a contel-as. Tal é o primeiro degrau a subir na escada do capitolio.

Continua.

José de Torres.

ESTUDOS SOBRE A HISTORIA SAGRADA.

Continuação.

COSTUMES PATRIARCHAES.

Eram os *patriarchas* perfeitamente livres, e as suas familias podem considerar-se hoje como um pequeno estado, sendo o pae o seu soberano.

Todas as suas riquezas consistiam especialmente em rebanhos. Estes compunham-se de cabras, ovelhas, camellos, e burros. Cavallos e porcos não entravam n'esta conta, porque pequeno uso faziam d'elles.

Já nos tempos primitivos encontramos enumerados os escravos. Da sua necessidade provinha o grande numero que havia d'elles. Deve advertir-se porém, que n'aquellas longinquas eras, os escravos serviam para ajudar no trabalho, e não para o dispensar d'elle.

Conhecia-se tambem n'aquelles tempos o uso do oiro e da prata, pois se diz na *Escriptura*, que no tempo de Abrahão abundavam estes preciosos metaes.

Serviam-se tambem de perfumes; e isto não deve causar estranheza, porque o paiz que habitavam produzia-os exuberantemente.

No meio d'esta opulencia eram, comtudo, laboriosos. Viviam sempre no campo, resguardados pelas suas tendas ou barracas, e mudando de habitação, ou acampamento, segundo a commodidade dos pastos, e necessidades dos seus rebanhos.

Não se nega que podiam construir cidades e villas, como os outros povos, que pela sequencia dos tempos se foram fixando nos paizes que habitavam; porém preferiam a vida pastoril, como a mais simples e a mais apropriada a desprender os homens da terra, e esperançal-os n'uma patria mais perfeita.

D'aqui se vê que a sua principal occupação era o cuidado dos rebanhos; e entregavam-se a esta vida com admiravel constancia. Não temiam as injurias do tempo, e para elles os raios ardentes do sol, ou a cacimba da noite eram indifferentes.

As mulheres compartilhavam estas penosas occupações. Sirva-nos de exemplo a esposa de Jacob, a formosa Rachel, que ia tirar do poço a agua que bebiam os seus rebanhos; Sara, a esposa de Abrahão, que fabricava o pão necessario á sua populosa casa.

E estes officios domesticos não prejudicavam a nobreza e formosura d'estas mulheres celebres.

Que o sustento d'estes povos primitivos era frugal, bastará julgal-o por esse prato de lentilhas preparado por Jacob, e que tão tentador foi para Esaú, que por elle vendeu os seus direitos de primogenitura. O banquete com que Abrahão brindou os tres anjos seus hospedes, é d'uma simplicidade admiravel; — carneiro assado, pão asmo cosido sob a cinza, hydromel e leite!

Não se infira por isto que os antigos *patriar-*

chas não conheciam a caça; de quando em quando comiam os animaes apanhados n'ella. Veja-se o que a este respeito a *Escriptura* diz de Isaac e de Esaú.

A hospitalidade era um dos actos beneficos d'este povo; e levavam-a a tal ponto que muitas vezes chegavam a ser importunos para com os viajantes. Cedendo qualquer aos seus convites, então era para ver como toda a familia andava em movimento para obsequiar os seus hospedes, que reputavam enviados do ceo. O dono da casa lavava-lhes os pés, determinava as iguarias que se lhes deviam apresentar, e era o proprio que os servia. As mulheres n'esta occasião, ou não appareciam, ou vinham á presença do estranho, cobertas com grandes veos.

Não serviam as grandes viagens de obstaculo a estes povos primitivos. Qualquer homem as emprehendia sósinho, e sem algum soccorro ou adjutorio. Jacob saiu de casa de seu pae para ir a casa de Labão, seu tio, não levando comsigo mais do que um bordão. E o caminho que teve de andar era nada menos de duzentas leguas! Onde a noite o surprehendia ahi se deitava. Uma pedra lhe bastava para travesseiro. E este homem era o filho de Isaac, o neto de Abrahão, com quem os reis buscavam allianças com que se honravam!

OS MAGICOS DE PHARAÓ.

É uma verdade que se não deve acreditar só na palavra d'aquelle que se diz enviado por Deus. Deve-o provar por milagres que autorisem a missão de quem o enviou. Os magicos de Pharaó fizeram milagres! Logo eram tambem autorisados por Deus.

Aqui está uma proposição onde se faz necessario distinguir a verdade da mentira; a realidade, do prestigio.

Deus quiz punir um rei injusto, e uma nação criminosa que violara o direito das gentes, e os logares sagrados da hospitalidade, reduzindo á mais cruel escravidão um povo estrangeiro, ao qual o Egypto devia a salvação, e de quem não tinha motivo de queixa. Permittiu pois aos seus magos, que operassem prodigios para os confundir mesmo por elles.

Os egypcios adoravam o sol, debaixo do nome de *Osiris*, o rio Nilo, os animaes, e as plantas. Deus, por via de Moysés, converteu-lhes o sol em trevas, transformou-lhes em sangue as aguas do Nilo, e cobriu de ulceras os animaes, e os seus adoradores. Encheu o reino de animaes damninhos, destruiu-lhes as plantas com saraiva e gafanhotos, para provar á idolatria que afóra elle não havia Deus.

Que differença, porém, entre os prodigios de Moysés e os dos magos de Pharaó? Os magicos, não podendo com a sua vara fazer brotar da terra nenhum d'aquelles animaes damninhos, que Moysés evocou sómente com a sua palavra, confessam a sua fraqueza, dizendo: — *aqui anda o dedo de Deus.*

A TERRA SANTA.

O paiz habitado pelos filhos de Israel teve muitos nomes. Primeiro foi designado pelo de *terra de Canaan*, em consequencia de ser occupado pelos descendentes d'este neto de Noé.

Contavam-se então n'este paiz sete povos divididos em muitos reinos, quando os hebreus, capitaneados por Josué, se apoderaram d'elle.

Chamou-se-lhe *Terra da Promissão*, porque Deus promettera dal-o á posteridade de Abrahão, Isaac, e Jacob.

Teve o nome de *Judéa* depois do captiveiro de Babylonia, porque a maior parte dos que vieram estabelecer-se n'elle eram da tribu de Judá.

Tambem se lhe chamou *Palestina*, nome dado pelos gregos e romanos por conhecerem primeiro os palestinos ou philisteus do que os judeus, por via do seu commercio.

Finalmente os christãos appellidaram-o *Terra Santa* por causa dos mysterios de Jesus Christo n'elle operados para a redempção do mundo.

Este paiz tem quasi sessenta leguas do meio dia ao norte, e oitenta do oriente ao occidente.

Limita-se ao meio dia por grandes montanhas que cortam o vento abrasador dos desertos da Arabia, e estas montanhas seguem na direcção do deserto pela banda do oriente.

O mar Mediterraneo limita-o ao poente, estendendo-se-lhe pela parte norte, e por isso o refresca com os seus ventos.

Pelo norte fica-lhe o Libano, cadêa de montanhas subdividida em seis ordens, que se vão levantando umas sobre outras como um lanço de escadas, oppondo assim grande barreira aos ventos glaciaes do septentrião.

O interior d'este paiz, antigamente tão fecundo como o diz a *Escriptura*, onde manam o mel e o leite, segundo as suas expressões, está dividido por innumeraveis montes e collinas, excellentes para o cultivo da vinha e de arvores fructiferas, e creação de rebanhos. Nos seus valles rebenta uma immensidade de correntes, necessarias á fecundidade do paiz que não tem outro rio afóra o Jordão. As chuvas n'este clima são raras, mas regulares, porque só abundam na primavera e no outono, ao que os livros sagrados chamam — «a chuva da madrugada e a chuva da noite.» No estio os abundantes orvalhos obstam á sequia.

Continua. A.

A ingratidão, e desobediencia dos filhos para com os paes seria substituida pelo amor, e respeito, se a lei desse a estes a livre faculdade de dispor de seus bens.

A noticia sobre a Academia de Bellas-Artes em S. Petersbourg, cujo desenho apresentamos, reservamol-a para o numero seguinte, por não podermos dal-a no de hoje.

GENTISHOMENS DE 1572.

Estes trajos eram os de côrte em França no reinado de Carlos IX, e como se vê não uniformes, porem assaz variados, porquanto só apresentamos os principaes, copiados da collecção de Gaignières, existente no gabinete de estampas da bibliotheca imperial, desenhadas mesmo em tempo d'aquelle monarcha, e que todas teem a data de 1572; mostram as differentes capas que então se usaram, primeiro a de gola derrubada com forro de setim, depois a de gola direita e forrada de tafeta, outra com mangas assopradas e soltas, e finalmente a de capuz, denominada de Bearn por ser imitada dos montanhezes dos Pyreneos; estas quatro modas distinguiam a capa de grande e pequena gala, quer para o verão, quer para o inverno. Vêem-se tambem as calças chumaçadas e as pantalonas justas ao corpo, são innovações que já annunciam revolução no modo de vestir, que de facto se verificou mais tarde no reinado de Henrique III.

M.

A ociosidade, o luxo, e o mau exemplo, são os principaes motores da prevaricação dos costumes.

VINGANÇA POR VINGANÇA.

Continuação.

II

O ORATORIO DE ALDONSA PERES.

Os jesuitas tinham saido.

Simão Rodrigues encostado á janella parecia absorto em profundas meditações. A vinda do padre Gaspar, na occasião em que mais arrobado estava ao lado de sua prima, sonhando delicias de um venturoso porvir; aquelle medo glacial que lhe arripiara todo o corpo: aquelle conchegamento de Beatriz agarrando-se-lhe ao braço; o olhar obliquo do padre, que, espiando as acções dos dois amantes, duas vezes lhe surprehendera; tudo se apresentava ás suas idéas como um turbilhão confuso, e de todos os pensamentos não podia conjecturar senão um mal futuro.

Era natural para Simão que sua tia fosse reconciliar-se no seguinte dia, mesmo porque Aldonsa o tinha em costume; porém que o pa-

dre lh'o viesse recordar, coisa era com que elle não podia atinar, e naturalmente suspeital-o fazia de que o jesuita levava interesse em fallar a sós com Aldonsa Peres, tanto em particular que unicamente pelo sigillo da confissão conservar-se poderia o segredo sobre a pratica que ambos deviam ter.

Simão Rodrigues dava por tal forma largas ao seu pensamento; e este cada vez mais profundo lhe caia na duvida e na irresolução, sem saber a que ater-se. Á similhança do homem que firmando seus passos á beira do precipicio, se debruça de mais na contemplação que faz d'elle, e vae porfim escorregando de penedo em penedo, e de fraga em fraga, até chegar-lhe ao fundo, ficando depois confuso e maravilhado de ter chegado ali a salvamento, e enleiado na forma como se salvará d'elle.

As Trindades soaram; e a voz de Aldonsa Peres veiu sacudil-o d'aquelle profundo meditar.

Até ali não arredara ainda pé da janella, e sem curar da escuridão que a pouco e pouco ia estendendo sua negra tinta pelo horisonte ao nascente da cidade, parecia ainda engolfado no espectaculo d'aquelle panorama!

Não eram os olhos do corpo, que elle tinha attentos, que esses lhe erravam ao acaso por sobre os objectos que se lhe apresentavam, sem n'elles fixar a attenção; eram os d'alma que buscavam penetrar-lhe o futuro denso e opaco; porém quanto mais os affirmava, mais de trevas se lhe condensavam.

Beatriz tambem não estava menos inquieta que seu primo. Nunca o padre mestre Gaspar lhe fallara tão brando, nem tão despido do rigor ascetico que costumava empregar para guiar as almas no caminho da salvação; e aquella comparação tão florida e tão meiga da açucena do Senhor, junta com os laços espirituaes, alludindo ao seu amor, deixava-lhe aperceber-se de que o padre da Companhia soubera ler-lhe no fundo do coração, e lhe devassara ahi o segredo que nem mesmo revelara a sua mãe, apesar de suspeitar que o desconfiara ella.

Seriam taes palavras na bocca do padre mestre Gaspar indicios de assentimento, ou de reprovação?

No primeiro caso, achava-se completada a sua ventura, por quanto o casamento com seu primo não encontraria estorvo; no segundo era a perspectiva do infortunio, e de uma porfiada luta, porque bem conhecia o poder que o padre mestre exercia sobre o animo de sua mãe — força duplicada pelo sentimento religioso de uma alma tão candida.

Porem, Beatriz, qual se preparava para a felicidade, assim mais energicamente se armava para a peleja, resolvida a não ceder por quanto houvesse no mundo. Caracter de similhante tenacidade herdara-o de seu pae, que o possuira em subido grau.

Beatriz fazia estas reflexões ao passo que bispontava a sua capinha; e foi, como seu primo, arrancada a ellas pela pausada voz de sua mãe, quando esta disse:

— Simão, que de vezes tens espraiado olhos por essas hortas da encosta do Castello, e nunca saciado pareces de contemplal-as! Vamos, filho, que estão soando Trindades, e no almazem te aguardam para o cerrares.

— É verdade, accrescentou Beatriz... Louquinha que sou... Ia tão embebida na tarefa da minha capinha, com tenção de a vestir ámanhã, que nem dava pelas horas fugindo tão apressadas!

— E eu, tia minha, nem reparo fazia nas hortas, nem na encosta.... Sonhava!.. sonhava agora.

— Nas santas palavras do servo de Deus ao adorarmos o prodigio do arco da velha?

— Nem era isso... Nem eu sei que sonhava!

E assim dizendo, despediu-se de Aldonsa e Beatriz, e saiu apressado, qual o insensato que passeia sem destino, ou pela rua fora corre acotovelando todos, como se tivera de achar-se em ponto certo e a hora dada, e receiara chegar tarde.

Marianna, que o seguira para cerrar a porta, estendeu a cabeça para a rua, e disse a sua ama:

— Lá está o Vicente Braguez, trepado á escada, acendendo as alampadas do oratorio de Nossa Senhora da Graça.

— Não veiu hoje cedo, respondeu a viuva, olhando pela janella que deitava para a *rua da Pella*; que já o da Senhora do Rosario, ali na *Porta da Palma*, e o da Virgem Mãe, lá adiante na da *Mouraria*, alumiados estão tambem.

Á noticia de que estavam acesos os lampiões dos nichos, que a piedade christã dos nossos antigos monarchas fizera collocar sobre as portas rasgadas na muralha da cidade, Sancha foi-se chegando para a adufa, afim de tomar o logar fronteiro na janella que deitava para a rua direita — logar que ella, n'aquella casa, estava de posse immemorial, em attenção á sua edade.

O grande acontecimento que attrahia Sancha para a janella era a reza do terço, que todas as noites se rezava n'aquella rua, apenas davam Trindades, capitulado por Vicente o Braguez, dono de uma tenda que estava quasi fronteira ao arco.

Aquellas pessoas que se não agglomeravam na rua para esta devoção, assistiam a ella das janellas; e d'ahi respondiam em commum, e em altas vozes, ás orações de quem capitulava. Era indicado com uma matraca o momento em que se dava principio á devoção, e com uma campainha a occasião em que se chegava ao *Gloria Patri*.

A hora não se fez demorar muito.

Já Aldonsa Peres, Sancha e Marianna estavam reunidas na janella, quando a rouquenha voz de Vicente o Braguez principiou a entoar: «*Gloria Patri...*»

Mas porque não assistia tambem Beatriz esta noite á reza do terço?

Aquella alma estava muito encontrada de diversos pensamentos para poder rezar em commum, quando, mais do que nunca, lhe era mister orar sósinha.

Por isso, com licença de sua mãe, fôra acender as velas do oratorio, onde Aldonsa Peres devia depois ir fazer seu exame de consciencia, e ahi se deixara ficar.

Lançando mão do livro dos Psalmos — livro consolador em todas as afflicções da vida, e cheio de hymnos para todas as alegrias—abriu-o ao acaso no LVII, e leu:

«Que a minha oração chegue até vos. Prestae vossos ouvidos aos meus gritos, porque a minha alma está acabrunhada de males, e eu estou prestes a cair no inferno...»

Deixemos aquella alma orar em socego, e não vamos perturbal-a no recolhimento com que busca, nos livros da religião, palavras que traduzam o que esta sentindo.

Vamos descrever o oratorio de Aldonsa Peres.

A casa onde elle estava era um pequeno quarto, cujas paredes se forravam com custosos pannos de raz, representando passagens da Escriptura. N'um d'elles se figurava a entrada de Jacob em casa de seu tio Labão, na Mesopotamia; o juramento de servil-o por sete annos para alcançar a mão de sua prima Rachel; a substituição d'esta por Lia, quando se terminou o praso; o novo contracto de outros sete annos para finalmente obter aquella a quem amava; e a partida de casa de seu sogro, com as duas mulheres, filhos, e rebanhos que lhe pertenciam.

N'outro panno viam-se debuxadas algumas scenas das historias de David e Salomão.

Do tecto pendia uma alampada de prata, conservada sempre acesa.

O oratorio, propriamente dito, abria para os lados umas immensas portas de madeira do Brazil, riquissimas no lavor de talha e embutidos de marfim, com seus frisos doirados.

Estavam cobertas internamente de placas e relicarios com variadissimas estampas de santos, cuja historia a velha Sancha mais que ninguem sabia em casa, e repetidas vezes contara a Beatriz, quando, para a entreter em creança, ali a levava a ver o *Pae do Ceo*.

Uma banqueta, occupada por uma duzia de castiçaes de prata levantada em flores e folhas muito ao natural, servia de base a um grande retabolo da Virgem no mysterio da Conceição, trinta e quatro annos antes (em côrtes de 1646) declarada padroeira d'estes reinos, e significada á cidade a sua intercessão em lapidas encravadas nas portas da muralha, como aquella que se lê ainda hoje por cima do *Arco da Mouraria*: — A Virgem Maria Nossa Senhora foi concebida sem peccado original.

No centro da banqueta elevava-se, n'uma cruz de pau santo, tauxeada de madreperola, uma imagem de Christo, obra prima em marfim, lavrada pelos indios, e trazida d'aquellas regiões pelo marido d'Aldonsa Peres n'uma das suas viagens. Entre varios santos em vulto, figurava um S. Francisco Xavier na attitude de prégar aos gentios; e o martyr S. Sebastião, com uma rica faxa de veludo carmezi franjada de oiro, e suas settas de prata.

As corôas e os resplendores eram de finissima prata de lei; e cada santo achava-se ornado com tantos cordões de oiro, anneis, pingentes, e arrecadas de excellente pedraria, que era a quanto os olhos mais podiam admirar de riqueza.

Dir-se-hia que ali estava o thesouro da casa de Aldonsa Peres, se acaso se não soubera que em contado haviam cheias duas pequenas arcas. Estas, que eram forradas de carneira vermelha, com pregaria amarella, estavam tambem guardadas ali na casa do oratorio, como collocadas sob a protecção d'aquelles santos. Serviam ao mesmo tempo de assentos, porque nenhuns outros moveis ali existiam.

Beatriz acendera duas velas, e apagara o cirio bento que até ali ardia desde que rebentara a trovoada. Lia e meditava os psalmos, como dissemos.

Continua.

ACADEMIA DAS BELLAS-ARTES EM S. PETERSBOURG.

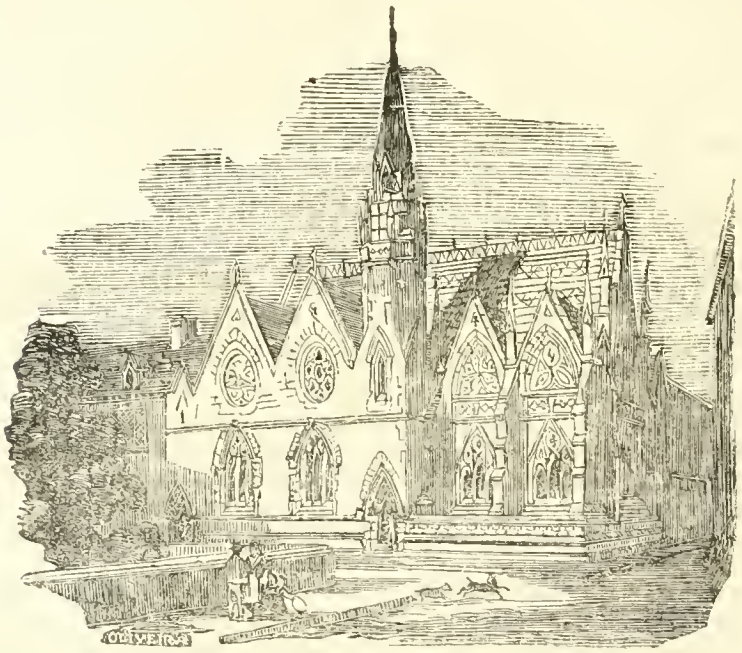
Havia vinte e cinco annos que em França estava concluido Versailles, quando Pedro I da Russia manifestou aos seus confidentes o projecto que concebera de transportar a sua capital das margens do Moskowa, e do augusto santuario do Kremlin para a ponta do golpho da Finlandia nas praias paludosas e deshabitadas do Neva.

O local sob considerações de politica não era talvez bem escolhido: os estadistas, que olham muito para o futuro e desdenham ás vezes o presente, pretendem que Pedro commettera um erro tão grave quão grandiosa a sua obra e audaz o seu projecto; isto é, que para metter respeito aos suecos e communicar directamente pelo Baltico com a Europa occidental, removeu a Russia ou pelo menos o seu centro de acção para longe do lado a que se inclina por sua origem e indole, por suas necessidades e ambições, isto é, para longe do mundo oriental; porquanto se tiver de acontecer, com annuencia da Europa ou a despeito d'ella, que o czar envie seus exercitos além dos Balkans e suas esquadras além do Bosphoro, e apossando-se de Stambul a bem guardada restabelece a cruz grega sobre os zimborios de Santa Sophia, desde então a Russia tendo duas cabeças, uma ao norte e outra ao

(*) Vide o num. antecedente.

meiodia, dividir-se-ha infallivelmente em duas partes, como succedeu ao imperio romano em tempo do fundador de Constantinopola.

No entanto o genio e força de vontade de Pedro I com os recursos de seu imperio levantou como por magica d'entre pantanos desertos uma cidade regular, formosa, europea, ahi onde o Neva, antes de lançar-se no golpho da Finlandia se reparte em muitos braços que formam canaes de differentes tamanhos e umas quarenta ilhas, as quaes no começo do seculo passado, bem como as terras visinhas, eram todas alagadiças, e que hoje, postoque comprehendidas no recinto de S. Petersbourg, estão occupadas por jardins, parques, e magnificas casas de campo, sendo mui frequentadas no verão como especie de passeio e recreação dos habitantes. Entre as maiores conta-se a ilha Vassili; n'ella está a academia das bellas-artes, grande edificio de setenta pés de elevação e quatrocentos de comprimento cuja fachada que olha para o Neva é guarnecida de columnas e pilastras; sobre a cupola central figura uma colossal Minerva, e o portico e apoiado por um Hercules farnesio e uma Flora. O parapeito em frente da academia é adornado com duas soberbas esphinges de granito trazidas do Egypto. Este instituto é tão vasto que não só ali residem os alumnos como tambem os professores, academicos, e muitos artistas; diz-se que ao todo não são menos de mil pessoas. Quanto ás obras d'arte não contém grande thesouro. M.



NOVA CAPELLA DE S. MIGUEL.

Coventry, cidade de Inglaterra, que dista de Londres para o noroeste trinta e duas leguas, é de fundação muito antiga, como ainda mostram em geral os seus edificios, entre os quaes se notam alguns templos dignos de exame do curioso. No meio do mercado grande ha uma cruz da altura de sessenta e sete pés, toda ornamentada com figuras de muitos reis d'Inglaterra; fabrica relogios, tecidos de lã e seda, e outros objectos. No meado do seculo XV celebrou-se ali um parlamento, que foi alcunhado diabolico, contra os cabeças da facção de York. N'esta cidade esteve por algum tempo prisioneira a infeliz Maria Stuart.

Ahi se começou ultimamente uma capella da invocação de S. Miguel, cuja pedra fundamental foi collocada com pompa publica em o dia 9 de Outubro do anno passado; é delineada para accommodar seiscentas e setenta pessoas nos dias de exercicio do culto; o estylo de architectura é o denominado «gothico ornamentado.»

M.

DILUVIO DE LUZ.

Conclusão.

VIII

Em todos os tempos sempre houve quem, desprendendo-se dos laços do egoismo commum, se

votasse por impulso d'um affecto generoso á causa da humanidade. Se assim não entravam pelo heroismo, faziam alguma coisa mais que o solipso vulgar, que nas ideas, nos raciocinios, nos juizos, nas crenças, no trabalho emfim, não quer nem acceita por guia outra luz, que não seja a que leva de preceito á conveniencia privada.

Bem amargo tem sido o destino d'essas almas preeleitas! Os que não as entenderam, e para quem por isso mesmo eram indifferentes, deixaram-nas passar sem apoio nem conforto. Os corrompidos, porque mirando-se n'ellas não tivessem de que envergonhar-se, e corar de pejo, não as quizeram ao pé de si, e expelliram-nas como energumenos. Banidas, errantes, perseguidas pelos poderosos, ainda assim nada póde offuscar a sua aureola, porque pediam ser livres; que não as curvassem com o peso e iguominia dos grilhões; que não as impacientassem pelos soffrimentos do corpo, impedindo-as de remontar ás alturas de que emanavam, e empenhar-se na paz do mundo, introducção obrigada de toda a felicidade. Dos poucos que as ouviram todos, pela insciencia ou pela má vontade, as escarneceram.

Os verdadeiros apostolos teem quasi sempre acabado como ave innocente presa do abutre. Dilaceraram-lhes as entranhas, e as aves carnivoras as partilharam entre si. Foi d'ahi que muitas vezes nasceram appellos extremos, preferindo-se ao soffrimento da perseguição o borborinho do povo amotinado, o fogo e o combate na trincheira, o calor dos paços incendiados. Se não queriam ver estas contradicções entre a paz que professavam, e a guerra a que recorriam, porque levantavam sobre elles mão injusta? Porque esbofeteal-os, e cuspil-os? Quem sanccionaria dois direitos, um que dava a predilectos acção honesta para abaterem, para comprimirem até á aniquilação tudo e todos, levando a tyrannia além da barbaria; outro que não consentia, que debaixo do jugo se gemesse ao menos, porque até gemer era subversão? Se a humanidade era uma na origem e vocação, como não seria um só o direito de toda ella? E comtudo tão mudado era, e é, o direito, que custa a reconhecel-o, de transviado que está da origem. Seculos e homens o teem perdido. Uns e outros teem ido juntando á obra do passado mais um vicio, mais um abuso.

Apostolos sempre foram martyres da fé social. Sacrificam-se para conduzir ao leito natural a corrente distrahida por mãos sacrilegas. Querem restaurar a sociedade, e vestir-lhe as vestes candidas das filhas de Sião. Caminham debaixo do ferro e do fogo do inimigo, que quer escravisar os que houveram herança de liberdade e egualdade. Augusta e de benção é a missão! Mas até aqui o seu fructo não póde sasonar limpo e escorreito, que mas hervas o teem insombrado. Atermado o tempo da colheita, tão fallida e pouco rendosa veiu ella, que pareceu outoniça. Essas mas hervas, que teem infezado um pouco a planta social, são os rigores e o ferro, em logar da illustração que convence e cathequisa; as exagerações, porventura de boa fé, que a inexperiencia fez commetter nas revoluções que se propunham acender nova luz para a humanidade. Semearam espinhos nos campos onde não queriam que vecejassem senão rosas.

IX

É agora que surge no ennuveado horisonte social nova estrella de bonança. Acende-se pharol mais seguro, que levará á terra de promissão. Este culto, que todos prestam á paz; esta disposição dos espiritos, que pedem illustração, e se abrem a ella, são syrtes em que a tyrannia, que desde muito ouve o som confuso do seu remorso, hade perder-se.

Armas, ribeiros de sangue, revoluções tumultuarias não sabem erguer monumento que perdure. A revolução para attingir ao seu verdadeiro fim, para consolidar-se, e resolver-se em beneficios sociaes, hade fazer-se nos espiritos. Guerras não saram feridas sociaes; irritam-nas, fazem que as ulceras se convertam em gangrena incuravel. O povo que um dia se levantou pela liberdade, curvou depois a cerviz á tyrannia. Contra a espada, que um dia se ergueu victoriosa, veiu depois o proprio vencido, e com maior impeto lhe fez abater para a terra o orgulho, e os laureis dos passados triumphos.

Cada campo de batalha, em que ficaram insepultos tantos martyres, foi uma decepção para a causa esperançosa. O coração dilaceravase á vista do espectaculo aterrador de tantos males. O meio foi julgado emfim perigoso e inefficaz. Não minguaram forças nem valor, mas tantos rios de lagrimas derramadas pela viuvez e pela orphandade, chamaram a razão a novo concerto. Proclamando sem preliminar a liberdade e a organisação equitativa da sociedade, padece-se, como por tal arrojo já Christo padeceu, mas o principio caminha vivo e latente, caminha qual raio que se despede das nuvens, corta impetuoso, fere, e derruba quanto o estorva na carreira. A verdade, uma e indivisivel, sobrevive sempre, porque não morrerá jamais. Quando parece perdida apenas se esconde. Aguarda melhor conjuntura de apparecer, e ir, coroada com as bençãos de todos, sentar-se no throno do mundo. A estrella solitaria, que ao alvorecer ainda fulgia nos ceos, não desappareceu senão apoz porfiada resistencia. Sumiu-se, mas não se apagou. Na seguinte noite surgira de novo, com a mesma vida, com a mesma animação, com o mesmo scintillar. É assim a verdade, que nenhuma outra coisa é senão a liberdade, a um tempo principio e fim, causa e effeito do progresso.

A verdade é hoje mais do que nunca indispensavel conhecel-a e ensinal-a, porque é a unica arvore amiga a cuja sombra dilecta podemos repoisar, depois de tão ardentes peregrinações, depois de soes tão calmosos. Desceu do ceo á terra como refugio da vida. É a estrella brilhan-

te que luz sobre as tempestades da existencia, e como aos Magos nos hade conduzir por caminhos ignotos ao oriente da paz e da felicidade. Agora é mostrar a todos o brilho da verdade, fallar á razão e á consciencia, não deixar que vacillem, destruir a duvida, depor o erro, levantar a alma mais nobre e reforçada sobre a ruina dos preconceitos, plantar a sciencia onde apenas havia a fé, se a havia, e não convém que a haja. A illustração hade gerar felicidade, e a felicidade virtude doce e amena, que a virtude verdadeira não é de turvo semblante e fallazes asperezas, mas alegre, bondosa, concertada de delicias. O tempo em que a julgavam montanha fragosa e alcantilada, para guindar á qual se tressuava e desfallecia e não se alcançava na cumiada por ultimo lenitivo ao cansaço senão solidão de rochas descompostas, onde nem vivia musgo desbotado, passou já!

É tempo de abrir o livro do passado, que não illude, que não mente, que dá a todos um fatal desengano, que diz o que foi, e ensina para que é a existencia.

Não se percam as lições da experiencia. Procure-se o codigo original das liberdades humanas, que tanto ha correm á revelia e mal comprehendidas no juizo do mundo. Se muito ha que a humanidade padece, não é isso motivo para desesperar. Na sua vida os seculos são dias. Quasi que recemnascida na redempção, agora começa a crescer. Se ainda mal se comprehende, para lá caminha; e hade chegar ao conhecimento de si e da verdade, cuja luz já parece querer raiar para todo o mundo. Inda que sem estrondo já as boas doutrinas penetram em todos os corações generosos.

O passado, que se julgou glorioso, olhemos com pejo para elle, que para desculpar-se não tinha senão a sinceridade dos fins, o desejo cordeal de salvar os que gemiam. Mas os meios, esses deshonrava-os o erro. Em logar de derramar tanto sangue, consumir sem fructo tanto oiro, tantas forças, tanta boa vontade, devia levar a todos a illustração, o conhecimento do encargo e do direito, o horror a lei que opprime, o respeito á que é justa e egual.

X

A liberdade, a ventura pela moralidade universal é tambem uma religião. O seu apostolado começa. Missionarios da doutrina pacifica devem apparelhar-se com resignação e bons exemplos. Só assim alcançarão victorias, que nem traição nem tyrannia possam minar, destruindo, como até aqui, n'uma só hora a obra de tanto tempo e de tantos perigos; derribando homens e principios só com um sopro d'adversidade, como o vento do deserto abala a grande arvore da floresta, que apoz vacillar um momento, estala, e jaz por terra.

Missionarios! Apparelhae-vos para combate, não de força, mas de razão! Acendei pelo mundo luz que o illumine sem deslumbral-o nem perdel-o no escolho das visões e delirio phrenetico; e a sociedade será salva sem passar por nenhum cataclismo luctuoso. Advogae de novo modo a causa da humanidade. A liberdade não medra senão na paz. Acautelae-vos comtudo dos que vos crerem sem vos ouvirem nem conhecerem, que esses taes com o seu plano d'enganos são como o sepulchro, exteriormente branqueado, liso, e espelhante, que dentro de si guarda ossos e asquerosidade. O lobo tambem se reveste da mansidão do cordeiro para entrar insuspeito no redil.

Homens constituidos em poder! Deixae que a liberdade e a paz façam seus caminhos. Com a reacção injusta daricis mais forças aó gigante que apenas se espreguiça depois d'acordar da primeira somnolencia. Fanatismo e hypocrisia, que sois os peiores dos crimes moraes, não continueis a obrar com negra e damnada vontade. Não vos levanteis contra a sociedade, e a favor do individuo. Não continueis a jungil-a ao vosso carro de tortura. Querendo afrouxar-lhe o braço, ensinaes a levantal-o. Querendo materialisar-lhe o espirito, fazeis com que vôe mais alto e de lá aviste, olhando para a terra, a aviltação em que jazera, e por isso vos amaldiçoe e cuspa na face impudica. Convencei-vos, que a humanidade caminha sempre na senda do progresso, e que n'esta tendencia natural é constante como a grande corrente do oceano. O progresso, que é coisa de Deus, não será o vosso poder que o estorve.

O mundo tem olhos fixos sobre os vicios que corroem a constituição das sociedades. A accusação é antiga. A contestação só tem apparecido na obstinação d'algumas más vontades. O mundo nem hade succumbir a ellas, nem enganar-se na sua esperança de reforma. Os bons principios convertidos em Dilevio de Luz porão termo ás guerras fratricidas; confundirão oppressores; salvarão fracos e opprimidos; retemperando a sociedade, fazendo-a mais digna de si e do porvir.

José de Torres.

CHRONICAS MONASTICAS.

DA COMPANHIA DE JESUS.

Continuação.

III

CASA DE S. ROQUE.

Desejavam os padres da Companhia, que já tinham em Portugal famosos collegios, dotados com excellentes rendas, estabelecer tambem aqui em Lisboa uma casa professa, onde sem renda,

(*) Do num. 32 do vol. antecedente.

como se lê na Chronica, por serem mendicantes, observassem a mais exacta pobreza, sem outro subsidio que o da esmola dos fieis.

Enviou para este fim a Portugal o fundador da religião, Santo Ignacio de Loyolla, ao hespanhol o padre Jeronymo Nadal, para solicitar de el-rei D. João III a devida licença. El-rei lhe ordenou que escolhesse na cidade sitio accommodado para o intento; e logo os padres assentaram, que n'um campo que ficava então fóra da cidade, porem mui proximo a ella, e que servia de cemiterio, onde estava uma ermida de S. Roque, e se chamava *Campo das Oliveiras*, se levantasse a sua casa professa.

Assim o communicaram a el-rei; porém os irmãos de S. Roque, que ali tinham a sua ermida, como dissemos, mostraram repugnancia á vontade dos padres, e foi encarregado D. Pedro Mascarenhas, esse fidalgo de quem já fallámos na primeira parte d'esta chronica, de compor a questão, e conseguiu que a sobredita irmandade cedesse, propondo as condições para a doação.

A nova casa conservou o titulo de S. Roque, e erigiu-se no seu templo uma capella ao mesmo santo, onde os irmãos continuaram suas devoções como na ermida.

D'aqui veiu serem geralmente designados em Lisboa, pelo titulo de padres de S. Roque.

Aquella ermida havia sido erecta no reinado de el-rei D. Manuel, em occasião de uma grande peste que affligiu o reino. Divulgara-se então em Portugal que a intercessão d'este santo era efficacissima contra as contagiões, como se estava comprovando em Veneza, e o piedoso monarcha mandou pedir á referida republica que lhe enviasse algumas reliquias suas. Satisfez Veneza ao pedido, e para as guardar se levantou a ermida em 24 de Março de 1506, e em 1515, aos 23 de Fevereiro, foi consagrada *authoritate apostolica*, com indulgencias, pelo bispo D. Duarte. No anno de 1527 se sagrou tambem o adro pelo bispo D. Antonio.

No domingo que caiu no 1.º de Outubro de 1553 tomaram os padres posse da ermida com uma solemnidade espiritual, á qual assistiram o principe D. João, o infante D. Luiz, o arcebispo de Lisboa D. Fernando de Menezes, e mais nobreza da côrte.

Começaram logo os da Companhia a exercitar seus ministerios, e diz o manuscripto que seguimos:—«concorrendo ás missas, ás confissões, e communhões tanta gente, e com tanta frequencia e devoção, que n'ella os dias de semana e de trabalho pareciam de festa e de guarda. As prégações, que eram mui frequentes de manhã, e algumas vezes de tarde, eram taes os concursos, que não sendo capaz d'elles a estreiteza e limitação da ermida, saia algumas vezes fóra d'ella um padre a prégar á muita gente, que não tendo logar dentro da ermida, ficava fóra d'ella.»

As unicas casas que existiam junto á ermida eram umas terreas onde se recolhiam o capellão e o ermitão, e mais outra para as pessoas devotas que vinham fazer romaria ao santo.

Foi n'estas casas, e no côro, e na sacristia da ermida que se accommodaram quatorze padres que vieram do Collegio de Santo Antão, trazendo d'ahi tudo o necessario, e que faltava na acanhada ermida.

El-rei lhes mandou comprar sitio sufficiente para egreja, casa e cerca.

Ao cabo de um anno, os padres com as esmolas que tinham recolhido fizeram um corredor estreito com oito cubiculos, na parte superior, e na inferior mais algumas casas, e trataram logo de estender a ermida.

Corria ella de oriente a poente, e os padres resolveram que ficasse servindo de cruzeiro e capella-mór, accrescentando-se de norte a sul em comprimento oitenta palmos, que então corriam do logar onde está o pulpito até á porta principal, como hoje ainda se acha.

Deu-se principio á obra no anno de 1555; sem outro cabedal, diz a Chronica, mais do que cincoenta cruzados, e esses mesmos foram emprestados.

A primeira pedra do novo Collegio de Santo Antão fôra lançada em muito segredo, por causa da opposição que ali faziam os empregados do curral, e o padre capellão das freiras de Sant'Anna: a d'esta fundação foi, pelo contrario, com muita solemnidade. Lançou-a o padre da mesma Companhia D. João Nunes Barreto, e que havia pouco fôra sagrado patriarcha d'Ethiopia.

Assim foi progredindo a obra, concorrendo as esmolas, com que os padres se desempenharam dos cincoenta cruzados pedidos, a ponto que no anno de 1566 trataram de fazer nova egreja com sufficiente capacidade, e lhe abriram os alicerces com intentos de ser de tres naves; porém no anno seguinte resolveu-se que fosse unicamente de uma, e desfeitos portanto os primeiros alicerces se lançaram os fundamentos como hoje existem.

Aqui tem logar transcrevermos as palavras textuaes do manuscripto:

«E posto que por razão da peste, que houve na cidade, foi a obra mais de vagar, por serem menos as esmolas; mas acabada a peste, se continuou com grande fervor, pera que com ella se proseguisse, foram tantas as esmolas que acodiram á casa, que fazendo-se computo no anno de 1577 á despeza que se tinha feito, assim na fabrica da igreja como no edificio da casa, se achou que se tinham gastado setenta e cinco mil cruzados, procedidos das esmolas, com que concorreram ElRei D. Sebastião, sua avó a Rainha D. Catharina, o infante Cardeal, e depois Rei D. Henrique, e alguns particulares.»

Correram as obras com vagar por causa das alterações que houve no reino com a morte do cardeal e invasão de Castella; serenadas porém aquellas turbulencias, com o acto confirmado da usurpação de Hespanha, se tratou de assentar

o tecto da egreja; mas duvidando-se que as paredes tivessem força sufficiente para sustentar o repuxo da abobada, e seu peso, resolveu-se que fosse de madeira, para cuja obra D. Philippe I lhe cedeu o seu architecto.

Aqui transcreveremos da *Chronica do Padre Telles* quanto diz respeito á construcção do tecto:

«Logo se tratou do tecto, havendo primeiro grandes consultas de insignes architectos, sobre a traça que teria, e finalmente se vieram a resolver a o fazer de madeira, por lhes parecer que o sitio era alto, algum tanto pendurado, e que não teriam as paredes bastantes hombros, pera sustentar o pezo, e o repuxo, que tão grande abobada demandava. Resoluto este ponto, assentaram tambem, que o lanço fosse de esteira, o que ainda que tinha grandes commodos, tinha tambem grandes difficuldades por davante, pela notavel largura, que vae entre as paredes colateraes. Para se vencerem estas difficuldades, veio um famoso architecto mandado por elrei catholico Dom Philippe o Prudente, o qual traçou a obra com um novo invento nunca visto em Portugal, dispondo o tecto com tal traça (que sem ter columnas pelo meio da Igreja, que é tão larga, nas quaes se possa estribar) está segurissimo, e parece que se sustenta no ar. Por ser a obra do madeiramento, que vae por cima do forro, mui notavel, e não se ver de baixo da Igreja me pareceu descrevel-a aqui, para que quem tiver curiosidade de a ver, ao menos a possa aqui ler.

«Fez vir da Prussia os mastos, ou traves que lhe pareceram bastantes, d'estas lançou doze, cada uma de noventa e sete palmos de comprimento, e de notavel grossura (porque as não pode um homem abranger com os braços) lançou-as, digo, de cornija em cornija, atravessando a largura da Igreja, de maneira que se vão assentar, e pegar nos frexaes, que estão encaixados sobre as cornijas; e logo ao sopé d'estas grossas linhas, ou traves fez estribar, e levantar, em modo de esquadria, outras doze de cada parte, mais pequenas, porém da mesma grossura, a que podemos chamar *guieyros*, que escóram na mesma cornija e parede, e vão subindo como em esquadria, até fechar em uma valente trave da fileira (que responde ao espigão do telhado, em que acaba o cume do tecto) estes vinte e quatro *guieyros* se asseguram pelo meio com doze *oliveys*: descem logo outras doze traves de cada parte do fim dos *oliveys*, da mesma grossura das doze linhas, e dos vinte e quatro *guieyros*, a que chamam *pendoraes*, cada um de vinte e quatro palmos de comprimento, os quaes vão a prumo, e são como esteios e columnas para sustentar o madeiramento do forro; mas com esta differença, que as outras columnas ordinarias tem mão no pezo, sobre os capiteis; porém estas, com notavel novidade, sustentam ou levantam o pezo pela parte que houvera de ser base d'estas columnas, e sem carregar nas traves, que atravessam a Igreja, as estão sustentando no ar, e puxando para cima; porque como estas traves são tão compridas, necessitavam de algum arrimo, que as sustentasse, e supposto que não tem columnas, que subam do pavimento da Igreja para o tecto, tem estas, que por cima do tecto o estão sustentando, e chamando para o alto, as quaes para este effeito, descem com tal traça, que para não abaterem as ditas traves do forro com o proprio pezo, ficam como pendentes no ar, sem lhe tocar, por si mesmas, e comtudo para as assegurar, e sustentar, lança-lhe cada uma das columnas duas cintas de ferro fortes, e grossas, que abraçam os terços das mesmas traves; e d'esta maneira fica a obra segurissima, porque estas columnas não carregam no forro, antes puxando para o alto, sustentam as traves em que vae pegando o mesmo forro, para que não faça algum pendor.

«Entre estas vinte e quatro columnas, ou pendoraes, corre um grande lanço de corredor, que representa uma larga e comprida coxia, por onde seguramente se passeia o tecto todo de Norte a Sul; o qual tecto por esta parte de dentro, representa outra grande Igreja de tres naves, feita toda de madeira, e fundada sobre o templo de S. Roque que em baixo vemos. Como esta obra foi nova, e sua architectura nunca usada n'este reino, e como por outra parte era esta machina tão grandiosa, e tão segura, foi notavel o concurso dos curiosos que acudiam a ver a nova fabrica do tecto. . .»

Sob o adro da egreja de S. Roque se lavrou pelos annos de 1700 um grande jazigo, que era da irmandade de Nossa Senhora dos Agonisantes, para sepultura dos seus irmãos.

Ainda ha poucos annos, quando se mexeu n'este adro por causa do rebaixamento da calçada, d'ahi se removeram os ossos das pessoas soterradas.

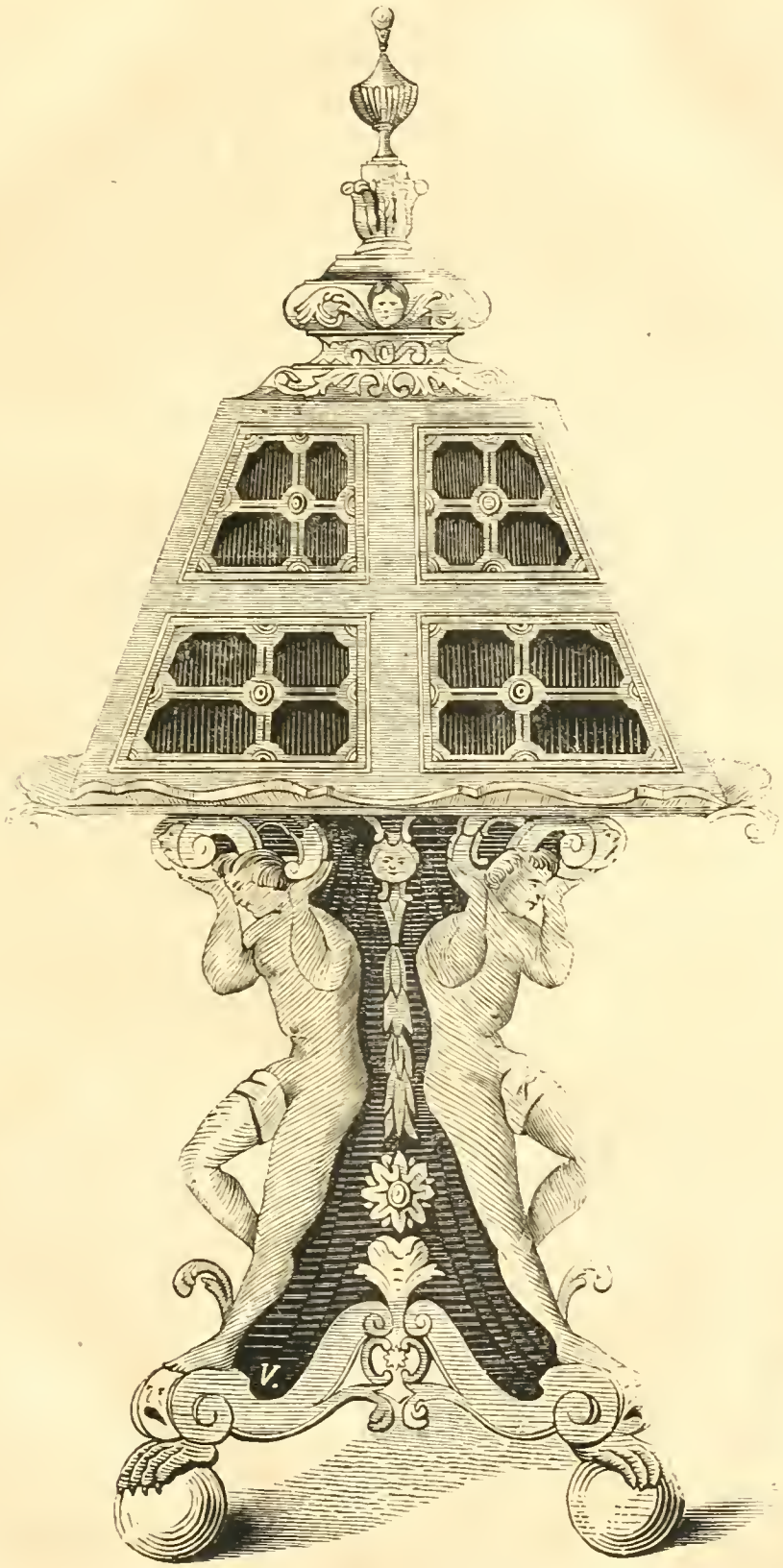
Subia-se para o referido adro sómente por tres degraus de pedra. Hoje ha quatro degraus.

Sobre as paredes da egreja, corria á roda d'ella pela parte de fora uma cornija com seus dentilhões de pedra, com um passadiço no qual se abriu um canno tambem de pedra para receber as aguas do telhado.

Havia tambem á roda do dito canno uma varanda com pilares de pedra, que serviam não só para segurança dos que andavam por ella, como para ornato exterior da obra, sendo assim mais facil subir ao telhado, que primeiro foi de laminas de chumbo, por parecer que com ellas ficaria o tecto mais bem resguardado, mas que a experiencia mostrou ser pelo contrario, como tem acontecido com o telhado do theatro de D. Maria II, onde se consome não pequeno cabedal com o vedar-lhe a agua, o que nunca se consegue. Por isso se deixaram os padres das taes laminas de chumbo, e se voltaram para o antigo systema de telhas.

Continua.

F. D. d'Almeida e Araujo.



ESTANTE DO CÔRO DO CONVENTO DOS PAULISTAS.

ESTANTE DO CORO DO CONVENTO DOS PAULISTAS.

A esculptura em madeira, o officio de entalhador, e todos aquelles que mais ou menos directamente estão em relação com a marceneria florecem de ha muito em o nosso paiz, com justos louvores para as pessoas que se empregam n'elles. Raro será o convento onde hoje entremos que os olhos não admirem, guardados n'estes depositos, variados e elegantissimos primores d'arte manufacturados por mãos nacionaes. Ás cadeiras do côro do mosteiro de Nossa Senhora de Belem, onde a variedade do ornato rivalisa com a perfeição do seu desempenho, fazem pasmar o estrangeiro curioso que visita estes restos das nossas passadas grandezas, e muitas outras não somenos maravilhas ha por ahi como entregues ao esquecimento por falta de memoria que avive a sua justa celebridade.

Pela nossa parte vingamos hoje este desleixo estampando um d'esses primores na obra de marceneria. É a estante do côro da egreja dos Paulistas, onde actualmente se acha a parochia de Santa Catharina. Os olhos fallam á intelligencia, como o discurso falla á alma para a percepção dos objectos; e assim é que a nossa gravura, representando fielmente este de que tratamos, nos dispensa de mais ampla descripção.

*

VINGANÇA POR VINGANÇA.

II

O ORATORIO DE ALDONSA PERES.

Continuação.

Algum tempo havia que assim estava entregue ás suas devoções, desafogando com Deus sua alma e cuidados; tão enlevada em suas meditações, que nem se apercebeu de que a porta da casa do oratorio se abrira, alguem entrara, e ajoelhara mui subtilmente um pouco atraz d'ella.

Mas como a porta não ficara cerrada, e o vento continuasse lá fóra a soprar com violencia, penetrando ali, fez vacillar a luz das velas, e repentinamente as apagou.

A luz da lampada tremia agitada tambem pela força do vento, e reflectindo seu tenue clarão sobre as colossaes figuras estampadas nos pannos de raz, estas pareciam mover-se, e destacar-se da parede, para irem ter com Beatriz.

A donzella ergueu a cabeça e assustou-se. Estendeu uma das mãos para aquellas figuras, que a visão lhe mostrava caminhando, como para as fazer parar em sua marcha; e comprimindo com a outra o coração, soltou um ai, como quem se arrancava violentamente a uma terrivel agonia.

— Que tens, Beatriz? lhe perguntou meigamente a pessoa que se ajoelhara, pouco antes, a alguns passos d'ella.

— Tu ahi, Simão!?... Eu t'o agradeço, senão finava-me de medo. As luzes extinguiram-se ali: aquellas figuras pareciam mover-se para mim; o corpo tranziu-se-me de medo; o espirito está acabrunhado de tão encontrados pensamentos!... Mas porque vieste, Simão?... Como te achas aqui tão inesperadamente?

— Nem t'o sei dizer, Beatriz!... Uma força estranha, desconhecida, impellia-me a voltar a casa de tua mãe antes de ir para a minha poisada... Tinha tanto que te dizer!... Era mister fosse hoje mesmo... Se o espaçara para ámanhã, encontrar-me-hiam morto, pois o coração arrebentava-me.

— Simão!

— Sim, Beatriz. Não te quero occultar nada.... Estava esta tarde tão feliz, quando me dizias que do mesquinho bem que fiz a Vaz Gil nos houvera vir ventura!.... Tão feliz, Beatriz!... tão feliz, que nem tenho fallas para t'o expressar.... Olha: batia-me o coração tão satisfeito como agora... vê...

E pegando na mão da donzella, que sem repugnancia lh'a abandonara, a levou ao peito; e depois de ahi a ter poisada um instante, continuando a apertal-a entre as suas, seguiu dizendo:

— Sonhava então um mundo de delicias, e um paraiso na terra!... De repente a entrada d'aquelle padre gelou-me todo o sangue nas veias... Uma nuvem mais negra que o seu habito, correu-me por diante dos olhos, e immergiu-me em trevas!... Diz-se tanta coisa da Companhia de Jesus!... É tão fallada a sua avareza!.... Seus planos são tão complicadamente urdidos nas trevas, que ao virem á luz do dia já não ha traças de lh'os desmanchar. Tremo....

— Fallas, primo, com a sabedoria de um livro. Ahi está a causa da vaga inquietação que hei sentido, e a mim propria não podia explicar... Oh!... se a minha herança é o que elles cubiçam, pois tenho voz de muito rica...

— Tal não é o que me arreceia, Beatriz. Essa deixara-a eu ir: dera-lh'a de boa vontade, e tambem tu, se elles se não aventurassem a mais.

— Então que mais?

— Á tua mão, Beatriz!... ésta mão que tão contente agora aperto entre as minhas!

— A minha mão, sem me consultarem o coração! Isso nunca, Simão; disse a donzella, erguendo-se com um ar altivamente soberano. Isso nunca.

— A Companhia tem taes embustes... tua mãe é tão fragil.... sua consciencia tão timorata...

— Que levem embora a minha herança, porém a minha mão!... Aqui a tens, Simão...

Dou-t'a para a vida e para a morte; e tomo por testemunha a Virgem que nos ouve; e ao Crucificado, que ali está n'aquella cruz, rogo abençoe os laços formados, aqui, em sua presença... Espera um pouco, Simão. Dei-te fallas de minhas promessas: é mister que te faça entrega de um penhor da minha fé.

E levada d'aquella agitação febril que a animava, correu á banqueta, acendeu todas as velas, tirou um finissimo annel de oiro de um dos cordões que se enlaçava ao pescoço da imagem da Senhora Sant'Anna, e ajoelhando outra vez com seu primo ante o oratorio:

— Por Deus, e pelos anjos aqui tens, Simão, (accrescentou enfiando-lh'o no dedo) o annel de esponsaes dado por tua esposa. Trouxe-o sempre, como te lembras, até á hora do fatal passamento de meu pae: quando os fatos de dó não consentiam usal-o, aqui o depositei, á espera se terminasse o anno. Agora é teu.

Simão beijava as mãos de sua prima, sobre as quaes, de quando em quando, ia cair-lhe uma lagrima das muitas de reconhecimento que lhe borbulhavam nos olhos.

— Sim... precisava essas fallas, Beatriz, para me aquietar esta alma, mais revolta que o mar em tempestade... precisava essas tuas fallas para crer em Deus, pois quasi já ia descrendo. Acalmou-se o vendaval em que me ia naufragando. Deus ouve-nos, Beatriz, e minha alma se condemne, se não fôr sempre digno de ti; se te desamparar ou trahir.

A casa estava brilhante de luz, que se ia reflectir nos resplendores de prata, fazendo fulgurar as finissimas pedras dos adereços, como se fossem estrellas a luzir no firmamento.

Até as figuras dos pannos de raz, que tanto pavor acabavam de incutir a Beatriz, agora lhe pareciam sorrir-se e animal-a; tanto é certo que o estado da alma concorre para embellezar os objectos que nos circundam!

Mesmo a historia de Jacob e Rachel parecia tecida ali, n'aquelle momento, sobre aquelles pannos, para apontar ao amante o exemplo da constancia do santo patriarcha, e á moça desposada as alegrias, e as promessas, feitas por Deus á sua futura geração!

Beatriz e Simão santificavam os mutuos juramentos que acabavam de fazer-se, repetindo com o rei propheta um dos seus hymnos de alegria, tão santamente narrado no psalmo XXXIII.

«Abençoarei sempre o Senhor; e o seu louvor andará continuamente em minha bocca.»

. . . . . .

. . . . . .

O terço havia acabado. Todos que na rua tinham assistido a elle eram recolhidos já a suas casas; e as adufas fechando-se a pouco e pouco, cerravam-se com as usuaes despedidas das boas noites, trocadas de umas casas para as outras entre os seus moradores.

A da casa de Aldonsa Peres fôra uma das ultimas a fechar, porque Marianna distinguira entre as vozes do terço uma, que lhe era conhecida, e estava espreitando quando essa pessoa se recolhia a casa.

Aldonsa Peres, inquieta pela inopinada volta do sobrinho, apesar do que se não atrevera a interromper o terço para indagar-lhe a causa, dirigiu-se ao oratorio, onde bem presumiu que encontraria sua filha e seu sobrinho.

Empurrando a porta ficou extremamente enleiada, vendo aquelles dois anjos assim ajoelhados, rezando no livro dos psalmos.

Deu interiormente graças a Deus por permittir que a sua familia fosse tão piedosamente religiosa, e cada vez se louvava mais em ter entregue a direcção espiritual ao padre mestre Gaspar, a quem a boa velha attribuia o fervor e devoção com que sua casa se exemplificava.

Chegavam os dois amantes ao *Redimet Dominus animas servorum suorum* (o Senhor resgatará a alma dos seus servos) quando presentiram que sua tia os escutava.

Repetiram o ultimo versiculo com uma entonação tão cheia de esperança, tão repassada de confiança, que a boa mãe, alheia ao sentido que os dois amantes ligavam áquellas palavras, correu a abraçar sua filha pela uncção com que as pronunciara.

Simão ergueu-se rapidamente, não sem primeiro cruzar com sua prima um olhar de intelligencia.

N'esse momento aquelles olhos expressavam mais do que quantas palavras pudera proferir. Significavam o juramento por uma eternidade.

Tambem nos olhos de sua prima brilhava um fulgor tão estranho, que o proprio Simão se encontrava mais fascinado que nunca. Amor, ternura, fidelidade e constancia, todos estes sentimentos se lhe confundiam n'alma n'aquella doce languidez, que, de instantes a instantes, relampejava com a expressão energica d'esses actos voluntarios que não podem terminar senão com a vida.

— Talvez abusasse, minha tia, disse o mancebo volvendo-se para esta; mas tomei sobre mim uma liberdade que, se culpada, sómente eu deverei pagar por delinquente. Os rapazes do almazem desejavam ir cantar os Reis. Tal lhe permitti; fechei o almazem, e vos trago as chaves, porque só ámanhã veem por ellas.

— Não! Não! Pobres rapazes!... É preciso que tambem tenham um dia de folguedo. O genero humano deve regosijar-se quando os anjos do ceo dão signaes da sua alegria, e na mesma terra os potentados vem conduzidos de tão longe a Bethlem, só por uma estrella que os guia, e a fama do nascimento de um Deus Menino! Lembra-me bem que ainda no anno passado o padre mestre Gaspar me disse: — «Os magos viram o Homem Deus, prostraram-se na sua presença, adoraram-no, e lhe offereceram por presentes oiro, incenso e myrrha. Pelo oiro reconheciam-no seu rei; pelo incenso prestavam homenagem á sua divindade; pela myrrha hon-

ravam a sua humanidade.» Assim é que a Egreja explica os mysterios de ámanhã.

— Absolvido, pois, minha tia, agora só me resta retirar. Eis as chaves, que ámanhã virei por ellas.

E, entregando-lh'as, beijou reverente a mão de sua tia, e saudou sua prima.

Simão Rodrigues morava no largo dos Escudeiros, que era ahi diante do Poço do Borratem.

— Olha, Simão, lhe disse sua prima, não desças pela *rua da Pella* a entrar pelo *arco da Porta da Palma*; segue por cá direito a S. Domingos, inclina ao *Hospital de Todos os Santos*, e vae descair em tua casa. A hora já vae tarde, a noite está bastante negra, o transito aqui por cima é mais acompanhado.

— Sim, prima, respondeu Simão, já com um pé fora da porta. Boas noites.

— Boas noites... até ámanhã.

— Até ámanhã, se a Deus aprouver.

E effectivamente seguiu o caminho que sua prima lhe indicou.

Ouviu em varios pontos cantar os Reis. Pareceu-lhe que todos n'aquella noite estavam como elle satisfeitos.

Em tudo isto reparou, mas deixou de notar que apenas saira de casa de sua tia um vulto o seguia, parecendo espional-o.

Continua. ***

NATAL EM MAFRA.

I

As santas memorias,
No berço embaladas,
No leite da infancia
Nascidas, creadas;
São lume perenne,
Brilhante, solemne,
Que o tempo, mais vivo
No peito reflecte:
Impulso, que activo
Recresce na edade;
Jucundo, sem riso,
Se triste, sem dôr,
Sentir indeciso
De tanta saudade,
Ternura, e amor...
Oh! salve, bemvindas
Memorias da infancia;
Tornadas mais puras,
Visiveis, seguras,
Se cresce a distancia.
Um anno, que passa,
Lhes dá nova graça:
Um raio celeste,
De novo lhes veste.
No longe da vida
A mente arrefece,
Memorias esquece.
Só tu, doce crença,
No peito embalada,
És sempre lembrada.
Oh salve, bemvinda
Memoria da infancia;
Feliz consonancia
De maga isenção.
Que vozes modulem
Sonora canção;
Que, mil instrumentos
Accordes accentos,
Em breves momentos,
Os sons, que s'ouviram
Apenas ouvidos,
Em eccos são idos,
Que nascem, expiram,
Só tu, mais gentil,
Memoria infantil,
Da vida n'aurora,
Vibrando sonora,
Tu vaes d'hora a hora,
Mais pura e crescida,
Se mais repetida.
D'eterno condão
Teu germen fecundo
A flor, que no fundo
Do peito — em botão
Creara uma vez;
Embora, o revez
De negra procella,
Cruel a combata;
Refulge viçosa,
Se mostra mais bella.
Que, em mar d'infortunio
Melhor se retrata,
Ao som da tormenta,
Melhor se acalenta;
Campêa, mais forte,
Nas raias da morte.

II

É noite benta. Agora mesmo, ao longe
D'alegre sino, o som festivo escuto.
É noite benta; — exulte a humanidade.
Em galas troque seu pesado luto.

Alto, sacro mysterio, hoje adoremos.
Celeste aurora de brilhante luz
Cobre o ceo do Oriente: — eil-a remida
A especie humana, que nasceu Jesus.

A nobres, a plebeus, a todos cabe
Na dadiva do ceo, egual quinhão.
Precedencias, no affecto, — essas consente
Infinita Bondade; — as outras não.

E já, de modos mil, o pobre, o rico,
No burgo humilde, na cidade altiva,
Aqui, por entre o fausto, ali desculto,
Mostram amor, que o peito lhes captiva.

III

E as portas, de par em par,
Abre o templo, a hora dada.
E o sino, logo a chamar,
Seus alegres sons tangendo,
A hora não costumada.
—Até o sino vigia,
Não dorme n'aquelle dia.
E todo o povo christão,
N'essa noite, a essa hora,
Como se um ente, só fôra,
Ouve do sino o pregão,
Annuncio da Redempção;
Que o mesmo sentir em todos
Acorda no coração.
—E já, na casa, ou na egreja,
Tributos d'adoração,
Por todos rendidos são.
E pobre ermida, que seja,
Lá se vê no seu altar,
Limpa toalha, que alveja,
Mais viva luz, a brilhar;
E vozes, que juntas soam
Em seu devoto cantar.
Canto rude, por singelo,
Por leal, — não menos bello,
Que, a melodia perfeita,
Essa, que só Deus acceita,
É toda em vozes, que são
Nascidas do coração.
O crime d'ingratidão,
Hoje — abençoada noite!
Não ha peito, onde se acoite.
Já, cultos d'adoração,
Por todos rendidos são. . . . .

IV

Por todos... errei — não! — onde ora habito
Do magestoso templo, as ferreas portas
Nem descerradas foram! Em silencio
Jazeu, — qual cemiterio, a horas mortas.

Nas celsas torres, onde a cruz é tope,
Nem um som festival s'ouvira — ao menos.
De pagode infiel, torres dissereis,
Profanos minaretes serracenos.

Do — Magnanimo Rei — padrão eterno,
Solemne voto a Deus, que o mundo espanta;
Lume, de viva fé, — um só não vira,
Nada o silencio ingrato lhe quebranta!

Aqui, — sacro recinto, onde s'enfeixam
Galas, riquezas mil — prodigios d'arte,
Nem um som! Como sordido avarento,
Que, se mais oiro tem, — menos reparte.

Lá — na visinha aldêa, humilde, pobre,
Tudo, em festa pernoita: alegre sôa
Da singela garrida, o crebro toque,
Votivo som d'amor, que ao ceo revôa.

Murta fragrante, — ali — por entre a urze,
Humilde, embora, a crença reflorece;
Rosa soberba — aqui, — faltou-lhe a seiva,
N'haste pendida jaz, — amarellece.

—Ao gigante, onde a pompa os thronos junta
Dos reis de ceos, e terra, — hoje, rural
Modesta capellinha exemplos tece,
Vergonha eterna ao luso Escurial!

Dezembro de 1856.

J. da C. Cascaes.

MEMORIAS HISTORICAS.

Continuação. *

(1592)

Completamos os excerptos que emprehendemos fazer do *Itinerario* de Lintschoten, e que já publicámos a paginas 394, 402, e 410 do volume antecedente, com a relação que o viajante hollandez faz do estado em que estavam as ilhas açorianas n'aquella epoca.

—

«Descripção das sete ilhas dos Açores ou Flandricas. Nomes. Terceira, cabeça de todas. Bahia d'Angra. Monte Brazil. Columnas d'onde os naturaes da ilha dão signal dos navios que se avistam. Fortalezas. Villa da Praia na ilha Terceira O terreno da ilha fertil em cereaes. Abundancia de peixe e carne. Fructos Batata. Descripção da junça com cuja raiz enchem colchões. Commercio principal do pastel Canarios (aves). Inverno Rochedos da Terceira, que produzem vinhas. Presidio de hespanhoes. Admiravel maneira de conservar os cereaes. Os bois na Terceira dão lucro Solo concavo. Frequentes tremores de terra. Fontes quentes. Fonte que muda o pau em pedra. Cedro. Madeiras varias. Madeira de teixo. Presidiarios hespanhoes da Terceira João Hugo avista a ilha Esboço da cidade d'Angra por João Hugo. Molestias da Terceira. Vehemencia dos ventos Villa da Terceira. Commercio dos insulares. Ilha de Sao-Miguel fertil em pastel. Ilha de Santa Maria. Ilha Graciosa. Ilha de S. Jorge Cedro. Ilha do Fayal. E tomada pelos inglezes. Os belgas cultivam a ilha do Fayal. Ilha do Pico Monte altissimo. Muito excellentes pomos de oiro (laranjas). Flores e Corvo.

«As ilhas dos Açores, ou Flandricas, são em numero de sete, a saber: Terceira, S. Miguel, Santa Maria, S. Jorge, Graciosa, Pico e Fayal. As outras duas, Flores e Corvo, não se comprehendem no nome d'Açores, postoque hoje se assignem nove ilhas debaixo d'um só e mesmo governo. Chamam-se Açores, pela multidão d'estas aves, que ali se encontrou quando foram descobertas, e de cuja especie hoje nem uma só apparece. Chamam-se tambem Flandricas dos flamengos, porque foram elles os primeiros habitantes da ilha do Fayal, e ainda hoje ali existem familias de individuos similhantes aos flamengos pelo rosto e pelo cabello, e mesmo no logar em que habitam ha uma torrente que se chama *Ribeira dos flamengos*.

«A cabeça de todas as ilhas é a Terceira, que vulgarmente se chama ilha de Jesus Christo da Terceira. Abraça uma extensão de quinze ou dezeseis leguas, e o seu solo é muito al-

(*) Do num. 52 do vol antecedente.

to e povoado de rochedos, de modo que se julga invencivel, cingida de toda a parte d'uma como muralha natural, que é supprida por fortes baluartes nos logares onde falta. Não tem porto ou enseada conveniente para resguardar os navios. Comtudo diante da cidade d'Angra o mar entrando pela terra em forma de meia lua ou de abra aberta, forma uma especie de porto. D'aqui vem o nome á cidade, da abra aberta, ou em meia lua, que os portuguezes designam pelo vocabulo *Angra*. D'uma parte, para onde se estende como um cotovelo tem dois montes chamados *Brazil*, que saem ao mar, com tal configuração, que vistos de longe parecem separados da ilha. São por tal forma altos, que em dia sereno se podem avistar de quinze leguas de distancia. Aqui estão duas columnas de pedra das quaes o vigia dá signal á ilha dos navios que chegam. Os que vem da parte occidental ou austral, a saber d'uma ou outra India, do Brazil, de Guiné, de Cabo Verde e outros logares, são assignalados por bandeiras que se içam na columna occidental, e se são mais do que cinco, indicam-se por maior bandeira, e ao som de trombeta. Pela bandeira içada do mesmo modo na columna oriental se conhecem os navios que vem de Portugal, e outros logares orientaes ou septentrionaes, visto que estas columnas pela sua altura se avistam de toda a cidade, de maneira que não ha novidade alguma no mar, que logo se não saiba por toda a ilha. Tambem por todos os montes que avistam o mar, estão collocadas eguaes vigias, que dão signal ao governador e generaes da ilha, para que não soffram algum prejuiso. Ao pé do mencionado monte Brazil está situada uma fortaleza em frente d'um outro castello, para defensão da supradita enseada, e para que navio algum saia ou entre sem licença dos castellos.

«A cidade d'Angra, metropolitana das ilhas, e tambem cabeça das outras dos Açores, brilha muito pela honra de cathedral, pela autoridade do governador e tribunaes judiciaes. D'esta cidade para o nordeste, distante tres leguas, está a chamada Villa-da Praia, por ser a sua posição á borda do mar. É pouco frequentada do commercio porque não tem porto, e não é procurada dos navios senão em occasião de mau tempo, para ahi depositarem os seus generos, que são depois levados a Angra. É cercada de muros, soffrivelmente construidos, menos populosa, e habitada por lavradores. O campo visinho é fertil de cereaes. Alem d'isto o resto da ilha, que é muito aprasivel, tem muito trigo e vinho. Não podem comtudo exportar este ultimo, por ser inferior, e de pouca força, e por isso é bebido pelo povo, visto que as pessoas ricas usam vinhos da Madeira e Canaria. Ha grande abundancia de peixe, carne, animaes, e outras coisas necessarias, que abundam para o consumo da ilha. Sómente azeite, é que fazem uso do que vem de Lisboa. Da mesma sorte carece de sal, panellas, pratos, vasos de barro e outros utensilios similhantes. Produz fructos; ha abundancia extraordinaria e quasi milagrosa de pecegos de varias especies. As cerejas, ameixas, nozes, e castanhas em pequena quantidade, porém as maçãs, peras, laranjas, limões, etc. abundam. Dá em certo e determinado tempo do anno todas as hervas e plantas, como couve, rabano, etc. Cresce aqui debaixo da terra um fructo principal e singular, similhante ao rabano e outras raizes. As ramas são de forma da planta de vinha, porém de folhas differentes, e acamadas pelo chão. Os fructos a que chamam *batatas* são do peso de libra, mas, de pouco valor ali, servem de excellente alimento ao povo. Tem mais merecimento em Lisboa, porque na Terceira a abundancia lh'o diminue. Vê-se aqui um outro fructo *(junça)* semeado á maneira de trigo, que cresce da raiz ou das folhas d'uma herva similhante á gramma, de forma quasi espherica, como ervilha. Tem gosto muito agradavel parecido ao da castanha, e é de mais dura casca. N'outras regiões tem grande valor: aqui pela abundancia deita-se aos porcos. Acha-se n'esta ilha, a cada passo, uma planta d'altura d'homem, que não dá fructo, mas sómente uma raiz molle e loira, como fios de oiro, tão branda como seda: serve aos naturaes da ilha para encher colchões, em logar de pennas ou de lã. Algum curioso (assim o julgo) poderia facilmente fabricar d'esta materia algum tecido. O principal genero de commercio que aqui vem buscar os inglezes, escocezes e francezes é o pastel, que usam nas tintas, que trocam por pannos e outras mercadorias. Mas o commercio foi ha pouco interdito aos inglezes. A ilha não tem muitas aves silvestres. As que chamam *canarios* voam por toda a parte em grande numero, por isso muitos passarinheiros se occupam n'esta distracção. Tambem tem muitas codornizes e aves domesticas, gallinhas africanas, etc. Ninguem aqui se dá á caça, porque a terra sómente alimenta alguns coelhos. De peixe ha no tempo de verão grande abundancia. D'inverno o mar não é muito commodo para pescar. Nos mezes de Janeiro, Fevereiro, Março, Abril, e mesmo em Setembro, ha horriveis tempestades. A mesma terra montuosa, em muitos logares deserta, cheia d'arvores e mattos, não offerece commodos caminhos. De toda a parte saem rochas agudas como bicos de diamantes, que podem cortar os pés dos viajantes. Estas rochas estão plantadas de vinhas, que no tempo de verão as cobrem com densas folhas. É admiravel ver como se fixam as raizes entre as pedras, até á maior altura. Nos campos e planicies não cresce a vinha, mas folga entre as pedras onde dá mui grande lucro. A terra plana, que ha em muitos logares, principalmente junto á Villa da Praia, é mui abundante em trigo e pastel. Por isso os ilheos não carecem d'importar trigo do estrangeiro, senão em annos de grande esterilidade, posto-

que, além dos habitantes, quatorze companhias de hespanhoes, se alimentam d'elle a titulo de defender a terra. O que porém é admiravel é que os trigos e outros fructos da ilha não duram além do anno em perfeito estado. Os que restam corrompidos no fim do anno não tem valor algum. Para que, pois, preservem o trigo, guardam-no os habitantes debaixo da terra por espaço de quatro ou cinco mezes. Para este effeito cada cidadão abre, n'um certo largo ou praça um poço redondo, tirada a terra com pequeno trabalho, deixando-lhe uma abertura por onde á vontade pode descer um homem, e com uma tapadoira onde se inscreve o nome do dono. D'esta forma cada um guarda na sua cova o trigo que tem, depois da ceifa em Julho, e coberto com terra e com a tapadoira o conserva até o tempo do Natal. Então todos os habitantes o tiram inteiro e são, por partes, só aquelle de que querem usar, deixando o resto no mencionado poço. Passado o tempo em que se gastou o outro, este que desenterraram dura por todo o resto do anno em cestos ou cabazes de canna, sem nenhuma necessidade de lhe tocarem. Tiram tambem os insulares grande lucro dos bois, que pelo tamanho dos cornos, pela sua belleza e qualidade excedem muito os bois da Europa. Todos tem um nome proprio, e chamados por elle pelo dono quando passam em rebanho, aproximam-se.

Continua.

José de Torres.

ESTUDOS SOBRE A HISTORIA SAGRADA.

Continuação.

CIDADES E CASAS.

As cidades que os hebreus tiraram aos cananeus foram as suas primeiras habitações fixas. Eram bem edificadas e fortificadas. As que se reputavam mais importantes estavam situadas em alturas. Cingiam-as com dupla, e ás vezes triplice muralha. Guarneciam-as de seteiras, e torres de espaço em espaço, circundadas de fossos profundos, que lhes defendiam o accesso.

As ruas não eram calçadas; porém havia um cuidado immenso em as conservar aceiadas.

Tinham uma immensidade de edificios publicos e templos. N'estas cidades, os unicos logares notaveis eram a porta, e o mercado. A primeira por ser o sitio onde se administrava justiça; e era este o motivo porque sobranceiro á porta havia um edificio, ou collocado ao lado. O segundo, que não era distante da primeira, servia para as assembléas do povo, e para a venda dos generos. Eram uns pateos mui grandes, cercados de porticos e galerias cobertas, onde os mercadores armavam as suas barracas, e os estrangeiros passavam a noite, quando não encontravam quem lhes desse hospitalidade; porque as albergarias eram raras n'aquellas epocas, e muitas cidades havia que as não tinham.

A belleza das casas consistia mais no completo da sua configuração e affeiçoamento e travação das pedras do que nos seus ornamentos. Empregavam um cuidado extremo para que as pedras ficassem bem unidas, perfeitamente a prumo. Revestiam internamente as casas mais ricas com madeiras de cedro ou de cypreste. Estas madeiras serviam egualmente para columnas e hombreiras.

Os tectos eram horisontaes, e em vez de telhados calcava-se a terra, da mesma forma que o que se chama hoje taipa, afim da chuva não penetrar. Havia uma lei que obrigava a circundar estes terraços com um parapeito sufficiente a obstar que alguem fortuitamente se precipitasse.

Serviam estes terraços ou plataformas para passeiar; e muitas occasiões havia em que ahi comiam, e dormiam. Tambem nas epocas de alarme ahi se refugiava a gente da casa, e servia de muito para quem bradasse por soccorro, pois mais facilmente assim era ouvida de longe.

N'aquelles tempos não era conhecido o uso das chaminés. Acendia-se um brazeiro no centro da casa, e ao redor d'elle se sentava a familia para se aquecer. Cosinhava-se a comida n'uma especie de fornos.

As janellas eram fechadas com barrotes como uma especie de grades. As portas fechavam-se por dentro com trancas de pau ou de metal, e pesados ferrolhos.

Tanto na frente, como aos lados dos edificios ou casas de habitação havia umas galerias cobertas, nas quaes os criados e os escravos tinham um abrigo e commodo agradavel. Estas galerias communicavam-se entre si, e com o edificio por tal arte que para o serviço domestico não era de receiar a intemperie da estação.

POPULAÇÃO.

A fertilidade da *Terra da Promissão* (que hoje está reduzida a miseraveis aldêas, terras incultas, e ruinas) pode calcular-se pela multidão dos seus habitantes. Quando os hebreus entraram n'este paiz eram mais de seiscentos mil os homens que podiam pegar em armas, a contar dos vinte annos até aos sessenta. Junte-se a este numero as mulheres, as creanças, os velhos, os escravos, os naturaes do paiz que não foram exterminados, e sem falhar o calculo teremos uma população de tres milhões d'almas.

Depois este numero augmentou muito. Passados os dezeseis annos que se seguiram á morte de Josué, n'uma guerra que as onze tribus declararam á de Benjamin, esta, que era a mais pequena de todas, poz em pé de guerra vinte e cinco mil homens. O resto do povo ainda constava de quatrocentos mil. Saul apresentou duzentos mil homens contra os amalecitas, quando os

exterminou. David tinha effectivamente em armas doze corpos de vinte e quatro mil homens cada um, os quaes serviam por mezes, o que fazia o total de duzentos e oitenta e oito mil homens. No recenseamento a que procedeu no fim do seu reinado, encontrou-se com um milhão e trezentos mil combatentes. Josaphat, um dos seus successores, apesar de não possuir senão o terço do reino de David, teve em armas um milhão cento e sessenta mil homens, sem contar as guarnições das praças.

Os hebreus (e n'este caso todas as nações antigas) dirigiam toda a sua politica a favorecer a população. — «A multidão do povo, disse Salomão, é a gloria do rei, e o pequeno numero de vassallos a vergonha do principe.» Por isto se applicavam á cultura do paiz. Procuravam facilitar os casamentos, e tornar sadias as suas cidades; ter o povo robusto e na abundancia; e finalmente sacar da terra tudo quanto ella podesse produzir.

Este era o motivo porque desde a mais tenra infancia exercitavam os filhos no trabalho, inspiravam-lhes o amor do paiz, a reciproca união, e a subjeição ás leis.

Não tinham só no paiz trigo e cevada, vinho, azeite, e mel; tambem cultivavam toda a casta de fructos, n'uma prodigiosa quantidade. Todo o terreno era aproveitado, e por isso poucos bosques possuiam. Parques e jardins era raro vêl-os. Nos campos nutriam numerosos rebanhos, que no leite e na carne lhes forneciam metade das subsistencias. Viviam, como se pode colligir, uma vida simples e frugal.

CASAMENTOS.

Havia liberdade nas allianças entre todos os israelitas. Por isso se podia tomar mulher n'uma das suas differentes tribus, excepto quando as raparigas eram as herdeiras, por falta de varões. N'este caso não queria a lei que os bens d'uma tribu se confundissem com os da outra. Até mesmo se admittiam casamentos com as estrangeiras, no caso de ellas se converterem ao verdadeiro Deus. Exceptuava-se unicamente um povo — o de Canaan.

Os casamentos não eram acompanhados de nenhuma ceremonia religiosa. Não se offereciam sacrificios n'esta occasião; não se ia ao templo; não se chamavam para elles os sacerdotes. Tudo se passava entre os parentes e os amigos. Era rigorosamente um contracto civil.

Os esposos, magnificamente paramentados, e com corôas que eram o symbolo da alegria, recebiam a benção do chefe da familia, que orava sobre elles acompanhado de todos os assistentes, e lhes desejava numerosa posteridade. Eram conduzidos depois ao som de instrumentos musicos, levando o cortejo palmas e ramos de murta. Os esposos tinham comsigo um certo numero de homens, aos quaes se chamava os amigos do esposo; e o mesmo acontecia com a mulher que era acompanhada de egual numero de raparigas, e se denominavam as companheiras da esposa. As nupcias duravam sete dias, sempre em continuados festejos.

Como as mulheres eram muito laboriosas, o casamento entre os hebreus servia mais de allivio que de peso. Longe de receiarem ter filhos, desejavam-os; e até olhavam como uma honra o seu grande numero. Eram felizes aquelles que se viam á frente de uma numerosa posteridade. A vida frugal que passavam cooperava muito para sustentarem uma grande familia.

Quando os filhos eram pequenos pouco lhes custava nutril-os, e menos ainda vestil-os, porque nos paizes quentes quasi sempre andam nús: quando já crescidos ajudavam os paes no trabalho, poupando-lhes assim escravos, ou criados a soldada. As ambições do chefe da familia eram deixar aos seus descendentes a herança recebida de seus paes, melhor cultivada, e mais augmentada em rebanhos.

Este desejo de ter muitos filhos induzia os israelitas a terem ao mesmo tempo muitas mulheres, o que era simultaneamente uma honra, e signal de grandeza. Além das mulheres eram tambem permittidas as concubinas, que ordinariamente se tomavam na classe das escravas. As esposas de primeira classe a unica dignidade que tinham sobre as ultimas era fazerem herdeiros os seus filhos. Por este motivo a concubinagem não era uma devassidão, como hoje; era um casamento menos solemne.

A virgindade era então uma virtude pouco conhecida, e reputavam-se infelizes ou desgraçadas as mulheres que morriam sem ter tido esposo. A mulher casada era opprobrio a esterilidade, que se julgava uma maldição de Deus.

Este amor da posteridade era o fundamento da lei que determinava ao irmão que desposasse a viuva de seu irmão, quando elle morria sem filhos. Deshonrava-se faltando a este dever de piedade, cujo fim era obstar a que o nome do defunto caisse em esquecimento. Assim os filhos eram-lhe attribuidos por uma especie de adopção.

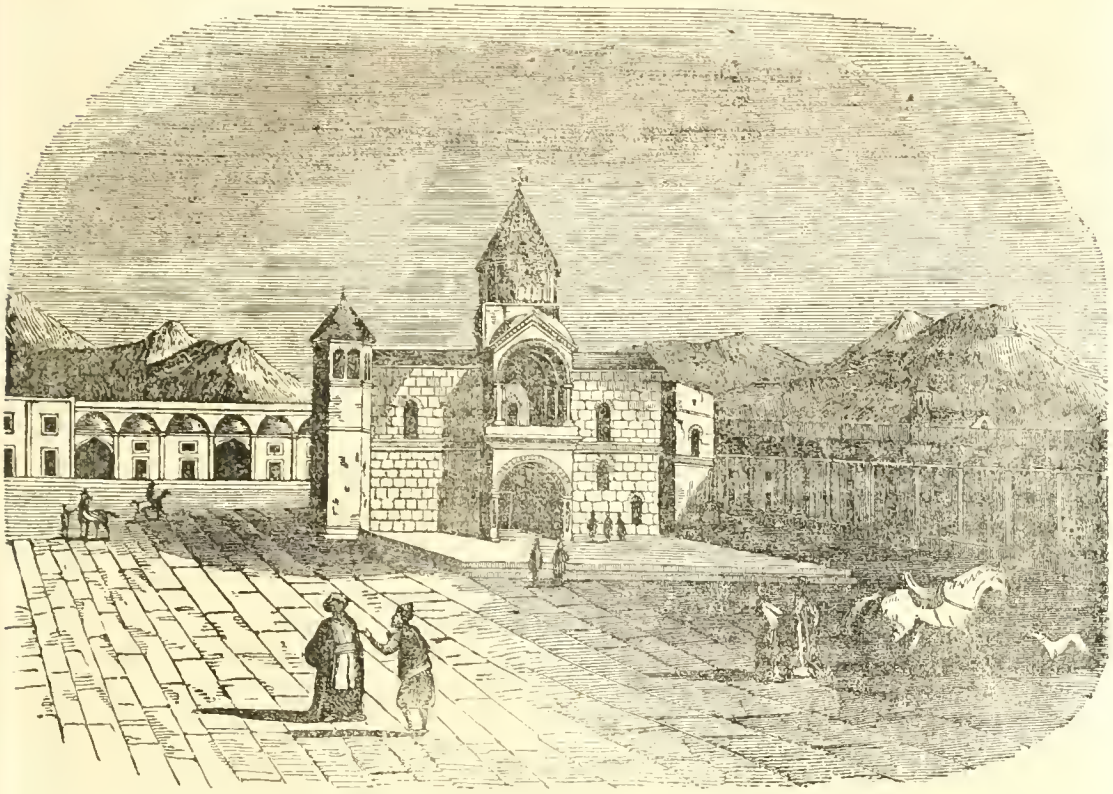
Nos hebreus, assim como se permittia a pluralidade de mulheres se consentia o divorcio. Unicamente os homens podiam repudiar as mulheres, porém com certas formalidades, sendo uma das principaes dar-lhes um documento escripto, e authenticado por um escriba ou official publico autorisado pelo governo. A esposa repudiada podia casar-se com outro homem, porém nunca mais se podia ajuntar com aquelle que a demittira de si.

Continua.

A.

Se as apparencias dos homens nos levam a amal-os; o vero conhecimento d'elles conduz-nos a odial-os. —

A ignorancia torna-se fatua e orgulhosa, quando é condecorada com os graus academicos.



MOSTEIRO DE EKMIAZIN.

A Armenia foi das primeiras regiões convertidas ao christianismo; porém, no IV seculo da nossa era, quando os erros de Eutychio, que geralmente havia adoptado, deram motivo a reunir-se um concilio em Chalcedonia, os armenios, então empenhados em guerra contra os persas seus visinhos, descuidaram-se de enviar representantes áquella assembléa, como tinham feito os demais estados christãos. O concilio foi unanime na condemnação das doutrinas commettidas ao seu exame; só os armenios, que não tomaram parte na condemnação, recusaram adherir, do que proveiu um scisma que ainda dura, postoque recentemente haja esperanças de que se desvaneça voltando os armenios á obediencia e praxes da Egreja catholica romana. Os membros principaes da communhão armenia, que vivem nos estados do sultão estão collocados sob a jurisdicção do patriarcha de Constantinopola; e os que habitam na Russia, na Persia e outras regiões da Asia reconhecem a supremacia do patriarcha de Ekmiazin, o qual tem vinte bispos suffraganeos, que pela maior parte são eleitos d'entre as ordens religiosas. Estes prelados prégam assentados e trazem baculo pastoral, o patriarcha os investe em a dignidade assim como elle recebe do principe soberano a investidura. Os padres seculares podem casar-se; só lhes e vedado celebrar missa nos sete primeiros dias do matrimonio; os monges são celibatarios.

A religião armenia quasi que se funda em praticas exteriores e habituaes. As creanças ainda em tenra edade não só são ensinadas a persignar-se e invocar a Christo, mas tambem a jejuar, comendo uma só vez ao dia, á hora do pôr do sol, com abstinencia de carne, peixe, ovos, lacticinios e vinho. O culto é o mesmo que ha doze seculos; reza-se e canta-se o officio divino na lingua do paiz; a communhão eucharistica é geral para o padre e para o povo sem exceptuar as creanças; todos comem do pão consagrado, e todos bebem do mesmo calice; a consagração é feita com vinho puro e o pão de uso quotidiano. Os padres sustentam que em Jesus Christo ha só uma natureza, e não as duas divina e humana, e que o Espirito Santo não procede do Pae e do Filho, mas do Pae pelo Filho. Já se vê que os armenios são oppostos aos catholicos romanos. Na Turquia exercitam livremente o seu culto; são de costumes austeros e teem grande cuidado em retirar suas mulheres da sociedade dos homens: passam por habeis negociantes, avarentos, sobrios, modestos, porém dissimulados e desconfiados.

O edificio principal d'este culto e residencia de um patriarcha é o mosteiro situado a cinco milhas de Erivan nas faldas do monte Ararat, no cimo do qual se diz que parara a arca de Noé; ahi é o celebre santuario dos armenios ao qual professam grande devoção; chamam-lhe Ekmiazin, isto é, a vinda do unico filho gerado, e dizem que lhe fôra dado tal nome, porque n'esse logar appareceu Christo a S. Gregorio, o illuminador, primeiro patriarcha, que fundou a egreja principal sobre as ruinas de um templo de Venus ahi pelos annos de 276, reinando Tiridates, soberano da Armenia. Os mahometanos lhe chamam *Utch Klissa*, as tres egrejas, porque além da do convento ha mais duas proximas. Estavam antigamente no centro d'uma grande cidade, capital da Armenia, de que só existem fragmentos dispersos, e junto a um enorme monte de entulhos uma mesquinha aldêa; comtudo tem subsistido o mosteiro com suas dependencias convenientemente reparado; o seu exterior similha uma fortaleza da edade media: entra-se primeiro n'um bazar, depois n'um grande pateo, de quatrocentos passos de comprido, no meio do qual está a egreja, que dizem dever a S. Gregorio, apostolo dos armenios, a sua fundação primitiva.

M.

MEMORIAS HISTORICAS.

Conclusão.

«Quem descreverá o alto solo da ilha, frequentemente cavado nos montes, onde o ecco responde, quando se caminha, como saindo de profundas e subterraneas cavernas? Abalam-no frequentes terremotos. Ha fogos e respiradoiros de chammas. Ainda hoje na Terceira, e na ilha de San-Miguel se encontram logares d'onde saem a miudo espessos vapores, queimando em toda a parte o solo. Da mesma sorte ha fontes onde cozerieis um ovo, como com auxilio do fogo. Na ilha Terceira, tres leguas distante d'Angra, ha uma fonte que tem propriedade de petrificar toda a madeira que se lhe deita, como eu mesmo conheci pela experiencia: d'uma arvore, as raizes que estavam do lado onde lhes chegava a agua, estavam empedernidas, emquanto do outro lado estavam da mesma forma que as das outras arvores. A ilha Terceira produz diversas e mui excellentes madeiras, principalmente o cedro, em tamanha quantidade que o empregam vilmente em construcção de navios, carros, e até o queimam. Ha tambem ali uma outra qualidade de pau a que chamam *sanguinho*, de bonita côr de sangue; assim como outras madeiras brancas e aloiradas, de côres fixas e magnificas, de que os marceneiros aqui fabricam armarios, escrevaninhas, caixas, estojos, etc. que mandam para Portugal, e que são particularmente procurados pelos navios da India hespanhola, que sempre aqui refrescam. Em Portugal e Hespanha são estes trastes de summa elegancia, e muito procurados, porque excedem muito ás caixas e outros moveis fabricados pelos nurembergnezes. Na verdade teem muito mais valor pela naturalidade e variedade da côr da madeira. Além das supramencionadas qualidades de madeira, ainda se tiram muitas outras da armada da India hespanhola, que são de côres variadas e de tão magnifico e agradavel aspecto, que nem que fossem pintadas.

«A ilha do Pico, que dista doze leguas da Terceira, produz certa qualidade de madeira chamada *teixo*, que é na verdade regia e admiravel. Por isso por alvará se prohibe que qualquer lhe toque, visto que sómente empregados do rei estão encarregados de a cortar. É de extrema dureza, de côr interiormente vermelha, ondulada de escarlate, de summa belleza, que se augmenta pelo decurso do tempo.

«Os portuguezes possuem todas estas ilhas; comtudo depois dos ultimos acontecimentos de Portugal, a Terceira recebeu uma guarnição hespanhola, com um governador da mesma nação. Aquella guarnição habita nas fortalezas e castellos, e nenhum dos portuguezes é maltratado, visto que nenhum soldado sae da cidade para os campos sem licença; por isso ha segurança continua nas estradas de toda a ilha. O estrangeiro não pode andar a pé nem a cavallo á roda da ilha: assim o mandam as ordens portuguezas. Antigamente assignava-se na cidade um bairro em que o mercador vendia os seus generos, e d'elle não podia afastar-se. Hoje deixa-se transitar mais livremente por toda a cidade e pelos campos, sendo comtudo prohibida a exploração do paiz. Esta nos foi concedida por especial benevolencia do governador, e sendo-nos por elle offerecidos cavallos, duas vezes percorremos a ilha em roda. Como pareciamos andar em serviço do rei, reputavam-nos naturaes do paiz, e por isso caminhavamos sem a menor difficuldade. O governador pedia-me com instancia que lhe desenhasse toda a ilha, pois queria mandar a planta ao rei de Hespanha, porém eu escusava-me com o trabalho e enfado que isso causava. Comtudo delineei a cidade d'Angra, com a situação do castello e fortalezas, da qual foi mandada ao rei uma copia, e m'insinuei por este modo no animo do governador. Estavam comnosco na mesma hospedaria dois mercadores, um francez, outro escocez, que ardiam em desejo d'observar a ilha: porém os portuguezes não o consentiram, para não abrirem exemplo, temendo que a cada passo appareça um explorador. Voltemos á descripção da ilha.

«O ar aqui é bom por toda a parte. As doenças da terra são poucas. É enfermidade commum dos portuguezes o *ar (ar mau)*, que torna o homem fraco ou paralytico de todo o corpo ou de algum membro. O subito derramamento do sangue faz nascer nos portuguezes tumores sanguineos no rosto, á roda dos olhos, ou n'outras par-

tes do corpo. Eis aqui as duas molestias principaes, originadas pelas tempestades, pela humidade dos logares, e pela vehemencia do vento. Tamanha é a força d'este ultimo, que consome inteiramente o ferro, e as pedras dos edificios. Eu mesmo vi, no thesouro regio (alfandega) construido apenas ha seis annos, as grades de ferro que foram da grossura d'um braço, reduzidas a delgadeza de palhas, e as mesmas pedras gastas e quasi reduzidas a nada. Por isso quasi sempre collocam nos frontispicios das casas as pedras que arrancam debaixo d'agua junto á praia, porque estas resistem mais tempo á acção dos ventos. Além das supraditas cidades tem a ilha muitas villas e aldêas, a saber: — S. Sebastião, Santa Barbara, Altares, Agualva, Villa-nova, e outros logares, de maneira que por toda a parte é povoada, excepto nos bosques que são tão cerrados que n'elles se não pode transitar. Os insulares cultivam o pastel com lucro especial: porque uns são agricultores e entregam-se á preparação e cultura d'elle, outros tiram lucro das armadas da India, do Brazil, de Cabo-verde, Guiné, e outras regiões. A Terceira pela sua commoda e celebrada posição recebe quasi todos os navios, de que colhe grande proveito. Ahi separam os insulares os alimentos e mercadorias que teem, e as pequenas coisas que fabricam, e vendem-nas aos viajantes. N'este tempo em que frequentam esta ilha os visinhos insulares, por causa do commercio, os inglezes infestam o mar em navios de corso, afim de roubar os navios que vem ancorar n'esta ilha. Por isso agora muitas naus evitam chegar a' estas ilhas, com medo das ciladas, o que causa grande prejuizo aos insulares, e grave transtorno aos navios.

«Da Terceira para sueste, distante vinte e sete, ou vinte e oito leguas, está a ilha de San-Miguel, tendo de extensão quasi vinte leguas, povoada de aldêas e outras povoações. É habitada por portuguezes, e gosa do mesmo ar, e outras commodidades como a Terceira. A sua principal cidade chama-se Ponta-delgada, que os inglezes, escocezes, e fraucezes frequentam mais do que a Terceira, por causa da extrema quantidade de pastel que ali ha, e de que importam todos os annos para cima de duzentos mil quintaes. É tambem tão fertil em trigo, que muitas vezes suppre as faltas das outras ilhas. Não tem porto algum, e o mar rebenta por toda a parte, o que torna a permanencia menos segura do que junto á Terceira. Tambem ahi não ha fortaleza alguma que impeça a saida, e por isso quando accommette alguma tempestade os navios saem livremente para o mar afim de evitar o perigo, o que não podem fazer na Terceira. Por esta razão as naus d'estrangeiros entram livremente em San-Miguel. Tambem a bandeira hespanhola serve na fortaleza para defender a cidade de Ponta-delgada.

«Da ilha de San-Miguel para o sul doze leguas está situada a ilha de Santa Maria, que tem de circumferencia dez, ou doze leguas, sem outro commercio que a torne celebre, além do de vasos e utensilios de barro. Não tem pastel, porém abunda em tudo quanto é necessario para alimento. É habitada por portuguezes, e não é guardada por guarnição hespanhola, porque sendo cingida d'extraordinarios rochedos, pode muito bem ser defendida pelos insulares. No tempo em que eu morava na Terceira, o inglez conde de Cumberland quizera ali entrar para fazer aguada e refazer-se de viveres, porém afastou-se com grande mortandade da sua gente, depois de ter recebido muito damno dos insulares.

«Da Terceira para nornoroeste sete ou oito leguas está a ilha chamada Graciosa, tendo apenas d'extensão cinco ou seis leguas. Sobre modo amena e agradavel, dá varios fructos de que ainda abastece a mesma ilha Terceira. É habitada por portuguezes, e nenhuns soldados tem para a guardar, porque pela pequenez não pode satisfazer ás despezas da guarnição.

«Da Terceira para noroeste oito ou nove leguas avista-se a ilha de San-Jorge, tendo mais de doze leguas de comprimento, porém só duas ou tres de largura. É povoada de montes e bosques e tem algum pastel. Os insulares cultivam os campos, e os fructos, que logo depois transportam para a Terceira. Produz a arvore *cedro* com abundancia. Esta madeira é muito procurada pelos marceneiros da Terceira, que pela qualidade do logar ahi passam.

«Da terra de San-Jorge para oes-sudoeste está situada a ilha do Fayal, que tem de circuito dezesete, ou dezoito leguas, muito celebre, em terceiro logar, depois da Terceira e San-Miguel, porque dá com abundancia tudo quanto é necessario para sustentação. Abunda em gados e peixes, de que ainda abastece a ilha Terceira. Tambem tem pastel e por isso é frequentada dos inglezes. O principal porto d'esta ilha é junto á villa da Horta, onde fundeiam navios d'alto bordo. Junto á cidade ha uma fortaleza de pequena importancia. E porque os insulares se queixavam da grandeza das despezas, e incommodo da guarnição, offerecendo-se para a fazerem elles mesmos, o rei mandou retirar os soldados. Como porém o conde de Cumberland, depois de fraca defesa, e tendo-se manifestado dissensão entre os insulares, tomou a ilha, destruiu o castello, e lançou os canhões ao mar, levando algumas caravelas; reprehendidos e castigados pelo rei os principaes da ilha, tornaram a receber da Terceira uma nova guarnição militar. Habitam aqui muitos belgas, porem por longo habito fallando já a lingua portugueza, porque os naturaes da Belgica morreram já. Amam muito os do nosso paiz, e voluntariamente os attendem.

«Do Fayal tres leguas para sueste, da ilha de San-Jorge quatro leguas para o sudoeste, e da Terceira para oes-sudoeste doze, está a ilha do Pico, que tem quinze leguas de extensão. Tira

o nome do monte, *pico*, que dizem exceder em altura o pico das Canarias. Da ilha Terceira quando está o tempo claro, pode avistar-se facilmente; e parece estar distante apenas uma legua, quando se calcula que distará quasi vinte e cinco leguas, porque está na ultima extremidade da ilha do Fayal. O cume estende-se além das nuvens, de modo que o monte parece estar coberto por ellas e pelo horisonte. A ilha tem por elle grande fama. É fructifera e dá madeira em abundancia, como cedro e a outra, preciosa, que chamam *teixo*. Aqui tambem se fabricam navios, pela abundancia de madeira. Tem muitos gados, abundantes vinhos, e excellentes fructos, e, entre estes, laranjas d'exquisito gosto, que são muito procuradas pelos moradores da Terceira e de Portugal.

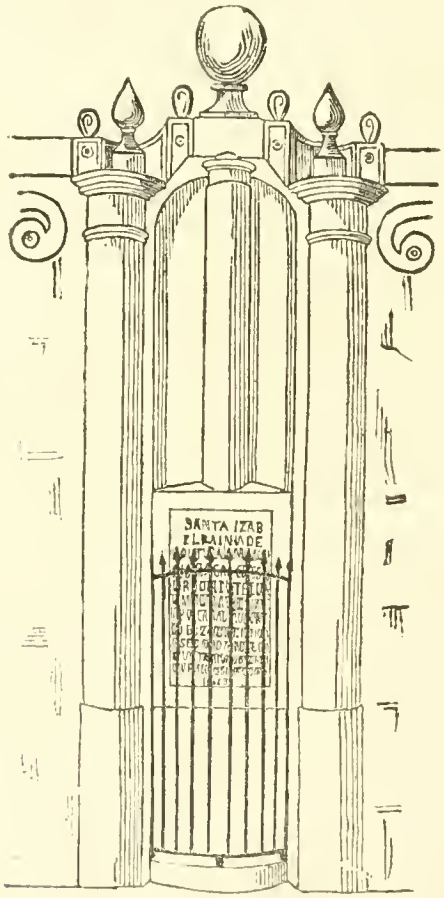
«Da Terceira para o occidente até á ilha das Flores contam-se setenta leguas. Esta, que abrange o espaço de sete leguas, nada produz proprio para commercio, além do pastel. Nutre abundantemente gados, e abre-se a todos os que ali aportam, bem como aos inglezes, que os habitantes da ilha não podem conter.

«Distante d'esta, coisa d'uma legua, está uma pequena ilha, que terá de circumferencia duas ou tres leguas, chamada do Corvo, tambem habitada pelos portuguezes. Entre estas duas ilhas, ou perto d'ellas cruzam quasi sempre navios inglezes, esperando as armadas da India occidental; porque de todas as ilhas dos Açores são estas as primeiras que avistam. Por esta razão os seus habitantes vivem pouco felizes, expostos a presas, e muitas vezes privados de seus bens.

«A ilha Terceira está situada em 39 graus, na mesma altura que Lisboa, d'onde dista para o occidente duzentas e cincoenta leguas hespanholas.

«Basta a respeito das ilhas dos Açores, que aliás são bem conhecidas dos do nosso paiz (*os hollandezes*).»

José de Torres.



SANTA IZAB
EL RAINHA DE
PORTVGAL MANDOV
COLLOCAR ESTE PA
DRAM NESTE LVGAR
EMMEMORA DAPAS
CEFICACAO QVE NEL
LE FEZ ENRESHMA
RIDO EIREI DDNIS
ESEVE° DAFONSO
4° ESTANDO P^SEDA
REMBT^NA ERADE

1323

PADRÃO NO ARCO DO CEGO.

Quando el-rei D. Affonso IV, ainda infante, se tomou de ciumes com el-rei D. Diniz seu pae, por suspeitas de que estimava mais aos filhos naturaes D. Affonso Sanches e João Affonso, do que a elle que tinha um dia de lhe succeder na corôa, e a quem estes não serviam nem acatavam como o infante desejava, levantou armas pelo reino, chamando á sua parcialidade quasi

todos os nobres e senhores. D'aquella predilecção d'el-rei pelos referidos dois filhos bastardos tinha o infante provas em ver desterrado ao mais velho dos naturaes, o conde D. Pedro, que por seguir partes de D. Affonso, foi a requerimento de João Affonso expatriado para Castella, tomando-se-lhe cá no reino todas as suas terras e fazenda. Alguns historiadores accrescentam que ás referidas razões accrescia ser tambem o infante de grande e desordenada cubiça, desejando cobrar para si as riquezas e thesouros d'el-rei seu pae, bem como que este demittisse n'elle a justiça e governança do reino.

Principiou o rompimento indo a Castella o infante D. Affonso, sob pretexto de ver sua sogra a rainha D. Maria, e para isso levou comsigo sua esposa D. Beatriz e filhos, o que tudo foi contra vontade d'el-rei, que d'esta jornada logo suspeitou turvação ao reino. Em Cidade Rodrigo combinou D. Affonso com sua sogra como proceder n'aquella conjuntura, e regressado que foi o infante a Portugal, logo veiu á côrte um Pero Rendel, ouvidor das justiças em casa do rei de Castella, com recado da rainha, no qual com grande instancia requeria e pedia a D. Diniz entregasse ao sobredito infante o regimento das justiças; ao que el-rei, como justo era, se escusou. Com esta resposta se aggravou o infante, e principiou a andar sempre afastado d'el-rei, e a tentar meios de matar a Affonso Sanches, ou pelo menos desterral-o, como causa primaria que suspeitava ser de seu pae não delegar n'elle o regimento das justiças. Para isto tramou que Affonso Sanches o pretendia assassinar, peitando homens para esse fim, e forjando treslados d'esta intriga — que primeiro teve cuidado de fazer publicos em Coimbra, onde se achava, para commover o povo — os enviou depois a el-rei, pedindo desaggravo de seu irmão bastardo. El-rei não quiz crer n'estas invenções, e mandou pedir ao infante os documentos originaes, para em vista d'elles proceder com o devido castigo como cumpria; ao que o infante tambem não quiz obedecer, e el-rei veiu a descobrir a falsidade.

D'estas desavenças seguiram-se serem tambem desavindos os homens d'el-rei e do infante, com estrago de fazenda de ambas as parcialidades, e mortes traiçoeiras de alguns. N'estas contendas interveiu o papa para que o infante se tornasse obediente ao pae, ao que elle foi constantemente recusando-se, até que por fim saiu de Coimbra com muita gente armada, caminho de Leiria, com fama de vir a Lisboa em romaria ao mosteiro de S. Vicente, porém na verdade com a tenção de tomar e ter Lisboa contra seu pae. El-rei que o soube mandou-lhe recado a Santarem para que despedisse aquella gente, pois não dava assim o infante mostras de romaria, antes de maus intentos. D. Affonso despresou os conselhos do pae, e continuou sua marcha sobre Lisboa, e ao seu encontro saiu el-rei, levando em companhia a rainha D. Isabel sua mulher. Achava-se o infante a oito leguas de Lisboa, quando soube da saida de seu pae, e inclinou para Cintra, onde D. Diniz o foi buscar; mas o infante não quiz combater, e abalando-se mais proximo á cidade de Lisboa, seguido foi por el-rei que em Benfica soube achar-se o infante a uma legua d'ali apparelhado a combate. Comtudo o encontro das duas hostes não teve logar pela intercessão da rainha Santa Isabel, e foi em memoria d'estas tregoas entre pae e filho que se levantou o Padrão que hoje se vê ao Arco do Cego, estrada do Campo Pequeno para o Lumiar, encravado na parede de uma quinta que até 1833 foi dos padres Nerys. A nossa estampa representa este padrão com a sua lapida, reformado ha poucos annos.

E por concluir com esta noticia, diremos que depois se fez concordia entre o infante e el-rei, na villa de Pombal, e estas pazes se firmaram com solemne juramento no altar da capella de S. Simão em Leiria.

ESTUDOS SOBRE A HISTORIA SAGRADA.

Continuação.

EDUCAÇÃO.

Consideravam os israelitas a educação dos filhos como o primeiro e mais doce dos deveres impostos ao homem.

Começava ella d'algum modo logo depois do nascimento, porque as mães não se dispensavam como hoje de nutrir aos proprios peitos o fructo das suas entranhas.

Apenas a creança podia caminhar, e soltava algumas palavras, o trabalho e os exercicios iam formando a sua educação physica, da mesma sorte que a musica e as lettras lhe formavam o espirito. Uma e outra educação iam seguindo proporcionalmente os annos.

O pae acostumava o filho a correr, a levantar pesos, a disparar o arco, a servir-se da funda, e a combater contra os animaes ferozes. Estes exercicios eram ás vezes acompanhados de exercicios militares.

Ensinava-lhe tambem tudo quanto respeita á agricultura, esclarecendo as lições com uma continuada pratica; de sorte que um mancebo, saindo da casa paterna, sabia todas as coisas necessarias á vida, conhecia perfeitamente as differentes qualidades de terra, as plantas proprias a cada uma, o seu tratamento especial; modo de cultivar e recolher os fructos, a natureza de cada animal domestico, o sustento mais apropriado a cada um d'elles, as molestias de que o gado adoecia, e o modo de as curar.

As mães ensinavam ás filhas todo o arranjo de uma casa: como se cosinhava; a fiar; a trabalhar de agulha; a cortar etc.

Havia maximas especiaes á educação de cada um dos sexos, que pela sua extensão não podemos mencionar aqui, mas que tem um cu-

nho de profunda philosophia, e que os sabios modernos ainda não souberam egualar.

Além d'estas instrucções eram os paes e as mães obrigados a ensinar aos filhos as maravilhas que Deus operara tanto em seu tempo, como no dos seus antepassados. Ordenava-lhes a lei que explicassem a origem das festas que celebravam, e as ceremonias praticadas n'ellas.

Os israelitas não tinham escolas publicas, porque a sua vida laboriosa não lhes permittia que deixassem sair os filhos da casa paterna para ouvirem as lições de mestres particulares. A maior parte dos estudos fazia-se sem leitura, nem lições regulares: era por via das palestras dos paes e dos anciãos.

Tinham, porém, um grande numero de livros. Desde o tempo de Moysés falla-se n'um livro das guerras do Senhor; e n'outra parte se menciona o livro dos justos. Nos livros dos reis citam-se muitas vezes as chronicas dos reis de Judá e d'Israel. Salomão escreveu tres mil parabolas, e mais de mil canticos. Havia tratados sobre todas as plantas e animaes, feitos pelo mesmo principe, e elle proprio se lastima do furor que tinha de escrever e compor.

Todas estas obras, e muitas outras que se perderam, serviam de certo aos entretenimentos dos hebreus, e os paes n'ellas colhiam grandes lições para seus filhos; porém o livro principal que lhes entregavam era a Biblia, a qual só bastava para instruir perfeitamente.

E effectivamente este livro suppria-lhes todos os mais, porque encerrava o que elles deviam saber. Tinham ahi a historia do mundo até ao seu estabelecimento na *Terra da Promissão*, os progressos da sua nação, as diversas revoluções que a agitaram, os beneficios que receberam de Deus, as penas com que as suas infidelidades foram punidas. Ali se achava toda a sua religião, todos os seus dogmas, todas as ceremonias do seu culto, todos os preceitos da moral, todas as suas leis civis. Finalmente encontravam n'aquelle livro todas as nações que lhe eram conhecidas, e especialmente aquellas que mais lhes importava conhecer.

Aquelle isolamento em que os israelitas viviam das nações estrangeiras fazia-lhes inuteis o estudo das suas linguas e dos seus livros. Até mesmo similhante estudo ser-lhes-hia perigoso, porque teriam aprendido as fabulas impias e extravagantes de que se compunha a theologia dos idolatras.

Applicavam-se a pronunciar e ler correctamente a sua lingua natural — a hebraica, que é a mais antiga, a mais simples, e apesar d'isso a mais rica e energica de que nenhuma outra que se tenha fallado sobre a terra.

Eram as suas lettras as que chamamos samaritanas porque este povo as conservou. E como ellas não são correntes, nem faceis de formar, duvida-se, e com razão, que o uso da escripta fosse muito commum entre os hebreus. O certo é porém que a maior parte do povo as sabia ler.

Usavam muito de parabolas, enigmas, alegorias e discurso figurado, encerrando assim as maximas de moral em imagens agradaveis e naturaes, expressas por poucas palavras, afim das creanças facilmente as reterem de memoria.

Parte da educação consistia em aprender os canticos compostos por Moysés, e outros profetas, e os psalmos de David. Estas poesias eram cantadas, e para isso precisavam suas noções de musica.

Nada nos resta hoje da musica dos hebreus, nem da structura dos seus versos. Tinham muitos instrumentos como flautas, trombetas, harpas, pandeiros, etc.

Os canticos eram acompanhados de danças. Por isso os rapazes e as raparigas se exercitavam n'ellas. Muitas vezes as raparigas formavam coros, e saiam ao encontro, ganha uma victoria, dos soldados triumphantes, para os felicitarem pelo bom exito das armas. Dançavam e cantavam, em signal de alegria.

RIQUEZAS.

Todos os israelitas tinham um campo para cultivar. Era o mesmo que os seus antepassados haviam recebido de Josué. O israelita não podia nem mudar de logar, nem arruinar-se, nem enriquecer excessivamente; porque a tudo isto provia a lei do anno *sabbatico*, e a do anno do *jubileu*.

Pela primeira d'estas leis estatuia-se que a terra descansasse todos os sete annos em honra do Senhor. No decurso d'este anno setimo, não podiam nem semear o seu campo, nem empar a vinha, nem limpar as arvores, nem ceifar, nem vindimar, nem colher os fructos e legumes que a terra produzisse. Tudo isto ficava abandonado n'esse anno aos pobres e aos estrangeiros. Durante o sexto anno os proprietarios faziam as suas provisões. Se porventura careciam de novos fructos, podiam sim recolhel-os da producção espontanea das suas terras, porém com moderação, não prejudicando aquelles que pela sua pobreza eram n'esse anno os que tinham direito a estes fructos.

Pela lei do *jubileu* santificava-se do mesmo modo o quinquagesimo anno. Publicava-se então uma liberdade geral, pela qual os hebreus que a miseria obrigara a entregarem-se como escravos a seus irmãos, recobravam todos os privilegios de cidadãos. Cada um entrava no pleno direito do que tinha alienado.

Durante o anno do *jubileu*, assim como tambem em todos os annos *sabbaticos* não se podiam exigir dividas, e até muitas vezes se perdoavam ellas aos pobres. Esta difficuldade de pagamento, e a impossibilidade de fazer acquisições duraveis, tornava os emprestimos mais difficeis, e as vendas menos frequentes; e portanto diminuiam as occasiões de empobrecer, o que era o principal fim da lei. Cada um se li-

mitava á sua herança, e esmerava-se em lhe augmentar o valor, pois sabia que nunca sairia da sua familia.

Quando se queria vender uma propriedade rustica, calculava-se o preço pelo numero de annos que deviam decorrer até ao proximo anno do *jubileu*: quanto maior era o numero de annos, mais valor tinha. Nunca se vendia senão com a condição do resgate. Assim o vendedor podia recuperar a sua propriedade dois, tres, quatro annos depois de a ter alienado, dando ao comprador o dinheiro que recebera por ella. Se não podia resgatal-a esperava pelo anno do *jubileu*.

Quem vendia uma casa dentro do recinto murado de uma cidade, podia resgatal-a dentro de um anno; passado este praso, ficava pertencendo perpetuamente ao comprador, que não era mais obrigado a restituil-a, nem mesmo no anno do *jubileu*. D'esta lei só estavam exceptuadas as casas dos levitas. Se a casa estava em cidade não murada, vendia-se segundo o costume das terras, isto é, sob a condição do resgate, ou pelo menos a de se recuperar no anno do *jubileu*.

Os hebreus não eram propriamente mais do que os usufructuarios das suas terras; eram os rendeiros de Deus unico proprietario verdadeiro. Antes de se elegerem os reis, elles não pagavam mais tributos do que os dizimos e primicias ordenados pelo Senhor: quando a realeza se estabeleceu foram gravados com tributos e impostos arbitrarios.

Todos os israelitas eram quasi egualados em bens, e se a multiplicação da familia obrigava a dividir as terras em mais porções, deviam supprir a falta que d'aqui resultava pela industria e pelo trabalho, nutrindo mais rebanhos nos desertos e nas terras communs.

Era mui escasso entre elles o numerario. E realmente não podia ser de muito uso n'um paiz onde os bens de raiz se não podiam alienar, nem contrahir dividas, e o trafico era tão limitado. A usura era prohibida entre os israelitas e permittida só com os estrangeiros: porém segundo a lei tambem não era facil ter commercio com elles.

Quando qualquer homem morria sem filhos varões, as propriedades passavam ás femeas. Se tambem não tinha filhas então os irmãos herdavam. Faltando o irmão, era o tio paterno. Na falta d'este a successão passava para o parente mais proximo.

Continua. A.

CHRONICAS MONASTICAS.

DA COMPANHIA DE JESUS.

CASA DE S. ROQUE.

III

Continuação.

Para subir ao tecto da egreja e telhado ha duas escadas junto aos cunhaes do cruzeiro, não sendo ellas cocleadas, como geralmente é uso, mas com taboleiros e degraus de dois em dois, e de quatro em quatro, pelos quaes se sobe desabafadamente pela largura, e claridade que teem.

O frontispicio da egreja termina em um triangulo de pedra, que toma toda a sua largura. Ao remate do triangulo seguia-se pela parte inferior um nicho, acompanhado de cada parte por duas columnas tambem de pedra. Dentro do nicho ficava a imagem do Salvador do mundo com um globo na mão, e sobre elle uma cruz.

O triangulo que hoje se vê sobre o segundo corpo da fachada é de construcção moderna. Falta-lhe portanto, não só a varanda, que corria pela parte exterior do corpo da egreja, mas tambem o nicho e as columnas que o acompanhavam de cada lado. Hoje existe n'este logar um oculo imperfeito: porque se não levou a effeito o projecto de um relogio. Quem reparar para o triangulo sobreposto ao segundo corpo, reconhecerá immediatamente que houve um terremoto que alluiu esta elegante frontaria.

Pela parte debaixo ha tres grandes janellas, guarnecidas de marmore branco, todas de vidraças, que ficam sobre o côro, e servem de lhe dar luz, e a toda a egreja.

Além d'estas janellas tem mais duas o frontispicio que são quasi quadradas, e servem tambem para augmentar a luz da egreja, e do côro.

Tem o frontispicio egualmente tres portas, pelas quaes se dá entrada do adro para a egreja.

Ao entrar na egreja logo se admira o tecto de esteira que resguarda o vão por baixo do côro. É de estuque doirado, e as paredes de ambos os lados estão revestidas de azulejo. Na da direita ha uma porta grande com serventia para o claustro. O côro é sustentado por duas columnas inteiriças, e de boa grandeza.

Esta egreja tem de comprimento, não fallando na capella-mór, cento e oitenta e seis palmos, e de largura oitenta e dois, não mettendo em conta o vão occupado pelas quatro capellas, que correm de cada lado do corpo da egreja.

Os arcos d'estas capellas são de marmore branco, sustentados em pilares da mesma pedra, e os seguintes que acompanham os ditos arcos estão ornados de paineis, vendo-se anjos pintados em alguns, e n'outros varios doutores da Egreja.

Um friso de pedra corre por sobre as capellas, e por cima d'este, no meio de cada arco, fica uma tribuna, com seus balaustres. Por estas tribunas, a que correspondem por detraz largas janellas, com vidraças, entra mais claridade e luz na egreja. As tribunas são tantas de cada lado como as capellas. Tambem no cruzeiro, sobre o arco que n'elle fica, de cada parte, correspondente aos das capellas, ha outra tribuna. Com estas são de cada parte cinco.

Entre as tribunas ha paineis ornados com grandes molduras, lisas, e doiradas. As suas pinturas são passos da vida de Santo Ignacio. De cada lado ha quatro paineis grandes, e quadrados, e mais outros quatro mais pequenos, fi-

cando dois d'estes entre as janellas do côro. Representam a morte de Santo Ignacio, e a sua sepultura.

Sobre os paineis vem uma cornija, com dentilhões de pedra, guarnecidos com fios de oiro, rematar as paredes. Sobre estes dentilhões descansam as vigas, que sustentam o tecto da egreja, e correm como já dissemos por toda ella.

Exactamente no meio de cada lado da egreja ha um pulpito de pedra, de figura quadrada. Sobre o guarda-pó de cada pulpito, e que são bem ornados, assentam dois nichos, sobrepostos um ao outro, e em cada um seu Evangelista, que representam altura proporcionada á de um homem.

O pavimento da egreja era dividida em duas partes, na sua largura, por uma teia. A parte destinada ás mulheres, que ficavam assim totalmente separadas dos homens, era coberta de estrados, excepto uma via, de competente largura, ao centro, e lageada, para dar logar ás procissões, ou passar ao cruzeiro

A parte que pertencia aos homens estava occupada por bancos. Por traz d'estes bancos deixava-se livre uma passagem, para ir da porta da egreja ao cruzeiro.

Umas grades de pau santo terminavam o corpo da egreja, dividindo-o do cruzeiro. Assentavam no pavimento d'este, que é mais alto que o do corpo da egreja coisa de um palmo. Esta altura forma um degrau.

Nota-se n'este templo o defeito de ser o cruzeiro mais acanhado do que o demandava a largura e extensão do corpo da egreja.

Capella-mór.

A capella-mór tambem padece do mesmo defeito, pois bem se lhe nota a falta de fundo. Do pavimento até á abobada é sua altura de cincoenta e seis palmos. De largura mede trinta e sete.

Esta capella foi dada pelos padres a D. João de Borja, e sua mulher D. Francisca de Aragão. Aquelle era filho de S. Francisco de Borja, duque de Gandia, que foi casado com a portugueza D. Leonor de Castro, dama da infanta D. Isabel, que em Castella casou com o imperador Carlos v. O duque foi depois religioso da Companhia, e canonisado pelo papa Clemente x.

Era n'esta a sepultura do referido D. João, sua mulher, e successores, e a Companhia d'ella lhes fez doação em agradecimento do grande thesouro de reliquias que elle doou á Casa de S. Roque. Aqui só existe soterrado D. João de Borja; sua esposa e filhos morrendo em reinos estrangeiros nunca foram trasladados para este jazigo, que fica por baixo da mesma capella.

O retabolo, que foi feito pelos padres, á custa de esmolas, consta de dois corpos. Tem columnas corinthias, striadas com terços mui bem lavrados. Os capiteis são tambem de feitio corinthio; e sobre as columnas correm as alquitraves e frisos, e sobre estes as cornijas e ornamentos com bom relevo.

Entre as columnas ha nichos striados, e as meias laranjas que formam estão artesoadas de florões, e os baixos acompanhados de tarjas com folhagens e fructos em relevo. N'estes nichos estão quatro santos da Companhia, a saber:—Santo Ignacio, S. Francisco Xavier, S. Francisco de Borja, e S. Luiz Gonzaga.

O sacrario é perfeito e doirado com grande primor. Está mettido no vão de um arco, que faz o retabolo, composto tambem de varias columnas striadas. Uns anjos de relevo inteiro, com os emblemas dos martyrios nas mãos, rematam as columnas. Conclue esta obra um zimborio, com sua peanha, e a cruz por symbolo.

No meio do retabolo o que se via ordinariamente era um excellente quadro da Circuncisão, feito em Roma. Ha mais quadros que ali se põem conforme a variedade de festas e mysterios que a Egreja celebra; e são estas a festa do Natal, Resurreição, e Pentecostes.

Nos quartos domingos de cada mez havia communhão geral na Casa de S. Roque. N'essa occasião tirava-se o retabolo, e apparecia então uma casa onde estava uma charola doirada, com quinze palmos de pé direito, e de vão treze, formada por seis columnas com seus capiteis corinthios. Entre columna e columna ha um arco em forma de nicho transparente, com pequenos pilares e arcos formando um circulo.

Sustentam estas columnas uma meia laranja que prende de columna a columna com florões.

Dentro do nicho está a peanha, onde se expõe o Sacramento, e tem dois anjos em humilde adoração, e que parecem á vista sustentados no ar, e com as azas, que por meio de um machinismo, se levantam e abaixam, cobrem, ou descobrem o Sacramento.

Em cada lado do retabolo ha dois nichos de pedra, com suas imagens, que representam os quatro jubileus perpetuos que tinha a Casa de S. Roque, e eram nas festas da Invenção da Santa Cruz, de S. Gregorio Taumaturgo, de Santa Brigida Virgem, e de Santa Ursula com as onze mil virgens.

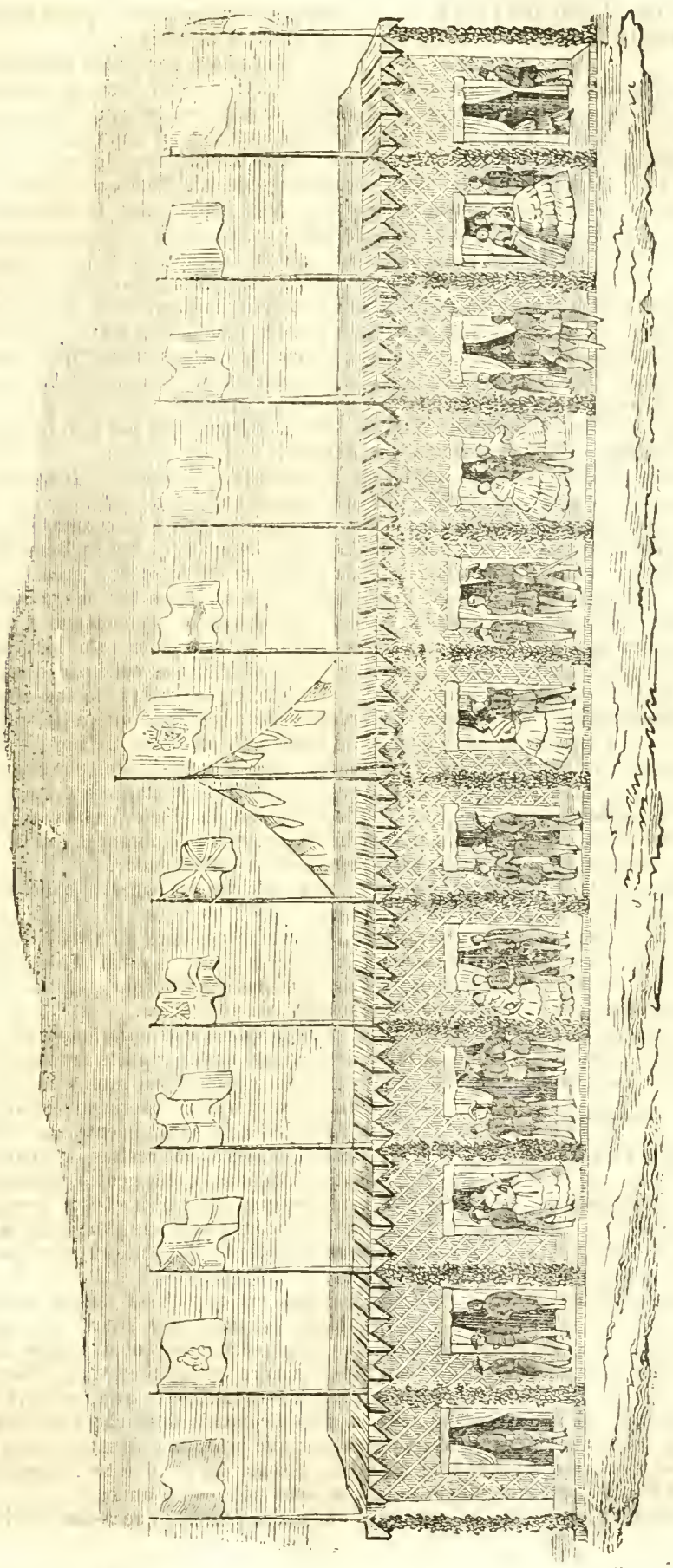
Nos lados da dita capella ha tambem quatro paineis representando os tres martyres do Japão, Paulo, João, Diogo, e o beato Estanislau.

Continua. F. D. d'Almeida e Araujo.

Publicou-se a comedia de costumes — O Sapateiro d'Escada — representada no theatro de D. Maria II, — preço 160 réis; bem como — A Torre do Corvo — drama original do autor da comedia — O Camões do Rocio. Preço 400 réis.

Publicaram-se as doze primeiras folhas da — Chronica da Rainha.

Estas obras acham-se á venda na loja do editor d'este jornal, rua do Oiro, 227 e 228.



CAMINHO DE FERRO DE LESTE. — ABERTURA REAL.

CAMINHO DE FERRO DE LESTE. ABERTURA REAL.

No dia 29 de Outubro do anno passado foi aberto á viação publica, com as ceremonias usadas em taes actos, o primeiro caminho de ferro em Portugal. O cardeal patriarcha, sua alteza a senhora infanta D. Isabel Maria, o corpo diplomatico, os altos funccionarios, e grande concurso de povo já se achavam reunidos na estação de Santa Apolonia, que é onde em Lisboa principia a linha, quando ás onze horas da manhã chegou sua magestade el-rei o senhor D. Pedro v, acompanhado de seu augusto pae, princezas e infantes. Foram recebidos no pavilhão, onde havia tres compartimentos ricamente armados; um para a familia real, outro para o cardeal e cleresia, e o ultimo para o corpo diplomatico e côrte. Ao lado, porém fora da estação, havia um grande amphitheatro toldado para os convidados. Deu-se principio ao acto pela benção das locomotivas, que entraram na estação cada uma por sua vez, parando junto ao estrado onde s. em.ª se achava. Então o cardeal tomando o hyssope aspergiu-as, deitando-lhe a benção. Finda a ceremonia duas d'ellas foram engatadas no comboy, que se compunha de dezeseis carruagens, indo na do centro a familia real, e na primeira a guarda real dos archeiros. Meia hora durou a viagem do primeiro comboy desde Lisboa ao Carregado. Tres quartos de hora depois partiu o segundo comboy, composto de nove carruagens, levadas só por uma locomotiva, conduzindo accionistas e convidados.

No Carregado houve um banquete volante, no pavilhão que para esse fim se preparou na estação provisoria. Este pavilhão acha-se representado na gravura que hoje publicamos.

Pelas quatro horas e meia da tarde regressou á capital o comboy real; e ás dez da noite o resto dos convidados já se achava em Lisboa, e terminado o festejo. Em todas as povoações do transito foram recebidos os comboys, acodindo o povo á linha percorrida com musicas, girandolas de foguetes, e arcos triumphaes.

VINGANÇA POR VINGANÇA.

Continuação.

III

AUTOPSIA DO CORAÇÃO.

N'este capitulo será o autor quem fará sua falla, dando-lhe começo na linguagem d'aquella epoca.

Não sei se a historia irá muito gostosa. Sei que a sofreguidão com que a vou narrando, não me permitte dar-lhe algo repoiso para advertir nas grandes coisas que a antiguidade deixou escriptas, e exornar com ellas as que os modernos accrescentaram, pondo tambem em outras palavras as antigas.

Se bem não padece aqui alguma força a liberdade, soffre comtudo sobeja violencia o apressado com que vou. Se o heide dizer n'outra parte, seja aqui logo. Tempo não hei tido de polir as minhas figuras, nem de levantar melhor traçado ao pedestal. Nem que o tivera o poderia fazer, que os proventos de autor são tão mesquinhos que nem lhe deixara para uma pada se quizera sómente viver da escripta.

Quem com juizo considerar esta machina, verá que mui simillhante vae ella ao natural: e se parecer miudo e proluxo, não me acoimem de armar tão largas redes, que assim é força para colher todos os casos, e todos os avisos da epoca.

Prasa a Deus, que nos não hajamos cansado debalde.

É assaz de fallas nossas. Dêem-nos alviçaras que vamos entrar no conto.

O cadafalso que ora levantamos para a autopsia do coração, querendo Deus não terá algo de asco para d'elle se desviarem os olhos.

Até mesmo vamos tão minuciosos no recato, que talvez nos opponhamos a que olhos de mancebo se esguelhem pelo santuario da virgindade, onde vamos conduzir o leitor sizudo.

Não queremos sombra de facilidade e ligeireza, onde advertimos que a galanteria não pode fazer mal, se nascer de um discreto ou avisado; mas é para cuidar, por comtudo se lhe seguir perigo, se toma causa n'aquelles que nem do seu, nem do alheio, zelam a honra, e se desconcertam em lembranças que se não devem nem á fé, nem ao pudor.

É na alcova da donzella onde havemos entrar.

Beatriz se acolhera ali vinda do oratorio, onde sua mãe ficara esquadrinhando na consciencia peccados alheios, que proprios não os tinha aquella alma de Deus.

Uma pequena murmuração ouvida, e não participada, era nos escrupulos feminaes de Aldonsa Peres um crime tal na santimonia, que nem toda a beataria lh'o poderia expurgar!

Por isso cria naturalmente nas mulheres que faziam profissão de mestras de virtude, em velhas alumiadas, e em gentes professoras de novidades que traziam orações e devoções de tantos dias com tantas candêas, e de tal côr, porque logo Deus lhes mostrava o que havia de ser.

Assim era que n'essa mesma noite mandara Aldonsa chamar uma freira, das veleiras que havia em certos conventos, e onde nunca paravam; madre que se presava de dizer coisas em segredo — como, se casaria, se teria filhos, se o marido alcançaria despacho d'este ou d'aquelle cargo; que benziam enfermos; iam a Santo André; e como diz certo autor: «gastavam relhos com seus nós todo o anno.»

A madre Joanna, que assim se chamava el-

la, era tambem das confessadas certas do padre mestre Gaspar, e d'elle muito estimada, porque tinha a virtude de arrebatar os animos singelos e piedosos das senhoras e gente principal com quem se tratava.

Estas duas almas estavam na casa do oratorio entregues á sua mystica devoção, correndo o capitulo das vaidades feminaes,—como a do modo de vestir-se, em que devem haver crescentes ou minguantes conforme á edade; —se mais se confiou na formosura, sendo formosa, do que se reportou a fealdade, sendo feia; —se com perfumes e cheiros se tranformou em perpetua pastilha e caçoila perenne, mais do que o adubo necessario da discrição com que melhor rescendem: — se foi desaffeiçoada ao concerto da casa e das pessoas: — se acudiu mais com regalos, doces, e conservas faltando a outras coisas mais precisas: — se na demasia das visitas se passou do velho pucaro d'agua á merenda e ao banquete; — se a pratica d'ellas mulheres se podia considerar um bom lenço de amostras; — se fumos ou vaidades começaram a cobrar de bem vistas; — se do papagaio ou saguim que tinha em casa se lhe induzira ligeireza; — se do rouxinol de todo o anno, porque cantava de noite, lhe cresciam saudades.... E outras coisas que, por este jaez, elegantemente descreve o nosso D. Francisco Manuel.

Aldonsa Peres não tinha em casa negrinho, ao qual se induzisse que ella dissesse requebros; nem engeitadinho gracioso, nem villão simples vestido de côres, a quem desse estranho tratamento, e que d'ahi a sua opinião lh'o tomasse reprehensivel; porque de ordinario estes eram os que n'aquelles tempos, e nos tratamentos da sociedade iam por onde queriam; o que não deixava de ser reprehensivel.

Era, como dissemos, a viuva de um homem que consumira a melhor parte da sua vida no trato e ganancia das Indias, para onde puxara sempre o seu natural, e não excesso de marido, nem desvio da mulher.

Por isso, com muita razão Aldonsa Peres dava tratos á imaginação por enxergar um peccado n'aquelles trinta dias passados dês que ultimamente se reconciliara; e se não fôra o da beataria, que por tal o não tomava, nem de sombra se poderia accusar de facilidade ou ligeireza, nem vangloria ou leveza.

Sua honra e sua consciencia era bem que fossem n'este caso seus conselheiros; porque sendo difficultoso emendar cada um as suas fraquesas, comtudo é possivel; mas emendar as alheias, isso sobre o difficultoso é impossivel.

E era este o caso em que se achava a madre Joanna; que de uma pequena vaidade que Aldonsa Peres colhia de ter na sua arca muitas alfaias, prata em abastança, oiro sobejo, e joias bastantes para arrebicar doze mulheres, induzia d'essa vaidade um grande peccado, e lhe fallava na mulher honrada que deve tratar o dinheiro com aquelle mesmo temor que ao ferro, e fogo, e outras coisas de que convem sejam medrosas, por parecer o dinheiro em mãos de mulher uma arma impropria.

D'aqui um temor de consciencia, onde nem ao de leve sombra de escrupulo devia passar!

Estremecia muito Aldonsa Peres por sua filha Beatriz; e era natural este achego de mãe, por ser a unica que em sua vida tivera.

De portas a dentro eram muitas as figurarias com que se folgava com ella ainda em menina, porque seguindo a natural inclinação das mães não quiz entregar a villãs, bem dispostas com honrarias de amas, o cuidado de crear aquella que nove mezes sustentara dentro em si; mas de portas afóra Aldonsa Peres soubera sempre evitar-lhe seus momos, para que na opinião não parecesse mal creada.

Crescendo sua filha e formando-se donzella, mais sentira redobrar-lhe a affeição; e como se acaso á sua alma se accrescentasse outra alma de novo, a obrigação se lhe ajuntava á inclinação de mais a amar.

Por isso lhe cresciam seus cuidados e seus respeitos, avantajando-se na diligencia para com maior commodo e descanso poder passar com ella a vida.

Não se assombrava pouco a boa velha quando se lembrava da hora em que Beatriz viesse a casar: e se verdade é que lhe desejava o repoiso de um honrado casamento, espassava-lh'o, quanto podia, para melhor tempo, a pretexto da pouca edade, mas na verdade pelo sobejo amor que lhe tinha, e que não soffria apartamento da filha.

Ainda se o noivo lhe viera para casa, e fôra homem que ella já se costumara a estimar, cuidados seriam esses menos passados!

Por isso fôra com um secreto estremecimento que notara a affeição dos dois primos, e assentava ahi seus propositos de concerto no futuro matrimonio.

Tambem isto era um escrupulo para a timorata consciencia de Aldonsa Peres; e a este respeito tomava, na pratica d'aquella noite, conselho com a madre Joanna, bem resolvida a pedil-o no dia seguinte ao padre mestre Gaspar.

.....

E a autopsia?

Mão lhe principiámos a pôr quando caminhavamos mais descurados de tal, volvendo olhos para traz ao oratorio de Aldonsa Peres.

Não acabamos de levantar aqui uma ponta ao veo que este coração de mãe nos encobria a vista?

Não lhe afastámos as nuvens áquella timorata consciencia, para devassar-lhe os mais intimos segredos seus?

Não lhe arredámos levemente da fronte, ali mesmo ajoelhada, as venerandas cãs, para lhe publicarmos os mais reconditos pensamentos?

Sim que o fizemos; não lhe embellecendo porém o amor contado, porque o amor de mãe é

coisa tão santa, que receber-se deve todo como é proprio de si, sem composto nenhum lhe misturar de outro affecto, para o não profanar.

Adivinha-se, e não se decifra; sente-se, e não se traduz; admira-se, e não se descreve! Sufficiente a si mesmo, alimenta-se a si proprio, de si vive, e só comsigo se apaga quando se extingue a vida com os lances da morte!

Já em taes extremos se não affronta o amor de filha!

Aquella estremece-lhe por esta a alma, porque um pedaço foi da sua que lhe communicou nas entranhas, filtrando-lhe depois o nectar da vida n'aquelles jorros de dulcissimo leite, que arrecadava nos proprios seios, para a amamentar no mundo, como a creara com o proprio sangue antes de a deitar á luz: — esta, paga-lhe o beneficio que recebeu d'ella, em se separar, subjeitando-se pelo casamento a estranho com a liberdade, com a vontade, com a fazenda, com o cuidado, com a obediencia, com a vida, e com a alma!

Ainda que a affeição filial fôra grande, fôra immensa, vem-lhe depois o amor cego, que se deixa cair nas redes armadas, e logo avôa e foge d'ellas, que por isso o pintaram tambem com azas.

É este amor aquelle commum affecto, como disse um escriptor, com que sem mais causa, que a sua propria violencia, nos movemos a amar, não sabendo o que, nem o porque amamos. Acaba na posse do que se desejava.

Avoado elle, fica a amisade, produzida do trato e da familiaridade; e d'ahi se gera o segundo amor que na estima dos filhos vem dar razão aos passados extremos, e vingar na filha as lagrimas secretas, que lhe afogaram o seio pelo voluntario desapego da que mais tarde se volveu tambem mãe!

. . . . . .

. . . . . .

Continua.

***

DESEJOS.

Se eu soubesse que no mundo
Existia um coração,
Que só por mim palpitasse
De amor em terna expansão;
Do peito calara as magoas,
Bem feliz eu era então!

Se essa mulher fosse linda
Como os anjos lindos são,
Se tivesse quinze annos,
Se fosse rosa em botão,
Se inda brincasse innocente
Descuidosa no gazão;

Se tivesse a tez morena,
Os olhos com expressão,
Negros, negros, que matassem,
Que morressem de paixão,
Impondo sempre tyrannos
Um jugo de seducção;

Se as tranças fossem escuras,
Lá castanhas é que não,
E que caissem formosas
Ao sopro da viração,
Sobre uns hombros torneados,
Em amavel confusão;

Se a fronte pura e serena
Brilhasse d'inspiração,
Se o tronco fosse flexivel
Como a rama do chorão,
Se tivesse os labios rubros,
Pé pequeno e linda mão;

Se a voz fosse harmoniosa
Como d'arpa a vibração,
Suave como a da rôla
Que geme na solidão,
Apaixonada e sentida
Como do bardo a canção;

E se o peito lhe ondulasse
Em suave ondulação,
Occultando em brancas vestes
Na mais branda commoção
Thesouros de seios virgens,
Dois pomos de tentação;

E se essa mulher formosa
Que me apparece em visão,
Possuisse uma alma ardente,
Fosse de amor um volcão;
Por ella tudo daria...
— A vida, o ceo, a razão!

CASIMIRO ABREU.

CHRONICAS MONASTICAS.

DA COMPANHIA DE JESUS.

III

CASA DE S. ROQUE.

Continuação.

Vem a proposito darmos aqui noticia dos ornatos que havia n'esta capella em o começo do seculo passado. A sua prata constava de seis castiçaes grandes de banqueta, mui bem lavrados; mais dois, de figura triangular, mui perfeitos; um par de castiçaes pequenos; uma caçoila bem lavrada; seis pivetarios grandes; um calix de prata lavrada, com a copa toda de oi-

ro; uma custodia grande, e outra pequena; dez jarras para ramalhetes; mais duas jarras de pau, porém guarnecidas de prata; uma alampada grande, tambem de prata.

Os seus ornamentos de frontaes e casulas eram riquissimos, e varios os cortinados, entre os quaes havia um de damasco carmesi, com seu sitial guarnecido de grandes franjões de oiro.

Havia na mesma capella, e annexa ao altar mór uma irmandade dedicada ao serviço de S. Francisco Xavier.

Capellas do cruzeiro.

A primeira capella collateral á capella-mór, e que fica á face do corpo da egreja, chamava-se dos Santos Martyres, cuja invocação se lhe dera pelas muitas e valiosas reliquias que n'ella estavam expostas. Entre estas reliquias se contavam tambem as de muitos santos pontifices e confessores, mas como o seu maior numero era dos que tinham recebido martyrio, d'ahi lhe proveiu a invocação.

O ornato principal d'esta capella é o painel representando Christo com a cruz grande na mão, e varios santos martyres e confessores que lhe assistem.

Este painel retirava-se quando se expunham as reliquias, e por isso a capella não tem outro retabolo, porém primava no ornato de frontaes, casulas e cortinado.

Por cima do arco que forma a sobredita capella tem logar uma tribuna com uma imagem de S. José, segurando á direita outra do Menino Jesus.

Superior a esta tribuna ficava outra, d'onde, na Semana Santa quando se prégava a Paixão, se mostrava a imagem do *Ecce Homo*.

Corresponde a esta do lado da Epistola, a capella das Santas Virgens.

É o seu principal ornato um retabolo, onde avulta a Rainha das Virgens, Maria Santissima, acompanhada de outras virgens e santas, das quaes havia reliquias n'aquella capella.

O seu ornamento é em tudo egual á que lhe fica correspondente. Foi comprada esta capella por João Pimenta de S. Payo, para seu jazigo.

Tem egualmente sobranceiras ao arco, porque é formada, outras duas tribunas: a primeira está ornada com a imagem de Nossa Senhora, e a segunda servia egualmente na occasião do sermão da Paixão, para mostrar a imagem de Christo crucificado.

No mesmo cruzeiro, e proxima á capella das Virgens, havia uma capellinha da invocação de Nossa Senhora do Desterro, que foi mandada fazer por D. João de Castro, senhor de Rezende, para n'ella se sepultar seu filho D. Antonio de Castro. Aqui está soterrado tambem o padre da Companhia, doutor Francisco Soares Granatense, que fôra seu mestre. Via-se portanto do lado do Evangelho o seu jazigo, por baixo de uma pedra de marmore onde se declarava quem mandou fazer a capella, e trasladar para ali os ossos do referido padre; e inferior a esta a sepultura do discipulo.

A capellinha tinha por ornato uma pintura da Senhora do Desterro.

A esta corresponde outra da parte do Evangelho, collateral á dos Santos Martyres, da invocação da Santissima Trindade. Foi dada pelos padres a Gonçalo Pires Carvalho, e sua mulher D. Camilla de Noronha. Mandaram-lhe estes fazer o retabolo de pedras mui perfeitas e finas, lavradas em Roma. N'ella ha o carneiro para os referidos donos e seus descendentes. Deixaram-lhe elles para fabrica quinze mil réis annuaes de juro, os quaes se pozeram em nome de outrem, por não poder tel-os a casa em seu nome.

São estas as unicas capellas do cruzeiro; a cada uma das quaes correspondia uma alampada de prata.

Correm por todo o cruzeiro umas grades de pau santo, assentadas sobre um degrau de pedra. Estas grades servem de resguardo á capella-mór, e suas collateraes, e tambem para se encostarem a ella os que tinham de commungar.

Entre o degrau onde assentam estas grades, e as que dividem o cruzeiro do corpo da egreja, era o logar destinado para sepultura dos religiosos d'aquella casa, mas nem por isso excluia outros individuos distinctos; do que resultou dividir-se aquella area em 1637, ficando a ordem das sepulturas junto ás grades da communhão para as pessoas estranhas á casa, e as outras para os religiosos.

Passando á descripção das capellas que estão no corpo da egreja, diremos da primeira, que fica á mão direita de quem entra pela porta principal, que tem a invocação de Nossa Senhora da Doutrina. Primariamente esteve esta capella na que d'este mesmo lado estava mais proxima ao cruzeiro, com o titulo de Nossa Senhora da Assumpção. Aqui principiou o celebre mestre Ignacio a ajuntar alguns moços solteiros, officiaes, a quem o padre instruia em piedade e devoção. Crescendo o numero dos alumnos, tomaram o nome de Irmãos da Doutrina, pelo mesmo motivo que o padre Ignacio Martins, por ensinal-a, e fazer os livros d'ella, dos quaes ainda nos resta o Cathecismo que se usa nas escolas, foi appellidado o padre Mestre da Doutrina. Por muitos annos estiveram na capella da Senhora da Assumpção, até que desejando ter uma propria, obtiveram dos padres que lhes cedessem gratuitamente o sitio d'esta em que vamos fallando, para a fazerem á sua custa.

Aqui tem logar darmos uma noticia mais extensa d'esta congregação que era especial nos tempos antigos do nosso reino, e por isso transcreveremos na integra a Chronica manuscripta, a que mais especialmente nos temos reportado n'este trabalho.

«Alcançou o reverendo padre Alvaro Pires, bem conhecido n'esta cidade, por grande promotor e protector da dita Irmandade, que o reverendissimo padre Claudio Aquaviva, geral da Companhia, annuisse á celebre congregação chamada da Nunciada, que tem seu assento em Roma, no collegio da Companhia, a qual sendo geral da Companhia o padre Diogo Laynes teve seu principio no anno de 1562. E depois por uma bulla passada por Gregorio XIII, em Novembro de 1584, á instancia do reverendissimo padre Claudio Aquaviva, quinto geral da Companhia, de novo a instituiu e fundou, com titulo d'Annunciação da Beatissima Virgem Senhora Nossa, fazendo-a cabeça de todas as mais congregações, assim das já instituidas, como das que de novo se fundassem, as quaes unidas, e incorporadas n'ella, participassem todas as indulgencias, que á dita primeira congregação eram, e ao diante fossem concedidas, dando poder ao dito padre geral, que de presente era, e de futuro fosse para poder unir e incorporar na dita primeira congregação todas as mais que com sua vontade e approvação se instituissem.

«Depois d'esta bulla de Gregorio XIII, Xisto V por outra sua despachada no mez de Janeiro de 1586 accrescentou que não só se podessem ordenar congregações de estudantes, como nos collegios da Companhia até então se fazia; mas que se estendesse a faculdade a poder fundar congregações de qualquer sorte de pessoas, assim ecclesiasticas como seculares: e por este meio se veiu a multiplicar grande numero de congregações nas casas da Companhia.

«E em virtude do seu poder, usando de sua autoridade o reverendissimo padre geral Aquaviva passou sua carta de união, e approvação, em 10 de Outubro de 1612 á congregação que continuou com o titulo de Nossa Senhora da Doutrina, a qual se augmentou muito, com a resolução, que tomaram, de receber na irmandade, não só mancebos solteiros, mas tambem os que já eram casados.

«E para que o augmento fosse maior, e a congregação melhor governada, se fizeram no anno de 1623 estatutos pelos quaes encaminham tudo ao maior serviço de Deus, da Virgem Senhora, e proveito espiritual dos proximos. . .

«A Mesa compõe-se de vinte e quatro irmãos, dos quaes doze tem o titulo de officiaes de Mesa, e doze de presidentes.

«Assiste á dita Mesa, como prefeito, protector, e presidente um padre grave da dita Casa de S. Roque, que é chamado sempre para as resoluções das coisas graves, que occorrem na dita Mesa, que consta dos officiaes seguintes:

«De um juiz, que tem por adjuntos dois irmãos com o nome de assistentes, os quaes servem de ajudar o juiz com seu conselho e cuidado.

«Tem um secretario, que tem seu assento ao lado esquerdo do juiz, e é o seu cargo propôr todos os negocios que se offerecem na congregação; ler todas as petições; tomar conta de toda a receita e despeza da irmandade; fazer os assentos e termos dos que professam entrando n'ella, e dos que fallecem; e finalmente tudo o que occorre pertencente á congregação.

«O companheiro do secretario tem obrigação de nas ausencias d'elle fazer seu officio, e assim a tem tambem de ser procurador dos defuntos, e ter cuidado, que se cumpram as missas e suffragios por suas almas.

«Ao procurador da irmandade pertence zelar e acudir pelo bem da congregação: e quando alguns irmãos são notados de algumas faltas, se não pode escusar as faltas, procura moderar o castigo d'ellas.

«O procurador da Mesa tem por officio acudir pelo credito e bem d'ella, arrecadar suas rendas, e dispendel-as, conforme a ordem que tem da Mesa.

«Os dois mordomos tem a seu cargo toda a fabrica, e ornamentos da capella da irmandade.

«Ao enfermeiro toca visitar os irmãos pobres que estão doentes, acudindo-lhe com medico, cirurgião, sangrador, e medicamentos, soccorrendo-os com esmolas, o que faz não só distribuindo aquellas, que ministra a congregação, mas supprindo tambem com as proprias conforme suas posses.

«O thesoureiro tem a seu cargo cobrar e dispender todos os rendimentos da irmandade, conforme a ordem que d'ella para isso tem.

«O apontador toma os recados dos que tem algum negocio na Mesa, dando primeiro parte a ella da pessoa que vem fallar, declarando o a que vem. Tem tambem á sua conta advertir, e apontar tudo aquillo que pode ser util para bem da congregação.

«Dos doze presidentes, tem cada um certo districto na cidade, e n'elle cobra todas as esmolas da irmandade, e tambem faz avizo aos irmãos do seu districto para as occasiões solemnes, e para os enterros, e cada um d'elles tem voto nas coisas que pertencem á sua presidencia.

«E tendo dito as obrigações dos officiaes da Mesa de que depende o governo d'ella: segue-se dar conta de outros, que ha fora da Mesa, os quaes se elegem cada anno. E d'estes tem quatro o titulo de visitadores, para cujo officio se deputam irmãos abundantes e caritativos para soccorrerem sessenta visitados pobres, e para esse effeito lhe entrega a Mesa dois livros, com os nomes dos visitados, e para seu soccorro se lhe dão doze mil réis cada mez para os distribuir dando a cada um duzentos réis. E esta esmola, que não parece grande, costuma fazer maior a caridade dos visitadores, que accrescentam conforme suas posses.

«Elegem-se mais seis irmãos cada anno, com titulo tambem de visitadores, aos quaes se entrega o cuidado de vigiar sobre o procedimento e vida dos irmãos congregados, e achando al-

guns menos ajustados com as obrigações da christandade, dão parte á Mesa, para que ella procure a sua emenda, e quando a não tenham, proceder ao castigo que parecer razão.

«Nomeam-se mais vinte e quatro irmãos, a que dão o titulo de eleitos, podendo dar-lhe com mais razão o de eleitores, porque a elles toca eleger os officiaes da Mesa nova, unindo-se por sorte cada um d'elles com um dos officiaes da Mesa que acaba.

«E além d'esta occupação tem a seu cargo informar todas as petições dos que pretendem entrar na congregação.

«E havendo algum negocio extraordinario são chamados para concorrer com os mais officiaes da Mesa para a resolução do negocio que se hade tratar.

«Além dos ditos sugeitos, que servem a irmandade annualmente tem n'ella outros, que não são annuaes, e taes são, um advogado, que é irmão, com obrigação de advogar em todas as causas, que se moverem á dita congregação, ou ella fôr obrigada a mover, sem por isso levar salario algum.

«E assim mesmo tem mais um requerente, que é tambem irmão, e serve sem estipendio.

Continua. F. D. d'Almeida e Araujo.

ESTUDOS SOBRE A HISTORIA SAGRADA.

Continuação.

CONDIÇÕES OU CLASSES.

Todos os israelitas eram irmãos; não havia portanto entre elles nem nobres nem peões. A principal distincção que o nascimento punha era a de levitas e de sacrificadores.

A tribu de Levi era consagrada a Deus. Não possuiam bens, e recebiam os dizimos e as primicias que as outras tribus lhes entregavam. Designavam-se-lhes quarenta e oito cidades para em roda d'ellas os levitas fazerem pastar os seus rebanhos.

Entre os levitas unicamente os descendentes de Aarão eram sacrificadores: o resto da tribu occupava-se nas outras funcções da religião, nos canticos dos psalmos, na guarda do Tabernaculo ou do Templo, e na instrucção do povo.

Entre as tribus, as mais distinctas eram a de Judá, a mais numerosa de todas, e a de Ephraim, filho de Josué.

Em cada tribu eram muito considerados os ramos mais velhos, e os chefes de cada familia, aos quaes se chamava principes do povo. Por este motivo na Escriptura, velho ou ancião expressa ordinariamente dignidade. Effectivamente só a edade e a experiencia é que podiam distinguir homens egualmente nobres, quasi egualados em riquezas, educados do mesmo modo, e occupados nos mesmos trabalhos.

ARTES E OFFICIOS.

Os israelitas não se entregavam nem ao commercio nem ás manufacturas; só a tribu de Zambulão, porque ficava proxima ao mar, é que fazia algum trafico.

Até ao tempo dos reis, parece que não havia hebreus artistas de profissão, e que trabalhassem para o publico. Desde o chefe da tribu de Judá, até ao ultimo cidadão da de Beijamin todos eram lavradores e pastores, pastoreando elles mesmos os seus rebanhos, e lavrando a sua terra. A maior parte dos officios era-lhes inutil. Aquella vida simples e a doçura do clima isemptava-os d'esta enormidade de necessidades creadas pela molleza, pelo luxo, e pela vaidade. Quanto ás coisas verdadeiramente necessarias poucos havia que as não soubessem fazer. Tudo quanto respeita ao nutrimento se fazia dentro em casa. As mulheres amassavam, preparavam o comer, fiavam, teciam, costuravam. Os homens encarregavam-se do resto.

David deixou no seu reinado grande numero de artistas de toda a especie, especialmente pedreiros, carpinteiros, ferreiros, e ourives. Salomão escolheu em todo Israel trinta mil artistas para a construcção do Templo, e oitenta mil carreteiros e canteiros para as pedras das montanhas. Por isso é unicamente do reinado d'estes principes que se vêem introduzidas as artes e os officios entre os hebreus. Depois da divisão do reino de David, o luxo augmentou, e o numero dos artistas cresceu em proporção: uma prova porém de que nunca tiveram grandes manufacturas, é que o propheta Ezequiel, descrevendo a influencia das mercadorias que vinham a Tyro, diz que da terra de Judá e de Israel ia o pão, o azeite, a resina, e o balsamo, tudo producções do paiz que habitavam.

VESTIDOS DOS HOMENS.

O vestuario dos israelitas quasi que não tinha feitio. Eram peças de fazenda que se faziam segundo o tamanho e a configuração do que as devia vestir: nada se talhava, e pouco se cosia. As mulheres tinham artes de tecer logo um fato com mangas no tear, sem costura ou abertura senão na parte superior, para metter a cabeça. Tal a tunica que se diz ter sido feita pela Virgem para Jesus Christo.

As modas não mudavam os fatos, e os estofos empregados eram, pela maior parte, a lã, o linho fino, o algodão, e uma especie de seda de amarello doirado. A belleza dos vestidos consistia na finura dos estofos, e na côr; as côres mais estimadas eram a branca, a escarlate, e a violeta. Os mancebos e raparigas usavam vestidos variegados. Os ornamentos dos vestidos eram franjas, tiras de purpura, bordados, e alguns colchetes de oiro e pedraria onde necessarios. A magnificencia consistia em mudar muitas vezes de vestidos, e trazel-os bem aceiados.

Compunha-se o vestuario da tunica, e do manto. A tunica era larga para deixar ao corpo desembaraçados todos os movimentos. Quando não trabalhavam desprendiam-na da cintura, e então ella arrastava; mas quando se dedicavam ao trabalho cingiam-na. Os cintos faziam uma parte da magnificencia do vestuario: os dos principes e sacerdotes eram largos e compridos, de precioso tecido, e de diversas côres. D'elles se pendurava a espada e a faca. O manto era uma peça de fazenda, sem feitio algum.

Os israelitas cobriam a cabeça com uma especie de tiara. Usavam a barba e cabellos compridos. Banhavam-se muitas vezes, e lavavam os pés quando entravam em casa, se sentavam á mesa, ou se deitavam, porque usavam de sandalias. Como a agua disseca a pelle, untavam-se com oleo simples, ou com uma infusão de drogas aromaticas; e era a isto que elles chamavam unguento.

VESTIDOS DAS MULHERES.

Tanto como os homens eram simples no vestuario, as mulheres eram esmeradas nos ornatos. As tunicas eram similhantes ás dos maridos, e differençavam-se sómente pelo comprimento, ornatos, e finura do estofo, pintado ordinariamente de diversas côres.

Usavam cintos de seda, sapatos de côr de violeta, collares, braceletes, e manilhas no fino da perna onde se lhes prendia o calçado; arrecadas, anneis, cadêas de oiro, caixas com perfumes, adereços de pedraria, caindo-lhes pendentes pela fronte, ou pelas costas, alfinetes na cabeça ornados de perolas, ou pedras preciosas, ou rubins de grande preço. A cabeça andava coberta com uma especie de mitra ou barrete, que se prendia com fitas seguras por alfinetes de oiro, diamantes ou perolas. Estimavam mais os cabellos pretos, e as que os não tinham d'esta côr pintavam-n'os. Tinham grande cuidado em untal-os com oleos odoriferos, apartando-os no alto da cabeça, e entrançando-os Finalmente usavam um veo muito comprido, que ao mesmo tempo lhes servia de manto. Não appareciam em publico sem este ornamento.

MOVEIS.

Os israelitas eram tão simples nos moveis como nos vestidos: limitavam-se ao simplesmente necessario. Vasilhas de madeira ou de barro era o uso geral da nação; os vasos de oiro ou de prata unicamente se encontravam no templo do Senhor, no palacio dos reis, e em poucas casas d'alguns opulentos. Os moveis que se julgavam mais indispensaveis eram o leito, a mesa, o assento, e o candelabro. Os leitos eram camas sem cortinas. Os mais ricos tinham leitos de marfim. O logar ordinario do leito era de encontro á parede. O candelabro era uma especie de columna, que se fixava ou assentava no chão; tinha uma, ou mais luzes a azeite. Usavam tambem tapetes para se sentarem n'elles ou deitarem.

USOS.

Em geral os costumes e usos dos israelitas foram sempre puros, porque uma nação laboriosa é necessariamente menos corrompida do que a ociosa. Não se conhecia o luxo entre elles; a caça não era ali um divertimento, era uma necessidade para o sustento, e tambem para preservarem os campos e os vinhedos. Os caçadores não iam seguidos de matilhas de cães, nem os proprios reis os tinham. O caçador contentava-se com armar laços e redes.

Não tinham espectaculos profanos: as ceremonias da religião e dos sacrificios eram os seus unicos espectaculos. Deviam ser magnificos, porque o templo era o mais soberbo edificio do paiz, e contavam-se mais de quarenta mil levitas encarregados das funcções sagradas.

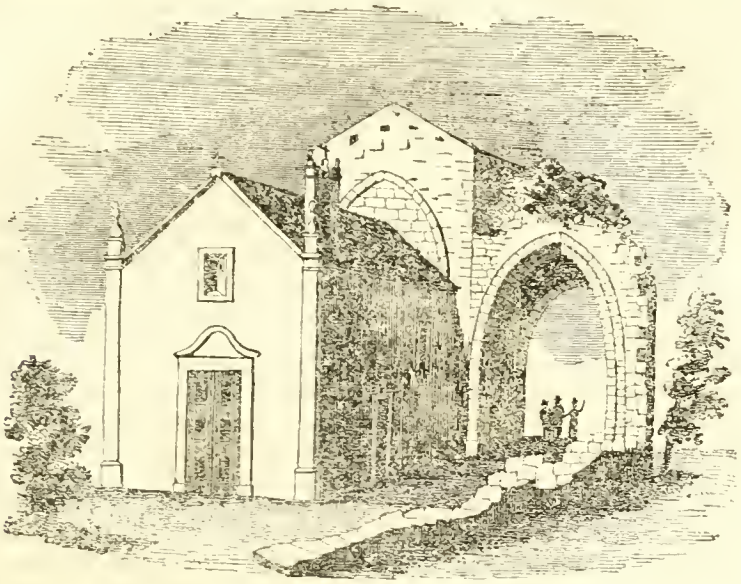
Tambem servia muito para a pureza dos costumes aquelle isolamento em que as mulheres viviam, fugindo dos estrangeiros.

As raparigas, antes de casarem, nunca appareciam em publico; e mesmo em casa estavam em quartos separados, onde os homens não entravam. As mulheres, quasi tão retiradas como as filhas, poucas vezes saíam, ou se eram obrigadas a fazel-o com suas filhas, para irem ao templo, ou á celebração d'alguma festa publica ou particular, só appareciam com o veo, não o tirando senão quando estavam com os seus mais proximos parentes. Quando em casa jantavam estranhos não comiam á mesa dos seus maridos; mas serviam-n'os. Nos festins as mulheres reuniam-se para comerem isoladas dos homens, nunca se misturando com elles.

Os israelitas evitavam cuidadosamente o commercio dos estrangeiros, aos quaes designavam pelo nome de *gentios;* nunca lhes entravam em casa. Aborreciam os idolatras, especialmente os incircumcisos, porque não eram só elles que praticavam a circumcisão: estava ella em uso entre muitos descendentes de Abrahão, como os ismaelitas, os madianitas, e os idomeus; nos moabitas e ammonitas descendentes de Loth; e até mesmo os egypcios a reputavam uma purificação necessaria.

Apesar d'isso os hebreus soffriam os incircumcisos que adoravam o verdadeiro Deus, consentindo-lhes mesmo que entrassem na Terra Santa, comtanto que observassem a lei da natureza. Chamavam-lhes proselytos de habitação, ou *Noechidas*, porque não eram obrigados senão aos preceitos dados por Deus a Noé quando saiu da arca. Se estes fieis se faziam circumcidar, eram reputados filhos de Abrahão, subjeitos a todas as observancias judaicas, e denominados proselytos da justiça.

Continua. A.



RUINAS DA EGREJA E MOSTEIRO DE CRASTO DE AVELÃS.
VISTA DO POENTE.

A descripção do antiquissimo mosteiro da aldêa de Crasto de Avelãs, feita por um curioso mancebo, já fallecido, da cidade de Bragança, no Almanach do sr. Castilho do anno passado, não é exacta porque houve engano no numero dos fogos da aldêa de Crasto de Avelãs que só tem onze, dando-se-lhe na alludida descripção cincoenta e seis. Os cincoenta e seis são de toda a parochia que consta de mais dois povos, que são Fontes e Grandaes.

Parece, á vista dos documentos antigos, ter sido este o primeiro mosteiro que houve na Peninsula depois que n'ella se estabeleceu o christianismo; bem como que fôra fundado por S. Fructuoso, arcebispo de Braga, no anno de 667, sendo depois a casa capitular da ordem em Portugal.

Todos os senhores reis (especialmente o sr. D. Diniz) lhe concederam muitos privilegios e doações de villas, e aldêas que os monges fundaram, e as parochiavam como consta dos livros do cabido de Miranda, creado por el-rei o sr. D. João III com as suas rendas por bulla do santissimo padre Paulo III datada de Julho de 1546, desmembrando todo o seu territorio do arcebispado de Braga, consistindo as rendas em dizimos, foros, e prasos.

Todo o mosteiro está em ruinas, como se observa das estampas, á excepção da capella-mór da egreja que está conservada, porque pela sua construcção, de tijolo e argamassa, tem resistido ao tempo.

Removendo-se ha poucos annos para um tumulo do cemiterio de Bragança uma pedra grande quadrada de jaspe, tinha no meio bem aberta a seguinte inscripção:

DEO
ÆTERNO
ORDO
ZOELAR
EX VOTO.

O corpo da egreja já foi mandado levantar pelo cabido haverá sessenta annos, e está dentro junto á pia baptismal o tumulo que a estampa representa, que diz a tradição ser de um conde, e talvez o fundador.

Tinham tambem os monges um hospicio na cidadella de Bragança, e tanto este como o mosteiro foram extinctos, dando-se como fundamento o serem os monges pouco exemplares e já em numero muito diminuto; mas creou-se o cabido com obrigação de sustentar e apresentar nas suas egrejas os monges restantes até acabarem de todo, e assim se praticou.

Em 1764, por bulla apostolica, foi transferido o cabido de Miranda para Bragança pelo bispo D. Fr. Aleixo de Miranda Henriques, por carta regia d'el-rei o sr. D. José I, deixando a Sé de Miranda, que é um dos melhores templos do reino, para vir occupar uma pequena egre-

ja que era dos jesuitas e onde estes tinham o seu collegio. Depois uniu-se á nova Sé a parochia de S. João Baptista, concedendo-se-lhe um abbade com o privilegio, de combinação com o cabido, de usar de murça de meio prebendado, ficando a egreja de S. João simples capella, e a nomeação d'este beneficio pertencente aos bispos. Assim consta da provisão do dito prelado de 28 d'Agosto de 1767.

A egreja de S. João, que estava arruinadissima, desabou. Resta unicamente em bom estado a capella do Santo Christo que pertence aos barões de Santa Barbara. O padroeiro existe na Sé, onde tambem está o patriarcha S. Bento.

De tudo quanto dissemos, e de muitos monumentos que existem dos romanos, collige-se o quanto é antiga a cidade de Bragança, e pouco exacto o que dizem alguns escriptos que datam a sua origem do tempo de D. Sancho I. É verdade que foi este rei que a mandou povoar depois de uma grande peste que matou quasi todos os habitantes em 1187; e foi tambem elle que, n'essa occasião, para attrahir povoadores, lhe concedeu grandes privilegios.

VINGANÇA POR VINGANÇA.

III

AUTOPSIA DO CORAÇÃO.

Continuação.

Agora silencio que somos chegados ao mais delicado da autopsia.

O umbral d'esta alcova só pode penetral-o a donzella honesta, ou o operador severo.

Olhae vós todos que vos assomaes ahi á porta com olhos cubiçosos a espraial-os por este santuario dentro.

Ahi tendes em frente aquelle grande espelho, segredeiro fiel de muitos encantos que vistas de homem ainda não descobriram. Interrogae-o d'ahi, e nem uma só vez relatará das muitas que viu enastrar e desenastrar a comprida e negra trança de sua dona, por causa de uma rebelde madeixa que se lhe não ageitava sob a tremula mão com que buscava fazer-se mais formosa, se possivel, para quando seu primo chegasse!

Não vos contará nenhum dos muitos sorrisos de contentamento que n'esse quarto elle tem reproduzido, ao ver descerrarem-se-lhe os labios mostrando as fieiras de perolas occultas sob aquelle carmim, e dirigidos unicamente a elle como em agradecimento de a retratar formosa!

Olhae como o espelho se tornou repentinamente baço, só para vos não deixar adivinhar n'uma das suas mais infimas moleculas, a reproducção d'aquellas elegantes formas que um vento mais travesso lhe desnudou, ao descaptivar o lenço do alfinete com que o subjeitava sobre o seio!

Invejosos, arredae depressa os olhos d'ahi, e applicae-os antes sobre aquellas flores, que embalsamam com tão suave fragrancia o templo da virgem. Adivinhae-lhe, se puderdes, no matiz das côres, na symetria, no nome, na collocação d'ellas as palavras que lhe terá dirigido, e os pensamentos que haverá trocado com ellas!... Eu antes que o soubera não vol-o diria. Foram um presente de Simão; é um segredo d'aquellas duas almas, e que não devo assoalhar.

Não olheis para aquella cadeira de espaldar, guarnecida de pregaria amarella sobre couro floreado, porque ali estão lançadas a sua camisa de dia, suas saias, seu vestido com o competente *guarda infantes;* e podeis ser tão indiscretos que alvoroteis lembranças que não tem entrada n'este aposento.

Não relanceeis a vista por sobre aquelle matizado tamborete, onde n'uma symetrica confusão estão os pequenos sapatos, as ligas, e as meias da donzella; postas ali mais á mão, junto mesmo ao leito, porque o pudor lhe ensinou principiar a vestir calçando-se, para o proprio ar se não aventurar a deslisar-se-lhe brandamente pela assetinada pelle colorida em competencias com o jasmim e a rosa!

Sim... cansae debalde os olhos para ver se a vista se infiltra por entre os tenuissimos fios d'aquella finissima cassa da India, que lhe cae em frocos de neve do sobrecco do leito!... Não vêdes que as cortinas estão cerradas, e eu não quero erguer-lhes nem um canto, emquanto estiverdes todos ahi devorando com olhos cubiçosos este magnifico espectaculo?

Erguei-os antes para ali, para aquelle painel da boa Virgem, colorida em vidro, e que está sobranceiro ao leito. Foi n'elle que ainda ha pouco ella fitou seus meigos olhos, antes de os cerrar no doce somno que ora gosa, susurrando nos labios uma oração cheia de fé e de esperança, e que lhe rebentava tão suave lá dos seios d'alma!...

Saí... saí depressa, importunos, porque a lampada que ali jaz sobre aquelle bofete, que vela uma noite inteira o somno da innocente, reflectindo em suavissimas ondas de um mystico palor a dulcissima luz da religião, do amor, e do mysterio, se agita convulsa, como sacodida pelo halito impuro dos immergidos nas demandas do mundo!

Saí.

. . . . . .

Agora nós, leitora.

Acompanhae-me a descerrar as cortinas d'este leito.

Eil-a dormida!...

Levantae um pouco a roupa da sua cama, e poisae-lhe a mão ahi no peito... Não o sentis arfar?...

Applicae o ouvido a esses monosyllabos que solta interrompidos... Não lh'os adivinhaes?...

A virgem sonha n'este momento um d'esses sonhos de amor, tão suaves e tão doces n'essa edade de prazeres, onde as auroras são sempre

precursoras de um dia sereno, e nunca suspeitam o tufão da tempestade.

Agora mesmo vê aquelle espirito realisadas as promessas que fez a seu primo na casa do oratorio.

Notae-lhe como aquella mão direita se agita convulsivamente como se estivera apertando a mão de alguem. Parece-lhe que Simão está ali a seu lado, e que ella lhe renova seus castos juramentos.

Sua mãe, aquella amante Aldonsa Peres, que ha pouco vimos tão preoccupada da sorte futura da filha, não lhe lembra n'este momento! Se lhe lembrara seria mesmo d'involta com um impio pensamento — o do abandono!

Sim, porque a filha não hesitaria, vendo obstaculos ao seu amor, em abandonal-a para seguir o amante!

Assim, donzellas, sois vós todas!... Escureceis os carinhos e os afagos maternos por esse novo pendor do coração, que a vós proprias muitas vezes nem sabeis definir.

Não duvidaes fazer tragar, ate ás mais repugnantes fezes, o calix da amargura áquella que vos amimou desde o berço, vos ensinou a balbuciar as primeiras palavras, vos amparou na infancia, e vos idolatrou depois com tantos extremos de amor, que ambicionara trocar a propria vida para augmentar a vossa!

Como estes amores de filha affrontam os amores de mãe!

. . . . . .

Escutemos, donzella.

São passos que se dirigem para aqui!

Quem poderá ser n'esta hora avançada da noite, que assim se aventure a penetrar n'este quarto?!

Quem, senão o entranhavel affecto de mãe!

Aldonsa Peres acabou o seu exame de consciencia, e as suas orações, e dirige-se para aqui a despedir-se da filha, como costuma, velando porque ella esteja bem agasalhada.

Retiremo-nos para este canto mais escuso, e presenceemos d'ahi esta scena de amor materno.

Eil-a, a pobre velha, com que extremos conchega a sua filha a roupa da cama!...

Como receia que o frio d'esta nevada noite de Janeiro ainda ali lhe penetre, por isso mais roupa lhe lança para a agasalhar!...

Olhae, como a contempla n'um extasi de ternura, e parece rever-se n'aquelle mimoso rosto!

Lá se lhe inclina a depositar-lhe na fronte um osculo, resumo apaixonado de todos os affectos que encerra no coração!

Vêde-a erguendo os olhos para o quadro da Virgem, e soltando dos labios uma oração de ventura e felicidade.

E n'este momento a filha lá se agita, murmura phrases inintelligiveis, e com um suspiro pronuncia distinctamente o nome de Simão.

A pobre mãe estremece!

. . . . . .

Saiamos, donzella, saiamos d'aqui, porque a nossa presença profana estes affectos maternos.

Aquelle que ali vês dormido é o amor de filha.

Este que vês velando é o amor de mãe!

Continua.

LAGRIMAS.

I

Oh quem não fôra nascido
N'estas horas malfadadas,
Que requeimam no sentido
Tristes lagrimas choradas!

II

Chorei-as!... inda na infancia,
N'essa edade do sorrir,
Que só é dado á ventura
Em tenros annos florir!

Chorei-as!... na juventude,
Em que sonha o coração
Devaneios n'uma crença,
Santa e pura de affeição!

Chorei-as!... e bem amargas,
Quando na edade viril,
Em que duros desenganos
Me pungiram mil, a mil!

Choral-as-hei!... e quem sabe!
Se, quando fôr ancião,
Inda restos me ficarem
D'esta vida d'illusão!

III

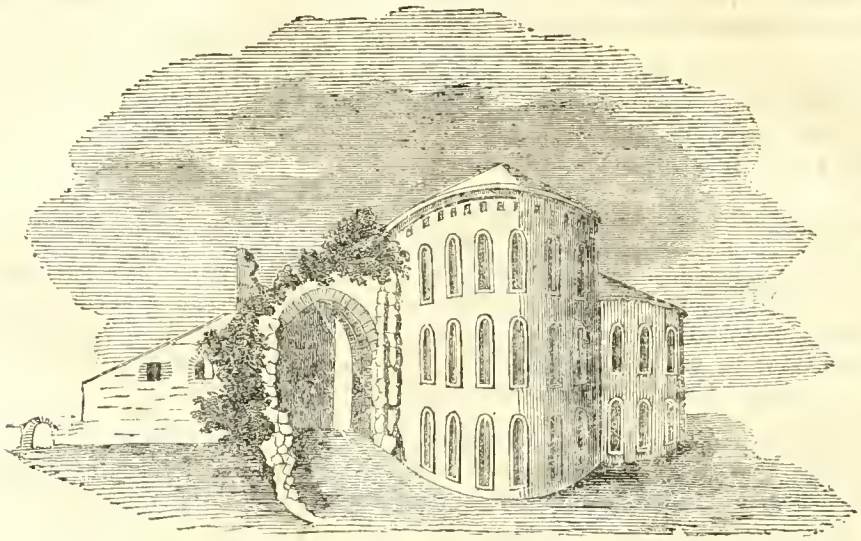
Mas que muito eu vertesse este pranto
Pela sina d'um triste penar,
Se no Horto as choron — chorou tanto
Quem nos risos mais pode mandar!

E chorou-as — chorou-as bem triste
No Calvario, abraçando-se á cruz,
Santa Virgem, que assim não resiste
Ao trespasso do Verbo e da Luz!

IV

Embora aos tristes olhos já cansados
D'este pranto verter, mais pranto afogue,
Não creia a sorte avara que eu lhe rogue,
Ás lagrimas me poupe os meus cuidados.

Eu por mim aprendi na desventura:
Riso e prazer escarneos são da sorte;
Esta vida — illusão; verdade — a morte;
E lagrimas do berço á sepultura.



RUINAS DA EGREJA E MOSTEIRO DE CRASTO DE AVELÃS.
VISTA DO NASCENTE.

CHRONICAS MONASTICAS.

DA COMPANHIA DE JESUS.

III

CASA DE S. ROQUE.

Continuação.

«Servem mais a irmandade dois andadores, cujo vestido é de comprido, e côr parda, com as insignias da irmandade no peito, os quaes servem nas coisas que occorrem, e assistem tambem a ajudar ás missas: e estes andadores tem cada um vinte mil réis por anno.

«Tem mais a irmandade um menino que tem por officio ajudar ás muitas missas, que se dizem na capella, o que faz com sua sobrepeliz sobre o vestido comprido de que usa. Este tal tem de ordenado doze mil réis fora suas propinas.

«Tem a irmandade da Doutrina vinte e nove capellães, quinze dos quaes são de capellas que a Mesa administra; porque irmãos que o foram da congregação, encarregaram á Mesa o cuidado de prover as ditas capellas, e de pagar aos capellães, a esmola que para isso deixaram.

«Dos outros quatorze capellães, que fazem o sobredito numero de vinte e nove, doze d'elles dizem quotidianamente missa pelos irmãos e irmãs que vão fallecendo, um mais tem obrigação de dizer trezentas vinte sete missas por obrigações particulares, e as que sobejam das trezentas sessenta e cinco, se applicam por algumas faltas, que poderam ter tido alguns capellães; e por esta obrigação tem o tal capellão o titulo de *capellão das faltas*.

«O ultimo capellão dos quatorze, diz missa pelos irmãos vivos da congregação.

«Tres dos ditos quatorze capellães tem de ordenado annual quarenta mil réis; e os mais cada um trinta e seis mil réis.

«No anno de 1707 era o numero dos congregados mil e duzentos. Quando entram na irmandade offerecem por entrada dois mil e quatrocentos réis, e para esmola de pobres quatrocentos e oitenta réis.

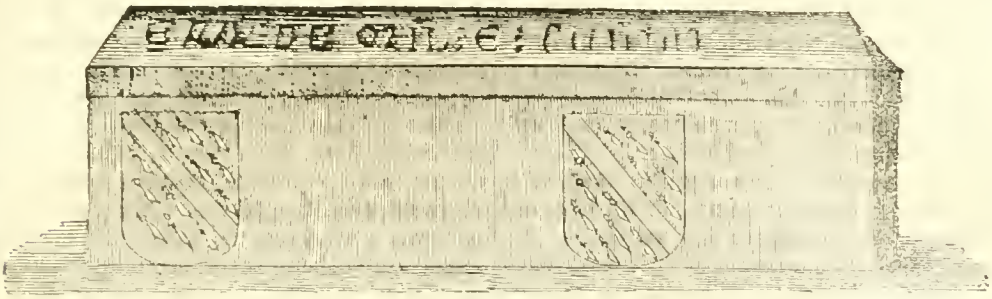
«Paga cada irmão todos os mezes um vintem applicado para a despeza da fabrica: e por todo o defunto, ou defunta que fallece paga todo o irmão outro vintem applicado para missas; sendo porém pobres não pagam nada, e as viuvas satisfazem com dez réis cada mez.

«Provê a Mesa todos os annos tres dotes em tres orfãs filhas de irmãos; um de sessenta mil réis, o segundo de cincoenta, e o terceiro de quarenta, d'esmola que dão os doze presidentes.

«Todos os sabbados á tarde ha Ladainha de Nossa Senhora com musica e instrumentos. E cada mez faz o padre protector uma exhortação espiritual, e se reza a Ladainha, e se tiram os santos.

«Assistem todos os dias de manhã na capella duas mercieiras, que tem de ordenado cada uma vinte mil réis.

«Todos os mezes se tiram de esmola dois mil e quinhentos réis, concorrendo o juiz com duzentos réis, e outros vinte tres irmãos da Mesa



TUMULO QUE SE ACHA JUNTO Á PIA BAPTISMAL NA EGREJA DE CRASTO DE AVELÃS.

com cem réis cada um. E a dita quantia se distribue por pobres e enfermos.

«Dispendem-se todos os dias do mez varias esmolas que faz a Mesa, umas de rendimentos que ha para isso, e outras das suas bolsas, e junta a despeza das ditas esmolas, com os tres dotes que dissemos virá a importar a despeza toda trezentos e cincoenta mil reis.

«Faz a Mesa á sua custa duas festas solemnes cada anno com suas vesperas, uma é na segunda-feira depois da Dominica in Albis, celebrando os gostos e prazeres da Virgem Senhora na Resurreição de seu bemditissimo Filho, e outra a d'Ascenção de Christo Senhor Nosso, e em cada uma d'estas festas se costuma dispender a quantia de sessenta mil réis.

«Todas as vezes que morre algum irmão ou irmã a vae acompanhar a congregação com os seus vinte nove capellães, com sobrepelizes e barretes, e para isso tem cada um a sua sobrepeliz e barrete em uma caixinha com sua chave mettida nos bancos de encosto que estão no claustro.

«E se o irmão ou irmã era pobre, depois de lhe ter assistido a congregação com medico, cirurgião, botica, e alimentos convenientes, morrendo lhe dá sepultura.

«Por todo o irmão ou irmã que fallece diz cada capellão quatro missas; e se o numero dos defuntos é grande, e os capellães da irmandade não podem dizer todas, se mandam dizer as que faltam em outra parte.

«Por cada irmão ou irmã que morre rezam cinco padres capellães um nocturno, e no oitavario dos Santos, se faz na egreja de S. Roque um officio solemne com prégação.

«Quando se sabe haver discordias entre alguns irmãos são chamados á Mesa, e admoestados se procuram compôr, e reduzir a boa paz e amisade christã.

«Quando algum irmão se ausenta se lhe dá sua patente, para constar que é irmão, e avisada a Mesa de que é fallecido se lhe não falta com os suffragios, como se estivesse presente na cidade.

«Importa a receita de tudo que a irmandade cobra valor de nove mil cruzados cada anno, e a mesma quantia pouco mais ou menos costuma dispender com os capellães, esmolas, dotes, fabrica da capella, e mais gastos no decurso de cada anno.»

É justo fallarmos aqui do methodo adoptado pelos padres da congregação para ensinarem a doutrina — methodo que tão grande nome grangeou ao padre mestre Ignacio, por antonomasia o *Padre da Doutrina*, que, entre os varios livros que confeccionou, coordenou a Cartilha.

A doutrina principiou a fazer-se dentro da egreja de S. Roque, saindo primeiro o irmão sachristão com a campainha, e assim ia pelas ruas, ajuntando os meninos, e convocando o povo para o templo de S. Roque.

Reunidos os meninos e o povo, subia um padre ao pulpito, e d'ahi doutrinava.

Foi no anno de 1581 que o padre mestre Ignacio se lembrou de sair pelas ruas de Lisboa com os seus doutrinados; usando de traças de caridade e zelo para acarinhar o povo, e ganhar-lhe a confiança afim de lhe confiarem os filhos a quem elle desejava ensinar. Conduzia o padre o seu rancho, com uma canna na mão, cantando e repetindo-lhes as orações.

Custou no principio a habituar-se a cidade a este novo methodo de doutrinar, e não pequenos desgostos colheu d'isso o padre Ignacio, os quaes não citaremos aqui, por não virem ao contexto da nossa obra. A perseverança venceu ao cabo dos tempos, e o auditorio foi a pouco e pouco crescendo, a ponto de assistirem a estas lições até os adultos, e ainda os mais autorisados em empregos.

Para induzir a estes ultimos a estarem bem certos na doutrina, principiava o padre Ignacio a interrogal-os tambem quando fazia repetir ás creanças as orações; d'aqui tomavam os mais crescidos vergonha de se verem menos scientes do que os meninos, e por isso estudavam a doutrina para não serem encontrados em falta quando succedesse serem interrogados.

Escolhia o padre os logares mais publicos para doutrinar. As escadas do Hospital d'El-rei, que então se achava estabelecido no sitio onde hoje

está a Praça da Figueira ; o pateo das Comedias, logar que de proposito buscava para combater os comediantes ; o largo do Corpo Santo, onde concorriam muitos estrangeiros, soldados e marinheiros ; a praça da Ribeira ; a feira da Ladra, e outros assim concorridos os preferia elle para explicar o cathecismo. Ahi se apresentava de subito com o bando dos seus meninos, e assim cathequisava, como é de justiça dizer.

Lembrou-se o padre de conquistar tambem a muita gente preta que havia na cidade. Chamou para esse fim os principaes das nações, e lhes expoz o grande bem que se seguiria para elles de ouvirem a doutrina. Difficultaram elles o poderem-se ajuntar pela semana por andarem occupados no serviço de seus senhores, e aos domingos e dias santos de guarda terem de uso juntarem-se nos seus bairros, e alliviarem-se do trabalho da semana em suas festas e bailes. Eram os escravos divididos em vinte nações, e mestre Ignacio concordou com elles que cada domingo saissem cinco nações á doutrina, caindo assim um domingo para se doutrinarem, ficando-lhes livres os outros tres para as suas recreações.

Não ficando n'esta primeira conferencia assentado o negocio definitivamente, combinou o padre com os maioraes fazer n'um dos proximos domingos uma procissão á egreja do Hospital d'El-rei, aonde se ordenaria por ultimo o negocio, e se assentaria a definitiva resolução.

No dia aprasado acudiram os pretos á referida egreja, em numero de mais de mil, e o padre lhes fez uma pratica do pulpito, narrando-lhes o que estava assentado, e dividindo em turnos os domingos das doutrinas. N'este dia, e com esta solemnidade ficou combinado quanto respeitava aos pretos, e por muitos annos successivos assim acudiram á doutrina.

Premiava o padre os meninos que melhor respondiam ao cathecismo com premiosinhos como por exemplo contas, veronicas, santos, e outras coisas de devoção.

Para estas veronicas alcançou do estado uma esmola nos armazens do chumbo.

Das contas que distribuia narra a Chronica do padre Telles o seguinte, que merece especial menção para conhecermos os santos ardis de que este valente soldado de Christo se servia. Reza assim a Chronica:

«Com a mesma confiança com que dava uma veronica de chumbo, offerecia umas contas de carvão (que assim chamava ás que mandava fazer, dando-lhe por mui pouco dinheiro muitas duzias) estas repartia pelos meninos, e talvez as dava aos mais ricos, e mais illustres. Contarei n'este particular um caso de estranha edificação; estava elle uma vez fazendo a sua doutrina no Terreiro do Paço, nas escadas aonde hoje se aloja a companhia, que está de guarda ; assistia na janella (em que os governadores d'este reino costumavam ver as festas d'aquelle terreiro) o cardeal Alberto, filho do imperador Maximiliano, archiduque de Austria, e irmão de tres imperadores (Rodolpho, Mathias, e Fernando) principe dignissimo dos estados de Flandres (o qual então governava este reino) porém estava recolhido dentro com as vidraças corridas, de tal maneira que elle via, sem o verem. Chegou o padre mestre Ignacio pelo discurso da doutrina a um passo, n'elle mui azado, que era perguntar a todos se tinham contas? E em prova da devoção da Senhora, fazia com o auditorio, que cada um saisse a publico, fazendo mostra, e dando conta de suas contas ; e era n'este particular tanta a confiança do padre, e tinha ordinariamente tão bons successos n'este seu alardo geral, que com todos entendia, e nenhum se lhe escusava de mostrar as suas contas, havendo por vezes muita festa no auditorio, em razão da boa graça com que o padre entendia, até com os mais graves, que por medo, ou por vergonha, traziam e mostravam contas.

«Foi elle d'esta vez fazendo sua resenha; e perguntando pelas contas, chegou com os olhos ao logar da janella, aonde sabia que estava o cardeal, e com a mesma confiança, entendendo com elle, lhe pediu que quizesse tambem sua alteza honrar aquelle auditorio, mostrando suas contas, pois tambem era devoto da Senhora ; e vendo que lhe não respondiam, virando-se para o povo, disse: parece que nos não quer mostrar as suas contas ricas : e logo chamou um menino da doutrina (que estes eram os seus embaixadores) e lhe poz sobre o chapeo umas das suas contas de carvão, dizendo-lhe que fosse acima, que de sua parte as offerecesse a sua alteza. Sae logo este anjo da embaixada, sobe as primeiras escadas, atravessa a sala dos Tudescos, passa por todas as mais escadas, salas, e corredores, vence quantas guardas costumam assistir nas portas reaes, entra dentro da camara aonde estava o serenissimo principe, põe o joelho no chão, e na salva do chapeo lhe offereceu as contas de carvão ; recebeu-as o christianissimo cardeal, e com a confiança de principe, fez logo abrir a janella, e mostrando-se ao auditorio, deitou o braço fora, mostrando ao povo as contas da santa doutrina, que o padre mestre Ignacio lhe mandou. Com a vista de acção de tanta christandade, foi grande o auditorio; levantando todos um grande viva, não menos ao principe, que ao padre; a este pela santa confiança, ao principe pela grande piedade.»

Continua. F. D. d'Almeida e Araujo.

ESTUDOS SOBRE A HISTORIA SAGRADA.

USOS.

Continuação.

Cheios de respeito para com os seus similhantes, tratavam como senhores aquelles que queriam honrar, inclinando-se ante elles até toca-

rem o chão. É a isto que a Escriptura chama *adorar*. Era ordinario abraçarem-se quando se encontravam.

Em logar de se descobrirem, como nós fazemos, descalçavam-se ao entrar nos templos.

Nenhuma nação observou mais religiosamente as leis da hospitalidade. Recebiam os seus hospedes com muita affabilidade, faziam-lhes todos os bons officios que podiam; n'uma palavra todos os deveres da humanidade.

A vida farta e tranquilla que os hebreus passavam, a belleza do seu paiz, a doçura do clima que habitavam, tudo emfim os induzia aos prazeres; porém estes prazeres eram simples e faceis; consistiam em comer bem, e na musica. Nos sabbados é que se entregavam aos festins, e assim tambem nos dias de festa determinados pela lei. Os casamentos, a repartição dos despojos depois de uma victoria, a tosquia dos carneiros, a ceifa, a vindima eram para elles dias festivos e de recreação.

A cavalgadura ordinaria era o burro, até mesmo para as pessoas mais ricas. Para dar uma grande idéa de Jair, um dos juizes, diz a Escriptura que elle tinha trinta filhos montados em trinta burros, e chefes de trinta cidades. Diz de Abdon, outro juiz, que tinha quarenta filhos e trinta netos montados em setenta burros; e no cantico de Debora, os chefes de Israel estão descriptos montados em burros gordos e anafados.

COMIDA E BANQUETES.

Os hebreus não comiam indistinctamente toda a casta de animaes. Deus lhe ordenara as viandas de que deviam fazer uso. Os peixes que não tivessem escamas, as aves de rapina, os amphibios, os animaes que não tem unha rachada, os que não ruminam, e o porco especialmente, o sangue etc. eram-lhes prohibidos, mesmo por causa da difficuldade da digestão n'aquelles paizes quentes.

Nas melhores mesas serviam-se viandas solidas e succulentas; comiam-se cozidas, assadas, e guizadas. Não conheciam a maior parte das especiarias. O sal, o mel, o azeite eram os seus temperos; e usavam algumas vezes de aniz, gengibre, açafrão e hervas aromaticas. Depois das viandas, as iguarias mais estimadas eram as que se compunham de legumes e grãos. Poucas vezes comiam peixe; reputavam-no um alimento muito delicado e leve de mais para homens robustos. Faziam bolos com azeite e mel. A comida ordinaria dos ceifeiros eram sopas de vinagre, e cozido. O vinho reservava-se para os dias de festa, e para os festins de apparato.

Não comiam com toda a especie de gente, porque julgavam manchar-se e deshonrar-se sentando-se á mesa com pessoas d'outra religião, ou de profissão vergonhosa e desacreditada. Primeiramente comiam sentados; mas depois a exemplo dos povos da sua visinhança, comeram deitados em leitos, encostado o cotovelo, postura incommoda imaginada pela molleza dos orientaes, e que a rusticidade dos povos do norte aboliu passados seculos.

A gente bem regrada comia depois do trabalho, e bastante tarde. É por este motivo que na Escriptura *comer e beber desde manhã*, significa a desordem e a devassidão. Nos jantares cada um tinha sua mesa á parte, e a pessoa que dava o festim fazia a distribuição das viandas. O grande respeito para com os hospedes consistia em lhes dar mais abundantemente de comer e beber. Partia-se o pão á mão, e por isso os pães eram estreitos e compridos.

Nos festins solemnes creava-se um rei, que destinava a cada conviva o seu logar, e que era eleito pela sorte, ou escolhido pelo dono da casa. Era quem mandava, e todos estavam obrigados a obedecer-lhe. Esta obediencia nada tinha de penosa, porque o seu fim era a ordem e vivacidade no prazer. Emquanto se comia, os musicos tocavam, e os servos queimavam perfumes. Ordinariamente estes banquetes tinham logar no campo á sombra das arvores.

PURIFICAÇÃO.

O aceio e limpeza são muito necessarios nos paizes calmosos, onde o ar se corrompe com mais facilidade, e ha mais falta de aguas do que nos paizes frios. Era por isto que todas as purificações ordenadas aos judeus pela lei de Moysés, não tinham unicamente por fim costumal-os á obediencia, e eleval-os a Deus por via das acções as mais ordinarias da existencia; eram tambem para conservar a saude, e portanto prevenir as doenças. Tinham por base a hygiene.

Determinavam aquellas leis não só o banho do corpo, como tambem a lavagem dos vestidos e muitas e amiudadas circunstancias e recontros: especialmente quando o hebreu tocava um corpo morto, ou um animal impuro. De ordinario as purificações tinham logar ao levantar da cama, ao deitar, e antes de comer. Os vasos e as casas, onde se notava alguma corrupção, eram purificadas ou pelo fogo ou pela agua. Obrigavam-se as mulheres depois do parto a esta pratica. Aos sacerdotes pertencia julgar das impurezas legaes, e ordenarem o modo das purificações.

LUTO.

Os israelitas tomavam luto nas calamidades publicas, quaes eram as pestes, a esterilidade geral, e invasão de inimigos; e tambem nas desgraças particulares, como por exemplo a morte de um parente, ou d'um amigo; na sua enfermidade perigosa; quando se caía em captiveiro, e até mesmo se elles eram accusados de um crime.

Não consistia o luto só em mudar de vestidos; tambem os rasgavam. As acções mais ordinarias eram bater nos peitos, descobrir a ca-

beça, lançar n'ella cinza e terra em vez de perfumes, rapar a barba e os cabellos.

Emquanto o luto durava não se ungiam, nem lavavam. Era da essencia trazer os vestidos sujos e rasgados; ou em vez d'estes usar o que se chamavam saccos, que eram fatos muito estreitos e sem pregas. Tambem estes vestidos se appellidavam cilicios, por serem feitos de fazenda grosseira. A cabeça e os pés andavam descobertos, porém o rosto tapado. Ordinariamente embuçavam-se n'um manto, para não verem a claridade do dia, e occultar assim as lagrimas. Só depois do sol posto é que comiam, e estes alimentos eram dos mais ordinarios, por exemplo pão e legumes. Unicamente se bebia agua.

Encerravam-se durante o luto, ou sentados no chão, ou deitados na cinza, e guardando profundo silencio, só interrompido por lamentações, e canticos funebres.

O luto por uma pessoa morta durava ordinariamente sete dias. Algumas vezes prorogava-se por um mez, e ainda mais tempo, porem isto poucas. Viuvas havia que o conservavam por toda a vida.

Continua. A.

RELAÇÃO DAS COISAS QUE ACONTECERAM EM A CIDADE DE ANGRA, ILHA TERCEIRA, DEPOIS QUE SE PERDEU EL-REI D. SEBASTIÃO EM AFRICA.

Continuação.*

LVI

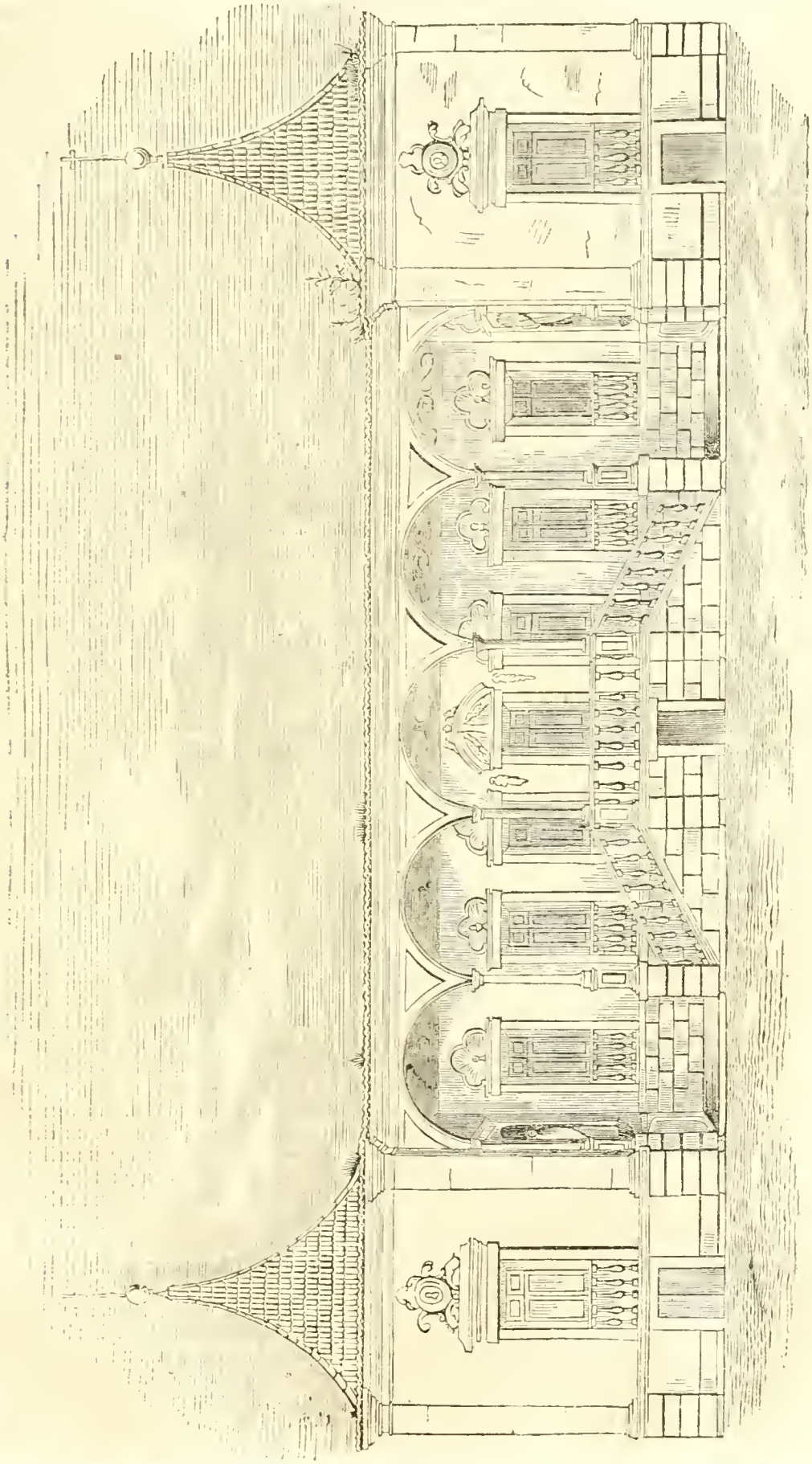
De como o Snr. D. Antonio ordenou a armada, e do que lhe succedeu.

Sendo já no fim de agosto do ditto anno de 1582, dice o Snr. D. Antonio com os do seu conselho, que se determinasse de se aperceber a armada que estava no porto, por que se vinha chegando o hinverno; sem o povo saber para onde. Mandou fazer gente n'esta ilha, e nas ilhas debaixo. Ajuntaram-se como trez mil portuguezes soldados. Desta ilha não queria elle tirar muitos, pelo que importava á defensão desta ilha. Fizeram-se muitas enxadas, pás, e outros artificios, para guerra. Proveu-se a armada de todos os bastimentos, que tudo a ilha tinha. Uns diziam que a armada, que se fazia para as ilhas de Canaria; outros, que para a ilha da Madeira; e a presumpção que se tinha que ia direita a Lx.ª E como tudo levava ruim fim, se embarcou o Snr. D. Antonio: podiam ir nella portuguezes, inglezes e francezes, sette para oito mil homens. Foram perto de settenta velas grandes, e pequenas, com muitos navios latinos. Foram com vento prospero no mez de Setembro. No fim delle, e entrada de Outubro, tal tormenta lhes deu, que com ella se apartaram, uns para um Cabo, outros para outro, muitos destroçados. Os inglezes se foram logo para Inglaterra. Os francezes parte delles. Quando o Snr. D. Antonio, acabada a tormenta, saíu fora, não viu mais que quatro naus com a sua ao longo da ilha de Santa Maria. A gente de terra não sabia que naus eram: pozeram-se em armas para defenderem a ilha. Mandou o Snr. D. Antonio recado, que era elle: ficou a gente toda quieta, e alvoroçada e contente. O capitão não lhe quiz fazer a vontade, dizendo que lhe não pozessem a cabeça ao talho, por que era cousa perigosa que se deixasse sair o Snr. D. Antonio com aquella gente fora dar-lhe obediencia como vassalos, e que a elle o mandaria El-rei degolar, e a elles todos bem castigados; que o deixassem com isso. Fez um grande presente, e o mandou ao Snr. D. Antonio, e lhe mandou dizer que bem via sua alteza, ou magestade, o perigo em que punha sua vida, e fazenda e dos moradores da ilha; e que elle como principe catholico, e natural fosse servido ser juiz da causa, em querer lhe dessem obediencia como rei: que se elle quizesse sair em terra só com alguns fidalgos portuguezes, que elle e sua fazenda e dos moradores da ilha estavam a seu serviço, e que se recreasse em terra, que lhe não faltariam mimos, e que a ilha o teria por grande mimo e ditta o que nunca se imaginou: mas que como a rei se não attreviam a dar-lhe vassalagem, por que tinham jurado, e dado obediencia a seu primo el-rei Filippe: mas que como principe e Snr. D. Antonio, filho do Infante D. Luiz, fizesse o que quizesse delles, e que mandasse dizer o que havia mister para as naus, que tudo iria. Pareceram-lhe tão bem as razões do capitão-mor, que lhe mandou os agradecimentos, dizendo, que não saía em terra por não tornar de novo a enjoar, e que ia muito satisfeito de tão honrado aviso. Não quiz sair em terra, posto que sua vontade era boa, sem a gente das naus, porque conheceu em si, que bem leaes se lhe tinham mostrado muitos, e que lhe faziam cada hora traições: que se elle saíra em terra com trinta ou quarenta homens, que melhor sorte podia ter aquelle capitão que prendel-o. E o mais dissimulou e mandou dar as naus á vela, e se veiu metter no porto desta cidade, onde foi bem recebido, com muita festa, posto que aguada com seus ruins successos, e lhe ir tudo para traz.

Continua.

Os desenhos que hoje publicamos, e a curiosa noticia que os acompanha devemol-os ao ill.mo sr. J. A. C. de Castro e Sepulveda, Deão da Sé de Bragança, a quem agradecemos cordealmente este distincto obsequio, e pedimos desculpa da demora na publicação, devida a causas estranhas á nossa vontade.

(*) Do num. 52 do vol. antecedente.



PALACIO DE PALHAVÃ.

PALACIO DE PALHAVÃ.

Ignorados hoje, como celebrados foram em tempo mais antigo, estão alguns palacios, cujas salas ao presente silenciosas e mudas, já retumbaram com os eccos de festivas reuniões. N'este caso está o palacio de Palhavã, cuja principal fachada se representa em a nossa estampa, e cae para o grande pateo que lhe dá entrada, fechando-se para a estrada pelo elegante portico que apresentámos em o num. 49 do anno passado.

Quem irá agora acordar aquelles eccos tão dormidos e repoisados dès que os seus primeiros habitadores, os srs. D. Antonio e D. José (vulgarmente chamados *os meninos de Palhavã*) d'ali passaram á sua ultima morada n'uma singela capellinha, que para jazigo se lhes lavrou no claustro do real mosteiro de S. Vicente de Fora, junto ao corredor que dá saida para o segundo pateo do mesmo mosteiro? Quem recordará hoje que n'essas elegantes salas, onde os variados genios da pintura se deram mãos para as fadar com todos os encantos da sua enobrecida arte, houve festas esplendidas no tempo dos marquezes do Louriçal, tambem seus possuidores?

Ninguem; vendo-as ao presente tão abandonadas e desertas, vendo-as taes que a poeira de muitos annos, amontoada sobre as suas paredes, já tomou consistencia para affrontar as mais violentas rajadas de vento, que, penetrando atrevido pelas vidraças quebradas, corre desaffrontadamente aquellas ermas solidões, tão desguarnecidas de tudo!

Ao escutar-lhe o sibilo por tamanho labyrintho de salas, ao ouvir-lhe o som plangente reperentido n'ellas, diricis de certo que até os proprios elementos choram tamanho abandono! Talvez... Para nós é crença que desde 5 de Setembro de 1833 ali caiu uma d'essas maldições que aniquilam completamente.

N'esse dia verteu-se ahi muito sangue portuguez derramado ás mãos de portuguezes! Soldados de um e outro partido combatente saquearam o palacio, e as frondosas e copadas arvores do seu tão fallado e notorio bosque foram derrubadas a machado! Desde esse dia o genio da destruição assentou ali seu throno, e despedaçou pelas proprias mãos as grinaldas festivas que adornavam a fachada d'aquelle edificio, expulsando d'elle o riso e as festas, e fechando á chave o templo onde por tantos annos tiveram culto!

Lindissima é a paizagem que se logra d'esta vivenda, puros e saudaveis os ares d'este formoso arrabalde da capital; mas nem assim a casa de Palhavã póde ainda attrahir sobre si a attenção dos actuaes possuidores, que nos dizem ser os srs. condes de Lumiares; e dentro em poucos annos, a continuar tal descuido, esta famosa architectura, estes enlevos de arte serão ruinas venerandas da epoca faustosa d'el-rei D. João v.

Eram filhos naturaes d'este monarcha os seus primeiros habitadores, D. Antonio e D. José, de que acima fallámos, e que foram legitimados já em tempo d'el-rei D. José. De habitarem desde a infancia n'este aprasivel sitio lhes veiu o epitheto de *meninos de Palhavã*, que conservaram em toda a sua longa vida. Como filhos de rei viveram com estado de principes, e muito festejados na côrte; se bem que tiveram a queixar-se do marquez de Pombal, que alcançou do monarcha, por um d'aquelles caprichos a que o omnipotente ministro era subjeito, ordenar-lhes residencia no Bussaco. Inseparaveis na infancia, companheiros no referido infortunio, e muito unidos durante a vida, ainda na morte se abrigaram sob o mesmo tecto, pois seus tumulos, levantados durante o reinado da senhora D. Maria I, estão collocados na mesma capella, com inscripções que relatam sua illustre ascendencia.

Não virá aqui fora de proposito arrojarmos uma conjectura sobre a origem d'este nome de *Palhavã* ao sitio que corre fora das portas de S. Sebastião da Pedreira. Houve, em tempos antigos, uma dona com este appellido, casada com um descendente do celebre João das Regras. Talvez tivesse vivenda n'este logar, e por sua nobreza desse nome ao sitio. A outro, mais investigador d'estas minuciosidades, apontamos a conjectura, e deixamos a gloria de esclarecer a verdade.

CHRONICAS MONASTICAS.

DA COMPANHIA DE JESUS.

III

CASA DE S. ROQUE.

Continuação.

Agora que já demos noticia da irmandade da Doutrina, e contámos do padre mestre Ignacio Martins, que foi na Companhia o mais distincto no ensino da Cartilha, seguiremos na descripção das capellas da egreja, dando conta do ornato d'esta da Doutrina.

Os congregados da Doutrina não se satisfazendo com o ornato que acharam na capella, e que já então era reputado um dos melhores pela sua perfeição, resolveram no anno de 1688 formal-a de maneira que parecesse toda feita de novo. A nova obra foi acabada no anno de 1690.

Até á altura da banqueta foi a capella toda feita de pedra marmore, com embutidos de varias côres. Teve duas portas, em volta redonda, ficando uma da parte da Epistola, e dando serventia á sachristia, e a correspondente com saida para a capella de S. Francisco Xavier. Estas portas brilhavam pelos seus embutidos de varias côres.

Segue dos dois lados por cima da pedraria excellente obra de talha que reveste a parede. De cada parte um santuario, que nos dias de festa se descobria. De talha é egualmente o tecto, e o arco que assentado sobre pilares da entrada á capella. Fecha-se ella com grades de pau ebano, de balaustres retoreidos, seguros em pilares de pedraria com embutidos. O frechal não desmereceu em nada obra tão perfeita.

Duas columnas compõe de cada lado o retabolo, obra coryuthia, com os respectivos capiteis, alquitravé, friso, e cimalha. Entre as columnas um nicho, e no seu throno a imagem da Senhora da Doutrina. Para serventia do throno acha-se o altar separado do retabolo. Por cima do nicho correm os trossos que seguem em volta do retabolo.

Da parte do Evangelho ficava a imagem de S. Joaquim, e da Epistola a de Sant'Anna.

O altar de marmore guarnecido de embutidos, contem em si a imagem do Senhor morto, que se expõe nas sextas feiras de Quaresma, porque d'esta capella principiavam os Passos.

No tempo da Companhia compunha-se das seguintes peças a prata d'esta capella.

Duas alampadas grandes.

Uma cruz grande, e quatro jarras, sobre a banqueta do altar.

Um rico frontal, que sobre a prata batida de que constava era em partes sobre doirado.

Banqueta de prata.

Uma peanha de prata, sobre a qual se expunha a Senhora quando saia em procissão.

Era egualmente de prata o andor em que se levava a imagem.

Trinta e seis castiçaes, entrando n'este conto seis grandes, e de diversos feitios.

Uma sacra, e uma estante.

Um Evangelho de S. João, e um missal guarnecido de perfeitas chapas de prata.

Quatro pivetarios, um prato, e um gomil.

Uma caçoila.

Dezeseis jarras tanto grandes, como pequenas.

Um calix doirado, com sua patena.

Um vaso para consagrar as particulas da communhão.

Um vaso para o lavatorio dos que commungavam.

Umas galhetas com seu prato.

Uma cruz de prata, de guião.

Dois vasos que serviam para tomar os votos nas eleições.

Cinco varas de prata, que os officiaes levavam nas procissões.

Uma palangana, e uma caixa de hostias.

Duas corôas de filagrana de oiro e aljofres.

Duas corôas de prata, uma da Senhora, outra do Menino.

Um livrinho guarnecido de prata.

Um sinete.

Estimava-se toda esta prata em trinta mil cruzados.

Correspondia a toda esta riqueza outra não menos sobeja em frontaes, casulas, e mais ornamentos, que tantos eram que com elles se podiam prover não só capellas, mas tambem egrejas.

A capella que a esta se seguia era dedicada a S. Francisco Xavier, e foi fabricada por Antonio Gomes d'Elvas.

E de abobada e marmores, com seus paineis de cada lado encaixilhados tambem em marmore.

De talha doirada com duas columnas por banda se compoz o retabolo, com uma imagem do Apostolo da India em vulto. Por traz d'esta um painel, onde se representou o mesmo santo fazendo oração diante de Nossa Senhora.

Proxima está a capella de S. Roque, que foi feita á custa dos padres, segundo a obrigação que tomaram com a irmandade quando se empossaram da ermida.

Esta capella teve dois retabolos, o primitivo, que havia servido na sobredita ermida, e outro mais moderno, feito tambem pela irmandade. Foi este de talha doirada, com duas columnas por banda, e assentou-se em um nicho a imagem do santo, em vulto.

Na parte do Evangelho poz-se um quadro com moldura de talha doirada, e n'elle a pintura do santo apparecendo-lhe um anjo. Correspondente do lado da Epistola, ha uma tribuna na passagem para o pulpito.

A capella visinha da de S. Roque, e immediata ao cruzeiro deu-se a invocação da Senhora da Conceição, que na primitiva fundação teve a de Senhora da Assumpção, dada pela sua fundadora D. Luiza Froes. N'esta, como já dissemos, foi que teve começo a congregação da Doutrina; e por mudança para a outra capella, se passou a dar á de que tratamos a invocação da Conceição.

Aqui teve assento a irmandade dos Agonisantes, cujo era o carneiro que havia por baixo do adro.

Fez-se-lhe retabolo de talha doirada, com duas columnas por banda, e no meio um nicho com uma gloria de anjos, aos pés da Senhora. Abaixo do nicho poz-se a imagem da mesma Senhora, já defunta. Esta imagem tinha o rosto e as mãos de cera. Antigamente fazia-se uma procissão em que se conduzia esta Senhora n'um andor.

Embutiram-se os lados do altar com marmores, e assim tambem se ornou o espaço que decorre do arco da capella até á porta.

Sobre a altura da porta, fez-se de cada lado um santuario de reliquias, cobertos com dois paineis, que se tiravam nas occasiões de festa. As molduras dos paineis, de talha doirada e com muita perfeição, acompanhavam o vão que fica junto aos santuarios. Entre os pilares do arco assentaram-se grades de pau santo, fechando a entrada.

A prata d'esta capella compunha-se de uma

boa alampada de prata, um excellente frontal, duas banquetas, uma sacra, seis castiçaes de pé triangular, uma cruz com a respectiva hastea tambem de prata, que servia no guião preto dos defuntos, e no pendão da festa.

Para o carneiro, de que já tratámos, dava entrada, por uma escada de pedra, a porta que fica á mão direita da principal da egreja.

Hoje é a capella do Santissimo.

Tratando agora das capellas no corpo da egreja, da parte do Evangelho, logo á mão esquerda a quem entra no templo, fica a que se intitulou de Jesus, Maria, José. Teve uma irmandade de gente nobre.

O retabolo, que consta ser ainda o primeiro que a capella teve, é bom, assim como o painel que fica entre as duas columnas que de cada banda se assentaram.

Em cada um dos lados da capella se pozeram paineis de boa pintura, representando um o nascimento de Christo, e outro a adoração dos Reis. Excellentes molduras de talha são complemento dos paineis.

Junto á capella ha a respectiva sachristia para esta irmandade.

A prata constava, no tempo da Companhia, d'uma formosa alampada de prata, e no altar seu frontal de prata batida, e da mesma a banqueta, seis castiçaes, uma sacra, e cruz com hastea de prata para o guião.

Segue-se a da invocação de Santo Antonio. Foi fabricada á custa da herança de Pedro Machado de Brito, que ordenou á Mesa da Misericordia de Lisboa, sua testamenteira, lhe fizesse uma capella para sepultura d'elle, e seus descendentes. Para cumprimento da testamentaria deu a Misericordia um conto e seiscentos mil réis aos padres de S. Roque, que fizeram então esta capella, pelo risco das outras da egreja, correndo por obrigação dos padres a fabrica e o guisamento das missas, que n'ella diziam dois capellães com a esmola de quarenta mil réis cada um, pagos pela Misericordia.

Continua. F. D. d'Almeida e Araujo.

A VIDA É SONHO.

Não hajas medo, não: a vida é sonho...
Se queres desengano estuda a morte;
N'ella reluz da crença o mais sublime,
Porque só Deus é Pae, é Justo, é Forte.

Ao acordar da vida o triste sonho,
Bem podes crer passado o pesadelo:
Lagrimas, dôr, saudades, amargura,
Tudo findo será no eterno appello.

. . . . . .

No regaço da fé adormecido,
Aquelle anjo não vês, tão junto á cruz?!
Olha que os labios seus lá 'stão sorrindo
Ao brilhante fulgor da eterna luz.

Não vive?!... Sim que vive eternamente
Na celeste mansão; lá nos espera
N'uma aurora perenne, que deslumbra
Vivo clarão de fulgurante esphera!

Choral-o cá na terra é crime infando,
Que do mundo fugiu á pena, ás dores;
Foi prazeres buscar, almos, infindos,
Onde as virtudes são puros amores!...

. . . . . .

Da virgem tu não vês sereno o rosto,
Tranquilla, ali na eça, repoisando?!
Á terra o vil despojo ella deixou,
Glorias immortaes lá está gosando.

Não lamenta do mundo a vida ingrata
Que a vida, cá na terra, é trevas — morte!
No ceo, onde milhões de estrellas rolam,
É d'anjos immortaes perenne a sorte!...

. . . . . .

Ali, se vê tambem descida á campa,
Aquella terna mãe dos filhos seus;
Espirito immortal na gloria adeja
Cá na terra velando-os lá dos ceos!

O susurro das auras é voz sua:
O filhinho a entende, e desvairado
A morte implora — a morte, que o separa
D'aquelle amor materno tão presado!...

. . . . . .

Triste cinza que vês ali dormida
Por outra cinza espera!... Sim que espera
Os laços conjugaes, que deu no mundo,
Reapertal-os lá na santa esphera.

Isemptos dos vaivens do mundo ingrato
Não temem, não, os acerados gumes
Que os ulcerou na terra, entre mil dores,
De suspeitas crueis, negros ciumes!...

. . . . . .

Não hajas medo, não... a vida é sonho
A sepultura só falla a verdade,
Além d'ella nos chama a voz do Eterno,
Que no mundo só reina a falsidade!

O ocio facilmente se casa com a ignorancia: a dissipação, e a pobreza, são os legitimos fructos d'essa união.

ORIGEM DAS CAMARAS MUNICIPAES.

As guerras, as desavenças entre os monarchas e os seus poderosos vassallos, e as grandes crises nacionaes eram as occasiões em que nos tempos antigos a classe do povo se via mimoseada e afagada pelos poderosos, porque sendo ella a mais numerosa, o seu peso era immenso no lado a que propendesse.

Não era coisa para estranhar o ver então n'essas epocas remotas como os monarchas se apressavam a noticiar ás cidades e villas, não só os grandes acontecimentos, como até mesmo os projectos ainda em mente, para que ellas os coadjuvassem no empenho da alta empresa que se commettia.

D'estas causas foi tomando corpo o elemento municipal, e com elle o elemento do povo, e nos primeiros tempos da nossa monarchia, em que o estado era propriamente uma aggregação de municipios, serviam as camaras de intermedio entre o povo e o rei para a execução das ordens d'este ultimo.

Foi d'aqui que proveiu tambem nos primeiros tempos d'esta monarchia o cuidado empregado pelos soberanos em promoverem a povoação, porque o paiz falto estava d'ella em consequencia das sanguinolentas lutas com os serracenos; em fomentar a agricultura, que pelas mesmas causas a terra se podia chamar *virgem;* em levantar cidades, e villas, porque arrazadas a maior parte d'ellas tinham passado á denominação de *fogo morto*.

Era doloroso n'aquelle tempo o aspecto do paiz. Os povos que não haviam sido cortados pelo ferro inimigo, morriam de fome. A agricultura reduzia-se a *herdades, coirellas, granjas, villas, aldêas* e *alquarias*, que eram terras dispersas e isoladas, marcadas pelo miseravel casebre onde o agricultor com a sua familia e os seus gados encelleirava os productos das suas mesquinhas cearas.

Por isso tambem grande foi o zelo que os nossos primeiros monarchas empregaram em repovoar o reino, publicando leis ajustadas, e dando aos colonos muitos privilegios.

Dividindo em coirellas as terras da conquista, entregavam estas porções a homens de boa reputação e nome, que assim encontravam n'estes terrenos o sustento necessario á sua familia e servos.

E quando por este meio se achava um logar já alguma coisa consideravel, dava-se-lhe um official municipal e um juiz que decidia as causas dos seus moradores em primeira instancia.

Mais avultadas já estas aggregações de cultivadores, e com ellas as dos officios mecanicos attrahidos áquelles novos gremios pelos trabalhos agricolas—que reciprocamente se davam as mãos, fomentavam e protegiam—passavam a ter seu foral, que mais fortemente attrahia então os homens isolados e dispersos, a quem se assegurava assim o fructo do trabalho e da industria.

Muitas vezes estas regalias subiram a ponto de se declarar livre todo o servo, que se fixasse por mais de um anno n'um determinado logar.

N'estes foraes reservava sempre o rei os seus direitos, e por isso tinha elle na camara um official para este mester, bem como para preparar a gente para a guerra, e cobrar as contribuições da corôa.

A estes officiaes se designava por moradia o *palacio*, que hoje se diz *Casa da Camara*, e este se distinguia sempre de todos os outros edificios pelas insignias reaes.

Era ao lado d'este que commummente se levantava o palacio episcopal, quando a terra era das episcopaes, ou o senhorial, quando pertencia a algum senhor. N'estes palacios cobravam estes senhores tambem as suas rendas e tributos, e fiscalisavam os seus privilegios; sendo comtudo isemptos das determinações dos foraes.

Outro edificio bem importante n'aquelles tempos era o *concilium*, isto é o ponto central da administração, a verdadeira Casa da Camara, porque esta era quem nomeava, d'entre si, sem excepção mesmo do juiz, os funccionarios do seu concelho.

Esta população de uma Camara, designava-se pelos nomes de *tributarios, pedites e peões*, e se compunha dos lavradores, negociantes e artistas residentes no logar. Tomavam aquellas denominações pela sua qualidade de contribuintes, e pela obrigação de concorrerem á guerra, onde batalhavam a pé, por não poderem sustentar cavallo á sua custa.

Quando pelo andar dos tempos a autoridade real se foi robustecendo, e absorvendo em si os elementos de força espalhados pela classe da nobreza e do povo, estes juizes locaes nomeados pelo concilio foram substituidos pelos de nomeação regia, que os reis lhes mandavam com o titulo de *juizes de fora parte*, e os seus vereadores ficaram tambem dependentes da nomeação de um tribunal. Esta nova ordem constituiu as Camaras em delegação do poder real.

O tribunal por onde se confirmavam as vereações era o Desembargo do Paço. O respectivo corregedor enviava uma relação das pessoas nos termos de andarem no exercicio d'esses cargos em os diversos concelhos da sua comarca, e assim se escolhiam os vereadores, que constituiram modernamente as Camaras, das quaes era presidente nato o juiz de fora.

Como em tempos já antigos se olhava com uma especie de despreso todos os officios mecanicos, d'ahi proveiu a necessidade, para se defenderem da oppressão dos donatarios das terras, de se embandeirarem em corporações.

Chamado assim cada officio a um centro, as corporações nomearam os *procuradores dos mesteres*, que tinham a seu encargo cuidados especiaes, e por este meio ficaram os officios mecanicos representados nas Camaras.

Tambem estes procuradores dos mesteres vie-

ram pelo andar dos tempos a ser viciados pela autoridade real, succedendo, como a historia nos mostra, serem reconduzidos por meio de decretos estes *mesteres*, antes do praso das eleições.

Fallámos acima no official do rei nas terras a que se havia dado foral. Como bem se pode presumir, este, e os mais empregados do *palacio* eram nomeados pelo monarcha.

Havia Camaras que não tinham immediato senhor. A estas assistia o privilegio, consignado nos respectivos foraes, de terem assento em Côrtes, nomearem suas justiças, murarem a cidade ou villa, e levantarem e armarem soldados, dando-lhes capitão que os commandasse na guerra.

Este direito dado ao povo de eleger os funccionarios das Camaras, administrando por este meio sua justiça, foi-lhe alargando a area da existencia politica; e com o augmento da população se foram construindo cidades e villas, que sem subjeição a donatarios, agrupavam novas sociedades particulares, ao abrigo das suas Camaras.

Esta actividade que se desinvolvia pela frequencia das relações internas, ia dando importancia ao elemento popular, e diffundindo-se assim por elle a riqueza attrahiu a attenção do monarcha a ponto de ser chamado á representação em Côrtes.

Concorreu de certo muito para o engrandecimento d'esta classe, que pouco figurou nos primitivos tempos da monarchia, a necessidade que o monarcha tinha de meios pecuniarios para satisfazer não só ás despezas do estado, como ás da sua propria côrte, e depois a luta entre o poder real e o clerical e senhorial.

Não podemos deixar de confessar aqui ser bastante obscuro nos tempos primordiaes o direito civil das nossas Camaras Municipaes. Vêmol-as comtudo no decimo quarto seculo obtendo os seus respectivos privilegios não só das mãos dos reis, como tambem das dos donatarios, mediante confirmação real. Os foraes continham tudo quanto era relativo á governança municipal, e abrangiam disposições civis, criminaes e militares, bem como a taxa dos foros, serviços e direitos que os respectivos povos deviam pagar.

Como elles variavam nas suas disposições particulares, segundo as circunstancias das localidades, e as isempções, as terras a que se applicavam ficavam fora da homogeneidade e centro necessario para constituirem força por meio da sua unidade.

Assim vinha a ficar cada terra, por causa dos seus foraes, differente em usos e costumes, dividida pelas rivalidades da legislação, e difficultadas as communicações pela diversidade de portagens; o que foi na verdade um mal, que concorreu poderosamente para a falta de unidade de acção no elemento municipal, unico que poderia elevar o estado do povo ao logar que lhe competia na sociedade.

Os nossos foraes tomaram por modelo no Alemtejo o fôro d'Avila na Castella, que se introduziu e naturalisou em Evora; e no norte do reino, o de Salamanca.

Algumas das suas disposições eram tiradas do codigo visigothico.

* * *

ESTUDOS SOBRE A HISTORIA SAGRADA.

Continuação.

FUNERAES.

Reputavam os hebreus uma terrivel maldição o ficarem os seus corpos, ou os d'aquellas pessoas que estimavam, expostos a serem devorados pelas feras e aves de rapina, ou a corromperem-se e infectar os vivos. Repoisar no sepulchro dos seus antepassados era para elles uma consolação.

Apesar dos funeraes serem um dever de piedade, não eram comtudo acompanhados de nenhuma ceremonia religiosa; antes se reputavam uma acção profana que tornava immundas todas as pessoas que tomavam parte n'elles, até se purificarem. Por isso se prohibia aos sacerdotes assistirem aos funeraes, excepto sendo de parentes.

Offereciam-se sacrificios pelos mortos, isto é pela remissão dos seus peccados. Tambem havia uma ceremonia chamada *Baptismo dos mortos*, que consistia em purifical-os. Esta ceremonia julgava-se tão util aos defuntos, como proveitosas lhes deviam ser as orações.

Pelo commum os corpos eram enterrados; porém aquelles de pessoas mais distinctas embalsamavam-se, e depositavam-se em tumulos. Os corpos circundavam-se de drogas dissecantes, e algumas vezes queimavam-se perfumes.

Não havia sitio destinado para enterramento dos mortos. Abriam-se muitas vezes na rocha os seus sepulchros, e com tanto artificio que as portas eram de pedra gyrando sobre gonzos da mesma. Dentro d'estes sepulchros havia uma mesa de pedra, e n'esta é que se depunha o cadaver. Havia sepulchros nas cidades, nos campos, em jardins, e nas estradas reaes. O commum das sepulturas do povo era fora das cidades, e punha-se todo o cuidado em distinguir as dos israelitas das dos estrangeiros, especialmente sendo idolatras. Os sepulchros eram caiados externamente todos os annos; e foi a este costume que Jesus Christo alludiu quando comparou os phariseus aos sepulchros muito pintados de branco, que por fora parecem mui aceiados, e por dentro encerram ossos e podridão.

Quando chegava o momento de soterrar o cadaver, todos os parentes e amigos do defunto se reuniam vestidos de dó para acompanharem o corpo, formando-lhe o cortejo funebre. Suas lamentações eram proferidas em voz alta. Até havia mulheres que se alugavam para esse fim. Algumas vezes estas vozes eram acompanhadas de instrumentos funebres. Até mesmo se com-

punham canticos para servirem de orações funebres ás pessoas illustres.

GOVERNO.

Quem abre os livros de Moysés logo depara com um corpo de leis que não só tendem a conservar a religião e o culto do verdadeiro Deus, mas egualmente a sustentar e conservar os costumes, e estabelecer um estado feliz e tranquillo. Ellas proscrevem a idolatria, a blasphemia, a impureza, o luxo, a intemperança, a devassidão, a prostituição, todos os vicios emfim, que perturbam a ordem da sociedade e a felicidade das familias. Ahi apparecem reguladas as festas, os deveres reciprocos dos paes e das mães, dos senhores e dos servos. N'ellas se lêem ajustadas regras para a modestia e para a frugalidade.

O primeiro governo dos hebreus foi theocratico; quer dizer que o proprio Deus os governava pela lei que lhes dera. Os juizes, como Josué, Gedeão, Jephté etc. eram simples logar-tenentes que elle delegava, quando lhe aprazia, para certas obras extraordinarias, cujas commissões ás vezes prolongava durante o decurso de suas vidas, porém não lhes communicando nunca a autoridade soberana.

Os israelitas foram perfeitamente livres antes do estabelecimento dos reis. Esta liberdade foi-lhes porém bastante cerceada quando rejeitaram o imperio de Deus para se subjeitarem ao de um homem. Viram-se então expostos a todos os abusos do poder arbitrario: — «O rei que pedis, disse-lhes Samuel, tirar-vos-ha os filhos para os fazer seus servos, e as filhas para o servirem: tomar-vos-ha os escravos e os animaes para os fazer trabalhar para si; arrebatar-vos-ha o que melhor produzirem as vossas vinhas e oliveiras, para o dar aos seus servidores; fazer-vos-ha pagar o dizimo dos trigos e do producto das vinhas para o dar aos seus officiaes; receberá o dizimo dos vossos rebanhos, e sereis seus escravos.»

Desde o captiveiro até ao tempo dos reis Asmoneus ou Machabeus o governo se transformou em aristocratico e democratico; queremos dizer, composto de um senado que se formava dos mais distinctos cidadãos, e do povo que se juntava, e decidia conjuntamente com os senadores. Eram porém subjeitos ao rei da Syria, a quem pagavam tributos, e que os tratava como nação conquistada.

Recobraram uma sombra de liberdade no tempo dos Machabeus que restabeleceram a monarchia, porém o reinado d'estes principes foi de curta duração. Appareceram os romanos, e os judeus foram obrigados a curvar a cabeça ao jugo d'estes conquistadores. Pelo favor d'estes novos senhores foi Herodes, que era idomeneu de origem, collocado no throno de David e dos Machabeus. O reinado d'este principe estrangeiro foi brilhante; porém com a sua morte acabou o poder da Judéa. Seus filhos depressa foram despojados dos fracos restos da sua grandeza, e no imperio de Vespasiano, quando os judeus tentaram sacudir o jugo, ficaram vencidos, expulsos do paiz, e reduzidos ao estado em que ainda hoje vivem.

PODER DOMESTICO.

O poder domestico dos chefes da familia sobre os seus escravos e filhos era grande.

Havia entre os israelitas duas especies de escravos; uns eram hebreus, e outros estrangeiros. Preferiam servir-se com estes ultimos, que toda a vida ficavam na escravidão, a servirem-se com os hebreus de origem, que saiam resgatados no anno sabbatico.

Quando o escravo hebreu não queria aproveitar-se do beneficio da lei, apresentava-se ao magistrado, fazia a sua declaração, e o senhor o reconduzia para casa, furava-lhe a orelha logo ao limiar da porta, e então o escravo perdia para sempre a liberdade.

Se o escravo hebreu recobrava a liberdade, era despedido com o mesmo fato que trouxera para casa do senhor; e se tinha mulher, esta saia com elle, excepto se lhe fôra dada pelo senhor, que n'este caso ella e seus filhos eram pertença do amo. Este era obrigado a dar-lhe com que se manter na viagem, e a tratal-o como a um irmão.

Quando um senhor batia no escravo, e este morria passados dias, não era por isso castigado; mas se o escravo expirava na occasião do castigo, concluia-se d'ahi que o quizera matar, reputava-se um homicidio, e a lei o declarava culpado. N'este ponto a lei era mais humana do que nos outros povos, onde se não faziam taes distincções.

Os paes tinham sobre os filhos direito de vida e morte: não o podiam porém exercer sem participação do magistrado. O pae e a mãe, depois de ensaiarem todas as correcções domesticas, iam denunciar ao senado da cidade o filho desobediente e extravagante; e em virtude d'esta queixa saia condemnado á lapidação ou á morte. Seguia-se d'aqui estar o filho sempre n'uma completa submissão, com receio de attrahir a colera dos paes.

Continua.

RELAÇÃO DAS COISAS QUE ACONTECERAM EM A CIDADE DE ANGRA, ILHA TERCEIRA, DEPOIS QUE SE PERDEU EL-REI D. SEBASTIÃO EM AFRICA.

Continuação.

LVII

Do que fez com os padres da companhia e com algumas mulheres.

Antes que o Snr. D. Antonio partisse com a armada atraz, que se espalhou com a tormenta, havia muitos homens nesta ilha de suspeita con-

tra seu serviço. Determinou de os levar todos com sigo na armada, como levou. E porque andavam muitos a monte, sem delles se saber parte, lhe diceram que os padres da companhia sabiam onde elles andavam, e as mulheres. Fez um medo: mandou tomar os padres, e metel-os em um navio que estava no porto; e as mulheres, dos que andavam ausentes, noutro, fingindo que lhes haviam de dar fundo para os acabarem. Todos os padres, como tem dado de si grande exemplo de paciencia, soffriam tudo, e se calavam: as pobres mulheres, e os filhos, era uma harmonia de choro e gritos. Tanto que as pobres estiveram embarcadas, e eram a buscar mais, se vieram os maridos e filhos logo entregar, havendo perto de dois annos que andavam a monte. Veio-se entregar João Lopes Fagundes, e seu filho Lopo Gil Fagundes, Antonio Francisco seu cunhado, e seu filho que agora é Deão desta cidade, e um seu parente que se chamava Bulcão, e Luiz Mourato, e outros, aos quaes o Snr. D. Antonio fez muita festa, e honra conforme a calidade de suas pessoas, e os mandou embarcar, e os mais que estavam prezos, e todos os que eram de suspeita contra seu serviço, e assim os Padres da Companhia, dizendo que os Padres e os mais influiam muita gente contra seu serviço. E foram embarcados na ditta armada muitos homens fidalgos, cidadãos e poucos mechanicos; a saber Manuel Fernandes de Cea, e seu irmão Hieronimo Fernandes de Cea, Pedro Ennes do Canto, Antonio Pacheco de Lima, seu irmão Hieronimo Pacheco de Lima, Jorge de Lemos de Bettencourt, Vital de Bettencourt, Fernão Garcia Jaques, e seu filho Sebastião Jaques, Diogo Vieira Pacheco, e seu filho Manuel Henriques, Gaspar de Magalhães, e seu irmão Melchior de Magalhães, Fernão Bayão, Alvaro Luiz, o Conego Luiz Alvares, e o padre Hieronimo de Fontes, o Chanceller Simão Gonçalves, Custodio Vieira, Pedro Alvares Cabral, Pedro Alvares Pereira, Melchior Fernandes Redovalho, Manuel Vieira de Carvalhal, Gaspar Gonçalves mercador, Gaspar Fernandes Bispão, Francisco das Neves, Alvaro Pires Ramires, Paulo Gomes, Matheus Pires, Melchior Rodrigues, Christovam de Lemos, Pantaleão Pires, Manuel Martins, Jorge Cabral, Gaspar Rodrigues de Cea, Rui Dias de SanPayo, Gomes Pacheco de Lima, Diogo Gonçalves Macedo, o Velozo, Francisco de Bettencourt, seu filho, e o de Ornellas, Francisco Vaz Chama, Pedro Rodrigues d'Aguilar, Francisco Paim da Camara, Hieronimo Paim da Camara, Bernardo da Fonseca, Heitor Homem da Costa, Galas Viegas de Atayde, que estava nesta cidade, Estevam Silveira, Manuel da Silva Borges, Pedro Fernandes Coelho, e outros mais, que estão esquecidos. Toda esta gente se embarcou, e a mais della foi ter a Inglaterra, e de doença falleceram muitos, no mar, e na terra. Os que escaparam foram todos mui bem despachados por el-rei Filippe, e os herdeiros dos mortos.

LVIII

De como veio Amador Vieira por mensageiro, com cartas d'el-rei Filippe ao Snr. D. Antonio.

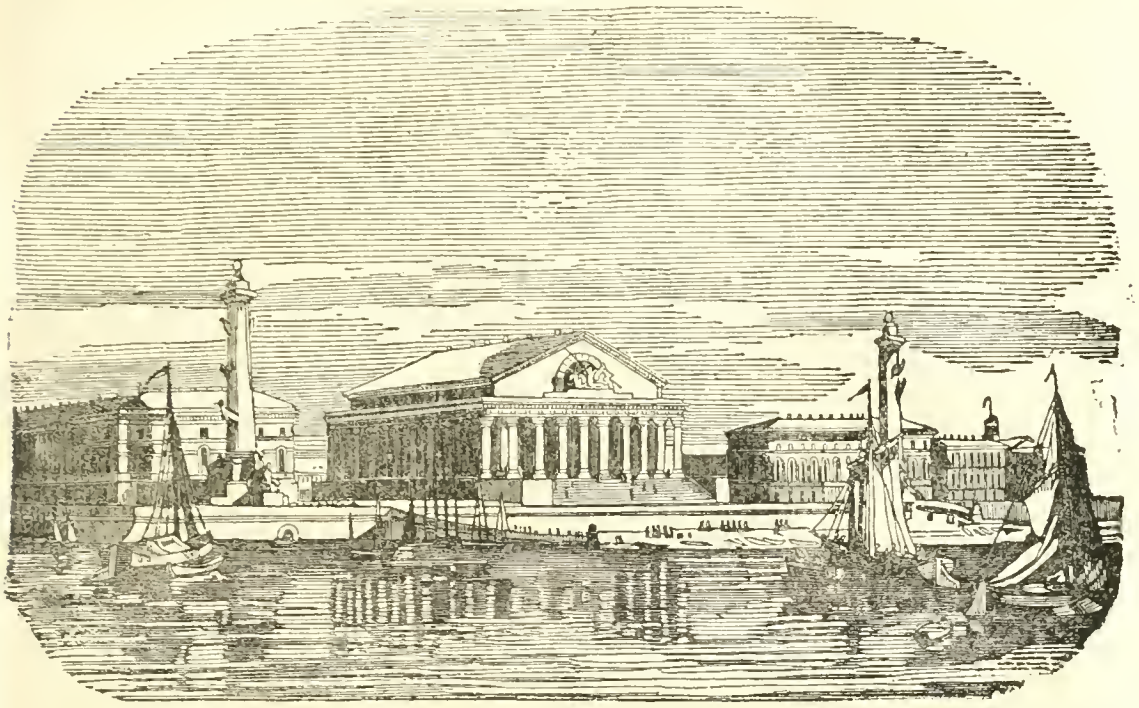
Depois de partido o Snr. D. Antonio para França chegou por via de S. Miguel uma embarcação, em que veiu um Amador Vieira com cartas d'el-rei D. Filippe para o Snr. D. Antonio; e vinha por seu companheiro um mancebo nobre, que se chamava Magalhães. Ficou nesta ilha por logar tenente Manuel da Silva (que nunca ficára!) e tomou as cartas todas, e as leu, vindo ellas para o Snr. D. Antonio; por que logo houvera de tomar uma embarcação e mandar ao mesmo Amador Vieira com ellas a França, por que eram partidos que sua magestade mandava commetter ao Snr. D. Antonio, muito honrosos, e favores para esta ilha; o que ouvindo os moradores da ilha ao sobreditto se alegraram, salvo gente perdida, e outra de pouco entendimento. Amador Vieira era homem mancebo, e havendo de procurar o a que vinha se metteu no serviço do Snr. D. Antonio de tal maneira induzido pelo ditto Manuel da Silva, que veiu a descubrir homens, fazendo-se do serviço do Snr. D. Filippe, que nelle vinha, e descubriu com artes muitos, e os fez matar, e elle veiu acabar com o ditto Manuel da Silva.

LIX

De como Manuel da Silva ficou so com o governo da ilha, e o que fez.

Quando o Snr. D. Antonio partiu para França levou Ciprião de Figueiredo e Vasconcellos, que era governador, que se este homem ficára na ilha, estava bem quisto com a gente, fôra tudo bem encaminhado, e a ilha não fôra destruida, nem houvera sacco. E vendo-se o ditto Manuel da Silva só e logar tenente do Snr. D. Antonio, queria que todos o adorassem. Mais estado tomou que o Snr. D. Antonio. Fallava-se-lhe por excellencia. Tomou da terra muitos creados, pagens: servia-se com estado de rei: a sua guarda eram francezes e inglezes: tinha todos os officiaes como ha em casa d'el-rei: fez capitão de gente de cavallo um Gaspar de Goam, homem de respeito, e capitão de gente de pé, dos homens fidalgos um grande fidalgo Antonio da Silveira, homem solteiro. O ditto Manuel da Silva era na corte grande homem de cavallo, e dado muito a folgares todos os dias Santos e festas, e nisto gastava o tempo, e em fazer mal e buscar invenções para dar tormentos aos homens, e o mais que tenho ditto atraz, e todos lhe haviam de ir á vontade: não tomava conselho com pessoa alguma tudo fazia de sua cabeça e potencia.

Continua.



BOLSA DO COMMERCIO EM S. PETERSBOURG.

S. Petersbourg é na realidade uma cidade italiana, franceza, ingleza, alemã, e não uma cidade russa, pois que só Moscow assim pode chamar-se por antonomasia. Mas, assim mesmo como foi creada, rodeada do resto do imperio, S. Petersbourg offerece a imagem fiel de toda a nação, de toda a sociedade russa tal como a fizeram a natureza, a historia, e as instituições. Esta grande capital, toda ella moderna, toda europea, lançada no meio de um paiz quasi asiatico, mal povoado e mal cultivado, atrasado em consequencia das leis, dos costumes e usos, e das artes, é uma sociedade que reune os dois extremos sem intermedio, desprovida de toda a classe media, de toda a transição apresentando uma casta de nobres no meio de um povo de servos, a riqueza excessiva entre a excessiva pobreza, a sciencia de alguns entre a commum ignorancia, a civilisação cercada da barberie, o seculo decimo nono enxertado no decimo terceiro, como diz mr. Viardot nos seus «Museus de Alemanha e da Russia.»

«O que impressiona mais em S. Petersbourg (diz M. de Custine) é a quantidade e a forma das torrinhas, agulhas metalicas, espigas de campanarios, que se levantam de toda a parte, e ao menos isto é architectura nacional, porque S. Petersbourg é semeada de numerosos e vastos conventos com suas torres de sinos. Estas agulhas doiradas ou pintadas cortam as linhas monotonas dos telhados da cidade; rompem pelo ar com flechas tão agudas que a vista mal pode distinguir o ponto onde a doiradura que as recama se perde na cerração de um ceo polar; as mais notaveis são a agulha da cidadella, raiz e berço de S. Petersbourg, e a do almirantado revestida do oiro dos ducados de Hollanda offerecidos ao czar Pedro pela republica das Provincias Unidas. Estes pennachos monumentaes, imitados dos toucados asiaticos, parecem-me de uma altura e arrojo extraordinario; custa a crer como se teem no ar; é um ornamento verdadeiramente russo. Figurae, pois, um ajuntamento immenso de zimborios acompanhados dos quatro campanarios, construcção obrigada n'uma egreja dos gregos modernos; imaginae multidão de cupulas prateadas, doiradas, azuladas, estrelladas, e os tectos dos palacios pintados de verde esmeralda ou d'ultramar, as praças ornadas de estatuas de bronze em honra dos principaes personagens historicos da Russia e dos seus imperadores, guarnecei este painel com rio caudal que em dias bonançosos serve d'espelho, e nos de tempestade de repellir todos os objectos; juntae-lhe a ponte de barcas de Troitza lançada sobre o ponto mais largo do Neva entre o campo de Marte, onde se perde no espaço a estatua de Souwarow, e a cidadella onde Pedro o grande e a sua familia descansam em jazigos destituidos de ornamentos; finalmente imaginae que a esteira de agua do Neva sempre cheio corre rente da terra e apenas respeita, no meio da cida-

de, uma ilha toda guarnecida de edificios com suas columnas gregas sustentadas em alicerces de granito e erectas conforme desenhos de templos pagãos; se comprehenderdes bem este conjunto, percebereis como S. Petersbourg é uma cidade infinitamente pittoresca apesar do mau gosto de grande parte da sua architectura de emprestimo, não obstante a tinta paludosa das planicies que a rodeiam, a ausencia total de accidentes de terreno, e o descorado dos dias amenos do verão n'aquelle embaciado clima do norte.»

Todavia, ha edificios modernos, que são magnificos e regularmente construidos; d'este numero é a bolsa ou praça de commercio edificada na ilha Vassili, cujos lanços de escadaria descem até ao rio; no terreiro em frente avultam duas columnas rostradas á romana, de cem pés d'altura, adornadas como indica o nome com prôas de navios, são ôcas por dentro e nas summidades, para onde tem escadas de ferro interiores estão collocados vasos gigantes, que se enchem de combustivel em todas as occasiões de illuminação publica. A sala da reunião dos commerciantes recebe a luz de cima. De ambos os lados ha espaços occupados por arcadas.

Outro edificio, a casa do correio, que tambem vae gravado n'este numero, tem grandes accommodações e uma sumptuosa fachada.

M.

CHRONICAS MONASTICAS.

DA COMPANHIA DE JESUS.

III

CASA DE S. ROQUE.

Continuação.

Passada esta capella fica a que tem invocação da Senhora da Piedade, apesar de se lhe chamar tambem a do Senhor Jesus, porque na cruz, ao pé da qual está a Senhora com o Filho nos braços, se acha tambem a imagem de Christo crucificado.

Esta capella na sua fundação foi dedicada a S. Sebastião, e por isso lhe pozeram no tecto e paredes as settas. Fôra feita com esmolas que deu a rainha D. Catharina; mas pelo andar dos tempos, os padres a deram a Martim Gonçalves da Camara, grande valido d'el-rei D. Sebastião, e que era irmão do padre Luiz Gonçalves, mestre que foi do mesmo monarcha.

O referido Martim Gonçalves recolheu-se depois do seu desvalimento á casa de S. Roque, e fallecendo n'ella, foi sepultado n'esta capella. Com a testamentaria d'elle compraram os padres dez mil réis de juros para premios das doutrinas que n'esta casa se faziam, os quaes se accrescentaram a outros vinte cinco mil réis de juros que elle, em sua vida, havia comprado para o mesmo fim; e que se distribuiam tanto pela doutrina da casa de S. Roque, como da provincia.

N'esta capella se instituiu tambem uma irmandade de Nossa Senhora da Piedade.

A quarta e ultima teve a invocação do Espirito Santo. Foram padroeiros d'ella Bartholomeu Froes, e Sueyra de Vasconcellos, sua mulher. Esta capella era de todas a mais pobre de ornato, por não ter irmandade. A magnificencia d'el-rei D. João v trocou a sua pobreza em galas esplendidas, como adiante diremos.

Faz-se notavel no corpo da egreja de S. Roque uma sepultura, que fica por baixo do pulpito da parte do Evangelho. Lê-se n'ella a seguinte inscripção:

«Aqui está em pé o corpo de D. Francisco Tirgiam, fidalgo inglez mui illustre, o qual depois de confiscados seus estados, e grandes trabalhos padecidos em vinte oito annos de prisão pela defensão da Fé catholica na perseguição da rainha Isabel, no anno de 1608, a vinte e cinco de Setembro morreu n'esta cidade de Lisboa com grande fama de santidade. E havendo dezesete annos que estava sepultado n'esta egreja de S. Roque da Companhia de Jesus, no anno de 1625, a vinte e cinco de Abril se achou seu corpo inteiro e incorrupto. E foi collocado n'este logar pelos catholicos inglezes, residentes n'esta cidade aos vinte cinco de Abril de 1626.»

Este D. Francisco de Trigiam era, como se vê, um cavalleiro inglez, senhor de muitos vassallos. Foi casado com D. Maria Stourten, neta dos condes de Dardi, senhores mui poderosos em Inglaterra. Viveram no catholicismo, no tempo da rainha Isabel pagando grandes penas pecuniarias impostas áquelles que professavam a religião orthodoxa. Succedeu que fosse preso em casa de D. Francisco um sacerdote, no anno de 1577, que foi suppliciado em Novembro d'esse anno; e D. Francisco que lhe dera asylo foi condemnado a carcere perpetuo, e confiscação de bens. Quando morreu a rainha Isabel, foi o fidalgo inglez solto do carcere, e desterrado. Passou a Hespanha, onde D. Filippe III lhe assignou uma pensão de setenta escudos cada mez, e de Madrid passou a Lisboa, onde residiu até á sua morte.

Na mesma egreja teve logar a sepultura de Simão Gomes, vulgarmente chamado o Sapateiro Santo, ao qual attribuiam os sebastianistas umas prophecias com as quaes pretendiam autorisar a miraculosa vinda do infeliz rei D. Sebastião, morto na jornada d'Africa. Diz a Chronica que este Simão Gomes, filho de um sapateiro do logar de Marmeleiro, junto a Thomar, e que exerceu o mesmo officio ainda em porteiro das casas religiosas da Companhia, era muito estimado do infante D. Luiz, do cardeal D. Henrique, e tambem do duque de Aveiro, que comtudo não tiveram forças de o arredar d'aquella occupação na qual morreu, e que foi realmente alumiado

com o espirito de prophecia, não sabendo ler, nem escrever; e que conheceu muitos contingentes futuros, entre os quaes se designam a grande peste que assolou o reino, a perda de D. Sebastião, e a entrada dos castelhanos.

Tambem n'esta egreja teve sepultura o padre mestre Simão Rodrigues, que foi, como se viu no principio d'esta nossa Chronica, um dos companheiros de Santo Ignacio, e o fundador da Provincia em Portugal, tendo tambem depois a Provincia do Aragão quando se dividiu da de Castella. Os seus ossos estavam soterrados atraz de uma pedra branca de dois palmos em quadro junto á porta por onde se entra na via sacra, do lado da capellinha da Trindade, saindo já do corpo da egreja, e entrando no cruzeiro; porém no anno de 1705 se lhe melhorou a sepultura substituindo o marmore branco por outro preto com molduras que guarnecem outro amarello, e lançando-se-lhe a mesma inscripção que tivera a primeira.

Na via sacra passando da egreja para a sachristia fez levantar D. Francisco de Bragança um altar com seu retabolo de talha doirada, representando no painel a Annunciação da Senhora, e na frente d'esta capellinha umas grades de pau santo, e nos lados da via sacra alguns paineis com passos da vida da Senhora. No mesmo pavimento foi soterrado, declarando-se na inscripção da campa que era de pedra branca, ser elle sacerdote do conselho dos reis d'este reino, e ter fabricado aquella capella e altar. Era neto do duque D. Jayme, primo coirmão de el-rei D. João III.

Fronteira a este altar fica a porta com passagem para os corredores da casa; e outra porta a um lado da via sacra, dá entrada para a sachristia, da qual mais adiante tambem fallaremos.

Tratando das antigas capellas dos Martyres e Santas Virgens, fallámos do thesouro de reliquias que n'ellas se expunham. Aqui damos uma relação não só das que foram doadas á casa de S. Roque por D. João de Borja, mas egualmente das que a mesma casa já anteriormente possuia, segundo consta da Chronica manuscripta a que nos reportamos, e da relação dos festejos com que as reliquias se receberam, escripta pelo licenceado Manuel de Campos. Esta nota servirá para se comparar com as que se encontraram n'esta egreja ha poucos annos, provando-se assim estarem muito desfalcadas.

Na capella dos Santos Martyres eram as seguintes:

Quatro meios corpos de prata com as cabeças de

S. Gregorio, Thaumaturgo, bispo confessor;
S. Clemente, bispo e martyr;
S. Vidasto, bispo de Arles, confessor;
S. Chrisanto, bispo de Basiléa.

O Santo Sudario, pintado em tafetá branco, que foi tirado pelo proprio, que está em Turim, e o houve D. João de Borja, por meio da imperatriz.

Uma cabeça dos Santos thebanos, companheiros de S. Mauricio.

Seis braços de prata, com reliquias dos Santos seguintes:

S. João, Esmoler;
S. Sebastião, martyr;
Santo Antonio, de Padua;
S. Roque, confessor;
S. Giriam, martyr;
S. Optom, bispo.

Onze braços de pau doirados, e estofados, dos Santos seguintes:

Santo Estevão, papa, martyr;
S. João, e S. Paulo, martyres;
S. Mauro, e Audiface, martyres;
S. Chrispim, martyr;
Santissimos Martyres de Treviris.

Mais cinco braços de outros Santos Martyres; entre elles S. Gereão, martyr, capitão da companhia de S. Mauricio.

Uma Custodia de prata, que tem dois anjos que a sustentam; tem duas cruzes do Santo Lenho, com doze repartimentos, em que estão as reliquias de Santos Innocentes, S. Coloniano M., S. Acasio M., S. Floriano M., S. Usualdo rei, S. Candido duque, S. Eleuterio M., S. Procopio Abb., S. Gil Abb., Santo Albano M.

A cruz de prata pequena, que tem o pé quadrado com engastes redondos, e lettreiros das reliquias de Christo Senhor Nosso, da Virgem Senhora, dos Apostolos, e outros Santos. Especificando estas reliquias, vem a ser: — Uma cruz do Sagrado Lenho; da toalha da mesa do Senhor; da tunica interior da Virgem Maria; de S. João Baptista: — dos *Apostolos e Evangelistas*, S. Pedro, S. Paulo, Santo André, S. Thiago maior, S. Filippe e S. Thiago, S. Bartholomeu, S. Thomé, S. Matheus, S. Mathias, S. Barnabe, S. Thadeu, S. Marcos Evangelista: — dos *Martyres*, Santo Estevão, S. Lourenço, S. Vicente (um pedaço de queixo com dois dentes), S. Gregorio, S. Sebastião, Santos Cosme e Damião, S. Christovão, S. Venceslau, S. Erasmo: — S. Gregorio papa, Santo Agostinho, S. Jeronymo, Santo Ambrosio, S. Domingos, S. Bento abbade, S. Bernardo abbade, S. Gregorio bispo, S. Nicolau bispo: — *das Virgens Martyres*, Santa Eufemia, Santa Ignez, Santa Barbara, Santa Apolonia, Santa Christina, Santa Cordula, Santa Catharina, Santa Luzia, Santa Dorothea: — e das *Santas* Maria Magdalena, Isabel viuva, Maria Salomé, Photina (que dizem ser a Samaritana), Afra, Elvira, Maria Egypciaca, Helena imperatriz, e Anna, mãe de Nossa Senhora.

Uma cruz de prata de tres palmos de alta, lavrada, tendo d'um lado Nossa Senhora e do outro um Crucifixo.

Uma columna de prata, de dois palmos de alta, que tem a reliquia de S. Lucio, papa e martyr.

Continua. F. D. d'Almeida e Araujo.

VINGANÇA POR VINGANÇA.

Continuação.

IV

SAMUEL.

Logo adiante do *Postigo do Carvão*, a que vulgarmente se chamava o *Arco do Espinho*, e pelo qual se passava para a Tanoaria e Fundição, appellidada a *Ferraria pequena*, era a casa do mercador Samuel, christão novo, da extracção dos judeus que el-rei D. Manuel, no seculo XVI, arrancara a seus paes para serem educados na religião de Christo.

A posição da casa de Samuel era adrede talhada para o mester em que se empregava: e realmente com esses intentos elle a havia escolhido. Proxima á Fundição e á Tanoaria, tinha mesmo á mão os officios com que mais tratava os seus negocios de ferro, tanto novo como velho, que para este ultimo, além do que comprava sizado, trazia no inverno uns poucos de rapazes á gandaia, apanhando nas enxurradas o que estas traziam d'involta. Como do mesmo *Arco do Espinho* (que por signal tinha seu portal de pedra lavrada como qualquer das outras portas antigas, e duas cabeças de pedra, uma de homem e outra de mulher) não se distanciava muito o *Tronco*, ahi fazia elle tambem seus negocios, pois conhecia todos os presos de então, e sabia-lhes as manhas e artes para que eram bons, não se esquecendo de continuar as relações de amisade, quando os desembargadores de el-rei soltavam algum. Negociava tambem em pannos de fora do reino; em canella, em cravo, pimenta, e outras especiarias da India e dos Brazis. Mas devemos dizer que a maior parte d'estes negocios eram feitos a occultas, e por intervenção de outras pessoas, que o unico licito, e porque entrava em corporação, era o de mercador.

Comtudo se Samuel sizava aos direitos e fazenda de el-rei negociando muito em contrabando, e não escrupulisava em dar grandes sommas á ouzena, e comprar valores que bem conhecia não provirem de origem pura, não era capaz de faltar um dia á missa na capella real de S. Thomé, edificada por el-rei D. Manuel no seu palacio da Ribeira, e isto para impor de bom christão ás pessoas da côrte, de quem ambicionava creditos, com medo da inquisição, que ali no palacio dos Estáos, ao Rocio, que antigamente servira de hospedagem para os embaixadores, tinha o seu tribunal e carceres.

Até se dizia que Samuel tivera pretenções a uma nomeação de familiar do santo officio, e que desistira por não poder apresentar certos papeis em regra, nos quaes provasse que por tantas ascendencias era christão velho. Se o não conseguira porém, soubera ganhar as boas amisades dos padres de S. Domingos, (o que era meio caminho andado para se forrar ás inquirições do santo tribunal) acudindo com algumas sommas não só ás urgencias particulares de alguns frades quando tinham de dotar irmã ou parenta, que n'isto eram elles muito officiosos, mas tambem ás do convento, bem entendido que nunca do seu, como elle dizia, porque o não tinha, mas alcançado por credito entre os da sua corporação.

Não se descuidava tambem de quando em quando o bom Samuel d'algum donativo para a egreja de S. Domingos, como por exemplo uma peça de finissima cambraia para toalhas do altar e corporaes, ou de preciosissimas rendas de Flandres para o sumptuoso templo de Nossa Senhora da Escada, ali junto a S. Domingos, e que era tambem capella real.

Dos donativos que todos os annos fazia ao Hospital de Todos os Santos, isso então não fallemos. Assim era que o seu credito subia de dia para dia entre os physicos e padres Camillos que tinham o mesmo Hospital a seu cargo.

Costumava dizer elle, com uma ardente caridade, quando lhe agradeciam estes donativos: — «De Deus me vem, e para Deus volta. Para mim não quero mais que o necessario á vida: o resto é dos pobres que são os herdeiros do que morreu nu sobre a cruz para nos salvar pelos infinitos merecimentos da sua misericordia.»

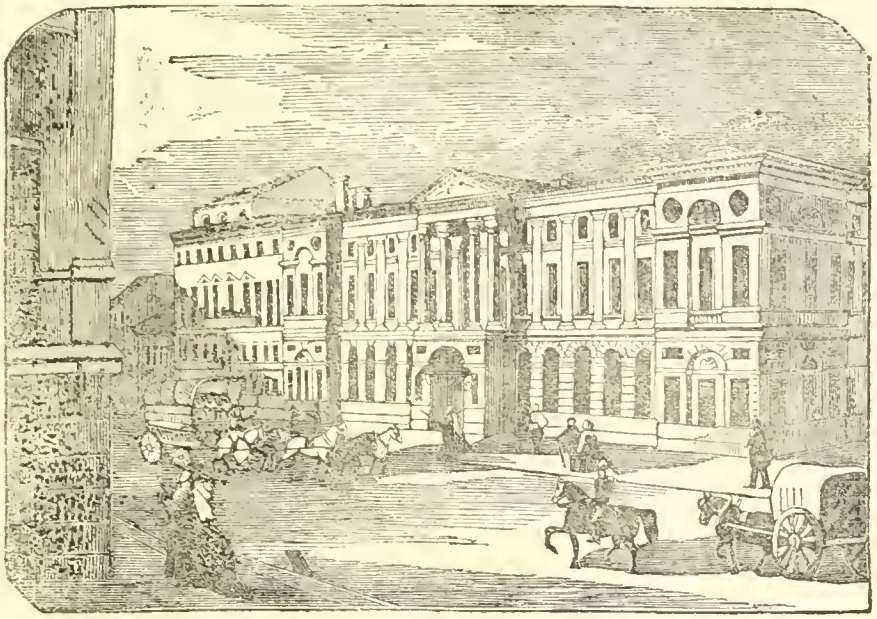
Fora d'estas esmolas, no que realmente mais entrava o calculo do que a caridade, nenhuma viuva, orphão, ou pobre lhe arrancava um ceitil. Dizia elle que Deus o livrasse de animar a ociosidade; porém a verdade era, que taes esmolas dadas a occultas não tinham o merito da publicidade, que lhe fazia render os cem por um com que Deus retribue, segundo o texto sagrado, áquelle que dá a Deus.

Os seus principios de fé commercial levava-os publicamente ao ponto que já vimos com o revendão Vaz Gil.

Tambem uma vez por semana tinha de costume andar de noite com sua alcofa, ao peditorio para a Misericordia, que estava assentada n'essa epoca junto ao postigo da rua das Canastras, ou *Porta do Mar Antiga*, á qual correspondia a porta travessa da mesma egreja da Misericordia.

Temos o retrato moral do mercador Samuel. Agora é necessario descrever-lhe tambem o physico, porque de ordinario ha uma tal connexão entre ambos que muitas vezes um nos induz a suspeitar do outro. Não sabemos se a força de uma idéa, actuando constantemente no homem, chega por fim a moldar por ella esse typo caracteristico, de que os pintores se aproveitam para retratar com o pincel o sentimento espiritual que não tem forma para se reproduzir; mas o facto é que nas feições do avarento sobresaem logo os toques d'este vicio; nos ademanes, gestos e fallas do velhaco se lhe descobre a tenção reservada de enganar e illudir; nos olhos do libidinoso se lhe adivinham os desejos d'alma.

A sua figura esqualida e ossuda, repugnante



CASA DO CORREIO EM S. PETERSBOURG.

á vista pela curva desproporcional da espinha dorsal que o fazia pender demasiadamente para diante, não erguendo nunca a vista, nem mesmo para a pessoa com quem fallava, illuminava-se com uma expressão mais hedionda quando a cubiça lhe fazia scintillar os pequeninos olhos, forrados de uma orla vermelha, e tão escondidos pela cara dentro, que custava a distinguir-lh'os. O nariz, grande e bastante avermelhado na ponta, era o que mais lhe sobresaía no rosto, e uma bocca rasgada e contornada por grossos labios, parecia talhada para dar saída a fallas volumosas e rijas; mas não era assim, porque ninguem se lembrava de lhe ouvir palavras que chegassem á diapsão natural, tão mansamente fallava, e tão brandas eram as suas vozes.

São dez horas da noite do dia 5 de Janeiro, e a esta hora vamos encontrar Samuel saindo de casa ao Arco do Espinho, e dando volta por um becco escuso, que ficava na trazeira da sua habitação, bater n'uma porta tão velha e carunchosa, que parecia impossivel servir ainda de guarda a qualquer habitação.

Nem uma unica luz se via por entre as adufas das poucas e raras moradas d'aquelle becco. A escuridão era por este motivo tão completa, que muita pratica se precisava, e muito conhecimento do sitio, para acertar com a casa que se buscava.

Quem d'esta fosse o morador não o sabiam os visinhos, pois não havia noticia de se ter visto alguem ali de dia. Dizia-se que saía diariamente um pouco antes de alvorecer, e nunca se recolhia senão por noite bem adiantada.

Sobre seu emprego corriam varias versões. Fallavam uns em que se occupava nos trabalhos da casa de um fidalgo cujo nome se não citava; outros, que era empregado no tribunal da inquisição, e que tinha a seu cargo a guarda de varios carceres onde mais cuidadosamente se encerravam os convictos de heresia até lhes chegar a hora do auto da fé. Esta crença, que era a mais geral, defendia aquella poisada de uma indiscreta curiosidade; o que servia á maravilha os designios do seu habitador. Outros tomavam a casa por habitação de um feiticeiro; e alguns rapazes chegavam mesmo a certificar terem visto algumas vezes, já de noite, sair uma chamma muito viva e azulada, depois de negros turbilhões de fumo, por um buraco que havia na parede, o que necessariamente não podia deixar de ser a prova de que o feiticeiro se entregava aos seus sortilegios.

O facto era que nunca de dia se vira ninguem bater áquella porta; e que sómente uma vez por semana, e sempre em noites desencontradas, se ouvia ali um confuso ruido de vozes, como de gente que altercava, e ás vezes até horas bem avançadas.

Tudo isto dera ao principio muito que scismar á visinhança; mas por fim o habito venceu a curiosidade, e na epoca que historiamos já ninguem fallava d'aquella mysteriosa casa, da qual comtudo se afastavam com um terror supersticioso.

Continua. A.

OBSCURIDADES NA PRIMITIVA HISTORIA DA LUSITANIA.

Quem pode hoje, lançando olhos sobre a carta geographica de Portugal, marcar com precisão os pontos onde os primitivos habitadores edificaram as suas cidades? Quem pode immergindo vistas prescrutadoras por entre as trevas do passado, contar uma por uma todas as gerações e raças de homens, que successivamente se foram seguindo até chegarmos ao ponto de nos constituir em monarchia? Quem pode affirmar que o nome do canto da Europa que habitamos fosse primitivamente este ou aquelle, e não tivesse tambem passado como os homens por successivas modificações, até se fixar no de Lusitania com que chegou ao nosso conhecimento?

Ninguem; e não venha d'ahi o mais presumido de saber antiguidades, e profundar archeologias, querer-se-nos impor com a sua sciencia. Famoso foi Hercules nas viagens e trabalhos por esta parte do mundo, e não se aventurou a passar para cá do estreito de Gibraltar: deu-se por satisfeito de assentar ahi as balisas que marcavam o termo das suas peregrinações, e voltando costas á terra que lhe ficava mais occidental, enganou os geographos contemporaneos com o famoso rotulo do *non plus ultra*, que assentou no marco das suas trabalhosas lides. Não foi terra que lhe faltou onde podesse saciar o furor tourista: foi mingua de animo, por não dizer fraqueza.

Não depõe muito em prol dos conhecimentos geographicos d'esta fabulada divindade o receiar aventurar-se mais longe. Os nossos primitivos povos deviam ser barbaros, e os nossos mattos podiam crear hydras. Ate seria proprio da sua grande curiosidade desenganar-se pelo testemunho dos olhos se cá existia outro celebrado jardim das Hesperides cujas arvores produziam pomos de oiro. Para nós era forte a tentação de acreditar na mythologia, se nos não dissessem que foi da China que vieram as primeiras laranjas que tivemos na Peninsula. A não ser este pequeno inconveniente, que logo faria conhecer um erro na chronologia, acceitavamos de bom grado a poesia d'este primor de floricultura com os seus temerosos dragões que não deixavam aproximar á arvore tentadora; porque realmente o nosso clima, com os seus odoriferos pomares de laranjeiras, podia mui bem escandecer a romantica imaginação de um fabulista, que nos fizesse o presente de assentar aqui o formoso Eden da mythologia greco-romana. O peior são as datas.

Mas quem sabe, poderá dizer-nos algum esperto antiquario, se Baccho que andou lá pelas Indias, e veiu tambem a estas paragens da Hespanha, visitou a China, e d'ahi nos trouxe o mimoso presente das laranjeiras! Não admiraria, responderemos, que tão bom amador das coisas boas, — o primeiro mestre de plantar, empar, e amanhar a vinha, e que é fama n'este ponto lançou a barra a Noé — viesse tambem carregado com pés de laranjeiras como qualquer horticultor francez ou belga, d'estes que nos honram todos os annos com a sua visita: mas aqui entra a nossa duvida, se Baccho andou cá pela terra primeiro que os fabulistas lobrigassem o jardim das Hesperides, ponto que na historia não está lá muito claro. Nós decidimo-nos pela creação do jardim antes de haverem as divindades de segunda ordem, mesmo por que o deus em chefe devia querer que as divindades peregrinadoras achassem cá na terra coisas dignas d'ellas; portanto, temos segunda vez a chronologia pela pròa, e por isso hãode permittir-nos que continuemos a duvidar.

E que não teremos tambem de dizer da viagem do manhoso Ulysses á nossa formosa Lisboa, durante a longa peregrinação que por tantos annos o furtou aos braços da sua fidelissima Penelope? A honra é mui grande para a acceitar, lembrando-nos que o bom do rei da Grecia, que andava corrido pelos temporaes, e almejando por voltar á cara patria, d'onde os enredos de Circe o traziam tão arredado, se occupasse em fundar cidades e estabelecer colonias, quando depois de tantos trabalhos de uma rude navegação, e tamanhos naufragios, havia necessariamente carecer de gente para a mareação das suas naus, com as quaes era de suppor quizesse chegar a Ithaca.

E da viagem de Tubal! De certo que muito teve de peregrinar o descendente de Noé, pondo-se a caminho lá das visinhanças do monte Ararat, onde poisou a arca salvadora do universal diluvio, — e que portanto devia ser o primeiro assento d'aquella geração que saiu incolume do cataclysmo — para chegar aqui á embocadura do Sado a levantar uma cidade! Viajante famoso, que naturalmente vinha de passeio encostado ao seu bordão, admirando as formosas paisagens por onde atravessava, não encontraria sitio mais encantador para fixar a sua residencia antes de cá chegar? Coitado do pobre Tubal! que de noites inclementes não passaria em tão longa jornada, sem poisadas pelo caminho onde se abrigasse da inclemencia das estações! que soes tão ardentes não lhe torrariam o corpo n'esta estirada peregrinação, se porventura os montes e os valles que atravessava não estivessem bordados por copadas e frondentes arvores que lhe sombreassem o caminho! A gloria de levar a cabo a empresa de vir cá mimosear-nos com uma cidade, não é muito para invejar, ainda mesmo mettendo em linha de conta os finissimos gorgeios que pelo caminho lhe descantariam as avesinhas para o entreter, e as lindas auroras que gosaria atravessando as altas serras e cordilheiras da Europa.

Tubal, porém, não veiu por terra. Pois bem; porque veiu cá tão longe, quando tinha lá mais proximo por onde se accommodar? Faltavam-

lhe portos no Mediterraneo, mais tentadores que o da entrada do Sado? De certo que não. Agora nos lembra: talvez que Tubal fosse famoso pirata d'aquellas eras, e abicasse pelo estreito fugindo a um outro navegante que lhe desse caça, e viesse cá pôr-se a seguro. Sendo assim não honra muito a origem da fundação. Verdade é que os principios de Roma se contam por dois engeitadinhos lançados ao despreso sobre o Tibre, e Roma foi a cabeça de um grande poder temporal, e ainda hoje o é de uma grande communhão espiritual. Que tem isso? Roma soube resgatar-se das facinorosas empresas de Romulo pelos arrojados commettimentos dos seus soldados conquistadores: Setubal deixou-se descair de cidade em villa.

Devaneios poderão chamar os apaixonados das origens fabulosas a esta nossa descrença. Permittimos-lh'o; mas tambem hãode consentir que pela nossa parte não prestemos credito a nenhuma d'estas fabulas. Assim ficamos quites, pagando liberdade de opinião com a mesma liberdade. Temos por nós a razão e o raciocinio para nos ajudarem a duvidar: por si tem uma cega credulidade, o que quasi sempre induz ao erro. Remontando até aos celtas ou iberos ainda lhes prestaremos fé; recuar mais além já nos não é possivel, bem como nos repugna acceitar muitas das fabulas urdidas depois d'elles. Se até nem se pode fixar o ponto d'onde vieram estes povoadores da Lusitania!

Quer fosse pela sua vida selvagem, quer pela rudeza dos costumes, a obscuridade é completa relativamente a estes povos. A historia unicamente principia a aclarar-se com a dominação carthagineza; porque então já os historiadores romanos nos fallam d'estes povos indomaveis e heroicos, que com as tropas de Carthago passaram os Alpes, e penetraram na Italia com Annibal. O Tessino viu a sua apparição quando ahi foi derrotado o consul Cornelio Scipião: em Trebias afugentaram Sempronio Longo; no lago Trasimeno desbarataram a Caio Flaminio, e na famosa batalha de Cannas, em que se mediram a alqueires os anneis dos cavalleiros romanos, os lusitanos combateram ao lado dos carthaginezes.

Depois, como era natural, derrotada Carthago, as suas colonias e as suas conquistas passaram paara o poder da rival vencedora. A Lusitania foi romana, como tinha sido carthagineza. É verdade que lutou por se subtrahir ao dominio, porém vencida n'essa luta, que incessantemente se renovava, cedeu finalmente á feliz espada de Julio Cesar, para seguir depois a sorte varia do imperio, e receber sem custo, já desmoralisada pela devassidão romana, as leis e os costumes dos barbaros vencedores da altiva senhora do mundo.

...

Se a egualdade de condições é uma utopia, a egualdade da lei é uma necessidade social.

ESTUDOS SOBRE A HISTORIA SAGRADA.

Conclusão.

AUTORIDADE DOS VELHOS.

A autoridade dos anciãos era grande entre os israelitas. Entre os velhos era que especialmente se escolhiam os juizes e conselheiros de estado. Quando os hebreus principiaram a formar um povo, foram governados pelos anciãos; e nota-se na Escriptura, quando trata das assembléas e negocios publicos, que os anciãos vem sempre collocados na primeira linha, quando não são elles os unicos mencionados.

Para se calcular a edade em que os hebreus contavam a ancianidade, basta reparar na Escriptura quando chama mancebos áquelles cujo conselho Roboão seguiu. Ora diz o livro santo, que haviam sido creados com elle; do que se deve concluir, que, andando pela mesma edade, tinham então quarenta annos.

ADMINISTRAÇÃO DA JUSTIÇA.

Os cargos da justiça davam-se aos levitas, aos sacerdotes, aos chefes de familia, que todos elles, pelo seu caracter e edade, podiam exercer com integridade estas funcções.

Os juizes das cidades particulares eram em numero de vinte e tres. Deviam reunir-se todos para as sentenças de morte, e para as causas particulares e negocios de menor monta bastavam tres. Quando eram mui difficeis as questões apresentadas nos seus tribunaes eram devolvidas ao senado de Jerusalem. Este compunha-se de setenta anciãos, presididos pelo summo pontifice.

Ordinariamente o logar das sessões dos juizes era á porta das cidades; porque sendo os hebreus mui laboriosos, saindo de manhã para o trabalho, e regressando á tarde, por isso a porta da cidade era o sitio onde mais se encontravam; e os juizes sentenceavam em presença de toda a assembléa.

Como a lei de Deus regulava tanto os negocios temporaes como os da religião, não havia distincção entre os tribunaes: os mesmos juizes decidiam os casos de consciencia, e terminavam os processos civis e criminaes.

Uma sentença de morte era dada com escrupulosa attenção. Os crimes em que ellas recaiam especialmente eram o homicidio voluntario e premeditado, o adulterio, a blasphemia, o testemunho falso quando por elle morria algum innocente; porque entre os israelitas guardava-se escrupulosamente a pena de talião.

Quando acontecia a alguem matar involuntariamente um homem, ia logo procurar asylo n'alguma das cidades para isso destinadas, e que se chamavam cidades de refugio. O autor da morte involuntaria não podia ser perseguido ali pelos parentes do morto; e demorava-se no re-

fugio até se acabar o processo, e provar-se a sua innocencia.

Aos suppliciados, para lhes diminuir a sensação da dôr, dava-se-lhes a beber vinho misturado com incenso, myrrha, e outras drogas fortes que entorpeciam os sentidos. Os supplicios mais usados eram a cruz, a suspensão por meio de corda ou forca, a lapidação, o fogo, a serra, o azorrague e a prisão. Algumas vezes eram os criminosos passados por baixo de um cylindro ou rodas armadas de navalhas; ou precipitados de um rochedo; mettiam-n'os em torres atulhadas de cinzas; martyrisavam-n'os com espinhos ou os faziam pisar pelas patas dos cavallos; arrancavam-lhes os olhos; estendiam-n'os no cavallete; arrancavam-lhes os cabellos, além de outros supplicios ainda mais crueis, mais suggeridos pela barbaridade, do que ordenados pelas leis.

GUERRA.

Todos os israelitas, sem exceptuar os levitas e sacerdotes, eram obrigados a pegar em armas quando havia guerra. Por isso os soldados contavam-se por aquelles que tinham edade de servir. Esta fixava-se nos vinte anhos para cima. Corriam ás armas logo ao primeiro aviso, e assim encontrava-se o principe com tropas numerosas, e tanto mais proprias para os exercicios militares, por isso que se compunham de lavradores e pastores, costumados desde a juventude á fadiga e ao trabalho.

Marchavam ao som de trombetas, cada um na sua tribu, que se dividia por companhias, com um capitão e officiaes para a conduzirem.

Não era difficil aos israelitas vitualhar os seus exercitos; porque os inimigos de ordinario eram mui proximos, e o paiz tão pequeno, que muitas vezes vinham dormir a casa. A marcha era de uma, a duas jornadas.

As armas offensivas eram a espada, larga e curta que andava pendente sobre a côxa; o arco e as flechas, os dardos e as lanças, e a funda, da qual se serviam com muita destreza. Muitos combatiam com ambas as mãos, o que provava grande exercicio. Nos combates serviam-se de carroças, cujas rodas eram guarnecidas com pontas de ferro, e dentro d'ellas iam um, ou dois homens. Precipitavam estas carroças sobre o inimigo, mettendo a confusão entre as suas fileiras e batalhões.

As armas defensivas eram o escudo, o capacete, e a coiraça.

Nunca usavam armas, nem mesmo espada, senão em tempo de guerra.

Os israelitas não tiveram cavallaria senão no tempo dos reis. Estimavam muito o saco e os despojos. Estes eram distinctivos de honra.

Quando se dispunham a sitiar uma cidade, offereciam-lhe a paz antes de romperem as hostilidades. Se a cidade acceitava as condições propostas fazia-se tributaria; se as recusava e resolvia repellir a força pela força, depois de tomada passavam-se todos os varões á espada, poupando-se unicamente as mulheres e as creanças.

DOS REIS.

Os reis tinham direito de vida e morte, e podiam fazer morrer os criminosos mesmo sem as formalidades da justiça. Lançavam tributos a seu aprasimento; reuniam o povo quando entendiam conveniente, e tinham sempre prompto um certo numero de tropas. Afora isto o seu poder era muito limitado. Obrigados á observancia da lei, como qualquer particular, não a podiam derogar, nem accrescentar. Não ha exemplo de nenhum d'elles fazer lei nova.

Apenas subiam ao throno, os sacerdotes davam-lhe uma copia do Deuteronomio, o qual era obrigado a fazer transcrever para seu uso, e a lêl-a amiudadas vezes para aprender a lei do Senhor, e as santas ordenanças.

Os reis eram os primeiros e os soberanos magistrados do seu povo, ao qual muitas vezes elles proprios administravam justiça. Na vida domestica eram mui simples, e ainda que appareciam em publico muito acompanhados, o serviço interno do palacio era feito por mulheres.

SYNAGOGAS.

Além do templo de Jerusalem, havia nas outras cidades logares consagrados ao serviço divino, que se chamavam *Synagogas*, ou casas de assembléa. Na Synagoga orava-se, lia-se a Escriptura sagrada, e prégava-se. O povo concorria a ellas tres vezes por semana, não contando os dias festivos e de jejuns. Cada Synagoga tinha um certo numero de ministros, encarregados dos exercicios religiosos que deviam desempenhar. Deviam ser sacerdotes e levitas; porém á falta d'estes escolhiam-se os anciãos mais autorisados por sua edade e virtudes.

A.

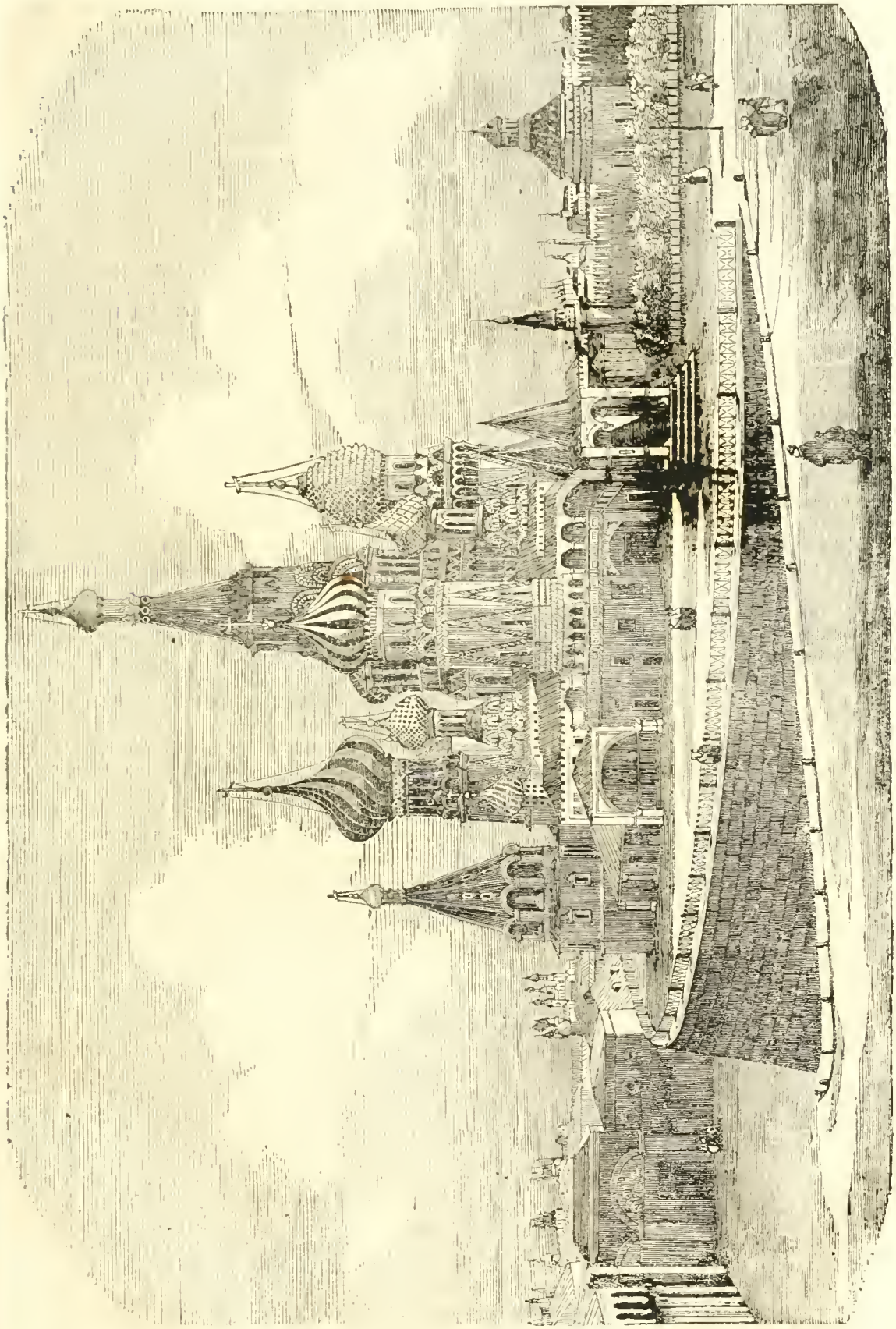
ORDEM DA AGUIA BRANCA NA POLONIA.

Foi instituida em 1325 pelo rei Uladislau V, no casamento de seu filho Casimiro o Grande, com a filha do duque da Lithuania.

Um ninho de aguias, achado pelos primeiros reis da Polonia, quando tratavam dos fundamentos da cidade de Gnesne, foi a origem de se tomar a aguia por insignia da dita ordem.

O seu collar era uma cadêa de oiro, da qual pendia a figura de uma aguia, coroada de prata.

O homem com razão recusa subjeitar-se ao despotismo dos reis; mas subjeita-se, como vil escravo, ao imperio das paixões.



S. BASILIO EM MOSCOW.

S. BASILIO EM MOSCOW.

Proximo da porta santa do Kremlin está a cathedral de S. Basilio; só a architectura gothica em seus caprichos mais extravagantes é comparavel a esta primaz das egrejas russas. Está situada na praça denominada Vermelha; apresenta vinte torres e cupulas, todas de differentes formas e tamanhos, e pintadas de quantas côres podem imaginar-se.

Historiadores ha que affirmam que foi construida para commemorar a tomada de Kazan; outros dizem que foi obra de uma phantasia do czar Ivan o terrivel, ordenando que n'uma só fabrica e sob o tecto geral a todas se erigissem muitas e separadas capellas, e de modo que os officios divinos se celebrassem n'ellas simultaneamente e sem dependencia umas das outras.

N'este caprichoso agrupamento a torre que sobrepuja ás demais tem cento cincoenta e seis pés de altura, e denomina-se o seu recinto o templo de Santa Maria Protectora. Todos os ornatos de architectura tanto internos como exteriores são de invenção irregular e parecem mais obra do acaso do que de systema combinado; mas a sua profusão, a riqueza dos materiaes, e mais que tudo a variedade não deixam de captivar por momentos a attenção do estrangeiro, que prompto se desengana da falta da arte e da enormidade e aleijões de todo aquelle conjunto, embora custoso no despendio, mas desprovido das qualidades que o gosto artistico nota e aprecia. M.

ESPANTOSA INUNDAÇÃO DE MAR.

I

«De instante a instante, as ondas agitadas,
Umas sobre outras, com furor rebentam,
E quaes medonhas bombas remeçadas
Por inimiga mão, tudo amedrentam.»

CALDAS.

O anno 1839 aproxima-se do seu termo sem que na ilha de San-Miguel, a primeira dos Açores, se tenha experimentado intemperie de estações, rigor do inverno que já era começado, e que muitas vezes se mostrava intratavel.

Chega o principio de Dezembro, e não pode presentir o espantoso caso que está imminente.

No segundo dia d'esse mez, corre na cidade de Ponta-delgada um forte e insoffrivel nordeste: continua por toda a noite seguinte, e só termina com a manhã do dia 3, que desponta sereno, e nem por sombras presagia sucessos perigosos.

O quarto dia apparece carrancado e toldado. Correm ventanias de leste e lessuleste; o mar braveja descomposto. É o precursor da catastrophe — é o primeiro grito da tempestade!

A noite ante o dia 5 foi de chuva moderada, que, tornando-se forte e copiosa por intervallos, findou pelas oito horas da manhã. Continuaram porém sempre rijos os ventos predominantes durante a noite, e começou então o temor das vagas que cresciam com prodigio, e da mare que ia na sua enchente.

É espectaculo aterrador ver o oceano investir com praias indefesas — o elemento solido a arruinar-se, a succumbir! Montanhosos vagalhões varrem toda a ancoragem — as infelizes embarcações, que ainda jazem na abra, sacode-as soberbo impeto!

Ás oito horas e meia da manhã torce o vento a oeste e noroeste. D'ahi cursa meia hora, e abranda perto das nove. Entretanto o entumecimento das ondas recresce, arremessando-se desapiedadamente sobre os limitrophes da cidade, e pontos mais baixos da costa meridional da ilha!

Então começaram a amotinar-se temerosos os habitantes da cidade, e dos logares ameaçados. As vagas furibundas batem fortemente as costas, e principiam uma eversão lastimosa e pungente! Pelas dez horas a maré tem chegado ao seu mais admiravel crescimento. Quatorze pés subiu a enchente assustadora! (1)

O painel que pelo meio do dia apresenta a cidade assaltada de um inimigo tão poderoso, seria grande ousadia querer esboçal-o. Digam-no tantos corações afflictos — os pobres esbulhados de seu mais precioso possuir, a afumada habitação — os lamentos de tantas victimas, em um abrir e cerrar d'olhos condemnadas á miseria, vendo sumir-se no insondavel abysmo do oceano toda a sua fortuna, todos os seus teres, perdidos sem esperança — diga-o toda uma numerosa povoação em alarme, correndo espavorida, tremendo diante das furias do ondoso elemento, e chorando sobre o montão de desgraças, que elle fazia! A costa do sul de Ponta-delgada só apresentava uma pavorosa linha de ruinas!

As vagas espraiam-se com impeto incommensuravel. Nos logares mais baixos, o mar entra pela superficie de mais de sessenta braças. Os de maior altura, em que não ha rocha, são aluidos e despedaçados. Nos pontos de rocha natural, ou muralha de forte construcção, d'este modo tornados inexpugnaveis, as ondas, arremessando-se indignadas, sobem em pyramides conicas a altura de setenta pés!

A revolução que similhante enchente causa onde penetra basta que a enunciemos notando a analyse feita nas materias que revolveu e arrojou ás praias, ou aos terrenos litoraes. Pelo espaço de mais de cento e vinte braças, nas immediações da costa no bairro de Santa Clara, extremo occidental da cidade, se descobriu uniformemente esta transição: primeiro strato (superficial) terra vegetal — segundo, cascalho amarello grosso, na altura de cinco polegadas — terceiro, terra vegetal — quarto (inferior), pedregulho.

Não foi só Ponta-delgada a victima d'aquella

(1) As mares ordinarias nunca excedem cinco pés. A sete, quando muito, chegam as extraordinarias ou equinoriaes.

revolução, e poderosos assaltos do mar: em todos os demais concelhos da banda meridional da ilha de San-Miguel se provaram com amargura os seus flagellos, desde a cidade ate villa-Franca-do-campo — desde a Ribeira-quente ate a Povoação — e ahi estão as folhas periodicas então publicadas na ilha que o attestam. (1) Tambem quasi todo o restante do archipelago dos Açores os quinhoou, especialmente a ilha Terceira que não foi a mais deslembrada (2).

Os estragos que nas ilhas a inundação causou avaliaram-se em alguns centos de contos de réis!

Taes foram as capitaes desventuras que mui de perto e por muito tempo amarguraram a existencia de grande parte dos açorianos.

Continua.

JOSE DE TORRES.

CHRONICAS MONASTICAS.

DA COMPANHIA DE JESUS.

III

CASA DE S. ROQUE.

Continuação.

Dois relicarios de madeira doirados em forma de retabolo, cada um de tres palmos de alto, com trinta e quatro repartimentos de varias reliquias. Um dos relicarios contem pedaços do Santo Lenho, do Santo Sudario, e da toalha da Mesa do Senhor; e reliquias dos Santos André Apost., Filippe Apost., Bertolo, Mathias, Estevão Martyr, Lourenço M., Vicente M., Mauricio M., Longino M., Sixto papa M., Braz bispo M., Valentim bispo M., Adalberto bispo M., Clemente bispo M., Pedro M. da Ord. dos Prégadores, Juliano M., Theodoro M., Rulino M., Martinho bispo, Gregorio papa, Gregorio Thaumaturgo bispo, Nicolau bispo, Felix arcebispo, Mario arcebispo, Valerio confessor, Medardo bispo, Florencio duque, Chrisanto bispo, Vigberto sacerdote, Simeão eremita, Nicodemos, de quem faz menção o Evangelho.

Um relicario de prata, ovado, de altura de dois palmos, e friso lavrado de relevo com tres remates á feição de quartães. No aberto tem dois anjos com uma ambula de cristal na mão, na qual esta um espinho da corôa de Christo. Sobre o espinho uma cruz de Santo Lenho, e nos abertos do friso as reliquias de S. Thiago Ap., Santo André Ap., S. Bartholomeu Ap., S. Barnabe Ap., Santo Estevão M., S. Lourenço M., S. Vicente M., S. Braz bispo M., S. Nicolau bispo confessor, Santa Maria Magdalena.

Dois relicarios grandes de pau, de seis palmos de alto, e quatro de largo, doirados, com varias reliquias dignas de muita estima, como são um osso de S. Mathias Ap.

As reliquias ate aqui referidas, pertencem todas á doação de D. João de Borja. Antes da referida doação, já a casa de S. Roque tinha algumas, e como aquellas tambem expostas na mesma capella. Para darmos egualmente relação d'ellas, aqui as memoramos:

Uma cruz grande de prata, que tem dentro outra pequena do Santo Lenho, engastada em oiro, com alguns aljofres.

A casula com que dizia missa o glorioso patriarcha Santo Ignacio.

Dois braços de prata dos Santos seguintes:

S. Pantaleão, Martyr;

S. Bento, abbade.

O braço de cobre doirado, com reliquia de S. Chrisostomo.

Um braço de prata, doirado, o qual tem no meio um engaste de oiro, que contém dentro a firma da mão de Santo Ignacio, de seu nome.

Um braço de prata, com a reliquia de S. Roque.

Um dente do glorioso patriarcha Santo Ignacio, mettido em um meio corpo de madeira, doirado, e estofado.

Um relicario grande de prata, que remata n'uma charola, com quatro columnas, e uma cruz de cristal.

Um meio corpo de madeira, doirado, que tem no peito uma reliquia do Santo Xavier.

Um dente de S. Lino, papa, Martyr.

Um corpo de madeira, encarnado, e doirado, em que estão reliquias dos Santos Innocentes.

Um meio corpo de prata, e n'elle uma cabeça dos Santos Martyres Thebeos.

Na capella das Santas Virgens, as seguintes:

Tres meios corpos de prata, que contém as cabeças de

Santa Brigida, Virgem;

Santa Aurelia, Virgem;

Santa Geva, Martyr.

Mais dois meios corpos de prata, com duas cabeças das onze mil Virgens.

Quatro meios corpos de bronze doirados, em que estão quatro cabeças das onze mil Virgens:

Cinco meios corpos de pau doirados, e estofados, em cada um d'elles uma cabeça das onze mil Virgens.

Uma custodia de prata doirada, com um canudo de cristal, e n'elle mettidos os cabellos da Virgem Senhora.

Uma imagem de vulto da Virgem Nossa Senhora com o Menino Jesus nos braços, peças ambas de prata, doiradas, com resplendor a roda tambem doirado, com seis ovados de reliquias no pedestal. As reliquias são de S. Estanislau, bispo; S. João, esmoler; Santo Eusta-

(1) V. «Açoriano Oriental,» num. 242, de 7 de Dezembro 1839 — «Monitor,» num. 45, de 11 de Dezembro de 1839 — «Diario do Governo,» num. 303, de Dezembro de 1839 — «Panorama,» vol. IV da 1.ª serie, pag. 43 — «Philologo,» nom 9, pag. 66.

(2) V. Supplemento ao num. 166 do «Angrense,» de 15 de Dezembro de 1839 — §§ 4.º e 8.º do Relatorio que acompanha a 1.ª «Collecção dos Escriptos administrativos e litterarios, do sr. Jose Silvestre Ribeiro» — «Topographia,» do sr. padre Jeronymo Emiliano d'Andrade, t. 1.º, pag. 23 e seg.

chio, Martyr; S. Palmachio, Martyr; S. Wuolfango, bispo e confessor.

Um pedestal de cobre doirado, estribado sobre uns globosinhos, e umas campainhas pendentes, que em dois ovados tem varias reliquias.

Duas taboas de prata doiradas, com lisonjas de prata, e as armas de D. João: uma tem trinta e cinco reliquias, e outra quarenta e duas.

Um relicario com um osso de Santa Praxedes.

Um relicario de prata, com uma cruz, e quatro columnas que tem a reliquia de Santa Justina, Virgem e Martyr.

Um braço de prata com reliquia de Santa Isabel, viuva do rei de Hungria.

Outro braço de prata, com reliquia de Santa Simphorosa, Martyr.

Outro braço de prata, com reliquia de Santa Nimpla, Virgem e Martyr.

Um braço de prata doirado, que tem quatro engastes com reliquias de Santa Maria Magdalena, que são um vaso de cheiros preciosos que derramou sobre o Senhor, e ossos do braço da mesma Santa, e outras partes do corpo.

Um braço pequeno de prata, com reliquias dos Santos Innocentes.

Cinco relicarios de pau doirados. Um grande contendo nove casas com reliquias. Outro tambem grande, com similhante feitio, e reliquias. Dois menores, e d'elles o mais pequeno com uma jelosia de prata, e vinte e quatro reliquias. O quinto, pequeno, tem seus engastes, com mais de cincoenta reliquias.

Entre estas reliquias se contam as da tunica interior de Nossa Senhora, do veo da sua cabeça, dos vestidos da Virgem, e de S. João Evangelista, e ossos das Santas: Maria Salomé, Maria Magdalena, Martha, Photina, Catharina, Barbara, Cecilia, Eufemia, Marinha, Apolonia, Margarida, Dorothea, Clemencia, Prisca, Iosipa, Bargara, Cordula, Esposa, Benigna, Getruda, Milia, Casaira, Corona, Eulalia, Eduigis duqueza, Hypolita, Odilia, Tenella, Anastacia, Ignez, Paulina, Justina, Hunigunda imperatriz, Isabel viuva, Ludmila viuva, etc.

Um relicario de pau doirado, com reliquias do retrato da Santa Veronica.

Dois braços de pau doirados, com reliquias de Santos Martyres.

Uma cruz de pau de oliveira de Jerusalem, com quarenta e duas reliquias dos Logares Santos.

Doze columnas de folha de Flandres doiradas, com varias reliquias.

E as antigas da casa eram:

Um meio corpo de prata, com uma cabeça das onze mil Virgens.

Um relicario de prata, dado pela rainha D. Catharina, com as reliquias de Santa Eteria, rainha; Santa Helena, rainha; Santa Isabel, rainha de Hungria; S. Mathias, Apostolo.

A imagem da Virgem, copia de uma pintada por S. Lucas.

Um relicario de tres palmos, com um espinho da corôa de Christo, e cruz do Santo Lenho.

Um relicario grande de prata, rematado por uma charola, com quatro columnas, e dentro uma verga da corôa de Christo, e reliquias das suas alparcas; e cabellos e reliquias de Sant'Anna, S. José, e outros Santos.

Um Menino Jesus de vulto, com um resplendor de prata, e dentro uma reliquia do Santo Lenho.

Um presepe, parte de prata, e parte de latão doirado, de dois palmos e meio de alto, e mais de um de largo, com figuras do Menino Jesus, da Virgem, de S. José; e o Menino posto em uma mangedoura, que pela parte de fora mostra uma reliquia grande do pau do proprio estabulo em que se deitou na lapa de Bethlem.

Continua.

F. D. D'ALMEIDA E ARAUJO.

AONDE EXISTE A VENTURA?

Aonde existe a ventura,
Que pois desejo buscal-a?
Será no ceo que se esconde,
Porque não posso alcançal-a.

Na terra não, que não mora,
Que tantos somos traz d'ella,
E não me consta d'algum
Que viva sem lhe dar q'rella.

Ide ao palacio do rico,
Onde sobeja a vaidade,
Ouvil-o-heis lastimar
Da negra sorte a maldade!

Buscae da côrte a nobreza,
E vel-a-heis pressurosa
Buscando nova honraria,
Que mais a torne vaidosa!

Olhae o cura da aldêa,
E vel-o-heis surrateiro
Mitra de bispo invejando,
Na santimonia matreiro!

Vêde o soldado, na paz
Males da guerra chamando;
Tiro pede, que o eleve,
O camarada matando.

O lavrador, o artista...
Todos... nenhum satisfeito,
Em altas vozes bradando
Contra este mundo imperfeito!

Se pois aqui sobre a terra
Tudo são males, tristura,
Não ha quem viva contente,
Aonde existe a ventura?

***

HOFFMANN!

I

Propondo-nos grupar em um quadro alguns passos da vida do grande poeta alemão, é uma biographia ou um romance que vamos traçar?

O vulto multiforme do autor dos *Contos phantasticos*, quasi tão impalpavel como as visões creadas por aquelle cerebro vertiginoso, é de tal forma extraordinario, que pertencendo á galeria dos contemporaneos, se nos figura destacado das eras fabulosas.

Fallando do homem, occupar-nos-hemos simultaneamente das obras que o tornaram immortal pela sua originalidade.

Os livros de Hoffmann não foram vasados em nenhum molde, e ninguem conseguiu ainda imital-o. O excentrico prussiano pode dizer como o Christo: *Ego sum qui sum!*

Antes d'elle ninguem adivinhara aquelle mundo de phantasmas; depois d'elle ninguem lhe achou ainda o caminho.

Mais feliz que Colon, não encontrou invejosos que lhe disputassem a gloria da descoberta, porque a este mundo, todo seu, não aportaram depois Americos nem Cabots.

A apparição dos *Contos phantasticos* de Hoffmann, produziu em França um maravilhoso enthusiasmo; mas como uma lei fatal impõe sempre ao genio alguma miseravel perseguição, os que se diziam seus interpretes, não lhe podendo rastrear o talento, procuraram diffamal-o, escarnecel-o.

A caricatura o pregou, como outro Sileno, a cavallo em um barril de cerveja; cercou-o da fumarada das tabernas; cobriu-o de nodoas de vinho: e para fechar o accesso d'aquelle famoso livro de phantasias aos gabinetes da gente honesta, taxou as suas incomparaveis bellezas de mero producto da embriaguez e da devassidão.

É um dos seus traductores e biographos, *mr. P. Christian*, que se expressa assim em 1842; é um francez, que fulmina os seus invejosos conterraneos, e desaggrava as cinzas do grande poeta, do intelligente magistrado, do amigo leal, do homem probo.

E tudo isso era Hoffmann, o eminente genio, de quem se riam quatro criticos burlescos!

Coitados! Ninguem conhece hoje os seus nomes, em quanto o de Hoffmann durará tanto como o mundo! Cuidaram que a verdadeira gloria podia abalar-se com sarcasmos, motejos e caricaturas... o seu alvo ficou de pé sobre o pedestal dos seculos, e d'elles, os criticos, nada resta!...

Ha muita gente que cita o nome d'este admiravel realisador de chimeras, e emitte a seu respeito uma opinião favoravel ou desfavoravel, sem ter lido mais do que um ou dois dos *Contos phantasticos*, e alguns unicamente por terem ouvido fallar do autor como um talento excepcional, ou como um visionario ridiculo.

Só a leitura de todos os seus livros, comparada com a existencia aventurosa do autor, pode dar a medida da prodigiosa flexibilidade de Hoffmann em todos os ramos das bellas-artes.

Nas lettras, na pintura, e na musica, o autor dos *Contos phantasticos* foi sempre original, inimitavel, unico. Ou escreva um romance, ou desenhe um quadro, ou execute uma symphonia, o reflexo do homem excepcional transparece sempre em qualquer d'estas formas da arte.

Nem os heroes de Homero, nem os guerreiros de Ossian, teem mais sublime individualidade do que os personagens de Hoffmann. O Paraiso de Milton e o Inferno do Dante, os jardins encantados do Tasso, e as cavernas tenebrosas do Ariosto, não apresentam uma collecção tão original de figuras severas e grutescas, tetricas e risonhas, duendes, magicos, feiticeiras, como as phantasticas creações do nosso autor.

Aquella imaginação ardente, em continuo movimento, ora fugia da poesia para a pintura, ora da pintura para a musica; e se os seus desenhos não tem a severa correcção de Salvator Rosa, nem as suas operas attingem a sublimidade de Mozart, apresentam todavia o cunho de uma incontestavel e surprehendente originalidade.

Ernesto Theodoro Guilherme Hoffmann, nasceu em Konigsberg, na Prussia oriental, a 24 de Janeiro de 1776. Seu pae occupou, durante mais de vinte e seis annos, os empregos de conselheiro criminal e commissario de justiça em Insterburg. Sua mãe era filha do advogado consistorial Doerfer, homem de merito, que foi longo tempo procurador de quasi todas as familias nobres da Silesia.

A infancia e a juventude de Hoffmann passaram-se na cidade que lhe deu o berço, escutando os sons melancolicos que sua debil mãe arrancava do piano, ou traçando sobre uma Biblia de seu avô, extravagantes figuras de demonios, pouco em harmonia com o texto sagrado que ladeavam. Um tio rispido, affectado e systematico, como o barão que figura no conto da *Fascinação*, e uma tia, ainda moça, engraçada e travêssa, como a encantadora creação de *Seraphina*, escoltavam tambem de continuo o futuro poeta, dando-lhe, talvez, a primeira idéa dos contrastes humanos.

Destinado por seu pae a seguir a carreira da jurisprudencia, entrou, sem vocação para tal estudo, na antiga universidade de Konigsberg, e estudou direito, porque tendo nascido pobre, comprehendeu que o seu amor pelas artes lhe não abriria uma carreira vantajosa no mundo, como a profissão de legista.

Esta sabia consideração não o impedia, comtudo, de abandonar repetidas vezes as *pandectas*, para lançar mão da penna, dos pinceis, ou da rebeca.

Na universidade contrahiu elle amisade com o celebre Hippel, que foi até á morte o seu fiel

Achates. Estes dois entes, estreitamente unidos pela sympathia, entendiam-se maravilhosamente, apesar de serem os seus genios dessimilhantes e até oppostos em varios pontos. Um era o fogo, o outro a calma!

Porem esta união teve de ser interrompida logo a nascença. Hippel foi nomeado para um emprego judicial, longe de Konigsberg, e viu-se obrigado a abandonar temporariamente o seu amigo, o que tornou Hoffmann triste e melancolico.

Na edade de vinte annos, porém, é sempre facil achar distracções. Uma paixão ardente tomou então posse do coração de Hoffmann, e o espirito romanesco do joven estudante produziu logo os seus dois primeiros romances — *Cornaro* e o *Mysterioso*, que nunca se publicaram.

O amor havia inspirado estes primeiros ensaios artisticos de Hoffmann, que foram aniquilados quando cessou a paixão. A diversidade de posição social e de fortuna obstava á união dos dois amantes. Como Bernardim, como Camões, como o Tasso, o nosso heroe foi obrigado a separar-se do objecto do seu primeiro amor, mas não commemorou, como aquelles, em sentidas endeixas a ausencia da mulher querida, a saudade dos fugitivos dias de ventura.

É que Hoffmann nascera nos fins do seculo XVIII. Mais de duzentos annos o separavam d'esses tempos de fé viva e robusta crença, que allumiaram os amores dos tres suavissimos poetas por Beatriz, Natercia e Leonor.

Como nem amante nem amigo o prendiam já a Konigsberg, antes d'ali o afastavam, e o emprego de auditor que elle exercia pouco interesse e consideração lhe dava, passou a concluir os seus estudos juridicos em Glossglogau, na Silesia prussiana, sob a direcção de um tio seu, conselheiro da regencia d'aquella cidade.

Em 1798, tendo concluido os estudos, foi despachado para um tribunal de Berlin; e dois annos depois, acabando de passar pelo que se chama na Prussia *exame rigoroso*, subiu a um cargo superior da magistratura, na regencia de Posen.

Ahi compoz as suas primeiras operas, que foram cantadas com applauso no grande theatro da cidade. Uma d'ellas intitulava-se — *A opera (Die singspiel)*, palavras de Goethe; outra — *O gracejo*; e uma terceira — *Astucia e vingança*.

Infelizmente, porem, para Hoffmann, o seu talento não se exercitou unicamente na musica; e esquecendo que aspirava a seguir a carreira da magistratura, começou a fazer caricaturas a respeito de tudo e de todos; o que lhe valeu um exilio para Plozk, pequena cidade a trinta e duas leguas de Varsovia.

Hoffmann havia sacudido de si a melancolia; os seus desenhos eram apreciados geralmente; e á fama do seu talento deveu o amor apaixonado de uma joven polaca, com quem casou, pouco antes de ser exilado.

O satyrico desenhador não se lembrava que havia creado com o seu lapis muitos inimigos poderosos e vingativos; esperava a todo o momento, ao lado de sua esposa, o despacho de conselheiro de regencia, quando viu apparecer a arbitraria ordem de exilio.

O nosso heroe não perdeu comtudo o seu tempo em Plozk. Escreveu ali um folheto, cujo assumpto é a introducção dos coros no drama; compoz algumas missas e sonatas; tirou retratos; continuou a fazer caricaturas; e reproduziu á penna as pinturas de vasos etruscos, que se acham na collecção de estampas, publicada em Paris pelo gravador David, e o antiquario d'Hancarville.

Em 1804, cessando emfim a perseguição de que fôra victima, passou Hoffmann a exercer um novo posto na magistratura, como conselheiro da regencia de Varsovia.

Era a primeira vez que o poeta contemplava, n'uma posição independente, o bulicio de uma grande cidade. Novos horisontes se abriam ante a sua vista de aguia; e sem que o seu genio se *amaneirasse*, as lições do mundo augmentavam em larga escala o desinvolvimento intellectual do philosopho. Hoffmann ia, emfim, ser devidamente apreciado pela Alemanha, pela Europa, por todo o orbe litterario.

Continua.

F. M. Bordalo.

COSTUMES HOLLANDEZES.

Quando uma mulher d'este paiz se casa, preparam-lhe as convidadas uma capella de flores, com que coroam a noiva, pendurando-a á noite na cabeceira do leito nupcial, o qual tambem se cobre todo de ramos verdes.

Quando os noivos saem de casa para a egreja, as ditas convidadas os acompanham até ao fim da rua, lançando-lhe uma d'ellas continuadamente punhados de flores, que leva n'um cesto ou bandeja. Quando voltam da egreja esta mesma convidada vae encontral-os a trinta passos distantes da casa, tornando outra vez a deitar-lhe flores. Esta pratica só tem logar quando a noiva é donzella. Ás viuvas não quadram as flores, que são emblema d'aquelle estado.

Quando morre um hollandez, os seus herdeiros e parentes dão-lhe sepultura com toda a solemnidade. Concorrem ao acto funebre os parentes, amigos, e visinhos. Ajuntam-se em casa do defunto á hora determinada, todos vestidos de preto.

Saindo o corpo, todo este acompanhamento, no qual se não admittem mulheres, o segue em duas alas, a dois e dois, com toda a gravidade. Logo ao pé do defunto vão os parentes, depois as pessoas de maior distincção, em terceiro logar os amigos, e finalmente os visinhos. Enterrado o corpo acompanham todos até casa aquelles herdeiros ou parentes mais chegados do defunto. Chegando perto de casa param estes, e agrade-

cendo aos convidados, com profundas reverencias, a companhia que fizeram ao morto, os convidam para beberem á saude dos vivos.

Mudam então completamente as scenas. Entrando todos em casa, começam a encher grandes copos de vinho, ou cerveja, segundo as riquezas do defunto e grandeza com que os herdeiros querem honrar a sua memoria. Começam todos a beber tão desatinadamente que em breve o logar de tristeza se muda no de alegria, ouvindo-se rir, cantar, e zombar, no mesmo sitio em que poucas horas antes se não fazia outra coisa senão chorar.

Este uso é da gente ordinaria, porque os nobres, bebendo um ou dois copos de vinho á saude dos herdeiros, saem immediatamente da casa.

Se o defunto foi pessoa de distincção era costume antigo levar adiante do feretro um grande painel com as suas armas pintadas. Este painel ficava na sepultura por tempo de um anno; e outro similhante quadro se via na casa do defunto em todo o tempo que durava o luto.

* *

RELAÇÃO DAS COISAS QUE ACONTECERAM EM A CIDADE DE ANGRA, ILHA TERCEIRA, DEPOIS QUE SE PERDEU EL-REI D. SEBASTIÃO EM AFRICA.

Continuação.

LX

De como Manuel da Silva ordenou uma ou duas armadas para irem a Cabo-verde, e Castello d'Arguim.

Estava nesta cidade um fidalgo da ilha da Madeira, por nome Manuel Serradas Camello. Aviou Manuel da Silva outo ou dez velas com soldados; fez capitão-mor dellas ao ditto Manuel Serradas, e capitães particulares de cada nau; e dice que levassem a bandeira de Portugal, com suas armas em cada nau, e que todos os navios que lhe não obedecessem como capitães d'el-rei D. Antonio os tomassem, e todos trouxessem a esta ilha de qualquer sorte que fossem, com todas as mercadorias que dentro viessem, por que tudo venderia aqui bem; e os que resistissem os tomassem por guerra, e os prendessem como traidores, e prezos viessem, e que ás naus e navios do reino de Castella fizessem o mesmo, não como traidores pois eram vassallos d'el-rei de Castella; e que el-rei D. Antonio, que com elle andava em guerra, que se havia de ajudar; e que fossem ao Castello d'Arguim e que tomassem e embarcassem toda a artilheria; e que fossem a ilha de Cabo-verde e que dando obediencia a seu rei natural lhe não fizessem damno algum, mas que fizessem um pedido pelos moradores della, para ajudarem seu rei; e lhes deu outras ordens, e tudo por regimento feito. Foram como dez velas, francezas quasi todas, uma formosa nau capitanea, por nome Amberte, e se foram, e logo foram direitos ao Castello d'Arguim. Como os acharam descuidados facilmente os tomaram; e tomaram muitos navios de pescaria, e naus de muito porte, e as mandaram todas a esta ilha com soldados portuguezes e francezes dentro, e em uma nau metteram um piloto d'esta ilha, por nome o Trompica com outros portuguezes. No mar, como os portuguezes eram poucos e se fiaram da gente da nau que era muita, por serem todos portuguezes, se levantaram uma noite estando dormindo, e mataram trez ou quatro e feriram os outros que por todos eram dez, e os levaram a ilha da Madeira aonde enforcaram o pobre piloto, e outro que ia por cabo, tambem natural deste cidade, por nome o Marquez, e em outra nau metteram soldados francezes. Estes tinham boa vigia: levantaram-se os portuguezes da nau contra elles, mas foram desgraçados porque os francezes eram senhores das armas. Em breve espaço matraram os mais dos portuguezes, e delles mal feridos, e os que trouxeram vivos os mandou Manuel da Silva agoutar, e tomar-lhe as fazendas, e vieram muitos navios e naus que a armada tomava.

LXI

De como Manuel Serradas tomou a ilha de Cabo-verde por armas.

Chegou Manuel Serradas á ilha de Cabo-verde com seis naus, porque as outras se ficaram a pilhagem pelo mar. E chegando á ilha mandou recado por um padre chamado Manuel Rodrigues Teixeira, que aquella armada era de el-rei D. Antonio, que lhe não queria fazer aggravo algum, mas que se reconhecessem por seus vassallos. O ditto padre foi a terra, e mal tomado o recado ou mensageiro, começaram a pelejar com elle, que estavam por el-rei D. Filippe, e que não queriam fazer o tal; e o tomaram e o metteram na cadeia a bom recado. Ja n'este tempo as naus tinham botado em terra como dusentos soldados, sem elles os verem botar, e vieram pela fralda de um monte, segundo se dice, e contaram nesta ilha. Quando os moradores da cidade viram vir a gente posta em ordem e atirando uns afastados dos outros pareceram-lhes muitos mais dos que eram, e sem mais ordem de defeza se pozeram em fugida, e sem guerra entraram na cidade, e cuidaram que o padre Manuel Rodrigues que o tinham morto, e o acharam mettido na prisão, e sequeraram a terra de tal maneira, que veio a armada rica, e carregada de [illegible] da terra, e de muitos escravos forros e cativos. Ao bispo lhe não ficou cousa alguma, que [illegible] as outras trouxeram, antes dizem que o molestaram os soldados francezes; e nada disto parecia bem a gente christan, e de entendimento.

LXII

Da ordem que Amador Vieira e Manuel da Silva tiveram para descubrirem muitos homens, do que tinham determinado.

Suspeitava-se que além da gente que o Snr. D. Antonio fez embarcar comsigo, que ainda ficara outra de suspeita, e ja neste tempo estava prezo na cadea Braz Nogueira, que foi o mais zeloso do serviço do Snr. D. Antonio, e era capitão de uma companhia, por estar tido dos muito leaes, e estava Gaspar Gonçalves de Utra, e seu irmão Estacio de Utra na cadea. Foi-se ter com elles o ditto Amador Vieira e lhe dice, que bem sabiam suas mercês como elle viera com recados de sua magestade ao Snr. D. Antonio, para que se tirasse de andar peregrinando por reinos estrangeiros, fazendo-lhe muitos honrosos partidos; e que Manuel da Silva como cá o acolheu lhe fizera ameaços grandes, que o havia de degolar se elle se não provocasse de coração ao serviço d'el-rei D. Antonio seu senhor, e que lhe andava á vontade, mas que tudo era sombaria; que por fim el-rei D. Filippe era poderoso, e que todos o temiam; que duraria pouco tempo a opinião desta ilha. E outras mais couzas lhes dice, para os apalpar. O ditto Gaspar Gonçalves de Utra e seu irmão Estevam de Utra eram naturaes da ilha do Faial, homens fidalgos, e dos melhores da ilha; e Gaspar Gonçalves de Utra era capitão-mor da ditta ilha, e ilha do Pico; e Manuel da Silva os tinha prezos só de suspeitos, mas não tinha culpas delles: os quaes, segundo viram o fingimento do ditto Amador Vieira, e ser homem mancebo, e não ter ido nunca fallar com elles, nem nunca o tinham visto, tiveram aquillo por novidade, e entenderam a peçonha que ia dentro, lhe diceram: *Pois para que nos vem v. m. ca persuadir a isso, a dois homens prezos?* Respondeu que Manuel da Silva lhe dicera que delles não tinha culpas formadas, e que por presumpção os tinha prezos, e que por isso os avisava, e juntamente que lhe descobrissem seu peito, que o queria saber para que el-rei D. Filippe, quando lhe perguntasse depois delle liberto, para lhe dar rol delles, e dos homens de seu serviço: os quaes lhe responderam: *Pois snr. os nossos peitos so Deus nosso Senhor os sabe, e neste caso v. m. vem mal encaminhado, porque se nós contra o serviço do Snr. D. Antonio nosso rei tiveramos feito alguma couza, não nos vieramos metter nesta ilha, que no Faial senhores eramos della, que não havia lá quem nos prendesse, antes se nós pretenderamos ser do serviço d'el-rei Filippe, poderosos eramos para lhe entregarmos a ilha do Faial; pelo que v. m. vem mal encaminhado, comnosco não tem nada que fazer nisso: prezos estamos, livrar-nos-hemos: o snr. Conde fará justiça: somos vassallos d'el-rei D. Antonio, e o temos jurado por rei: a elle havemos de seguir.* Ficou Amador Vieira apaixonado, pedindo-lhes que o não descubrissem: quiz ter estes fingimentos com elles.

Continua.

EFFEITOS DE UMA PRAGA.

Em todas as nações ha lendas e contos maravilhosos, que uns tomam por fabulas, e outros acreditam com uma boa fé e crença que fazem pasmar. Muitas d'estas lendas passam á posteridade, autorisadas pelo fanatismo, e pela superstição, que lhe consagram testemunhos para impor aos credulos. Em o numero d'estas se pode classificar a seguinte que anda espalhada na historia da Hollanda.

Achamo-nos na aldêa de Losdum, que dista da Haya meia legua, celebre pelo convento que a condessa Margarida ahi fundou no anno de 1267, e ainda mais celebre pelo monstruoso parto da condessa Mathilde, filha do conde Florente, e irmã de Guilherme, rei dos romanos.

Foi succedido no anno de 1576. Esta princeza negou um dia esmola a uma pobre que d'um parto teve dois gemeos, dizendo-lhe que dois filhos não podiam ser do mesmo pae.

A pobre, escandalisada de que assim se suspeitasse da sua honra, respondeu á condessa que permittisse Deus ella concebesse de uma só vez tantos filhos quantos dias tem o anno.

Nove mezes se passaram, e a praga teve o seu effeito. A condessa houve effectivamente de um parto trezentas e sessenta e cinco creanças, todas vivas e perfeitamente formadas, cada uma do tamanho de um dedo. A todas administrou o sacramento do baptismo o bispo Gui, suffraganeo do de Utrech, dando o nome de João a todos os meninos, e de Isabel a todas as femeas. Uns e outras, e tambem a condessa, morreram pouco depois, e sepultaram-se no mesmo tumulo.

Na egreja da aldêa mostram-se duas bacias de arame, nas quaes dizem que foram baptisadas as trezentas e sessenta e cinco creanças. As bacias não teem de fundo mais de palmo e meio.

Tambem se poz na mesma egreja um quadro com a representação d'esta historia, e uma inscripção em latim, que vertida é a seguinte:

«Eis aqui um monstruoso e memoravel effeito sem exemplo egual desde o principio do mundo. Em observando este portentoso caso retirate d'aqui confuso, e admirado.»

Demos noticia da historia, e, como não somos obrigados a mais, deixamos á crença de cada um prestar-lhe o grau de fé que quizer.

***

Ha historias, tidas por verdadeiras, que, se a verdade podesse fallar, não passariam de meros contos.

—

A historia do mundo é a recopilação das loucuras dos homens.

CARAVANÇARÁ DE SARRON.

Cáfilas ou caravanas são mui numerosas partidas de mercadores, viajantes, ou peregrinos, que se reunem para atravessarem com mais segurança os desertos da Asia e da Africa, com especialidade os da Arabia, fazendo jornadas curtas, e poisando em estações certas onde ha alguma fonte ou poço, e n'algumas o seu caravançará. D'estes edificios os que ha nas cidades são em geral espaçosos e magnificos.

O padre Manuel Godinho na sua *Viagem da India por terra para Portugal*, diz no cap. 6.º: «Nada menos sumptuosos edificios são os dois caravançarás, quer dizer estalagens publicas, que tem Surrate, feitos a modo de claustros, com muitas casas de alojamento por banda, e uma só porta, que se fecha logo á noite e se abre com dia claro para maior segurança das fazendas dos mercadores, que se recolhem n'aquelles caravançarás.»

No cap. 25 escreve o mesmo curioso autor: «... os caravançarás de Alepo são tão formosos como os melhores conventos d'este reino, do mesmo feitio, com as mesmas repartições, e todos em quadro com suas fontes no meio.»

A coisa ainda hoje é a mesma, porquanto nas viagens modernas assim é descripta esta casta de construcções, e entre outros M. Breton diz: «São estas as hospedarias e estalagens dos orientaes, edificadas em quadrado e parecendo-se muito aos nossos claustros; em geral só tem um andar, e raras vezes dois; entra-se no pateo por uma grande porta, e ao meio de cada um dos outros tres lados ha uma grande camara destinada ás pessoas de mais consideração, o resto do edificio é occupado por pequenas camaras; de ordinario as cavalhariças ficam detraz d'estas. São construcções edificadas por monarchas e princezas, e tambem á custa das cidades, onde a todos os viajantes se dá gratuitamente agua, e um cobertor para agazalho.»

A nossa estampa representa o caravançará de Sarron, que é o mais magnifico da Persia.

M.

OS GODOS NA PENINSULA.

Um dos estudos interessantes para a nossa historia, é sem duvida o da epoca que se prende com estes conquistadores, por isso que a sua legislação e costumes de sobejo influiram nos primeiros tempos da nossa monarchia. Não será portanto de estranhar que lancemos aqui algumas observações a seu respeito.

Invadido o baixo imperio pelas aguerridas cohortes dos barbaros do Norte, estes se espalharam, como era natural, pelas provincias occidentaes subjeitas aos romanos. A desmoralisação do imperio que havia effeminado aquelles animos outr'ora tão varonis, quebrara-lhes os brios, entregando-lhes sem esforço os pulsos ás cadêas da subjeição; e Alarico, que no orgulho da victoria se intitulava o açoite de Deus, triumphou na propria Roma, da qual se não presumia podessem braços de homem arrancar a corôa de rainha do universo.

Nos principios do quinto seculo, desceram á Europa varias nações dos mesmos barbaros, e devastando e assolando as Gallias, atravessaram os Pyreneos—fracas barreiras para homens costumados ás selvas dos seus paizes, e ás fadigas das guerras — e admirados da belleza do paiz, que, para áquem d'aquella famosa cordilheira de montanhas, lhe apresentava um ceo formoso, uma terra fertil, e um excellente clima, sentiram recrescer-lhes o desejo de um exclusivo dominio. Haviam sido, porém, solidarias na guerra, e do mesmo modo o deviam ser na conquista; e d'ahi foi que para evitar contestações tiraram á sorte o lote de terra que devia caber a cada uma d'ellas. A nossa Lusitania coube aos alanos, e a Galliza e Braga aos suevos e vandalos.

Guerras se travaram entre uns e outros, e a sentença da sorte foi annullada; que homens eram todos elles, costumados ao saco, a se não contentarem facilmente com o que já possuiam, e impossibilitados de guerrear com os naturaes do paiz, porque se lhes haviam subjeito, contra si proprios voltaram as armas. Assim foi que por termo de todas estas contendas, os vandalos tiveram de passar á Africa, cujo caminho facilmente se lhes franqueou; e os alanos confundidos com os suevos, ficaram na posse exclusiva d'estas regiões. Das duas tribus era sem duvida mais numerosa a ultima, e absorveu em si a primeira, extinguindo-lhe até a denominação, porque do anno de 429 em diante a historia unicamente nos designa a segunda.

Um grande facto, que não deve passar desapercebido, é o da conversão d'estes barbaros ao christianismo; primeiro passo para a sua civilisação. Alanos e suevos eram idolatras ao penetrar nas Hespanhas; porém a luz da religião atravessou o espirito dos primeiros apenas transpozeram os Alpes, e se bem que adulterada a doutrina pelos erros de Ario, comtudo lá lhes ficou a boa semente que mais tarde teve de fructificar, limpa da ruim herva que a infezava. Foi no anno de 559 que Theodomiro, seu rei, abjurou publicamente as heresias d'aquella seita, e desde então os suevos foram contados no gremio da religião orthodoxa.

Com aquellas tribus tinham tambem descido á Europa os godos, como ellas originarios do Norte; porém haviam-se fixado nas Gallias. Subdividia-se a sua nação em ostrogodos, e visigodos. Estes ultimos attrahidos da Gallia-narbonesa á Hespanha, aqui se assentaram definitivamente; e Leovigildo, seu rei, estabeleceu a côrte em Toledo. Pouco tempo depois esta nação predominou em toda a Peninsula, e com o seu imperio findou o dos alanos e suevos. Foi das mãos dos godos, aniquilados pelas mesmas causos destruidoras do imperio romano, que a Peninsula passou para o poder dos arabes. Rodrigo, o desthronisador de Wittiza, pagou a usurpação, e extrema violencia dos seus amores com Florinda, perdendo a corôa nas margens do Guadalete, até onde o arabe Tarife, logar-tenente de Musa, emir d'Africa, fôra conduzido pelo vingativo conde Julião, que pela deshonra da filha, ou por partidista do rei desthronado, lhe tinha aberto as portas de Hespanha. O ferrete da ignominia não deve porém estampar-se unicamente na fronte do conde Julião: Oppas, arcebispo de Sevilha, deve compartilhar com elle a nota infame de traidor á patria, porque não sabendo refrear no espirito vingativo os sentimentos de affeição pelos filhos de Wittiza, dos quaes era tio e tutor, se bandeou na batalha para o arabe, com as consideraveis tropas que capitaneava, commettendo o sacrilegio de franquear o dominio de um paiz christão ao chefe de uma seita sua irreconciliavel inimiga.

Desde este momento a historia deixa de pertencer ao periodo que commemoramos no presente trabalho. Aqui assentaremos a baliza do estadio que brevemente temos de percorrer n'este periodo de cerca de dois seculos que durou o dominio godo.

Se dermos credito aos escriptores romanos mais desapaixonados, acharemos que os godos eram sobrios, guerreiros atrevidos, perseverantes nas suas empresas, hospitaleiros, humanos depois da victoria, se bem que terriveis antes d'ella, e ciosos da liberdade e independencia.

A religião catholica, ao principio permittida por elles, e por fim recebida com fervor, serviu muito para adoçar-lhes os costumes barbaros, e amaciar-lhes a rudez, induzindo-os a abraçarem a polidez e boa razão das leis romanas. Foram estes conquistadores de quem os naturaes do paiz menos tiveram de queixar-se; porque lhes respeitaram suas leis e crenças religiosas, e por tal modo se misturaram com os habitantes, que pelo andar dos tempos, uns e outros se encontraram compatriotas, extinguindo-se as denominações de vencidos e vencedores. Se a conquista material foi pelos godos, o triumpho intellectual e espiritual foi pelos habitantes do paiz, que assim viram abraçada essa tal civilisação que já desfructavam por aquelles mesmos que, na fereza dos seus costumes, ameaçavam barbarisal-os tambem. E tanto mais é para admirar o triumpho, quanto que este povo, antes de pisar a Peninsula, não só receiava alliar-se com os romanos, mas até mesmo lhe detestava as praticas e usos. A benignidade do clima influiu de certo n'estas boas disposições; porém o que fora

de duvida trouxe aquelles barbaros, como os romanos os designavam, a sentimentos mais doces, foram os reciprocos enlaces e casamentos que entre uns e outros se effectuaram. E de mais os godos conheceram que fixando-se no paiz, terminava assim aquella vida errante de emigrações em que até ali tinham andado, e mais pela necessidade, do que pela politica para que não eram muito asados, deviam acariuhar os corações dos vencidos.

Pela abjuração que os reis godos fizeram dos seus erros religiosos abraçando a orthodoxia da fé catholica, veiu a preponderancia ao clero em todos os negocios do estado. Aquelles bispos e pastores que no tempo dos precedentes barbaros, se tinham visto forçados a salvar no esconderijo as imagens dos santos, as reliquias, e os livros sagrados, e no predominio dos arianos se occultavam nos concilios provinciaes e diocesanos para mutuamente se fortificarem na fé e conservarem os povos na communhão catholica, foram admittidos então ao governo, e á feitura das leis; e tanto foram medrando n'este poder, que foi o clero quem descarregou o golpe mais profundo na nobreza goda, que saiu mal-ferida do estabelecimento da nova ordem de coisas, onde a realeza se consolidava, e o poder clerical se constituia.

Vemos que Leovigildo e seus successores, imitando a Alarico na Gallia, se deram em Hespanha ao trabalho de juntar n'um codigo as leis dispersas; e que este codigo foi proposto e examinado no duodecimo concilio toledano, e definitivamente confirmado no decimo sexto. Notam-se n'elle os altos privilegios do clero, porque os bispos não podendo demandar, nem ser demandados pessoalmente em juizo, tinham comtudo recurso para si dos juizes inferiores, e até dos mesmos condes, que era a maior dignidade na côrte palatina. Quem não respeitasse a isempção dos cargos publicos clericaes, e aos seus servos libertos, e colonos, incorria nas penas de excommunhão, uma das mais graves n'aquella epoca. A mesma sorte era reservada a quem demandasse clerigo fora de juizo que não fosse o do seu bispo; e além d'isto decaia no litigio. Até os reis eram forçados, no acto de subir ao throno, a comprometterem-se por juramento, a não consentir nos seus estados nem judeus, nem outros individuos que não professassem o catholicismo. Que muito era porém se introduzissem estas leis n'aquelle codigo, se o clero era ao mesmo tempo o juiz e executor d'ellas, com supremacia sobre todas as outras classes; e os concilios, as assembléas legislativas da epoca, eram movidos e dirigidos por elle!

É indubitavel que para esta supremacia concorreu poderosamente ser a classe mais instruida, achar-se habituada pelos seus estudos a largas discussões, o que, pelo contrario, enfastiava aos homens educados no rude mester das armas, impacientes especialmente pela duração dos debates. Foi no primeiro concilio toledano, no anno de 590, que o clero se resolveu a admittir tambem a elles os seculares, e o rei Reccarredo compensou da sua parte, authorisando o concilio para comminar penas, e concentrar emfim todo o poder legislativo. O rei e os nobres pareciam ganhar n'isto uma participação no governo interior da egreja, o que realmente não era assim. O clero foi quem lucrou a gerencia do governo temporal, da qual se soube por tal arte apoderar, que até o rei Rescevindo, no oitavo concilio, chegou a prometter de antemão sanccionar quanto ali se legislasse. Ganha assim a influencia dos negocios de interesse nacional, tratou o clero de cercear as concessões feitas aos leigos, e foi no decimo setimo concilio toledano, que ordenaram se reservassem os tres primeiros dias da reunião para tratar as materias de fé, e de disciplina, não sendo admittidos os seculares no concilio. Depois lançaram tambem mão da redacção das actas d'estes parlamentos nacionaes; o que hoje se conhece pela linguagem empregada n'ellas, e pela substituição da pena de excommunhão a todas as outras penas.

Continua. A.

GALANTE MODO DE SATISFAZER UMA LETTRA.

Um dos nossos viajantes conta pelas seguintes palavras como em Osnabruck (na Alemanha) se lhe pagou a importancia d'uma lettra; e parece-nos que de aventura egual se não poderão gabar muitos dos que andam correndo mundo:

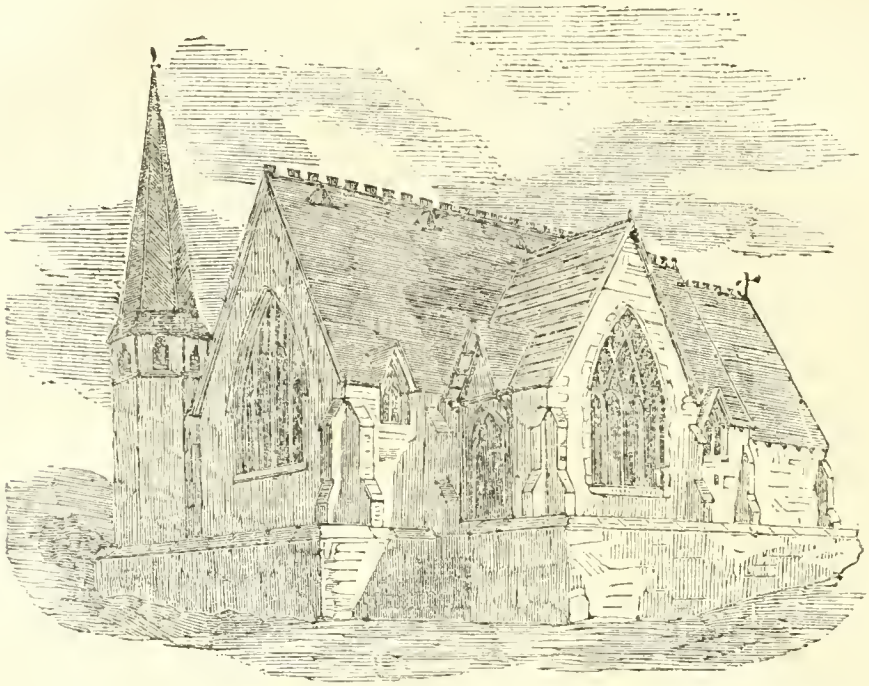
«Indo a casa do correspondente que me havia de pagar a lettra, me disseram que elle se achava em uma feira trinta leguas distante de Osnabruck. Desconfiando inteiramente do negocio, declarei quem era, a lettra que trazia, e o incommodo que me dava a falta ou a demora da sua cobrança. Logo que me conheceram estrangeiro me mandaram entrar as duas criadas, com quem esta conversação se passava, dizendo-me que esperasse por sua ama que se estava levantando. Appareceu esta que era uma moça muito formosa, e com tão pouca ceremonia que em camisa, em manteo mui curto, e em chinellas me veiu tomar a visita, com tanta promptidão que até deixou de calçar as meias. D'esta figura menos esperanças, porém de boa cara boas obras. Assim que recebeu a carta e a lettra assim me começou a contar a sua importancia, dizendo-me que para similhantes negocios não havia horas incommodas, nem razão alguma que os embaraçasse.»

Isto narrou o viajante para provar a promptidão que por aquellas terras ha em similhantes pagamentos. Esta sincera mulher não se contentou só com isto, e vejamos o que o autor accrescenta lhe succedeu ao passar o recibo:

«Emquanto escrevi fez ella vir uma grande botelha de precioso vinho, e o peior é que acom-

panhando-me com um copo egual ao que me deu, me obrigou como por força a que a despejassemos. Teve a galanteria de me perguntar se queria mais algum dinheiro além do credito, e veiu-me acompanhar até fora da porta.»

* *



EGREJA EM ORTAKEOI.

Em consequencia da guerra do oriente houve consideravel augmento no numero de inglezes domiciliados nos suburbios da capital do imperio ottomano, e por isso além de outras providencias que egualmente foram reputadas necessarias, tratou-se de erigir um templo para o culto protestante anglicano. Escolheu-se para local a aldêa de Ortakeoi, proxima de Constantinopola, e foi aberta a capella em Novembro do anno proximo passado. O risco, orçamentos e outros trabalhos foram obras dos architectos George Wood & C.ª, o estylo é da primitiva architectura britanica. É o primeiro templo inglez erecto na Turquia. M.

VINGANÇA POR VINGANÇA.

IV

SAMUEL.

Continuação.

No momento em que Samuel batia á porta, ouviam-se vozes altercando lá mais ao interior da casa. O recemchegado escutou, porém não pôde distinguir o motivo da altercação, porque as vozes se confundiam com o som cavo da argolada repercutida no fundo da casa. Ainda esperou alguns instantes, mas não sentindo passos de quem lhe viesse abrir a porta, bateu segunda vez, com um signal particular; e logo aquellas ruidosas vozes se calaram, e alguem veiu descerrar o ferrolho.

Este homem, que revelava no seu todo o officio da forja, levou a mão ao gorro para comprimentar Samuel, e foi marchando adiante d'elle, com uma lampada na mão, até chegarem ambos á casa immediata.

Unicamente de duas se compunha aquella habitação. A primeira estava desguarnecida de moveis; tinha umas poucas peças de ferro velho, amontoadas a um canto, e ao lado da porta uma chaminé com um buraco para expellir o fumo para a rua. A segunda era mobilada com uns toscos bancos, mesa da mesma qualidade, e uma barra encostada á parede, com o competente almadraque e roupa. Sobre a mesa achava-se um gomil, um tinteiro de loiça, pennas, algumas folhas de papel, e uma balança. Na parede fronteira á cama estava um grande armario, correndo toda a altura da casa, desde o

tecto até ao soalho, figurando mettido na parede.

Os tres homens que se achavam n'esta segunda casa haviam-se erguido e desbarretado á entrada de Samuel.

Se não tivessemos dito ao leitor que este era o personagem descripto no principio do capitulo, não o reconheceria de certo, vendo-o agora muito mais recurvado, apoiando-se n'um bordão, como pessoa que busca dar allivio á perna que traz enferma; e justiça é confessar, remedava tão perfeitamente o paralytico, que mais parecia molestia real que fingida. A côr do rosto mudara-se-lhe de cidra na adusta e tostada do soldado que tinha batalhado na Africa ou havia embarcado para as Indias, graças a um elixir com que o esfregara antes de bater áquella porta. A voz rouquenha e forte era tão dissonante da sua habitual, que parecia impossivel serem ambas soltadas pela mesma garganta. Samuel era de edade de quarenta e tantos annos, porém assim disfarçado figurava ter mais vinte.

Tambem aquelles homens, e outros que varias vezes ali costumavam concorrer, nada sabiam da vida e profissão de Samuel. Julgavam-no, porque elle assim o dissera, velho soldado que se distinguira nos terços portuguezes pelejando na America contra os hollandezes; mas a America estava longe para se verificar o caso. Em Ceuta, contara elle que um pelouro lhe maltratara a perna direita; e Ceuta já não estava em poder de Portugal, pois doze annos antes (13 de Fevereiro de 1668) fôra cedida a Castella pelo principe regente D. Pedro, em nome de seu irmão D. Affonso VI, para Hespanha o reconhecer como soberano legitimo de Portugal; e portanto não valia a pena ir incommodar os hespanhoes para examinar os registros da milicia que guarnecera a praça. Ás vezes narrava com muita exactidão proezas e gentilezas d'armas na guerra da independencia, as quaes dava tambem succedidas com elle; mas a sua exactidão n'este ponto não era para admirar, porque a historia d'aquelles ultimos quarenta annos ainda estava tão fresca que todos a sabiam mui bem, até as creanças que não tinham assistido áquellas batalhas.

Samuel tambem usava para elles de um nome supposto. Não o conheciam por outro que não fosse Pedro de Bulhões.

Chegara mudo e silencioso até á mesa, que n'aquella occasião estava extraordinariamente adornada com varias alfayas de prata. Depois de olhar desdenhosamente para ellas, e voltando-se para Filippe Tranqueira, que assim se appellidava e alcunhava o personagem que lhe veiu abrir a porta, disse sacudidamente:

— Que senzala quando cheguei! Parece-me que tu, meu alma de cantaro, eras melhor para capellão de freiras que para homem de negocio. Por S. Braz que me não amedrontava assim com vozes tão desentoadas, e haveria obrigal-os a conhecerem-me, como os hollandezes me experimentaram na America, se não recuassem as fallas como leigo mendicante em peditorio...

— Tem sobras de razão, sr. Pedro Bulhões, interrompeu um dos tres estranhos; mas este perro do Tranqueira tem palavras para mudar dez Jobs n'um diabo.

— Pois não queria, acudiu outro, que essa prata se desse só pelo peso sem lhe juntar nada pelo lavor!

— E d'esta qualidade! accrescentou o terceiro, pegando n'uma naveta, e mostrando-a a Samuel. Dois anjos tão bonitos, com umas azas tão compridas, e ajoelhados que parecem mesmo estar orando!

— Pois sim... pois sim... Carregae com toda ella lá para as vossas poisadas, que a estas horas já a justiça de el-rei anda em cata das alfayas que desappareceram ha dois dias do mosteiro da Rosa.

Os tres homens olharam-se admirados, pois ainda não haviam dito d'onde roubada a prata, e o caso passara-se sem arrombamento de porta, pelo que esperavam se não desse tão cedo pelo seu desapparecimento.

— Com que então?!...

— Vêde o risco que correis. Andae agora ahi offerecendo-a ao primeiro que vos tenha malquerença, e vos entregue aos officiaes de el-rei, porque n'este tempo, louvado Deus, a gente vê caras, e não vê corações.

— Por isso lhes dizia eu que a prata de egreja não tinha o valor da outra.

— Trazei cá um candelabro sem firma, mas que pertença a particular, que mais cruzado menos cruzado sempre se accrescentará ao peso. Porém esta!... Se não fôra o costume de fazermos negocio, estava tentado a despedir-vos já.

— Porém este firma!...

— Tudo recende a egreja a cem leguas d'aqui. Muito favor vos faria, para segurar-vos a melhor cautela, comprar-vos esses objectos que logo vos denunciariam em vossas casas... Mas não quero... ficarei exposto...

— Porém onde havemos ir, se vemos já descoberta a falta da prata?

— Ainda por vos obrigar, vá... Porém nada... nada... A compra é de muito risco, e n'ella não ganho nem um ceitil.

— Portanto nem o valor pagaes?

— Levae-a... levae-a depressa. Ide com ella a estas horas, e Deus vos conduza que não topeis com a ronda do corregedor, que ajuste melhor a conta do que eu.

— Era o mesmo que lhes estava dizendo, accrescentou o Tranqueira, e elles não queriam entender razão.

— Não tem duvida, passamos a derretel-a que depois bem se venderá.

— Quem cabras non tiene e cabritos viende d'algures lhe viene — dizem os perros dos castelhanos com quem pelejei ha quarenta annos.

Tristes homens de officio a venderem barras de prata!...

— O sr. Pedro tem razão, disse um dos vendedores para os outros dois. Vamos a risco carregando com ella a estas horas...

— E lembras-te do Joaquim, que ha dois annos foi vender á ourivesaria aquelle pouco de oiro derretido, e depois lá foi para o *Tronco?* disse o segundo para o terceiro, que era o mais renitente.

— Cá por minha parte leve o diabo o negocio que pode trazer tal perca. Vamos ao ajuste.

O terceiro estava vencido não só pelo numero de votos na parçaria, mas tambem pelos argumentos que eram convincentes. Samuel para ainda mais os estimular, e rebaixar na fazenda incutia-lhes mais temores sobre o risco que corriam, porém fazia-se mais grave quanto ao ponto de ser elle o comprador.

— Levae, levae. A gente da rua anda muito desconfiada de mim... e se acá viessem as justiças!... Nada... levae.

— Mas agora a estas horas?!...

— Sim... sim... levae.

— Está tratado, sr. Pedro; nós é que não podemos agora levar as alfayas.

— Vêem que me arrisco...

— Estaes na vossa casa, e nós temos ainda de ir longe.

— Faremos um desconto no valor da prata.

— Ora não quero se diga que deixo de servir a gente que me procura. Vamos. A conta será facil de fazer. Não temos nada de feitio, porque isto não pode apparecer: quaesquer dez por cento de abatimento para eu ter um pequeno interesse no obsequio que vos faço, é uma insignificancia a troco de tamanho risco; e depois a prata hoje vae estando tão depreciada, louvado Deus!...

E assim dizendo lançava as alfayas na balança, e annotava o peso de cada uma. Concluida a operação fez contas, e tirando de um cinto de coiro algumas moedas, pagou religiosamente o valor com os indicados abatimentos.

E ao passo que lhe contava as moedas, fazia-as tinir e retinir para os arrebatar por aquelle som argentino, acompanhando-lhe as vibrações com estas e similhantes palavras:

— Esta prata sim, que tem voz de rei, e deixa-se ouvir de todos. Vão lá conhecer-lhe a origem, e d'onde vieram tão boas moedas!.. Não denunciam quem as possue, e inventaram-se para paga de todos os trabalhos... A justiça que reconhèça agora n'ellas o valor da prata do mosteiro da Rosa.

Ajustada e paga assim a conta, os tres homens dividiram ali mesmo o producto, e se despediram de Samuel que, com affectuosas expressões, continuou a encarecer-lhes o serviço que acabava de prestar arrancando-os ao temerario risco de atravessarem com aquella prata a cidade tanto a deshoras, e promettendo-lhes estar prompto sempre a valer-lhes.

Continua. ***

ESTUDOS SOBRE A PRIMITIVA EGREJA CHRISTÃ.

INSTRUCÇÃO RELIGIOSA.

O methodo de prégar e ensinar o Evangelho era diverso segundo a disposição das pessoas que se doutrinavam. Os judeus convenciam-se pelas prophecias e outras provas tiradas da Escriptura e das suas tradições. Aos gentios as primeiras instrucções que se lhes davam tendiam a corrigir-lhes os costumes, pois se julgava inutil fallar de religião a homens ainda cheios de suas paixões e falsos prejuizos. Orava-se por elles, dava-se-lhes bom exemplo; procurava-se attrahil-os pela paciencia, pela doçura e pelos beneficios temporaes, até se ver n'elles um sincero desejo de conhecer a verdade, e abraçar a virtude. Então persuadiam-n'os pelos raciocinios mais simples ou mais subtis, segundo a capacidade d'elles, e com a autoridade dos seus philosophos e poetas. Das coisas de Deus unicamente se fallava aos que seria e tranquillamente as escutavam. Quando n'estas praticas os infieis principiavam a aborrecer-se ou a rir, o christão calava-se, para não profanar as coisas santas, e não excitar blasphemias.

Quando se era obrigado a confundir algum heretico, para o induzir á verdadeira crença, lançava-se mão do sentido litteral da Escriptura, e quando se seguia algum sentido figurado era sómente aquelle em que o adversario concordava. N'estas occasiões havia grande reserva nas questões de religião. Limitava-se a resposta á questão assentada, e não se propunham novas. Havia todo o cuidado em reprimir a curiosidade dos espiritos levianos e amigos de disputar sobre esta materia.

Emquanto ao modo de instruir os fieis, era leccionando-os na doutrina da Egreja, precavendo-os e fortificando-os contra as heresias, e dando-lhes regras para o seu comportamento, e correcção de costumes.

A egreja era a escola onde se juntavam os christãos de todas as edades e estados, e era ahi que bebiam as instrucções analogas a este nome com que se decoravam. O bispo explicava o Evangelho, e os livros sagrados, com a assiduidade de um professor, se bem que com muito maior autoridade. Punha todo o cuidado em se reportar fielmente ao que aprendera dos padres e bispos mais antigos, pela tradição que remontava até aos apostolos. Quando o bispo não podia preencher estas funcções tão importantes, e que eram as principaes do seu ministerio, encarregava d'ellas um sacerdote digno de o substituir por sua doutrina e virtudes.

Os fieis estudavam e meditavam dia e noite a lei de Deus no interior de suas casas. Ahi reliam o que tinham ouvido ler na egreja, e se recordavam das explicações do pastor. Diz S. Chrysostomo que n'aquelle tempo as casas dos christãos eram egrejas, e cada chefe de familia um pastor particular que presidia ás orações e ás leituras domesticas, instruindo a mulher, filhos e servos, sendo o primeiro a praticar as virtudes que exhortava, e esforçando-se todos em o seguir como a seu modelo.

A prova do grande cuidado que tinham os paes e as mães de bem instruir as suas familias está em se não encontrar na antiguidade nenhum vestigio de cathecismo para as creanças, nem de instrucção publica para os baptisados antes da edade da razão. A instituição dos cathecismos quaes se usam hoje nas escolas, data do concilio de Trento, e estabeleceu-se para remediar a ignorancia em que caiu a maior parte dos paes e das mães, relativamente á religião.

BAPTISMO.

Quando alguem pedia ser christão, levavam-no á presença do bispo ou de um sacerdote, que em primeiro logar observava se a sua vocação era solida e sincera. Examinavam-se as causas da conversão, e o estado; se era livre ou escravo; os costumes e a vida passada. Os que seguiam profissão infame e perigosa, ou estavam engolfados em habitos criminosos, não eram recebidos sem primeiro renunciarem effectivamente a ella, porque o zelo da conversão das almas não fazia mais condescendentes os ministros de Christo para com os que desejavam professar o christianismo.

Aquelle que era julgado capaz de ser christão, fazia-se *cathecumeno*, que quer dizer discipulo, pela imposição das mãos do bispo, ou do sacerdote commissionado da sua parte, fazendo-lhe tambem na testa o signal da cruz, orando a Deus para que lhe aproveitasse a instrucção que ia receber, e se volvesse digno do baptismo. Assistia depois aos sermões publicos, aos quaes tambem os infieis e hereticos eram admittidos. Havia cathequistas, ou mestres, os quaes velavam sobre o comportamento do adepto, e lhe ensinavam em particular os elementos da fe, sem comtudo lhe explicarem a fundo os mysterios que ainda não podiam comprehender. Instruiam-no especialmente nas regras de moral, para elle saber como devia viver depois do baptismo.

O tempo da instrucção do cathecumeno durava ordinariamente dois annos, mas espaçava-se este praso, ou encurtava-se conforme o progresso do educando. Os que pediam o baptismo, e que se julgavam dignos d'elle, davam seus nomes no principio da quaresma, para se inscreverem na lista dos competentes ou illuminados. Assim havia duas ordens de cathecumenos: os ouvintes, e os competentes; estes ultimos usavam já com anticipação o nome de christãos, jejuavam durante a quaresma como os fieis, e juntavam ao jejum frequentes orações, genuflexões, vigilias, e confissão de peccados. N'este grau eram instruidos mais a fundo, explicando-se-lhes o symbolo, ou Credo, e especialmente o mysterio da Trindade e da Encarnação. Chamavam-n'os muitas vezes á egreja para os examinar, e fazer sobre elles em presença dos fieis os exorcismos e as orações. Era a isto que se chamava escrutinios, que se observaram por muitos seculos, mesmo com as creanças. No fim da quaresma, ensinava-se-lhes a oração dominical, e instruiam-n'os succintamente dos sacramentos que elles iam receber, e que depois se lhes explicariam mais profundamente. Então aquelles que se reputavam já sufficientemente instruidos e approvados, chamavam-se eleitos, porque os separavam para serem baptisados solemnemente na Paschoa, ou no Espirito Santo, por causa da relação entre estes dois mysterios e os sacramentos do Baptismo e da Confirmação que se conferiam ao mesmo tempo.

Ordinariamente não se administrava o baptismo senão n'estas duas festas, e este costume ainda durava no decimo sexto seculo na maior parte das egrejas. Em caso de necessidade baptisava-se em qualquer dia. Os filhos dos fieis eram baptisados apenas seus paes os apresentavam, mesmo sem se esperar que tivessem os oito dias. O uso de se administrar o baptismo todos os dias indistinctamente só principiou no fim do undecimo seculo.

Desde os apostolos até ao seculo decimo quarto, e ainda mais adiante, dava-se o baptismo immergindo n'agua por tres vezes em nome das tres pessoas divinas. Não se dava por aspersão ou infusão, senão quando se não podia por outro modo, por exemplo na doença. Foi nos seculos quinze e dezeseis que se tornou universal o baptismo por infusão.

Chegado o dia do baptismo, levava-se o cathecumeno ao baptisterio, faziam-no renunciar ao demonio e ás suas pompas; eram interrogados sobre a fé, e elle respondia recitando o symbolo dos apostolos. O cathecumeno despia-se, e descia á fonte baptismal assistido do padrinho e de um diacono, ou outro clerigo. Então o bispo ou o padre fazia-lhe a triplice immersão. Se havia duas cubas, ou duas fontes, as raparigas e as mulheres baptisavam-se á parte; eram assistidas de suas madrinhas, despidas pelas diaconas ou outras pessoas piedosas, tendo sempre o corpo coberto, ou de agua durante o acto, ou com alguma cobertura ao entrar e sair d'agua. Se não havia senão uma cuba, eram baptisados primeiro os homens, e depois as mulheres.

Aos recembaptisados chamava-se *neophytos*, que quer dizer recenmascidos, qualquer que fosse a sua edade. Davam-lhes a comer leite e mel que significava a entrada na verdadeira terra da promissão, e a infancia espiritual. Usavam durante a primeira semana do baptismo um vesti-

do branco que recebiam ao sair da fonte baptismal, como symbolo da innocencia que haviam recobrado, e que deviam conservar até á morte. Toda essa semana commungavam, porque ordinariamente se conferia o sacramento da Eucharistia logo depois do baptismo e da confirmação. O neophytismo durava um anno, durante o qual os novos christãos não podiam ser elevados ás ordens sacras, senão por mui fortes motivos.

CONFIRMAÇÃO.

Nos primeiros tempos da Egreja, era o sacramento da Confirmação como uma sequencia e complemento do Baptismo, e por isso quando o neophyto saia da fonte baptismal era conduzido ao bispo que lhe impunha as mãos, ungia-lhe a testa com a santa chrisma, e o confirmava na fé pela plenitude do Espirito Santo.

Foi a pratica mais geral até ao decimo terceiro seculo não separar estes dois sacramentos, ou aproximal-os o mais possivel; e era a razão d'isto para não deixar exposto o neophyto aos ataques do inimigo dos recemregenerados. Prevaleceu depois o uso contrario, e o cathecismo do concilio de Trento exhorta a esperar pela edade de doze annos para a Confirmação.

Havia padrinhos e madrinhas para este sacramento. Os que o recebiam levavam á egreja uma ligadura de panno branco, com a qual cingiam a cabeça depois da unção com o oleo santo, e traziam-na por sete dias. Depois perdeu-se este costume. A ceremonia de uma ligeira pancada com os dedos na face, é moderna. Quanto ás disposições necessarias para se receber este sacramento não mudaram — exige-se uma consciencia pura, fé viva, e profunda humildade.

EUCHARISTIA E SACRIFICIO DA MISSA.

Era a oração a principal occupação do christão. Juntavam-se nas egrejas aos domingos e sextas feiras para orarem em commum de modo mais solemne, e offerecerem o sacrificio incruento dos nossos altares pelo ministerio dos sacerdotes: chamava-se-lhe *ceia*, *fracção do pão*, *oblação*, *synaxe* (que quer dizer *assembléa*), *collecta*, *eucharistia*, ou finalmente *liturgia*, palavra que significa *serviço publico*.

Não havia em cada egreja, que quer dizer em cada diocese, mais de um sacrificio. Era o bispo quem o celebrava, e os sacerdotes só o faziam quando o bispo estava ausente, ou doente; porém todos os padres o ajudavam n'esta augusta funcção, e offereciam com elle a victima sem mancha. A ordem da liturgia mudou com os tempos e logares, porém no essencial foi sempre a mesma.

Eis o que se observava na maior parte das egrejas:

Depois de algumas orações liam-se as Escripturas sagradas, e acabava-se sempre pelo Evangelho, que o prelado explicava. Depois todos os assistentes se levantavam, e voltados para o oriente com as mãos erguidas para o ceo oravam por todas as pessoas, christãos, infieis, grandes e pequenos, e especialmente pelos afflictos, doentes, e todos que soffriam. Um diacono exhortava a orar; o sacerdote fazia a oração, e o povo respondia *Amen*. Depois offereciam-se os dons, que constavam de pão e vinho misturado com agua, que deviam ser a materia do sacrificio. O povo dava-se o beijo da paz, os homens aos homens, e as mulheres ás mulheres, em signal de perfeita união; depois cada um offerecia os dons ao sacerdote, que os offerecia a Deus em nome de todos. Principiava então a acção do sacrificio, sendo o povo advertido a elevar os corações a Deus, render-lhe graças, e adoral-o profundamente com os anjos e as virtudes celestes.

Depois da offerenda fechavam-se as portas, e guardadas com grande cuidado pelos diacônos ou porteiros, não as abriam, nem mesmo aos fieis, senão depois da communhão. Outros diaconos andavam pela egreja, muito devagarinho, vigiando que se não fizesse o menor motim. Havia um diacono especialmente encarregado de vigiar as creanças cujo logar era junto á cadeira do bispo, e pelo que respeitava aos mais pequeninos recommendava-se ás mães que os tivessem ao collo. Assim todo o povo, attento e silencioso, escutava com profundo respeito as orações do prefacio e da acção, a que chamamos *Canon*, porque o prelado as dizia em alta voz, e o povo respondia *Amen*, como em todas as orações.

Continua. A.

UM PONTÃO NOS RIOS DA ALEMANHA.

Pontão, ou ponte volante é uma barca muito grande e chata que serve para passar os rios. É feita de sorte, que egualando com a terra entram n'ella dois e tres coches com os cavallos e muita gente de pé. Passa com bastante ligeireza á outra parte, sem embargo das correntes arrebatadas d'alguns rios que se atravessam da mesma forma. Ouçamos um viajante do seculo passado:

«Muitas vezes não saí da carruagem em que ia, nem o postilhão descia do cavallo, e assim que chegava á outra banda, continuava a jornada sem embaraço algum. As ditas barcas são tiradas em algumas partes por cordas, e roldanas, obra que me pareceu de pouco engenho, mas de muita segurança. Usam todos os postilhões de umas pequenas cornetas de metal, que levam presas a um cordão, tecido com as mesmas côres das suas librés, que em cada provincia, ou reino são differentes. Antes de chegarem aos logares onde ha pontões para passar, tocam a dita corneta varias vezes, de sorte que se o pontão, ou barca está da outra parte do rio, trata de se fazer prompta com muita diligencia, para que a posta não tenha demora.»

NECROPOLIS DE DOCIMIA.

Necropolis é um termo grego que significa cidade dos mortos, e applicava-se especialmente aos tumulos subterraneos ou hypogeus, que os egypcios excavavam na visinhança de suas cidades; cita-se sobre todas a Necropolis de Alexandria. Na Asia Menor tambem existem muitos, e nem todos são ornados de fachadas ricas ou elegantes como os de Urgub e Myra; ha-os que não passam de simples grutas sem adorno algum; e mesmo no ultimo logar mencionado, Myra, se vêem bastantes d'este genero. D'esses hypogeus (quer dizer, subterraneos) escolhemos para exemplo, um d'aquelles em que se acham reunidos em maior numero, a necropole de Docimia. M.

ESPANTOSA INUNDAÇÃO DE MAR.

II

> «Il faut avouer que nous sommes bien éloignés de pouvoir en donner une explication satisfaisente, dans l'état actuel de nos connaissances.»
>
> ALEXANDRE DE HUMBOLDT.

Não é sem reluctancia, que levamos mão do simples relatorio das occorrencias relativas á inundação de mar, que tão poderosamente se fez sentir no archipelago dos Açores no dia 5 de Dezembro de 1839, para lhe aventar algumas conjecturas causaes. Leigos nas doutrinas e lições das sciencias naturaes, entramos constrangidos n'este particular. De boamente quizeramos fugir-lhe, e lhe fugiramos, se não fosse o implicito reclamo que a narração precedente está fazendo d'algumas palavras, que, se não satisfaçam cabalmente a curiosidade dos leitores, deixem ao menos motivo de a entreter com pareceres e adivinhações; porque, emfim, quasi que a isso se reduz o pouquissimo, que sobre este ponto se pode dizer.

Sabios naturalistas tem parado confusos e maravilhados ante a immensidade de quejandos phenomenos maritimos, desconhecendo-lhes a origem, e contentando-se em admirar-lhes os effeitos, sem aventurarem sobre aquella mais do que contradictorias, e volantes supposições.

Este successo particular, só remotas analogias de origem nos offerece com muitos outros, frequentes nas costas asiaticas e americanas. Não virá inutil fazer aqui menção especificada d'estes, para illustrar o nosso proposito, com que parecem ter fraternidade.

João de Barros, e Diogo do Couto, nas *Décadas* ou Asia Portugueza, nos dizem, que na India lhes chamam *macaréo*, que é — «fluxo de maré... tão veloz, que não ha cavallo, por ligeiro que seja, a que a maré não alcance, quando entra pela planicie da praia.» — «Nos mares da India (lê-se n'um escripto contemporaneo) chama-se *macaréo* aquelle impeto, com que por es-

ta costa enchem e vasam as aguas do mar. Tal é a força, tamanho o arrebatamento, e violencia com que descem e sobem, que de qualquer postura que colhem os navios, se não é com a prôa direita, e muito cuidado contra a corrente, de nenhum modo escapam de trabucados.»

No *Tratado breve dos rios de Guiné*, André Alvares d'Almada, considerando a navegação do rio de *Geba*, tambem falla d'este phenomeno.— «Esta navegação (diz elle) é perigosa por causa da agua do *Macaréo*, que é encher este rio lá em cima com tres mares sómente. Estando a maré vasia, dando tres mares fica preamar de todo; (1) e antes de virem estes mares se ouve roncar um grande espaço, e mette medo ás pessoas, que nunca viram isso. E correm as embarcações grande risco. . . . .»

Á America é elle familiar. *Pororóca* no Amazonas, Maranhão, etc., como era *macaréo* na Asia; seus effeitos violentos são tão analogos, como porventura suas causas, que indubitavelmente continuam ainda hoje a ser um segredo, que a natureza tem sonegado ao olho atrevido do homem.

La-Condamine, observador experimentado e perito, nos dá testemunho da pororóca. «Principalmente em frente da grande confluente do Arawary no Amazonas (diz) pelo norte, singular phenomeno nos presenta o fluxo da maré. Nos tres dias mais convisinhos aos plenilunios ou novilunios, em que as marés são mais subidas, em logar de empregar como de ordinario seis horas a crescer, o mar se eleva em um ou dois minutos ao seu mais alto ponto. Claro está que este descomposto successo não correrá em socego. Na distancia de uma ou duas leguas já se ouve o bramido horroroso, precursor e certo annuncio da *pororóca*—que tal chamam os indios d'estes cantões a esta terrivel enchente. O rumor augmenta á proporção que ella se aproxima, e logo apparece um vagalhão promontorio, d'altura de doze a quinze pés; — apoz, sobrevem outro. . . outro. . . e outro. . . sem espera, estendidos por toda a largura do canal. Esta vaga prosegue com uma rapidez prodigiosa; arrasa e faz pedaços quanto ousa antepor-se-lhe. Em varios logares eu vi muito terreno arrebatado por a *pororóca*, grossissimas arvores arrancadas, e toda a casta d'assolações. Tudo o que ella percorre fica tão limpo como se a praia fôra varrida cuidadosamente. Botes, canoas, e até barcas, nenhum outro refugio topam, que a tal furor as furte. . . senão lançar ancora em logares de muito fundo. . . . .»

Sobre este phenomeno no Maranhão, que é— «um movimento irregular das aguas na occasião da enchente das marés, entrando pelos rios e lagos acima com impeto inexplicavel» — nada accrescentaremos, porque substancialmente se reduz a quanto fica dito.

Conhecido n'algumas partes, nomes particulares ou accidentaes lhe impõem em cada uma d'ellas. Nas costas da Gironda, na Garona cerca de Bordeaux, onde o appellidam variamente *macaret*, *mascaret*, *barre*, é de tão sensivel violencia, que no meio de mil outros sortidos e pasmosos effeitos, faz, sem que isso admire pela frequencia, afundar as embarcações sobre a amarra! As ilhas Orcades, na parte septentrional da Escocia, não desconhecem esta corrente caudal— e quem em Cayenna perguntar por o *barre* achará ahi farta experiencia d'elle. (1)

Sendo familiares nos mares da India e da America, o *macaréo* e *pororóca* não são frequentes cá nas partes europeas — raridade, que não pouco talvez tenha concorrido para que a sciencia os conheça tão vagamente; porquanto, quasi estranho na Europa, que sem falsidade ou offensa de pundonores podemos dizer tem sido o nucleo dos sabios, d'est'arte ha sido de mais custosa e rara investigação.

Volvendo a fallar da singular inundação dos Açores em 1839 — depois de termos apresentado o bosquejo de alguns successos analogos, que periodica ou extraordinariamente occorrem em longinquas plagas — diremos, que o dia 5 de Dezembro não tomou desprecatadas as ilhas portuguezas. A de San-Miguel tem por vezes experimentado taes assolações, e ainda que a sua historia não seja mui particular na relação das

(1) «*De todo* não fica;—nota José Joaquim Lopes de Lima — porque ainda depois d'estes mares continua a encher por mais tres horas, no fim das quaes — vasa por seis horas,— e seguem-se então tres horas de baixa-mar, durante as quaes vae successivamente crescendo o ronco que causa o impeto do mar d'encontro ás corôas d'areia até que chega a romper nos tres mares do *macaréo*.»

(1) Não podemos resistir á tentação de trazer para aqui a formosa descripção que do *barre* faz um dos mais eloquentes e poeticos escriptores francezes. — «... Nous entendîmes au loin un bruit sourd, mugissant, semblable à celui d'une cataracte... J'aperçus a la blancheur de son écume, une montagne d'eau qui venait à nous du côté de la mer, en se reulant sur elle-même. Elle occuppait toute la largeur du fleuve, et surmontant ses rivages à droite et à gauche, elle se brisait avec un fracas horrible parmi les troncs des arbres de la fôret Dans l'instant elle fut sur notre vaisseau, et le rencontrant en travers, elle le coucha sur le côté: ce mouvement me fit tomber dans l'eau. Un moment après, une seconde vague, encore plus élevée que la première, fit tourner le vaisseau tout-à-fait. Je me souviens qu'alors j'entendis sortir une multitude de cris sourds et étouffés de cette carène renversée...»

«Cette montagne d'eau est produite par les marées qui entrent de la mer dans la Seine, et la font refluer contre son cours. On l'entend venir de fort loin, sur tout la nuit. On l'appelle *la Barre*, parce qu'elle barre tout le cours de la Seine. Cette barre est ordinairement suivie d'une seconde barre encore plus élevée, qui la suit à cent toises de distance. Elles courent beaucoup plus vite qu'un cheval au galop.» — Bernardin de Saint-Pierre, OEUVRES COMPLETES (ed. d'Aimé Martin) na *Arcadie*, t. 7.º dos *Etudes de la Nature*. p. 132 e 375.

enchentes anteriores, assim mesmo de algumas d'ellas nos legou pungente memoria.

Por occasião do espantoso terremoto, que soverteu Lisboa, no 1.º de Novembro 1755, muitos tremores de terra, acompanhados d'uma extraordinaria inundação de mar, destruiram algumas povoações d'aquella ilha, e em Ponta-delgada a enchente entrou e assolou as ruas convisinhas ao litoral.

No meio de ventos violentissimos, com o celebre temporal de 25 d'Agosto 1779, o mar furioso e descomposto, elevado a uma altura desmesurada, entrou por muitas vezes a mesma cidade, cercando de todos os lados a egreja matriz de San-Sebastião, e espraiando-se, como outros tantos braços de rio, pelas ruas adjacentes. Por sobre o penedo *amarello*, no areal de Santa Clara, doze pés acima do nivel do oceano, no extremo occidental de Ponta-delgada, arrojou o mar um navio até ao poço (distante do penedo duzentos e quarenta pés) e da tripulação só pôde salvar-se um homem.

Apoz isto não veiu de novo a inundação de 1839. Acompanhada de cortejo horroroso chegou ella! Mais vehemente sobre a madrugada, tomou incremento espantoso com o dia. Felizmente não durou muito, e dentro de poucas horas já a violencia do phenomeno declinava. Uma atmosphera pesada e escura — nuvens continuadas e espessas — altissimas vagas d'um espantoso colorido, como montanhas encobrindo todo o horisonte, succedendo-se, revesando-se, rolando furiosas sobre a praia, aluindo e desconcertando não só todas as obras dos homens que lhe ficavam diante, mas tambem as rochas naturaes, de que despregavam muitos borcelos, subvertendo tudo quanto se oppunha á sua inopinada violencia arrebatadora — taes eram alguns dos prospectos, que apresentavam os succedimentos d'aquelle dia!

Seria este phenomeno produzido por um desregramento ou desconcerto da grande corrente submarinha, que saindo do golpho do Mèxico, toma a altura de Newfoundland, passa pelos Açores, e emfim, apoz outras rotas, vae entranhar-se no Mediterraneo?

Seria uma tempestade maritima, gerada n'esta paragem, ou consequencia d'outras mais longinquas?

Seria o *macaréo* ou *pororóca*, ainda que não reagindo sobre nenhum rio, mas só por paridade de seus effeitos mais genericos? O já citado La-Condamine, fallando da *pororóca* e querendo afeiçoar-lhe uma explicação plausivel, escreve — «.... Notei sempre, que ella não sobrevinha senão com a enchente da maré, a qual represa em canal estreito, topava no caminho com um banco d'areia ou fundo alteado, que se lhe oppunha, e que só aqui principiava este movimento impetuoso e irregular das aguas, que cessava um pouco além do banco, quando o canal se profundava ou alargava consideravelmente.» N'este mesmo sentido tambem parece escrever Lopes de Lima, (1) fallando dos bancos d'areia ou corôas de Goiajé, que obstruem o rio de Geba na Guiné-portugueza, e dizendo — «... Estas corôas ou *dunas* d'areia, tomam o rio quasi de banda a banda, deixando apenas um caneiro estreito, por onde mal podem passar duas canoas a par durante um bom espaço do rio, e como são mui altas represam ali a maré por tres horas, o que nas grandes marés de conjuncção de lua produz o phenomeno do *macaréo*, o qual não deixa de ser perigoso para as embarcações, que se acham n'aquelle canal ao tempo que as aguas represadas rompem com furia aquelle dique natural.»

Mas a respeito das razões em que La-Condamine assentou para illustrar a *pororóca*, disse o sabio naturalista Patrin: — «Parece-me que o phenomeno da *pororóca* se pode explicar pelas razões de La-Condamine, tanto como os furacões se podem julgar effeitos de simples alteração no equilibrio da atmosphera, que quando muito produziria uma ligeira viração.»

Seria a nossa inundação consequencia de contra marés, que violentamente se debatessem, correndo de pontos oppostos? — Esta hypothese achou ecco em muitos espiritos. Um velho experimentado maritimo michaelense foi um dos que primeiro suscitaram similhante idéa. — Eram, dizia elle, marés correntes do noroeste e sueste. E para muita gente isto se constituiu em facto averiguado. — Não o fôra comtudo assim, nem o podia ser, para os mais escrupulosos, acostumados a razões logicas e demonstraveis. Um entendido, escrevendo sobre isto, disse e com muita sensatez — «O que... não está bem averiguado ainda é a causa da apparição de tão destruidores effeitos.» (2) E o mesmo Patrin o vem

(1) *Ensaios sobre a Statistica das Possessões Portuguezas no Ultramar*. L. 1.º Part. II. pag. 107 e seg.

(2) «*O dia 5 de Dezembro de 1839 na cidade de Ponta-delgada*. — O espantoso phenomeno maritimo, novo entre nós, extraordinario, e para sempre memoravel, observado, e gravemente sentido no dia 5 do corrente, não é estranho nas ilhas francezas americanas, e em outros pontos do globo. Dão-lhe ahi o nome de Ras-de-marées. Tem logar este phenomeno desde o principio do mez de Novembro até o meiado d'Abril, especialmente em Dezembro, e Janeiro; e sempre junto das costas, ou praias, ainda que em pouca extensão d'ellas. Tão violentos, e tão impetuosos são os assaltos das desmesuradas ondas, que submergem, d'ordinario, as embarcações ancoradas, ou amarradas nos portos, e enseadas. — Sabido é que a terribilidade dos vagalhões junto das praias lhes provém de se recurvarem sobre si mesmas as vagas, augmentando de volume, e de se quebrarem com fragor horrendo. — *O que porém não está bem averiguado ainda é a causa da apparição de tão destruidores effeitos*. — Dos naturalistas julgam uns serem furacões, ou tempestades locaes, independentes do sopro dos ventos. Para si tem outros serem consequencias de procellas, que em outras partes reinaram. Outros emfim presumem não serem mais do que *contra-ma-*

*

roborar, quando diz que a *pororóca* é — «um facto extraordinario, de que fôra difficil descobrir a origem, com a qual nem mesmo La-Condamine parece ter acertado.»

Seria um effeito vulcanico? — Esta opinião, que ao primeiro aspecto parecera improducente, tem por si, no caso isolado de que fallamos, as leis e theorias da sciencia. Com tantos vestigios vulcanicos, e com muitos respiradoiros, seria disputar ao sol a faculdade de allumiar, negar, que o archipelago dos Açores é sobreposto a um vasto laboratorio de fogos interiores. Que muito, pois, que esta verdade nos empreste meios de alcançar a solução do nosso problema? A enchente não parecia partir de mui longe: a uma milha da costa talvez o seu impeto já fosse irreconhecivel. As tripulações de alguns navios de levante, que se mantinham durante o successo a pouca distancia, foram unanimes em declarar, que na altura porque então andaram, as aguas não apresentavam nenhum caracter extraordinario, que revelasse o que ia junto da costa, que demorava perto. — Assim, por qual outra causa seria senão por uma subterranea reacção vulcanica, onde as materias em combustão se inflammassem e debatessem, — não com a força de projecção bastante para produzir um respiradoiro, romper, e ultrapassar a crusta do globo terrestre — mas conseguindo apenas subleval-a, temporaria ou permanentemente? Não seria por esta alteação inopinada, que as aguas arrojadas d'aquelle fundo em que repoisam, e violentadas talvez por concussões repetidas viessem furibundas, debater-se contra as costas proximas? Muitas outras causas podiam soccorrer esta hypothese: o *novilunio* e a acção dos ventos seriam sobejas. A influencia das conjuncções lunares sobre o movimento das aguas não ha ahi quem a conteste ou ignore; e o poder dos ventos e tão portentoso que o genio de La-Place creu só por elle explicar satisfatoriamente a causal da grande corrente de oriente a occidente, dita equinocinal.

Que mais razões podemos aventurar aqui? — Observações meteorologicas ninguem as fazia então. (1) Podiam concorrer muito para illustrar, e porventura fixar a theoria d'este phenomeno, restando á historia sómente dizel-a, e não adivinhal-a, como agora lhe succede.

Se ainda assim não puder satisfazer a alheias curiosidades o pouco que dito fica, pegar-nos-hemos ao argolão dos mysterios, e sem força para explicarmos convincentemente este notavel caso, saberemos ao menos defender-nos, dizendo, como o precitado naturalista francez: — «Nas grandes massas de fluidos, que cobrem o globo terrestre, ha movimentos espontaneos, animando cada uma de suas moleculas, que não são de maneira alguma mecanicos, e cujo principio nos é tão incognito como aquelle, que produz a circulação do sangue nas veias; e pode ser que n'isto não falte analogia.» (1)

José de Torres.

rés, isto é, marés que se encontram, vindo cada uma de seu lado opposto, formando muitas vezes, e em certas paragens, correntes rapidas, e perigosas. . . » — O *Monitor*, n. 45, de 11 de Dezembro 1839.

(1) Depois d'isso houve quem as fizesse, e cuidadosamente, por alguns annos. Alludimos aos curiosos e scientificos trabalhos de mr. Thomaz Carew Hunt, consul geral de sua magestade britanica nos Açores, residente na ilha de San-Miguel, cavalheiro da maior distincção e affabilidade. Sob o titulo de *Observações Meteorologicas* os publicou regularmente e no decurso de annos, desde 20 d'Outubro 1844 no importante jornal *O Agricultor Michaelense*. E digno de ler-se o seu artigo sobre o *Clima dos Açores*, a pag. 169 do *Almanak Rural dos Açores para o anno de 1851*, mandado publicar pela benemerita Sociedade Promotora da Agricultura Michaelense.

BIBLIOTHECA DE ALEXANDRIA.

O Egypto, que por tantos annos foi um paiz classico das lettras, achou-se successivamente dominado e subjugado pelos persas, gregos, romanos, e arabes.

Sabe-se que os gregos tiveram o Egypto em subjeição por mais de trezentos annos. Morto Alexandre, o throno foi occupado pela dynastia macedonia dos Lagidas que ahi reinaram por duzentos e noventa e quatro annos, até á morte de Cleopatra.

A famosa bibliotheca de Alexandria, fundada e enriquecida pelos primeiros Ptolomeus, constava de setecentos mil volumes quando os romanos a incendiaram, na occasião em que Cesar cercava esta cidade. Reformou-se depois com duzentos mil volumes da bibliotheca de Pergamo, donativo feito por Antonino a Cleopatra. No tempo do imperador Theodosio, o Maior, foi outra vez incendiada pelos christãos, que lançaram fogo ao templo de Serapis, onde ella estava collocada. Novamente a incendiaram os arabes, queimando os restos que ainda ali havia de livros profanos, e ecclesiasticos colligidos pelos christãos.

JANELLA GOTHICA.

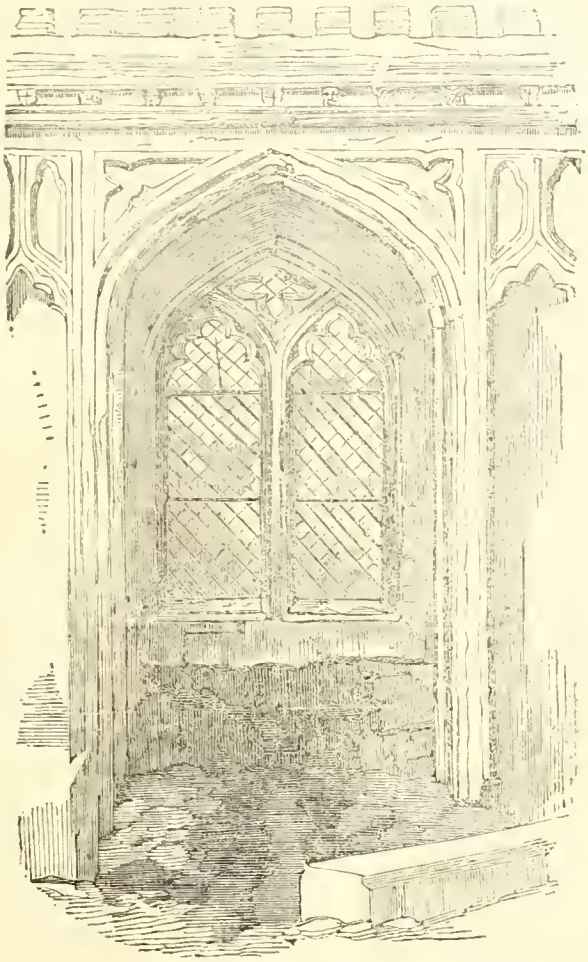
Em Agosto do passado occupando-se alguns trabalhadores na obra de apearem o lanço da muralha do angulo sudoeste no edificio denominado Guildhall, que são os paços do concelho, ou palacio da corporação municipal de Londres, descobriu-se esta janella, que se presume estar entaipada na parede desde o grande incendio de Londres em 1666; e bem se vê que em parte achou-se exposta á acção do fogo: as suas

(6) *Nouveau Dictionnaire de Histoire Naturelle*, verb. *Mer*, artigo de Patrin.

molduras e repartimentos são de pedra calcarea, n'alguns logares calcinada quando outras porções estão perfeitamente intactas.

Forma esta janella duas frestas envidraçadas ao uso d'aquelles tempos: a peça do meio que divide as frestas tem de altura quatro pes ate onde faz arco; e a largura é de cinco pes de hombreira a hombreira; a parede em que esta mettida tem quatro pes de grosso.

M.



JANELLA GOTHICA.

HOFFMANN!

Continuação.

II

Somos chegados á epoca em que começa para Hoffmann a verdadeira gloria. A esphera dos seus estudos alarga-se, pelo ardente desejo de saber que o accommette. O seu talento variado desinvolve-se com mais actividade, na presença d'aquella sociedade tão adiantada no caminho da civilisação. O poeta, o musico, o pintor sente duplicarem-se-lhe as forças da intelligencia, pelo contacto de homens já conhecidos no mundo artistico, taes como Hitzig, Voss, e Zacharias Werner; lança-se com assiduidade ao trabalho: compõe peças musicaes, faz quadros, escreve livros; e toda a cidade presta homenagem ao seu raro engenho.

Hoffmann foi feliz em Varsovia, porém essa ventura não durou muito tempo.

Apesar do ruido de uma grande povoação, que muito o contrariava em seus estudos, como elle graciosamente conta em uma poetica carta ao seu fiel amigo Hippel; apesar mesmo dos enfadonhos trabalhos do fôro, a que o obrigava o seu emprego de magistrado: Hoffmann achou tempo para compor a musica de tres operas — *A Charpa e a Flor*, — *O Conego de Milão*, e — *Os Musicos galhofeiros*. — Além d'isso, encarregou-se de fazer prosperar uma sociedade philarmonica, que existia em Varsovia, a tal ponto, que alcançou comprar para ella o palacio Muiszk,

onde se deram repetidos concertos musicaes. Hoffmann incumbiu-se de decorar, pela sua mão, a grande sala d'aquelle palacio, aonde elle proprio devia figurar como membro da orchestra. O conselheiro trocava a miudo a toga pelo avental do pintor; e muitas vezes, erguido sobre um andaime, cercado de potes de tinta, e com uma garrafa de vinho do Rheno ao alcance da mão, dava audiencia na sala da philarmonica aos litigantes, que reclamavam justiça. Á noite, operando terceira metamorphose, embriagava com as harmonias da sua rebeca um auditorio de entendedores.

Porém uma tarde, a 28 de Novembro de 1806, a cavallaria de Murat entrou em Varsovia. No dia seguinte o marechal Davoust, arrojando os cossacos para além do Vistula, tomou posse da cidade. A 19 de Dezembro, ás duas horas, chegou Napoleão á capital da Polonia. A 8 de Julho de 1807, creava-se o ducado de Varsovia, e era entregue o seu dominio ao rei de Saxonia.

Hoffmann estava pois desempregado, e foragido tambem. Os bellos dias de prazer tinham voado. Da tristeza proveiu-lhe uma grave enfermidade; e viu-se sem recursos pecuniarios, sem protectores, nem amigos, preso ao leito da doença!

Não tendo podido alcançar em Berlin uma collocação official, começou a dar lições de musica, para não morrer de fome. Por pouco que não teve a sorte dos grandes poetas!...

O seu amigo Hitzig alcançou-lhe, a muito custo, a nomeação de chefe da orchestra do theatro de Bamberg; e Hoffmann partiu alegre a desempenhar o seu novo cargo, bem differente do que occupara em Varsovia. Mas oh fatalidade! Á sua chegada não encontrou o director do theatro, que havia fugido com o peculio da companhia! Os actores, que não podiam pagar aos musicos, resolveram-se a declamar em vez de cantar; e Hoffmann, amoldando-se ás circunstancias com stoica philosophia, decidiu-se a fazer versos em logar de reger a orchestra. E foi applaudido.

Porém os reditos do seu novo emprego eram insignificantes. Para melhorar um pouco a situação em que se achava, Hoffmann escrevia artigos para a *Gazeta musical* de Leipzig, mas ainda assim a sua penuria era extrema.

Um dos seus biographos, *Emile de la Bédollière* (a quem seguimos, em parte, n'este estudo) menciona como prova da triste verdade que apontámos, o final de uma carta, escripta por Hoffmann ao editor d'aquelle jornal; dizia assim:

«N'este momento não tenho nada, não sou nada; mas quero tudo, sem saber precisamente o que.»

Uma febre nervosa, aggravada pelo doloroso sentimento da perda de sua unica filha, esteve a ponto de fulminar o pobre Hoffmann, privando a litteratura de um de seus mais bellos ornamentos — *Os Contos phantasticos!* Felizmente, quando o anno de 1808 tocava o seu termo, tinha Hoffmann melhorado de saude e de fortuna.

Por influencia do conde Julio de Soden, o nosso poeta é empregado em um novo theatro de Bamberg, sob a direcção de Holbein, homem emprehendedor e honrado, mas decidido a enriquecer em pouco tempo, ou a perder o seu ultimo real. Hoffmann torna-se machinista, architecto, musico, pintor, tudo, n'aquelle theatro. A concorrencia publica o anima a trabalhar sem descanso.... porém um bello dia, por mero capricho, Holbein larga a direcção do theatro, e abandona Bamberg, deixando outra vez o seu machinista a braços com a miseria!

Quando já tinha vendido a ultima casaca para comprar um pedaço de pão, Hoffmann encontra de novo a sua segunda Providencia, o seu amigo Hitzig, que lhe alcança o logar de chefe d'orchestra no theatro de Dresde.

O magistrado lança mão, outra vez, do arco da rabeca, e põe-se a caminho da capital da Saxonia.

N'esta cidade, se a fortuna lhe não foi mais propicia, teve ao menos a consolação de encontrar o seu melhor amigo, Hippel; e a amisade lhe fez esquecer um momento os seus infortunios.

A miseria de Hoffmann não provinha de mandreice ou orgulho; o ex-conselheiro prestava-se a todos os trabalhos, de qualquer ordem que elles fossem, como temos observado. É que tambem na Alemanha, pelo menos n'aquelle tempo, como em Portugal, ainda hoje, é muito difficil alcançar uma posição independente pelas bellas artes, em quanto se não cria uma grande reputação artistica.

Hoffmann toca rabeca, compõe operas, faz caricaturas; mas a nudez está a bater-lhe á porta!

N'este miseravel estado o encontrou Talma, em Dresde, quando ali foi dar algumas representações em francez, ao mesmo tempo que Hoffmann introduzia no theatro alemão as comedias de Calderon de la Barca.

Em 1810 escreveu o incansavel Hoffmann a sua admiravel analyse do *D. João*, de Mozart, e as *Idéas de Kreissler sobre a musica*. (Kreissler é um pseudonymo que elle adoptou para si.) Nos intervallos que lhe deixavam os trabalhos litterarios e musicaes, pintou a fresco a torre do castello de Altenbourg!

Em Abril de 1813 passou a dirigir a orchestra da companhia de *Joseph Secondo*, que representava alternativamente em Dresde e em Leipzig; e, segundo se deprehende de uma carta sua, datada d'esta ultima cidade, passava então a vida mais alegremente, postoque os meios pecuniarios lhe não sobrassem.

Hoffmann possuia uma intrepidez natural, que tocava as raias do heroismo, quando alliada com a gastronomia. Eis um exemplo d'esta verdade. Estava elle em Dresde, a 26 de Agosto de 1813, no meio da terrivel luta do exercito francez com

os alliados, quando, no momento de entrar em casa, lhe passou uma bomba por cima da cabeça, que foi rebentar entre quatro caixões de polvora. Depois outra, e outras estalaram na praça, e os moradores da casa, aonde Hoffmann habitava tambem, trataram de se pôr ao abrigo da artilheria. Deixemos que o proprio heroe termine esta narração.

«A cada explosão não se ouviam senão gritos, soluços, lamentos... e nem um copo de vinho ou de *rhum* para fortificar o coração! Escapei-me pela porta travessa, e corri para casa do actor Keller, aonde achei que beber. Estavamos nós, de copo em punho, em uma sacada, que dava sobre o Mercado Novo, quando outra bomba rebentou na praça. Um soldado de Westphalia ficou com a cabeça espedaçada; e um paisano, bem vestido, caiu perto d'elle. O pobre burguez tentou erguer-se; mas tinha o ventre aberto, e os intestinos saíam-lhe pela ferida; baqueou de novo, e expirou. Keller deixou cair da mão o seu copo; eu despejei o meu, exclamando: O que é a vida? Como o homem é fraco! Não poder supportar o choque de um pedaço de ferro!»

Apesar d'esta insensibilidade, um pouco egoista, Hoffmann amava a sua patria, e a retirada dos francezes causou-lhe uma sincera alegria. Parecia-lhe que, depois da sua partida, se respirava mais livremente. E postoque atacado de um pleuriz e de rheumatismo gotoso, esqueceu o soffrimento para ridicularisar em caricaturas os invasores da Alemanha.

Ainda doente, em Leipzig, no principio do anno 1814, Hoffmann terminou a sua opera *Ondina*, que mereceu os applausos do publico, e o que é mais, os elogios de Weber, o illustre autor de *Freyschutz*.

O nosso *maestro* legou á posteridade, alem dos trabalhos musicaes já mencionados, as operas — *Amor e ciume*, e — *A taça da immortalidade*. Muitas symphonias, trios, quartetos, um *miserere* e um *requiem*.

Até esta epoca, Hoffmann era mais conhecido como musico, e como pintor, do que como litterato; mas a datar de 1814 é por esta especialidade que vae tornar o seu nome eterno.

Dos seus artigos publicados na *Gazeta* de Leipzig, accrescentando-lhe alguns ineditos, formou um volume, que publicou sob o titulo de *Phantasias no gosto de Callot*, por E. T. A. Hoffmann. Não se sabe por que, havia mudado o seu ultimo prenome (Guilherme ou Wilhelm) para Amadeu.

Em Setembro do mesmo anno voltou Hoffmann a Berlin, aonde encontrou o bom amigo Hitzig; e alcançou em breve, por intervenção do seu Pylades, o constante Hippel, um honroso logar, que conservou até á morte, conselheiro da camara real de justiça na mesma cidade.

A miseria tinha acabado de uma vez para Hoffmann; a abundancia, apar de um nome glorioso, embalava docemente o poeta. Porem o homem que conhecia bem o mundo pela experiencia, fugia do tumulto da côrte para o seio da amisade; e ligado estreitamente com Hitzig, magistrado, critico, e criminalista distincto, com Adalberto de Chamisso, autor da curiosa historia do *Homem que perdeu a sua sombra*, com o romancista Contessa, o doutor Koreff e poucos mais, creou uma sociedade litteraria, que se denominou de *Serapião*, aonde se discutia litteratura, philosophia, magnetismo, e se contavam historias e legendas.

Era ahi que Hoffmann patenteava as suas mais phantasticas inspirações; e d'estas palestras diarias nasceram os seus immortaes *Contos*, o mais bello florão da sua corôa artistica.

Continua.

F. M. Bordalo,

CINTRA.

Cintra, amena estancia,
Throno da vecejante primavera,
Quem te não ama?

Camões — poema de Garrett.

Cintra, Cintra, se eu tivesse
Do Tasso as inspirações;
Ou a lyra harmoniosa
Do nosso grande Camões!
Se eu hoje fosse inspirado,
Como o Dante enamorado,
Com o seu estro immortal!
Com ardor eu te cantara,
Os meus cantos te offertara,
Pois não tens belleza egual!...

Tudo em ti e aprazivel,
Tudo bello e seductor!
De manhã, de tarde, á noite,
Sempre nos fallas d'amor!
Tu encerras taes encantos,
Teus attractivos são tantos,
Como eguaes não encontrei!
És p'ra mim a mais formosa,
A mais linda e primorosa,
Das terras por onde andei!

Onde tem mais poesia
O nascer e o pôr do sol?
Onde é mais harmonioso
O canto do rouxinol?
Onde mais formosas flores,
Palacios mais seductores,
Nós iremos encontrar?
Onde mais amenos prados,
Arvoredos mais copados,
Poderemos admirar?...

Lá sobre a serra escarpada,
Que magestoso não e,
O castello dos reis moiros
Erguendo-se inda de pé!

Com suas fortes muralhas,
Testemunhas das batalhas,
Que o tempo fez olvidar!
Quando as quinas levantadas,
No meio das nossas espadas,
Lá se foram hastear!...

E no mais alto da serra,
Da *Pena* o paço real!
Com os seus lagos tão bellos,
Suas fontes sem rival!
Com seus bosques seductores,
Seus jardins e suas flores,
Sua belleza sem par!
Lá n'esse monte elevado,
Que da terra levantado,
Quer os astros dominar!...

Acredita, ó minha Cintra,
Que nas terras onde andei,
Formosura egual á tua,
Em nenhuma eu encontrei!
Eu n'ellas não desfructava,
O prazer que em ti gosava,
Nem achei encanto egual;
Pois tu és a mais formosa
A mais bella e magestosa
Das terras de Portugal!...

J. A. X. DE MAGALHÃES.

CHRONICAS MONASTICAS.

DA COMPANHIA DE JESUS.

III

CASA DE S. ROQUE.

Continuação.

Foi esplendida a funcção do recebimento das reliquias doadas por D. João de Borja, e o principe cardeal, e archiduque Alberto regente d'este reino de Portugal, sob o dominio de Castella, ordenou que para noticia d'este acto se recolhesse em narração de historia tudo quanto a este respeito se passou.

Approvadas as reliquias, ordenou-se a procissão com que foram transferidas da Sé para a casa de S. Roque. Ornaram-se as janellas e paredes das ruas, por onde tinha de passar, e na vespera se illuminou com lanternas a fachada da egreja de S. Roque, e se fizeram fogueiras no adro, lançando-se fogo ás respectivas barricas de alcatrão com grande alvoroço de charamelas e repiques de sinos. Houve janella que se alugou para o dia da festa por quarenta cruzados, e casas por trinta mil réis.

Aos 25 de Janeiro de 1588 teve logar a solemnidade, e o prestito começou a sair da Sé pelas nove horas da manhã. Iam diante de tudo os meninos da Doutrina com suas capellas na cabeça, e ramos verdes nas mãos, indo no coice, ordenados em procissão tambem com ramos e capellas de flores, os meninos que já andavam em habitos de frades. Levavam elles n'uma charola doirada a imagem do Menino Jesus, e no mesmo andor, dois meninos de vulto, vestidos em habito de S. Domingos, e na attitude de estarem comendo com o Menino Deus; o que era representação de um caso, que se dá por succedido em Santarem. Acompanhavam esta charola dez meninos vestidos de damasco carmesi com capellas de flores na cabeça; e quatro d'elles levavam diante castiçaes de prata, com suas velas brancas acesas, e os outros salvas de prata, com varias insignias e divisas do Menino Jesus. Seguia-se a capella da Doutrina com musica de motetes e cantigas devotas, acompanhando-a o celebre padre mestre Ignacio.

Iam logo as bandeiras dos officios da cidade de Lisboa, e algumas folias e danças da mesma cidade, e entre estas uma de pastores.

Seguiam-se as confrarias e irmandades, que foram em numero de mais de cincoenta, indo os confrades com seus habitos e divisas, capellas de flores na cabeça, ou lyrios nas mãos. Só a confraria do Santissimo da Magdalena levava cento e vinte confrades, com suas opas de grã e escarlata, capellas, e tochas de quatro pavios, e suas particulares charamelas, das quaes havia varias ordens e ternos por toda a procissão, repartidas por seus intervallos. Pelo meio iam as cruzes d'estas confrarias, e de todas as freguezias da cidade, que passavam de cem.

Vinham depois trezentos religiosos, que eram cento e dez da ordem de Nossa Senhora do Carmo; cem de Santo Agostinho; cincoenta de S. João; e os restantes, padres da Companhia da casa de S. Roque, e Collegio de Santo Antão. Levavam tochas nas mãos.

Seguia-se aos religiosos grande numero da cleresia, indo no coice de uma parte o cabido da Sé, e da outra os capellães da capella real.

O pallio era levado de um lado pelos capellães regios, e do outro pelos conegos.

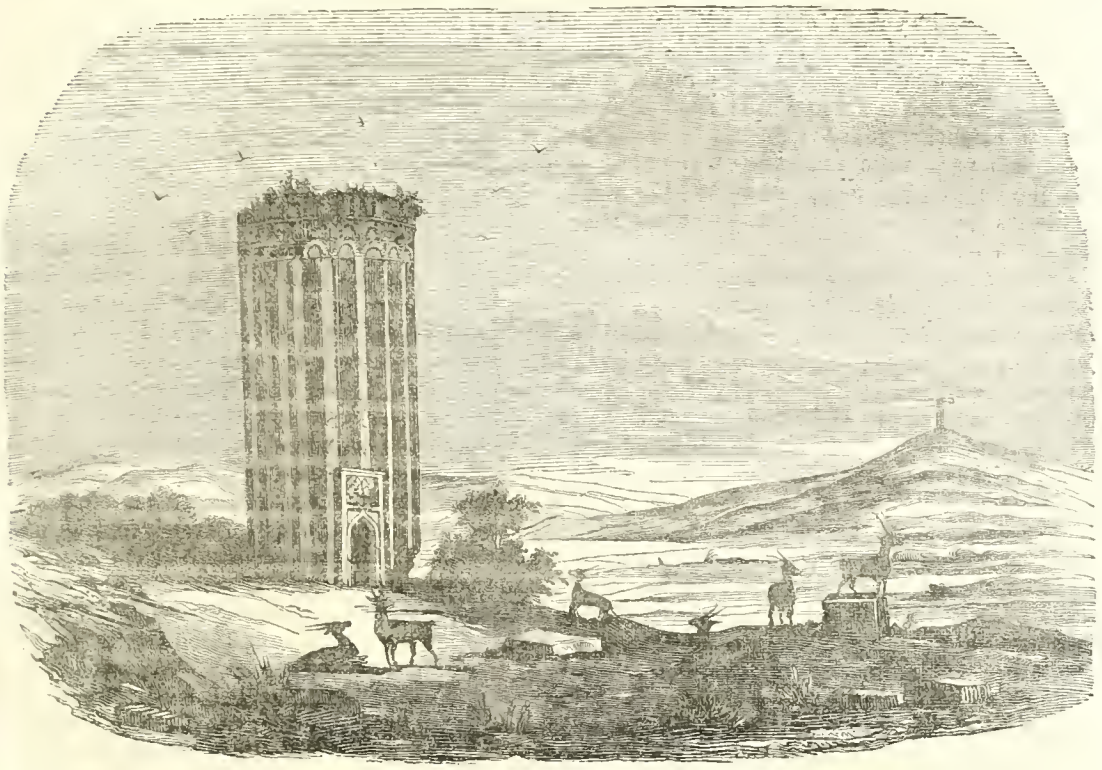
Pelo meio dos religiosos e cleresia iam distribuidas as reliquias em doze andores, feitos de novo para este acto, ricamente guarnecidos de oiro e sedas. Eram levados aos hombros por quarenta e oito clerigos, revestidos em almaticas ricas.

Os andores não iam todos juntos, mas divididos de quatro em quatro. Os primeiros, entre os religiosos que vinham diante: os quatro do meio quasi no fim de todas as ordens: os derradeiros no coice da procissão entre a cleresia.

Continua.

F. D. D'ALMEIDA E ARAUJO.

A verdade pode calar-se, ou dizer-se; mas nunca adulterar-se, nem contradizer-se.



TORRE DE RAGÉS.

A pouca distancia de Teheran, capital do imperio da Persia, ha uma torre de construcção singular entre as ruinas da antiga Ragés, cidade mencionada na Sagrada Escriptura, no livro de Tobias, cap. IX, e aonde este foi por mandado de seu pae buscar o dinheiro que lhe devia Gabelo; e ahi mesmo é designada como cidade dos médos: *et vadas ad Gabelum in Ragés civitatem Medorum;* e de facto passou na antiguidade por ser a segunda da Média. Passando a ter varios nomes no tempo dos romanos, e por ultimo os turcos e arabes lhe chamaram Reì ou Razi, de que existem restos dispersos.

Difficil é saber se a torre, ainda de pé, pertenceu a algum palacio dos antigos persas. É construida de tijolos, de figura redonda, dividida em vinte e quatro repartimentos, cada um dos quaes forma dois lados de um triangulo, cuja base mede sete palmos e quarto; a altura da torre, segundo o viajante Ker-Porter, é de oitenta e sete palmos, e já não existe a parte que a cobria. A entrada é por uma porta extremamente adereçada de ornatos. Extramuros da cidade acha-se mais outra torre circular, em tudo similhante e egualmente descoberta, porém construida de cantaria. M.

Onde a vontade exclusivamente impera, nada pode o raciocinio.

MINAS DE PORTUGAL.

A gazeta de Leipzig estabelece como principio que o ferro, e o carvão são hoje em dia os primeiros agentes da moderna civilisação. Com effeito, se notarmos que estes mineraes são a alavanca principal da industria, e que o desinvolvimento d'ella produz o da intelligencia do homem, pela necessidade em que o colloca do estudo das principaes sciencias, e das suas applicações; não poderemos deixar de concluir, que o principio estabelecido é incontestavel, e deve tomar-se como um axioma.

Por maiores que sejam os desejos de implantar ou desinvolver a industria fabril em um paiz aonde faltem estas materias; por mais efficaz que pareça a protecção officialmente concedida; a industria viverá vida mesquinha, rachitica, e enfesada — vida emprestada — e a sua duração será ephemera, quaesquer que sejam os sacrificios feitos para lh'a conservar.

Procurar, portanto, o carvão e o ferro, não é menos necessario á prosperidade de uma nação, do que promover a instrucção do povo, dotar o paiz com boas communicações, ou quaesquer outras coisas de reconhecida utilidade.

Sem communicações faceis não ha commercio que mereça este nome; sem ferro e carvão não pode haver industria que prospere.

O mesmo jornal estranha que a Hespanha, tão

rica em jazigos de ferro e carvão, se conserve ainda hoje tributaria ao estrangeiro de não poucos milhões de reales annuaes, pela acquisição de materias, que podia obter de si propria, se a lavra das minas tivesse ali tomado o devido incremento; comtudo, ainda que o reparo é justo, e verdadeiro o desfalque da riqueza nacional, a emancipação da industria pode de um momento para outro realisar-se n'aquelle paiz, porque se os jazigos que occultam similhantes materias não estão explorados, ao menos não se ignora a existencia d'elles.

Na Europa ha unicamente um estado aonde se não lavra o ferro. Em todos os mais as minas de ferro e de carvão, são procuradas com extrema avidez. As sciencias naturaes e economicas, e com especialidade a physica, a chimica, e a mechanica, como que disputam entre si á porfia, sobre qual hade prestar maior somma dos seus innumeraveis recursos, e resolver os mais complicados problemas sobre o tratamento do ferro em todos os periodos da sua laboração. Os gazes, o calorico, até ha pouco perdido, nos altos fornos o emprego do ar quente, tudo é aproveitado, e recebe a mais admiravel e intelligente applicação no beneficio do ferro. D'est'arte se diminuiu o trabalho e a despeza, e o que se reputava inutil, ou de pouco proveito, tornou-se um novo e poderoso agente, e mais um elemento productor de grande riqueza.

Ao progresso das sciencias se deve, que paizes aonde se não fabricava o ferro, tenham hoje em actividade altos fornos, e forjas: que outros, aonde esta industria ameaçava de succumbir, ou de se amesquinhar, pela falta do combustivel vegetal, recobrassem, e até desinvolvessem a energia primitiva, alargando o seu campo d'acção industrial. Effeito maravilhoso dos novos agentes de calorico, que a physica e a chimica descobriram, e que a intelligencia humana tão vantajosamente soube aproveitar, supprindo assim uma falta, que a principio parecia irreparavel.

No estado de adiantamento em que actualmente se acha este ramo da industria, pode-se, sem grave offensa, appellidar de semibarbaro o povo, que não possuir ao menos um alto forno, ou uma forja de beneficio do ferro.

Por vergonha nossa (com profunda magoa o dizemos) o unico paiz da Europa aonde se não beneficia um gramma de ferro, é Portugal!! E Portugal tem minas de ferro em quasi todas as suas provincias!!

O viajante que percorrer este paiz em todas as direcções, encontrará repetidas localidades com a denominação de *ferrarias*, aonde achará patentes os vestigios que a justificam, denunciando que n'esses logares houveram outr'ora trabalhos de mineração e fabrico do ferro. Ainda não teem decorrido muitos annos desde que foi abandonada a lavra das minas de Chapa Cunha, de Thomar, e Machuca. A fabrica da foz d'Alge, aonde se tratava o ferro das minas das proximidades de Figueiró dos Vinhos, Pedrogão, Maçãs de D. Maria, Portella do Braz, e outros logares, fechou-se em 1833.

Vê-se pois que as gerações passadas não descuidaram a mineração e fabrico do ferro, e se as suas modestas forjas não tinham o apparato nem as vantagens dos estabelecimentos modernos, ao menos provavam que os portuguezes de então acompanhavam, quando não precediam, os outros povos na carreira da civilisação.

Assim se obtinha então não só o ferro metalico para satisfazer as necessidades da industria agricola, e para todos os usos da vida, como tambem para o fabrico dos canhões, e projectis que se empregavam nas guerras. Estava comtudo reservado para os portuguezes d'este seculo, não terem sequer uma forja de beneficio do ferro!

Se outros factos não attestassem o nosso atrazo, este, só por si, bastaria para o provar.

Talvez se diga que a falta do carvão mineral é, entre nós, a causa unica de se não poder continuar o fabrico do ferro; porém, se, até certo ponto, esta falta é bastantemente sensivel, ella não é todavia a verdadeira causa da interrupção d'aquelle fabrico, e se o paiz tivesse um bom systema de faceis vias de communicação, se se tivesse tratado de crear novas florestas, e conservar as que existiam, e estabelecido convenientemente a policia d'ellas, não teriamos passado pelo desar de ver interrompida a mais util e principal base de toda a industria.

Na Hungria, na Corinthia, em muitos dos estados da Alemanha, na França (e na propria Inglaterra, ainda ha bem poucos annos) fabrica-se muito ferro com o carvão vegetal, e hoje, mais do que nunca, se ventila a conveniencia do emprego de ambas as especies de combustivel no tratamento do ferro, preferindo uma ou outra segundo os diversos periodos do seu fabrico, ou a applicação a que é destinado.

Se os governos se compenetrassem da utilidade de promover a todo o transe o progressivo, porém rapido, incremento da industria; se os diversos partidos depuzessem antigos odios, e volvessem a sua attenção para os verdadeiros interesses do estado; se se comprehendesse que sem industria não ha civilisação digna d'este nome, porque a industria não é outra coisa mais do que a sciencia, e a intelligencia em acção — a nobilitação do homem; se o egoismo vil desse logar á razão, e se não protegessem ignorantes, especuladores abjectos e charlatães, por considerações indignas de gente honrada, a industria do fabrico do ferro havia de em breves annos chegar em Portugal ao grau de prosperidade que tem attingido entre os outros povos, e com ella medrariam todas as mais industrias, e floresceria o commercio interior e exterior.

O carvão fossil é, sem duvida, o combustivel mais economico que se pode empregar no fabrico do ferro, quando os dois mineraes se acham simultaneamente em condições vantajosas, e é

por este motivo que elle tem tão grande applicação n'aquelle fabrico; porém este combustivel tem mais vasto emprego, e todos sabem que o paiz que possue minas abundantes d'este precioso agente, tem em si o germen de uma verdadeira riqueza.

Em Portugal ignora-se ainda se o solo abunda ou não em combustiveis fosseis, nem mesmo se podem formar quaesquer conjecturas, porque não está geologicamente estudado.

As unicas minas de carvão que existem em lavra, são: a de S. Pedro da Cova, duas leguas ao nascente da cidade do Porto, e a do Cabo Mondego. A primeira produz apenas quatro mil toneladas annuaes, pouco mais ou menos, de anthracite, que se consome nas cosinhas d'aquella cidade, sendo impossivel abrir maior campo de lavra para augmentar a extracção, porque não passa de um insignificante retalho deixado pela denudação. A segunda acha-se em uma formação secundaria, mas a sua importancia é puramente local, porque os pontos accessiveis offerecem uma frente de ataque mui limitada, e o deposito é pouco extenso.

Ultimamente verificou-se a existencia de uma outra formação carbonifera nas proximidades de Alcobaça e districto de Leiria, tambem do periodo secundario, e que apresenta indicações muito lisonjeiras sobre a sua extensão e riqueza. Cremos que a lavra não tardará em demonstrar-nos se as esperanças concebidas são ou não bem fundadas.

Afora estas não ha entre o Tejo e o Douro outras indicações proximas da existencia do carvão mineral, do verdadeiro periodo carbonifero — *terrain houiller* (*).

No districto de Coimbra ha uma formação do *terrain houiller*, porém as indicações da existencia do carvão são mui remotas, e para se evidenciarem seria necessario despender alguns capitaes.

Em outras localidades, as inducções geologicas levam a suspeitar a presença do carvão; mas estas presumpções são insufficientes para decidir o emprego dos capitaes na pesquiza d'elle.

Pode portanto dizer-se, que Portugal não tem, por ora, minas de carvão, e que é obrigado a importar todo o combustivel que a sua nascente industria consome, o que lhe faz despender avultadas quantias.

A espectativa sobre a futura descoberta de ricos depositos de carvão, que o emancipem da dependencia em que se acha a sua industria, não é destituida de fundamento; é porém necessario emprehender, sem demora, o estudo geologico do paiz, mas um estudo proveitoso, feito por homens de sciencia, e não por impostores, que só tenham em vista sugar o thesouro publico, e a quem falte a capacidade e honradez, que tão ardua e importante commissão reclama; para que em logar de se colher escandalos, se alcance credito e utilidade para esta nação, tão digna de melhor sorte que a que lhe tem cabido.

Tal é o estado da industria mineira, e metallurgica em Portugal; estado verdadeiramente lastimoso, e que só administrações eminentemente patrioticas poderão fazer cessar.

CARLOS RIBEIRO.

(*) O anthracite de S. Pedro da Cova pertence a este periodo.

VINGANÇA POR VINGANÇA.

IV

SAMUEL.

Continuação.

Samuel acabava de fechar a porta, despedindo os tres homens, quando, voltando-se para Filippe o Tranqueira, já o viu em preparativos de fundir a prata.

— Hoje não, lhe disse elle, porque temos empresa de maior lucro; e as horas, que já vão adiantadas, chamam-nos a outra parte. Filippe, sereis homem de resolução?

— E quem o negará, sr. Bulhões!

— E ambicioso?

— Tambem não digo que não.

— Pois então a vossa fortuna está feita, e feita por meios honestos, e no serviço do principe. Trata-se de uma grande conspiração contra sua alteza, pois se projecta arrancar el-rei D. Affonso do palacio de Cintra, e entregar-lhe novamente o regimento do reino...

— Anda n'isso vingança de fidalgos...

— Talvez, e de frades com toda a certeza. É preciso, porém, contraminar todos os projectos, sem dar ao publico conhecimento de que se trata de uma conspiração, e isto com o fim de divertir da politica a attenção do povo: portanto a inquisição...

— Já percebo, o santo officio encarrega-se de desaggravar o regente.

— Parte sim, e parte não. Só entra no segredo um dos inquisidores, e por causa dos outros é preciso voltar o processo para a religião. Um dos conspiradores mais influentes deve estar preso a estas horas, e n'esta mesma noite hade entrar nos carceres do santo officio.

— Mas por ora, sr. Bulhões, não percebo a parte que eu possa ter n'esse negocio, para d'elle me provir interesse.

— Devagar, e lá chegaremos. O regente, que está ao facto de tudo, recompensará mui bem aquelle que se prestar a jurar que taes homens judiaram...

— Um testemunho falso!...

— Que não passa das mãos dos inquisidores, nem transpira cá fora das abobadas do santo officio.

— Que pode levar um homem á morte!

— E que salva outro que n'este momento, por

saber do segredo, e não se querer prestar a coadjuval-o, está arriscado a ser mettido nas galés.

— Como?!

— Os segredos de estado não pesam sómente sobre os que n'elles tomam parte, tambem sobre aquelles que teem d'elles o mais pequeno vislumbre. Vêde pois o que arriscaes.

— Mas ninguem sabe da nossa pratica.

— Como vos enganaes. A dois passos de nós estão os homens que esperam a vossa resolução, e aos quaes tereis de acompanhar, se vos resolverdes.

— Mas esses homens não vos ouviram, e eu negarei

— Illusão! Sabem que vim aqui, e não cogitam fosse para outro fim. Vamos, decidi-vos... quando não, abro aquella porta, dou-lhes entrada, aponto para essa prata que direi pertencer-vos, e o resto ficará por conta das justiças d'el-rei.

— E eu terei vozes para dizer que é vossa, e citarei mesmo a quem a comprastes.

— Nova illusão! Os denunciados juram que lhes não pertence, que sobejo interesse teem elles em conservarem as cabeças pegadas ao corpo, e a prata do mosteiro da Rosa unicamente a vós denunciará.

— As justiças d'el-rei não se illudem assim, inquirem provas, e uma d'ellas contra vós será achar-se a prata em vossa casa.

— Tranqueira! Tranqueira! Esse ponto ainda é um segredo para vós, e para todos, e não estou por ora resolvido a communicar-vol-o; mas considerae que sou homem que já andou por Ceuta e pelas Americas, e que nunca me deixei cair nos laços nem de mafamedes, nem de hollandezes, e que portanto me havia tambem acautelar contra as vossas denuncias quando vos associei a mim, porque conheço o coração do homem, e sei quanto n'elle podem a ambição, ou a vingança. Vamos, Tranqueira, decidi...

— Estou decidido, não juro falso contra ninguem.

— E tal é a vossa ultima resolução?

— Sem duvida.

— Veremos se novo argumento vos pode convencer, porque realmente hade custar-me ver-vos penar.

E assim dizendo, puxou de uma bolsa que despejou sobre a mesa.

Um monte de moedas de oiro rolou d'ella.

— Vêde, continuou, tudo isso vos pertencerá como paga do primeiro serviço.

O Tranqueira hesitou um momento, e respondeu resolutamente:

— Não.

— Paciencia!... Já que assim o quereis...

E caminhou para a porta.

Filippe, que lhe não descobriu a intenção, não se moveu.

Samuel, pondo a mão no fecho, gritou para o Tranqueira:

— A vossa ultima palavra?

— Não.

E Samuel abriu a porta, e um vulto appareceu no limiar.

A vista d'aquelle homem, e as palavras de Samuel fizeram vacillar Filippe, que rapidamente passou da hesitação ao medo dos ferros d'el-rei.

O recemchegado deu alguns passos avançando para a segunda casa, e Filippe tremeu.

Rapida foi a luta entre a consciencia d'este homem tantas vezes adormecida sobre outros capitulos, e o instincto da propria conservação. Esta venceu.

— Vinde cá, sr. Bulhões.

Samuel fez um signal ao novo personagem para se deter, e dirigiu-se para Filippe.

— Então, reconsiderastes bem? Decidistes-vos a ganhar esse dinheiro?

— Sois homem de fazer tremer... eu nunca dei testemunho contra ninguem!... mas que é mister?

— Seguir aquelle homem que ali vêdes, e cumprir ás cegas as suas ordens. Emquanto aos nossos negocios n'esta casa, nem uma palavra... senão...

— Bem conheço que me arrisco, e muito, comvosco. Serei, portanto, discreto.

— Levae d'ahi esse dinheiro que vos pertence todo... Tendes folga até á semana; porém de hoje a oito dias aqui sem falta; irei encontrar-vos, como de costume.

Filippe guardou a bolsa que Samuel lhe lançara sobre a mesa.

Parecia-lhe que o contacto d'aquelle dinheiro o abrasava, porque era a paga de um testemunho falso, o que elle nunca fizera em toda a sua vida; porém não tinha meios de resistir a Samuel, que estava de posse de todos os segredos da sua vida, e o podia perder para sempre com uma palavra que soltasse ás justiças.

Depois, aquella perspectiva de um serviço ao infante D. Pedro, que todos já tratavam e obedeciam como a rei, era o primeiro degrau para uma amnistia plena de todos os crimes passados, e isto o induzia tambem a involver-se na aventura, que principiava sob tão felizes auspicios, como o d'aquella ampla recompensa.

Estas considerações, que fez mais rapidamente do que as descrevemos, resolveram-no por fim, e agarrando no gorro que pouco antes tinha arremessado para cima de um banco, seguiu silencioso a Samuel, que apresentando-o ao desconhecido, disse:

— Eis o homem, podeis confiar n'elle, que respondo pela sua discrição. É mudo como um sepulchro, fiel como um cão, fino como uma raposa, e valente como um leão.

O desconhecido fez um leve aceno com a cabeça a Filippe, dando-lhe signal de o seguir, e apertando a mão a Samuel, retirou-se acompanhado do Tranqueira.

Continua.

EGREJA EM CHAMPION-PARK.

Os membros da congregação alemã lutherana, residentes em Camberwell e proximidades, formando um corpo já bastante numeroso, resolveram erigir um edificio accommodado á celebração de seus officios divinos, aos quaes até ali assistiam em uma sala que servia de escola. Escolheram para esse effeito o local n'uma propriedade particular em Champion-park, Denmark hill, e a primeira pedra foi collocada solemnemente no mez de Junho do anno passado.

Esta capella da communhão lutherana foi ha pouco aberta e sagrada; tem capacidade para duzentas pessoas, e consiste n'uma nave de quarenta e oito por vinte e oito pés, com seu presbyterio contiguo, e uma sachristia do lado do norte; o estylo d'architectura é o gothico primitivo com ornatos. As despezas da obra montaram para mais de duas mil libras esterlinas.

M.

CERCO DE TROYA.

I

Ahi, nas partes da *Phrygia*,
Ao Bosphoro avisinhada,
De *Tróada* a capital
Estava então assentada;
E pelo nome de *Troya*
Era entre os homens chamada.

E *Teucro* foi o primeiro
Que n'estas partes reinou;
E *Dardano*, genro seu,
Os fundamentos lançou
D'essa *Troya*, tão famosa,
De que tanto se fallou.

Erictonio foi seu filho
E foi tambem seu herdeiro,
Que o mesmo throno deixou
D'entre os filhos ao primeiro,
E por signal *Trós* chamado,
Monarcha illustre e guerreiro.

Á cidade deu seu nome,
Deu-o tambem á nação.
E dos tres filhos que teve
Por fiança á successão,
Um, houve sorte de rei;
Os dois, varia condição.

Ganymedes, era um d'elles:
E moço tão tentador,
Que, p'ra divino escanção,
Destinado com primor
Foi por Jove omnipotente,
Dos ceos e terra senhor.

A deusa da juventude,
E que *Hebe* se chamava,
Era quem antes, no Olympo,
Cargo tal desempenhava;
Progenie illustre de *Juno*,
A quem ella muito amava.

E d'aqui — se pois não mente
Quanto diz a antiguidade —
Esses odios da mãe *Juno*
Contra a regia magestade,
Que na *Phrygia* então reinava,
E na troyana cidade.

Outro filho era *Assaráco ;*
De quem nada falla ou conta
Essa historia grandiosa,
Que tão antiga remonta :
Do que se pode inferir
Que não fez coisa de monta.

E *Ilo* foi o terceiro,
Que o sceptro e c'rôa herdou ;
E no de *Ilion* famosa,
De *Troya* o nome trocou.
A *Laomedonte*, seu filho,
Excelso throno deixou.

Ás mãos de *Priamo* illustre
Esta herança foi parar ;
E no seu tempo os troyanos
Foram tanto no medrar,
Que outro reino mais rico
Não era ali d'encontrar.

Cercou de fortes muralhas
Sua capital famosa ;
Torres tão bastas lhe deu,
Que de forte a fez vaidosa ;
E de fossos, bem profundos,
Cercou em roda a ciosa.

Hecuba foi sua esposa :
E era filha do rei
Que na *Thracia* imperial
Dava as ordens, dava a lei.
. . . . . .
Eu agora vou contar-vos
Um caso que d'ella sei.

Muitos filhos, muitas filhas,
Teve a boa da rainha :
E por extremos dos filhos
Lhe veiu a sorte mesquinha,
Não só d'ella, mas dos seus,
Bem triste, cruel, e asinha.

Quando *Páris* deu ao mundo,
Imaginou a princeza
Das entranhas lhe sair
Uma tocha muito acesa !
E scismou no caso infando,
Que bem era de estranheza.

Assim o disse ao marido,
Que tambem n'elle pensou,
E um orac'lo famoso
Sobre o caso consultou :
E a resposta foi tal,
Qu'ao pobre rei assustou.

«Esse filho» — assim lhe disse —
«Hade ser a perdição
«Do pae, da mãe, dos irmãos,
«Até da mesma nação ;
«Porque trouxe já comsigo
«Uma eterna maldição !»

Pobre rei !... Tal sina ouvindo
Mandou o filho matar ;
Pois desgraças tão subidas
Quiz a todos evitar. . . .
Mas quem pode a lei dos fados
Por lei da terra frustrar !

Quando os intentos do 'sposo
A rainha presentiu,
Com taes artes, e taes manhas
Seu algoz tanto induziu,
Que salvado o tenro infante,
Tal mandado não cumpriu.

E filho d'el-rei que era
Foi creado entre pastores !
Assim na edade cresceu
Do campo exposto aos rigores
Por tal modo, que esforçado
Ganhou honras, e primores !

Á guerreira juventude,
Com grã premio de valor,
Dava o monarcha um torneio :
E lá foi por campeador
Páris gentil, a provar
Nobre esforço, nobre ardor.

A todos venceu, que ousaram
Com elle as armas medir.
Quem era p'ra forças ter
De o desmontar ou ferir !
Um primor era na liça
As armas vêl-o brandir.

Hector — o filho mais velho
Do rei, e muito esforçado —
Veiu tambem a combate,
Valente, forte, e ousado,
De tanto valor sentido,
De tanta força espantado.

Porém no fero combate,
Eil-o que as armas deixou.
Direito a *Páris* se foi,
E nos braços o tomou ;
Tinha o irmão conhecido,
E ternamente o saudou.

E *Páris* foi descoberto,
Pela côrte festejado,
E logo no reino teve
Nobre emprego reservado ,
A ir buscar sua tia
Foi a *Sparta* deputado.

Porém, ah! que triste sina
Não foi a d'esta embaixada!
Do pobre rei *Menelão*,
Helena — esposa adorada,
Por quem *Páris* se rendeu —
A *Troya* levou roubada!

Não entregal-a jurou,
Se não lhe dessem a tia
Que se achava lá captiva,
E que *Sparta* não queria
D'aquelles ferros soltar,
Em que a triste se morria!

Juntaram-se os gregos todos
Por sua *Helena* vingar,
E juraram furibundos
A *Troya* inteira arrasar...
Em breve tudo se apresta
Para em campo batalhar!

Tal foi a causa da guerra
Que todo o mundo espantou,
E do cerco tão famoso,
Que por dez annos durou,
E vencidos, vencedores,
Em mil damnos abysmou!

CHRONICAS MONASTICAS.

DA COMPANHIA DE JESUS.

III

CASA DE S. ROQUE.

Continuação.

Organisado assim o prestito, inventaram os ordenadores da festa que os Santos, cujas reliquias já estavam em Lisboa, saissem a receber as novas reliquias. Ao passar a procissão pela rua da Padaria, mesmo no fim d'ella, saiu a recebel-as, a cavallo, Santa Engracia, virgem e martyr, com dezoito cavalleiros portuguezes, os quaes todos tinham sido martyrisados em Saragoça. Esta companhia de martyres, com palmas nas mãos, e vestidos á portugueza mui ricamente de côres differentes com muitas joias, cadêas de oiro, medalhas, pedras preciosas, e botas de côr com orelheiras ornadas de muitos botões de oiro, e rica pedraria, todos com terçados de punhos d'oiro e prata, vinha em formosos e bem ajaezados cavallos, com mais de vinte lacaios á moirisca, vestidos de marlotas, levando os corseis pela redea. Os Santos levavam os seus nomes escriptos no arção trazeiro da sella.

Santa Engracia ia montada n'um cavallo pombo. A fralda do vestido lhe fazia duas vasquinhas de tela, uma branca, outra verde, com barras e lavores de brocado. O gibão era lavrado de ramos de oiro com umas mangas largas de tela vermelha, barradas de broslado de muito rico feitio. Levava um saio alto de tela branca com muitos passamanes d'oiro; e o manto que a cobria era de tela de prata apassamanada de oiro. O toucado era á antiga, todo semeado de rubis, perolas, e mais pedraria. No pescoço levava um collar de dois fios de perolas.

Ia sentada n'uma sella de prata, que foi da infanta D. Maria, lavrada de bastiães, com taboas de cavalgar, todas de prata doirada, do mesmo lavor. Os arreios do cavallo eram peças ricas e lavradas de tarjas e carrancas de prata.

Esta cavalgada uniu-se á procissão, e foi com ella para S. Roque.

No Pelourinho velho estava levantada uma estancia de mais de cincoenta palmos em comprido, com varias columnas na frontaria, ornadas de damasco carmesi, e histriadas com rendas de oiro e prata; sobre as quaes se armava um ceo toldado de nuvens, feitas de volantes, sobre damasco azul, com muitos anjinhos, que salam d'entre as nuvens, e se mostravam com muita arte e propriedade. O ceo estava cheio de grande multidão de estrellas d'oiro matte, e de prata. Da parte da parede desciam d'este ceo muitos doceis de brocado, em que se encostavam os anjos de cada hierarchia em tres ordens de degraus, a modo de throno. Do pavimento da gloria pendiam varias sedas e peças de broca-dilho, que serviam de cobrir o travejamento e acompanhar a formosura da escada, que estava ornada de seda e veos fingindo nuvens. D'esta estancia desceram as tres hierarchias de anjos, cada uma por sua vez, a acompanhar as recem-chegadas reliquias.

Chegados ao Pelourinho velho os quatro primeiros andores, descerraram-se as cortinas da Gloria e appareceram mais de sessenta anjos da primeira hierarchia. Vestiam sedas de diversas côres; tinham azas doiradas; calçavam alparcas semeadas de rica pedraria, e na cabeça traziam uma capella de flores. Estavam divididos em coros, e cada côro com sua divisa nas mãos. Os da ultima hierarchia, que eram os *principados*, estavam no degrau mais elevado, vestiam de verde e roxo, e seguravam sceptros doirados: seguia-se na escala decrescente a segunda ordem, os *archanjos*, trajando branco e carmesi, com espadas na mão: no ultimo degrau estavam os *anjos*, adornados de varias côres, alguns segurando leques, outros com punhaes, e varios tangendo instrumentos musicos. Receberam as reliquias com um suavissimo canto, e depois desceram o throno para se incorporarem na procissão, adiante dos primeiros andores. Á frente de toda a hierarchia ia um anjo vestido de ricas armas, com morrião, peito, e espaldar doirado, segurando na mão um guião de seda branca; e no coice do esquadrão ia o principe vestido e armado com espada e escudo.

Ao apparecerem os quatro andores do centro, se deu vista novamente da Gloria, com muita musica. Agora era a vez da segunda hierarchia, representada em perto de cento e cincoenta anjos. As *denominações* vestiam branco e verde, com salvas de prata nas mãos, e corôas por insignias: depois as *virtudes*, trajavam azul, e seguravam espheras doiradas e prateadas: ultimamente as *potestades*, adornadas de carmesi e oiro, com varas doiradas nas mãos. As capellas de flores que lhes cingiam as cabeças eram de cera, as azas doiradas, e as alparcas ornadas de perolas e botões de oiro. Acompanharam como a precedente hierarchia a procissão, collocando-se na frente dos quatro andores do centro; iam á cabeça da phalange um com o guião que era de seda azul, e cerrava a comitiva o principe, com espada e escudo.

Finalmente ao dar-se vista dos quatro ultimos andores, correu-se novamente a cortina á Gloria, e appareceram os *seraphins* no mais alto logar, vestidos de oiro e carmesi, e nas mãos por divisa uns escudos doirados com corações asseteados e lançando chammas. No centro estavam os *cherubins*, vestidos de tela e seda branca empunhando lyrios doirados. Por ultimo os *thronos* trajando de vermelho e amarello, com escudos onde se pintaram por divisa thronos reaes. Involveram-se na procissão levando na frente o seu guião, e no coice, como principe d'esta hierarchia, o archanjo S. Miguel.

Entrando a procissão na Rua Nova ahi encontrou levantado outro estrado, de comprimento de cem palmos, com doze columnas na frontaria, ricamente adornadas, e sobre ellas assente um ceo de carmesi, e da banda da parede ricos doceis de brocado, aos quaes se encostavam trinta cadeiras de velludo com pregaria doirada, sobre estrados de dois palmos de alto. N'estas cadeiras estavam assentados, pela ordem e dignidade das provincias, os Santos que Portugal tem particularmente por seus; e eram — de Braga, e Entre Douro e Minho — S. Gonçalo d'Amarante; S. Rosendo; S. Pantaleão; S. Victor; S. Gerardo; S. Fructuoso; Santa Suzana; S. Martinho arcebispo, e S. Pedro martyr: — de Coimbra, Santa Isabel, rainha; S. Theotonio; Santa Comba; S. Berardo, Pedro, Adjuto, Otto, e Accursio, da ordem de S. Francisco, martyrisados em Marrocos; S. Damaso: — de Santarem, S. Fr. Gil: — de Evora, S. Vicente; Santa Cristeta; Santa Sabina, e S. Manços: — de Lisboa, S. Verissimo; Santa Maxima; Santa Julia; Santo Antonio; e S. Vicente, martyr. Todos estes Santos receberam de pé a procissão, e se incorporaram n'ella, repartindo-se pelo acompanhamento dos andores, levando na frente anjos custodios e da guarda das cidades e provincias que representavam.

Na mesma Rua Nova, junto á ermida de Nossa Senhora da Oliveira, se levantava um arco, de quarenta palmos de largo, noventa de alto, e onze de grossura. Era corinthio, e de quatro faces: simples as duas que davam para as paredes, e adornadas as outras que olhavam para o seguimento da rua.

A primeira d'estas faces dedicava-se aos doutores da Egreja, bispos e confessores. Tinha dois pedestaes de dez palmos de alto, cada um com seu caixilho ovado, e dentro d'um representado um carro triumphante puxado por dois pavões, com ventos nas rodas, e por terra uma figura, que significava a *soberba*; e no outro representada a *cubiça* na allegoria tambem de um carro levado por grandes lagartos e sapos, e derrubado um horrendo monstro, com corôa na cabeça, a bocca aberta recolhendo dinheiro, e unhas muito compridas. Tudo isto era acompanhado de lettras que o explicavam.

Sobre os pedestaes elevavam-se quatro columnas, duas a cada parte, com cornijas, alquitrave e fechos do arco; e n'este a sua dedicação; e nos seguintes dos arcos uns anjos com allegorias. Por cima do friso corria um corpo com seu painel que representava Christo em uma nuvem, com os braços abertos, como a receber os Santos; e dos lados do quadro diversos doutores, bispos, religiosos, e Santos do estado secular. No alto do painel estavam muitos anjos, e nas faxas dois nichos com sua estatua da *sobriedade* e da *vigilancia*. Mais estatuas e emblemas adornavam esta face do arco, e que para o intento seria prolixo narrar aqui.

A outra face opposta a esta era dedicada á *pureza e castidade*. Egualava aquella nos ornamentos e obra. No painel circular do frontispicio tinha varias estatuas representando a *castidade*, a *vergonha*, etc. D'este lado o painel correspondente ao outro representava a historia do Apocalypse, com o cordeiro e a cruz, e coros de virgens e anjos. Nas faxas d'este painel as figuras do *temor* e do *amor*. Nos ovados dos pedestaes, de uma banda o diluvio e a arca de Noé; e da outra o incendio de Sodoma, e Loth conduzido por um anjo.

Por dentro do arco, na parte que formava a sua grossura, varios emblemas, divisas, tenções e figuras de José do Egypto, e S. José esposo de Maria.

Nas voltas das ruas e encruzilhadas por onde seguia a procissão estavam figuras como veremos. Logo ao sair da Rua Nova para entrar na ourivezaria, estava uma indicando por onde o prestito devia seguir: no principio da rua dos *Escudeiros*, onde se tomava para o *Poço do Chão*, e se começava a subir a *calçada de Pé de Navaes* para S. Roque, estava a estatua da virtude da *fortaleza*: no cimo d'esta calçada achava-se a da *justiça*.

Continua. F. D. d'Almeida e Araujo.

Purificada a religião christã dos abusos n'ella introduzidos pelos homens, nada ha mais eloquente, mais santo, e mais perfeito.

CHRISTO NO JARDIM DAS OLIVEIRAS.

O coração conturbou-se dentro do corpo, e o medo da morte assalteou-me; o receio e o tremor apoderaram-se de mim, e fiquei coberto de trevas.

Porque vos retirastes, Senhor, para longe, e vos dedignastes olhar-me no tempo das minhas necessidades e afflicções?

PSALMOS.

A razão e a verdade para brilharem com mais esplendor na hora do triumpho, apuram-se nos martyrios suscitados pelos odios, pelo erro, e pelas más paixões. A Sabedoria Eterna permitte estes contrastes para maior exalçamento d'aquellas. Ao sair repentinamente das trevas para o vivo clarão de uma brilhante luz, a vista cega-se, e o homem deslumbra-se: já não succede assim quando a preparação para supportar o effeito da sua intensidade se opera por meio das gradações. Nos insondaveis mysterios da Redempção humana tambem Deus permittiu que esta se cumprisse seguindo a marcha e regularidade das coisas da natureza, para que a doutrina se estabelecesse pela convicção e não pelo deslumbramento, para que os olhos e a razão dos mortaes se achassem preparados a encarar e comprehender as verdades eternas sem se offuscarem. Na queda do primeiro homem prendeu o Supremo Poder do universo a augusta cadêa das revelações, cujos anneis, desenroscando-se pela successiva marcha dos tempos nas grandes epocas dos Prophetas, vieram soldar-se na existencia do Precursor; e preparado assim o espirito humano, permittiu, na occasião propria, se manifestasse o Verbo que devia evocar a uma vida de gloria os povos da terra, e as attribuladas gerações. O Verbo revelou-se. Poucos o acreditaram, e muitos o perseguiram! No

valoroso combate entre elle e o erro, este manifestou-se triumphante; e quando no delirio da vangloria se acclamou vencedor, caiu aterrado pela evidencia, e fulminado pela manifestação do mysterio! Haviam erguido bem alto a Cruz do martyrio para ser vista por toda a gente; e a gente viu-a, mas com os braços abertos convidando a todos para irem receber o seu amplexo, e ouviu ao mesmo tempo o brado que d'ella saia a percorrer o universo! Tinham corrido o veo do templo, e o veo rasgou-se de alto a baixo, para patentear a todo o mundo que a verdade e a razão, ali encerradas como um symbolo mystico, iam sair da guarda de uma tribu consagrada, para se communicar a todo o genero humano! Tinham encerrado n'um sepulchro o corpo que esse divino espirito animava, e as pedras rebentaram em horrorosas convulsões, porque não podiam conter em si tamanha immensidade! Até então, nunca estes signaes se haviam manifestado, nem no ceo que se velou de trevas, nem na terra que se agitou convulsa, nem na natureza que deu assim testemunho de que um facto extraordinario e maravilhoso se havia cumprido; e desde então até hoje nunca mais esses signaes se repetiram, nem se poderão repetir, porque os sacrificios augustos não se reproduzem no mundo; e este, que foi augustissimo, abrangeu em si uma eternidade! Era porque as prophecias se cumpriam n'aquelle momento solemne da expiação de milhares de gerações. O psalmista havia dito: — «a terra foi abalada e tremeu, e as montanhas revolvidas até aos seus fundamentos:» — outro propheta accrescentara: — «n'este dia o sol terá no zenith o seu occaso, e cobrirei a terra de trevas quando ella devia estar resplendente de luz.» — e assim succedeu como estava escripto. O Verbo elevou-se e ascendeu nas azas dos cherubins — voou sobre os ventos fendendo as nuvens com o esplendor da sua presença, e a terra liberta recebeu o espirito e o sopro divino que tinha de renovar-lhe toda a superficie! A razão e a verdade surgiam do martyrio do Christo!

Nos livros sagrados estão descriptas todas as grandezas da sua vida, todos os tormentos da sua paixão, toda a sublimidade do seu sacrificio; e descriptos n'essa linguagem da simplicidade que falla ao coração, á evidencia e a razão, com uma lingua de anjos que os homens nem hãode nem podem imitar: — nas solemnidades e officios da Egreja estão reproduzidos todos os actos d'esse sacrificio sobrehumano com uma verdade tão santa, que a alma, presenceando-os, rebenta nos trances de uma sublime dôr, e se desafoga nas saudosas e sentidas lamentações com que acompanha a desolada esposa na sua viuvez e orphandade. Se tentassemos reproduzir tudo aqui, faltar-nos-hia de certo a energia para tamanho assumpto; escolheremos portanto só um quadro entre tantos milhares d'elles que completam o immenso e augusto drama da Redempção.

Christo, depois de entrar triumphante em Jerusalem, ahi celebrou pela ultima vez a Paschoa com os seus discipulos: lavou-lhes os pés para lhes designar por este acto a pureza com que os homens se devem aproximar do banquete da vida a que os chama: e deu-lhes em iguaria o seu corpo e sangue transubstanciados nas especies de pão e de vinho! N'este momento havia instituido o sacramento que encerrava o mysterio do sacrificio incruento! Nada mais lhe restava do que consummar esse sacrificio; e preparou-se para elle orando no Horto. Ao jardim das Oliveiras foi só acompanhado por Pedro, Thiago e João; e esses mesmos ahi abandonou á entrada, e avançou sósinho para o seu interior, porque o espirito quer meditar no isolamento a intensidade dolorosa do sacrificio. Com os espiritos celestiaes se entreteve o espirito divino; mas a pouco e pouco tambem d'estes se isolou para deixar ao corpo todo o peso da dôr, todo o medo da morte! Suou a materia até se transformar em sangue o que havia de terreno n'aquelle Ser divino; mas a alma subjugou o corpo, venceu-o, e passado o tyrocinio da sua immensa dôr, ergueu-o do chão onde se prostrara vergado, para o entregar voluntariamente nas mãos dos instrumentos do seu padecer e da sua gloria. A razão a vontade e o amor sobrepujaram a fraqueza da materia, e n'este vencimento do Christo triumphou a humanidade.

E quanto não tem a philosophia para meditar só n'este passo? No recolhimento da solidão e da oração preparou-se a grande verdade que em breve tinha de ser manifestada. O peso d'essa verdade aterrou e confundiu a materia, que se rebellou, affrontou, e por fim se rendeu subjugada para obedecer ao espirito, que fez confessar-lhe a excellencia mesmo nos tormentos do patibulo!

Na reunião do espirito e do corpo para o seu triumpho moral, rebenta a manifestação da grandeza da Creatura-Creadora; nas oliveiras que assistiram á sua dôr, o symbolo da paz que tem de offerecer-se ao mundo; no calix da amargura que se esgota até ás fezes, as immensas dôres que se padecem pelo amor da verdade; e finalmente n'aquelle grito doloroso que o Homem-Deus eleva até ao Padre, o appello sublime á humanidade inteira!

Remidos e triumphantes, quem poderá aterrar os povos? Libertos pela razão suprema, quem os poderá escravisar? Egualados pelo sacrificio da Divindade, quem estabelecerá sobre elles mais elevada jerarchia? Chamados todos como irmãos aos braços de Deus, quem poderá suscitar discordias entre elles?

Ninguem; porque a Cruz symbolisa desde o Golgotha a verdade suprema que desceu dos ceos para renovar a face da terra; que se cimentou no Calvario pelo sangue do Justo; e que d'ahi tem marchado ha quasi dezenove seculos a abranger o universo inteiro entre os braços do Christo que a proclamou!

...

HOSSANA!

I

Sonhei-te Jerusalem! .. Santa cidade,
Onde os mysterios tinham de cumprir-se,
Em resgate da triste humanidade!

Vi alegre o teu ceo! — vi-o sorrir-se!
E de palmas festivas, verdes ramos,
Juncado o solo, em galas revestir-se!

O teu povo exclamou: — «Nós exultamos!
É d'Israel o rei, por Deus mandado;
«É justo que em triumpho o recebamos!

«É Elle o santo, o rei annunciado,
«Ab æterno, por tantas prophecias:
«Pelo povo d'Abrahão tão suspirado!

«*Hossana!... Hossana!...* vão surgir os dias
«D'opulenta Israel os mais formosos!
«O reinado começa do Messias!!!...

. . . . . .

Ingrato povo! raça d'orgulhosos!
Miraste um rei no throno deslumbrante!
Fitaste altos empregos magestosos!

Invejaste-o de imigos triumphante;
Egoista qual tu: guerreiro; altivo;
Sobre as outras nações predominante!

Quizeste ver o mundo assim captivo,
D'impia subjeição grilhões rojando,
Á liberdade morto, ao crime vivo!

Ao desejo mentiu-te orgulho infando;
Um rei tiveste, não fingido á mente,
D'um despota cruel, abominando:

Mas sim um rei de paz, um rei clemente,
Qu'ao banquete chamou da liberdade
Povos da terra, a todos egualmente,
De laços fraternaes na santidade!

II

Vem, oh povo d'Israel,
Ao encontro do Messias,
E cumpram-se as prophecias
Da humana redempção!
Adornem santa Sião
Suas galas mais custosas;
Virentes palmas frondosas,
Verdes ramos estendidos
Sobre os mantos e vestidos...
Eil-o — o Christo, o Redemptor,
Ao sacrificio chamado!
Ahi vem, triumphador,
Sem soberba, sem vaidade,
Entrar na santa cidade,
Onde tantos peregrinos
Hãode, na futura edade,
Entoar-lhe os santos hymnos!

. . . . . .

Vinde oh povos, vinde vêl-o,
— O que serena a tormenta,
Impera na magestade
Dos ceos, dos astros, da terra, —
Como prova d'humildade
Montado em pobre jumenta!
Oh, salve, Jerusalem!
As tuas portas descerra,
Porque as santas comitivas,
Entre hossanas, entre vivas,
Avançando p'ra ti vem!...
Salve, santas oliveiras,
Salve, frondosas palmeiras
Que tão bella festa ornastes.
É da victoria e da paz
Eterno emblema ficastes
Viva memoria serás!...
Vence o Christo — a liberdade!
Paz ao liberto, ao captivo;
Com ella a santa egualdade!...
Triumpha o Christo — o Deus vivo;
Foge espavorida, — insana
A vencida tyrannia;
E na fraterna alegria
Os povos bradam: Hossana!

III

Onde o Verbo que nos trouxe
Esta santa redempção,
Deslumbrante de verdade,
Liberrima aspiração?
Que soltou essa palavra
Que deu triumpho á razão,
Redimindo os opprimidos
Nos ferros da escravidão?
Que na mais pura doutrina
Que rebentou da affeição,
Escravo da terra ergueu,
Do rei proclamou-o irmão?
Onde a fronte omnisciente
Que teve tal concepção,
Que em dois preceitos sómente
Legislou ao coração?!

IV

Ergue teus olhos, fita-os nos espaços,
N'aquella cruz ali o tens cravado!

. . . . . .

Regia purp'ra cobriu-lhe o nudo corpo,
Um sceptro d'irrisão ergueu na dextra,
Por diadema tomou verga d'espinhos,
Foi rei, e no Calvario ergueu seu throno!

. . . . . .

Do superno poder a vil parodia,
Israel consummou!... Oh reis da terra
Como frageis que sois! Mirae no exemplo,
Que honras e poder assim fenecem;
— Só não morre a virtude — a liberdade!

*

V

Fraterna, livre egualdade,
Triplice applauso te dou;
Tu és a luz da verdade
Que Christo ao mundo ensinou!

VI

O Verbo tinha de vencer na luta
Mas antes de vencer quantos tormentos!
Era a voz que troava a liberdade,
Ao mundo revelando um novo mundo,
E nos pulsos partindo as vis algemas
Os homens nivelava, eguaes nascidos
Do tronco antigo do primeiro humano!
Ferrenhas ambições, o despotismo,
Os prejuizos de classe, insano orgulho
Contra a nova palavra rebellados
Abafal-a tentaram no Calvario.
E quando em vil tripudio s'exaltavam
Julgando ter vencido — eil-os vencidos!...
Gloria, oh povo, a ti! — ao Christo hossana!
Das immergidas trevas, pavorosas,
Rebenta um mar de luz, que a luz afoga
E do tope da cruz troando immenso
O seu brado immortal da liberdade
Dos tyrannos o mundo corrompido
Roto e desfeito sepultou no abysmo.

***

OS GODOS NA PENINSULA.

Conclusão.

Esta ascendencia foi porém ganha a pouco e pouco, mas com arte; porque nas diversas conspirações que então houve contra os reis, nota-se que o clero sempre estava ao lado do partido vencedor: o que faz presumir, ou que elle as dirigiu e fez triumphar pela força de que já se achava revestido, ou que prudentemente se conservava afastado d'estas pendencias, espreitando o ensejo de se pronunciar pelo partido vencedor para o consagrar com a sua autoridade. Sizenando, que usurpou o throno a Swenthila, alcançou do clero que o rei deposto e os seus parentes fossem excommungados: Ervigio, cuja ascensão ao throno se não baseou nos meios mais honestos, foi por elle justificado. O seu successor, que com despreso do juramento da nação ao filho de Ervigio, usurpou o throno, obteve tambem que o clero o absolvesse a elle e a nação d'aquelle juramento. De nada valeu que Recaredo a quem o poder clerical tanto devia, introduzisse com o seu apoio a hereditariedade da corôa; o fim achava-se conseguido, e não devia haver duvida em despedaçar o instrumento; e assim foi que posteriormente, no quinto concilio toledano, reinando Swenthila, o clero annullou a hereditariedade, declarando que o rei devia ser eleito por todos.

O poder real que entre os godos, na occasião da sua entrada em Hespanha, era dependente do capricho dos magnates, não ganhou para a sua estabilidade, com a participação do clero na gerencia publica. O poder politico era então exercido pelo rei e pelos nobres, em assembléas, ás quaes concorriam os condes, os gardingos, juizes das villas e todos os senhores de terras. Estas assembléas, que tinham a apparencia de um conselho militar, reuniam-se, quando se não haviam fixado como em Hespanha, na tenda do rei, seu general em chefe, e elevado á suprema magistratura pela eleição. Aquelles altivos senhores, conscios da sua força, indoceis e insoffridos por natural condição, contrabalançavam e ate mesmo annullavam a autoridade real; porque n'aquelles tempos o direito da força era o mais respeitado, e as pendencias com o rei se decidiam quasi sempre depondo-os, ou não lhe continuando o supremo cargo na linha recta da successão, porque os nobres escolhiam aquelle membro da familia real mais disposto a promover-lhes os interesses. Foi para abater este orgulho que serviu a admissão do clero no governo, e ja vimos como o novo elemento serviu unicamente para mudar as influencias de uma para outra mão, ambas egualmente dispostas a tirar o maior proveito da força das circunstancias, e da posição que assumiam.

Alguma coisa dissemos dos privilegios do clero no codigo dos godos, bem é que digamos tambem algumas palavras dos da nobreza. Para darmos uma abreviada noticia bastará dizer que os nobres eram olhados como juizes natos nos seus districtos e senhorios de jurisdicção, que podiam exercer por si, ou delegados. Os seus juramentos nas causas eram de subido valor, e constituiam uma prova legal.

O povo era o unico sobre quem as leis caiam com mais peso. Não havia tido participação no confeccionamento d'ellas; nas curias e concilios tinha ficado sem defensores, e d'ahi nenhum melhoramento na sua condição. Vassallos, ingenuos, libertos e servos, não podiam hombrear com os grandes senhores, que os tratavam com immerecido despreso. Era uma classe reputada por elles aviltada, e como nascida para lhes ser subjeita. A pena de talião, a fustigação, a mão e o nariz cortado, a castração, e outros castigos eguaes, estatuidos mais para o terror e vingança arbitraria, do que para a emenda, foram preparando, com a desmoralisação das classes superiores, a degeneração da sociedade, e a sua degradação, a ponto dos arabes não carecerem de grande esforço para subjeitar a Peninsula, e passearem triumphantes o crescente sarraceno por onde a cruz do Christo se havia solemnemente hasteado. Assim acabou no occidente o imperio godo; e a nação—que o clero e a nobreza não souberam elevar, avultando-lhe os nobres estimulos que o povo sempre possue, e que unicamente esperam por um redemptor para brilhar a luz do dia — viu extinguir-se o som fes-

tivo dos sinos das suas aldêas, e calar-se no espaço o dobre dos campanarios, para dar logar á voz que saía dos minaretes chamando os infieis á mesquita. Desde essa hora a solemnidade do culto só teve um asylo—verdade e que o mais nobre e santificado — o coração dos fieis, que n'elle acolheram e salvaram a religião emquanto approuve a Deus fazer durar o cataclysmo. A falta de celebração dos augustos mysterios em commum afrouxou os laços que deviam unir e robustecer a sociedade christã, e d'ahi a indifferença com que foram curvando a cerviz ao jugo invasor, não se encontrando ja com forças de soltar esse grito supremo dos povos, sua derradeira invocação — Patria!

* * *

A CEIA DO SENHOR.

ESTUDOS SOBRE A PRIMITIVA EGREJA CHRISTÃ.

EUCHARISTIA E SACRIFICIO DA MISSA.

Continuação.

Depois da consagração e oração dominical, o bispo commungava, e dava a communhão aos padres que celebravam com elle, e depois aos diaconos e clerigos, aos asceticos e monges, ás diaconas, ás virgens e ás outras religiosas, ás creanças, e por ultimo a todo o povo. Para abreviar esta acção, que era sempre mui longa, muitos padres distribuiam ao mesmo tempo o corpo do Senhor, e muitos diaconos apresentavam o calix contendo o precioso sangue. Para evitar a confusão, os sacerdotes e diaconos levavam a communhão ás pessoas postas em fileiras: que do mesmo modo tinham elles ido receber as offerendas. Os homens recebiam o corpo de Jesus Christo nas suas mãos, e as mulheres em toalhas destinadas a seu uso, e que se chamavam *dominicaes*. Uns e outras commungavam por suas mãos com extrema precaução, para que lhes não caisse a menor particula. A communhão do calix fazia-se ao principio apresentando-o aos fieis para a beberem, porem depois introduzia-se o uso d'uma salva de oiro, ou de prata, para evitar o inconveniente de se entornar o precioso sangue, e por fim n'algumas egrejas ensopava-se um pedaço de pão consagrado no precioso sangue. Ás creanças davam-se as particulas que sobejavam da Eucharistia, e mesmo algumas vezes não se lhes dava senão a especie de vinho. Finalmente áquelles que não commungavam, o que era mui raro nos tempos primitivos, davam-se os restos do pão offerecido, e não consagrado, d'onde veiu o uso do pão bento.

No tempo dos apostolos, não se recebia a communhão senão depois de uma comida de caridade, a que se dava o nome de *agapa*, e que tinha por fim imitar a ceia de Jesus Christo, e induzir os ricos a contribuirem para o sustento dos pobres. Cada um trazia a sua ceia, e durante a comida, cantavam-se louvores a Deus, e faziam-se leituras santas. Apesar d'isto o costume de commungar em jejum é muito antigo, e Santo Agostinho o faz datar do tempo dos apostolos; generalisou-se no quarto seculo, se bem que as *agapas* continuaram. Ao diante não se celebraram os santos mysterios depois de ceia senão na quinta feira santa. Finalmente, estas comidas, verdadeiramente christãs na sua origem, tornaram-se abusivas, e a pouco e pouco foram abolidas em diversos tempos e differentes partes da Egreja.

Desde o decimo segundo seculo foi-se insensivelmente perdendo o uso de dar a communhão nas duas especies; porém só foi no concilio de Constança que se retirou aos fieis a participação do calix sagrado.

Áquelles que não tinham podido assistir ao sacrificio enviava-se a Eucharistia pelos diaco-

nos ou acolytos. Reservava-se uma porção para o viatico dos moribundos, isto é, para a provisão da grande jornada que iam fazer. Permittia-se aos fieis levarem para casa a Eucharistia para a tomarem todas as manhãs antes de qualquer comida, ou nas occasiões de perigo, como quando iam para o martyrio pois que não havia liberdade de se juntarem todos os dias para a celebração dos mysterios. Como porém unicamente se reservava para os sãos e doentes a especie de pão, prova-se por isto que em todos os tempos a Egreja creu que a communhão era tão completa sob uma especie, como em ambas, e que quem recebia sómente o corpo, ou o sangue de Christo, recebia sempre Jesus Christo. O uso de guardar cada um a Eucharistia em sua casa tem-se conservado até hoje na maior parte dos gregos e dos orientaes, porém acabou nos occidentaes pelo fim do quarto seculo e principios do quinto.

PENITENCIA.

Não se impunha a penitencia senão aos que a pediam; os quaes então eram recebidos com grande caridade, acompanhada de muita discrição. Fazia-se-lhes conhecer que era uma graça que se não devia conceder facilmente, e por isso experimentava-se o delinquente para se conhecer se o seu arrependimento era sincero e solido, mettendo-se de permeio algum tempo antes de lhe conceder a penitencia. Era ao bispo a quem pertencia designal-a para os peccados mortaes, e se devia ser publica ou secreta, e o tempo que devia durar, e até mesmo se era conveniente, para edificação da Egreja, que o peccador fizesse confissão publica, porque regularmente ella era feita secretamente ao sacerdote. O tempo da penitencia regulava-se pela grandeza e qualidade da falta. Ordinariamente era de dois annos para o furto, onze para o perjurio, quinze para o adulterio, vinte para o homicidio, e a vida inteira para a apostasia. O numero dos peccados da mesma especie influia no rigor da penitencia, porém quasi nunca influia no augmento da sua duração. Aquelles a quem se ordenava a penitencia publica, apresentavam-se no primeiro dia da quaresma á porta da egreja com vestidos pobres, rotos e sujos, em signal de luto, e recebiam das mãos do bispo a cinza na cabeça, e cilicios para se cobrirem: depois o prelado expulsava-os do templo. Os penitentes ficavam de ordinario encerrados, dando-se aos jejuns, ás orações, e a todos os exercicios de mortificação.

Havia quatro ordens de penitentes: os flebiles ou lacrimosos; os ouvintes ou auditores; os prostrados; e os consistentes, que quer dizer os que oravam de pé. Todo o tempo da penitencia era distribuido por estes quatro graus. Por exemplo, aquelle que tinha commettido um homicidio voluntario, ficava quatro annos no grau dos flebiles, quer dizer á porta da egreja nas horas da oração, e ficava fora, não no vestibulo, mas na praça, exposto ás injurias do tempo. Ia vestido de cilicio, levava cinza na cabeça, e deixava crescer os cabellos. N'este estado conjurava os fieis que entravam na egreja a terem piedade, e orarem por elle; e effectivamente toda a Egreja orava pelos penitentes. Nos seguintes cinco annos passava á classe dos ouvintes; entrava na egreja para ouvir a instrucção, ficava no vestibulo com os cathecumenos, e saía antes de principiarem as orações. Depois passava á terceira classe, e orava com os fieis, porém no mesmo logar junto á porta, prostrado no pavimento da egreja, e saía com os cathecumenos. Depois de estar sete annos n'este estado, passava ao ultimo, em que ficava quatro annos, assistindo ás orações dos fieis, e orando de pé como elles, mas não lhes sendo permittido nem offertar, nem commungar. Por fim, tendo cumprido os vinte annos de penitencia, era recebido á participação das coisas santas, isto é, á Eucharistia.

Durante o tempo da penitencia, o bispo visitava muitas vezes os peccadores, ou enviava algum sacerdote para os examinar, e tratar de diversos modos, segundo as disposições em que os encontravam. Uns eram excitados; outros amedrontados; outros consolados. Os prelados olhavam a penitencia como uma medicina espiritual, e persuadiam-se de que a cura das almas exigia tanta sciencia, observação, paciencia e applicação, como a cura dos corpos, e que se não podiam destruir os habitos viciosos já inveterados senão por via d'um exactissimo regimen. Tinham muita cautela em não desesperar o penitente por excessiva dureza, porque d'ahi resultaria voltarem de novo ao mundo e á vida pagã. Reprimiam-lhes as impaciencias, conhecendo quanto é prejudicial uma prematura absolvição: só concediam a perfeita reconciliação ás lagrimas, á reconhecida mudança de costumes, e nunca á importunação, nem ás ameaças.

O penitente não passava de um grau ao outro senão por ordem do prelado. Não era o tempo que decidia da penitencia; esta encurtava-se quando havia para isso alguma razão particular, como o fervor extraordinario do penitente, uma doença mortal, ou a perseguição. Esta dispensa, que abreviava a penitencia regular, chamava-se *indulgencia*; e S. Paulo dera o exemplo d'ella com o incestuoso de Corintho, a quem havia excommungado.

Quando o bispo julgava conveniente acabar a penitencia, fazia-o ordinariamente no fim da quaresma, para o penitente recomeçar na festa da Paschoa a participar dos santos mysterios. Na quinta feira de Endoenças, os penitentes apresentavam-se á porta da egreja, e o prelado depois de fazer por elles muitas orações, fazia-os entrar a pedido do arcediago, que lhe representava ser aquelle um tempo proprio para a reconciliação, e que era justo que a Egreja recebesse as ovelhas transviadas, quando ella augmentava o seu rebanho por via de novos bap-

tisados O pontifice fazia então uma exhortação sobre a misericordia de Deus, e a mudança de vida que deviam ter, e fazia-os levantar a mão em signal de promessa. Finalmente deixando-se abrandar pelas supplicas da Egreja, e persuadido da sua conversão, deitava-lhes a absolvição solemne. Depois rapavam as barbas e cortavam o cabello, largavam os vestidos de do, e principiavam a viver como os outros fieis.

Se, durante o curso da penitencia, se cafa em novo crime, devia-se ella começar de novo. Se o penitente não mudava de vida, deixavam-no no mesmo estado, sem lhe dar os sacramentos; e se depois de receber a absolvição, ainda commettia um crime capital, não havia para elle mais sacramentos; porque a penitencia publica não se concedia mais de uma vez. Contentavam-se com orar por elle, exhortal-o a converter-se, e esperar na misericordia de Deus que não tem limites. Aquelles que uma vez tinham estado na classe dos penitentes, não podiam receber ordens, nem ser elevados a nenhum ministerio ecclesiastico.

Este era geralmente o methodo de administrar a penitencia canonica, a que chamavam *baptismo laborioso*. Depressa perdeu porem o seu vigor, especialmente no decimo primeiro seculo. Imaginou-se então que cada peccado da mesma especie merecia a sua penitencia, de sorte que, por exemplo, um homicidio, devia expiar-se por vinte annos de lagrimas, e eram precisos duzentos annos para dez homicidios, o que fazia impossiveis as penitencias, e ridiculos os canones. Recorreu-se então a compensações e estimativas. Imaginou-se recitar psalmos, genuflexões, disciplinações, esmolas, e peregrinações. Até houve monges que se encarregaram de fazer penitencia pelos peccados alheios, e um d'estes foi S. Domingos o Cuiracco. Raro era o dia em que este santo não recitasse duas vezes todos os psalmos, acompanhando isto de disciplinações. Tres mil golpes de disciplina faziam um anno de penitencia, e dava mil disciplinadas durante cada dez psalmos. Sendo o numero total dos psalmos cento e cincoenta, e emquanto recitava todos dando quinze mil golpes de disciplina, cumpria assim cinco annos de penitencia. Era mister portanto repetir vinte vezes os psalmos, e levar trezentas mil disciplinações para fazer uma penitencia de cem annos. S. Domingos cumpria-a em menos de seis dias, e como era ambidextro disciplinava-se ao mesmo tempo com ambas as mãos, não mettendo porém em conta o duplo golpe. Houve uma quaresma em que fez assim uma penitencia de mil annos. Quanto isto se apartava do verdadeiro espirito da Egreja primitiva! As penitencias do undecimo seculo e seguintes eram so proprias para produzir a hypocrisia e a superstição. Como crer que as disciplinações de um pobre religioso tinham para o peccador a virtude medicinal? O peccado não é como uma divida que fica quite pagando-a ao credor em qualquer moeda; é uma doença perigosa que se não pode curar senão na pessoa do proprio doente.

EXTREMA-UNÇÃO.

A Extrema-Unção é um sacramento celebrado na Egreja já no tempo dos apostolos, pois S. Thiago, dirigindo a palavra aos christãos em geral, disse:—«Algum de vós está enfermo? que chame os padres da Egreja, para orarem por elle, ungirem-no com o oleo em nome do Senhor, e a oração salvará o doente, e o Senhor o alliviará, e se commetteu peccados ser-lhe-hão perdoados.»

Até ao decimo sexto seculo era uso geral dar a Extrema-Unção antes do Viatico; e costumava-se levar o doente, ou ir elle proprio se podia á egreja, para receber este sacramento; pois não se esperava como hoje que chegasse a hora extrema para lhe conferir as graças que esta divina unção communica.

Administrava-se a Extrema-Unção confessando-se o doente dos seus peccados; depois os padres porque eram uns poucos os que conferiam este sacramento faziam-lhe a aspersão da agua benta, acompanhada de orações. Então o doente ajoelhava á direita do principal ministro. Egrejas havia onde se ajoelhava sobre cinza, emquanto se cantavam as antifonas, e recitavam as orações. Depois d'esta ceremonia, os padres impunham as mãos no doente; depois cada um d'elles o ungia com o oleo santo, applicando-lh'o em forma de cruz no pescoço, na garganta, no peito, nas espadoas, no sitio onde o enfermo sentia mais dôres, e nos orgãos dos cinco sentidos corporaes. Tudo isto era precedido e seguido de antifonas, cantigos espirituaes, e fervorosas orações. Em muitas egrejas terminava a ceremonia com a benção das cinzas, que se punham em forma de cruz sobre o peito, ou cabeça do doente, para lhe recordar o seu nada; e n'outras cobrindo-o com um cilicio para lhe inspirar sentimentos de penitencia. Vê-se que a administração d'este sacramento durava muito mais tempo do que hoje.

ORDEM.

As ordenações eram precedidas de um jejum, e acompanhadas de orações. Ordinariamente tinham logar em a noite do sabbado para o domingo. Velava-se n'essa noite; e celebrava-se depois a ordenação, cuja principal ceremonia era a imposição das mãos, seguindo-se depois o sacrificio da missa.

Escolhia-se o bispo em presença do povo, pelos bispos da provincia, reunidos na egreja vaga, pelo menos em numero de dois. Julgava-se necessaria a presença do povo, para que estando todos persuadidos do merito do eleito, lhe obedecessem de melhor vontade, pois que ordinariamente se escolhiam os baptisados na mes-

ma egreja, e que n'ella tinham exercido por muitos annos todas as funcções ecclesiasticas.

Os bispos escolhiam os clerigos entre os christãos cuja santidade mais brilhava, e de mais reconhecida virtude. Esta era a ordinaria recompensa dos confessores, o que quer dizer, aquelles que tinham defendido a fé contra os pagãos e hereticos, e que haviam mostrado mais constancia nos tormentos. O prelado fazia muitas vezes esta escolha a pedido do povo, pelo menos com a sua participação, sempre com o conselho do clero, e depois de ter examinado, com os sacerdotes mais habeis, os que escolhia, para ver se tinham as qualidades requeridas. Pouco se attendia á vontade dos ordinandos. Não so se não esperava que elles pedissem a ordem, mas até os ordenavam contra sua vontade, por força ou por artificio. O bispo não ordenava nem sacerdotes, nem diaconos, nem outros clerigos, mais que os restrictamente precisos para o serviço da sua egreja. O numero não era grande. Em proporção havia mais bispos, porque se nomeavam para todas as cidades onde existia um numero rasoavel de christãos. Era prohibido ordenar n'uma provincia os que tinham sido baptisados n'outra, por não ser conhecida a sua vida. Depois da ordenação obrigavam-se os clerigos, não so á residencia, mas á estabilidade pelo resto de sua vida, ficando sempre em completa dependencia dos bispos, porque eram os discipulos que elles tinham cuidado de instruir, formar e educar, gradualmente, para os applicarem a diversas funcções, segundo os seus talentos.

MATRIMONIO.

Os christãos olhavam nobremente o casamento, como sendo o seu fim a producção das creaturas racionaes, que devem durar eternamente, e tornando o homem imagem de Deus d'um modo particular, no que concorre com elle para a producção do homem. Entre os principios para a educação das creanças, recommendava-se casal-as cedo, para prevenir a devassidão; e exhortavam-se aquelles que por caridade acolhiam e nutriam orphãos, a casal-os chegada a edade, de preferencia com os proprios filhos; e isto mostra que então o interesse não tinha parte nos casamentos dos christãos.

Consultava-se o bispo sobre os casamentos, como sobre todos os negocios importantes, para que se fizessem segundo Deus, e não segundo a concupiscencia. Quando as partes estavam de accordo, celebrava-se o casamento publica e solemnemente na egreja, e era consagrado pela benção do pastor, e confirmado pela oblação do santo sacrificio. Os esposos davam a mão, e a mulher recebia do marido um annel onde estava gravada uma cruz, ou a figura symbolica de alguma virtude. Os fieis abstinham-se do uso do casamento durante os dias solemnes de festa, ou de jejum, e d'ahi veiu a prohibição de celebrar nupcias em certo tempo do anno. Não era permittido o casamento com os infieis; porém se antes tinham sido casados podiam habitar juntos. As segundas nupcias, ainda que permittidas, reputavam-se uma fraqueza, e n'algumas egrejas obrigavam-se á penitencia os que se tornavam a casar.

JEJUNS.

Os christãos jejuavam mais vezes do que os judeus; porém emquanto ao modo do jejum era quasi o mesmo, dando mostras de afflicção. O essencial era não comer senão uma vez ao dia, de tarde ou jantar, e a abstinencia de vinho, e de comidas delicadas e nutritivas, passando-se o dia no isolamento e na oração. Juntava-se ao jejum a esmola, que saia da economia feita na despeza ordinaria. Até se julgava quebrado o jejum bebendo-se agua fora da occasião da comida.

Nos tempos primitivos da lei da graça, não havia jejuns obrigativos senão os da quaresma. A devoção instituiu outros, como as quartas e sextas feiras, e os que os bispos ordenavam pelas necessidades extraordinarias das egrejas, e finalmente as quatro temporas, para consagrar pela penitencia, as diversas estações do anno. Regularmente não era permittido jejuar ao domingo, por causa da excellencia d'este dia.

Distinguiam-se tres especies de jejum: os da estação, que acabavam ás tres horas da tarde, e se chamavam meios jejuns; os da quaresma que duravam até ás seis horas, ou pôr do sol: e o duplo jejum em que se passavam vinte e quatro horas sem comer. Tambem se jejuava no sabbado da alleluia; na sexta feira de Paixão; muitos passavam tres dias, outros quatro, outros toda a semana santa, sem tomarem nutrimento, segundo as suas forças.

Eram differentes os graus da abstinencia: uns observavam a *homophagia*, que quer dizer não comer nada cosido; outros a *xerophagia*, que significa limitarem-se ás fructas seccas, abstendo-se não só da carne e do vinho, mas tambem de fructos vinosos ou succulentos, e comendo portanto pão e nozes, amendoas, e outros fructos similhantes.

Dos jejuns solemnes da Egreja, especialmente a quaresma, ninguem era dispensado, e nem a condição e a edade passavam por escusas legitimas. Todos os negocios publicos cessavam; e viam-se as cidades, ainda as mais povoadas, tranquillas como as solidões. Os fieis passavam a maior parte dos dias nos templos orando, e ouvindo leituras santas e predicas. D'aqui provém serem mais extensos os officios d'estes dias. Não se celebravam nupcias, havia privação dos prazeres ainda os mais innocentes; não se julgavam os processos; não se usava de armas, e não se emprehendia nenhuma viagem sem grande necessidade.

Continua. A.

RESURREXIT.

Annuntiate hoc in universa terra.

Que foi feito das antigas philosophias? Recuaram vencidas ante a maxima sublime do amor de Deus e do proximo ensinada pelo Christo. Onde está hoje o fulgor d'esses celebrados nomes com que o paganismo por tantos seculos se ufanou? Eclipsou-se ante o esplendor do nome de Jesus! Qual sellou mais nobremente a proclamada doutrina com mais generoso sacrificio? Nenhum. A verdade, divina na sua essencia, carecia tambem de um poder divino para se revelar. Esse poder baixou á terra encarnado na figura mais enobrecida da creação — o homem, — que o Omnipotente havia formado á sua imagem e similhança!

A creatura humana, saida expressamente da mão de Deus para o glorificar; animada pelo seu sopro divino afim de se elevar á preeminencia de rei da creação, foi glorificada pelo sacrificio augusto da Redempção. Havia sido creada immortal, e pelo peccado entrava na duvida d'esta graça da sua creação. Era preciso um grande exemplo que autorisasse a doutrina, e o Lazaro foi evocado á campa, e os incredulos confessaram a evidencia que não podiam negar. Passaram então as duvidas da doutrina para a pessoa que a proclamava, e negaram aquelle que assim imperava sobre a morte, que a si proprio se podesse eximir d'ella. «*Oh morte! eu serei a tua morte; oh inferno! eu serei a tua ruina.*» havia dito a prophecia pela bocca de Ozéas. *Resuscitarei ao terceiro dia*, tinha repetido o Chris-

to; e os homens, allucinados, haviam sellado o sepulchro de Jesus, guardando-o com soldados, para que o corpo não fosse arrebatado pelos discipulos, e a impostura se não impozesse á verdade annunciando uma resurreição que não existia! Esta mesma guarda, porém, esta mesma vigilancia era precisa para testemunho do milagre entre os incredulos, que não poderam deixar de exclamar, confundidos pela evidencia: — «*Este homem era na verdade o Filho de Deus!*»

Tal é o assumpto que representa a nossa gravura. N'este momento solemne da resurreição, a humanidade folga, remida das cadêas do peccado. Regenerou-se por este modo a face da terra; os anjos e os santos entoaram a *Alleluia!* e nós os homens, abraçando-nos como irmãos, felicitamo-nos reciprocamente por tão augusta e solemne festa! Assim tambem vol-a desejamos, leitor, venturosa e feliz.

VIAGENS DE BECKFORD A PORTUGAL.

CARTA XXII.

VISITA AOS CONVENTOS DA SERRA. SCENAS DA COSTA MARITIMA.

Continuação. *

19 de Setembro de 1787.

Nunca tive um dia mais formoso, nem vi um ceo de azul mais aprazivel. Os marquezes já estavam comigo ás seis horas e meia, e divagámos por oiteiros incultos, sobranceiros a uma grande extensão de paiz apparentemente deserto, porque os logarejos, onde os ha, estão escondidos nas quebradas e covas da serra.

Intentando explorar as montanhas de Cintra de um a outro extremo da cordilheira, collocámos mudas em differentes estações. O nosso primeiro objecto foi o convento de Nossa Senhora da Pena, pequeno e romantico conjunto de edificios branqueados, que eu tinha visto brilhar de longe a primeira vez que navegui pela costa de Lisboa. D'esta pyramidal altura o horisonte é infinito; vêdes, logo immediatamente abaixo, immensa expansão de mar, o vasto, illimitado Atlantico. Uma longa serie de nuvens soltas, de alvura deslumbrante, tambem abaixo de nós suspensas sobre as ondas, produzem effeito magico, e nos tempos do paganismo pareceriam, sem esforço algum da phantasia, os carros das deidades maritimas que viessem surgindo da profundeza do seu elemento.

Não havia coisa verdadeiramente interessante nos objectos que proximamente nos cercavam. As reliquias moiriscas das circumvisinhanças do convento apenas merecem menção, e de facto mostram não pertencerem a edificio algum consideravel; foram provavelmente fabricadas com as dilapidações feitas a um templo romano, cujos constructores talvez que tambem se tivessem aproveitado de algum fano (egreja) punico ou tyrio erecto n'este sitio elevado, e denegrido pelo fumo de sacrificios horriveis.

Por entre as rachas dos muros esbroados e particularmente na abobada de uma cisterna, que indica ter servido tanto para deposito como para banho, descobri algumas plantas capillares e polypodios de estremada delicadeza, e n'uma pequena chã defronte do convento numerosa tribu de cravos, gencianas e outras plantas alpinas, agitadas e robustecidas pelo ar puro das montanhas. Estas brisas refrigerantes, impregnadas do perfume de innumeraveis hervas aromaticas e flores, parece que me infundiam nas veias nova vida, movendo-me por um impulso quasi irresistivel a prostrar-me e adorar n'este vasto templo da natureza a fonte e a causa da existencia.

Como estivemos largo espaço em contemplação, não pude passar metade do tempo que eu desejava n'esta aeria e solitaria summidade. Baixando por um caminho soffrivelmente commodo, que serpêa entre as rochas em muitas e irregulares curvas, seguimos por algumas milhas um trilho estreito sobre os cumes de eminencias maninhas e agrestes até ao convento da cortiça (1), que corresponde exactamente, no primeiro relance d'olhos, á pintura que se pode imaginar da vivenda de Robinson Crusoé. Da banda de fóra da entrada, que formam dois enormes rochedos proeminentes que se tocam pelos cimos, estende-se um macio terreirinho de relva tosada pelo gado, cujos tintinnabulos me recordaram antigos dias decorridos em meio da rustica paizagem dos Alpes. O eremiterio e suas cellas, a capella, o refeitorio, tudo é cavado no marmore nativo, e guarnecido de cortiça de sobreiro; em muitas partes não é só o forro do tecto, mas tambem o soalho recamado do mesmo material, extremamente macio e agradavel ao piso. Os arbustos e as plantas de jardinagem dispersos entre as rochas musgosas que jazem na mais silvestre desordem, são coisa deleitosa, e muito gostei de explorar aquelles recantos e voltas seguindo o curso de um regato transparente e rumorejante, que é conduzido por um canal rustico atravez de moitas de alfazema e alecrim do verde mais mimoso.

O guardião d'este romantico retiro é apresentado pelos Marialvas (2), e n'este dia era a sua posse, de modo que tão instados fomos para o jantar que não pudemos desculpar-nos; como era ainda muito cedo cavalgámos com o intuito de ver a famosa arriba maritima chamada Pedra de Alvidrar, que é um dos objectos mais notaveis d'este famigerado promontorio. Levava-nos o nosso caminho pelas beiras dos arvoredos

(*) Do num. 52 do vol. antecedente.

(1) «Cork-convent» assim chamam os inglezes o convento dos capuchos da serra.

(2) Não é exacto.

proximos da deleitosa villa de Collares até outra ordem de escalvadas eminencias que se dilatam até á costa brava do mar. Cheguei mesmo ao pino do rochedo, que é de grandissima altura e quasi perpendicular. Seguia-nos uma tropa de rapazes alcançando os cavallos; e cinco dos mais taludos desceram com todo o desembaraço pelo temeroso precipicio; um d'elles especialmente baixava de braços abertos e como individuo de ordem superior aos mais e á natureza.

A costa maritima é o que se pode chamar pittoresco, consistindo de bojamentos muito arrojados, que se entremeiam com penedos pyramidaes uns apoz outros em perspectiva theatral, avistando-se os mais remotos coroados por uma torre mui alta, que serve de pharol.

Não ha termos que expliquem a suavidade da atmosphera, e a luz prateada que o mar reflectia. Da orla do abysmo, onde nos demorámos alguns minutos como por encantamento, descemos uma ladeira tortuosa, obra de meia milha, até á praia. Achamo-nos fechados por penedias desordenadas e varias grutas, amphitheatro imaginoso, que não havia nenhum mais proprio para suppor os brinquedos das nymphas neptuninas. Nunca vi angras como estas, tão fundos e interceptados esconderijos, um jogo assim da linha geral do perfil, e tambem nunca ouvi tão valente mugido das aguas que investem com a costa.

Não admira que a escandecida e susceptivel imaginação da antiguidade, enthusiasmada pela paizagem das localidades, os persuadisse a que tinham visto as conchas dos tritões resoando ao entrar nas cavernas maritimas; e por isso alguns dos mais autorisados e antigos lusitanos positivo declararam que não só os tinham ouvido, mas tambem visto, e despacharam um mensageiro ao imperador Tiberio annunciando-lhe o successo, e congratulando-o por tão evidente e auspiciosa manifestação da divindade.

A maré começava a vasar e deu-nos licença para entrar, não sem algum risco, n'uma caverna de pasmosa altura, cujos lados estavam incrustados de bellos mariscos e de uma variedade de conchinhas em varios grupos. Contra alguns asperos e porosos fragmentos, não distante da bocca por onde tinhamos engatinhado, as ondas empolavam-se violentas, arremettiam para o ar, formavam instantaneos doceis de espuma, e depois escorriam em milhares de regueiros côr da prata. As vacillantes espadanadas da luz pelas irregulares arcadas batendo nas mais sombrias e reconditas cavernas, o crepusculo mysterioso e humido, os murmurios resonantes e quasi todos os tons musicaes, occasionados pelo embate dos ventos e das aguas, o cheiro activo da atmosphera impregnada de particulas salinas, produziam tal desvario dos sentidos que eu não duvido que um genio poetico se inclinasse ali á crença das apparições sobrenaturaes. Não me espanta, por isso, a credulidade dos antigos, e só me maravilha que a minha imaginação não me illudisse similhantemente. Se a solidão excitasse as nereidas a certificarem-me da sua existencia por uma apparição, não faltaria esta, porque todos os meus companheiros se haviam trasmalhado deixando-me inteiramente só; por meia hora estive secluso do mundo animado; a unica creatura viva que pude depois descortinar foi um arisco corvo marinho, empoleirado n'uma rocha, insulada a cincoenta passos da abertura da caverna.

Os sons complicados e susurros que me entraram pelos ouvidos atordoavam-me a ponto, que estive alguns momentos sem poder distinguir as vozes de Verdeil e D. Pedro, os quaes voltavam de uma colheita de algas e conchas, chamando-me estrondosamente para montar a cavallo e reunir-nos ao marquez e sua comitiva, que todos tinham ido á missa ao conventinho da Serra. Felizmente as pequenas nuvens soltas, que tinhamos visto do cume altissimo da Pena, em vez de se fundirem no firmamento azul haviam-se condensado e nos protegiam contra o calor do sol. Foi, portanto, deliciosa a cavalgata; assim que nos apeamos appareceu-nos o abbade velho que chegava na occasião com Luiz de Miranda, coronel do regimento de Cascaes, cercado de todo o synodo de frades, pittorescos quanto podiam tornal-os as cabeças calvas e as barbas venerandas.

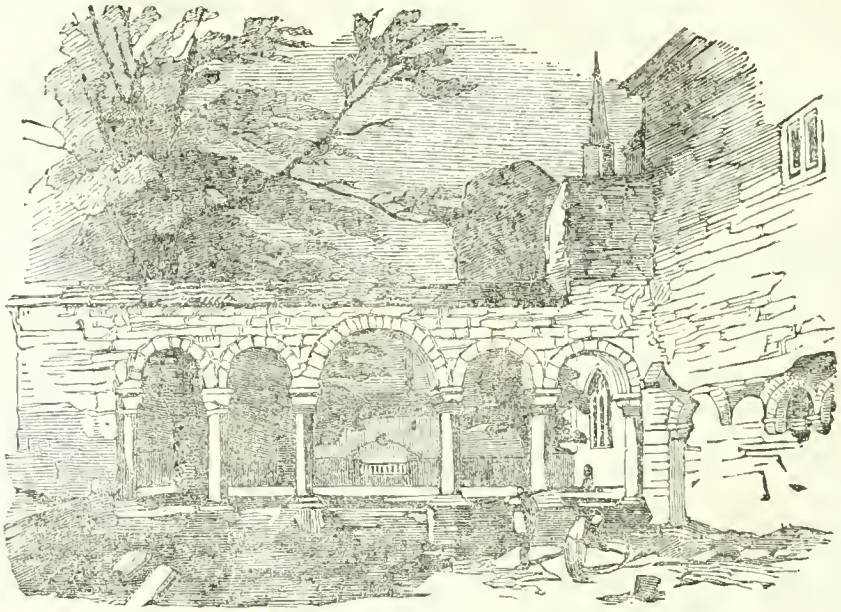
Logo que o marquez findou as suas devoções, serviu-se o jantar no gosto do que se pode esperar em Mequinez ou em Marrocos; cuscus e similhantes massas, saborosas codornizes, e pyramides de arroz côradas de açafrão. A nossa sobremesa, quanto a fructas e doces, foi mais opipara; nem a propria Pomona se envergonharia de trazer no regaço pecegos e abrunhos como os que rolavam com profusão por cima da mesa.

O abbade parecia animado depois do jantar pelo espirito de contradicção, e não queria conceder que o marquez ou Luiz de Miranda soubessem mais da côrte de D. João v do que da de Pharaó rei do Egypto. Para não ensurdecermos aos berros da disputa, em que dois ou tres frades com vozes de stentor começaram a metter-se com vehemencia, galgámos D. Pedro, Verdeil e eu pelas empinadas moitas de medronheiros e murtas até um terreirinho atapetado de mimosa relva, que á mais leve pressão recendia com perfumes suaves. Ali nos sentámos, acalentados pelo borborinho das ondas distantes que rebentavam na penedia da praia, que de manhã tinhamos visitado; as nuvens passavam vagarosas por cima dos oiteiros. Os meus companheiros partiam as pinhas e davam-me os pinhões, que teem agradavel sabor de amendoa.

A tarde ia muito adiantada quando deixámos este pacifico retiro e fomos ter com o marquez, que não fôra capaz de accommodar o abbade: o velho vozeador appellou tantas vezes para o guardião do convento em defesa das suas opi-

niões, que eu pensei que nunca d'ali nos despegariamos. Afinal partimos, e divagando entre nevoas e trevas espaço de duas horas, chegámos exactamente as dez a Cintra. A marqueza e os meninos estavam inquietos com tão longa ausencia, e ralharam ao abbade por ter sido a causa.

Continua. M.



ARCOS NORMANDOS.

Winchester, capital do condado de Southampton e distante d'este porto cinco leguas para o nordeste, foi cidade importante no tempo dos reis saxonios. Teve uma celebre abbadia de benedictinos; ainda possue um collegio onde se educam muitos estudantes e se preparam a seguir os cursos d'ensino superior na universidade de Oxford; é patria do rei Eduardo I.

A cathedral, obra antiga e primorosa, carecia de alguns reparos e arranjos que ultimamente se teem feito, e o progresso dos mesmos deu logar a um interessante descobrimento archeologico em a cerca interior ou claustra mais recondita.

Removendo os trabalhadores o paredão que liga os aposentos do deão com o claustro escuro que em tempos antigos era passagem para a enfermaria do mosteiro, destaparam uma serie de cinco arcos maciços com suas pilastras, de architectura normanda, e sendo o central de muito maiores dimensões que os outros quatro; achamse em bom estado de conservação, e por esse do centro seguirá a communicação que se pretendia abrir. Não ha duvida que estes arcos são resto dos sustentaculos em que se estribava a antiga casa do capitulo, que era de noventa pés quadrados, vendo-se ainda grandes porções nas paredes do claustro acima referido.

Aqui se passaram graves acontecimentos historicos. O soberbo e irreligioso rei João aqui se humildou aos pés do arcebispo Langton para obter absolvição da sentença de excommunhão, e renovou o servil preito que d'antes rendera ao papa Innocencio III. Aqui seu filho, Henrique III pregou um sermão em forma, sobre um texto que havia escolhido, perante toda a communidade dos monges, para resolvel-os a escolherem seu co-irmão Ethelmar para prelado. Aqui tambem, por intervenção do abbade e monges, se ajustou felizmente a fatal desintelligencia entre Henrique de Winchester e seu brioso filho e libertador Eduardo I.

Os arcos, como estão situados, debaixo de algumas formosas arvores de tilia, quando o terreno estiver amanhado e plantado de arbustos, mostrarão, vistos de diversos lados, uma apparencia bastante pittoresca.

M.

OS ALEMÃES, E A SUA MODERNA LITTERATURA.

Para prova de como se avalia em França a litteratura dos outros paizes, vamos trasladar um esboço da apreciação feita por um escriptor d'aquella nação, ácerca da moderna litteratura alemã, d'essa litteratura que mostrou, em tempos não mui remotos, genios da elevação de Goethe, Schiller, Burger, Hoffmann, e tantos

outros, dignos rivaes dos melhores autores de todo o resto da Europa.

Eis em substancia o arrasoado do critico francez.

Se algum futuro bibliophilo se lembrar de dirigir um olhar retrospectivo sobre a Alemanha do decimo nono seculo, enxergará ahi maior numero de pequenos livros do que de grandes homens, podendo atravessar annos e annos, como se passeasse sobre as estantes carunchosas de uma velha e extensa livraria.

A posteridade de Arminio trocou o escudo pela estante, e a aguia de duas cabeças do brazão teutonico, pode vantajosamente substituir-se por um ganso.

Não me queiraes mal, caros visinhos d'além do Rheno, se esta imagem offusca a vossa gloria; ella saiu inteira de um cerebro alemão, pertence a Wolfgang Menzel.

Na verdade, a rude Germania trocou as suas armaduras de ferro pelo roupão e os pantufos; e será difficil de encontrar um fio de Ariadne, que nos ajude a descobril-a, adormecida, como está, debaixo das suas catacumbas de papel.

Deixando á Italia a sua ardente poesia, a Hespanha os seus esquecidos santos, á França as vaidades da gloria, á Inglaterra a sua fortuna commercial, a boa Alemanha bebe cerveja, fuma cachimbo, e perde a vista a ler. Não lhe disputeis a descoberta da imprensa; pois o uso que d'ella faz é tão uniforme, que não pode deixar duvida sobre a prioridade do seu direito. Passa metade da vida a sonhar; e a outra metade a pôr em ordem os productos das suas vigilias.

Esta accumulação de livros, que cresce todos os dias na Alemanha, estas muralhas descomunaes, erguidas por um povo inteiro, á maneira de uma nova Babel, este phenomeno de dez milhões de volumes, publicados todos os annos por cincoenta mil escriptores, promettem, por pouco que augmente a furia de escrever livros, uma estatistica de autores alemães, que virá a exceder muito o numero dos leitores.

De que provém isto? É que desde tempos mui remotos, os alemães eram um povo phantastico; na edade media tornaram-se mysticos; e á proporção que caminham para as modernas epocas, mais a sua organisação contemplativa se encerra nas regiões da intelligencia.

Em nenhum outro paiz se encontram tantos systemas, opiniões, gostos e talentos diversos; tão differentes estylos no pensador e no poeta. Nenhuma regra dirige aquelles espiritos; crescem aqui e ali, como plantas agrestes, dessimilhantes na natureza e na forma; e a sua reunião na litteratura apresenta, portanto, um aspecto irregular. Fallam a mesma lingua, assim como vivem sob o mesmo ceo, mas distinguem-se uns dos outros por uma pronuncia especial. O natural os arrebata, apesar da severa doutrina de certas escolas, que pretende extirpar esta pretendida barbarie.

A Alemanha tem pouca flexibilidade social, mas a sua individualidade é por isso mesmo mais energica; caminha livremente até ao capricho e á caricatura. O genio rompe todos os diques; e o espirito da mãe-patria predomina mesmo entre o vulgo.

Se olhamos para a litteratura dos outros povos, sempre vemos, mais ou menos, um certo amor pelas regras, pelos *jardins á franceza*; porém a litteratura alemã é como uma floresta virgem, como um prado coberto de hervas desconhecidas. Cada espirito parece-se com uma flor distincta pela côr e pelo perfume.

O que ha de rico e original no mundo phantastico dos alemães, deve attribuir-se á influencia immediata da natureza. O vôo do genio alemão é livre e arrebatado. Uma só coisa é commum á quasi totalidade dos escriptores germanicos; é o pouco caso que fazem da vida real, e a supremacia da contemplação interior.

Por isso mesmo diversificam tanto as ideas n'aquella região. Nos estreitos limites da vida pratica, as ideas teriam de grupar-se em um pequeno numero de partidos, que buscariam resultados simples; mas na esphera infinita da imaginação, todo o espirito original acha um terreno sem horisontes.

Os alemães procuram instinctivamente este elemento de liberdade. Os francezes servem-se das idéas para as applicar a experiencias; os alemães empregam as experiencias para deduzir d'ellas maravilhosas theorias. O francez inventa dramas ou tragedias para agradar ao espirito politico nacional: aos alemães não resta das suas acções e experiencias senão dramas ou tragedias. Os francezes teem uma lingua pobre, porém excellentes oradores; os alemães podiam fallar muito melhor, mas limitam-se a escrever: aquelles fallam porque obram, estes escrevem porque só pensam.

A actividade litteraria devora a Alemanha. A mais pequena cidade tem o seu gabinete de leitura, e a sua casa de conversação. Qualquer habitante, mediocremente rico, possue uma bibliotheca. Desde a arte de governar até ao modo de embalar uma creança, tudo é objecto de sciencia, e se estuda, além do Rheno. Os livros multiplicam-se com uma perseverança infatigavel; tudo ahi apparece estampado: as receitas do medico, as sentenças do juiz, os sermões do parocho, as lições do mestre-escola, e até o *pensum* do discipulo. Governa-se, cura-se, negoceia-se, viaja-se, cosinha-se com um livro na mão... sem livros, a mocidade alemã estava perdida.

Este juizo mais que severo de mr. Christian sobre os alemães e a sua moderna litteratura, acha comtudo apoio em um autor nacional, Wolfgang Menzel, o mesmo que já o escriptor francez havia citado em sua defesa.

Ouçamos o critico germano:

Em todas as epocas foram os alemães menos habeis na vida pratica do que outro qualquer

povo, porém mais *indigenas* no mundo interior; todas as suas virtudes e todos os seus vicios devem attribuir-se a essa concentração intima, a essas disposições meditativas. São ellas, mais que tudo, que fazem de nós um povo litterario, e que imprimem, ao mesmo tempo, á nossa litteratura, um caracteristico singular. Os escriptos das outras nações occupam-se mais de coisas positivas, como o seu genero de vida; os nossos teem um colorido sobrenatural ou antinatural, que não se liga com o mundo pratico, porque só temos diante dos olhos o nosso mundo interior e as suas maravilhas. Nós somos mais phantasticos do que os outros povos, não sómente porque a nossa imaginação se arremeça da vida real para um ambiente de prodigios, mas ainda porque tomamos os sonhos pela realidade. A nossa intelligencia perde-se no espaço, e somos apontados geralmente como especuladores e fabricantes de systemas. Não sabemos realisar as nossas theorias senão no campo da litteratura, e dando ao mundo das palavras uma superioridade desproporcionada com o mundo real, merecemos com razão que se nos prodigalisem os epithetos de pedantes e atormentadores de livros.

Todavia os resultados de nossas assiduas meditações, apparecem com um brilhantismo, que os estrangeiros não sabem apreciar. Nós tratamos da cultura universal do espirito, e não é debalde que lhe sacrificamos a energia, de que haviamos mister para obrar, bem como o nosso orgulho nacional. Os conhecimentos que nós adquirimos, podem tornar-se facilmente mais salutares ao genero humano, do que certas acções, alcunhadas de grandes; e o desejo de ensinar os estrangeiros, deve honrar-nos mais do que uma victoria alcançada sobre elles.

Ha em nosso caracter nacional uma tendencia particular para o bem da humanidade; pretendemos surprehender tudo que diz respeito ao genero humano, no seu proprio centro, e adivinhar na multiplicidade infinita da vida o enygma da unidade occulta. É por isso que trabalhamos ao mesmo tempo, e com egual fervor, em todos os pontos da sciencia. Temos um gosto innato por tudo, simultaneamente; o nosso espirito aproxima as maiores distancias, quando tem avidez de conhecer os objectos, e devassa a profundidade de todos os mysterios da natureza, da vida e da alma. Nenhuma outra naçao e dotada de um espirito encyclopedico como a Alemanha, e o que não pode conseguir o esforço individual, alcança-o um trabalho collectivo: numerosos orgãos estão espalhados entre o povo, e servem para alargar os horisontes do saber.

Das opiniões, homogeneas ate certo ponto, que expendem o francez e o alemão, pode concluir-se, e conclue-se que e um povo original o da antiga Germania; mas de forma alguma se acha justificado que a moderna litteratura d'além-Rheno seja insignificante. A *douta Alemanha*, chamam os sabios de todo o mundo áquella parte da Europa; e outra prova da sua importancia litteraria é a maneira porque se tem generalisado o estudo d'aquelle idioma. Os seus livros não teem o brilhante colorido das obras francezas, nem a utilidade pratica dos escriptos britanicos; porém mostram o supremo esforço da intelligencia, são a arca santa da sciencia.

CHRONICAS MONASTICAS.

DA COMPANHIA DE JESUS.

III

CASA DE S. ROQUE.

Continuação.

No cabo da rua de Santa Catharina havia outro arco dedicado á gloria dos Apostolos e Martyres. Tinha quarenta e oito palmos de largo, e quarenta e quatro de alto; e sobre elle uma arvore de vinte e cinco palmos. Fundava-se sobre quatro pedestaes, cada um com duas columnas jonicas. De um lado do arco estava a porta da cidade, e do outro se fingiu pela pintura egual porta para symetria. No alto inscreveu-se a dedicação. Representava em paineis a gloria dos Apostolos, todos sentados em thronos, e tendo aos pés as quatro partes do mundo, e emblemas e tenções dos martyrios. Aquella arvore de que acima fallámos representava a arvore do martyrio: junto ao seu tronco estavam figuras de homens pondo-lhe fogo, e derrubando-a com varios instrumentos que significavam as perseguições da Egreja. Cada ramo vinha rematar nas pontas em um martyr, e no mais alto ramo ficava Santo Estevão como primeira flor d'esta arvore. Nos pedestaes estavam as estatuas e representações da *caridade*, *idolatria*, *tyrannia*, *sabedoria do mundo*, *heresia*, etc.

Passado o arco da porta de Santa Catharina, mesmo defronte do angulo da egreja do Loreto para S. Roque achava-se a estatua da *temperança*. Representavam-na segurando n'uma das mãos um freio, e com a outra indicando o caminho que a procissão tinha a seguir. Devemos aqui advertir que todas estas representações symbolicas das virtudes tinham suas poesias em latim, portuguez, e hespanhol.

No meio da rua de S. Roque, defronte do postigo da Trindade, se levantava outro arco triumphal. Era este dedicado a Santa Cruz, e á Virgem Nossa Senhora. D'este arco ate ao largo de S. Roque havia uma rua de pinheiros.

O arco tinha quatro faces.

Aquella que dava de frente para o prolongamento da rua até ao Loreto era dedicada ao triumpho glorioso da Santa Cruz.

A outra que olhava para a egreja de S. Roque, á Virgem Nossa Senhora.

As duas faces lateraes estavam occupadas por duas pyramides, que tinham sete palmos de largo, e mais de cincoenta de altura. Os pedestaes d'estas pyramides eram em quadro de sete pal-

mos. Sobre elles se fundavam quatro columnas, duas a cada parte, com dezoito palmos de alto, além dos dois de moldura que tinham de emposta sobre os capiteis.

Entre os capiteis e frisos levantavam-se uns nichos, de dez palmos de alto.

Na face dedicada á Santa Cruz havia no meio do ovado do frontispicio uma cruz tendo ao pé sceptros, corôas, livros, e armas, o que significava os despojos do mundo, e suas lettras que o explicavam.

Egualmente a adornavam duas estatuas: uma de Moyses, e a outra de Jacob. Ambas similhavam bronze, e tinham escriptas as suas tenções, em versos latinos.

Em os nichos por cima dos capiteis representaram-se em vulto Constantino Magno, e D. Affonso Henriques.

Nos triangulos do arco assentavam-se dois anjos, apontando o primeiro para uma corôa, e o segundo para um sceptro.

Havia tambem pyramides n'esta face do arco, de mais de cincoenta palmos de alto, ornados os terços inferiores d'ellas com emblemas, e os pedestaes com figuras.

No remate d'uma d'estas pyramides achava-se representada a Phenix, e na outra o Pelicano.

Entre as allegorias e figuras que estavam no terço das pyramides notava-se esta de Adão em um naufragio, com a nau meio soçobrada, e a elle a nado com as ondas, e lançando mão de um madeiro em forma de cruz.

No lado do arco, dedicado á Virgem, era a traça da architectura egual ao opposto, diversificando sómente nas figuras e emblemas.

No ovado havia pintada uma imagem da Senhora, com o Menino Jesus nos braços. Ambos estavam derramando oiro, prata, e pedras preciosas ás mãos cheias; e todos esses thesouros eram recebidos pela grande copia de gente que se representava no baixo do quadro, com as mãos estendidas para a Virgem

Aos lados do painel representaram-se a Porta de Ezequiel, e a Arca da alliança.

Tambem ali se achavam as estatuas de David, e Salomão.

Nos triangulos ficavam as figuras da *pureza* com um cordeirinho nos braços; e a da *humildade*, com um hysope na mão.

Em os nichos collocaram-se as estatuas de Ester e Judith.

Em cada terço das pyramides havia um emblema da Senhora; e nos pedestaes pintaram-se as allegorias do peccado.

No vão do arco, pela parte interior havia tambem muitas allegorias e representações, todas allusivas á dedicação.

Entre os pinheiros que acima dissemos ornarem a parte da rua desde este arco até á egreja, armaram-se palanques.

A frontaria da egreja de S. Roque estava armada de telilha de oiro e prata, e sedas de lavores, com festões de murta.

Em um nicho da mesma frontaria se accommodou um quadro do Menino Jesus, segurando na mão esquerda um globo, e com a direita em menção de deitar a benção.

Sobre a porta principal da egreja achava-se a estatua de S. Roque, em vulto, e doirada.

No terreiro havia uma cruz de cera, de vinte e cinco palmos de alto, assente sobre um Calvario que descansava n'um pedestal de dez palmos. Esta cruz tinha muita diversidade de flores, fructos e folhas de cera. Foi offerecida pelos cereeiros da cidade.

O principe cardeal Alberto assistiu de uma das janellas da frontaria da egreja de S. Roque, á entrada da procissão na mesma egreja.

Os festejos por esta trasladação duraram oito dias, e para o livro do licenceado Manuel de Campos remettemos o leitor curioso de mais especificada relação, onde encontrará tambem um thesouro de poesias todas dedicadas a este objecto.

Continua. F. D. D'ALMEIDA E ARAUJO.

MISCELLANEA.

A primeira vista parece não vir a bons auspicios um artigo cuja epigraphe pode significar — confusão de muitas coisas. Mas depois de se attender um momento occorre a idéa de que miscellanea, é quasi tudo que nós vemos; é o mundo em geral.

Fatiga-se o observador em achar o nexo, e a relação das coisas, em classifical-as, e o diabo da miscellanea a confundir-lhe tudo. Vejamos se isto é assim, mediante alguns exemplos.

No *rez de chaussée* d'uma casa mora um cutelleiro, que mais adorna as suas vidraças com agudas navalhas de mola, d'estas que se encontram nas mãos do assassino, do que com garfos e facas de uso licito e commum; e no primeiro andar habita um medico homœopatha, que, com diminutissimas e milagrosas substancias, salva (diz elle) o doente, que morreria ás mãos da allopathia, se continuasse a engulir as formulas do codigo pharmaceutico.

Ora vá lá achar o nexo, ou a relação em que estão, debaixo das mesmas telhas, o cutelleiro aguçando navalhas para dar cabo da vida, e o partidario de Hahnemann receitando medicamentos para salvar da morte! Aqui, forçoso será confessar que procede, não a miscellanea simples, mas a revoltante.

Emquanto as doutrinas de Hahnemann, patricio do historiador, e poeta Schlegel, são seguidas, a despeito das que sustentaram os Hyppocrates, Galenos, e Brownes, e o apostolo da homœopathia entende que vae conquistando á morte as victimas que a medicina allopathica lhe legava, está o cutelleiro preparando instrumentos de morte violenta, quando passam ás mãos d'aquelles que lhes fazem bainhas de intestinos humanos.

Vamos ainda a outro exemplo menos repugnante.

Annuncia-se ahi um recemchegado de Paris, que tira dentes com a rapidez da electricidade, e logo em seguida do annuncio, para que não chega ás vezes todo o costado d'um jornal politico, assevera que faz queixos inteiros, que excedem os do dragão semeados por Cadmo rei de Thebas.

Entra-se em casa, ou melhor será dizer na vasta e cheirosa habitação d'um *coifeur;* e nos centenares de vidros, frascos, e boyões, lacrados com mais cuidado que um testamento, que lhe occupam os mostradores e armarios, diz elle, que estão os cremes da Persia e dos Alpes, que renovam a pelle velha, aformoseiam a feia cara, tiram, põem, encaracolam, aloiram, e azevicham os cabellos.

Passando d'aquellas composições já feitas, para os improvisos manuaes, reduz elle uma cabeça (por fora, já se sabe) á condição dos que habitam os hospitaes de *Hanwel*, e *Maréville*, na Inglaterra e França, ou mesmo cá em Rilhafolles, nos parcos minutos em que nivela outra aos respeitaveis rolos da cabelleira do marquez de Pombal.

E não será tudo isto uma verdadeira miscellanea? Pois se o é escreveremos n'este gosto, não improprio do Panorama, visto significar a palavra uma perspectiva circular.

E porque havemos de começar? Seja por versos, mas d'estes que não levem muito tempo a ler.

A VENTURA JÁ PERDIDA.

Harpa divina de Homero,
Tu de Apollo protegida,
Empresta-me sons que exprimam
A ventura já perdida.

Mas não! de Byron invoco
Musa forte e destemida,
Pois voz de ferro só canta
A ventura já perdida.

Não pode a sonora lyra,
Por amor ao ceo erguida,
Desferir nas cordas de oiro
A ventura já perdida.

Se a perda do bem é golpe
Da sorte mais desabrida,
Se é carpir dos desgraçados
A ventura já perdida·

Não mais oh musa! emmudece!
Pois não pode a voz da vida
Cantar o que excede a morte,
A ventura já perdida.

EFFEITOS DA SIMILHANÇA.

Quando hoje vi um joven
Como tu, da tua edade,
Aguçaram-se os espinhos
Da minha eterna saudade.

Chorei por aquellas horas
Que comtigo fui feliz,
Como foram venturosas
Riscal-as o fado quiz.

Aquelle fado iracundo
Que horrorisada esconjuro,
Porque a luz da minha esperança
Apagou-m'a no futuro.

Os laços que amor ligava
Puros de crime, e de erro,
Cortou-m'os aquelle monstro
Com a dura mão de ferro.

E como se não bastasse
Pena que nunca me esquece,
Veiu o barbaro mostrar-me
Quem comtigo se parece!

A UM ANNIVERSARIO NATALICIO.

Hoje as tres Graças, curvando
Ante Jove o niveo collo,
Desprenderam voz celeste
Ao som da lyra d'Apollo.

Pediram bens infinitos,
Aos altos deuses soberanos,
Qu'espalharam, entre flores,
Sobre o dia dos teus annos.

Nos altares da Ventura
Se elevou aureo lettreiro,
E os anjos proclamaram
=*Vint'e cinco de Fev'reiro.*=

ESCRIPTO N'UM ALBUM.

Tu queres que a minha musa,
Tão pobre de inspirações,
Escreva aonde se escrevem
Centenares d'illusões?

Eu idolatro a verdade;
E se ella é que me inspira,
Não sei dispôr d'essas galas
Com que se adorna a mentira.

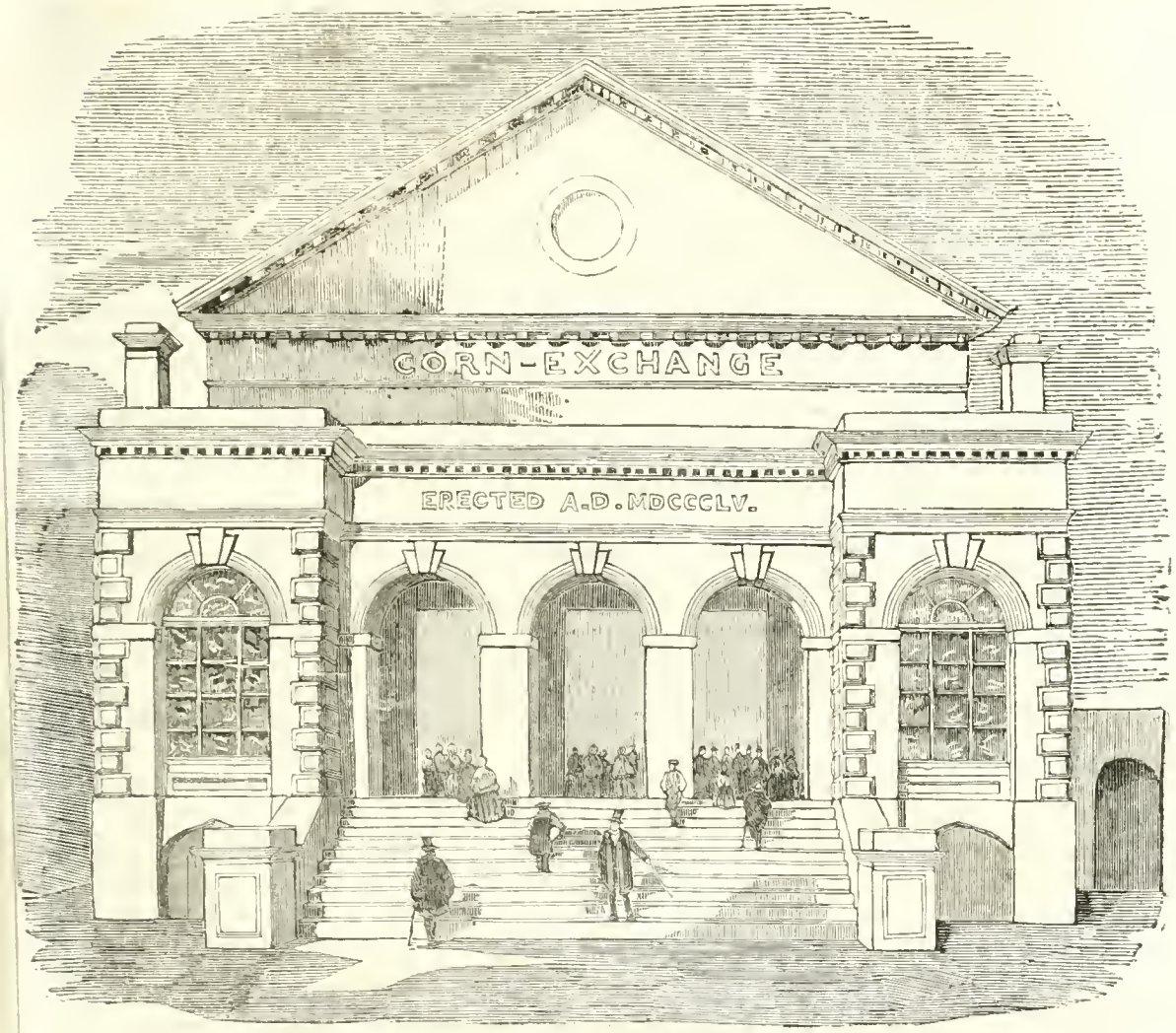
Quantas vezes um poeta
Vae recamar de belleza
Aquella, que tão escaços
Dons lhe deu a natureza!

Pinta-lhe uns olhos de Venus,
Uns cabellos de setim,
Uns dentes como o aljofar,
E nada d'isto é assim.

D'estas ficções nada sei,
Por mais que attento as estude,
Não te illudas, não as creias,
A belleza é a virtude.

C.

Aos despotas nunca faltam mandarins, que sejam vis executores de seus decretos.



MERCADO DO TRIGO EM BOSTON.

Capital do estado de Massachussets na União Americana, está a grande e bella cidade de Boston edificada em amphitheatro n'uma peninsula dentro da bahia de Massachussets. Lançaram-lhe os fundamentos os habitantes da visinha Charles-Town em 1631 denominando-a Trimountain, nome que depois perdeu recebendo o que ora tem em veneração á memoria de M. Cotton, ministro do culto protestante na pequena cidade de Boston, do condado de Lincoln em Inglaterra, e que foi o ministro da primeira egreja estabelecida em Boston da America. É o porto da America septentrional, abaixo de Nova York, onde se faz mais commercio, e tem capacidade para quinhentos navios; em seus numerosos estaleiros se construem embarcações de todo o lote; só tem um canal seguro para a entrada, e tão estreito que mal podem passar dois navios emparelhados, mas dentro e excellente o surgidoiro. Á bocca da bahia ha muitos rochedos que se descobrem ao lume d'agua, e mais de doze ilhotas, algumas das quaes são povoadas. No fundo da bahia ha um soberbo molhe de dois mil pés de comprimento, guarnecido do lado do norte de vastos armazens para as fazendas; os navios de maior porte carregam e descarregam atracados ao caes.

Boston, que no principio d'este seculo contava vinte mil habitantes, tem hoje perto de cem mil, e acha-se n'um estado florescente com todos os estabelecimentos proprios de uma grande capital, inclusivamente os de instrucção publica. Uma soberba ponte a liga com Charles-Town e é para ver o mechanismo do alçapão e levadiça, que dá passagem aos navios; por outra ponte communica com a cidade de Cambridge tambem visinha. É patria de Benjamim Franklin, e

ahi tiveram logar os primeiros movimentos que geraram a independencia dos Estados Unidos. O edificio que a estampa representa foi concluido ha dois annos. M.

HOFFMANN!

Conclusão.

III

«O phantastico de Hoffmann está ao mesmo tempo na acção e na maneira de a pôr em scena. O ornato dos seus contos é tão rico como o fundo d'elles. A sua imaginação fecunda dá aos quadros um colorido, que exclusivamente lhe pertence, e os objectos mais simples tomam, na sua mão, a apparencia de maravilhosos.»

Bédollière avalia dignamente n'estas poucas palavras a collecção dos *Contos phantasticos* de Hoffmann; e Christian completa a apreciação no seguinte trecho:

«Hoffmann possue alternativamente a phantasia de Rabelais, o brando sarcasmo de Voltaire, a sensibilidade de Bernardin de Saint-Pierre. Nos seus *Contos* depara-se com a variedade chistosa de Le Sage, apar da agudeza de Molière, da pungente ingenuidade de Cervantes, do fino tacto do abbade Prèvost. É o livro de todos.»

Walter Scott criticou, todavia, com azedume, os livros do poeta alemão; mas é o unico homem de talento superior, que deixou de prestar homenagem ao genio do grande artista, que não segue nenhum modelo, nem pertence a nenhuma escola.

É longa a lista dos romances do nosso autor, e difficil de estremar aquelles, que devem entrar no numero dos *Contos phantasticos*. Cada uma das versões estrangeiras que adopta este titulo, contém as novellas que mais agradaram ao traductor; algumas, porém, d'estas excentricas creações, apparecem em todos os traslados.

Taes são, por exemplo, *Martim o tanoeiro de Nuremberg; Mademoiselle de Scudéry*, onde entre as galas da côrte de Luiz XIV, apparece o vulto sinistro de Cardillac, o assassino; *A banca, ou a felicidade ao jogo*, em que se pinta esta paixão com as mais vivas côres; *Salvator Rosa*, mistura do sublime e do burlesco, como só Hoffmann seria capaz de ligar; a *Annunziata*, em que se desenrola a tragica historia de Marino Falieri; emfim, o *Canto de Antonia*, e a monomania do conselheiro Krespel, fanatico rabequista.

Todas as mais obras do illustre poeta, teem comtudo esse colorido especial, que as torna inimitaveis. Os prodigios de uma imaginação exaltada, brilham egualmente no *Vaso de oiro*, sublime divinisação do poeta; no *Morgado*, em cujas paginas, segundo a feliz expressão de L. Spach, se respira o ar frio do Baltico, passeiando sobre uma costa arida, porém vivificada pelo sopro da poesia; no *Elixir do diabo*, longa composição de um genero sombrio, que o proprio autor condemnou como perigosa, pela sensualidade que n'ella predomina; nas *Minas de Falun*, conto sueco de tragico desenlace; nos *Retratos d'après nature*, aonde tão bem se pintam as paixões; na *Porta entaipada*, que nos arrasta com uma deliciosa curiosidade até á sua derradeira pagina; no *Reflexo perdido*, uma das mais extravagantes e graciosas concepções do autor; no *Rei Trabacchio*, cujas aventuras deixam a perder de vista as invenções da terrivel Anna Radcliffe; na *Cadêa dos destinos*, excellente scena comica da vida real; no *Coração de agatha*, cujo heroe é de uma excentricidade só imaginada por Hoffmann; em *Coppelius*, historia maravilhosa, onde se admira o seu talento no estylo epistolar; em *Bertholdo-o-louco*, supremo esforço de combinações phantasticas; nas *Aventuras do joven Traugott*, que é ao mesmo tempo um formoso drama, uma galeria de retratos, um quadro de paizagem, e um curioso esboço da vida commercial; na *Fascinação*, onde se discute o magnetismo e os sonhos, fallando pela bocca dos seus personagens a imaginação escandecida do autor; no *Mysterio da casa deserta*, cujo titulo, por si só, indicaria sufficientemente o genero da obra, ainda que não tivesse na frente o nome de Hoffmann; nas *Scenas da noite*, especie de gravura, onde os objectos claros destacam sobre um fundo negro; nas *Estranhas miserias de um director de theatro*, resumo das observações feitas pelo antigo chefe d'orchestra sobre o palco e entre os bastidores; nas palestras dos *Irmãos de Serapião*; na inimitavel historia do ministro *Cinabre*; na *Princeza Brambilla*, e finalmente no *Mestre Pulga* (*Meister Floh*), ultima obra completa do autor, que reproduz, com algumas modificações, a idéa motriz do *Vaso de oiro*.

Depois da morte de Hoffmann, ainda Hitzig publicou duas novellas ineditas, que deixara aquelle grande genio: *A janella de sacada*, e *A cura*; e a sua viuva deu ao prelo cinco volumes de *Miscellanea*, extrahidos de papeis avulsos que encontrou.

Ficou por acabar um livro, que tinha por titulo — *Exposição summaria do gato* Murr *ácerca* da vida, e *fragmentos da biographia do mestre de capella João Kreissler, achados por acaso em papeis de embrulhar*. — Kreissler era, como dissemos, o proprio Hoffmann; e *Murr*, o seu gato querido, que elle transformou em philosopho, era um ente real, creado em sua casa, e que vinha muitas vezes instalar-se, sem ceremonia, sobre a carteira de seu dono, e até sobre o papel em que elle escrevia. Perdendo este amigo irracional, em 1820, deu parte do acontecimento ao seu amigo racional Hitzig, na seguinte carta:

(*) De num. 13.

«Em a noite de 29 para 30 de Novembro, depois de uma curta, mas cruel enfermidade, o meu discipulo querido, o gato Murr, adormeceu para passar a melhor vida. Ainda não tinha quatro annos. Não posso dispensar-me de noticiar esta perda aos meus amigos e protectores. Quem conheceu Murr apreciará a minha dôr, e saberá respeital-a.»

N'esse mesmo anno traduziu Hoffmann a opera franceza *Olympia*, para a qual Spontini compozera a musica.

O seu derradeiro trabalho litterario, que a morte lhe não deixou acabar, foi uma novella, intitulada *O Inimigo*, que elle dictou já no leito da agonia.

Eis em summario, quanto o comporta a estreiteza dos limites de um jornal litterario, uma noticia das obras do profundo escriptor, que faz o objecto d'este nosso humilde estudo.

Rico com o producto da venda dos seus livros, Hoffmann, que odiava o geral dos homens, pelo muito que lhe tinham feito soffrer, quiz gosar da possivel independencia, fugindo quanto podia do contacto de falsos amigos. De manhã preenchia regularmente os seus deveres de magistrado, mas apenas vinha a noite, se não concorria ao *club de Serapião*, dirigia-se á taberna, aonde passava longas horas de isolamento. Preferia este passatempo, altamente censurado, ás reuniões da melhor sociedade de Berlin, para onde era convidado sempre, e solicitado com instancia.

N'aquella atmosphera de fumo, que elle contribuia para se tornar mais densa, via Hoffmann um mundo de phantasticas apparições. Deslumbrado pelo narcotico do tabaco, e pelas bebidas alcoolicas, esvasiando alternadamente uma taça de cerveja ou um copo de *rudesheim*, chegava a um grau de exaltação, que o seu cerebro se povoava de estranhas chimeras. Quando descia d'estas regiões sobrenaturaes, era para notar sobre a terra os typos mais excentricos, os caracteres mais singulares. Seguia os originaes, e surprehendia-lhes as feições moraes e physicas, por mais difficeis que fossem de apanhar. Implacavel para com os pedantes, folgava de os ridicularisar no meio de um grande auditorio, provocando estrondosas gargalhadas. Quando julgava impotente a palavra, reproduzia com o lapis o seu pensamento; e mostra-se ainda hoje, n'uma taberna de Berlin, uma collecção de desenhos, inspirados pelos caprichos d'aquella imaginação excitada.

«Enchei-lhe a taça de espumoso vinho de principes; apresente ella os aureos reflexos do Johannisberg, e a imaginação do poeta dispara a galope, como o corsel que arrebatava a Leonor de Burger. Apoz elle se arremessa em carreira doidejante todo esse turbilhão de seres phantasticos, que o seu cerebro creou, e que apparecem, apenas evocados pelo grande genio, aproximam-se, crescem, e perfilam-se ante o poderoso senhor. É um drama que elle cria entre o ceo e a terra; é o seu mundo, povoado de entes que só o poeta conhece.

«Enchei-lhe a taça de Johannisberg, e o seu pensamento, tantas vezes recalcado pelas aridas occupações do trabalho quotidiano, magoado tantas vezes pelo contacto de perdidas crenças, illuminar-se-ha de um magico clarão. Alarga-se a scena, e todas as artes vem com o seu contingente dar-lhe brilhantismo. A pintura traz as suas côres vivas e variegadas; a musica as suas vibrações que sobresaltam e pungem; a poesia os seus mais intimos thesouros.

«Enchei-lhe a taça de Johannisberg, e vereis a vida real, misturando-se com as phantasias do drama. Avançae n'esse terreno, desconhecido para vós, por entre esses personagens que nunca havieis encontrado em outro logar, e que todavia pareceis reconhecer: as mais disparatadas emoções vão surprehender-vos e fascinar-vos!.....»

Da physionomia poetica, quasi sobrenatural do autor dos *Contos phantasticos*, desçamos a esboçar a physionomia do homem, como simples mortal. Servir-nos-hão de guia as biographias publicadas por Hitzig, e Loeve-Weimars.

Hoffmann era pequeno de corpo, tinha o nariz fino e arqueado, os beiços delgados, a tez biliosa, e cabellos quasi negros, que lhe cobriam a fronte. Seus olhos pardos, nada tinham de notavel, quando se fixavam tranquillamente sobre qualquer objecto, mas em casos excepcionaes denunciavam astucia e zombaria com seu continuo pestanejar. O corpo, apesar de magro, parecia de boa constituição, e o peito era largo e elevado. Durante a mocidade, vestia-se com apuro, mas sem excesso de tafularia. Depois gostou muito de vestir a sua farda de conselheiro, ricamente bordada, e que lhe dava a apparencia de um general francez.

Hoffmann tinha uma mobilidade extraordinaria de gestos, que augmentava ainda, quando elle fazia uma narração. Fallava com muita volubilidade, e como a sua voz era naturalmente ronca, havia difficuldade em comprehendel-o. De ordinario, usava de pequenas phrases e periodos soltos na conversação; mas quando fallava de bellas-artes, creava enthusiasmo, e a sua locução tornava-se fluente e harmoniosa.

Hoffmann lia mal; quando chegava as passagens de mais effeito, assumia um tom guindado, e passeiava olhares prescrutadores sobre o auditorio, como para se assegurar que era comprehendido.

Difficultosamente se ligava amisade com este homem excentrico, mas tambem não era facil rompel-a, porque elle queria muito aos seus amigos. Não gostava da sociedade das mulheres, principalmente *des femmes savantes*, que o faziam sair, inclusivamente, dos limites prescriptos pela civilidade ao mau humor. Se alguma *dama-autor* tinha a desgraça de vir sentar-se ao pé d'elle, á mesa, e começava a dirigir-lhe a palavra, Hoffmann pegava no seu talher, e ia sentar-se na extremidade opposta. Quanto aos

homens, dava a preferencia aos que o divertiam, isto é, aos que contavam anecdotas com chiste, aos falladores de imaginação viva, e tambem áquelles que mostravam prazer em ouvir os seus arrazoados. Em sua casa, Hoffmann era por extremo amavel com as visitas; n'aquelle recinto supportava, com uma paciencia evangelica, todas as extravagancias e disparates, que o obrigariam a fugir em diversas circunstancias. O seu genio era assaz variavel; ás vezes a boa disposição de espirito levava-o até ao excesso da alegria; outras vezes o *spleen* arrastava-o a uma inconsolavel tristeza.

Hoffmann era constantemente dominado por uma idéa, que de alguma sorte explica a extravagancia das suas obras. Tinha a convicção profunda de *que o mal se occulta sempre atraz do bem*, ou, como elle dizia, *que o rabo do diabo se entremette em tudo*. Continuamente flagellado por presentimentos funestos, via em roda de si, quando escrevia, todas essas pavorosas figuras que apparecem nos seus romances e nos seus quadros: era tão forte a illusão, que chegava muitas vezes a acordar sua mulher, pelo meio da noite, pedindo-lhe que se sentasse a seu lado, e com os olhos abertos, emquanto elle trabalhava!... O homem que se ria das bombas á claridade do dia, tinha medo de sonhados phantasmas no silencio da noite. Extravagante aberração da natureza humana!

Poucos poetas teem existido tão identificados com os personagens das suas obras, como Hoffmann; quer pinte com energia as mais horrorosas scenas, quer folgue com as loucas creações das suas satyras e caricaturas. Este ente excepcional não tinha a menor predilecção pelas proprias obras, aonde as duas qualidades distinctivas do seu espirito se não reproduziam; d'este numero era o *Tanoeiro de Nuremberg*, avaliado por muitos como a sua melhor producção.

Hoffmann havia estudado os grandes poetas, mas não se occupava demasiado com a leitura, e importava-se muito pouco com as novidades litterarias da epoca. Buscava o objecto dos seus contos na propria imaginação, em velhas chronicas, ou nas observações da sociedade que frequentava. Despresava o juizo critico dos periodicos, e rara vez lia algum jornal. Só dos amigos apreciava as reflexões sobre as suas obras.

Deus não permittiu que o honrado conselheiro gosasse por muitos annos da felicidade domestica, e dos applausos dos seus admiradores. As miserias do passado tinham quebrado as suas forças. Aos quarenta annos começou a sentir ataques de paralysia nas extremidades; e depois, uma horrivel doença, o *tabes dorsalis*, veiu roubar aos seus amigos toda a esperança de o possuirem por muito tempo.

Durante cinco mezes soffreu Hoffmann uma agonia horrivel. No dia 24 de Janeiro de 1822, em que se celebrou pela ultima vez o anniversario do seu nascimento, ouviu elle citar a uma das pessoas que o rodeavam, este verso de Schiller:

«Não é a vida o melhor bem, decerto.»

E exclamou:

«Não! não!... Viver!!... Com tanto que se viva, pouco importam as condições!...»

O sensualista, que tanto saboreava o Tokai e o Johannisberg, o observador poetico da natureza, o caprichoso satyrico, o amigo dos homens de merito, sentia fugirem-lhe todos os seus gosos!

Prolongaram-lhe a vida por alguns dias, usando de um tratamento horrivel: o ferro em brasa applicado aos dois lados da columna vertebral. Quando Hitzig entrou no seu quarto, momentos depois da dolorosa operação, Hoffmann perguntou-lhe — se não sentia o cheiro de carne assada! — e começou a contar-lhe, detalhadamente, o processo de que usara o medico, concluindo por dizer — que o tinham *sellado*, para que não entrasse no paraiso como objecto de contrabando.

Emfim, no dia 25 de Junho do mesmo anno, tendo dito ao medico: — Vou ficar livre em pouco tempo, porque já não soffro... — deixou effectivamente de soffrer, inclinando a cabeça sobre o seio de sua inconsolavel esposa, e murmurando estas derradeiras palavras:

«É preciso pensar em Deus!»

Tinha quarenta e seis annos d'edade.

Toda a Alemanha o chorou; e a posteridade venera a sua memoria, como poeta, como pintor, como musico, como magistrado, como bom amigo, e como cidadão probo.

Paz ás suas cinzas.

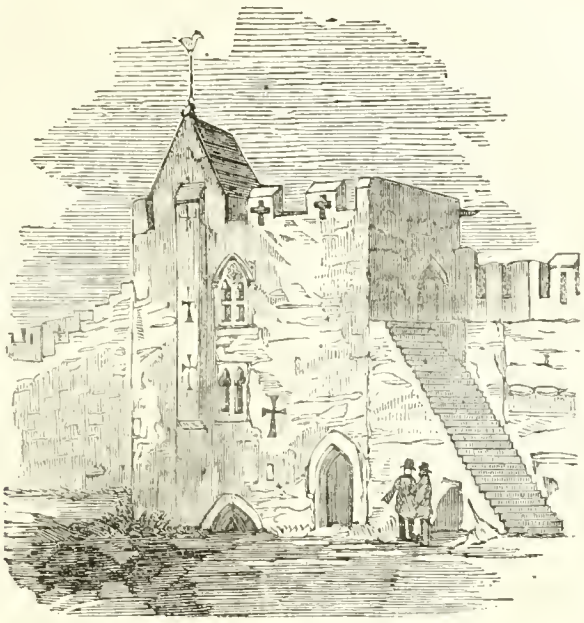
F. M. Bordalo.

TORRE DO CASTELLO DE ALNWICK.

Na pequena cidade de Alnwick em o Northumberland ha um castello memoravel na historia de Inglaterra. A nossa gravura mostra a torre da poterna, porta falsa ou postigo que é uma das dezeseis que flanqueiam a muralha do castello; a parte superior serve agora de museu de armas e armaduras antigas, e a inferior é um laboratorio.

O assedio mais notavel que o castello sustentou foi no reinado de Guilherme Rufo, sendo briosamente defendido por Mowbray, conde de Northumberland, contra o assalto dos Scotos commandados por Malcolmo III; estando, porém, a guarnição a ponto de render-se um soldado raso tentou livral-a. Saiu fora armado e a cavallo, levando as chaves da fortaleza penduradas da sua lança, e apresentou-se ao rei em postura supplicante como para entregar-lhe as chaves; Malcolmo adiantou-se a recebel-as e o soldado lhe jogou um bote de lança direito ao coração. O soberano caiu redondamente morto; o soldado aproveitando a confusão que se seguiu,

arremetteu á corrente do rio que ia muito caudaloso, e atravessando-o alcançou a salvo a fortaleza. O principe Eduardo, primogenito do rei, avançando temeraria e precipitadamente para tirar vingança da morte do pae, caiu tambem mortalmente ferido, e falhou a empresa. A tradição deu ao soldado audaz o nome de Hammond, e o sitio onde elle passou o rio, junto da ponte que existe hoje, é chamado «o vau de Hammond.» M.



TORRE DO CASTELLO DE ALNWICK.

ESTUDO CRITICO.

FAZER FORTUNA

DRAMA ORIGINAL EM 5 ACTOS

POR

ANTONIO DE LACERDA.

Conclusão. *

VII

Au siècle où nous vivons, l'horison de l'art est bien elargi. Autrefois le poete disait : le public; aujourdhui le poete dit : le peuple.

V. Hugo — Préface de «Angelo.»

Traçado, ainda que pobremente, e com defeituosas linhas, o enredo e urdidura do drama — *Fazer fortuna*, — cumpre-nos agora, segundo promettemos, dizer a nossa opinião sobre a idéa que presidiu á sua composição, o modo porque foi desinvolvida e os instrumentos que obtiveram este resultado. Em resumo: *escrever-lhe a critica*, phrase que bem nos custou a proferir; porque sabemos quantas inimisades mesquinhas, ou despeitos, mais mesquinhos ainda, acobertados com a ridicula pretenção de conselho e tutoria não pedidos, nem desejados, veem ahi para a imprensa, alardeando justiças, traduzir desforras, ou servir compadres.

(*) Do num. 52 do vol. antecedente.

Todavia, quem escreve este estudo, posto que longe de se suppor isempto de parcialidade, está convencido de que hade trilhar sempre estrada opposta. Na grande praça da publicidade ha logar para todos. Grandes vultos e intelligencias minimas todos ahi podem contar com um sitio, onde desassombrados recebam a animadora luz do grande sol da inspiração; e se alguns ha, que apesar dos seus esforços todos, tiritam de frio, e sentem gelar-se-lhes o sangue, não é porque a projecção visinha os involva em trevas, mas porque a frieza propria é tão intensa, que resiste a qualquer calor, por mais forte que seja, como as suas intelligencias resistem e se oppõem á comprehensão de qualquer idéa, por mais simples de natureza.

Vivam embora como melhor lhes aprouver. Contentem-se com a sua pequenez, ou, imitando o cego que negava as côres, reajam impotentemente contra o crescimento alheio que os acobarda; que não seremos nós quem os arranque a uma illusão tão doce, nem lhes procure converter o transviado animo.

Outro assumpto nos prende, e esse bem ou mal, agrade ou não a quem quer que seja, leval-o-hemos ao cabo como pudermos; não sem tropeçar repetidas vezes no caminho, mas orgulhosos ao menos por não pedir a cyreneo algum, por mais pintado que elle fôr, accrescimo de forças, para a conclusão do nosso trabalho.

Toda a composição dramatica, mais que ne-

nhuma outra, exige a demonstração de um principio, ou o desinvolvimento de uma idéa, que seja como um coração de que o corpo todo tire sangue, ou como um cerebro que lhe dê sentimento e acção.

Tirem-lh'o e desapparecerá o drama. Sem o pensamento originario, primitivo, radical de todo o contexto, origem de qualquer peripecia, poder-se-ha escrever tudo, menos uma obra, que satisfaça ás condições theatraes e ás exigencias das platéas. A pintura terá chiste e graça como uma composição de Hogart; terá critica e verdade como uma satyra de Boileau, terá amenidade e mimo como uma virgem de Raphael, se tanto quizerem; mas faltar-lhe-ha o que n'estas concepções todas excite, a conclusão final, a inducção requerida dos principios apresentados, a resolução do problema, o pensamento moral que Lafontaine tirava mesmo das suas fabulas todas, posto que despretenciosas em si, e singelas no seu correr.

Difficilmente se tornará a escrever um livro em que a mais fina critica, a maior ligeireza de toques, a suprema perfeição de desenho se liguem á maxima correcção de phrase e á maior elegancia de estylo, como a — Voyage autour de ma chambre — de Xavier de Maistre: e todavia se d'ali se pretendesse deduzir uma comedia em tres ou mais actos, o trabalho seria sobre esteril impossivel, o successo desastrosissimo, e o abandono geral o premio de similhantes porfias.

O celebre — Que est ce que cela prouve? — do mathematico distincto proferido tantas vezes pelos centenares de espectadores, que a novidade do titulo attrahe aos theatros, explica bem o desamparo da scena portugueza: na tenacidade de proposito, com que se pretende costumar o gosto de muitos ás inclinações de poucos, quem sabe se os melhor esclarecidos, está a causa dos dissabores a que se subjeitam os sectarios de uma escola, se o é, que não apraz, nem interessa os frequentadores dos theatros.

Os homens que se sentam nos bancos das platéas desejam, que lhes acatem as preferencias, como os que vão pela primeira vez a casas alheias estimam, que acquiesçam aos seus desejos; uns e outros, se são contrariados, abandonam a casa e o theatro; e diga-se o que se quizer, a comedia ou o drama em que a palavra simplesmente substitue a acção, e o dialogo não accidentado suppre a peripecia, não são do gosto do publico, nem podem convidal-o á comparencia.

Molière consultando Laforêt deixou sobeja lição aos seus seguidores nas lides theatraes. O illustre escriptor tinha comprehendido, havia muito, que uma composição dramatica destinada unica e exclusivamente a deliciar um serão litterario, ou a enlevar um concurso de homens de lettras, seja embora um primor d'arte, traje imponente de grandeza as vestes roçagantes da tragedia grega, ou a airosa tunica da comedia, se não tivesse a *approvação suprema* d'esse tribunal tremendo, que se chama — o publico, — poderia fazer pasmar as gerações futuras apregoando o talento do seu autor; poderia figurar com honra nas prateleiras de uma bibliotheca ou sobre a mesa de um gabinete de leitura; mas não conseguiria nunca esse viver especial, ephemero talvez como ás trevas da noite, que um raio de sol do seguinte dia dissipa, fascinante e mentiroso embora como as scenas do theatro, mas o unico e exclusivo, que deve levar em vista o homem que procura apresentar a sua idéa ás turbas agrupadas e pendentes da sua palavra, e que deseja não ver o antojo apoderar-se da assembléa, nem os regelos das solidões arrefecer-lhe os commettimentos dos seus trabalhos.

Se o orador, que muitas vezes se acha incendido pelo fogo sagrado do genio, alquebrado pelas fadigas e pelo estudo, illuminado pelo resplendor da complacencia publica, procura ainda captar e prender a attenção ou as tendencias de seus ouvintes, e fallando-lhe a energica linguagem dos affectos busca leval-os apoz de si, tratando de sentir e de animar-se para lhes communicar sentimento e animação; se todos os que aspiram á publicidade se curvam perante a vontade soberana do publico, que por si, e só por si, construe e derruba reputações, para que hade o autor dramatico por um systema especial impor-se ás maiorias, e do alto do seu throno mais ou menos seguro paraphrasear o dito historico de Luiz XIV clamando: — o gosto, o genero, a arte, a litteratura, a sciencia e o mundo sou eu.

A resposta levou alguns annos a escrever; todavia mais tarde ao som dos canhões e ao estridor do desabar de um throno de seculos, o povo gravava nas ruinas da Bastilha, em réplica vehemente ao amante de madame Maintenon, esta antiphrase solemne: — o estado e o poder sou eu.

Quem sabe se o publico, trabalhando todos os dias na resposta, lhe escreverá um dia a ultima palavra abandonando o theatro de todo aos amadores do genero? Quem sabe se então uma geração nova, surgindo como em 89, sem se saber d'onde, lançará por terra os thronos quasi caducos dos reis do theatro?...

Mas cedendo a uma pecha maldita iamo-nos afastando insensivelmente do ponto principal; iamos escrevendo uma critica litteraria socialista ou humanitaria, que decerto nos viria acarretar maldições bem merecidas dos criticos das criticas. Uma vez em caminho as tendencias levavam-nos para o trilho preferido, e depois vernos-hiamos obrigados a retroceder, sem o que, attribuindo-nos intenções que não tivemos, irnos-hiam considerar um propagador de certas doutrinas, e que por já terem produzido aos que as professavam o mais que lhes poderiam produzir, se deixam para um canto, como uma farda velha que se envergou outr'ora para dar maior luzimento e valor á pessoa que a trajava, e que se expunha em almoeda.

Fazer fortuna tem um grande pensamento fundamental, a condemnação da escravatura, que se desinvolve e prova pelo modo e systema que aproximadamente deixámos ver no decurso d'este trabalho. Um dos mais vastos e propicios acha-se ahi tratado pela melhor forma que seria para desejar, attendendo ás dimensões de uma composição dramatica.

Baseado em antagonismos e antinomias, o autor pinta-nos primeiro o quadro de felicidade, que desvairadas ambições hãode annuvear em breve; leva-nos depois a presencear os horrores e infamias todas d'esse trafico inhumano, e quando nos tem carregado essas perspectivas hediondas, reconduz-nos ao ponto d'onde tinhamos partido, e faz-nos sentir as tristes consequencias da emigração por desejos de riquezas, na transmutação e mudança das alegrias e socegos em inquietações e tristezas.

Deixaremos em paz os preceitos da arte antiga sobre unidade de logar e tempo, tantas vezes citados fora de proposito, e tantas vezes calcados pelos que se dizem maiores veneradores seus. Para nos a unidade de logar acha-se conservada. Os tres actos intermedios são como a narração animada d'aquelles horrores e desventuras feita por um personagem qualquer, venerando pelos conhecimentos e pela edade. São, permitta-se-nos a phrase, a palavra em movimento, o discurso em acção; como um sonho, ou uma visão, que sobreviesse a Emilia no momento de abandonar a casa paterna.

Assim corre naturalmente o drama em todo o seguimento. O desenlace é preparado pouco a pouco, e de forma que se a arte e o effeito scenico ganham immenso, a logica e a naturalidade nada perdem. Tudo está calculado, não ha precipitação nem demora; o andamento é regular sempre, combinado e perfeitamente deduzido

Quando se censurou no *Fazer fortuna* a pouca rasoabilidade do abandono da casa paterna da parte de Emilia, levou-se mais em vista exercer rigores mal cabidos e pouco legitimados, do que fazer justiça. A ambição, talvez de todos os sentimentos o que a maiores loucuras nos leva, que attingindo o immenso e o sublime em Napoleão e em Alexandre os obriga a derramar o sangue a torrentes, e a destruir milhões de homens; ou confrangendo-se nas acanhadas proporções do ridiculo em Empedocles impelle a commettimentos sobre loucos infructiferos; a ambição, aquentada e favorecida pela pessoa, que maior dominio exercia sobre a protogonista, tirando d'essa pessoa mesmo o apoio de um exemplo palpitante e concludente; a ambição, germinando aquecida pelos ardores desenfreados de uma imaginação exaltada, será porventura motor de menos força do que o amor ou o ciume, que tantas vezes afastam dos lares paternos os animos superexcitados que os abrigam e recolhem?

Ninguem de boa fé o poderá contestar; a ambição, que das paginas da historia (talvez nem uma só deixe de lhe servir) tira argumentos em favor da sua força, só pode ser combatida por um outro sentimento de egual alcance se não superior; mas esse, o amor, que de má fé ou por ignorancia se disse dever ligar Emilia á casa paterna, era o que na verdade não existia.

Emilia não cuidava nos requebros de Manuel; uma ou outra vez, se para elle se voltava, era quando, bem natural estimulo em mulheres, se sentia preferida, e soffria quebra no amor proprio ao ver o seu arrojado mostrando alguma predilecção por sua irmã mais nova. Fora d'isso coração e alma tinha-os ella de gelo, para que bem verdadeiro lhe fosse o caracter, e para que se conhecesse bem na obra do poeta a reproducção de tantos outros vultos que os annaes das nações conservam, onde a ambição, creando raizes e desinvolvendo-se á larga, abafa e destroe qualquer outro sentir, que porventura procurasse crescer-lhe ao lado.

É ao que não attenderam os criticos, que não são elles homens que attendam a similhantes bagatellas, e como de costume desfeiaram a composição com defeitos, que só provinham da sua cabeça, e se não devoraram, como Saturno, os proprios filhos, trataram pelo menos bastante de os flagellar e corrigir.

Não é este o defeito do drama. Tem-n'os elle, porém de tal natureza, que por insignificantes mal se apercebem, nem são para se mencionar, quando as bellezas os occultam pelo seu numero e magnitude.

O desenho dos caracteres é talvez uma das perfeições da composição, e que outro não fôra, o de Berenyce erguendo-se superior, com a magestade dos grandes vultos da tragedia, valeria por si só um titulo de mestre ao poeta que o creou.

Largo de mais vae este trabalho; a indole da publicação em que tem apparecido não se presta a maiores desinvolvimentos. Concluil-o-hemos pois pedindo ao autor, malqueiram-nos embora os criticos, nos dê muitas composições d'esta ordem, para que nós, os que não vemos as obras dramaticas de tão alto, possamos estudar e aprender.

R. Paganino.

SAUDADES.

. . . . . É quanto pode
Do desterro enviar-te um pobre filho
A. Herculano.

Ó minha formosa terra,
Terra do meu coração!
Logares da minha infancia,
Minha pobre habitação!
É por vós esta saudade,
Esta dôr, esta anciedade,
Que faz meu peito estalar!
É por vós que eu amo tanto,
Que sinto correr meu pranto,
Sem uma esp'rança gosar!...

Sois vós a terra encantada,
Dos meus sonhos infantis!
A mais bella, a mais formosa
Das terras do meu paiz!
Ai! de quantas alegrias,
Eu gosava n'esses dias,
Que tão cedo vi passar!
Quando ainda não pensava,
Que os logares que adorava
Eu havia abandonar!...

Deixei-os!... oh! quem me dera
Esquecer idéa tal!
Quem olvidar-te pudera
Ó minha terra natal!
Que não havia o tormento,
Que sinto n'este momento,
Meu peito dilacerar!
Esta dôr egual á vaga,
Que incessante a praia alaga
Sem nunca poder findar!...

Foram tempos bem ditosos
Os que outr'ora ali gosei!
Foram dias venturosos,
Que não mais olvidarei!
Quando a vida ali passava
Nem sequer imaginava,
Que existisse o padecer!
Mas ha muito estava escripto
O meu destino maldito,
Para um dia inda soffrer!...

Que me importam os prazeres
Que esta terra em si contém,
Se estancar elles não podem
O pranto que aos olhos vem!
Se eu trocara essa grandeza,
Esplendor, luxo e riqueza,
Que ante mim vejo passar,
Por essa aldêa isolada,
Onde em rustica morada
Vi a infancia deslisar!...

É aqui mui bella a lua,
É formosa a noite aqui;
Mas ainda é mais formosa
Lá na terra onde nasci!
Aqui brilhantes estrellas,
Sempre puras, sempre bellas,
Lá no ceo a scintillar;
Mas o ceo da minha terra,
Outros encantos encerra,
Que eu não posso aqui achar!...

Mil flores aqui se encontram
Em variado jardim!
Todas ellas são mui lindas,
Mas não as quero p'ra mim!
Todas tem varios odores,
Seduzem as suas côres,
Seu delicado matiz!
Mas as flores que eu lá via,
Achava-lhes mais valia,
Tornavam-me mais feliz!...

Ó minha formosa terra,
Terra do meu coração,
Logares da minha infancia,
Minha pobre habitação!
Possa um dia ainda ver-vos,
Minha vida offerecer-vos,
Meus dias ahi findar!
Possa eu ter a ventura,
D'encontrar a sepultura,
Onde o berço fui achar!...

J. A. X. DE MAGALHÃES.

MEISSEN, E A INVENÇÃO DA PORCELANA.

Meissen é uma cidade da Saxonia Superior, na provincia da Misnia, da qual foi capital. Foi erigida em bispado no anno de 952, e Buchardo, capellão do imperador Othon, foi o seu primeiro prelado. Foi primitivamente cidade do bispo, e passou depois a sel-o do eleitor de Saxonia.

Entre as suas poucas raridades de que um escriptor nosso falla nas *Memorias das suas viagens*, vem a seguinte, a que verdadeiramente podiamos chamar uma extravagancia:—«Se não é praça fechada Meissen, tinha as portas fechadas quando aqui cheguei; porém abriram-se umas para entrar, e outras para sair ao toque da corneta do postilhão. Não foi possivel informar-me d'esta ceremonia, porém é coisa mui digna de riso ver abrir estas portas por um soldado descalço, e em camisa, que faz a guarda dormindo na cama. Parece-me um moço de mulas abrindo a porta de uma cocheira, nem mais nem menos.»

Effectivamente este inusado modo de metter sentinella não depõe muito em favor do serviço militar da guarnição de Meissen, e a cidade saxonia seria olhada com despreso pelos rigoristas da disciplina marcial, se ella não tivera um titulo especial á consideração dos homens de commercio. É a sua fabrica de loiça de porcelana, cuja bondade de pintura, e excellente invenção de a doirar, lhe dá preferencia á do Japão. Deveu-se esta notavel fabrica á direcção de um certo alchimista, que depois de enganar a muitos fez crer em Polonia, que elle tinha o verdadeiro segredo de converter em oiro todos os metaes. O rei para se segurar da sua pessoa o mandou encerrar no castello de Kunigstein, a tres milhas de Dresde; porem o alchimista, em logar de fazer ali o oiro solido que promettia, inventou a fragil porcelana, que não deixa de satisfazer de alguma sorte ao seu empenho, pois que pelo grande commercio que com ella se faz entra quantidade de oiro no paiz.

O vaidoso nunca chegará a ser sabio; mas muitos sabios chegam a ser vaidosos.

ASYLO EM BLACKHEATH.

Mudou-se para novo edificio expressamente construido em Blackheath o asylo com suas escolas para os filhos e orphãos dos missionarios inglezes.

A architectura da nova casa é no estylo e gosto do seculo XIII. O plano geral consta de um corpo central e dois lateraes. O material empregado foi dos melhores tijolos do Kent, e os angulos e revestimentos das portas e janellas de pedra de Bath; os tectos são altos, de duas aguas, correndo em todo o comprimento uma serie de trapeiras que lhe dão realce e um aspecto singular, e do centro dos mesmos levanta-se uma torrinha ou campanario alto, ordenado para a garrida ou sineta das escolas, e ao mesmo tempo para ventilar todo o edificio.

No pavimento inferior ha espaçosos logares cobertos para as recreações dos alumnos no inverno ou tempo chuvoso; no andar terreo estão as aulas, as classes, casas de jantar, e sala de visitas; e no andar superior os quartos de cama e de lavatorio com aposentos para o reitor e

a regente. Ha para todos facil accesso por meio de escadas de pedra e corredores largos, tambem de pedra, para salvação em caso de incendio. Attendeu-se muito a facilitar a luz e a ventilação, e a obra é construida com segurança. Celebrou-se a inauguração em 25 de Novembro do anno passado. M.

IMPRENSA PERIODICA FRANCEZA.

I

Entre as diversas materias de que se tem occupado esta encyclopedia, denominada *Panorama*, não podia nem devia deixar de ter logar a origem das *Gazetas*, essa poderosa alavanca que, nascendo humilde como os mais remotos troncos de todas as altas estirpes, se foi successivamente nobilitando, e empunha hoje o sceptro da opinião em ambos os mundos.

Logo no primeiro volume d'este semanario se fallou largamente dos *Acta Diurna* romanos; e no segundo se deu noticia das gazetas chinezas, dos periodicos manuscriptos de Veneza, e emfim dos jornaes impressos das nações modernas, inclusivè dos portuguezes, que, segundo ali se demonstra, não começaram muito depois dos francezes e inglezes, se é que os não precederam, como suppõe, com fundamento, o esclarecido João Pedro Ribeiro.

Menos competentes do que os distinctos escriptores que trataram do assumpto, vamos, comtudo, invocando o auxilio de respeitaveis autores, e com especialidade o de mr. Edmond Texier, traçar em rapido bosquejo a historia da imprensa periodica de França.

O nome de *gazeta* dado ás publicações periodicas foi importado de Veneza, aonde, no principio do seculo XVII, appareceu um jornal, por cuja leitura se pagava uma pequena moeda d'aquella denominação.

No primeiro d'Abril de 1631 saiu á luz a primeira gazeta franceza, publicada por Théophraste Renaudot, medico do rei; e parece que Luiz XIII escrevia tambem para este primeiro jornal do seu reino!... Apparecia uma vez por semana, constando de oito paginas de quarto, e dividida em duas partes, sob os titulos de *Gazeta*, e *Noticias ordinarias de differentes localidades*.

A *Gazeta de França*, publicada ainda em nossos dias, é a continuação da folha semanal de Renaudot; ella, o *Mercurio* e o *Jornal de Paris*, constituiam, quasi exclusivamente, a imprensa periodica de França até ao tempo da revolução.

Em 1665 começou a publicar-se o celebre *Journal des Savants*, cujo anniversario é sempre festejado em Paris. Outras folhas litterarias seguiram successivamente a orbita d'este brilhante planeta.

Quem não conhece a *Revista dos dois mundos*, a *Illustração*, a *Semana*, a *Moda*, o *Universo*, o *Amigo da Religião*, o *Jornal dos Economistas*, o *Conselheiro do povo* (de Lamartine), o *Mosqueteiro* (de Alexandre Dumas), o *Novo mundo* (de Luiz Blanc)? Não fallamos de muitas outras folhas litterarias, que nem mesmo em França são conhecidas.

Voltemos, porém, á *Gazeta de França*, que sobreviven á revolução de 1789, e que chegou até nós.

Grande foi o espanto e o terror do herdeiro do sr. Theophrasto, quando se promulgou a liberdade de imprensa, e viu em roda de si um cento de rivaes a disputar-lhe o privilegio exclusivo, de que os seus gosavam havia cento e cincoenta annos!

Todavia, a *Gazeta de França* luton corajosamente contra a concorrencia, e a datar do primeiro de Maio de 1792 appareceu todos os dias. Tres mezes depois, accrescentou o formato, escreveu na sua frente as palavras — liberdade e egualdade — e tomou o nome de *Gazeta nacional de França*.

Em Dezembro do mesmo anno, lê-se pela primeira vez no topo d'esta folha a phrase sacramental, seguida até hoje por todos os periodicos: «Roga-se aos srs. subscriptores, cuja assignatura acaba no ultimo do anno, etc.»

E a *Gazeta* declara que admitte annuncios, correspondencias e communicados, em um supplemento do jornal; e começa a publicar os annuncios dos espectaculos.

No tempo de Luiz XV a *Gazeta de França* não julgava simplesmente limitada a sua missão a satisfazer a curiosidade publica; tinha pretenções a uma obra historica, a um archivo de successos e de datas; porém a revolução surprehendeu-a no meio d'este sonho doirado; desthronou-a; nivelou-a com a chusma dos novos jornaes; e a pobre *Gazeta*, depois de tenaz resistencia, resolveu-se a bradar, com a multidão, no dia 22 de Janeiro de 1793: — Morreu o tyranno!

A imprensa periodica do seculo XIX completou a obra dos philosophos do seculo anterior. Ainda antes que este acabasse, apenas convocados os Estados geraes, innumeros periodicos appareceram em França, possuidos do enthusiasmo da epoca, que lhe communicavam os seus redactores.

Mr. Eugene Hatin, na sua *Historia do jornal em França*, dá-nos a seguinte lista das principaes folhas periodicas d'esse tempo de agitação.

Appareceu primeiro o *Correio de Provença;* e em seguida o *Jornal dos Estados geraes;* o *Boletim das sessões* da mesma assembléa, por Maret, mais tarde duque de Bassano; a *Aurora;* os *Evangelistas do dia;* o *Patriota francez*, por Brissot; o *Correio de Versailles a Paris;* as *Revoluções de Paris*, por Prudhomme e outros; os *Annaes da Revolução*, tornados depois em *Jornal da municipalidade e dos districtos;* o *Observador;* a *Chronica de Paris*, por Condorcet e outros; o *Publicista parisiense* ou *Amigo do povo*, famosa publicação de Marat; os *Actos dos Apostolos*, a que se oppoz o *Discipulo dos Apostolos;* o *Jornal geral da côrte e da cidade;* o *Jornal universal*, de

Audouin; o *Jornal da cidade e das provincias*, por Fontanes; os *Annaes patrioticos e litterarios;* as *Revoluções de França e do Brabante*, por Camillo Desmoulins; o *Orador do povo*, por Freron; a *Gazeta universal;* o *Mercurio nacional;* a *Chronica da astucia;* a *Assembléa nacional;* a *Bocca de ferro*, do abbade Fauchet; o *Amigo do rei;* o *Amigo dos cidadãos;* o *Jornal de Luiz* XVI *e do seu povo;* o *Jornal da Sociedade de* 1789, por Condorcet, Dupont de Nemours, Pastoret, André Chenier, etc.; e mais duzentas folhas periodicas, das quaes duas ainda hoje continuam a sua tarefa: o *Jornal dos debates e decretos*, fundado por Barère e Louvet; e a *Gazeta nacional* ou *Monitor universal*, cujo primeiro numero saiu á luz a 24 de novembro de 1789. Occupar-nos-hemos mais de espaço com estes velhos lidadores da imprensa franceza.

Ainda depois appareceu a *Quotidiana*, jornal tantas vezes perseguido; o *Republicano*, que mudou de nome muitas vezes, como aquelle, e por identico motivo; o *Boletim dos amigos da verdade*, publicado pelos girondinos; o *Novellista;* o *Jornal da Montanha*, orgão dos jacobinos; o *Velho franciscano*, por Camillo Desmoulins; o *Tribuno do povo;* o *Conservador;* o *Memorial historico, politico e litterario*, por La Harpe, Vauxelles e Fontanes; e muitos outros viram a luz da imprensa, desde 1791 até 17 de Janeiro de 1800, que o consulado reduziu a treze o numero dos jornaes, cuja publicação era permittida no departamento do Sena; a saber: o *Monitor* (Admoestador); o *Jornal dos Debates;* o *Jornal de Paris;* o *Bem-informado;* o *Publicista;* o *Amigo das Leis;* a *Chave do gabinete dos soberanos;* o *Cidadão francez;* a *Gazeta de França;* o *Jornal dos homens livres;* o *Jornal da tarde;* o *Jornal dos defensores da patria*, e a *Decada philosophica*.

Depois da restauração, a *Gazeta de França* tornou-se ministerial, e em 1830 declarou-se contra a revolução de Julho e a dynastia de Orleans, o que lhe custou muitos milhares de francos de multas, apoz innumeros processos por abuso de liberdade de imprensa.

O *Monitor*, inflexivel como o destino, registra, com o mesmo sangue frio, os actos de todos os governos que se tem succedido em França, ha cincoenta annos! Os fundadores d'este jornal foram Sauvo, seu redactor em chefe até 1810, e Maret, duque de Bassano. Os papeis do primeiro, que morreu ha poucos annos, só serão abertos d'aqui a meio seculo, segundo uma determinação governativa. Foi homem da situação, este caro sr. Sauvo, com a assembléa constituinte, com a legislativa, a convenção, o directorio, o consulado, o imperio, a restauração, os cem-dias, a segunda restauração e o governo de Julho! Mr. Grun, que o substituiu, continuou em serena paz com o governo provisorio, a presidencia da republica e o novo imperio. O verdadeiro redactor em chefe do *Monitor* é o governo.

O *Jornal dos Debates*, fundado no mesmo anno de 1789, passou a ser propriedade dos srs. Bertin, em 1800, e na sua familia tem continuado até hoje.

Por occasião da coroação de Bonaparte, esta folha passou a denominar-se *Jornal do Imperio*; pela queda de Napoleão voltou ao seu primeiro titulo, que tornou a largar nos *cem-dias*, e retomou á segunda entrada dos Bourbons em Paris.

Este conhecido periodico tem por mais d'uma vez mudado de politica, como de titulo. Ouçamos como o avalia mr. Edmond Texier, nos seguintes extractos:

«O *Jornal dos Debates* nunca foi, em sua longa carreira, nem o cavalleiro errante de um systema, nem o paladino de uma idéa. Nunca se arriscou ao perigo de defender theorias, mas tambem jámais se enfeudou completamente ao ministerio que defende. Chamavam-lhe jornal ministerial, no tempo da monarchia, o que não era exacto. A folha ministerial é o instrumento servil de um gabinete, é o pilar aonde se affixa o pensamento do ministerio, é o prego aonde a administração pendura o seu systema. O jornal ministerial não tem opinião propria, não pertence a si mesmo, anda á vontade de um ou de muitos homens; porém, o *Jornal dos Debates* nunca representou esse papel de subalterno. Pode mesmo dizer-se que elle não tem servido, mas sim protegido os gabinetes. Nunca prestou o apoio da sua influencia a nenhuma administração, sem haver discutido o seu programma e apresentado as suas condições; e tanto isto é verdade que mr. Guizot tentou libertar-se do protectorado do *grande jornal*. O *Globo* e a *Epoca* foram fundados para contrabalançar a influencia dominadora do *Jornal dos Debates*.

«A imprensa da opposição adoptou um tal habito de chamar a este jornal ministerial e vendido, e isto pelo espaço de vinte annos, que hoje tomar-se-ha como um paradoxo a affirmativa de que o *Jornal dos Debates* tem provado, por muitas vezes, uma certa independencia.

O *Jornal dos Debates* não abandonou jámais a questão da liberdade de imprensa; nem a causa da Polonia contra o czar, a quem o gabinete das Tuillerias cortejava; applaudiu as generosas reformas de Pio IX, as boas intenções de Carlos Alberto, e bradou desassombrado a favor da liberdade italiana.

A parte das noticias estrangeiras n'esta folha é sempre bem desinvolvida, e alheia a pequenas considerações de côrte ou de partido. Na collecção do *Jornal dos Debates* encontra-se toda a moderna historia da Europa.

Nas suas columnas escreveram successivamente Napoleão, Chateaubriand, Lainé, Bonald, Camille Jordan, Martignac, Casimir Périer, Royer-Collard, Guizot, Thiers, Cousin, Salvandy, Villemain, Saint-Marc Girardin, Michel Chevalier, Berlioz, Jules Janin, e ainda hoje escrevem outros distinctos litteratos e politicos.

Depois de havermos dado noticia d'estes decanos da imprensa franceza, vamos lançar um

rapido volver d'olhos sobre o jornalismo parisiense da actualidade, isto é, sobre aquella parte que merece as honras da analyse.

(Continúa.) B.

VIAGENS AO HEMISPHERIO AUSTRAL.

(ATÉ Á EPOCA DA DO CAPITÃO COOK.)

O portuguez Fernando de Magalhães foi o primeiro que atravessou o mar Pacifico.

Largando de Hespanha, com cinco embarcações, a 10 de Abril de 1519, descobriu o estreito que d'elle tomou nome; e foi no dia 27 de Novembro que entrou no mar do sul.

Descobriu n'este mar duas ilhas deshabitadas.

Passando depois a linha encontrou a ilha dos Ladrões, e avançou para as Philippinas.

N'uma d'estas ilhas foi morto, entrando n'uma escaramuça com os naturaes do paiz.

Victoria era o nome da embarcação em que este famoso descobridor deu volta em roda do mundo, e foi tambem este navio o unico da sua esquadra, que levou a cabo tão famosa empresa.

O caminho descoberto por Magalhães não deixou de ser trilhado successivamente por portuguezes e hespanhoes. A America do oeste foi explorada por estos intrepidos navegantes muitos annos antes de Alvaro Mendanha de Neyra, no anno de 1595.

As noticias que ha d'aquellas descobertas são vagas: em geral sabe-se que exploraram a Nova Guiné, as ilhas de Salomão, e muitas outras. Sobre a posição das ilhas de Salomão differem os autores em geral. Ha probabilidade de que seja o grupo das que depois se chamaram Nova Bretanha, Nova Irlanda, etc.

Foi com intentos de reconhecer estas ilhas que Mendanha deu á vela de Calais. Descobriu as Marquezas, a ilha de S. Bernardo, que foi denominada do Perigo pelo comodoro Byron, e as ilhas Solitaria e Santa Cruz, á qual Carteret chama d'Egmont.

N'esta ultima morreu Mendanha, e a maior parte dos seus companheiros. Levava elle por primeiro piloto a Pedro Fernandes de Quirós, que conduziu para a Manilha os restos d'esta expedição.

Foi depois encarregado este mesmo Quirós do descobrimento do continente austral, e hoje parece ter sido elle o primeiro europeu que conceben tal idéa.

Saiu de Calais em 21 de Dezembro de 1605 como piloto de duas naus e um patacho, commandadas por Luiz Paz de Torres. Em Janeiro do anno seguinte descobriram a terra, que parece ser a mesma a que Carteret deu nome de ilha Pitcairn. Foram até á bahia de S. Filippe e S. Thiago na ilha do Espirito Santo, e ao sair d'aqui a expedição dividiu-se indo Quirós para a Nova Hespanha, depois de soffrer muito por falta de provisões, e Torres descaindo para oeste foi o primeiro que navegou entre a Nova Hollanda e a Nova Guiné.

Em 1615 seguiram-se as expedições de Maire e Schouten aos mares do sul. Deram de vela de Taxal em 14 de Junho com duas embarcações, uma das quaes se incendiou no porto Desejado. Foram elles os descobridores do estreito Le Maire, e os primeiros que entraram no mar Pacifico pelo cabo de Horn.

Descobriram tambem as ilhas dos Cães, de Sonde-Grondt, de Waterland, das Moscas, dos Traidores, dos Côcos, da Esperança, e de Horn. Chegaram á Batavia em Outubro de 1616, seguindo a costa septentrional da Nova Bretanha e Nova Guiné.

D'este anno até 1642, excepto algumas descobertas nas costas occidentaes e septentrionaes da Nova Hollanda, não houve nenhuma expedição importante. Foi então que partiu de Batavia o capitão Tasman, com dois vasos da companhia hollandeza, e descobriu a terra de Van Diemen, parte da costa occidental da Nova Zellandia, e as ilhas dos Amigos e do Principe Guilherme.

John Strong de Farewell descobriu em 1689 a Virginia ou Maiden-Land-de-Hawkins, assim chamada por Hawkins, que foi o primeiro que a viu em 1594.

Farewell reconheceu que esta terra se dividia em duas ilhas, e atravessou o estreito que as separa, dando a esse estreito o nome de Fakland. Este nome estendeu-se depois ás duas ilhas. Parece que esta terra era conhecida com o nome de Pepys.

Antonio da Rocha, mercador inglez, voltava do mar Pacifico em Abril de 1675 quando, impellido pelos ventos e correntes para éste do estreito de Le Maire, encontrou uma costa, a qual o capitão Cook entende ser a mesma a que elle depois denominou ilha Georgia. Largando d'aquella terra para o norte, Rocha descobriu outra ilha, aos 45° de latitude sul, com um excellente porto na parte oriental, e muito provida de boa agua e excellente pescaria.

Halley, famoso astronomo que em 1699 foi encarregado de varias observações n'aquelles mares, não descobriu nenhuma terra austral.

Em 1721 os hollandezes equiparam duas embarcações para tentar varias descobertas nos mesmos mares. Roggeveen, que as commandava, saiu de Texel em 21 de Agosto, e torneando o cabo de Horn descobriu a ilha da Paschoa, que Davis já tinha visto, mas não reconhecido. Alem d'esta apareceu muitas ilhas, que se suppõem as mesmas descobertas depois por outros navegantes inglezes. Entre estas se contam as de Baumen e outra, a que Bougain ille depois deu nome de ilhas dos Navegantes.

A companhia franceza das Indias orientaes apparelhou tambem em 1738 duas embarcações, cujo commando entregou a Bouvet, para seguir nas descobertas do oceano Atlantico meridional.

Em Janeiro de 1739 deu vista de terra. Cook

fez depois muitas tentativas para a encontrar, e não o conseguindo suppõe este navegante, que a descoberta de Bouvet não passou d'alguma ilha de gelo.

Byron principiou em 1764 as suas empresas no hemispherio austral. Em Junho d'esse anno entrando pelo estreito de Magalhães no mar do sul descobriu as ilhas da Desillusão, Jorge, Principe de Galles, Perigo, York e Byron.

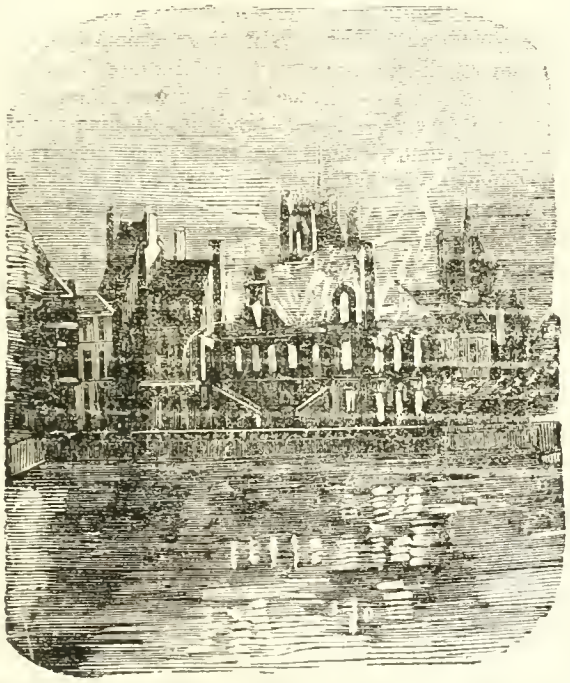
Wallis e Carteret seguiram-no em 1766. Separaram-se estes dois officiaes no grande mar do sul. Wallis descobriu as ilhas de Pentecostes, Rainha Carlota, d'Egmont, do Duque de Glocester, do Duque de Cumberland, de Maitea, de O-Taiti, É-Iméo, Tapamanou, How, Scilly, Boscawen, Keppel, e Wallis.

Carteret seguiu differente rumo, e descobriu as ilhas d'Osnabruy, Glocester, Carteret, Gover, e o estreito entre a Nova Bretanha e a Nova Hollanda.

No mesmo anno de 1766 Bougainville deu á vela de França, e descobriu no mar Pacifico as ilhas dos Facardins, Lanceiros, e la Harpe. Esta ultima, diz Cook parecer-lhe a mesma que elle depois denominou do Lagon. Tambem Bougainville descobriu a ilha Arc, e houve vista de muitas terras e ilhas que para elle eram novas, mas de que já alguns navegantes tinham noticia.

Foi depois d'este anno que principiaram as viagens de Cook, das quaes elle proprio escreveu uma extensa e minuciosa relação.

***



INCENDIO EM FONTAINEBLEAU.

Pelos seus extensos e formosos bosques e tapadas, onde os soberanos da França com frequencia procuram o recreio das caçadas, é Fontainebleau muito conhecida; grande numero de recordações historicas se prendem a estes sitios, onde Francisco I edificou uma soberba residencia real, que muitos de seus successores reformaram e embellezaram. Este palacio soffreu no anno passado um violento incendio; a nossa estampa figura a parte destruida pela conflagração, que foi o lado direito da Cour de Fontaine, que pega com o Lago, a avenida Maintenon, a Porte Douce, e tambem a galeria de Francisco I e a magnifica sala denominada das festas, onde foi a casa em que se faziam representações dramaticas. A sala das festas teria sido presa das chammas se houvesse vento; porém, felizmente, o tempo estava bonançoso, e a agua em grande abundancia ficava muito á mão; a tropa tomou opportunamente todas as providencias necessarias para atalhar o fogo, que ao cabo de tres horas achava-se vencido, concorrendo todas as classes de habitantes, inclusivamente mulheres e ecclesiasticos, a conduzir agua para as machinas, e a prestar outros valiosos serviços. O desenho foi tirado da longa alameda nos jardins inglezes. M.

O luto umas vezes é o symbolo da tristeza; outras é a mascara, com que a hypocrisia cobre os sentimentos da alegria.

UM DUELLO.

FRAGMENTOS.

É uma historia verdadeira a que se vae ler. Parte d'ella escreveu-a o protogonista de seu proprio punho; as explicações necessarias para ser comprehendida, e que constituem a outra parte, escreveu-as a pessoa que a dá á luz.

Confiou-lhe o moço, de quem se conta aqui parte da vida, um volumoso manuscripto, onde estavam notados, dia por dia, os mais importantes acontecimentos da existencia que vivera.

Só depois de acabada esta, lhe era permittido dar ao publico, do manuscripto que lhe entregara, a porção que melhor lhe aprouvesse, se o não quizesse porventura produzir na sua integra.

E merecia-o bem. Poucas obras tem o editor visto tão perfumadas de sentimento, tão laceradas de angustias, tão energicas e tão suaves ao mesmo tempo d'entre tantas que tem lido, e que por ahi se contam entre os modelos, como era aquella que desde então possuia.

Quem a escreveu tinha amado como René, padecido como Werther, morrido como Raphael. De todos elles tirava dotes e mimos; como d'elles todos partilhara a corôa de padecimentos.

Os seus escriptos encontram-se pois com elles em mais de um ponto.

Triste plagiato, que tão caro custou!

Por este preço a maioria, senão todos, dos que escrevem, quereria antes inventar, que de tudo é o que mais lhe custa, do que respigar no campo alheio tão duro de pisar, tão ouriçado de espinhos e silvados.

Largo seria o livro se todo apparecesse como o seu autor o escreveu; enfadonho de mais a mais, por particularidades pessoaes, que só a elle podiam importar.

Uma pequena parte apparecerá d'esta vez: o acolhimento que lhe fizerem decidirá do resto....

I

.....

N'um d'esses bailes que pelo entrudo se costumam dar nas philarmonicas de Lisboa, poucos homens appareceriam tão elegantes e bem postos como Luiz de...

Era um gentil moço e uma grande alma. Superior á condição em que vivia, pobre gravador, um mero acaso o levara áquellas reuniões, que não costumava frequentar.

Vivia do seu trabalho, e não lhe era o tempo tanto de sobra, que o podesse perder nos desfastios das festas.

Aos dezoito annos morreu-lhe seu pae, deixando-lhe, com uma herança bem pequena, irmã e mãe, que só d'elle podiam esperar amparo.

N'estas circunstancias, o juizo vem breve, e a creança, carregada de ponderosos deveres, esquece-se de que o é, e procura ser homem.

Não era para tão humilde condição, que tinha sido destinado. Preparava-se para seguir um curso de escola superior, e já dava então voltas á intelligencia, consagrando-se aos preparatorios, que lhe reclamavam. Tinha tambem um tanto de poeta, na forma; que na essencia era-o elle muito.

Por uma ou outra vez tinha apparelhado mais de uma strophe, que por lhe não responderem em valentia aos arrojos de imaginação, que lhe escandeciam a intelligencia, puzera de parte como fracas e desgeitosas.

Sentia muito; tinha fé como poucos; talento como raros; só lhe faltava pois amar, complemento fatal da epopea do joven, e que elle presentia ao longe como o marinheiro presente a tempestade.

Não o desampararia essa sagração sublime das almas de vinte annos, e mais breve do que elle o suppunha se aproximava já mysteriosa e terrivel.

Espraiava esperançosas vistas para o futuro, quando a falta de seu pae o obrigou a pensar com maior madureza. Não podia contar com os recursos precarios de uma posição por vir n'um praso longo ainda, e precisava quanto antes lançar mão de um modo de vida, que lhe garantisse meios de existencia para si e para os seus.

Orgulhoso de mais para solicitar um emprego, que lhe seria certamente recusado, attenta a sua posição e pouca importancia, recorreu a si e aos seus braços, para de si e d'elles esperar o que carecia. Um tio lhe serviu n'essa occasião; e deixando aulas e livros, entregou-se d'alma e coração ao officio que exercia, onde a boa vontade lhe suppriu o tempo da aprendisagem, alcançando em mezes o que outros só podiam obter em annos.

Era, ao começar esta narração, um dos mais habeis no seu mister, e dos que mais ganho tirava do seu trabalho.

Pobres castellos no ar de creança, que tão embevecido o tinham trazido nos primeiros annos, haviam esmorecido de todo. O dia de ámanhã era para elle, como o de hoje, de fadigas e trabalhos. O futuro o mesmo que o presente, e a melhoria da condição nem ao menos lhe alegrava as magoas, segredando-lhe esperanças nas horas de desalento.

Versos soltados ao vento; aspirações de gloria e de nome; momentos, que se não pagam, do devanear intimo, de sentimento profundo diante dos esplendores da creação, ou dos primores dos homens, tinha tudo acabado para elle. Uma hora que n'elles gastasse, era uma hora que tirava ao trabalho, era um roubo que fazia a sua mãe e a sua irmã, que precisavam d'elle para o sustento do dia.

Passam desapercebidos por nós não poucos d'esses lutadores incansaveis, que lidam a vida toda para cavar como a toupeira a occultas morada e aninho para os seus, e a quem vem por fim a cheia ou a remoção de terrenos, deitar-lhes a perder o fructo de tantas fadigas, o consumo de tantos annos.

Todavia, quando aborrecido de trabalhar, desesperado de si, sem crença e sem ambições, quasi como morto, esmorecida a alma e perdidas as aspirações, entrava em casa á noite, e via sua mãe e sua irmã recebel-o de braços abertos, tão agradecidas ao que por sua causa fazia; desappareciam-lhe os dissabores, e o aborrecimento esvaía-se mais rapido do que o fumo da pobre ceia que o esperava na mesa sempre aceiada e alegre.

Paga e gloria encontrava-as elle então ali de sobejo; e se lhe dessem tudo o que mais queria nos seus sonhos desvairados, não lhe posporia aquella desvelada familia, aquella refeição modesta, e aquelle santo orgulho de poder dizer: sou eu quem sustento a minha familia.

Era por isso que raras vezes se via fora da officina ou de casa. Rogos reiterados de um amigo o tinham levado áquelle baile onde o encontramos no principio d'esta narração, e onde se achava tão estranho e alheio, quanto o eram aquelle mundo e aquelles costumes, aos que suspeitara e phantasiara nas suas concepções de poeta.

II

— Encostado á umbreira de uma porta — é elle quem falla — vi pela primeira vez hediondo e nú, apesar das suas vestes e atavios, aquelle mundo, que tão vestido e ornado suppozera. Vi aquella gente toda mover-se, agitar-se, animar-se como automatos, mais ou menos perfeitos, sem que em tantos rostos sem expressão, em tantas faces sem sentimento, me apercebesse de que tinha diante de mim os reis da creação. Mesquinhos e abjectos, intrigas pequeninas os demoviam; phrases estudadas e insulsas os enlevavam; olhares lascivos, cujo effeito de antemão se previra, os traziam enlevados e presos.

Para que fôra eu áquella festa, se não era ali o meu logar? Que tinha aquella gente comigo, que os não comprehendia, nem era dos seus? que podia eu ter com elles, que não tomava parte nos seus prazeres, nem procurava accommodar o gesto pela alegria geral?

Estranho a tudo e a todos, nem sabia de mim, nem do que me cercava. Eduardo, que me obrigara a acompanhal-o, seguia seus amores e entretinha-se com a mulher que o levara; e eu estava ali isolado e triste, malquerendo, mais do que nunca, a obscuridade em que vivia, e que me alheiava tanto á consideração d'aquella gente.

E os que ali eram tidos em grande conta, não valiam mais do que eu. Conhecia-os a quasi todos. Astros de clarão emprestado, o nome ou o dinheiro os fazia luzir e brilhar; por si, se os deixassem desamparados, figurariam tanto, quanto esses milhares de mundos, que o dedo do Senhor porventura semeou no espaço, e que passam sobre nós desapercebidos e involtos no sudario de trevas que nol-os encobre.

Ainda assim entre uns e outros uma differença existe. Estes teem uma missão propria para cumprir. Sustentam talvez outras creaturas, tem uma carreira marcada, uma orbita para descrever, um fim, um que quer que é, causa bastante da sua existencia e modo de ser; aquelles, pequenos e acanhados, sem nenhum d'esses preceitos, nascem, vivem, morrem sem saber a que vieram a este mundo, sem poderem dar razão da sua vida.

(Continua.) R. Paganino.

ESTUDOS SOBRE A PRIMITIVA EGREJA CHRISTÃ.

Continuação.

COSTUMES DO CLERO.

A autoridade do bispo sobre o seu clero não era um poder despotico, e sim um governo de caridade. Os clerigos tinham parte no poder do bispo, porque não fazia nenhuma coisa de importancia sem se aconselhar com elles. Consultava os padres que eram assim como um senado da egreja. Tão veneraveis eram estes, e os bispos tão humildes, que no exterior pouca differença havia entre uns e outros.

Todos os clerigos, comprehendendo os bispos, viviam pobremente; pelo menos mui simplesmente, como as pessoas do commum, sem coisa alguma os distinguir. A maior parte nutria-se de legumes e viandas seccas, jejuando muitas vezes, e praticando toda a especie de austeridades, quanto lhes permittiam suas penosas funcções. Muitos depois da sua ordenação continuavam a viver do trabalho de suas mãos, a exemplo de S. Paulo. Muitos abraçavam a vida em commum, morando juntos na mesma casa, e comendo á mesma mesa. Não possuiam nada de propriedade, e unicamente subsistiam do que a egreja lhes fornecia. Era uma grande familia, sendo o bispo o seu pae.

O que especialmente se recommendava aos bispos, aos sacerdotes e diaconos, era a continencia. Quando o que se elevava ao episcopado ainda tinha mulher, seguia tratando-a desde então como uma irmã; e a egreja latina sempre fez observar esta disciplina aos sacerdotes e diaconos.

O bispo nunca deixava de presidir ás orações publicas, e explicar a Sagrada Escriptura, e offertar o sacrificio todos os domingos, e festas particulares. Elle e os sacerdotes estavam continuamente occupados em instruir os cathecumenos, consolar os doentes, exhortar os penitentes, e reconciliar os inimigos. Compunham todas as desavenças, porque não queriam que os christãos pleiteassem ante os tribunaes dos infieis. Era ordinariamente a segunda feira que os bispos destinavam a examinar os processos, para que, se as partes se não compozessem logo, tivessem tempo em toda a semana para se apasiguarem, e elle os congraçar antes do domingo seguinte em que deviam orar juntos e commungar. O bispo estava sentado com os seus padres, assistido dos diaconos, e as partes litigantes estavam de pé. De-

pois de os ter ouvido, fazia o possivel por concordal-os amigavelmente, e concilial-os antes de pronunciar o julgamento, que o prelado dava de accordo com os padres. D'aqui nascia a affeição e o respeito dos fieis para com os bispos; porque estes eram os paes dos pobres, e o refugio dos desgraçados; por isso se prostravam diante dos padres quando os encontravam, beijando-lhes os pés, e recebendo-lhes a benção. Chamavam-lhes santos, bemaventurados, piedosos, religiosos, amados de Deus. O nome de papa, quer dizer pae, foi por muito tempo commum a todos os bispos, e ainda hoje se dá a todos os sacerdotes na Egreja grega, como na Egreja latina o de *abbade*, que tem a mesma significação. Os bispos e os padres por sua parte tomavam muitas vezes por humildade o titulo de servos de Deus, e outros eguaes, que hoje passam em formula.

RELIGIOSOS E RELIGIOSAS.

Havia christãos que, sem serem obrigados, praticavam voluntariamente todos os exercicios da penitencia para imitarem os prophetas e S. João Baptista, para se exercitarem na piedade, castigando os corpos, e reduzindo-se á servidão. Chamavam-se *asceticos*, que quer dizer exercitantes. Encerravam-se de ordinario nas casas, onde viviam em retiro, guardando a continencia, e accrescentando á frugalidade christã as abstinencias e jejuns extraordinarios. Exercitavam-se em trazer o cilicio, andar descalços, dormir no chão, passar em vigilia parte da noite, ler assiduamente a Escriptura, e orar quanto fosse possivel.

Grande numero de mulheres solteiras consagravam a Deus a sua virgindade, ou por conselho dos parentes, ou por impulso proprio. Passavam a vida asceticamente, morando pela maior parte na casa paterna, ou vivendo duas ou tres reunidas, não saindo senão para irem á egreja, onde tinham logar separado das outras mulheres.

As viuvas que renunciavam ás segundas nupcias viviam quasi como as virgens; porém não estavam tão encerradas, porque se applicavam a obras externas, como visitar os enfermos e encarcerados, consolal-os, sustentar os pobres, enterrar os mortos, e geralmente todos os actos da mais viva e generosa hospitalidade.

Escolhiam-se para diaconas as viuvas mais edosas, prudentes, e experimentadas por toda a especie de exercicios de piedade. Recebiam a imposição das mãos, e eram contadas em o numero do clero, porque exercitavam para com as mulheres as funcções dos diaconos. Estava a seu cargo visitar as pessoas do seu sexo, a quem a pobreza, as enfermidades, ou qualquer outra miseria fazia dignas dos cuidados da Egreja. Repetiam ás cathecumenas as instrucções do bispo ou do padre; apresentavam-nas ao baptismo, ajudavam-nas a despir-se e revestir-se para que os padres as não vissem n'um estado indecente; conduziam depois as recem-baptisadas por algum tempo para as dirigirem na vida christã. Nos templos guardavam as portas do lado das mulheres, e tinham cuidado em que cada uma estivesse no seu logar, e guardasse o silencio e modestia convenientes ao logar e á religião. Davam conta de todas as suas funcções ao bispo, e por sua ordem aos sacerdotes e diaconos.

Pelos fins das perseguições da Egreja, e principalmente nos primeiros tempos em que esta desfructou paz, principiaram a edificar-se os mosteiros. Santo Antão, que vivera asceticamente, como S. Paulo que se olha como o chefe e modelo dos eremitas, foi o primeiro que reuniu discipulos no deserto, e os fez viver em commum. Não lhes chamaram simplesmente *asceticos*, ainda que se entregavam ás mesmas praticas; chamavam-lhes *monges*, que quer dizer solitarios, ou *eremitas*, habitantes dos desertos. Designavam-se por *cenobitas*, os que viviam em communidade, e *anacoretas* os que se retiravam a mais completa solidão, depois de viverem por muito tempo em commum, tendo aprendido a vencer as suas paixões. Os cenobitas eram mui solitarios, porque unicamente viam os seus confrades, estando separados de toda a habitação muitos dias de jornada pelos desertos de areia, e onde tudo é preciso levar, até a agua. Não se viam uns aos outros senão de tarde e á noite, ás horas da oração, passando o dia todo a trabalharem nas suas cellas, sósinhos, ou dois a dois, e guardando sempre silencio.

Havia tambem nos desertos mosteiros de mulheres, assaz proximos dos monges para receberem d'elles soccorro, e assaz distantes para evitarem perigo e suspeita. Os monges edificavam-lhes as cellas, e ajudavam-nas nos trabalhos mais rudes; as religiosas faziam os vestidos aos monges, e outros similhantes serviços; porém todo este commercio de caridade era exercitado por velhos escolhidos, que eram os unicos que iam aos mosteiros das mulheres.

A santidade da vida monastica foi tão resplendente, que dentro em pouco tempo se propagaram milhares de monges e mosteiros por todo o Oriente. Espalhou-se pela christandade, e pelo Occidente, onde successivamente appareceram as ordens de S. Bento, Cluny, e Cister, os religiosos mendicantes, e outras que seria longo enumerar.

Pela mesma occasião se formaram em muitas egrejas communidades de clerigos, que viviam quasi pelo mesmo theor dos monges, tanto quanto as suas funcções o permittiam. Estes clerigos tomaram o titulo de conegos. Havia pois duas ordens de religiosos, uns clerigos, e outros leigos, e a maior parte dos monges eram d'estes ultimos, sendo o fim do seu instituto trabalharem na sua salvação individual, conservando sua innocencia, ou reparando por via da penitencia as desordens e erros da vida passada.

Continua. A.

HOO-KIU-SHAN.

A arte de adornar um edificio na China não e mais comparativamente do que a empregada pelos europeus na confecção da mobilia ou de objectos de luxo caprichoso; e de facto ali tratam da decoração dos edificios como nós de uma guarda-roupa ou de um armario de loiça; o que entendem ser belleza é a precisão e accio do trabalho; envernizam as columnas, dão colorido nos tectos, pintam todas as paredes; as côres mais lindas e brilhantes e mais inalteraveis constituem o principal merecimento dos palacios reputados mais formosos; mesmo nas figuras o menos a que attendem é ao desenho, todo o seu enlevo é no esplendor das côres. Os materiaes que empregam são madeira, tijolo, alguma pedra, e ferro; e não é a falta de boas cantarias e marmores que torna raras as construcções d'este genero, nem tampouco é o receio da despeza, porque a prodigalidade dos imperadores não admitte esta ultima supposição, e até as ruas de algumas cidades são calçadas com marmores de differentes castas que abundam em todas as provincias. Dão por motivo o receio de terremotos; mas parece que tambem se oppõe a essas construcções o clima. Os proprios palacios dos imperadores são de pouca importancia pelo lado da architectura, porque os chinas fazem consistir a grandeza só na quantidade, e este gosto explica-se tambem pelos seus usos e costumes: os imperadores, por exemplo, teem um serralho, e as suas mulheres habitam casas separadas umas das outras, cada uma com suas dependencias particulares; a saber, officinas, jardins com seus lagos, e mais accessorios. A casa de campo do imperador, denominada Hoo-Kiu-Shan, pode ministrar idéa do singular aspecto d'esta reunião de edificios. M.

A FLORA.

(EPISODIO MARITIMO.)

I

«Tudo ameaça inevitavel p'rigo;
Tudo apresenta aos pavorosos nautas
Miserrimo naufragio, abysmo, e morte.»

EUPINO DURIENSE.—*Sobre o Infante D. Henrique.*

As tribulações, com que a Providencia castiga a audacia humana pelas solidões do mar, não

as viu todas a imaginação de Gessner; nem Cooper — o Walter-Scott do Novo-Mundo — chegou com a arrojada phantasia á verdade, que nós vamos, se pudermos, apresentar, sem enfeites postiços que a desfigurem, sem flores intempestivas que a desornem, disfarçando-lhe a terribilidade.

O successo, que vamos expôr, até na memoravel *Historia Nautica Tragico-Maritima* se apontaria como raro; e entretanto muitos dos que nos hãode ler o sabem como quasi testemunhas.

Nunca se viu a constancia mais heroicamente a braços com a adversidade; nunca o genio do homem triumphou mais nobremente da natureza! Assim, a modesta corôa que procuramos cingir com mãos desinteresseiras á memoria de dois Argonautas, que talvez já hoje não são dos vivos, não será inteiramente inutil. Pondo n'ella os olhos muito esforço quebrantado se reanimará porventura, e em muitos lances, d'esses em que o animo aturdido com o repentino, com o insolito, com o monstruoso dos trabalhos costuma succumbir, o exemplo de *Moraes*, e *Trajano* fará nascer da ousadia a esperança, da esperança a força, e da força o livramento.

A barqueta *Flora*, commummente denominada *Espada-de-ferro*, era uma pequena embarcação só destinada á communicação da ilha de San-Miguel com a de Santa Maria, nos Açores. O seu trafego era andar trazendo das pedreiras da ultima, para os fornos de cal da cidade de Ponta-delgada, na primeira, material necessario ao seu consumo. Quem tiver visto os barcos de serviço dos portos michaelenses, a que os naturaes chamam *da carregação*, melhor idéa formará do fragil batel, escusando-nos a pintura. Fal-ahemos, comtudo, não só para complemento d'esta memoria, mas para que mais devidamente se admire, á vista da pequenez do lenho, a constancia, que por tanto tempo resistiu ao furor das tormentas, e que a salvamento o poz no Tejo.

Fôra a barqueta nos seus principios uma lancha de carga e descarga no porto de Ponta-delgada, e depois transformara-se em barco de onze toneladas, com sua coberta, trajando galas de yacht. Pertencia a Alexandre Pereira de Moraes.

Fizera já esta pequenina vela com prospero successo varias excursões até á visinha ilha de Santa Maria, sómente mareada por Moraes, na qualidade de mestre; seu irmão Jeronymo Luiz de Moraes Pereira Trajano, distincto nautico, alma temperada de semi-estoicismo pela escola dos mares; e um moço appellidado Buzio Canhoto.

Iamos pelo anno mil oitocentos trinta e nove. Pelas cinco horas da tarde do dia dezoito d'Outubro, soprando um impetuoso nordeste, largava do porto da Calheta de Ponta-delgada a nossa *Flora*, com a sua invariavel tripulação, passando pela pôpa da corveta nacional *D. João* I fundeada em frente do castello de San-Braz, encaminhando-se ao seu até então immutavel destino.

Sobre a manhã do dia immediato, dezenove, começava a tempestade a manifestar-se para a parte do noroeste, com seu semblante azul ferrete, quando a barqueta, com menos de doze horas de viagem conseguiu tomar na ilha de Santa Maria o surgidoiro da villa do Porto onde ancorou.

Ali os deteve o vento até á tarde de vinte. Então, favoreceu-os para correrem a leste da ilha ao porto de San-Lourenço, aonde chegaram na manhã seguinte, e se conservaram até vinte e tres: pelas duas horas da madrugada com vento fresco, por lhe rebentar a pequena amarra, buscaram com incontestavel risco das Formigas um abrigo pelo nordeste da ilha, passando a oeste d'aquelles baixos, com as velas totalmente rinzadas, precaução necessaria ao nenhum lastro que havia o barco, e aos marouços do canal, perigo de que um sudoeste repentino acabou de libertal-os.

Para a ilha de San-Miguel os impelle o vento. Avistam-na em tempo escuro, pelas sete horas da manhã do dia vinte e quatro. Ás tres da tarde passam em frente do porto do areal de San-Francisco, de Ponta-delgada, e, com receio do vagalhão da costa, temendo entrar n'este ponto, puxam para leste da bahia, cuja ponta, a da Galé, montam não sem custo.

Tres dias se conservaram á capa ao sul de Villa-Franca-do-Campo, até que na manhã de vinte e seis, sobrevindo um forte oesnoroeste, e buscando tomar a bacia do ilheo d'aquella villa, lhe rebentam as driças da vela grande, pelo que, correndo ao longo da terra, demandam abrigar-se com a ponta da villa do Nordeste, onde repararam os estragos havidos; volvendo na manhã de vinte e oito ao porto do Fayal-da-terra, que não podem tomar, fundeando, e com alguma difficuldade, distante da costa, pelo fim da tarde do dia vinte e nove.

A extrema mingua de mantimentos lhes fez adoptar o costumado expediente d'annunciarem perigo com a bandeira ácolha. Resultou d'isto serem procurados por cinco homens em um batel, que para isso muito se expoz. É n'este jeque que tomam passagem o mestre da *Flora*, e o moço Buzio Canhoto, e vão a terra refazer-se de comedorias, ficando entretanto a barqueta entregue ao piloto Trajano.

Tem em si o perigo certa fascinação, que attrahe os animos heroicos, mas que repelle sempre os corações vulgares e pusilanimes. O marinheiro, que até ali acompanhou os dois irmãos, julga-se desatado de qualquer dever ao pisar o solo michaelense. Olha para os mares; calcula pela sua pratica as probabilidades; dá por inevitavel o perdimento de quem se lhe aventure; foge!

Moraes desamparado e só, vae bater á porta de Manuel Francisco de Rezende. N'essa casa encontra algum soccorro para a occasião — cinco broas, um pão de trigo, e uma cabaça de vinho, não esquecendo uma pedra volumosa destinada a melhor fundear a barqueta — sendo-lhe

promettida para a manhã seguinte mais abastada matalotagem.

Facil é de presumir a que ponto não subiria a impaciencia do dono do barco, logo que embalde esperara pelo moço até ás seis horas da tarde!... Via-se reduzido, para não desamparar a embarcação, a contar apenas com seu irmão, sobre cuja intrepidez não cabiam duvidas. Animou-se a tornar para bordo, levando os poucos viveres que alcançara, e a pedra que laboriosamente se affeiçoou para a ancoragem.

Pouco havia desde que os dois irmãos, refazendo-se de tamanhas fadigas eram a ponto de olvidar os passados perigos, quando um imprevisto accidente os fez acordar d'essa especie de lethargo. A maré corria pressurosa, e a *Flora* esteve em lances de se ir fazer pedaços contra os rochedos, garrando para leste, ao que ainda felizmente se pôde acudir fazendo-se de vela, e correndo, por impulso d'um fortissimo oesnoroeste, á ilha de Santa Maria, aonde chegou no dia immediato, penultimo do mez d'Outubro, abrigando-se na bahia do Santo-Espirito.

Pelo fim da tarde desembarcando o mestre nada mais pôde do que procurar o professor d'ensino simultaneo d'aquella freguezia, João Evangelista — natural da Madeira — e pedir-lhe soccorros na acquisição d'alguns mantimentos, ao que elle se prestou, promettendo-lh'os para o seguinte dia. Volvendo Moraes n'esta esperança para bordo, e conservando-se ao abrigo da terra, faltando-lhe infelizmente a provisoria amarrasinha, pelo quarto d'alva do dia trinta e um, deram a pôpa em arvore secca á vehemencia da procella do noroeste, sem comedorias algumas, no rumo da ilha da Madeira, em cujo caminho, fazendo tres singraduras, andaram perto de duzentas e sessenta milhas.

Na madrugada de tres de Novembro rondou o vento ao sudoeste, compellindo d'est'arte os dois infelizes navegadores a arribar, e deixar-se especialmente conduzir pelas laboriosas vagas, e pelo acaso do tempo, tão mudavel entre os canaes açorianos na estação invernosa. N'esta volta passaram obra de vinte leguas ao oriente das Formigas.

Em seis do mesmo mez na proximidade da ponta do Nordeste da ilha de San-Miguel se desinvolveu uma horrivel tormenta do oesnoroeste, que forçou a barqueta a correr á popa, só com um pequeno bolso de panno de prôa. Foi então o primeiro periodo da afanosa e perigosissima crise d'este quasi naufragio. O piloto Trajano, ainda que mais acostumado ao aspecto medonho d'uma tempestuosa navegação, conhecedor do eminente perigo a que era exposto, não pôde comtudo dissimular-se a tal ponto, que não deixasse a seu irmão companheiro ler-lhe no rosto carregado uma amostra de seus secretos temores. Estes momentos eram pavorosos no meio d'um lenho aventureiro, entre os amortecidos corações de dois irmãos!..... Nada por certo melhor pinta o desfallecimento que os acompanhava, entre o abysmo e a esperança, do que este simples e natural trecho d'uma carta de Trajano: — «O pobre Alexandre arregalava os olhos e olhava para mim, quando vinham aquellas serras de mar pela nossa pequena pôpa... queria chorar... tolhia-se-lhe a voz... e dizia — *oh! Jeronymo... Jeronymo.... é agora...* — e eu fazendo-me mais forte do que as circunstancias permittiam, dizia — *não é nada, esconde-te para o porão, ou amarra-te para o mar te não levar.*»

Eram agora chegados á maior penuria! Faziam caminho de Lisboa, e no dia onze tinha-se-lhes acabado uma mui pequena porção de cuscús que levavam da ilha de Santa Maria para um particular de San-Miguel, do qual, depois de muito tempo e forçados pela necessidade haviam lançado mão, quando já estava no estado d'ardido.

Até quatorze — tres dias que decorreram desde onze — nada tiveram que comer ou beber, utilisando-se para satisfazer a esta ultima e poderosa precisão, d'alguma agua aparada no concavo d'uma vela na occasião d'aguaceiro. Foi n'este dia que começou de abonançar, e pelas onze horas da noite se fixou o vento do noroeste, com cujo sopro se encaminharam positivamente ao reino.

Continua. José de Torres.

VINGANÇA POR VINGANÇA.

Continuação.

V

MYSTERIO.

Filippe Tranqueira seguia, engolphado em profundas cogitações, o guia mysterioso, que, caminhando em silencio adiante d'elle, parecia apressado em chegar ao seu destino.

Outro homem acompanhava o Tranqueira, lado a lado, olhando-o suspeitoso e desconfiado.

Já era bom caminho andado, e nem um, nem outro lhe tinham dirigido, sequer, uma falla.

Tranqueira, que era amigo de palrar, aventurou ao companheiro algumas d'essas phrases banaes, que, nada significando, servem para travar conversação; porém não recebia resposta nenhuma.

Enfadado por aquelle silencio, lançou mão vigorosa ao braço do desconhecido, e sacudiu-o com força.

Este, tomando a acção de Filippe por um acto de accommettimento, fez relampejar um punhal, que trazia escondido entre as vestes.

O nosso homem, que não esperava tão rude arrebatamento, tratou de o tranquillisar com palavras brandas e macias, explicando-lhe que não

(*) Do num. 14.

tivera intentos de o accommetter, e que só desejava matar o tempo conversando com elle.

Grande pasmo foi o seu, vendo que o companheiro continuava calado.

Encolheu os hombros despeitoso, propondo-se a seguir caminho sem dar mais palavra, quando reconheceu que o personagem que o acompanhava era mudo. Os signaes que este fazia para o induzir a seguir tranquillo, sem o incommodar com perguntas inuteis, por tal lh'o deram a conhecer.

O individuo que marchava na frente, e fallara com Samuel, entendeu que alguma coisa se passava á sua rectaguarda, pelo som rouco e gutoral que o mudo soltara quando guardara o punhal.

Parou, e quando os outros dois se lhe juntaram, disse para o Tranqueira:

—Vamos lá, sr. Filippe, que não é de cortesia atacar a quem vos não quer mal.

—Ao contrario de o accommetter, rogava-lhe que caminhassemos conversando em boa paz.

—Como quereis que converse o pobre Damião, que nasceu surdo e mudo?

—Devereis ter-me prevenido, que escusado seria então de incommodal-o, e incommodar-me.

—E quando havia dizer-vol-o, se ainda não trocámos palavra?

—É verdade; e eu bem desejara fallar-vos, para conhecer a qualidade de serviço que devo prestar.

—Sobre esse ponto, sr. Filippe, nada por ora vos posso dizer. De outra bocca, que não da minha, o sabereis.

—Bem está, que hoje é a noite dos mysterios. Não tereis, porém, duvida em dizer-me para onde imos?

—É facil de conhecer o caminho. Não vêdes que nos inclinamos para o mar?

—Acaso teremos de embarcar!?

—Sem duvida; e é no rio, sobre as formosas aguas do Tejo, mas que em Janeiro não podem ser appeteciveis, que conhecereis o segredo d'esta aventura.

—Vá de feito, que para tudo aqui me tendes apparelhado.

Assim fallando chegaram á beira do rio.

O som agudo e penetrante de um assovio feriu os ares, e logo outro som egual lhe correspondeu do meio do Tejo.

—Temos de esperar um pouco pela barca, disse o companheiro de Filippe.

—Parece-me pouco ajuizado, aventurou o Tranqueira, embarcarmos por uma noite d'estas, que ameaça outra trovoada como a da tarde.

—Mas é forçoso que embarquemos.

Filippe dizia bem; a atmosphera estava carregada, e o vento principiava a soprar do sul com espantosa violencia.

Repentinamente o vivo fulgor do coriseo illuminou os ares, e á sua claridade viu-se uma barca remando para a praia.

A barca tocava em terra quando o estampido de um trovão rebombou no espaço.

Continua. ***

AS RUINAS.

Ruinas solitarias! tristes sombras,
Espectros d'essas antigas nações!
Eu sinto ao meditar-vos mil saudades,
Amargas e fataes recordações!...

Outr'ora esses imperios invenciveis,
Cidades e nações tão poderosas!
E hoje resta só de tal grandeza,
Ruinas e lembranças dolorosas!...

Carthago e Babylonia destruidas,
Restando apenas d'ellas a memoria;
Immensas maravilhas possuiram,
Tão grandes, que rivaes não tem a historia!

Na Asia essa Palmyra tão famosa,
Tão rica e opulenta n'outras eras!
Agora abandonada... já sem vida,
Servindo de guarida só ás feras!...

Pompeia e Herculanum sonhariam,
Que um dia haviam ser no pó lançadas?
Se alguem lhe predissesse um tal futuro,
Seriam taes palavras escutadas?!...

Que os tyrannos vos vejam, e conheçam
Que todas as grandezas d'este mundo,
O tempo estragador vae destruindo,
Lançando no abysmo o mais profundo!...

Dos grandes a soberba de que serve?
De que servem os odios e ambições?...
Se um dia tudo finda, tudo acaba,
Se tudo morre apoz as gerações!...

Ao ver, ao contemplar tantas ruinas,
Ás horas em que vae findar o dia;
O peito sente amarga anciedade,
Respira tudo so melancolia!...

Ruinas solitarias!... tristes sombras,
Espectros d'essas antigas nações!...
Eu sinto ao meditar-vos mil saudades,
Pungentes e fataes recordações!...

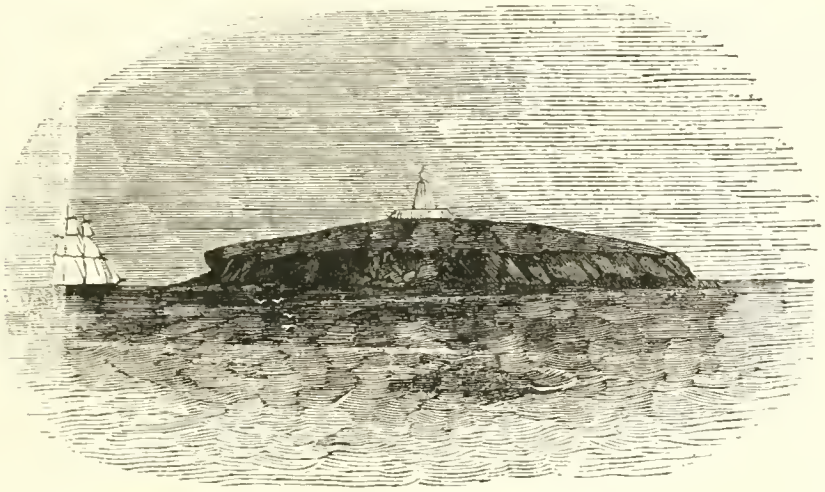
J. A. X. de Magalhães.

ILHA DAS SERPENTES.

Da parte de fora das boccas do Danubio, obra de vinte milhas, está situada a pequena ilha das Serpentes, que parece collocada ali pela Providencia para marcar a entrada do grande rio, cujas praias são baixas e perigosas para os navios que se lhes aproximam.

Aqui foi a primeira arribada da esquadra dos alliados que conduziu as tropas á Criméa; e ainda ha pouco foi este pequeno espaço de terra, semeado com outros ilheos menores ainda n'aquella paragem do mar Negro, objecto de contestação, porque os russos o tinham occupado arvorando ou restabelecendo um pharol para lhe servir de pretexto afim de terem ahi um destacamento militar, e espiarem e dominarem d'algum modo as boccas do Danubio. D'estas as que são accessiveis a navios de algum porte maior contam-se tres, a de Kilia ao norte, a de Sulina no centro, a de Khas-Flias ou de S. Jorge ao sul; Sulina é o braço mais consideravel d'este rio, o maior da Europa, e é tambem o caminho que tomam de ordinario os navios; os russos estavam de posse d'esta foz e podiam obstruil-a; o tratado de Paris deixou-a neutral, e livre a navegação para os vasos de todas as nações, vantagem de grande transcendencia, porque é mui importante o movimento commercial em ambas as margens do Danubio.

A ilha das Serpentes acha-se deshabitada, se exceptuarmos o pharol que é mantido pela commissão mixta das potencias que vigiam a execução do tratado recente e a navegação do Danubio; abunda, porém, em caça, e tem uma pequena lagoa na parte mais elevada. M.



ILHA DAS SERPENTES.

IMPRENSA PERIODICA FRANCEZA.

Conclusão.

II

A imprensa em França não gosa actualmente de verdadeira liberdade, e os jornaes que ainda se publicam em Paris, tiveram de modificar as suas opiniões, mais ou menos exaltadas, para continuarem a subsistir. Hoje nada representam as folhas politicas francezas, porém cada uma d'ellas tem sua historia assaz curiosa, e mesmo rica de episodios. Trataremos de esboçar, com o laconismo que demanda o semanario aonde escrevemos, o mais importante da vida politica de alguns valentes athletas da imprensa moderna, deixando de parte outros que ainda vivem quasi esquecidos, ou que morreram combatendo no seu posto de honra.

O mais antigo dos campeões, que não pereceram na luta, é o *Constitucional*. Alvo da fusilaria de quasi toda a imprensa, mereceu ao lapis de *Cham* o mais certeiro dos tiros, um retrato no *Charivari*. O *Constitucional* apparece ali na figura de um veneravel patriarcha, em muletas, e de barrete branco.

Este jornal data dos primeiros dias da restauração (1815), e diversos homens de estado, e altas intelligencias politicas e litterarias o tem successivamente redigido, sem lhe fazer attingir nunca a importancia de folha *universal*, como elle modestamente se intitula.

Seus fundadores foram Etienne, Jay e Saint-Albin; e este oraculo da burguezia teve successivamente os nomes de *Independente*, *Ecco da tarde*, *Correio geral*, e *Jornal do Commercio*, antes de se fixar, em 1819, no pomposo titulo de *Constitucional*. Thiers e Mignet, que foram seus redactores, desertaram-lhe, em 1829, para irem fundar o *Nacional*, com Armand Carrel; porém outros escriptores distinctos substituiram aquelles; Rémusat mesmo lhe deu alguns artigos avulsos, e ainda hoje apparece assignado nos seus folhetins o nome de Eugenio Scribe.

Depois de 1840, a direcção politica do *Cons-*

titucional voltou á mão de Thiers, porém Achilles Fould, como ministro das finanças de Luiz Napoleão, soube convencer o ultimo proprietario do jornal, o doutor Véron, de que nenhuma politica era tão util á França como a de seu amo.

O *Constitucional* chegou aos paroxismos da morte, como jornal politico, e deveu unicamente a sua salvação ao folhetim. O *Judeu Errante*, de Eugenio Sue, resuscitou, se pode dizer, o *Constitucional*.

O retrato de um dos principaes redactores d'esta folha, que se encontra na *Biographia dos jornalistas*, tem tanta similhança com pessoas do nosso conhecimento, que não podemos resistir á tentação de o reproduzir, ainda que em miniatura.

Boilay começou o seu tirocinio jornalistico em Clermont, n'uma folha da opposição, e fez-se temido do prefeito da localidade. Reconhecendo a sua vocação, trocou a provincia pela capital, e entrou na redacção do *Corsario*. Thiers, Guisot, e Luiz Filippe mesmo, eram as principaes victimas d'estes ultra-liberaes.

Porém um dia, achou Boilay que não seguia bom caminho, e apresentou-se a Thiers para collaborar no *Constitucional*.

Thiers recebeu Boilay de braços abertos, e ao cabo de dez minutos de conversação estava contentissimo do seu novo conhecimento. Thiers achara o jornalista por excellencia, o escriptor ideal! Boilay não possuia a sombra sequer de uma idéa politica!...

A datar d'esse dia, o novo redactor do *Constitucional* apparecia todas as manhãs em casa do ministro, em busca do thema para o artigo de fundo; e reproduzia no jornal, não só as idéas, mas as palavras de Thiers, até com a mesma pontuação.

Perguntando-se áquelle sabio estadista, qual era a sua opinião ácerca de Boilay como jornalista, respondeu: «Não é um jornalista, é um daguerreotypo.»

Boilay continuou a daguerreotypar Thiers emquanto este foi ministro: logo que o viu caido do poder, passou com armas e bagagens para o campo de Guisot, e foi pouco depois condecorado com a *Legião de Honra*.

Sob o regimen de Napoleão o flexivel Boilay foi elevado ao eminente posto de redactor em chefe do *Constitucional*, sob a vigilancia do habil doutor Véron.

Passemos agora a tratar do *Nacional*.

Este periodico foi fundado, como dissemos, por Thiers, Mignet, e Armand Carrel, em 1829; mas apenas rebentou a revolução de 1830, os dois primeiros largaram a redacção, e o ultimo ficou só á testa do *Nacional*. Aquelles suppunham terminada a luta, porque não aspiravam a mais do que á constituição ingleza; este considerava-a suspensa, porque entrevia a possibilidade da republica para a França.

Ha quem diga que o rei cidadão respondia ás vezes no *Jornal dos Debates* ao seu mais implacavel inimigo da imprensa, ao unico que elle respeitava e temia, o celebre Carrel.

Morto em duello, por Emile de Girardin, este infatigavel athleta, tomaram Bastide e Littré a redacção do *Nacional*, emquanto Trélat não acabava de cumprir uma sentença de prisão. Pouco tempo depois devolveu este a Bastide a redacção em chefe do jornal, e Armand Marrast veiu coadjuvar o trabalho da folha desde 1837 até á revolução de 1848. N'essa epoca collocou-se Leopoldo Duras á frente da collaboração do *Nacional*.

Paulo de Musset, irmão do mimoso poeta Alfredo de Musset, foi um dos activos escriptores d'este temivel periodico, e muitos outros nomes conhecidos, taes como os de Forgues (redactor da *Revista Britanica*), Alberto Terrien, Edmond Robinet, André Cochut, Caylus, e Alexandre Rey, appareceram nas columnas do *Nacional*.

Em 1835 operou-se uma grande revolução na imprensa periodica, com a diminuição do preço da assignatura, publicações commerciaes e folhetim, e foi a *Imprensa* (*Presse*) que fez desinvolver em maior escala o gósto do povo por este genero de leitura. Só a nobreza legitima comprava a *Gazeta de França* e a *Quotidiana;* só a burguezia reinante lia e pagava o *Correio francez*, o *Jornal dos Debates*, o *Constitucional*, o *Tempo*, e mesmo o *Nacional;* folhas republicanas, como o *Tribuno*, o *Bom-senso*, o *Reformador* e o *Jornal do povo* morriam á nascença, por falta de subscriptores, emquanto todo o povo lia e comprava a *Imprensa* e o *Seculo*, que custavam metade do preço d'aquelles, e davam folhetim, com os romances dos melhores autores francezes.

Posto que a *Presse* fosse desde o seu principio um jornal politico, Emile Girardin, que o fundou, em 1835, comprehendeu desde logo que a sua fortuna dependia mais das sobre-lojas do que do primeiro andar da folha. Por quarenta francos annuaes tinha o leitor romances de Dumas, Sue e Méry, além dos artigos politicos de Girardin e Granier de Cassagnac. O *Seculo*, que começou em 1836, seguiu a mesma esteira, e foi feliz tambem.

Duas palavras ácerca de Emile de Girardin.

Diz-se que nasceu na Suissa, em 1802 ou 1803, pobre e abandonado. Trabalhando em casa de um banqueiro, escreveu nas horas de descanso um livro intitulado *Emilio*, aonde conta a historia dos seus primeiros annos. Largou depois o commercio, e fundou successivamente dois jornaes, a *Moda* e o *Ladrão*. Em 1828 esposou Delfina Gay, já então celebre como escriptora, e que mais celebre se tornou ainda sob o nome de madame Emile de Girardin. Em 1831 publicou o *Jornal dos Conhecimentos uteis*, que chegou a ter cem mil assignantes; depois o *Pantheon litterario*, e tratou de outras empresas até 1835, epoca do nascimento da *Presse*.

Apoz uma viva polemica com o *Nacional*, ma-

tou em duello, com um tiro de pistola, o intelligente e valoroso Armand Carrel. Passado algum tempo é eleito deputado. Protege Guisot no começo da sua carreira parlamentar; depois guerreia-o de morte. Preso por ordem de Cavaignac, torna-se seu inimigo implacavel; é elle, que propõe a candidatura de Luiz Napoleão á presidencia da republica, e um mez depois de triumphar o seu candidato, declara-se em guerra aberta com elle.

Girardin acaba de comprar a propriedade da *Revista dos dois mundos*.

Texier conta que lhe ouvira estas palavras: Vinte e quatro horas de poder valem mais do que vinte e quatro annos de jornalismo; porém accrescenta que não suppõe que Girardin chegue jámais a ser ministro, porque tem idéas especiaes, e no governo das maiorias só se chega ao poder tendo as idéas de todos.

Além dos escriptores já mencionados, a *Presse* tem-se honrado com a collaboração de Theophilo Gautier, Eugenio Pelletan, e outros autores assaz conhecidos.

O *Seculo* tem contado egualmente no numero dos seus redactores muitas das celebridades litterarias da França.

A *Patria* data de 1841, e foi seu primeiro redactor em chefe Pagès (de l'Ariége). Um anno depois passou a ser propriedade de Delamarre, e tem mudado de politica repetidas vezes.

Já conta bastantes annos de existencia a importante *Gazeta dos tribunaes*, fundada por differentes summidades judiciaes e politicas, entre as quaes se encontram os nomes de Cormenin, Dupin, e Darmaing.

Não terminaremos este esboceto, sem dedicar duas linhas ao *Charivari*, especie de bobo da imprensa franceza, e que, em companhia de seus irmãos mais moços, o *Journar pour rire* e outros, faz a delicia d'aquelles que não são caricaturados.

Os desenhadores do *Charivari*, isto é os seus principaes redactores, são Daumier e Cham. Daumier, o autor dos *Robertos Macarios*, dos *Representantes representados* e dos *Idylios parlamentares*, é um artista de grande talento. Cham, filho de Noé, antigo par de França, adoptou aquelle psendonimo, sob o qual tão conhecido é, lembrando-se do diluvio. Cham é o genio da caricatura, e as columnas da *Illustração*, como as do *Charivari*, se teem aformoseado com os seus primorosos desenhos.

Eis-aqui como era avaliada a imprensa franceza antes do imperio. Hoje, não se repetiriam, com verdade, a seu respeito estas enthusiasticas palavras:

«Para quem viu funccionar de perto esta intelligente machina (a imprensa), esta prodigiosa fera, cujo appetite augmenta na proporção do alimento que lhe dão, o jornal é a obra colossal do dia. Carece de trabalhadores infatigaveis, de espiritos activos, claros e laboriosos, de soldados sempre promptos na brecha, de homens que sacrifiquem o repoiso e o sangue a esta tarefa sem fim, mythologicamente representada pelo tonel das Danaides. O jornal é o motu-continuo, procurado ha quatro mil annos pelos mathematicos. Uma vez lançada esta locomotiva sobre o carril da publicidade, caminha sem descanso, a toda a força do vapor, mostrando o fumo das suas inspirações, coleras e enthusiasmos. Passa, ardente e rapida como os mortos da ballada alemã, e não parará, fatigada da carreira, senão quando lhe faltar o ultimo leitor, isto é no dia do juizo final.

«A imprensa chamou-se a si mesmo — o terceiro poder do estado. Parece-nos que foi muito modesta. Em nosso entender o unico poder do estado, é o serenissimo poder da opinião, representado pelos jornaes.»

B.

ESTUDOS SOBRE A PRIMITIVA EGREJA CHRISTÃ.

Conclusão.

COSTUMES DOS FIEIS.

A oração era a primeira e principal occupação dos fieis. Faziam-na em commum. Era ordinariamente de manhã e á noite, a que hoje chamamos Laudes e Vesperas. N'ella se exhortavam a consagrar assim o principio e fim do dia, pois que as occupações temporaes só devem ser accessorios das espirituaes. Recommendava-se aos christãos que empregassem o tempo antes de adormecerem em recitar os psalmos, e a oração dominical, e o credo todas as manhãs, e nas occasiões de algum perigo. Todos os trabalhos, como a lavoira, a sementeira, a ceifa, a colheita etc., principiavam e acabavam com orações. A saudação no começo de uma carta, e quando se encontravam nas ruas não era unicamente um testemunho de amisade, era egualmente uma oração. Nas menores acções serviam-se do signal da cruz, como de uma benção mais abreviada.

O exterior dos christãos era severo e desalinhado, simples e ao mesmo tempo grave. Não usavam côres vivas, nem sedas, nem anneis, nem joias, nem cabellos frisados, nem perfumes, nem banhos muito frequentes, n'uma palavra de nenhuma d'essas coisas que podessem excitar o amor sensual e a voluptuosidade. Evitavam os espectaculos publicos, e os jogos. A maior parte dos fieis eram casados, porque odiavam o celibato dos pagãos, que induz á libertinagem e devassidão. Viviam em commum, chamando-se paes, filhos, irmãos, irmãs, conforme a edade e o sexo. Esta união mantinha-se pela autoridade de cada chefe de familia, e submissão ao bispo e sacerdotes, que eram os primeiros a servir de modelos ao resto do seu rebanho.

Havia grande cuidado em esmolar os pobres. Não se classificavam porém n'este numero os que podiam trabalhar.

Os christãos acudiam a soccorrer e assistir aos enfermos; e nas calamidades publicas eram os primeiros, talvez os unicos, que se expunham a consolar os seus compatriotas. Olhavam a morte como a porta da Eternidade. Como na maior parte viviam bem, mais a desejavam do que a temiam; menos se affligiam com a perda temporal dos seus parentes e amigos do que se regosijavam com a sua felicidade eterna, e esperança de os tornar a ver no ceo. Encaravam a morte como um somno, e d'ahi vem o nome de *cemiterio*, que em grego significa *dormitorio*. Para melhor testemunharem a fé da resurreição, tinham grande cuidado nas sepulturas: enterravam os corpos, depois de os embalsamarem, cobrindo-os com estofos mui finos, e telas preciosas: deixavam-n'os expostos por tres dias, durante os quaes se velava e orava junto ao cadaver: depois era conduzido ao tumulo, acompanhando-se o funeral com muitas tochas e fachos, cantando-se psalmos e hymnos, e offerecendo-se o sacrificio para impetrar a misericordia divina em favor dos finados: dava-se aos pobres o festim, a que tambem se chamava *agapas*; e varias esmolas: ao fim de um anno renovava-se-lhes a memoria, e assim annualmente, além da commemoração que se fazia todos os dias do santo sacrificio. Muitas vezes enterravam-se com os corpos differentes coisas, para honrar o defunto, como os distinctivos da sua dignidade, os instrumentos do seu martyrio, cruzes, o Evangelho, e medalhas com o seu nome gravado, d'onde veiu o uso dos epitaphios. O corpo deitava-se de costas, com a face voltada para o Oriente. Havia grande devoção em se enterrarem os corpos junto ás sepulturas dos martyres, e d'ahi proveiu o costume dos enterramentos nas egrejas.

Esforçavam-se os christãos em conservar-se em paz com todos, e viverem de modo que os seus mortaes inimigos nada tivessem que lhes dizer. Não fallavam de religião com aquelles que não estavam dispostos a ella, e limitavam-se a orar por elles, edifical-os por via da paciencia e boas obras, retribuindo-lhes incessantemente o mal pelo bem. Nunca se queixavam do governo, nem fallavam com despreso das autoridades; honravam-nas e obedeciam-lhes em tudo quanto não induzisse á idolatria; pagavam os tributos, não só sem resistencia, mas até mesmo sem murmurar. Longe de excitarem sedições e revoltas, nunca tomaram parte nas conspirações forjadas contra os imperadores; foram os unicos que não trataram de se desfazer de Nero, Domiciano, Commodo, Caracalla, e outros tyrannos.

Taes foram os primeiros christãos, os seus costumes, usos, e disciplina da Egreja primitiva. A.

SAXONIA.

Dos antigos saxonios dizem os historiadores mais graves, que eram homens de aspecto terrivel, olhos irados, e de condições ferozes. Viviam com grande brutalidade, observando porém sempre exactamente a sua palavra. Costumavam jurar sobre as armas, e era-lhes prohibido comer ou conversar com os perjuros, sob pena de serem exterminados em tempo de paz, e condemnados á morte em tempo de guerra. Adoravam uma divindade a que chamavam Arro, e sacrificavam-lhe a decima parte dos homens que aprisionavam nas guerras que continuadamente traziam com os visinhos.

A maior parte dos seus templos e dos seus idolos foram destruidos quando Carlos Magno venceu e subjeitou estes povos, que, justiça é dizer, foram sempre bellicosos.

O padre Bouhurs, autor da *Historia secreta da Polonia*, descreveu o povo de que tratamos, e em geral o alemão, como homens que não teem mais officio do que comer, desafiando-se por apostas a quem hade beber mais. Verdade é que este defeito é excessivo nos saxonios, e especialmente no uso da cerveja, que mui galantemente pretendem não seja vicio embriagarem-se com esta bebida, porque dizem que S. Paulo só condemnara o excesso a respeito do vinho. Outros autores os descrevem de grande estatura, fortes, robustos, e de muito bom natural, sendo de todos os alemães os que mostram mais doçura, e mais agrado nas suas praticas.

Presam-se muito os fidalgos saxonios da sua nobreza; e bem que hoje alguma mudança haja na sua antiga ufania, comtudo no geral não tratam de commercio, nem fazem allianças com os mercadores ou homens de negocio, ainda que d'ellas lhes resultem grandes conveniencias. Quando um nobre casava com a filha de um mercador, ou de outro qualquer que não correspondia á sua qualidade, era despresado de todos, que por vileza lhe chamavam: — sacco de pimenta! Até n'estes casos chegavam a correr grande risco de serem mortos pelos parentes.

Quando casam, quando lhes nascem filhos, e tambem quando morrem, se fazem grandes festejos nas suas casas, onde concorrem todos os fidalgos e senhores, mesmo sem serem convidados.

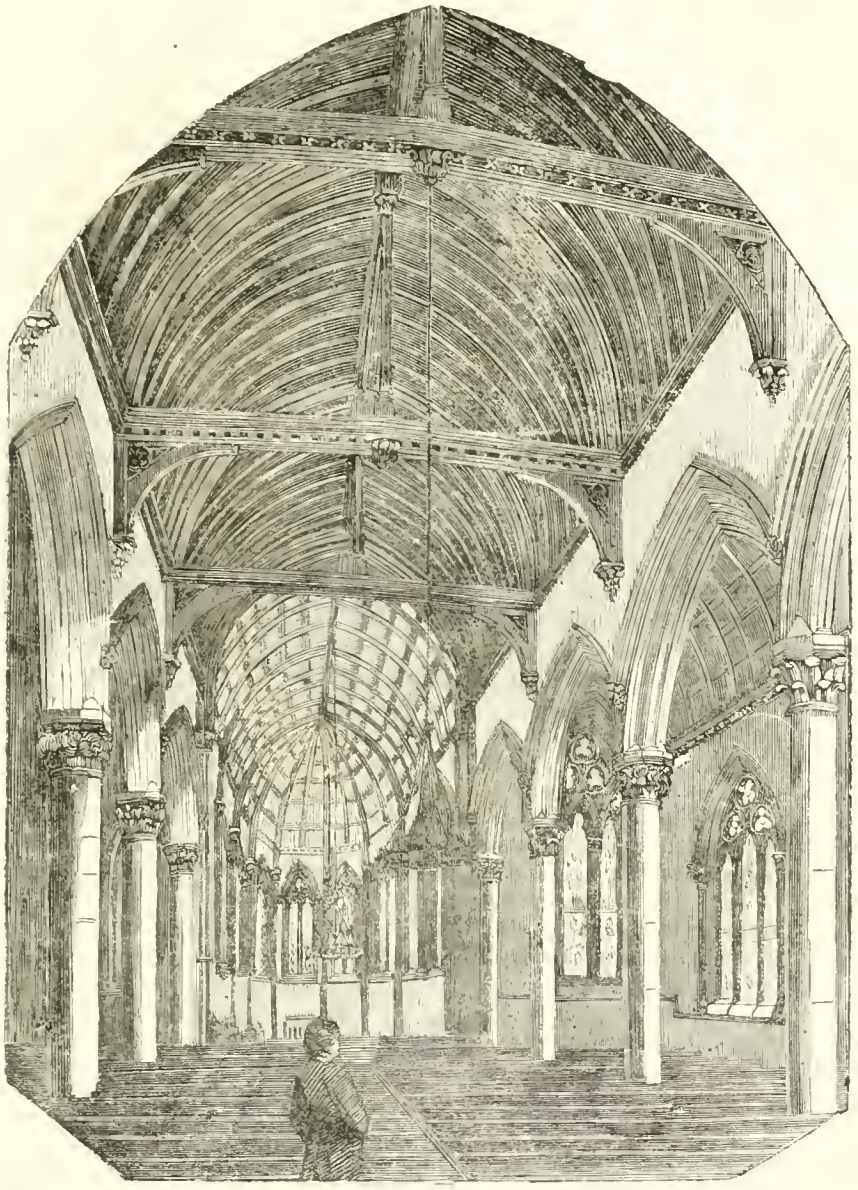
A religião predominante é a lutherana, porém ha livre exercicio de culto. As pessoas de qualidade fallam quasi todas francez e italiano. Um escriptor do seculo passado diz que a Saxonia podia pôr em campo, em menos de quatro dias, mil e duzentos senhores seus feudatarios, com oito mil cavallos, e vinte mil homens de pé.

PRELUDIOS POETICOS

DE

J. RAMOS COELHO.

Com este titulo saiu á luz um volume de poesias, de 300 paginas, nitidamente impresso, com o retrato do autor. Vende-se nas lojas do costume — preço 500 réis.



CAPELLA DE HARROW.

Muitos são os templos novamente erectos em Inglaterra para monumentos dos que morreram na campanha da Criméa: parece que na multiplicidade e fausto d'estas construcções se empenhou o orgulho nacional, além do desejo de render este preito a memoria dos que sustentaram em região remota a gloria da patria; demais é um tributo que recorda aos vindouros o sacrificio dos que morreram victimas da sua dedicação e do cumprimento de seus deveres; e, portanto, um incentivo para o exemplo; porque a nação ingleza não só remunera os que a servem com recompensas pecuniarias, condecorações e honras durante a vida, e os anima e excita pelas pensões e outros cuidados com que trata e ampara suas familias depois que perecem no serviço, mas tambem lhes erige monumentos que perpetuem a sua memoria. É d'este genero a nova capella de Harrow fundada no anno passado, de grande belleza no interior, como se mostra na estampa que representa a nave do lado do sul: é dedicada aos officiaes, que tinham sido educados no collegio de Harrow e morreram na guerra do Oriente. Harrow é uma povoação, aldêa grande, situada na collina mais alta do condado de Middlesex, distante de Londres para o no-

roeste pouco mais de duas leguas; a escola que ali foi fundada em 1571 reinando Isabel é celebre pelos estudos classicos; educa cem alumnos. M.

A FLORA.

(EPISODIO MARITIMO.)

Conclusão.

II

«Em lenho nadador dobrar souberam
A inseparavel meta em que se oppunha
A força dos mortaes a natureza.»
J. A. DE MACEDO — *O novo Argonauta.*

Um longo tormento, um continuado soffrimento de fome e sêde, durante vinte e oito dias de trabalhosa e aventurada viagem, haviam quasi totalmente exhausto as quebradas forças de nossos viajantes. Viam-se a cada instante entre os abysmos da morte e o desespero da miseria! A cada embate das ondas no costado da fragil *Flora*, se alevantava um novo perigo! Ainda, porém, lhes sobrava animo para que apreciando o salvamento da existencia, em muito houvessem a necessidade de se esforçarem por alcançar porto amigo e hospitaleiro. Assim, de quatro em quatro horas revezavam os quartos de governo da embarcação.

Em abono d'esta assiduidade não calaremos um tormento, que espontaneamente se impunha o valoroso mestre Quando no começo d'esta trabalhosa navegação, em trinta d'Outubro, Moraes saiu a segunda vez na ilha de Santa Maria, precisado a saltar em terra na escuridão da noite, houve a infelicidade de, ao tocar a praia, inopinadamente, entalar com o pé um dos despojos osseos d'algum peixe, pelo oceano arremessado áquellas costas, o qual rasgando-lhe o calçado foi entranhar-se pela planta do pé obra d'uma polegada de comprimento. Os successos que depois recresceram em cardume constrangeram Moraes a omittir o curativo da ferida, para se entregar todo, e pacientemente, aos immediatos negocios e precisões de sua viagem, deixando d'est'arte a chaga tomar consideravel incremento. Attenuado de forças, carecente de repoiso havia tantos dias, agora que já se iam desenganadamente caminho de Lisboa receando em seu quarto de leme ser accommettido d'alguma fortissima somnolencia, com resignação se tinha acostumado a irritar a ferida com os dedos da mão, para que a dôr o trouxesse desperto a despeito das vigilias!...

Retomemos o fio.

As oito horas do dia quinze de Novembro deparou-se-lhes, em direcção do nordeste, uma vela sobre a qual correram todo o dia, fazendo-lhe signal de perigo: pela tarde achavam-se na proximidade de duas leguas, o que não podia em tempo claro servir d'escusa á embarcação desconhecida e inhumana, que nenhum caso fez do pequeno baixel afflicto! Esta vela era uma escuna, cuja nação não conheceram.

Qual não seria o pasmo dos dois irmãos! Negava-se-lhes, e no meio do perigo e da necessidade, o soccorro usual entre os maritimos! De tudo pareciam desamparados!

Ao meio dia do immediato dezeseis apparece-lhes outra escuna, ingleza. Tinha o vento amainado, inda que as ondas continuavam descompostas. A escuna avistou e reconheceu a situação da barqueta, e espontaneamente á capa aguardou a sua aproximação. Se voariam para ella Moraes e Trajano?!

Eram finalmente o mais juntos que permittia o grande baralhar dos mares: um aceno bastou a denunciar aos bemfeitores a fome e a sêde d'estes intrepidos marinheiros. O momento era precioso. Os da escuna compadecidos da situação da *Flora*, gostosamente lhe enviaram algum soccorro, mas este, ainda que destramente arremessado pelo ar, só deixava aos necessitados o desgosto de o ver bater sobre o convez, e com o restante impulso da carreira saltar ao mar por cima de sua pequena borda falsa! Conseguiram com tudo isto tomar ainda treze bolachas, e para os fornecer d'agua a escuna desparou a retranca da vela grande para sotavento, e por ella fez conduzir na mão d'um moço um balde, resultando d'esta manobra o ficar a mesma retranca embrulhada em uma abertura das enxarcias — perigo de que custosamente se livrou a barqueta, á qual a escuna quasi suspendia em seu balancear. Em seguimento d'este risco veiu um inesperado abalroamento da *Flora* com o navio inglez, de que nasceu perder aquella o gurupés — falta a que occorreram em continente e da possivel maneira.

Desfizeram os dois navios a capa e ouviu-se em altas vozes trocar entre os bemfeitores e protegidos sincero *God save you!* Cada qual continuava seu caminho.

No dia seguinte, dezesete, demandaram nossos mais resignados navegantes, bordejando com uma brisa de oessudoeste, o cabo da Roca em Portugal, — diligencia continuada mesmo com vento sul no dia dezenove, e até avistarem ás quatro horas da tarde de vinte e um a ponta do dito cabo. Enthusiasmados velejavam elles com todo o panno, quando lhes sobreveiu calmaria, só dissipada ás seis da tarde pela aragem do norte.

Em sua compassada carreira mais tranquillos admiravam o perigo de que saiam, ao ver semeadas as immediações da costa de não poucos borcelos de embarcações perdidas! N'este tempo só tinham uma bolacha, das com que haviam sido socorridos.

Apenas pela noite do dia vinte e dois poderam entrar o Tejo. Ás sete horas da tarde uma vigia do contrato do tabaco na sua agua os seguiu até á roca de Cintra, e só pelas nove fa-

voreceu o vento na proximidade de Cascaes, em que uma embarcação de pilotos da barra pretendeu que a barqueta tomasse um para a conduzir, ao que os d'esta se denegaram pela falta de meios para abonar a despeza, correndo com toda a força. O barco costeiro (vigia do contrato) resolveu-se finalmente fallar aos da *Flora*, que lhe deram um mui abreviado bosquejo de sua extraordinaria viagem, virando depois aquelle de bordo, e esta abocando ousadamente o rio pelo bem conhecido corredor do norte, levando comsigo a rasto algumas redes armadas pela foz, servindo a livral-a do furor dos pescadores por um tal exito a rapidez da sua corrida.

Pela uma hora da manhã de vinte e tres foram dar fundo diante de Belem; depois do que, julgando-se seguros em protegida ancoragem, e mui acabrunhados de cansaço, repoisaram ambos. Tanto se entranharam pelo somno que não sentiram o abalroamento, que quasi ás tres horas com a barqueta houve uma barca sueca desarvorada, que subia o rio, praticando-lhe graves avarias e concorrendo para que depois de livres do abalroamento, e de terem buscado novamente repoisar, a vasante levasse a barqueta na corrente aos cachopos da torre do Bugio. Para os esquivarem, não podendo marear o panno por causa do estrago da apparelhação, tomaram o expediente de suster-se com os remos, ate aos seus brados acudir a tripulação de um falucho, que lhe lançou um dos seus marinheiros para os ajudar a sair do grande embaraço em que eram. E com effeito depois de varias diligencias conseguiram aproar para Paço d'Arcos, aonde esperaram a enchente para de novo subir o rio, vindo a ser a sua altima ancoragem em Belem as quatro horas da tarde do mesmo dia vinte e tres, depois da falua haver demandado e recebido o seu marinheiro.

Pouco apoz, ás cinco e meia horas tiveram a primeira visita, a quem relataram em summario sua espantosa viagem, que a todos maravilhou a ponto de pôrem em duvida a inteira veracidade das declarações dos dois irmãos. Pedindo estes remedio para a fome que os devorava, do escaler foi ordenado que se lhes mandasse algum soccorro: e este não tardou. Mas qual, apoz tão trabalhosa inedia? Sete libras de pão, sardas, e algum vinho, que tudo foi alegremente recebido!

Cumpre que não se olvide uma boa acção passada no momento da visita. Achavam-se Moraes e Trajano quasi nus, que taes os pozeram o tempo e os trabalhos. Condoidos, dois dos remeiros d'aquelle escaler despiram as proprias camisas, e as entregaram aos recem-chegados! A beneficencia extrema é a virtude dos pobres.

Em um bordo pela uma hora da manhã do dia vinte e quatro levaram a *Flora* a amarrar em um dos argolões do caes d'alfandega. Das dez para as onze horas do mesmo dia a autoridade policiaria houve de tomar conhecimento de todo o successo maritimo da barqueta, chamando a repetidos interrogatorios os dois irmãos, que mui conformes foram em suas declarações. Fazia espanto e punha-se em duvida o esforço dos interrogados! Receando cavilosa falsidade na narração d'elles, quasi não podiam acreditar que barco de onze toneladas, ousado aventurasse caminhar atravez de duzentas e sessenta leguas d'oceano! N'este comenos appareceu um conhecido de Moraes e Trajano, que concorrendo entre os innumeros curiosos que buscavam ver a *Flora* e seus conductores, condoido da situação d'estes, os afiançou á policia, em reforço da verdade de quanto era deposto.

Desembaraçados iam já no meio da turba enthusiasmada os irmãos Pereiras!

Por este tempo um verdadeiro e diligente amigo dos desvalidos, promoveu uma subscripção voluntaria em favor dos dois arribados, cujo producto, cerca de duzentos mil réis, lhes foi competentemente entregue. Honra aos que não ensurdecem aos brados da humanidade indigente!

Assim acabaram trinta e sete dias de trabalhos não interrompidos!

Notaremos por fim, que ainda em cinco d'Outubro de mil oitocentos e quarenta, depois de composta em tudo o que carecia, e de uma viagem de treze dias, os nossos heroes com menos custo retornavam com a *Flora* á ilha de San-Miguel, d'onde haviam partido um anno antes!

Eis os soffrimentos dos dois intrepidos e ousados filhos do benemerito actual escrivão da camara municipal de Ponta-delgada, Manuel Francisco Luiz Pereira, quando a furia dos elementos pretendeu experimentar-lhes o valor: ahi estão os rasgos de sua coragem e atilada perseverança!

III

« Ainsi tombe une fleur avant le temp fanée...»
LAMARTINE.

Assim como nos successos que relatámos esta a mais importante parte da historia da *Espada-de-ferro*, tambem depois de a trazermos em vista com tanto cuidado, parecerá desamor largal-a de estalo a borda do olvido. Poucas palavras mais nos pouparão esta ingratidão, contando o resto da sua vida, e seu desastroso fim.

Depois de chegar em mil oitocentos e quarenta á ilha de San-Miguel, a barqueta foi distratada, e começou a bem servir ao novo dono.... Acostumada ja a viagens longinquas, passava do Atlantico ao Mediterraneo como zebra corre desassombrada no deserto!...

Mas tantas vezes vae o cantaro á fonte até que para sempre lá fica: assim, em quinze de setembro de mil oitocentos e quarenta e tres, a *Flora* deu grande testemunho d'esta usual paremia. Foi nas aguas do logar dos Mosteiros, da mesma ilha de San-Miguel, apprehendida por um escaler da alfandega de Ponta-delgada, recheada de contrabandos, tendo em Gibraltar des-

pachado em lastro para a ilha Graciosa! Agora, tornada objecto da fazenda, chegou ao porto da cidade pela tarde do dia dezeseis; impozeram-lhe o novo nome de *Quinze de Setembro*, e depois de reparada e artilhada com uma peça de rodizio, entrou em exercicio fical e registo das costas da ilha.

De pouca duração foram porém estes novos serviços da barqueta.

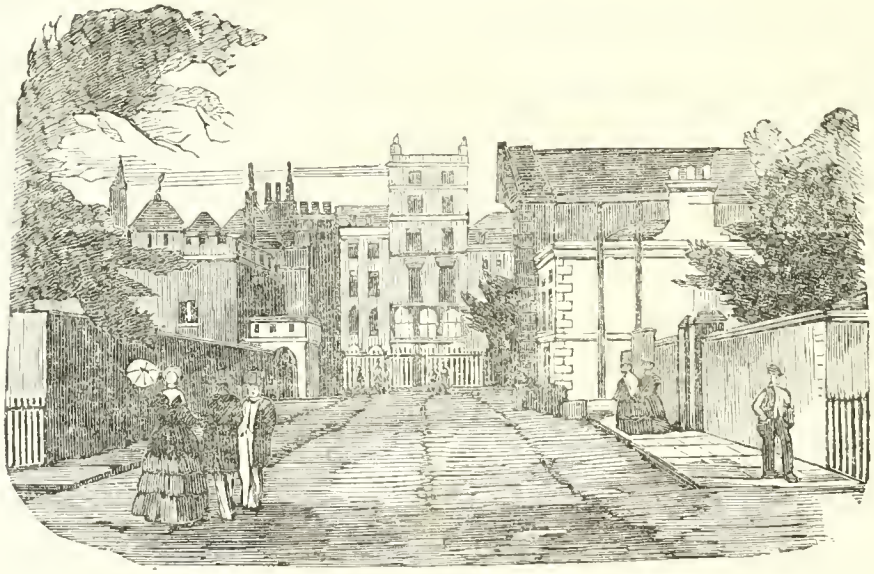
Largando a cinco d'Outubro em demanda de uma vela que vagava nos mares de Villa-Franca-do-campo, pouco apoz, perseguida pelo fado, encalhou na praia dos Mosteiros com agua aberta, e quasi inutil. Arrematada e desmanchada depois começou, porventura antes de quinze dias, a alimentar o fogão dos arrematantes!

Será curioso ponderar duas notaveis coincidencias, que aqui se dão.

Primeira: — Foi no mesmo logar dos Mosteiros, em que a barqueta nascera para o estado, que depois de o ter tão mal servido entregou a alma a Deus, e acabou a vida!...

Segunda: — O destino d'este barco parecia atado ao piloto Trajano. Aquelle que a encaminhou ao Tejo, e o mesmo que tem d'assistir ao seu funeral! Trajano era ainda n'esta ultima conjuntura o official da *Flora*: e se primeiramente a livrou, guiando-a a porto de salvação na arribada a Lisboa, tambem ella agora o recompensa, porque estando a ponto de abrir e sepultar entre as ondas quantos a pejavam, resolveu-se fazel-o apoz ter posto incolume na praia o seu piloto. Notavel agradecimento da materia bruta e inanimada!...

Tal foi o termo do fatalissimo destino da barqueta *Flora!* José de Torres.



NOVA ENTRADA DO PARQUE DE S. JAMES.

É da banda de Pall-Mall, que faz frente á rua de S. James que ultimamente foi aberta esta nova entrada. No parque de S. James está situado o palacio de Buckingham, residencia ordinaria da rainha Victoria. Nota-se que os palacios reaes em Londres não correspondem pela architectura á magnificencia que se admira nos edificios publicos; são umas casas que exteriormente nada teem de notavel. Os parques constam de alamedas, jardins, tapadas, ruas; não são passeios para uma hora só, nem só para um relance de olhos que comprehenda todo o seu espaço: S. James park e Hyde park, por exemplo, teem mais de seis milhas em volta. Nos jardins inglezes não ha a exacção e o rigor do compasso, e (como diz um viajante) taboleiros de flores não parecem á vista uma só e immensa flor, ruas de arvores não parecem uma só, e as aguas não dormem nos tanques: não se guarda a mesma ordem e regularidade que nos jardins francezes; teem poucas linhas rectas e essas seguidas de curvas, que tão admiravelmente entretem sempre o espectador; não ha monotonia de planos e são aproveitadas as irregularidades que o terreno offerece; o gosto dos jardins inglezes consiste na recreativa variedade dos accidentes, na imitação da natureza, e já foram celebrados no bello poema de Delille, traduzido pelo nosso Bocage. M.

O governo, que domina pela força as eleições, reconhece n'isso a falta de popularidade.

O IMPERIO D'ANNAM.

Havendo nós, nos numeros 2 e 20 do *Panorama* do anno passado, fallado do templo de Fai-Fo, e das barracas annamitas, na India d'além do Ganges, apenas nos limitámos á descripção d'esses edificios, sem tocarmos na historia do paiz; o que, sem deixar lacuna no assumpto que então nos propozemos, ficava muito áquem das exigencias historicas.

Para satisfazer essas exigencias, começamos hoje a publicar resumidamente a interessante historia do imperio d'Annam, que, estamos certos, agradará aos nossos leitores, em vista dos accidentes que apresenta.

Já dissemos nos referidos numeros, que este paiz se estende desde o 9.° até o 23.° grau de latitude norte, e desde o 118.° e trinta minutos até ao 127.° grau e trinta minutos de longitude; que ao norte é limitado pela China, e seu mar, ao sul pelo mesmo mar, e ao oeste pelo reino de Siam; que estes estados compõem agora um só imperio — o d'Annam, abrangendo o Tunkin, a Cochinchina, Tsiampa, Camboja, Lao, Lac-Tho e Kau-Kao.

A porção d'este imperio, situada ao sul de Tunkin, é dividida em tres grandes partes; a primeira, comprehende a ponta meridional que forma a extremidade do golpho de Siam, e que occupa, pouco mais ou menos, desde o 9.° grau de latitude até ao 12.°, chama-se Don-nai; a segunda, que se estende d'ahi até ao 16.° grau, Chang; e a terceira, situada entre esta e o 17.° grau, onde começa o Tunkin, tem o nome de Hué. A costa maritima d'estas divisões apresenta bahias e angras seguras e commodas. O rio de Don-nai (Camboja, nas cartas) é navegavel para os maiores navios até á distancia de cincoenta kilometros pelo interior, onde se acha a cidade de Sai-Gong, que tem um porto vasto, e um grande arsenal para a marinha. Este rio divide-se em muitos braços larguissimos.

Na parte que contém Chang encontra-se a bahia e enseada de Chin-Cheu. Esta é vasta e perfeitamente abrigada dos ventos; mas os navios de grande porte não podem ahi fundear senão quando o mar está agitado, por causa da barra que ha na entrada bastante estreita da foz que da bahia exterior ali conduz. No cimo d'esta enseada está a cidade de Quin-Nong. A principal cidade da provincia de Hué tem este mesmo nome; está situada sobre a margem d'um grande rio navegavel por navios de consideravel porte, mas uma barra de areia obstrue a embocadura. A bahia de Han-San, uma das melhores de todo o Levante, e situada um pouco ao sul d'este rio. É esta mesma que ordinariamente é designada nas cartas pelo nome de Turanne.

O Tunkin, propriamente dito, tem ao sul a Cochinchina e Lao; ao norte, a China pela provincia de Kang-Tong; a este, esta mesma provincia e o mar da China que forma um golpho a que Tunkin dá o nome; a oeste, Lao, Lac-Tho e as provincias chinezas de Yun-an e Kuan-si. Os pontos de contacto de Tunkin com a China são, pela maior parte, ermos, onde só ha aguas insalubres; e os limites dos dois estados ainda não foram determinados d'uma maneira positiva. Entre o Tunkin e a provincia de Kang-Tong ha montanhas inacessiveis, que deixam apenas um intervallo, cuja passagem é fechada por uma muralha, que tem porta guardada por soldados d'ambos os paizes; a fertilidade de Tunkin é devida principalmente ao Sang-Koi, vasto rio cujo curso não tem menos de seiscentos e quarenta mil metros. Notaremos, de passagem, que a denominação de Tunkin não é exacta. O paiz assim conhecido na Europa chama-se Kiao-Tchi. Este erro nasceu de se attribuir ao estado o nome da sua capital, que, por alguns tempos, se chamou Dong-Kinh (Dong, *éste*, e Kinh, *cidade*. Depois da reunião de Tunkin aos outros estados que formam o imperio d'Annam, achando-se a sua capital ao norte d'este imperio tomou o nome de Bac-Kinh (*cidade do norte*); é tambem chamada Thang-Long-Thanh (*cidade do dragão amarello*).

A Cochinchina é uma lingua de terra, sobre a margem do mar da China, que, antes das conquistas que a engrandeceram, apenas teria trinta e dois myriametros de comprimento do noroeste ao sueste. Hoje, comprehendendo-se a parte de Camboja, que se lhe reuniu, e o Tsiampa, estende-se desde o 9.° grau de latitude até quasi ao 17.°; é muito desegual, pois que na maior largura tem oitenta a cem kilometros, em quanto que em algumas partes, desde o mar até ao sopé das montanhas deshabitadas, esta largura não é de mais de tres a quatro kilometros. A Cochinchina divide-se em alta, central e baixa. A capital da alta é Phu-xuan ou Hué-fou; a central tem duas, Quin-nong e Qui-phu; a capital da baixa é Sai-gong. Este paiz é tambem dividido em sete provincias que são, começando do sul, Bin-Thuan, Nah-Trang, Pha-yen, Quin-nong, Kang-ai, Kang-nan ou Han, e Hue. A Cochinchina confina ao norte com Tunkin, ao este e sul com o mar da China, ao oeste com o reino de Siam, Camboja e Lao; e separada de Tunkin por uma cordilheira que deixa um intervallo de tres kilometros, pouco mais ou menos, fechado por uma muralha. O nome de Cochinchina talvez tenha sido formado pelos portuguezes, dos nomes de Kiao-Tchi, Tunkin, e Djinna ou Tsina, China; ao menos é esta a opinião de muitos viajantes; outros querem que Cotchin-Tsina signifique em japonez *paiz a oeste da China*.

Tchiem-Thanh, designado pelos europeus com o nome de Tsiampa, Tsiompa ou Ciampa, está incluido na Cochinchina, e é limitado por ella ao norte e ao meio-dia, a este pelo mar da China, e a oeste por Camboja. É um pequeno paiz montanhoso, que se percorre em tres dias de jornada. Pode dividir-se de éste a oeste em tres partes: a oriental é um deserto, composto de montanhas, algumas das quaes são banhadas pelo mar. É preciso atravessal-as para ir da baixa

Cochinchina á central; mas não ha agua potavel em uma grande parte d'este caminho. O centro do Tsiampa é habitado e cultivado; a parte occidental é um paiz de montanhas pelo qual vagam alguns homens quasi selvagens. A primeira noticia d'este paiz acha-se em Marco-Polo; mas depois os escriptos dos missionarios na Cochinchina fallam muito d'elle. Foi um reino poderosissimo, que os europeus não conheceram senão na decadencia, e que não existe agora. O quarto rei da segunda dynastia tunkineza apoderou-se d'elle pelos fins do decimo quinto seculo, reuniu-o aos seus estados, e formou duas provincias a que chamou Thuan-hoa e Kouang-nam.

Continua.

OBSERVAÇÕES SOBRE ALGUMAS FLORES E ARBUSTOS MODERNOS.

Os *abutilons* são uns arbustos de folhas persistentes, de florescencia continua, e resistem ao calor e á secca. São proprios para os segundos planos dos bosquesinhos, e assaz rusticos em quanto ao ar, terreno, e exposição. O *insignis*, que é o mais bello, é tambem o mais melindroso.

As *acacias* são mui elegantes. A sua ligeira folhagem e profusão de flores, juntamente com a sua rusticidade, aspecto pittoresco, e facilidade de cultura, fazem-nas procuradas para composições de paizagens. O humus vegetal, exposição arejada, e regas moderadas são proprias á sua vegetação.

As *achimènes* (gesnerias) são estimaveis pela variedade do matiz das flores, que se succedem sem interrupção no verão e no outono. Convem-lhes muito o humus vegetal e a sombra. Na epoca do repoiso da seiva precisam abrigadas.

As *cyrtandáceas*, meias-epephyteas, são proprias para guarnecer vasos suspensos nas estufas, ou nas casas, onde com os seus ramos pendentes e flores tubulosas produzem lindo effeito. Precisam do humus vegetal, sombra e calor.

As *apocyneas* são originarias do Brasil. Querem no inverno o abrigo da estufa; trabalho que recompensam generosamente com a grande abundancia das suas flores côr de oiro. Gostam da luz directa do sol, e carecem do humus vegetal, e de regas moderadas.

As *astropheas* devem ser abrigadas no verão. Tambem querem abrigo no inverno, raios directos do sol, e terra substancial.

As *aphelandras* são naturaes das sombrias florestas do Brasil. Cultivam-se em terra bruyère, reservando-as do sol, e do ar.

As *antocéreas* são uns formosos arbustos de folhas persistentes, que na primavera se vão cobrindo de folhas brancas e pequenas. Resistem ao calor e á seccura. Medrando em todos os terrenos, são proprias para formar abrigos contra o vento.

As *araliáceas* servem de ornato ás estufas e jardins, e teem um aspecto pittoresco. A maior parte d'ellas são originarias das regiões tropicaes, e exigem o abrigo da estufa durante o inverno, regas moderadas, e terra bruyère.

A *araucária* excelsa é originaria da ilha de Norfolk. É a mais pittoresca das coniferas. A sua forma pyramidal, a ramagem disposta horisontalmente por ordens continuas é de elegante effeito. Em Lisboa é tão rapido o seu crescimento, que uma da altura de um metro, plantada ha cinco annos no jardim do real palacio das Necessidades, já chegou á altura de dez metros. A *cuninghami*, a *imbricata*, e a *brasiliense* medram nas exposições frias. Pouco delicadas ácerca da qualidade de terreno, preferem todavia as terras substanciaes, nas quaes o humus vegetal se encontra misturado com a areia.

As *azaleas*, da China e da India, são arbustos de folhas persistentes, formando tufos elegantes, que se cobrem de uma profusão de flores notaveis pelo brilho e frescura das côres, variadas desde o branco puro até ao mais vivo escarlate. Pode prolongar-se-lhes a florescencia por mais de um mez, abrigando-as do sol. Exigem terra de bruyère pura, e uma exposição semi-sombria, e regas moderadas.

VIAGENS DE BECKFORD A PORTUGAL.

CARTA XXIII.

PENHA-VERDE. — CARACTERES DA CÔRTE. — FESTAS.

22 de Setembro de 1787.

Quando me levantei a nevoa encobria os cabeços, e o mar distante apresentava o seu azul esplendido.

Não obstante esperar algumas visitas de consideração procedentes de Lisboa, a manhã convidava tanto que não pude resistir a montar a cavallo depois d'almoço, correndo o risco de não estar presente á sua chegada.

Tomei a estrada de Collares. O ar estava deliciosamente sereno e fragrante, algum chuvisco que havia pouco caira refrescou toda a superficie do terreno, e coloria os alcantis para lá de Penha-Verde de purpura e esmeralda; a numerosa tribu das urzes começava a florecer; e os pequenos plainos irregulares, sobre os quaes pendem tortuosos sobreiros, e que tão frequentemente se encontram por aquelle caminho, viam-se cobertos agora de avantajados lirios brancos raiados de carmezim.

Penha-Verde é de per si um sitio agradavel. A casa de campo com seus tectos baixos e chatos e um corpo saliente n'uma extremidade, assimilha-se exactamente aos edificios das paizagens de Gaspar Poussin: diante de uma das fronteiras ha um jardim quadrado com sua fonte no meio, e nas paredes nichos occupados por

bustos antigos. Acima d'essas paredes variedade de arvores sobem a grande altura, e compõem uma condensação da mais rica folhagem. Os pinheiros, que pelo seu lustroso verde deram o epitheto a este rochedo ponte-agudo (Penha-Verde) são tão pittorescos como os que eu costumava admirar tanto no jardim Negroni em Roma, e de certo tão antigos ou talvez mais; a tradição refere que foram plantados pelo afamado D. João de Castro, cujo coração repoisa n'uma capella de marmore á sua sombra.

Quantas vezes aquelle coração heroico, em quanto bateu dentro do melhor e mais magnanimo seio humano, se affligiu depois no seu socegado retiro! Aqui, pelo menos, aguardou aquelle repoiso que tão cruelmente lhe negava a cega perversidade de seus ingratos concidadãos; porque a sua vida foi uma ardua contenda, uma longa e trabalhosa luta, não só no campo debaixo de sol ardente affrontando os perigos e a morte, mas tambem na sustentação da gloria e boa fama de Portugal contra enredos da côrte e vis cabalas de invejosos inimigos domesticos.

Estas paizagens, postoque ainda encantadoras, provavelmente soffreram grandes mudanças desde o tempo do heroe.

Temos lido que os fechados bosques desappareceram, e com elles muitas das nascentes que alimentavam. Fontes architectonicas, alinhados terraços, e talhões regulares plantados de larangeiras usurparam o logar d'aquelles vergeis silvestres e borbulhantes ribeirinhos, os quaes bem podemos suppor que a phantasia lhe representava em sonhos, quando distante milhares de leguas do seu torrão patrio. Essas coisas mudaram; mas, os homens são o mesmo que os do tempo d'elle, egualmente insensiveis á voz fervorosa do puro patriotismo, egualmente dispostos a vergar de rastos sob a vara da corrompida tyrannia; e assim pelo despreso com que são tratados os sabios e virtuosos, pela vil subserviencia a tolos velhacos, as eras, que poderiam ser de oiro, se transmutam por alchimia maldita em ferro oxydado pelo sangue.

Impressionado com todas as recordações que este interessantissimo sitio não deixa de inspirar, custava-me separar-me d'elle. Uma e outra vez segui os musgosos trilhos, que vão em voltas por entre sombrios penedos até á pequena assentada da capella funeraria, acima da qual se agitam com stridor as copas dos pinheiros.

Não vos admirará, pois, que eu viesse preoccupado, em todo o caminho para casa, d'aquelles mysteriosos susurros, e que em tal disposição não me agradasse ver uma procissão de seges, e uma caravana de burros, encaminhando-se para o portão da minha quinta. É certo que eu estava preparado para esperar consideravel affluencia de visitas; mas, aquillo era uma inundação.

Não vos envio a lista da companhia porque vos enfadaria tal individuação, como a mim uma similhante invasão em massa.

Basta nomear-vos dois dos principaes caracteres, o piedoso ancião, conde de S. Lourenço, e o prior de S. Julião, um dos principaes validos do arcebispo confessor, e pessoa de muito respeito. Acontecendo estar sobre a mesa a biblia hollandeza de Mortier, folhearam-na de um modo muito grosseiro. Eu que aborreço ver os livros enxovalhados, e as estampas com as nodoas da pega de um pollegar besuntado, ralhei ao conde velho, e lancei um olhar severo ao prior, que debruçava todo o seu peso clerical sobre o volume e dobrava os cantos das paginas.

Continua. M.

O PRINCIPADO DE NEUFCHATEL.

Os successos politicos de 2 e 3 de Setembro de 1856 tem chamado a attenção da Europa sobre as suas questões politicas. Deixando estas de parte, por não serem da indole d'este jornal, vamos dar alguns promenores sobre a historia particular do cantão.

O principado de Neufchatel, hoje da Confederação helvetica, compõe-se do condado de Valengin, e do referido principado, com uma superficie de quatorze leguas quadradas, e uma povoação de setenta e dois mil habitantes, que na maior parte fallam o idioma francez, e que com poucas excepções pertencem á religião protestante.

Quando em 1707 se extinguiu a familia dos Longuevilles, por decisão do conselho soberano de Neufchatel, assegurou-se este estado ao rei da Prussia, como herdeiro da casa de Orange, porque os seus direitos eram indisputaveis. Foram-lhe garantidos depois pela paz de Utrech, em 1713.

O poder real foi muito limitado pelos estados geraes do paiz ao conferir-lhe o respectivo senhorio. Em 1806 Napoleão induziu o rei da Prussia a ceder-lh'o, para o dar com o titulo de principe soberano ao marechal Berthier. Os acontecimentos de 1814 devolveram novamente o paiz, com augmento de territorio, ao rei da Prussia, que lhe outorgou uma constituição similhante á de Genebra, declarando-o ao mesmo tempo estado independente, e separado da Prussia propriamente dita. Alguns mezes depois foi encorporado como unico cantão monarchico na Confederação.

Emconsequencia das desordens occorridas em 1831, a constituição foi modificada por disposição regia, concedendo-se ao respectivo governo separar-se, querendo, da liga helvetica, e entrando para esse fim em negociações com a Dieta. Apresentada esta proposta á Dieta, foi rejeitada em 1834, ficando o principado na ambigua posição anterior, pagando ao rei uma lista civil de setenta mil francos annuaes, e dando-lhe um contingente de quatrocentos homens, sem embargo do que lhe correspondia como cantão suisso.

N'estas circunstancias se formou um partido realista, e outro republicano. Este ultimo ganhou supremacia no anno de 1847. Um governo provisorio declarou a definitiva abrogação do poder monarchico, decretando a immediata installação do systema republicano puro. Uma commissão especial redigiu uma constituição em sentido democratico, a qual foi approvada pela maioria do povo, e garantida a sua inviolabilidade pela Confederação. O rei da Prussia protestou solemnemente contra estas alterações, e reprovou especialmente a venda dos bens patrimoniaes e ecclesiasticos, a que se procedeu em 1850. Um congresso celebrado em Londres em 1852, ao qual assistiram os plenipotenciarios das grandes potencias, formulou e expediu um protocolo, que reportando-se ao tratado de 1815, declarou o direito do rei ao restabelecimento da sua soberania em Neufchatel. Esta disposição vigorou as esperanças do partido realista, e foi o motivo porque este, não podendo por outro modo conseguir o restabelecimento do antigo systema, lançou mão da força, combinando a surpreza, que teve em resultado tão infeliz exito.

RELAÇÃO DAS COISAS QUE ACONTECERAM EM A CIDADE DE ANGRA, ILHA TERCEIRA, DEPOIS QUE SE PERDEU EL-REI D. SEBASTIÃO EM AFRICA.

Continuação. -

LXIII

De como foi enganar com similhantes enganos o dito Amador Vieira, a Francisco Gil, piloto, e outro piloto francez

Havia nesta cidade um homem mancebo, natural della, piloto, por nome Francisco Gil, filho de Gil Rodrigues. Parece que Manuel da Silva tinha delle alguma suspeita, e o disse ao dito Amador Vieira, o qual se foi logo ter com elle, e lhe começou logo a descubrir o que tinha tratado com Gaspar Gonçalves de Utra, e com seu irmão; e que Manuel da Silva o tinha como preso, e o não queria deixar ir; que remedio teria para se poder ir desta ilha, para onde podesse ser. O pobre homem, enganado da maldade de Amador Vieira, em vez de lhe dizer que lhe daria remedio ao que lhe pedia, descubrio-lhe seu peito, e tudo o que sabia, e o que tinha determinado, e com muito contentamento lhe disse, que um piloto francez tinha um patacho, e elle havia levar cartas de certos homens desta cidade a el-rei Filippe, para que, quando viesse a armada no verão sobre esta ilha, por donde lhe haviam dar entrada; e que estavam esperando occasião de vento noroeste esperto, para a horas de meio dia, ou de noute por escuro botarem pelo meio das fortalezas, porque tinha o patacho fóra de todos os navios, e lho mostrou, dizendo-lhe quem eram algumas das pessoas que o faziam ir. Disse-lhe todas as que sabia, nomeando-lhe um Melchior Affonso. Disse-lhe o dito Amador Vieira que não fossem sem elle, porque lhes havia de importar muito, e que lhes havia fazer botar o habito, e muitas mercês. Ficou o dito Francisco Gil cheio de grande contentamento, dizendo-lhe: *Snr. Amador Vieira, eu direi a V. m. quando ha de ser: esteja V. m. aviado, e seu companheiro, porque depois de estarmos dentro no patacho fará V. m. que vae a folgar em um barquinho ás naus ancoradas, correndo-as, porque de V. m. não se ha de suspeitar cousa alguma.* E ficou isto assim, e Amador Vieira a fazer estas boas obras, tinha ainda que correr, já tinha este pobre descuberto.

(*) Do num. 11.

LXIV

De como Amador Vieira se foi ter com Melchior Affonso, a descubrir-lhe seu falso e fingido intento, como aos outros.

Vivia nesta cidade um Melchior Affonso, natural della, que tinha andado nas Indias de Castella muito tempo, e vivia honradamente. Foi-se ter com elle o dito Amador Vieira, com a mesma toada atraz, para lhe descubrir seu peito á sua vontade. Como o dito Melchior Affonso não podia deixar de ser descuberto pelo muito cabedal que mettia, e os muitos a quem se tinha descuberto, sabendo que o dito Amador Vieira tinha vindo com cartas d'el-rei Filippe ao Snr. D. Antonio, teve-se por muito seguro. Descubrio quanto tinha imaginado, e a gente que tinha certa para o effeito que pretendia. Vivia elle perto de um forte na freguezia de S. Matheus, perto da cidade: disse que tinha escripto a Sua magestade, que vindo as armadas que se faziam sobre esta ilha, que viessem ter defronte daquelle forte, porque estavam appellidados cem homens do seu serviço, em vindo a armada defronte delle, para pegarem nos bombardeiros e soldados que dentro estivessem para os amarrarem, e que como estivessem senhores do forte haviam de pôr por signal uma bandeira branca, porque ficavam com a artilheria senhores do mar e da terra (*) . . . . . .

Continúa.

Publicou-se o 3.º volume da ENEIDA de Virgilio, por Barreto Feio — preço 1:000 réis.

—

Publicou-se SYAMBUL, comedia em 3 actos e 9 quadros, original de Aristides Abranches — preço 300 reis.

(*) N'este logar faltam duas paginas no manuscripto, que comprehendiam o fim d'este capitulo, e o principio do capitulo LXV.

PONTE D'ALLAH-VERDI-KHAN.

Em Ispahan, sobre o Zendeh-Rouh, acha-se lançada a ponte de Djoulfa ou d'Allah-Verdi-Khan, a mais elegante das da Persia: tem duzentos e quarenta metros de comprimento e treze de largura. O centro é reservado para os viandantes a cavallo e bestas de carga; de cada lado ha uma galeria d'arcadas, para os que passam a pé, de tres metros de largura e de oito a nove d'altura. É sobrepujada por uma plata-forma, guarnecida de parapeitos, para a qual se sobe por uma escada situada nas torres que se acham nas extremidades das galerias. Pode tambem passar-se os arcos da ponte, quando a agua vae baixa, por meio d'uma galeria que os atravessa, e de pedras que se elevam do leito do rio, e estão distantes umas das outras obra d'um passo.

Esta ponte é construida de ladrilhos e pedras calcarias muito duras. Os arcos são trinta e quatro.

O IMPERIO D'ANNAM.

Continuação.

Camboja ou Cambodia começa um pouco acima do 9.° grau de latitude, e acaba no 12.° A éste tem a Cochinchina e o Tsiampa; a oeste, o reino de Siam; ao norte, Lao; e ao sul, a Cochinchina. Este paiz é agora chamado Kao-mien ou Kao-men pelos tunkinezes; antigamente chamavam-lhe Tchan-lap, o que é a mesma coisa que o Tchin-la dos chins. Camboja, designada pelos habitantes com o nome de Youdra-Skan, é uma região fertil, que só tem duas cidades principaes, Penom-Peng ou Ca-Lompé, a capital moderna, e Pontai-Pret, a antiga, mais conhecida pelo nome de Camboja. Camboja foi um reino muito poderoso visto que no decimo seculo pôde conquistar a Cochinchina. Depois de diversas alternativas de elevação e decadencia, de conquista e submissão, foi, em 1809, encorporado definitivamente ao imperio d'Annam.

O Lao, ou Mi-lao, é um paiz pouco conhecido; estende-se do 12.° ao 18.° grau de latitude; ao norte confina com Lac-Tho e Tunkin, ao meio-dia com Camboja, a este com Tunkin e a Cochinchina, ao oeste com o reino de Siam. A capital é Han-Niech. Este paiz é banhado por um grande rio, chamado Maykang.

O Lac-Tho é desconhecido na Europa. Ainda que pequeno, formou comtudo outr'ora um estado independente; é limitado ao sul pelo Lao, ao norte e a éste por Tunkin, e a oeste pela China.

Finalmente, Kan-Kao, chamado Ha-tien pelos

cochinchinezes e Palmerinha pelos portuguezes, é uma pequena soberania, situada na extremidade sul de Camboja, sobre a costa oriental do golpho de Siam. Ha muito tempo que o chefe d'este estado tem só o titulo de governador: é tributario do imperador d'Annam, tendo-o já sido do rei da Cochinchina.

A origem dos tunkinezes e dos cochinchinezes, como a de todos os povos que conquistaram as grandes ilhas do archipelago da Asia, tem estado occulta até hoje; comtudo alguma similhança na religião, nos costumes, e principalmente nos preconceitos que se perpetuam nas classes inferiores, e resistem ao tempo e aos acontecimentos, poderá fazer suppor que estes povos descendem dos chins, expulsos da sua patria pelas invasões successivas dos tartaros, e que viriam a esta plaga pouco mais ou menos doisseculos antes da nossa era. Os profugos acharam o paiz occupado por tribus negras, que defenderam o seu solo com a energia do desespero, e lutaram por longos annos. Obrigados a retirar-se diante dos vencedores e a abandonar o litoral, de que, conforme todas as apparencias, a natureza os fizera primeiros possuidores, os *Moyes* refugiaram-se nas montanhas do Lao, do alto das quaes, ha pouco ainda, estas tribus ferozes desciam como uma torrente sobre as terras, incendiavam as aldêas, talavam os campos, e matavam os habitantes.

Por muito tempo os tunkinezes, quasi selvagens, occupados unicamente em prover ás suas necessidades physicas, ignorando o uso da escripta, não poderam conservar a lembrança do passado senão pela tradição oral, sempre tão vaga, e incerta; ha só seiscentos annos, pouco mais ou menos, que elles começaram a escrever a sua historia. Todavia os seus annaes, verdadeiros ou falsos, reportam-se quasi ao tempo em que este paiz começou a ser habitado, e comprehendem perto de dois mil annos; mas nos primeiros tempos, só apresentam os nomes dos chefes do estado, sem tocar em nenhuns outros factos.

Os historiadores tunkinezes collocam á frente da sua historia uma dynastia de Hong-Mang, a qual, tendo sido fundada por um bisneto de Chin-Noung, imperador da China, reinou durante dezoito gerações. Esta primeira lista de reis pode ser tida como suspeita, por isso que n'ella se menciona um fundador descendente d'um d'estes antigos imperadores da China cuja existencia historica é pelo menos duvidosa. A estes reis succederam duas pequenas dynastias, a de Touk e a de Tricou, a duração d'ambas as quaes foi do anno 252 ao anno 106 antes de Jesus Christo. Depois a dynastia dos Trien reinou pelo espaço de noventa e sete annos; os Han occidentaes occuparam o throno por cento quarenta e nove; os Han orientaes durante cento quarenta e quatro; os Ngooli e os Luong por trezentos e quatorze. Os chins apoderaram-se então de Tunkin, e ahi governaram, por vice-reis, durante mais de trezentos annos; mas pelo meado do seculo decimo, a dynastia dos Ngo foi fundada pelo genro d'um general chim, e reinou vinte e nove annos. Depois d'ella começaram as dynastias propriamente tunkinezas, a primeira das quaes, a dos Diah ou Dinh, teve por fundador, em 968, um zagal, chamado Bo-Linh, tartaro, que tendo-se retirado para as montanhas de Tunkin com alguns dos seus compatriotas, incitou-os a uma revolução, poz-se á testa dos tunkinezes, venceu os chins, e fez-se acclamar rei. Mas sobrevindo nova revolução, Bo-Linh foi assassinado, travaram-se guerras civis, e muitos tunkinezes disputaram o throno. Um d'estes, chamado Lé-Day-Hong ou Lé-Dai-Kanh, foi ahi collocado, e fundou, em 981, a dynastia dos Lé. Não gosou porém muito tempo do seu triumpho: atacado pelos chins, morreu em uma batalha que lhes apresentou. O seu successor, mais feliz, alcançou muitas victorias sobre elles, pondo-os em estado de não lhe perturbarem o reinado. Succedeu-lhe a sua posteridade, que sustentou a corôa por mais de dois seculos. Uma filha d'esta casa, unica herdeira do throno, o levou por casamento para a casa dos Han, que já o tinham possuido. Esta nova dynastia, conhecida tambem pelo nome de Tran, começou em 1226; durou cento oitenta e oito annos, mas foi n'esse tempo inquietada por muitas revoluções. Alguns partidos chamaram em seu soccorro o imperador da China, que enviou exercitos, restabeleceu o antigo dominio, e fez a sede d'uma vice-realeza. Tendo os vice-reis commettido grandes violencias, os tunkinezes rebellaram-se, mataram o vice-rei que então funccionava, e pozeram á sua frente um principe da antiga familia real dos Lé. Lé-Loi era grande guerreiro; ganhou muitas victorias, expulsou os chins do paiz, e, proclamado rei, fundou, em 1428, a segunda dynastia dos Lé. Obrigou o imperador da China a reconhecer a existencia da monarchia tunkineza, com o encargo d'um tributo pela exaltação de cada principe ao throno de Tunkin. Alguns historiadores, porém, não suppõem que isto tivesse effeito senão até ao successor immediato de Lé-Loi.

Continúa.

A COMPANHIA HOLLANDEZA DAS INDIAS.

Assim que os hollandezes começaram a animar-se para estabelecer uma patria livre sacudindo o jugo hespanhol, cuidaram logo nos meios de conservar-se, e considerando bem em que o seu paiz não podia sustentar commercio, que os interessasse com as outras nações, se determinaram muitos particulares com a protecção do publico a armar navios, e a tentar fortuna nos maiores perigos do mar, fazendo o possivel por se enriquecerem á custa dos barbaros, que n'esses principios começaram a despojar.

No anno de 1602 muitos d'aquelles particu-

lares interessados n'este negocio, trataram do estabelecimento de uma companhia, e alcançaram dos Estados Geraes ampla autoridade e poder despotico de inteira soberania no reino de Batavia, Jacarra, e de outros logares adjacentes, para exercitarem n'elles toda a qualidade de negocio, trafico, e commercio, com faculdade de elegerem governador e magistrados não só para a Batavia, mas para a mesma companhia que se formava em Hollanda.

Para o primeiro estabelecimento d'ella se fez um fundo de sessenta e tres toneis de oiro, cada um de quarenta mil escudos romanos, que eram cem mil florins, dividido em mais de mil e duzentas pessoas de diversas partes da Europa, havendo algumas que tinham n'este fundo mil e quinhentos florins sómente, ao mesmo tempo que outras tinham sómmas muito consideraveis. Pode dizer-se que dos judeus era a maior parte d'este fundo. A quantia que cada um tinha na companhia chamava-se acção. Este dinheiro não se podia augmentar, nem diminuir, nem mudar, mas podia vender-se, e alienar, como hoje é uso n'estas empresas. Quando chegava alguma frota grande das Indias augmentava o preço das acções; quando se presumia alguma perda ou naufragio diminuia.

Do dinheiro do fundo não se pagava interesse ás partes, mas quando chegava a frota, depois de descontadas as despezas d'ella, se deixava um quinto para a companhia, e fazendo-se uma repartição de tudo o mais, se dividia pelas referidas partes á proporção. Dois e tres annos se passavam ás vezes sem os interessados tirarem proveito algum, porém havia annos em que recebiam vinte cinco por cento, ou mais.

Esta companhia, em attenção aos relevantes serviços que o principe d'Orange fez ao Estado, estabeleceu-lhe no anno de 1674 um fundo de dois toneis de oiro, que são 200000 florins. A companhia no seu principio tomou dinheiro a juro até á somma de sete milhões, a quatro por cento, podendo os credores retirar o capital quando quizessem.

Quando chegava uma frota repartiam-se as fazendas e mercadorias á proporção nos seis armazens de Amsterdam, Zelanda, Delf, Rotterdam, Horn, e Enckusen, logares onde havia assembleas geraes, tendo cada armazem seus directores particulares. Amsterdam tinha vinte directores com o salario annual de 3100 libras: Zelanda, doze com 2600 libras; e os outros armazens, sete cada um, com 1200 libras. Eram cargos vitalicios, e não podiam ser directores os judeus, nem dois irmãos, ou cunhados, ou primos co-irmãos. De todos estes directores nomeavam-se annualmente dezesete para o governo geral da companhia. Esta assemblea reunia-se tres vezes cada anno, em differentes tempos, e cada uma das reuniões durava tres semanas, vencendo cada director uma gratificação. Havia um director que servia de procurador da companhia, tendo em seu poder todos os livros e contas, subscrevendo egualmente todos os negocios concluidos.

Esta assemblea dos dezesete elegia o governador geral d'entre os seis conselheiros residentes na Batavia, onde o seu poder era soberano e despotico, podendo fazer guerras e pazes, enviar governadores a outras provincias, suspender e castigal-os. Um dos conselheiros da Batavia presidia no tribunal da justiça criminal e civil, cujas sentenças para se executarem careciam de confirmação do governador; mas o tribunal era tão supremo, que tinha jurisdição para condemnar á morte o mesmo governador, sendo convencido de traição.

A despeza da companhia no entretenimento e fabrica dos navios, nos salarios de tantos ministros e officiaes, e em tantas expedições assim na India como na Hollanda, era enormissima. Chegou a ter trinta mil homens a soldo, e cento e cincoenta naus de guerra para as empresas e comboios. Muitas fortalezas edificaram na India. Em 1617 transportaram uma de pedra, fabricada e preparada em Amsterdam. O rei de Bantam deu-lhes licença para que fizessem nos seus estados um grande armazem, em que recolhessem as fazendas que traziam da Europa, e ajuntassem as que compravam no Oriente. Os hollandezes, que formaram o armazem de taboas e pranchas, tomaram um grande terreno, e começando nos annos seguintes a fazer lastro aos seus navios com as pedras talhadas em Hollanda, foram edificando uma cidadella dentro do armazem. Logo que a acabaram, guarnecida já de artilheria, abateram em uma noite toda a obra de madeira que a encobria, com grande espanto dos indios. O mesmo rei, que não podia crer aquelle impossivel, ficou tão contente de ver o edificio que o queria escolher para sua habitação. Então lhe declararam os hollandezes que não tinham ordem para tal, e seguindo a responderem com o ruido da artilheria ás queixas e as representações do enganado principe, que veiu assim no ultimo conhecimento de que a fortaleza se não tinha construido para elle.

O governador de Batavia guardava a chave dos thesouros d'onde tirava todo o cabedal a seu arbitrio. Quando saia do palacio era precedido de cincoenta guardas de cavallo, uma companhia de infanteria, e doze pagens aos lados. As audiencias aos embaixadores dos principes indios eram executadas com grande fausto e magnificencia.

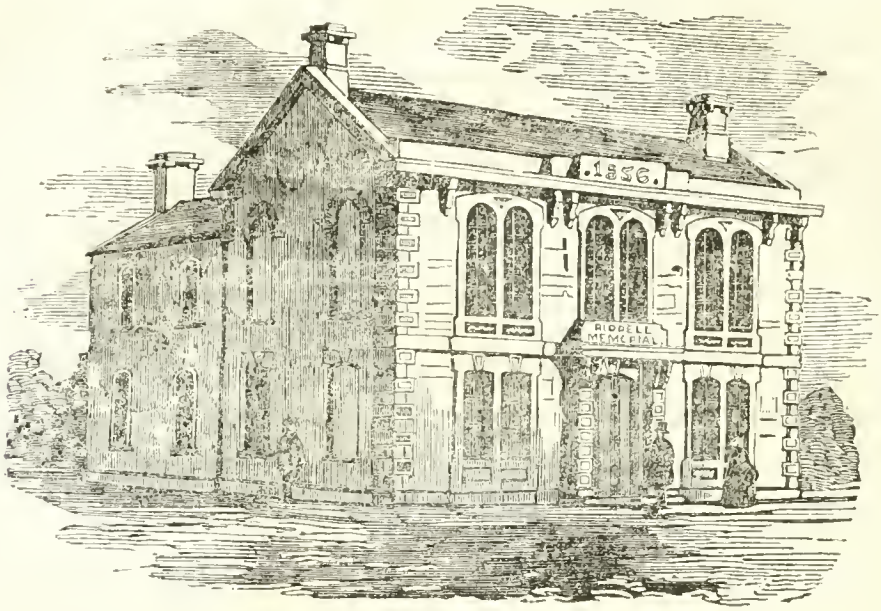
A aspereza na reprehensão só deverá ser empregada, depois de esgotados inutilmente os meios da docilidade, e brandura.

—

Grande parte de republicas tem perecido aos golpes de tyrannos, que souberam fingir-se democratas amantes dos povos.

—

A sabedoria é um mar sem fundo; não ha sonda, que lhe meça a altura.



EDIFICIO MONUMENTO.

No passado anno de 1856 erigiu-se em Masham no condado de York uma bonita capella destinada para memoria de Thomaz Riddell, respeitavel e sabio vigario d'esta pequena cidade, e presidente do instituto mecanico desde que foi fundado; por uma subscripção dos seus parochianos e de seus numerosos amigos, de quem era venerado e querido, foi erecto o templo, concorrendo muito o almirante Octavio Harcourt, principal proprietario de bens rusticos n'aquelle districto. O estylo da construcção é no gosto da architectura italiana, com vestibulo espaçoso e boa escadaria; contém uma bella sala de leitura, bibliotheca, casa para os empregados, e todas as mais conducentes a esta applicação, para que foi feita, com o intuito de facilitar a instrucção a todas as classes. No conjunto das obras se combinou a elegancia com a utilidade e a economica, sendo n'estas essenciaes condições que sobresae o caracter da nação britanica. M.

PARALLELO ENTRE AS LITTERATURAS ALEMÃ E INGLEZA.

Ha poucas semanas que apresentámos nas columnas do Panorama um pequeno artigo a respeito da moderna litteratura germanica, como complemento de um estudo biographico sobre Hoffmann, que pelo mesmo tempo reproduziamos no jornal; hoje vamos fazer um ligeiro parallelo entre aquella litteratura e a britanica, como introducção a outro estudo ácerca de lord Byron. Conscios da nossa insufficiencia, e sem pretenções a chamar nosso ao trabalho alheio, confessamos desde já que temos á vista uma excellente obra de Charles Remusat, que seguiremos n'esta apreciação litteraria.

A poesia ingleza e a poesia alemã tem ambas o cunho da melancolia, mas differem em que aquella se impressiona pelos objectos exteriores, e esta vive do aceso pensar, ou antes de visões, de delirio. Isto, porém, não quer dizer que seja impossivel a um poeta alemão descrever os objectos exteriores, nem a um poeta inglez penetrar nos mysterios do pensamento. Goethe e Burger apresentaram a verdade, a natureza, a ingenuidade mesmo nos seus versos; e sem ser discipulo de Kant, sem ter estudado em Heidelberg ou em Goetting, lord Byron soube, mais de uma vez, rasgar o veo que esconde a alma do homem.

Byron era pintor e pensador; mas se foi o maior poeta britanico dos tempos modernos (talvez de todos os tempos), pode considerar-se germanico pela ousadia da imaginação. Todavia, o seu caracter individual o distingue dos autores alemães, cuja vida pouco activa e uniforme se revela nas proprias obras.

Klopotock passou uma existencia socegada. Goethe, apesar de haver escripto o *Werther*, gosou dos prazeres do homem do mundo, e cumpriu os deveres de um ministro. Schiller teve uma vida menos tempestuosa do que a sua imaginação nos quer inculcar; porém Byron não pôde respirar no meio da sociedade aonde a sorte o collocara, precisava de sensações extraordinarias; obstaculos, perigos, escrupulos, tudo despresava. Os seus livros não revelam o homem de lettras fechado no gabinete de estudo; denunciam o poeta que se fez á vela do porto n'um dia de tempestade, que passa a nado o Helles-

ponto, que vae morrer á Grecia como soldado da liberdade

A vida ociosa dos alemães contrasta singularmente com a vida activa dos bretões. Por isso a poesia germanica é toda contemplativa. Reflexo da actividade nacional, a poesia ingleza revê-se nos campos cuidadosamente cultivados, verdes e risonhos; nos ribeiros artisticamente encanados; nos opulentos castellos da nobreza; nas machinas de vapor; nos caminhos de ferro; nas pontes suspensas; no telegrapho electrico. Os versos dos seus bons poetas parecem escriptos ao ar livre dos campos, pintando fielmente todos os objectos, e reproduzindo as impressões que elles causam. Transparece ali a simplicidade da vida de familia, a alegria campestre, em toda a sua pureza. As narrações são as mais das vezes tocantes e singelas, e mesmo quando versam sobre grandes acontecimentos, parece que estes são contados diante do lar de velho castello ou de humilde cabana, em longo serão de inverno.

Em geral, o talento descriptivo não falta a nenhum poeta inglez, mesmo aos pouco conhecidos, mas brilha com o maior esplendor em Burns, Crabbe e Walter Scott. Entre tantas qualidades poeticas que distinguem o celebre Byron, nenhuma possuiu, talvez, em tão alto grau. Nas proprias pinturas deslumbrantes de Thomaz Moore assoma aquelle talento; com a differença, porém, que Moore parece ver a natureza atravez de um prisma de côres brilhantes mas falsas.

A Inglaterra teve o seu grande poeta epico, o seu grande poeta dramatico, e ainda no ultimo seculo muitos poetas philosophos; mas tudo isso passou, e, o que é inexplicavel, sob o imperio da mais adiantada civilisação, a sua poesia voltou-se de novo para a natureza!

Parece isto um contrasenso, mas não é. Nenhum paiz, com effeito, deve mais á arte que a Grã-Bretanha; o aspecto mesmo do solo revela por toda a parte o esforço do homem. Uma cultura aprimorada tem mudado ali a face da terra: não se encontram cumes de montanhas inaccessiveis; nenhum ribeiro se despenha em torrente; as serras mesmo deixaram de ser selvagens. A industria humana apropriou-se de tudo: o fogo, a agua, a terra, tudo está submettido, tudo está domesticado. Os proprios animaes parece prestarem voluntariamente a sua força ao serviço do homem. O cavallo mesmo, o cavallo inglez tão vigoroso e corredor, não rincha de impaciencia, não pula com energia, a sua impetuosidade pode chamar-se docil.

O inglez tem habitos invariaveis, teme geralmente a mudança, professa a religião da ordem estabelecida: parece pois que devera ser o povo mais prosaico do mundo, e todavia a Europa inteira festeja o canto dos seus poetas.

Em meio dos milagres da industria, das profusões da riqueza, dos requintes do luxo, a imaginação não tem perdido o seu imperio na Grã-Bretanha, antes pelo contrario tem ganhado muito. A frescura da sua moderna poesia parece pertencer a outras eras. Mas é que a Inglaterra é poetica porque é pittoresca, e a sua maravilhosa agricultura não trata só do util mas tambem do agradavel, dando mesmo ares, ás vezes, de que cuidou mais de aformoscar do que de fertilisar o terreno.

Aquelles campos tão bem lavrados, aquellas arvores tão respeitadas, aquelles ribeiros que fertilisam as planicies, teem um aspecto risonho e até poetico. Aquelles castellos, onde a opulencia ostenta todas as pompas, são cercados de tapetes de relva em que pastam numerosas manadas; e a arte que traçou esses parques immensos parece haver tido unicamente em vista moldurar uma linda paisagem.

O luxo ali não consiste em abrir grandes lagos, inventar collinas artificiaes, e alindar alegretes, mas em encanar ribeiras, caidar do arvoredo, e fechar grandes tapadas. Em toda a Inglaterra se encontra uma decidida predilecção pelas bellezas naturaes; desde o mais rico até ao mais pobre cidadão, todos apreciam o campo; o que não succede em outros paizes, onde o aldeão só admira as cidades. Qualquer modesta *cottage* apresenta um bonito jardim, d'onde partem os jasmineiros e roseiras a forrar-lhe as paredes e a coroar-lhe a porta, creando uma encantadora perspectiva. Em meio dos thesouros de uma admiravel vegetação, vê-se uma ruina gothica, as torres de um antigo solar, os arcos ponteagudos de velha abbadia, a hera que forra exteriormente a parochia, a arvore abalada e secca á qual só a vetustidade dá valor, e todos estes monumentos das passadas eras são respeitados como taes, e como ornamentos da paisagem tambem, pelo commum do povo britanico.

Toda a população toma interesse pelos objectos que embellesam o logar da sua residencia; e esta nação, rainha do commercio e da industria, parece reconhecer com amor que deve á terra a sua opulencia, a sua gloria, e a sua grandeza.

A actividade, o goso da liberdade, e a affeição por todas as bellezas que o cerca, tornam o inglez muito differente do alemão, que está condemnado á inercia politica, que é, por caracter, inimigo do movimento, que, concentrado em si mesmo, despresa os objectos exteriores. Dois poetas, entretanto, que foram contemporaneos, e morreram já n'este seculo, como que se deram as mãos na carreira litteraria, e aproximaram quanto era possivel, uma da outra, as duas poesias ingleza e alemã. Eram dois talentos excepcionaes — Hoffmann e Byron!

Ha uma grande analogia entre estes dois poetas, tanto na vida errante que levaram, ainda que por differentes motivos, como em parte das suas obras; o leitor, que não conhece de perto os inimitaveis livros d'estes autores, poderá comtudo avaliar a verdade da nossa asserção, comparando o estudo biographico sobre lord Byron, que vamos começar no seguinte numero do Panorama, com outro estudo que estampámos n'este mesmo semanario ácerca do immortal Hoffmann.

F. M. Bordalo.

OS DIABINHOS.

CONTRABANDO DE VISEU.

I

Era em tempo de segadas,
Grande aperto de serviço,
Descansar (mesmo ao domingo)
Era bom, nem fallar n'isso!...

Tinha o lavrador Fernandes
Uma campina de trigo,
Fazia mister segal-o
E ninguem tinha comsigo.

Scismava o bom lavrador
Roendo o cabo á foucinha,
Quando vê chegar á beira
Homem que de longe vinha.

— Amigo, diz elle á pressa,
Quer você ganhar jornal?
Fique comnosco e verá
Se lhe corre a vida mal. —

= Ha pois muito que fazer?=
Diz o tal recem-chegado,
= Minha gente de trabalho
Leva tudo n'um cortado. = (*)

— Que fazer?!... olhe esse campo
De trigo já a largar,
Que é preciso ser segado
A'manhã o mais tardar. —

= Ámanhã será segado,
Se promette pagar bem. =
— Pagar bem?!... *olé* se pago!...
Mas a gente aonde a tem? —

= Eu bem sei aonde a tenho,
Não lhe dê isso cuidado:
Terá em medas o trigo
Ámanhã logo ao sol nado. =

Fernandes correu a casa
E gritou ao ver Maria:
— Temos grandes novidades!...
Novidades de alegria!

Com homem desconhecido
Justei a grande segada:
Ha d'estar na eira o trigo
Ámanhã de madrugada. —

« Olha lá não vá ser isso
Tramoia do inimigo!... »
— Pois quer seja, quer não seja,
Quero ver segado o trigo.

(*) Termos proprios da gente do campo.

II

A lua nascia,
Os ventos sopravam,
Á porta dos heidos
Cachorros ladravam.

O gallo cantava,
Tornava a cantar,
Lá no campanario
Meia noite a dar.

De casa sózinho
Fernandes saía
Em casa resando
Ficava Maria.

Ao campo de trigo
Fernandes chegou.
Que tal foi a peça?!...
Ninguem avistou.

Encontra o coitado
O campo deserto;
Nem um segador,
Nem longe, nem perto.

O trigo c'o vento
Rugia e bailava:
Da magoa do dono
Parece zombava.

Retira-se á pressa,
Fernandes zangado,
Descobre um pipinho
Ao pé do vallado.

— Um pipo!.. diz elle,
Tem vinho de certo!
Pois s'elle tem vinho,
A gente está perto.

Arreda!... é pesado
O tal barrilinho;
Vejamos então
Se é bom o seu vinho. —

E tira o batoque
O bom lavrador.
Jesus!... que tormenta!...
Que susto e pavor!...

Do pipo s'esgueiram
Rapazes aos gritos!...
São tantos e tantos,
E tão pequenitos!!!...

Parecem abelhas
Em sestas calmosas,
Buscando ligeiras
Boninas e rosas.

Camisas traziam
Tão frescas!... lavadas,
Que mais escurecem
Carinhas tostadas.

Barretes vermelhos
Com borlas caidas;
Nas mãos côr da noite
Foucinhas polidas.

Pulseiras e brincos
Da mais fina prata,
Anneis de brilhantes,
Fachas d'escarlata.

Os pescoços nus,
E nus os bracitos,
As pernas esguias,
Os pés de cabritos.

Guinchavam os demos;
—«P'ra onde... p'ra onde?»—
Cercando Fernandes,
Que nada responde.

Pois cuida vae ser
D'ali arrastado
Ás portas do inferno
Vestido e calçado.

Mas a vozeria
Cresceu tanto e tanto,
Que o mesmo terror
Lhe tira o quebranto.

E toca no pipo
Gritando assustado:
—Aqui!... no barril!
Ó rancho damnado!—

A chusma guinchando
Entrou no pipinho:
Á solta não fica
Um só diabinho.

Fernandes o pipo
Batoca apressado;
E foi-se esconder
Atraz d'um silvado.

E logo avistou,
(Favor do luar)
O homem do ajuste
Que vinh'a chegar.

Chegado que foi
O tal sugeitinho
Do pipo soltou
O bando damninho.

—«Aonde?—» repetem
Mil vezes em gritos,
Pulando em redor
Os taes diabitos.

O homem lhes brada:
=Ao trigo! e *caluda!*...
Segar e ajuntar!
Caterva miuda.

Em medas na eira
Depois arranjado.
Madraço nem um!...
Nem um desazado.=

Oh, que barafunda
No campo e no ar!
O trigo se via
Cair e voar.

Suava e tremia
O pobr'escondido:
Seu trigo julgava
De todo perdido.

Mas finda a tarefa,
O homem guardou
Os demos no pipo,
Que ás costas levou.

Fernandes na eira
Deu logo comsigo
Que gosto!... em medas
Viu lá o seu trigo.

A casa regressa
E diz á mulher:
=Hei d'ir a Viseu...
E dê o que der!

Irei lá buscar
Criados ladinos:
Trabalhem, e sejam
Embora mofinos.=

CONCLUSÃO.

É que lá na grande feira (*)
Se vendiam em canudo
Diabinhos a retalho
Que serviam para tudo.

Outros dentro de barris
Aos milheiros cada bando;
Mas negocio era este
Feito só por contrabando.

Porto, 26 d'Abril.

M. P. DE SOUSA.

OPTIMO EMPREGO DAS CONDEMNAÇÕES.

Francisco Xavier de Oliveira conta-nos, nas Memorias das suas viagens, o seguinte uso da Hollanda:

(*) Esta crença era geral nas aldêas, e d'ella nasceu esse conto que se narra ás creanças.

«Aborrecem os hollandezes em tal forma as blasphemias, as pragas, e as sem-razões que para evitar disputas entre uns, e outros se tem repartido as cidades em bairros, havendo em cada uma d'ellas um juiz, e um thesoureiro que tem a superintendencia de pacificarem os inimigos, provendo em tudo o que é necessario para quietação do publico, e do commum. O juiz procura accommodar todas as differenças que lhe constam: se o não pode conseguir remette-as aos commissarios estabelecidos pelos estados. Aquelle que se acha culpado dando principio, ou causa a similhantes desordens paga certa condemnação. O marido que dá em sua mulher paga um presunto, ou o seu valor. A mulher que dá no marido paga o dobro. O thesoureiro não só recebe estas condemnações, mas as que tambem pagam os que não acompanham os enterros dos seus visinhos a que estão obrigados. Recebe tambem dos herdeiros de cada defunto um presente voluntario de dinheiro, e o laudemio d'aquelles que compram terras, o qual é muito modico, ou para melhor dizer ao arbitrio do comprador. Logo que o thesoureiro tem bastante dinheiro em caixa, se ajuntam todos os moradores em casa do juiz do bairro, onde se elege o sitio e o dia em que se hade fazer um festejo com aquelle cabedal. Ordinariamente se escolhe uma aldêa, onde concorrendo os moradores do bairro por tempo de quatro dias, se não faz outra coisa que comer, beber, fumar, cantar, dançar, e jogar. Cada morador vae sómente com sua mulher, sendo-lhes prohibido levar creanças, nem cães, sob pena de novas condemnações. Para estes dias de divertimento convem todos em certas leis que se fazem, promettendo observal-as para socego, e commodidade do concurso. Entre outras se dispõe que se não obrigue pessoa alguma a beber contra sua vontade, que não haja disputas, nem blasphemias, e que se não argumente em materia de religião. Se o cabedal das condemnações não é bastante para a despeza do festejo, succede algumas vezes fintarem-se todos para inteirar o resto que falta.»

RELAÇÃO DAS COISAS QUE ACONTECERAM EM A CIDADE DE ANGRA, ILHA TERCEIRA, DEPOIS QUE SE PERDEU EL-REI D. SEBASTIÃO EM AFRICA.

Continuação.

LXV

. . . . . .

e outros muitos que já se não lembrarão. E todos foram mettidos na cadêa: e porque na cadêa estava já muita gente, não cabiam, e deram sobre fieis carcereiros todos aquelles que o dito Melchior Affonso tinha assentados, porque todos negaram, nem contra elles havia prova alguma, mais que saberem uns dos outros; e ficou na cadêa Melchior Affonso, Francisco Gonçalves, Alvaro Pereira, por haver delles algumas culpas. e foi preso no aljube por não caber na cadêa.

LXVI

De como foram soltos Gaspar Gonçalves d'Utra e Estacio d'Utra seu irmão.

Depois de presos os sobreditos, foi na cidade grande espanto, porque alguns d'aquelles homens serviam officios pelo Snr. D. Antonio, e tinham acceitado mercês suas; e logo se dice que Amador Vieira descobrira tudo. E mandou Manuel da Silva soltar a Gaspar Gonçalves d'Utra, e a seu irmão Estacio d'Utra, e os mandou ir aos paços e aposentos onde estivera o Snr. D. Antonio, e então estava o ditto Manuel da Silva; aos quaes em os dittos paços fez muitas honras, dando-lhes grandes agradecimentos de tal lealdade, de tão honrados vassallos; que se os prendera fôra por mexericos, que lhe vieram da ilha do Faial, dizendo-lhe que elles eram parentes da mulher de D. Christovam de Moura, e que eram muito poderosos na ilha, que nelles estava entregarem-na cada vez que quizessem; e outros mexericos; e que tudo tinha por falso, antes elles tinham dado de si tal testemunho, que tudo tinham bem desfeito, pelo que lhe tinha contado Antonio Vieira, que com elles fallara; e que el-rei seu Senhor lhes havia fazer grandes mercês, e elle em seu nome, e como seu logar tenente; e lhes botou a cada um o habito de Christo, com cem mil réis de renda e tença em cada um anno, os quaes elles tomaram, e trouxeram cruzes nos peitos, té a entrada desta ilha Terceira.

Continua.

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS.

PRELUDIOS POETICOS

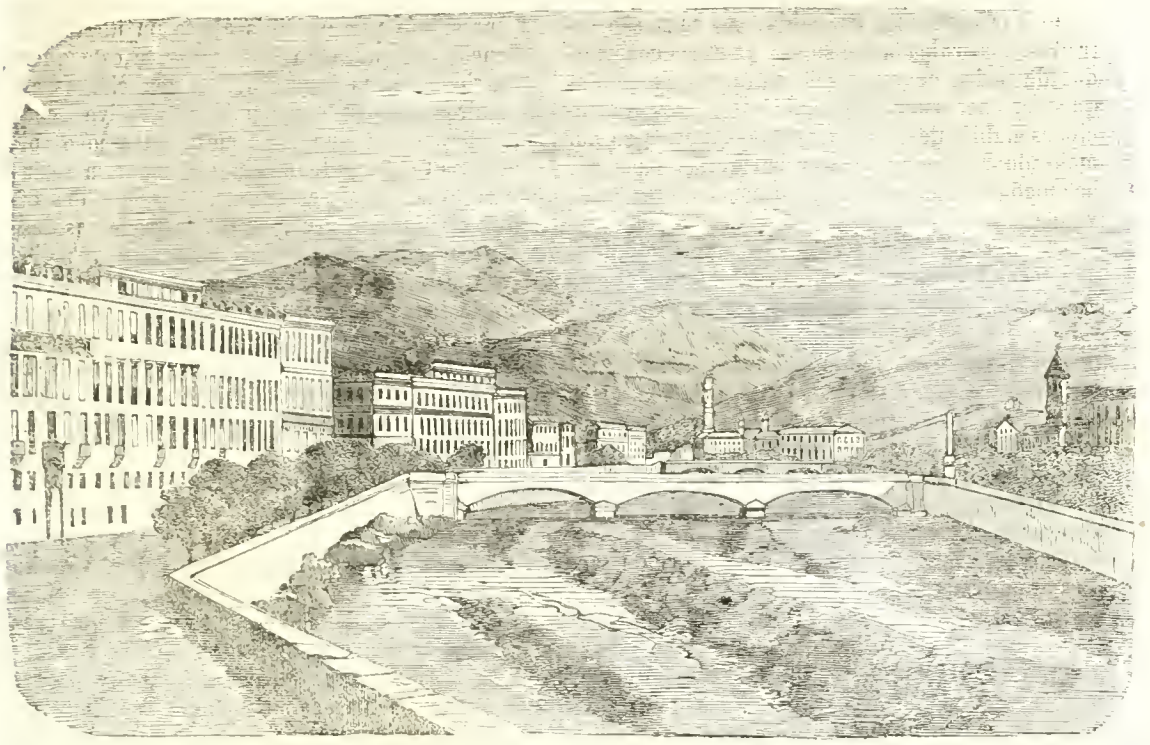
DE

J. RAMOS COELHO.

Com este titulo saiu á luz um volume de poesias, de 300 paginas, nitidamente impresso, com o retrato do autor. Vende-se nas lojas do costume — preço 500 réis.

Publicou-se o 3.° volume da Eneida de Virgilio, por Barreto Feio — preço 1:000 réis.

Publicou-se a comedia em 3 actos e 9 quadros, Stambul, original de Aristides Abranches — preço 300 réis.



NICE, A PONTE NOVA.

Por occasião do desenho da egreja de Santa Reparata, já fallámos de Nice ou Nizza do Piemonte. O territorio de que é cabeça esta cidade, em geral montuoso e alpestre, cria comtudo na parte cultivada e productiva optimos fructos; porém, a sua mais notavel particularidade e que, encravado nos Alpes, participa do clima rispido e proprio de montanhas logo a pouca distancia da cidade, ao passo que esta gosa de tão amena temperatura que é procurada pelos doentes e valetudinarios para residencia no inverno, especialmente os achacados de doenças pulmonares; e tambem muitos opulentos, especialmente alemães e inglezes, a buscam como estancia recreativa nos outros periodos do anno. Provavelmente a causa de uma transição tão rapida e de assaz definido contraste em pequeno espaço nasce da proximidade do mar, sobre o qual Nice parece estar impendente. De facto vive-se em Nice como n'uma feira franca onde concorressem individuos de toda a parte da Europa, e o homem instruido e sabedor das principaes linguas acha sempre conversação variada e deleitosa.

Uma das boas vistas da povoação, que apresenta muitas e mui agradaveis, desfructa-se do lado da ponte nova.

Foi capital do condado do seu nome, e depois de passar pelo dominio de varios senhores, encorporou-se finalmente nos estados da corôa da Sardenha. M.

FUNCHAL.

A 29 de Julho de 1772 a expedição commandada por Cook ao hemispherio austral, tocava n'este porto. É curiosa a noticia d'esta ilha, dada por M. Forster filho, que em companhia de seu pae, iam encarregados, pelo governo inglez, de observações de historia natural. Para vermos como os estrangeiros nos avaliavam n'aquelle tempo, damos aqui as suas palavras:

«Funchal está edificada em forma de amphitheatro, em roda da bahia, no declive das primeiras collinas. Logo do mar a vista abrange todos os edificios publicos e particulares. Estes, na maior parte são caiados, e constam de dois andares, com os tectos quasi horisontaes, n'essa elegancia d'uma architectura oriental que se não encontra em as nossas casas estreitas, de tectos escarpados, e com grande numero de chaminés.

Do lado [illegible] diversas baterias e plata-formas [illegible] artilheria. O velho castello, q[illegible] eleva-se no alto de um [illegible] de bastante agua. O[illegible] S. João, está postado n'uma visi[illegible] branceiro á cidade. As collinas [illegible] Funchal, cobertas de vinhas, varias plan[illegible] bosques, quintas e egrejas, [illegible] paizagem. Isto chama ao p[illegible] jardins das fadas, e assi-

milha-se ao que a historia conta dos jardins suspensos da rainha Semirames.

«A cidade, porém, não corresponde ao prospecto que apresenta na bahia. As ruas são estreitas, mal calçadas, e sujas; as casas construidas de pedra negra, e sem vidraças, excepto as que pertencem aos negociantes inglezes e principaes habitantes. As vidraças supprem-se por meio de rotulas. A maior parte das lojas são occupadas pelos criados, armazens, casas de venda, etc.

«As egrejas e mosteiros são muito simples; não teem nenhuma ordem d'architectura; e no interior nota-se-lhes falta de gosto. A pouca claridade que penetra n'estes edificios só esclarece ornamentos amontoados uns sobre outros n'uma forma gothica. O convento dos franciscanos é accommodado e espaçoso, porém a cêrca mal arranjada. As religiosas de Santa Clara receberam-nos mui politicamente á grade.

«Principiámos na madrugada do dia seguinte as nossas excursões, seguindo um rio que corre pelo interior do paiz. Era uma hora da tarde quando chegámos a um bosque de castanheiros, quasi no pico mais elevado da ilha, e distante cêrca de seis milhas da quinta de mr. Loughan, onde haviamos pernoitado. Ali era o ar mais vivo que nas partes baixas, e uma agradavel brisa contribuia muito para a sua frescura. Servia-nos um preto de conductor, e ao cabo de um passeio de hora e meia regressámos á casa que nos offerecera tão generosa hospitalidade.

«Entrarei n'algumas observações que fiz durante a minha estada na ilha, e julgo que serão de interesse para o leitor, porque me foram communicadas por inglezes instruidos, e que habitam a Madeira ha muitos annos.

«A ilha tem de comprimento quasi cincoenta e cinco milhas, e dez de largo, e foi descoberta, em 1419, por Gonçalo Zarco, não tendo fundamento a noticia de que o foi por um inglez chamado *Machin*. Acha-se dividida em duas capitanias, Funchal e Machico: a primeira tem duas judicaturas, que são Funchal e Calheta; a segunda outras duas, que vem a ser Machico e S. Vicente.

«Funchal é a unica cidade. A ilha subdivide-se em sete villas, que são Calheta, Camara de Lobos, Ribeira, Brava, e Ponta do Sol na capitania do Funchal, que se divide em vinte e seis parochias: as tres restantes estão na capitania de Machico, compondo-se de dezesete parochias. Estas tres villas teem nome de Machico, S. Vicente, e Santa Cruz.

«O governador está á testa de todas as repartições civis e militares tanto d'esta ilha como das de Porto Santo, Selvagens, e Desertas, onde unicamente ha, em tempo proprio, companhas de pescadores. Quando tocamos no Funchal era seu governador D. Antonio de Sá Pereira.

«A administração da justiça depende de um corregedor, nomeado pelo rei de Portugal, e ordinariamente é enviado de Lisboa, e amovivel á vontade da côrte. A judicatura tem um senado, presidido por um juiz eleito na ilha, e na ausencia, ou morte do corregedor, é este quem preenche as suas funcções. Os negociantes estrangeiros escolhem o seu juiz privativo, chamado *provedor*; que é ao mesmo tempo o collector dos rendimentos reaes, que montam a cento e vinte mil libras esterlinas. Os soldos dos officiaes civis e militares, o pret da tropa, as despezas dos edificios publicos consomem a maior parte d'esta somma. O rendimento consta do dizimo de todas as producções da ilha, que o rei arrecada na qualidade de grã-mestre da ordem de Christo; de um imposto de dez por cento sobre todas as importações, sem exceptuar os generos de consumo; e finalmente de onze por cento sobre o que se exporta.

«A ilha tem de guarnição uma companhia de cem soldados de tropa de linha; porém ha egualmente uma milicia na força de tres mil homens, que não recebe soldo, apesar do que são muito invejados os seus postos em virtude da consideração que teem. Esta milicia reune-se uma vez por anno, e tem exercicio durante um mez.

«Ha na ilha cêrca de mil e duzentos padres seculares, e a maior parte d'elles são mestres em casas particulares. Depois da extincção dos jesuitas não ha nenhuma escola regular excepto um seminario, onde se educam dez estudantes á custa do rei. Estes pensionistas usam por distincção um manto encarnado por cima da batina que é commum aos outros escolares. Na Madeira ha tambem um deão, um capitulo, e um bispo, cujo rendimento é maior que o do governador, e consiste em cento e dez pipas de vinho, e quarenta moios de trigo. Pelos quatro mosteiros estão repartidos cincoenta ou sessenta frades franciscanos, e trezentas religiosas das Mercês, Santa Clara, Encarnação, e Bom-Jesus. Estas ultimas podem largar o habito e casar-se.

«Em 1768, os habitantes das quarenta e tres parochias da Madeira andavam por 63913, sendo 31341 homens e 32572 mulheres: morreram n'este anno 5243 pessoas, e nasceram 2198: de sorte que o numero dos obitos excedeu os nascimentos em 3045. É provavel que houvesse então alguma doença epidemica, porque se a mortalidade fosse sempre assim bem depressa a ilha ficaria despovoada. A excellencia do clima parece confirmar esta supposição. Em geral o tempo é doce e temperado no estio; o calor muito moderado nas partes elevadas da ilha para onde n'essa estação se retiram as pessoas abastadas; a neve dura ahi muitos dias, ao passo que nas partes mais baixas não atura mais de vinte e quatro horas. Sobre a exactidão do que narrei a respeito dos obitos e nascimentos, tenho a dizer que me foi communicado pelo proprio secretario do governador em presença do mappa das parochias.

«O povo é ordinariamente de tez cobreada e

de corpo bem feito, se bem que os pés são largos, talvez pela necessidade de trepar as escarpadas sendas d'este paiz montanhoso. Tem o rosto oblongo e olhos negros. Os cabellos, tambem pretos, annelam-se naturalmente. Alguns indios os teem crespos por causa do cruzamento com os negros. Em geral, as feições, ainda que duras, não são desagradaveis. A natureza não favoreceu as mulheres, pois falta-lhes aquella tez brilhante que é o complemento da belleza. São baixas, e trigueiras, com os ossos das faces proeminentes, pé comprido, e no todo faltas de graça. Estes defeitos, porém, d'alguma forma lhes são compensados pelas justas proporções do corpo, bem feito das mãos, e seus olhos grandes e animados.

Continua.

A REALIDADE DO INFINITO NO ESPAÇO, E NO TEMPO.

A medida que os instrumentos astronomicos se tem ido aperfeiçoando, tem-se tambem descoberto milhares de estrellas desconhecidas, mais afastadas do que as que se haviam observado antes: e novos aperfeiçoamentos nos telescopios, produzirão novas descobertas. O certo é que o espaço não é limitado, mas realmente infinito.

O que é a verdade do espaço, tambem o é a do tempo. O geologo que estuda a successão das camadas do globo e dos seres que ellas encerram, desde as mais antigas até ás mais recentes, retrocede espantado ante os milhares de seculos a que o conduzem os menores calculos. Ha camadas a muitos centenares de metros de profundidade formadas de animaes microscopicos, muitos milhares dos quaes caberiam n'um dedal. Antes porém que vivessem na superficie do nosso globo seres organisados, já elle rolava em forma de bola incandescente, atravez os espaços. E esta incandescencia não é uma hypothese gratuita, mas um facto estabelecido pela astronomia, pela mechanica, pela geologia, e pelo estudo da temperatura da terra a grandes profundidades. Tudo mostra que desde os tempos historicos a temperatura do globo não tem mudado. Quantos seculos não teriam sido precisos para se perder o calor incommensuravel que sustentava as rochas mais infusiveis n'um estado quasi liquido! E uma vez tornado solido, quanto tempo não teria sido preciso antes de se poderem estabelecer n'elle os seres vivos! O infinito no tempo é portanto tão real como o infinito no espaço, e o homem que descansa na idéa de uma existencia sem fim para o futuro, deve concluir o mesmo a respeito do passado, e deve proclamar a eternidade do tempo.

A noção do infinito não é portanto uma noção do entendimento, uma forma das idéas, como dizia Kant, mas uma realidade cuja existencia foi demonstrada pelos progressos da astronomia, e da geologia.

F. D. d'Almeida e Araujo.

AMO A NOITE.

E Deus um vale e o mundo o seu poema.

L. Pires.

Quando vae findar o dia,
Quando a lua quer nascer,
Quando as estrellas começam
Lá no ceo a apparecer;
Quando a brisa docemente,
Vem depois do sol ardente
Da tarde que vae findar:
N'essa hora de poesia
Tudo diz melancolia,
Tudo amor faz inspirar!...

A noite com seus mysterios,
Que mil bellezas contém!
Aqui deslisando a fonte
E o ribeirinho tambem!
Além n'um ramo visinho
O canto do passarinho,
Continuamente a soar!
E n'esses bosques frondosos
Ruidos mysteriosos,
Que não se podem contar!...

Tem immensa magestade
Essas horas de repouso!
Tem de certo mais encantos
Do que o dia mais formoso!
Quando se ouve a ramagem,
Impellida pela aragem
Brandamente se agitar!
Quando na haste mimosa,
A violeta odorosa,
Faz seu perfume exhalar!...

N'esses momentos solemnes
Como é bello então viver!
Contemplar tanta grandeza,
E de Deus um tal poder!
Esse Deus que só podia
Crear a noite e o dia,
Do nada o mundo formar!
Esse Deus que se revela,
Na bonança e na procella,
No soffrer e no gosar!...

Amo a noite, porque sinto
Bem suave inspiração,
Ao ver a formosa lua
Com seu pallido clarão!
Ao ver as puras estrellas,
Tão brilhantes e tão bellas,
Matizando um ceo d'anil!
Sentindo a fagueira brisa,
Que mansamente deslisa
Nas lindas noites d'Abril!...

N'essas noites encantadas,
Que eu amo com tanto ardor;
N'essas noites que nos fallam
Constantemente d'amor;
Os olhos então eu fito
Lá n'esse espaço infinito,
Que nos separa dos ceos;
E admiro em tal grandeza,
Immensidade e riqueza,
A existencia de Deus!!...

J. A. X. DE MAGALHÃES.

O IMPERIO D'ANNAM.

Continuação.

Os reis de Tunkin, que se chamam *Dovas* ou *Vuas*, tiveram, desde o estabelecimento do seu throno, grande poder. A nova dynastia dos Lé governou pacificamente pelo espaço de sessenta e sete annos; mas reinando o decimo rei d'esta casa, um nobre, chamado Mac, rebellou-se, assenhoreando-se do poder. Outro senhor tunkinez, Nquien-Phuoé, fiel a seus monarchas, derribou o usurpador e restabeleceu a familia dos Lé. Em recompensa d'este serviço, obteve para si e para os seus descendentes a dignidade de *Chua-vua*, que lhe conferia o governo do estado debaixo das ordens do Dova. A creação d'um segundo poder hereditario, de algum modo contraposto ao do rei, é um dos factos mais singulares que apresentam os annaes de Tunkin, e que não tem talvez analogo nos de nenhum outro paiz.

A familia dos Nquien-Phuoé não conservou por muito tempo esta dignidade, que devia á sua dedicação e lealdade. Um Chua-vua deu a filha em casamento a um de seus escudeiros favoritos, chamado Trinh ou Trinq; o qual, destro, sagaz e perfido, concebeu o projecto de succeder a seu sogro em prejuiso dos cunhados. Com effeito, por morte d'aquelle, conseguiu fazer-se nomear governador de Tunkin, e bem depressa depois, por vontade ou por força, obteve o titulo de Chua-vua.

Doan-Jong, o mais velho dos Nquien, esbulhado por Trinh, viu-se obrigado a fugir para a Cochinchina, onde, tendo reunido alguns partidarios, tentou submetter os Mac, os antigos usurpadores, que, expulsos de Tunkin, se haviam retirado para as montanhas da Cochinchina, conservando sempre algumas esperanças. Nquien, vencendo-os, expulsou-os da Cochinchina, e fez-se senhor de todo o paiz, que se governou sob o nome e autoridade do rei Lé. Desde então começou uma guerra civil, certamente sem exemplo nos fastos da historia. Viu-se dois vice-reis, reconhecendo ambos, ao menos apparentemente, a autoridade do mesmo soberano, combaterem-se cada qual á frente das tropas do paiz que governava. Esta rivalidade dos Trinh de Tunkin, e dos Nquien da Cochinchina, suspensa de tempos a tempos por tregoas e tratados, durou quasi dois seculos. Em um intervallo d'estas guerras, 1553, é que os direitos dos Nquien sobre a Cochinchina foram reconhecidos, sendo este estado erecto em monarchia, com o onus da homenagem, e tributos pagos ao rei de Tukin. Os Nquien, investidos na realeza, prestaram sempre a homenagem e pagaram o tributo, excepto em tempos de guerra, para que então este não fosse entregue aos Trinh, e lhes servisse para sustentar os exercitos que enviavam contra a Cochinchina.

Depois do estabelecimento d'um Chua hereditario em Tunkin, os reis d'este paiz, Dovas, não tiveram senão um poder illusorio. Era tal a nullidade do Dova, que não podia mesmo escolher entre os seus filhos o que queria por successor. Esta escolha era attribuição dos Chuas, que não deixavam de preferir o principe cuja incapacidade offerecia maiores garantias ao seu poder usurpado.

Em quanto Tunkin gemia sob o jugo tyrannico dos Trinh, que em vão repetidas vezes tentara sacudir, a Cochinchina, governada pelos Nquien, que quasi todos foram esclarecidos e virtuosos, começava a gosar os beneficios da civilisação, e tornava-se rival da potencia de que era tributaria. O mais celebre d'estes principes foi Hien-Nquien-Vuong, que reinou quarenta annos. A elle deveu a Cochinchina os maiores progressos, e a conquista d'uma parte do Tsiampa, e das provincias septentrionaes de Camboja.

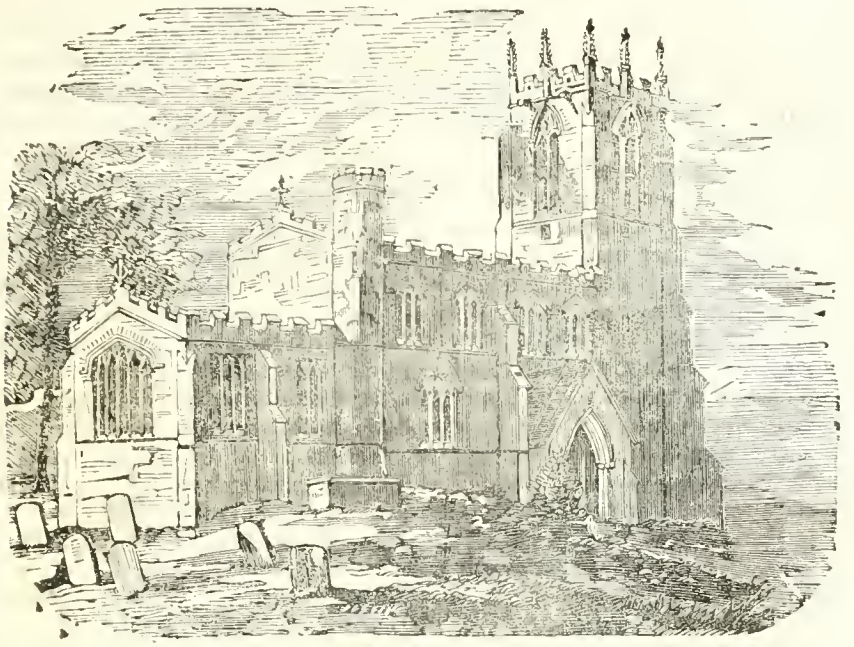
Finalmente, chegou o momento em que Tunkin se viu livre da mão de ferro dos Trinh. Tendo um d'estes Chuas sido assassinado e morrendo sem filhos, muitos dos seus parentes pretenderam essa dignidade, e se pozeram á frente de partidos oppostos, que mais d'uma vez vieram ás mãos no espaço de oito annos. Com o favor d'estas discordias, o rei combateu os partidos divididos, e destruiu-os; a dignidade de Chua deixou de ser hereditaria, e a promoção a este cargo elevado dependeu d'ahi em diante da escolha do soberano.

A Cochinchina foi victima de acontecimentos ainda mais tragicos, e de maiores calamidades. Vo-Nquien-Vuong, que subira ao throno em 1732, infiel á antiga virtude de seus antepassados, tinha alienado o amor dos subditos, conferindo por testamento o imperio ao filho d'uma das suas concubinas, chamado Anh-Vuong, em prejuiso de seus filhos legitimos. Este transtorno na ordem da successão á corôa excitou descontentamento e indignação universaes; mas as medidas estavam tão bem tomadas que a resistencia foi impossivel, e a submissão inevitavel. Fraco, incapaz, devasso, abandonando o cuidado do imperio a um ministro que ja se tornara odioso no tempo do governo de seu pae, Anh-Vuong opprimiu o povo e tornou aborrecido o seu reinado. Muitas insurreições foram então reprimidas; mas finalmente em 1774 rebentou a revolução, que, por uma guerra de vinte oito annos e uma incrivel alternativa

de acontecimentos, levou o paiz ao estado actual.

Os sublevados chamaram em seu auxilio os tunkinezes e lhes facilitaram a entrada no seu territorio. O general tunkinez, tão politico como guerreiro, advertiu o rei de que não tinha entrado nos seus estados para lhe fazer guerra, mas para livrar os seus subditos da oppressão do primeiro ministro; que se elle queria entregar-lh'o, retirar-se-hia immediatamente. Similhante aos carneiros da fabula, que julgam salvar-se dos lobos entregando-lhes os cães seus fieis defensores, o principe entregou o seu ministro ás mãos do inimigo. Quando o general tunkinez o teve em seu poder, marchou contra Anh-Vuong, que, privado de conselhos, e incapaz de defender-se, procurou a salvação na fuga. Retirou-se para a baixa Cochinchina com tanta precipitação, que não pôde levar os seus thesouros, sendo estes presa do vencedor.

(Continua.)



EGREJA DE GAMSTON.

O templo parochial de Gamston, em Inglaterra, é situado a tres milhas quasi de Retford, nas margens do rio Idle, e á borda do que foi antigamente bosque de Sherwood. Este edificio, notavel assim pelas recordações historicas, como pela architectura, foi agora reparado e melhorado, e restabelecido o portico do norte, que se achava em ruina.

É dedicado a S. Pedro. O corpo principal é de uma só nave, tendo outra ao sul, e a torre ao poente; as pilastras e os quatro arcos, que dividem o lado do sul da outra nave, mostram ser construcção do fim do seculo XIII, e são de bom desenho, sobretudo de um gosto particular e notavel os capiteis das pilastras. Os tectos, as frestas ou janellas, e toda a restante obra datam do seculo XVI. A torre, digna de menção por sua bella structura, é n'um estylo gothico primitivo, denominado perpendicular.

Foi originariamente mosteiro e priorado com seus conegos regulares, que viviam em communidade, e eram senhores do territorio circunvisinho: o actual proprietario é o duque de Newcastle, que concorreu com dois terços da despeza total de duas mil e trinta e cinco libras esterlinas na actual restauração da egreja, a qual se abriu novamente ao culto em 20 de Dezembro do anno proximo passado. M.

BYRON!

A apparição de lord Byron na litteratura europea, foi um d'estes grandes acontecimentos, cuja influencia se estende a todos os povos, e a todas as gerações; não que lord Byron creasse, como querem alguns criticos, um novo genero de poesia, pois não é dado ao homem ser creador de coisa alguma; mas porque ha sido o mais poderoso e inspirado interprete de todos os sentimentos, de todas as paixões, de todos os delirios emfim, que marcam a tempestuosa crise entre os ensaios de uma sociedade nascente, e as convulsões de uma sociedade que baqueia. By-

ron não inventou essa poesia, que estava na ordem das coisas; o que fez foi revelal-a.

Esta opinião de Charles Nodier ácerca do illustre poeta de que vamos occupar-nos, caracterisando devidamente o bardo inglez, justifica ao mesmo tempo o nosso desejo de apresentar aos leitores do Panorama, não um trabalho completo sobre a vida e escriptos de Byron, mas um esboceto biographico e uma ligeira analyse das obras do grande poeta.

Genio excepcional, como Hoffmann, o autor de *D. Juan* e *Childe-Harold* tem feito desesperar milhares de imitadores, de todas as nações da Europa. N'este facto está o seu maior elogio.

Lord Byron nasceu em Londres, a 22 de Janeiro de 1788, e posto que pertencesse a uma familia quasi de estirpe real, a sua velha nobreza não o salvaria da obscuridade, se o talento o não immortalisasse.

Um funesto accidente o tornou côxo, apenas emergava pela primeira vez a luz do dia.

Esta desgraça affectou-o dolorosamente toda a sua vida, a ponto de dizer uma mulher espirituosa, que lord Byron daria de bom grado metade da sua gloria, para ter os pés tão formosos como as mãos!

Moore conta que, sendo Byron ainda creança, e ouvindo exclamar uma pobre mulher, que o contemplava: «Bonita creança! Que pena ser estropeada!» pegara de um chicote e lhe batera, bradando colericamente: «Não falles em tal!»

Sua mãe tratava-o sempre por *coxinho;* os condiscipulos da escola chasqueavam-no por causa d'aquella deformidade: e é talvez por isso que lord Byron mostrou desde creança um genio concentrado e *spleenatico*.

O grande poeta começou o seu tirocinio litterario na escola de Aberdeen, aos cinco annos de edade; depois esteve na escola de Harrow, mas em nenhuma d'ellas fez grandes progressos no estudo; distinguia-se mais pelos exercicios gymnasticos.

Em 1796 fez uma viagem á alta Escocia (Highlands) e desde então mostrou grande sympathia pelas perspectivas da natureza alpestre. D'ahi data tambem uma paixão precoce, que inspirou ao poeta, durante toda a sua vida, a maior e melhor parte dos seus versos. Diz-se que o Dante se apaixonara por Beatriz, quando apenas contava nove annos de edade; porém Byron adiantou-se ao vate florentino, começou a requestar Maria Duff, sendo um menino de oito annos!

Em 1798 falleceu seu pae, na abbadia de Newstead, e o nosso poeta partiu de Aberdeen para tomar conta d'aquella habitação senhorial, que lhe cabia por herança, pobre herança, na verdade! Desde então começou a estudar com mais assiduidade, pelo menos a litteratura e a historia, e conseguiu que a cirurgia lhe minorasse a deformidade do pé, a ponto de poder calçar botins ordinarios, o que lhe causou a mais vehemente alegria.

Em 1801 acompanhou sua mãe a Chêltenham. O aspecto das montanhas de Malvers, diz Amédée Pichot, renovou-lhe a lembrança das suas primeiras impressões. Ao descair da tarde, o futuro poeta da *Parisina* e de *Zulieka* experimentava sensações estranhas, sonhava acordado pelos desvios da serra.

Uma casualidade veiu ainda, durante o curso d'esta viagem, alimentar a paixão de Byron pelo maravilhoso, paixão que elle nutria desde o berço, talvez devida ao caracter escocez de sua mãe, e que o poeta conservou até á morte. Mistress Byron foi um dia consultar uma cigana, annunciando-se como solteira; porém a bohemia respondeu-lhe que ella era casada, e que tinha um filho côxo, que estaria em perigo de ser envenenado antes de pouco tempo, e que se casaria duas vezes, sendo a segunda com uma estrangeira. Esta prophecia, que se não verificou completamente, influiu comtudo no cerebro de lord Byron.

Desde a escola mostrou o illustre poeta uma grande aptidão para orador e improvisador, e se a tribuna politica não registrou discursos eloquentes, pronunciados por elle na camara dos lords, é porque a sua vida errante o afastou sempre para longe da Inglaterra. Sir Robert Peel, seu companheiro de collegio, e mais tarde um famoso homem de estado e orador distincto, não excedia a Byron na viveza e facilidade da declamação.

Apenas entrado na edade dos doze annos, já lord Byron sentia uma segunda paixão amorosa; esta nova emoção ia fazer brilhar de toda a sua luz a centelha poetica, que o amor de Maria Duff havia despertado no coração juvenil de Byron. Sua prima, miss Parker, gentil menina de olhos negros e profil grego, foi o objecto d'esta nova affeição do poeta, que pouco durou, porque a infeliz morreu desastradamente, dois annos depois.

Em 1803 apoderava-se d'elle um novo amor, mais serio do que os dois primeiros; uma d'estas paixões que lançam raizes fundas n'um coração de poeta. Miss Maria Chaworth, filha de um homem que o velho lord Byron matara em duello, foi a nova Laura d'este variavel Petrarcha; porem a bella despresou a affeição do cantor de *Haydee*, e chegou mesmo a dizer, de maneira que elle ouvisse: Quem acredita que eu pense, um momento sequer, n'esse pobre côxo!?

Byron fugiu d'aquella mulher, que lhe não era possivel, todavia, deixar de adorar; e um anno depois, despedindo-se d'ella, na occasião de emprehender uma viagem, balbuciou estas palavras:

— Quando voltar, estareis, sem duvida, casada?

— Assim o espero, respondeu friamente a *coquette*.

Passado um anno tinha casado.

Miss Chaworth, tornada mistress Musters, foi tão infeliz no consorcio como, mais tarde, o proprio lord Byron.

O nosso grande poeta entrou então no collegio de Cambridge, mas sem augmentar de assiduidade ás disciplinas escolares. Tratava, com mais

fervor, de aprender a nadar, e o seu divertimento favorito era fazer manobrar um urso.

O excentrico bretão começou desde a mais tenra edade a viver em guerra aberta com o genero humano, e aos dezoito annos já vivia tambem mal com sua mãe; occupava-se por esse tempo, quasi exclusivamente, de atirar á pistola, nadar, adestrar cães para a caça, e representar em theatros particulares. Quasi ninguem o suppunha poeta, quando appareceram os seus primeiros versos, colleccionados sob o titulo de *Horas vagas*, em Newark. Este livro foi bem recebido do publico, mas violentamente atacado pela *Revista de Edimburgo*, em um artigo de M. Brougham, que lord Byron tornou celebre pela famosa satyra com que lhe respondeu, obra assaz conhecida, e que tem por titulo: *Os poetas inglezes e os criticos escocezes*. Dizem os seus biographos que o illustre poeta bebera tres garrafas de vinho de Borgonha em quanto compoz os primeiros vinte versos d'esta satyra!

Byron achava-se n'uma situação singular. A aristocracia, a cujo gremio elle pertencia, despresava-o, e as dividas que tinha contrahido obrigavam-no a supportar quasi a miseria, por falta de recursos. Entre fidalgo e aventureiro, mais inclinado comtudo á carreira de par do reino do que á poesia, viu-se todavia forçado, por assim dizer, a abraçar a gloria litteraria.

Uma mulher decidiu do seu destino, como succede a quasi todos os homens. Uma amante, que o acompanhou a Brighton, vestida de homem, foi a origem de todas as historias escandalosas que se contaram a seu respeito, e que o resolveram a abandonar a patria, que o não apreciava.

Tencionava dirigir-se á Persia, porém antes quiz ir a Londres tomar assento na camara dos lords. A 9 de Março de 1809 entrou no parlamento, mas sem que um só dos membros da camara o acompanhasse, diz com indignação mr. Dallas. A sua intenção de deixar a Inglaterra creou desde então, se é possivel, ainda mais fundas raizes.

Pouco depois voltou á sua velha e solitaria habitação de Newstead, e ahi, segundo as suas proprias expressões, «destrahia-se em folguedos desregrados, n'uma alegria impia; apreciando só a companhia das prostitutas, e dos homens devassos e grandes bebedores, fosse qual fosse a classe da sociedade a que pertencessem.»

Em Junho, finalmente, deixou lord Byron o solo da patria, e e d'essa *hegira* que data a sua gloria, como tem succedido a outros grandes homens. Lisboa foi o ponto do mundo que o illustre poeta escolheu para começar a sua longa excursão, mas não se deu muito bem com os ares da nossa terra, onde um boleeiro o zurziu com o pau do descanso da sege, como faria a qualquer estupido, por causa da sua insolencia de grão-senhor.

As viagens de Byron constituem uma epoca interessante da sua vida. O seu caracter, incomprehensivel para o vulgo, nada tinha de attrahente, todavia encontrou em varios pontos almas que o comprehenderam. Uma das suas idéas fixas era arranjar uma taça do craneo de algum frade! Mau sestro para viajar então na Peninsula.

No seguinte capitulo daremos noticia d'esta poetica Odissea de Byron, atravez de Portugal, do meio dia da Hespanha, Malta, Sardenha, Sicilia, a Albania, a Illyria, a Moréa, Thebas, Athenas, Delphos, o Parnaso, e Constantinopola.

(Continúa.) F. M. Bordalo.

O SACRIFICIO INTERROMPIDO.

Em o pagode que se encontra a uma milha de Serampor ha um idolo, ao qual passeiam em um carro uma vez cada anno. Mr. de Lanoye conta a este respeito o seguinte caso:

«Esta festa reune sempre immensa concorrencia de fanaticos, e muitos d'elles procuram uma morte religiosa debaixo das rodas do carro do idolo. Ha alguns annos, um *gentleman*, secretario particular do governador geral da companhia das Indias, passando a cavallo pelo mesmo sitio no momento da ceremonia, viu um d'elles deitado na estrada por onde o carro ia passando, e já as rodas quasi lhe tocavam, de que se seguiria infallivelmente ficar pisado. Mettendo o cavallo a galope, o inglez precipitou-se sobre o martyr ás chicotadas. O desgraçado levantou-se immediatamente e fugiu a bom fugir, clamando pela morte.

Inteiramente preparado para uma morte horrorosa, não o estava comtudo para as chicotadas!

QUE FIM LEVARAM OS BIGODES DE D. JOÃO DE CASTRO?

A historia transmittiu-nos este feito honrado do nobre vice-rei da India, este solemne testemunho do valor da palavra de um fidalgo portuguez. O penhor que pareceria, a quem fosse menos presador da honra, coisa de nenhuma estima, encontrou homens honrados que souberam avalial-o acima das mais excellentes joias. A confiança não foi trahida—nem podia sêl-o—por quem nos empenhos do patriotismo dava tão subidas provas de honra; e salva a possessão, que era uma joia da corôa portugueza, foi resgatada a palavra com o desempenho do penhor, que passou a conservar-se no thesouro da familia dos Castros, como veneranda reliquia da lealdade e da honra.

Folheando alguns manuscriptos da Bibliotheca Publica de Lisboa, encontrámos entre varios papeis o testamento original de D. Marianna de Noronha e Castro, viuva de D. Alvaro de Portugal, e que falleceu no anno de 1681. Achámos n'elle a seguinte verba, a respeito das barbas de D. João de Castro, e que nos pareceu bastante curiosa, e digna de publicidade:

«Quero mais e ordeno que os bigodes de meu «tresavô D. João de Castro, vice-rei da India os «tenham sempre para eterna memoria os ditos re-

« ligiosos theatinos da Divina Providencia, em lo-
« gar decente da sua sacristia, com o mesmo or-
« nato de prata e caixa com que lh'os deixo sem
« o poderem mudar, nem desfazer-se delle, e a el-
« les deixo o livro da familia dos Castros com o
« mesmo encargo de se não desfazerem delle. »

O testamento teve seu cumprimento como examinámos em varias notas que acompanham outros papeis da referida D. Marianna de Castro; e portanto os padres theatinos, que no mesmo testamento não eram os menos favorecidos, collocaram as barbas em logar decente na sachristia, como se lhes ordenava. Conservaram-se ali muito tempo? Existiriam ainda quando em 1833 teve logar a extincção das ordens religiosas? Onde existirão hoje?

Não podemos satisfazer por ora a estas interrogações. **

RELAÇÃO DAS COISAS QUE ACONTECERAM EM A CIDADE DE ANGRA, ILHA TERCEIRA, DEPOIS QUE SE PERDEU EL-REI D. SEBASTIÃO EM AFRICA.

Continuação.

LXVII

De como Manuel da Silva ordenou tormentos de fogo para dar tratos.

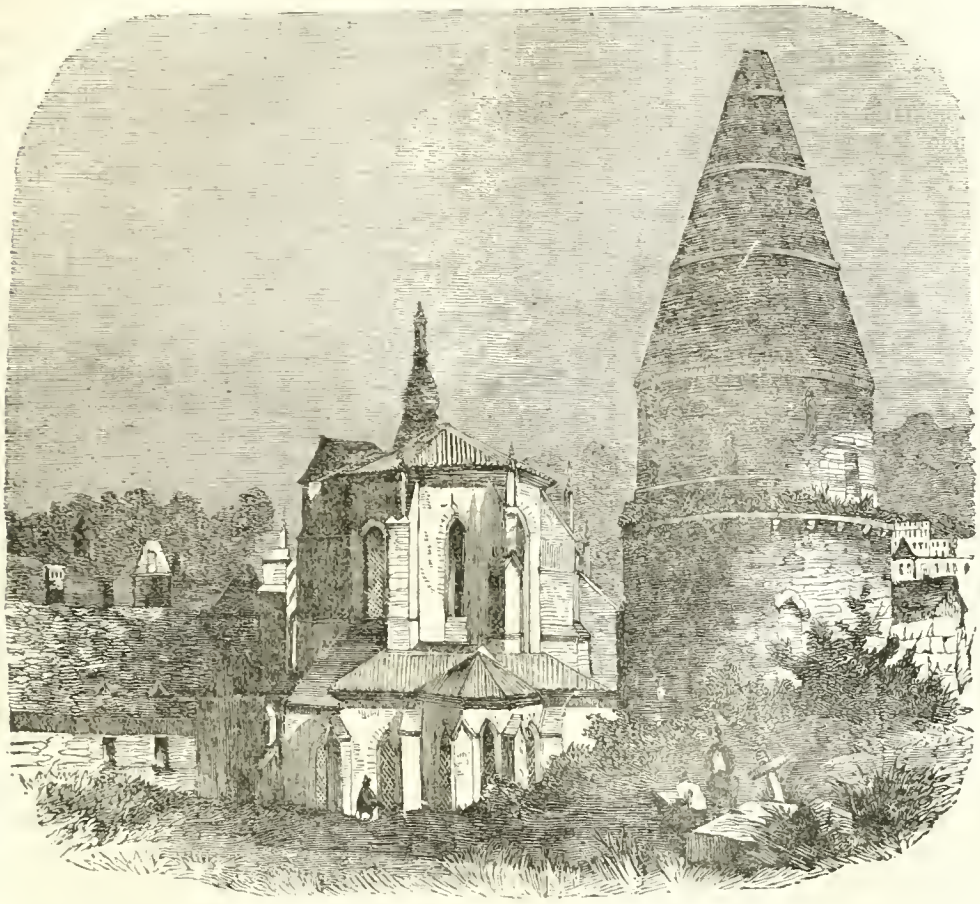
Ordenou Manuel da Silva, por traça de um francez, uma invenção de tormentos, que taes eram elles que tudo quanto elle quizesse que lhe descobrissem, sem ser assim o diziam. Mandava pizar carvão, e faziam-no em pó que parecia farinha coada, e o botavam em azeite de oliva, e faziam polme, e mandava fazer lume com boa lenha na cerca dos paços, e mandava descalçar os homens, e com os pés mettidos em um tronco direitos ao lume, com umas servilhas calçadas, e o polme alli posto, e com as mãos tomavam o polme e untavam por fora as servilhas, e pés, e os punham ao lume, como quem os assava; de maneira que se estavam vivos fregindo; e o ditto Manuel da Silva a passear e a perguntar; e os pobres a gritar. O primeiro que assim foi atormentado foi o pobre Melchior Affonso, o qual descobriu tudo o que tinha ditto e o mais que sabia. Tiraram-o encurtado, com os pés assados e fritos, que não ficaram mais homens, por que por alli lhe derretiam todos os tutanos do corpo. Como lhe confessou tudo o mandou retirar, e o mandou recolher para um aposento dos paços, e tudo mandou escrever por tabeliães, e escrivaes que alli estavam, e eu que vi tudo. Ao outro dia o mandou metter na cadea, e isto era já no anno de 1583, e lhe mandou sequestrar todos os seus bens, fazendo inventario, e lhe mandou que em [illegible] tempo arrazoasse a final de sua deleza. Cuidou que não arrazoou. Foi sentenciado que fosse arrastado pelas ruas publicas da Cidade, e enforcado, e esquartejado, e a cabeça posta e pregada no relogio da praça, na torre delle, e os quartos postos pelas entradas da cidade, e seus bens perdidos para a coroa, por traidor e cabeça de bando contra seu rei natural. E dada a sentença lhe foi publicada, e logo foram padres confessal-o e isto foi a um Sabbado pela manhan, e os padres estiveram com elle té a vespora, e á vespora o foram tirar do carcere com a bandeira, e um Crucifixo, e irmãos da casa da Santa Mizericordia, e ao rabo de um cavallo o levaram em um couro pelas ruas da cidade, e elle muito animado, e lhe lembraram algumas cousas pelo caminho de obrigação que tinha a outras pessoas, e se assentava no couro, e com sua mão escrevia tudo. E assim foi té a forca, que foi posta ao longo do mar, na ponta do caes, e alli enforcaram o desgraçado Melchior Affonso, morrendo muito animado, pedindo perdão a todo o povo se lhe tinha dado escandalo no caso que tinha ordenado. E alli o esquartejou o algoz, e no mesmo cavallo foram postos os quartos, e os levou aos logares em que costumavam pôr-se, e a cabeça á praça pregada em um pau que estava atravessado em cima no relogio, ou na torre delle, aonde esteve té que se entrou a ilha, que foi em 26 do mez de julho do ditto anno de 1583.

LXVIII

De como foi muita gente pedir a Manuel da Silva mandasse tirar a cabeça de Melchior Affonso, e do que elle respondia.

Este homem era casado segunda vez com uma Izabel de Nabais, que ainda é viva té esta era de 1611, e havia pouco tempo que era com elle casada, e tinha dois meninos della, e da primeira mulher tinha outra filha, e um filho ausente. Depois de estarem alguns tempos os quartos postos pelas portas da cidade, com licença do ditto Manuel da Silva foram enterrados. Era elle natural da cidade, e tinha parentes; e a mulher de honrados parentes, e parte delles muito do serviço do Snr. D. Antonio. Metteram rogadores ao ditto Manuel da Silva, se lhe queria dar licença para tirarem d'alli a cabeça, que os mesmos moradores da cidade tinham compaixão de a verem alli; e destes rogadores iam os mais dos dias muitos sem se poder acabar com elle o tal. Continuou-se por espaço de tempo com os dittos rogos, era por demais: foram um dia muitas pessoas junctas para ver se o podiam abrandar d'aquella teima, onde foram alguns religiosos, por amor dos quaes o ditto Manuel da Silva tinha concedido algumas cousas. Deliberou-se o ditto Manuel da Silva com isto, porque lhe não fallassem mais, e dice: *Para que é ja porfiar nisso? Se eu houvera de dar tal licença para se tirar a cabeça desse homem, ja a houvera dar: mas porque me não porem, affirmo, que quando virem tirar d'alli a cabeça de Melchior Affonso, que se hade pôr a minha; e com isto vão todos desenganados, e não cancem mais.* Este ditto de Manuel da Silva se cumpriu a risca, e assim foi, porque a de Melchior Affonso se tirou, e se poz a do dito Manuel da Silva, como ao diante se contará em seu logar.

(Continua.)



SARLAT — LANTERNA DOS MORTOS.

No departamento do Dordogne, está Sarlat, cidade pequena e cabeça de uma comarca que por muitos é chamada o Perigord negro, formando parte do departamento o antigo Perigord. É situada n'um valle sombrio e fundo, rodeado de montanhas cobertas de castanheiros; deve a sua fundação a uma antiga abbadia de benedictinos que o papa João XXII erigiu em bispado, hoje transferido para Periguenx, capital de toda a provincia. Talvez que esta circunstancia de ser sé episcopal fosse a causa de não a abandonarem os seus antigos habitantes, visto ser exposta a frequentes inundações e estar muito distante das estradas reaes e outras mais importantes vias de communicação. Actualmente o commercio que n'ella se faz, e achar-se elevada a cabeça de cantão, conservam-lhe ainda sufficiente actividade. É triste, e as ruas tortuosas são todavia guarnecidas, pela maior parte, de elegantes casas do estylo, e sobretudo do tempo da chamada renascença; sendo as mais agradaveis as que pertencem á epoca dos reis Francisco I e Henrique II.

O templo principal de Sarlat, posto que vasto, pouco tem de notavel, algumas estatuas mutiladas por cima da portada e um cruzeiro do seculo XIV, mui despido de ornato, eis unicamente o que pode entreter por minutos a attenção. Porém, no cemiterio acha-se um monumento digno de ser conservado e examinado: é uma capella sepulchral, coroada pela cupula ou remate, a que ali deram o nome de *lanterna dos mortos*. Os edificios d'este genero são rarissimos; os fachos ou pharoes construidos nos seculos XII e XIII nos cemiterios consistiam de ordinario n'uma simples columna quadrangular, no sócco da qual se formava um altar de pedra. As capellas sepulchraes com fachos foram quasi todas destruidas; a do antigo cemiterio das religiosas de Fontevrault, que ainda ali se vê no passeio publico, e quadrada, flanqueada de escarpas, e na cobertura do alto, que é de cantaria, surge uma columna ôca de duas braças de elevação, rematada por uma lanterna octogona. A capella de Sarlat é inteiramente redonda; o pavimento terreo, do estylo byzantino, era alumiado por uma porta ogival e tres janellas da mesma forma, hoje tapadas, porque serve de paiol da polvora; havia dentro um altar e a abobada era em forma de cupula; o primeiro andar recebia luz de

quatro aberturas de figura curva, e na parte superior ou andar ultimo, e que termina em forma conica, passava por alguns buracos quadrados a luz do fogacho que ali se acendia todas as noites.

O seminario de Sarlat é o edificio que se vê no fundo do desenho e do lado direito.

M.

BYRON!

Continuação.

II

Em Julho de 1809, contando apenas vinte e um annos de edade, partiu Byron de Inglaterra, como dissemos, dirigindo-se a Lisboa, em companhia de mr. Hobhouse. Da nossa cidade escrevia elle a mr. Hodgson (provavelmente antes da desavença com o boleeiro) estas palavras, assaz lisonjeiras para nós: — « Sou felicissimo aqui. Como laranjas; fallo pessimo latim com os frades, que elles comprehendem como se fosse o seu; vou ás reuniões com pistolas na algibeira; atravesso o Tejo a nado (duvido, e creio que os leitores tambem!) e galopo sobre um burro ou sobre uma mula; praguejo em portuguez; e além de tudo isto tenho diarrhéa, e sou devorado pelos mosquitos Mas que importa? Quem corre atraz do prazer, precisa não attender muito á commodidade.»

Depois, no primeiro canto do *Childe-Harold*, ainda fallou assim do nosso paiz:

Ó Christo, como é bello contemplar-se
Quanto por essa terra de delicias
O ceo fizera! Que fragrantes fructos
De rubicunda côr as arvores pejam!
Sobre as collinas que formosas scenas! (*)

Mas logo, mais abaixo, accrescenta (e traduziremos em humilde prosa os excelentes versos do autor) estas expressões pouco lisonjeiras para o nosso amor proprio:

«Pobre povo de escravos, nascido em tão formoso clima! Ó natureza, para que prodigalisaste os teus dons a similhantes homens?»

Depois, quando passou á Hespanha, ainda nos mimoseia com esta delicada comparação:

«O mais pobre aldeão hespanhol, tão orgulhoso como o primeiro dos seus duques, conhece bem a distancia que o separa do escravo portuguez, o ultimo dos escravos!»

Isto ainda eram reminiscencias do *pau do descanso* do seu amigo boleeiro.

Deixemos porém de parte esta mesquinha vingança exercida sobre todo um povo, por causa de uma questão *ad hominem*, e tratemos do grande poeta, com a veneração devida ao seu alto talento.

«Bella Hespanha! Reino glorioso e romantico!...» exclamou Byron ao passar o Guadiana; e chegando a Cadiz, apaixonou-se por uma andaluza, d'aquellas que elle pinta enthusiasticamente «com longos cabellos negros, olhar penetrante e ao mesmo tempo languido, tez morena, e ademan gracioso.»

Porém Byron não se demorava em nenhum ponto; apenas Veneza pôde, mais tarde, reter por dois annos nos seus canaes e pontes o voluvel poeta.

Pouco tempo depois, tinha esquecido a gentil hespanhola, e nos braços de uma interessante compatriota, passava dias alegres sob o bello sol de Malta.

Saltando de ilha em ilha, ora açoitado pelo *siróco*, ora contemplando a calma das vagas azues do Mediterraneo, descansava um momento na Sardenha para colher a herva milagrosa que produz o *risus sardonicus*, e comer das suas deliciosas laranjas, que Byron tanto apreciava; depois ia extasiar-se na presença do Etna, e recordar a terrivel scena das *Vesperas* na propria Sicilia. Mais tarde recordava-se da mythologia, visitando o archipelago, sulcando as aguas do mar Egeo, cruzando o Peloponeso, e entrava na fabulosa Grecia.

«Vetusta cidade, augusta Athenas!» exclama o poeta (no segundo canto do *Childe-Harold*). «Aonde estão os teus grandes cidadãos, essas almas heroicas?... Já não existem... e só nos apparecem entre os sonhos do passado!»

As ruinas d'aquella poetica Grecia, os primores d'arte de seus monumentos derrocados, o aspecto do porto Pireo, a perspectiva do monte Parnaso, tudo que ha de sublime nas recordações d'esse paiz da sabedoria e da arte, arrancava do coração de Byron brados de fundo sentimento pelo estado da Grecia de então:

«Ó Grecia! Como será frio o coração do homem que ousar contemplar-te, e não sentir a dôr de um amante sobre as cinzas d'aquella que adorou!»

No sublime poema *Childe-Harold*, manifesta o poeta as diversas impressões que o assaltaram ao avistar Ithaca, «onde a triste Penelope suspirava contemplando o mar;» depois o cabo Leucade, e o seu promontorio «que foi refugio de amantes sem esperança, e tumulo da musa de Lesbos;» mais adiante as collinas selvagens da Albania, e o Pindo meio velado pelas nuveus; em seguida o golpho de Ambracia «onde o imperio do mundo foi perdido por uma mulher.»

Byron penetra até aos valles da Illyria, visita Ali-pacha, e depois de mais algumas excursões no interior da Grecia, embarca para Constantinopola.

«Que cidade do mundo offerece maior numero de divertimentos do que tu, Stambul!» exclama o poeta nos preciosos versos da *Peregri-*

(*) Estes versos são traduzidos pelo doutor Francisco José Pinheiro Guimarães.

nação do joven Harold; e em outro logar falla assim da antiga capital do imperio grego: «Vi as ruinas de Athenas, d'Epheso, e de Delphos; percorri uma grande parte da Turquia, e muitos outros logares da Europa e da Asia; mas em parte alguma encontrei uma obra da natureza ou da arte que me impressionasse tanto como Constantinopola.»

Tambem tinha visitado Thebas (a da Livadia, não a do Egypto), vira correr a Castalia, transitara pela Beocia, passara pela Arcadia, porém nenhuma perspectiva parece havel-o encantado tanto, como a que se gosa das ruinas de Phyle, que o poeta antepõe mesmo á magnifica vista de Cintra, e até á de Constantinopola.

A escassez de meios pecuniarios apressou o regresso de lord Byron a Inglaterra; mas então já não era o homem desconhecido do vulgo e da côrte, apesar de ser par do reino; era o poeta festejado no seu paiz.

Sua mãe morreu, pouco depois de elle chegar á patria, sem prever a immensa gloria que ia ligar-se ao nome do seu unico filho.

Byron publicou pouco depois d'esse triste acontecimento as *Imitações de Horacio*, satyra do mesmo genero que os *Poetas inglezes e os criticos escocezes;* e em seguida os dois primeiros cantos de *Childe-Harold*, que desde logo adquiriram uma grande aura, e deram uma bem merecida celebridade ao seu autor. Este poema-romance de uma originalidade inimitavel, por isso mesmo que se apartava de todas as regras sanccionadas pelas escolas, que despresava todos os modelos, foi recebido com o maior enthusiasmo pelo verdadeiro talento.

D'ahi a pouco era reputado o nosso poeta como uma das maiores illustrações litterarias da sua epoca, o que junto a sua bella presença lhe attrahia a affeição das mulheres e o odio dos invejosos. O seu espirito perdeu tambem por este tempo o caracter severo, orgulhoso, e até silvestre que se revela, em parte, nos seus primeiros escriptos, e dedicando-se a galantear o bello sexo, foi heroe de muitas anecdotas amorosas, e conquistador de algumas beldades. N'este numero entra a, não formosa, mas seductora, lady Carolina Lamb, para quem lord Byron foi o primeiro amante... porém não o ultimo.

Vivendo ora em Londres, ora na sua abbadia de Newstead, ora em Cheltenham, recordava-se a miudo do formoso sol da Peninsula e do Oriente, e acabou por se enfastiar da Inglaterra, e do *far niente* em que vivia. Quiz voltar de novo a viajar, porém as suas finanças estavam em pessimo estado. Por fim, saciado de gosos, com a saude deteriorada pelos abusos de uma vida desregrada, lembrou-se de casar, e a sua escolha recaiu em lady Elisabeth Forbes, porém esta dama rejeitou a sua mão.

Lady Melbourne, amiga e confidente de Byron, encarregou-se então de lhe arranjar o casamento com outra dama da sua escolha, porém ainda esta combinação falhou.

Em conclusão, no dia 2 de Janeiro de 1815 desposou miss Milbanke, e pelo teor das suas cartas a varios amigos, parece ter achado muito agradavel o seu novo estado ainda depois da lua de mel.

Por esse tempo travou elle conhecimento com o celebre Walter Scott, e as suas relações de amisade nunca soffreram interrupção.

Não succedeu o mesmo com sua mulher que lhe fugiu, suppondo-o doido, dizem alguns dos seus biographos!

A 25 de Abril de 1816 deixou lord Byron pela segunda e ultima vez o solo da patria, em companhia do seu medico, o doutor Polidori, de William Fletcher, Robert Rushton, e de um criado suisso.

Já então havia publicado, além das satyras e dos dois cantos de *Childe-Harold*, uma novella turca, intitulada *Giaour* (Infiel ou Christão, em lingua turca). *A Desposada de Abydos*, outra recordação do Oriente. *A Walsa*, pequena mas engraçada peça de poesia. O magnifico poema *O Corsario*, sublime quadro maritimo, que tem tido mil imitadores, quasi todos infelicissimos. *Lara*, outro poema de grande valia, que e considerado como continuação do *Corsario*. Ainda outro poema oriental, *O assedio de Corintho;* a *Parisina*, canto elegiaco de uma tragedia domestica, e o *Prisioneiro de Chillon*, funebre narração de um horrivel captiveiro. Estes dois ultimos poemetos acham-se traduzidos em excellentes versos portuguezes.

Todas estas obras obtiveram grande acceitação em Inglaterra e na Europa culta. Algumas d'ellas haviam sido escriptas, como o proprio autor diz, em trajo de baile, outras sob o peso de graves inquietações domesticas.

Deixando para sempre a patria, que honrara com o seu talento, o illustre poeta recordava com tristeza o que soffrera no seu paiz natal, aonde só a dignidade de par o salvara de gemer n'uma prisão... Fatal destino do genio. Em guerra com o mundo, e até com sua propria mulher, endividado, calumniado, perseguido, o nobre viajante confiou ao mar a sua sorte, e foi procurar a consolação em longinquas praias.

Acompanhal-o-hemos ainda n'esta nova peregrinação, até ao seu termo... o termo de todas as viagens!

Continua. F. M. Bordalo.

As paixões naturaes contidas nos limites, que prescreve a razão e a moral, são uteis; e podem ser virtudes: quando os ultrapassam, são vicios; e podem chegar a ser crimes.

A grandeza e poderio dos tyrannos não é de invejar: os perigos e os remorsos os pungem; o veneno, ou o punhal lhes encurta a vida: tal foi a sorte da maior parte dos Cesares de Roma.

*

VASO ESMALTADO DE JOIAS.

Na exposição franceza de 1855, entre outros productos das artes britanicas, figuraram pela primeira vez uns vasos que imitavam com bastante artificio o esmalte com pedras preciosas, sendo os materiaes empregados vidro e o papel denominado *maché*; eram obra de Messr.s Jennens e Bettridge, que obtiveram privilegio de invenção. Agradaram tanto ao principe Alberto, quando visitou aquella exposição industrial, que encommendou dois de similhante natureza, e pelo desenho que a estampa mostra; ambos, antes de serem levados para o real paço de Buckingham, estiveram patentes no estabelecimento dos fabricantes em Halking-street, Belgrave-square; os ornatos em relevo são de electro-doiradura; a côr do fundo principal é de uma esplendida purpura, realçada em partes por toques escuros acastanhados; os ornatos imitam varias pedras preciosas com suas naturaes côres brilhantes; a forma não é etrusca nem classica, mas tem uma bella apparencia e produz o melhor effeito.

M.

O IMPERIO D'ANNAM.

Continuação.

Entre as insurreições que rebentaram antes da invasão tunkinesa, houve uma que não pudera ser sopeada: tinha começado na cidade de Quin-Nong, sob a direcção de tres irmãos que compunham uma familia, chamada Tay-son (*montanhas occidentaes*), sobrenome que tinha por ser originaria d'esta parte da Cochinchina. O mais

velho, chamado Nhac ou Yin-Yac, era um rico negociante; o segundo, um bonzo conhecido pela sua santidade; o terceiro, por nome Long-Niang ou Long-Nhu-ong, era um official general, a quem a aptidão e o valor tornavam digno de secundar os projectos ambiciosos de seu irmão mais velho, emquanto taes projectos se não oppozessem á sua propria ambição.

Tanto que os tunkinezes entraram na Cochinchina, Nhac aproveitou o odio natural dos cochinchinezes contra esta nação para declarar que elle queria tomar a defensa do rei; mas accommetteu os recebedores dos seus rendimentos, sob pretexto de que estavam de intelligencia com o inimigo, e roubou-lhes as casas e os cofres publicos. Estes manejos e roubos foram levados tão longe, que não mais foi possivel o engano sobre as intenções de Nhac, e o rei da Cochinchina reuniu grandes forças para marchar simultaneamente contra elle e contra os tunkinezes. Nhac, pelo ardil ou pela força, bateu ou corrompeu este exercito.

Durante estas batalhas, o joven rei, todo entregue aos seus prazeres, satisfazia-se em dar as ordens sem lhe importar a sua execução, e deixava invadir e saquear o paiz. A nação indignada derribou-o d'um throno que elle envilecia, matou-o, e levantou em seu logar um neto do ultimo rei legitimo Vo-Nquien-Vuong. O novo rei julgou achar um apoio em Nhac esposando sua filha; mas tendo descoberto os perfidos designios de seu sogro, desembaraçou-se de suas mãos. Levantando então um pequeno exercito, marchou a castigar este rebelde; porém, vencido, viu-se reduzido a entregar-se-lhe. Ainda que tratado com respeito, desappareceu bem depressa com os seus principaes officiaes, sem que se soubesse nunca o que fôra feito d'elles.

O filho d'este principe reuniu um exercito, e marchou contra os Tay-son para salvar seu pae que julgava ainda vivo; mas Long-Niang apresentou-se a este exercito, portador d'uma falsa ordem do rei que tinha desapparecido; ordenou-lhe que depozesse as armas, e entregasse o filho que assim faltava ao respeito que devia ao pae, e á submissão devida ao rei. O exercito obedeceu: o desgraçado principe foi entregue e decapitado na praça de Sai-Gong. A princeza sua mulher, que o acompanhava, fugiu com o seu segundo filho, Ong-Nquien-Chung, ao qual estavam reservados grandes destinos.

Este joven principe esteve algum tempo occulto com sua mãe, e só conseguiu evadir-se com o soccorro d'um missionario francez d'Adran, que devia em pouco fazer um papel bem importante.

Nquien-Chung chegou a reunir um exercito, e entreteve algum tempo a campanha contra os Tay-son; mas, em 1781, foi obrigado a retirar-se e a procurar refugio em Pulo-Wai, pequena ilha deserta do golpho de Siam. Ainda ali foi descoberto, e esteve quasi a ser preso. Então resolveu-se ir pedir asylo ao rei de Siam, a quem soube tornar-se tão util pelos seus talentos militares, que este em reconhecimento lhe confiou um exercito para tentar a reconquista dos seus estados: esta tentativa porém mallogrou-se pela falta de valor e má conduta dos siamezes.

Os Tay-son, nada tendo a temer pela baixa Cochinchina, trataram de expulsar da alta os tunkinezes que d'ella se tinham apossado. Animados pelo exito, Long-Niang levou mais longe as suas vistas. Aproveitando o descontentamento que os Trinh tinham excitado em Tunkin, ahi entrou, e fazendo-se passar pelo legitimo rei da Cochinchina Nquien-Chung, esteve a ponto de se assenhorear do paiz; mas a fraude foi descoberta, e elle obrigado a sair do Tunkin.

Então os tres irmãos, definitivamente senhores da Cochinchina, cuidaram em dividil-a entre si. N'esse arranjo estabeleceu-se que a Nhac pertenceriam as duas divisões inferiores de Chang e de Donnai; que Long-Niang teria o Hué, que se estende até o Tunkin; e o ultimo irmão seria grão sacerdote de toda a Cochinchina. Por esta disposição, Nhac collocava sagazmente o irmão entre os seus estados e os de Tunkin que podiam causar-lhe algum desassocego.

Long-Niang tinha-se apenas estabelecido em Hué-fo, sua capital, quando aproveitou a primeira occasião que se lhe offereceu de pendencia com o rei de Tunkin, então tributario do imperio da China. Este ao primeiro combate abandonou o seu exercito, e foi a Pekin pedir soccorro ao imperador. Kien-Long enviou o vice-rei de Kang-Tong, Fou-Chang-Tong, á frente de cem mil homens para expulsar o usurpador; mas Long-Niang, prevenido da sua marcha, tinha devastado o paiz que os chins deviam atravessar. Estes, depois de terem perdido mais de cincoenta mil homens pela fome e os combates, foram obrigados a retirar-se, e bem depressa o imperador se viu reduzido a reconhecer Long-Niang por soberano dos reinos unidos de Tunkin e da Cochinchina, sob o nome de Quang-Tung. O antigo rei de Tunkin foi feito mandarim d'uma das provincias da China.

Entretanto Nquien-Chung, depois de ter solicitado inutilmente do rei de Siam novos soccorros para tornar a entrar nos seus estados, viu-se obrigado a fugir de novo para a ilha de Pulo-Wai, que fortificou, acompanhado de mil e quinhentos cochinchinezes que seguiram a sua sorte. Elle tinha confiado a educação de seu filho ao missionario Adran, encarregando-o de acompanhar o joven principe á côrte de Versailles, e de solicitar soccorro do rei de França. Adran e seu discipulo chegaram a Paris em 1787, e a sua missão teve completo exito. Foi assignado um tratado offensivo e defensivo entre a França e a Cochinchina; e Adran, nomeado bispo *in partibus* d'este paiz, partiu levando as ordens pelas quaes o principe desthronado devia obter todos os soccorros necessarios para tornar a entrar nos seus estados. Porém as intrigas e a má vontade de Conway, governador de Pondichéry,

retardaram a empresa que a revolução franceza fez definitivamente abandonar.

Este concurso de circunstancias desgraçadas não fez desanimar Adran, que persistiu no projecto que formara de restabelecer o soberano legitimo, se elle vivesse ainda; ou, no caso contrario, de entregar ao joven principe o throno de seus maiores. O bispo, o joven principe, e muitos officiaes francezes, que se lhes uniram como voluntarios, embarcaram em um navio mercante que os levou ao cabo de S. Jaques, na embocadura do rio que conduz a Say-Gong. Ahi foi que pela primeira vez tiveram noticias do rei. Depois da sua partida, este principe estivera perto de dois annos na ilha de Pulo-Wai, vivendo de raizes como os seus companheiros.

Continúa.

ASTUCIA CONTRA ASTUCIA.

CONTO PERSA.

Um habitante da cidade de Bagdad, que, durante a sua mocidade, se deleitava em estudar as astucias dos ladrões, e muitas vezes em lh'as frustrar, viera a ser, quasi no fim da sua vida, um modesto *bezzaz*, isto é, tinha-se feito commerciante d'estofos d'algodão no bazar da cidade.

Ora uma noite, algumas horas depois de fechados os armazens, um habil ladrão, disfarçado em negociante, entrou no bazar. Era, sem contradicção, o nosso bezzaz em pessoa: o molho de chaves, o turbante, a bengala, o capote, o mesmo som da voz do velho, eram imitados com incrivel perfeição. O astuto gatuno foi ao encontro do guarda do bazar, e lhe disse com o maior socego do mundo:

— Toma este candeeiro: vae acendel-o; tenho contas a fazer esta noite.

Depois, sem esperar resposta do guarda, abriu a porta da loja do bezzaz. O guarda não se demorou com o candeeiro; e o velhaco pegou-lhe de maneira que a luz lhe não desse no rosto, e, sem dizer palavra, assentou-se diante d'um livro de contas.

Proximo ao romper do dia, chamou o guarda e disse-lhe:

— Vae procurar um moço, e recommenda-lhe que se não esqueça de trazer os seus utensilios, por que tem de levar alguns fardos de fazenda para minha casa.

E accrescentou:

— Esta noite velaste por minha causa; eis a minha bolsa, tira o que precisares para pagar o teu almoço, e avia-te.

O moço encontrou promptos muitos pacotes de panno de valor, carregou-os ás costas, e seguiu o ladrão.

O verdadeiro bezzaz chegou ao bazar algum tempo depois de nascer o sol, segundo o seu costume. Ahi estava o guarda que, saudando-o com rosto alegre e reconhecido, exclamou:

— Hoje os meus filhos, graças ao que me deste esta noite, regalaram-se como uns principes. Que Deus derrame as suas bençãos sobre ti e sobre a tua familia! Possas tu prosperar no mundo, e gosar no ceo uma felicidade eterna!

O bezzaz, admirado de tantos agradecimentos, teve a prudencia de não responder. Suspeitando porém alguma desgraça, correu a abrir o seu armazem. Logo á primeira vista conheceu que a mais rica parte dos seus estofos tinha sido roubada, e adivinhou tudo. Entretanto absteve-se de gritar; chamou tranquillamente o guarda, e, sem manifestar a menor alteração, perguntou-lhe com voz socegada:

— Dize-me, quem foi que me ajudou esta noite ao transporte dos meus fardos?

— Que! Não te lembras que me mandaste procurar um moço, e que elle saiu comtigo? Eu só fiz o que tu me mandaste.

— É verdade. Mas eu tinha tanto somno, e a noite estava tão negra, que não me lembro muito bem do rosto d'esse moço. Vae procural-o e volta com elle aqui. Conhece-lo?

— Conheço.

Quando o moço chegou, o bezzaz fez-lhe signal de o seguir e fechou o armazem á chave. Depois de ter conduzido o homem para um sitio distante do bazar, poz-se a fazer-lhe perguntas confidencialmente e em voz baixa.

— Podes indicar-me o logar para onde esta noite levaste os meus pacotes? Olha, meu amigo, seja dito entre nós, é uma triste confissão que faço, mas eu tinha bebido de mais e tudo me esqueceu.

— Tenho melhor memoria, eu, que não tinha bebido senão agua. Conduziste-me ao embarcadouro da margem esquerda do Tigre, e ali ordenaste-me que chamasse um barqueiro, o qual me ajudou a arrumar os fardos no seu barco.

— É isso mesmo. Vamos ao embarcadouro. Farás com que eu falle a esse barqueiro, sim?

— De boa vontade.

Chegados ao Tigre, encontraram logo o barqueiro. O nosso bezzaz despediu o moço. Depois, tendo entrado no barco poz-se ao lado do barqueiro, a quem disse:

— Ha apenas algumas horas que ajudaste meu irmão na conducção de muitos fardos de mercadorias.

— É verdade, foi ao romper do dia.

— Muito bem, vamos, leva-me ao mesmo sitio onde os desembarcaste.

A rapida corrente do Tigre e algumas vigorosas remadas conduziram em pouco tempo o barco ao seu destino. O barqueiro procurou o moço que o ratoneiro tinha encarregado, n'este sitio, do transporte dos fardos roubados. O bezzaz, tendo ordenado ao barqueiro que o esperasse até á sua volta, chamou o moço de parte, e lhe disse:

— Leva-me ao deposito onde, esta manhã, deixaste as mercadorias de meu irmão.

Encaminharam-se então para um edificio afastado da margem do Tigre, e construido na raia dos terrenos arenosos que cercam a cidade de

Bagdad. Chegados á porta, bateram: ninguem respondeu; mas o bezzaz, habil em conhecer o mecanismo das mais complicadas fechaduras, não esteve muito tempo sem abrir elle mesmo com um prégo o cadeado. Deixou o moço á porta, entrou, e achou todos os seus fardos intactos amontoados a um canto. Da parede pendia um tapete velho preso a uma corda. Estes objectos serviram para embrulhar os fardos que o bezzaz entregou em seguida ao moço, dizendo-lhe que os levasse para o barco.

A este tempo encontraram o proprio ladrão, que não tinha ainda largado o seu disfarce. Todo perturbado, não ousou fazer observação alguma, e a um gesto imperativo do bezzaz, aproximou-se-lhe e caminhou silenciosamente até ao barco. Não desdenhou mesmo ajudar o moço no embarque dos fardos.

O bezzaz, depois de ter entrado no barco, mandou pelo barqueiro entregar o tapete e a corda ao seu proprietario. Da parte de ambos passou-se tudo com perfeita conveniencia e politica. O gatuno deitou o tapete aos hombros, e fez as suas despedidas ao bezzaz n'estes termos:

— Deus te conduza a salvamento, irmão querido! Agora estamos, um e outro, na posse do que legitimamente nos pertence. O proverbio diz: A cada qual o que é seu. Em todo o caso, faço-te justiça, tu inteiramente procedestes como homem que sabe viver.

E separaram-se. O bezzaz voltou para o bazar com as suas mercadorias; e o ratoneiro, para sua casa com a corda e o tapete aos hombros.

BOHEMIA.

Este paiz, de que hoje apenas se falla, mas que foi reino que principiou com o dos egypcios e dos assyrios, e tão famoso como elles, é o mais alto de toda a Europa, pois que nascendo n'elle muitos rios, como são o Oder, o Elb, e o Vistula, nenhum outro entra n'elle. Não são dos mais sadios os seus ares, e por isso muitas vezes tem grassado n'elle horriveis pestes; porém é fertil em trigo, e em pastos. As vinhas não se criam ahi mui bem por causa dos frios.

Este reino tem setenta leguas de longitude, e quarenta de latitude, com cento e duas cidades, algumas das quaes são grandes e dignas de consideração, como Praga, sua capital, Cuttemberg, Pilsen, Egra, Bohmisbroda, Glatz, Tabor, Konigratz etc; trezentas e oito villas; e duzentos quarenta e oito castellos. Segundo os computos de graves autores, pode pôr em campanha dez mil homens de cavallo, e cento e trinta mil homens de pé.

É governado pela casa d'Austria. A religião dominante é a catholica; porém conservam-se ali muitas seitas, que apesar de grandes esforços não se poderam extinguir. Depois da batalha de Praga, na qual foi desbaratado o principe Palatino do Rhin, mandou o imperador Fernando II exterminar não só os lutheranos e calvinistas, que queriam dar a corôa de Bohemia ao dito principe, mas a todos os outros sectarios que havia em Praga. Sem embargo da diligencia com que se executaram as ordens, ficaram ainda muitos lutheranos e calvinistas, e entre elles muitos adamitas, pikards, taboritas ou hussistas. Os judeus eram os unicos que se permittiam com exercicio publico, pagando annualmente pela sua residencia em Praga uma somma muito forte ao imperador.

Esta nação, á similhança de todas muito antigas, tem as suas fabulas. Alguns autores graves da antiguidade, dizem que n'ella viveram as amazonas. D'ahi vem esses notaveis e singulares costumes que se contam, de serem as mulheres donzellas as que presidiam não só nos governos, mas nas campanhas, servindo-se dos homens como de escravos, e diz-se que não se submetteram ás suas leis senão depois da morte de Libusa, que casou com o primeiro duque Premissão.

Os bohemios d'esse tempo adoravam muitas divindades, e faziam sacrificios ás Orcadas, Driadas, Hamadriadas, á Agoa, ao Fogo, ás Florestas, e ás Montanhas. Enterravam os mortos no campo, ou no matto, e faziam sobre as suas sepulturas jogos e mascaradas.

No geral são de cabello loiro, olhos brilhantes, e o seu timbre de voz é um dos mais bellos. São fortes, robustos, subtis, ambiciosos, glotões, e amigos de vinho. O seu idioma é uma confusão do alemão e esclavonio. Tinham um modo exquisito de contar as horas. Ao pôr do sol era a primeira hora, e seguem-se as outras consecutivamente, dizendo treze, quatorze etc.

Este paiz foi antigamente todo coberto de mattos e florestas. Os seus primeiros habitadores de que a historia faz menção foram os da colonia chamada de Léche, que ali se estabeleceu no anno de 544. O primeiro que teve o titulo de duque foi Premissão, com quem casou em 632 Libusa, filha de Cróco, que era então governador d'estes paizes. Pela seguinte forma se narram os principios d'este reino.

Zechio Crovato, banido do seu paiz, retirou-se a estas terras, e achando que os seus habitadores eram homens brutaes, e costumados a viver de roubos e caça, os ensinou a cultivar a terra, e plantar arvores fructiferas. Esta foi a causa porque o elegeram seu governador. Por sua morte deram o mesmo cargo a Craco, ou Cróco, homem prudente, douto, e justo, que fez muitas leis para seu bom governo. Este Cróco deixou tres filhas: Brella, doutissima na medicina; Torba, adivinhadora e encantadora; e Libusa, que sendo a mais moça de todas, foi a mais scientifica, mais intelligente, e por isso a mais amada.

Estas seriam as razões porque se lhe deu o dominio em que governou com geral e admiravel satisfação. Sendo persuadida a que se casasse para que houvesse herdeiros de uma princeza tão sabia, foi mui solicitada, porém não acceitando ella nenhum dos partidos mais vantajosos que se

lhe propozeram, determinou que a fortuna fizesse a eleição. Mandou um dia soltar um cavallo, com ordem de que deixando-o correr á vontade o seguissem, e que conduzissem á sua presença aquelle homem junto a quem o cavallo parasse a primeira vez. Parou justamente diante de Premissão que lavrava a terra, e sendo este trazido diante de Libusa, ella o reconheceu por seu marido, e em memoria de que era um camponez o que começa a senhorear aquelle reino com o titulo de duque, mandou Libusa pendurar no templo os tamancos, com que Premissão foi achado na lavoira do campo.

No espaço de quatrocentos annos succederam dezoito duques a Premissão, sendo um d'estes Borsivolhio, que no anno de 890 se fez christão com a duqueza sua mulher, chamada Lumilla. Empregando o duque muita diligencia para a conversão de todo o reino, foi lançado fora do governo, mas por fim admittido outra vez, a fé e christandade se estabeleceu na Bohemia, sendo d'ahi por diante christãos todos os seus duques. Finalmente, succedendo no ducado Uratislão, homem generoso, bom soldado e prudente, foi a Mayença ou Moguncia, onde todos os principes do imperio com Henrique III o proclamaram rei da Bohemia no anno de 1089.

Por mais de seis seculos foi este reino electivo; porém a casa d'Austria o reduziu a hereditario desde que o imperador Alexandre II, eleito rei de Bohemia, alcançou uma assignalada victoria contra o principe Frederico Palatino, genro de Jacob, monarcha de Inglaterra, que lhe disputava a corôa, tendo-a recebido em Praga no mez de Novembro de 1619.

Este paiz é cheio de montanhas e de bosques, e mui fertil, achando-se n'elle muitas minas de oiro, prata, arame, cobre e chumbo. Um escriptor nosso, viajando no seculo passado por este paiz, expressa-se do seguinte modo:

« Depois que entrei no reino de Bohemia pareceu-me sempre que caminhava por estradas de Portugal, achando n'estas muitas coisas similhantes, como por exemplo as searas, e todo o trabalho do campo feito com bois, coisa que até aqui não tinha visto praticar, mais do que com cavallos. As vinhas e os pomares tambem se parecem, e pelo que respeita a esta qualidade de arvores fructiferas, eu as não vi nas outras terras mais do que em jardins. A pobreza dos logares, e a quantidade de rapazes que correm a posta uma legua a pé atraz do carro para lhe darem alguma esmola, tambem é uma imitação de algumas estradas do nosso paiz. »

O SUPPLICIO DA RODA.

Um viajante do seculo passado descreve pela seguinte forma este supplicio, então muito usado na Alemanha:

« A primeira parte onde vi as chamadas *rodas*, em que se castigam os facinorosos, foi em Kondern, onde passei por tres antes de entrar n'aquella terra. Na entrada de Hall estavam tambem quatro, e na saida outras quatro, no mesmo sitio em que se vê a forca. Este supplicio tremendo com o qual se tem emendado as barbaridades iniquas de algumas nações, em que eram continuados os crimes insolentes de mortes, roubos, e outros similhantes, consiste em um madeiro cravado no chão, e em uma roda pequena das que se usam nos jogos dianteiros dos coches, a qual se põe na extremidade do mesmo madeiro. Sobre esta roda se ata o delinquente, ao qual estando vivo se lhe quebram as pernas e os braços, ficando depois exposto na roda não só até morrer, mas até o tempo o consumir. Em casos menos graves se concede a estes miseraveis o golpe chamado de graça, que é uma pancada sobre o coração, a qual subitamente os livra de padecer. Para cada delinquente se faz uma roda, e muitas vezes é executado no logar do delicto se este assim o pede, ou para exemplo, ou para terror. Todas as rodas que vi, conservavam ainda as caveiras, ossos, e parte dos vestidos dos miseraveis que n'ellas tinham acabado. »

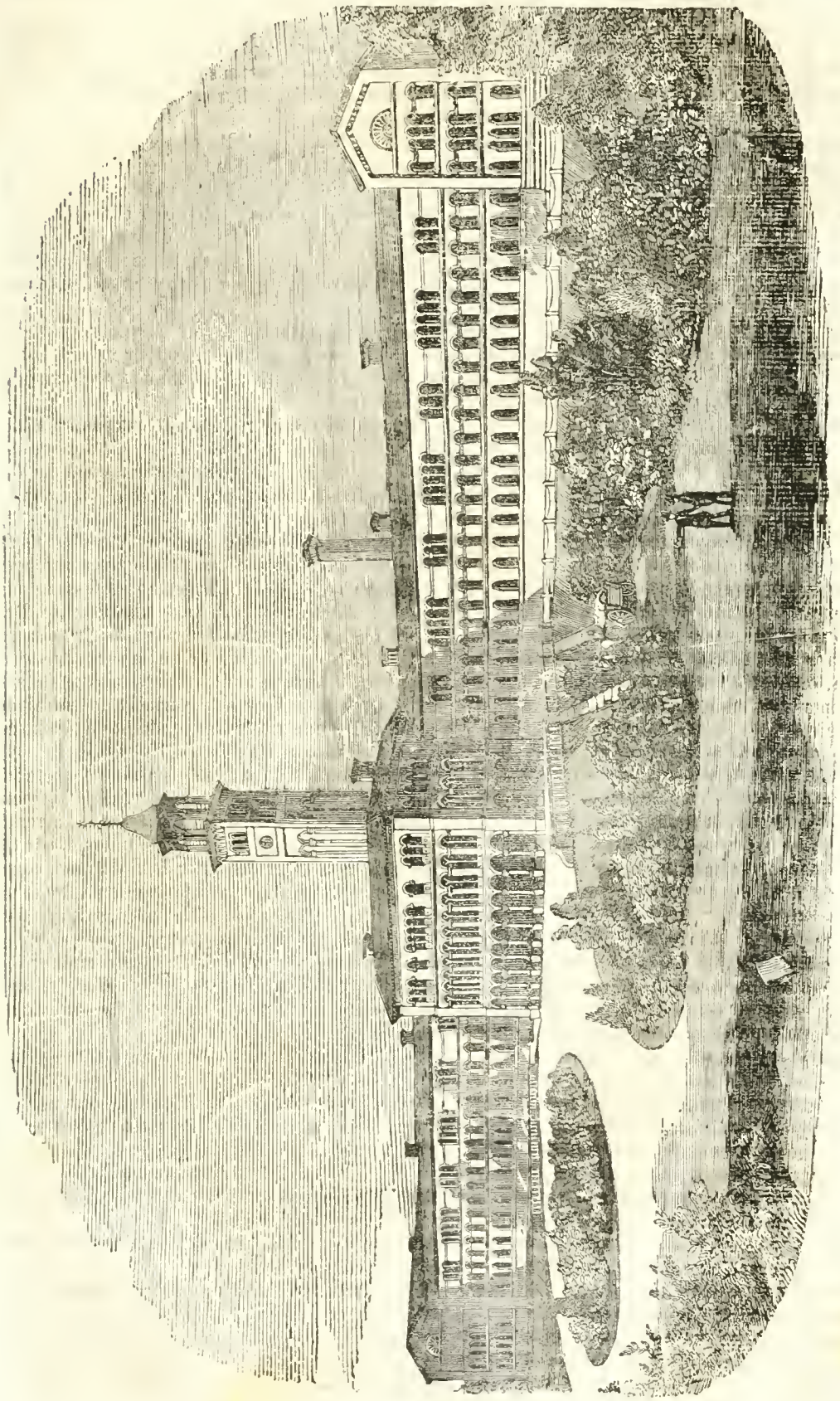
RELAÇÃO DAS COISAS QUE ACONTECERAM EM A CIDADE DE ANGRA, ILHA TERCEIRA, DEPOIS QUE SE PERDEU EL-REI D. SEBASTIÃO EM AFRICA.

Continuação.

LXIX

De como deram tratos a Francisco Gil, e de como o enforcaram

Mandou tambem Manuel da Silva que Francisco Gil fosse levado ao pomar dos seus aposentos, aonde estava o tronco, e logar ordenado aonde se tinham dado tormentos, e tratos de fogo ao ditto Melchior Affonso, e primeiro que os mettesse nos tratos os mandava confessar. E começou de dar tormentos ao dito Francisco Gil. Confessou tudo quanto tinha ditto Amador Vieira, e confessara quanto lhe perguntara. Teve-o pouco tempo nos tratos, e o mandou pôr logo em a cadea, e escripta sua confissão e por elle assignada, tudo em breve foi sentenciado, e lhe mandaram que arrazoasse de sua justiça em 24 horas. Mas pouco lhe aproveitou, porque a sentença foi de morte, e seus bens sequestrados e perdidos para a corôa, por ser contra o serviço d'el-rei, e querer fugir com o navio alheio, e levar recados de traidores. Sobre este homem houve muitos rogos, foi por demais: dizendo Manuel da Silva que se lhe perdoava, que o mestre de campo dos francezes havia perdoar ao piloto francez, e que era bem que se não dissimulasse com cousa alguma; e que nestes casos nem peccados veniaes se haviam perdoar. E enforcaram o pobre Francisco Gil, o qual dice, quando o queriam enforcar, que se guardassem do diabo enfeitado, como a elle fizera um e o engauára e o fizera descobrir seu peito. (Continua.)



ESCOLAS CENTRAES DO DISTRICTO DE LONDRES.

Em 11 de Setembro do anno passado lançaram-se, junto de Hanwell, condado ou provincia de Middlesex, os fundamentos para a extensa linha de edificios que se estão construindo, cujo prospecto a nossa estampa representa como deve ficar depois de acabado.

Em 1849 creou-se por lei com seus estatutos a instituição das novas escolas do districto central de Londres, o qual comprehende a denominada *city of London union*, a *London union* oriental e occidental, S. Salvador, e a parochia de S. Martinho dos campos. A ceremonia da collocação da primeira pedra fez-se com toda a solemnidade em presença da commissão directora, creada na referida epoca, assistindo a este brilhante acto numerosa concorrencia de senhoras, e tambem conduzidos debaixo de formatura a testemunhar o mesmo os discipulos da escola de Harrow. Concluida a ceremonia, e depois de um eloquente discurso de mr. Whiteside, o capellão das aulas recitou as orações apropriadas ao objecto, e em seguida cantou toda a assemblea o psalmo 100, achando-se para mais de trezentas pessoas. Terminou a funcção com um banquete sumptuoso, dado á direcção e seus amigos por mr. Holt, de Radley-Hotel e só á sua custa. As aulas estão agora em Westow-hill, Norwood; o seu destino é receber as creanças da população pobre do districto, que ahi são mantidas e ensinadas, e depois se lhes manda aprender officios, havendo além d'isso uma fazenda, onde rapazes e raparigas aprendem respectivamente os trabalhos da lavoura e os misteres caseiros.

M.

BYRON!

Continuação.

III

O terceiro canto do *Childe-Harold* parece começado no momento de lord Byron emprehender esta nova viagem. Os primeiros versos que ahi se encontram são dirigidos á sua unica filha, á querida do seu coração, Aza. O poeta menciona em uma nota que este nome era o de uma das suas ascendentes, e tambem da irmã de Carlos Magno. Depois d'esta como invocação, aos olhos azues da gentil menina, passa a descrever uma d'essas scenas de mar, que ninguem pintou melhor do que Byron, e mostra o desapego com que vê fugirem do navio que o conduz as costas de Inglaterra. N'este terceiro canto, e no quarto e ultimo do poema, vae o poeta narrando a sua peregrinação, tornando-se ao mesmo tempo o heroe e o cantor das proprias aventuras.

Antes de admirar as bellezas do Rheno, descansa por um momento em Waterloo «o tumulo da França!»

«Para! diz o poeta: são as cinzas de um imperio que estás pisando!»

E mostra sympathisar mais com o corso vencido do que com o bretão vencedor.

As margens escarpadas do grande rio, as bellezas naturaes do lago de Genebra, a corrente impetuosa do Rhone, foram successivamente impressionando o espirito de Byron, e alliviando-lhe mesmo o coração.

Foi na Suissa que elle compoz a sublime tragedia de *Manfredo*. Em uma carta a Murray diz o proprio autor que este poema dramatico é de um genero selvagem, metafisico e inexplicavel! Os interlocutores do terrivel drama são espiritos do ar, da terra e das aguas, um magico, uma fada, um abbade e caçadores; a scena passa-se nos Alpes.

Quasi do mesmo genero é *A metamorphose do corcunda*, outro poema dialogado do nosso autor, e fundado sobre a tragedia *Fausto* do immortal Goethe.

Depois de visitar os Alpes, Byron passou á Italia, em companhia do seu fiel amigo Hobhouse; parou em Milão, viu o tumulo de Julieta em Verona, e foi descansar para Veneza, a rainha do Adriatico.

«Estava em Veneza, sobre a ponte dos Suspiros, entre um palacio e uma prisão; via a cidade, saindo do meio das vagas, como se fosse tocada repentinamente pela varinha de um feiticeiro. Dez seculos estendiam suas sombrias azas em volta de mim, e uma gloria expirante sorria para esses tempos remotos, em que muitos paizes subjugados admiravam o monumento de marmore do leão alado de Veneza, que tinha assentado o seu throno no meio d'estas cem ilhas.» (*)

A cidade dos doges enthusiasmou o poeta inglez. Alojando-se a principio em casa de um mercador, apaixonou-se pela esposa d'este, a gentil Marianna, joven de vinte e dois annos. E não foi tão ephemero este novo amor de lord Byron, como os anteriores; nem o passeio que fez a Roma na primavera de 1817 lhe pôde fazer olvidar a formosa veneziana; o coração obrigou-o em breve a regressar para junto d'ella. Esta mulher lhe inspirou o quarto canto do *Childe-Harold*, que foi escripto em Veneza, na volta da sua excursão á capital da christandade.

A Italia tinha attractivos poderosos para seduzir o grande poeta. Ferrara, com as suas recordações do Tasso e do Ariosto; Florença, com as suas lembranças do Dante e de Petrarcha; Roma com as suas mil reminiscencias poeticas, não podiam deixar de impressionar vivamente o espirito de Byron; e mereceram-lhe, com effeito, alguns dos seus mais sublimes versos.

Voltemos porém a Veneza, logar de delicias para o mysterioso bardo.

Por muito que o rosto oriental de Marianna houvesse seduzido o voluvel poeta, não pôde elle esquivar-se ao seu destino, que o fadara para a versatilidade no amor; deixou pois a casa da gentil mercadora, e alugou um palacio na margem

(*) *Childe-Harold*: Canto IV. Estancia c.

do grande canal, onde, segundo Moore, passava um genero de vida só proprio a quebrar-lhe as forças physicas, e entorpecer-lhe as faculdades moraes. Na segunda parte enganou-se.

Não tardou muito que Byron não contrahisse novas relações amorosas n'esta cidade d'encanto; elle mesmo contou este episodio da sua vida, que vamos resumir em poucas palavras, como a estreiteza d'estas columnas exige.

Margarida Cogni era pobre, muito formosa, contando vinte e dois annos de edade, e casada com um tisico. Fugiu ao marido para se instalar no palacio de Byron; amava ternamente o poeta, mas tinha um genio tão desegual, ora tocando na ferocidade, ora no sentimentalismo, que fazia d'aquella casa um verdadeiro inferno. Ciumenta, como uma veneziana, arrancou o veo á *signora* *** e insultou-a na rua, logo que soube das suas relações amorosas com lord Byron; arrancou a mascara a *madame* Contarini no baile da opera, por que a viu pelo braço do seu amante; finalmente batia em todas as mulheres de quem desconfiava que quizessem seduzir o seu *signor*, interceptava as cartas que vinham para elle, apesar de não saber ler, suppondo sempre que fossem de namoradas, e quando se enraivecia quebrava tudo que encontrava á mão. Byron, enfastiado, resolveu-se emfim a mandal-a para casa de sua mãe, porém Margarida ameaçou-o com uma faca; agarrada pelos criados do lord, escapou-lhes e lançou-se ás aguas do canal: salva da morte, custou ainda a resignar-se, mas ao cabo de grandes esforços, terminou por deixar em paz a sua victima.

Foi no meio d'esta singular vida que lord Byron começou o seu *Don Juan*, talvez o mais brilhante florão da corôa do immortal poeta. Nos primeiros cantos d'este poema respira-se, como no *Childe-Harold*, o ar embalsamado da Peninsula; depois, ainda como n'aquelle romance, gosa-se o perfume das plagas orientaes; finalmente chega-se com o heroe á patria do autor do livro. Ahi parou a obra, no decimo-sexto canto, quando Byron, talvez por brincadeira, dizia que tencionava levar este poema até cento e cincoenta cantos!

No manuscripto do primeiro canto acha-se uma nota, em que o autor declara não se poder ter nas pernas na occasião de escrever aquelles sublimes versos, embriagado com vinho do Rheno, que todavia elle misturava com soda!

Apesar, porem, da vida desregrada que levava, não deixou de apaixonar-se, mais uma vez, e de ser correspondido. Esta nova musa do famoso poeta, foi a condessa Guiccioli, joven esposa de um velho nobre de Veneza.

Em Abril de 1819 partiu ella com seu marido para Ravena, e Byron não deixou de seguil-a. Logo em Agosto teve de dirigir-se a Bolonha, e o seu amante acompanhou-a. Como porém adoecesse ali, e lhe aconselhassem os ares de Veneza, voltou a esta cidade em companhia de lord Byron, a quem o marido a confiou, por não poder deixar Bolonha n'essa occasião. Já se vê que o conde italiano e o fidalgo inglez viviam na melhor harmonia! Porém não durou muito a paz, porque as circunstancias de Byron não lhe permittiram satisfazer a uma exigencia do nobre veneziano, um emprestimo de mil libras esterlinas. Então o velho fallou da sua honra... e a falta de oiro operou a separação dos dois amantes!

Os conjuges partiram de novo para Ravena, porém a condessa adoeceu gravemente; e tendo-se conhecido que o seu mal era a saudade do amante, foi este chamado para a acompanhar, por conselho dos medicos e dos parentes da condessa, e com autorisação do marido.

Byron residiu por muito tempo em Ravena, e tinha grande predilecção por esta cidade pouco ruidosa, e pelas sombrias florestas que a cercam. Ahi compoz elle as suas tragedias historicas *Marino Faliero*, *Sardanapalo*, e *Os dois Foscaris*, o mysterio *Caim*, um poema em quatro cantos *A prophecia do Dante*, que ficou incompleto como muitas outras das suas obras, o terceiro e quarto cantos do *Dom João*, e traduziu *Pulci*. Tanto as tragedias como o mysterio são pouco proprios para apparecerem na scena, pelo seu diminuto movimento dramatico, porém excellentes para serem lidos, porque encerram bellezas poeticas de toda a ordem. O poemeto *A prophecia do Dante*, inspirado pela vista do tumulo do grande poeta, em Ravena, como outro poema seu, *As lamentações do Tasso*, havia sido inspirado pela vista da prisão d'est'outro poeta em Ferrara, é egualmente digno do heroe e do autor; faz-nos lembrar os versos de Garrett cantando o nosso Camões.

Tendo-se separado de seu marido, em 1820, a condessa Guiccioli recolheu-se á habitação paterna, situada a quinze milhas de Ravena, aonde só uma ou duas vezes por mez recebia a visita de lord Byron. O poeta entregue pois á solidão e á melancolia o resto do tempo, teria morrido de tristeza, se a agitação da Italia não viera despertar-lhe os brios de homem livre e enthusiasta pelos descendentes dos antigos romanos. O seu palacio tornou-se um foco de conspiração pela causa da liberdade italiana, e o refugio dos conspiradores da Romania.

E notavel uma carta escripta por lord Byron ao governo napolitano, offerecendo os seus serviços á causa da Italia; infelizmente, porém, nem este auxilio, nem os esforços dos patriotas, alcançaram o triumpho da liberdade italiana. Quando o exilio foi a recompensa do nobre proceder d'estes homens livres, os pobres de Ravena dirigiram uma petição ao cardeal legado, supplicando-lhe que deixasse residir ali o seu protector, lord Byron.

E é o nome de um homem d'estes, que gente covarde e infame tem querido denegrir... despresiveis invejosos!

Byron disse um dia: «Os que me perseguem constantemente, triumpharão emfim; e não se me fará justiça, sem que esta mão esteja tão fria como os seus corações.»

Entre o numero dos patriotas exilados contava-se o conde Gamba e seu filho, pae e irmão da condessa Guiccioli, que se retiraram para Pisa; e ahi os foi encontrar lord Byron, em Outubro de 1821.

N'esta cidade collaborou o nosso poeta na redacção de um jornal, *O Liberal*, com mrs. Hunt e Shelley, e nas suas columnas appareceram pela primeira vez o poema *A visão do juiso final*, e o mysterio *O ceo e a terra*, de lord Byron.

De Pisa passou o poeta para Genova; porém o ecco das batalhas que se pelejavam no oriente, pela liberdade da Grecia, veiu acordar de novo o enthusiasmo de Byron, e este amigo da humanidade decidiu trocar a Italia escravisada por aquelle formoso paiz onde se combatia para ser livre.

Entrou immediatamente em correspondencia com o *comité* grego, e declarou-se campeão d'aquella justa causa, muito a contento dos seus compatriotas, que só então descobriram no poeta calumniado um nobre caracter. Em Julho de 1823 deixou effectivamente a Italia, em companhia do irmão da condessa; e a pobre senhora ficou só!

Byron dirigiu-se a uma das ilhas Jonias, para tomar informações sobre o estado da guerra antes de desembarcar no continente; e partindo de Cephalonia, chegou á vista da costa da Moréa em fins de Dezembro. Apesar dos ventos contrarios, e da esquadra turca que bloqueava Missolonghi, entrou n'esta cidade, entre as vivas acclamações do povo, enthusiasmado pelo seu nobre alliado.

Este derradeiro periodo da vida do generoso poeta, e mais algumas noticias ácerca das suas preciosas obras, completarão o esboço que nos propozemos delinear, e serão o assumpto do quarto e ultimo capitulo d'este humilde estudo.

Continua. F. M. Bordalo.

FUNCHAL.

Conclusão. (*)

«É extrema a sobriedade e frugalidade dos camponezes. Nutrem-se de pão, batatas, cebolas, varias raizes, e são pouco carnivoros. Teem um tedio tão pronunciado pelas tripas dos animaes, que passa entre elles como proverbio dizer-se de um homem pobre: *está reduzido a comer tripas*. A bebida ordinaria é agua, e *agua pé* preparada com o bagaço da uva, depois de no lagar ter servido ao vinho. Esta agua adquire pela fermentação um gosto picante, que conserva por pouco tempo. Pouco vinho bebem elles do que preparam pelas suas mãos, e faz tão famosa e conhecida esta ilha.

«A cultura da vinha e sua principal occupação; porém, pedindo esta industria cuidados não muito assiduos, passam a maior parte do anno na ociosidade. Como o calor do clima obsta a conservarem-se por muito tempo as provisões, e é facil satisfazer ás necessidades do appetite, a indolencia é maior, e infelizmente as leis não procuram excitar o espirito de industria. Parece que o governo portuguez não adopta as necessarias providencias contra esta perigosa lethargia do estado. Ultimamente ordenou a plantação de oliveiras nos terrenos mais seccos e estereis para vinha, porém não se lembrou de coadjuvar os cultivadores, nem de offerecer-lhes recompensas para os estimular a vencerem a natural repugnancia ás innovações e aversão ao trabalho.

«Os lavradores não recolhem para si mais de quatro decimos do producto: pagam quatro em especie ao proprietario do solo, um ao rei, e outro ao clero. Trabalhando assim para os outros é tão pequeno o beneficio que gosam, que poucos melhoramentos applicam á cultura. Apesar da sua oppressão parecem comtudo contentes e felizes. Em quanto trabalham cantam, como dulcificando as suas rudes penas, e á noite reunem-se e dançam ao som d'uma guitarra.

«Os habitantes da cidade são ainda mais infelizes, e a prova está, além d'outras, na magresa e pallidez do rosto. Os homens vestem á franceza, ordinariamente de preto, o que lhes não assenta mui bem; as feições das mulheres expressam delicadeza e agrado, porém o ciume dos homens tem este sexo como encerrado, privando-o assim da felicidade que gosam as camponezas, ainda na sua miseria. Teem grandes pretenções a nobreza, e lisonjeiam seu orgulho n'alguns velhos titulos; são insociaveis e ignorantes, e tem uma ridicula affectação de gravidade. A terra pertence quasi toda a um pequeno numero de familias antigas, que vivem no Funchal, e nas differentes cidades da Madeira.

«A ilha é composta d'uma grande montanha; os flancos erguem-se, por todas as partes do mar, reunindo-se no cume e no centro. Diz-se que no meio ha uma cavidade natural, a que os insulares chamam o *valle*, sempre coberta de herva mui delicada e tenra. Toda a pedra parece queimada, é cheia de buracos, e de côr escura, sendo a lava a sua parte principal. O solo é misturado com greda, cal e areia. Estas circunstancias, e a elevação do cume da montanha, me fazem crer que em tempos antigos um volcão produziu a lava, e que o valle de hoje era a cratera.

«Muitos mananciaes d'agua e riachos descem das partes altas para os valles e quebradas que cortam a ilha. Não encontrámos na ilha as planicies de que alguns viajantes fallam, e se as houvesse a corrente da agua naturalmente se dirigiria para ahi. Os leitos das ribeiras estão cobertos de pedras de differentes grossuras, que foram arrastadas pela violencia das chuvas de inverno ou desgelo da neve. Ha canaes que conduzem estas aguas por entre as vinhas, e todos os proprietarios, por um tempo limitado, teem o

(*) Do num. 22

usufructo d'estas aguas; alguns podem servir-se d'ellas todo o anno; outros tres, duas e uma vez por semana. A rega é absolutamente necessaria ás vinhas por causa do calor do clima, e a plantação de uma vinha nova custa muito. O proprietario pode comprar a agua, que é mui cara, áquelles que teem o usufructo d'ella.

«Onde quer que nas collinas ha um terreno compacto, os insulares logo ahi fazem uma plantação do *aurum esculentum*, de *Linn*. Cercam a plantação com um fosso, para conservar a agua estagnada; porque effectivamente esta planta se dá melhor nos terrenos pantanosos. As folhas alimentam o gado suino, e os homens comem as raizes.

«Plantam egualmente batatas doces (*convolvulus batatas*) de que ha grande consumo; e tambem de castanhas, que crescem nos bosques mais elevados da ilha onde não ha vinhedo. Semeiam trigo e cevada nas vinhas velhas, ou por entre o bacello; porém o producto d'estas searas não dá para mais de tres mezes, e os habitantes vêem-se forçados a recorrer a outros climas, especialmente á America, com a qual permutam o seu vinho por cereaes. Se a producção é tão pequena, deve attribuir-se á falta do marne, e inactividade dos habitantes; suppondo porém mesmo que a agricultura ali chegasse á sua maxima perfeição, julgo que as colheitas nunca dariam para o consumo. Debulham o trigo n'um campo, muito calcado e varrido (a que se chama eira); estendem os feixes, e os bois arrastam um quadro guarnecido de pontas agudas. O conductor colloca-se em cima do quadro para lhe augmentar o peso, e assim fica cortada a palha, e separado o trigo do involucro da espiga.

«Onde o solo, a exposição, e o ar o permittem, ha uma vinha, aberta em ruas separadas por valados de pedra, de dois pés de altura. A vinha está em parreiras, que terão quasi sete pés d'alto, e estão sustidas por estacas de madeira, ou pilares em distancias regulares. Assim a uva fica levantada, e os cultivadores podem arrancar facilmente as ruins hervas que nascem de permeio. No tempo das vindimas trepam os trabalhadores ás parreiras, e cortam os cachos, e alguns d'elles vi que pesavam seis libras. Este methodo de conservar sempre o terreno fresco e humido, e fazer amadurecer a uva á sombra, contribue para dar ao vinho da Madeira esse excellente sabor e corpo que o faz tão celebre. É preciso destinar terrenos á cultura da canna necessaria para as latadas e parreiras, e diz-se que ás vezes por falta d'ellas se abandonam certas vinhas.

«Não sendo todos os vinhos de egual bondade, tem por isso diversos preços. O melhor é o que se extrahe de uma planta que o infante de Portugal fez transportar de Candia, e que se chama *malvasia da Madeira*. Uma pipa, comprada na ilha, custa 10 ou 12 libras esterlinas. D'este fabrica-se pouco. Ha outro vinho secco que se exporta para os mercados de Londres, a 30 e 31 libras esterlinas a pipa. As qualidades inferiores, que se exportam para as Indias orientaes, ilhas da America, e America septentrional, vendem-se a 28, 25 e 20 libras esterlinas. Anno commum fabricam-se 30 mil pipas, de 110 gallões cada uma. Exportam-se 13000 da melhor especie; e o resto consome-se na ilha, e distilla-se em aguardente para o Brasil.

«As vinhas teem ao redor seus muros e arvores fructiferas, como pereiras e romãs, e tambem murta, e plantas agrestes. Nos pomares e hortas plantam pecegueiros, alperceiros, e mais fructos da Europa, e plantas dos tropicos, como bananas, goiabas, etc.

«Ha na Madeira os animaes domesticos da Europa, e o carneiro e o boi, ainda que pequenos, são de excellente gosto. Os cavallos, tambem pequenos, são seguros e ageis, trepando facilmente pelos caminhos ainda os mais escabrosos. Não ha vehiculos de rodas, e os vinhos e as mercadorias são transportados de um logar para outro sobre duas pranchas unidas por meio de uma travessa, e formando na parte dianteira um angulo, aonde atrelam os bois.

«Ha poucos quadrupedes selvagens, e só encontrei o coelho ordinario. Os passaros são muitos. Não se encontra ali nenhuma serpente; porém as casas, vinhas e hortas abundam em lagartos, que chegam a destruir os fructos. As costas da Madeira, e das ilhas visinhas, as Selvagens e Desertas, teem pescaria, mas como não é assaz para o consumo da quaresma, usa-se muito do bacalhau e dos arenques fumados. Achamos poucos insectos, e esses de especie conhecida. Farei aqui uma observação geral. Os quadrupedes, os reptis amphibios, e insectos não são numerosos nas ilhas um pouco afastadas do continente, e os que se encontram n'ellas foram transportados pelos homens.»

O MORTO VIVO.

HISTORIA DE UM FAKIR QUE GANHA A SUA VIDA DEIXANDO-SE ENTERRAR.

No entanto que os sabios disputam sobre as propriedades da vida, referiremos a noticia de um homem, que depois de estar enterrado muitos mezes, volve ás funcções da vida. Por extraordinario que pareça o caso, não se pode qualificar de fabuloso, se as regras da fé humana merecem algum respeito, e o testemunho de pessoas graves — testemunhas oculares do facto extraordinario que vamos narrar. Entre estas pessoas figuram o agente inglez de Lodhiana, varios officiaes do exercito da India, e o celebre general Ventura, que na sua viagem a Paris confirmou a exactidão da relação de mr. Osborne, autor de um livro tão instructivo, como divertido, sobre a côrte de Rundjet-Sing, imperador de Lahoz.

Se desejassemos ultrapassar os limites de uma modesta narração, citariamos em apoio da possi-

bilidade d'este phenomeno varios exemplos de catalepticos que mais ou menos mezes permaneceram em estado de verdadeiros cadaveres. *A Gazeta Medica* franceza, de 1769, refere um caso d'esta especie, succedido no Berri. Um lavrador, chamado Mateo Anclere, homem de caracter melancolico e taciturno, se bem que cuidadoso dos seus interesses, caiu n'uma completa catalepsia, e por tres mezes não deu signal nenhum de vida. Este acidente repetiu-se por varias vezes, sempre com a mesma duração, e a insensibilidade e paralysação geral das funcções vitaes resistiram a todas as experiencias que se ensaiaram. Ainda se podia citar outro caso mais recente que foi admittido na noticia das experiencias de mr. Seguin, em Blois, o que escusamos para entrar já no caso a que alludimos.

« Em 6 de Junho de 1838 (diz o autor do referido livro sobre a côrte de Rundjet-Sing) interrompeu-se felizmente a monotonia da nossa vida do campo com a chegada, a Pendjab, de um homem celebre. A veneração de que elle gosa é extrema, e funda-se em possuir a faculdade de estar sepultado o tempo que quer. Referiam-se no paiz lances tão extraordinarios d'este homem, e a sua authenticidade era abonada por pessoas tão respeitaveis, que anciosamente o desejavamos ver. Elle proprio nos certificou que havia já alguns annos que exercia aquelle *seu officio* (expressões proprias), fazendo-se enterrar, e effectivamente em muitas partes da India o viram repetir esta singular experiencia. Entre as pessoas formaes e fidedignas que certificam a sua authenticidade, deve citar-se o capitão Wade, agente politico em Lodhiana, que assistiu á resurreição do fakir, enterrado havia já alguns mezes em presença do general Ventura, do mahazadjab, e principaes chefes. »

Eis agora os pormenores do enterro, e as circunstancias da exhumação.

Os preparativos duraram alguns dias, e são de indole que se não podem enumerar sem excitar repugnancia das nossas leitoras. Concluidos estes preparativos, o fakir declarou estar disposto a subjeitar-se á prova da sepultura. O mahazadjab, os chefes indigenas, e o general Ventura reuniram-se junto a um sepulchro de ladrilhos, construido expressamente para receber e conservar o corpo que se ia enterrar. Em presença dos circunstantes o fakir tapou com cêra todos os conductos por onde o ar lhe podia entrar, excepto a boca; despiu depois toda a roupa que levava, e assim nu o involveram n'uma mortalha ou sacco, voltando-se-lhe, segundo elle proprio determinara, a lingua, de modo que lhe cerrasse a entrada da garganta. Terminada esta operação, o fakir caiu n'uma especie de lethargo. Então fecharam o sacco onde se tinha encerrado, e o mahazadjab poz-lhe o seu sello. Assim o metteram n'um caixão de madeira, que se fechou a cadeado, e sellou de novo, mettendo-se depois dentro da cova. Deitou-se-lhe por cima muita terra, que se acalcou, e semeou de cevada, pondo-se ao redor do sitio sentinellas para velarem dia e noite na guarda d'aquelle sitio.

Apesar de tantas medidas de prevenção, o mahazadjab, receioso e suspeitoso, como o são todos os orientaes, não deixava de ter suas duvidas, e foi por duas vezes visitar a sepultura no espaço de dez mezes que o fakir esteve enterrado. Quando mandou abrir a sepultura, viu com seus olhos e pôde tocar com as mãos o corpo exanime e gelado, tal qual o metteram no sacco e ataúde. Finalmente, passados os dez mezes procedeu-se á definitiva exhumação.

Acudiram a presencial-a todos que foram testemunhas do enterro. O general Ventura, e o capitão Wade viram abrir o cadeado, romper os sellos, e extrahir o caixão da sepultura. Tirou-se o fakir, no qual nem pulso, nem coração davam o mais leve signal de vida. Só na extremidade da cabeça se percebia algum calor. Uma pessoa, introduzindo-lhe com muita cautela o dedo na bocca, volton-lhe a lingua á postura natural. Derramando-se-lhe depois agua quente sobre o corpo, se foram obtendo, pouco a pouco, symptomas de vida. Finalmente, ao cabo de duas horas de um tratamento prolixo e adequado, o bom fakir levantou-se, e principiou a andar sorrindo-se.

« Este homem verdadeiramente extraordinario (accrescenta Osborne) conta, que durante a sua exhumação sempre tem sonhos deliciosos, mas que ao despertar sente dôres mui violentas. Antes de recobrar o conhecimento padece vertigens. »

A sua edade, na epoca a que nos referimos, seria de trinta annos, e o seu aspecto desagradavel, com certa expressão de astucia, que contrasta com a idéa que deve suggerir o seu estado frequente e prolongado de amortecimento.

Tal é o singular phenomeno que queriamos dar a conhecer aos nossos leitores. Citámos os nomes respeitaveis das pessoas que o presencearam; comtudo não estranhâremos que se duvide de sua exactidão, por ser até racional duvidar-se dos factos que estão em aberta opposição com o curso ordinario das coisas; mas nem por esta razão nos parece que o caso se possa negar. Acaso sabemos se a vida é um movimento essencial continuo? Sabemos se é capaz de temporarias interrupções? Qual é a regra? Qual a excepção? O estado dos animaes que hybernam, a suspensão das funcções vitaes n'algumas enfermidades que affectam ou a vida de relação ou a vida organica, e ás vezes uma e outra, e, finalmente, a experiencia de factos ainda não bem classificados entre a patologia e a phisiologia, aconselham uma prudente circunspecção.

O IMPERIO D'ANNAM.

Conclusão.

Durante este tempo, os dois usurpadores tinham-se de tal modo enfraquecido por combates successivos, e os subditos fieis desejavam tan-

to a presença do rei em Donnai, que este determinou aventurar uma segunda invasão em seus estados. Os seus vassallos de todas as classes reuniram-se-lhe com ardor ás bandeiras; e elle transportou-se a Say-Gong que immediatamente fortificou, pondo-a em estado de defesa. O acaso tinha-lhe apresentado o momento mais favoravel para o desembarque; porque os dois irmãos rebeldes, que estavam em guerra, achavam-se encerrados nas suas capitaes, onde cada um esperava ser atacado pelo outro. Além d'isso, o rei tinha conquistado uma parte de Camboja e do Lao; e soubera d'antemão tirar grande proveito dos soccorros que esperava do rei de França, annunciando por toda a parte a alta protecção que tinha grangeado, e inspirando assim confiança aos amigos, e terror efficaz aos inimigos. Estas felizes noticias reanimaram as esperanças do bispo e do seu pupillo, os quaes se juntaram ao rei em Say-Gong no anno 1790, levando um pequeno navio carregado d'armas e munições. Então concertaram o plano para proseguir vigorosamente a guerra contra o usurpador. Foram obrigados a empregar quasi todo o primeiro anno em fortificar Say-Gong, recrutar, disciplinar o exercito, pôr em ordem e esquipar uma frota.

No anno 1791, o rebelde Quang-Tung morreu em Hué, deixando um filho, chamado Canh-Thin, de doze annos de edade, pouco mais ou menos. Este acontecimento fez accelerar as disposições do rei legitimo. Nquien-Chung atacou a armada de Nhac no porto de Quin-Nong, e quasi a destruiu. Em 1793, todo o Donnai estava submettido, apesar dos esforços algumas vezes felizes de Canh-Thin, e principalmente do famoso general Thien-Pho, que commandava as suas tropas, guerreiro tão notavel pela intrepidez como pela elevação d'alma.

Nhac conservava ainda o centro do paiz; o reino de Hué, que comprehendia o territorio e as ilhas adjacentes á bahia de Turon, era governado por Canh-Thin. Nhac morreu brevemente, deixando por successor um filho que tinha todos os vicios do pae sem ter nenhum dos seus dotes.

Em 1796, Nquien-Chung resolveu investir a sua capital por terra. O inimigo tinha cem mil homens, mas não obstante, desbaratado completamente, perdeu Quin-Nong. O filho de Nhac foi submettido, e todos os seus estados entraram na obediencia do rei legitimo. O joven usurpador de Hué estava ainda de posse do reino de Tunkin em 1800. Em 1802, Nquien-Chung marchou contra elle, entrou em Tunkin, assenhoreou-se do reino, e tendo feito decapitar Canh-Thin, todos os chefes da familia Tay-son, o valente general Thien-Pho, sua mulher e filha, reuniu aos seus dominios os estados que compõem o actual imperio d'Annam. Foi reconhecido rei pelo imperador da China, em 1804, e sob o nome de Gya-Long reinou pacificamente até á sua morte, acontecida a 25 de Janeiro de 1820. Seu filho, o discipulo do bispo Adran, morrera sem casar: era o unico que Gya-Long tivera da imperatriz. Foi pois o filho d'uma das suas concubinas que lhe succedeu e subiu ao throno a 15 de Fevereiro de 1820. Tomou o nome de Min-Menh, *brilhante providencia*, nome que a sua bondade e virtudes podem justificar, mas não a sua capacidade e talentos.

Sobre a religião já demos resumida noticia nos mencionados numeros d'este semanario. Accrescentaremos unicamente que o christianismo foi introduzido no imperio pelos portuguezes nos fins do seculo XVI e principios do XVII. O numero de proselytos augmentou em pouco tempo, graças ao zelo dos jesuitas francezes; mas frequentes ordens contra o exercicio do culto, lhe impediram os progressos. Os jesuitas foram expulsos em 1772, e desde então augmentou a severidade contra os christãos, e ainda ha pouco muitos missionarios receberam ahi a palma do martyrio.

Nas diversas operações das bellas-artes, os annamitas não procuram de modo nenhum produzir as sensações moraes; vêem só a materia, e não tratam senão de impressionar os sentidos. Desprovidos de principios e modelos, entregam-se ás suas phantasias, que degeneram por vezes em extravagancias. Da mesma forma que na acção sobre o ouvido, preferem o estrondo á melodia; assim na acção sobre a vista, deixam a justa proporção pelo gigantesco, e a elegancia pela accumulação d'ornatos. As conveniencias, a graça, a simplicidade são-lhes desconhecidas; entretanto algumas das suas pinturas são agradaveis mesmo pela singularidade.

O desenho, sem o qual a pintura é nada, nunca dirige os seus pinceis. Não teem nenhuma idéa da perspectiva: pintam todos os objectos como se fossem isolados, e sem ter em conta as differenças da proporção causada pelo effeito da sua distancia relativa. A todos os quadros falta ordem e união; as figuras não teem correcção, elegancia, nem espirito; o colorido é vivo, mas sem graduação de côres; apenas conhecem o emprego das sombras, e ignoram completamente o do claro-escuro. Assim, nas obras d'estes artistas, debalde se procurará a illusão, e mesmo a apparencia da realidade. É verdade que as particularidades são representadas com exactidão e paciencia admiraveis; mas o que é esse merito d'execução mecanica em comparação da ausencia total dos principios da arte?

A esculptura n'este paiz é ainda menos cultivada que a pintura. Em todo o imperio ha só uma provincia, a de Xu-Thanh, onde se grava a pedra, porque ahi existe uma qualidade d'ella que se aproxima ao marmore. N'essa provincia, algumas familias applicadas a esta arte, representam bem os animaes, mas pessimamente a figura humana. Nas outras partes do imperio, trabalham em certas madeiras duras, proprias para a esculptura; mas ainda que o paiz apresenta os animaes da melhor apparencia, os artistas

preferem sempre representar animaes monstruosos, e phantasticos, aos quaes a sua imaginação liga algumas idéas supersticiosas.

Quanto á architectura, não está mais adiantada que as suas duas irmãs, e como ellas parece condemnada, no imperio d'Annam, a uma eterna infancia.

Algumas vezes, entre os annamitas, o templo não é mais que uma especie de casinhola com duas portas, collocada em uma arvore, contendo a figura de Bouddha. Nos bosques que cercam Turanne, vêem-se muitos cestos ou caixas de madeira suspensos nos ramos das arvores, tendo idolos de madeira ou figuras de papel pintado e doirado com inscripções sobre pequenas laminas. O povo offerece a estas imagens as primicias das colheitas depondo-as junto á arvore, ou suspendendo-as nos seus ramos.

Por esta especie de capellas, e por certos templos rectangulares, que são apenas simples alpendradas abertas de todos os lados, sem altares, nem outros ornamentos mais que alguns idolos suspensos, ou postos sobre cavalletes de pau, tinham acreditado certos viajantes que os annamitas não levantavam nenhum templo digno de ser classificado como monumento: é um erro. Se o imperio d'Annam não apresenta edificios sagrados que se possam comparar aos da India, ha comtudo ali alguns que são dignos de attenção. Um d'estes é o templo subterraneo que se encontra na cidade de Fai-Fo, na provincia de Cham, cuja descripção já demos. (*)

Todas as villas tem um templo, cuja simplicidade ou magnificencia depende naturalmente da riqueza ou pobreza dos moradores. Quanto aos templos de Confucio, ainda que a religião d'este philosopho não seja a reconhecida pelo estado, são os unicos para que o governo contribue: ha dois em cada provincia. A despeza dos outros templos está a cargo de quem os frequenta, ou é fornecida por fundos applicados ha muito tempo a este uso, e provenientes de legados.

(*) Vid. Panorama num. 2 de 1856.

AVISO AOS SRS. ASSIGNANTES DO IMPERIO BRAZILEIRO.

O editor e proprietario do Panorama começou em Janeiro de 1856 a publicação da Illustração Luso-Brasileira, que, apesar de estar longe do que devia ser, o que não admira, se se attender a que foi uma tentativa, era incontestavelmente o primeiro jornal litterario do paiz.

O anno de 1856 foi, infelizmente, bastante calamitoso; porém tal circunstancia não fez descoroçoar o editor, que, excetando em Janeiro essa publicação, teve o gosto de concluir o volume em Dezembro do mesmo anno, tendo lutado com ingentes obstaculos.

No corrente anno quiz publicar o segundo volume, consideravelmente melhorado, o que lhe não foi possivel por falta de assignantes.

Tencionando continuar para o anno futuro essa publicação, o editor confia que será ajudado pelos seus concidadãos amantes das letras patrias. Ninguem ignora que uma grande parte dos assignantes, tanto de Portugal como do imperio do Brasil, teem sido fraudados com algumas publicações portuguezas, suspensas em meio, ficando assim sem o dinheiro que n'ellas empregaram, e sem as obras, porque um livro por concluir é inutil.

Para que não haja receio de similhante dolo, o proprietario da Illustração continuará esse semanario para o futuro anno de 1858, offerecendo a seguinte garantia, que attesta a sua lealdade, boa fé, e zelo pela nossa litteratura.

Qualquer pessoa que angariar no Brasil assignaturas para a mesma Illustração, deverá requisitar o numero de exemplares que precisa, para lhe serem remettidos regularmente á proporção que se forem publicando. As importancias das assignaturas deverão ser pagas no fim do anno; de maneira que, se o volume ficar incompleto, nada terão a pagar os correspondentes pelos exemplares que tiverem recebido, qualquer que seja o seu numero e valor.

Eis o que ainda ninguem fez!

O editor mostra assim que não a ambição, mas só o desejo de ser util ao seu paiz, o determina a continuar uma publicação, que demanda exorbitantes despezas.

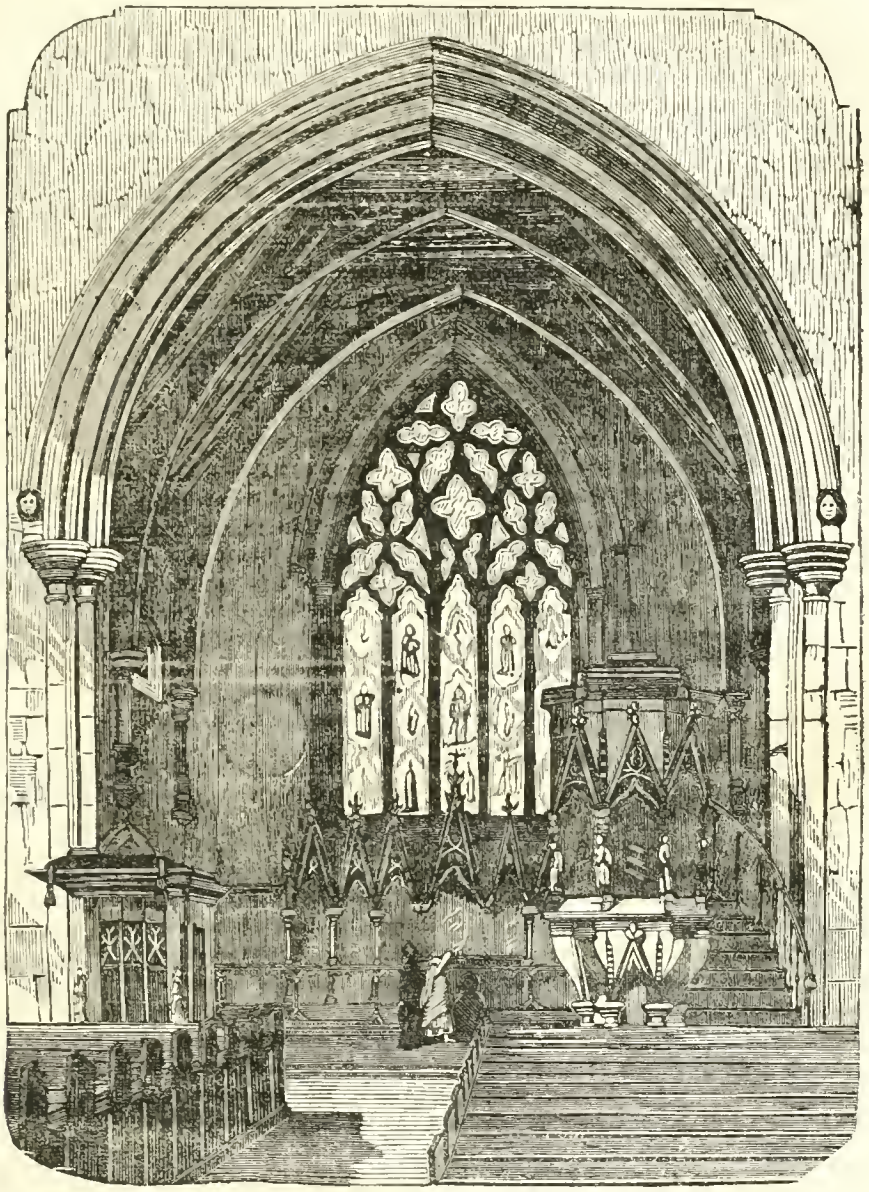
É justo porém, que quem assim dá seguranças, as tenha tambem por parte dos outros.

O editor portanto pede aos senhores que se encarregarem de solicitar assignaturas, que quando fizerem a requisição dos exemplares, indiquem logo pessoa de credito, n'esta cidade, que deva pagar, immediatamente depois da publicação do ultimo numero do anno, a importancia de todas as assignaturas que forem enviadas durante o mesmo anno. Sem esta clausula, não se farão as remessas.

Os srs. correspondentes devem participar, até o fim de Setembro do corrente anno, qual o numero de exemplares que pretendem; afim de se poderem fazer as encommendas dos materiaes necessarios para um jornal de tal ordem, se o numero de exemplares pedido bastar para as despezas da sua publicação.

O preço da assignatura, pago no fim do anno, é 4$000 réis fortes, livres de toda a despeza. Se porém algum sr. correspondente, confiando no proprietario, quizer pagar adiantado, tem o abatimento de 15 por cento.

Os srs. correspondentes terão a bondade de indicar o modo como desejam receber os exemplares.



NOVA EGREJA DE S. SALVADOR.

Ha um anno tem-se erigido em Inglaterra, tanto na metropole e seus suburbios, como em as outras cidades e povoações, grande numero de edificios com differentes destinos; e de muitos d'elles este jornal tem dado desenhos e noticia; templos, escolas, monumentos, construcções particulares são fabricados com um despendio, que só uma nação assim poderosa e opulenta pode costear as avultadas despezas que demandam, principalmente sendo feitos quasi ao mesmo tempo. É para notar que pela maxima parte não entram n'isto os dinheiros dos cofres do estado, e tudo é á custa de associações e de individuos que promovem as subscripções, ou pagam da propria bolsa, e dirigem as obras e os institutos a que são applicadas. A nova egreja de S. Salvador em Warwick-road, sagrada no anno passado é de amplas dimensões e grandiosa structura no que chamam hoje estylo gothico, incluindo no mesmo gosto as vidraças de côres em repartimentos, apresentando uma serie de pinturas de assumptos escolhidos do Novo Testamento. O pulpito é uma peça rica de obra de talha em madeira de carvalho; e egualmente bem trabalhados são todos os ornamentos e adereços da egreja. M.

ALFAYAS DO KREMLIN.

No thesouro do santo castello da Russia, estão depositadas não só as corôas que teem cingido as frontes dos czares e czarinas nos dias da sua coroação, mas tambem os thronos, e as corôas dos reinos que no decurso dos tempos teem succumbido ás armas russianas, e que formam hoje parte integrante do imperio. Poucas d'ellas se distinguem pelo seu merito artistico, e sim algumas por sua antiguidade, e quasi todas por sua magnificencia e extraordinaria riqueza. Parte d'estas alfayas figuraram na cathedral de Moscow, na occasião da coroação.

Daremos a descripção das principaes.

Citaremos em primeiro logar a corôa da imperatriz Anna Iwanowna, guarnecida de dois mil quinhentos e trinta e sete diamantes, e um rubim que foi comprado em Pekin por 60000 rublos.

A corôa de Uladimiro serve na coroação do herdeiro ao throno. É lavrada em filagrana, sobremontada por uma cruz de oiro massiço, que tem em cada extremo uma perola. Tem incrustadas quatro esmeraldas, dois rubins, vinte cinco perolas, e é rodeada com uma tira de marta de Siberia.

A corôa de Astrakan tem a forma de tiara com uma assombrosa profusão de pedras preciosas; mas de gosto pouco agradavel. É ao mesmo tempo a corôa imperial de oiro de primeira ordem do czar, e do grã-duque Miguel Tendorowitsch, e está adornada com cincoenta e seis perolas grandes, uma safira de assombroso tamanho, doze gemmas de côr azul celeste de medianas dimensões, e doze mais pequenas de egual côr. Na parte inferior está como a precedente guarnecida de pelle.

A corôa da Siberia é de oiro massiço com adornos de preciosa obra d'arte. Tem sobreposta uma cruz adornada de perolas, e na parte inferior uma tira de velludo carmesim escuro.

Os dois sceptros — o imperial e o grande de estado — são riquissimos, se bem que alguma coisa de tosca construcção, guarnecidos com grande numero de pedras preciosas, e o ultimo rematado por uma formosa esmeralda.

A corôa de Kasan é de filetes de oiro, com esmaltes pretos. As pedras preciosas que a adornam são rubins e turquezas, e tem além d'isso muitas perolas engastadas em oiro. O remate é formado por um grande rubim que descansa sobre duas perolas, e sobremontado por outras duas. A borda inferior é forrada de pelle de zibelina. Kasan foi conquistada pelos russos em 1553, reinando Iwan IV. O valor da corôa está taxado em 884 rublos e 20 kopekes.

A corôa do czar e do grã-duque Pedro Alexiewitsch é geralmente chamada a gorra dos diamantes, por ter oitocentas e dezesete d'estas pedras preciosas, e mais quatro rubins e oito esmeraldas. Calcula-se o seu valor em 16930 rublos. Tem mais adornos, e tambem está forrada inferiormente com pelle de zibelina.

A corôa de primeira ordem, que é a do czar Iwan Alexiewitsch, excede em valor as outras por causa de um grande rubim avaliado em 700 rublos. O seu valor total é de 17211 rublos.

O pequeno globo imperial é o da Russia Menor, e denomina-se de oiro. Foi depositado no thesouro imperial em virtude de um ukase do imperador Pedro II, datado de 30 de Março de 1728. É rematado por uma cruz massiça de prata.

O grande globo imperial da Russia, é de estylo bizantino; data do seculo X, e serviu de modelo a outros, que mais tarde se construiram em Veneza. Consistem as suas joias em cincoenta e oito diamantes, oitenta rubins, vinte e tres gemmas de côr azul celeste, cincoenta esmeraldas, e trinta e oito perolas engastadas em oiro esmaltado. Sobre uns escudos de forma triangular ha pintadas a esmalte varias scenas da vida de David. No anno de 1723, exceptuando os rubins da cruz, duas esmeraldas, e seis grandes perolas, foi este globo avaliado em 1630 rublos.

A corôa do czar Pedro Alexiewitsch é uma corôa de segunda ordem, de oiro liso, e assim tambem a cruz com perolas nos extremos. Avalia-se em 450 rublos.

O vaso que contém o oleo para a sagração do imperador, é de forma oval com pedestal de oiro ricamente adornado; a tampa é do mesmo metal, e por dentro a taça é de jaspe.

Tambem ha no thesouro imperial do Kremlin tres cruzes adornadas com profusão de pedras, cujas insignias usam os czares em certos actos solemnes, e um terceiro globo, no genero bizantino, com abundantes adornos de esmalte e pedras preciosas.

As outras insignias do imperio russo, são: o escudo imperial, o estandarte, sello, e espada do imperio, com differentes pendões e varios solios de deslumbrante magnificencia.

O escudo imperial é feito de coiro forrado de velludo carmesim, e bordado a oiro. A espada do imperio, que está n'uma bainha de velludo carmesim com bocal e ponteira de oiro, tem uma folha muito larga e a ponta arredondada. O punho compõe-se de duas cabeças de aguia, cobertas com uma corôa, sobremontada d'um pequeno globo imperial com uma cruzinha.

Dos solios ou thronos mencionaremos os que serviram na ultima coroação. O que a imperatriz occupou é o mais antigo, e foi dado no anno de 1605 pelo shah Abbas da Persia ao czar Boris Godunow. Está tão perfeitamente coberto com uma chapa de oiro, que parece ser todo massiço d'este metal. Os adornos, que constam de pedras preciosas e perolas, são magnificos. O segundo throno, destinado á imperatriz reinante, e que se chama o throno de oiro, é uma cadeira com seu respaldar muito alto, adornado com mil e quinhentos rubins, oito mil turquezas, dois grandes topasios e ametistas de grande belleza. Data do tempo do avô de Pedro Grande, o czar Miguel Feodorowitsch.

O terceiro é o throno imperial propriamente

dito, e ordinariamente se lhe chama a cadeira de diamantes. Está incrustado de abundantes pedras preciosas e perolas, e foi dado de presente ao pae de Pedro Grande, o czar Alexis Michaaelowitsch. Tem no espaldar a seguinte inscripção:

«Ao poderoso e invicto Alexis, imperador dos moscovitas, que felizmente reina sobre a terra. Sirva-lhe este throno, obra distincta pela arte e formosa execução, de signal de benção e ventura n'este mundo, e no outro.» A.

Tratámos de traduzir esta legenda de um dos mais notaveis romancistas contemporaneos de Inglaterra, William Harrison Ainsworth, porque se refere a uma epoca pouco conhecida, e que tem passado quasi inappercebida aos estudos da erudição britanica, e mesmo ás inspirações menos profundas do drama, e do romance.

Walter Scott, que soube escolher sempre os assumptos mais dramaticos da historia de Inglaterra e de Escocia, que abrange com as suas admiraveis narrativas o longo periodo que decorre desde as cruzadas até ás derradeiras tentativas dos Stuarts, para reconquistarem o throno da Grã-Bretanha, nunca nos fez assistir á luta inevitavel que deveria travar-se entre o catholicismo e a reforma, durante o reinado de Henrique VIII.

«O ultimo abbade de Whalley», leva-nos exactamente ao seio dos acontecimentos, que occorreram logo que o monarcha inglez abraçou o protestantismo.

Não admira que o clero, excitado pelo seu proprio perigo, recorresse á revolta. Henrique VIII separando-se de Roma, cedia aos resentimentos do seu amor proprio, e ao desejo de engrandecer o estado, com os despojos das ordens monasticas. Os intuitos politicos, como as paixões individuaes, levaram-no a firmar o poder absoluto desvanecendo as resistencias da aristocracia, pelo largo quinhão que lhe offerecia, n'esta violenta expropriação das propriedades e riquezas do sacerdocio catholico.

A reforma, entretanto, lavrava ha seculos na Inglaterra e na Escocia depois de Wiclef. O clero, abandonado pelas classes superiores, com poucas raizes no espirito do povo, não pôde sustentar a sua causa. A *Peregrinação da Graça*, como a denominou a revolução, e de que trata o romance, caiu diante das armas do rei. A rainha Maria depois, pelas suas crueldades, e tyrannica perseguição em favor do catholicismo, condemnou-o mais depressa. Isabel, finalmente, opera a transformação religiosa, unindo ás crenças um raro talento para o governo, e tornando solidarios os destinos de Inglaterra na guerra emprehendida contra o poder desmedido de Hespanha.

Sem acreditarmos esta composição uma obra prima de pensamento e estylo, preferimol-a a outras, porque derrama uma grande luz sobre um dos pontos, não sabemos se mais obscuros, mas pelo menos mais ignorados da historia ingleza.

LOPES DE MENDONÇA.

O ULTIMO ABBADE DE WHALLEY.

I

N'uma tarde de Novembro de 1536, estavam oito homens de vigia no cimo do monte de Pendle. Dois conservavam-se collocados a alguma distancia dos primeiros, de modo que podiam avistar todo o campo de um e outro lado da montanha; estavam armados de espadas e arcabuzes, e via-se pelo seu trajo que eram archeiros: traziam bordado nas mangas o nome de Jesus, cercado das cinco chagas, emblema da Peregrinação da Graça. Ao pé d'elles existia um estandarte, mostrando uma cruz de prata, o calix e a hostia; e por baixo uma figura de ecclesiastico, de capacete e espada, apontando para um edificio monastico, como para indicar que era em sua defesa que assim se havia armado. Esta figura representava João Paslew, abbade de Whalley, ou conde da pobreza, como se intitulou depois que se dedicara ao exercicio das armas.

Dos outros seis, dois eram pastores, e seguravam duas mulas e um cavallo ricamente apparelhado. Outro era couteiro, trazia faca á cinta, um clarim a tiracollo, e encostado a um arco de setta, olhava para os outros tres homens que estavam defronte d'elle. Dois d'estes vestiam o habito de monges cisternienses, e o terceiro, que pelo respeito com que o tratavam, parecia ser seu superior, estava embrulhado n'um grande manto de velludo preto, tendo bordado nas mangas o mesmo emblema que os soldados traziam.

O seu aspecto era severo, e as suas feições, já quebrantadas pela edade, indicavam energia, como tambem o brilho dos seus olhos, e o seu porte magestoso.

No meio d'elles estava amontoada uma grande porção de lenha, em termos de poder lançar-se-lhe fogo. Ao pé estavam archotes, provavelmente para o mesmo effeito: em sitio abrigado, e encoberto ardia uma pequena fogueira.

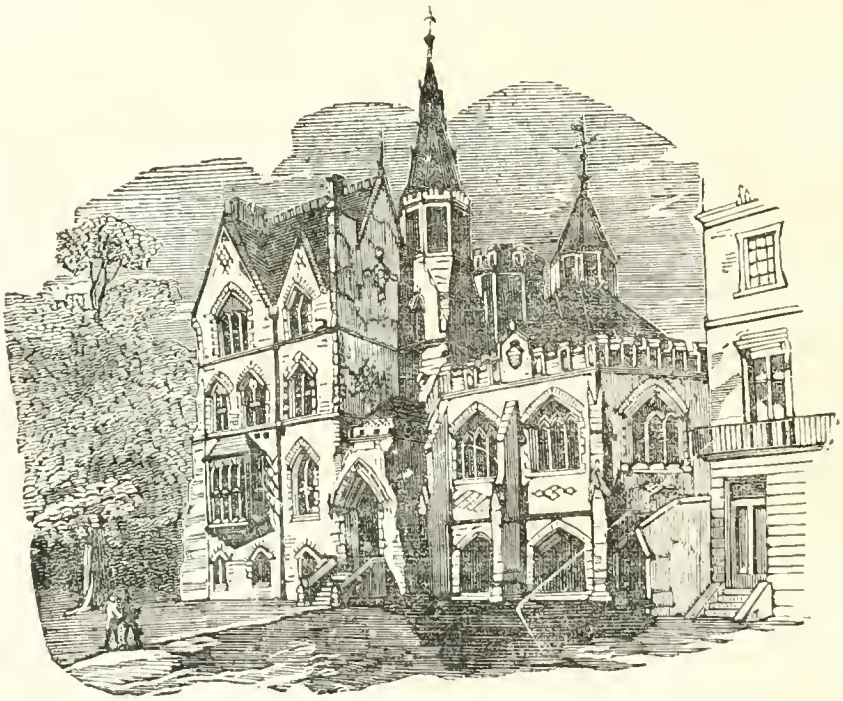
N'aquelle anno desinvolvera-se uma terrivel rebellião no norte de Inglaterra, cujos sectarios, respeitando a pessoa do monarcha Henrique VIII, tinham-se ligado para conseguir a restauração da supremacia papal, e a restituição dos bens ecclesiasticos. O seu fim era tambem castigar os inimigos da egreja romana, e supprimir heresias. Pelo seu caracter religioso tomou esta insurreição o nome de Peregrinação da Graça, e contava como seus partidarios todos aquelles que não tinham abraçado as novas doutrinas nos condados de Yorkshire e Lancashire. Não era para admirar que a suppressão

das ordens monasticas causasse uma insurreição d'esta natureza. A espoliação de tantos edificios sagrados, a destruição de altares, e imagens, olhados com veneração; a expulsão de tantos ecclesiasticos conhecidos pela sua hospitalidade, e respeitados pelo seu saber; as violencias e a rapacidade dos commissarios nomeados pelo vigario geral Cromwell, tantos desacatos eram mal vistos pelo povo, que se dispunha a auxiliar as victimas na sua resistencia. Até então tinham sido respeitados os mosteiros mais ricos do norte, e era para salvar estes das mãos dos visitadores, os doutores Lee e Layton, que a revolução havia rebentado. Um levantamento similhante tivera tambem logar no condado de Linconkire, commandado por Makesel, abbade de Baslings, que foi logo suffocado pelo rigor e actividade do duque de Sufforh, e o seu chefe fôra morto. Mas a insurreição do norte era melhor organisada, e de maior força, e contava agora trinta mil homens debaixo do commando de Robert Ashe, habil e resoluto general.

Os padres eram, deve-se suppor, os principaes promotores d'esta revolta, porque todo o resultado revertia em seu beneficio: e grande numero d'elles, seguindo o exemplo do abbade de Baslings, vestiam saias de malha em vez da de estamenha, e armavam-se para manter os seus direitos e pôr termo aos seus males. Entre estes notavam-se os abbades de Jervaux, Furness, Fountains, Risanlx e Salley, e ultimamente o abbade de Whalley, fogoso e energico prelado, que havia sido sempre constante na sua opposição ás medidas oppressivas do rei. Taes eram os designios, e os partidarios do movimento, que se denominou Peregrinação da Graça.

Já algumas cidades consideraveis pertenciam ao partido dos amotinados. York, Hull e Pontepact tinham cedido; o castello de Shipton estava sitiado, e defendido pelo conde de Cumberland, e aprestavam-se a dar batalha ao duque de Norfolk, e ao conde de Shrwenburg, que commandavam as forças do rei em Doncaster. Mas estes chefes realistas quizeram contemporisar, e offereceram uma amnistia aos rebeldes, que foi acceita por elles.

Continua.



ESCOLA PHILOLOGICA.

Foi fundada esta escola em Londres no anno de 1792 por um sobrinho do almirante Collingwood para dar educação das lettras e linguas aos filhos dos ecclesiasticos protestantes, dos officiaes do exercito e armada, dos professores, e de outros de empregos analogos que se achassem em circunstancias apuradas de falta de recursos. Originariamente estabeleceu-se proximo a Fitzroy-square, mas ha trinta annos foi mudada para Gloucester-place em New-road. O numero dos pupillos cresceu tanto, que os reitores da casa entenderam ser necessario construir edificio amplo, o qual o nosso desenho mostra, e que é primoroso na execução da obra e com todas as precisas accommodações; forma um contraste notavel, mas agradavel á vista, com a County-Court e os banhos

publicos que lhe ficam exactamente fronteiros, dando assim um caracter architectonico áquella parte de New-road. M.

BYRON!

Conclusão.

IV

Deixemos por um momento o valente campeão da liberdade da Grecia, dedicando-se de coração á ardua tarefa que a si mesmo se impozera, defendendo os direitos do homem tão longe da sua patria, privando-se da sua pequena fortuna para armar a guarnição de Missolonghi, lutando com as difficuldades da guerra, com os desgostos da intriga e da desordem, com o perigo da peste que devasta a cidade: e lancemos um olhar retrospectivo sobre aquellas de suas obras, em que ainda não temos fallado.

Melodias hebraicas, suave canto inspirado pela poesia biblica, para o qual adaptaram a musica mrs. Braham e Natham. *A Maldição de Minerva*, poema vingador da Grecia contra seus proprios compatriotas. *Beppo*, novella veneziana, de engraçadissimo tecido. *Mazeppa*, sublime romance, cujo assumpto o autor extrahiu da *Historia de Carlos XII* por Voltaire. *O Sonho*, pintura ideal do seu primeiro amor. *A Ilha, ou Christiano e seus companheiros*, scenas maritimas entre os archipelagos do Oceano Pacifico, com soberbas descripções de algumas d'aquellas formosas ilhas, e a narração poetica de extraordinarios successos que se encontram em duas relações de viagens ao mar do sul. *A Edade de bronze*, satyra do congresso de Verona em 1822, uma das peças litterarias menos eguaes, que apparecem nas obras de Byron. *As Trevas*, poema extravagante, no qual o autor suppõe a extincção de todos os corpos luminosos. *O Avatar irlandez*, desafogo de uma alma nobre contra o misero estado a que via reduzida a Irlanda. *Avatar* é uma superstição dos indianos, a encarnação de Brahma ou Vishnou, que Byron applica, por irrisão, como titulo de honra a Jorge IV de Inglaterra. *Werner ou a herança*, drama ou tragedia, que por ambos os nomes lhe chama o autor, confessando todavia que não destinou este escripto para o theatro, nem o julga susceptivel de ali ser admittido. O enredo d'esta peça é extrahido de uma novella alemã, intitulada *Kruitzner*, e foi dedicada por Byron ao illustre Goethe. *Oscar d'Alva*, poemeto. Innumeros fragmentos de novellas, cantos de diversos generos, e versos soltos de todas as medidas, preenchem a parte denominada *Miscellaneas*, na collecção completa das obras de lord Byron. Mencionaremos algumas de mais subido merecimento.

A perda d'Alhama, por exemplo, romance lamentavel do sitio e tomada da mesma cidade; imitação do arabe. Outras imitações do grego, do hespanhol, e uma do portuguez.

Prometheu; O tumulo de Churchill; O adeus, escripto quando o autor cria ver a morte mui proxima; a *Ode a Napoleão;* outra ode sobre a Estrella da Legião de Honra, vertida do francez; o *Adeus de um polaco a Napoleão*; poesias a Santa Helena e a Veneza; epygrammas; *O adeus á Inglaterra*, e muitos outros versos de valor, consagrados a differentes damas, ou escriptos em diversos albuns.

No corpo das obras de Byron tambem se encontram tres discursos parlamentares, unicos que pronunciou na camara dos lords, mas que lhe ganharam vehementes applausos; e egualmente algumas cartas a J. Murray, ácerca da vida e das obras de Pope, e outras correspondencias de interesse secundario. Emfim o *Vampiro*, historia absurda, attribuida a Byron, por elle a haver contado em uma sociedade, mas não escripto.

Para um homem cuja vida não passou além dos trinta e seis annos, e esses em continua agitação, escreveu muito mais do que devia esperar-se, o nosso poeta, e sempre com o cunho da originalidade.

Volvamos á Grecia, a assistir aos seus ultimos momentos.

A 15 de Fevereiro de 1824 teve um primeiro ataque de febre, que não durou muito tempo, mas que o enfraqueceu bastante. Desde então não deixou de soffrer mais ou menos, e de enfraquecer successivamente. Contribuiu para lhe aggravar o mal, a completa abstenção que adoptou de bebidas e comidas excitantes, e a inacção em que caiu. Um dia constipou-se, e a melancolia pintou-se-lhe logo no rosto com côres assustadoras; virando-se para o conde Gamba, disse: «Soffro muito. A morte não me inquieta, porém não posso supportar esta agonia.»

Se não existe nenhuma biographia completa de Byron, pois que nem as de Moore, Bolwer e Galt são consideradas como taes, possuimos ao menos uma relação historica dos seus ultimos momentos, escripta pelo seu fiel criado Fletcher. Seguil-o-hemos.

A doença fatal de Byron teve principio ostensivo no dia 9 de Abril, com uma grande febre que se lhe desinvolveu, quando regressava de andar a cavallo, com tempo chuvoso. O mal progrediu a olhos vistos, mas ainda no dia 12 asseguravam os medicos Bruno e Milligen que não existia perigo para a vida do famoso poeta. Lord Byron dizia que os medicos não entendiam da sua doença, mas ia tomando os violentos purgantes que elles lhe receitavam, e não comia absolutamente nada. No dia 16 sangraram-no, e a 17 repetiu-se esta operação, sem apresentar resultados favoraveis para o enfermo. Byron não dormia, e algumas vezes delirava. A idéa de poder enlouquecer mortificava-o mais do que o pensamento da morte.

No dia 18, depois de um accesso de delirio,

o mysterioso bardo percebeu que se aproximava a sua derradeira hora. Chamou Fletcher para junto do leito, e communicou-lhe as suas ultimas disposições.

—A tua sorte está assegurada, Fletcher; murmurou o poeta.

—Supplico-lhe, mylord, que trate de objectos mais importantes; respondeu o fiel servo.

—Oh! minha querida filha! Minha Ada... Meu Deus, se podesse ao menos vêl-a! Abençoae-a por mim, e á minha querida irmã Augusta, e a seus filhos!... Tu irás a casa de lady Byron, dize-lhe... dize-lhe tudo!...

E continuou a fallar, por entre dentes, de tal maneira que Fletcher não podia entender o que lhe recommendava.

—Executarás tudo o que te disse? perguntava o moribundo.

—Se nada percebi, senhor!... respondia o bom criado. Tentae porém a repetição...

—Não posso! É muito tarde... Acabou-se tudo... Não é a nossa vontade, é a de Deus que se executa!

Ao meio dia houve junta de medicos, e receitaram-lhe vinho quinado. O poeta tomou o medicamento, e passado algum tempo manifestou o desejo de dormir. Desde as seis horas da tarde d'este dia até ás seis horas da tarde do seguinte (19 de Abril) não fez o menor movimento, e respirava como um agonisante. Então abriu os olhos, e tornou a fechal-os sem nenhum symptoma de dôr.

—Meu Deus! bradou Fletcher; receio que meu amo esteja morto!

Os medicos tomaram o pulso de Byron, e responderam:

—Tendes razão... está morto!

Os seus restos mortaes foram depositados na egreja onde já repoisavam o general Normann, e Marco Botzaris. As tropas de Missolonghi e uma grande parte da população escoltavam o cadaver do seu mais desinteressado amigo.

Sobre o grosseiro caixão que encerrava o corpo d'aquella grande alma, lançaram um panno negro, e collocaram-lhe em cima um capacete, uma espada e uma corôa de loiro.

Era singelo, mas sublime.

Algum tempo depois d'este fatal acontecimento, Walter Scott, a quem Byron chamava o Ariosto de Inglaterra, escrevia a seu respeito estas memoraveis palavras:

«Calaram-se as vozes de uma justa censura e as vozes da maledicencia. Dir-se-hia que um astro brilhante desappareceu do ceo, no momento em que se observavam, com um telescopio, as manchas que obscureciam o seu esplendor.»

Lamartine, o glorioso poeta da França moderna, dedicou uma das suas melhores odes á memoria do Dante da Grã-Bretanha.

A sua patria erigiu-lhe um monumento.

Como Homero, como Camões, como quasi todos os grandes poetas, Byron viveu perseguido e calumniado, e morreu longe do seu paiz natal. A gloria tem sempre por pedestal a pedra do tumulo.

Na edade de trinta e seis annos deixou de pulsar aquelle nobre coração, apagou-se a luz d'aquella intelligencia, calou-se para sempre a voz inspirada do poeta de *D. Juan* e de *Harold*, poeta tão original como Shakspeare e Hoffmann, amigo desinteressado da liberdade como Washington e Franklin.

F. M. Bordalo.

PRINCIPAES HERESIARCHAS, E CONCILIOS QUE OS REPRIMIRAM.

No anno 34 da era de Christo, *Simão*, denominado o *Magico*, vendo que os apostolos communicavam o Espirito Santo pela imposição das mãos áquelles que recebiam o baptismo, offereceu-lhes dinheiro para ter o mesmo poder. S. Pedro rejeitou indignado esta proposta sacrilega, e Simão, para se vingar, tornou-se o chefe da primeira heresia que appareceu no christianismo. Dizia ser elle o poder supremo, que apparecia entre os judeus como Filho, na Samaria como Pae, e nas outras nações como Espirito Santo. Publicava além d'estas uma immensidade de extravagancias, que, apesar de tudo, lhe attrahiram sectarios. Até chegou a fazer-se adorar sob o nome de Jupiter, e á sua concubina sob o nome de Minerva. Esta seita não foi perseguida, e comtudo não durou mais de um seculo.

No anno 54, *Cerintho* levantou-se contra os apostolos, e combateu vivamente a sua doutrina. Reconhecia os milagres de Jesus Christo, porque tinham então um tal grau de evidencia que se não podiam contestar; mas para conciliar o estado humilde em que Christo appareceu, com todos os attributos de Filho de Deus, suppoz em Jesus Christo dois seres differentes — Jesus, filho de José e de Maria; e Christo, que descera em Jesus sob a forma de pomba na occasião do baptismo. Os apostolos expulsaram a Cerintho da Egreja, como corruptor da doutrina. Já então se reputava dogma fundamental do christianismo a divindade de Jesus Christo. O evangelista S. João escreveu o seu evangelho para precaver os fieis contra as heresias de Cerintho e seus discipulos.

Em 64, *Hymenèo*, *Philètes*, e *Alexandre* ensinavam que a resurreição já estava feita, e não reconheciam mais do que a resurreição espiritual do peccado á graça. Foram anathematisados por S. Paulo.

Em 66, alguns falsos doutores, escudando-se n'uma maxima equivoca de *Nicolau*, um dos primeiros diaconos, que dizia *ser mister abusar da carne*, no sentido da necessidade de a mortificar, ensinavam que tudo, até as mulheres, devia ser commum entre os christãos. Por este motivo nas suas assembleas se entregavam aos crimes mais infames. Chamavam-lhes *Nicolaitas*, e S. Pedro fulminou-os na segunda epistola.

Em 72, *Ebion*, chefe dos *Ebionitas*, intitulando-se discipulo de S. Pedro, rejeitava S. Paulo, e ensinava que se devia consagrar a Eucharistia unicamente com agua; negava a divindade de Jesus Christo, e a virgindade da Mãe, accrescentando que Deus entregara ao diabo o imperio do mundo, e o do seculo futuro a Christo, a quem elle distinguia, como Cerintho, do filho de Maria e José.

No anno 74, *Samaritano* adoptou os erros de Simão o Magico, e dos Nicolaitas. Sustentava que o mundo fôra creado pelos anjos; e que elle proprio era a omnipotencia de Deus Padre, e o unico salvador dos escolhidos que não podiam entrar no ceo sem o poder da sua arte magica. Seus discipulos viviam tão dissolutamente como a maior parte dos hereticos d'este seculo. Foi d'esta seita que saiu, trinta annos depois, *Saturnino*, que ensinava ser o casamento e a geração uma obra diabolica.

Em 105, *Basilidas*, querendo conciliar a origem do mal com a bondade de Deus, ensinava que o mundo não fôra creado immediatamente pelo Ser Supremo, e sim pelas intelligencias que o Ser Supremo tinha produzido, e que foi das imperfeições d'estas intelligencias que nasceu o mal que se encontra no mundo. O Salvador, segundo *Basilidas*, tinha feito os milagres de que os christãos fallavam; porém sustentava que elle não havia encarnado, que tivera um corpo phantastico, que não fôra verdadeiramente crucificado, e que se não devia expor por sua causa á morte.

Em 107, *Elxai*, de origem judaica, chefe dos *Elcefaitas*, mais conhecidos pelo nome de *Osseanos*, prega que se pode e deve dissimular a fé para subtrahir-se ás perseguições; e como ordinariamente um erro precipita em novo erro, ensina que Jesus Christo é uma virtude material, á qual deu noventa e seis mil pés de longitude, e espessura á proporção. Pelo que respeita ao Espirito Santo, representava-o como uma divindade femea, postada defronte de Christo como uma estatua, sobre uma nuvem entre duas montanhas, que tinham as mesmas dimensões. Este extravagante, e os seus discipulos abhorreciam a continencia, e olhavam a virgindade como uma infamia. Juravam pelo sol, pela agua, pelo pão, pelo ceo, pelo azeite, pelo vento, e pelos santos anjos da oração; e estes juramentos eram inviolaveis e sagrados.

Foi no começo d'este seculo que a maior parte dos heresiarchas tomaram o nome de *Gnosticos*, palavra que significa *sabios* ou *illuminados*, e que prova que o orgulho era o unico facho que os esclarecia.

141. *Cerdon* e *Marcion* admittem dois principios; um bom, pae de Jesus Christo, que, segundo elles, nunca tinha encarnado; o outro, autor da lei judaica, e creador d'este mundo. Foram condemnados n'um concilio que alguns annos depois se reuniu no Oriente.

144. *Theodoto*, pessoa muito instruida, apostatou, para justificar a sua fraqueza, e negou a divindade de Christo, e a existencia do Verbo eterno. Este heresiarcha, e os seus discipulos, foram chamados *Alogeos*, ou *inimigos do Verbo*, e foram condemnados nos concilios de Roma, em 176, d'Hieraples, na Asia, em 173, e varios outros.

168. *Montano*, chefe da seita dos *montanistas*, era um eunuco phrygio. Dizia-se prophetta, e parecia agitado de espirito maligno. Ensinava que Deus havia primeiramente querido salvar o mundo por Moysés e pelos prophetas, e não o conseguira; que depois encarnara, e não fôra melhor succedido; que finalmente descera n'elle *Montano* pelo Espirito Santo, de quem dizia que recebera a plenitude. Por isto intitulava-se *Paradeto*, que significa *espirito consolador*. Gabava-se de maior perfeição que os apostolos. S. Paulo permittira as segundas nupcias; *Montano* prohibia-as, como uma devassidão; e permittia dissolver os casamentos. Estabelecia novos jejuns. Os apostolos haviam instituido só uma quaresma, e *Montano* ordenava tres em cada anno. Prohibia fugir á perseguição, e queria que se procurasse o martyrio. Finalmente, quasi que não recebia os peccadores á penitencia. Os seus erros foram anathematisados nos concilios de Iconia e Synado, na Asia, no anno de 235; e apenas elles appareceram logo o foram por grande numero de bispos e sabios catholicos. A seita de *Montano* produziu uma infinidade d'outras.

175. *Apelles*, discipulo do heresiarcha Marcion, afastou-se do seu mestre em muitos pontos, e foi chefe de uma seita que de seu nome se chamou *Apellitas*. Entre outros absurdos dizia que Jesus Christo se formara um corpo de parte de todos os ceos por onde descera á terra, e que na ascenção fôra deixando a cada ceo a parte que d'elle tomara. Uma das grandes objecções que pretendia fazer ao livro do Genesis, era que Deus não podia ameaçar de morte a Adão, se comesse do fructo prohibido, porque Adão, não conhecendo o que era a morte, não sabia se isto era um castigo.

Continua.

RELAÇÃO DAS COISAS QUE ACONTECERAM EM A CIDADE DE ANGRA, ILHA TERCEIRA, DEPOIS QUE SE PERDEU EL-REI D. SEBASTIÃO EM AFRICA.

Continuação.

LXX

De como o mestre de campo francez, tanto que viu enforcar o ditto Francisco Gil mandou enforcar o piloto francez.

Podera mui bem o piloto francez negar tudo o que Francisco Gil tinha ditto; mas cuidou que

nem a um nem a outro fizessem nada. Este piloto do patacho tinha nelle ametade, e o outro francez a outra ametade; e tinha o patacho fama de bem veleiro, e dizem que era um pensamento, porque alguns tinham já fugido do porto desta cidade, e lhe botavam outros, e os traziam; mas estes estavam seguros, que ainda que lhe botassem outros era por demais. E todos estes patachos e navios francezes não se podiam ir nem bulir do porto, sem licença do seu mestre de campo general, e capitães. O dito Francisco Gil como era piloto, não fallou mais que com o outro piloto, e não fallou com o francez que era dono da outra ametade; antes quando fallou ao piloto, o piloto o avisou que não fallasse ao seu companheiro, porque não havia de querer, e que sem elle iriam, pois lhe pagavam bem. E por esta causa o mestre de campo Bautista, sabendo já tudo, fez perguntas ao piloto francez, sem tratos, o qual confessou tudo, que era verdade. Acabada a confissão o mandou enforcar na ponta do caes; o qual piloto era christão, e catholico morreo, porque o Bautista o mandava enforcar sem ir com elle confessor algum, nem padre, nem irmãos da Casa da Santa Mizericordia, nem Crucifixo, que assim faziam elles antes a muitos. Souberam os irmãos da Santa Mizericordia que era catholico, e veio-o dizer o confessor, a quem elle tinha mandado chamar á prizão; e acudiram com pressa, com padres e irmãos, com bandeira e Crucifixo, e até o enforcarem o foram animando na nossa Santa fé, e elle nella morreu pedindo perdão a todos, se delle tinham algum escandalo; e não deixaram os moradores da cidade de terem delle muita lastima. Podia ser homem de quarenta annos.

Continua.

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS.

PRELUDIOS POETICOS

DE

J. RAMOS COELHO.

Com este titulo saiu á luz um volume de poesias, de 300 paginas, nitidamente impresso, com o retrato do autor. Vende-se nas lojas do costume — preço 500 réis.

Publicou-se o 3.° volume da Eneida de Virgilio, por Barreto Feio — preço 1:000 réis.

Publicou-se a comedia em 3 actos e 9 quadros, Stambul, original de Aristides Abranches — preço 300 réis.

AVISO AOS SRS. ASSIGNANTES DE PORTUGAL.

O proprietario do Panorama, tencionando continuar para o futuro anno de 1858 a Illustração Luso-Brazileira, dirige-se aos seus assignantes actuaes, e aos que o foram do mesmo semanario, pedindo-lhe a sua coadjuvação.

É innegavel que uma publicação de tal ordem demanda excessivas despezas; mas é tambem certo que um paiz como o nosso precisa d'um jornal, que diffundindo a instrucção, sirva ao mesmo tempo de recreio. Eis a idéa que levou o editor a dar á estampa a Illustração Luso-Brazileira, e o induz agora a continual-a.

Mas todos os esforços que faça para conseguir o seu fim — a publicação da Illustração — serão baldados, se os seus concidadãos o não ajudarem n'essa tarefa, na verdade ardua, mas gloriosa.

Sabe-se que apesar das calamidades que Portugal soffreu em 1856, o proprietario da Illustração concluiu o volume que pertencia áquelle anno. Os obstaculos que para isso foi preciso vencer não se podem enumerar. Só, sem ajuda nem protecção, porque as assignaturas não chegaram á quarta parte das despezas, lutou, mas teve a satisfação de conseguir o seu mais ardente desejo, que era a conclusão d'aquelle primeiro volume.

Concluido porém, nada devendo aos assignantes, e cansado de lutar, faltaram-lhe as forças, e viu-se obrigado, com bastante magoa, a suspender uma publicação, que se era esteril quanto aos interesses, não o era pelo lado da gloria, alvo constante do editor, que tem enriquecido o catalogo das suas edições com obras nacionaes de merito, que a não ser elle, seriam sepultadas no pó das gavetas, e furtadas assim ao conhecimento dos amigos da nossa litteratura.

Em Janeiro de 1858 recomeçará, pois, a publicação da Illustração Luso-Brazileira, *consideravelmente melhorada*, se as assignaturas obtidas até o fim de Setembro do corrente anno cobrirem as despezas.

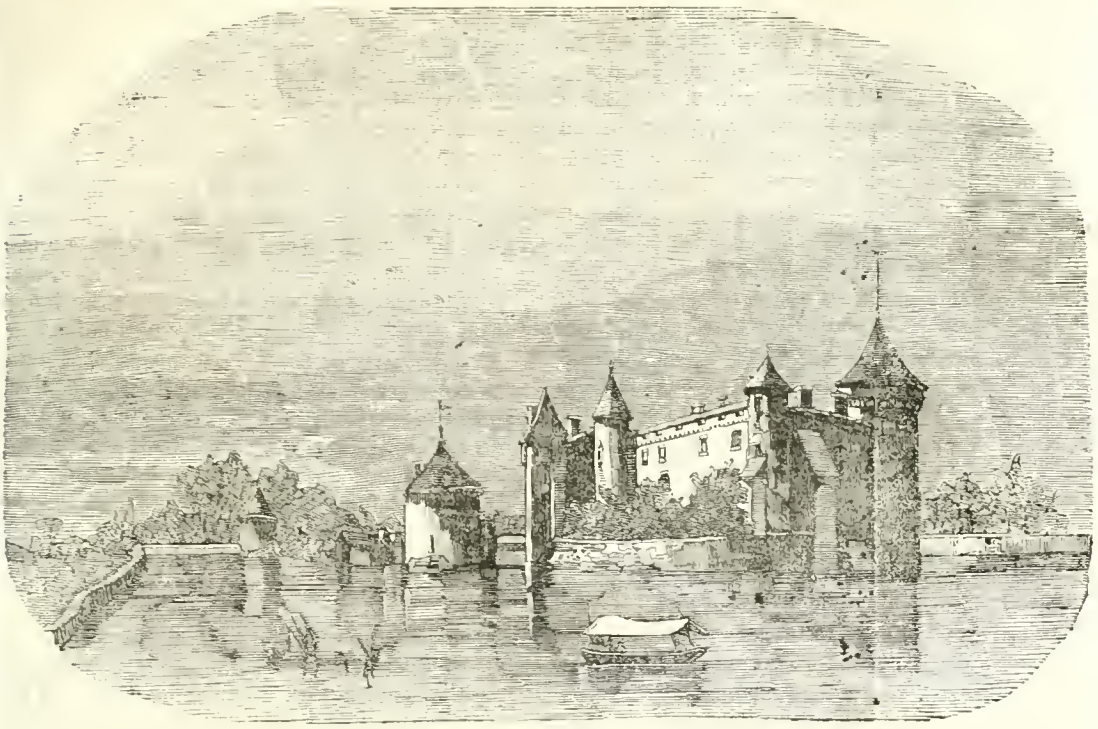
O editor não quer lucros: satisfaz-se não perdendo.

Seguiremos o plano annunciado nos nossos prospectos, que são bem conhecidos, com as modificações reclamadas pelas circunstancias.

As assignaturas recebem-se desde já na loja do editor, rua do Oiro n.os 227 e 228 (numeração antiga), e no escriptorio da Administração, travessa da Victoria n.° 52 1.° andar.

LISBOA

Por anno	4:000 rs.
Semestre	2:100 »
Á entrega	90 »
PROVINCIAS (*franco de porte*)	
Anno	4:300 »
Semestre	2:250 »



CASTELLO DE BREDA.

Este castello, situado no departamento da Gironda, é cercado de largos e profundos fossos, e tem a figura de um polygono. As muralhas, cujos alicerces estão cobertos pela agua, são defendidas a oeste por uma grande torre orbicular, coroada de seteiras de trinta metros de altura. Uma das casas d'esta torre, construida, no principio do seculo XV, para servir de prisão, está abaixo do nivel da agua.

Chega-se ao castello por tres pontes levadiças, defendidas pelas torres e muralhas. Sobre o fogão de uma casa do primeiro andar, onde está a bibliotheca, vê-se um grande painel dos fins do seculo XV, que parece representar o acto da tomada da posse da Guienne por Carlos VII. Uma porta d'esta bibliotheca dá para a capella em que João de Lande, senhor de Breda, foi autorisado, por bulla de Bonifacio IX, a fazer celebrar missa e administrar os sacramentos.

Montesquieu nasceu n'este castello, a 18 de Janeiro de 1689; e ahi compoz parte das suas obras. Ainda se mostra o seu quarto, os moveis, e o fogão, gasto, diz-se, pelo roçar dos seus pés.

AS CATACUMBAS DE S. PEDRO.

As catacumbas de S. Pedro entram na ordem dos mais admiraveis trabalhos que a mão do homem tem emprehendido. Principiando o subterraneo nas portas da cidade de Maestricht, vão perder-se por baixo das montanhas do Meusse, e chega até á cidade de Liége.

Nada mais mysterioso, nada mais imponente que este immenso subterraneo, onde se encontra uma immensidade de ruas e praçasinhas. Cavada pelos primeiros habitantes da provincia para extrahirem pedras para os edificios, foi aquella caverna um passadiço vulgar, antes do trabalho dos seculos a converter n'um objecto de assombro e admiração.

A sua origem e data perdem-se na noite dos tempos. Os aldeãos do Meusse contam curiosas tradições e historias, mais ou menos horriveis, que se prendem com a existencia d'este largo e tenebroso caminho. N'estas narrativas toma o diabo a sua competente parte; porém fora das lendas, e contos inventados pelo medo e pela ignorancia, ninguem sabe fixamente a epoca em que se construiram tão gigantescas profundidades.

A Roma subterranea não é tão curiosa e poetica como a caverna de S. Pedro. A maior parte das catacumbas que ha no mundo tiveram a mesma origem que a de Maestricht. Formadas com o fim de extrahir materiaes, converteram-se depois em cemiterios. O subterraneo de S. Pedro recebeu nas suas entranhas milhões de viajantes que encontraram a morte nos seus immensos labyrinthos. Em Catanea, Palermo, Agrigento, Siracusa e Napoles, é que se encontram os mais anti-

gos subterraneos. Nada ha tão extenso e magestoso como as excavações seculares d'estas cinco cidades da Italia. As catacumbas de Napoles são maiores do que as de Roma, tanto em extensão, como em largura. Quasi todas teem tres andares de altura de vinte palmos, pelo menos.

Não sendo tamanhas as proporções do subterraneo de Maestricht, não é comtudo menos gigantesco que o de Napoles. A excavação compõe-se só de um andar, porém apesar d'isso contém mais de cento e vinte ruas, e a sua vastidão é de duas leguas e meia. Tendo-se feito esta excavação n'uma epoca mui afastada (segundo dados, ha dois mil e trezentos annos) a maior parte das ruas formam um labyrintho tão intrincado, que internando-se uma pessoa no seu recinto carecerá de muitos annos para encontrar a saida.

Serve de entrada á caverna de S. Pedro uma excavação natural de cincoenta e dois pés de largo, e quarenta e quatro d'alto. As galerias, talhadas na rocha viva, são irregulares. Á direita e á esquerda da parede ha duas fendas symetricas, cujo fundo apresenta um cahos tenebroso e horrivel. Todas as ruas que crusam o subterraneo vão parar a estas duas saidas. A temperatura d'este logar, graduada pelo thermometro de Reaumur, é sempre de doze graus acima de zero. Abysmos sem fundo, e precipicios espantosos rodeiam o estreito caminho que conduz a esta mansão de silencio e morte. O ecco da voz perde-se na immensidade das altas abobadas, e a sua profunda escuridão causa pavor aos mais valorosos espiritos.

O desejo de encontrar o fim d'estes labyrinthos tem attrahido áquellas galerias homens emprehendedores. A maior parte sairam sem encontrar o resultado, e outros pereceram no seu insondavel abysmo. O subterraneo tem uma funebre celebridade, pois os curiosos a cada passo estão expostos a perder a vida, e morrer nas trevas. Os guias em quanto vão guiando com os archotes aos visitantes, contam-lhes mil historias horrivois a respeito de viajantes perdidos nas galerias, começando sempre a narração pela passagem mais tetrica. Assim conseguem dar maior prestigio áquelles abysmos, e ás vezes imaginam sanguinolentos dramas capazes de eriçar os cabellos aos pobres curiosos.

Entre as historias contadas pelos guias ha algumas que merecem credito: o tragico fim de quatro frades mortos n'este dominio das trevas, é verdadeiro: «Estes quatro religiosos que pertenciam ao convento de Selavande, situado na escarpa da montanha de S. Pedro, conceberam o projecto de edificar uma capella no fundo do subterraneo, onde grande parte dos habitantes costumavam passar o inverno por causa da agradavel temperatura d'aquelle logar. Na epoca d'estes acontecimentos havia uma devastadora guerra civil, e os pobres trabalhadores não tiveram mais remedio que refugiar-se nas cavernas, levando as suas provisões. Estes infelizes aldeãos tinham azeite para se alumiarem, legumes, farinhas, aveia, e forragens, e no subterraneo fizeram uns fornos para cozer o pão. Assim podiam ali viver muitos mezes. Vendo os religiosos que faltava um templo onde celebrar o santo sacrificio da missa e officios divinos, conceberam a idéa de edificar a capella. Com este piedoso objecto percorreram muitas grutas para a escolha do sitio mais conveniente; porem não tendo querido penetrar no labyrintho os dois homens que lhes serviam de guias, valeram-se de um meio engenhoso, que os gregos empregam com frequencia quando se querem internar nas profundidades de um abysmo desconhecido. Ataram na ponta de uma rocha a extremidade d'um fio, e providos d'um farto novello, continuaram andando. Depois de percorrerem diversos caminhos chegaram a uma especie de praça, onde não penetrara ainda pé humano. Depois de debuxarem com carvão n'uma das rochas o frontispicio da plataforma de S. Pedro vista do Meusse, no ponto onde se descobre o convento de Selavande, e de escreverem a data da sua descoberta, dispozeram-se a voltar, e então conheceram, com terror, que o fio estava partido.

«Durante o caminho tinham consumido as provisões e os fachos. Em tão afflictiva situação tomaram o partido de se encommendarem a Deus. Por dois dias andaram errantes por aquelles espaços sem limites; suas vozes perderam-se n'aquella immensidade, e as mãos não encontravam senão rocha ao procurarem novos caminhos. Tudo foi inutil, e para cumulo de infelicidade morreram separados uns dos outros, abatidos pela fadiga, extenuados de fome, soffrendo uma horrivel agonia sem poderem dar-se o ultimo adeus.»

Ao cabo de oito dias foram encontrados os cadaveres em diversos pontos do subterraneo.

A.

OS BALKANS.

Os sombrios e aridos desfiladeiros dos Balkans são ainda hoje tão impenetraveis como na epoca em que Dario os atravessou do sul ao norte, quinhentos annos antes da era christã.

Ha seculos que o fertil Delta, que se estende por entre os Karpatas, os Balkans, e o mar Negro, permaneceu na atonia, e os seus immensos recursos quasi que ficaram desconhecidos das potencias europeas; e, comtudo, a natureza dotara ricamente estas magnificas regiões, e o Danubio offerecia aos seus productos uma saida facil para todas as partes do mundo.

A sorte fadou estas planicies para servirem a todos os povos de campos de batalha; tem sido devastadas pela guerra em todas as grandes epocas da historia. Assim, os seus habitantes, longe de se queixarem das elevadas montanhas em que se encerram, mais as consideram como um baluarte contra a invasão, do que como obstaculo ás suas relações commerciaes.

Isto explica o motivo porque os Balkans são tão pouco conhecidos, e porque conservam o seu estado primitivo. O celebre historiador turco Her-Von-Hammer, reduz a sete os desfiladeiros da cadêa principal; porém uma memoria que ha pouco tempo se leu na sociedade geographica de Londres augmenta muito o seu numero.

O autor d'este documento, o general Jochmus, antigo ministro dos negocios estrangeiros, diz que para reconhecer toda a cadêa desde o cabo Ennish (*finis Hoemi*) até Tirnova, situado ao pé da montanha entre Schibka e Dransva, a atravessou sete vezes em differentes sentidos; a saber: de Misidria a Sudshib, d'ahi a Achly, de Achly a Dobral, de Dobral a Carnabat, de Carnabat a Kasan, de Kasan a Selimneh, de Selimneh a Tirnova. Assim proceden tambem a respeito da pequena cadêa de Hoemus, crusando-a desde Tirnova a Osmanbazar, de Osmanbazar a Kasan, de Kasan a Czalikavak, de Czalikavak a Koprikoi, de Koprikoi a Schumla, de Schumla a Paraivadi, de Paraivadi a Varna.

O ponto mais elevado da cadêa, pelo outro lado de Monastirkoi, é de dois mil pés, e a passagem está a mil e oitocentos pés sobre o nivel do mar, na direcção de Bana, a quatro horas de Messenvria, aonde se chega, atravessando bosques, por caminhos de serventia ás carretas que transportam lenha e ferro a Messenvria, etc.

Schumla, collocada ao pé dos Balkans, é uma posição estrategica mui importante, fortificada pela natureza e pela arte, e tem augmentado muito em meios de defesa. Os turcos chamam-lhe Ghazi (a victoriosa). Esta cidade é a chave do valle, que jaz entre os Balkans e o mar: domina a principal passagem da cadêa, e é, juntamente com Rutschuk e Silistria, o caminho de Constantinopola.

Schumla contém trinta a trinta e cinco mil habitantes, e occupa uma area de duas a tres milhas de longitude, e uma de latitude. Está edificada ao pé de uma montanha, de seiscentos a setecentos pés de altura. Tem bellas mesquitas, espaçosos quarteis, armazens e lojas em grande numero. Já não existe a maior parte das antigas trincheiras, porém a montanha que protege a cidade é de difficil accesso, e n'ella se apoiam as fortificações construidas á europea.

Os fortes, reductos, e baluartes que tem, não só a defendem, como a tornam temivel. Os novos trabalhos que se fizeram agora fecham os desfiladeiros que podem conduzir ao acampamento. As mesmas precauções se adoptaram a respeito do caminho que dá accesso á grande passagem dos Balkans, distante trinta milhas de Schumla.

A MUSICA ENTRE OS ANTIGOS.

Os gregos attribuiam a Dionisio o principio da musica; porém Eusebio remonta-a aos tempos de Cadmo, certificando que os inventores foram dois irmãos chamados Ceto e Amphion. Solino julga que foi introduzida na Grecia pelos ilheos de Candia. Polibio concede esta honra aos Arcades, e Diodoro attribue a Mercurio a invenção das vozes da harmonia. Isidoro certifica que a casualidade fez descobrir a Pitagoras as primeiras notas musicaes no som dos martellos e na vibração das cordas retezadas. Comtudo os modernos attribuem a sua introducção a Guido de Arezzo.

Atheneo refere que os Arcades tinham por lei aprender a musica desde meninos para cantarem os hymnos em louvor de Deus, segundo as regras dictadas pelos musicos Timoteo e Filoseno. Estava tão acceito o canto entre os gregos, que segundo Cicero, o celebre Temistocles foi tido por indouto, só por haver recusado n'um convite o canto, com acompanhamento da lyra. Epaminondas foi um excellente musico.

Deve-se a esta affeição á harmonia o proverbio grego citado por Quintiliano, segundo o qual os ignorantes se consideravam longe do trato das graças e das musas. O severo Lycurgo aconselhou-a aos seus adustos espartanos. Platão julga que a musica é necessaria ao homem politico, e Homero diz que Achilles cantava harmoniosamente os meritos e a gloria dos heroes. O astrologo Ptolomeu refere que os antigos tinham o louvavel costume de applacar as suas irritadas divindades com cantos e musica. Cicero e Boecio contam que o philosopho Pitagoras acalmou a loucura de um mancebo com o canto e com a suavidade de um instrumento. Teotrasiro e Aulo Gelvi julgam que a musica é sufficiente para acalmar a dôr da gota. Empedocles diz que obrigou a acalmar com a suavidade do seu canto um hospede seu, n'uma occasião de colera. Plutarco conta que o musico Timoteo exasperava, a seu bel prazer, com o canto phrygio o animo de Alexandre o Grande; e o mesmo historiador elogia a extraordinaria melodia da voz de uma dama por nome Lamia, que com seus cantos chegou a enternecer Demetrio, rei da Macedonia.

Entre os antigos eram tidos por grandes musicos Terprando que, segundo Eusebio, vivia na Olympiada 33, Agenor de Mitilene, Alcidamas discipulo de Gorgias Leontino, e Antigenes, que excitou Alexandre para a guerra contra Dario Codomano, rei da Persia. Ismenias, celebre musico de Tebas, feito prisioneiro, foi apresentado a Architas, rei dos scitas. Irritado o principe pela admiração com que os seus barbaros vassallos ouviam o som da flauta, tocada por Ismenias, certificou, cheio de colera, que preferia o relincho do seu cavallo áquellas harmonias. Todos os que o ouviram zombaram d'elle.

O monge inglez Heos Stephanus, autor da vida do bispo Vilfrido, era um excellente musico; e acredita-se que Euchiriades foi no seculo VIII o primeiro que escreveu um tratado sobre musica. Nos tempos barbaros foram celebres Theon, Alipio, Isacio, Apuleyo e Boecio.

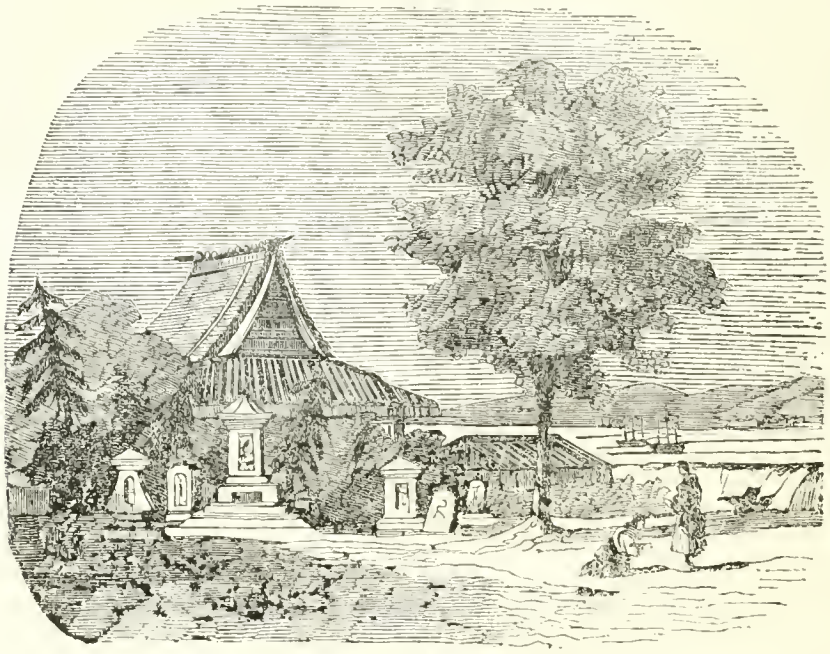
Epigone, mathematico, inventou um instrumento musico, que de seu nome se chamava na Grecia Epigonion, e Theodoro, pae do famoso tribuno e orador Isocrates, que vivia pelos annos 330 da fundação de Roma, inventou varios instrumentos, cuja industria lhe valeu grandes riquezas.

O historiador Mariano diz, que em muitas cidades gregas se publicavam as leis, acompanhando os pregões com a musica. Refere Thucidides, que os lacedemonios entravam em combate ao som de citharas e lyras. Tirteo reanimou o valor dos espartanos na guerra de Mesenia com o som da flauta.

Os lidios marchavam ao compasso da musica. Os gétas apresentavam os seus embaixadores de paz acompanhados de um tangedor de cithara. Socrates, tão severo como profundo philosopho, aprendeu a tocar lyra na edade de setenta annos. Cayo Graccho, um dos revolucionarios mais impetuosos da republica romana, quando fallava ao povo, tinha atraz de si um escravo, que com a flauta lhe dava a intonação necessaria para modular a voz com mais graça e doçura.

Finalmente, entre os gregos conheciam-se varios methodos de canto, sob as denominações de Hiarcio, Elio, Jonico, Hipermixolidio, Hipodomio, e outros, cujo numero chegava a quinze.

Na edade media escreveram sobre a musica Gregorio Tolosano, Angelo Policiano, João Thomaz Phrygio, Olomaro Luscinio, Pedro Aroon, João Maria Lanfranco, Jacobo Vercher, João Froschio, Ocheglem, e Abusnoi.



O PAGODE DE BUDHA EM KAKODAD.

Sobre o budhismo e seus sectarios já por vezes temos fallado n'este semanario, e dado alguns desenhos de seus monumentos e architectura religiosa. A vista d'este pagode de Kakodad, tomada do lado do cemiterio, é devida a um official de marinha embarcado na fragata franceza *Virginia*, o qual tirou outras de varios pontos das costas do Japão, que este vaso de guerra tem ultimamente visitado. A *Virginia* faz parte da expedição mandada pela França áquelles mares, não somente para exploração e para rectificação dos muitos erros que se notavam nas antigas cartas geographicas, como tambem para promover conjuntamente com as outras potencias maritimas a abertura de alguns portos japonezes ao commercio da Europa e da America, e tambem operar de combinação com a esquadra ingleza, afim de obrigar a China a dar satisfação dos attentados commettidos por subditos do celeste imperio contra europeus, especialmente em Cantão e immediações. Já em Shangae a tropa de guarnição e a marinhagem dos dois navios, *Jeanne d'Arc* e *Colbert*, tiraram brilhante desforra. No dia 6 de Janeiro do corrente travou-se uma grave luta entre aquelles e os chinas insurgentes; tres mil d'estes foram derrotados com perda de perto de quatrocentos, pela gente das supraeitadas embarcações, que além d'isso apeou e inutilisou toda a artilheria que os chinas tinham collocada nas muralhas; do que resultou infundir-lhes terror, e fazel-os mais prudentes e respeitadores da bandeira franceza.

M.

O ULTIMO ABBADE DE WHALLEY.

I

Continuação.

Durante a amnistia todas as hostilidades cessaram; mas faziam signaes nos cimos das montanhas, e o fogo d'estes devia ser considerado como um novo appello ás armas. Era isto que esperavam agora os oito homens da vigia.

— É quasi noite, disse impaciente o homem do manto de velludo, e não apparece o signal. Terá o Norfolk acceitado as nossas condições? É impossivel. O ultimo mensageiro do nosso acampamento em Scansty, trouxe a noticia que as unicas propostas que fazia o duque era dar perdão da parte do rei a todos os rebeldes, exceptuando dez pessoas, seis nomeadas e quatro em branco.

— E serieis vós um dos nomeados, senhor abbade? perguntou um monge.

— João Paslew, abbade de Whalley, era o primeiro nome da lista, respondeu o outro com um sorriso, depois seguia-se Guilherme Strafford, abbade de Salley, depois Adão Sudtiny, abbade de Jervaux, depois o nosso chefe Roberto Aske, e tambem João Eastgate, monge de Whalley.

— Como, senhor abbade, exclamou o monge, o meu nome não era esquecido?

— Não, respondeu o abbade. E o nome de Guilherme Haydocke era o ultimo da lista.

— Que tyranno! murmurou o outro monge. Mas estas condições não podem ser acceitas?

— Certamente que não, respondeu Paslew. Foram rejeitadas com desdem. Mas as negociações foram continuadas pelo Sir Ralph Ellerker e Sir Robert Bowas, que deviam pedir da nossa parte o perdão para todos, a convocação de um parlamento, e de tribunaes de justiça em Yorck; a restituição da princeza Maria aos seus direitos de successão ao throno; o restabelecimento da jurisdicção do papa, e a de nossos irmãos nos seus mosteiros. Mas isto nunca hãode conceder. Com o meu consentimento não haveria este armisticio. Nós perdemos com a demora, mas assim o quizeram os senhores arcebispo de Yorck, e lord Darcy. A opinião d'elles tem mais peso do que a do abbade de Whalley, ou se o quizerdes do conde da Pobreza.

— É esse titulo ironico que é causa de todo o resentimento do rei contra vós, senhor abbade; respondeu o padre Eastgate.

— Assim pode ser, disse o abbade. Tomei-o das mãos de Cromwell e dos commissarios ecclesiasticos, que tem reduzido á miseria a nossa Egreja, e milhares dos nossos irmãos a mendigar, ou a morrer á mingua. E os miseraveis a quem davamos de comer e agasalho, não estão com fome, e sem terem aonde descansar? E os doentes que soccorriamos, não teem morrido abandonados pelas estradas? Eu estou á testa dos pobres de Lancashire para remediar seus males, por isso me intitulei conde da Pobreza. E não achaes que fiz bem?

— De certo, senhor abbade; respondeu Eastgate.

— E não é só a Egreja que hade soffrer, tornou o abbade; mas todo o reino, se os designios do monarcha, e dos seus hereges conselheiros tiverem bom exito. Cromwell, Audeley, e Rich, fizeram bem em mandar que nenhuma creança se baptisasse sem pagar tributo ao rei; que nenhum homem que possua só vinte libras de renda possa comer pão de trigo, carne de porco e gallinha, sem pagar tributo; que todas as terras lavradas tambem o paguem; assim fica a Egreja arruinada, os pobres roubados, e todos padecem para engordar o rei e encher os seus cofres.

— Isso não pode ser serio, observou o padre Haydocke.

— É tão serio que ninguem tem vontade de rir, replicou o abbade; como o não terão tambem os conselheiros do rei, do conde da Pobreza em pouco tempo. Todo o paiz desde o Tweed até o Humber, e desde o Lune até o Mersey, está por nós, e a nossa causa hade vencer.

— Deus assim o queira, disse o padre Eastgate; mas temos muitos e poderosos inimigos, e tivemos hoje noticia de que o conde de Derby estava juntando as suas forças perto de Preston, com tenção de nos atacar.

— Que venha e será corajosamente recebido, respondeu Paslew; a abbadia está forte e bem defendida. Mas a noite está escura, e o signal não apparece!

— Pode ser que uma cheia no rio Don impedisse o nosso exercito de atravessar, disse Haydocke; ou então aconteceu algum desastre ao nosso general.

— Nada; supponho impossivel a ultima conjectura, respondeu o abbade. Roberto Aske foi escolhido pelo ceo para nos salvar; assim o diz a prophecia.

— E é sobre essa prophecia que se fez a canção que cantam hoje peregrinos da Graça, disse o padre Eastgate. Mas o ultimo verso foi-lhe accrescentado pelo Nicholau Demdike. Ouvi-lh'o eu cantar debaixo das janellas do mosteiro, ha dias.

— O Nicholau Demdike de Worston? disse o abbade; aquelle cuja mulher é bruxa?

— O mesmo; respondeu Eastgate.

— Assim lhe chamam, é verdade, mas não é; redarguiu um couteiro que escutara attento esta conversa. Acredite-me, senhor abbade, Elizabeth Demdike é muito bonita, e moça de mais, para ser bruxa

— Estás embruxado por ella, Cuthbert, disse seccamente o abbade. Hasde fazer penitencia para te salvares de maus olhados. Elizabeth Demdike é uma celebre e conhecida bruxa, e testemunhas que não podemos deixar de acreditar, tem-na visto assistir a um congresso do demonio, n'esta mesma montanha. Deus nos defenda! E é por isso que pronunciei contra ella a sentença de excommunhão, e prohibo a todo o meu clero o baptisarem a sua filha.

— Ai! é verdade, e bem lhe tem custado a ella, coitada! respondeu Cuthbert.

— Então que se arrependa, ou pode-lhe sobrevir maior castigo, disse Paslew zangado. *Sortilegam non patieris vivere* diz a Lei Levitica. E se houverem provas contra ella hade morrer. Que essa mulher agrada á vista confesso, mas a sua formosura é de filha do peccado. Conheceis o homem com quem é casada, ou se diz casada? Elle não é d'estes sitios.

— Não sei nada a respeito d'elle, senhor abbade, respondeu Cuthbert, senão que veiu para aqui ha um anno, e que alcançou a mais bonita rapariga de Lancashire, e mesmo de toda a Inglaterra.

— Que qualidade d'homem é elle? perguntou o abbade.

— Tem cara de poucos amigos, respondeu Cuthbert; é trigueiro, e possue uns olhos que fazem impressão. Mas ninguem lhe leva a palma em correr, e em jogar o socco. Traz quasi sempre comsigo um cão preto, e desconfio que se dedica, de vez em quando, á caça dos veados.

— Havemos de olhar por isso, tornou o abbade; mas é estranho não saberes d'onde elle vem!

— É um mal creado que não consente que se lhe façam perguntas, e responde mal, quando não nos apalpa com o cajado as costellas.

— Havemos de achar um meio para o fazer fallar, disse o abbade.

— Oh! elle sabe fallar e muito bem quando quer, observou o padre Eastgate, apesar de estar quasi sempre calado; mas não usa da linguagem do povo, e o seu porte é arrogante como o de um homem que houvesse feito bons serviços no campo da batalha.

— Excitaste a minha curiosidade, disse o abbade, desejava vêl-o.

— É dito e feito, exclamou Cuthbert. Pela minha fé eil-o ahi: mas como elle chegou, só o demonio sabe.

E apontava para um vulto alto no cimo da montanha, a alguma distancia d'elles.

— Fallae no mau, apparelhae o pau, observou o padre Haydocke. E traz comsigo o cão negro. Quem sabe se será a sua mulher debaixo d'essa forma!

— Nada, padre Haydocke, que eu bem conheço o cão, tornou Cuthbert, e bom caçador é elle; é o cão, senhor padre, de que estava fallando.

— Não me agrada o seu apparecimento n'esta occasião, disse o abbade; mas gostava de lhe fallar, e accusal-o das suas malfeitorias!

— Escutem, está cantando, exclamou o padre Haydocke.

E ouviram a canção dos peregrinos da Graça, accrescentada por elle, e em seguida uma gargalhada de escarneo.

— Pela Senhora de Whalley, escarnece de nós, disse o abbade. Manda-lhe uma setta para o calar, Cuthbert.

O couteiro assim fez; mas ou fosse que por acaso não fizesse bem a pontaria, ou porque a não quiz fazer, é certo que o Demdike ficou como estava. O reputado bruxo riu-se, tirou o barrete como agradecendo, e principiou a descer lentamente a montanha. Pouco depois parou, e traçou um circulo com o pau que sempre levava, pronunciou algumas palavras, que os seus espectadores supersticiosos tomaram por algum encanto, e poz uns boccados d'herva secca em tres logares dentro do circulo que tinha traçado, depois correu precipitadamente pela montanha abaixo, seguido do seu cão, e saltando o muro que se achava em baixo desappareceu.

— Vae ver o que elle fez, disse o abbade ao couteiro, que já não estou contente.

Cuthbert obedeceu; mas chegando ao logar marcado disse que não via coisa nenhuma, mas em breve accrescentou que a terra mexia como um mar debaixo dos seus pés, e parecia que estava a desabar. O abbade então disse-lhe que seguisse o Demdike, e que lh'o trouxesse ahi. O couteiro desceu correndo a montanha, e desappareceu saltando o muro como tinha feito o outro.

Continua.

PRINCIPAES HERESIARCHAS, E CONCILIOS QUE OS REPRIMIRAM.

Continuação.

240. *Noeto*, intitulou-se um novo Moysés, e chamou-se Aarão. Não admittia em Deus senão uma pessoa; o que fez chamar a esta seita *Monarchicos*; porém reconhecia diversas operações e denominações. Foi condemnado nos concilios d'Epheso, em 245, e de Roma, em 257.

251. *Novaciano*, sacerdote de Roma, fez um scisma contra o papa Cornelio, e recusava a penitencia aos que caiam em peccado depois do baptismo, e prohibia as segundas nupcias. Foi numeroso o seu partido, que subsistiu por muito tempo, e foi fulminado nos concilios de Roma, no mesmo anno; no de Carthago, em o anno seguinte; e especialmente no de Nicéa, em 325.

Manès, chefe dos Manicheos, seita muito extensa, que aturou por muito tempo, e dogmatisou. Era pagão, e persa de nação; porém converteu-se ao christianismo, e pouco depois se declarou seu mortal inimigo. Como outros muitos heresiarchas, que o tinham precedido, distinguia dois principios: um bom, e outro mau. Admittia tambem no homem duas almas: uma boa, e outra má. A carne era, na sua opinião, a obra do mau principio, e por conseguinte devia impedir-se o casamento e a procreação. Attribuia a lei antiga a este mesmo principio, e pretendia portanto que todos os prophetas estavam condemnados. Tratava de idolatria o culto das reliquias, e prohibia a crença de que Christo tivesse realmente padecido. Rejeitava todos os sacramentos, até mesmo o baptismo; e accrescentava a esta doutrina uma multidão de extravagancias. Sus-

tentava, por exemplo, que quem arrancasse uma planta, ou matasse um animal, seria transformado n'aquella planta ou animal. Por este motivo os seus discipulos, antes de comerem o pão, julgavam-se obrigados a uma especie de protestação. Lançavam o pão ao ar, e maldiziam aquelle que o tendera e forneara, desejando-lhe que fosse semeado, ceifado e cozido como o pão que iam comer.

Manès tomava o nome de Paracleto, e fazia-se seguir de doze fanaticos, a que chamava os seus apostolos. Dividia os seus sectarios em duas ordens: a uns chamava auditores ou ouvintes; e aos outros, eleitos. Eram estes ultimos os que possuiam o segredo dos seus abominaveis mysterios. Foram anathematisados n'um concilio que houve na Mesopotamia, no mesmo anno em que appareceram; e depois, Santo Agostinho descarregou o ultimo golpe n'esta seita.

312. *Donato*, bispo de *Casas Negras*, na Numidia, suscitou um scisma na Egreja de Carthago, e depressa se separou da fé catholica, negando a validade do baptismo dado pelos hereticos, e a infallibilidade da Egreja. Os seus erros foram combatidos fortemente por Santo Agostinho, e condemnados em muitos concilios.

315. *Ario*, sacerdote de Alexandria, pesaroso por não ser collocado na séde d'esta cidade, fez-se heresiarca. Ensinou que o Filho de Deus é a creatura e obra do Pae, capaz de virtude e de vicio pelo seu livre arbitrio; e apoiava-se n'estas palavras de S. João: — «No principio era o Verbo» — e eis como sustentava esta doutrina: — «Não é certo, dizia elle, não é mesmo artigo de fé, que o Pae Omnipotente engendrou a Jesus Christo? Mas para o engendrar era preciso que elle não existisse. Portanto, Jesus Christo teve um principio no seu ser; e não se pode dizer que é eterno, sem uma evidente contradicção. Se não é eterno, é uma creatura como nós; e portanto deve ser subjeita ás mesmas leis.» — Este argumento seduziu muitas pessoas, e tão rapido foi o progresso do erro, que foi necessario convocar muitos concilios para o sustar. O principal foi o concilio geral de Nicéa, em 325. A seita de Ario deu nascimento a muitas outras, que todas foram anathematisadas, e a maior parte refutadas por Santo Athanasio.

Continúa.

RELAÇÃO DAS COISAS QUE ACONTECERAM EM A CIDADE DE ANGRA, ILHA TERCEIRA, DEPOIS QUE SE PERDEU EL-REI D. SEBASTIÃO EM AFRICA.

Continuação.

LXXI

De como Manuel da Silva ordenou de dar tratos dos sobredittos a Alvaro Pereira.

Neste tempo estavam presos leigos e clerigos, por serem contra o serviço do Snr. D. Antonio. Por não caberem na cadea estavam alguns no aljube; e nelle estava preso um Alvaro Pereira, homem velho, já todo branco, muito avisado, de nobre geração, e rico. Era nesta ilha mamposteiro-mor dos Cativos, e nas ilhas de baixo; e lealdador-mór dos pasteis. Parece tinha delle culpas Manuel da Silva, por fallar contra o serviço do Snr. D. Antonio publica e secretamente; e dessimulava com elle, porque lhe queria tirar primeiro o dinheiro que tinha da remissão dos Cativos, segundo parecia. Tanto que o achou no rol de Melchior Affonso, o prendeu com os mais, e não o quiz dar sobre fiel carcereiro. Ordenou de lhe dar tormentos, e foi em um dia que deu a quatro ou cinco homens de fora desta ilha, ou eram das ilhas de baixo. Mandou vir ao ditto Alvaro Pereira da prisão por um alcaide e escrivão, e elle tinha no mosteiro da Esperança duas irmans freiras, e uma dellas era Abbadessa. Emparelhando o alcaide e escrivão defronte da portaria, abriam ellas as portas, e de dentro pediram todas ao alcaide lhe deixasse alli chegar seu irmão, para se apartarem delle. Chegou o alcaide e escrivão, e seus homens, e as freiras todas postas da banda de fora, com as portas abertas, em pranto com o irmão, e elle com ellas, e o alcaide e escrivão mettido entre as freiras, sem ellas se lhes dar disso, com o pranto do irmão; e as mais freiras algumas eram parentas, e tudo era choro; e Manuel da Silva estava a esperar. Acordou-se o alcaide do perigo em que se poz, que bem o poderam as freiras metter para dentro, e fecharem as portas, porque elle era homem velho, e não havia que estranhar. Poz-se o alcaide em pé na porta, por donde todas tinham saido, e lhes pediu lhe dessem licença para levarem o preso, que não fossem causa de alguns trabalhos seus, porque estava o Conde ja esperando por elle. De má vontade o deixaram ir, e elle o mesmo; e o escrivão dice á madre abbadessa, que em quanto elle se confessava mandassem cartas ao Conde Manuel da Silva do que lhes parecesse, e que podiam pedir licença aos padres de S. Francisco para irem por cima dos seus muros, que estavam ao longo do pomar dos paços; o que ellas logo fizeram uma carta, porque se lhe davam tormentos nelles houvera o velho de morrer. E quando Manuel da Silva dava os tratos dentro, não se abriam as portas a pessoa alguma. A abbadessa e discretas fizeram uma carta, porque tinham ellas fama de grandes servidoras do Snr. D. Antonio, e com esses serviços pediam ao Conde dilação no caso. Chegou o ditto Alvaro Pereira; perguntou Manuel da Silva como tardaram tanto: deu-se-lhe a escusa; calou-se; começou a fallar com o ditto Alvaro Pereira; perguntou-lhe a quem se queria confessar; dice que ao Licenceado Melchior Gonçalves de Antona, o qual era um dos deputados da Meza da Consciencia. Mandou-o chamar. Nestas detenças as madres não acharam quem trouxesse a carta, porque nenhuma pessoa a queria levar. Tinham uma mulata por nome Ignez Ro-

drignes: esta atrepou os muros com duas cadeiras, e ajudas dos frades; e estando-se confessando o ditto Alvaro Pereira chegou a mulata e lhe metteu a carta na mão. Perguntou-lhe: *Por donde entraste?* — *Pela porta.* — *Quem te deixou entrar?* — *Ninguem.* — *Não te viram guardas?* E chamou o porteiro. Dice então o Licenceado Melchior Gonçalves de Antona: *Esta moça é das madres da Esperança, muito servidoras d'el-rei D. Antonio, pelo qual fazem muitas orações de continuo. Lea Vossa Excellencia a carta, e sabera o que é, e a que vem; e tempo tem para fazer essoutro exame.* Ficou elle quieto, e se assentou, e leu a carta. Depois de lida teve vontade de fazer o que nella se pedia. Poz-se com a mulata a zombar, dizendo, que pelo atrevimento que tivera de entrar lá, que lhe mettessem os pés no tronco, e lhe pozessem umas servilhas novas. A mulata nem zombando o quiz ouvir; mas respondeu: *Snr. se eu mereço pena aqui estou; antes eu a tenha que o porteiro, que não tem culpa, pois eu não entrei pela porta: fui ao pomar dos frades de S. Francisco sem elles saberem nada, e por meus modos me aventurei a subir e descer os muros; e Deus nosso Senhor me ajudou sabendo ao que vinha.* Ficaram todos espantados de tal affoiteza; e dice-lhe: *Ide; dizei ás Snr.as madres, que o que me pedem lhes concedo; que muito mais farei por amor dellas.* Foi-se a mulata depressa a dar o recado, e lhe deram bôas alviçaras, e o ditto Alvaro Pereira tornou para a prisão, onde esteve té a entrada da ilha.

Continua.

A mulher pode commetter a primeira falta por inexperiencia: se commette segunda, é por maldade; e então está habilitada para commetter mil.

A edade de oiro é um sonho: o mundo moral é, com pouca differença, o que sempre foi: o palco das ambições, o theatro de todas as paixões.

AVISO AOS SRS. ASSIGNANTES DO IMPERIO BRASILEIRO.

O editor e proprietario do Panorama começou em Janeiro de 1856 a publicação da Illustração Luso-Brasileira, que, apesar de estar longe do que devia ser, o que não admira, se se attender a que foi uma tentativa, era incontestavelmente o primeiro jornal litterario do paiz.

O anno de 1856 foi, infelizmente, bastante calamitoso; porém tal circunstancia não fez descoroçoar o editor, que, encetando em Janeiro essa publicação, teve o gosto de concluir o volume em Dezembro do mesmo anno, tendo lutado com ingentes obstaculos.

No corrente anno quiz publicar o segundo volume, consideravelmente melhorado, o que lhe não foi possivel por falta de assignantes.

Tencionando continuar para o anno futuro essa publicação, o editor confia que será ajudado pelos seus concidadãos amantes das letras patrias. Ninguem ignora que uma grande parte dos assignantes, tanto de Portugal como do imperio do Brasil, teem sido fraudados com algumas publicações portuguezas, suspensas em meio, ficando assim sem o dinheiro que n'ellas empregaram, e sem as obras, porque um livro por concluir é inutil.

Para que não haja receio de similhante dolo, o proprietario da Illustração continuará esse semanario para o futuro anno de 1858, offerecendo a seguinte garantia, que attesta a sua lealdade, boa fé, e zelo pela nossa litteratura.

Qualquer pessoa que angariar no Brasil assignaturas para a mesma Illustração, deverá requisitar o numero de exemplares que precisa, para lhe serem remettidos regularmente á proporção que se forem publicando. As importancias das assignaturas deverão ser pagas no fim do anno; de maneira que, se o volume ficar incompleto, nada terão a pagar os correspondentes pelos exemplares que tiverem recebido, qualquer que seja o seu numero e valor.

Eis o que ainda ninguem fez!

O editor mostra assim que não a ambição, mas só o desejo de ser util ao seu paiz, o determina a continuar uma publicação, que demanda exorbitantes despezas.

É justo porém, que quem assim dá seguranças, as tenha tambem por parte dos outros.

O editor portanto pede aos senhores que se encarregarem de solicitar assignaturas, que quando fizerem a requisição dos exemplares, indiquem logo pessoa de credito, n'esta cidade, que deva pagar, immediatamente depois da publicação do ultimo numero do anno, a importancia de todas as assignaturas que forem enviadas durante o mesmo anno. Sem esta clausula, não se farão as remessas.

Os srs. correspondentes devem participar, até o fim de Setembro do corrente anno, qual o numero de exemplares que pretendem; afim de se poderem fazer as encommendas dos materiaes necessarios para um jornal de tal ordem, se o numero de exemplares pedido bastar para as despezas da sua publicação.

O preço da assignatura, pago no fim do anno, é 1$000 réis fortes, livres de toda a despeza. Se porém algum sr. correspondente, confiando no proprietario, quizer pagar adiantado, tem o abatimento de 15 por cento.

Os srs. correspondentes terão a bondade de indicar o modo como desejam receber os exemplares.

BUCHAREST.

Esta cidade, capital da Valachia, está edificada n'uma grande planicie, correndo-lhe pelo centro o rio Dimbowitza. Dista setenta leguas do mar Negro, e dezoito do Danubio. Segundo os recenseamentos modernos, Bucharest contém cem mil habitantes, posto que pelo espaço que occupa podesse ter o dobro.

As casas, quasi todas de um só andar, e de informe construcção, são fabricadas de tijolo cal e madeira; sendo feitas assim de proposito por causa dos tremores de terra, que são ahi mui frequentes.

As ruas, tortuosas, são pouco acciadas, e, como em quasi todas as terras do Oriente, mal policiadas.

MISSÕES DA INDIA.

As missões da Asia tinham chegado ao seu maior esplendor quando se extinguiu a Companhia de Jesus. Como estes padres tambem foram despedidos das conquistas, ordenou-se no tempo do marquez de Pombal aos superiores das outras ordens religiosas, que arranjassem missionarios que occupassem o logar dos jesuitas. Effectivamente os mandaram, mas d'aquelles que melhor podiam dispensar; gente nova de quem a edade, as luzes, e a experiencia eram pouco convenientes a funcções tão penosas. Já por estas epocas grassava a relaxação n'aquellas ordens, que de dia para dia se foi augmentando com as isenções dos regulares, e mandarem-se geralmente para o Oriente por castigo os religiosos menos revestidos de virtudes apostolicas, e darem-se-lhes de propriedade muitas missões, para as administrarem quasi independentemente dos bispos. De todas estas causas, mais aggravadas ainda com a extincção das ordens religiosas em 1833, nasceram as questões que trazemos pendentes sobre o padroado da corôa portugueza no Oriente.

Para conhecermos quanto foi impolitica a extincção dos missionarios jesuitas em as missões da India, aqui apresentamos um documento, que não anda muito vulgar. Por elle se avaliará o estado das nossas ordens regulares em o Oriente no começo d'este seculo. É testemunho insuspeito, porque parte de D. Fr. Manuel de S. Gualdino, que em 1804 foi transferido da egreja de Macau para a coadjutoria e futura successão do arcebispo de Goa, D. Fr. Manuel de Santa Catharina. Assim se expressava este prelado n'uma representação que dirigiu ao principe regente em Janeiro de 1805:

«Senhor. Como V. A. houve por bem encarregar-me o governo da principal egreja da Asia, a quem presentemente esta incumbido cuidar de todas as outras, que não teem bispos, acho ser da minha obrigação expor a V. A. o estado geral em que se acham, e em particular a de Macau, que ainda estou governando, e da qual me persuado ter todo o conhecimento, pedindo a V. A. providencias para todas ellas.

«Quando os portuguezes, senhor, conquistaram a India, cuidaram logo em fazer muitos conventos de religiosos, para que estes fizessem tambem conquistas para a religião: isto não podia deixar de ser muito util mesmo para o estado, pois só a religião christã é capaz de fazer doceis os povos, e subjeital-os de coração aos seus soberanos, e assim aconteceu com effeito em quanto vieram religiosos escolhidos, homens já determinados ao combate das paixões; porém logo que os provinciaes do reino entraram a não mandar senão aquelles que lá não podiam soffrer, ou mandaram umas recrutas de rapazes sem talentos, sem estudos, e o peior é, sem costumes, e dos que elles não queriam para ficarem nos conventos da Europa, depois que vieram para a India frades, que a virem deveriam vir soldados, as religiões decairam, relaxaram-se, e ficaram de bem pouca utilidade. As missões encarregadas a sugeitos tão pouco habeis desfalleceram, decairam, e á proporção decaiu tambem o amor dos povos ao nome christão, e ao nome portuguez, no que o estado tem soffrido uma perda, que não é facil de calcular.

«No principio foi preciso encarregar as missões aos religiosos, assim pela probidade d'estes, como porque o clero indiano (se o havia) é pouco apto para grandes coisas: cada religião teve districto assignado de missionar para evitar as intrigas, que nasciam da mistura de religiosos de diversos institutos nas mesmas terras; e pelo tempo adiante cada religião chamou seu ao districto, em que mais frequentemente missionava. Os bispos, contentes dos progressos, que então faziam, e temendo entrar em contestações, calaram-se e não disputaram os titulos, com que se chamavam donos d'aquellas missões; ficou pois sendo isto para as religiões uma prerogativa, e um direito de posse, que teem procurado sempre conservar bem contra a vontade dos ultimos bispos, que se acham sem forças de combatel-os, porque os bispos são sós, e as religiões em similhantes artigos fazem causa commum. Era preciso para conservarem-se n'esta posse, e prover cada uma o seu districto, terem gente; e como da Europa nem mesmo da incapaz lhes vinha, entraram a mandar buscal-a a bordo das naus do reino, e acceitarem não só alguns rapazes que vinham servindo nos navios, mas até dos soldados da guarnição, e alguns mesmo dos que vinham degradados. Não obstante a desordem d'esta escolha, as religiões não teem a gente sufficiente, e as missões que devem prover, estão com tão pouca e tão má pela maior parte, que não exagero em dizer que estão desertas.

«Os provinciaes de Goa á imitação dos da Europa, tambem não mandam para as missões, especialmente as mais distantes, e em paizes menos sadios, senão aquelles de que querem desfazer-se. Timor, por exemplo, que é o degredo dos degradados de Goa, o veiu a ser tambem dos religiosos de S. Domingos com a differença, que estes degradados vão a missionar, e parochiar.

Que parochos, e que missionarios! O menor mal que lá fazem é negociar. Eu sou testemunha de um padre, que no mesmo barco em que foi, mandou logo varias commissões de sandalo por sua conta.

«O arcebispo além de não ter clerigos que bastem a prover estas missões, os mesmos que tem, não pode mandal-os por serem as missões denominadas dos religiosos; e se se atrevesse a designar os sujeitos mais capazes de entre estes, e de propria autoridade os quizesse enviar, além de não ser obedecido, havia logo recursos por um abuso de poder, logo gritavam que eram isentos, que lhes quebravam os privilegios, etc., e estas isenções e privilegios que os summos pontifices lhes não concederam, senão para o melhor serviço da Egreja, veiu a ser presentemente, em especial na Asia, o meio de não serem as missões servidas, e de perder-se aquillo mesmo, que custou tanto a ganhar para a Egreja.

«Eu faço gloria, senhor, de ser religioso, preso-me muito do meu habito, e da corporação a que tenho a honra de pertencer, mas é por isso mesmo que me atrevo a dizer a V. A. que na Asia não deve haver religiosos isentos, ao menos d'estes pontos, e que para o bom regimen d'estas egrejas é preciso que V. A. determine que os bispos mandem para qualquer missão, pertença a quem pertencer, os individuos que lhe pareçam ou sejam seculares, ou regulares sem que os provinciaes possam oppor-se, salvo no caso que fosse immediatamente prejudicial ao governo economico dos conventos.

«Tão longe estou eu, senhor, de ser contra as religiões, que peço pelo amor de Deus a V. A. mande bispos para estes bispados extrahidos das mesmas corporações, que presumem pertencer-lhes, isto é, de S. Domingos para o bispado de Malaca, de S. Agostinho para o bispado de Meliapor, e arcebispado de Cangranor. Para Cochim, que agora não pertence a corporação particular, pode vir d'onde V. A. quizer, com obrigação porém de que os provinciaes destinem a cada bispo, pelo menos quatro religiosos sacerdotes da mesma corporação para acompanhal-os, aliás veem os pobres sem acharem ninguem que os ajude. A V. A. não querer mandar bispos, queira ao menos mandar religiosos, homens já feitos e capazes. Eu sei que os provinciaes teem razão de não quererem mandar d'estes, porque lá mesmo são muito uteis; porém, senhor, ainda que o sacerdote bom é utilissimo em toda a parte, e sempre faz falta d'onde se tira, os provinciaes devem attender á maior necessidade da Egreja e do estado, e mandarem para a India ao menos homens serios.

«Em uma palavra, senhor, o que eu lembro a V. A., e encarecidamente rogo, é que determine que venham padres, e de probidade, aliás perdem-se de todo estas missões, e consecutivamente estas colonias.»

Quando isto succedia então, que não será hoje, em que desamparámos inteiramente as missões? Tem sido tão afflictivo a este respeito o estado da Egreja do Oriente, que n'estas longas negociações que estão pendentes com a côrte de Roma sobre o padroado, se tratou de incluir na concordata, como remedio a tamanho mal, o restabelecimento da Companhia para aquellas missões.

*

O ULTIMO ABBADE DE WHALLEY.

I

Continuação.

Já era noite fechada, e o couteiro não tinha voltado: o abbade estava impaciente e inquieto, quando foi provocada a sua attenção pelo grito de um dos sentinellas, e viu um clarão ao longe n'uma das montanhas.

— É o signal! O signal! exclamou alegre Paslew, um archote, um archote, depressa! É o signal de Blackstone Edge, agora outro se acende na grimpa de Clidiger, outro sobre Ightenhill, outro no monte de Boulsnonlh, e agora segue-se o nosso. Possam elles allumiar a destruição dos inimigos da nossa santa Egreja!

Dizendo isto chegou o archote á lenha, que já estava preparada. Os monges fizeram outro tanto, e uma viva chamma ergueu-se illuminando tudo em torno. Em breve viam-se fogos similhantes por toda a parte: parecia obra de encanto tão repentina apparição. A cada novo fogo mais se animava o abbade e os seus companheiros, e tão extraordinario era o espectaculo, que dir-se-ha, que celebravam alguma festa as fadas n'aquella noite.

O abbade montando então a cavallo, disse para os monges:

— Segui-me, meus irmãos, como puderdes. Eu irei a toda a pressa para o convento dar ordem para marcharem duzentos archeiros para Huddustield e Wakefield. Os abbades de Jervaux e Salley estarão comnosco antes da meia noite, e ao romper do dia partimos todos para nos unirmos com o exercito. E o ceo esteja comnosco.

— Parae! disse uma voz imperiosa. Parae!

Com grande surpresa o abbade ao voltar-se viu Nicholau Demdike adiante de si. O seu aspecto não tinha nada de agradavel; e visto á luz da fogueira o seu ar selvagem, os seus olhos scintillantes, a sua grande altura, e trajo phantastico, davam-lhe um aspecto sobrenatural.

— Venho-vos avisar, sr. abbade, disse elle; ouvi-me antes de partir para que não vos aconteça mal.

— Mal me acontecera se te ouvir, respondeu o abbade. Que fizestes a Cuthbert Ashted?

— Não o tornei a ver desde que elle me lançou a setta por vossa ordem, sr. abbade, respondeu Demdike.

— Toma conta, se lhe tiver acontecido alguma desgraça tu o pagarás, disse Paslew; mas

não tenho agora tempo para perder comtigo. Adeus, meus irmãos. Hade-se celebrar missa ámanhã na egreja do convento antes de partirmos, e ahi os espero ver.

— Não haveis de partir ámanhã, sr. abbade, disse Demdike, cravando o seu varapau no chão tão perto do cavallo que este assustou-se, empinando-se, e por pouco não atirou por terra o cavalleiro.

— Que queres fazer, villão? gritou o abbade furioso.

— Dar-vos um conselho, respondeu Demdike.

— Arreda-te e deixa-me passar, disse o abbade, cravando as esporas no seu cavallo, ou ficarás esmagado!

— Eu poderia deixar-vos caminhar para a vossa perdição, tornou Demdike, deitando a mão ás redeas do cavallo; mas haveis de ouvir-me primeiro. Digo-vos que ámanhã não partireis: digo-vos que antes de amanhecer o mosteiro de Whalley não estará no vosso poder; e se ateimardes em seguir o vosso caminho, seja á custa da vossa vida. Agora quereis dar-me attenção?

— Faço mal talvez em o fazer, respondeu o abbade, falla, que tens a dizer-me?

— Acompanhae-me aonde os mais não nos possam ouvir, e então vol-o direi, disse Demdike, encaminhando o cavallo para alguma distancia. A vossa causa está perdida, disse elle, de todo perdida!

— Perdida! exclamou o abbade impaciente. Perdida! Olha em torno de ti homem. Avistam-se mais de vinte fogos, mais de trinta, e cada fogo que vês chama, pelo menos, cem homens ás armas. E em menos de uma hora estarão quinhentos homens formados na frente do mosteiro.

— É verdade que estarão, respondeu Demdike; mas não reconhecem o conde da Pobreza por seu general.

— E quem o será então? perguntou o abbade.

— O conde de Derby, elle vem agora mesmo marchando de Restow para aqui, com o lord Mounteagle.

— Ah! exclamou Paslew, deixa-me partir. Mas para que te dou eu attenção? Nada poderás saber; d'onde tiveste essa noticia?

— Não vos tique duvida, respondeu o outro, a noticia é verdadeira. Digo-vos, orgulhoso prelado, que esse grande plano para a restauração do catholicismo caiu por terra para se não levantar mais.

— E eu digo-te que mentes, canalha! gritou o abbade, dando-lhe com o chicote na mão; larga a redea, e deixa-me passar.

— Quando acabar o que tenho para vos dizer, replicou Demdike, segurando a redea. Fizestes bem em tomar o titulo de conde da Pobreza, é o que vos fica agora; abbade de Whalley ja o não sois. Hãode vos tirar os vossos bens, e tambem a vida. Se fugirdes, a vossa cabeça hade ser posta a preço. Eu só vos posso salvar, e salvar-vos-hei, mas com uma condição.

— Eu não acceito condições de ti, escravo de Satanaz! disse o abbade, arreda-te ou morres!

— Estaes de todo em meu poder, respondeu Demdike, recuando o cavallo para a borda de um precipicio. A surpresa e o terror sumiram a voz ao abbade. Podia, se assim o quizesse, lançar-vos d'aqui a uma morte certa, mas não é esse o meu desejo: ao contrario quero servir-vos, como já disse, com uma condição.

— A tua condição será a minha maldição eterna, disse o abbade. Tentas assustar-me em vão. *Vade retrò Satanaz.* Eu te arrenego e a todas as tuas obras.

Demdike desatou a rir.

— Os anathemas da Egreja não me assustam, disse elle; mas reparae agora como se apagam as vossas fogueiras: eu bem vos disse que a vossa tentativa estava acabada.

— Pela Senhora de Whalley que é verdade, exclamou o abbade, cujo terror augmentava: que nova feiticeria é esta?

— Não é feiticeria, tornou o outro. Houve outra cheia no Don; os rebeldes acceitaram o perdão do rei, e debandaram abandonando os seus chefes. Os abbades de Jervaux e Salley tentaram capitular, mas em vão. A Peregrinação da Graça está acabada, e os vossos esforços perdidos. Trinta annos tendes governado aqui, mas findou o vosso governo. Dezesete abbades teem havido em Whalley, o ultimo sois vós, e não haverá nunca outro.

— É o demonio em pessoa que me falla, exclamou Paslew, em suores frios.

— Pouco importa quem sou, respondeu o outro. Já vos disse que vos podia salvar; mas só com uma condição, e não é grande. Retirae a vossa sentença de minha mulher, e baptisae minha filha, é quanto vos peço. Nem isso pediria se não fosse por ella. Quereis fazel-o?

— Não, respondeu o abbade. Nunca baptisarei uma filha de Satanaz. Não venderei assim a minha salvação. Deixa-me: tentas-me em vão.

— Perdeis o tempo em querer desembaraçar-vos de mim, tornou o outro. E se eu vos livrar dos vossos inimigos, de modo que vos possaes vingar d'elles? Agora mesmo estão alguns homens armados á vossa espera em baixo d'esta encosta. Quereis que vos ensine como haveis destruil-os?

— Quem são? perguntou o abbade.

— São commandados por João Boaddyl, e Richardo Asskton, que hãode repartir os bens do mosteiro de Whalley entre si, se vós os não impedirdes.

— Que o inferno os possa queimar antes d'isso! exclamou o abbade.

— Essa praga que proferis denota o vosso consentimento, disse Demdike, vinde por aqui.

E sem esperar a resposta do abbade, principiou a encaminhar o cavallo para o outro lado da montanha. Os dois monges tinham presenceado de longe, e cheios de surpresa esta entrevista, sem ousarem interrompel-a; e agora in-

terrogavam o abbade com os olhos, mas elle caminhava silencioso, e aos archeiros que lhe perguntavam se deviam apagar o fogo como se tinha feito aos outros, respondeu enfadado que não.

— Aonde estão os inimigos de que fallaes? perguntou elle com bastante inquietação a Demdike, que levava o seu cavallo com cuidado pela encosta abaixo.

— Vêl-os-has dentro em pouco, respondeu o outro.

— Levas-me para o circulo que traçaste? disse Paslew, para ahi não vou.

— Nem eu o quero, respondeu Demdike. Ficae aqui, que não correis perigo nenhum. Agora mandae a vossa gente que se aproxime, e que prepare as suas armas.

O abbade sem perguntar para que, obedeceu; os frades a cavallo em duas mulas, collocaram-se por traz do abbade, e os archeiros ao seu lado. Apenas estava isto feito, quando magotes de homens armados, com grandes brados, saltaram o muro, e começaram a escalar a montanha com rapidez. Elles subiam por um fundo canal, que parecia ter sido o leito de alguma torrente, agora secco, e que tinha vau no sitio aonde o abbade e Demdike estavam. Ao clarão do fogo viam-se distinctamente os homens que assim subiam, e o seu trajo indicava que eram soldados realistas.

— Não dês um passo se quereis salvar a vida, disse o feiticeiro a Paslew, e reparae bem nas ordens que vou dar.

Continua.

PRINCIPAES HERESIARCHAS, E CONCILIOS QUE OS REPRIMIRAM.

Continuação.

404. Apenas o Arianismo, e as seitas que elle produziu foram fulminadas pelas mais authenticas decisões, nasceu das suas cinzas uma nova heresia não menos funesta — o *Pelagianismo*. Os arianos pretendiam que a filiação divina de Jesus Christo fôra a recompensa dos meritos previstos; os pelagianos pretenderam que a adopção divina dos seus membros era tambem a recompensa dos seus proprios meritos. Os arianos atacaram a propria divindade de Christo; os pelagianos atacaram a sua graça.

Pelagio, monge inglez, e *Celestio*, tambem monge, ambos habeis, insinuantes, e doutos, revestidos de especioso exterior de virtude, foram os principaes autores d'esta seita. Ensinavam que Adão fôra creado mortal; que o seu peccado unicamente a elle prejudicara; que não houve peccado original; que todos que nascem estão no mesmo estado que Adão antes da sua desobediencia, e que tem a vida eterna sem serem baptisados; que o peccado de Adão não é causa da morte do genero humano, nem a resurreição de Christo causa da resurreição de todos os homens; que a lei de Moysés envia ao ceo bem como a do Evangelho; e que mesmo antes da vinda de Christo houve homens impeccaveis, isto é, sem peccados: que o homem pode viver sem peccar: que o livre arbitrio lhe basta para fazer o bem, e evitar o mal; e restrictamente fallando, que o homem pode passar sem a graça. Muitas pessoas doutas se pronunciaram logo contra esta doutrina, tão favoravel ao orgulho, e contraria aos principios do Christianismo; e foi condemnada em repetidos concilios. O bispo de Hippona confundiu-a tão gloriosamente que por esta razão foi cognominado o *doutor da graça*.

422. Os *Semi-Pelagianos*, assim chamados, porque unicamente admittiam parte dos erros de Pelagio, e rejeitavam outra parte, principiaram então a apparecer na Egreja. Confessavam a existencia do peccado original, e a necessidade da graça; mas sustentavam ao mesmo tempo que o homem podia dar os primeiros passos sem esta graça; quer dizer, que sem ella podia, por exemplo, desejar fazer o bem, e merecer, pelas suas proprias forças, a primeira graça necessaria á salvação; que, portanto, o principio da salvação dependia da vontade do homem: opinião erronea, e contraria á doutrina da Egreja, que ensina que ella vem de Deus. Os concilios não a pouparam mais que á de Pelagio.

429. *Nestorio*, patriarcha de Jerusalem, homem eloquente, que ganhara uma grande reputação de doutrina e virtude, ensinou que havia duas pessoas em Christo: o Deus, e o homem. Negou que a Santa Virgem fosse a Mãe do Salvador, como Deus; «porque, dizia elle, acaso um Deus pode ter mãe? A creatura pode dar á luz o Creador? Maria podia fazer nascer o que era mais antigo do que ella? Acaso compartilhou a divindade? Assim era preciso, para dar á luz um Deus; porque uma verdadeira mãe deve ser da mesma natureza do que nasce d'ella. Maria não foi portanto a Mãe de Jesus Christo, senão como homem; ella não concebeu, pela operação do Espirito Santo, senão um corpo ordinario a que o Verbo se dignou unir para n'elle habitar como seu templo, e que se dignou fazel-o instrumento da nossa redempção.» Distinctos bispos se elevaram contra esta heresia; e foi anathematisada no concilio de Epheso.

447. *Eutyches*, abbade de um mosteiro de trezentos monges nos suburbios de Constantinopola, combateu com zelo os dogmas impios de Nestorio, e caiu depois n'uma heresia contraria. Concordava em que a Santa Virgem fôra Mãe de Jesus Christo, como Deus; mas negava que o corpo que ella concebera lhe fosse consubstancial, ainda que se chamasse um corpo humano. Na sua opinião não era um corpo vulgar: era um corpo, por assim dizer, divinisado; de sorte que depois da encarnação, a natureza divina, e a natureza humana não faziam mais do que uma só natureza. Esta doutrina erronea foi

condemnada pelo concilio de Constantinopola, em 448.

622. *Mahomet*, homem de vasto espirito, e genio audacioso, emprehendeu mudar a religião dos povos, e seduziu logo uma nação fanatica e credula, á qual apresentou, por unica prova de sua missão, a espada e a morte. *Mahomet*, genito do sangue dos principes da Meca, mas pobre, depois de ter sido conductor de caravanas da Syria e da Arabia, tomou o modesto titulo de propheta, enviado, e amigo do Altissimo; e por meio de uma ridicula mistura do judaismo e do christianismo, compoz uma doutrina que forçou os seus compatriotas a adoptarem, já pelos prestigios e imposturas, já com a espada em punho. Ensinou que não havia mais do que um Deus unico; que é eterno, e indivisivel; que predestina os homens ao bem, e ao mal; que Jesus Christo era o propheta do Senhor, crucificado unicamente em apparencia; que ainda que Jesus Christo não morreu, hade comtudo morrer e resuscitar; que os demonios hãode ser salvos; que só a circumcisão é necessaria; finalmente, assenta como dogmas da sua religião, que elle é o maior dos prophetas, e o primeiro depois de Deus. Permitte toda a casta de voluptuosidade dos sentidos, a polygamia, o divorcio, e promette aos seus sectarios um paraizo, cuja brutalidade faria corar ainda o mais devasso. Todos estes erros são conteudos n'uma obra cheia de pomposa obscuridade, que elle dizia ter-lhe sido dictada pelo anjo S. Gabriel, e á qual os seus discipulos dão o nome de *al-koran*, que quer dizer: — o livro por excellencia. Deu aos seus proselytos o titulo de *musulmanos*, que significa: — verdadeiros crentes.

Se o Evangelho é verdadeiro, Mahomet foi um impostor, porque estabeleceu uma religião contraria; se o Evangelho é falso, ainda é tambem um impostor, porque se autorisa, e diz enviado para o confirmar.

633. Nova heresia, não menos funesta que as precedentes, apparece no oriente, e os que a professam appellidam-se *monothelitas*, porque reconhecem em Jesus Christo só uma vontade. Eis como apoiam a sua opinião. Ha em Jesus Christo uma só pessoa. Ora n'esta pessoa não pode haver senão um principio que quer, que determina; portanto não pode haver em Jesus Christo senão uma só vontade.

Os catholicos respondiam-lhes que a unidade da vontade não dependia da unidade da pessoa, e sim da unidade da natureza; que não havia em Deus senão uma unica vontade, apesar de n'elle haverem tres pessoas; e que tendo a Egreja decidido que havia em Christo duas naturezas, tambem havia de ter duas vontades.

Apesar d'estas solidas refutações, a opinião dos *monothelitas* fez grandes progressos. O imperador Heraclio favoreceu-a; e Cyro, patriarcha de Alexandria, e Sergio, patriarcha de Constantinopola, fizeram-na approvar nos concilios. Sophronimo, patriarcha de Jerusalem, oppoz-se vivamente a esta doutrina, que apesar da protecção dos imperadores foi fulminada no concilio geral de Constantinopola no anno de 680.

724. *Leão de Isauria*, que foi imperador de Constantinopola, destruiu as santas imagens que estavam nas egrejas. Foi chefe dos *Iconoclastas*, ou quebradores de imagens, hereticos que causaram grandes perturbações na Egreja, e foram condemnados em muitos concilios, sendo os principaes, o de Nicéa em 787, e o de Constantinopola em 814.

Desde esta epoca não houve novas heresias, e principiaram então os scismas e as perseguições tão funestas como a mesma herosia.

Continúa.

RELAÇÃO DAS COISAS QUE ACONTECERAM EM A CIDADE DE ANGRA, ILHA TERCEIRA, DEPOIS QUE SE PERDEU EL-REI D. SEBASTIÃO EM AFRICA.

Continuação.

LXXII.

De como Manuel da Silva deu tratos a outras pessoas, e de que com ellas passou.

No ditto tempo quantos homens de fora vinham a esta cidade Manuel da Silva os não deixava ir, e os fazia todos soldados; e os bombardeiros os mettia todos pelos castellos, e fortes; e os homens de mar para as armadas; os quaes como eram casados os mais delles, tinham pouco proveito de estarem retidos nesta ilha, e a risco de morrerem nas guerras, como muitos morreram. Não pretendiam senão buscar remedio para se verem fora da ilha, e muitos naturaes della desejavam o mesmo. Manuel da Silva tudo era metter medos e fazer-lhes pregações, dizendo-lhes que elle deixára a Condessa, gavando-lhes suas boas partes, e seus filhos muito formosos, por vir servir a el-rei seu Snr. com risco de sua vida, podendo estar muito quieto em sua casa. E isto dizia muitas vezes; e muito mais que se escusa contar-se, de maneira que estando aqui gente de fora, como tenho ditto, fallaram a um Salvador Fernandes, senhor de um barco, se queria levar dez ou doze homens para a ilha de S. Miguel com lhe pagarem muito bem, e um João Lopes foi o corretor. Descobriu um dos marinheiros, dizendo-lhe que não queria ir. Mandou Manuel da Silva ir ao pomar dos paços todos prezos, e juntamente o mestre; e logo poz a tormentos o ditto João Lopes, o qual confessou tudo, porque todos estavam presentes, e tal era o medo dos tratos, que só de os verem dar a outrem confessavam tudo, sem o terem feito, de maneira que logo mandou tirar o ditto João Lopes, e perguntou quem era o mestre do barco. Diceram-lhe quem era, o qual era um velho de perto de 80 annos, e muito desprezivel, e doente dos olhos. Quando o elle vio ficou espantado. Dice: *Para que é dar tratos a este ve-*

lho? Vós entendestes a pena que tinheis no que fizestes? Dice o velho: *Snr., não; nem a mim nunca me pozeram pena, que não levasse gente para a ilha, e sou pobre e ganho minha vida com o meu barco.* Quando Manuel da Silva vio a muita velhice delle, e o pouco entendimento, dice: *Velho, i-vos embora, e daqui por diante não façaes viagem para as ilhas sem primeiro me virdes dizer a gente que levaes; senão hei-vos de mandar enforcar; e i-vos logo.* Dice o velho: *Snr. Conde, já vou solto?* Dice elle: *Si.* Bota o velho a correr, que em dois saltos apanhou o caminho. Depois dizia que não havia tão honrado fidalgo no mundo como Manuel da Silva. E aos mais lhes perdoou, e só o que andou nos segredos da embarcação com o velho, que era João Lopes, ficou com os tratos, que nunca foi bem são dos pés, té que morreu. O velho era Salvador Fernandes.

LXXIII

De como veiu monsieur de Chatres com mil e tresentos soldados francezes para defensão da ilha.

Podiam nesta ilha estar como settecentos francezes e inglezes. Chegaram da França no mez de Maio, ou Junho do anno 1583, outo velas grandes, francezas, e vieram amanhecer defronte do porto desta cidade de Angra. Sabendo que navios eram, diceram que era monsieur de Chatres que vinha por mandado do Snr. D. Antonio com soldados, para ajudar a defender a terra, porque estavam feitas grandes armadas, que sem falta vinham para esta ilha Terceira, por mandado e ordem d'el-rei Filippe. E logo se desembarcaram, e lhes deram casas e alojamentos para capitães, e soldados, e a monsieur de Chatres lhe deram as casas, e aposentos de Fernão Garcia Jaques, aonde esteve Duarte de Castro; e assim estes francezes como os que cá estavam foram repartidos pela ilha, e Villas da Praia, e S. Sebastião; e as naus ancoraram em o porto, porque eram outo naus grandes, e muito bem artilhadas, e as não quizeram deixar tornar para fora, para com a gente e naus ajudarem a defender a ilha, porque eram naus de armadores, e não tinham obrigação mais que de botarem n'esta ilha a gente, e daqui haviam de ir á pescaria, que prouvéra ao Senhor dos altos ceus, que nem naus nem francezes cá vieram, porque elles foram parte para mais desmancho e desordem de tudo, e da ilha se não entregar. Diziam que monsieur de Chatres, era homem de muito respeito, e grande fidalgo, e Senhor de terras; mas elle não foi na occasião da defensão da ilha bom soldado, antes foi um grande cobarde judeu, como mostrou por obras, elle e Manuel da Silva, como adiante se dirá.

LXXIV

De como mandaram desta cidade á ilha de S. Miguel um batel com cinco soldados portuguezes, a tomar falla da ilha.

Como já se tinha por nova certa, que vinha o marquez de Santa-Cruz com grossa armada sobre esta ilha, e era já verão, não sabiam se seria já partida, e para o saber mandaram um batel de pescar com cinco soldados portuguezes, todos mancebos solteiros, que eram, um Francisco Pacheco, João Nunes, Pantaleão Dias, Manuel Gonçalves, Gaspar Gonçalves, todos espingardeiros; com quatro homens remeiros. E foram á ilha de S. Miguel, e chegaram a terra, e cuidaram que era batel da ilha que andava a pescar, não attentaram por isso, ainda que o vissem. E sairam como duas leguas da cidade de Ponta-delgada todos cinco, e andando um homem descuidado, sachando melões, pegaram nelle, e contra sua vontade o trouxeram, e o metteram no batel, porque posto que elle quizesse resistir pouco lhe approveitava; e mettido no batel deram á vela com vento leste, e em meio canal se lhe veiu ao norte, que era o mais contrario de todos. Pozeram-se a remar, e como o caminho era comprido e o vento fresco, quizeram dar á vela para ver se podiam tomar a ilha do Pico. Quando o homem que traziam lhes viu os trabalhos, e imaginações, e sendo de noite, lhes dice, que se elles o queriam tornar á ilha de S. Miguel a botal-o em sua casa, que lhes dava palavra de os não descobrir, e que em sua casa estariam té terem tempo, porque a elle se lhe não dava nada de vir á Terceira, senão a imaginação de sua mulher, filhos, e parentes, de desapparecer sem d'elle saberem parte; e que o batel o vararíam onde elle sabia que estava secreto. Os soldados, e dono do batel, convencidos delle, e confiados em suas bôas palavras, tornaram a arribar; e como o vento era em popa, em breve espaço tomaram a ilha. Sendo ja ás quatro da manhan, confiados se foram todos metter em sua casa, os quaes elle levava vendidos. E estando os soldados e remeiros muito seguros, dão com elles por ordem do Governador, que era um filho de Ambrosio de Aguiar, e os levaram presos á fortaleza da cidade; e o aviso veiu do proprio homem, que os enganou; e presos na fortaleza lhes deram tratos, para que lhe descubrissem o que lhes perguntavam, e ao que iam, e como a elles lhes ia pouco em o dizerem, tudo lhe diceram; mas os tratos foram fracos, porque d'ahi a poucos tempos foram vistos nesta ilha Terceira, sãos e da maneira que della sairam. E nesta cidade os tinham por mortos, por ser batel de pescar pequeno, e o canal ser de trinta legoas, e ventarem nortes, e rijos.

LXXV

De como a horas de meio dia fugiram cinco naus do porto.

As naus que trouxeram monsieur de la Chatres, com os soldados francezes, desejosas de se irem fazer sua pescaria, e tendo pouca vontade de esperarem a occasião da guerra, estando um Domingo por grande calma, no mez de Junho, ou no fim delle, do anno de 1583, recolhida to-

da a gente a horas de jantar, que podiam ser ás onse do dia, ouviram repicar, e tocar o sino do Corpo-Santo. Acudindo gente ás janellas e portas viram ir gente a correr para o mar. Perguntando o que era, diziam que eram as naus, que se acolhiam do porto. O vento era noroeste, que assoprava arresoadamente, e na fortaleza de Santo Antonio não estava mais que um bombardeiro, e estava jantando, bem fora do que era, que bem o amargou. Na de S. Sebastião nem um, porque só de noute iam lá dormir. Acudiram depressa os bombardeiros, e já iam longe cinco, porque ellas eram oito, e as trez estavam ja botando, e tanto que viram o rumor na cidade, e tanger o sino do Corpo-Santo, estiveram quedas, que se largaram o panno, como as cinco, bem lhes fora ainda, que quando chegaram os bombardeiros e gente á fortaleza de Santo Antonio, estava o bombardeiro jantando, e ficou morto. Logo o prenderam, e se pozeram a tirar de uma e outra fortaleza ás cinco velas, mas eram já longe; somente da fortaleza de San Sebastião atiraram uma colubrina duas vezes, e de um dos tiros deram no mastro do meio da capitania, e lho derrubaram em baixo, e com elle derrubado se safou com as mais.

Continua.

A astucia dos litigantes, as tricas dos advogadas, as suggestões da amisade, e do amor, e o attractivo do oiro, são inimigos da probidade do magistrado: com sciencia vence os primeiros; com firmeza os ultimos.

Os principios da moral philosophica são genericos, e absolutos; não se circunscrevem a pessoas, circunstancias, ou tempos; não admittem privilegios; são sempre os mesmos para o homem, para o cidadão, para os monarchas, para as nações.

Ministros do Deus de paz, se não renegaes o exemplo, e doutrina do Redemptor, reconhecei que a religião se firmou, e se deve sustentar pela verdade, e não pela impostura; pela virtude, e não pelo alfange!

AVISO AOS SRS. ASSIGNANTES DE PORTUGAL.

O proprietario do Panorama, tencionando continuar para o futuro anno de 1858 a Illustração Luso-Brazileira, dirige-se aos seus assignantes actuaes, e aos que o foram do mesmo semanario, pedindo-lhe a sua coadjuvação.

É innegavel que uma publicação de tal ordem demanda excessivas despezas; mas é tambem certo que um paiz como o nosso precisa d'um jornal, que diffundindo a instrucção, sirva ao mesmo tempo de recreio. Eis a idéa que levou o editor a dar á estampa a Illustração Luso-Brazileira, e o induz agora a continual-a.

Mas todos os esforços que faça para conseguir o seu fim — a publicação da Illustração — serão baldados, se os seus concidadãos o não ajudarem n'essa tarefa, na verdade ardua, mas gloriosa.

Sabe-se que apesar das calamidades que Portugal soffreu em 1856, o proprietario da Illustração concluiu o volume que pertencia áquelle anno. Os obstaculos que para isso foi preciso vencer não se podem enumerar. Só, sem ajuda nem protecção, porque as assignaturas não chegaram á quarta parte das despezas, lutou, mas teve a satisfação de conseguir o seu mais ardente desejo, que era a conclusão d'aquelle primeiro volume.

Concluido porém, nada devendo aos assignantes, e cansado de lutar, faltaram-lhe as forças, e viu-se obrigado, com bastante magoa, a suspender uma publicação, que se era esteril quanto aos interesses, não o era pelo lado da gloria, alvo constante do editor, que tem enriquecido o catalogo das suas edições com obras nacionaes de merito, que a não ser elle, seriam sepultadas no pó das gavetas, e furtadas assim ao conhecimento dos amigos da nossa litteratura.

Em Janeiro de 1858 recomeçará, pois, a publicação da Illustração Luso-Brazileira, *consideravelmente melhorada*, se as assignaturas obtidas até o fim de Setembro do corrente anno cobrirem as despezas.

O editor não quer lucros: satisfaz-se não perdendo.

Seguiremos o plano annunciado nos nossos prospectos, que são bem conhecidos, com as modificações reclamadas pelas circunstancias.

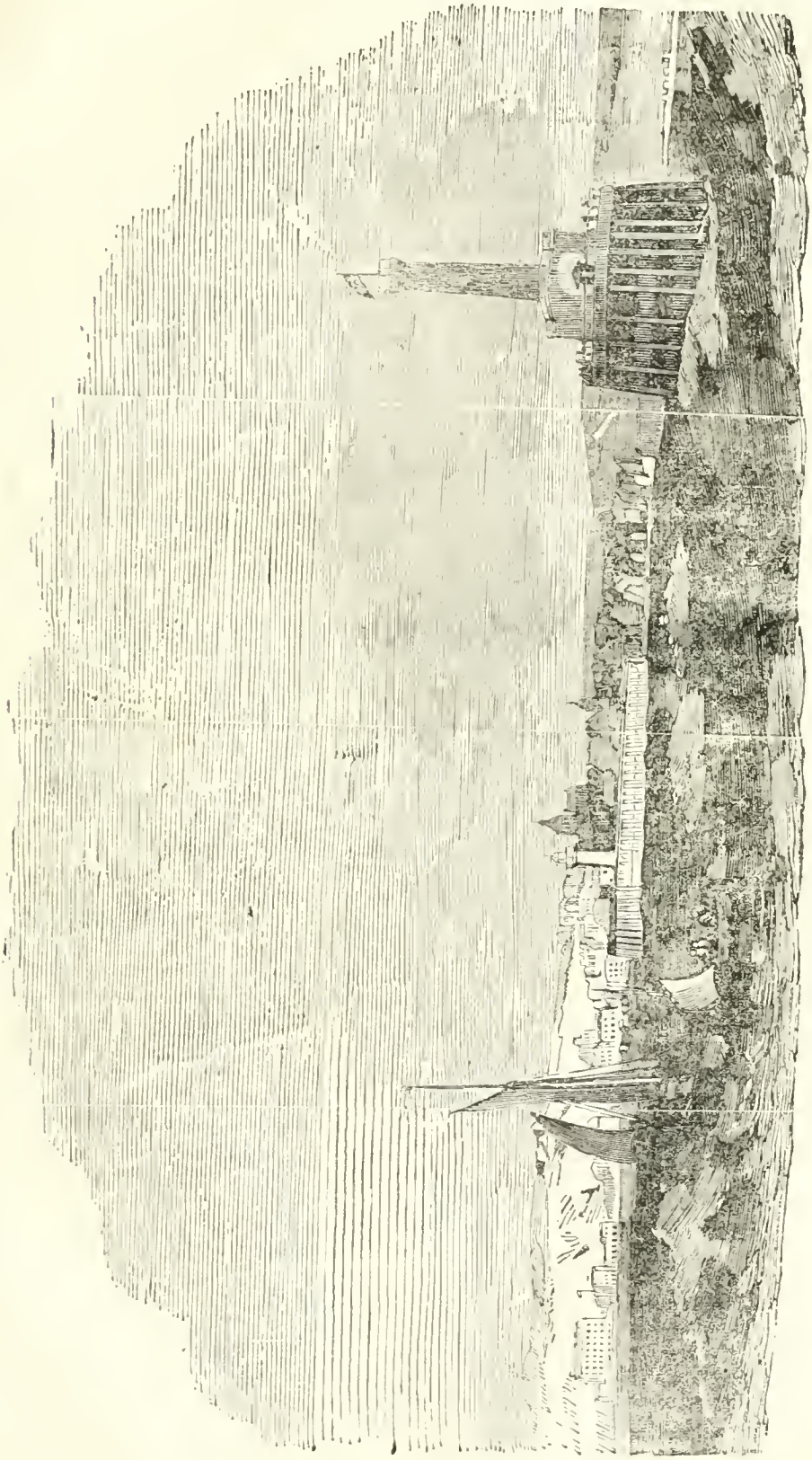
As assignaturas recebem-se desde já na loja do editor, rua do Oiro n.os 227 e 228 (numeração antiga), e no escriptorio da Administração, travessa da Victoria n.° 52 1.° andar.

LISBOA

Por anno	4:000 rs.
Semestre	2:100 »
Á entrega	90 »

PROVINCIAS (*franco de porte*)

Anno	4:300 »
Semestre	2:250 »



BOULOGNE SUR-MER.

N'este porto, que é situado no canal da Mancha, e disputa a Calais a preferencia nas relações da França com Inglaterra, fez o imperador Napoleão I grandes aprestos, com o fim de executar um desembarque em Inglaterra, o que todavia não levou a effeito.

Bolonha mantem relações commerciaes não só com a Inglaterra, mas tambem com diversas nações, para o que se fazem grandes equipamentos de navios.

É muito concorrida pelos que tomam banhos, e posto que a moda tenha feito espalhar por differentes localidades os banhistas, ainda assim a flor da sociedade franceza não desamparou Bolonha.

PESCA NOCTURNA

DESCRIPTA POR UM PESCADOR ESCOCEZ.

Á medida que a noite se aproximava, o ceo tomava uma côr triste e carregada; o mar, agitado pela brisa em começo, projectava o ceo negro, e a sua superficie, desegual e sombria, absorvia os ultimos raios do sol no occaso. Um espaço bonançoso e prateado, pouco mais ou menos de vinte a trinta metros de extensão, agitava-se preguiçosamente no meio das trevas: dir-se-hia que sobre este ponto se lançara uma porção d'oleo. Obedecendo a algum outro motor que não a maré ou o vento, este campo movediço aproximou-se de lado ás nossas boyas um tiro de funda da prôa do barco, alongou-se, e fez a pausa d'um momento depois, tres d'ellas; levantando-se de repente sobre a estreita base com um abalo subito, afundiram-se.

«Uma, duas, tres! gritou um dos pescadores contando no momento em que ellas desappareciam; são dez barris certos.»

Deixamos correr alguns segundos. Desatando então uma corda fixa na prôa, e puxando-a d'esta para a pôpa, começámos a içar as redes. Á proporção que as tres primeiras se aproximavam da superficie, a luz phosphorecente das vagas fazia-as parecer ardendo em chammas d'um verde desmaiado. Aqui e ali, um arenque brilhava atravez das malhas, ou passava nas negras profundidades como um foguete, um momento visivel pela propria luz. A quarta rede, a mais cheia de todas, reluzia por entre a agua que ainda estava a distancia de muitas braças. O verde desmaiado estava ali mesclado de pedaços de neve, que, fluctuando no meio da massa luminosa, parecia, a cada sacudidela dada pelos pescadores, desfigurar-se, dissolver-se, e restabelecer-se de novo, emquanto fóra, nas trevas que nos rodeavam, se acendiam e apagavam um sem numero de raios verdes, que não eram senão os peixes escapos á rede, e retidos junto dos seus companheiros captivos até que o movimento da agua os advertisse do perigo. A rede continha uma quantidade consideravel de arenques. Quando os içámos, sentimol-os quentes ao tacto; porque no meio de grande copia de peixes, a temperatura é sempre mais elevada, circunstancia bem conhecida dos pescadores de arenques. Sacudindo-os das redes, percebemos um pequeno som agudo, egual ao grito do rato, mas muito mais fraco, causado de certo pela evacuação do ar, pois que nenhum peixe possue os orgãos do som. Algumas redes só tinham apanhado uma ou duas duzias de peixe miudo; mas as tres mais felizes rompiam-se com o peso. Esta primeira porção tinha-nos produzido uma duzia de barris, pouco mais ou menos.

. . . . . .

Acordando, proximo á meia noite, encontrámos, como anteriormente, o mar livre; mas o aspecto tinha mudado. A brisa succedera uma calmaria podre; o ceo, perdida a côr sombria, resplandecia d'estrellas; e o mar, unido como um espelho, similhava um segundo ceo, tão brilhante e tão estrellado como o outro, com a só differença de que seus astros parecia terem-se mudado em cometas, porque o ligeiro tremor das aguas dilatava as imagens reflectidas e prestava uma cauda a cada estrella. Não se distinguia a linha do horisonte. Do lado da costa, onde se elevavam as rochas escarpadas, duplicadas em altura na sombra fluctuante desenhada na agua, julgar-se-hia ver uma multidão de nuvens immoveis; mas esta apparencia não prejudicava a illusão. A sombria figura do barco estendia-se ao redor de nós como um fragmento de planeta quebrado, suspenso no espaço a egual distancia da terra e do ceo, e o orbe inteiro se desenrolava diante de nós do oriente ao occidente.

De facto, se as perspectivas sublimes fossem sufficientes para desinvolver as faculdades humanas, o espirito do pescador não permaneceria muito tempo inerte; mas assim como no daguerreotypo, a lamina de metal não retem as imagens senão depois de ter soffrido uma preparação que a torna *sensivel*, assim a intelligencia em que o sentimento do bello não tem sido despertado, não repara nem conserva nada dos sitios os mais maravilhosos.

A calma continuava, e a escuridão tambem. Só uma hora, pouco mais ou menos, depois de nascer o sol, é que a brisa caprichosa correu á superficie d'agua, communicando-lhe, em diversos sitios, uma côr cinzenta. Então formou-se uma mancha, seguida bem depressa de segunda, depois de terceira, e em um espaço de muitas milhas, a superficie prateada se cobria de pardo, como se a brisa, partida d'um ponto central, propagasse ao longe esta côr. Ao cabo d'alguns segundos, tudo tornou a estar tranquillo. N'este instante, de roda d'um novo centro, as manchas pardas restabeleceram-se, alargaram-se, e invadiram o golpho de Murray. Um ruido particular, similhante ao aguaceiro fustigando a terra com as suas multiplicadas gotas, se levantou em torno do nosso barco. A agua parecia feita d'uma multidão de pedaços de prata que scin-

tillavam um momento ao sol, depois cediam o logar a outros pontos vivos e escorregadios, aos quaes outros succediam ainda. Milhares de arenques saltavam, brincando, a algumas polegadas d'altura; depois caiam, e desappareciam para tornarem a apparecer e saltar. Em breve toda a bahia se cobriu d'escuma. Os sons, multiplicados ao infinito, imitavam o ruido do vento nas grandes arvores, e ouviam-se ao longe. Este cesto vivente occupava ao largo centenas de milhas; mas ainda que elles brincassem aos milhares proximo ás nossas boyas, nenhum arenque nadava tão baixo como a borda superior das redes. Um dos pescadores pegou n'uma pedra e atirou-a acima da segunda boya: os peixes dispersaram-se e desappareceram.

«Foram-se, gritou elle, não importa; com tanto que mergulhem bem baixo! Ha quatro annos que eu apanhei na minha rede trinta barris de peixe miudo sem mais trabalho do que atirar-lhe uma pedra.»

O effeito d'esta vez não foi tão prodigioso; mas a terceira e ultima arrecadação que fizemos recompensou largamente as nossas fadigas.

Içando depois a vela por uma fresca brisa d'este, alcançámos a praia com uma carregação de vinte barris pelo menos.

Nem todas as noites dedicadas á pesca são tão tranquillas e prosperas. A borrasca vem ás vezes juntamente com esses immensos bandos de peixe, que ella sacode para a praia, com grave perigo dos barcos que o procuram, que ficam presos nos escolhos visinhos á terra. Sem coberta, cheios d'agua ao mais pequeno desvio da costa, estes frageis barcos, não podendo fazer-se ao largo nem alcançar o mar alto, só lhe resta aproar á enseada ou porto d'onde sairam de manhã. Se não conseguem entrar ahi, pobres d'elles e das tripulações. Os despojos das cavernas, os remos quebrados, e muitas vezes os cadaveres que as vagas lançam á costa, attestam o triste drama do qual nenhum actor sobrevive. Uma cantiga popular no Escocia, intitulada *o arenque fresco*, chama-lhe a *morte dos pescadores*.

E comtudo os filhos e irmãos dos pobres naufragos largarão ámanhã a vela e abrirão com os remos o sulco movediço que se fechou na vespera sobre aquelles que amavam. É que esta pesca, mortal para alguns, é a esperança e a riqueza de todos.

Na Escocia e na ilha de Man, emprega dez mil quatrocentos e oitenta barcos, tripulados por quarenta mil trezentos setenta pescadores e moços; em terra, sessenta e oito mil novecentas trinta e nove pessoas são occupadas em salgar e embarrilar o arenque. Se se accrescentar a esta cifra a das industrias que se prendem com ella, taes como a construcção dos barris, o fabrico das redes, das cordas, etc., teremos a enorme somma de 534324 libras esterlinas, ou 2.404:458$ réis.

O luxo destroe as fortunas, e deprava os costumes.

RETRATO DE CARLOS MAGNO.

FRAGMENTO TRADUZIDO FIELMENTE DA CHRONICA LATINA QUE ESCREVEU O SEU SECRETARIO EGINHARD, NO SECULO VIII.

«Vestia ordinariamente o mesmo trajo que os francos, a saber: camisa, e calçõesinhos de panninho, tunica de seda bordada, e calções; cobria as pernas com tiras, e o pé com um calçado muito apertado. A este vestuario costumava juntar no inverno outro de pelle, e segurava a espada n'um telim de prata ou oiro. Nas principaes festividades, e quando dava audiencia aos embaixadores, cingia uma espada guarnecida de pedras preciosas; porém nunca quiz usar trajos estrangeiros por mais magnificos que fossem: só duas vezes, a rogo dos papas Adriano e Leão, consentiu em vestir a tunica larga, a clamide, e calçado á romana. Nas grandes solemnidades e procissões usava uma tunica tecida de oiro, calçado cravejado de pedraria, e na capa um broche de oiro, e punha na cabeça um diadema onde brilhavam muitos diamantes. Parco no comer, e sobrio na bebida, olhava com horror para quem se embriagava, especialmente se era pessoa do seu sequito. Custava-lhe muito privar-se de alimento, e queixava-se frequentemente dos jejuns lhe deteriorarem a saude. Só dava banquetes nas grandes festas, e n'essas o numero de convidados era consideravel. A sua comida ordinaria era de quatro pratos, alem do assado, do que gostava muito, e que se lhe servia na mesma frigideira onde o assavam. Durante a mesa gostava de ouvir contar as façanhas dos antigos, ou que lhe lessem as obras de Santo Agostinho, a que dava muito apreço, especialmente a *Cidade de Deus*. Raras vezes, quando comia, levava a taça tres vezes á bocca; porém no verão, ainda que só comesse fructas, bebia em seguida; logo se despia, e dormia duas ou tres horas. Durante a noite despertava quatro ou cinco vezes, e em cada uma d'ellas se levantava. Em quanto se vestia recebia os seus favoritos, e quando o mordomo do palacio lhe annunciava algum pleito, de que elle devia tomar conhecimento, chamava logo as partes, ouvia as suas razões, e sentenceava; depois distribuia a cada um os seus afazeres, e aos ministros os negocios de que se deviam encarregar. A eloquencia de Carlos Magno era tão fecunda, que podia expressar todos os seus pensamentos, sem recorrer a lingua materna. Sabia o latim, e fallava-o com tanta facilidade como se fosse o seu idioma nativo. Comprehendia muito bem o grego, porem expressava-se n'elle com difficuldade. Havia-se dedicado com muito afinco ás artes liberaes; e por isso venerava os seus mestres, e honrava-os com beneficios. O diacono Pedro Pisan deu-lhe algumas lições de grammatica, e dos outros estudos foi seu mestre *Albim*, por outro nome *Alcuim*, diacono bretão, homem muito instruido em todas as sciencias. Carlos havia gasto com elle muito

tempo a aprender a rhetorica, a dialectica, e especialmente a astronomia: tambem se applicou á arte do calculo, ao estudo do curso dos astros, e a escrever, tendo sempre á cabeceira da cama, para se adestrar na escripta, taboletas e livrinhos; mas pouco adiantou n'isto, porque se dedicou já tarde, e fóra de tempo.»

O ULTIMO ABBADE DE WHALLEY.

II

Continuação.

Demdike desceu um pouco a encosta, passando pelo centro do circulo que havia traçado. Cravou então o pau no chão n'um dos logares em que pozera os boccados de tojo secco, e com tal força que o enterrou tres palmos pela terra dentro. Quando o arrancou viu-se rebentar um repuxo d'agua negra como tinta. Cravou outra vez o pau no chão, e enterrando-o do mesmo modo appareceu novo repuxo d'agua tão negra como a primeira.

Entretanto os soldados continuavam a avançar, contemplando este espectaculo, mas sem pararem um instante. Outra vez se cravou o pau no chão, e rebentara terceira fonte, negra como as outras. Já estavam bem proximos os soldados realistas, já se distinguiam as feições dos dois commandantes João Boaddyll, e Ricardo Asskton, e ouviam-se as suas vozes distinctamente.

—É elle, é o abbade rebelde! bradava Boaddyll, avançando. Não nos enganaram. Estava tambem de vigia junto ao signal. É o diabo que o entrega ás nossas mãos.

—Andem! andem! bradou Demdike.

—Já não é abbade, redarguiu Asskton; podeis chamar-lhe agora conde da Pobreza; hade ser enforcado no sitio aonde levantou o signal, para escarmento de traidores.

—Hereges! blasphemos! ao menos posso-me vingar, exclamava o abbade cravando as esporas no cavallo.

Mas primeiro que desse um passo, Demdike tinha deitado a mão ás redeas, dizendo-lhe:

—Parae, ou morrereis juntamente com elles.

Ouviu-se então um estrondo similhante ao do trovão, e cedendo todo o espaço de terreno marcado pelo circulo, arrebentou com uma força irresistivel uma torrente negra, que, chegando á altura dos peitos dos soldados que avançavam pelo canal, levou todos e tudo comsigo na sua impetuosa corrente.

Era horroroso aquelle espectaculo. As aguas negras reflectindo as chammas pareciam ondas de sangue. Nem era menos medonho ouvir os gritos das victimas, acompanhados pelo rugido da torrente. Lutavam em vão com a agua, e as pedras que esta arrastava no seu impeto derribavam os que conseguiam tomar pé. Os que tentaram segurar-se ás hervas, sumiam-se para não tornar a apparecer, porque ellas eram um fragil apoio para vencer a força das aguas. Muitos morreram esmagados por grandes pedaços de rochedo que se deslocavam, e acompanhavam a corrente na sua descida, ou que encalhando por algum motivo era mais um perigo que encontravam.

Um homem pudera conservar-se n'uma d'estas pedras. Estendia ás vezes a mão para alguns dos seus companheiros que passavam, gritando junto d'elle. Mas não os podia soccorrer, e a sua propria posição era duvidosamente segura, e não a ousava abandonar, porque saltando para qualquer dos lados tinha inevitavel a morte.

As aguas saltavam espumando a muralha de pedra que se oppozera por um instante á sua força, mas esta cedera logo, e as suas reliquias acompanhavam-nas na sua carreira. Arvores, casas, gados, tudo desapparecen até que depois de encher um pequeno lago, encontraram o açude de um moinho. Aqui paradas, e não achando saida, formavam um redemoinho, aonde boiaram gados, homens, uns mortos outros meio vivos, até que com um estrondo immenso o açude cedeu, e a torrente rugindo e escumando continuou na sua obra de destruição, engrossada pelas aguas do ribeiro de Pendle.

O abbade e os seus companheiros contemplavam esta horrivel devastação com espanto e terror. Pallido, e com o sangue gelado nas veias, Paslew suppunha aquillo tudo obra dos poderes infernaes, e que elle estava de combinação com elles. Tentou proferir uma oração, mas os seus labios se recusaram a proferil-a. Queria mover-se, mas parecia que os seus membros estavam paralyticos.

Demdike soltava uma gargalhada estridente de espaço a espaço, o que ainda mais exacerbava, a elle e aos seus companheiros, a horrivel agonia, que os devorava diante d'aquella scena horrorosa e medonha.

Depois de um certo tempo, em que a agua continuava correndo tão impetuosamente como nunca, Demdike virou-se para o abbade, e disse-lhe:

—A vossa vingança esta completa. Quereis agora baptisar a minha filha?

—Nunca, nunca, homem maldito! exclamou o abbade. Podes sacrifical-a aos teus impios ritos! Mas ali vae um infeliz lutando com a corrente, poderei ainda salval-o?

—É João Boaddyll, o vosso mais acerrimo inimigo; tornou Demdike. Se elle viver possuirá ametade dos bens de Whalley. Mas salvae tambem a Ricardo Asskton, que está agarrado áquella pedra que está alem, e se escapar, ficará com o resto. Apressae-vos, porque em menos de cinco minutos já ahi não estará!

—Salval-os-hei se puder, aconteça o que acontecer depois! respondeu o abbade.

E sem dar attenção ao riso ironico do outro,

que lhe bradava: «Haveis de ser enforcado á porta do mosteiro,» correu pela encosta abaixo até ao sitio aonde se via a cabeça de um homem fora da agua, e que escapara em consequencia da sua elevada estatura.

—Sois vós, João Boaddyll! disse o abbade, chegando defronte d'elle.

—Sim, respondeu este. Perdoae-me o mal que vos queria fazer, e salvae-me agora.

—Venho com esse intento, respondeu o abbade apeando-se, e atirando para longe o manto que trazia sobre os hombros.

Os dois pastores haviam-se tambem aproximado, e o abbade segurando-se á vara de um d'elles, entrou pela agua, deu a mão ao desgraçado que se não podia mover, enterrado como estava dentro do lodo, e ajudado dos pastores conseguiu salval-o de uma morte inevitavel.

—Agora acuda-se ao outro, disse Paslew apenas viu Boaddyll fora da agua.

—Já perdestes metade dos bens da abbadia, bradou uma voz, que parecia estar longe.

O abbade aproximou-se do rochedo a que estava agarrado Ricardo Asskton, e que estremecia aos impetos da corrente.

—Pelo amor de Deus ajudae-me, senhor abbade, dizia elle.

—Não tenhaes medo, Ricardo Asskton, acabo de salvar João Boaddyll, e se Nossa Senhora me ajudar salvar-vos-hei do mesmo modo.

Mas era mais facil o desejo do que a execução. O abbade preparou-se, e segurando-se á mão do pastor, estendeu a vara para Asskton, mas quando este a agarrou, a corrente fel-a voltar com tal impeto que o abbade viu-se obrigado ou a largal-a ou a entrar mais pela agua dentro. Attento á salvação de Asskton adoptou o ultimo expediente e perdeu immediatamente o equilibrio; a vara voltou-se, e o abbade e Asskton foram levados pela corrente.

Desapparecendo juntos, os monges, os pastores, e os couteiros julgaram-n'os perdidos, mas o abbade apesar de ferido pelas pedras, animava com palavras de esperança o seu companheiro. Chegaram afinal ao lago, que as aguas haviam formado na base da montanha, nadando ambos com os sentidos amortecidos e as forças exhaustas, e pelo mero instincto da conservação. Asskton desfallecera de todo, e ia submergir-se, quando o cão negro de Demdike o agarrou pelos vestidos, e o trouxe para terra.

Então Demdike, alçando a voz, exclamou:

—Queres baptisar minha filha, abbade? Se o promettes, o meu cão salvar-te-ha como salvou o teu inimigo.....

Mas não era o seu destino morrer afogado. Quando tornou a si estava deitado n'um dos quartos do mosteiro, com o tecto custosamente doirado e pintado, e com as paredes cobertas de tapeçarias de Flandres, representando varios assumptos religiosos.

—Terei eu estado a sonhar! murmurou elle.

—Não, respondeu um homem alto que estava á sua cabeceira. Fostes salvo da morte para padecerdes supplicio mais affrontoso!

—Ah! exclamou o abbade, erguendo-se, e passando a mão pela testa; tu aqui!

—Sim, estou aqui para vos guardar, disse Demdike; estaes preso n'um quarto no vosso proprio mosteiro. Tudo quanto vos havia dito aconteceu. O conde de Derby é senhor da abbadia, os vossos partidarios foram dispersos, e os vossos monges expulsos. Os abbades de Jervaux e Salley, vossos complices na rebellião, estão presos no castello de Lancaster, aonde ireis tambem, assim que estiverdes livre de perigo.

—Entregarei bens, oiro, tudo ao rei, para que me deixem morrer em paz! balbuciou o abbade.

—Poupar-vos-hão esse incommodo, tornou o outro; convencido de traição, os vossos bens pertencem á corôa, e serão todos vendidos, e comprados, como já disse, por João Boaddyll e Ricardo Asskton, que ficarão senhores de tudo.

—Quem me dera ter morrido na corrente, disse o abbade.

—E bem o podieis desejar, respondeu o seu algoz; mas não devia ser assim. Haveis de ser enforcado como já vos disse á porta do mosteiro, e eu e a minha mulher assistiremos á vossa execução!

—Quem és tu? perguntou o abbade. Não me é desconhecida a tua voz. É parecida com a de alguem que eu conheci outr'ora, e as tuas feições são como as d'elle; mas estás desfigurado, muito desfigurado! Quem és tu?

—Dir-t'o-hei á hora da morte! respondeu o outro com um olhar que pintava o jubilo de uma vingança implacavel, e que ia ser satisfeita.

O abbade, abatido e prostrado, levantou-se da cama, e dirigindo-se a um oratorio, caiu de joelhos, e poz-se a orar perante a imagem da Virgem.

Continua.

PRINCIPAES HERESIARCHAS, E CONCILIOS QUE OS REPRIMIRAM.

Continuação.

1048. *Berenger*, arcediago d'Angers, foi o chefe dos *Sacramentarios*.

Esta palavra adoptou-se para designar os hereticos que negavam a presença real de Christo.

Foi Berenger um dos primeiros que ensinara que o Sacramento da Eucharistia era uma figura do corpo e sangue de Jesus Christo, não havendo porem mudança nas substancias do pão e do vinho.

Contra esta doutrina, que negava a transubstanciação, ergueu logo a Egreja a sua voz.

Tres concilios de Roma a fulminaram, e tam-

bem os de Vercell, Paris, Florença, Ruão, e Poitiers.

Berenger retractou-se finalmente, e morreu no seio da Egreja catholica apostolica romana.

Disse-se acima que elle foi *um dos primeiros*, porque nos fins do seculo IX, *João Erigeno*, appellidado *Scoto*, ou o *Escocez*, ensinou quasi os mesmos erros, sendo n'esse tempo refutado pelos mais eximios e famigerados bispos.

1106. *Pedro de Bruys*, natural do Delfinado, em França, atacou o baptismo, a eucharistia, as egrejas, e a cruz.

Os seus discipulos cognominaram-se *Petrobrussianos*, e depois da morte de Pedro de Bruys se appellidaram *Henricianos*, por terem tido então por chefe um tal Henrique, monge apostata, que propagou muitos dos seus erros, accrescentando-os.

Todos foram condemnados no segundo Concilio de Latrão, em 1139.

Continúa.

RELAÇÃO DAS COISAS QUE ACONTECERAM EM A CIDADE DE ANGRA, ILHA TERCEIRA, DEPOIS QUE SE PERDEU EL-REI D. SEBASTIÃO EM AFRICA.

Continuação.

LXXVI

Do ser desta ilha Terceira, e das villas e logares que tem.

Desta cidade de Angra ja tenho ditto o ser d'ella. Tem para a banda do ponente muitos pomares, e vinhas, e muitas fructas de diversas maneiras. Tem acima, aonde se chama o Porto-Santo, quintas de muito preço, de muitos e mui grandes arvoredos de toda a sorte, uma fresca ribeira de agua que mana de muitas fontes, e nasce dentro em uma quinta de um padre chamado Pedro Botelho de Souza, visinho da Villa da Praia, quinta de grande recreação, e de estima, e preço. Correndo para o levante está uma freguezia, e o orago é do glorioso San Bento. Mais adiante pouco espaço está outra freguezia, do apostolo S. Pedro. Correndo mais adiante, como meia legua, estão muitas quintas, que dão muito vinho, e arvores em algumas dellas de muita fructa. Logo ao diante uma freguezia que se chama o Porto do Juden, e o orago é o glorioso Sant'Antonio de Padua. Mais ao diante, quasi nada longe, está a casa da Salga, onde D. Pedro de Valdez perdeu a gente. Acima está uma villa antiga, que se chama a Villa de S. Sebastião, porque o orago da egreja, que é uma formosa egreja, é San Sebastião; muitas quintas, e vinhas, e pomares, que se chamam as vinhas do Porto de Martin. Abaixo desta villa, e da casa da Salga, estão aquelles tão celebres como afamados picos da Contenda, entre os quaes saiu a gente do marquez de Santa-Cruz, quando se entrou a ilha. Ao diante da Villa de San Sebastião, por cima, está outra freguezia, que se chama Fonte do Bastardo, cujo orago é da gloriosa Santa Barbora. Mais abaixo está outra freguezia, ao longo do mar, e o orago d'ella é Santa Catharina. Mais adiante, pouco espaço, está a Villa da Praia, uma villa notavel, e grande, com suas fortalezas ao longo do mar, e a egreja grande, que é das melhores egrejas que ha nas ilhas; é Santa Cruz: tem outras muitas freguezias, e ermidas; como tem a Villa de San Sebastião nomeada atraz; tem um convento de frades, dois mosteiros de freiras, como na cidade. Ao diante desta villa está outra freguezia, que é o orago de Nossa Senhora da Pena. Mais abaixo outra freguezia; o orago della é de San Miguel, o Anjo. Ao deante está a Villa-nova, com sua casa da Santa Misericordia, como está nas outras villas, e o orago della é uma formosa egreja, que se chama o Espirito Santo. Acima della está outra freguezia, que se chama de Nossa Senhora da Guadelupe; esta freguezia é muito fresca, de muitas quintas de diversos fructos e bons, uma grande ribeira d'agua, onde estão muitos moinhos, e a Senhora da Guadelupe de muitas romagens, e muitos milagres. Ao deante está a freguezia de que é orago Santa Beatriz, logar muito fresco, e de muitos ribeiros. Ao deante está outra freguezia do apostolo S. Pedro: nesta freguezia ha muitas quintas, muitas vinhas, pomares de muitos fructos e bons, e pela ilha ha em outras muitas partes muitas vinhas e pomares que não declaro. Adeante desta freguezia está outra de S. Roque: é muito grande, e de ricos homens, como as mais atraz. Correndo ao deante para a banda do Sul está outra novamente feita, que se chama S. Jorge, e que é como curado. Tambem ha outro curado, acima da Villa da Praia, de S. João Baptista. Ao deante de S. Jorge está uma grande freguezia, e o orago é de Santa Barbara, com vigario, cura, e quatro beneficiados, como ha em S. Roque, e em outras atraz. Mais adiante, vindo ja para a cidade, ha outra freguezia do apostolo S. Bartholomeu. Abaixo mais perto da cidade, está outra do apostolo S. Matheus, ao longo do mar. Na cidade ha quatro freguezias, a Sé que é a maior egreja de todas as das ilhas; e Nossa Senhora da Conceição, outra grande egreja; e S. Pedro e Santa Luzia; e muitos conventos de frades, freiras, e o collegio dos padres da Companhia de Jesus. Haverá nesta ilha, afora as egrejas atraz nomeadas, de ermidas e outras que não nomeio perto de quarenta, que se tem por escusado nomearem-se. A ilha de si é muito alegre, muito fresca, de muitas aguas. Chama-se a Ilha Terceira de Jesu Christo, porque foi achada em domingo de Jesu, e esta a ilha de Santa Maria primeiro, e logo a ilha de San Miguel, e logo esta que é a terceira, porque a ilha de Santa Maria foi achada por Santa Maria d'agosto, e a ilha de S. Miguel dia de S. Miguel o archanjo, e esta dia de Jesu, que foi domingo do anjo, e em tudo foi a terceira, e esse é o seu nome.

LXXVII

De como o marquez chegou á ilha de S. Miguel com armada, e tomou ahi os soldados que estavam, e os mancebos que foram no batel.

Estava esta cidade tão inquieta com os francezes e inglezes, que nella estavam de presidio, que já estavam bem arrependidos de os consentirem na terra, em tanto que dormiam companhias de portuguezes ás portas dos capitães com receios delles se levantarem contra a terra, que tão desatinada gente é. Em dia do Espirito-Santo se costumava nesta cidade, e nas freguezias della, fazer-se bodas do Espirito-Santo: e em dia do Espirito-Santo do anno de 1583 comeram todos os francezes e portuguezes nas bodas, os quaes, ou os mais delles, se embebedaram ou esquentaram, e alguns portuguezes pela mesma traça, e acabado de comerem veio a travar um portuguez com dois francezes por se levantarem sem darem graças ao Senhor Deus, e logo arrancaram, e uns de uma parte, e outros de outra. As espadas nuas eram muitas: não havia quem apartasse: tudo era baralhado: os francezes levantados com caixas tocadas, e a guerra levantada: os portuguezes da mesma maneira. Acudio Manuel da Silva com os mestres-de-campo francezes, e inglezes a apartar. Era fogo que se não podia apagar. As mulheres pelas janellas com pedras aos francezes: durou a bulha por duas horas: a cidade ardia toda com fogo, e armas: houve dose portuguezes mortos, afora os feridos, e francezes como trinta, e alguns quarenta feridos. Elles eram grandes ladrões, assim francezes como inglezes, porque tendo Manuel da Silva guarda delles, vindo um Simão Dias, da Agualva, a vender um cavallo ao ditto Manuel da Silva, pelo qual lhe contou quarenta mil réis, que os inglezes da guarda viram contar; quatro dos quaes foram esperar ao ditto Simão Dias ao caminho, sabendo que ia com o dinheiro, e lhe deram mais de cem estocadas, e o mataram, sendo lavrador rico e honrado, e lhe tomaram o dinheiro, e o deixaram morto: e se tirou devaça, acharam por inquerição os inglezes serem vistos naquella parte. Foram logo prezos, e sem tratos confessaram: levaram-nos todos quatro a enforcar, e haviam ser esquartejados. O principal, que indusio os outros, logo o enforcaram primeiro, e o esquartejaram: os tres, estando já para os pendurarem, por não matarem todos, os tornaram á prizão, e os metteram nas gales, porque havia uma gale feita, e outra que se estava acabando de fazer: nella andava gente que merecia morrer. Os portuguezes não andavam de noite sós pela cidade. Os francezes traziam suas rondas; os inglezes as suas; os portuguezes as suas, Uma noite vinha um Luiz Gonçalves de jogar: era homem esquerdo, alfaiate, e de muito esforço: encontrou com a ronda dos francezes, quizeram saber quem era, elle disse que se fossem embora; não quizeram senão saber quem era; metteram-se com elle ás cutiladas, e elle com elles, e os fazia ir recuando: levavam duas alabardas; buscaram-lhe tempo, e lhe deram por uma ilharga, e o atravessaram, e acabaram o pobre homem sendo perto de meia noite; e pela manhan o acharam morto; era casado, tinha dois filhos. Os francezes iam pelos pomares e vinhas e hortas. Foram dois a uma vinha de um Melchior de Cea, e contra sua vontade queriam entrar nella, e logo levaram das espadas. Fez o dono da vinha tiro a um com uma pedra, e lhe deu nos focinhos, e o virou de costas, e remetteu ao outro: fugio-lhe para a cidade: ao outro dia em amanhecendo foram quinse juntos: o da pedrada morreu: e elle Melchior de Cea se poz em um monte, que fazia em cima um pico alto, tudo de penedia, e não podiam ir acima senão por um so caminho: os francezes não levavam senão espadas; o sobreditto se pôs de cima ás pedradas, e os francezes nao podiam ir senão um deante do outro, e em dando a pedra no primeiro, este caindo levava os outros abaixo, de maneira que durou a briga te passarem algumas pessoas, e os francezes estavam dois mortos, e os outros quasi todos feridos. Os mais portuguezes eram quatro: levavam bastões, foram-se aos francezes, e começaram a dar nelles, e mataram quatro, e os outros botaram a fugir, e os portuguezes atraz delles, e nisto cada vez havia mais portuguezes. Quando os francezes chegaram á cidade vinham sós dois, e bem feridos: os mais lá ficaram. Vivia um homem por nome Sebastião Alves, homem rico, cidadão da cidade, em uma sua quinta, aonde se chama a Terra-Chan, com sua familia, e escravos: á noute foram la passante de vinte francezes: cercaram-lhe as casas, bateram ás portas: estes levavam armas de fogo, arcabuses, como ametade delles; dizendo-lhe que lhe abrissem: veio o ditto Sebastião Alves a uma janella saber o que era; vio muitos homens; perguntou o que queriam. Diceram que lhes abrisse senão que lhe haviam pôr fogo ás casas. Vendo-se o velho, e bem velho, mas bem disposto, nesta agonia, e tinha duas filhas, e sua mulher, e tres escravos, e um filho, não soube como se deliberasse. Sentio as casas cercadas, mas a uma porta estava um com uma alabarda. Não tinha por onde botar uma pessoa a chamar os visinhos senão por alli. Determinou-se um escravo sair: levou uma alabarda antiga de ferro largo, e abrio as portas, e de cima de uma janella deram com um remessão na cabeça ao francez, e o atordoaram, e gritou. O escravo saio, e o passou de banda a banda com a alabarda, e logo se fechou a porta, e acudiram ao grito todos os francezes; e acordou-se o filho de Sebasttão Alves de uma panella de polvora, aviou dois arcabuzes, e muitas armas, e aviou dois cães grandes e bons, os quaes como viram tanta gente com os morrões acesos matavam-se todos, e se desfaziam no ladrar. Subio-se por dentro o ditto seu filho ao telhado e tomou a panella de polvora bem tapada, com os morrões acesos fez como alcanzia, e a botou entre os fran-

cezes, e tal lume e força de fogo deu que os abrazou a todos, e os queimou, de sorte que os viram espojar pelo chão para matarem o lume dos fatos. E nisto sem o senhor o saber sairam os dois escravos por uma porta, um com uma alabarda e outro com uma fouce roçadoura, e começaram a dar pelos francezes. E os cães como viram os negros cobraram coração, e se metteram a atassalhar pelas pernas os francezes. Elles estavam como pasmados porque o lume da polvora foi tão grande que crestou ao que o botou em cima no telhado, e ateou em os portões que estavam ardendo; e feridos todos, e queimados se pozeram em fugida, e os negros a dar e a derrubar, que não sabiam por onde iam. Veio abaixo o filho com um montante, e cortava, como queria, e no alcance foram á sua vontade; e já vinha outro negro com quatro vizinhos, que pouca minguoa faziam, e ainda feriram e mataram: de maneira que se affirmou que sós dois escaparam, e queimados, que foram os primeiros que fugiram. Estes dois, diziam que os mandou enforcar o seu mestre de campo, pelo que depois lhe contaram. Os francezes faziam de continuo moeda falsa, e os tropeavam. Ninguem se tinha por seguro em suas vinhas, quintas, e hortas, fora da cidade. Manuel da Silva, com gente em sua companhia, as mais das noites andava pela cidade vigiando os portões e sentinellas, e uma noite houvera de matar uma sentinella que não dice quem era como mataram alguns portuguezes.

Continua.

Os monarchas constitucionaes seriam sempre justos, se não encontrassem ministros dispostos a subscrever seus caprichos.

O herdeiro do rico arma a casa de luto, e o coração de gala.

AVISO AOS SRS. ASSIGNANTES DO IMPERIO BRASILEIRO.

O editor e proprietario do Panorama começou em Janeiro de 1856 a publicação da Illustração Luso-Brasileira, que, apesar de estar longe do que devia ser, o que não admira, se se attender a que foi uma tentativa, era incontestavelmente o primeiro jornal litterario do paiz.

O anno de 1856 foi, infelizmente, bastante calamitoso; porém tal circunstancia não fez descoroçoar o editor, que, encetando em Janeiro essa publicação, teve o gosto de concluir o volume em Dezembro do mesmo anno, tendo lutado com ingentes obstaculos.

No corrente anno quiz publicar o segundo volume, consideravelmente melhorado, o que lhe não foi possivel por falta de assignantes.

Tencionando continuar para o anno futuro essa publicação, o editor confia que será ajudado pelos seus concidadãos amantes das letras patrias. Ninguem ignora que uma grande parte dos assignantes, tanto de Portugal como do imperio do Brasil, teem sido fraudados com algumas publicações portuguezas, suspensas em meio, ficando assim sem o dinheiro que n'ellas empregaram, e sem as obras, porque um livro por concluir é inutil.

Para que não haja receio de similhante dolo, o proprietario da Illustração continuará esse semanario para o futuro anno de 1858, offerecendo a seguinte garantia, que attesta a sua lealdade, boa fé, e zelo pela nossa litteratura.

Qualquer pessoa que angariar no Brasil assignaturas para a mesma Illustração, deverá requisitar o numero de exemplares que precisa, para lhe serem remettidos regularmente á proporção que se forem publicando. As importancias das assignaturas deverão ser pagas no fim do anno; de maneira que, se o volume ficar incompleto, nada terão a pagar os correspondentes pelos exemplares que tiverem recebido, qualquer que seja o seu numero e valor.

Eis o que ainda ninguem fez!

O editor mostra assim que não a ambição, mas só o desejo de ser util ao seu paiz, o determina a continuar uma publicação, que demanda exorbitantes despezas.

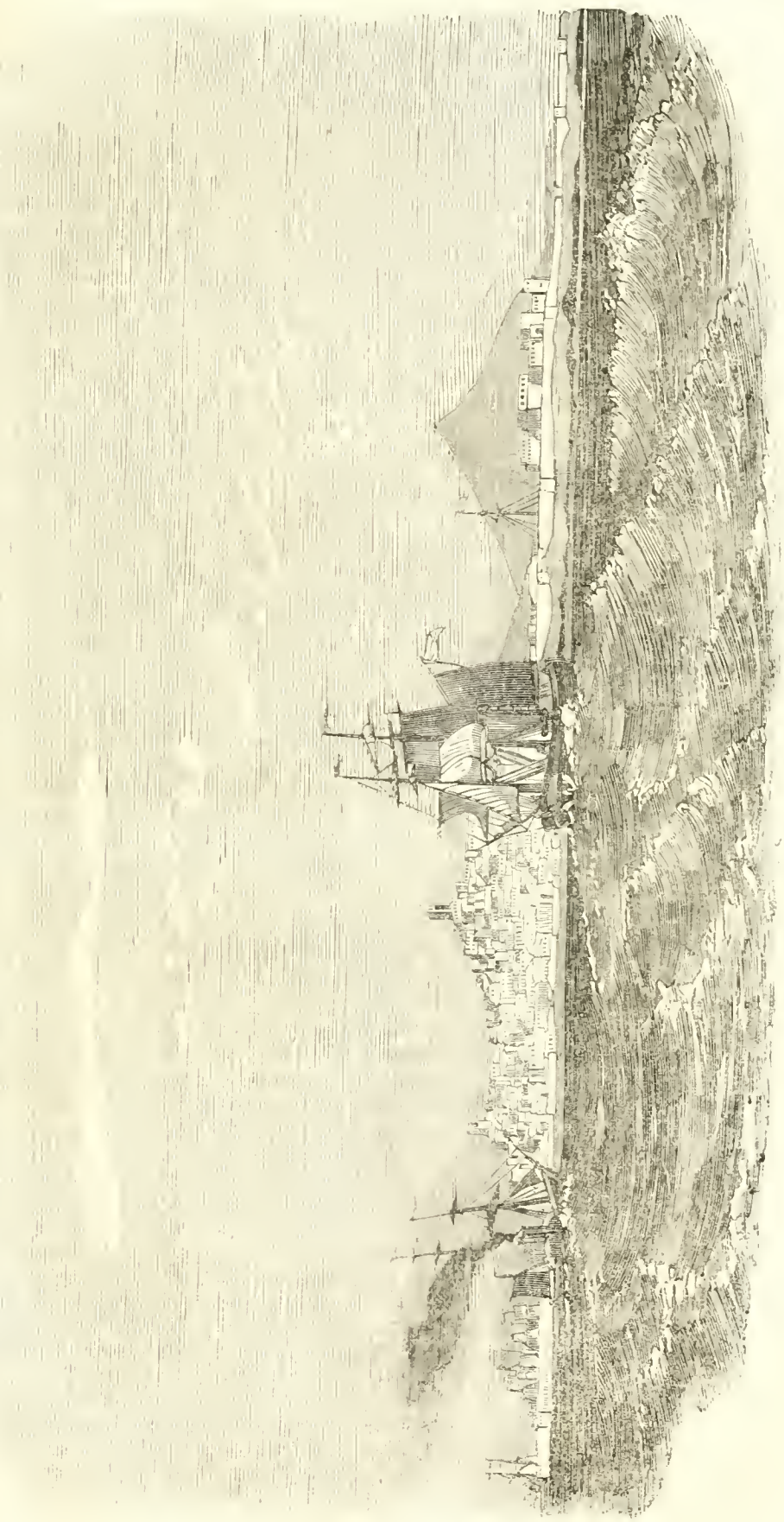
É justo porém, que quem assim dá seguranças, as tenha tambem por parte dos outros.

O editor portanto pede aos senhores que se encarregarem de solicitar assignaturas, que quando fizerem a requisição dos exemplares, indiquem logo pessoa de credito, n'esta cidade, que deva pagar, immediatamente depois da publicação do ultimo numero do anno, a importancia de todas as assignaturas que forem enviadas durante o mesmo anno. Sem esta clausula, não se farão as remessas.

Os srs. correspondentes devem participar, até o fim de Setembro do corrente anno, qual o numero de exemplares que pretendem; afim de se poderem fazer as encommendas dos materiaes necessarios para um jornal de tal ordem, se o numero de exemplares pedido bastar para as despezas da sua publicação.

O preço da assignatura, pago no fim do anno, é 4$000 réis fortes, livres de toda a despeza. Se porém algum sr. correspondente, confiando no proprietario, quizer pagar adiantado, tem o abatimento de 15 por cento.

Os srs. correspondentes terão a bondade de indicar o modo como desejam receber os exemplares.



BUSHIRE, NO GOLPHO PERSICO.

A guerra entre a Grã-Bretanha e a Persia por causa da tomada de Herat acha-se agora terminada negociando-se a paz definitiva. Esta campanha attrahiu no anno passado a attenção da Europa para o golpho ou sino persico, como lhe chamavam os antigos, e que foi um dos theatros da gloria das armas portuguezas no oriente. A expedição dirigida da India britanica contra Bushire, renovou a lembrança d'esta ilha e porto, que é o principal d'aquellas paragens.

A ilha jaz fronteira á costa oriental do golpho, e bem povoada, e tem cinco leguas de comprimento e quasi duas de largura. A cidade de Bushire está na extremidade de uma peninsula arenosa, que o mar banha da parte do poente, tendo cavado ao norte e nordeste uma funda bahia; e assim a povoação occupa o triangulo formado pelo cabo em que tem assento, e que e separado por uma lingua de terra, as vezes inundada. Vista do mar apresenta apparencia agradavel: porem, como a maior parte das cidades persas, essa illusão perde-se logo que se passeia dentro. Dista de Shiraz, com a qual mantem grandes relações commerciaes, obra de cem milhas. O porto e defendido por uma fortaleza, que tambem se vê no nosso desenho. Actualmente, e desde que Bunder-Abbas decaiu do poder, e o grande emporio persa do negocio da India. M.

O ULTIMO ABBADE DE WHALLEY.

III

Continuação.

Como é sombrio e triste agora o aspecto da bella abbadia de Whalley, depois de expulsos os seus possuidores! Durante mais de dois seculos e meio que a riqueza, e formosura d'aquelle santo edificio crescera a olhos vistos. Dezesete abbades tinham ali exercido uma hospitalidade sem limites, e todavia o ultimo era accusado de traição e estava condemnado a morte. Os monges já não passeiam nos seus claustros, e as cellas estão desertas. As matinas e as vesperas já não se ouvem na egreja do convento. Os altares estão privados das suas cruzes de prata, das offerendas dos devotos, e das reliquias sagradas. Calix, mitra, castiçaes, salvas, bacias de prata, jarras, tudo desappareceu: a sachristia esta tambem despida de todos os seus ornamentos.

Quão mudada está a abbadia de Whalley! A sua copiosa bibliotheca não escapou á destruição geral, e obras que custaram annos de trabalho foram lançadas ao fogo, e perdidas para sempre.

Na sua enfermaria já se não recolhem os doentes, e nas suas espaçosas cosinhas já não se faz o comer que alimentava milhares de familias indigentes. Nenhum porteiro convida agora o viandante a entrar. O vinho destinado pelo abbade para os seus hospedes de maior consideração é bebido pelos seus inimigos. A grande galeria esta cheia de homens armados. O oratorio dedicado á Senhora de Whalley, aonde outr'ora rezava todas as manhãs, e todas as noites o abbade, esta em completo abandono. O ecco dos claustros resoa com o tinir de espadas, com cantigas obscenas, e rixas entre os soldados. As praticas de hospitalidade e de religião findaram de todo. Só os monges que dormem no cemiterio o somno eterno é que ficaram: os outros foram expulsos com injurias para procurarem amparo, como e aonde melhor podessem.

O mosteiro de Whalley era um bello e magestoso edificio, e nunca se mostrou com tanta magnificencia exterior como no dia em que se fizeram as mudanças que referimos. O sol resplandecia nas suas antigas muralhas, fazendo realçar as delicadezas da sua architectura, e coando a sua luz atravez dos vidros de côres illuminava os tumulos dos De Lacies fundadores do mosteiro, dos antigos abbades, e dos monges que ali jaziam. Parecia respirar a paz e o socego quando foi convertido em fortaleza; o edificio sagrado aonde por tanto tempo tinham orado tantos prelados illustres devia ser em breve destruido por mãos sacrilegas, e já as suas abobadas repetiam o som da musica marcial.

O conde de Derby receiando alguma nova revolta tomara medidas para a defesa do mosteiro: na cêrca fôra collocada a artilheria, e o convento convertera-se n'uma praça de guerra. A cada uma das suas portas postara uma guarda dobrada. Os claustros e pateos estavam atulhados de tropas e de archeiros. Sobre a entrada principal tremulava o estandarte real. Mas não obstante estes preparativos militares a abbadia parecia tão bella como sempre, cercada de verdes encostas, e banhada pelas limpidas aguas do Caldeu.

Sobre a ponte, na pequena aldêa, viam-se reunidos alguns magotes de povo conversando uns com os outros, mas com o aspecto triste e melancolico, e olhando de continuo para a encosta fronteira, aonde existiam tambem alguns grupos com aspecto de quem aguardava algum acontecimento imminente. Eram, pela maior parte, pastores e operarios, e tambem entre elles se divisavam alguns habitos brancos dos monges cistersienses. Estes ultimos olhavam com saudade para a sua antiga habitação, e não diziam uma palavra quando algum soldado lhes dirigia insultos e ultrajes.

Este ajuntamento de povo teve logar no dia 11 de Março de 1537, tres mezes depois da epoca em que a nossa narração começa. O que esperavam todos, tanto os que estavam no mosteiro como os de fora, era a chegada do abbade Paslew, e dos dois monges Haydocke e Eastgate, que vinham de Lancaster para serem enforcados, na manhã do dia seguinte, a porta do mosteiro em cumprimento da sentença que os condemnara.

N'uma pequena eminencia fronteira a entrada principal do convento estava levantada uma forca de extraordinaria altura, que contrastava completamente com o pittoresco panorama que temos descripto. Este instrumento medonho visto com horror pelos camponezes, foi necessario cercal-o com tropas para impedir a sua demolição.

No meio de um dos grupos estava Cuthbert Ashbead, ex-couteiro do abbade, que tinha sido despedido como os outros criados quando se expulsaram os monges.

— Ola, Ricardo Roaphs, ja foste ver a forca que armaram? perguntou elle a um dos que ali estava.

— Nada, não gosto de ver coisas tristes, respondeu Ricardo Roaphs, e mais, estava tanta gente ao pé da porta, e um d'aquelles malditos soldados deu-me com o coto de uma lança, e disse-me que me havia de enforcar juntamente com o abbade se me tornasse a encontrar ali.

— E bem o mereces, respondeu Cuthbert, por teres medo, e não lhe teres resistido. Estão-me comendo as mãos para dar n'aquelles ladrões hereges. Ai de mim! Ai de mim! quem me diria que havia de ver os santos monges postos fora do seu mosteiro! E affirmam que o rei ordenara que não haveria nem frades, nem padres por toda a Inglaterra. Fico arripiado so em pensar n'isso! E não sabes que os abbades de Jervaux e de Salley foram enforcados terça feira em Lancaster?...

— Valha-nos Deus, disse outro que estava ouvindo. Temos um bello rei. Primeiro corta a cabeça a sua propria mulher, e agora enforca todos os padres. Em que vira isto a dar!

— Em que virá isto a dar? É verdade, disse Ricardo Roaphs, nem podemos abrir a bocca com medo da mordaça.

— Não? Pois eu heide abrir a minha quanto queira, respondeu Cuthbert, e se uma duzia de vocês me quizessem ajudar, soltariamos o abbade antes que chegue aqui.

— Antes quereria deixar isso para amanhã, tornou Ricardo Roaphs.

— Es um covarde como ja te disse, replicou Cuthbert, mas que dizes tu, Henrique? virando-se para aquelle que tinha fallado ha pouco.

— Salve-se o abbade Paslew! respondeu este, eu pelo menos não heide ficar de mãos atadas vendo-o enforcar. Vamos soltar o abbade Paslew, rapazes!

— Vamos! vamos! responderam todos, menos Ricardo Roaphs.

Ouvindo isto um homem alto saiu do grupo, e encaminhou-se para a abbadia.

— Quem é esse que nos deixa? perguntou Henrique Nabs. Ai! ja vejo, e o feiticeiro Nicholau Demdike.

— Elle aqui! disse Cuthbert assustado, e ouviu o que temos dito?

— Assim parece, respondeu Henrique, mas dize-me ca, Cuthbert, não te aconteceu um caso extraordinario com elle n'uma noite na montanha do Pendle?

— Aconteceu-me sim, disse Cuthbert Ashbead, eu t'o conto. Mandou-me o abbade em busca d'elle; depois de descer a montanha saltei o muro de O'Dannel, e encontrei-me com vinte ou trinta homens d'armas que me prenderam os braços, vendaram-me os olhos, e pozeram-me uma mordaça na bocca, em quanto o diabo esfrega um olho. Ja que mais nada podia fazer, comecei a dar com os pés para um e outro lado com quanta força tinha, e sei que acertei bem n'uns poucos, porque os ouvi gritar, o que tambem eu teria feito se podesse quando elles me principiaram a bater com paus pelo corpo, pela cabeça, por toda a parte, ate que perdi os sentidos. Tornei a mim e achei-me deitado no meio de um campo, mas já sem estar amarrado; levantei-me com difficuldade, e quando tinha dado alguns passos vejo uma luz adiante de mim caminhando tambem. Receiando que fosse o Santelmo parei para reconhecer aonde estava; mas a luz parou tambem: percebi então que procedia da velha torre arruinada, e aquillo que me parecia ser uma lanterna eram mais de vinte. Cheguei-me a torre, vi então o que talvez não tornarei a ver, uma roda de bruxas, sim senhor, de bruxas com as suas lanternas e paus de vassoura!

— Deus nos acuda! interrompeu Henrique Nabs. E que mais viste, homem!

— Olha, continuou Ashbead, duas d'ellas tinham entre as mãos uma estatua de barro, que pela mitra conheci que representava o abbade, todas ellas lhe espetavam um alfinete, e um homem alto atou-lhe uma corda ao pescoço, e o dependurou.

— E o homem alto era Nicholau Demdike? perguntou Henrique.

— Adivinhaste, respondeu Ashbead. Eu estava que não podia fallar, tinha o sangue gelado nas veias quando ouvi uma voz que perguntou a Nicholau pela sua mulher e sua filha.

— A creança não está baptisada, dizia a voz, e na proxima reunião deve ser sacrificada. Trazei-a aqui. Nicholau inclinou-se perante alguem que eu não podia ver, e perguntou quando teria logar essa reunião. «Na noite do dia em que se enforcar o abbade Paslew.» Ouvindo isto disse: «Bruxas! diabos! Deus nos salve de vocês todos.» E n'um instante apagaram-se as luzes, sinto uma bulha similhante á de um bando de perdizes que se levanta da seara, caiu-me uma pedra na cabeça, e fiquei outra vez sem sentidos; mas quando tornei a mim encontrei-me na casa do Nicholau, e sua mulher ao pé de mim com a creança nos braços.

Todas as observações e exclamações de espanto da parte dos camponezes ouvindo esta maravilhosa historia foram interrompidas pela chegada de um monge que lhes attrahiu a attenção para uma procissão que se encaminhava para o sitio aonde estavam. Os dois padres que vinham na frente tinham sido os esmoleres do convento

— Coitados! dizia o monge, agora necessitam elles das esmolas que ha pouco distribuiam.

— Ai de mim! dizia Ashbead, e algumas tenho eu recebido d'elles.

— E todos nós, diziam outros.

— Ajoelhemo-nos todos, disse Ashbead, para pedir a benção ao santo prior.

A procissão aproximava-se vagarosamente, os padres caminhavam com as cabeças curvadas e tristes. Chegando ao grupo o prior parou, e estendendo as mãos para o povo, ajoelhado, exclamou:

— O ceo vos abençoe, meus filhos. É um triste espectaculo aquelle que em breve tendes de presencear. Vereis quem vos tem sustentado e vestido, quem vos ensinava o modo de alcançar a salvação eterna trazido aqui preso para soffrer uma morte ignominiosa!

— Mas havemos de o livrar, sr. prior, disse Ashbead, estamos resolvidos a isso. Deixe-o vir!

— E eu vos ordeno que não façaes tal, disse o prior. De nada pode isso servir senão de pôr em risco as vossas vidas. Os nossos inimigos teem muita força. E o abbade se aqui estivesse vos diria outro tanto.

N'este momento uma companhia de archeiros dirigiu-se ao grupo para o dispersar. Alguns assustados fugiram logo, mas outros ficaram, e entre estes Cuthbert Ashbead, a quem o official mandara prender, por ser promotor do premeditado ataque para soltar o abbade. Mas Cuthbert oppoz resistencia a esta ordem, e travou-se uma luta entre elle e Demdike, que dirigia os soldados, na qual foi morto o infeliz Cuthbert.

No entanto chegara o abbade no meio d'uma forte escolta; arrasaram-se-lhe os olhos de lagrimas ao contemplar o interesse e amisade que o povo tinha por elle; os camponezes prostraram-se de joelhos para lhe pedir a benção, e de todos os lados se ouviam lamentações e murmurios, que demonstravam a profunda dôr que os pungia. Foi levado á presença do conde de Derby, por quem foi recebido com todas as attenções, e que desejoso de lhe mostrar a sua boa vontade, disse-lhe que em nome do rei lhe concedia qualquer favor que quizesse pedir, sendo compativel com o seu dever, e não ultrapassando os limites da sua jurisdicção. O abbade pediu apenas que lhe fosse licito ouvir uma missa antes de caminhar para o cadafalso. O conde de Derby, depois de lhe exigir que desse a sua palavra de honra, obrigando-se a não se aproveitar de qualquer ensejo para tentar fugir, ordenara que se celebrasse missa á meia noite na egreja do convento, e permittiu que a ella assistissem os monges que estivessem ainda nos arredores do convento.

Continua.

A educação pode guiar, e melhorar a natureza do homem; mas nunca invertel-a.

Quando o capricho e teimoso, não cede á razão.

A BARRA DO DOURO.

Ha muitos annos que a barra do Douro chama a attenção dos nossos governos, mas infelizmente ainda até hoje nada se tem resolvido, e posto em pratica satisfatoriamente, apesar das diligencias empregadas e despendios com engenheiros, tendo até ultimamente vindo ao paiz, estudado a localidade, e proposto planos dois engenheiros hydraulicos estrangeiros, Freebody e Rennie, que receberam não pequenas sommas, e cujos projectos se não aproveitaram.

As causas que tornam perigosa a barra do Douro, são:

Os ventos S. SSO. até ao NO. que mais predominam no inverno, e na primavera. São fortes e perigosos os temporaes d'estes rumos, e d'elles se segue accumular-se muita areia no Cabedello, e serem tamanhas as vagas na barra e entrada do porto, que os navios não se podem aproximar sem perigo.

D'esta acção das vagas e ventos, que arremessam a areia para o porto e barra, e da acção das cheias que combate aquella, provem a pequena e variavel altura na barra. Entre 23 e 12 pes se calcula a maxima profundidade na barra. Nas marés do equinocio anda por 10 pes e 9 pollegadas; e nas marés mortas por 4 a 5 pés. Attendendo-se ás variações que os estudos ali feitos tem encontrado, conhece-se que ainda nas mais favoraveis circunstancias não podem entrar n'aquelle porto navios que demandam mais de 19 a 20 pés de agua.

Outra causa do perigo d'aquella barra está, como dizem os entendidos da materia, na direcção curvilinea da entrada, proveniente da natureza movel da barra, e nas rochas encobertas em varios pontos, que demandam dos pilotos muito cuidado e pericia.

O grande banco de areia, denominado Cabedello, que forma a margem sul da entrada do Douro, augmentado pela grande quantidade de areia que levam os ventos de SSO., reduz algumas vezes no verão a largura na foz, onde ha pouca agua doce, o que augmenta a velocidade na corrente.

Ha opiniões de que para destruir estes perigos se deveria construir um molhe na margem norte até á extremidade da rocha sul de Felgueiras, concorrendo assim esta obra para dirigir a corrente a exercer maior influencia na barra. Outros são de voto, que o porto ficaria assim em peior estado, porque o molhe, repellindo as ondas vindas de NNO. em direcção a barra, augmentaria a sua violencia.

Para se evitar este segundo inconveniente propõe-se a construcção de outro molhe, correspondente áquelle na margem sul. Para isto era porem necessario conter o Cabedello, e as cheias, e regular a entrada do porto para dar livre passagem ás cheias e mares sem augmentar a velocidade d'aquellas. As sommas assim despendidas seriam enormes.

Ha tambem quem proponha destruirem-se até 14 ou 16 pés abaixo da baixamar de aguas vivas, alguns rochedos que ali estão, e o estabelecimento de um molhe em plano inclinado desde os Forcados até á Cantareira. Diz-se que se conseguira assim, demolindo tambem parte do rochedo da Cruz, tornar mais direita a parte tortuosa do canal da entrada, facilitar a navegação, estabelecer melhor a corrente das marés na barra, e auxiliar a acção d'ellas sobre a extremidade norte do Cabedello. Orça-se esta obra em 160:000$000 réis.

Para evitar tambem a arrebentação das amarras, como hoje succede, sendo os navios impellidos para o mar, propõe-se a construcção de uma doca ou abrigo, entre Santa Catharina e S. João da Foz, ou defronte do Porto, ou mesmo entre o Cabedello e o molhe que hoje existe.

A grande idéa, porem, que parece mais seguida, e que talvez dentro em pouco se comece a pôr em execução, é o estabelecer um porto de abrigo em Lívões, defronte de Mattosinhos e Leça. O logar indicado é um recife de granito que entra pelo mar, e varia na profundidade de 17 pés na extremidade sul do recife a 30 pés na extremidade norte, e assim vae diminuindo regularmente até a praia, que é plana, de areia, e fica situada ao sul da foz do Leça. O ancoradoiro em geral é bom. Dista duas milhas e tres mil pés da entrada do Douro em S. João da Foz, e cinco milhas e meia noroeste da cidade do Porto. As varias obras projectadas para este porto de refugio calculam-se em 3.000:000$000 réis.

Construido este porto deve necessariamente ligar-se com a cidade, por via de um caminho de ferro, afim das fazendas e passageiros terem rapida conducção, o que seria de minutos. Esta via ferrea pode depois estender-se pela costa até Villa do Conde, Espozende, Vianna, e talvez mesmo até ao rio Minho, e seguindo pelos valles de Guimarães, Braga, Barcellos, Ponte do Lima, Valença, etc., ligar com o Porto as provincias do Minho e Douro.

Mas tudo isto não passa por ora de projectos que já nos tem custado muitos contos de reis. Quando veremos algumas d'estas coisas em execução?

SEMENTEIRA, E SEUS METHODOS.

A propagação das plantas tem chamado em todas as epocas a especial attenção do agricultor, e hoje que a sciencia tem dado passos agigantados n'este ramo, não vae fóra de proposito n'um jornal da natureza do Panorama, lançarmos aqui algumas observações que podem servir de norma ao agronomo.

A multiplicação mais natural e aquella que a propria natureza está ensinando, a que se faz por via de sementeira, porque por ella se obtem grande numero de arvores sadias, e vigorosas. Sendo, como é, muito mais moroso este meio de multiplicação, por algum tempo esteve elle despresado; porém hoje depois que se reconheceu que a paciencia e os cuidados do semeador eram indemnisados pela variedade das especies provenientes de sementes, os homens competentes tem-se applicado ao seu estudo, e pode dizer-se que este modo de propagação é actualmente uma das mais importantes operações da horticultura.

O bom exito das sementeiras depende, na sua maior parte, da epoca e modo porque se fazem.

Em geral podem semear-se logo depois da colheita as sementes amadurecidas em Agosto. Os caroços e as amendoas conservam-se pela stratificação até Março, porém note-se que a sua conveniencia tambem está em se semearem logo depois de colhidas. As sementes seccas, como as siliquas, os casulos, as penachadas, e as aladas semeiam-se tanto no outono como na primavera, e conservam-se por alguns annos sem se damnificarem. As resinosas tambem se semeiam n'estas epocas, mas conservam-se pouco. As bagas e as pulposas semeiam-se em todo o anno, e conservam-se por muitos annos em saccos.

Quanto mais sãs, cheias, e bem formadas estão as sementes, mais se podem conservar. As da nespereira, daphne, rosas, etc., estão seis mezes, anno, e até anno e meio, antes de nascer.

É experiencia feita em Portugal que as plantas lenhosas, as vivaceas, as bis-annuaes, e a maior parte das annuaes se podem semear desde as primeiras chuvas de Setembro até fins de Outubro.

Basta, para conservar as sementes, evital-as do bicho, guardando-as em logar que não seja nem quente, nem humido; e a boa razão ensina que se lhes devem pôr lettreiros indicando a especie, qualidade, e anno da colheita.

Fallámos acima na *stratificação*, e este é o nome que se dá á operação pela qual se preparam as sementes para a germinação.

Esta operação executa-se em Novembro e Dezembro, e é indispensavel nos paizes frios; mas em Portugal pode dispensar-se semeando os viveiros em Outubro.

Procede-se assim á stratificação: — Lança-se areia no fundo de vasos; estende-se por cima d'esta uma camada de semente a cobrir a areia: e depois alternam-se as camadas de uma e outra até encher os vasos, advertindo-se que a ultima camada hade ser de areia. De tempos a tempos regam-se para lhes conservar a frescura, e conservam-se os vasos ao abrigo da geada e dos bichos. Em Fevereiro ou Março, quando a geada já não é de recear, despejam-se os vasos com cuidado, e as sementes que assim estão germinadas, semeiam-se em terreno apropriado e preparado. Quando a raiz mestra fôr comprida, dobra-se-lhe a extremidade para a obrigar a lançar raizes lateraes; o que se faz preciso e é favoravel á represa das arvores.

As sementeiras fazem-se: ou em canteiros

espalhando as sementes em terreno lavrado a miudo e gradado, cobrindo-as levemente com estrume: e este meio é o mais proprio para as sementes miudas que se não cobrem muito: ou em regos, preparando-se o terreno com estrume e lavoira, traçando regos de tres pollegadas de fundo, na distancia de palmo e meio entre si, e lançando n'esses regos as sementes, encostando-as mais ou menos conforme a especie; e este é o methodo mais usado, para se amanharem as plantas com mais facilidade: ou, finalmente, em vasos, guarnecendo os fundos com areia, e lançando-se-lhes a terra conveniente ás sementes que tem de se lhes deitar. Estes vasos põem-se á sombra, regando-os se fôr preciso.

ARREPENDIDA.

Lá caminhando curvada,
Ao peso da sua dôr;
Essa mulher que agitada
Vae aos pés do confessor!...
Nas faces mostra o tormento,
Que sente n'esse momento,
Entrando já sem alento
Na morada do Senhor!...

E mui joven, mas revela
Que os seus dias tristes são!
Que apesar de ser tão bella,
Já soffre seu coração!
E não solta um só gemido,
Que nos diga o que ha soffrido,
Que o mundo teria rido
Da sua dôr e afflicção!...

Qual a causa da tristeza,
Que se vê no rosto seu?
Seria tanta belleza
O que no mundo a perdeu?
Julgaria em seus amores,
Encontrar sómente flores,
Nos protestos seductores,
Que o seu amante esqueceu?...

Ver-se-hia abandonada,
Pelo homem que adorou?
Tendo a alma já cansada
Das penas que suffocou?
Seu pensamento seria,
Que essa dôr que a consumia,
Minorar então veria,
Na confissão que buscou?...

Tão joven! ja o martyrio
Dominando o seu viver!
Já o tormento, o delirio,
Ter seu peito que soffrer!
Já no começo da vida,
Ver para sempre perdida,
A esp'rança mais querida,
Que podia conceber!...

Lá falla!...— eis declarando
A causa da sua dôr!
As forças lhe vão faltando,
Vae-lhe faltando o valor!...
Nas palavras que murmura,
Se conhece a desventura,
Que o seu peito então procura
Revelar ao confessor!...

Mas agora quer erguer-se
Que é muita a sua afflicção!
No rosto podia ver-se,
Quanto soffreria então!...
— Oh! meu padre, eu sou culpada,
Exclamou; estou manchada,
Não devo ser perdoada,
Só mereço a maldição!...

E calou-se... de repente
As mãos ao peito levou!
E grande a dôr que ali sente,
Que a côr do rosto mudou!
Sua sorte esta cumprida,
Pois n'esse extremo da vida,
Caindo desfallecida,
A desgraçada expirou!...

J. A. X. DE MAGALHÃES

PRINCIPAES HERESIARCHAS, E CONCILIOS QUE OS REPRIMIRAM.

Conclusão.

1150. Os *Albigenses*, hereticos que tomaram o appellido da provincia de Albi, onde mais predominaram, appareceram n'esta epoca, ramificaram-se, e não poucas perturbações causaram na Egreja.

Os seus principaes erros consistiam em admittir a metempsycose: rejeitarem o Antigo Testamento; não admittirem os suffragios pelos defuntos, nem o purgatorio, nem o culto dos santos e imagens, nem as ceremonias e autoridade da Egreja, nem a presença real na eucharistia, nem a necessidade do baptismo, nem os sacramentos.

Acreditavam que as almas são demonios precipitados e encerrados nos corpos, em castigo dos seus peccados.

Em pouco tempo conseguiram ter grande numero de adeptos, pela influencia e protecção do conde Raymundo, de Tolosa.

Esta heresia mereceu a honra de uma cruzada dos principes catholicos.

O seu chefe, e a maior parte dos seus sequazes foram mortos as mãos d'aquelles que, não os podendo converter, julgaram mais facil assassinal-os!

A Egreja reprova estes excessos de zelo.

1180 *Pedro Valdo*, que era um negociante de Lião, pretendeu obrigar os christãos a não

possuirem coisa alguma pelo direito de propriedade.

Ensinou que os leigos eram eguaes aos bispos; que se pode prégar sem caracter e missão; abolia o baptismo, o culto dos santos, os sacramentos, as indulgencias, e o purgatorio.

D'aqui se seguiram as heresias que, em França, se appellidaram *Vaudeses*, e *pobres de Lião*, em consequencia da pobreza que affectavam.

1377. *João Wiclef*, sacerdote, doutor em theologia na universidade de Oxford (Inglaterra), atacou a hierarchia ecclesiastica, o poder de Deus, os sacramentos, e quasi todos os objectos da nossa fé.

Foi condemnado no Concilio de Constança, em 1414.

1410. *João Hus*, natural da Bohemia, sustentou os erros de Wiclef, augmentando-os.

Pretendia, por exemplo, que a Egreja unicamente se compunha de predestinados; e que, portanto, o chefe da Egreja, e os outros pastores, não tinham autoridade real; que as leis ecclesiasticas, a excommunhão, e as censuras eram inuteis e vexatorias.

Foi anathematisado no Concilio de Constança, e condemnado as chammas!

Apesar d'isso o numero dos seus discipulos cresceu abundantemente. Cognominaram-se *Hussistas*. Não poucas perturbações, e bem sangrentas, causaram na Bohemia.

Os principaes chefes d'esta seita, depois de João Hus, foram *Jeronymo*, de Praga, *Roquesane*, e *João Ziska*.

D'esta seita nasceram muitos hereticos, que não vale a pena mencionar pela sua pequena importancia. Comtudo foi esta a origem e tronco do lutheranismo e calvinismo.

1517. *Martinho Luthero*, monge da ordem de Santo Agostinho, despeitado, segundo se diz, por não terem encarregado o seu mosteiro de pregar as indulgencias, dogmatisou em Saxonia e na Alemanha; atacou a autoridade da Egreja, e a preeminencia da santa sé; negou o purgatorio, as indulgencias, e a efficacia dos sacramentos. D'estes só admittia dois.

A sua doutrina privava tambem o homem da sua liberdade; supprimia o culto e invocação dos santos, e rejeitava os votos monasticos.

Foi condemnado pelo papa Leão x, pelas universidades, e pelo Concilio de Trento.

1535. *João Calvino* rejeitou a infallibilidade da Egreja, e dos Concilios geraes.

Ensinou que cada um era juiz da fé, e soberano interprete das Escripturas.

Negou a invocação e culto dos santos, o livre arbitrio, e a possibilidade de cumprir com os mandamentos da lei de Deus.

Os unicos sacramentos que reconheceu foram — o baptismo e a eucharistia; mas do primeiro combateu a necessidade, e negou no segundo a presença real de Jesus Christo.

Os seus discipulos appellidaram-se *Calvinistas* ou *Reformados*.

Deu-se-lhes egualmente o nome de *Huguenotes*, que, pela sua derivação do alemão, significa *associados*.

De Luthero e Calvino nasceram tantos heresiarchas, que hoje é impossivel enumeral-os.

Eis os principaes:

Anabaptistas, que dizem ser necessario repetir o baptismo, quando este se conferiu antes da edade da razão.

Zuinglianos ou *Sacramentarios*, que negam aos sacramentos todos os seus effeitos.

Socinianos ou *Anti-trinitarios*, que negavam o mysterio da Trindade, e pregavam que tudo quanto se não entende se deve rejeitar.

Arminios, que toleravam todas as religiões excepto a verdadeira.

1685. *Miguel Molinos*, jesuita de Saragoça, que ensinou ser sufficiente á beatitude o aniquilamento das funcções da alma.

Seguia-se, naturalmente, d'esta proposição, a rejeição da oração, e boas obras.

D'ella nasceram as heresias conhecidas pelos nomes de *Molinosismo* ou *Quietismo*.

1720. *João Toland*, inglez, que pregou o deismo.

Antonio Collins, e Thomaz Wolston, tambem inglezes, seguiram a sua opinião, e deram origem ás seitas, cujas doutrinas foram tão perigosas como aquella.

Thomaz Wolston chegou ao ponto de atacar os milagres de Jesus Christo.

Desde esta epoca se propagou o espirito de incredulidade, que ainda hoje ataca as sociedades modernas.

RELAÇÃO DAS COISAS QUE ACONTECERAM EM A CIDADE DE ANGRA, ILHA TERCEIRA, DEPOIS QUE SE PERDEU EL-REI D SEBASTIÃO EM AFRICA.

Continuação.

LXXVIII

De como chegou a armada do marquez a S. Miguel.

Chegou o marquez de Santa Cruz á ilha de S Miguel com uma grossa armada de galeões de Portugal, e outras naus, dez galés, duas galeotas, muitas caravelas latinas, na entrada do mez de julho do anno de 1583, e ancorou, e tomou todos os soldados que o anno atraz tinha deixado, e achou todos os mancebos soldados, que tinham ido desta ilha no batel a buscarem falla, e novas á ditta ilha de S. Miguel; e o marquez folgou muito de os achar para os mandar com recados a esta ilha Terceira; e esteve esperando conjuncção de tempo na ditta ilha de S. Miguel para vir a esta, porque com vento noroeste não podia vir, que ventou por espaço de dias tanto que chegaram á ilha de S. Miguel; e tanto

que lhe deu tempo se levantaram com toda a armada.

LXXIX

De como foi vista um dia á tarde a armada do marquez de Santa Cruz.

Sendo vista a armada do marquez de Santa Cruz um dia á tarde, a 21 ou 22 dias do mez de julho, do anno de 1583, foi logo sabido nesta cidade, e de noite se pôz a gente em ordem, e a mandaram juntar nesta cidade, para verem a tenção da armada onde determinava botar a gente. Os carros da artilheria grossa foram postos na praça da cidade com todos os bois, e a gente de cavallo toda juneta com o capitão Gaspar de Graen, e os jumentos pequenos de carga com seu capitão, todos junetos, para levarem os mantimentos; e a gente toda juneta, cada um com o cargo que lhe tinham dado; e os cirurgiões junctos. Quando foi ao outro dia pela manhan amanheceu a ditta armada, galés, e galeões, juneto da Costa, e as galés ao longo da pedra. Enviou logo Manuel da Silva gente de cavallo a vigiar a Costa, e pôr gente por ella em ordem, e ficou em S. Bento com muita gente de cavallo. E estando alli vieram dizer que o marquez botava em terra os mancebos que achou em S. Miguel (que foram com o batel para tomarem um homem) com cartas para sua excellencia, e que já vinham por terra. Podia estar Manuel da Silva com os seus homens de cavallo, e chegaram os mancebos com uma carta: o ditto Manuel da Silva a tomou, abrio, e a leu para si só, e acabado de a ler se virou para a gente, aonde estava muita gente nobre, e os da governança da terra, e dice: *Vossas mercês saberão, que aquella armada não traz mais que sette mil soldados:* sendo falso. A alguns se lhes metteu em cabeça, a outros não. E dizendo isto o ditto Manuel da Silva se virou para os mancebos, e dice: *Ide dizer ao marquez, que digo eu, que confio em Deus, que antes de um anno heide pôr minha lança dentro em Madrid.* E tudo nada. Manuel da Silva toda a sua imaginação foi não entregar a ilha, e fugir, pelo que ao diante se dirá.

Continúa.

Os males alheios, que penalisam o homem compassivo, causam prazer ao invejoso.

AVISO AOS SRS. ASSIGNANTES DE PORTUGAL.

O proprietario do Panorama, tencionando continuar para o futuro anno de 1858 a Illustração Luso-Brazileira, dirige-se aos seus assignantes actuaes, e aos que o foram do mesmo semanario, pedindo-lhe a sua coadjuvação.

É innegavel que uma publicação de tal ordem demanda excessivas despezas; mas é tambem certo que um paiz como o nosso precisa d'um jornal, que diffundindo a instrucção, sirva ao mesmo tempo de recreio. Eis a idéa que levou o editor a dar á estampa a Illustração Luso-Brazileira, e o induz agora a continual-a.

Mas todos os esforços que faça para conseguir o seu fim — a publicação da Illustração — serão baldados, se os seus concidadãos o não ajudarem n'essa tarefa, na verdade ardua, mas gloriosa.

Sabe-se que apesar das calamidades que Portugal soffreu em 1856, o proprietario da Illustração concluiu o volume que pertencia áquelle anno. Os obstaculos que para isso foi preciso vencer não se podem enumerar. Só, sem ajuda nem protecção, porque as assignaturas não chegaram a quarta parte das despezas, lutou, mas teve a satisfação de conseguir o seu mais ardente desejo, que era a conclusão d'aquelle primeiro volume.

Concluido porem, nada devendo aos assignantes, e cansado de lutar, faltaram-lhe as forças, e viu-se obrigado, com bastante magoa, a suspender uma publicação, que se era esteril quanto aos interesses, não o era pelo lado da gloria, alvo constante do editor, que tem enriquecido o catalogo das suas edições com obras nacionaes de merito, que a não ser elle, seriam sepultadas no pó das gavetas, e furtadas assim ao conhecimento dos amigos da nossa litteratura.

Em Janeiro de 1858 recomeçará, pois, a publicação da Illustração Luso-Brazileira, *consideravelmente melhorada*, se as assignaturas obtidas até o fim de Setembro do corrente anno cobrirem as despezas.

O editor não quer lucros: satisfaz-se não perdendo.

Seguiremos o plano annunciado nos nossos prospectos, que são bem conhecidos, com as modificações reclamadas pelas circunstancias.

As assignaturas recebem-se desde já na loja do editor, rua do Oiro n.os 227 e 228 (numeração antiga), e no escriptorio da Administração, travessa da Victoria n.º 52 1.º andar.

LISBOA	
Por anno	4:000 rs.
Semestre	2:100 »
Á entrega	90 »
PROVINCIAS (*franco de porte*)	
Anno	4:300 »
Semestre	2:250 »

O MONTE PEREGRINO.

Este monte domina o porto e cidade de Palermo: e deve a sua celebridade em grande parte a capella de Santa Rosalia, uma das romarias mais frequentadas das Duas Sicilias.

Durante muito tempo, a gruta consagrada hoje a Santa Rosalia não era visitada senão por pastores que iam ahi procurar abrigo. Algumas ruinas espalhadas sobre o cimo do monte não offerecem bastante interesse para tentar os archeologos. Conforme uns, são restos de fortes, muito tempo defendidos por Amilcar durante a primeira guerra punica; outros vêem ahi as reliquias d'um d'esses castellos que os sarracenos construiram sobre todas as eminencias do solo siciliano. Das tradições populares, não consta que se tenham encontrado nas cavernas do monte Peregrino ossadas gigantescas d'uma raça primitiva.

Emfim conta-se que no seculo XII, uma joven princeza, notavelmente bella, Rosalia, filha do rei Rogerio, desgostosa do mundo e dos prazeres da côrte, se refugiara em uma gruta do monte Peregrino para ahi se consagrar a Deus.

Segundo outra versão do mesmo conto, Rosalia era filha d'um conde Sinibaldo, e foi para se subtrahir ás violencias dos sarracenos que devastavam a Sicilia que ella se retirou primeiro para o monte Quisquino, e depois para a caverna do monte Peregrino onde morreu ignorada.

A sua historia, o seu sacrificio, e o logar da sepultura eram completamente ignorados, quando em 1624, cinco seculos depois da sua morte, Palermo foi victima d'uma terrivel peste.

Prostrados junto aos altares, os habitantes invocavam o ceo: de repente um d'elles clamou que uma visão acabava de mostrar-lhe o logar onde repoisavam os restos de Santa Rosalia.

Elle subiu no mesmo instante o monte Peregrino, chegou á caverna, e ahi descobriu, com effeito, a preciosa ossada, que foi immediatamente levada a Palermo com grande pompa. A fé dos habitantes d'esta cidade em Santa Rosalia é tão ardente, como a do povo de Napoles em São Januario.

Construiu-se uma capella no proprio logar em que estas reliquias foram achadas. O declivio do rochedo fizera antigamente quasi impraticavel o accesso; hoje, graças á piedade dos habitantes e ás esmolas dos peregrinos, chega-se á capella por uma bella estrada. Este caminho, chamado *la Scala*, forma quinze zigue-zagues, e estabeleceram-se ahi muitas estações onde os fieis podem descansar e orar.

Quando se chega ao cume, a vegetação, que cessara, torna a apparecer, e a vista, fatigada da nudez da penedia, repoisa sobre um verde campo de relva que se estende em volta da capella

DUAS GLORIAS.

I

Quem se lembra ahi de algum grande successo, occorrido no dia 23 de Abril de 1616?

De repente ninguem responde; o mundo é assim, esquecido, ingrato, apesar de todas as regras da mnemonica e de todos os tratados de moral!

Pois foi uma dupla perda a que a humanidade experimentou n'esse dia; dois dos mais conhecidos e gabados escriptores do mundo, dois dos maiores vultos litterarios do seu seculo, dois dos autores com que mais se ufanam os paizes que lhe deram o berço — a Inglaterra, e a Hespanha, — morreram n'esse dia... William Shakspeare, e Miguel de Cervantes Saavedra!!

O poeta de *Macbeth* e de *Othello*! O historiador de *D. Quixote!...* Quem ha no mundo que não conheça estes nomes? Quem não leu ainda as suas obras, que estão vertidas em todos os idiomas, que tem feito as delicias de tres seculos?

Shakspeare morreu com cincoenta e dois annos justos, no dia anniversario do seu nascimento. Cincoenta e sete annos mais tarde, expirou Molière, com a mesma edade de Shakspeare, unico homem que se pode comparar ao dramaturgo inglez, segundo a opinião de Dumas.

Victor Hugo disse a respeito de Shakspeare, e Alexandre Dumas repetiu, este sublime apothegma:

«E quem creou mais, depois de Deus!»

De facto, Julieta, Desdemona, Ophelia e Miranda, são tanto creaturas do immortal tragico inglez, como nós todos somos creaturas de Deus.

Cervantes, pelo contrario, em vez de crear destruiu, mas destruiu com a força de Satanaz. Fulminou pelo ridiculo a sublime instituição da cavallaria, elle cavalleiro tambem, mutilado em Lepanto, para se vingar da ingratidão dos seus.

«Cento e cincoenta annos depois da morte de Cervantes (diz um illustre escriptor contemporaneo) a historia de D. Quixote tinha chegado ao auge da sua reputação, e tambem a Hespanha tinha chegado ao fundo do abysmo em que a precipitara a perda dos velhos costumes e opiniões de seus filhos. A idea que gerara a novella estava realisada emfim.»

Cervantes chorava talvez ao traçar as paginas de D. Quixote, essas paginas immortaes que tem provocado o riso de tantas gerações. Pobre e despresado, o cavalleiro d'Africa seguiu o exemplo de Sansão, fazendo desabar o edificio da cavallaria, para sepultar nas suas ruinas a nobreza hespanhola que o havia menospresado, embora com ella ficasse esmagado tambem, e preparasse a futura desgraça da sua patria: a vindicta do genio não foi menos terrivel do que a do gigante!

Contemplemos em rapido volver d'olhos cada um d'estes famosos vultos, separando-os, como em vida passaram, afastados um do outro; depois volveremos a unil-os.

II

SHAKSPEARE.

O grande dramaturgo inglez nasceu a 23 de Abril de 1564, em Strafford sobre o Avon, e ahi foi morrer, depois de haver passado em Londres a mais gloriosa parte da sua vida.

O pae de Shakspeare era luveiro, e exerceu alguns importantes cargos municipaes em Strafford, no Warwickshire; não era porem rico, e como tinha quatro filhos e uma filha, mandou educar o mais velho dos rapazes, William, na escola gratuita, d'onde passou a praticar com um advogado; porém o futuro dramaturgo tinha mais propensão para a caça do que para o fôro, e fugia continuamente do escriptorio para o campo.

Tendo casado aos dezesete annos, por obediencia a seu pae, e sem inclinação á noiva, que era mais velha do que elle sete annos e meio, passou até aos vinte e dois cruel vida de guerra domestica, um dos maiores martyrios d'este mundo. N'essa edade um acaso o livrou da companhia que detestava, e lhe abriu o caminho da gloria.

Apanhado em flagrante com outros caçadores desordeiros no parque de sir Thomaz Lucy, e ainda por cima dando o seu contingente para serem espancados os guardas da propriedade, teve que fugir de Strafford; tomando ao acaso o primeiro caminho que encontrou, encostado ao bordão de peregrino, e com muito pouco dinheiro na algibeira, chegou a Londres pelo fim do anno 1586, e alistou-se logo como ponto ou contra-regra n'uma companhia de comediantes.

De portas a dentro do theatro, Shakspeare sentiu desinvolver-se o seu talento dramatico, prodigioso talento que talvez nunca desabrochasse no escriptorio do advogado de Strafford, ou nas campinas cortadas pelo Avon. Então appareceu successivamente sobre a scena de Londres essa preciosa collecção de dramas inimitaveis, esses typos sublimes, desde Hamlet o pensador até Falstaff o truão, desde Julieta a apaixonada até miss Page a falladora.

Os dramas mais geralmente apreciados de Shakspeare são: *Macbeth*, *Hamlet*, *Othello*, *Julieta e Romeo*, *Rei Lear*, *Ricardo III*; as tragedias historicas *Julio Cesar*, *Coriolano*, e *Cleopatra*; as comedias *O mercador de Veneza*, e *As senhoras visinhas de Windsor*. Além d'estas peças mais conhecidas, os entendedores teem n'um alto apreço *A tempestade*, onde se encontra aquelle immortal typo de ingenuidade, a Miranda; *Cymbeline*, onde se admira a sublime creação de Imogene; e toda essa serie de dramas semi-historicos, que tem por titulos: *Rei João*, *Ricardo II*, *Henrique IV* (primeira e segunda parte), *Henrique V*, *Henrique VI* (primeira, segunda e terceira parte), *Henrique VIII*.

As suas outras peças theatraes intitulam-se assim: *Dois gentis-homens de Verona*, *A duodecima noite*, *Precaução por precaução*, *Muita bulha pa-*

ra nada. Os enganos, Penas d'amor perdidas, Troile e Cressida, Bom e o que bem acaba, A maldade corrigida, Conto de inverno, Como quizer, Timon de Athenas, Sonho de uma noite de estio; ao todo trinta e cinco, não contando *Pericles*, que apparece como obra de Shakspeare nas edições de Guizot, Laroche, Letorneur e outros, e *Tito* que tambem figura como producção do grande dramaturgo em algumas das mesmas edições, mas que e assaz duvidoso que lhe pertençam.

Vinte annos durou a sua gloriosa carreira de autor dramatico, até que, em 1610, se retirou do theatro, quando Corneille contava quatro annos de edade. Os seus ultimos dias em Stratford sobre o Avon são tão obscuros como os primeiros, passados no mesmo sitio. Similhante a um magnifico arco-iris, diz Alexandre Dumas, elle brilhou no mais alto do empyreo, sumindo-se entre nuvens nos seus dois horisontes.

Shakspeare teve duas filhas legitimas, Judith e Suzana, e um filho natural, William Davenant. Não existe, ha mais de um seculo, nenhum descendente do grande poeta. Mr. Guizot se encarregou, não ha muitos annos, de escrever a *Vida de Shakspeare*, isto é, a sua historia, o exame das suas peças, e a exposição da theoria dramatica a que ellas pertencem.

O poeta escreveu além dos seus dramas, alguns poemas e outras obras em verso e prosa, mas que não accrescentam nenhum florão á sua corôa litteraria.

III

CERVANTES.

O insigne autor de *D. Quixote* nasceu em Alcalá de Henares, em 1547. Viveu mais annos do que Shakspeare, não alcançando jámais a posse de uma existencia socegada, como aquelle adquiriu nos ultimos tempos da sua vida, nem uma fortuna colossal como obteve o poeta inglez. Pelo contrario, ao eximio escriptor hespanhol podem applicar-se as palavras d'aquelle singelo epitaphio de Camões: *Viveu pobre e miseravelmente, e assim morreu!*

Depois de ser camareiro de um cardeal em Roma, alistou-se nas tropas do papa, e foi combater com os turcos em Lepanto, sob as ordens de D. João d'Austria. Ahi perdeu a mão e parte do braço esquerdo, com um tiro de arcabuz, e foi captivo dos moiros. Resgatado pelos frades da Trindade, voltou d'Argel a Hespanha, aonde obteve um insignificante emprego em Granada. Tendo casado, sem melhorar de fortuna, arrastou uma existencia dolorosa no meio de privações, até que se finou em Madrid, com sessenta e oito annos de edade, no dia já apontado.

O grande padrão da gloria litteraria de Miguel Cervantes, é a sua historia do cavalleiro andante D. Quixote de la Mancha, e do gordo escudeiro Sancho Pança, não obstante haver escripto muitas outras novellas, tragedias, e demais obras em verso e prosa, todas de muito inferior merecimento ao do seu immortal livro, popular em toda a Europa.

Conta-se que entrando uma divisão do exercito de Bonaparte em uma aldêa hespanhola, onde lhe fizeram séria resistencia, e dispondo-se a incendial-a, o general perguntara o nome do logar; á resposta de *El Toboso*, o exercito inteiro soltou estrepitosa gargalhada, e a povoação escapou ao incendio em memoria de Dulcinéa. Se assim foi, o genio de Cervantes salvou com o seu livro de D. Quixote alguns de seus compatriotas, quasi duzentos annos depois de morto. Tal é o poder do genio, tanto para o bem como para o mal!

IV

Estes dois colossos das litteraturas, ingleza e hespanhola, que escreviam pelos mesmos annos, nunca se encontraram na terra, e talvez nem mesmo soubessem um do outro até que a hora da eternidade bateu simultaneamente para ambos.

Não succederia hoje assim.

A Inglaterra não possue agora nenhum Shakspeare, nem a Hespanha outro Cervantes; se os tivessem, já o vapor os houvera aproximado.

Menos ingratos do que os portuguezes, os nossos visinhos já fizeram erigir uma estatua ao autor de D. Quixote, em quanto o cantor dos Lusiadas deu apenas o nome a uma praça de Lisboa, e começa a esquecer o immortal Garrett, que ainda hontem vivia entre nós.

Shakspeare tem um rico monumento em Westminster, e os seus dramas ainda são hoje representados em Londres, e em toda a Inglaterra. Nenhum bretão deixa de ter orgulho em ser conterraneo do grande poeta, a quem todos os talentos do mundo hão prestado homenagem, á excepção de Voltaire, o mesmo que negou o merecimento de Camões.

F. M. Bordalo.

DE COMO SE PASSAVAM AS COISAS DA INDIA.

De Fernão Mendes Pinto extrahimos o seguinte excerpto, quando dá noticia das coisas de Liampoo:

«Havia ali um homem honrado e de boa geração, chamado Lançarote Pereira, natural de Ponte de Lima. Este, diziam que dera uns mil cruzados em ruins fazendas fiados a uns chins, homens de pouco credito, os quaes se lhe levantaram com a fazenda, sem lhe darem mais o retorno d'ella, nem elle ter mais novas d'elles, pelo qual, querendo-se elle satisfazer d'esta perda nos que lhe não tinham culpa, ajuntou para isso uns quinze ou vinte portuguezes ociosos e de má consciencia, e quiça de peior siso, e deu uma noite em uma aldeia d'ali duas leguas, que se dizia Xipatom, e roubou n'ella dez ou doze lavradores que ahi viviam, e lhes tomou a todos

as mulheres e os filhos, com morte de treze pessoas sem razão, nem causa alguma justa que para isso tivesse. O rebate d'este tamanho insulto se deu logo ao outro dia por toda aquella comarca, e os moradores d'ella se foram queixar d'isto ao Chumbim da justiça, e tirando-se devassa do que passava o escreveram por petição de clamor do povo, a que elles chamam macalixan, ao Chaem do governo, que e o viso-rei d'aquelle reino, o qual mandou logo um Aitao, que é como almirante entre nós, com uma armada de tresentos juncos, e oitenta vancões de remo, em que iam sessenta mil homens, que se fez prestes em dezesete dias, a qual armada dando n'uma manhã n'esta desaventurada povoação dos portuguezes, a cousa foi de maneira que certifico em verdade que não acho em mim cabedal nem de ingenho, nem de palavras para contar por extenso o que ali passou; imagine-o o bom entendimento. Sómente direi como testimunha de vista que em menos de cinco horas que durou este horrendo e espantoso castigo da mão de Deus, e da potencia da sua divina justiça, não ficou cousa a que se podesse pôr nome, porque tudo ficou abrasado e posto por terra, com morte de doze mil pessoas christãs, em que entraram oitocentos portuguezes, os quaes foram todos queimados vivos em trinta e cinco naos, e quarenta e dois juncos, e em prata, pimenta, sandalo, cravo, maça, noz, e outras muitas sortes de fazendas se disse que se perderam dous contos e meio de ouro.

«E de todos estes males e desaventuras foi causa a má consciencia e pouco siso de um portuguez cubiçoso. E d'este mal nos succedeu ainda outro não pequeno, o qual foi, ficarmos tão desacreditados na terra, que não havia quem nos quizesse ver, dizendo que eramos nós uns demonios em carne humana, gerados por maldição da ira de Deos para castigo de peccadores.

E isto aconteceu no anno de 1542, governando o estado da India Martim Affonso de Sousa, e sendo capitão de Malaca Ruy Vaz Pereira Marramaque.»

BARRA DA FIGUEIRA.

O rio Mondego, que nasce perto da cidade da Guarda, na Serra da Estrella, depois de correr cento e vinte milhas, vem lançar suas aguas no Oceano Atlantico, em frente da villa da Figueira. Logo acima da foz dilata-se n'uma espaçosa bahia de mais de tres milhas e meia de comprimento. A bahia divide-se em dois canaes.

Ha poucos annos que se construiram duas grandes obras n'este porto para o melhorar, consistindo ellas em dois diques, e assim ficou cortada a communicação entre aquelles canaes, e evitada a pequena circulação das mares.

Na ponta occidental da rocha, que guarnece a entrada do lado norte, está um pequeno forte dominando a entrada. Esta rocha estende-se algumas milhas pela praia, e o terreno adjacente forma uma cordilheira que termina no Cabo Mondego.

O lado sul do porto é formado por um extenso cabedello que borda a costa em muitas milhas de extensão.

As grandes correntes produzidas pelas cheias, e pelos ventos do quadrante de SO. e NO. fazem variar a entrada do porto, porque as vagas são grandes, e a encapellação no mar perigosa, accumulando na barra tal quantidade de areia, que as enchentes ordinarias, e o movimento das mares não teem força para as arrojar novamente ao mar.

Ha tambem uma restinga de areia, a partir do castello, e correndo directamente ao sul, e por isso se apresentava a entrada do porto voltada directamente para o sul; mas desde que as ultimas cheias destruiram uma grande parte da restinga do norte, a entrada ficou voltada ao SO. A profundidade da barra varia entre 2 a 4 pés no baixamar, e a altura do preamar e de 8 a 10 pés. Periga-se com o vento SO. quando sopra rijo; e o norte tambem é prejudicial pela areia que conduz para a barra.

Antigamente havia um excellente ancoradouro com 6 a 8 pés de profundidade, no canal do sul contiguo ao cabedello; porém hoje esta entulhado, não subindo a maré pelo Mondego tanto quanto subia primitivamente.

Propõe-se hoje para melhorar esta barra e porto restituir os dois canaes ao antigo estado, destruindo o dique superior que existe na bifurcação d'elles; porque a maior quantidade de agua que se introduzir no porto dará ao canal uma direcção mais recta e constante, e profundará a barra.

A construcção de um dique no extremo norte do cabedello do sul, aproximará ao castello a entrada do porto. Outro dique junto do castello protegeria a entrada, e evitaria o effeito das ondas dentro do porto, e ao longo do caes.

Espera-se bom resultado de alguns cortes no antigo dique central, e seu prolongamento para o lado da barra até certa distancia; assim como ha opiniões de que os diques interiores e exteriores não se devem elevar acima do nivel do preamar, antes devem ficar mais baixos, especialmente os interiores.

Cortando-se uma saliencia que existe na margem opposta do rio, os dois canaes se unirão mais facilmente com o leito superior do mesmo rio.

Tambem seria conveniente melhorar o leito do rio para o lado de Coimbra, para se obter maior altura de agua.

O amor proprio, que se estygmatisa, é aquelle que se confunde com o egoismo, com o orgulho, e com a vaidade; e não o amor de si, que todo o homem deve ter; que é a base da moral; e que lhe ensina, que a sua felicidade depende de ser virtuoso e justo.

TORRE INCLINADA DE S. MIGUEL EM PISA.

Quando se sae de Pisa pela porta della Piage, chega-se a uma avenida plantada de arvores que acompanha a margem do Arno, e é um dos passeios mais frequentados da cidade. A alguma distancia, um kilometro pouco mais ou menos, o passeante encontra a egreja de *S. Miguel degli Scalzi*, cuja torre esta visivelmente inclinada do lado do Arno.

Todos sabem que existe em Pisa, na praça de Dome, uma celebre torre inclinada, da qual damos o desenho. Comtudo o que está ainda para decidir é se o pendor d'ella foi premeditado, ou é resultado de aluimento do terreno.

A egreja data do seculo XII; e pertenceu antigamente a um convento de Benedictinos, e d'ahi lhe vem o nome de S. Miguel degli Scalzi (dos descalços).

A fachada é ornada segundo o estylo da antiga architectura pisana; arcos semi-circulares descansam immediatamente sobre os capiteis das columnas. Por cima da porta ha um baixo relevo representando o Salvador; esta figura pertence ao tempo da antiga escola de João e de Nicolau de Pisa, artistas de grande merecimento, cujas obras se encontram em muitas cidades da Toscana. Ha a lamentar que o estylo da parte superior d'esta fachada fosse alterado pela abertura d'uma janella moderna.

O amor proprio torna insoffrivel o fatuo, e rebaixa o merito a quem o tem.

O ULTIMO ABBADE DE WHALLEY.

IV

Continuação.

Espalhou-se a noticia da missa, e os monges todos sairam do seu occulto retiro para se dirigirem ao mosteiro. Muitos receiavam que fosse uma cilada para os prender, mas não desistiram do seu proposito. Só faltaram alguns, que não vieram a tempo, por serem distantes as povoações aonde se tinham refugiado: o povo tambem quiz assistir: mas só se dava entrada a quem vestia roupas ecclesiasticas.

Os habitantes assim excluidos ajuntaram-se aonde podiam ouvir os sons do orgão, e ver a luz que allumiava o templo.

Dava meia noite quando o abbade entrava na egreja acompanhado de todos os monges que o esperavam á porta. Parecia-lhe um sonho ver as tochas no altar, os monges de quem estava ausente ha tanto tempo, a musica sagrada, os perfumes do incenso, e o aspecto da egreja, d'onde tinham desapparecido todos os signaes de abandono, e era a ultima vez que elle devia ahi entrar, a ultima vez que teria de ver aquelles com quem habitara tantos annos.

Mas as suas meditações foram interrompidas por uma scena inesperada. Olhando por uma porta de lado que estava aberta, viu perante o altar de uma pequena capella que estava illumi-

nado dois esquifes. N'um d'elles reconheceu o cadaver de Cuthbert Ashbead, no outro o de Elizabeth Demdike, que tinha morrido n'uma convulsão, causada pela impressão que lhe fizera uma maldição que pronunciara o abbade sobre sua filha, quando ella lhe pedia que a abençoasse. Entre os dois corpos estava um monge, o capuz encobria-lhe o rosto. Quando o abbade fitou os olhos n'elle descobriu-se lentamente, e então estremeceu o abbade como se vira um espectro. Pensando que seria alguma illusão, produzida pela exaltação em que estava, fechou os olhos, e quando tornou a olhar viu ainda o monge no mesmo sitio, mas tinha deixado cair outra vez o capuz. Fazendo um esforço para distrahir a penosa recordação que esta vista lhe causava, o abbade encaminhou-se para o logar que lhe estava destinado, aonde se poz de joelhos, e a ceremonia começou.

Foi-lhe impossivel prestar attenção, e orar. Passou em revista todos os actos da sua vida. Lembrou-se de quando primeiro entrara n'aquelle mosteiro penetrado de zelo e piedade. De como tinha chegado a ser sub-prior, e da ambição que sentiu para governar de todo ali: mas appareceu-lhe um rival, que apesar de ser mais moço do que elle, era seu superior em saber e piedade, e havia por isso ganho tanta consideração entre as autoridades ecclesiasticas, que temeu que fosse preferido. Foi esta a causa da nodoa negra da sua vida, do crime que elle tentava debalde esquecer Lembrou-se das severas penitencias que tinha feito por tantos annos, da sua caridade e boas acções, mas este grande peccado erguia-se acima de tudo, e sentiu que se morresse sem o confessar, não podia esperar a salvação!

Acabada a missa, o conde de Derby perguntou-lhe se tudo tinha sido ao seu gosto.

—Tudo, e muito vos agradeço, respondeu Paslew; mas não me julgueis importuno se vos peço ainda outro obsequio. Desejava confessar-me antes de morrer.

—Eu ja antecipei o vosso pedido, tornou o conde; e um confessor estará comvosco, no vosso quarto, em menos de uma hora.

— Se podesse ser, disse Paslew, queria confessar-me ao monge que foi prior d'este convento.

— Isso não vos posso conceder, respondeu o conde. Mas supponho que vos pode servir do mesmo modo aquelle que vou mandar-vos.

Com isto retirou-se, e todos sairam da egreja. O abbade achando-se só começou a passear pelo quarto, procurando socegar o seu espirito agitado, até que viesse o confessor. Quando este entrou, e que elle reconheceu o mesmo monge da capella, trazendo ainda o rosto encoberto, atirou comsigo para cima de uma cadeira, tapando a cara com as mãos. O monge conservou-se immovel esperando que elle fallasse: por fim Paslew lhe disse:

— Quem sois, e d'onde vindes?

— Sou um monge da vossa ordem, e venho da parte do conde de Derby confessar-vos, se quizerdes!

— E o vosso nome?

— Eu não vim nem para ouvir, nem para responder a perguntas, mas para vos confessar. Lembrae-vos que em pouco tempo tereis de dar contas perante o tribunal eterno de todos os peccados que possaes ter commettido, e talvez que os minutos que vos restam sejam poucos para o arrependimento.

— Tendes razão, e começarei já porque tenho muito que dizer.

Ha trinta annos era prior d'este convento: até esse tempo não tenho muito de que me accusar; a ambição de governar n'esta casa era o meu maior peccado, que crescia de dia para dia. Entre os monges havia um chamado Boslace Alselham, homem de muito talento e extraordinario saber. Tinham todos por elle muita consideração e foi eleito sub-prior. Entrou-se a dizer que pela morte de William Kede, abbade n'aquelle tempo, Boslace Alselham seria seu successor; foi isto que excitou no meu coração contra elle um odio insaciavel, e o desejo de me desfazer d'esse homem por qualquer meio que fosse. Accusei-o pois de feiticeiro, accusação facilmente acreditada, e tanto mais quanto elle se interessava no estudo das sciencias occultas. N'uma noite em que elle estava ausente entrei na sua cella e mais outros, e examinámos-lhe os seus livros e papeis, muitos dos quaes estavam cobertos de lettras cabalisticas, e desenhos mysticos. Esperei a volta de Alselham para o prender. Na manhã seguinte foram examinados perante os irmãos reunidos na casa do capitulo: foram inuteis todas as suas protestações de innocencia, foi condemnado unanimemente. Para impedir um escandalo resolveu-se guardar segredo tanto sobre o crime como sobre o seu castigo, o que se tornava possivel por haver no convento um carcere construido de modo que nenhum grito ahi dado se ouvia cá fóra: era tão estreito que apenas dava logar para um homem se deitar: o infeliz habitante d'esta cella recebia o alimento por meio de uma pedra revolvente, e o ar por uma estreita fresta no tecto, por onde entrava tambem um debil raio de luz. Ali vi eu encarcerado Boslace Alselham: lembro-me hoje do olhar que me lançou quando entrara, e por muito tempo se repercutiu nos meus ouvidos o seu gemido, quando os pedreiros encostaram a pedra que se tinha deslocado para o admittir. Houve um longo silencio em que se ouviam só os soluços do abbade: por fim o monge perguntou-lhe:

— E o preso morreu na cella?

— Assim o julguei até hoje: mas se elle se escapou foi por algum milagre, ou ajudado pela arte de que foi accusado.

— Escapou, disse o monge. Olhae, João Paslew, e vêde a vossa victima. Abbade infame, olha para aquelle que tão falsamente accusaste.

— Boslace Alselham! exclamou o abbade aterrado: será possivel que sejas tu?

— Vês-me e podes duvidar? respondeu o outro. Vaes saber como escapei, porque meio estou aqui para me vingar do mal que me fizeste. Mudamos agora de logares, abbade de Walley: tu es o accusado, e sou eu que heide assistir ao teu supplicio!

— Perdoa-me! perdoa-me! murmurou o abbade.

— Ouve-me, João Paslew. Pelos peccados mortaes a que fui levado és tu responsavel: se não fosses tu poderia ter vivido ate hoje livre de culpa. Quando me achei fechado n'aquelle carcere não posso dizer a desesperação que senti: atirando comigo para cima da enxerga, tentei não tomar alimento, esperando a morte como o unico allivio que me restava. Mas o instincto da conservação foi superior, e no segundo dia tomei a porção de pão e agua que me davam. Oh! como eu suspirava então pela liberdade! O que não faria eu para despedaçar aquelles muros que eram as paredes do meu sepulchro! Horrorisava-me a idéa de que podessem esquecer-se de mim, ou deixarem-me morrer voluntariamente de fome. Gritei para me soccorrerem, mas so me respondia o ecco; bati na parede com as mãos ate me escorrer o sangue, e desisti exhausto de forças. Não tinha fome: mas a solidão era mais terrivel do que a morte! Uma noite ouvi uma voz que me dizia:

— Para que te cansas com esses furores inuteis! se queres que eu te ajude, eu posso e quero fazel-o!

Na profunda escuridão percebi uns olhos que pareciam lançar de si faiscas de fogo.

— Queres a liberdade? podes tel-a se me seguires.

Senti pegarem-me no braço com tanta força que não pude resistir. Subi: e o tecto abriu-se para me deixar passar. N'um instante achei-me no telhado do convento, e vi ao meu lado um vulto indistincto que parecia pouco mais do que uma sombra.

— Es meu, me disse a mesma voz; mas eu concedo-te um longo periodo de liberdade, e para presencear a ruina do teu inimigo.

— Para isso, para me vingar d'elle, nada ha que não esteja prompto a tentar! e ajoelhei-me perante o demonio.

— Mas terás que esperar algum tempo, replicou elle; não posso por ora vingar-te. D'aqui a trinta annos será o dia do seu castigo. D'aqui a vinte e nove annos podes voltar, vae ao monte de Rudle que ali te encontrarei, e saberas então o que teras de fazer.

— Com isto desappareceu e eu desci do sitio aonde estava. O ceo estava lindo. O mosteiro entregue á paz, ao socego: mas eu temia de sair pensando que por tua causa teria de andar errante longe dos sitios aonde julgava ter de passar a vida, e possuir uma dignidade que era o alvo da minha ambição: só essa ambição me tem sustido. E só para vingar-me: e vou vingar-me!

— Mas como pode ser verdade o que ouço? respondeu o abbade que tinha escutado com horror esta narração. Dois annos depois de entrares para o carcere, como o comer ficava intacto, abriu-se a parede, e achou-se um cadaver meio desfeito.

— Foi tirado do cemiterio, e posto ali pelo demonio, disse o outro. Como tambem para não perceberem a minha fuga, um cesto conduzia as provisões que me eram destinadas. O que eu tenho padecido não t'o posso contar: basta saber que o meu desejo de vingança não affrouxou nunca. Voltei aqui no praso marcado, encontrei-me com o demonio como elle me tinha promettido, e soube tudo o que te havia de acontecer, e a parte que tomaria n'isso. Por esse tempo é que me encontrei com Elisabeth, e agradei-me d'ella: estava para se casar com o Cuthbert Ashbead, teu couteiro. Os nossos amores não te importam: gostou de mim e seguiu-me. Todos se afastaram d'ella; então ficou com fama de ser bruxa, mas não se importava com isso: affrontava rindo-se o desdem do mundo, até que lhe nasceu uma filha. E então fui outra vez perseguido por ti, foi outra affronta que me fizeste recusando baptisar a minha creança, e foste causa da morte de Elisabeth!

— Ai de mim! Ai de mim! exclamou Paslew.

— E não foi tudo: não contente do que já tinhas feito, pronunciaste uma maldição sobre um innocente que bem sei que será irremissivelmente cumprida. Se me tivesses concedido o que eu te pedi, ter-te-hia salvado, e ainda te salvaria se podesses retirar essa terrivel maldição Mas não podes, não está no teu poder. Deves morrer, João Paslew, e morrer sem absolvição. Essa população, nota quem dominaste, hade contemplar o teu cadaver no alto de uma forca.

E dizendo isto, soltou-se do abbade, que o segurava pallido e tremulo pelo braço, e desappareceu aos seus olhos. Continua.

CHRONICA DA RAINHA

Acha-se completo o primeiro volume, que contém 440 paginas de folio, em excellente papel. — Preço, 2:250 réis.

O 2.º volume publicar-se-ha d'aqui a tres mezes.

OBRAS QUE SE VENDEM EM CASA DO EDITOR A. J. F. LOPES, LIVREIRO.
RUA AUREA, 227 E 228.

Panorama, semanario de instrucção e litteratura, fundado em 1837, e redigido por muitos escriptores distinctos. Publica-se regularmente todos os sabbados um numero contendo 16 columnas de folio com excellentes gravuras em madeira. Preço por assignatura — em Lisboa — anno 1:300 rs. — semestre, 700 rs. — nas provincias (franco) anno, 1:570 rs. — semestre 830 rs.

As collecções completas, desde a sua fundação até ao presente, 13 volumes, acham-se unicamente em casa do Editor. Preço — em papel, 17:500 rs. — encadernados, 21:100 rs.

Illustração Luso-Brasileira, periodico universal, collaborado pelos nossos mais distinctos escriptores. Acha-se completo o volume de 1856 — folio grande — contém diversos artigos instructivos e de recreio, e mais de trezentas gravuras, assim de objectos nacionaes, como estrangeiros. Preço, em papel, 3:600 rs. — encadernado, 4:200 rs., em Lisboa.

Poesias de M. M. de B. du Bocage, colligidas em nova e completa edição, dispostas e annotadas por I. F. da Silva, e precedidas de um estudo biographico e litterario sobre o poeta, escripto por L. A. Rebello da Silva. Edição completa em 6 volumes de 8.º francez, com mais de 400 paginas cada um. Preço rs. 4320

Natureza das Coisas, poema de T. Lucrecio Caro, traduzido do original latino para verso portuguez por A. J. de Lima Leitão. 1851 — 1853, 2 vol. 8.º br. rs. 800

Fastos da Egreja, historia da vida dos Santos, ornamentos do Christianismo, por L. A. Rebello da Silva, com censura e autorisação do patriarcado. Publica-se em cadernos de 150 paginas; cada volume comprehende dois cadernos. — Estão publicados 4 cadernos, que constituem o 1.º e 2.º volumes, contendo a Vida de Nosso Senhor Jesus Christo completa. Preço de cada volume em Lisboa, rs. . . . 480
Nas provincias, rs. 520

Poesias de L. A. Palmeirim — 2.ª edição, correcta e augmentada, 1 vol. de 8.º francez, rs. 600

Os Homens de Marmore, drama em 5 actos, por J. da S. Mendes Leal Junior, com um prologo pelo autor, um proloquio pelo sr. L. A. Rebello da Silva, e um esboço critico pelo sr. Lopes de Mendonça, 1 vol. de 8.º francez, rs. 480

O Homem de Oiro, drama em 3 actos (continuação dos Homens de Marmore), por J. da S. Mendes Leal Junior, com um prologo pelo autor, e um juizo critico pelo sr. Ernesto Biester, 1 vol. de 8.º francez br., rs. 300

Rudimentos de Economia Politica, para uso das escolas, por F. A. Marques Pereira, 1 vol. 8.º br., rs. 200

Addições ao Manual do Tabellião, por F. V. da Silva Barradas, 1 vol 8.º francez br., rs. . . 200

Memorias de Litteratura Contemporanea, por A. P. Lopes de Mendonça, 1 vol. 8.º fr., rs. 720

Medicina Legal, por Sédillot, traduzida pelo doutor Lima Leitão — 2.ª edição augmentada de notas, 2 vol. em 8.º francez, rs. . . 1200

A Cruz, drama em 5 actos, por Luiz de Vasconcellos d'Azevedo e Silva, 1 vol 8.º fr. rs. . 320

Um Quadro da Vida, drama em 5 actos, por Ernesto Biester, com um prologo pelo sr. L. A. Rebello da Silva, e um juizo critico pelo sr. L. de Mendonça, 1 vol. 8.º francez, rs. . . . 480

A Herança do Chanceller, comedia em 3 actos e em verso, por J. da S. Mendes Leal Junior, 1 vol. 8.º br., rs. 400

A Redempção, comedia-drama em 3 actos, por Ernesto Biester, com uma introducção pelo sr. Mendes Leal Junior, 1 vol. 8.º fr., rs. . . 360

Othelo ou o Moiro de Veneza, tragedia em 5 actos, imitação por L. A. Rebello da Silva, 1 vol. 8.º francez, rs. 300

Dois Casamentos de Conveniencia, comedia em 3 actos, por L. A. Palmeirim, 1 vol. 8.º fr., rs. 360

Dalila, drama em 4 actos e 6 quadros, por A. de Serpa, 1 vol. 8.º francez, rs. 400

Camões e o Jáo, scena dramatica, por Casimiro Abreu, 8.º rs. 100

Duas Epocas da Vida, comedia em 3 actos, por Ernesto Biester, 8.º rs. 240

Camões do Rocio, comedia em 3 actos, por I. M. Feijoó, 1 vol. 8.º francez, rs. 300

Casamento e Despacho, comedia em 3 actos, por A. de Serpa, 1 vol. 8.º francez, rs. 320

Sermões do doutor Francisco Soares Franco Junior, 1 vol. em 8.º francez rs. 480

Eneida de Virgilio em portuguez, 3 vol. 8.º francez, br., rs. 2880
O 3.º volume só, rs. 1000

A Torre do Corvo, drama em 4 actos e um prologo, pelo autor do Camões do Rocio, com o parecer do ex.mo sr. conselheiro Garrett, 1 vol. 8.º francez, rs. 400

A Mocidade de D. João V, comedia-drama em 5 actos, por L. A. Rebello da Silva e Ernesto Biester, 1 vol. 8.º francez br., rs. 480

Uma viagem pela litteratura contemporanea, por Ernesto Biester, 1 vol 8.º fr. br. rs. . . . 200

Uma viagem á Inglaterra, Belgica e França, por J. Mesquita da Rosa, 8.º port. br. rs. 120

Como se sobe ao poder, comedia em 3 actos, por L. A. Palmeirim, 1 vol. 8.º francez br. . . . 400

O Sapateiro d'escada, comedia de costumes em 1 acto, por L. A. Palmeirim, 1 vol. 8.º fr., rs. 160

Reflexões sobre a lingua portugueza, por Francisco José Freire, — Candido Luzitano, 8.º br., 3 vol., rs. 720

Stambul, comedia em 3 actos, e 9 quadros, por Aristides Abranches, 8.º fr. br., rs. . . . 300

Tambem se acham á venda no armazem de livros do Editor A. J. F. Lopes, rua Aurea, n.º 227 e 228, os primeiros oito volumes da Collecção Chronologica da Legislação Portugueza de 1603 em diante, annotada pelo doutor José Justino d'Andrade e Silva. — Preço de cada volume 2:200.

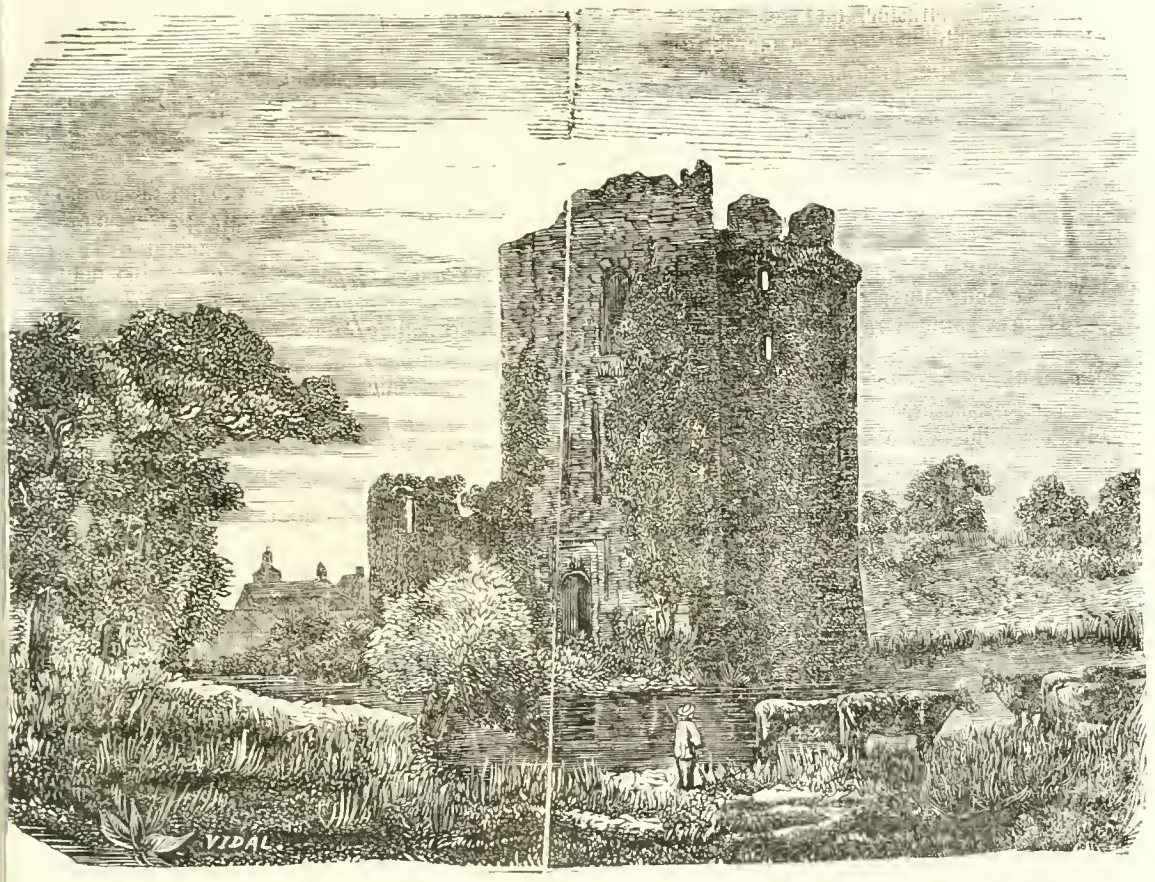
No prelo:

Poesias de J. da S. Mendes Leal Junior.

Pedro, drama em 5 actos, por J. da S. Mendes Leal Junior.

Scenas de familia, comedia em 2 actos, original de Antonio Cesar de Lacerda.

Alva Estrella, drama em 5 actos, por J. da S. Mendes Leal Junior.



Ruinas do castello de Machecoul

Lanços de muralha cobertos de herva, uma torre quebrada e abalada, um torreão cuja extremidade está destruida, eis o que resta do castello de Machecoul, edificado no seculo XIV, e incendiado no fim do XVIII, durante as guerras da Vende.

Proximo ao anno 1240, Machecoul pertencia ao barão Gerard Chabot I, que estava aparentado com a casa de Retz. Tendo Gerard Chabot II morrido sem filhos, teve por herdeira Joanna a Sabia, que cedeu imprudentemente, sem compensação sufficiente, os seus dominios a João IV, duque de Borgonha. Comtudo ella tornou, depois de dezesete annos de litigio, a entrar na posse dos seus bens patrimoniaes, que legou, em 1406, a Gui de Laval II, neto da sua parenta Joanna a Louca. De Gui de Laval nasceu o feroz Gil de Retz, que manchou com os seus homicidios e com as suas horriveis extravagancias os muros de Machecoul. Conservava-se outr'ora, no castello, uma espada monstruosa, arma favorita d'este scelerado, cuja historia tem continuado, diz-se, no famoso conde *Barba-Azul*. No seculo XVII, Machecoul pertenceu successivamente aos Gondi e aos Crequi; depois tornou-se propriedade da familia Neufville-Villeroy, que o possuia ainda em 1789.

O castello de Machecoul era, por dentro, de uma grande magnificencia d'architectura. Por fóra, não se vêem senão seteiras estreitas, e torres com besteiras; mas no interior, as janellas, as portas, as escadas, eram ornadas de esculpturas, e as grandes salas, cujas fortes partes salientes formavam arcos, eram decoradas com as armas senhoriaes em relevos coloridos.

Conta-se que na edade media todos os carniceiros de Nantes eram obrigados a pagar um imposto ao senhor de Machecoul no dia de entrudo. Um enviado do senhor chegava d'improviso diante de cada açougue, com um grande espeto de ferro na mão. Se o carniceiro, ausente ou distrahido, lhe não apresentava immediatamente o imposto, o enviado espetava um carneiro, um bezerro, ou um boi, e levava-o.

A cidade de Machecoul, antigamente capital do ducado de Retz, é hoje simples cabeça de districto, e está situada a 32 kilometros sudoeste de Nantes.

Antes pegureiro e livre, que cortesão e escravo.

O REFUGIO.

Em Londres, no coração do rico e poderoso bairro de Westminster, onde está o palacio, a abbadia, os tribunaes, e as camaras, quasi aos pés das torres que dominam a orgulhosa metropole, ha um grupo de casas hediondas, conhecido pelo nome de *Sitio do Diabo*. Ahi jazem as fezes de uma população de dois milhões de almas, e foi no centro d'esta podridão humana que a piedosa e infatigavel caridade elegêu o seu domicilio.

Na rua de Sant'Anna, por cima da porta de uma casa pouco maior e menos desmantelada que as outras que a rodeiam, lê-se em grossos caracteres: *Dormitorio para os pobres; escola de industria preparatoria para as colonias: refugio aberto para os mancebos que quizerem emendar-se.*

Para a admissão é precisa a edade de dezeseis annos, porque até essa edade podem entrar nas casas de beneficencia. O *Refugio* é destinado principalmente para os vagabundos e ladrões, de dezeseis a vinte annos, que quizerem abandonar tal genero de vida, e entregar-se a honrada e laboriosa tarefa.

Como o bem sempre engendra o bem, esta excellente instituição é filha de outra, tambem mui fecunda em bons resultados, a *Escola dos proletarios*, fundada em Rye-Street, accessivel egualmente aos que desejem acolher-se n'ella.

O mestre d'esta ultima escola, surprehendido um dia de ver a insistencia de um mancebo de dezeseis annos que mostrava ardente desejo de se corrigir, animou-o a assistir ás classes com assiduidade.

— E de que me servirá ir de dia á escola, se á noite tenho de vagar pelas ruas roubando para viver, como actualmente faço — respondeu chorando o pobre moço.

Effectivamente o obstaculo era grave. Commovido por aquella sinceridade, o mestre resolveu-se a uma experiencia decisiva, e deu-lhe um quarto para viver, e pão para comer. Quatro mezes viveu o mancebo contente e feliz, subjeito a este regimen. Aprendeu a ler, escrever, e contar, e algumas pessoas caritativas lhe pagaram a viagem á Australia, onde se comportou perfeitamente, com probidade e intelligencia.

Este primeiro e feliz resultado foi uma recompensa e um impulso para os seus generosos protectores, que em vista d'este exemplo se decidiram á fundação do *Refugio*, onde sómente se admittem os que confessam ser vagabundos e ladrões, e declaram querer subjeitar-se ao regimen disciplinar da casa. Apesar d'esta clausula que parece devia afastar os pretendentes, ao cabo de dois annos da existencia da instituição já havia mais de duzentas solicitações para admissão.

Para uma precaução contra a má fé e preguiça fazem passar o recipiendo por uma dura prova. Junto ao telhado da casa ha um quartosinho sem outros moveis mais do que o enxergão e manta grossa: uma familia pobre que ali vivia antes da casa ter o seu actual destino, foi dizimada pela colera, em 1849, que fez infinitas victimas no bairro de Westminster. É ahi que se recolhe o adepto, e permanece quinze dias a pão e agua, sósinho, excepto quando vae ás classes, ás quaes assiste em sitio apartado, sendo-lhe severamente prohibido sentar-se com os internos.

Este noviciado e a pedra de toque de um sincero arrependimento. Muitos enfraquecem á prova, outros soffrem-na com paciencia um dia ou dois, e ao cabo d'elles se retiram, porque tendo entrado voluntariamente na casa, ninguem os obriga a permanecerem, e podem sair quando quizerem. Tambem ha quem persevere uma semana, porem unicamente se julgam dignos de ficar na instituição os que aturam até ao fim.

Então lhes dão vestidos decentes, porque quasi todos entram cobertos de andrajos; tiram-n'os d'aquella casa de provação, e começam a gosar dos mesmos privilegios dos internos. Levantados ao raiar do dia, é a sua primeira occupação limparem a casa; depois almoçam pão e café, e vão para a classe. Ha dois cursos; um para os principiantes, e outro para os mais adiantados, onde lhes ensinam as doutrinas fundamentaes da religião, leitura, escripta, calculo, e geographia, especialmente das colonias. O mestre tem a direcção de todo o estabelecimento. A classe superior é dirigida por um dos mancebos, dos primeiros que entraram no *Refugio*, e que tem muita aptidão para o ensino. A classe inferior é dirigida por outro já apto para passar á segunda classe.

É curioso e interessante o espectaculo que apresenta esta reunião de mancebos, saidos voluntariamente do foco do vicio, e trabalhando de boa fé para se rehabilitarem. Ainda que vestidos de diverso modo, porque os fatos são dados pelos professores da instituição, todos estão mui aceiados, porque os regulamentos da casa obrigam-n'os a lavarem-se amiudadamente. Nos rostos de alguns encontra-se ainda a expressão brutal que tinham antes de entrar ali. Ha muitas physionomias onde predomina a astucia, contrahida por habitos antigos. No ar intelligente e desembaraçado conhece-se facilmente os primeiros que entraram, humanisados já pelo estudo, e pela ordem e regimen interno da casa. Geralmente fallando, todos aprendem prompto e bem.

Comem no intervallo que separa as classes da manhã das da tarde. Tres vezes na semana é a comida de carne. Depois da ceia passam uma hora ou duas na escola preparatoria, especie de officina, onde aprendem os officios de alfayate e sapateiro. Se um discipulo quer aprender a carpinteiro ou marceneiro proporcionam-se-lhes os meios.

Deitam-se em camas separadas, e quando o edificio está cheio de alumnos, as casas transtornam-se de noite em dormitorios.

Todos são obrigados a assistir no domingo aos officios, cada qual segundo o seu rito, e n'esse dia podem sair em grupos. Cada companhia leva á sua frente o melhor conductor.

Era para desejar que entre nós instituissemos egual estabelecimento.

RETRATO D'UM HOMEM DESTINADO A VIVER MUITO TEMPO.

Sua estatura é mediana e bem proporcionada, ou mesmo um pouco reforçada; o rosto não é muito corado, porque, ao menos na mocidade, a côr excessiva d'esta parte do corpo raramente promette longa vida; os cabellos são mais loiros do que negros; a pelle é compacta sem ser aspera: a cabeça é de mediano volume; tem as veias bem marcadas sobre os membros; as espadoas são mais redondas do que chatas; o pescoço não é muito longo nem o ventre saliente; as mãos são grandes, mas não semeadas de sulcos profundos; o pé é mais largo que comprido, e a barriga da perna quasi redonda; tem o peito largo e arqueado; a voz forte e sonora; póde reter muito tempo a respiração sem ser incommodado. Em geral, reina harmonia perfeita entre as diversas partes do seu todo. Os seus sentidos são bons sem comtudo serem muito delicados; o pulso é lento e uniforme.

Tem excellente estomago; o appetite é muito bom, e a digestão facil. Os prazeres da mesa teem encantos para elle e levam a alegria á sua alma, que partilha dos gosos do corpo. Não come unicamente por comer, mas a hora da refeição é todos os dias uma hora agradavel para elle, e a mesa lhe offerece uma especie de voluptuosidade que tem sobre as outras a vantagem de lhe dar força em vez de o enervar. Come lentamente, e não experimenta muitas vezes a necessidade de beber: a grande sêde é sempre signal d'uma destruição rapida.

Em geral, é franco, affavel, dado, accessivel á alegria, ao amor e á esperança, mas inaccessivel ao odio, á colera e á inveja. Suas paixões nunca teem o caracter da impetuosidade e da violencia. Se alguma vez se enfada e encolerisa, é antes um estimulo util, uma febre artificial e salutar, do que uma effusão debil. Gosta de se occupar, e compraz-se principalmente em meditar com socego sobre objectos agradaveis. É optimista, amigo da natureza e da felicidade domestica. Não conhece nem a ambição nem a avareza, e não cuida do dia seguinte.

O HOMEM DAS BOTAS.

Não nos censurem pela credulidade de se atravessar o nosso Tejo com botas de cortiça. Muito primeiro do que nós, outros acreditaram a possibilidade do facto, e assim como nós ficaram burlados na espectativa; se não veja-se o que a este respeito achámos em autores veridicos.

Em 1783, o *Jornal de Paris* annunciou que um relojoeiro inventara uns sapatos elasticos, com os quaes podia atravessar o Sena cincoenta vezes por hora. Para fazer a experiencia pedia que se lhe assegurasse por subscripção a quantia de 200 luizes, compromettendo-se a não tocar n'este dinheiro senão depois de atravessar o Sena em presença de quem quizesse assistir ao espectaculo. O periodico certificava que a descoberta era verdadeira. O rei abriu a subscripção enviando 45 luizes á redacção do periodico, e o seu exemplo foi seguido a tal ponto que o *Jornal de Paris* annunciou immediatamente estar completa a somma, communicando-o assim os seus redactores ao habitante de Leão que lhes transmittira as promessas do relojoeiro; porém uma carta do intendente d'essa cidade, M. de Flesselles, revelou que a pretendida experiencia era um chasco, e nada mais.

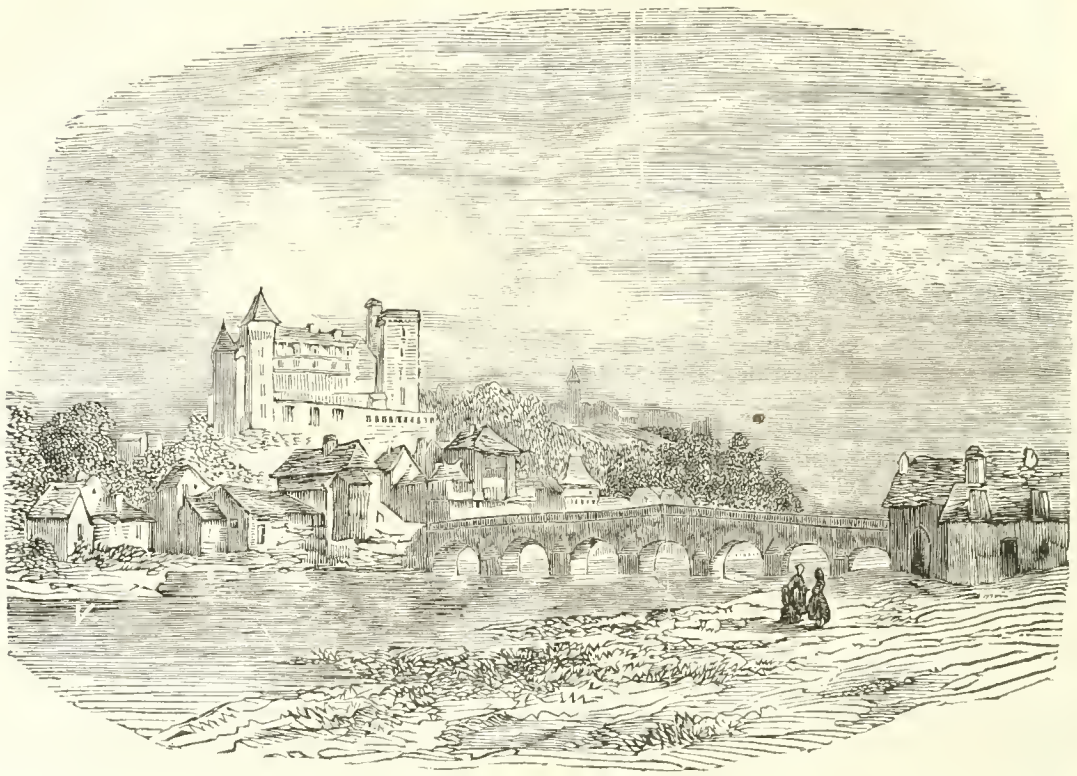
Dois annos depois verificou-se emfim a experiencia. Eis o que encontrámos na correspondencia de M. Grimm, datada de Setembro de 1785:

«Pelos fins de 1783 estavamos envergonhados do engano d'um individuo de Leão, que para experimentar a nossa credulidade annunciou com muita pompa a descoberta de uns sapatos elasticos com que andaria por cima da agua sem molhar os pés. Este milagre vimol-o finalmente ha dois mezes, e o prodigio causou tão pequena sensação, que quasi nem vale a pena fallar d'elle.

«Um hespanhol fez esta experiencia, a 5 de Setembro, no Sena. Collocou-se n'agua só com os sapatos; entrou pelo rio, ora seguindo, ora desviando-se da corrente, e muitas vezes se deteve, baixando-se para tomar agua nas mãos. Andava lentamente, e com cuidado, sem duvida pela difficuldade de conservar o equilibrio. Esteve n'agua vinte minutos, e apenas chegou á praia, descalçou os sapatos, e guardou-os n'uma caixa para occultar o feitio d'elles aos espectadores. A alguma distancia d'elle iam tres barquinhos para o soccorrerem em caso de perigo.

«Facil e comprehender que para isto se conseguir basta remover-se uma massa de agua egual ao peso de quem anda. O pé cubico da agua pesa 70 libras, de sorte que removendo-se dois pés pode sustentar-se á superficie um homem que pese 140 libras. Os taes sapatos são um barco dividido em duas partes, e a unica difficuldade que ha é conservar n'esta posição o equilibrio, para o que se precisa tanta destreza como para dançar na corda, e mais exercicios d'este genero. Não pudemos saber o nome d'este hespanhol, e só o que podemos dizer a seu respeito é que se lhe deu o titulo de academico de Barcelona, e pensionista de S. M. Catholica, titulos que lhe foram disputados de um modo bem humilhante pelo abbade Jimenez, n'uma carta enviada ao *Jornal de Paris*.»

A solidão serve de alivio ás almas apaixonadas



O Castello de Pau.

O castello de Pau contava ja bastantes seculos d'existencia quando um poeta o cantou, no tempo de Joanna d'Albret, em uma ballada. A origem d'este edificio, tão interessante por si mesmo e pelas lembranças que aviva, não remonta alem do decimo ou undecimo seculo. Ignora-se o nome do fundador. Depois de ter escolhido este logar para edificar uma cidade, fixou, diz-se, os limites por meio de tres estacas; a do centro marcava o logar em que devia levantar-se o castello, que foi chamado o castello de *Pal*, e depois de *Pau*.

A construcção do castello precedeu, sem duvida nenhuma, a da cidade. Foi primeiro uma praça de guerra, junto a qual se gruparam successivamente as casas.

Ahi floresceram os viscondes de Bearn. Entre os principes d'essa familia, teriamos a citar mais d'um digno de memoria; mas só diremos duas palavras a respeito do celebre restaurador do castello de Pau, Gastão, appellidado *Phebo*, ou por causa da sua notavel formosura, ou por allusão ao sol, que tomara por emblema.

Elle nasceu em Bearn, no anno 1331. Tinha apenas doze annos quando perdeu seu pae, morto pelos serracenos. Gastão não tinha ainda quinze, e já fallava em o vingar. Aos dezoito annos, desposou Ignez de Navarra, irmã de Carlos o Mau. Prisioneiro do rei de França por algum tempo, foi em seguida combater nas fileiras dos cavalleiros Teutonicos.

Entrado nos seus dominios, foi feliz na luta contra o seu rival, o conde d'Armagnac, e o resgate de numerosos captivos lhe forneceu os fundos precisos para o embellezamento do castello de Pau.

Gastão avançava em edade, e comtudo conservava o mesmo vigor e os mesmos gostos. Os desenhos, feitos debaixo das suas vistas, representam-no, ou exercitando, como musico, muitas pessoas a servirem-se da trompa dos caçadores; ou, como mestre da arte, professando, no meio de numeroso auditorio, as regras da caça.

Um dia Gastão tinha caçado um monstruoso urso. Depois da captura do animal, poz-se a caminho para Orcin, onde era esperado. Havia supportado ardente sol, e encontrava prazer na fresquidão da casa em que estava. Cercado de Yvain, seu filho, e dos seus mais fieis cavalleiros, entreteve-se algum tempo a contar os felizes incidentes da caça. Depois, no momento de se sentar á mesa, pediu agua para se lavar. Apenas tinha molhado as mãos, seu rosto tornou-se pallido, os joelhos tremeram, e elle caiu proferindo estas unicas palavras: «Eu morro! Senhor Deus, obrigado!»

Voltando a fallar no castello de Pau, que os

nomes de Henrique II de Navarra e de Margarida de Valois, sua esposa; e os de Joanna de Albret e de seus dois filhos, Henrique IV e Catharina, illustraram entre todas as outras habitações reaes, diremos que o seu destino foi como opposto ao de seus senhores.

O castello de Pau tinha chegado ao maior grau de esplendor no reinado de Henrique II e Joanna d'Albret, despojados do reino de Navarra; e começou a cair em abandono no tempo de Henrique IV, senhor do reino de França. Henrique IV e Luiz XIII lhe tiraram já uma parte da sua mobilia. De decadencia em decadencia, tornara-se uma prisão no tempo do imperio e nos primeiros annos da restauração. Não se podia então entrar no castello sem se observar atravez das grades de ferro os presos, que lançavam sobre os que passavam um olhar doloroso, ou proferiam uma palavra de colera.

Este deploravel estado de coisas cessou emfim, e no reinado de Luiz Filippe o edificio foi restaurado com magnificencia; os entendedores lamentam porem que em logar de o repararem escrupulosamente, se fizesse por assim dizer um novo castello que Henrique IV teria muito trabalho em reconhecer.

COINCIDENCIAS NATAVEIS DOS NOVE ALGARISMOS COM A HISTORIA DE PORTUGAL, EM QUANTO DOMINOU NESTE REINO A LINHA AFFONSINA DE SEUS MONARCHAS: PEQUENO TRIBUTO DEDICADO AO ILL.^mo SR. J. DA C. CASCAES, EM TESTEMUNHO DE CONSIDERAÇÃO, POR SEU AMIGO

M. DALHUNTY.

Ao Leitor.

Conta-se, não me recordo ao certo, se de Alexandre Magno, que sendo-lhe apresentado um homem, o qual a todos admirava muito, vendo-o lançar de longe, com a bocca, um grão d'ervilha, que fazia passar com incrivel destreza muitas vezes successivas atravez de um pequeno orificio, o monarcha, com maior espanto ainda dos admiradores da habilidade, sómente presenteou o inventor, mandando dar-lhe meia quarta de ervilhas! Alexandre, se outro não foi, (e no nosso caso pouco accrescenta á moralidade do juizo, o juiz que deu a sentença); Alexandre, suppondo pois que foi elle, mui bem entendeu que tão mal empregara o tempo quem se tinha dado a tal exercicio, que já sua utilidade fôra generosamente recompensada com um punhado, muito mais com a medida significativa das ervilhas. Outro caso se conta de um rei do Oriente, que desejando presentear o inventor do xadrez, lhe propozera que pedisse alguma coisa. Pediu elle um grão de trigo pela primeira casa da taboa do mesmo jogo; dois pela segunda; quatro pela terceira; e assim seguidamente, dando-se por satisfeito que se lhe fossem duplicando os grãos de trigo, de casa em casa, até á ultima. Pareceu, como é natural, á primeira vista, mui insignificante o pedido; mas, chegando-se ao calculo das parcellas de uma tal progressão, acharam os mathematicos de el-rei que sua magestade não tinha em seus dominios trigo sufficiente para fazer tal donativo! A moral d'estes dois casos parece instruir-nos de que muitas coisas ha que exigem muito trabalho e muito tempo, sem passarem de puras futilidades; mas que muitas outras ha que se podem tratar á primeira vista de futeis, e que depois de melhor exame chegamos a achal-as de inesperado valor. Assim muitas vezes, o rubro fructo sobre a mesa do commerciante, esperando-o mui leve, achamos, ao tomal-o nas mãos, nada mais que uma pedra pesada, mas serviçal, que prime debaixo de si lettras de cambio, e papeis representantes de grossos cabedaes. Eis similhante áquelle fingido pomo, o trabalho que vou apresentar-vos: pode recrear-vos á vista primeira da alma, e parecer-vos depois de outro relance, e ao primeiro toque, como a pedra fria que foi brinquedo da arte; mas se considerardes os factos da Historia patria, tão dignos do conhecimento de todo o mundo, contidos na ordem que lhes prescreveu este artificio, como fixos para a memoria, certamente me persuado que de todo não tereis por inutil e mal empregado o tempo que puz na execução do objecto d'arte, que serve para retel-os; embora os comprima, e algumas vezes o acheis frio de mais ao tacto da vossa intelligencia. Reparae: seu valor está todo no serviço que presta á primeira de nossas faculdades intellectuaes; e na importancia dos thesouros de Historia portugueza que debaixo encontrareis ali coordenados, em uma especie de notas, com que podeis contratar no commercio polido e intellectual da sociedade.

ALGARISMO I.

Portugal já pelo seu nome se define: alto e forte, como veiu a sel-o, em seus melhores tempos. Guiando-nos sómente pela etymologia do ouvido, confirmada pela da Historia, notemos as duas palavras — Porto Gallo — de que se compõe a que designa o reino.

Não estará em *porto* significada a origem, d'onde, com espanto do mundo todo, procedeu esse poder de naves alterosas, peso que sentiram,

D'exercitos e feitos singulares,
D'Africa as terras, e d'Oriente os mares?

Não estará tambem significado em *gallo*, *ave* nobre, que não consente rivaes; e que, por seu cantar altisono sauda o *primeiro* albor do dia — não estará significado, digo, em gallo — o timbre d'

Aquelles que no reino lá da Aurora
Se fizeram por armas tão subidos?

Certamente a patria dos *primeiros* navegado-

res da Europa: a dos conquistadores d'Africa e do Oriente, acha-se como symbolisada no proprio nome do paiz que produziu taes homens. Portugallo significa — patria de navegadores assignalados que fazem calar a musa antiga, e

Inclinam seu proposito e porfia
A ver os berços onde nasce o dia.

A *ave* sonora de Portugal, lembra o Ave, rio da *primeira* provincia que pertenceu inteira ao reino; nas margens do qual, está situada Guimarães *primeira* residencia real d'este estado, que successivamente se foi dilatando de norte a sul, figurando na carta, quasi como o algarismo I: elle que tambem é o *primeiro* na Europa:

Eis-aqui quasi cume da cabeça
Da Europa toda, o reino Lusitano,
Onde a terra se acaba, e o mar começa,
E onde Phebo repousa no Oceano.

O *primeiro* dominador do territorio portuguez foi Henrique, proximo parente de Henrique *primeiro*, rei de França; e o *primeiro* homem distincto n'elle, foi Egas *Moniz*, pela tomada de Lamego, onde se rebellara o rei moiro Hecha. *Moniz*, appellido que tanto coincide com as iniciaes de muitas palavras gregas que significam *um* ou *primeiro*, bem estava ao aio de um principe como Affonso Henriques,

Que do mundo os mais fortes egualava
Que de tal pae, tal filho se esperava.

Este *primeiro* soberano antes de acclamado rei, chegando a fazer guerra a sua mãe que dizem tratara casamento com Fernando Peres, conde de Transtamara e

O filho orphão deixava desherdado,

achava-se cercado em Guimarães por D. Affonso de Leão seu *primo*, que soberbo viera a vingar a affronta de Valdevez (logar que de então se ficou chamando — campo da matança); quando,

O leal vassallo conhecendo
Que seu senhor não tinha resistencia,
Se vae ao castelhano promettendo
Que elle faria dar-lhe obediencia.
Levanta o inimigo o cerco horrendo
Fiado na promessa e consciencia
De Egas *Moniz*.

D. Affonso Henriques, Affonso *primeiro*, foi conquistador de muitas terras, e fundador da *primeira* ordem militar — S. Bento d'Aviz — em memoria da tomada de *Evora*: Aviz e Evora pelas *primeiras* lettras *av*, *ev*, recordando a palavra *ave* que primeiro notámos, e á qual mui bem associamos agora a ordem de *Ala*, ou Aza (S. Miguel d'Aza), que commemora a tomada da *primeira* villa do reino (Santarem), no assedio da qual imaginou ver o guerreiro Affonso *primeiro*, a aza do *primeiro* archanjo (S. Miguel) que combatia por elle nos ares. A palavra Ala começa e acaba pela *primeira* das vogaes, e *primeira* das lettras do *Al*phabeto; e figura n'ella a consoante que supprimiu a pronuncia portugueza em Alfonso, como costuma fazer em muitas palavras que no hespanhol tem esta lettra. Foi esta ordem creada em *Al*cobaça. A Santarem chama o poeta — Scabelicastro:

Scabelicastro, cujo campo ameno
Tu claro Tejo, regas tão sereno...
. . . . . .
E tu nobre Lisboa que no mundo
Facilmente das outras és princeza.

A cidade de Lisboa foi a conquista mais importante de Affonso *primeiro;* e o primeiro bispo que nomeou para ella foi D. Gilberto, theologo inglez. O mesmo rei obteve do papa *Alexandre* (*primeiro* depois do *primeiro* par de papas de egual nome) uma bulla pela qual se confirmava ao arcebispo de Braga o titulo de *Primaz* das Hespanhas.

No *primeiro* par de soberanos de Portugal são ambos *primeiros:* Affonso Henriques, Affonso *primeiro;* a quem succedeu seu filho, Sancho *primeiro*, denominado povoador. Depois do que conquistou a terra, bem foi que viesse quem a povoasse.

Continúa.

BOLSAS.

Admittiu-se o uso d'esta palavra para designar os logares consagrados nas grandes e populosas cidades á reunião dos negociantes, e transacção de valores publicos.

Entre estes edificios são os mais notaveis:

A Bolsa de Paris, que é um vasto edificio, imitação da arte grega, e por isso falto de caracter de nacionalidade. Foi architectada por mr. Brongniart, e fazendo-se justiça ao architecto é merecedor de elogios, porque projectou a sua obra imponente na forma, e grandiosa no todo. Este edificio abriu-se ao publico em 1826.

A de Anvers tem uma structura peculiar. Compõe-se d'uma quadra rectangular, com o seu portico, formado de arcos de ferro, descansando em quatro ordens de columnas de pedra azul. Na parte superior estão as salas do tribunal e camara do commercio. Este edificio foi construido em 1531 pelo modelo da Bolsa de Amsterdam, que ha poucos annos acaba de ser destruida.

A de Londres, substituição da que se incendiou em 1666, foi construida logo em seguida áquella catastrophe. Tem uma fachada de lindo effeito, e n'ella avulta um magnifico portico sustentado por oito columnas corinthias, com um frontão de bellas proporções.

As de Manchester e Liverpool tambem se clas-

sificam entre os melhores edificios d'este genero.

A de S. Petersburgo, que está assentada nas margens do Neva, e um bello edificio, levantado pelo architecto francez, mr. Tomon. Acabou-se em 1811, porém somente se abriu ao publico em 1816.

Data do reinado de Fernando o Catholico, a Bolsa de *Lonja* de Valencia, em Hespanha. Foi construida no estylo arabe. Tem uma sala de quarenta metros de comprimento, e vinte sete de largura, dividida em tres naves por uma columnata de grande elegancia sustentando a respectiva abobada.

A de Barcelona, que é um perfeito monumento do estylo moderno, foi construida no reinado de Carlos III pelo architecto João Solers.

Prima porém sobre a de Valencia, a Bolsa de Palma, na ilha Maiorca. É construcção do seculo decimo quarto, cem annos depois d'esta ilha entrar no gremio da religião catholica. Pouca reminiscencia offerece da arte moirisca; com tudo são arabes as suas ameias e seteiras, e é um puro modelo no estylo ogival applicado á architectura civil. A sua disposição interior consiste n'uma unica sala de immensa extensão, pasmando ahi os olhos como aquella grande abobada se possa sustentar só em seis columnas.

A Bolsa de Lisboa, por bem conhecida de nós todos, dispensa mais ampla descripção. É aberta em columnatas, e no edificio superior acha-se o Tribunal do Commercio.

RELAÇÃO DAS COISAS QUE ACONTECERAM EM A CIDADE DE ANGRA, ILHA TERCEIRA, DEPOIS QUE SE PERDEU EL-REI D. SEBASTIÃO EM AFRICA.

Continuação.

LXXX

Da caravela que tinha feito Manuel da Silva, e do que succedeu quando a fazia.

Ordenou Manuel da Silva de fazer uma caravela muito ligeira, como fez na praia desta cidade. Com tanta curiosidade a fez, que não saia nunca da praia. Andando-a fazendo, dice que era para o que succedesse ou houvesse mister para qualquer recado. Dice um homem que se chamava o pinto vintem: *Fal-a elle para fugir nella, e alguem cera: nem hade pelejar, nem entregar a terra com bons partidos, e hade fugir na caravelinha.* Não faltou algum golhilheiro que logo lho foi dizer, e elle como lhe doeu, e fallaram verdade, mandou que logo o enforcassem; de maneira que moderando a sentença mandou o pobre homem açoutal-o pelas ruas publicas com um arrocho na lingua, e depois de açoutado lhe mandou pregar a mão no pelourinho, e esteve duas horas com ella pregada; e isto fazia a muitos por qualquer cousa que diziam contra elle e como os homens não faziam o que elle mandava logo os mandava confessar, e depois com lhe revogar a sentença os mandava açoutar e pregar-lhes as mãos no pelourinho com um prego entre o dedo polegar, e o outro dedo, em o chumbo que estava no pelourinho. A gente da cidade e ilha era destruida de roupas, que pediam e tomavam para francezes e gente portugueza que vinha de fora, e lha não tornava mais.

LXXXI.

Da ordem com que o marquez de Santa Cruz botou a gente em terra, e aonde.

Andou o marquez de Santa Cruz esperando alguns dias que Manuel da Silva lhe mandasse a resposta da carta que lhe tinha mandado, sem a Manuel da Silva se lhe dar de cousa alguma, podendo ajuntar-se com as camaras da ilha, e com gente nobre capitães e gente do povo, e ler-lhes a carta do marquez, e dar-lhes resposta, e pedir-lhes o mais que quizessem: nenhuma cousa fez; antes tornando a vir mais recados lhe atiraram ás espingardadas. Quando o marquez vio o desengano ordenou em dia de Santiago de botar ao dia de Sant'Anna, que é a 26 de Julho, gente em terra; e pareceu a Manuel da Silva que botasse a gente na Praia, villa, e toda a força mandou pôr lá, e no logar onde sairam não ficou mais que um capitão francez por nome Borgonhão. O marquez de Santa Cruz dizem que andou de noite em uma barquinha pela costa, olhando onde via menos morrões acesos, e no logar onde sairam estavam menos, que era entre os dois picos chamados os da *Contenda*, e vinham na armada homens da villa de S. Sebastião, que era um Aleixo Pacheco, Melchior Veloso, Diogo Gonçalves Ferreira, e Domingos Alvares, que sabiam ali todos os passos e pedras, e ajudaram a dar ordem como botariam gente em terra.

LXXXII

De como o marquez de Santa Cruz no dia de Sant Anna pela manhã botou a gente em terra.

Em dia de Sant'Anna pela manhã muito cedo, que foram 26 dias do mez de Julho do anno de 1583, botou o marquez de Santa Cruz em galés e barcas e caravelas e com pranchas como cinco mil homens junctos em terra, e no logar onde os botou não estava mais que um capitão francez com sua companhia, o qual pelejou de tal maneira, que até em joelhos pelejou o mesmo capitão, e hi foi morto, e só de toda a companhia escaparam onze; e aquella noite estavam ali mais tres companhias, que com a do francez eram quatro; e os mandou ir d'ali Manuel da Silva para Santa Catharina que era no Caboda-praia, parecendo-lhe que lá saissem. Naquella entrada morreu muita gente do marquez, aonde morreu o capitão Rosado, e outros homens co-

nhecidos, e soldados castelhanos e portuguezes; e quando acudiu gente já estavam em terra cinco mil soldados com campo formado e iam botando fora por ficarem e estarem já senhores do mar, e brevemente foram despejando a armada, que quando veio as dez horas do dia teriam como quatorze mil homens, outros diziam que seriam mais de quinze mil ou dezeseis. Quando veio a horas de meio dia podiam estar de gente da terra, portuguezes, francezes, e inglezes, oito mil homens, outros diziam que seriam dez mil, o que não podia ser, porque na cidade ficaram companhias de gente que não foram lá, que era Miguel da Cunha, Sebastião do Canto, que era junctamente capitão de um forte, e Thomas de Pórras, e na Villa da Praia duas. E formaram corpo de parte a parte, e sairam mangas a escaramuçar de parte a parte, e logo no principio mataram a Antonio da Silva, capitão dos creados do snr. D. Antonio, que por rei se nomeava. E quando foi ao meio dia podia estar gente de cavallo como quatrocentos homens, e com grande fervor, tocando caixas, pifanos, trombetas, e a gente de cavallo diante, queriam dar batalha embaixo sobre o marquez, e com tanto fervor e impeto queriam descer, que a grita e harmonia fazia pavor; e em querendo descer mandou Manuel da Silva que não dessem batalha, que queria mandar vir muito gado, e que o amarrariam em Cobras, e que com menos morte de gente dariam sobre a tarde batalha. O cão do judeu com medo o fez, começando a buscar ordem para se chegar a noite, e se acolher, como fez, podendo muito bem fazer seus partidos com o marquez, que não esperava outra cousa. Aquietou-se a gente contra sua vontade, escaramuçando sempre com mangas que botavam de parte a parte, té ás quatro horas depois do meio dia.

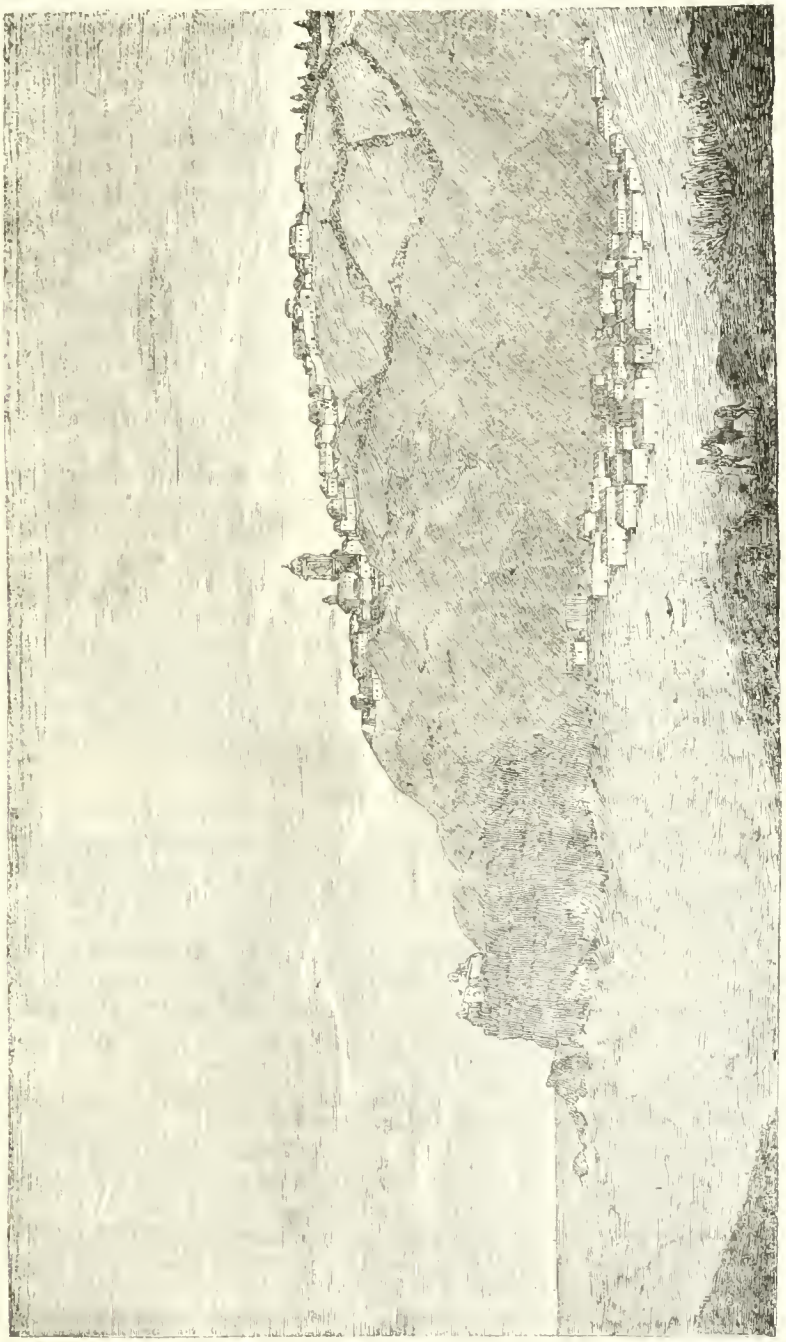
LXXXIII

De como veio muito gado, e do que succedeu.

Seria ás quatro horas depois do meio dia, quando chegou muito gado, que seria como duas mil rezes. Pozeram-se em ordem de amarrar e fazer cobras, para assim o botarem, e desmancharem o campo, e a gente de pé e de cavallo posta em ordem e com grande fervor como da primeira vez. Mandou outra vez o maldito Manuel da Silva com penas de morte que estivessem quedos, que não eram horas para dar batalha, porque queria de noite mandar vir toda a artilheria grossa da ilha, rodear com ella o campo e trincheiras, para que, quando viesse pela manhã, poder dar com a artilheria, e com menos perigo de gente desbaratar o campo do marquez, que o menos que houveram de vir eram 50 peças de artilheria grossa. Pareceu bem a todos se assim o fizeram, mas Manuel da Silva por se não pôr em risco de morrer na batalha fazia todas estas quimeras por fugir, porque tinha mandado recado á cidade que lhe mandassem a caravela ligeira, que elle tinha feito, porque appareciam perto de 80 velas, porque podiam ser de França, para as irem reconhecer: e o que trouxe o recado dice que as não vira, e logo os capitães das fortalezas de Sant-Antonio e San Sebastião e das mais entenderam o que era, porque mandava vir a caravela, e queria fugir; e a caravela estava já com os marinheiros dentro, e logo os capitães lhe mandaram atirar que dando á vela a mettessem no fundo. E largando ella a primeira vela foi tanta a artilheria nella, que os pobres marinheiros se metteram debaixo da cuberta, e largaram o leme, e ella se atravessou, e deixaram estar quedos com atirarem e botaram então ancora, porque davam em costa brava. E lhe não foi a caravela que provera ao Senhor que lhe fôra, e elle que fugira, porque então a gente da terra se entregaram com muito bons partidos. E porque d'onde estavam os campos formados á cidade eram duas leguas, e ouviram muito atirar na cidade, de uma parte e outra estavam suspensos: não sabiam a que attribuissem o caso, quando já foi recado do que era ficou a gente espantada, logo murmuraram que a detença do dito Manuel da Silva não era outra cousa senão para fugir, indignados contra elle, o qual tinha descuberto seu peito aos francezes, de que haviam de fugir de noite, e que, como elles vissem atirar uma peça grossa, se fossem tomar sua estancia, e se fossem. Quando um Diogo Dias, que era natural desta cidade, ouvio da caravela que mandava vir Manuel da Silva, para fugir, fingindo que era para ir reconhecer naus, se foi botar no arraial do marquez com seu cavallo, e lhes contou o caso, de que ficou o marquez contente, e soldados, e capitães. Quando foi de noite ouvio-se uma peça grossa. Não podiam imaginar o que seria. Então se acolheu Manuel da Silva e os francezes, e foi tão judeu que tendo 20 carros de artilheria grosas não quiz que de dia se atirasse ao campo do marquez; que lhes fizeram grande damno e morte de gente, porque não havia que errar; tudo de judeu por o campo não vir acima com agonia do estrago da artilheria; que tudo se soube depois. Logo de noite se murmurou, que elle Manuel da Silva era fugido, mas não attentavam pelos francezes, porque tinham sua estancia apartada, mas uns diziam, será, outros não será, e assim escutando de madrugada se ouviam o rugido dos carros, que haviam trazer a artilheria, não ouviram nada, antes acharam gente menos, e ida: e imaginando em um homem que vendeu a terra, e, de judeu, nem pelejou nem a entregou, e fez o que sempre delle se esperou.

Continua.

Maldizendo o tempo presente, louvamos o dos antepassados; elles maldiziam o seu; os vindouros louvarão o nosso: a razão é porque todas as eras presenceàm vicios e crimes, cujo conhecimento nem sempre passa á posteridade



A NAZARETH.

A NAZARETH.

A denominação de Nazareth procede da povoação assim chamada na Palestina, patria da Virgem, e onde Christo viveu na sua primeira edade. Esta invocação foi dada a um templo sumptuoso, no logar do mesmo nome visinho da villa da Pederneira, e bem conhecido pelas frequentes romarias de todos os povos da Estremadura. Diz-se que a primitiva fundação da egreja é devida a el-rei D. Fernando, sendo depois augmentada pela rainha D. Leonor, mulher de D. João II, e ainda mais por el-rei D. Manuel: certo é que em epocas posteriores se fizeram obras que o tornaram excellente.

Refere a tradição que a imagem da Senhora, objecto de piedoso culto e concorrida romagem, fôra trazida da propria cidade de Nazareth por um monge grego quando n'aquellas partes do oriente se levantou a heresia dos iconoclastas contra o culto das imagens. Sabido é que esta seita, nascida no fim do seculo V, chegou a ser

poderosa no tempo do imperador Leão Isauro, seculo VIII, e empregou para propagar as suas opiniões todos os meios violentos do fanatismo. Não pode, pois, em duas epocas tão distantes fixar-se qual fosse a da conducção da Virgem da Nazareth a Hespanha, se é certo o que a crença dos primeiros escriptores nossos transmittiu talvez sem exame. Este ponto, controvertido, como outros muitos, por exemplo, o milagre feito a D. Fuas Roupinho, que todos conhecem pelas estampas e paineis da Nazareth, e a vinda do rei godo, D. Rodrigo, áquelle sitio onde se pretende que fizera penitencia depois de derrotado pelos sarracenos invasores, é questão em que não pretendemos entrar; os curiosos podem consultar, alem de outras fontes, a dissertação especial sobre o assumpto pelo chronista Fr. Manuel de Figueiredo.

Do cavalleiro, que foi tambem capitão de armada, diz o nosso Camões nos *Lusiadas* cant. VIII estancia 17:

E Dom Fuas Roupinho, que na terra
E no mar resplandece juntamente
C'o fogo que accendeu junto da serra
De Abyla nas galés da maura gente;
Olha como em tão justa e santa guerra
De acabar pelejando está contente,
Das mãos dos mouros entra a feliee alma
Triumphando nos ceos com justa palma.

VIAJAR... AO MENOS ATE CINTRA!

Toda a gente falla com enthusiasmo em viajar; mas fica parada, por mandreice.

Quantos exclamam, soltando profundo suspiro: Se eu podesse ir a Paris!... Podiam, se quizessem, e ate muito economicamente; mas se elles nem ao menos vão a Cintra!

Aqui estou eu, e não sou dos que tem descansado mais no solo natal, que ardo em desejos de ver S. Pedro de Roma, e ainda não visitei a Batalha, que está aqui tão perto.

Deixa-se de anno para anno esta excursão, como coisa que se pode fazer logo que se queira; á chegada de cada inverno, diz-se: da primavera que vem não escapa; e vem a tal primavera, e depois o estio, e o formoso outono, e outra vez o carrancudo inverno, e sempre o estribilho: Para o anno, com certeza.

Ver Paris e o sonho de quasi todos os rapazes, que ainda não viajaram. Nem o formoso ceo da Italia, nem as fabulosas galas do oriente, nem as pittorescas margens do Rheno, nem a selvagem natureza da Suissa, attrahem um coração juvenil, como Paris—a cidade das mulheres travessas, dos homens buliçosos, do movimento continuo, da festa permanente!

Não me succedeu a mim o mesmo. Tinha apenas dezeseis annos de edade quando me achei a cento e vinte leguas de Paris, com uma optima estrada diante de mim, e não fui lá. Só quinze annos mais tarde e que visitei, e não de espaço, a seductora capital da França.

Viajar—foi, e e ainda hoje, e creio que será sempre, no meu entender, a suprema felicidade da terra, a unica maneira de viver aqui em baixo, debellando a monotonia.

Que sensação ha ahi comparavel a de avistar um ponto gloriosamente historico, uma terra de que ouvimos contar maravilhas; ver e admirar os usos e costumes de mil povos diversos; divagar por este mundo, que Deus fez para o homem, ora sentado na commoda poltrona do wagon, logo nos macios coxins de uma carruagem de molas, mais adiante nos bancos estofados de uma gondola, ou recostado no beliche de ligeiro barco de vapor, que desenrola todos os primores do conforto. Depois, para variar, correr sobre um veloz cavallo arabe, tão formoso como andador, ou seguir a passo, e mesmo a galope, sobre a corcova de um dromedario; e emfim subir as asperezas dos montes, encostado a um bordão ferrado.

Só quem viaja pode comprehender perfeitamente a omnipotencia do Creador. É diante das vagas espumosas do Oceano em tormenta, ou ante os bosques virgens do Novo Mundo, povoados de arvores gigantes, que se reconhece toda a magestade do poder soberano.

A idéa não é minha, mas tenho mais de uma vez sentido a verdade d'ella, e por isso a proclamo.

O meu primeiro sonho de viajante, ainda na juventude, era ver as pyramides do Egypto, e, como appenso, Alexandria com as suas agulhas de Cleopatra, o Cairo com suas recordações de todos os seculos, as areias soltas do esteril deserto, e Suez revendo-se no mar Vermelho. Tudo isso vi, mas um pouco tarde.

O meu segundo desejo era visitar a Alhambra... Está perto, e nunca logrei satisfazer este appetite.

Em terceiro logar estava Napoles, com o seu decantado porto, com o seu monte Vesuvio, com o tumulo de Virgilio; depois o resto da Italia, Constantinopola e o Rheno, e só em ultimo logar Londres e Paris.

Infelizmente, depois de cumprido o primeiro, inverteu-se a ordem na satisfação dos meus desejos.

Talvez que, antes de chegar a este ponto, ja o leitor tenha perguntado, se o homem que escreve estas linhas as data de Rilhafolles.

Não, amigo leitor, *ainda* não dei entrada no asylo da loucura; porém talvez isso seja uma injustiça, das muitas que se vêem n'esta terra. Entretanto, vou-te explicar como nasceu este artigo.

Fui ha dias a Cintra; estava um tempo delicioso! Passei tão agradavelmente, na companhia de alguns amigos, que estranhei o pouco concorrido que se acha aquelle *Eden terrestre* (segundo lord Byron).

E fiz estas reflexões:

Pois uma visita ao palacio acastellado, a essa corporificação de um conto das *Mil e uma noites;* pois um passeio á sombra de copado arvoredo e ao lado de mimosas e aromaticas flores na quinta do marquez de Vianna; pois um delicado jantar no Victor com o espumoso Champagne e o refrigerante Collares; pois, emfim, ver, do penedo da Saudade, mergulhar-se o sol no distante horisonte... não e tudo isto lindo, encantador; pois não se passa assim melhor um dia, do que fazendo visitas de ceremonia em Lisboa, passeiando no jardim da Estrella, jantando em casa, ou mesmo no Matta, e vendo do Terreiro do Paço o ocaso do sol?

Que o Tejo é bonito não tem duvida; mas de Cintra vê-se uma nesga do aureo rio, e alem d'isso a magestade do Oceano.

E afora o Tejo, que ha mais a ver de Lisboa?

Aqui esta pois o motivo porque escrevi este artigo; foi para convidar os leitores a visitarem Cintra, sempre que possam: a fugirem d'estas ruas, onde impera o pó do mac-adam e a lama, para aquelle *throno de vicejante primavera!*

Oh Cintra! Oh saudosissimo retiro.
Onde se esquecem magoas!.....
.....
Quem descansado a fresca sombra tua
Sonhou senão venturas?

Se estivesse feito o caminho de ferro para Cintra! Se ao menos tivessemos esperanças de que elle progredisse brevemente!... Mas qual historia!

Caminhem, pois, carissimos leitores, pela estrada de Bemfica, que não é feia; ja se gosa um bello fresco no alto da Porcalhota, e ainda mais no Cacem, aonde lhes aconselho que almocem. Do Ramalhão em diante não encontraes senão bellezas, naturaes e artificiaes, até que, no alto da serra de Cintra, gosareis o mais formoso panorama do universo.

É necessario, porem, abandonar a proverbial indolencia nacional; não ficar na cama ate ao meio dia; sair cedo e passear muito.

Nada de demorar na villa, depois de visto o palacio real e contemplada a bonita fonte da praça e o vetusto pelourinho. Não ha mais ahi que cheirar, senão a cosinha do Victor ou da Durand.

Mas la vos espera em cima, alem do fabuloso palacio e mosteiro da Pena, o castello moirisco com sua cisterna, antiquissima e bem conservada, n'aquella fabulosa altura; o convento de Santa Cruz, talhado na rocha, e forrado interiormente de rugosa cortiça; a Peninha, outro mosteirinho erguido sobre penedias, porem cercado de abundantes pastagens; Penhalonga, santuario profanado pelos modernos vandalos; Santa Eufemia, logar de romaria e devoção; o antigo convento do Carmo, hoje pertencente á casa de Lavradio; o palacio e quinta do duque de Saldanha; S. Pedro de Pena-ferrim e Santa Maria.

Volvendo a planicie e encaminhando para o bucolico local de Collares, saudareis á esquerda a fonte dos Pisões, e a formosa quinta da Regaleira; á direita as casas de Monte Christo, e de Roma; o campo de Sitiaes, com o palacio dos Marialvas e o Penedo da Saudade; as ruinas de Monserrate, que vão tornar-se em um palacio de cristal e n'uma quinta-modelo, sob a poderosa vontade do oiro inglez; Penha Verde, com suas recordações de D. João de Castro; a melancolica rua dos Amores na quinta dos marquezes de Pombal, e tantos outros logares aprasiveis, matisados de palacios e outras graciosas habitações, até chegardes ao mais suave logar de Portugal — a varzea de Collares!

Que bello e passar um dia, ora vogando em pequeno batel pela mansa corrente do rio das Maçãs, ora espairecendo a vista por essa grandiosa vegetação, sempre acompanhada de abundante agua que se despenha em grossos jorros, e que por todos os lados se encontra.

Alongae-vos na direcção de Almoçageme; ide contemplar o horrivel Fójo, e a Pedra de Alvidrar inclinada sobre o abysmo das aguas, que vem quebrar-se com furia a seus pés, na poetica praia das Maçãs.

De volta ao hotel aconselho-vos um copo d'agua da fonte da Sabuga, ainda que não e natural terdes necessidade de aguçar o appetite, depois de qualquer passeio por estes sitios encantadores, frescos e sadios.

Por Deus... quem pode, não se deixe ficar em Lisboa nos dias de calor abafadiço, que ameaça de asfixiar um pobre cidadão; caminhem ao menos, ate Cintra, e quando puderem irão mais longe.

Não se deixem ficar a espera do caminho de ferro entre Lisboa e Madrid, se tencionam viajar; elle hade fazer-se algum dia, e certo; mas não sabemos quando estara prompto.

Os paquetes dão bom commodo para Cadiz, para Marselha, para Genova, ou para Southampton, e de lá vae-se facilmente a Londres, a Paris, a Bruxellas, a Amsterdam, a Berlin, a Vienna, a S. Petersbourg!

Se preferis a estrada aquatica do Mediterraneo, um solido vapor vos levará commodamente, ou á Hespanha, ou ao meio dia da França, ou a Italia, ou a Grecia, ou á Turquia, ou ao Egypto.

Quem não viu Sevilha, não viu maravilha, dizem os hespanhoes.

A Italia é o jardim da Europa, e Florença o jardim da Italia, dizem os toscanos.

Quem não viu o Egypto não viu a maior raridade do mundo, diz o autor das *Mil e uma noites*.

A Provença e o paraizo da França.

A Grecia e o paiz da mythologia, a patria de Homero.

Stambul e a cidade dos contos arabes.

Merece a pena ter algum incommodo para ver parte das maravilhas que Deus espalhou sobre a terra, e para admirar as soberbas obras do homem. . .

Mas se vós nem a Cintra ides!

Então, adeus, leitor.

Lisboa, 10 de Julho, 1857.

F. M. Bordalo.

AS MONTANHAS E OS INSECTOS.

As montanhas são muitas vezes as raias entre os insectos d'um mesmo paiz. Por exemplo, Mendoza, situada ao pe dos Andes, não tem quasi nenhuma especie de insectos communs em Santiago, no Chili, que e collocada sob o mesmo parallelo, e não esta a cincoenta leguas de distancia em linha recta. Por um facto ainda mais singular, a forma entomologica não e a mesma nos dois lados do canal de Tende, na cadêa dos Alpes. As correntes d'agua, ao contrario, mesmo as mais largas, não são obstaculo a propagação dos insectos, e encontram-se frequentemente as mesmas especies sobre ambas as margens.

BARRA E PORTO D'AVEIRO.

Uma extensa lagoa, limitada pelo lado norte por uma ribeira, na foz da qual está Ovar, forma o porto d'Aveiro; ficando ao sul a nova barra que d'Ovar dista 16 milhas; ao nascente uma restinga de areia de tres quartos de milha de largura; ao sueste o rio Vagos; e ao nascente os terrenos baixos ao norte do Vouga. N'aquella lagoa ha muitas ilhas pantanosas, onde se colhe o sal, que é a exportação mais importante do districto.

O rio Vouga, que tem o seu curso afastado 6 milhas d'Aveiro com a nascente a 50 milhas de distancia, vem desaguar n'esta lagoa, e assim tambem o Couto, Agueda, Vagos, e outros ribeiros. Da juncção de todos estes ribeiros na lagoa resulta, conjuntamente com as aguas das marés, ser o porto tão abundante de agua, que navios mercantes de alto bordo, e ate vasos de guerra da classe media, ali poderiam entrar.

A restinga que se forma sobre o Atlantico, pela accumulação de areias, difficulta a entrada e saida d'estas aguas para o mar.

Havendo actualmente duas barras, uma ao noroeste e outra ao sudoeste, podem ter, quando muito, nas marés vivas, a profundidade de 2,20 a 3,95 metros; profundidade que, nas marés do equinocio, regula por 3,5 a 4,0 metros, e nas ordinarias, por 2,5 a 3,0. Nas mortas, orça por 1,76. Advirta-se que a variação dos ventos muda este calculo; e influe sobre todos muito mais n'este porto o de oeste, que favorece a enchente das marés, e o de leste que coadjuva a vasante.

Ha calculos de que o canal (deixando á parte a variedade da sua profundidade mede 1,76 metros de agua até 8,80. Desde Aveiro até a lagoa tem, no baixamar, a sobredita profundidade de 1,76 metros, sendo a sua largura media de 117 pés, o que vem a ser 36 metros: nas marés ordinarias, porém, sobe um metro. As mares mortas são de 0,66 metros. Na epoca das cheias eleva-se a agua nos canaes 0,60 metros acima do nivel ordinario.

Tem variado os projectos para o melhoramento d'esta barra, a ponto tal que hoje nada ha definitivamente assentado, segundo nos consta. E e antigo o empenho em melhoral-a, porque já em 1758 trabalharam n'este sentido distinctos engenheiros, como foram Francisco Jacinto Polchet, Francisco Xavier do Bego, Manuel Gonçalves de Miranda, e João de Sousa Ribeiro. Em 1777 occuparam-se do mesmo objecto o coronel Guilherme Elsden, o capitão Isidoro Paulo Pereira, e Manuel de Sousa Ramos: João Isepi teve a mesma empresa, desde 1780 até 1783: o general Guilherme, e Luiz Antonio Vallexe em 1788. Estevão Cabral encarregou-se d'este estudo em 1791. Luiz Gomes de Carvalho, e o coronel Oudinot chegaram a executar trabalhos n'esta barra, em 1802, e parecem hoje os mais apropriados. Finalmente, o director das Obras Publicas no referido districto de Aveiro, Agostinho Lopes Pereira Nunes, infelizmente fallecido hoje, occupou-se com tanto esmero no estudo d'esta barra, que o engenheiro inglez sir John Rennie, n'uma pequenina memoria sobre este porto, o cita com elogio.

E realmente o merece este nosso engenheiro, quando vemos aproveitados n'essa mesma memoria os estudos d'este nosso finado compatriota, e o distincto engenheiro inglez que acabamos de citar nos apresenta nos seus apontados meios para o melhoramento da barra de Aveiro os projectados planos da antiga planta que ali existia, e que Nunes procurava desinvolver com aquelle aperfeiçoamento que a engenharia hydraulica exige actualmente, pelo maximo desinvolvimento a que chegou em os nossos dias.

Estes propostos meios de melhoramento consistem em augmentar o receptaculo das aguas salgadas e doces; na construcção de novas pontes que vençam a largura do canal; no alinhamento do sobredito canal, chamando o centro das aguas a um ponto fronteiro á barra; e, finalmente, na continuação do actual dique até ao baixamar, com a construcção de outro do lado norte.

Para evitar o movimento das areias, apresentam alguns engenheiros o pensamento de se plantarem pinheiros na restinga que separa a lagoa e o mar.

O melhor meio de prevenir e embotar a inveja, é declarar abertamente e provar pelo nosso procedimento que somos mais zelosos em merecer uma grande reputação do que em alcançal-a. — *Bacon.*

Pescadores tartaros.

Em 1855, uma expedição franceza percorreu as costas da Corea e o mar do Japão, e visitou certas paragens ainda não exploradas desde os 44 graus de latitude norte até a uma bahia magnifica, á qual deram o nome do imperador. Reconheceram hydrographicamente as costas orientaes da Tartaria, e impozeram nomes francezes a varias terras. A expedição denominou archipelago Eugenia (em obsequio á imperatriz dos francezes) a um grupo de ilhas penhascosas na citada costa oriental, cujos habitantes, tartaros, e exercendo pela maior parte a profissão de pescadores, representa a nossa estampa.

Coincidencias notaveis dos nove algarismos com a historia de Portugal, em quanto dominou n'este reino a linha affonsina de seus monarchas: pequeno tributo dedicado ao ill.mo sr. J. da C. Cascaes, em testemunho de consideração, por seu amigo

M. Dalhunty.

Continuação.

Um grande homem se distinguiu como general, no reinado de D. Sancho II (foi Payo Corrêa); outro, se distinguiu pela sua lealdade depois da morte do mesmo soberano. Defendendo Martim de Freitas o castello de Coimbra, não quiz entregar as chaves da cidade, sem que mui certo se convencesse de que seu amo era morto. Permittiram-lhe que fosse a Toledo, onde fallecera o rei; e lá, na sepultura, que mandou abrir, de D. Sancho, depositou as chaves da cidade. Um tal vassallo justifica o mal que pode suppôr do soberano. D. Sancho tinha voltado a Toledo depois do mal succedido auxilio que lhe prestara seu amigo D. Fernando. Ali falleceu no *primeiro* mez do anno de 1248, cujo numero se forma do *primeiro* algarismo *um*, duplicando successivamente.

O *primeiro* que se intitulou rei do Algarve, foi o *primeiro* Affonso que se seguiu ao *primeiro* par d'elles. Celebrou côrtes em Leiria, e mais tarde em Santarem; aqui, para examinar e emendar os aggravos do clero, pelo que foi ameaçado pelo papa. No reinado do mesmo soberano, *primeiro* que deixou a seus descendentes o reino inteiro, ausentou-se d'este o arcebispo de Braga, pondo-lhe interdicto por causa das contribuições que D. Affonso exigia dos prelados e cleresia.

D. Deniz, successor d'este Affonso, fundou em Lisboa a *primeira* universidade do reino. Indo passar alguns dias a Santarem ahi enfermou, e falleceu aos 7 de Janeiro de 1325; isto e, no fim da *primeira* semana do *primeiro* mez, com-

pletando o *primeiro* quarteirão d'annos do seculo que succedeu ao *primeiro* cento, depois da *primeira* duzia de seculos. Tinha de edade 64 annos, numero cujos algarismos sommam *uma* dezena, ou *dez*, *primeira* syllaba do seu nome, juntando-lhe *uma* lettra da segunda.

A D. Diniz seguiu-se mais um Affonso; e depois, D. Pedro *primeiro*, que falleceu no *primeiro* mez do anno, tendo passado d'elle *uma* semana e mais *um* dia. Se vivesse mais *um* par d'annos teria d'edade meio seculo, e a data da sua morte seria 1369.

Um valido. João Fernandes de Andeiro, que o foi de D. Leonor Telles, mulher de D. Fernando, successor de D. Pedro *primeiro*, obteve por ella o condado de Ourem, tendo fallecido o irmão da mesma. Foi este Andeiro, que tendo voltado de Inglaterra, quando era ja fallecido D. Henrique de Castella, informou o rei das pretenções do duque de Lancastre á corôa d'aquelle reino. Por amor d'este valido tramou D. Leonor a morte do Mestre de Aviz irmão de el-rei; e a de Gonçalo Vasques de Azevedo. Mas falhou este plano e foi o Mestre, quem mais tarde, persuadido por Alvaro Paes, matou por sua propria mão o conde de Ourem, para evitar a união de Portugal com a Hespanha. D. Fernando *primeiro*, quando falleceu, ja antes, isto mesmo quizera ter pedido ao Mestre de Aviz.

Um conselho do chanceller dos dois ultimos monarchas. Alvaro Paes, que fôra chanceller de D. Pedro *primeiro* e de D. Fernando, deu de conselho ao regente, Mestre d'Aviz — Dae o que não e vosso, e promettei o que não tendes!

Uma imitação de Martim de Freitas. Gonçalo Telles, irmão de D. Leonor Telles, tambem alcaide de Coimbra, negou a entrada da cidade a D. João de Castella; e, resistindo aos rogos da irmã, disse: que, quando algum rei de Portugal lhe pedisse as chaves da cidade, elle as entregaria. Foi este um dito, que Leonor Telles aproveitou, para armar uma conjuração contra o rei castelhano, com quem tinha chegado a indispor-se.

Um dito de D. João *primeiro*. De todos os divertimentos, a conversação e o que custa menos.

O *primeiro* capitão que D. João *primeiro* nomeou para governar Ceuta, foi D. Pedro de Menezes, conde de Alcoutim.

Um conselheiro. D. Duarte, na quebra que tiveram suas rendas com as desgraças d'Africa, foi aconselhado pelo chanceller João das Regras, a publicar, que passariam as doações feitas por seu pae, na falta de filho varão, do donatario para a corôa. Mas o proprio João das Regras, sendo o *primeiro* que se achava incurso n'esta sua sentença, por ter sómente *uma* filha, viu-se obrigado a pedir dispensa da lei, e obteve-a da generosidade do monarcha.

Um duque de Bragança. Por morte de D. Gonçalo, senhor de Bragança, deu o regente D. Pedro aquelle senhorio a seu irmão (conde de Barcellos, filho natural de D. João *primeiro*), com o qual se tinha reconciliado depois do ajustamento de Guimarães, onde depoz as armas por intervenção do conde de Ourem, filho do de Barcellos. Este donativo não os tornou mais amigos, porque pretendia o conde de Ourem o cargo de condestavel que D. Pedro obtivera para seu proprio filho. Assim o novo duque de Bragança, aconselhado do arcebispo de Lisboa, e do conde de Ourem, resolveu aproveitar a *primeira* occasião, para conseguir a queda do regente.

Uma viagem á França. O ultimo Affonso de Portugal, rompendo guerra com a Hespanha, para sustentar os direitos da princeza D. Joanna a corôa d'aquelle reino (tinha-lhe sido proposto casar com ella), perde a batalha de Toro, e resolve-se ir a França pedir auxilio a Luiz XI, no qual não encontrou senão boas promessas e falta de palavra. Sentiu tanto D. Affonso, que Luiz XI tivesse feito pazes com Fernando e Isabel de Hespanha, que resolveu ir-se a Jerusalem, a viver na solidão o resto de seus dias. Mas soube dissuadil-o d'isto o mesmo Luiz, e fazer que voltasse para Portugal, não obstante ter ja ordenado por cartas a seu filho que celebrasse sua acclamação.

O *primeiro* rei que juntou livraria no paço foi D. Affonso V; e a *primeira* fortaleza que os portuguezes tiveram na Costa de Guine foi o castello de S. Jorge de Mina, mandado construir por D. João II.

Um marinheiro esquartejado em Evora. Assim mandou D. João II castigar *um* de dois que se passavam á Hespanha, a dar alvitres sobre as coisas de Guine, d'onde a este reino veiu em 1486 a *primeira* pimenta que n'elle se gosou d'aquella costa. E dizendo-se-lhe que murmurava muito sobre isto a gente do mar, respondeu: Ainda bem; attenha-se cada *um* ao seu modo de vida, que não gosto de marinheiros que viajam por terra. Por estes tempos exagerava-se muito o risco dos mares lá d'aquella costa, afim de affugentar d'elles, como se diz, os navegadores d'outras nações.

Um papagaio. Tendo os francezes de restituir uma caravela que haviam tomado no tempo de D. João II, porque n'ella faltava somente um papagaio, não quiz o rei que se soltassem os navios d'aquella nação que se achavam arrestados em Lisboa: quero que se entenda, disse, que a bandeira portugueza defende e pretege ate um papagaio!

Este soberano de Portugal foi o *primeiro* que juntou aos seus titulos o de senhor de Guine, terra d'onde recebia muito cabedal: e como era muito entendido no commercio, mudou de residencia conforme o pediam as circunstancias, fazendo que por onde estivera ficasse sempre lembrança d'elle. Setubal deve-lhe os seus aqueductos, e commercio florescente.

Uma commissão a dois, em 1487. A Pedro da Covilhã, e Affonso de Payva deu D. João II o encargo de irem por terra á India, e escreve-

rem sobre materias de commercio, e sobre tudo quanto descobrissem ou quanto podessem colher de informações uteis. Negou comtudo a Colombo os soccorros que lhe pedia para descobrimento de novas terras, no occidente.

Um piloto chorado. Chorou D. Manuel por um piloto do seu reino, e dizendo-lhe um cortezão que sua alteza o não havia de resuscitar com aquelle encerramento (tres dias esteve retirado), disse: tendes razão, e porque a sua perda se não pode reparar, e que eu me afilijo tanto.

Continua.

O KIAFAT.

Os arabes dos desertos africanos chamam assim á arte de conhecer pelos vestigios sobre a areia os homens e os animaes que tem passado, e de adivinhar, a primeira vista, a que raça, ou a que tribu pertencem.

GUIA DE CASADOS.

EXCERPTO DE D. FRANCISO MANUEL.

«Tinha hum homem principal sua filha donzella doente, guardava-a muito. Havia quem lhe quizesse bem. Escrevia-lhe; revolvia-se o papel, e sobre elle se armava hum ramalhete. Vinha huma ermitoa, fallava ao pae, dava-lhe aquelle ramo da parte de tal Santo; levava-lho elle mesmo com grande gosto, e era o proprio corretor de sua filha, servindo-lhe por sua mão a peçonha dissimulada n'aquelle ramalhete. Quem tal havia de cuidar? Quanto por este (e por muitos) bem se podia dizer o que diz o Romance: El aspid anda en las flores, alerta, alerta zagales: Tomado d'aquelle verso virgiliano, que diz, que entre as ervas mimosas latia o aspide peçonhento.

«Costumão alguns homens de grande sorte introduzir suas mulheres em suas pretenções, aprehendendo, que muitos, e grandes negocios se acabarão ja por ellas. Poucos são os casos, a meu juizo, em que me pareça licito ficar um homem passeando, e mandar a sua mulher que va fallar, e requerer por elle. A prisão do marido, a honra da sua casa, do seu officio, do seu titulo, a vinda do marido ausente, e risco de morte do filho: estas são, e não outras, as cousas que farão licita esta diligencia, sempre perigosa, e não sempre proveitosa.»

EXEMPLO PARA OS SOGROS.

«Trarei para exemplo de bons sogros, o que «succedeu quasi entre nós, e quasi em nossos «tempos. E foi, que havendo um homem rico «casado uma sua filha com um fidalgo honra«do, e querendo casar outra com outro, em na«da maior, que o primeiro; este segundo não «quiz fazer o casamento, sem que lhe desse em «dote mais dez mil cruzados, do que ao outro «havia dado; e como o sogro dissesse, que te«ria grande razão de queixa o primeiro genro, «dando elle mais ao segundo, e lhe não valesse «essa razão para effeituar o ultimo casamento, «houve em fim de convir n'elle, e effeitual-o, «com tal galantaria e primor, que no mesmo «dia, em que assignou as escripturas para o se«gundo genro, mandou outros dez mil cruzados «ao primeiro, dizendo-lhe, que não queria que «houvesse alguem, que cuidasse o estimava a «elle menos.»

Apresentamos este exemplo que D. Francisco Manuel nos cita nas suas obras, para se conhecer que entre gente briosa e portugueza vale mais a justiça do que o dinheiro.

RELAÇÃO DAS COISAS QUE ACONTECERAM EM A CIDADE DE ANGRA, ILHA TERCEIRA, DEPOIS QUE SE PERDEU EL-REI D. SEBASTIÃO EM AFRICA.

Continuação.

LXXXIV.

Do que aconteceu ao outro dia pela manhã.

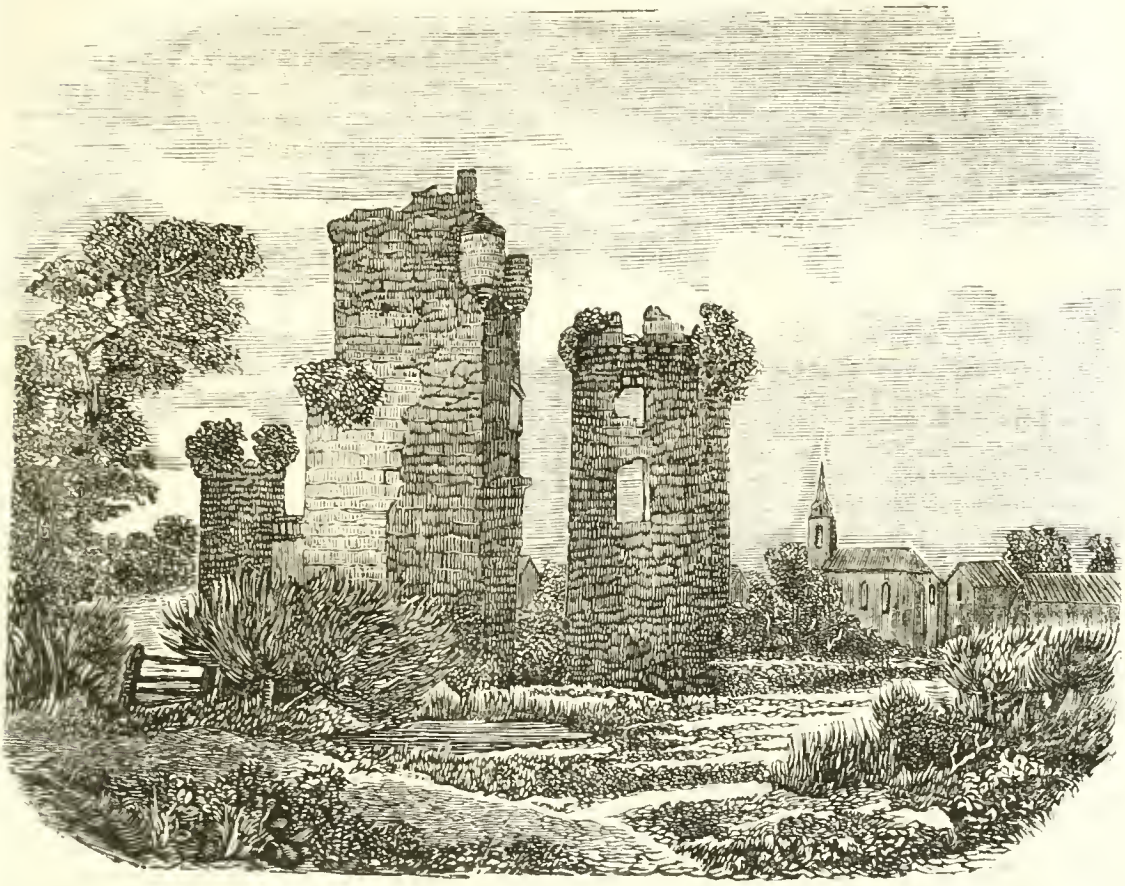
Quando foi ao outro dia pela manhã podiam estar como dois mil portuguezes, porque os francezes estavam da banda do levante, e do ponente ficaram os portuguezes, e em amanhecendo tendo as espias do campo do marquez visto que não havia gente onde estavam os francezes. Viram os portuguezes em amanhecendo irem soldados com uma ponta de lua por cima, e olhando viram homens de cavallo, dizendo: *Senhores, acolhei-vos e vos determinai porque aquella gente, que vem ja por cima, são castelhanos, que vos vem cercando para vos tomarem no meio, porque o Conde Manuel da Silva com todos os francezes e inglezes se acolheu de noite, e os que souberam de sua fugida se foram depois; e aqui podem estar dois mil homens que e temeridade aguardar a força deste campo, que são ao menos 16 ou 17 mil homens, porque tambem lhes e morta alguma gente, que faço serem mil homens.* Quando os portuguezes ouviram isto o conselho havia ser breve, uns diziam que morressem todos; outros diziam que era desatino, e desordem; outros diziam que se o marquez havia pôr tudo a ferro e a fogo como se suspeitava pelo que lhe tinham feito contra sua magestade, se lhe tinham morto muita gente na Casa da Salga, e lhe tinham feito outros muitos aggravos, que vendessem logo as vidas bem vendidas. Estando os mais neste parecer, e estando já ahi muitas mulheres e filhos, que vinham contra a maldade do conde, e chamarem seus maridos, e outros seus filhos; achou-se ahi um padre da Trindade pregador: estava ferido e mal ferido, que nas ancas de um cavallo veio, e lhes dice muito alto de cima do cavallo, que da parte de Deus

lhes requeria, que não aguardassem mais, que estavam quasi cercados, e que o marquez era christão e el-rei Filippe muito catholico, que havia dar perdão a toda a ilha, porque isso era ordem e estilo entre reis christãos, e outras palavras bem compostas. E em o ouvindo os mais, se foi logo a gente de cavallo, alguma que ahi estava, deante, rompendo por deante do arraial, e lua que vinha por cima, e ali houve morte de gente de parte a parte. Foram todos passando, mulheres e meninos, á custa das vidas de muitos que ali acabaram; e assim se foram retirando, que a força era grande, e como havia muitas paredes e a gente de cavallo as não podia saltar, se pozeram muitos a pé, e largaram os cavallos com os freios nas bocas, e sellados, e assim andavam a correr sem gente em cima, e a gente se foi retirando cada uma para sua casa, e delles morriam nos caminhos por virem muito feridos, e com maginações de desgostos.

LXXXV

De como veio o marquez de Santa Cruz para a cidade, caminhando deante dos soldados.

Quando o marquez de Santa Cruz se viu senhor da terra sem impedimento algum, e a gente retirada, se veio caminhando para a cidade deante dos soldados, a qual cidade e ilha estava prospera e rica, porque nella nunca houve saque, antes a gente não tinha escondido nada, porque todos os que escondiam os tinham por traidores, e lhes tomavam os fatos, e tudo o que escondiam, e destes houve muitos que depois o pagaram. O marquez deu tres dias de saque. Os inglezes e francezes se foram para onde se chama a Agualva, que é freguezia de Nossa Senhora de Guadalupe, onde ha ribeira de agua, e moinhos, e mato, e gado de toda a sorte; nenhuma cousa lhe faltava. Manuel da Silva pudera muito bem ir com elles, mas houvera de pagar: não buscava outro remedio senão para fugir, e se foi, depois que se viu sem remedio de lhe ir a caravela aonde se chamam os Biscoutos dos Altares, ao porto da Cruz, porque havia ali dois ou tres bateis, para tomar um e se acolher nelle para a ilha Graciosa. E como a terra, homens, e meninos, e mulheres, estavam contra elle, se foram as mulheres aos bateis com pedras e martellos e os quebraram, de sorte que não approveitavam para botarem ao mar. Quando elle chegou com dois homens do mar e dois outros creados seus, os achou quebrados, e se retirou aos matos, a se esconder, que poucos dias se passou que não fosse preso como ao deante se dirá. O marquez de Santa Cruz se veio logo metter na cidade, e poz guardas nos conventos das religiosas freiras, nos quaes estava recolhida muita gente, e escravos, e fazenda dos que a poderam recolher; e assim poz guardas nas egrejas e mosteiros de religiosos. Os soldados vieram logo apoz elle saqueando tudo, por onde achavam, gados de toda a sorte, escravos, e cativando homens e mulheres para lhes darem resgate. O marquez se aposentou logo em as casas de D. Violanta da Silva, filha de João da Silva do Canto. Os soldados, entrando pela cidade, (viviam na entrada quatro ou cinco ferreiros) e d'ali tomaram os malhos, e com elles quebraram as portas das casas da cidade, porque me puz eu no castello della e via a matinada que ia. Os homens os mais delles ficaram como pasmados e desacordados de tudo, que nem lhes lembrava fazendas, nem mulheres, nem filhos; muitos se foram para a banda do norte. Os soldados, quando vinham, não deixavam de matar pelos caminhos alguns doudos desassisados: não intendendo o que era não fugiam, nem os soldados os conheciam por doudos, e os matavam a todos Não deixou de haver muitas desordens nos soldados da armada, porque sem ordem foram logo pelos mattos a buscar gente, gado, escravos, e alguns chegaram onde estava gente juncta, e não tornaram. E tomaram ainda na cidade muita gente, porque houve um engano, que veio um capitão por nome Miguel da Cunha, por lhe dizerem que estavam ainda pelejando, e viu a gente ir-se uma para uma parte, e outra para outra, sem elle ter ainda sabido da fugida de Manuel da Silva, nem dos francezes; e estava com a sua gente ao valle de Estevam Ferreira; vinha dizendo pela cidade *Victoria*, *Victoria*, em que se enganou muita gente, e se foram a repicar os sinos da Sé, e o marquez já vinha atraz, e cuidaram alguns portuguezes, que estavam pelo serviço de sua magestade, que repicavam pelo marquez; e alguns homens tomaram na cidade que mataram. O saque foi grande, e a ilha foi, parte della, virada em dez dias, e depois dos dez dias sempre durou o saque em quanto o marquez esteve na cidade, porque depois foi peor, porque os soldados por não serem descubertos, porque os castigava o marquez rigorosamente por tomarem depois dos dez dias, matavam a gente depois de saqueados do que levavam, e deshonraram muitas mulheres pelos mattos, e algumas se acharam mortas por não quererem, e muitos homens enforcados e mortos, e os francezes que achavam espalhados por fora não lhes davam mais vida; e os que vieram feridos da batalha, se se estavam curando ou pelos hospitaes, todos foram acabados. A cidade ardia, e o fedor das rezes mortas e dos porcos era grande, e as moscas eram tantas que neste tempo queriam comer a gente viva. Pelas ruas estavam homens mortos despidos. As mulheres não sabiam parte dos maridos, nem os maridos das mulheres, nem dos filhos, nem os filhos dos paes nem das mãis. Os homens lhes davam tormentos e tratos pelas partes vergonhosas, para descubrirem suas fazendas e dinheiro, e houve muitos resgates pelas pessoas pelas não matarem, e alguns mataram e enterraram em suas casas e quintaes, como tambem fizeram a Diogo Dias, que se botou com seu cavallo no campo do marquez. Muitos homens nem vivos nem mortos appareceram té o dia de hoje. Continua.



RUINAS DO CASTELLO DE GARNACHE.

Garnache era antigamente o nome d'um governo, d'uma cidade, e d'um castello da Vendé. O governo comprehendia um quadrado de terra entre o mar, Bolonha, Machecoul e Apremont. Este senhorio parece ter estado quasi constantemente unido aos de Beauvoir-sur-Mer, Ile-Dieu e Noirmoutier. É provavel que se chamasse originariamente Ganache (*). É certo que nos documentos do seculo XII se lê *Gasnachia*, e que n este tempo houve uma serie de quatro Pedros de Gasnache, possuidores do senhorio. O primeiro d'elles fundou, em 1110, o mosteiro de Lande em Beauchene, induzido por Pedro II, bispo de Poitiers; seu filho, Pedro II de Gasnache, doou as religiosas d'este convento ametade das sibas que os seus vassallos pescassem em Beauvoir. Depois da morte do ultimo Pedro de Gasnache, o senhorio passou successivamente para diversas familias: pertenceu a Pedro de Dreux, duque de Bretanha; a Mauricio de Belleville, senhor de Montaigne; aos Clissons, Montendres, Rohans, Penthievres, Guénegauds, Gondis, Villerois. Alguns annos antes da revolução, a terra de Garnache, que se tornara um marquezado, foi vendida á familia de Pas, acabando assim a sua historia feudal.

O castello e a cidade de Garnache estavam situados a quatro ou cinco leguas do mar. O geographo Nicolau Tassin desenhou-os nos seus *Planos e perfis das cidades e logares consideraveis de França*. Vê-se ahi que um e outro estavam cercados do mesmo contorno. O castello tinha seu contorno particular, inscripto no primeiro, e fortificado de torres e cortinas. Do lado de oeste, os muros eram banhados por um fosso que tambem cercava a cidade; do lado opposto, o contorno mergulhava n'um vasto lago. A cidade, collocada ao nordeste, não occupava maior espaço que o castello e seus jardins. Entrava-se n'ella por uma porta ao norte; e no castello por outra aberta no angulo do lago.

Reparada e renovada em diversas epocas, esta habitação foi incendiada durante as guerras da Vendé. Conservou comtudo até ao tempo do primeiro imperio os muros e a maior parte dos seus tectos com pyramides e cones elevados. Nada mais resta hoje que os despojos do torreão e al-

(*) *Gasnachia, Garnaspia, Ganaspia, Guannache, Garnesche*, segundo os diversos documentos da epoca. Os aldeãos dizem hoje simplesmente *Ganache*.

gumas torres: uma estrada departamental atravessa o contorno demolido.

Os muros do torreão, que parece datar do seculo XIII, não teem ornamentos: os fragmentos das torres redondas são, pelo contrario, ornados d'esculpturas; vastas janellas, ligeiramente arqueadas, allumiam grandes salas quadrangulares em cada andar. A torre que dominava o caminho do lago, e defendia a porta d'entrada, está coberta de hera.

Algumas recordações interessantes se ligam a estas ruinas. Em 1566, André de Rivaudeau, fidalgo do baixo Poitou, senhor de Groizardière em Chateauneuf, proximo de Garnache, fez imprimir uma composição em verso, intitulada: *Aman, tragedia santa*, tirada do setimo capitulo d'Esther, e dedicou-a a Francisca de Rohan, senhora de Garnache e de Beauvoir-sur-Mer.

Proximo ao anno de 1584, o mathematico Francisco Viète, natural de Fontenay, no baixo Poitou, retirou-se ao castello de Garnache, para junto de Francisca de Rohan, sua protectora. Em 1588, o castello de Garnache, defendido por Plessis-Gesté, sustentou contra os partidarios da liga, que o principe de Nevers commandava, um cerco longo e encarniçado, no fim do qual a guarnição, exhausta de viveres, de munições e de homens, capitulou, saindo com todas as honras da guerra. Em Maio de 1621, Garnache recaiu em poder dos protestantes, que combatiam no baixo Poitou sob o commando de Benjamin de Rohan. A praça foi retomada em 1622 pelo duque de Vendome, e arrasaram-se-lhe as fortificações por ordem de Luiz XIII. Ha muito tempo que uma pequena aldêa occupa o logar da antiga cidade.

VIAGENS DE BECKFORD A PORTUGAL.

CARTA XXIII

Conclusão. *

Não posso abonar a erudição do prior, mesmo em materias ecclesiasticas, pois que elle positivamente affirmava ter sido o proprio Henrique VIII que fizera saltar os miolos de S. Thomaz Becket (ou de *Cantuaria*); e que na besta do Apocalypse era Luthero claramente designado. Aborreço altercações, e se não tivessem besuntado as minhas estampas eu nunca contradiria sua reverencia; mas, como me achava um tanto fora da minha pachorra rebaixei-o um pouco em a opinião do conde acertando a verdadeira data do assassinio de S. Thomaz, e com argumentos soffrivelmente especiosos arredando de Luthero os cornos da besta e pespegando-os muito tesos... em quem pensaes que seria?... Em Ecolampadio. Um nome tão comprido, e que elles provavelmente nunca tinham ouvido pronunciar em sua vida, dando outro exemplo do triumpho do som sobre a intelligencia, abafou a disputa.

Eramos ao todo uns trinta ao jantar, e apenas começava a sobremesa veiu Berti dizer-me que a senhora Arriaga e um rancho de donzellas do paço corriam a quinta a cavallo em galizianos e burros; apressei-me a ir encontral-as; eram D. Maria do Carmo e D. Maria da Penha, com seus cabellos fluctuando sobre os hombros e os grandes e bellos olhos tão espertos e desinquietos como os de uma antilope. Mandei aprompiar o cavallo, e galopámos pelas lamedas, roçando por folhas, fructos, e flores; cada sopro da viração nos conduzia os sons dos oboés e trompas da musica da sala. As senhoras mostravam deleitar-se infinito com a novidade e isenção d'esta sortida, e pesava-lhes que tão pouco tempo durasse, porquanto ás sete eram obrigadas a voltar ao imprescriptivel serviço da rainha, e sendo a pena da desobediencia algum extravagante conto de fadas e metamorphose em abobara ou pepino, era forte o seu cuidado e ancia quando bateu a fatal hora das sete; felizmente não tinham de ir longe, porque sua magestade e a real familia estava tudo reunido na quinta de Marialva a participarem de uma esplendida merenda, e verem o fogo de artificio n'um conchegado camarim, que tem vista para o grande pavilhão, cuja festiva e phantasiosa scena ganhava realce pelas luzes de innumeraveis velas de cera, que dos lustres de cristal para todos os lados reflectiam. A pequenina infanta D. Carlota estava empoleirada n'um sophá conversando com a marqueza e D. Henriqueta, que ao modo oriental se haviam sentado no chão de pernas encruzilhadas; uma ranchada de damas d'honor commandada pela condessa de Lumiares, ficava a pouca distancia na mesma postura; a negrinha anã e valida, que chamam D. Rosa, vestida de escarlate mui vivo, não tão folgazã como eu tive o gosto de a ver no seu aposento de fada, estava agora mais sentimental encostada a porta, fazendo gaifonas a um esbelto moiro da casa do marquez.

Então a rainha, seguida de sua irmã e nora, a princeza do Brazil, levantou-se da merenda e tomou logar em frente da gelozia, por detraz da qual eu estava collocado; as suas maneiras me fizeram impressão por serem caracteristicas de magestade e agrado; parece nascida para mandar, mas, ao mesmo tempo para fazer aquella summa autoridade mais querida que temida. A justiça e clemencia, mote ou divisa tão enormemente mal applicada na bandeira da detestavel inquisição, pode ser transferida com a mais restricta verdade para esta boa princeza. Durante a fatal contenda entre a Inglaterra e as suas colonias, a prudente neutralidade em que ella perseverou foi do mais vital beneficio para os seus dominios, e até agora o commercio nacional portuguez tem-se elevado, sob os benignos

(*) Do num 20.

auspicios da rainha, a um grau de prosperidade que não tem precedentes. Nada excede o profundo respeito e cortezania que a sua presença inspira. O conde de Sampayo e o visconde de Ponte de Lima ajoelharam perante as augustas personagens com veneração nada inferior, cuido eu, á dos mahometanos ante o tumulo do seu propheta, ou os tartaros acatando o Dalai-Lama; só o Marialva, que tomou o seu logar do lado opposto a sua magestade, parecia conservar-se no seu usual desembaraço e modo alegre. O principe do Brazil e D. João figuravam estar enfastiados, porque estavam encolhidos, com as mãos mettidas nas algibeiras, as boccas em perpetuo bocejo, e os olhos vagueando de objecto para objecto na pasmaceira de regia ociosidade.

A etiqueta mais rigorosa encerra os infantes de Portugal dentro dos seus palacios, e raro se encontram, mesmo de incognito, misturados com a sociedade geral; por isso, aquelles seus lisonjeiros sorrisos ou os confidenciaes bocejos não se desperdiçam em observadores vulgares. Este modo de embalsamar principes em vida, não é, por fim de tudo, má politica; reveste-os de uma apparencia sagrada; concentra a sua real essencia, mui facil de evaporar-se pela franca exposição ao ar livre. Ainda que os individuos possam aborrecer-se d'este severo regimen, os apparatosos espectaculos d'estado terão a virtude de lembrar-lhes que por isso elles são cobertos de galas e reverenciados.

O conde de Sampayo, camarista, trouxe o cha a rainha, e apresentando-lh'o ajoelhou com ambos os joelhos. Finda esta ceremonia, porque o e qualquer coisa n'esta côrte fastosa, annunciou-se o fogo de vistas; e as reaes pessoas com sua criadagem transferiram-se para um proximo aposento. A marqueza com suas filhas e a condessa de Lumiares vieram para o quarto do toucador onde eu estava, e tomaram posse das janellas. Sete ou oito rodas de fogo de artificio, como outros tantos turbilhões começaram a gyrar e zunir, ao mesmo tempo que a profusão de admiraveis foguetes por cordas partindo em direcções encontradas faiscavam e estoiravam, com infinito recreio da condessa de Lumiares que, postoque contasse apenas dezeseis annos, tinha casado havia quatro: a sua alegria juvenil, cabello subtil, e côr mimosa, suscitaram-me tantas lembranças da minha Margarida, que não podia olhar para ella; estando com uma creança augmentava a parecença, e como occupasse o recanto da janella divisava-se por intervallos ao clarão azulado dos valverdes e pistolas que rebentavam subindo perpendiculares; senti agitar-se-me o sangue como se presenceasse uma apparição, e meus olhos arrasaram-se de lagrimas.

Deitadas as ultimas peças do fogo, partiram a rainha e infantes. A marqueza e as outras senhoras desceram ao pavilhão, onde tomámos uma refeição magnifica e verdadeiramente real. D. Maria e sua irmã pequena, animadas pela illuminação deslumbrante, tropeçavam nos leves vestidos de cassa com toda a folgança e brinquedo de umas fadas, taes como eu as supponho descidas das nuvens fluctuantes, que Pillement representou tão excellentemente nas suas pinturas a fresco.

Continua. ——— M.

O DENTE D'UM MACACO.

D. Constantino de Bragança, que foi um illustre varão, notavel pelo seu governo da India, castigou as perfidias do rei de Jafanapatão saqueando-lhe a capital.

No thesouro d'este rei encontrou-se uma singular reliquia. Era um dente de macaco, objecto de geral veneração na India.

Contava-se que um deus, por nome Hanimant, commettera uma grave falta contra Brama, e fôra por isso degradado, e transformado em macaco, com muitos outros deuses seus complices.

Esta colonia expulsa do ceo fixou-se no paiz dos Badajes, e reconheceu a Hanimant por seu rei. Depois d'isto os deuses macacos dividiram-se, e o poderoso Hanimant escolheu Ceylão para seu refugio; mas não podendo no cabo Remanacor encontrar um batel para passar o estreito, o atravessou aos saltos, fazendo a cada salto surgir d'entre as aguas uma ilha, para não molhar as sagradas patinhas.

Morreu em Ceylão em grande cheiro de santidade; e como preciosa reliquia se lhe conservou o dente, que successivamente passou das mãos do soberano de Ceylão para as do rei de Jafanapatão, e por direito de conquista veiu emfim cair nas dos portuguezes.

Apenas o rei de Pegu foi informado d'esta circunstancia mandou offerecer grandes sommas aos portuguezes pelo resgate da reliquia. D. Constantino de Bragança já estava disposto a acceital-as, porque os cabedaes para proseguir nas guerras nunca sobravam na India, quando os jesuitas representaram que aquelle dente de macaco seria causa do christianismo correr ali grande risco.

Eis a força da sua argumentação: — Entregar a reliquia aos indios é mostrar-lhes que fazemos tanto caso d'ella como elles; e com ella entregues assim á idolatria, não teremos força para os converter. Lançando-se ao fogo esse maldito dente, não teremos coisa que se opponha ás nossas prégações, e venceremos.

O argumento parecia forte, mas nem por isso o vice-rei e os homens graves queriam ceder; porém força lhes foi, porque em Goa havia um inquisidor geral, e os jesuitas achavam-se em todas as partes d'aquellas paragens.

O dente foi por fim condemnado a um auto de fé; e os embaixadores do rei de Pegu, que o vinham resgatar, tiveram o sentimento de se retirarem com a embaixada frustrada, tendo sido queimado em sua presença.

TOBIAS HOBSON.

Apresentando o retrato de Tobias Hobson, transcrevemos do n.º 509 do *Spectateur*, o que este jornal diz ácerca d'elle.

«Tobias Hobson era um homem distincto; porque nos qualificaremos sempre assim o homem que ganhou honestamente a sua fortuna. Elle foi o primeiro em Inglaterra que teve a idéa de alugar cavallos. Habitava em Cambridge, e, tendo notado a paixão com que os estudantes da universidade procuravam as occasiões de andar a cavallo, cuidou em estabelecer uma cavallariça onde os jovens fidalgos tivessem a certeza de encontrar pouco mais ou menos quarenta bons cavallos, e as competentes sellas, estribos, redeas e chicotes. Mas quem se apresentava para alugar um cavallo, era obrigado, qualquer que fosse o numero dos disponiveis, a acceitar aquelle que estava mais proximo da porta da cavallariça. D'este modo, cada cavalleiro era servido segundo a sorte a que se expozera pela hora a que vinha, e cada cavallo tinha a sua vez regular de trabalho. Esta condição, rigorosamente imposta e observada, deu logar a um proverbio. Quando se estava reduzido a uma escolha forçada, dizia-se: «É a escolha de Hobson.»

Vê-se ainda o retrato de Tobias Hobson, pintado a fresco, na estalagem do Toiro, em Bishopsgate-Street; é uma especie de satyra. Hobson está ali representado tendo na mão uma bolsa com cem libras esterlinas, com esta inscripção: «Mãe fecunda de outras cem!»

Tobias Hobson morreu em 1630, durante a peste, com oitenta e seis annos d'edade. Tinha feito construir á sua custa um aqueducto. Os estudantes de Cambridge compozeram muitos epigrammas a este honrado homem. Cita-se tambem um poema intitulado *A escolha de Hobson*.

Coincidencias notaveis dos nove algarismos com a historia de Portugal, em quanto dominou n'este reino a linha affonsina de seus monarchas: pequeno tributo dedicado ao ill.mo sr. J. da C. Cascaes, em testemunho de consideração, por seu amigo M. Dalhunty.

Continuação.

Algarismo 2.

Dois principes francezes, Henrique e Raymundo, da mesma familia, vindos ambos á Hespanha em auxilio de Affonso, *segundo* do par que se seguiu a um par de pares de soberanos do mesmo nome, casaram com *duas* irmãs, filhas d'este rei de *dois* reinos (Castella e Aragão); e por morte de Henrique marido da *segunda*, que teve em dote com pouca differença *duas* provincias de Portugal, ficaram ambas as princezas viuvas, Tareja e Urraca, e *ambas* mães de um Affonso; uma de Affonso Henriques, outra de Affonso Raymundes.

As *duas* princezas, Tareja e Urraca, andaram em guerra depois de viuvas. Em suas desavenças, ambas prenderam por suspeita um arcebispo em seus estados; Urraca, o de Compostella; Tareja, o de Braga; e esta, que é a *segunda*, *duas* vezes tomou Tuy.

Os *dois* principes, filhos d'estas princezas, *ambos* desthronaram suas mães; e Tareja, vencida no castello de Lanhoso, morreu depois de *dois* annos de prisão, no dia anterior ao *segundo* de Novembro, *segundo* mez a contar do fim do anno, vinte menos *dois* depois de seu marido; governando a Egreja o papa Innocencio *segundo*, em 1130; isto é, na dezena que se seguiu á *segunda* do seculo decimo *segundo*.

. . . . . Vencido de ira o entendimento
A mãe em asperos ferros atava:
Mas de Deus foi vingada em tempo breve
Tanta veneração aos paes se deve.

No anno 1179, ou 1177 e mais *dois*, prisioneiro de seu genro, casado com sua *segunda* filha, quebra D. Affonso Henriques uma perna, em Badajoz, que tinha tomado, e onde foi preso, de modo

Que estando na cidade que cercara
Cercado n'ella foi dos leonezes.
A pertinacia aqui lhe custou cara
Assim como acontece algumas vezes;
Qu'em ferros quebra as pernas indo acceso
Á batalha onde foi vencido e preso.

Dois filhos e *dois* paes — *Ab*en Jacob, filho de Aben Joseph, rei de Marrocos, põe cerco a *Ab*rantes (1180) para se vingar de que D. *San*cho, filho de Affonso Henriques, tenha chegado com as armas portuguezas até aos arrabaldes de *Se*villha.

E assim fazendo quanto mal podia
O que em partes podia fazer mal,
D. Sancho vae cercar a Santarem
Porem não lhe succede muito bem.

Aqui foi D. Sancho descercado por D. Affonso aos 24 de *Julho* de 1184, ficando morto na batalha o Miramolim (2 vezes 24, trocados, 84).

Duas vezes teve de haver-se D. Sancho I com o *S* primeira lettra do seu nome: Santarem, e Silves tomada, depois cercada por Aben Jacob, e finalmente perdida; bem como tambem perdida na batalha de Alarcos, a gente que mandou em auxilio de Castella. Em Santarem e Silves foi ajudado de cruzados inglezes em 1190.

Passados *duas* vezes *dois* annos mais, *dois* desgostos teve com a lettra *D* de sua esposa: morre D. *Doce;* e tem logar o *divorcio* de sua filha mais velha D. Thereza, casada com o rei de Leão.

Falleceu D. Sancho I depois de recuperar Elvas ao Miramolim em 1212, com 57 annos de edade; 5 e 7, algarismos que differem de um, e cuja somma é 12.

O *segundo* par de reis de Portugal são ambos *segundos:* D. Affonso II e D. Sancho II. D. Affonso no principio do seu reinado, por causa de Montemór e Alemquer guerreia suas *duas* irmãs; D. Thereza, viuva do rei de Leão, e D. Sancha, abbadessa de Lorvão.

Este monarcha teve de reconciliar-se com as irmãs para livrar-se da excommunhão que lhe lançou um papa Innocencio que se seguiu a Innocencio *segundo*. E no dia que precedeu o 22.° de Outubro, mez que precede os *dois* ultimos do anno (em 1217), com auxilio de cruzados alemães, alcançou victoria em uma grande batalha em que morreram os *dois* alcaides de Jaen e Cordova, que, com mais *dois*, os de Sevilha e Badajoz, e um exercito de *dois* quarteirões de milhares d'homens tinham vindo a defender Alcacer do Sal.

Foi D. Affonso II excommungado *duas* vezes; ambas por papas que se seguiram a segundos do mesmo nome: a primeira vez por Innocencio III, por desavenças com suas irmãs; a segunda por Honorio III, por ter feito sair do reino o arcebispo de Braga, a quem juntamente com outros prelados tinha querido constranger a contribuirem para as guerras. Morreu sem se reconciliar com o arcebispo, no 22.° anno do seu reinado, no dia que seguiu *dois* pares depois de *duas* dezenas d'elles, no mez que segue o 2.° do anno, e no anno que se seguiu a 1222. Fez *duas* bellas coisas: a primeira, leis geraes, e estabeleceu que a sentença de morte não podesse ser executada, sem que passassem 20 dias; segunda, prohibiu que se vendessem por preço excessivo as cousas necessarias á vida. Só foi tyranno, em não querer que os ecclesiasticos lhe opprimissem os vassallos. Succedeu-lhe seu filho Sancho II de edade de 20 annos.

Sancho segundo, manso e descuidado,
Que tanto em seus descuidos se desmede,
Que de outrem que mandava era mandado.
De governar o reino que outro pede
Por causa dos privados foi privado;
Porque, como por elles se regia
Em todos os seus vicios consentia.

Este monarcha subindo ao throno decidiu *duas* questões: a do arcebispo de Braga, por meio de arbitros ecclesiasticos; a das tias por outros arbitros, com o rei de Leão, que ellas tinham chamado em seu soccorro.

Dois concilios houve n'este reinado, mandados ambos fazer pelo *segundo* papa do segundo par de *dois* que se compunham de Innocencios.

No segundo d'estes concilios, celebrado em Avinhão aos 24 do 2.° mez dos *dois* seguidos em *J*, foi deposto D. Sancho, e nomeado em seu logar, regente de Portugal, o infante D. Affonso, que se achava então em Paris; no outro concilio, que fez n'este reino o cardeal, bispo de Sabina, teve-se por fim reformar a corrupção que se tinha introduzido, com o interdicto do predecessor d'este rei.

D. Diniz, fundador da ordem de Christo, estando em guerra com seu filho D. Affonso, pune de morte o governador de Leiria, que pelas desordens do infante, se fizera traidor. Tambem foi cercada e tomada Santarem ao mesmo infante; que, sendo ameaçado pelo arcebispo d'Evora, D. Girardo, cruelmente o mandou matar. Junto a Cintra se deram batalha, pae e filho; e ficando este desbaratado, passou a cercar Guimarães e tomou Coimbra. Aqui se dariam segunda batalha, se não fôra a intercessão de D. Isabel, vindo as pazes a ser feitas em Leiria.

Enfermou D. Diniz em Lisboa pela primeira vez; e tendo fundado por seu testamento a universidade de Coimbra, curou-se, mas para não ver curado de seus desvios o filho; que, depois de novas desordens foi *segunda* vez congraçado com seu pae, pela rainha D. Isabel. Caindo D. Diniz outra vez doente em Santarem, ali falleceu.

Fez primeiro em Coimbra exercitar-se
O valoroso officio de Minerva;
E de Helicona as musas fez passar-se
A pisar do Mondego a fertil herva.

Nobres villas de novo edificou,
Fortalezas, castellos mui seguros;
E quasi o reino todo reformou
Com edificios grandes, e altos muros.

Continua.

BARRA DE VIANNA.

Descendo do rio Lima, que nasce da serra de S. Mamede, na Galliza, vamos encontrar no Oceano Atlantico, junto á cidade de Vianna, depois de um curso de perto de 100 milhas, um porto, que pouco acima d'este ponto tem nas

aguas do rio 150 metros de largura, e continua, em forma de esteira, pelo comprimento de mais de 6000 metros.

Vianna fica situada ao norte da foz do mesmo rio.

No esteiro d'este rio ha uma ponte construida pelo anno de 1819 que tem 900 metros de comprimento, e é formada de estacas, e com trinta vãos de 7,21 metros cada um.

Nas marés de agua viva, ficam cobertos os rochedos, que na maior parte formam a entrada do porto. O recife prolonga-se de SSO. a NNE.: e no comprimento de 1100 metros até á Lage do Ladrão. Tomando a distancia em angulo recto, desde a praia até á extremidade do recife, vão 1260 metros. No triangulo comprehendido entre o recife, o cabedello e o Bugio está situada a barra, sendo n'ella a altura de 4 pés. Na passagem exterior que conduz ao porto ha quatro rochedos, designados pelos nomes de Lage do Ladrão, Pedra de Polvos, Sarne, e Bugio. No recife ha um quebramar natural que protege a entrada do porto contra os ventos, exceptuando os de SSO. a SSE. Estes ventos soprando com grande força arremessam no porto grandes vagas e muitissima areia, augmentando-se assim o extremo do cabedello, que estreita o porto difficultando as passagens das mares e cheias, impedindo que a barra tenha a competente agua.

Tres passagens ha no recife, uma exterior, outra do centro, e outra interior. Estas passagens desviam a corrente, e evitam que ella exerça a sua força sobre a barra entre o recife e a praia.

Repetidos tem sido os estudos para melhorar esta barra, sem por ora, de quantas obras se tem emprehendido, se colher proficuo resultado.

DA SUSPEITA.

O conde de Oxenstirn escreveu um livro de pensamentos e maximas moraes, do qual extrahimos o seguinte:

«É a suspeita, ou desconfiança fructo de uma má consciencia, e effeito do receio, que cada um tem de ser pago na mesma moeda com que regala os outros. Crê o ladrão, que todos roubam, e só um espirito malfazejo é que facilmente julga os demais capazes de maldade. A inveja, e a desconfiança tem quasi sempre o mesmo effeito; porque assim como a primeira consome o seu senhor, a segunda causa-lhe continuadas inquietações e desassocegos.

«O homem que e desconfiado, não é menos incommodo aos outros, do que a si proprio, e serve de grande obstaculo á tranquillidade de uma doce conversação. Não se parece pouco com um animal feroz, que morde muitas vezes, quando o querem amimar. Mais facil e acautelar-se qualquer contra toda a casta de genios, do que do desconfiado: não ha cautela que tomar a respeito d'elle. O homem de virtude não é desconfiado: só o desalmado é que tudo explica com vantagem sua. A cada instante o offendem sem intento de offendel-o: pois elle se julga digno de opprobrio. Emfim, quanto a mim, estimo mais ter trato com um homem de espirito amesquinhado, que não é desconfiado, do que com aquelle, que desconfia com quantos ha no mundo. O primeiro paga-se da razão, e o segundo a cada instante se desgosta sem motivo.»

HOMENS COM RABO.

Varios periodicos de Paris occuparam-se, não ha muitos annos, dos homens com rabo, considerando-os como uma raça; e por este motivo mr. de Tremaux, que viu os povos que parecem os apontados por varios dos narradores africanos, publicou um extracto das suas investigações de viajante, desmentindo o facto, e d'elle vamos tomar alguns pormenores.

Primeiramente vejamos com mr. Tremaux quaes são as narrações que podiam fazer acreditar na existencia de tal raça.

D'entre vinte negros do Haussa, e suas visinhanças, que poderam dar as noticias recolhidas por mr. Castelnau, só tres pretendem ter visto homens com rabo: outro diz que viu com elle alguns meninos, advertindo que o rabo tem 30 a 40 cent. segundo uns, e até 70 na opinião de outros; mr. de Coret diz que o rabo de tal raça de homens só tem 8 a 10 cent. de comprido. Tres d'estes negros viram os Niam-Niams sem rabo, e lhes disseram que outros os tinham; porém elles o que viram foi *que o seu vestido consistia unicamente n'uma pelle atada pela cintura*. Outros quatro negros ouviram dizer que os Niam-Niams eram homens com rabo.

N'um artigo do *Boletim da Sociedade geographica*, de Janeiro de 1852, resume-se do seguinte modo as noticias recolhidas sobre o assumpto: «mr. de Couvet annunciava como certa a existencia na Africa de homens com rabo, ainda que não justificava a asserção. Posteriormente mr. Rocher de Hericourt, viajante da Abyssinia, diz que não viu taes homens, mas ouviu fallar na sua existencia. Muitos annos antes alguns viajantes tinham escripto no mesmo sentido, e em 1677 um hollandez, por nome João Struys, homem pouco digno de credito, assegura ter visto um homem com um rabo de pé de comprimento.»

N'uma lenda china e japoneza se faz menção de homens com rabo, que segundo uns é comprido e aveludado, e na opinião d'outros curto e pellado, como o da tartaruga. Hornemann tambem cita os Niam-Niams, que colloca entre a Abyssinia e o golpho de Benin, e que lhe certificaram ter um tal apendice. Mr. Abadie falla de um sacerdote abyssinio que lhe contou existirem homens com rabo de palmo, coberto de pello, e dizia que estes homens iam todos os annos á feira de Berberah. As mulheres d'esse paiz, situado a quinze jornadas ao sul de Harar, são formosas.

e não tem rabo. Mr. de Abadie refere que estando em Tigray, em Godar, e em Gojjam assentavam o tal paiz ao sul; e em Kambate e em Kaffa o collocavam ao norte. Segundo taes noticias o paiz em questão devia estar situado ao oeste da linha que o viajante percorreu; isto é nas montanhas que separam as fontes do Nilo.

Em quanto ao paiz indicado pelos negros de mr. Castelnau, dizem que esta mais proximo do golpho de Benin, e como mr. Tremaux penetrou n'estas mysteriosas regiões com uma expedição de Mehemet-Ali, que saiu em busca de oiro, dá elle a seus leitores algumas noticias sobre o assumpto.

«Estando eu em Fa-Zoglo (diz este autor) mais adiante de Sennar, tambem fiquei attonito com as narrações dos indigenas. As pessoas a quem pediamos noticia sobre os povos onde deviamos penetrar, nol-os designavam umas vezes com o epitheto de *homens com rabo*, e outras com o de *homens com pelles*. Apesar d'esta confusão não tardei em reconhecer que se tratava de uma coisa mui simples, e eis o que vi no paiz dos Gumuss, de Gurum, e de Homotche.

«Os homens andam completamente nus, excepto uma pelle que assentam nos rins, e que termina em forma de um rabo. Tal rabo artificial pode ser curto ou comprido, liso ou felpudo, conforme a pelle está curtida; e n'estas comarcas não o usam as mulheres, o que talvez usem n'outras, pois a pelle parece destinada a fazer um molle assento. N'esta supposição as mulheres podiam tambem usar a pelle como os homens, se o estado de degradação em que vivem, não lhes impozesse mais duros costumes. Em quanto á ponta em forma de rabo, é para estirarem a pelle mais facilmente quando se sentam.

«Vemos pois que estes paizes não só correspondem aos indicados pelos srs. Hornemann, Abadie, e Rocher de Hericourt, mas tambem que o uso d'estas pelles foi causa do erro mais ou menos voluntario dos narradores africanos, que são muito affeiçoados a coisas maravilhosas. Estas relações contradizem-se em muitos pontos, se bem que se explicam perfeitamente pelo que acabamos de descrever.»

ALIMENTO DOS SELVAGENS.

O homem selvagem não experimenta a precisão d'uma variedade incessante d'alimentos que o aperfeiçoamento europeu tem creado. Cada povo selvagem ou barbaro tem uma alimentação limitada, que é a que lhe fornece o seu solo e da qual nunca se afasta. Assim os antigos designavam uma multidão de povos pelos nomes dos alimentos que elles usavam quasi exclusivamente. Diodoro de Sicilia, descrevendo as populações d'Africa, nos falla de *rhizophagos*, que vivem de raizes; de *spermatophagos*, que vivem do fructo das arvores; de *hylophagos*, que comem os renovos; de *struthophagos*, que se sustentam da carne do abestruz; de *acridophagos*, que comem gafanhotos; de *chelonophagos*, que vivem de tartarugas; de *ichtyophagos*, que se alimentam de peixe. Ainda hoje, a entrada do golpho persico, se encontram populações de que o peixe é, como no tempo de Herodoto, o sustento quasi exclusivo. Os groelandezes, e os tchutchis vivem unicamente de peixe ou da carne de animaes marinhos. Os povos caçadores preferem a veação; e os povos pastores ou creadores de gado, a carne dos seus rebanhos ou de animaes domesticos. Na America do Norte, os comanches e algumas outras tribus indias não tem outro alimento senão a carne dos bufalos, cujo caça constitue quasi o seu emprego. Da mesma sorte, as tribus da Siberia e da Laponia vivem da carne do rangifero, e os kalmukos, da carne de cavallo. Muitas povoações da Polynesia, entre as quaes os mamaes eram raros, comiam cão, cuja carne se tornava menos dura, por causa do alimento vegetal que exclusivamente lhe davam. Os garas de Assam, muitas povoações da Oceania, e certas tribus negras, comem serpentes, sapos, e outros reptis. Alguns, mais selvagens ainda, taes como os nagas de Assam e certas tribus da America, devoram ate os insectos.

RELAÇÃO DAS COISAS QUE ACONTECERAM EM A CIDADE DE ANGRA, ILHA TERCEIRA, DEPOIS QUE SE PERDEU EL-REI D. SEBASTIÃO EM AFRICA.

Continuação.

LXXXVII

De como o marquez ao segundo dia de saque mandou tirar todos os escravos e gente do mosteiro de S. Gonçalo.

As freiras do convento de S. Gonçalo tinham fama de serem muito do serviço de sua magestade D. Filippe: por este respeito se metteram no mosteiro muitos homens e muitos escravos, e muitos d'elles eram do serviço do sr. D. Antonio: e como com o marquez vinham muitos homens que foram botados da terra, por serem contra o serviço do sr. D. Antonio, e outros estavam na ilha secretos, que se não descubriram: estes homens fizeram muito mal porque os soldados não conheciam a gente, nem o marquez os capitães, e elles lhes diziam tudo, porque muitos andaram com vinganças e fizeram matar muitos. Foram dizer ao marquez, que no convento de S. Gonçalo estavam recolhidos muitos homens contra o serviço d'el-rei D. Filippe, e estavam muitos escravos. Mandou o marquez, que todos os homens que estivessem dentro os levassem á cadea, e que depois se saberia os que eram do serviço de sua magestade. Já neste tempo havia muitos presos: foram todos levados á cadêa, que eram muitos homens doudos, que eram João Romeiro, e Domingos Gonçalves, e outros,

que por uma lança se subiram nos muros, e por ella desceram abaixo, e não foram presos. Os escravos eram muitos: o marquez os mandou tirar todos, que seriam cem. Alguns ficaram escondidos. Estes todos mandou o marquez tomar para si, e por seus foram embarcados. Tanto que veio a noticia de outros homens, que estavam recolhidos na Esperança, dentro e fora se acolheram como poderam alguns, outros foram presos e levados ás galés. Tomaram as portas da egreja e eu vi um clerigo, natural da cidade e conego da se, ir mostrar homens para serem presos aos capitães e sargentos que a isso iam, e tão indignado ia este padre, que estando ahi um homem mancebo, seu parente, que já estava malsinado, e se chegou a elle para que o livrasse da prisão, elle lhe não deu resposta, nem o escutou, nem se lhe deu delle cousa alguma. Vendo-se este homem mancebo nobre e fidalgo na agonia da prisão, temendo alguns trabalhos, tinha alli sua mulher, e tres crianças, dessimulou, e se aquietou tendo já commettido sair-se. O capitão dice: *Fidalgo, estue quedo, que não hade sair, que todos hão de ir presos.* Poz-se o dito conego em requerimentos com o capitão, que levasse preso a um clerigo que alli estava: o capitão dice: *Não trago ordem senão para prender leigos.* O conego a repetir que o podia prender, porque foi contra o serviço de sua magestade mais que outros: estando nesta referta o homem mancebo escapulio por detraz de outro padre que ahi estava. Depois da duvida acabada, comtudo, levou o padre preso ante o marquez, e quando pretendeu levar o sobredito era acolhido. Tornou-se o capitão ao conego, e a outro padre por nome Luiz d'Almeida, dizendo que se não foram clerigos os havia de matar, sem elles terem culpa alguma, antes se lhes dava pouco de o prenderem. Neste segundo dia já os presos não cabiam na cadea, e os mettiam nas gales, e todos, ou a maior parte delles, capitães, homens fidalgos, cidadãos, officiaes de justiça, e muitos clerigos e frades.

LXXXVIII.

De como os franceses e portuguezes da capitania da Praia, e soldados, determinaram dar na cidade sobre o marquez.

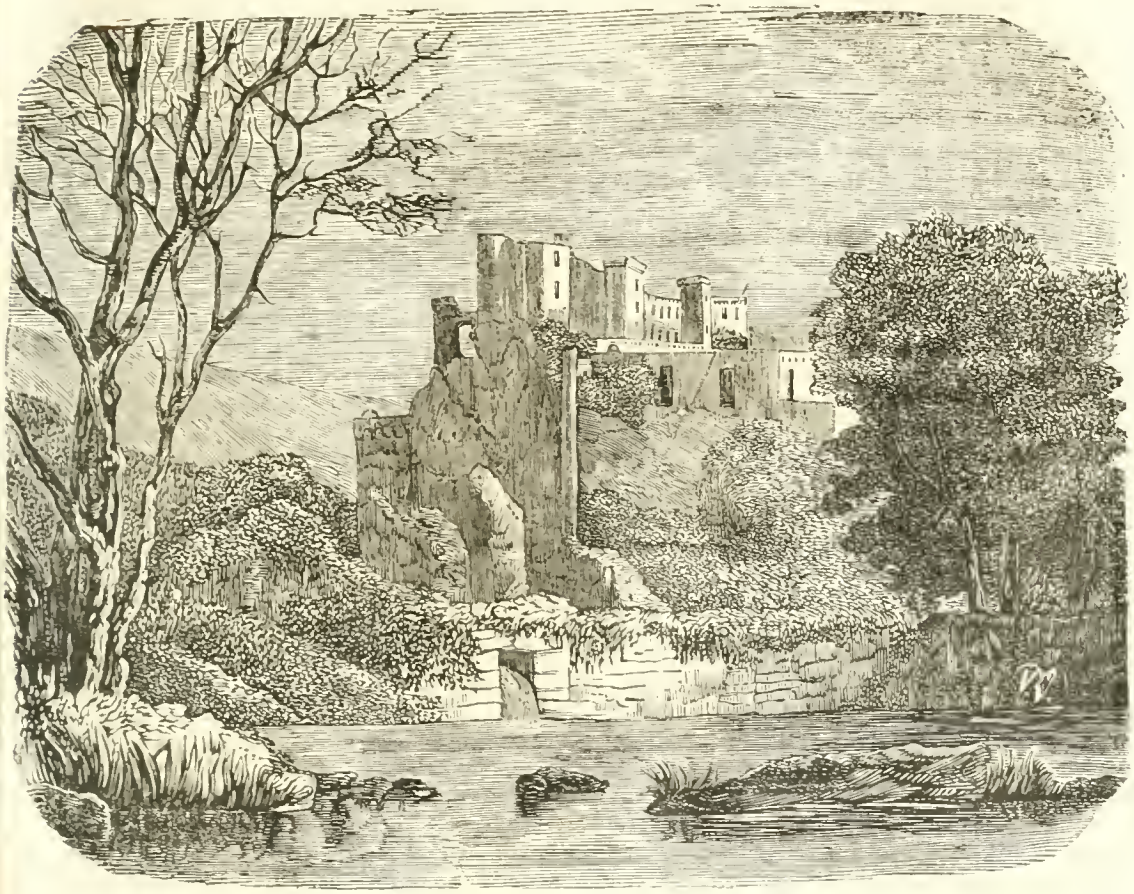
O terceiro dia, estando muita gente da capitania da cidade na capitania da Praia, e assim os moradores da villa da Praia, e toda a sua jurisdição, temorisados de serem presos, como tinham por nova todos os capitães, ou parte delles, da cidade e seu termo estarem presos, e outra muita gente, e o estrago que ia, e as mortes e affrontas dos soldados por homens e mulheres, trataram com os francezes, que se ajuntassem e dessem sobre a cidade, porque os soldados andavam espalhados, e os que estavam na cidade descuidados, e que facilmente seriam com o favor de Deus vencedores, porque podiam ajuntar-se cinco mil homens, e que dariam de madrugada, estando elles dormindo, e que dariam por duas partes, que começaria a metade da gente pela banda do ponente, e que acudiriam os soldados lá, virando as costas ao levante, sem se precatarem das espaldas, antes cuidariam serem soldados seus, e que com esta traça teriam victoria ou venderiam bem as vidas quando a desventura fosse grande, porque tinham por informação, que alguns dos capitães, que no campo estavam ao segundo dia com os dois mil homens portuguezes, que o seu conselho era venderem bem as vidas, que estavam presos, e arrependidos porque o não fizeram, e que sem falta os haviam matar, e o mesmo havia fazer a todos. Posta esta pratica com os francezes e inglezes, diceram que lhes parecia bem, e estando o caso consultado, e imaginando como havia de ser, no mesmo entrevejo um dos capitães, e por ver se podia remir sua vida sem guerra veio dizer ao marquez o que se passava e estava determinado. Agradeceu muito o marquez, e logo lhe perdoou a vida e fazenda, e logo mandou lançar bando os soldados se recolhessem a cidade, e mandou que dentro em tres dias todos os capitães, alferes, sargentos, e officiaes de justiça, se viessem de toda a ilha apresentar, porque lhes havia por perdoadas vidas e fazendas; e os francezes viessem para a cidade entregar as armas de fogo, e seriam perdoados, e lhes dariam embarcação para se irem. Como os pregões foram divulgados em toda a ilha, tanto que viram a liberdade do marquez desfizeram o que tinham ordenado, não sabendo quem o viera dizer, nem sabiam que o marquez tinha noticia de seus intentos, senão depois d'ahi a muitos dias se veio a descobrir; mas os que tinha ja presos lhes não deu perdão, e vieram todos apresentar-se ao dito general, e os acceitava. Todos os francezes vieram, e largaram os arcabuzes, mosquetes, frascos, e polvora, e somente lhes ficaram as espadas: e ordenou tres ou quatro naus grandes, e os mandou embarcar, e lhes deu os mantimentos necessarios para irem te França, e havia francezes homens de mar que foram por pilotos, mestres, e marinheiros, e levaram muito boas naus, e era no fim do mez de Julho, e foram a França a salvamento.

Continua.

A loucura dos homens tem feito apparecer as galas do luxo, não so nos natalicios, e nos consorcios, onde respira a vida, e o prazer; mas ate nos funeraes, onde só avulta a miseria, e o nada.

Publicou-se o 3.° volume da Eneida de Virgilio, por Barreto Feio — preço 1:000 réis.

Publicou-se a comedia em 3 actos e 9 quadros, Stambul, original de Aristides Abranches — preço 300 réis.



CASTELLO DE BARBEN.

O castello de Barben, no departamento das Boccas do Rhodano, pertence, desde 1443, á familia de Forbin. Anteriormente, tinha sido propriedade do principe de Lambesc, da casa de Lorena.

Na menoridade de Luiz XIII, os habitantes de Aix rebellaram-se contra o seu soberano. Os insurgentes, sabendo que o senhor de Forbin, logar-tenente general, partira de Barben para ir juntar-se ao exercito do rei que marchava contra elles, foram assediar este castello. Vêem-se ainda sobre uma das torres os buracos das balas que recordam que o sitio foi obstinado e ruinoso. Esta insurreição denominou-se «revolução dos *Cascavéous*» (palavra provençal que significa *guiso*) porque os insurgentes tinham no braçal uns pequenos guisos. Quando a ordem se restabeleceu, o parlamento d'Aix expediu a resolução em que condemnava a cidade d'Aix a reparar o castello de Barben, e a pôl-o no seu primeiro estado. Sirey conta, no seu Repertorio, que só as vigas custaram á cidade d'Aix um preço tão elevado como se fosse obrigada a fazel-as conduzir do monte Libano.

Em 1793, o castello de Barben foi de novo devastado. O marquez de Forbin o restabeleceu tal como se acha actualmente. Em 1825, o pintor Granet, sendo convidado pelo conde Forbin, director dos museus, a visitar Barben, encontrou ahi, na cosinha da velha habitação, assumpto para um encantador quadro que se via ainda, ha alguns annos, no Palais-Royal, e que é conhecido pelo titulo de *Benção das casas*. Na mesma occasião estavam mais alguns artistas reunidos no castello pelo conde de Forbin, e entre outros Constantino d'Aix.

Esta recordação pacifica contrasta com as antigas tradições do castello, quasi todas sinistras e sangrentas.

OS INDIOS PERANTE A NACIONALIDADE BRAZILEIRA. (1)

(PAGINAS DE UM LIVRO INEDITO.) (2)

Não falta quem abertamente affirme, ou pelo

(1) Este discurso foi este anno lido em portuguez, como está, em duas sessões da Academia da Historia de Madrid.

(2) O 2.º Tom da Historia Geral do Brazil, que brevemente sairá á luz

menos tacitamente creia, que os antigos indios do Brazil são os verdadeiros brazileiros *puritanos*, e os mais legitimos representantes, no passado, da nacionalidade actual. Como não partilhamos taes opiniões; e isto, não por obedecer a prevenções ou caprichos que não abrigamos; mas sim por impulsos de convicções, que a tal respeito se radicam tanto mais em nosso espirito, quanto mais no assumpto meditamos, vamos a apresentar as razões que nos assistem. E se não tivermos a fortuna de levar a convicção ao animo do leitor, e de estabelecer um systema que satisfaça a um tempo, como desejamos, á philosophia, ao direito e a propria historia, nos daremos por mui satisfeitos se conseguirmos justificar-nos de sinceros.

Bem meditadas todas as questões accrca dos indios, quer em relação a elles unicamente, quer com respeito aos colonos, quer a partilha de gloria que lhes deve caber na historia de cada uma das nações americanas, podem ellas reduzir-se as que se comprehendem nos seguintes pontos:

1.° Eram os que percorriam o territorio do Brazil, á chegada dos christãos europeus, os seus legitimos donos?

2.° Viviam, independentemente da falta do ferro e de conhecimento da verdadeira religião, em um estado social invejavel?

3.° Esse estado melhoraria, sem o influxo externo que mandou a Providencia por meio do christianismo?

4.° Havia meio de os reduzir e amansar, sem empregar a coacção pela força?

5.° Houve grandes excessos de abuso nos meios empregados para essas reducções?

6.° Dos tres principaes elementos de povoação, indio, branco e negro, que concorreram ao desinvolvimento de quasi todos os paizes da America, qual predomina hoje no Brazil?

7.° Quando se apresentem discordes ou em travada luta estes tres elementos no passado, qual d'elles devemos suppor representante historico da nacionalidade de hoje?

Occupemo-nos por ordem de cada um d'estes sete pontos:

1.° *Ponto*. Segundo os principios admittidos pelos publicistas, não é possivel reconhecer que os antigos indios do Brazil, pouquissimos proporcionalmente em numero, eram os legitimos donos das terras, que, em vez de habitar, percorriam nomades (1), desfructando d'ellas em quanto não espantavam a caça, ou em quanto com sua primitiva agricultura não haviam, ao cabo de uns quatro annos em que seus *tejupares* ou ranchos haviam apodrecido, cansado a terra, cujas mattas primitivas ou virgens haviam derrubado. Isto ainda suppondo que não eram d'ellas, como succedia, invasores, como os proprios christãos. Ora que os Tupis nada mais eram do que os ultimos invasores do territorio, hoje brazileiro, o evidenceiam as mais antigas tradições que recolhemos (1). — Os Tupinambás da Bahia diziam ter vindo do norte; os do Cabo-Frio e Rio de Janeiro egualmente; e os de S. Vicente reputavam por seus antepassados *(Tapuy)* os do districto ao norte, de quem se diziam netos *(Temiminós)*.

2.° *Ponto*. Se era invejavel o estado de atraso social em que viviam os antigos Tupis, e vivem ainda esses que, com a nossa pseudo-philantropia, consentimos cruelmente que continuem devorando-se uns aos outros nas selvaticas beiras do Xingú e varios outros dos nossos rios, decida-o com a mão na consciencia o proprio leitor em presença da pintura fiel do estado em que elles se encontraram. Nem se quer mereciam o nome de barbaros: eram *selvagens*, com o que explicamos a condição social a que os philologos, independentemente da significação etymologica, applicam essa palavra. Mantinham a anthropophagia: desfiguravam-se horrivelmente, esburacando a cara: andavam geralmente nus; experimentavam toda a sorte de privações, passando até por vezes fomes, por excesso de imprevidencia; não castigavam vicios, nem premiavam virtudes; ou antes não reconheciam estas nem aquelles. Tratavam as mulheres como escravas: e eram viciosos *contra naturam*. Suas povoações consistiam em uns poucos de grandes ranchos ou casarões, em que viviam aquartelados, todos juntos, sem que houvesse repartimentos interiores: não usavam de nenhum metal. Emprehendiam a guerra por vingança ou por satisfazer outros instinctos, ou os appetites do chefe e senhor despotico, que era o que a si se proclamava tal, por mais valentão, em quanto outro, com alguma sequella, não lhe disputava o logar, perpetuando a guerra civil. Os prisioneiros eram sacrificados em meio de danças e bachanaes. Por outra: viviam (e alguns vivem ainda) no primitivo estado do homem caido e manchado (2); isto é no estado *natural* de familia ou tribu, sem leis preventivas, superiores as paixões momentaneas, nem penas contra os infractores d'essas leis. Esse estado, que hoje pelos indios conhecemos perfeitamente de vista, tinha sido variamente apreciado pelos philosophos (comprehendendo n'este numero os socialistas e communistas), publicistas e historiadores por erradas abstracções, das quaes, nem que inspiradamente, alguns se desviaram (3). Se percorremos o sagra-

(1) Vattel, Droit des Gens, Liv I°, cap 7, §. 81

(1) Vej. a nossa Hist. Ger. do Brazil, Tom I, pag. 105.

(2) O peccado original ou queda d'Adão da nossa religião, e a necessidade da redempção foram admittidos pela propria philosophia pagã, segundo provam graves escriptores, com textos de Timeo de Locres, de Platão, de Cicero e de Ovidio.

(3) O celebre Buffon deixou escriptas estas memoraveis palavras: «Cette reunion (trata da sociedade civil) est de l'homme l'ouvrage le meilleur; c'est de sa raison l'usage le plus sage. En effet, il n'est tranquille, il n'est fort, il n'est grand, il ne commande à l'univers, que parce qu'il a su se commander à lui-même, se domter, se soumettre et s'imposer des lois, l'homme en un mot n'est homme que parce qu'il a su se reunir à l'homme.» Eis como a vida de tribu é pintada pelo publicista Burlamaqui: «Perpétuellement divises en guerre, les plus fort opprimait le plus faible; ils ne possedaient rien tranquillement, ils ne jouissaient d'aucun repos, et ce qu'il faut surtout remarquer, c'est que tous ces maux etaient principalement

do texto, foi n'esse regimen de tribu que o innocente Abel pereceu victima da inveja do irmão, que o velho Noe se viu escarnecido pela familia, e que as filhas de Loth peccaram incestuosamente. Por nossa parte, com toda a energia possivel, protestamos que não invejaramos viver em meio de uma tal sociedade escrava de sua propria liberdade, e cremos que fôra ingratidão e extravagancia, pensando assim, e estando a desfructar nas cidades policiadas de todos os beneficios da nossa sociedade civil, conspirarmo-nos contra ella, como viciosa e corrompida, para defender a selvageria, com as bellas phrases de Rousseau; que por certo se chega a viver entre os seus predilectos, procedendo logicamente com o que escrevia, e d'elles escapa vivo, se houvera retractado em suas confissões. — O proprio *direito* natural, que alguns julgam ser o do homem primitivo, não é pelos selvagens reconhecido, nem garantido.

3.° *Ponto*. Que o estado social dos indios, sem influxo externo, não tendia a melhorar-se, prova-se pelo que entre elles, ilhados em meio dos bosques dos tributarios do Amazonas, tem succedido ha mais de tres seculos. — Apesar de algumas ideas ou industrias, que poderão ter indirectamente adquirido dos christãos, acham-se como antes, se não peior: como alias é natural, em vista dos elementos dissolventes de que se compunha a sua sociedade. Se o profundo e engenhoso Vico tivesse conhecido este facto, talvez houvera feito dar um passo mais a philosophia da historia e a do direito... Talvez houvesse admittido que a raça humana abandonada a certo grau de barbarie e degradação, n'um ou n'outro districto, pode chegar a exterminar-se e a tragar-se a si propria, como os filhos de Saturno. Argumenta-se que os indios possuiam idéas vagas de religião, quando viam no raio o poder de algum deus Jupiter, e sobretudo quando no respeito aos cadaveres dos amigos e no derrespeito aos dos inimigos, demonstravam crer na immortalidade da alma, e talvez nas penas de algum Averno, quando os corpos houvessem ficado insepultos. Embora! — Isso de nada servia a *moralisal-os*. E sem moral, sem a admissão das virtudes, com a certeza do castigo dos vicios oppostos a ellas, sem a subjeição das paixões do homem solitario em favor do genero humano, não ha civilisação possivel. E somente do Ceo podem ter baixado os preceitos, revelados aos patriarchas, confirmados no decalogo, e acceitos pelos philosophos e pelos primeiros legisladores, que ensinaram ao homem caido a aproveitar-se, em beneficio proprio e dos similhantes, dos seus instinctos de odio e de vingança, de vaidade e de cubiça, para por meio de leis e penas, e por meio de premios *ideaes*, ou da esperança d'estes e temor d'aquellas, inverter esses instinctos destructores da humanidade em prol d'ella mesma; subjeitando-os aos limites do heroismo, e da dignidade, inventando a propriedade, e convertendo aquelles em sentimentos elevados em favor da gloria, do patriotismo, e da honra e probidade, ainda antes que o christianismo fosse mais avante pregando a caridade e a abnegação.

Em nosso entender nem Cunhambebe, nem Ambiré houveram jámais pensado em nenhuma formula de virtudes, a menos que lh'a não inspirasse a Providencia Divina, que, alias dispoz fazel-o por outra forma, enviando os mensageiros christãos; e não pobres pescadores, mas uma poderosa armada, e por conseguinte a força com todo o seu apparato. E se chegassemos a crer que o tradicional (1) Sumé fôra o apostolo S. Thome, a cathequese e civilisação pela persuasão havia ja sido em vão anteriormente ensaiado pela mesma Providencia Divina.

4.° *Ponto*. Não hesitamos em asseverar que sem o emprego da força não era, nem é possivel reduzir os selvagens; assim como não poderia haver sociedade sem castigos para os delinquentes. Separae do condemnado a força que o contem, e vereis como o instincto da resistencia predominara, ainda tratando-se de um soldado obediente durante vinte annos; e como a vossa justa sentença deixara de ser cumprida. Que succederia pois entre gentes sem anteriores habitos de subjeição e de obediencia, e sem ideas de uma religião que por si mesma é um codigo de moral? — «Ameaçam se vos não temem: intimidadas facilmente as contereis», dizia Tacito (2).

Em primeiro logar cumpre dizer que o selvagem cercado de outros selvagens, por quem teme ser devorado, como elle os devoraria se podesse, não comprehende a principio que ninguem o busque so para lhe fazer bem (3). Assim dos proprios missionarios são a principio desconfiados a tal ponto que muitas vezes tem estes pago com o martyrio sua confiada caridade. Os proprios Tupininquins que tão bem hospedaram aos da frota de Cabral, não tiveram n'estes confiança senão depois que appareceram, soltos em terra e ricos de presentes, os primeiros que haviam sido apanhados junto á praia. Porem depois seguiram dias felizes, replicareis. — Não ha duvida: reinou alegria e paz octaviana. Cabral era

causes par cette independance même dans laquelle les hommes etaient les uns des autres, qui ne leur laissait aucune sureté pour l'exercice de leur liberte: ainsi a force d'être libres, ils ne l'etaient point du tout, parce qu'il n'y a plus de liberté, dès que les loix n'en sont plus la regle.» «Il y a une immense ignorance (accrescenta mr. Guizot) de la nature de l'homme et de sa condition à croire que, laissee a elle-même, la liberté humaine va au bien et peut y suffire. C'est l'erreur de l'orgueil, erreur qui énerve du même coup l'ordre moral et l'ordre politique, le gouvernement interieur de l'homme et le gouvernement general de la societe.»

(1) Vej. Sumé, lenda mytho-religiosa americana, pub. no Panorama, a.° 44 de 1855.

(2) «Terrere, ni paveant; ubi pertimuerint, impune contemni», 1, 29.

(3) «As viagens (diz J. B. Say), são o verdadeiro archivo de infortunios que dão uma idéa do homem. O viajante se apresenta e e recebido com desconfiança, e é uma fortuna que o não guerreem antes de o conhecer: se logra fazel-os amigos tratam de enganar-se», etc. «Onde quer que penetraram naradores (accrescenta Cantú), nos descobrem uma corrupção immensa diffundida pela extraviada descendencia d'Adão.»

hospede: entreteve os indios com a ceremonia de erguer a cruz de posse, com as duas missas, com o fazer agua e lenha, com as danças e instrumentos dos seus, com o ruido da artilheria, etc.; e não se propunha subjeital-os e civilisal-os, fazendo-lhes apreciar as virtudes, inclusivamente pelo castigo dos vicios e crimes. Houvesse Cabral, nos dias que em Porto Seguro permaneceu, tido necessidade de castigar um Tupininquim por algum roubo ou assassinato, e vereis como toda a chusma se houvera levantado em massa, para vingar o que elles creriam insulto feito ao seu parente. — Em quasi todas as nossas colonias a principio passaria o mesmo: na de Duarte Coelho, na de Francisco Pereira, na de Vasco Fernandes. Em todas, como na de Thomé de Sousa, os indios começariam por ser tratados com suavidade, por interesse dos proprios colonisadores em quanto não caíam em si, reconhecendo a impossibilidade de conter muitos homens sem a ameaça do castigo, e por conseguinte sem a coacção pela força; em favor da qual em vista da experiencia se declararam abertamente os padres dominicanos nas colonias hespanholas, os primeiros e mais respeitaveis jesuitas (1) que foram ao Brazil, e até o proprio P. Vieira (2), patrono dos indios, como se declaram os missionarios (3) de nossos dias, e os povos das provincias mais immediatas aos indios selvagens.

«A escravidão e a subordinação são o primeiro passo para a civilisação das nações»: disse, com admiravel philosophia e coragem, o virtuoso e sabio bispo brazileiro Azeredo Coutinho. Esta verdade foi reconhecida pelos antigos, de modo que só por ella se explica a humilhação dos Parias na Asia, a escravidão dos Hotas e outros barbaros na Grecia; a clientella ou feudalismo da Roma liberal e da edade media. E tanto a reconhecemos nós mesmos que só por ella podemos explicar o mantermos a escravidão dos nossos africanos (aliás com demasiado severas condições não essenciaes), e até a theoria do nosso direito penal que condemna os criminosos ás galés, que são uma escravidão perpetua com grilhões, ou aos ergastulos e casas de correcção, que se reduzem a uma escravidão temporaria, muito mais dura de levar do que quando se anda solto pelas ruas e campos.

E sem nos involver aqui nas debatidas questões de se a guerra é ou não civilisadora, se suavisa o coração dos guerreiros, em vez de os endurecer, se é ou não de influxo divino, temos por sem duvida que em geral ella foi entre os homens um grande meio regenerador. «Assim como o mar, pondera eloquentemente o humanitario e piedoso Cesar Cantú, que parece creado para separar os povos, os conchega, da mesma forma a *tremenda necessidade* da guerra effectua a mescla das raças, e concorre para melhorar a sua propria condição.» Assim tem de realisar-se algum dia na Argelia submettida ao civilisador dominio da christianissima França.

Continua. F. A. DE V.

(1) Nobrega e Anchieta, Vej Hist. Ger. do Brazil, Tom. I, pag. 179.

(2) Em C. de 14 de Dezembro de 1655, escripta ao secretario d'estado Pedro Vieira da Silva, diz que Vidal «ficava disposto umas tropas que hão de ir ao sertão, do que esperamos primeiro a quietação e paz, e depois uma grande conversão d'almas.

(3) O italiano Fr. Apolonio de Todi — Vej. vol I, p. 178. — Da mesma opinião era o veneravel bispo do Pará Fr. João de S. José. Vej ib

UM GRÃO DE AREIA E AS ESTRELLAS.

Os immensos intervallos que separam as estrellas umas das outras servem de theatro a grande numero de phenomenos, e dão passagem á luz, ao calor, e a todos os movimentos ordenados que d'ahi resultam.

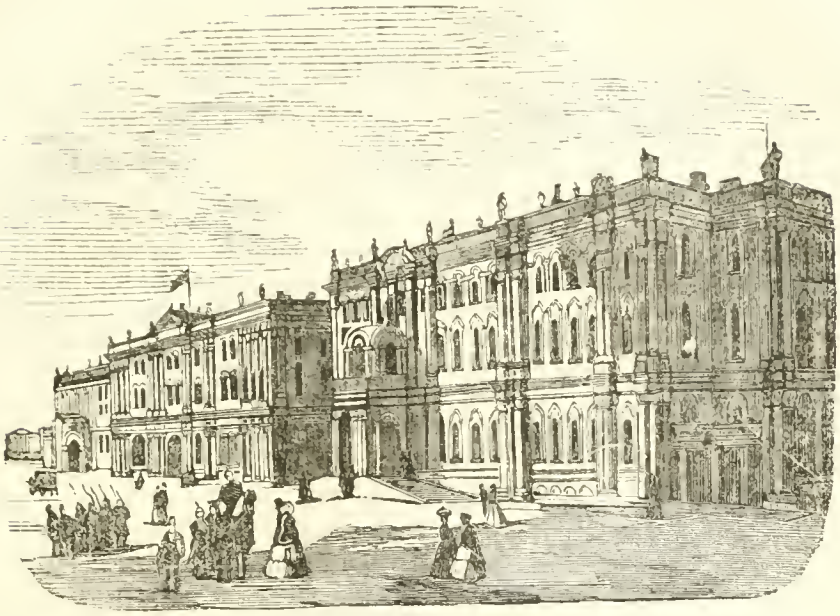
Examinando o ceo com attenção, vemos grupos d'estrellas, que não são de certo nem menos vastas nem menos complexas de que o planeta que habitamos, comprehendidos em um estreito espaço, graças á distancia, constituirem systemas dotados de formas determinadas e inteiramente similhantes aos corpos d'apparencia continua. Entretanto manifestaremos uma especie d'incredulidade, e não poderemos livrar-nos de surpreza, se nos perguntarem se não é possivel que os atomos d'um grão d'areia tenham entre si, guardada a proporção relativa ao proprio valor, tanta distancia como ha entre as estrellas, e porque se não darão, nos intervallos que separam estes atomos uns dos outros, phenomenos tão complicados e maravilhosos como os que teem logar nos espaços celestes.

ABOLIÇÃO DA ESCRAVIDÃO EM ALEMANHA.

A escravidão foi abolida:

No ducado de Bade em	1783
No Hohenzollern em	1789
No Schleswig e Holstein em	1804
Em Nassau, na Baviera, no ducado de Berg, em Erfurth, etc. em	1808
Na Prussia, em Hesse-Darmstadt, no principado de Lippe-Deltmold, no reino de Westphalia em	1809
No Schomburg-Lippe, e na Pomerania sueca em	1810
Na Austria em	1811
No Oldenburgh em	1814
No Wurtemberg em	1817
No Mecklembourg em	1820
Em Saxe, e em Lusace	1832
No Hohenzollern-Singmarigen em	1833

Quando a historia nos apresenta factos sobrenaturaes, só possiveis á omnipotencia divina; é necessario dissecal-os com o escalpello da critica; para não confundir os verdadeiros milagres com os erros da credulidade, ou com os inventos da impostura



PALACIO DE INVERNO EM S. PETERSBOURG.

O mais importante, se não e o mais bello palacio de S. Petersbourg, é o imperial denominado palacio de inverno, que teve em sua origem este nome para o distinguirem do palacio de verão que o imperador Paulo mandou demolir para erigir no mesmo chão o palacio Miguel; e assim aquelle ficou com o sobredito nome, postoque já não exista o de verão.

O actual palacio d'inverno não tem mais de dezoito annos, porque em 1837 um incendio devorou em poucas horas o antigo, o qual fôra edificado no reinado de Elizabeth pelo italiano Rastrelli, e diz-se que era tamanho que seis mil pessoas o habitavam; o intendente em chefe da casa imperial, não obstante estar no exercicio de seu cargo havia mais de doze horas, ainda não conhecia todos os aposentos e escaninhos d'aquelle verdadeiro labyrintho; oitenta mil operarios trabalharam em tão immensa habitação, que os seus regios possuidores não cessaram de aformosear e enriquecer por espaço de oitenta annos; talvez nunca se accumulassem tantos objectos preciosos no mesmo edificio, e o fogo destruiu tudo n'uma noite. Este desastre incutiu profunda dôr em toda a capital; parecia que todos tinham perdido suas proprias casas destruida a do imperador; os mais ricos fidalgos e proprietarios, o corpo do commercio, muitos particulares offereceram quantiosas sommas para a reedificação; mas o imperador, não acceitando tão generosos offerecimentos, fez reconstruir o palacio, e com tanta actividade, que ao findar um anno, no dia correspondente ao do incendio, o czar recebia a sua côrte n'um palacio inteiramente novo.

O actual palacio de inverno e um vasto parallelogrammo de quatro frontarias com cento e cincoenta metros de extensão por cento e quinze de largura. Comparado com as outras residencias reaes da Europa, é com o palacio de Madrid que tem mais similhança: a mesma forma geral, um quadrilongo, quatro fachadas, dois andares, e de columnas sobrepostas, um pateo interior, nenhum jardim. Muito mais espaçoso o de S. Petersbourg é de tijolos, e o de Madrid de granito e marmore; mas o palacio de Madrid deita para o humilde Manzanares e o de S. Petersbourg para o orgulhoso Neva, e ainda mais este ultimo compensa a inferioridade do seu material pela magnificencia inaudita de seus aposentos e salas interiores. A grande escadaria de marmore incrustado de oiro, a *sala branca*, de estuque, e onde se dão banquetes de oitocentas cobertas, a *sala de S. Jorge*, egualmente vasta e toda de marmore de Carrara, nada tem que invejar ainda mesmo ás prodigalidades de Luiz XIV de França. N'este edificio sumptuoso reside o czar oito mezes do anno.

COINCIDENCIAS NOTAVEIS DOS NOVE ALGARISMOS COM A HISTORIA DE PORTUGAL, EM QUANTO DOMINOU N'ESTE REINO A LINHA AFFONSINA DE SEUS MONARCHAS: PEQUENO TRIBUTO DEDICADO AO ILL.^mo SR. J. DA C. CASCAES, EM TESTEMUNHO DE CONSIDERAÇÃO, POR SEU AMIGO M. DALHUNTY.

Continuação.

D. Affonso, *segundo* do *segundo* par d'elles,

logo no principio do seu reinado recebeu de um ministro sobre *dois* CC (Cintra e caça) uma lição que de certo não a tivera melhor em Coimbra na escola que lhe fundou seu pae. No verdor dos annos, amando com paixão a caça, não só esquecia nas mattas de Cintra os negocios importantes do estado, senão que, chegou a esquecel-os no meio dos proprios conselhos. Aqui, certo ministro respondendo-lhe com a severa censura a uma narração circunstanciada de uma caçada, terminou com estas palavras: Se vossa alteza quer acudir ás necessidades dos seus povos, e emendar os abusos, tera vassallos humildes e obedientes; senão. . . — El-rei perguntando colerico e prompto: senão o que? — Elles buscarão outro rei, replicou o ministro no mesmo tom. Foi grande o vassallo, que ousou: mas o rei mostrou-se muito maior, quando, caindo em si, confessou o erro, e se emendou.

Affonso IV e Affonso Sanches, *dois* Affonsos, *dois* irmãos estão em guerra: Sanches desbarata o Mestre d'Aviz, mandado contra elle; e faz as pazes a rainha Santa Isabel.

Mencionam n'este reinado *dois* casamentos feitos, e *dois* desfeitos. D. Beatriz, mulher de D. Affonso IV, faz com que Affonso XI de Leão desfaça seu casamento com D. Constança, filha de D. João Manuel, afim de receber D. Maria, sua filha; desmancha-se o casamento de D. Pedro, principe herdeiro de Portugal, com D. Branca filha de outro D. Pedro infante de Castella, e vem a casar o primeiro d'estes Pedros com D. Constança antes mencionada; sendo este *segundo* casamento concluido em Julho de 1340 pelo tratado de Santarem, depois de *duas* meias duzias d'annos, que se passaram em guerras ateadas pelo primeiro. D. Affonso IV em virtude d'este tratado achava-se na batalha de Tarifa ou Salado aos 30 de Outubro de 1340.

Camões suppõe que D. Affonso XI manda sua esposa D. Maria rogar a seu pae D. Affonso IV de Portugal que soccorra seu marido contra o exercito do rei de Marrocos; por isso diz:

Pedindo ajuda ao forte Lusitano
Lhe mandava a carissima consorte
Mulher de quem a manda e filha amada
D'aquelle a cujo reino foi mandada.

Entrava a formosissima Maria
Pelos paternaes paços sublimados
Lindo o gesto mas fora de alegria,
E seus olhos em lagrimas banhados
Os cabellos angelicos trazia
Pelos eburneos hombros espalhados etc.

Foi ferida a batalha do Salado, faltando *dois* dias para terminar o mez, e *dois* mezes para terminar o anno de 1340 a que faltam *duas* vezes tantas dezenas para completar o seculo, quantas mostra o *segundo* algarismo do mesmo numero.

Fallecendo Affonso IV, ficaram reinando simultaneamente na peninsula *dois* reis *ambos* Pedros, *ambos* com egual epitheto, em Hespanha D. Pedro cruel, em Portugal D. Pedro crú. A este crú chamam tambem justiceiro, e conta-se d'elle, para justificar-lhe o titulo, a historia do *pedreiro*, por quem mandou matar o clerigo. D. Pedro cruel, depois de desenthronisado por Henrique, conde de Transtamara, vinha trazer a Portugal sua filha, para casal-a com D. Fernando, como tinha sido ajustado, mas este não a quiz receber.

Dois operarios, em *dois* reinados successivos, se tornam conspicuos: no de D. Pedro, um pedreiro justifica o epitheto que teve seu soberano de justiceiro; no de D. Fernando, successor d'este, um alfayate por nome Fernão Vasques (Fernando e Fernão) lhe amotina o povo por motivo do seu casamento com Leonor Telles. D. Fernando retira-se a Santarem, faz justiçar o alfayate, e acreditando na tranquillidade do povo, vae ao Minho celebrar publicamente suas nupcias.

D. Fernando rei de Portugal, e João duque de Lancastre, filho de Duarte III rei d'Inglaterra, foram *ambos* pretendentes á corôa de Henrique *segundo* rei de Castella, o duque João por direitos de sua mulher, D. Constança, filha mais velha de D. Pedro, o cruel. Por Diogo Lopes Pacheco, que mandou a Lisboa, e pelo infante D. Diniz que se retirara de Portugal, soube Henrique as circunstancias d'este reino, e mandou a elle seu filho D. Affonso, com tropas, a invadil-o por uma parte, em quanto elle entrava pela outra. D. Affonso chegou ate Cascaes; D. Henrique, ate Lisboa; mas fez-se a paz, por intervenção do nuncio do papa. Findou tudo com *dois* casamentos: o infante de Castella D. Sancho, com a infanta de Portugal D. Beatriz; promettendo D. Fernando sua filha a D. Affonso, conde de Gijon, filho bastardo de Henrique, 1373. Mas como fallecesse D. Sancho, propoz D. Henrique seu filho natural D. Henrique para casar com a princeza de Portugal D. Beatriz: o que foi approvado pelas côrtes de Leiria.

Depois de *dois* casamentos, temos *dois* namorados. O infante D. João, irmão de D. Fernando, namora-se de D. Maria Telles, viuva de D. Alvaro Dias de Sousa, e irmã da rainha. Tramou esta uma intriga, cujo desfecho foi matar o infante aquella com quem por seu empenho casara, e retirar-se para Hespanha por evitar a vingança de seu cunhado, e a espada do Mestre d'Aviz que tambem procurava feril-o.

Falleceu D. Fernando em Santarem a 22 de Outubro, faltavam *dois* mezes para chegar ao fim do anno de 1384, tendo 44 de edade e havendo reinado 16 (4 vezes 4). Na *segunda* guerra que teve com os castelhanos creou *dois* grandes cargos: o de condestavel, que deu a Alvaro Pires de Castro; e o de marechal, que confiou a D. Fernando Coutinho.

No anno 1422 em que D. João primeiro mudou as datas de Augusto em datas do Nascimento de Christo, fez de *dois* infantes *dois* duques D. Henrique, duque de Vizeu; D. Pedro, duque

de Coimbra; isto, para premial-os de como se tinham havido na conquista de Ceuta.

Ao infante D. Henrique devemos ligar *dois* factos notaveis, a descoberta da ilha da Madeira, e a fundação de Sagres.

Duas Leonores em Alemquer. Chegando o povo a declarar-se em favor do Mestre d'Aviz, e morto o conde de Andeiro, retirou-se Leonor Telles a Alemquer. Para este mesmo retiro se recolheu D. Leonor, esposa de D. Duarte, quando se viu na necessidade de entregar seu filho ao regente D. Pedro, a quem o povo obrigara a tornar para Lisboa, d'onde se havia apartado por desgostos que lhe dera o partido da rainha. A primeira Leonor falleceu encerrada em Castella por haver tramado uma conjuração contra a vida do monarcha; a *segunda*, tambem ali morreu, envenenada por D. Alvaro de Luna, havendo empenhado, para fazer guerra a Portugal, as joias que levara d'este reino.

Duas metades. Aos ministros que entendiam ser contraria ao commercio a lei de D. João II, que somente as mulheres permittia trazerem seda, oiro, prata, e pedrarias, respondeu este monarcha: vos enganaes-vos; porque basta que metade dos meus vassallos se trate com luxo, para a outra metade ter que fazer.

Durante a regencia de D. Pedro foram tratados *dois* casamentos. Esposou sua filha com D. Affonso V; e, mandando soccorros ao rei de Castella, capitaneados por seu filho D. Pedro a quem fizera condestavel, por morte de D. João seu tio, contratou D. Alvaro de Luna, entre si e o condestavel o casamento do rei de Castella com D. Isabel filha do infante D. João de Portugal: o que tudo depois confirmou o regente.

A esposa d'este Affonso seguinte a *dois* pares d'elles, falleceu em *Evora* aos *dois* do *segundo* mez do ultimo par d'elles em 1455; numero em que vem *duas* vezes o algarismo 5, sendo 14, valor de 2 vezes 5 mais 2 vezes 2. Suppõe-se que foi envenenada pelos inimigos de seu pae. Enterraram-na junto a elle no convento da Batalha, e para ali mandou D. Affonso vir tambem de Castella o corpo de D. Leonor.

Mais *duas* expedições a Africa por D. Affonso V. A *segunda* empresa de Tanger teve logar em 7 de Novembro (9) de 1463 (9 vezes 7 e 2 vezes 7). Foi D. Affonso V acompanhado de seu irmão D. Fernando, duque de Vizeu; de D. Pedro, condestavel, duque de Coimbra, filho do conde de Vianna que lá ficou morto, por querer livrar o rei de ser feito prisioneiro. Depois d'esta empresa mallograda de Tanger, o condestavel D. Pedro, e convidado pelos catalães para seu rei; passa por muitos trabalhos; e morre. Foi nomeado em seu logar, condestavel, D. Fernando, duque de Vizeu. Este infante commanda a outra expedição de Tanger, e toma Anafe, vindo a fallecer no anno seguinte 1470 aos 18 de Setembro; isto e, a 2 vezes 9 dias de *Setembro*, *sete* annos depois da anterior expedição que foi em 1463.

Queixoso o duque de Bragança de que D. João II tivesse quebrado certos privilegios da nobreza, e continuando, depois de reprehendido pelo soberano, em suas intelligencias de conspiração, com Castella, e mandado prender; processado em Evora, e ali publicamente degolado. O marquez de Montemor, e o conde Faro foram tambem declarados traidores, e tiveram confiscados seus bens. De outro duque (o de Vizeu), tempos depois, soube D. João II, em Santarem, pelo irmão de certa dama, com quem o bispo de Evora tratava amores, que conjurava contra sua vida, e, mandando-o chamar a Setubal, tomando-o a parte, como para communicar-lhe certo negocio, fallando-lhe da conjuração, o estendeu morto a seus pes, com uma punhalada. Este duque de Vizeu era irmão da rainha, esposa do mesmo D. João II.

Continua.

RELAÇÃO DAS COISAS QUE ACONTECERAM EM A CIDADE DE ANGRA, ILHA TERCEIRA, DEPOIS QUE SE PERDEU EL-REI D. SEBASTIÃO EM AFRICA

Continuação

LXXXVIII.

De como ordenou o marquez mandar tomar a ilha do Faial e as mais

Estava na ilha do Faial por capitão mor um mancebo solteiro, por nome Antonio Telles, fidalgo e bem creado, e na ilha de S. Jorge um João Velho, por capitão-mor. Nesta cidade estava um Gonçalo Pereira, homem nobre da ilha do Faial, que tinha habito de Christo do Sr. D. Antonio, e Gaspar Gonçalves de Utra, que dantes fora capitão-mor da dita ilha do Faial, e estes dois homens, como eram possantes de bens temporaes, e os mais poderosos da dita ilha, e aparentados, diceram ao marquez, que elles queriam ir na armada que fosse ao Faial, e que se atreviam sem guerra fazerem entregar a ilha, e o Faial entregue nas outras não havia que fazer. Agradeceu-lhes muito o marquez, e lhes prometteu de lhes fazer mercês. Mandou o marquez ir todas as gales, que eram dez, e muitas caravelas pequenas, e mandou metter tres mil soldados, e foram ao Faial logo direitos, mandaram a terra dizer que a Terceira estava entregue, e que de todo tinha ja dado obediencia a el-rei D. Filippe, e que o tinham ja jurado por rei, que se entregassem sem guerra. Não o queriam crer: diceram, que não, que haviam pelejar. Quando o capitão-mor, que ia por general da armada, viu a contumacia, e pouco aviso da gente, mandou botar em uma barquinha o dito Gonçalo Pereira, e Gaspar Gonçalves de Utra, e os mandou botar em terra, em uma ponta onde não apparecia gente, para irem por terra a os desenganar. A gente vendo da terra ir a barquinha, foram-se la alguns homens de pouco respeito, e em pondo os pes na arêa o Gonçalo Pereira elles

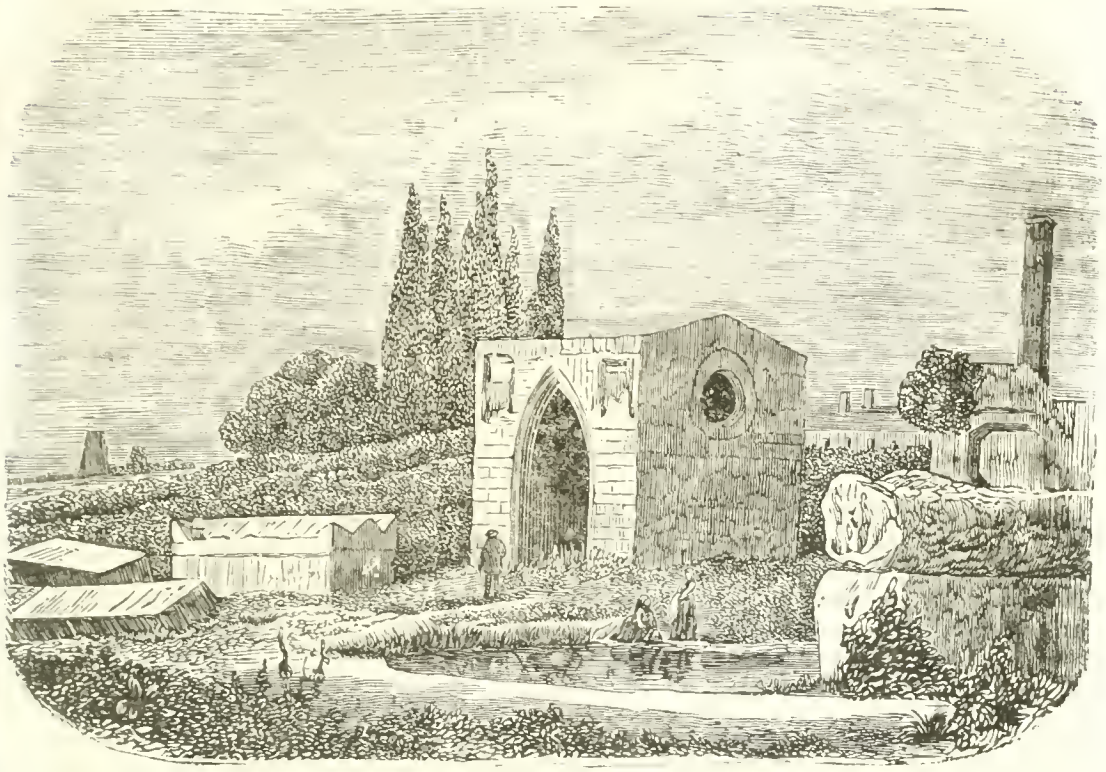
o passaram a estocadas e o mataram; e estando Gaspar Gonçalves d'Utra em pé para saltar após elle, se reteve e não saltou, porque tivera a mesma desgraçada sorte. Vendo o capitão-mór da armada e gente os desatinos botou logo tres mil soldados em terra, que para isso levava, e tiveram escaramuça, mas como a gente estava della de um parecer, e della de outro, facilmente foi a terra tomada e rendida, com alguma morte de gente, mas não muita, e os portuguezes se retiraram ao morro. O capitão-mor foi tomado, o qual foi em ajuda da morte de Gonçalo Pereira, e lhe cortaram a mão direita, e o enforcaram, podendo elle entregar a ilha sem guerra, e ainda o marquez lhe fizera mercês, que poder trazia para tudo. Depois da ilha de todo rendida e tomada, as mais ilhas se entregaram logo, e deram á obediencia, e levantaram por rei a D. Filippe, e não houve guerra em nenhuma das outras ilhas, que eram a ilha de S. Jorge, do Pico, Graciosa, Flores, e ilheo do Corvo.

LXXXIX

De como foi preso e tomado Manuel da Silva

Como Manuel da Silva estava odioso com a gente da ilha pelo estado em que a poz, e não era della embarcado, não podia escapar, porque os que estavam saqueados, e as mulheres viuvas, e os maridos de outros presos para os matarem, e outros para desterrarem, toda a ilha, e as mais estavam contra elle, desejando de o tomarem para o entregarem á prisão. Sendo elle assim bem buscado pela ilha mudou os vestidos e se vestiu á castelhana, e se metteu entre os soldados fallando castelhano; determinando de se metter desta maneira na armada por soldado dos que nella vinham. E vindo assim fallando com um capitão e soldados que o buscavam, e o traziam comsigo, perguntando a todos por elle, e elle lhe ajudava a perguntar, detendo o capitão té entrar de noute na cidade, para não ser visto da gente della, porque vendo portuguez buscava fingimento para não olhar para elle direito, encontrou o capitão uns soldados, que traziam cativa uma mulata, e se poz a fallar com elles, dizendo, que tinha já gastado dois dias em buscar o conde sem o achar. A mulata conheceu-o logo, e elle que a via olhar para elle e sorrir-se; temorisado della punha as mãos nos beiços, que calasse. Comtudo, como a mulata viu a occasião que lhe succedia para ser forra, e a empreza de que estava senhora, temendo-se que outrem o descubrisse e ella ficasse perdendo seu interesse, chamou o capitão de parte, e lhe dice: *V. m. que me fará se eu hoje lhe der o conde Manuel da Silva preso, porque bem sabe o marquez o que tem promettido a quem o der.* O capitão não suspeitou que elle ia na companhia; ficou alvoroçado e contente; dice á mulata: *Se tu isso fazes eu te prometto liberdade, e te dou minha palavra, e alem disso te darei dinheiro para remediares tua vida.* Tomou-lhe a mulata a mão e foi a pegar pela aba da roupeta a Manuel da Silva, e disse: *Capitão, vedes aqui o conde Manuel da Silva!* Elle ficou morto e enfiado. Desceu-se logo o capitão do cavallo, tirou o chapeo, e com muita cortezia dice: *Vossa Senhoria esteja preso.* E mandou aos soldados que se descubrissem: todos ficaram como pasmados. Dice Manuel da Silva á mulata: *Se tu me tiveras segredo o que se te offerece dobrado to houvera de dar.* Dice a mulata: *Sr. conde, bem lancei eu em mim toda essa conta, mas vossa excellencia houvera de ser descuberto por outros, e não houvera de escapar, porque a gente da terra está mais imiga delle que os soldados castelhanos, e eu perdia a occasião de minha liberdade, e vossa excellencia me perdoe.* Dice o capitão: *Vossa senhoria ha de subir no cavallo, porque eu hei de ir a pé por seu estribeiro, que é honra que recebo, e me tenho por mais ditoso, e venturoso de quantos capitães vem nesta armada.* A mulata fallava-lhe por excellencia, porque sabia que assim lhe fallavam d'antes. Dice Manuel da Silva: *Iremos ambos a pé e um soldado levará o cavallo pelo freio:* e como havia passar por mattos e ligeiramente podia o ditto Manuel da Silva transmontar-se por elles, não quiz o capitão, mas não lhe deu isso a entender, e lhe dice: *Antes com licença de vossa senhoria eu irei nas ancas.* Manuel da Silva por todos os modos o entendia, porque era bom homem de cavallo, e melhor escapuliria nelle; dice: *Sr. capitão bem entendo a V. m. Faz muito bem de não pôr em risco de lhe fugir a empreza. Nenhum aggravo V. m. faz em segurar o preso, mas só de uma cousa me espanto. O marquez tanto desejou de me prender, eu o mereço, porque elle não ganhou a Terceira, eu lha dei.* Dice o capitão: *Pois vossa senhoria porque a não dava sem guerra e pacificamente e não por outra ordem?* — *Porque* (lhe respondeu) *me não attrevi com o povo que recebi de se alvoroçarem contra mim, como fizeram com um fidalgo chamado João de Bettencourt; e notorio é eu entregal-a agora, de que estão os moradores da ilha contra mim, que todos tenho por inimigos, e não achei quem me tivesse segredo para estar escondido, antes me buscavam.* A cavallo veio té á cidade, e o capitão nas ancas, e os soldados ao redor desbarretados, e deante vieram alguns dizel-o ao marquez, e mais foi a festa dos moradores da ilha que dos castelhanos, e foi outro cavallo para o capitão. E como vieram dentro das guardas se desceu o capitão das ancas e tomou outro cavallo, e na entrada da cidade começaram as mulheres a clamar contra elle, dizendo, que a rasto o haviam levar, que era um judeu, que botou a ilha a longe, e fez todos os males. Ouvindo elle isto dice: *Tragamme cá aquellas chocalheiras.* Foram alguns soldados apoz ellas: esconderam-se. Elle vinha muito seguro, e com bom doairo. E a clamação contra elle grande, e cedo o pagou o desgraçado Manuel da Silva, e logo foi mettido em uma galeota.

Continua.



ALISCAMPS.

Arles tinha antigamente, como Roma, o Elyseu situado dos dois lados da estrada Aureliana, não longe das margens do Rhodano. Sobre a extensa planura dos *Campos Elisios*, d'onde deriva o nome d'*Aliscamps*, o chão está ainda juncado de tumulos antigos, ainda que ha muito tempo bastantes sarcophagos, dedicados pelo amor conjugal, pela ternura fraterna ou pela piedade filial, tenham sido arrebatados para servirem em usos domesticos, para guardar vinho, agua ou azeite; para a lavagem de roupa, e preparação do salitre que tem consumido os ornatos.

DOIS CONTRABANDOS.

I

IMPORTAÇÃO.

— Leva arriba... leva arriba!

— Que temos, patrão? Que ha de novo?

— Vae acordar o Mauricio, e apromptem a barqueta, que eu vejo um ponto negro no horisonte, muito perto das *Desertas*, a pairar... não pode ser senão o *Rapido*.

— Então temos pechincha?

— Não tens ficado satisfeito das outras vezes?

— É verdade: o patrão paga como um principe russo, ou como um lord inglez!... Vamos a isto.

E saltando da sua macia cama de palha, o barqueiro Joaquim envergou á pressa um collete, poz na cabeça o classico gorro de villão, e descendo como um gamo pela calçada da *Pontinha*, foi bater a porta de uma miseravel casa, similhante á que elle proprio habitava.

— Mauricio, arriba, clamou o barqueiro, dando estrondosos murros na fragil porta do seu camarada; arriba, que temos serviço de alto mar.

— Ahi vae, ahi vae: respondeu de dentro Mauricio.

E em menos de dois credos appareceu a porta da rua, trajando quasi como o seu camarada, isto e, camisa e collete, calça larga e curta, tudo de chita listrada; em vez, porém, do barretinho de villão, que só cobre o alto da cabeça, o novo interlocutor trazia um velho e roto chapeo de palha americana.

— Saltem a barqueta, disse o homem, a quem Joaquim chamara *patrão*, e que era um gordo burguez, de mais de cincoenta annos de edade: vão reconhecer aquelle navio, e se fôr o patacho *Rapido*, recommendem ao capitão que esta noite mesmo desembarque o contrabando. Em sendo uma hora estarei prompto com a nossa gente em *Camara de lobos*.

— Prompto, prompto, bradaram a um tempo

os dois barqueiros; e correndo para a *Pontinha*, desamarraram a barqueta, e fizeram-se ao largo na direcção das ilhas Desertas.

O olho experimentado do contrabandista madeirense não se enganara. O navio que pairava avista do Funchal era de facto o *Rapido*, elegante patacho, que não desmentia pelas obras o seu nome de baptismo. Em gaveas e bojarronna, fingia querer demandar o ancoradoiro, mas só enganaria quem nada entendesse de manobra naval, o que succede a pouca gente na ilha da Madeira. Como porém era noite, e noite escura, podia trapacear.

A barqueta deixava atraz de si um sulco luminoso, na rapida carreira em que se dirigia ao navio, e em menos de duas horas estava atracada com elle. Reconhecendo o capitão, os barqueiros deram o seu recado, e os escaleres e lancha que já estavam no mar, receberam uma valiosa carga de differentes objectos francezes e inglezes; a sua tripulação, armada até aos dentes, lançou mão dos remos, e dirigiu as embarcações para Camara de lobos.

Esta pequena povoação fica, como todos sabem, pouco distante do Funchal para o lado de oeste, e tem um seguro portinho em forma de lapa ou *camara*, talhado pela natureza na rocha viva, onde o descobridor Zargo encontrou e matou alguns lobos marinhos, afugentando de tal forma estes temiveis hospedes, que nunca mais voltaram áquella paragem.

Cerca de uma hora da noite aproximaram-se da lapa as embarcações, e encontraram promptos os contrabandistas; mas tambem acharam alerta os guardas da alfandega, o que nem sempre acontece.

O *patrão* (a quem chamaremos Bittencourt, por exemplo) já estava dentro de uma barqueta, e informado de que os guardas fiscaes não dormiam, tinha traçado um audacioso plano. Dirigindo-se para a bocca da camara, atracou á flotilha, e fallou á sua guarnição n'estes termos:

— Os malsins estão alerta; creio que houve denuncia; mas ja não é tempo de mudar o ponto de desembarque, nem convém tampouco adial-o. Ali (continuou, apontando para um dos lados da povoação) estão reunidos os guardas; é necessario por consequencia fazer o desembarque acolá (e apontou para a outra extremidade da villa). Não ha tempo a perder: seis homens bem armados saltam na barqueta do Joaquim, e vão simular um desembarque na rocha, ao lado da casa onde estão os da alfandega, e sustentarão fogo com elles, que não pode ser mortifero, visto a noite estar escurissima, e como tal impropria para fazer boas pontarias; entretanto, com o resto da gente, faremos o desembarque das fazendas no local em que os meus homens estão promptos. A seus postos!

— Mas eu é que me não ajustei para entrar em fogo, objectou Mauricio.

— Nem eu, accrescentou Joaquim.

— Não se admittem reflexões, tornou o sr. Bittencourt, com a decisão de um chefe de salteadores ou de piratas. Pega em remos, ou mando-os deitar ao mar. Salta para a barqueta amigos; queremos seis rapazes corajosos, que hão-de ganhar uma boa gratificação. E nós, vamos ao negocio.

Seguiu-se completo silencio; o sr. Bittencourt era conhecido e respeitado por aquella gente, a quem já dera, por varias vezes, muito dinheiro a ganhar. Os escaleres, pois, e a lancha encostaram-se todos aos rochedos do norte, e a barqueta coseu-se com a terra do sul. Os remos faziam pouca bulha, porque os tolêtes iam forrados de lona.

Não tardou que se ouvisse uma voz forte bradar distinctamente:

— Ó da embarcação, que buscas?

Da barqueta não responderam a este primeiro interrogatorio dos fiscaes da alfandega.

— Ó da embarcação, não ouves?

Repetiu a voz; e como ainda não obtivesse resposta, bradou:

— Fogo sobre elles!

Um rapido clarão e o assovio de uma bala seguiram de perto aquella ordem. Os da barqueta corresponderam civilmente com outro tiro, tão inoffensivo como o primeiro.

Como batedores de campo, emquanto se preparava uma embarcação da alfandega, vieram quatro dos guardas, saltando de penedo em penedo, reconhecer melhor a embarcação, que não podia deixar de ser contrabandista, pela concisa resposta que dera á sonora pergunta dos fiscaes da alfandega, attendendo a não haverem já piratas.

— São poucos, disse um marinheiro para os seus companheiros, e estão á queima roupa; vamos a fazer boa pontaria a estes, emquanto não chegam mais; e veremos quem caça melhor.

— Não faça tal, atalhou Joaquim, segurando a clavina do marinheiro, já engatilhada para matar um innocente; não faça tal: elles cumprem o seu dever, nós é que não cumprimos o nosso.

— Cala-te ahi, fracalhão, que la me fizeste perder uma boa pontaria; por tua causa deixei de matar aquelle morcego.

— Ó da embarcação... atraca! Tornou a bradar um dos guardas.

D'esta vez foi da barqueta que romperam as hostilidades: seis tiros successivos foram disparados sobre os fiscaes da alfandega; mas não tardou que quatro tiros simultaneos respondessem áquelles, partindo d'entre os cortes das penedias.

Estabeleceu-se em seguida um rijo tiroteio entre os guardas e os contrabandistas, mas sem haver ferimentos de parte a parte, graças a escuridão da noite. A povoação inteira acordou assustada ao som da fusilaria.

Depois de uma hora de combate, e sem que tivesse acudido á rocha mais nenhum guarda, de reforço aos seus camaradas, viram da bar-

queta que se aproximava uma embarcação.

— Deve ser algum dos escaleres, diziam entre si os marinheiros, e na verdade que já tiveram bastante tempo para desembarcar o contrabando... não era elle tão pesado! Rendas, sedas, relojos, bugigangas...

Raciocinavam assim, pouco mais ou menos, quando a embarcação desconhecida, que era de *bom pé* pelo que se via, chegou a meio tiro de pistola da barqueta.

— Rendam-se, bradou uma voz forte, no meio d'aquella sinistra mudez.

— Estamos perdidos, responderam em côro os marinheiros, com desanimo; mas logo cobrando valor:

— Aos remos, gritou um d'elles; força de remos, Mauricio e Joaquim, vogar para fora d'esta maldita lapa, a ver se escapamos ainda; e nós, camaradas, fogo e mais fogo sobre estes perros de malsins.

Tudo se executou á risca. Uma descarga cerrada varou o escaler da alfandega; e um d'estes gritos pungentes, que a dôr arranca até ao mais valente dos homens, eccoou por todo o porto.

— Ja la fica um ferido, ou talvez morto, disse com indifferença o marinheiro que se arvorara em chefe; carrega as espingardas, e mais fogo... Puxa pelo remo, *mogango!*

Não era preciso tal recommendação aos barqueiros n'aquella hora; puxavam quanto podiam; os remos vergavam como vimes sob as suas mãos calosas.

Porém o escaler da alfandega tambem andava ligeiro, e o fogo das espingardas dos fiscaes não cessava um só momento. Os quatro que estavam nas rochas iam saltando como cabras sobre as pontas das penedias, e fazendo fogo de vez em quando contra a barqueta, que seguia perto da costa.

Era horrivel este combate nas trevas! E mais horrivel se ia tornar ainda!

— Estica!... Estica! clamava o marinheiro-chefe, animando com a voz os remadores, e carregando ao mesmo tempo a clavina. Va, que já estamos livres d'aquelles diabos da rocha, e galgada a bocca da lapa! Rema força, que o mar está *padre e madre*... Pica a voga!

De facto tinham-se afastado da terra, e já nenhum mal lhe faziam os que lá ficavam; porém os do mar estavam quasi costado com costado.

— Rende-te! bradou outra voz differente da primeira.

— Qual render! E então agora que nos chega soccorro!... Fogo n'elles, camaradas, que ahi estão os nossos.

A lancha e os escaleres do *Rapido*, destacando da terra n'esse momento, saiam da bocca da camara, e mettiam a fiscalisação entre dois fogos.

Os recem-chegados disseram logo a que vinham com uma surriada de fusilaria.

Novos ais se ouviram a bordo do barco da alfandega, porém outro grito de agonia se escapou da barqueta; era Joaquim o barqueiro que caira ferido em um braço.

Aproveitando um momento que a barqueta ficou sem governo, o escaler da fiscalisação fez um supremo esforço, aproou a ella, e deu-lhe abordagem

Em vista do grande numero de gente que trazia o escaler, os marinheiros tomaram uma resolução desesperada, e executaram-na com a rapidez do pensamento; lançaram-se todos á agua, e nadaram para junto dos seus companheiros de bordo.

Só Mauricio ficou na barqueta ao lado do seu camarada, a quem não quiz desamparar.

O chefe da fiscalisação e mais dois guardas e um remeiro estavam mais ou menos gravemente feridos.

Tomada a barqueta, dirigiu-se o escaler para as outras embarcações; porém aquellas, apenas recolheram os marinheiros, içaram a um tempo as velas, e aproveitando o vento que era de feição, desfilaram por diante do inimigo, dando-lhe a ultima descarga, e safaram-se para o largo.

Chegando a bordo do *Rapido*, metteram a lancha dentro, puzeram os escaleres nos turcos, e marearam no bordo das Canarias.

O commercio de *importação* estava feito; faltava o de *exportação*. Descarregara; precisava carregar de novo; mas do mesmo modo, sem dependencia da alfandega.

O capitão levava instrucções para d'ali a oito dias estar em frente de *Porto-Moniz*, na costa do norte da mesma ilha da Madeira. O consignatario do navio, o sr. Bittencourt, lá devia apparecer. Entretanto o *Rapido* ia avistar o pico de Tenerife, por simples distracção, e viraria a tempo na volta do norte para não faltar ao *rendez-vous*.

O sr. Bittencourt ficou em terra em Camara de lobos; não lhe chegou ao nariz o cheiro da polvora, na occasião do tiroteio; e tendo disposto o seu *negocio* convenientemente, partiu antes da madrugada para o Funchal.

N'esse mesmo dia chegaram tambem á cidade os dois barqueiros presos; confessaram tudo; e o honrado sr. Bittencourt foi mettido na cadêa...

Não foi nada! No dia seguinte deu fiança, e estava na rua. D'ahi a seis mezes absolveram-no os jurados por *falta de provas*. Hoje é director de uma alfandega, ou coisa similhante.

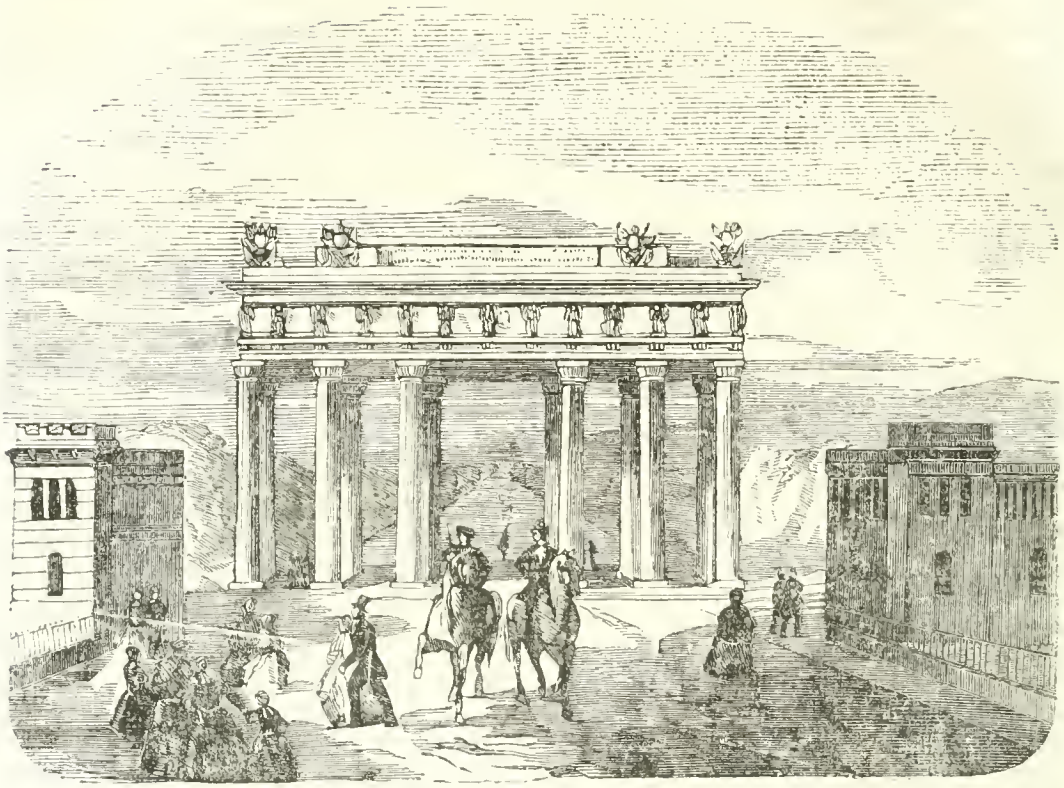
Mas o conto não está acabado.

Ponho aqui ponto á primeira parte, e peço a benevolencia dos leitores para a segunda, que naturalmente apparecerá na proxima semana.

Continua.

F. M. Bordalo.

Ordinariamente os maiores inimigos dos homens, que se acham no poder, são aquelles que desejam subir a elle.



PORTA TRIUMPHAL NA ESTRADA DE MOSCOW.

Ha trinta annos a viagem de S. Petersbourg a Moscow era uma empresa tão custosa quanto de muita despeza; entre as duas grandes cidades só existia um caminho egual ao que se encontra n'outras partes do interior do imperio, coberto n'alguns sitios de traves assentadas transversalmente, e cortado quasi todo de fundas rodeiras. Só o inverno com os seus montes de neve aplanava as asperezas de similhante estrada, que depois o degelo e as chuvas punham intransitavel. Era preciso tres semanas para andar os setecentos e setenta kilometros que separam da nova a antiga capital da Russia, e estragava-se uma carruagem nova n'este trajecto.

Agora, porém, uma calçada magnifica, um tanto dura por causa da natureza dos materiaes empregados, mas bem construida e conservada, percorrida diariamente por onze diligencias, a mala-posta, e innumeravel quantidade de carroças, liga as sobreditas duas cidades com facil communicação, de maneira que na mala-posta, partindo n'uma tarde de S. Petersbourg na manhã do terceiro dia está-se nas barreiras de Moscow.

Obra de tres quartos de legua distante das portas de Moscow acha-se o castello de Petrofski, palacio de uma construcção pesada, feita de tijolos toscos, n'um gosto extravagante, que mandou edificar Catharina II; a forma é quadrada como um dado, o que não torna mais grandiosa a sua apparencia geral; está sobrecarregado de ornatos que com a sua côr branca resaltam do vermelho das muralhas, estes enfeites de massa de gesso, como é de presumir, e não de pedra arremedam o gothico, porém de mau estylo. Aqui faz alto o soberano quando tem de fazer entrada solemne em Moscow.

Ao contrario do edificio extravagante, que acabamos de mencionar, ha na mesma estrada, do lado de S. Petersbourg uma elegante obra moderna, que é a porta acima desenhada.

M.

OS INDIOS PERANTE A NACIONALIDADE BRAZILEIRA.

PAGINAS DE UM LIVRO INEDITO.

Conclusão.

5.º *Ponto.* Se o emprego da força era necessario, se era indispensavel, claro está que n'esse emprego alguns desmandos deviam occorrer: pois tal é a condição da nossa fragil humanidade que de nada sabe usar, sem abusar. Abusam os governos: abusam as justiças e até os tribunaes; abusa a força armada, convertendo-se as

vezes no estado em guardas pretorianas; abusam os superiores; abusam os mesmos cidadãos da confiança dos seus eguaes. Não negamos pois que se commetteriam abusos: o que porém affirmamos é que esses abusos, em parte foram apresentados com exageração ante a Europa, e em parte cresceram na mesma America, em virtude das proprias ordens contradictorias das metropoles, quer para empregar-se a força, quer para não se fazer d'ella uso. Demonstremol-o.

Pelo que respeita á exageração ante a Europa, já foi ella advertida judiciosamente por um dos escriptores de bom criterio n'este seculo;— o illustre conde José de Maistre: ouçamol-o. «Duas causas bem differentes contribuiram a fazer que se julgue menos exactamente do estado dos selvagens: uma e antiga: a outra pertence aos nossos tempos.— Foi a primeira a immensa caridade do clero catholico que por vezes substituiu os proprios desejos á realidade... Do meio dos desertos banhados de seu suor e de seu sangue, voavam, a Madrid e a Roma, ecclesiasticos a implorar decretos e bullas contra a avidez dos que desapiedadamente pretendiam reduzir os indios á servidão. Por misericordia exaltavam estes para os fazer valer mais, attenuavam o mal, exageravam o bem, diziam tudo quanto desejavam: emfim Robertson, que não é suspeito, adverte-nos, na Historia da America, de que cumpria *desconfiar em tal assumpto de todos os escriptores que haviam pertencido ao clero, visto que eram geralmente demasiado favoraveis aos indigenas.* — A segunda causa de taes juizos falsos se encontra na *philosophia do nosso seculo*, que se serviu dos selvagens para *assoalhar suas vãs e culpaveis declamações* contra a ordem social. Porem pouca attenção basta para nos *ter prevenidos contra os erros da caridade e contra os da ma fé...* (1)

Quanto ás ordens contradictorias das metropoles acerca dos indios, appellamos para os textos d'ellas mesmas;—para toda a nossa legislação antiga e moderna a tal respeito. Em toda ella, excepto só na do tempo d'el-rei D. João VI, falta coherencia de principios, e falta franqueza; falta saber governar com o conhecimento dos homens, e a força de profundas convicções proprias. As leis eram feitas já sob o influxo do pedido dos povos; já sob o dos ecclesiasticos; faziam-se e revogavam-se; tornavam a pôr-se em vigor e logo se annullavam. A legislação a tal respeito resultava absurda; e todos sabemos que as leis absurdas produzem muitos mais males que as leis mais crueis: de uma legislação absurda só podia resultar (como tambem succede entre nós) a anarchia e a tendencia a procurar cada qual a justiça por suas proprias mãos;— e justamente porque faltava a força para conter os oppressores, e os opprimidos; cujos papeis aliás ás vezes se trocavam.

6.° *Ponto.* Se quereis saber que elemento de povoação predomina actualmente no Brazil, percorrei as cidades e as villas. Vereis brancos de typo europeu, vereis alguns negros, vereis gente procedente d'estes dois sangues, e raramente, n'uma ou n'outra figura, encontrareis rasgos physionomicos do typo indio, aliás por si bem distincto. E isto não porque se exterminasse esta raça, porem sim porque eram os indios em tão pequeno numero no paiz que foram absorvidos physicamente pelos outros dois elementos, como o foram moralmente. Isto pelo que respeita ao presente. Quanto ao futuro meditae no desejo que tendes de promover a colonisação europea, na necessidade reconhecida de a favorecer, e nas providencias que já se estão para isso tomando, e dizei se a nação futura podera ser india ou conga..

Penetrae agora no seio das familias. Encontrareis todos os appellidos da Europa. E se ha alguns do paiz foram adoptados modernamente, em vez ou apar dos europeus que designavam o sangue dos avós.—Dirigi-vos ao pae, a mãe, aos filhos, aos criados em guarani. Ninguem vos entendera. Pronunciae alguma palavra africana. Chamar-vos-hão algum dos escravos menos ladinos para ver se vos entende. Perguntae a cada qual como se chama. Proferir-vos-hão nomes de santos do kalendario. E concluireis d'ahi que não sois *brazileiros?*— Que Portugal ou a Hespanha vos *dominam* ainda moral ou intellectualmente?— Que absurdo! Fôra como dizer que continua sob o dominio materno o filho de todo emancipado, só porque se parece, como é natural, a propria mãe na cara e no genio, e porque tem os mesmos habitos, falla a sua lingua e pratica identica religião! Pois se o verdadeiro e real *brazileirismo* é isso mesmo que vêdes! Se o nome de brazileiro não foi inventado senão para designar os civilisadores do Brazil pelo commercio europeu, que a principio só o fazia a troco do pau *brazil*, palavra por certo não da America. E por outro lado se bem ponderamos a condição dos proprios selvagens de hoje, elles nem sequer são *subditos* do Brazil.

Não pretendamos pois fazer presente a nação d'aquillo mesmo que, em particular, para cada um de nós não tomamos.—Porque jus havemos de querer fazer a nação cabocla, antes de começarmos por blazonar de ser caboclos na gemma, e de proceder exclusivamente de caboclos? Ainda quando o fizessemos, quando deixassemos os appellidos de nossos paes, ficavam-nos religião e o governo, a lingua, as leis.... todas as heranças da civilisação de mais de tres seculos

(1) «Como as substancias mais abjectas e mais revoltantes (prosegue este autor), são ainda susceptiveis de certa degeneração, assim os vicios naturaes da humanidade são ainda *viciados* no selvagem, que é ladrão, cruel, dissoluto; mas d'outra forma que os mais homens. Para ser criminosos, nós vencemos o nosso natural; o selvagem segue-o, tem do crime o appetite, não os remorsos. E emquanto o filho mata o pae para arrancal-o aos dissabores da velhice, a mulher destroe o fructo de seus brutaes amores para se poupar a fadiga de amamental-o. Arranca os cabellos ensopados no sangue do inimigo vivo; atassalha-o, assa-o, e o devora, cantando; e, se topa licores fortes, bebe até a embriaguez, até á febre, até á morte, sem os temores que dá a razão, nem o asco que apart. os animaes pelo proprio instincto.»

Quereis saber o que é a nação brazileira? Olhae para o proprio brazão d'armas que a symbolisa. N'elle vereis a esphera armillar, significando a origem da dynastia e a do estado, e n'elle vereis tambem a cruz da ordem de Christo, que representa por si só a historia da civilisação do paiz. E isto não escripto n'este ou n'aquelle idioma, inintelligivel aos demais povos; mas apregoado na bella linguagem heraldica, composta de hierogliphicos, que constituem, nos feitos historicos, uma especie de pasigraphia ao alcance de todas as nações civilisadas.

7.º *Ponto*. Claro está que, se o elemento europeu e o que essencialmente constitue a nacionalidade actual, e com mais razão (pela vinda de novos colonos da Europa) constituirá a futura, é com esse elemento christão e civilisador que principalmente devem andar abraçadas as antigas glorias da patria, e por conseguinte a historia *nacional*. Abrace embora exclusivamente os africanos e a sua causa o historiador do captiveiro, impiamente importado, d'esses infelizes; abrace ainda mais ternamente os indios, e defenda, com o allucinado P. Las Casas, a resistencia que oppozeram e oppõem a libertar-se da escravidão da anthropophagia selvagem, em que jaziam e jazem, o historiador dos indios;— a historia da actual nação,—a historia *geral da civilisação* do Brazil, deixaria de ser logica com o seu proprio titulo, desde que aberrasse de sympathisar mais com o elemento principalmente civilisador.

Um indio que escrevesse a historia *da conquista* não teria que cansar-se muito para nos dizer que *para elle* tudo quanto haviam feito os europeus fôra violencia, illegitimidade, usurpação; e com inscrever estas tres palavras no frontispicio de um livro em branco satisfaria a sua missão, sem rebuscar documentos nos archivos *inimigos;* pois que lhe faltaria tempo para contar-nos a miseria, degradação e anthropophagia dos seus.— Eis a historia *nacional* se os indios do matto conquistassem todo o Brazil, e se este tivesse por chefe a um Ambiré e por armas uma frecha india espetando a caveira de um christão.

Um infeliz africano, que escrevesse a historia do captiveiro hereditario, poderia tambem compendiar a sua obra exclamando: Engano, crueldade e escravidão! — E n'estas tres palavras se deveria resumir a historia da republica de Haity, anterior ao actual dominio n'ella da raça africana, se a sua forma de governo, os seus codigos, e a sua lingua permittissem ao historiador haityense renegar de todo da civilisação franceza.

Fora está do nosso animo a idéa de que na historia geral da civilisação do paiz não ha que attender e muito aos elementos da povoação india e africana. E appellamos em prova para esta mesma obra; em que se encontram a tal respeito os trabalhos de mais originalidade e a que votámos mais estudo, maximè em quanto respeita aos indios, cuja lingua estudámos de proposito para este fim. No Instituto Historico do Rio, propuzemos (1) a creação da secção da ethnographia que n'elle existe, defendemos com afinco, que alguns qualificaram de exagerado, a necessidade do estudo (2) das linguas indias, e escrevemos até estas palavras; (3) «Convém que todos estejamos persuadidos que o nosso passado, o actual imperio mesmo interessará tanto mais ás outras nações civilisadas e instruidas quanto mais longe pudermos fazer remontar, *não as fontes da nossa historia*, mas os mythos de seus tempos heroicos, — mas as inspirações de sua poesia.» D'aqui até adorar historicamente a selvageria vae muita distancia. Nós tambem estudamos tudo quanto respeitava aos hollandezes, e sem embargo não sympathisamos com o seu dominio e applaudimos a sua expulsão.

Porém entenda-se: consignando que o elemento portuguez predominou como principal civilisador não affirmamos que a nossa nacionalidade não tem um cunho especial, (e o contrario fizemos ver) provindo do influxo dos proprios indios, dos africanos e dos hollandezes. Até pela adopção de muitas palavras que fizemos timbre de empregar n'esta obra o confirmámos. Tambem as linguas do sul da Europa guardaram palavras celtas, phenicias, carthaginezas, gregas, godas e arabes, e não ostentam de celticas, nem de phenicias, nem de carthaginezas, nem de gregas, nem de godas, nem de arabes. Alguns europeus, e principalmente francezes, pretenciosos até de darem, como fez De Prat, leis para a America, que de ordinario apenas conhecem superficialmente, imaginam aproximações dos indios com os civilisadores europeus, segundo elles identicas ás dos germanos e gallos com os conquistadores romanos. — Nem que os germanos e os gallos fossem anthropophagos, como os indios do Brazil, que alias eram nomades e não cultivadores proprietarios do paiz, como os germanos e os gallos. A aproximação seria quando muito menos disparatada se os comparassem aos miseros povos da Italia antes do reinado de Saturno, mais verdadeiro do que talvez cremos, ou aos embrutecidos rutulos, antes da colonisação da terra lavinia pelos troyanos, dirigidos, segundo a poesia da fabula, por Eneas. Mas note-se que, tanto o influxo de civilisadores troyanos era considerado gloria da patria pelos romanos, que a sua epopéa nacional, — a *Eneida* — não teve outro fim mais do que cantar essa vinda de colonos de alem-mar, que dera á Italia a geração dos latinos e chefes albanos:

«Genus undè Latinum
Albanique patres »

D'esta mesma forma as sympathias, tanto actuaes como do passado (que são as historicas) dos subditos brazileiros sensatos estão pelo elemento civilisador, e com mais razão por

(1) Rev. do Inst., III, 62.
(2) Rev. do Inst., III, 63 e 139
(3) Rev. do Inst., III. 370

elle devem estar as dos europeus, que não queiram distinguir-se por idéas extravagantes. Isto independentemente dos naturaes sentimentos de piedade pelos nossos proprios antepassados e irmãos em Christo, a quem devemos respeitar no silencio do sepulchro, quando nenhuma justiça condemnou em vida, e quando pelo contrario em geral obraram segundo as idéas do seculo, e segundo julgaram de seu dever perante Deus e os homens.

Em resumo: os indios não eram donos do Brazil, nem lhes é applicavel como selvagens o nome de *brazileiros:* não podiam civilisar-se sem a presença da força, da qual não se abusou tanto como se assoalha; e finalmente de modo algum podem elles ser tomados para nossos guias no presente e no passado em sentimentos de patriotismo ou em representação de nacionalidade.

Cremos que estas verdades que antes eram para nós, e para muitos outros, apresentadas como por intuição ao espirito, acabam de ser systematicamente formuladas de um modo claro e facil de ser defendido pelos philosophos, pelos jurisperitos, e por conseguinte por historiadores mais consummados e talentosos que nós. Quanto aos politicos, principalmente europeus, as scenas de 1792 e de 1848 foram sufficientes para os desenganar do que é o homem sem os vinculos que o subjeitam civil, moral e religiosamente.

Ostente pois embora falsamente, a custa dos indios, o escriptor estrangeiro e não christão, todo o luxo de pseudo-philantropia que sacie o seu Rousseauniano enthusiasmo philo-selvagem: um historiador nacional e christão tem outros deveres a cumprir: e um filho de S. Paulo não poderia deixar de seguir as opiniões que temos a fortuna de partilhar, sem faltar ao respeito á memoria dos Buenos, dos Ramalhos, dos Lemes, dos Paes, dos Rendons, dos Toledos e de outros que alargaram, á custa de victorias sobre os bugres ou indios barbaros, as raias da civilisação da patria dos dois Gusmãos, e de tantas illustrações, que contribuem não pouco á gloria do imperio brazileiro.

F. A. DE V.

OS NARCOTICOS.

O professor Johnson julga que o consumo dos diversos narcoticos, de que os homens usam habitualmente para entorpecer a vivacidade das idéas e das sensações, pode ser submettido á divisão seguinte: — O uso do tabaco é commum a 800 milhões de homens; o do opio, a 400 milhões; o do canamo, a 200 ou 300 milhões; o do bethel, a 100 milhões: o da coca, a 10 milhões. Existem ainda alguns narcoticos; mas são de emprego muito menos geral que os apontados.

Quanto mais intelligente, e illustrado fôr o homem, mais respeitará os seus deveres.

COINCIDENCIAS NOTAVEIS DOS NOVE ALGARISMOS COM A HISTORIA DE PORTUGAL, EM QUANTO DOMINOU N'ESTE REINO A LINHA AFFONSINA DE SEUS MONARCHAS: PEQUENO TRIBUTO DEDICADO AO ILL.mo SR. J. DA C. CASCAES, EM TESTEMUNHO DE CONSIDERAÇÃO, POR SEU AMIGO M. DALHUNTY.

Continuação.

Foram *dois* tambem os degolados por esta occasião: D. Pedro de Attaide, e D. Fernando de Menezes, irmão do bispo d'Evora, que morreu comido de bichos mettido n'uma cisterna em Palmella. D'estas coisas mandou D. João informar os reis catholicos, Fernando e Isabel, atalhando assim os projectos dos mal contentes, que fundavam suas esperanças na protecção de Castella: e cimentando por tal modo a amisade entre si e aquelles monarchas, que D. Fernando lhe pediu soccorros contra os granadinos, e lh'os mandou agradecer por uma embaixada extraordinaria, por tambem serem maiores do que pedira.

Duas fortalezas ergueu D. João II: uma grande torre em Olivença, no anno de 1488, com que se inquietaram algum tanto os reis de Castella; outra fortaleza em Africa, na foz do Lixa, onde veiu logo a combatel-a o rei de Fez com quarenta mil de cavallo, aos quaes teve de render-se.

Dois finados reaes. Em 1491, havendo a côrte passado algum tempo em Santarem, no meio de alegres festas, de justas e torneios, touros, e divertimentos pelo rio, em escaleres illuminados e cheios de musicos: o principe recemcasado é ferido mortalmente de uma queda do cavallo, quando corria um pareo com D. João de Menezes. Juntou-se a morte d'este principe, herdeiro da corôa, á que já era sentida da infanta D. Joanna, aguando e transformando em luto a pompa de tantos festejos.

Duas ordens a um menino. Quiz D. João legitimar seu filho natural D. Jorge, mas negou-lhe o papa Alexandre VI a supplica: se bem que lhe concedeu uma bulla para fazel-o, ainda menino, mestre das ordens de S. Thiago e Aviz.

D. Manuel restabelece a casa de Bragança em 1496. Manda em 9 de Julho (*segundo* dia da *segunda* semana do *segundo* de *dois* mezes seguidos que começam pela mesma lettra etc. Vasco da Gama a descobrir o segundo caminho para a India com *duas* vezes *dois* navios. Casa com a infanta viuva de D. Affonso, filho de D. João II, e por tanto é *segundo* marido da infanta. Em 1498 (*dois* annos depois) é *duas* vezes acclamado com ella: em Toledo, pelas côrtes de Castella: em Saragoça, onde são jurados herdeiros d'Aragão. N'esta cidade deu a rainha a luz o principe D. Miguel, e falleceu aos 24 de Agosto, *segundo* mez que começa pela lettra *A*. Em 1499 volta Vasco da Gama, sómente segundo a D. Fuas em ordem chronologica, e nas lettras iniciaes *F G* dos nomes; não pela ousadia da empresa. N'este anno foi trasladado para a Batalha o corpo de D. João II.

Em 1506, *dois* frades de S. Domingos, por causa de um falso milagre, occasionaram grande matança de christãos novos em Lisboa. Durou tres dias: subiu a perda a 2000 pessoas. Os *dois* frades tiveram por punição ser queimados vivos.

Dois governadores da India e *dois* estreitos. Em 1508, Fernão Coutinho passou á India, com ordem de mandar para o reino D. Francisco de Almeida, e metter de posse do governo D. Affonso de Albuquerque, cujo braço veiu a dilatar o imperio portuguez, desde o estreito de Babelmandel, até ao de Malaca.

Dois tostões. Fernão de Magalhães, por D. Manuel lhe não querer accrescentar a moradia em dois tostões, passou com Ruy Faleiro á Hespanha, a offerecer-se a Carlos v para descobrir-lhe novo caminho para as Molucas, ilhas que dizia de sua conquista.

«..... Tambem dos portuguezes,
«Alguns traidores houve algumas vezes» ;

este teve motivo bem pequeno para trahir a gloria da sua patria por tal somma; se bem que, com ella, a 30 réis como estava o trigo por aquelles tempos, pudera comprar alguns alqueires d'elle.

Dois validos de D. João III: D. Luiz da Silva, e D. Antonio de Attaide. Este, dizendo-lhe o rei que faria bem em comprar as terras do senhor de Azambuja, seu visinho, respondeu: melhor faria vossa alteza se puzesse o senhor de Azambuja em estado de não necessitar de as vender; porque elle, e seus antepassados, empobreceram com os serviços que tem feito á corôa.

Solimão II, rei dos turcos, sae do mar Roxo com uma esquadra, onde vem embarcados 4000 janisaros, e 16000 soldados, contra os portuguezes. Frustra-lhes tal apparato de guerra o esforço d'estes, no tempo de D. João III.

Em 1539 e 40, morreram *dois* infantes, filhos de D. João III: D. Filippe, de seis annos d'edade; D. Antonio, de onze mezes. N'este mesmo anno tambem falleceram *dois* irmãos d'el-rei: o cardeal infante, D. Affonso, a 21 de Abril; e D. Duarte, a 20 de Outubro. Este D. Duarte era casado com a duqueza de Bragança, e por sua filha D. Catharina, passou á successão regia a casa de Bragança, em 1640.

D. João III em 1552 casou seu filho, o principe D. João, com a infanta D. Joanna, filha do imperador Carlos V. Em 1554 morre o principe aos 2 de Janeiro, com dezesete annos d'edade. Para encobrir á princeza a morte de seu marido, foi el-rei visital-a vestido de gala, e ella deu á luz, no dia de S. Sebastião, aos 20 do mesmo mez, D. Sebastião. A rainha, quando soube da morte do esposo, ficou inconsolavel; mas teve de partir depois para Hespanha, a tomar posse da regencia, e cuidar na educação do infeliz principe D. Carlos, seu sobrinho, e filho de D Filippe, que depois o mandou matar

Morreu a 27 de Novembro de 1555 o infante D. Luiz, delicias de Portugal.

De modo que, D. Sebastião teve pae e mãe do mesmo nome, João e Joanna; morreram-lhe em 1540 *dois* tios, um de 6 annos, outro de 11 mezes. A somma 17 d'estes numeros, é o numero de monarchas da sua linha, e o da edade em que morreu seu pae, ainda elle não era nascido. No mesmo anno de 1540 tambem lhe morreram *dois* irmãos do avô, como vimos, ambos quasi no mesmo dia do mez, que precede os *dois* ultimos em cada semestre. Seu nascimento, a 20 de Janeiro, 2 annos depois do casamento de seu pae, em 1552, succedeu tambem entre *duas* mortes: a de seu pae a 2 do mez em que nasceu; e a do tio, infante D. Luiz, quando lhe faltavam quasi 2 mezes para ter 2 annos d'edade.

Continua.

RELAÇÃO DAS COISAS QUE ACONTECERAM EM A CIDADE DE ANGRA, ILHA TERCEIRA, DEPOIS QUE SE PERDEU EL-REI D. SEBASTIÃO EM AFRICA.

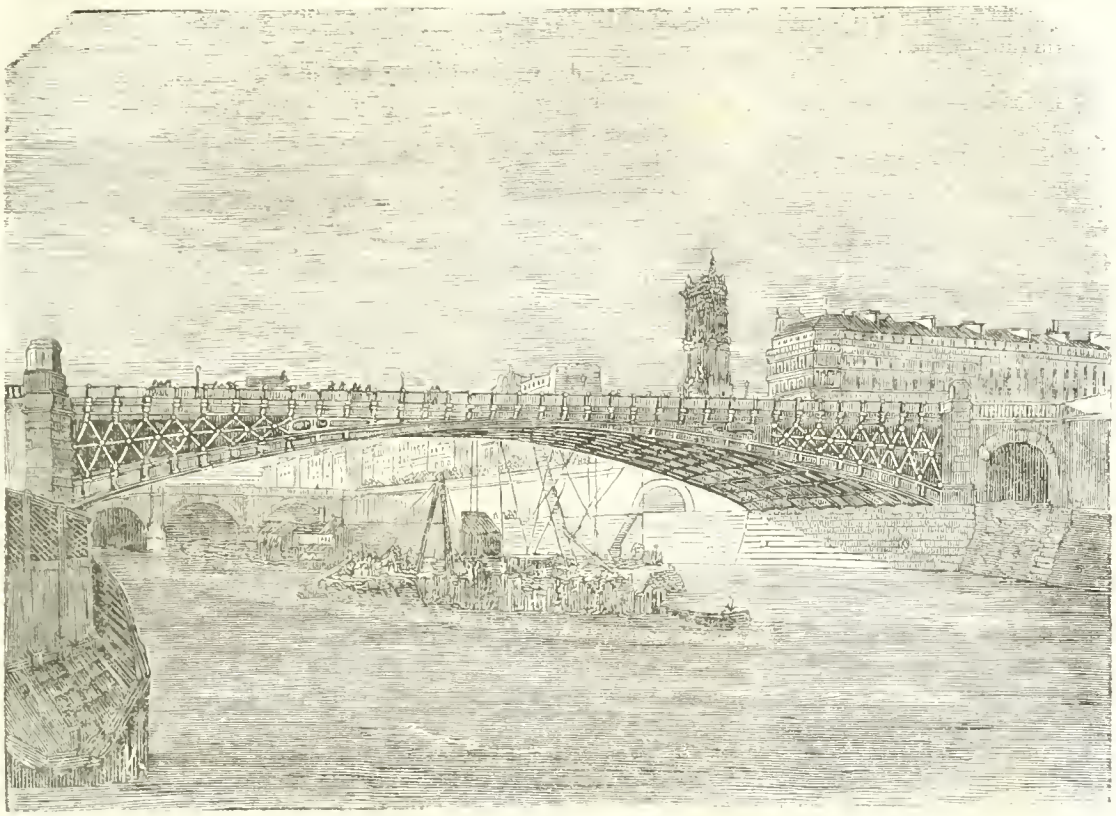
Continuação.

XC.

Do que aconteceu a Manuel da Silva na galeota

Logo se contou publicamente em como Manuel da Silva dizia, que elle entregara a ilha, e que o marquez a não tomara, e se dice que alguns capitães e pessoas nobres que vinham na armada, que diceram ao marquez, que lhe convinha degolar Manuel da Silva, porque se o não fazia que não tinha ganhado honra alguma, e que foi o marquez persuadido a isso. Tanto que Manuel da Silva foi mettido na galeota logo se ordenou darem-lhe tormentos, mas dizem que lhos deram por terror, porque dice elle que não se davam a tal pessoa como elle tormentos: diceram-lhe: *Pois V. S. não nos dava de fogo a muitas pessoas?* Dice elle: *Pois isso era a pessoas grossas e robustas.* Comtudo dizem, que lhos deram para lhes serem perguntadas algumas cousas, mas não se lhe enxergaram depois em lhe verem signaes d'elles. Esteve na galeota dois dias: depois, ao terceiro dia, o degolaram com outros, porque acabados os tratos logo lhe diceram, que se confessasse, e ordenasse a salvação da sua alma. Cuidou elle que era zombaria. *A mim me hade o marquez mandar matar? não pode ser.* Comtudo desenganaram-no que havia morrer: mandaram os padres melhores lettrados que fossem lá estar com elle aquelles dois dias. Quando elle viu o desengano fez seus apontamentos do que quiz por sua lettra, confessou-se, começou a tratar com os padres a salvação da sua alma dois dias e duas noites, que não dormira, segundo se dice na cidade.

Continua.



NOVA PONTE D'ARCOLE.

Em 1828 construiu-se sobre o grande braço do Sena, entre o caes da *Cité* e a praça de *Greve*, uma ponte sustida por cadêas. Era a primeira ponte suspensa que se ensaiava em Paris. Chamou-se a Ponte do *Hôtel de Ville*. Em 1830, tirou-se-lhe este nome, e deu-se-lhe o de Arcole, não como se suppõe geralmente, e talvez o supponham sempre em memoria da celebre victoria ganha, no mez de Novembro de 1796, pelo exercito francez junto d'Arcole; mas para perpetuar a lembrança d'um dos episodios mais admiraveis da revolução de 1830.

A 28 de Julho, o povo cercava a casa da camara: os suissos, postados nas janellas, dirigiam descargas formidaveis contra a ponte suspensa, que ao mesmo tempo era varrida pela artilheria, carregada de metralha, assestada na praça: um grupo de cidadãos armados, vindo da Cite com direcção a praça de Greve, hesitava em atravessar este chuveiro de balas que assoviavam sobre a ponte. De repente um mancebo desconhecido agarra uma bandeira tricolor, arremessa-se a frente da turba, guia-a até ao meio da ponte, desenrola e agita a bandeira, gritando: *Avante! Se eu morrer, chamo-me d'Arcole!* Apenas pronunciadas estas palavras, caiu mortalmente ferido por uma bala.

Nada mais se soube a seu respeito: ignora-se mesmo se elle com effeito se chamava *d'Arcole* ou se unicamente quiz alludir ao intrepido arrojo de Bonaparte sobre a ponte d'Arcole. No entanto julgou-se dever obedecer-se a sua ultima vontade: adoptou-se o glorioso nome que seus labios expirantes tinham pronunciado, e escreveram-se, sobre a arcada superior da ponte, estas palavras: *28 de Julho de* 1830.

A ponte não podia servir senão para os passageiros a pe. Reconheceu-se em breve que o movimento da circulação, cada vez mais consideravel na linha parallella da praça *Notre-Dame* á do *Hôtel de Ville*, tornava necessaria uma ponte mais solida, e que fosse accessivel a todos os transportes. Adoptou-se um projecto, apresentado por mr. Affonso Oudry, engenheiro de pontes e calçadas. Foi dado a execução, sob a direcção d'este engenheiro, auxiliado por mr. Cadiot, por conta da companhia de pontes de ferro.

Aberta ao transito no 1.° de Novembro de 1855, esta ponte, d'um só arco, tinha sido com antecedencia submettida as mais solidas provas. Ella está, effectivamente, exposta, mais que nenhuma outra ponte da capital, a aguentar extraordinarios pesos, achando-se no caminho que tomam os cortejos, que, nas grandes solemnidades, vão á egreja metropolitana ou a casa da camara. Ha a idea de se abrir, partindo da ex

poços mareometricos em diversos portos da Mancha, em Brest, S. Servan, e Cherburgo, onde a maré se eleva a differentes alturas á mesma hora (Brest, 8 metros; S. Servan, 14; Cherburgo, 10). Estes poços recebem a agua do mar por uma abertura praticada na base, e que permitte entrar a agua subindo tão depressa como vae pelo exterior: o liquido fica tranquillo ao nivel, apesar da agitação que reina na parte de fóra.

Estes poços acabam n'um compartimento de observação, onde está um instrumento chamado mareometro, inventado por mr. Chazallon, e que se compõe de um cylindro horisontal coberto com uma folha de papel, cujo movimento se acha regulado por um fluctuador, que sobe e baixa com a maré; um carrinho com um lapis que esta adaptado ao cylindro, regulado tambem por uma machina de relojo, traça no papel as curvas descriptas pela maré na enchente e vasante.

Reunindo todas estas curvas que dão as series da progressão, mr. Chazallon promette descobrir a lei que rege as marés no globo, enriquecendo a sciencia com uma descoberta, e a navegação com um conhecimento de grande utilidade.

O mareometro de S. Servan é uma torre octogona da largura de 3 metros na base, e 3 metros e 50 cent. no cume; o que lhe dá a forma um pouco pyramidal. Está edificada sobre um fundo de rocha. Da base ao cimo tem 18 capas de pedra, cada uma de 60 cent. de alto. Da cuspide pode dominar-se a mais alta maré. Um poço de 1 metro e 50 cent. de abertura, que está em communicação com o mar, atravessa a torre em toda a sua altura, e desemboca n'um compartimento onde está o pavilhão que a domina.

A construcção d'este mareometro honra tanto o engenheiro que concebeu o plano, mr. Dehargue, como o que dirigiu a obra, mr. Maduron. Está construido com pedra granito de Laber, tirada das pedreiras de Brest. Todos os materiaes estavam preparados de antemão, e foram transportados para o local. Uma ponte suspensa, de 19 metros de comprimento, estabelece a communicação entre a terra, e o edificio.

O fio empregado na construcção da ponte foi galvanisado, para neutralisar o effeito do ar salino que oxida o ferro. É a primeira ponte de fio galvanisado, que se fez em França.

...

ARBORICULTURA

Ja n'outra parte d'este jornal tratamos da propagação das arvores por meio da sementeira; hoje trataremos de outro methodo de as reproduzir. É por via de estacas; e este e mui proveitoso para as especies que não dão semente.

As estacas de certas arvores como os alamos, salgueiros, vinhas etc. deitam-se desde Novembro até Março; e a maior parte d'ellas rebentam so pela unica operação de as metter em boa terra, e conserval-as sempre humidas.

As das arvores resinosas, ou sempre verdes, tem logar em Março conservando-as a sombra, e mui recatadas.

Tem-se observado que os nós, os olhos, e os talões são os logares por onde ellas lançam as primeiras raizes; e d'ahi o cuidado que deve haver em cortal-as por estas partes. Deve preferir-se o talão, que é a parte inferior da borbulha onde está presa aos ramos maiores.

As estacas, cuja represa é certa, como do alamo, dos salgueiros, e dos platanos, logo se collocam nos viveiros: aquellas que estão fracas, ou são duvidosas, como as maceiras e marmeleiros, mettem-se em regos até ao outono.

Ha algumas especies, como a figueira, que se deitam em pequenos fossos, vestidas com os seus raminhos, e deixando unicamente de fóra da terra o maior raminho que as estacas levam.

O terreno destinado á estacaria deve ser lavrado a miudo, e adubado com estrume bem putrido, regando-o amiudadamente se a estação o exigir.

Ha outro methodo de propagação, que e por via de *mergulhia*, que vem a ser enterrar um ramo sem o separar do seu tronco. Em muitos casos pode este methodo substituir o das sementeiras e estacas.

Executa-se a *mergulhia simples* abrindo um fosso em roda da arvore mãe, e enterrando n'elle as varas, que se seguram com ganchos de pau, e cobrindo-as depois com terra branda, e rica de estrume. As pontas d'estas varas que se enterram, levantam-se a conserval-as o mais verticalmente que fôr possivel. Este methodo e empregado n'aquellas plantas que mais facilmente se enraizam.

A *mergulhia por incisão* pratica-se como a precedente, fazendo-se além d'isto a incisão de uma a duas pollegadas no comprimento da vara que fica debaixo da terra, e logo abaixo de um olho, ou d'uma junta.

A *mergulhia de rebentos*, que esta em mais uso pelo seu bom exito, consiste em plantar no melhor terreno do viveiro certo numero de arvores conhecidas por lançarem mais facilmente raizes. Cortam-se rente da terra, e em saindo os rebentos, ou renovos, apenas elles tem dois palmos de comprimento, lança-se-lhes ao redor um pouco de estereo bem consumido e terra, seguindo-se d'aqui logo as raizes penetrarem por essa terra. No inverno seguinte separam-se da arvore mãe, aplanando a terra que se lhe poz de roda. Esta operação renova-se todos os annos, e obtem-se assim um viveiro sempre fornecido de plantas novas, sadias, e vigorosas.

A *mergulhia de pimpolho* differe da antecedente em se buscarem as borbulhas na propria raiz, fazendo-se uma cova de algumas pollegadas de profundidade, e cortando as raizes que n'ella se encontram, recobrindo logo o tronco. ...

Assim como o ar comprimido não da logar a introducção de corpos solidos, tambem a vaidade não deixa penetrar a sciencia.

PESCADORES NORUEGUEZES.

A pesca é um dos recursos essenciaes de grande parte dos habitantes da Noruega, e, em muitas provincias, uma das suas condições d'existencia; porque este grande e importante paiz estende-se até aos ultimos confins do norte. Desenrola-se em uma especie de semi-circulo, desde o 58 até ao 71 grau de latitude. Se, nos seus districtos meridionaes, o lavrador chega ainda a colher cereaes e legumes, mais longe, como o filho dos Alpes de que falla o poeta Goldsmith, apenas tira com difficuldade mirradas espigas d'um terreno ingrato. Mais longe, este rude trabalho é completamente inutil. Mais longe, não ha florestas, nem vegetação. A terra, nua e arida, está, durante seis mezes no anno, sepultada debaixo de montões de neve, e nas trevas de longas noites; e, no verão, cobre-se de mui fraca relva.

Entretanto, mesmo n'estas frias regiões, e até nas ilhas noruegnezas disseminadas ao longo das costas do oceano Glacial, ha domicilios de familia, habitações humanas, porque Deus deu ao homem o privilegio de poder aclimatar-se em todas as regiões e supportar todas as temperaturas. A cada povoação estabelecida no solo mais arido, reserva elle um alimento: ás tribus dos desertos arenosos, os fructos do oasis, os cachos nutritivos das tamareiras; aos insulares dos mares do sul, a arvore do pão; aos groenlandezes, a phoca; aos laponios, a renna: aos aldeãos do Norte, a pesca que se faz em certas epocas, no mar alto, e se prosegue constantemente nos rios, lagos e ribeiras.

A pesca nas ilhas Lofodden, situadas ao 68 grau de latitude, a umas vinte leguas de distancia da costa noruegueza, e nomeada em toda a Europa. Que de coragem é precisa! Esta pesca tem logar duas vezes por anno; no estio e no inverno: esta ultima é a principal. No mez de Janeiro ou Fevereiro, milhares de pescadores se reunem em torno d'este sinistro e temivel archipelago, e demoram-se ahi ordinariamente até ao mez de Abril.

Ao ver estas cabanas de madeira que apenas os abrigam contra o frio, este terreno nu em que elles descansam com os vestidos humidos, experimenta-se um profundo sentimento de piedade. Não obstante, é ahi, diz um viajante, que elles moram tres mezes, no meio do inverno, longe de suas familias, pobremente vestidos e pobremente nutridos, deitados de noite no lodo, e indo de dia, por espessos nevoeiros, com ventos borrascosos, tirar as redes da agua gelada.

A immundicie inevitavel, a humidade dos ves-

tidos, o mau alimento, originam entre elles graves enfermidades de que quasi nunca se curam: a sarna, a lepra, a elephancia, e principalmente o escrobuto.

Mas nem todas as pescas da Noruega se assimilham a esta. E que, pelo logar em que se fazem, pelo sol que as alumia, pela alegria que as anima, recordam algumas das mais festivas scenas da Suissa, e ás vezes mesmo das regiões meridionaes da Europa. Tal é a pesca nos rios interiores e nos pittorescos lagos da Noruega, nomeadamente no lago Miœssen, representada no nosso desenho.

DOIS CONTRABANDOS.

II

EXPORTAÇÃO.

No tempo em que se passava esta nossa veridica historia era o sr. Bittencourt um fura-vidas, tinha muito geito para o commercio, fazia negocios de oiro. Hoje está retirado do trafico: é *homem serio*... até dizem que tem commenda. O habito da Conceição lhe vi eu ha muito tempo; e ficava-lhe bem.

O pobre Joaquim perdeu o braço, que lhe foi amputado, em consequencia do ferimento em Camara de lobos; como tinha confessado a verdade, perdeu o seu bom protector; e depois de alguns annos passados na cadêa, em expiação do *crime* que commettera, anda hoje pedindo esmola. O Mauricio quando se pôde ver livre dos ferros d'el-rei, voltou a labutação do mar. Estes dois já não figuram mais na nossa historia.

Mas apparecerá gente nova.

Oito dias depois dos successos relatados no anterior capitulo, e que deram uma animação pouco vulgar á pacifica Camara de lobos, passeava, depois da meia noite, o sr. Bittencourt no caes de Porto-Moniz, quando, do lado do forte arruinado, veiu correndo um homem, participar-lhe que estava á vista o brigue *Rapido*, e não mui distante.

— Muito bem, disse o sr. Bittencourt, mergulhando as mãos nos bolsos; vae ver se a fazenda está prompta para embarcar; quero tudo a postos, para obedecer ao primeiro signal.

— Esteja descansado, patrão...

— Olha, Antonio; a fazenda que não saia toda junta dos armazens; que venha por partidas.

— Sim senhor.

E Antonio, ligeiro como rapaz que era, e sem o tropeço de botas ou sapatos, disparou como uma setta para as alturas da villa.

D'ahi a poucos minutos estava o *Rapido* abra-aberta com o abrigado fundeadoiro de Porto-Moniz, que conserva placidas e claras as suas aguas, quando o vendaval medonho do sul, arremessando-se em negras e revoltas vagas contra as praias do Funchal, afasta d'aquelle ancoradoiro todo o genero de embarcações.

O sr. Bittencourt chegou a ponta do caes, acendeu uma lanterna que para ali tinha mandado vir, e agitou-a tres vezes.

O *Rapido* içou e arriou *rapidamente* um pharol. O sr. Bittencourt apagou em seguida o seu.

D'ahi a pouco um bote, com a sabida precaução de remos e toleteiras forradas, largou do patacho e veiu atracar ao caes.

Dois moços davam impulso á embarcação; a ré vinha um homem governando.

— Olá, capitão, por cá? disse o sr. Bittencourt dando a mão ao recem-chegado, nas escadinhas do caes.

— Tudo ficou prompto abordo, amigo; vim adiante para conversarmos; queria saber se se arranjou aquella coisa...

— Maganão! interrompeu o velhote, fingindo rir com muito gosto. Maganão!... Arranjou-se, e papa muito fina!

— Obrigado. Bem sabe que eu estou tambem prompto para tudo.

— D'estes serviços ainda nunca me fez.

— É verdade. Mas posso agora trazer-lhe da Bahia uma mulatinha engraçada, ou uma moleca novinha.

— Nada, nada. Vamo-nos contentando com as brancas. Esta que leva no carregamento é bonita e tem quinze annos; vae acompanhada por um irmão, é verdade, meio bruto e desconfiado; mas isso mette-se no porão, sob qualquer pretexto, com bons machos de ferro aos pés para maior segurança, e... Ah! maganão! maganão!

Estes dois *homens de bem*, um negociante, outro official do mar, folgavam muito com esta innocente conversação, por horas mortas da noite, á luz tremula das estrellas, na beira do Oceano, aspirando a fagueira brisa do mar.

A evangelica palestra foi interrompida pela aproximação de varios escaleres do *Rapido*, que se dirigiam pouco ruidosamente para o porto.

Poucos minutos depois chegou o primeiro lote da carregação; compunha-se de umas vinte mulheres e outros tantos homens, quasi todos mal vestidos, e todos na flor da edade.

— Aqui estão, disse o sr. Bittencourt ao capitão, apresentando-lhe o par que vinha na frente, os dois irmãos que eu mais particularmente lhe recommendo: a menina Rosinha, e o sr. Pedro Corrêa.

— Muito bem; serão tratados como principes. Podem embarcar no meu bote, que eu mesmo os vou conduzir a bordo. Adeus, sr. Bittencourt, trate de fazer embarcar toda essa gente o mais depressa possivel.

— Adeus, Rosinha.

— Adeus, sr. Bittencourt; muito obrigado; Deus lhe pague a esmola que me faz.

— Muito agradecido, accrescentou Pedro.

E os dois irmãos saltaram para o bote, onde já os esperava o capitão com olhos de satyro, e que não tardou a dar a voz de *larga!*

Rosa chorava dizendo adeus a patria, e nutria ainda a esperança de ir alcançar no Brazil uma subsistencia honesta... que faria se soubesse o que a esperava — a deshonra, e a escravidão!

E Pedro tambem suspirava, lembrando-se do seu paiz, que talvez só bem tarde, ou nunca, tornaria a ver... Nunca: porque a miseria, os maus tratos, e a queda de sua irmã o arrastaram ao suicidio!

Os restantes colonos, que ficaram na praia, não tardaram a embarcar em dois dos escaleres do *Rapido*, seguindo a esteira do bote capitania.

— Antonio, disse o sr. Bittencourt ao moço descalço, vendo-o aproximar-se; porque não vaes tambem na embarcação? Olha que no Brazil cava-se oiro como aqui terra.

— Nada, patrão, eu não largo ca a Maria.

— Mas podem ir ambos, e serem muito felizes.

— Obrigado; as mulheres a bordo não provam bem.

— Faz o que quizeres. E as barquetas estão promptas?

— Ahi vem ja todas. Entretanto pode ir embarcando este segundo pacote de fazenda nos outros botes do *Rapido*.

Outra tribu de emigrados que se acercava do caes n'este momento, foi passando em seguida para as embarcações, que não tardavam em fazer-se ao largo.

Successivamente foram chegando os volumes da carregação, e as barquetas que os iam conduzir a bordo, ate que, ja sobre a madrugada, embarcou tambem alguma bagagem e comestiveis, agua, celhas, esteiras, e machos de ferro.

O *Rapido* mareou o panno á feição do vento, e arredou-se da terra, deitando as suas seis milhas por hora.

E o sr. Bittencourt esfregando as mãos, com ar de satisfeito, arredou-se da beira-mar pausadamente, não sem lançar de vez em quando um terno olhar para o navio que acabava de despachar sem intervenção da alfandega.

Deixemos, por uma vez, este honesto cidadão, e sigamos o patacho em sua fatal viagem.

Calmas, ventos contrarios, e avarias na mastreação, retardaram a viagem do *Rapido*, e por consequencia a escassez de agua e de mantimentos appareceu a bordo com todos os seus horrores. Os colonos amotinaram-se; e Pedro que desconfiava das relações de sua irmã com o capitão, collocou-se á frente dos revoltosos, dando assim mais que sufficiente pretexto para ser clausurado no porão, aonde o seguiram manietados alguns outros dos principaes amotinados.

O patacho levou sessenta dias a Pernambuco, aonde chegaram transformados em esqueletos todos os colonos, que dois mezes antes pareciam vender saude!

Os chefes da sublevação foram mettidos na cadêa, apesar de todas as reclamações que se fizeram n'aquella cidade a seu favor; e os seus companheiros, incluindo Rosinha, foram successivamente *alugados*, e passaram a servir differentes senhores.

O capitão voltava a Lisboa, e como era casado n'esta côrte com uma mulher de mau genio, de quem elle tinha medo, não se resolveu a trazer comsigo Rosinha, de quem muito gostava, e verdade. Portanto *alugou-a*, como os outros, para obter o dinheiro da passagem.

. . . . . .

Talvez o leitor esperasse outra coisa d'estes apontamentos; julgou, porventura, encontrar n'estas paginas um romance cheio de peripecias... sinto de coração se o enganei, involuntariamente. Mas, na realidade, só tivemos em vista esboçar algumas scenas de contrabando, em *coisas e pessoas*, e isso fizemos. Perdão, se não foi a contento d'aquelles a quem desejavamos agradar.

Agosto 1, de 1857. F. M. Bordalo.

DANÇO-MANIA.

O *Nouveau Tableau de Paris*, publicado por *Mercier*, no fim da revolução franceza, explica-se nos seguintes termos sobre o objecto da nossa epigraphe:

«Depois do dinheiro, a dança e hoje o que o parisiense mais ama, adora, ou para melhor dizer idolatra. Cada classe tem a sua sociedade dançante, e desde o pequeno até ao grande, isto é, desde o rico ate ao pobre, tudo dança: e um furor, um gosto universal. Os parisienses dançam, ou para melhor dizer, redemoinham; porque nada é mais difficil para elles que obedecer ao compasso, e nada mais raro entre elles que um ouvido musical.

«No reinado do terror, os parisienses reservados, e tremendo, e não ousando então fazer um jornal, nem *suspender uma carreta*, sumiam-se nos espectaculos ou nos clubs, e não dançavam senão nas festas publicas, e algumas vezes a roda dos cadafalsos: de repente todas as paredes foram cobertas de numerosos cartazes, em estylo quasi academico, annunciando bailes de toda a especie, e alguns tão baratos, que uma creada pode ir a elles.

«Dança-se *aux Carmes* onde se degolava, dança-se no *Noviciat des Jesuites*, dança-se no convento *des Carmelites de Marais*, dança-se nas tres egrejas arruinadas da minha secção, e sobre as lages dos tumulos que ainda se não tem tirado: os nomes dos mortos estão debaixo dos pes dos dançadores, que os não percebem, e que se esquecem que pisam sepulchros.

«Dança-se em cada taberninha dos Boulevards, nos Campos Elisios, ás bordas do rio. Dança-se em todas as tabernas em que se refugia a corja dos traficantes que depois de ter enganado todo o dia os desgraçados particulares, dá ainda um *cheque e mate* a fortuna publica. Emfim, dança-se em casa de todos os professores de *riga-*

tidos, o mau alimento, originam entre elles graves enfermidades de que quasi nunca se curam: a sarna, a lepra, a elephancia, e principalmente o escrobuto.

Mas nem todas as pescas da Noruega se assimilham a esta. É que, pelo logar em que se fazem, pelo sol que as alumia, pela alegria que as anima, recordam algumas das mais festivas scenas da Suissa, e ás vezes mesmo das regiões meridionaes da Europa. Tal é a pesca nos rios interiores e nos pittorescos lagos da Noruega, nomeadamente no lago Miœssen, representada no nosso desenho.

DOIS CONTRABANDOS.

II

EXPORTAÇÃO.

No tempo em que se passava esta nossa veridica historia era o sr. Bittencourt um fura-vidas, tinha muito geito para o commercio, fazia negocios de oiro. Hoje está retirado do trafico: é *homem serio*... até dizem que tem commenda. O habito da Conceição lhe vi eu ha muito tempo; e ficava-lhe bem.

O pobre Joaquim perdeu o braço, que lhe foi amputado, em consequencia do ferimento em Camara de lobos; como tinha confessado a verdade, perdeu o seu bom protector; e depois de alguns annos passados na cadêa, em expiação do *crime* que commettera, anda hoje pedindo esmola. O Mauricio quando se pôde ver livre dos ferros d'el-rei, voltou a labutação do mar. Estes dois já não figuram mais na nossa historia.

Mas apparecerá gente nova.

Oito dias depois dos successos relatados no anterior capitulo, e que deram uma animação pouco vulgar á pacifica Camara de lobos, passeava, depois da meia noite, o sr. Bittencourt no caes de Porto-Moniz, quando, do lado do forte arruinado, veiu correndo um homem, participar-lhe que estava á vista o brigue *Rapido*, e não mui distante.

— Muito bem, disse o sr. Bittencourt, mergulhando as mãos nos bolsos; vae ver se a fazenda está prompta para embarcar; quero tudo a postos, para obedecer ao primeiro signal.

— Esteja descansado, patrão. . .

— Olha, Antonio; a fazenda que não saia toda junta dos armazens; que venha por partidas.

— Sim senhor.

E Antonio, ligeiro como rapaz que era, e sem o tropeço de botas ou sapatos, disparou como uma setta para as alturas da villa.

D'ahi a poucos minutos estava o *Rapido* abra-aberta com o abrigado fundeadoiro de Porto-Moniz, que conserva placidas e claras as suas aguas, quando o vendaval medonho do sul, arremessando-se em negras e revoltas vagas contra as praias do Funchal, afasta d'aquelle ancoradoiro todo o genero de embarcações.

O sr. Bittencourt chegou a ponta do caes, acendeu uma lanterna que para ali tinha mandado vir, e agitou-a tres vezes.

O *Rapido* içou e arriou *rapidamente* um pharol. O sr. Bittencourt apagou em seguida o seu.

D'ahi a pouco um bote, com a sabida precaução de remos e toleteiras forradas, largou do patacho e veiu atracar ao caes.

Dois moços davam impulso á embarcação; a ré vinha um homem governando.

— Olá, capitão, por cá? disse o sr. Bittencourt dando a mão ao recem-chegado, nas escadinhas do caes.

— Tudo ficou prompto abordo, amigo; vim adiante para conversarmos; queria saber se se arranjou aquella coisa...

— Maganão! interrompeu o velhote, fingindo rir com muito gosto. Maganão!... Arranjou-se, e papa muito fina!

— Obrigado. Bem sabe que eu estou tambem prompto para tudo.

— D'estes serviços ainda nunca me fez.

— É verdade. Mas posso agora trazer-lhe da Bahia uma mulatinha engraçada, ou uma moleca novinha.

— Nada, nada. Vamo-nos contentando com as brancas. Esta que leva no carregamento é bonita e tem quinze annos; vae acompanhada por um irmão, é verdade, meio bruto e desconfiado: mas isso mette-se no porão, sob qualquer pretexto, com bons machos de ferro aos pés para maior segurança, e... Ah! maganão! maganão!

Estes dois *homens de bem*, um negociante, outro official do mar, folgavam muito com esta innocente conversação, por horas mortas da noite, á luz tremula das estrellas, na beira do Oceano, aspirando a fagueira brisa do mar.

A evangelica palestra foi interrompida pela aproximação de varios escaleres do *Rapido*, que se dirigiam pouco ruidosamente para o porto.

Poucos minutos depois chegou o primeiro lote da carregação; compunha-se de umas vinte mulheres e outros tantos homens, quasi todos mal vestidos, e todos na flor da edade.

— Aqui estão, disse o sr. Bittencourt ao capitão, apresentando-lhe o par que vinha na frente, os dois irmãos que eu mais particularmente lhe recommendo: a menina Rosinha, e o sr. Pedro Corrêa.

— Muito bem; serão tratados como principes. Podem embarcar no meu bote, que eu mesmo os vou conduzir a bordo. Adeus, sr. Bittencourt, trate de fazer embarcar toda essa gente o mais depressa possivel.

— Adeus, Rosinha.

— Adeus, sr. Bittencourt; muito obrigado: Deus lhe pague a esmola que me faz.

— Muito agradecido, accrescentou Pedro.

E os dois irmãos saltaram para o bote, onde já os esperava o capitão com olhos de satyro, e que não tardou a dar a voz de *larga!*

Rosa chorava dizendo adeus a patria, e nutria ainda a esperança de ir alcançar no Brazil uma subsistencia honesta... que faria se soubesse o que a esperava — a deshonra, e a escravidão!

E Pedro tambem suspirava, lembrando-se do seu paiz, que talvez so bem tarde, ou nunca, tornaria a ver... Nunca: porque a miseria, os maus tratos, e a queda de sua irmã o arrastaram ao suicidio!

Os restantes colonos, que licaram na praia, não tardaram a embarcar em dois dos escaleres do *Rapido*, seguindo a esteira do bote capitania.

— Antonio, disse o sr. Bittencourt ao moço descalço, vendo-o aproximar-se; porque não vaes tambem na embarcação? Olha que no Brazil cava-se oiro como aqui terra.

— Nada, patrão, eu não largo ca a Maria.

— Mas podem ir ambos, e serem muito felizes.

— Obrigado; as mulheres a bordo não provam bem.

— Faz o que quizeres. E as barquetas estão promptas?

— Ahi vem ja todas. Entretanto pode ir embarcando este segundo pacote de fazenda nos outros botes do *Rapido*.

Outra tribu de emigrados que se acercava do caes n'este momento, foi passando em seguida para as embarcações, que não tardavam em fazer-se ao largo.

Successivamente foram chegando os volumes da carregação, e as barquetas que os iam conduzir a bordo, ate que, ja sobre a madrugada, embarcou tambem alguma bagagem e comestiveis, agua, celhas, esteiras, e machos de ferro.

O *Rapido* mareou o panno á feição do vento, e arredou-se da terra, deitando as suas seis milhas por hora.

E o sr. Bittencourt esfregando as mãos, com ar de satisfeito, arredou-se da beira-mar pausadamente, não sem lançar de vez em quando um terno olhar para o navio que acabava de despachar sem intervenção da alfandega.

Deixemos, por uma vez, este honesto cidadão, e sigamos o patacho em sua fatal viagem.

Calmas, ventos contrarios, e avarias na mastreação, retardaram a viagem do *Rapido*, e por consequencia a escassez de agua e de mantimentos appareceu a bordo com todos os seus horrores. Os colonos amotinaram-se; e Pedro que desconfiava das relações de sua irmã com o capitão, collocou-se á frente dos revoltosos, dando assim mais que sufficiente pretexto para ser clausurado no porão, aonde o seguiram manietados alguns outros dos principaes amotinados.

O patacho levou sessenta dias a Pernambuco, aonde chegaram transformados em esqueletos todos os colonos, que dois mezes antes pareciam vender saude!

Os chefes da sublevação foram mettidos na cadêa, apesar de todas as reclamações que se fizeram n'aquella cidade a seu favor; e os seus companheiros, incluindo Rosinha, foram successivamente *alugados*, e passaram a servir differentes senhores.

O capitão voltava a Lisboa, e como era casado n'esta côrte com uma mulher de mau genio, de quem elle tinha medo, não se resolveu a trazer comsigo Rosinha, de quem muito gostava, e verdade. Portanto *alugou-a*, como os outros, para obter o dinheiro da passagem.

. . . . . .

Talvez o leitor esperasse outra coisa d'estes apontamentos; julgou, porventura, encontrar n'estas paginas um romance cheio de peripecias... sinto de coração se o enganei, involuntariamente. Mas, na realidade, so tivemos em vista esboçar algumas scenas de contrabando, em *coisas e pessoas*, e isso fizemos. Perdão, se não foi a contento d'aquelles a quem desejavamos agradar.

Agosto 1. de 1857. F. M. Bordalo.

DANÇO-MANIA.

O *Nouveau Tableau de Paris*, publicado por *Mercier*, no fim da revolução franceza, explica-se nos seguintes termos sobre o objecto da nossa epigraphe:

«Depois do dinheiro, a dança e hoje o que o parisiense mais ama, adora, ou para melhor dizer idolatra. Cada classe tem a sua sociedade dançante, e desde o pequeno até ao grande, isto é, desde o rico ate ao pobre, tudo dança: e um furor, um gosto universal. Os parisienses dançam, ou para melhor dizer, redemoinham: porque nada é mais difficil para elles que obedecer ao compasso, e nada mais raro entre elles que um ouvido musical.

«No reinado do terror, os parisienses reservados, e tremendo, e não ousando então fazer um jornal, nem *suspender uma carreta*, sumiam-se nos espectaculos ou nos clubs, e não dançavam senão nas festas publicas, e algumas vezes a roda dos cadafalsos: de repente todas as paredes foram cobertas de numerosos cartazes, em estylo quasi academico, annunciando bailes de toda a especie, e alguns tão baratos, que uma creada pode ir a elles.

«Dança-se *aux Carmes* onde se degolava, dança-se no *Noviciat des Jesuites*, dança-se no convento *des Carmelites de Marais*, dança-se nas tres egrejas arruinadas da minha secção, e sobre as lages dos tumulos que ainda se não tem tirado: os nomes dos mortos estão debaixo dos pes dos dançadores, que os não percebem, e que se esquecem que pisam sepulchros.

«Dança-se em cada taberninha dos Boulevards, nos Campos Elisios, ás bordas do rio. Dança-se em todas as tabernas em que se refugia a corja dos traficantes que depois de ter enganado todo o dia os desgraçados particulares, dá ainda um *cheque e mate* a fortuna publica. Emfim, dança-se em casa de todos os professores de *riga-*

dous que se chamam artistas, como os bobos ou chocarreiros.

«Antigamente, nos bailes as mulheres tomavam refrescos, e quando muito, alguns biscoitos com um pouco de vinho. Hoje a gulodice as domina, e eu não cesso de admirar a sua firme incontinencia á mesa, e o ar sem ceremonia com que satisfazem o seu devorante appetite. As perdizes frias são dois bocados; as viandas desapparecem, e grandes copos d'agua refrescam de quando em quando seu paladar escandecido pelo fogo dos licores.

«Ha bailes para todas as condições: os aguadeiros e os carvoeiros tem os seus. Eu nada quero omittir. Nas adegas, no fundo mesmo de alguns passeios, em tascas immundas, ao som de grosseira rebeca, ou de uma rouquenha gaita de folles, todos os domingos, e mesmo nos intervallos, os beberrões dançam a abalar o sobrado, e a fazer receiar reparações locativas. O logar da dança e illuminado por um lustre feito de dois pedaços de pau em cruz, ou por alguns lampeões de barro postos por terra ao longo das paredes. No meio de uma nuvem de fumo de tabaco, e cheiro de aguardente, vêdes elevar-se e cair sem cadencia, sem compasso, dançadores inconceptiveis. Algumas vezes o sapato ferrado no meio dos saltos quebra o lampeão, que salpica toda a assembléa; não fazem caso d'isso. Não se distinguirá das meias, sapatos e anagoa; o cebo inflammado não faz impressão no coiro curtido d'estes *Vestrizes;* elles pegam das suas bandeirolas, e vão-se jogando os murros por divertimento.»

RELAÇÃO DAS COISAS QUE ACONTECERAM EM A CIDADE DE ANGRA, ILHA TERCEIRA, DEPOIS QUE SE PERDEU EL-REI D. SEBASTIÃO EM AFRICA.

Continuação.

XCI

De como foi Manuel da Silva degolado, e Manuel Serradas, e Amador Vieira.

Mandou o marquez fazer um cadafalso na praça da cidade, e ao terceiro dia foi tirado Manuel da Silva da galeota em terra, e lhe levaram um cavallo, e sobre elle veiu té á praça, vestido de baeta, e parecia que trazia um capuz. E estava muita gente, em tanto que não podiam romper por ella: e posto o pobre e desgraciado Manuel da Silva em o cadafalso teve-se delle lastima, sendo elle causador de se pôr naquelle estado, havendo poucos dias que o tinham visto em outro bem differente. Primeiramente pediu perdão a todo o povo, e moradores da ilha, que elle tinha toda a culpa dos trabalhos da ilha, e que bem merecia aquella morte, e tratou outras cousas bem d'espaço, que se podem escusar escrever. O verdugo era um tudesco, e tão ligeiramente lhe cortou a cabeça, estando Manuel da Silva de joelhos, que de um talho a levou fóra com uma sua espada; e já estava um homem tirando a cabeça de Melchior Affonso, e tirada se foi pôr logo a de Manuel da Silva, por se cumprir o que elle tinha ditto; e ahi esteve a cabeça aquelle dia, e se tirou ao outro. E logo foram tirar Amador Vieira da cadea, e sobre o cavallo o trouxeram com padres, confessores, que o vinham consolando e animando. Amador Vieira pediu os mesmos perdões ás pessoas a quem fizera mal; dice que merecia aquella morte, pois se rebellara contra sua magestade; e o verdugo do mesmo modo lhe cortou a cabeça de um talho, como a Manuel da Silva. E logo veio Manuel Serradas sobre o mesmo cavallo: este dice que elle morria por el-rei D. Antonio, e que não conhecia outro rei, e que por elle o matavam. Não se quiz tirar desta opinião. Houve notavel escandalo entre os castelhanos, e assim foi degolado, e cortada a cabeça sem se desdizer do sobredito. E mandou degolar outros muitos.

XCII

Das pessoas que enforcaram no mesmo dia.

Mandou o marquez fazer uma forca ao longo da cadêa, quadrada, com quatro paus, e depois de cortarem as cabeças aos sobredittos enforcaram Fernão de Tavora, capitão e homem fidalgo por geração, e dizem que em livros d'el-rei, e tinha servido os reis passados de Portugal em suas armadas de capitão, e cidadão nobre desta cidade de Angra: e juntamente Thomaz Pereira, homem fidalgo de geração, e capitão de uma companhia; Pedro Cotta de Malha, capitão de outra companhia, e cidadão da ditta cidade; e o licenceado Domingos Onzel, fidalgo por geração, e um dos desembargadores que havia, e cidadão da mesma cidade; e Domingos de Toledo, capitão de uma fortaleza, e homem muito nobre por geração; e Gonçalo Pitta, capitão da fortaleza de San Sebastião desta cidade; e com elles enforcaram Gaspar Alves, o Chicharro, piloto; e o Barroso, sapateiro; e um homem baço por nome Balthasar Lopes, que era parteiro do concelho. Foi uma molestia que muito se sentiu na cidade, estes dez homens: enforcaram todos juntos: não deixou de se dar aviso que eram fidalgos, que os degolassem como fidalgos: não tiveram de ver com isso, e estiveram aquelle dia té ao outro pela manhã que os foram enterrar: e o Domingos Toledo era capitão da fortaleza da villa de San Sebastião, e nella se defendeu te o ferirem em uma mão e na cabeça, e o derrubaram, e ferido o enforcaram com os mais.

Continua.

O silencio cobre com o mesmo mysterioso veo o ignorante canto, e o sabio modesto.

PFALZ, — CASTELLO DO RHENO.

Abaixo d'Oberwesel, as immensas relvas d'alguns prados apertados entre as montanhas da margem esquerda do Rheno são banhadas pelas aguas: mas as cadêas de montes servindo de muros, não deixam em breve ao rapido curso do rio senão um leito alcantilado.

O Rheno borbulha de roda do Pfalzgrafenstein ou rochedo dos Condes-Palatinos, base do castello que se chama Pfalz. Esta antiga fortaleza parece fluctuar á superficie do rio; as aguas resoam de dia e de noite vindo quebrar-se contra o seu talhamar coberto de ferro. Tem desafiado a raiva dos ventos, o choque das correntes furiosas, e os assaltos dos exercitos. Nunca foi accessivel senão por meio da escalada, e, como outr'ora, apenas tem a grande altura sua porta defendida por uma pesada grade que parece separal-a do mundo. No pateo interior, de forma irregular, o torreão eleva os seus diversos andares; um poço e ahi alimentado por uma nascente que profunda muito mais que o leito do Rheno.

Segundo um antigo costume feudal, era n'este castello que deviam nascer, em signal de possessão, os senhores palatinos d'esta parte do rio.

Construida desde 1326, no tempo de Luiz de Baviera, esta fortaleza pertence hoje ao duque de Nassau. Destinada primeiro para servir á recepção da portagem que os barcos deviam pagar, Pfalz tornou-se em prisão d'estado. Quem dirá quantas vistas se tem dirigido das prisões para os picos das montanhas que se arremessam em liberdade para os ares! quantos gemidos tem abafado o susurro confuso das ondas e tufões do rio!

Sobre a margem direita, as velhas habitações, e as torres das antigas muralhas da pequena cidade de Caub são banhadas pelo rio; e sobre uma das montanhas que parecem accumular-se para a esmagar, elevam-se as ruinas do castello de Goutenfels. Caub, depois de ter pertencido a diversas familias alemãs, passou ás mãos dos condes-palatinos quasi no fim do seculo XIII. Esta pequena cidade teve a sua parte de desastres na guerra dos trinta annos. Tomada em 1620 pelos imperiaes, um assalto a entregou em 1631 aos hessenses, que deviam abandonal-a onze annos mais tarde.

O castello de Goutenfels tinha os seus burgraves particulares. Depois de ter resistido intrepidamente, em 1504, ao landgrave Guilherme de Hesse, tinha saido quasi são e salvo d'estas lutas, quando, caido nas mãos dos exercitos francezes, foi arruinado em 1807.

Longas escadas conduzem da cidade a estas antigas muralhas. Sobre o caminho, vê-se um

rochedo mais adiantado d'onde Gustavo Adolpho deu as suas ordens em um ataque contra os hespanhoes, que se tinham fortificado sobre a margem esquerda do Rheno.

INDUSTRIA MANUFACTURARIA.

CURTIMENTO DE PELLES.

Conclusão.

O emprego da agua como motor é de grandissima vantagem n'um processo como este.

Os apparelhos que o motor tem de mover, compõe-se d'um pisoeiro ou tonel, onde se mettem para os pisar os coiros curtidos; depois, de grandes toneis de tres metros de comprimento, e tres de diametro, que servem a conter os coiros grossos, que se querem curtir pelo novo systema; emfim, de toneis menores com dois metros de comprimento e dois de diametro.

N'esta descripção seguiremos o plano da propria fabrica do inventor, em Strasburgo, exemplificando com ella.

Todos aquelles toneis, assim como o pisoeiro, são ali animados por um movimento rotativo pela acção de duas rodas hydraulicas.

A primeira transmitte o movimento a um eixo horisontal pelo intermedio de rodas direitas.

Este eixo é munido de pinhas d'angulo, endentando com rodas presas sobre os eixos do pisoeiro, e dos grandes toneis, que fazem gyrar com um movimento de nove a dez voltas pouco mais ou menos por minuto.

N'este mesmo eixo estão fixas as roldanas, que transmittem o movimento, por intermedio de correias, aos toneis pequenos, cuja celeridade e de cerca de quatorze a quinze gyros por minuto.

A segunda roda hydraulica faz mover um eixo por meio de rodas direitas, e este os toneis contidos n'uma secção annexa ao local anterior, pelas pinhas, rodas, e roldanas dispostas de modo analogo ao movimento dos apparelhos similhantes collocados na secção principal.

N'esta secção estão tambem collocados os toneis verticaes que servem á preparação do sumo concentrado da casca, dispostos em circulo á roda de uma bacia com a qual communicam por tubos.

Esta bacia recebe o sumo da casca durante a sua preparação, e com bombas o passam de uma a outra bacia e o distribuem em todos os toneis moveis.

Para operar esta distribuição, estão dispostos conductores de lata, de modo que estabeleçam uma communicação facil entre as bombas, os toneis de preparação nos quaes ellas sorvem, e cada um dos toneis moveis que particularmente servem á operação principal do curtimento.

Nos andares superiores do maior edificio estão collocados o moinho, e o corta-casca, os quaes são movidos por meio de um eixo intermediario. N'este eixo estão fixas uma roda direita, uma pinha d'angulo do moinho, a roldana, e o corta-casca.

As bombas são egualmente movidas pelo motor principal, por intermedio de roldanas e manivellas.

Deve intender-se emfim, que todas estas obras e disposições por menor, são insignificantes para o systema propriamente dito de *curtimento accelerado*.

Pode ver-se pelo que antecede, que uma das principaes causas da acceleração do curtimento, resulta do emprego d'estes novos processos, e reside no impedimento do contacto do ar com o cortim, e com as pelles que estão mergulhadas n'elle. Infelizmente dando-se que os toneis não estejam constantemente cheios, e contenham por isso mais ar do que o preciso para a decomposição do cortim, com o que se reduziria consideravelmente a acção que devia ter sobre as pelles, carece-se de remediar este inconveniente, e consegue-se pelo segundo processo, cuja descripção segue.

Sendo o problema a resolver não só impedir o contacto do ar com o cortim e com as pelles, mas tambem tirar a estas ultimas o todo que ellas possam conter, não havia outra solução senão operar o curtimento no vacuo.

A coisa era mui facil em pequeno, por meio d'uma machina pneumatica e d'um balão de vidro, mas apresentava serias difficuldades ao fabrico em grande, porque era preciso evitar todo o contacto do cortim com o ferro, fundido ou batido, que tem a propriedade de denegrir o cortim e por consequencia as pelles que se mergulham n'elle. — O zinco não podia servir porque o cortim o corrompia mui promptamente. — O chumbo era muito molle para resistir a pressão do ar em cima de grande superficie. — Restava o cobre, que era mui caro e carregava tambem a côr do coiro pelo decurso do tempo, e debaixo da influencia do calor.

Quanto á madeira não se podia pensar n'ella: a sua porosidade que mais augmentaria quando se fizesse o vacuo, não permittindo até certo ponto fazer vacuo pouco mais ou menos perfeito, que emfim não podia subsistir senão durante mui pouco tempo, em quanto as junturas das aduellas, e a porosidade da madeira não tivessem deixado infiltrar, como deixariam sempre, uma quantidade d'ar bastante consideravel; a madeira era, além d'isso, mui provavel que, salvo deixarem-se as aduellas e fundos dos toneis d'uma espessura enorme, não podesse resistir á pressão do ar sobre grande superficie.

A difficuldade teria sido muito menor se o curtimento se pudesse fazer n'um apparelho fixo; mas como era absolutamente necessaria uma machina rotativa para chegar ao resultado appetecido, o fim era muito mais difficil de attingir.

Chegou-se entretanto a resolver este problema, construindo os toneis d'um modo particularissimo.

Os toneis são armados de madeira; uns tem crusetas ou rosetas fundidas que supportam os quicios; outros tem sobre os dois fundos dois discos fundidos com travessas e quicios, tudo d'uma só peça e d'uma espessura sufficiente para supportar o peso do tonel segundo a sua dimensão, e resistir á pressão do ar exterior.

Cada disco fundido termina na circunferencia n'um rebordo, segundo as aduellas horisontaes do tonel, disco que revirado na extremidade, sobe verticalmente até metade da sua espessura. D'ahi por diante o rebordo recurva-se de novo horisontalmente por um comprimento de 0,03 a 0,04 metros para poder prender-se com cavilhas a uma capa ou camisa, que cobre inteiramente a parte cylindrica, ou as aduellas dos toneis.

Esta capa compõe-se de duas partes meio cylindricas fundidas ou de folha de ferro, encaixando mui exactamente sobre toda a roda do tonel.

Estes meio-cylindros tem um rebordo similhante ao dos fundos, de modo que os rebordos d'um e d'outro possam juntar-se e cavilhar-se, depois de se ter mettido entre um e outro uma folha de gutta percha. Os dois tem ainda, cada um, segundo rebordo acompanhando todo o seu comprimento no sentido longitudinal.

Unem-se os dois rebordos, e põe-se como precedentemente entre elles uma folha de gutta percha ou coiro, que se aperta fortemente por meio de cavilhas, de modo que operem junção perfeita.

No meio da capa deixa-se um buraco quadrado da mesma grandeza que o praticado no tonel. A este buraco está preso um circo de bronze, engatado sobre a capa. Sobre este circo está fixa uma tampa de bronze ou cobre.

Esta tampa é munida d'uma especie de gargalo de parafuso, sobre o qual atarracha uma torneira. Esta torneira termina d'uma parte em rosca sobre a qual se adapta o tubo de chumbo que communica com a machina pneumatica, ou com a cuba cheia d'agua ou sumo de casca, de que se vae fallar.

O modo de operar é o seguinte. — Logo que as pelles saem do trabalho da ribeira submettem-se a uma grande pressão para se lhes fazer escorrer a agua que possam conter. Feito isto deitam-se nos toneis com a quantidade de casca ou d'outra materia cortim necessaria ao seu curtimento perfeito, com tanta agua ou sumo quanto fôr necessario para bem humedecer a casca. Aperta-se em seguida a tampa de bronze ou cobre na abertura do tonel. Depois faz-se o vacuo, tão perfeito quanto possivel. A medida que o vacuo se vae fazendo os poros das pelles vão-se dilatando, e assim se acham perfeitamente preparadas a receber o cortim.

Logo que o vacuo está inteiramente feito fecha-se a torneira, e adapta-se á virola um tubo de chumbo communicando com uma grande cuba, ou reservatorio qualquer, previamente cheio de sumo de casca mais ou menos forte, segundo a qualidade das pelles, que estão no tonel. Estando a outra extremidade do tubo mergulhada n'este sumo, não é preciso mais do que abrir a torneira para que todo o sumo que se acha na cuba ou reservatorio seja impellido com grande força para dentro do tonel, simplesmente pela pressão do ar.

No caso em que o tonel que se quer encher levasse mais liquido que o da cuba ou reservatorio, era preciso ter o cuidado de fechar a torneira logo que o tubo conductor não estivesse mergulhado no reservatorio senão em 0,08 a 0,1 metro de liquido, para impedir a introducção d'ar no tonel. N'este caso encher-se-hia primeiro a cuba de novo sumo, para recomeçar depois a operação.

Logo que o tonel que contém as pelles para curtir está sufficientemente embebido de sumo, fecha-se a torneira, e põe-se o tonel em movimento, com o auxilio da pinha em correspondencia com uma roda durante um quarto de hora, meia hora, ou uma hora, conforme o tonel contém bezerros, vaccas, bois, ou toiros. Depois deixa-se repoisar uma, duas ou tres horas. Em seguida faz-se gyrar de novo duas vezes mais tempo que da primeira vez.

Continua-se assim, diminuindo de cada vez o tempo de descanso, e augmentando o do movimento, ate que este seja continuo.

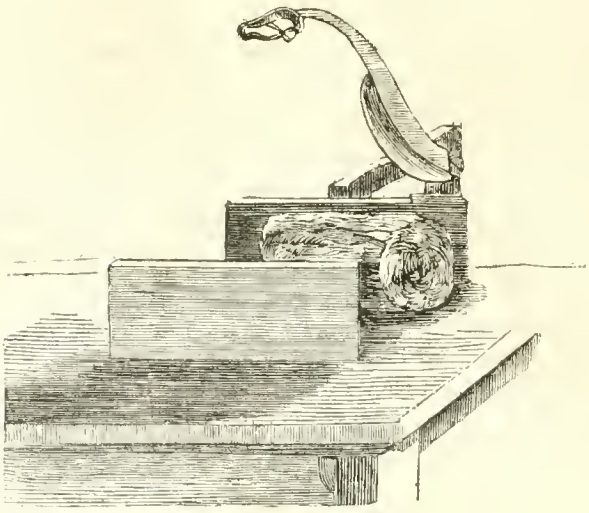
Assim, combinando-se os tres effeitos do vacuo, que dilata o tecido cellular da pelle, e impede a formação do acido gallico; que pelo movimento accelera a decomposição da casca, e opera um apisoamento continuo sobre as pelles: que pelo calor, que é a consequencia inevitavel do movimento, facilita consideravelmente a combinação da gelatina, contida no tecido cellular das pelles, com o cortim; chegam-se a curtir radicalmente as pelles de bezerro em tres a quatro dias, as vaccas em doze a quinze, e os bois ou toiros em vinte a trinta.

A mesma gelatina pode applicar-se ao curtimento em cubas ou tanques praticados no solo, mas com a condição de serem sufficientemente isolados uns dos outros.

Para chegar ao resultado desejado é preciso cobrir a cuba ou tanque com uma chapa fundida estanhada por baixo e que possa levantar-se a vontade. Esta chapa deve ser munida d'um simples gargalo com uma torneira, como se disse acima.

O modo de operar é o mesmo, sómente como não ha ali nem rotação, nem por consequencia attricto, nem calor, salvo se se empregar a agua quente, a duração do curtimento será de vinte a vinte e cinco dias para os bezerros, de sessenta a setenta para as vaccas, e de oitenta a cem para os bois ou toiros.

É em verdade um grande melhoramento, o que um tal processo realisa; e uma grande economia, a que resulta de reduzir a um mez um fabrico, que pelos processos ordinarios quasi levava um anno.



MACHINA PARA CORTAR PÃO.

Mr. Theodoro Marstrand, mechanico em Copenhague, expoz em 1855 um pequeno instrumento que, por ser quasi exclusivamente destinado ás herdades, não é menos util aos grandes estabelecimentos. É a machina para cortar pão representada no nosso desenho.

Nas occasiões dos grandes trabalhos, em que os lavradores ajustam os ceifeiros, e trabalhadores com a condição de sustental-os, os criados occupam-se meio dia exclusivamente em cortar o pão para a sôpa. Esta machina é destinada a abreviar este trabalho. Compõe-se ella, como se vê, d'uma caixa que se colloca sobre qualquer mesa, e na qual se mette o pão que se quer cortar em fatias. Uma folha de metal, bem afiada e provida de cabo, joga sobre um parafuso, e corta, quando desce, a fatia de toda a largura do pão.

Por este meio poupa-se muito tempo que pode ser aproveitado em outra coisa.

FRAGMENTOS DE UM POEMA INEDITO.

Já em outro volume d'este semanario nós dissemos, com razão, a nosso ver, que nenhum outro assumpto epico se encontrava nos tempos modernos para emparelhar com o da descoberta da America; todavia, dos varios poemas que se occuparam do grande feito, nenhum satisfaz cabalmente á elevação do objecto. Alguns ha impressos, e até de um d'elles traduzido o primeiro canto em portuguez, pelo talentoso Bocage, cujo original, francez, era obra de uma prima do poeta, madame du Bocage. Começa assim:

Eu canto o Genovez, de Urania alumno,
Da inveja, e dos infernos perseguido,
O nauta que do Tejo foi tão longe
Desencantar os indicos thesouros,
Que da aurora ao poente o mar domando,
Para a Fé conquistou mundo ignorado.

Nós, porém, temos, manuscripto, outro poema sobre o mesmo assumpto, original portuguez, em oitava-rhyma, ao qual o seu autor, morto desastrosamente na flor dos annos, não pôde passar a ultima lima, como já tambem dissemos n'este mesmo jornal. Os laços de parentesco e amisade que nos ligavam ao seu autor, não nos cegam a ponto de reputarmos a sua epopea rival dos *Lusiadas* ou da *Jerusalem*, mas parecendo-nos que ha no poema O Novo Mundo bastantes oitavas que revelam superior talento, vamos apresentar aos leitores do Panorama algumas d'ellas, que mais sympathias nos merecem.

Repetiremos a estancia com que abre o poema:

Eu canto o Genovez, e a grande empresa
Que este heroe immortal tenta animoso,
Commettendo com placida firmeza
Novo caminho aos homens duvidoso:
Acção pasmosa e de alta fortaleza,
Que faz eterno o nome glorioso
D'aquelle que, sulcando o mar profundo,
Deu ao mundo vetusto um novo mundo.

Depois de uma reunião de deuses no Olympo, imitação de quasi todos os poemas classicos, parte Mercurio a dispor Colombo para a grande empresa. Esta viagem do embaixador de Jove, voando sobre uma parte do mundo, que se encontra no canto I da epopéa, não nos parece destituida de interesse:

Sobre as azas s'equilibra, e vae sulcando
As raras ondas que lhe oppõe os ares;
Deixa á dextra o Cathay, não perpassando
Pelos da China portentosos lares;
Vê soberba Siam, que o Lama infando
Traz em dura oppressão... e além, nos mares,
Assombroso Tidor, Ternate ardente,
Que embalsamando estão um ceo fervente.

O aureo estreito passa, celebrado,
Onde eleva Sumatra a fronte austera;
Em frente se ergue, do contrario lado,
A terra adusta, onde Malaca impera...
Ali, onde depois Affonso ousado,
Brandindo a espada justiceira e fera,
Sem mostrar-se oppressor, por modo novo
Na cabeça de um rei castiga um povo!

Logo aquem magestosa observa a entrada
Que faz ao mar o Ganges sacrosanto,
Onde tem de elevar-se a decantada
Potente Calcutta, da Aurora espanto!
Do temivel bretão a horrenda espada
Fará sobre o Mogol estrago tanto,
Que hãode rios correr tintos de sangue,
Nos pagodes Bramá julgar-se exangue.

Vê mais Coromandel que inda hade um dia
Sobre a plaga sentir Madrasta ingente,
E a santa casa onde Thomé fazia
Milagres, por mercê de um Deus potente:
Nem lhe escapa a que teve a primazia
Entre as ilhas gentis do rôxo Oriente,
Balsamica Ceylão, onde um conflicto
Tem de honrar dois heroes, Coutinho e Brito.

Já sobre o Malabar campêa airoso,
As azas divinaes batendo asinha;
As terras vê do Çamorim poderoso
E a opulenta Canara visinha;
Doirada Goa, emporio portentoso,
Á sombra de Albuquerque inda não tinha,
A omnipotencia disputando aos numes,
Coberto de terror persas e rumes.

Ainda não tem a torreada Diu
Enchido de Sumano o imperio escuro,
Nem a altiva Cambaia inda sentiu
Ferreo Silveira, Mascarenhas duro;
Ormuz e Baçaim, Damão não viu
Galgar potente o portuguez seu muro;
No regaço da paz Meca inclinada,
A continuo terror não está prostrada.

Cruza o madido golpho que separa
D'Asia e d'Africa as praias estridentes;
Vê Mombaça, Melinde, e essa preclara
Ilhota de conchinhas reluzentes:
Passa a ponta avernal que se creara
Para terror das undivagas gentes,
E onde d'alta Ulyssea a musa inda hade
Cantar Colombo, ao som da tempestade! (1)

(1) O autor trabalhava na confecção da sua epopéa, quando esteve quasi perdido no Cabo da Boa Esperança, em 1835.

Já sobre o mar Athlantico, profundo,
Desprega as azas Cyllenêo contente,
Vê entre sombras, para a esquerda, um mundo
Que vae já franco ao outro ser patente:
Em busca do Ligure sabio e jucundo
Apressa mais e mais o vôo ingente;
Pelo hemispherio norte emfim passando,
Eil-o já sobre o lar do heroe poisando.

Tambem nos parece digna de ver-se a seguinte galeria de heroes do Novo Mundo, que a America apresenta em sonhos ao seu futuro descobridor.

Olha, e fita o primeiro que zombando
Parece estar do fado preeminente,
Compatriota teu, que não tocando
Antes de ti no vasto continente,
Com soberba fallaz vae arrogando
De tão preclara acção a gloria ingente,
A ponto de negar teu nome á terra
Que em negras sombras o occidente encerra.

Olha o busto d'aquem, que um genio ousado
Te mostra, em tudo, singular, famoso;
Balbôa o nome seu; enthusiasmado,
Por não vistos cantões trilha vaidoso:
Subindo ao maior cume alcantilado,
Entre as nuvens de ceo caliginoso,
O mar descobrirá placido e brando,
Que outro genio maior irá sondando.

Eil-o d'além, que impavido, atrevido,
De um volver de olhos abrangendo a terra
Tendo ao tumido mar audaz vencido,
Em longinquo paiz soberbo aferra;
Havendo em novo oceano emfim surgido,
De antipodas as duvidas desterra,
E enchendo de terror o mar profundo,
Primeiro, egual ao sol, dá volta ao mundo

Olha est'outro d'aqui, tambem é luso,
Queiroz, o grão Queiroz, que hade afanoso
Quasi ao polo chegar, onde, confuso,
Em vez d'agua, vê gelo pavoroso.
Olha mais um de merito inconcuso,
E Pizarro, o guerreiro portentoso:
Vê junto d'elle Almagro levantado...
Ah! que misero fim lhe guarda o fado!

Com respeito, Colon, o busto encara
De assombroso Cortez, que heroe seria,
Se o brilho de seus loiros não manchara
Com a mais feroz, cruenta tyrannia.
Cabral mira de cá, que sorte rara
Ao Ophir do occidente impelle, ou guia;
E junto d'elle attenta Ercilla o vate,
Que ora as musas invoca, ora combate.

Olha mais Orellana, que primeiro
O Amazonas navega destemido;
Esse rio caudal e sobranceiro
Que repelle na foz o mar temido.
Olha Cook, o famoso aventureiro,
Que da fera Albion tendo partido,
Hade em fraco baixel, qual sol luzente,
Tres vezes descrever orbita ingente.

D'esta parte Vieira enxerga, ousado,
Que a Hollanda e o Brazil enche de espanto;
Eis seu digno rival d'este outro lado...
Washington immortal só pode tanto!
Vê mais Caramurú, que ignoto fado
Faz ser merecedor de epico canto;
E se o sabio te apraz, o gallo encara
Que ao nivel vendo o ceo, só então pára.

Porém o deprimir seria um crime
A gloria do mortal que assombra o mundo!
Vês este a quem Phaetonte a côr imprime?
É Dias portentoso, furibundo.
D'este sacro logar jámais se exime
Aquelle que em acções se vê fecundo:
E branca ou negra côr mero accidente...
Estatua lhe ergo aqui d'ebano ingente.

Vê mais La Maire, Chabot, Hudson valente;
Vê Francia, Bolivar na guerra ousado;
Las Casas singular, Franklin prudente,
Sabio Andrada, Dom Pedro sublimado;
Quem ha ahi que da abobada luzente
Tenha o numero de astros já contado,
Esse conte os heroes de Apollo e Marte
Que inda hãode abrilhantar a Ocidua parte.

O segundo canto do poema trata dos preparativos da empresa, conquista de Granada, e saída das tres naus *Santa Maria*, *Pinta* e *Nina* do porto de Palos. No terceiro canto, proseguindo a viagem da descoberta, encontra-se a descripção de um temporal, e as manobras de bordo, talvez com superabundancia de termos technicos; d'esse episodio copiaremos duas oitavas, escriptas com fogo, posto que conheçamos o hyperbolico das suas imagens.

Eis ribomba o trovão, que susto inspira,
Nuncio do raio, pela senda horrivel;
Os espaços do ar por onde gyra,
Crestando vae com o fogo inexhaurivel:
O mar espuma de raivoso, e em ira
Querendo ver do ceo seu reino ao nivel,
Com vagas furibundas salva os mastros,
Chega quasi a apagar a luz dos astros.

Emtanto aos remessões o lenho errante
Ergue-se além das nuvens um momento,
Rasga do ultimo ceo o veo brilhante
O tope, a querer tocar no firmamento:
Agora desce ao pégo devorante,
E o fundo observa ao humido elemento;
Com pasmo a gente vê... oh maravilha!
Por tres vezes roçar no Averno a quilha!

No quarto canto encontra o heroe a ilha Athlantida de Platão, e vê-a submergir-se, deixando-lhe a passagem livre para a America, aonde chega. O quinto canto abre assim:

Qual a agulha polar, que buliçosa
Gyra a um lado e a outro, inquieta, errante,
E nos seus movimentos duvidosa,
Busca o arctico polo ver diante;
Mas logo que o divisa pára airosa,
Extatica ficando n'um instante...
Arcano que inda a natureza occulta,
Mysterio que nas sombras se sepulta!

Assim o nosso heroe ao ver a bella
Perspectiva do porto desejado,
Contempla extasiado e absorto aquella
Terra da promissão que havia achado:
Ah! que faria o vencedor de Arbella,
Que, porque um mundo só tinha encontrado,
Outr'ora já chorou, se visse ufano
Novo mundo surgir do vasto Oceano!

No sexto canto acha-se uma descripção da Europa, imitada dos *Lusiadas;* no setimo os amores de Colombo com uma indiana; o oitavo e nono não estão completos, e o decimo e ultimo termina assim:

Entanto no baixel o heroe fendia
Do velho Oceano o dorso prateado:
A terra no horisonte se escondia,
Deixando só patente o mar salgado:
Té que surgiu no oriente o dia
Em que pôde de rosto levantado,
Dizer ao rei de Hespanha, nos seus lares:
«Dou-te esse mundo, que encontrei nos mares.»

F. M. Bordalo.

HISTORIA DOS AMULETOS.

A palavra *amuleto* serve para designar os objectos que se trazem pendurados no peito, aos quaes se attribue a propriedade de livrar quem os traz, ou de dôres e enfermidades, ou de desgraças e infortunios. Da palavra latina *amuleta*, originariamente *amoleta*, que Vossius deriva de *amoliri* (apartar, afastar) procede a palavra amuleto.

Quando uma pessoa naturalmente credula e supersticiosa se encontra livre de grande perigo; quando repentinamente desappareceu alguma profunda dôr, ou sobreveiu um feliz successo que arrancasse da miseria a pessoa favorecida, poucas vezes o seu espirito attribue estes varios acontecimentos á sua verdadeira causa. Em logar de ver n'estes acontecimentos o resultado do encadeamento de circunstancias; o concurso de successos produzidos por outros anteriores; uma reacção em virtude das leis physiologicas; ao contrario julgará que são consequencias devidas a causas inteiramente estranhas, e attribuirá a producção d'estas vicissitudes, a que pelo seu imprevisto caracter dá uma certa appa-

rencia milagrosa, a um objecto que no fundo é completamente indifferente. Quando se misturam crenças religiosas, as preoccupações costumam ser mais arraigadas e perigosas; como que a ignorancia das causas reaes é profunda, e a imaginação pobre dos supersticiosos não alcança a razão das coisas, os erros são mais funestos. A crença na virtude dos amuletos é uma grosseira superstição, fructo da ignorancia das causas reaes, e cuja persistencia é devida ás casualidades que algumas vezes parece confirmar a efficacia do seu destino.

O Oriente é a patria dos amuletos, bem como de todas as crenças que mais fortemente tem dominado o espirito humano. Os judeus conheciam os amuletos com o nome de *Tothaphoth*. Moysés, para destruir esta superstição do seu povo, ordenou que ou na mão, ou sobre a fronte pozessem preceitos copiados da lei; que os mesmos preceitos se fixassem nos umbraes das casas, e nos pilares das portas; substituindo assim por um costume moral que a toda a hora devia recordar aos israelitas os deveres que tinham a cumprir, aquella pratica supersticiosa. Este costume de levar porem escriptas nos vestidos sentenças tiradas do Pentateuco (*Tephillim*, como diziam os hebreus) prompto degenerou n'uma superstição religiosa absolutamente similhante á que Moysés quizera desterrar; não tardou em se lhes attribuir uma virtude material e intrinseca, que os transformou em verdadeiros amuletos. As mulheres dos judeus tambem usavam certas alfayas que acreditavam como preservativos poderosos. Os *lekhaschim*, ou figuras das serpentes de que falla Isaias, entravam n'este numero: tinham a propriedade de afastar os maus espiritos e livrar de animaes venenosos. Em geral suppunha-se pelo principio *similia similibus*, que as imagens dos animaes maleficos conjuravam os animaes que representavam. A crença que fazia as mulheres judias usarem estes amuletos, obrigou Moyses a erigir a serpente de metal para curar os que eram mordidos por estes reptis.

No tempo de Jesus Christo, o uso dos amuletos e encantos estava muito em voga entre os hebreus. Attribuia-se a Salomão a composição de alguns que se consideravam mais poderosos. Diz o historiador Joseph que com elles se conjuravam os maus espiritos, e se preservava de enfermidades. Similhante superstição provinha evidentemente dos antigos persas, entre os quaes os *tahvids*, ou *taahvids* representavam o mesmo papel. Applicavam-se tambem sobre diversas partes do corpo para se livrarem de differentes males. O que autorisa tal similhança, é, que estes *tahvids* se faziam em nome de *Feridoun*, celebre rei cuja historia offerece mais analogia com a de Salomão.

Os amuletos, propriamente ditos, foram pouco usados entre os gregos e romanos. Os primeiros traziam algumas vezes anneis magicos para se curarem de certas enfermidades; empregavam como encantos ou talismans certos objectos. Hervas reputadas magicas tinham propriedades analogas, e por isso cingiam com ellas as fontes da cabeça, como o lembra Virgilio na egloga setima. Por isso usavam tambem collares de certas conchas e coral, que penduravam ao pescoço das creanças.

Tarde foi porém que esta pratica se introduziu entre os gregos e romanos. Na epoca imperial foi que principalmente se vulgarisou o seu uso. Vieram acompanhados das doutrinas orientaes. Os gnosticos, que foram os introductores das crenças asiaticas no Occidente, davam muita fé á virtude dos amuletos. Na Persia, na Syria, e no Egypto foi onde se contrahiram tão supersticiosos costumes. Os cylindros persepolitanos, e as figuras que se encontram nos sepulchros egypcios, eram de certo amuletos, e os israelitas acostumaram-se ao seu uso emquanto estiveram na terra de Pharaó.

Os arabes, a cuja raça os hebreus pertencem, são muito supersticiosos, e até usam cobrir o corpo com sentenças do Alcorão, e trazer anneis com pedras preciosas, e varios objectos que imaginam ter virtude de curar enfermidades, expulsar demonios, e destruir os maus effeitos dos encantamentos.

Os persas fazem uns saccos pequenos dentro dos quaes encerram sentenças copiadas do Alcorão. Estes amuletos trazem-n'os ao peito, no pescoço, e até no braço; e mesmo os penduram nos animaes para os preservar de maleficios e enfermidades.

A maior parte dos musulmanos da India trazem ao pescoço, no turbante, no braço, ou no pulso o *Ism*, palavra sagrada escripta n'alguma placa de metal, ou pedaço de porcelana, ou em papel, ou bordada n'um pedaço de *kumkhwab*, que é uma seda tecida com flores de oiro e prata.

Os tartaros, chins, e os brahamistas usam tambem amuletos. Os buddhistas da ilha de Ceylão applicam nas partes do corpo, onde sentem dôres, figuras de demonios, e acreditam piamente que se curam com estas cataplasmas de nova especie.

Tambem os christãos adoptaram o uso dos amuletos. Poderiamos citar os concilios de Laodicéa, Ancira, Carthago e outros que prohibem taes usos, e condemnam taes superstições; porem limitar-nos-hemos a dizer que a Egreja sobre este ponto já deu terminantemente o seu parecer.

RELAÇÃO DAS COISAS QUE ACONTECERAM EM A CIDADE DE ANGRA, ILHA TERCEIRA, DEPOIS QUE SE PERDEU EL-REI D. SEBASTIÃO EM AFRICA.

Continuação.

XCIII

Do que succedeu a Marco Antonio, secretario de Manuel da Silva

Marco Antonio parecia de nação italiano, e

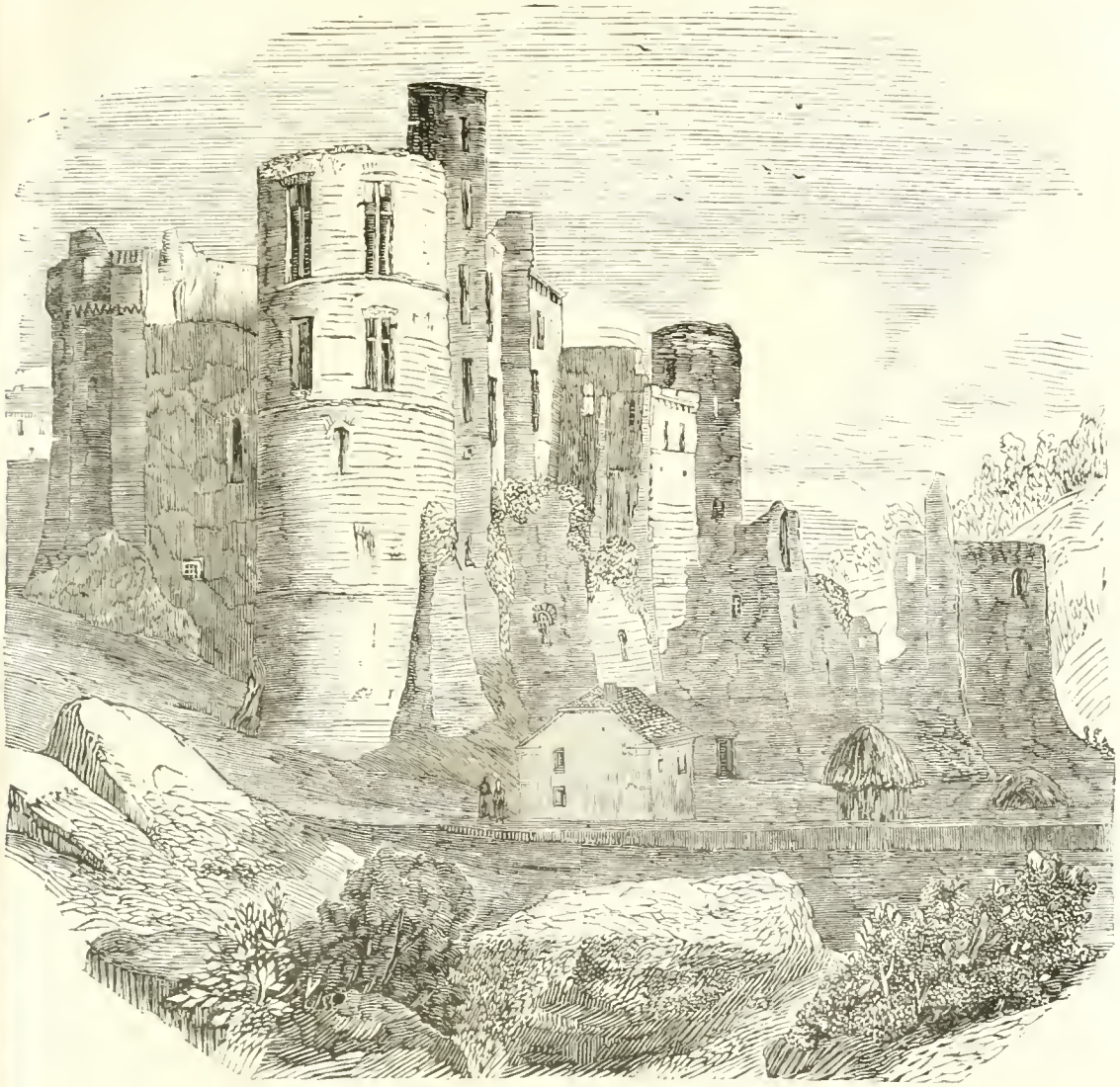
fallava muito bem portuguez. Este homem era secretario do conde Manuel da Silva, e muito seu mimoso. Elle tinha escondido o dinheiro e peças do dito Manuel da Silva, e foi chamado por um capitão castelhano, e o não conhecia porque se mudavam os homens e trajos de ratinhos, e não faltavam malsins que por pouca cousa os descubriam, e os castelhanos os amarravam com as mãos detraz e os levavam ante o auditor geral, e o marquez, e seus capitães, como eu vi vir um fidalgo, por nome D. Manuel, e amarrado com as mãos detraz, e descalço ante o auditor, e d'ahi foi preso para as galés. Este Marco Antonio assim foi tomado demudado: perguntando quem era diceram ao capitão, que era Marco Antonio, secretario de Manuel da Silva. Ordenou de lhe dar tormentos, que confessasse onde estava o dinheiro, e o haver que tinha Manuel da Silva. Antes que lhos dessem confessou, e o foi mostrar. Recolheu o capitão, e folgou muito, e lhe deu os vestidos seus, e o largou. Quando o marquez soube que Marco Antonio estava na cidade mandou-o logo ir perante si, e lhe dice que entregasse o dinheiro de Manuel da Silva, ou dicesse onde estava, senão que lhe havia mandar dar tormentos. Dice-lhe Marco Antonio, que um capitão, morador na rua da Conceição, desta cidade, o tomara, e lhe começára a dar tormentos, e que temorisado delles lho descubrira e entregara, e que estava senhor delle. Ficou o marquez apaixonado: mandou logo chamar o capitão, e perante Marco Antonio lhe perguntou, e mandou que entregasse logo tudo, que não era seu, nem lhe tocava, porque além de serem passados os tres dias do saque, que tocava a sua magestade, que logo o fosse entregar. O capitão deu as razões que lhe pareceu, negando que Marco Antonio lhe não dera dinheiro. Mandou-o o marquez prender, dizendo que lhe havia dar grandes tormentos. Levou-lhe Marco Antonio testemunhas como o deu. Não quiz o capitão esperar os tratos, entregou tudo dizendo que a culpa fôra sua não matar Marco Antonio. Poz-se em cobro o ditto Marco Antonio, e o marquez mandou ao capitão o segurasse, e assim o fez o capitão, e mandava que andassem guardas com elle té que o ditto Marco Antonio se embarcou, e dizem que se foi nas galés, sem mais apparecer té hoje. Dizem que de Sevilha se foi para as Indias de Castella, e nunca mais houve delle novas.

XCIV.

Do que aconteceu a Melchior Gonçalves com o marquez.

Tinha sido nesta cidade um Antonio Soares muitos annos feitor da alfandega por el-rei D. Sebastião, e neste tempo havia feitor do contracto, e as feitorias eram de grande proveito. Este Antonio Soares era homem solteiro, não tinha gasto algum, ajunctou alguns onze mil cruzados em bom dinheiro. Tinha por muito seu amigo a um Melchior Gonçalves, mercador, e se fiou delle, dizendo-lhe que lhe havia esconder aquelle dinheiro, que buscasse aonde. Fez o ditto Melchior Gonçalves uma parede falsa, e entre ella e um secreto metteu o dinheiro. Tanto que o marquez esteve na cidade perguntou pelos feitores d'el-rei, assim pelos que tinham servido, como pelos que serviam. Elles estavam escondidos, não queriam apparecer. Diceram ao marquez que o ditto Melchior Gonçalves era grande amigo de Antonio Soares, o qual podia dar razão delle. Mandou-lhe o marquez que dentro em tantos dias désse razão delle, senão que por elle o havia de haver. Veiu o pobre temorisado e triste, e imaginativo, e veiu ver a sua casa, e achou nella soldados, os quaes andavam cavando toda a casa como faziam a muitos, e fizeram, que té os telhados viraram e forros de casas. O tempo que lhe dera o marquez ia-se acabando, e elle não sabia do ditto Antonio Soares seu amigo, e ainda que o soubera não havia fazer o tal, nem dal-o á prisão. Elle imaginava se lhe dariam os soldados com o dinheiro, e para lhe dizer que eram acabados os tres dias de saque, que não cavassem, era avisal-os, porque o marquez esteve 22 dias na cidade e em todos não havia que despedir soldados das casas, té que se embarcaram. Elle para commetter partido com os soldados que partiriam pelo meio o dinheiro, era peor, porque, descuberto, haviam de o matar, e tomal-o todo, e enterral-o como fizeram a muitos. Deliberou-se a se remir com elle para com o marquez, porque tambem lançou entre si conta, que se os soldados das casas déssem com elle, que Antonio Soares o não havia de crer, senão que elle o tomara, e que fingia aquillo. Foi se ter com o marquez no ultimo termo e lhe dice: *V. S. saberá que eu não posso ter noticia de Antonio Soares, nem sei onde é botado, nem escondido, mas eu sei onde estão onze mil cruzados seus em bom dinheiro, que se fiou elle de mim. V. S. faça nisto o que for servido, porque assim como descubro o dinheiro descubrira a elle, porque não sei se é morto se vivo, e sei que não tinha outro mais, e estes tinha junctos para elle e para dar suas contas.* O marquez em lhe ouvindo isto o abraçou, e lhe fez muita festa, promettendo-lhe mercês; e logo mandou um capitão e um seu secretario em busca do dinheiro. Quando os soldados que viviam nas casas viram o tal, ficaram mortos, dizendo que já determinavam furar todas as paredes das casas. E levaram o dinheiro todo, e o ditto Antonio Soares dizem que se embarcou ás escondidas, e que quando em Lisboa soube do dinheiro, que morreu de nojo. Isto se contou publicamente nesta cidade de Angra.

O passo mais arriscado da vida é o casamento; elle dá um anjo, ou um demonio; traz a paz, ou a guerra; conduz ou á habitação das graças, ou á das furias.



CASTELLO DE BEAUFORT.

O castello de Beaufort, no grã-ducado de Luxembourg, era antigamente uma das mais vastas e importantes habitações feudaes da Belgica. Hoje ainda as suas pittorescas ruinas dão elevada idéa da antiga magnificencia. Ignora-se a epoca da sua primeira construcção, que deve remontar ao seculo decimo-terceiro. Ao lado d'estas ruinas eleva-se um castello moderno que data do decimo-setimo. Deve a fundação ao general Beck, que, saido das classes mais inferiores da sociedade, chegou, unicamente por seu merecimento, aos cargos de barão, marechal de campo dos exercitos imperiaes, e governador do ducado de Luxembourg e do condado de Chiny. O illustre guerreiro morreu em Arras, em 1648, das feridas que recebera na batalha de Lens.

A destruição do castello de Beaufort é de recente data. Era ainda uma praça forte importante no seculo decimo-setimo, e até 1820 a maior parte das casas conservaram o telhado.

A familia Beaufort deu um grã-mestre á ordem Teutonica, e muitos senescaes e governadores á provincia. Em 1393, a terra de Beauford, que formava um dos quatro condados do Luxembourg, foi confiscada por Filippe II pelo crime de traição.

Tendo o senhor de Beaufort, em 1590, tomado parte na rebellião do principe Mauricio de Nassau, foi degolado: seus bens, dados a Pedro Ernesto, conde de Mansfeldt, passaram por successão á casa de Bois-Moulin, que os vendeu ao barão de Beck por 60000 florins. O conde

de Briey de Claireau comprou-os aos herdeiros do general. Mais tarde, pertenceram ao barão de Tornaco, que deu por elles 80000 florins. O condado de Beaufort pertence hoje ao conde de Liedekecke, antigo marechal do palacio de Guilherme I, rei dos Paizes-Baixos.

VIAGENS DE BECKFORD A PORTUGAL.

CARTA XXIV

A SÉ — O CONVENTO DOS CAETANOS — O POETA BOCAGE.

8 de Novembro de 1787.

Verdeil e eu ralhavamos das calçadas desconjuntadas indo esta manhã no meu coche tosco de viagem com o objecto de fazer exercicio: o pretexto da nossa digressão era vermos uma notavel capella embutida de jaspe e lapis-lazuli, na egreja de S. Roque; mas, quando chegámos celebravam-se tres ou quatro missas, e não havia uma creatura assaz desoccupada para correr a cortina que cobre o altar, de maneira que voltámos com cara de parvos.

Não tendo ainda visto a cathedral, ou egreja da se, como lhe chamam em Lisboa, nos encaminhámos para aquelle bairro. É um edificio de dimensões nada maravilhosas, estreito e sombrio, sem comtudo ser respeitavel. O terremoto reduziu a pó as suas magnificencias, se é que as teve, e tão espantosamente despedaçou as capellas de que está incrustado, que mui tenues vestigios se podem perceber de terem feito parte de uma mesquita.

Postoque não fosse movido de esperança de grandes coisas, apesar das descripções das viagens e obras topographicas, que como os livros do pariato e de linhagens tem affectuosa inclinação para figurarem ser alguma coisa o que na realidade esta mui proximo do nada, indaguei, segundo faz o viajante diligente, pinturas e ornatos de altares, e os tumulos, e não posso blazonar de descoberta alguma. Certo, não despenderiamos muito tempo com o que por ali havia; mas, os padres e sachristães pegaram de nós insistindo que de novo examinassemos o recanto do vão de uma escada, onde estão para se beijarem e venerarem os signaes dos dedos de Santo Antonio. Parece que o Santo vendo-se apertado pelo pae da mentira e origem do mal, por outra o perro Satanaz, gravou o signal da cruz n'uma parede do mais duro marmore, e assim poz ponto á tentação. Uma pequena pintura mui agradavel fica por cima da cruz milagrosa e memora a tradição.

Tudo isto era assombroso; porem, nada em comparação com algumas historias relativas a certos corvos sagrados. — Existem os mesmos passaros», disse um sachristão. — «O que! (retruquei-lhe) os proprios que acompanharam S. Vicente?» — «Exactamente não, (foi a resposta segredada ao ouvido) mas os seus immediatos descendentes.» — «Muito bem (lhe disse); ainda n'esta tarde, querendo Deus, virei fazer-lhe os meus comprimentos e em boa companhia: por agora, adeus.»

O ponto onde em seguida nos dirigimos foi o convento dos theatinos. Demos uma vista d'olhos á livraria, que ainda jaz na mesma confusão em que a deixou o terremoto, metade dos livros tombados uns sobre os outros em montões pulverulentos. Um frade esperto e activo, que me disseram ter escripto uma historia da Casa de Bragança ainda não impressa, guiou os nossos passos n'este cahos de litteratura, e depois de procurar meia hora algumas viagens curiosas que desejava mostrar-nos, levou-nos á sua cella, e chamou a nossa attenção para um gabinete de medalhas que com sua diligencia e alguma despeza havia colligido.

Não sentindo em mim vocação para investigações numismaticas, deixei Verdeil com o frade abarbados com algumas legendas duvidosas, e fui recrutar de improviso quem me acompanhasse a ver os corvos sagrados. Encontrei primeiro o abbade Xavier, depois o famoso missionario prégador da Boa-Morte, logo o grão-prior, e por ultimo o marquez de Marialva; D. Pedro pediu que não o deixassem ficar de fóra, de maneira que fomos com o coche todo cheio, e eu conduzi toda a carrada a jantar em minha casa. Verdeil já estava de volta acompanhado do reverendo antiquario das medalhas, e tambem tinha arrebanhado o governador de Goa, D. Frederico de Sousa Calhariz, e o seu constante companheiro, um fanfarrão saboyano ou piemontez, por nome Lucatelli, e tambem um mancebo pallido, de compleição fraca, de olhar e modos excentricos, o sr. Manuel Maria, a mais fóra do commum, mas talvez a mais original das creaturas poeticas formadas por Deus. Succedeu achar-se n'uma d'aquellas disposições de espirito, de enthusiasmo e de exaltação, que á similhança do sol no pino do inverno brilham quando menos se espera; milhares de ditos agudos, de expansões de alegria zombeteira, de repentes satyricos, disparava-os de chofre, de modo que todos andavamos a tombos com riso; mas, quando começou a recitar algumas de suas composições, nas quaes a profundeza do pensamento se mistura com os rasgos mais patheticos, senti-me abalado, commovido. Em verdade pode dizer-se que este caracter extravagante e versatil possue a verdadeira varinha de condão, com que, a seu belprazer, anima ou petrifica.

Percebendo o quanto me attrahia, disse-me: — «Não esperava que um cavalheiro inglez se dignasse prestar alguma attenção a um versejador moço, obscuro, e moderno. Vós outros julgaes que não temos outro poeta senão o Camões, e que o Camões não escreveu coisa digna de

memoria senão os Lusiadas; e tem um soneto que vale metade dos Lusiadas. Nenhuma imagem da belleza campestre escapou ao nosso divino poeta; e quão sensivelmente se transportam da paizagem para o coração! Que encantadora melancolia, como os derradeiros raios do sol no occaso, se diffunde em toda aquella composição! Se eu valho alguma coisa, fez-me este soneto o que sou; mas que sou eu comparado com Monteiro? Julgae. Continuou elle entregando-me alguns versos manuscriptos d'este autor, de que os portuguezes são vehementes partidarios; postoque façam impressão, e sejam sonoros, devo confessar que o soneto do Camões e muitos dos proprios versos do sr. Manuel Maria me agradaram infinitamente mais; todavia é certo que eu não estou bastante iniciado na força e formas da linguagem portugueza para ser juiz competente.

O nosso jantar foi alegre e de bons convivas; a sobremesa o abbade apresentou uma immensa bandeja de fructas seccas e doces, que um dos seus cento e cincoenta protegidos lhe mandou, não me lembra de que exotica região. Todas estas iguarias elle reservava para nos mandar, querendo quasi empurral-as por nossa goela abaixo, como se fossemos perús e elle gallinheiro, cujo modo de vida dependesse de nos cevar bem. — Já vistes (disse elle) em parte alguma tão admiraveis producções? A nossa rainha tem milhares de leguas de pomares, e rochas de oiro e diamantes; as riquezas e fertilidade de seus dominios não tem limites, e tambem o mar, o proprio mar deve pertencer-nos, se vos apraz, pois que temos immensos meios para construcção naval, mastros de duzentos pés de altura, madeiras incorruptiveis, corajosos marinheiros. D. Frederico vos pode contar as proezas de alguns de nossos heroes ainda não ha muito tempo contra os gentios em Goa: os vossos John Bulls não são metade tão activos nem metade tão valorosos.

E assim foi por diante blazonando e ensurdecendo-nos. Em patrioticas jactancias e gabos nenhuma nação leva a melhor aos portuguezes, e nenhum portuguez ao abbade.

Afinal, evaporados estes louvores e gosos, partimos equilibrados nas azas da santidade a satisfazer nossa obrigação para com os corvos bentos. Desde tempo immemorial está consignada certa quantia para mantença de dois passaros d'aquella especie, e os achamos commodamente aquartelados n'um esconderijo da claustra adjacente á cathedral, bem nutridos, e de certo mui devotamente venerados.

A origem d'esta singular costumeira remonta ao tempo de S. Vicente, que foi martyrisado junto ao Cabo que tem o seu nome, e cujo corpo mutilado foi conduzido a Lisboa n'um baixel, acompanhado pelos corvos; e os seus algozes foram perseguidos por estas aves, que abandonaram d'esta vez seus naturaes instinctos, e investiram aquelles com estridentes gritos, tirando-lhe os olhos as bicadas (*). O navio e os corvos acham-se figurados ou esculpidos em todos os angulos da cathedral, e n'algumas laminas representam como brasão e perenne memoria de sua agudeza em descobrir os criminosos.

Já era tarde quando nós chegamos, e os plumosos santificados se tinham empoleirado tranquillamente; mas, os sachristães á espreita de que chegassemos, assim que nos viram, officiosamente os fizeram levantar. Como estavam nutridos, nedios, e lustrosos! A minha admiração por seu tamanho, plumagem, e retumbantes grasnidos, receio eu que me fez passar os limites do sagrado decoro; quando estendia a mão para afagar-lhes as pennas, o missionario reprimiu-me com um solemne olhar prohibitivo. Os mais da companhia, sabedores do ceremonial proprio, guardavam respeitosa distancia, em quanto o sachristão e um padre desdentado, curvo pelos annos, enfiavam um rosario de milagrosas anecdotas concernentes aos actuaes corvos bentos, os seus immediatos antecessores, e outros que em tempos remotos os precederam.

A todas estas sobrenaturaes narrações parecia o missionario estar attento com implicita fé, e nunca abriu os beiços em quanto nos demoramos na claustra senão para fortalecer a nossa veneração, e exclamar com pia compostura «*honrado corvo!*» Creio que estariamos até á meia noite, se não viesse um pagem de sua magestade chamar o marquez de M.. e o seu capellão.

Satisfeita a minha curiosidade pelo que tocava aos corvos bentos, facilmente me persuadiu o grão-prior a retirar-me e passear as ruas principaes para ver as luminarias por festejo do parto da infanta consorte de D. Gabriel de Hespanha, que deu a luz um principe. Era grande a multidão de ociosos que vagueavam pelos mesmos sitios e por isso andavamos com difficuldade, e por pouco esteve que não saltassem fora as rodas da nossa carruagem quando tentou abrir caminho um anachronico e arrevezado coche, pertencente a uma dignidade da sé patriarchal. Não tenho de que espraiar-me em louvores a respeito das illuminações: mas, alguns foguetes deitados do Terreiro do Paço causaram-me admiração pela altura a que subiram, e o extraordinario numero de transparentes estrellas azues que espargiram. Os portuguezes primam nos fogos de artificio, tendo gasto muito e muito dinheiro em levar á perfeição esta arte o fallecido, baboso, e beato monarcha.

Do Terreiro do Paço fomos á grande praça onde esta o palacio da inquisição; ahi achamos immensa multidão, a qual tres ou quatro prégadores capuchos apregoavam as glorias e illuminações do outro e melhor mundo. Teria prestado alguma attenção aos seus discursos, que pelas amostras que conheço seriam repassados de fogo e phrenesi, se o grão-prior com seu perpetuo medo de rheumatismo se não queixasse

(*) O A. aqui (como em outras coisas) falseia a tradição ou foi mal informado

do ar da noite; e por isso recolhemos a casa. Todos os aposentos estavam mornos com a evaporação das luzes de cera, que em boa fé se podiam chamar lavaredas; enfadado saendi a fumaça e abri as janellas. Saindo o grão-prior, veiu Polycarpo, o famoso tenor, que nos entreteve com algumas arias de vigor e pasmosa volubilidade antes da ceia, e durante ella em estylo egualmente professional com muitas anecdotas particulares da alta nobreza, e os principaes empregados, que de certo não lhes eram favoraveis. Tive tentações de estender o guardanapo sobre as aventuras dos corvos sagrados, mas a prudencia reteve o desejo; e assentaria mal a uma pessoa tão bem tratada pelos que os gabavam, trazer a terreiro similhantes assumptos com leviandade. M.

A CAUSA PORQUE OS MALVADOS ABORRECEM OS VIRTUOSOS.

Quando os homens viciosos chegam ao tempo da reflexão e do conhecimento de si mesmos; quando, procurando dentro em si, não encontram senão a tendencia para o bem estar pessoal; quando não teem o menor desejo de achar e de adquirir outra coisa, lançam os olhos sobre os entes da sua especie, e julgam observar que tambem n'elles não ha nada mais elevado do que esta mesma inclinação. Então firmam-se na idéa de que é essa a verdadeira essencia do homem, e desinvolvem em si esta essencia no mais alto grau por assiduo trabalho. Assim, tornam-se elles, aos seus proprios olhos, os homens mais distinctos e superiores, porque teem a consciencia de possuirem em si a virtualidade do verdadeiro valor do homem. Durante a sua vida, teem pensado e obrado assim. Mas se se tivessem enganado n'estas premissas do seu syllogismo; se em outros entes da sua especie apparecesse alguma outra coisa, incontestavelmente mais elevada e mais divina que a simples propensão para o bem estar pessoal, elles, que se haviam julgado até então os homens eminentes, seriam entes d'uma especie inferior, e em vez de se supporem acima de todos, como tinham feito até então, seriam desde logo obrigados a abater-se e despresar-se. Não podem pois fazer nada melhor do que atacar com furor a opinião de que alguma coisa ha mais nobre no homem, e todas as apparencias que podem dar-lhe algum fundamento. É preciso que elles façam o possivel para afastar e abafar estas apparencias. Pugnam pela sua vida, pela causa mais intima e mais profunda da sua vida; trabalham para a possibilidade de se tolerarem a si mesmos. O fanatismo e todos os seus furores, desde o principio do mundo, sairam d'este unico principio: *Se os meus adversarios tivessem razão, eu seria um perverso.* Se o fanatismo puder apoderar-se do fogo e do ferro, atacará o seu inimigo com o fogo e o ferro; se não puder, servir-se-ha da lingua, que, sem matar o adversario, lhe paralysa comtudo poderosamente a energia e a acção. Um dos enganos predilectos que a sua lingua põe a maior parte das vezes em pratica, consiste em dar um nome geralmente odioso ao que o não é senão aos fanaticos e perversos, afim de desacredital-o e tornal-o suspeito. O thesouro de reserva d'estes enganos e denominações é inesgotavel, augmenta continuamente, e não é possivel avalial-o.

SAUDADE.

. . . . . .

Que eu não queria de ti mais que adorar-te
Viver de ti, morrer n'esta illusão.

* * *

Saudade, que me does, não fujas, crava
O teu pungente espinho sem piedade;
Grava em meu coração, ó deusa, grava
Os bellos quadros da florida edade:
Eu quero padecer. D'est'alma trava;
Assombra-a de tristezas, ó saudade.
Cala-me os hymnos do fallaz futuro;
Traz-me o passado, e aquelle amor tão puro

Aquelle amor.... Não podem já dizel-o
Labios afeitos a mentir amores;
Recorda o coração o quadro bello,
Mas não podem pintal-o falsas côres.
A phrase é falsa, e vã, é vão desvelo
Querer d'arido peito haurir verdores.
Não sinto, não, por mais que o seio abra,
Ungir-me a fé a juvenil palavra.

Comigo estás, mulher, sempre comigo;
Em sonhos, és, qual foste, um anjo, um nume;
Brilha o sorriso no teu rosto amigo,
Ferem teus olhos da paixão o lume.
Não acha em nosso peito infausto abrigo
O Lucifer maldito do ciume:
Em sonhos, és, qual foste, o dom extremo,
Que dispensa, na terra, o SER SUPREMO.

E pude-te perder, thesouro immenso,
Apoz tamanha luta de incerteza!
E pude arrefecer o fogo intenso,
Fundindo n'elle a unica riqueza,
Que n'este mundo tinha.... Ai! quando penso
Que, n'este amor, senti mais que avareza,
Como Job na penuria transformado,
Suspeito que o SENHOR me ha castigado.

Recorda-te. Era o sol no occidente,
Beijavam-te seus raios moribundos.
Eramos dois, uma só alma ardente,
Voando d'este mundo a novos mundos.
O labio estava mudo; mas vehemente
Orava o coração: ambos jucundos,
Anhelantes d'amor, n'esse transporte,
Talvez a DEUS pedissemos a morte.

Pedimos, sim: tal foi nossa ventura
Que logo ali nos excrucia o medo
Do breve instante que a bonança dura
N'este de prantos misero degredo.
Um nefasto presagio nos augura
A nossa doce crença a morte cedo:
Nos extremos da dôr, ou da alegria,
Pede-se a campa como a eu pedia.

Por que te amei eu tanto, se era crime
Que o meu amor egoista e delirante
Calcasse a impia lei que te reprime
Pulsar no peito o coração amante?
Se a mão do homem n'essa fronte imprime
De serva humilde o stygma aviltante.
Por que fui eu, em louco amor acceso,
Fazer-te dos grilhões sentir o peso?

Querida, o teu viver era um lethargo:
Nenhuma aspiração te atormentava:
Afeita ja do jugo ao duro cargo
Teu peito nem sequer desafogava.
Fui eu que te apontei um mundo largo
De novas sensações; teu peito anciava
Ouvindo-me contar entre caricias
Do «livre» e ardente amor tantas delicias.

Não te mentia, não. Sentiste-o, filha,
Esse amor infinito e immaculado,
Estrella maga, que, incessante brilha,
Da alma pura ao casto amor sagrado:
Affecto nobre, que jamais partilha
O coração de vicios ulcerado.
Não sentes, nem recordas já, sequer?
Quem d'este amor te despenhou, mulher?!

Eu não! Se muitos crimes me desluzem,
Se póde trasviar-me o seu encanto,
Ao menos, uma só não me recusem,
Uma virtude só: amar-te tanto.
Embora injurias contra mim se cruzem,
Cuspindo insultos n'este amor tão santo,
Diz tu quem fui, quem sou, e se é verdade
O opprobrio aviltador da sociedade.

Eu disse-te: «Este amor não te condemna,
Perante DEUS, perante a consciencia;
Podes o mundo encarar serena,
Qual virgem soberana de innocencia,
O remorso cruel não te envenena
O sentimento d'esta «eterna ausencia»;
Se, porventura, de ti fôr olhado
Não volverás o rosto envergonhado.»

Não é verdade, pois, irmã querida,
Que não houve mulher mais adorada?
Escuta o coração: viste na vida
Consagrar-se affeição mais recatada?
Conheces que jámais foste trahida,
Nem podes ser com outra confrontada?
Sabes o que é amor profundo e eterno,
Que foi meu ceo, e me é hoje inferno?

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

BAMPFYLDE MOORE CAREW

REI DOS GYPCIOS OU BOHEMIOS.

Este homem nasceu em 1693, em Bickley, no Devonshire. Era filho do reitor da parochia: sua familia, antiga e respeitavel. O seu baptismo foi uma solemnidade notavel no paiz: toda a nobreza dos arredores tomou por dever assistir a elle

Na edade de doze annos, foi mandado a escola de Tiverton, onde travou amisade com muitos jovens fidalgos do Devonshire e dos condados visinhos. Durante os primeiros quatro annos dos estudos, distinguiu-se por sua applicação. Podia-se esperar que viesse a ser homem virtuoso e de merito superior; não era porem esse o seu destino. Tendo-se de repente apaixonado pela caça, entregou-se-lhe com tal ardor, em companhia de tres de seus condiscipulos, que começou depressa a descuidar-se dos seus trabalhos escolares e arriscou-se em muitas empresas más.

Um dia, os quatro estudantes fizeram consideravel estrago em uma seara; os rendeiros foram queixar-se ao director de Tiverton. Carew e seus amigos, para fugirem ás consequencias da sua loucura, commetteram outra maior: uniram-se a um bando de dezoito bohemios e bohemias que passava, e desappareceram com elles.

Carew fez-se em breve notar pela sua rara habilidade em todo o genero de destreza e gatunice, unicos meios de vida d'estes vagabundos. Entretanto a familia, ignorando tudo, deplorava a sua perda, e, para descobril-o, fizera publicar um aviso que chegou ao seu conhecimento. Mudou então de vestuario, veiu ver seus paes, sendo recebido com transportes de ternura; mas elle costumara-se ás agitações d'uma vida infame e criminosa entre os bohemios, e depressa abandonou outra vez a casa paterna. Começou desde então a zombar da credulidade publica e a exploral-a com o auxilio de diversos disfarces. Uma vez, representava um pobre marinheiro victima de naufragio; outra vez, um rendeiro da ilha de Sheppey, no condado de Kent, empobrecido pelas inundações. Em Newcastle, apre-

sentou-se como patrão d'um navio, raptou a filha do boticario mais rico da cidade, e foi casar-se com ella em Bath. Teve então a audacia de visitar um de seus tios, homem muito respeitado em Dorchester. Em seguida, disfarçou-se em ecclesiastico, dizendo ter muito tempo preenchido as funcções do seu ministerio em Aberystwith, no paiz de Galles; «mas, dizia elle, não quizera prestar o juramento exigido pelo novo governo.» O seu porte digno e piedoso, o interesse da sua conversação, faziam-no admittir nas melhores casas e viver abundantemente á custa do publico.

Por este tempo, o naufragio d'um navio, que devia transportar os quakers a Philadelphia, produziu grande sensação em Inglaterra. Carew aproveitou esta circunstancia, mudou de traje, e, apresentando-se aos quakers como um dos raros individuos escapos ao desastre, arrancou-lhes, por algum tempo, dinheiro e lagrimas. O rei dos bohemios d'Inglaterra, Clause Patch, muito edoso n'esta epoca, quiz vêl-o, e teve com elle frequentes conferencias. Carew aprazia-se em interromper de tempos a tempos a corrente de suas fraudes para se confundir com as pessoas de bem, e ter parte nos seus prazeres, sem commetter delicto algum. Introduziu-se assim em casa do coronel Strangewasy, em Melhury, e acompanhou-o muitas vezes a caça.

Certo dia, fallou-se de Carew e dos seus celebres disfarces. O coronel propoz apostar que nunca seria logrado por similhante homem. Carew apostou; e uma manhã veiu, vestido de mendigo, á porta do coronel. Elle parecia tão velho, tão doente; chorava e queixava-se de modo tão pathetico, que os criados imploraram para elle a caridade de seu amo. O coronel desceu, e, depois de ter conversado com o mendigo, sentiu-se tão commovido, que lhe deu meia corôa. Na tarde d'esse dia, Carew, elegantemente vestido, e jantando com o coronel, tirou da algibeira a meia corôa, e deu-se a conhecer.

Como é que pessoas de bem não tomaram como um dever entregar este miseravel á justiça em vez de se admirarem e rirem das suas astucias? E o que difficilmente se comprehende hoje.

Por morte de Clause Patch, os bohemios dos tres reinos elegeram Carew para seu rei. A eleição foi conhecida de todo o mundo, e é ainda objecto de surpresa. Este supremo grau do vicio e do crime teve para Carew todo o encanto que teem para outros as verdadeiras corôas que os povos dão ou permittem que se acceitem. Seus parentes, e amigos, rogaram-lhe que abandonasse a realeza, offerecendo-se para assegurar-lhe uma fortuna: elle recusou, e começou a desinvolver tal variedade de velhacadas, que a historia d'ellas desde então, encheu tres quartos d'um volume que foi muito tempo popular.

Nota-se como singularidade que este homem tomasse grande affecto a um pequeno cão, e o trouxesse d'ordinario nos braços, muitas vezes mesmo quando podia ser um perigo para elle.

Carew morreu em 1770, com setenta e sete annos de edade.

INDUSTRIA FABRIL.

MEIAS.

São mui notaveis e dignos de uso geral os novos teares para manufacturar muitas meias ao mesmo tempo, aperfeiçoados por mr. Brocard (Joseph Nicolas), de Troyes (Aude), que para elles obteve privilegio d'invenção.

Aquelles aperfeiçoamentos consistem n'uma disposição particular, que permitte fabricar no mesmo tear as dimensões da barriga da perna, do calcanhar, e da biqueira; ao passo que até agora se era obrigado, depois de feita a barriga da perna, a transportar a meia, ainda não acabada, a outros teares, dispostos especialmente para operar a diminuição dos calcanhares e das biqueiras, o que occasionava perda de tempo e de mão de obra, e por consequencia augmento de despeza, que é preciso evitar.

Em primeiro logar mr. Brocard modificou a disposição do logar do governo do tear, com o fim de tornar a acção não só mais commoda, mas tambem mais facil.

Tudo o mais assenta n'um novo systema de barras moveis.

Cada uma das disposições da barra se compõe d'uma barra susceptivel de se aproximar ou afastar dos encaixes, sobre os quaes correm longitudinalmente outras barras mais pequenas, andando em sentido inverso uma da outra, e levando os ponteiros.

Estas barras são movidas ou por conchas, ou por hastes dentadas, ou pelo mechanismo *Delarothiere*, etc.

O governo do tear tem logar pelo meio d'uma haste em cotovello, que sustenta uma roldana fixa, e uma roldana movel, assim como um rolante; mas que se pode mover á mão, e para este fim, em logar de fixar sobre esta parte as conchas suscitando os diversos movimentos do tear, a primeira haste ou barra tem duas curvas, e na sua extremidade uma roda fixa, que move por outra roda uma haste de conchas.

A barra de duas curvas permitte ao operario parar ou pôr em movimento o tear em todas as posições. Além de commodidade ha economia de tempo sempre que o operario pode parar o tear ou movel-o, sem ser obrigado a vir ao meio d'elle, como precedentemente. A haste de conchas annexa, é uma addição necessaria, depois da suppressão do exercicio das conchas sobre a haste curva.

Não descreveremos a marcha das platinas e dos orgãos, que formam a malha: observaremos unicamente, que a nova disposição permitte ao tear ser mais conjunto, menos incommodo, e ás differentes peças funccionarem no interior d'elle.

As alavancas curvas, que faziam parte do

mecanismo da diminuição, foram substituidas por barras moveis de diminuição. A parte superior do tear tem, como ordinariamente, uma barra ou porta-fusos, que e carregada de fusos, que fornecem o fio necessario á formação da perna e da palmilha. O tear contém mais (e isto constitue uma innovação mui importante) uma segunda barra ou porta-fusos, sobre a qual estão montados os fusos, que servem a confecção dos calcanhares e biqueiras, como se verá pela sequencia d'esta descripção. O numero d'estes ultimos é duplo do dos precedentes. Diante de cada uma d'estas duas ordens está um guia porta-fio.

Para a formação dos calcanhares n'este mesmo tear, juntou mr. Brocard ao antigo systema: 1.° um porta-fusos superior, e um dos guia-fios, de que se acaba de fallar: 2.° um porta conductor de fios, que distribue o fio dos fusos de uma das barras para a formação da perna e da palmilha: 3.° reguladores do movimento para a confecção dos calcanhares — reguladores que consistem em uma chapa, fazendo de mola, e apoiando-se sobre a barra, que n'estes logares forma hastes dentadas, cujo numero no novo tear é de duas.

Uma das barras com conductores quando está em descanso, e são os outros conductores que trabalham para a formação da perna ou da palmilha, colloca-se sobre ganchos situados em qualquer ponto conveniente do tear. Quando porem é chegada a vez d'essa barra funccionar, põe-se parallelamente a outra, com a qual se torna solidaria por meio de ganchos. O movimento então é regulado por uns reguladores proprios, ou peças de molas.

A barra de ponteiros, que até aqui era movel, isto e, que se tirava do tear quando não servia, para depois a reporem, o que occasionava mui grandes perdas de tempo, está agora collocada permanentemente no tear, sustentada por meio de columnas por uma haste quadrada, que e tambem armada em almofadas. Esta barra, alem d'isso, e munida de mais uma alavanca, por meio da qual a fazem manobrar, isto é, aproximar ou afastar os ponteiros dos encaixes. Uma barra com ponteiros serve para as diminuições; e esses ponteiros chegam-se ou afastam-se um do outro por meio de conchas graduadas na circunferencia.

Para fazer os calcanhares usa-se da barra que distribue o fio. Um gancho produz sobre ella o mesmo effeito que ja outro produzia sobre a outra barra dos outros conductores; isto e, retem-na suspensa em quanto a malha se forma.

Para a formação das biqueiras utilisa-se a mesma barra de ponteiros, accrescentando-se-lhes outros, tendo um numero de agulhas illimitado, para lh'os poder applicar, conservando as agulhas que já existiam, e que, como já dissemos, servem a fazer as diminuições da perna e do calcanhar, assim como as barras moveis em que estão fixados estes ponteiros.

Todos elles, para que se não embaracem uns aos outros, são partidos e munidos cada um de uma charneira, que permitte dobral-os ou endireital-os á vontade.

As conchas são montadas sobre uma haste, que tem uma roda dentada que faz o officio de roda de roquete, nos dois sentidos. Uma alavanca oscilla sobre a barra por meio d'uma haste, que o operario faz andar por meio de uma pega, e cuja carreira, quer n'um quer n'outro sentido, é limitada por umas golas. A extremidade superior d'esta haste tem duas taramelas, trabalhando uma para a esquerda, outra para a direita: cada uma d'ellas em logar de cair livremente sobre os dentes da roda, e presa a uma pequena cadêa na extremidade da alavanca, que é sufficientemente grande e tem bastante alcance para dar impulso as cadêas, que devem desprender as taramelas, em caso de necessidade.

Resulta de tal disposição, que, conforme esta ultima oscillar da sua posição do meio para a direita ou para a esquerda, assim fara andar a roda n'um ou n'outro sentido (estando parada a taramela opposta) e os ponteiros se aproximarão ou afastarão, por effeito das conchas, e das molas que tendem a attrahil-as, de modo que se pode diminuir ou augmentar.

A addição dos ponteiros para fazer as biqueiras obriga a augmentar as divisões das conchas que servem a fazer as diminuições, ou mates, da barriga da perna e do calcanhar. Para as diminuições das biqueiras pode-se substituir a barra acima, por outra dentada e de pinhos que preenche o mesmo fim, e cujos pontos d'apoio são dispostos como os da primeira barra. Esta disposição supprime naturalmente as conchas.

A pega do meio existe sempre. Assim estas hastes dentadas, movendo-se em sentido contrario, aproximarão ou afastarão os ponteiros um do outro.

Podia-se ainda chegar ao mesmo resultado applicando ao novo tear o mecanismo *Delarothiere*, ou pouco mais ou menos outro similhante, cuja funcção, tal como a applicaram aos teares ordinarios, e bem conhecida.

Em resumo, os aperfeiçoamentos que mr. Brocard acaba de introduzir nos teares de meias, são os seguintes:

1.° Formação, por meios mecanicos, das pernas, calcanhares, e biqueiras, n'um mesmo tear.

2.° Disposição, para este fim, de duas barras de distribuidores, ou conductores de fio, das quaes uma não trabalha senão para os calcanhares, em quanto a outra trabalha para a perna, para um dos dois fios do calcanhar, e para a biqueira.

3.° Disposição de novas barras de ponteiros, com ponteiros de diminuição necessarios ás pernas, aos calcanhares, e ás biqueiras, para fabricar muitas meias ao mesmo tempo, n'um mesmo tear.

4.° Disposição de novos ponteiros de char-

neiras, que permittem recolher os ponteiros, que não devem funccionar em quanto os outros trabalham.

5.° Novos meios mecanicos para governar os conductores e as barras de diminuição, ou por conchas, ou por hastes dentadas, ou pelo mecanismo *Delarothiere*, applicado á formação simultanea de muitas meias.

* *

A CERCA INCULTA.

John Thelwall pretendia, em uma conversação com Coleridge, que se não deve procurar inspirar nenhuma opinião na alma das creanças antes da edade da prudencia, edade em que elles proprios podem discutir as idéas, e adoptal-as ou rejeital-as com conhecimento de causa. Sempre conversando, Coleridge o levou a uma pequena cêrca inculta no lado posterior da casa.

— Eis o meu jardim, lhe disse elle.

— O vosso jardim, exclamou Thelwall, está todo coberto de silvas e hervas!

— É verdade, replicou Coleridge, mas é porque elle não chegou ainda á edade da prudencia. Tem sido do agrado do terreno deixar-se cobrir de hervas; não tenho culpa; talvez em alguns annos lhe convenha preferir as flores e os fructos. Não quero impor-lhe um jardineiro.

RELAÇÃO DAS COISAS QUE ACONTECERAM EM A CIDADE DE ANGRA, ILHA TERCEIRA, DEPOIS QUE SE PERDEU EL-REI D. SEBASTIÃO EM AFRICA.

Continuação.

XCV

De como vieram as gales e caravelas do Fayal, e se foram.

Cuido que a dez dias, ou onze, do mez de Agosto, chegaram as galés e caravelas da ilha do Fayal, e bem cheias de fato e fazendas que se saquearam na ditta ilha, e nella deixaram duas ou tres companhias de presidio. E depois de chegadas ordenou o marquez de as mandar, antes que se mettesse o inverno; e nellas mandou alguns clerigos e frades presos, enviados a sua magestade, e na capitania ia o doutor mestre Agostinho, que era presidente da Mesa da Consciencia, e assim o licenceado frei Manuel Marques, frade da ordem do seraflco padre S. Francisco, e commissario destas ilhas. E as gales deram á véla com vento noroeste quieto, e com elle foram té á costa, onde se espalharam as gales, e as estava esperando um arrenegado por nome Moratrotray, e tomou duas, a capitania e outra, onde tomou os dois padres e os levou a terra de mouros. Dizem que o licenceado padre frei Manuel Marques, que viveu lá pouco tempo, e que era captivo, e que pregava aos mouros, e que fizera muito fructo. O mesmo fazia o doutor mestre Agostinho, o qual foi resgatado, e dizem que estava em França em Bordeos. Já se não falla nelle, porque ambos eram homens de perto de sessenta annos. As oito galés foram a salvamento, e com muitos despojos do saque que se deu nesta ilha Terceira, e ilha do Fayal.

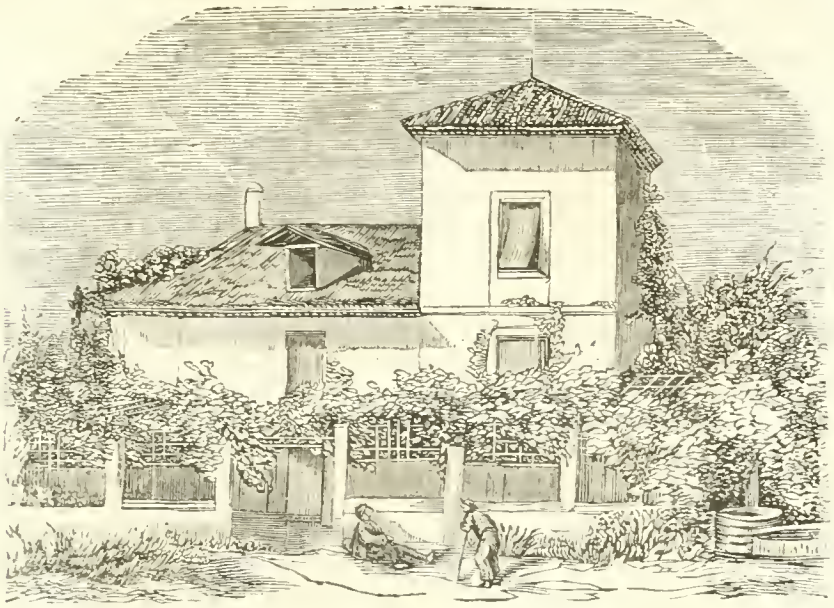
XCVI

Do que succedeu ao desgraciado doutor Gaspar de Gambaya

Tanto que se entrou a terra, vinha na armada Christovam Soares d'Albergaria, que tinha servido de juiz de fóra na ilha de S. Miguel, e vinha para ser corregedor n'esta ilha, e nas demais. E da ilha de S. Miguel se embarcou com o marquez para esta, e estando em terra conheceu o ditto Gaspar de Gambaya por serem ambos de um tempo, e do estudo, e fizeram muita festa um ao outro, e vieram caminhando para a cidade, e em parelhando ambos defronte da casa donde pousava o ditto Gaspar de Gambaya, que eram as casas de Francisco Vaz Chama, dice Gaspar de Gambaya a Christovam Soares: *Eu aqui morava, e quero entrar, porque os soldados que estão nas casas dar-se-lhes-ha pouco dos livros, e tenho alguns bons, de que v. m. pode servir-se.* E nisto entrou, e Christovam Soares ficou na rua. Os soldados que lá estavam acharam em como elle era corregedor e desembargador, e elle em entrando lhes dice, que era o que pousava naquellas casas. Não quizeram elles mais: prenderam-no e levaram-no logo ante o marquez. Não lhe pode valer Christovam Soares, que se o ditto Gaspar de Gambaya levara alli algum dinheiro que os peitara escapara. O marquez o mandou metter em uma galé onde esteve alguns dias, e depois o mandou vir para a cadeia, que ja estava com menos gente, e o pobre homem era estrangeiro, não teve quem sobre elle andasse, nem fizesse, que todos se arredavam e fugiam. Quando um dia pela manhã lhe mandaram que se confessasse e lhe mandaram os padres, e depois de confessado o tirararam e enforcaram ao longo da cadea, e o algoz o despio de todo, que te os sapatos lhe tirou dos pés, e o deixou em camisa, e com umas meias verdes nas pernas, velhas, e lhe tirou as de cima; e assim esteve na forca todo o dia, té o outro pela manhã, que o enterraram.

Continua.

Edificam-se casas para viver no seu interior e não para as contemplar por fora; porque é preciso que a commodidade seja preferida á symetria, salvo podendo ter-se ambas. As curiosidades superfluas que ahi se empregam para tornal-as agradaveis á vista, só são boas para os palacios encantados dos poetas, que os construem com pouco trabalho. — *Bacon.*



PEQUENA CASA DO ROSSILHÃO.

CONSTRUCÇÕES ANTIGAS E MODERNAS.

Percorrendo as provincias de França, e seguindo as numerosas estradas novas que substituiram os caminhos impraticaveis e atravessam as aldêas e povoações, nota-se por toda a parte uma immensidade de novas construcções, assimilhando-se todas as commodas casas burguezas, entre as quaes se reconhecem as casas da camara, as escolas, os asylos, mosteiros de freiras, presbyterios, e finalmente as novas habitações dos rendeiros e mesmo dos simples aldeãos.

Quem se aproximar das diversas construcções que acabamos d'enumerar, vendo-as detalhadamente, estudando-as em suas differentes partes para comparal-as aos antigos casebres, ás cabanas d'outr'ora, apenas fechadas, humidas e baixas, immundas e cheias de fumo, sem ar nem luz, apreciará sem duvida o desinvolvimento dos progressos obtidos.

Nas aldêas de França, como em toda a parte, a porção de bem estar material que sobejava aos habitantes dos campos, ha cincoenta annos, não parece bastar-lhe agora; e ha motivo de pensar que, em um futuro proximo, se mostrarão ainda mais difficeis de contentar. Os jovens camponezes julgam-se com direito a serem mais exigentes do que o foram seus paes: o que pareceu bom ao pae e á mãe está muito longe de satisfazer o filho. O bem estar, a seus olhos, apenas começa. Este deverá desinvolver-se sem cessar para satisfazer em parte aos novos desejos dos mancebos habitantes dos campos. Entretanto, no maior numero das provincias de França, as aldêas que tem escapado milagrosamente ao fogo não mostram aos olhos surpresos e tristes dos viajantes senão um uniforme aspecto de immundicie, miseria e antiguidade, que parece esperar que o incendio venha consumir as habitações, ás quaes, ha longos annos, se descuidam de fazer qualquer reparação: os telhados estão quebrados, os muros rachados, as janellas destruidas, os moveis carunchosos; tudo emfim, n'estas miseraveis habitações, parece entregue ao abandono Tapar os buracos e as fendas, tornar sadia a casa e seus accessorios, são coisas que parecem inteiramente superfluas. Vive-se antes na esperança, do que no temor d'um desastre que dê facil logar a novas construcções. Este desleixo e negligencia culpaveis reconhecem-se principalmente a respeito das velhas choupanas que, até certo ponto, são, ou ao menos foram, mais commodas para habitar que as casas novas. Isto parecerá paradoxal, e entretanto nada e mais exacto. Eis por que: quando a casa, meio enterrada no solo, estava coberta d'um largo e espesso telhado, as intemperies das estações faziam-se sentir menos de roda da habitação, hoje mal protegida nas novas construcções pela pouca grossura dos muros e tectos.

No meio das altas e frias montanhas do Auvergne, dos Vosges e de Jura, os aldeãos montanhezes teem melhor sabido preservar-se do frio que os aldeãos da Picardia, da Turene e de Champanhe.

É esta a distribuição secular das casas dos paizes montanhosos: a habitação está assentada so-

bre um solo excessivamente inclinado e de maneira que os quartos baixos estejam enterrados do lado do norte. N'estas casas baixas existem as estrebarias, os redis e os curraes, e tambem um vasto reservatorio d'agua que, por isso mesmo, nunca gela durante o inverno, e é alimentado pelas neves derretidas. Em cima, isto e, no primeiro andar, cujas janellas são quasi invariavelmente voltadas para o meiodia, acham-se os quartos, dominados por um eirado. Ao norte, éste e oeste, montes de madeira miuda são cuidadosamente dispostos ao longo dos muros e abrigados pelo tecto.

Nos valles superiores do Delphinado e dos Pyreneos, as mais pobres casas são cobertas d'ardosia: aqui a telha seria um luxo. A nossa terceira estampa pode dar uma idéa bastante exacta do todo das habitações isoladas dos valles. Muros baixos e muito grossos, esburacados por duas ou tres janellas allumiando o quarto contiguo ao curral, um recinto escuro para as provisões, e emfim um vasto palheiro, constituem quasi invariavelmente a morada dos montanhezes do Delphinado, dos Pyreneos e do Auvergne. A distribuição das casas edificadas nos valles inferiores é com pouca differença quasi a mesma.

Do Delphinado á Provença ha apenas uma linha de fronteira, e sem embargo nota-se uma differença bem sensivel no typo das construcções ruraes. Um quadro comparativo das casas do valle da Durance, entre Briançon e Avignon, offerecerá extraordinarias contradicções; não apresenta menor contraste do que um pinheiro com uma oliveira. Os nossos desenhos, que são todos tirados do natural, farão reconhecer em parte a diversidade da construcção, motivada antes pelo clima do que pelos habitos differentes das duas povoações. O primeiro recorda o typo adoptado em uma parte de Hespanha; e o segundo representa uma das construcções modernas na baixa Borgonha, onde se descobre um tal ou qual luxo que contrasta singularmente com a pobreza da casa que representa a nossa terceira estampa.

DESAFIO DO DUQUE DE MEDINA SIDONIA.

Quando D. João IV, o primeiro monarcha da casa de Bragança, subiu ao throno de Portugal, entre as varias conspirações que se tramavam em roda da sua pessoa para lhe arrancar a vida, não se descuidava elle de trabalhar por sua parte em enfraquecer o poder do rei de Hespanha, e por isso persuadia a seu cunhado o duque de Medina Sidonia, governador da Andalusia, a insurgir-se com o paiz que governava, e declarar-se independente. Um frade a quem se mettera na confidencia do projecto, foi declaral-o ao conde de Olivares, que, parente do duque, e não o querendo comprometter, unicamente fez dar a morte ao marquez de Aiamonte, e induziu o duque a enviar ao rei de Portugal o seguinte cartel de desafio, em prova de sua innocencia para com Filippe IV de Hespanha:

«D. Gaspar Affonso Peres de Gusman, duque de Medina Sidonia, marquez, conde, e senhor de S. Lucar de Barrameda, capitão general do mar oceano, e costas da Andalusia, e dos exercitos de Portugal, gentil-homem da camara de S. M. C. a quem Deus guarde:

«Digo que é uma coisa notoria a todos a traição de João de Bragança, outr'ora duque; e saiba-se mais que teve o detestavel intento de manchar de infidelidade a muito leal casa de Gusman, que por tantos seculos se tem conservado fiel, e continuará no futuro em obediencia ao seu rei e senhor, provada por tanto sangue de todos os seus derramado por este motivo. Este tyranno tratou de fazer acreditar aos principes estrangeiros, e aos vagabundos portuguezes do seu bando, afim de os animar em seu favor, e pôr-me mal (baldada tentativa) no animo de meu senhor (que Deus guarde) que eu sou da sua parcialidade; fundando e estabelecendo estas vozes no boato que fez correr, de que se elle podesse conseguir com que o rei de Hespanha duvidasse da minha fidelidade, então não acharia em mim a opposição, que sempre encontra aos seus designios. E para o conseguir, servin-se de um frade religioso que a corporação de Aiamonte enviou a Castro Marim, em Portugal, para livrar um prisioneiro; o qual religioso sendo levado preso a Lisboa, foi induzido a dizer que eu era do seu partido, e para este fim publicou umas cartas a confirmal-o, dizendo que eu daria livre entrada e favor a todos os exercitos estrangeiros que viessem pelas costas da Andalusia.

«Tudo isto era com o intuito de facilitar a remessa de soccorros, que pediu aos ditos principes estrangeiros: e aprouvera a Deus que assim fosse, porque faria o mundo testemunha do meu zelo e da perda dos seus navios, como o teriam experimentado pelas ordens que expedi, se tal coisa elles tivessem emprehendido.

«Eis alguns dos motivos que tenho de affronta; mas o principal é ser do meu sangue sua mulher, que estando assim corrompido por esta rebellião, eu desejo derramar, sentindo-me obrigado a mostrar ao meu rei e senhor por esta acção o resentimento que tenho, pela satisfação que elle testemunha ter da minha fidelidade, e fazel-o publico para desfazer qualquer duvida que porventura se possa conceber d'aquellas falsas impressões.

«Por todos estes motivos desafio ao sobredito João de Bragança, outro tempo duque, como tendo falseado a fé ao seu Deus e ao seu rei, e chamo-o a combate singular, corpo a corpo, com padrinho, ou sem padrinho; o que deixo á sua escolha, como tambem o genero de armas: a estacada será junto a Valença de Alcantara, no sitio que serve de limite aos dois reinos de Portugal e Castella, onde o esperarei oitenta dias,

a principiar no 1.º de Outubro, e a findar em 19 de Dezembro do corrente anno: nos ultimos vinte dias estarei em pessoa na praça de Valença; e no dia que elle me emprazar, achar-me-hei nos limites dos dois reinos; e este tempo, bem que seja longo, eu o dou ao referido tyranno, para que elle o possa saber, e a maior parte dos reinos da Europa, e ver todo o mundo; com condição de que elle dara carta de seguro aos cavalleiros que lhe enviarei a uma legua dentro do reino de Portugal, como eu a darei tambem aquelles que vierem de sua parte a uma legua dentro de Castella; e prometto convencel-o então da infamia da acção que commetteu. Se elle faltar a obrigação que tem, como gentil-homem, de acceder a este cartel, para acabar com o phantasma pelo unico meio que posso, vendo que não tera o valor de se achar n'este combate, e de me deixar apparecer tal qual sou, e o tem sido os meus no serviço dos seus reis, e pelo contrario os seus sempre traidores; offereço desde ja, com permissão de Sua Magestade Catholica a quem Deus guarde, a quem o matar a minha cidade de S. Lucar de Barrameda, principal sede dos duques de Medina Sidonia, e prostrando-me aos pes da sobredita magestade, imploro que me não dê n'esta occasião o commando dos seus exercitos, por ser precisa uma prudencia e moderação que a minha colera não permitte n'esta conjuntura; permittindo-me unicamente servil-o em pessoa com mil cavalleiros meus vassallos, para que apoiando-me então so na minha coragem, não somente sirva á restauração de Portugal, e punição d'este rebelde, mas tambem para que com minha pessoa e tropas, no caso de elle recusar este cartel, eu possa trazer morto ou prisioneiro esse homem aos pes de sua magestade.

«E para nada esquecer que possa provar o meu zelo, offereço a melhor cidade dos meus estados ao primeiro governador ou capitão portuguez que render alguma praça da corôa de Portugal, ainda que pouco importante seja, ao serviço de S. M. C., ficando ainda assim pouco satisfeito de quanto possa fazer pela dita magestade, porque tudo quanto tenho lhe devo, e aos seus gloriosos antepassados.

«Dada em Toledo, a 29 de Setembro de 1641.»

Escusado é dizer que o duque de Medina foi o unico heroe d'esta ridicula comedia inventada por Olivares; porque baldadamente se apresentou no campo para que desafiara, sem lhe apparecer o contendor.

...

ESTUDOS SOBRE A HISTORIA DE FRANÇA.

OS REIS DA PRIMEIRA RAÇA.

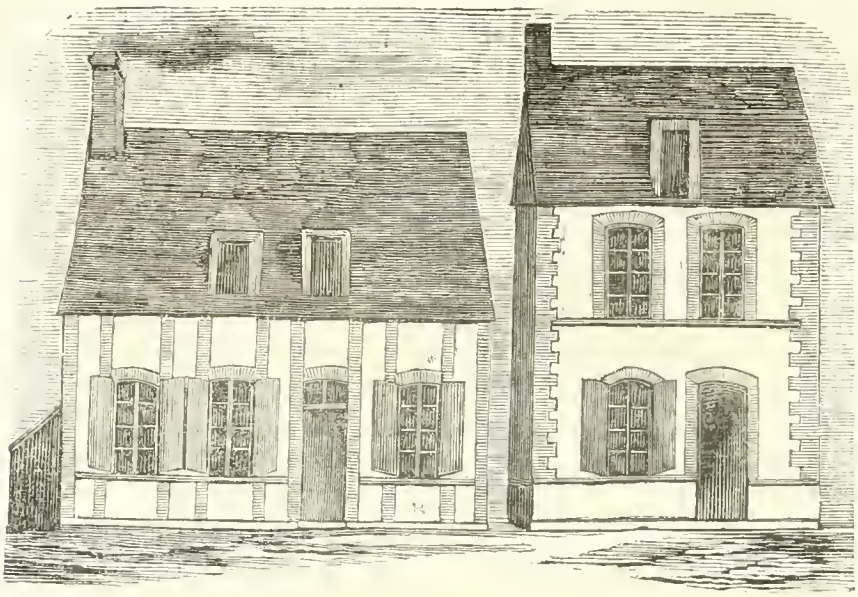
Todas as bellas provincias que constituem hoje o imperio francez, tinham outr'ora o nome de *Gallias*. Uma nação antiquissima, e cuja origem se ignora, veiu ahi estabelecer-se, e tinha-se feito famosa muito tempo antes do nascimento de Jesus Christo. Povo guerreiro, os gaulezes não conheciam senão as armas, e mais d'uma vez fizeram tremer os romanos na propria Roma. Mas finalmente, foram obrigados a ceder, como tantas outras nações, ao valor constante d'estes formidaveis conquistadores. Julio Cesar, o maior capitão do seu seculo, submetteu-os, e fez das Gallias uma provincia do imperio de que se assenhoreou.

Mais de quatrocentos annos depois da conquista das Gallias, e reinando o fraco Honorio, filho do grande Theodosio, um povo conhecido pelo nome de *francos*, encerrado nos estreitos limites da Franconia, paiz d'Alemanha, procurou um estabelecimento mais commodo. Conduzidos pelo rei *Pharamond*, os francos abandonaram os seus paúes e bosques, passaram o Rheno, e invadiram as Gallias; mas não poderam levar as suas armas alem da Gallia belgica, a que chamamos Paizes-Baixos; e Pharamond morreu sem ter conseguido grandes vantagens. *Clodion*, seu filho, conservou, augmentou mesmo os paizes de que seu pae se apoderara, a despeito do valor do famoso *Aetio*, que commandava as tropas romanas n'estas regiões. *Meroveo*, que provavelmente era do sangue dos reis, mas não do ramo reinante, usurpou o throno, e mostrou-se digno d'elle pelas suas virtudes bellicas. Este principe é tido como chefe dos soberanos da primeira raça, que do seu nome são chamados *Merovingianos*. Deixou a corôa a *Childerico* I seu filho, menos conhecido por suas acções, do que por ser pae do grande *Clovis*, que se deve ter como o primeiro dos reis de França, e fundador da monarchia.

481—493. *Clovis* tinha apenas quinze annos quando cingiu o diadema, e ja mostrava o que seria. Cinco annos depois, desbaratou *Syagrio*, governador romano da Gallia, e apossou-se de Soissons, que foi por algum tempo a sede da nova monarchia. Pouco satisfeito d'este primeiro triumpho, o joven conquistador vôa de victoria em victoria. *Bazin*, rei de Turinge, é feito tributario; o paiz entre Somme, o Sena e Aine, submettido; e Reims abre as suas portas pela mediação de S. Remigio, seu bispo.

494. O monarcha francez suspendeu as suas conquistas, para contratar um casamento digno d'elle, desposando *Clotilde*, sobrinha de Gondeband, rei dos borgonhezes, princeza que, pela sua piedade, foi collocada depois no numero dos santos. Ella exhortou por muito tempo seu esposo a deixar os vãos simulacros do paganismo, para abrir os olhos á luz do Evangelho; e Clovis pendia já para a verdade, quando um acontecimento sem duvida milagroso consummou a sua conversão.

496. Os alemães, povos bellicosos, tinham invadido a Gallia, a exemplo dos francos, seus antigos compatriotas. Clovis soube-o, e correu ao seu encontro. Chegado ás planuras de Tolbiac, proxi-



CASAS NOVAS NA BAIXA BORGONHA.

mo a Colonia, travou o combate. Depois de longa resistencia, os francezes recuam; tudo estava perdido: o monarcha, conhecendo-o, levantou os olhos ao ceo, exclamando: «Deus de Clotilde, tu seras o meu Deus, se me concedes a victoria!» Disse, e tudo mudou. O terror passou para o inimigo: Clovis venceu. Fiel ao seu voto, recebeu o baptismo das mãos de S. Remigio; e tanto os povos como os principes de sangue imitaram á porfia o exemplo. O santo prelado deu-lhe tambem a sagrada unção dos reis, com o oleo que uma pomba, que, segundo a tradição, desceu do ceo durante a augusta ceremonia, trouxera n'uma redoma. Para que nada falte ao prodigio, accrescenta-se que este oleo, que serve ainda á sagração dos reis de França, nunca diminue.

A conversão de Clovis não afrouxou nem a sua ambição nem as suas victorias. Em 498, submetteu o paiz dos armoricos, ou a Bretanha. Em 500, fez a Borgonha tributaria. Em 507, ganhou sobre os visigodos a celebre batalha de *Voglé*, junto a Poitiers, e matou com a propria mão Alarico, rei d'esta nação poderosa. A fama d'esta victoria chegou a Constantinopola; e o imperador Anastacio I enviou ao soberano francez os titulos e insignias de Patricio, Consul, e tambem as de Augusto, que só pertenciam aos imperadores.

509. O principe não foi tão feliz contra Theodorico, rei dos godos. Tendo-o atacado junto a Arles, foi vencido; e, pela vez primeira, viu-se obrigado a pedir a paz. Clovis era feroz; mas a felicidade adoçara-lhe o caracter. O infortunio fel-o barbaro; e viram-no, até 511, murchar os antigos loiros, e macular a gloria do seu reinado, pelas crueldades que exercia com a maior parte dos principes da sua casa: immolou uns a sua brutal ambição, e invadiu os dominios de outros, de maneira que a sua morte julgou-se um bem. Foi sepultado em Paris, d'onde fizera a capital, na egreja de *Santa Genoveva*. Este principe era grande guerreiro e mau rei. O seu valor foi admirado; o seu humor sanguinario, aborrecido: edificou muitos mosteiros, e despojou muitos desgraçados. Um rasgo fará conhecer a sua piedade. Lendo-lhe um dia S. Remigio a paixão do Salvador, elle exclamou: «Que não estivesse eu lá com os meus francos para defendel-o!»

511. Depois da morte de Clovis, os seus quatro filhos dividiram os estados. *Thieri* I foi rei d'Austrasia, cuja capital era Metz; *Clodomiro*, d'Orleans; o reino de Paris pertenceu a *Childeberto* I; *Clotario* I teve o de Soissons. A historia d'estes quatro principes apresenta uma serie de guerras suscitadas pela ambição, a vingança e o odio, e um medonho tecido de crueldades ainda mais atrozes do que aquellas de que Clovis lhes dera exemplo. Nunca esquecerá a barbaridade que Childeberto e Clotario praticaram a respeito de tres filhos de Clodomiro, seu irmão, que fôra morto em uma batalha, e cujos estados queriam invadir. Clotilde tinha-se encarregado da educação dos jovens principes; induziram esta virtuosa rainha a enviar-lh'os; e apenas os tiveram em seu poder, Clotario apoderou-se do mais velho, e, lançando-o por terra, apunhalou-o. O segundo, atemorisado, lança-se aos pés de Childeberto, e implora-lhe a vida. Enternecido, o monarcha não pode suster as lagrimas. Clotario, exprobrando-lhe a fraqueza, arranca-lhe o me-

ESTALAGEM DO LAUTARET NO DELPHINADO

mno, e degola-o sobre o corpo do irmão. O terceiro teve a fortuna de escapar ao furor d'este principe desbumano e desnaturado. Determinou consagrar-se ao serviço de Deus; e hoje invoca-se com o nome de *S. Claudio*.

558. Clotario viu morrer todos os seus irmãos, sendo a monarchia franceza toda reunida sob as suas leis. Mas foi então, no auge do poder, que elle experimentou as maiores amarguras. *Chramne*, o seu filho querido, levanta o estandarte da rebellião, e obriga seu pae e rei a dar-lhe batalha. O novo Absalão é vencido, e queimado com toda a sua familia em uma cabana onde se refugiara. Clotario, depois de tão funesto triumpho, viveu na profunda tristeza, que o precipitou finalmente no tumulo em 562, um anno depois, diz-se que no mesmo dia, e á mesma hora em que tinha ordenado a morte do filho. O seu reinado, que foi de cincoenta e um annos, apresenta so adulterios, incestos, mortes, e horrores.

O reino foi ainda dividido, segundo a ma politica d'este tempo, entre os filhos do defunto monarcha. *Cariberto* foi rei de Paris; *Gontran* d'Orleans e de Borgonha; *Sigeberto* I d'Austrasia; *Chilperico* I de Soissons.

563. Sigeberto atacou e desbaratou os abares que se tinham espalhado pelos seus estados, e veiu reprimir os projectos de Chilperico, que queria invadir as suas mais bellas provincias. Depois esposou Brunehaute, filha de Athanagilde, rei dos visigodos, que passava por ser a mais perfeita princeza do seu seculo.

567. Chilperico, seguindo o exemplo de seu irmão, e abandonando a devassidão, dividiu a corôa com Galsuinda, irmã de Brunehaute. Mas a esposa, tão virtuosa como bella, não lhe pôde fixar o caracter voluvel; em breve de novo nasceram em seu coração amores illegitimos. Galsuinda queixou-se em uma assemblea dos estados; e a nação obrigou o monarcha a jurar que seria fiel ás sagradas promessas do matrimonio. Alguns dias depois, a infeliz rainha foi achada morta na cama. As suspeitas recairam em Fredegunda, mulher de grande formosura, e de grandissima maldade. Foi isso completamente confirmado, porque esta passou a occupar o logar e o throno da sua rival.

Cariberto não era mais sabio nem mais constante que Chilperico. Repudiou a sua primeira mulher para dar a mão a filha d'um artista. Esta foi substituida pela irmã que se tinha dedicado a Deus. Finalmente, despresou ainda esta ultima, para collocar sobre o primeiro throno do imperio francez a simples filha d'um pastor. Não obstante morreu sem deixar filhos varões, e os reis seus irmãos dividiram entre si os estados.

Continua.

ILLUSÕES.

«Um homem de merecimento, escreve m Droz, que, em nossos tempos borrascosos, esteve vinte mezes preso, me dizia que uma noite sonhou que sua mulher e filhos lhe levavam a liberdade. Este sonho deixou-lhe tão profunda lembrança, tão doce commoção, que elle formou o projecto de o renovar todos os dias. As noites, excitando a imaginação, procurava persuadir-se que era chegado o momento da reunião desejada; representavam-se-lhe os transportes de seus filhos, e de sua mulher; e só de chimeras enchia o espirito, até ao instante em que o somno lhe fazia esquecer tudo.

«O costume, dizia elle, tinha tornado as minhas illusões mais vivas do que se pode julgar: esperava a noite com impaciencia; e a certeza de que o dia acabaria por alguns instantes felizes, me fazia constantemente experimentar não sei que commoção que me distrahia das minhas penas.»

COMMEMORAÇÃO.

Á SAUDOSA E HONRADA MEMORIA DO SENHOR ANDRÉ JOAQUIM RAMALHO E SOUSA.

Correi lagrimas sentidas,
Que o peito não dá mentidas,
Onde hoje moram unidas,
Em modelo, sem egual

Sciencia, honra, virtude.
Ao som do triste alaude,
Casae-vos n'esse ataude,
Sobre a loisa sepulchral,

Que os restos mortaes abriga,
De quem, na vital fadiga,
Brilhante metal, sem liga,
Constante no valor seu;

Jámais, em sua alma rara,
A dôr do remorso entrara.
E que Deus, quando a creara,
Foi para si, para o ceo!

Oh que foi! — nem d'outra sorte,
Como luz, que aponta o norte,
Que affrontando a lei da morte,
Sempre immutavel ficou:

Se foge a culpa nociva,
Mas que bella, que attractiva,
A fraqueza nos captiva,
E a d'elle não captivou.

Não, que d'honra era evangelho,
Aquelle peito era espelho,
Onde, a luz do bom conselho
Fulgurava, sem senão.

Como dia, que amanhece
Puro, e puro assim fenece;
Que respirando parece
No sopro da viração.

Como da donzella pura,
O — que Deus, na desventura,
Concedeu — diz a Escriptura —
Casto leite virginal.

Deus, n'aquelle peito honrado,
Cá na terra consagrado,
Tinha culto, não manchado,
Tinha culto, sem rival.

Oh! quem pudera inda vel-o,
A um tempo, nobre, singelo,
Esse caracter modelo
Da verdade, e da razão.

Verdade, que noite e dia,
N'aquelle peito vivia:
Thebano, que não mentia,
Nem mesmo zombando — não.

D'agudo ver, alta a fronte,
Ar composto, o gesto insonte;
Similhava, nobre Archonte
A Athenas dictando a lei.

Mas, um sorriso fagueiro
De seus labios companheiro,
Dizia-o — pae verdadeiro
Contemplando a tenra grei.

Desculpa dando ao inimigo,
Recto juiz para o amigo,
Juiz severo comsigo....
Oh quem mais foi — quem foi tal!

— Esse dominio de ferro
Em que, o ser livre era erro,
Evita: soffre o desterro
Longe da terra natal.

A dura sorte quinhoa
Do mais somenos. Eis soa
Imp'rial grito revoa:
= Vae ser livre o portuguez. =

Punge-o da patria a saudade,
Nem se faz cargo da edade;
Do guião da liberdade
Segue a victoria, o revez.

Volta, combate, chega.
Do trabalho não socega;
Na privação, ou refrega,
Sobreleval-o não ha.

Triumpha. — Mesquinho int'resse
O vencedor não esquece.
Estranha terra — parece
Conquistara — alguem dirá.

Que, das rendas, que improvisa,
Já com ellas s'indemnisa,
E a victoria solemnisa,
Da patria o *libertador!*

Aquelle não: ao contrario;
Da liberdade sacrario;
Seu nobre depositario,
Que se paga só d'amor;

Passados lucros rejeita;
Novo Castro, nem acceita
O que por lei lhe aproveita:
=Que — se a patria é livre = diz:

=Cumprido está meu intento.
Não por outro pensamento,
A vida expuz vezes cento;
Que o bem da patria só quiz.=

Digno exemplo de memoria,
Na lusa, moderna historia.
Quaes, n'esses tempos de gloria,
Sobiam d'acontecer.

Nem mais recta consciencia,
Por entre vasta sciencia;
— Qual no aroma activa essencia —
Adornara humano ser!

Qual divina luz serena,
Que, s'espalha em cada scena,
E uma agreste, aquella amena,
Seu valor justo lhe dá.

— De facil, polido trato,
Um dizer, a todos grato....
Pintor, para tal retrato,
Oh não o houve — nem ha.

Não ha; — que n'esse modelo,
Do nobre ideal o sello,
So pudera descrevel-o
Divina phrase — outra não.

De virtude, esse portento,
Eu descrever não intento.
Outro foi meu pensamento....
Foi dar tregoa ao coração,

Allivio a dôr, que sentia;
Que, parece, não cabia
No peito, — se a não dizia;
Tão grande, tamanha dôr.

Dôr do mestre esclarecido,
Dôr do amigo, não mentido,
Que mais, que tudo me ha sido
D'Walter Scott o traductor....

Foi, mostrar a divindade
Nos fastos da humanidade....
Para o mundo, uma saudade,
Para meus filhos, — lição....

— Minhas lagrimas — bem vindas!
Sois, quaes estrellas infindas,
Que brilham no ceo, mais lindas,
Ao passar da cerração.

Oh! correi.... — singelo preito.
Mais do que elle, nenhum val;
Que não é por homens feito,
E o de Deus não tem egual.

Mafra, Junho 57.

JOAQUIM DA COSTA CASCAES.

O DINHEIRO.

Fallas-me de dinheiro, coisa tão incerta! Se julgas que o teu deve sempre ser teu, guarda-o para ti, sê o unico possuidor d'elle; mas se não te pertence, se pertence á fortuna, por que não queres repartil-o? Quem sabe? talvez que a fortuna t'o arrebate em um bello dia para o dar a outro que d'elle seja indigno. Assim, aconselho-te a que lhe dês nobre emprego em quanto e teu — soccorrer os desgraçados, e enriquecer quanto fôr possivel os teus amigos. Um similhante procedimento far-te-ha honra immortal; e no caso de caires em desgraça, podes ter a certeza de ser soccorrido. As sommas que se despendem utilmente são applicadas melhor do que as que se guardam.

SENTENÇA.

Na adversidade, não desespereis nunca de ver um sorriso da fortuna dissipar-vos os desgostos.

Quantas vezes, com effeito, o sopro de ventos empestados tem cessado diante do doce susurrar da brisa! Quantas vezes formidaveis nuvens se tem dispersado antes de descarregarem as chuvas contidas em si!

Sêde pois pacificos na adversidade: o tempo e o pae dos milagres.

Esperae da misericordia de Deus bens cujo numero não sabereis contar.

RELAÇÃO DAS COISAS QUE ACONTECERAM EM A CIDADE DE ANGRA, ILHA TERCEIRA, DEPOIS QUE SE PERDEU EL-REI D. SEBASTIÃO EM AFRICA.

Continuação.

XCVII

Do desgraciado licenceado Domingos Pinheiro, que servia de juiz ordinario e desembargador.

Este licenceado Domingos Pinheiro era natural d'esta cidade de Angra, e muito apparentado nella, e era bom lettrado, e casado com uma mulher honrada, de bons parentes, natural de Lisboa. Advogava nesta cidade, na correição destas ilhas. Era homem muito grave, e muito dado ao serviço do sr. D. Antonio, e por ser muito do seu serviço foi feito juiz ordinario e desembargador; e elle e os mais tinham sentenciado homens á morte. Tanto que se entrou a terra determinou elle de fugir; e vinham na ar-

mada tresentos ou quatrocentos portuguezes soldados naturaes de Lisboa com seu capitão por ventureiros; vinham alguns parentes da mulher do ditto licenceado, entre estes e conhecentes. Deu-lhes a mulher a saber o perigo da vida de seu marido, se fosse tomado, porque se não apresentou nos tres dias por estar no logar dos Altares, e não poder vir, que remedio teria para escapar. Deram-lhe elles bom remedio, que foi peior. Mandaram que rapasse a barba e bigodes á navalha, e que cobrisse um manto, e se viesse em trajos de mulher, e que como passasse em trajos de mulher pelas guardas, e fosse embarcado, que seguro estava. Fel-o assim o desgraçado licenceado; e costumavam pelas guardas passarem para baixo, e para cima muitas castelhanas e tudescas que vinham com seus maridos. Vestiu-se o dito licenceado com manto e beitilha: costumavam os soldados das guardas retoçarem com as castelhanas, e pegarem nellas, e em outras não. Foi-se elle após umas que iam deante: como elle era homem, logo nos trajos de mulher ia pejado. Cuidaram os da guarda que era castelhana; pegaram nella dizendo: *Não podeis andar; hei vos de ver a cara.* O pobre lettrado não queria isso; deu ao andar depressa; escapolindo-lhes da mão, e da zombaria. Caio-lhe o manto para traz; para o concertar viram-lhe a mão grossa e conhecida por ser de homem: foram-lhe descobrir o rosto; viram-no todo rapado: tiveram-no mão: não havia ali que peitar, porque era em publico, e assim o tomaram e o levaram ante o auditor geral. Mandou-o logo metter na cadea, e que se perguntasse quem era. Foi o desgraçado para a cadea; havia pouco que fazer no saber quem era. D'ahi a dois dias o enforcaram ao longo da cadea, com barba e bigode tudo rapado; e na forca esteve te o outro dia, que foi enterrado como os mais.

XCVIII.

De como o marquez ordenou de se ir, e a gente que deixou de presidio, e a que levou na armada fora da terra, e de como mandou açoutar alguns homens

Antes que o marquez determinasse de se embarcar, mas aviava-se com a armada, estava preso um Thome Gomes, homem nobre e cidadão, e era capitão de uma freguezia. E assim estava preso um Antonio Gomes, que era meirinho das execuções; a estes homens não se lhes achou culpa grave, somente serem muito do serviço do senhor D. Antonio; os mandaram açoutar pelas ruas publicas; e sendo um delles homem velho e muito honrado se teve lastima muito grande, e seus filhos e parentes o sentiram muito, e o ditto Thomé Gomes foi desterrado, e de nojo durou pouco tempo e morreu. Fizeram embarcar para fóra desta ilha muitos, e alguns não tornaram mais: a saber Simão Gonçalves de Tavora, capitão; Fernão Feyo, capitão; Diogo de Lemos de Faria, capitão; Andre Gonçalves Madruga, capitão; Alvaro Pires Ramires, capitão; Sebastião do Couto, capitão; Miguel do Canto, capitão; Francisco Dias Santiago, capitão dos oitenta; Lourenço de Moraes, Balthazar Gonçalves, Simão Gonçalves, Bartholomeu Gonçalves, Simão Gonçalves, Francisco Fernandes, Antonio Matela, Gonçalo Ennes, Braz Rodrigues, Antonio Alvares, Diogo Pires, Gaspar Ribeiro, o capitão Braz Dias Redovalho, e outros muitos. E deixou o marquez dois mil soldados de presidio nesta ilha, e por mestre de campo e governador João d'Orbina; e os capitães eram um sobrinho do marquez por nome D. Pedro, e o capitão Pedro Ximenes de Andrea, o capitão Antonio da Rocha, e o capitão Francisco de Veja, o capitão Martin de Aveira, e o capitão Soares, e o capitão D. Christovam, o capitão D. Antonio, e o capitão Angel, o capitão Christovam de Pax, o capitão Aroseo, o capitão Garailaco de la Veiga, e a companhia de João d'Orbina, e outros, que não lembram, e por sargento-mór Lopo Toxada, e assim o capitão Rosa, o capitão Manuel Gaspar, e o capitão Pacheco; e deixou escrivão e auditor, e seu meirinho; e se foi com a armada; ficando a ilha saqueada, e os homens pobres e destruidos, e outros que não tinham nada melhorados, e muita gente despida, sem terem em que dormir.

XCIX

De que fez João d'Orbina depois que se foi o marquez, e o corregedor e outros.

Depois de embarcado o marquez de Santa Cruz e ido desta ilha, ficou por corregedor Christovam Soares de Albergaria, que tinha sido juiz de fora em S. Miguel. E depois de ido o marquez prenderam o capitão Trigueiros, homem mancebo e muito galhardo, que tinha vindo em companhia do senhor D. Antonio, e não se tinha apresentado dentro nos tres dias que deu o marquez, porque alguns se não quizeram confiar do pregão, mas o marquez o cumpriu da maneira que o mandou botar. Este capitão estando na cadea, tomou João de Orbina, mestre de campo e governador, por adjunto o ditto corregedor, e Jorge Vaz Paes, e Heitor Coronel, bachareis, e Antonio Francisco, e o bacharel Roque Dias, e Alvaro Pereira, e sentencearam todos sete que morresse. E sem appellação, nem poderem ter tal alçada, nem el-rei tal lhe dar, nem conceder, logo o mandaram confessar ao ditto capitão Trigueiros, e o mandaram enforcar ao longo da cadea, em uma forca que tinham feito; de que houve assás lastima e pena, sendo já a ilha entrada, e quieta, e tudo pacifico e as ilhas todas, e o marquez ido, e não haver outra culpa mais que aquella por se não vir apresentar dentro nos tres dias. E dizem que era homem fidalgo, e o poderam mandar degolar.

Continua.

A felicidade é como as aves de arribação, se nos visita, breve se ausenta.

COLUMNA SERPENTINA DO TEMPLO DE DELPHOS, EM CONSTANTINOPOLA.

Esta columna, formada pelo enroscamento de tres serpentes, é de cobre. Devia ter antigamente maior altura que hoje, que se julga ser de sete metros. Terminava por tres cabeças de serpente que sustinham a tripode d'oiro. A tradição pretende que Mahomet II, o conquistador de Bysancio, cortou uma d'ellas com um golpe de cimitarra. Affirma-se que as outras duas cabeças foram roubadas em 1700; mas um ulema assegura que se conservam em Santa Sophia.

A columna Serpentina, transportada de Delphos a Bysancio por Constantino o Grande, para ornar o grande circo, estava em parte enterrada no entulho, quando toda esta multidão de estatuas, este immenso museu de columnas, marmores raros, obeliscos, etc., que ornavam o hippodromo, quebrando-se sob o furor musulmano, serviram para os palacios barbaros, ou para calçar o solo pisado pelo ignorante janisaro. Este nobre monumento d'antiguidade grega foi, durante seculos, insultado e injuriado pelo fanatismo e pelas creanças que brincavam enchendo-o de pedras. Constantinopola, associada hoje ao progresso europeu, não podia continuar a cobrir de lodo e despreso estas preciosas ruinas que a Europa illustrada cerca de veneração.

Duas versões existiam relativamente á columna Serpentina: uma não via n'ella senão um talisman levantado para exconjurar as serpentes, por Apolonio de Thyane, imitador de Moy-

ses expondo no deserto a serpente de bronze; a outra, fazia remontar este monumento a mais nobre origem, e a inscripção ultimamente descoberta vem plenamente confirmal-a.

Herodoto, Diodoro de Sicilia, Pausanias, Zosimo, Cornelius Nepos, e outros fallam d'esta columna. Eis como se exprime o primeiro historiador: «Tendo os gregos ajuntado todo o dinheiro, depois da batalha de Plate, guardaram a decima parte para o deus de Delphos. Com esta porção fizeram uma tripode d'oiro, que lhe offereceram. Esta tripode, firmada em uma serpente de cobre com tres cabeças, foi collocada junto do altar.»

Eis o texto de Diodoro de Sicilia: «Os gregos, tendo posto de lado a decima parte do saque, fizeram uma tripode d'oiro, que dedicaram a Delphos, com a inscripção seguinte: Os salvadores da vasta Grecia consagraram esta tripode, depois de terem libertado as cidades da escravidão abjecta.»

A tripode d'oiro não parece ter resistido muito tempo a cubiça; mas a columna de cobre ficou intacta, porque se lê em Pausanias: «Os gregos, em seguida á victoria de Plate, consagraram uma tripode d'oiro collocada sobre um dragão de cobre. Tudo o que havia de cobre n'esta offerta existia ainda no meu tempo; mas os reis da Phocida tinham arrebatado tudo que era d'oiro.»

OS JUDEUS DEPOIS DE CHRISTO.

Depois que os judeus se mancharam com o crime da morte de Jesus Christo, operou-se n'elles uma transformação social, que bem pode attribuir-se a castigo.

No reinado de Vespasiano, e no de Tito, seu filho, fizeram os romanos perecer um numero prodigioso d'elles, e lhes arruinaram Jerusalem, e o seu templo. Expellidos da herança de seus antepassados, foram vendidos como vis escravos, e a maior parte dispersa pelo imperio romano, á excepção d'um pequeno numero que ficou em Palestina.

No reinado d'Adriano, sublevaram-se por conselho de Barcochebas, famoso impostor, que se dizia o Messias: mas este esforço passageiro e infructuoso não fez senão aggravar-lhes o jugo. Adriano fez n'elles horrivel carnificina, vedou-lhes a circumcisão, prohibiu-lhes a leitura da lei de Moyses, e a observação do sabbado, derramando-os inteiramente pela Europa, pela Africa, e sobretudo pela Asia sempre despresados e odiados, depois de tentarem em balde reunir-se em povos.

Expellidos pelo imperador Severo por movimentos sediciosos que excitaram, cerca do anno 202, foram-no tambem por Constantino, que os puniu de uma leve revolta, mandando cortar-lhes as orelhas, e dispersando-os por todas as terras do imperio, como outros tantos escravos revoltados; castigo dado para inspirar temor aos rebeldes, ou áquelles que fossem impellidos a imital-os.

Entre as muitas leis promulgadas por Constantino a respeito dos judeus, notam-se: a que lhes prohibia pôrem em perigo as vidas dos christãos convertidos; a que lhes defendia serem senhores de escravos christãos; a que inhibia estes de abraçarem o judaismo. Tambem depois da insurreição da Judea, e do tumulto de Alexandria, em que tiveram grande parte, impediu-os de casarem com mulheres christãs; sobrecarregou-os de impostos; e renovou formalmente o edito de Adriano, na parte em que lhes defendia aproximarem-se de Jerusalem.

Juliano *apostata* (IV seculo) foi favoravel aos judeus, e lhes propoz a reedificação do templo. Phenomenos extraordinarios, que relata Ammiano Marcellino, intimidaram os obreiros n'isso empregados, o que junto com a morte de Juliano lhes frustrou a realisação do intento.

Os subsequentes imperadores romanos protegeram os judeus, ainda que de quando em quando sempre fossem incommodados pelo zelo indiscreto de ecclesiasticos violentos. Arcadio e Honorio (fins do IV seculo) reconheceram a exemplo de Theodosio, seu pae, no patriarcha judeu jurisdicção para punir os membros refractarios da sua communhão, sendo vedado aos prefeitos interporem em casos taes sua autoridade judicial.

Nas contendas com os christãos, ambas as partes compareciam perante os tribunaes ordinarios; mas porque entre estes e os judeus se suscitavam collisões, occasionadas por certas festividades, Theodosio II prohibiu aos ultimos celebrarem-nas com publicidade.

No V seculo foram banidos d'Alexandria, onde se tinham estabelecido depois d'Alexandre, tornando-se o ludibrio das nações pelo seu fanatico enthusiasmo por um falso Messias, que então appareceu na ilha de Candia. Este impostor, chamado Moyses, pretendia ser o antigo legislador do povo de Deus. Dizia-se descido do ceo para fazer entrar os filhos d'Abraham na terra promettida, fazendo-os passar a pe enxuto atravez do mar. Muitos dos seus adherentes se lançaram ao Mediterraneo, esperando que a vara do novo Moyses lhes abrisse passagem miraculosa. A maior parte d'estes infelizes afogou-se: o seductor tinha já desapparecido. Entretanto os ludibriados ainda se consolaram, acreditando, ou fingindo acreditar, que o diabo tomara a forma humana para os enganar.

Theodorico, e outros reis godos da Italia protegeram os judeus. Quando as guerras e invasões eram frequentes, faziam-se elles senhores do commercio da escravatura na Europa. Não poucos concilios, e o papa S. Gregorio Magno foram incansaveis na prevenção do abuso do poder, que por tal arte tinham adquirido sobre as pessoas dos christãos. Digno de toda a estima e veneração se constituiu aquelle sabio e humano pontifice em tudo quanto a tal respeito obrou.

No começo do VI seculo (530), Juliano, ou-

tro falso Messias, se annunciou como conquistador que, á testa da sua nação, destruiria pelas armas todos os christãos. Muitos subditos do imperio foram victimas do seu cego furor. Justiniano enviou tropas contra elle. Deu-se batalha ao falso Christo, que foi prisioneiro, e condemnado ao ultimo supplicio. O seu partido desappareceu com elle.

Justiniano foi dos primeiros que promulgou leis realmente oppressivas e intolerantes contra os judeus, as quaes foram mitigadas depois por um subsequente edito seu, a instancias de Sergio, bispo de Cesarea. Desde então começaram a não ser conhecidos os samaritanos como povo separado, ate que no seculo XVII se descobriu uma pequena porção d'elles na visinhança do seu santo monte Garizim, em posse ainda da lei escripta no antigo caracter samaritano, e cujos descendentes existem ainda.

Uma nova revolta assignalou, em principios do seculo VII, o phrenesi judaico. Phocas foi obrigado a expulsal-os d'Antiochia, e Heraclio de Jerusalem.

O mahometismo foi a principio desfavoravel ao judaismo oriental. Bem quizera Mahomet trazer os judeus ao seu partido: mas reconheceriam estes pelo maior dos prophetas um descendente da escrava Agar? Foi por isso que foram tratados sem misericordia na Arabia, onde n'aquelle tempo eram innumeros. Entretanto como depois se prestaram a pagar tributos e a coadjuvar os califas em suas conquistas na costa septentrional africana, foram por elles bem tratados, e ate protegidos: concorrendo tambem, não pouco, para o triumpho do crescente na peninsula hespanica. Sizebuto, Egica, e outros monarchas hespanhoes, os perseguiram no VII seculo. Egual perseguição soffreram da parte dos concilios hespanos, se exceptuarmos o IV de Toledo em 633, que mitigando as leis e estatutos promulgados contra os judeus, declarou — «que ninguem devia ser compellido a crer por força; devendo comtudo ser obrigados a adherir á fé os que uma vez a tinham abraçado.»

Expulsos da Hespanha por Sizebuto, rei dos godos, procuraram abrigo em França; mas Dagoberto os forçou logo a optar entre o christianismo e o exilio.

Carlos Magno protegeu os judeus tanto como aos seus outros subditos, e desd'então ora perseguidos, ora tolerados em França por quasi dois seculos, foram, sob Carlos VI, expulsos de todo. Muito tiveram que padecer do fanatismo popular germanico! O povo os trucidava ao grito de *Hep! Hep!* iniciaes das palavras *Hierosolyma est perdita* (Hierusalem esta perdida). S. Bernardo, e o papa Eugenio III reprovaram altamente taes atrocidades. Na Italia gosaram quasi sempre de tranquillidade. Onde porem conseguiram mais seguro asylo foi na Polonia. Ahi formaram a classe media entre os nobres e os servos, á sombra dos privilegios que lhes concedeu Casimiro Magno.

Uma parte dos reditos dos primeiros reis *capetos* (1030) consistia nas taxas sobre os judeus.

As suas calamidades recomeçaram na epoca das cruzadas, cerca do fim do XI seculo. Em todos os logares por onde ellas passaram, foram saqueados e degolados.

Cerca de 1190 (antes de Julho) a expedição dos cruzados do norte, mandados a Palestina, por Ricardo I d'Inglaterra, cognominado *Coração de Leão*, chegando ao Tejo, soccorrendo os apuros de D. Sancho I, e ajudando-o á tomada de Lisboa, procedeu egualmente com os judeus. «A fereza e perversidade d'aquelle tropel de malvados (*os cruzados*), exercitou-se especialmente contra as familias dos judeus, que na occasião da conquista não tinham querido abandonar os seus lares...» Assim o diz o nosso distincto historiador A. Herculano no T. 2.º, pag. 58 da sua *Historia de Portugal*.

Os povos, alternadamente ferozes e fanaticos, atiravam-se aos judeus e os despojavam de todo o oiro e prata. A perseguição foi geral. Estendeu-se pela Alemanha, pela Inglaterra, pela Italia. O falso zelo, e a avareza queria estender o nome d'*Israel*, mas muitos dos que participavam d'este nome não escapavam á morte senão dando-a a si mesmos.

Em 1012 o papa Benedicto VII castigou os judeus com exemplar severidade por desacatarem em sexta-feira santa a imagem do crucificado.

No seculo seguinte, em 1138, um falso Messias reuniu grande exercito, com o qual deu batalha ao rei da Persia. Este principe pretendeu fazer depor as armas aos israelitas rebeldes, mas o impostor que os capitaneava entretendo-os na revolta, fez tudo dependente de negociação. Prometteu desarmar os seus partidarios se lhe reembolsassem todas as despezas d'esta guerra ridicula. O rei da Persia consentiu n'isso, e deu-lhe grandes sommas. Logo porem que o exercito do falso Christo foi dispersado, os judeus tiveram ordem para entregar no thesouro real o que lhe haviam tirado como preço da paz.

Continua.

PENSAMENTOS DE DOMAT.

Como o corpo se faz pesado e enfraquece pela duração da vida, assim o coração se faz pesado e enfraquece pela duração dos maus costumes.

O superfluo dos ricos deveria servir para o necessario dos pobres; mas, ao contrario, o necessario dos pobres serve para o superfluo dos ricos.

Os acontecimentos não são nossos; só a vontade é nossa. Não podendo dirigir acontecimento algum, devemos pôr-nos em estado de que nenhum nos perturbe e obste a que sejamos felizes.

(*) Jurisconsulto celebre; nasceu em 1625 e morreu em 1695

Ha grande differença entre o modo porque sentimos as injustiças que nos tocam, e aquelle porque julgamos das que respeitam ao proximo.

Precisam-se mil coisas superfluas, nas quaes ha bastantes desgostos, perdas de tempo, vida mais difficil e fastidiosa.

O gesto é um esforço da alma para se communicar atravez do corpo e fazer entrar na de quem nos ouve o que a nossa sente e vê.

O louvor, ainda que falso, ainda que ridiculo, ainda que não acreditado nem pelo que louva nem pelo que é louvado, não deixa de agradar; e se não agrada por outro motivo, agrada ao menos pela dependencia e subjeição que mostra ter o que louva.

O bom tempo, uma boa palavra, um elogio, uma caricia, tiram-nos d'uma profunda tristeza de que não pudemos arrancar-nos por nenhum esforço de meditação. O que é a alma! que abysmo de miserias e fraquezas!

Desejamos agradar de tal modo, que não queremos desagradar aos outros ainda mesmo desagradando-nos a nós; e desejamos agradar aquelles que nos desagradam.

Cinco ou seis malvados gosam a melhor e mais rica parte do mundo: é bastante para comprehender o que valem as riquezas diante de Deus.

Não é pequena consolação para deixar este mundo, o livrarmo-nos do grande numero de parvos e maus de que estamos rodeados.

Os homens não julgam das acções e do coração do homem senão em relação ao que lhes respeita. Uma incivilidade a seus olhos parece-lhes mais criminosa que grandes peccados em presença de Deus que não offendem os homens. Ha infinitos exemplos.

Hoje a devoção e a virtude são coisas muito differentes.

Só ha dois meios para conseguir a felicidade e alegria: um, cumprir todos os nossos desejos; outro, limital-os ao que podemos possuir. O primeiro é impossivel n'esta vida: portanto é loucura emprehender ser feliz no mundo por este meio.

SANTA ISABEL, RAINHA DE PORTUGAL.

Nasceu esta santa rainha em Saragoça, segundo uns autores, ou em Barcelona, na opinião de outros, em o anno de 1271, e foram seus paes D. Pedro III de Aragão, e D. Constança de Suabia. El-rei de Portugal D. Diniz a pediu em casamento, e aos 11 de Fevereiro de 1282 se celebraram por procuração as suas bodas em Barcelona, com extraordinaria pompa. Como princeza e como rainha foi sempre um modelo de virtudes, tão apuradas, que mesmo em vida ganhou o epitheto de *rainha santa*. Em tempo d'el-rei D. Manuel foi beatificada pelo papa Paulo IV, e em 1612, reinando Filippe IV de Castella, foi canonisada.

E talvez a esta santa rainha que Portugal deve a primazia no culto da Immaculada Conceição da Virgem, e conta-se assim como esta devoção teve logar — Achava-se a rainha em Coimbra por occasião da guerra civil, e de accordo com o bispo d'aquella cidade alcançou ella que o dia 8 de Dezembro fosse dedicado á Conceição de Maria.

Desde então para cá ficou este culto inoculado nos portuguezes. A universidade prestava-lhe homenagem tão solemne, que todos os que tomavam o primeiro grau academico juravam defendel-o; e á Conceição de Maria votaram as côrtes de 1641 a defesa e protecção de Portugal.

Foi ainda esta santa rainha que fundou a primeira capella da Conceição que houve no reino, a qual esteve assentada no convento da Trindade em Lisboa, logo no começo da sua fundação.

Outras foram tambem as suas fundações. O convento de Santa Clara de Coimbra, e o hospital da mesma cidade; o convento de Cister em Almoster; o hospital dos engeitados e doentes de Santarem, e de Leiria; e em Alemquer a egreja do Espirito Santo, onde se conta que teve logar o milagre das rosas.

Não ha um acto na vida d'esta rainha que deixe de ser um exemplo. Não era seu esposo D. Diniz muito regular de costumes, mas nem por isso a santa esposa deixava de tomar a sua conta os filhos bastardos do marido, educando-os como seus. Na guerra civil que se incendeu entre o rei e o filho, correu ella a arremessar-se entre as lanças dos exercitos contendores para evitar a serie de calamidades que ameaçavam o reino. Na peste que o assolou, encontravam-na sempre no meio do contagio para soccorrer os infelizes. Tão santas foram as suas esmolas, que o povo ainda as conserva em memoria.

Fez a rainha voto de vestir o habito de S. Francisco, quando seu esposo falleceu da enfermidade de que adoeceu gravemente. A desolada viuva cumpriu o seu voto, fazendo a pé a romaria de S. Thiago de Compostella. A 4 de Julho de 1336 recebeu no ceo a recompensa de suas virtudes na terra, que deixou em Estremoz onde se finou.

Determinara em seu testamento que se lhe transportasse o corpo para o seu convento de Santa Clara em Coimbra, e assim se fez, encerrando-o em tumulo de pedra, onde esteve até 1612 em que foi trasladado por occasião da sua canonisação. N'esse acto se lhe encontrou intacto, incorrupto, e fragrante o corpo; e o mesmo se verificou em 1696 em que se transferiu para o novo convento de Santa Clara, que substituiu o primeiro que ella edificara, e onde por ordem d'el-rei D. Pedro II se encerrou em mausoleo de prata; e ainda em 1832.

Se se não visse, não podia acreditar-se a immensa desegualdade que a maior ou menor riqueza faz entre os homens. — *La Bruyère.*

PEQUENA CASA DE SOISSONS.

No Panorama da semana passada, demos tres desenhos de construcções antigas e modernas, nas povoações de França, e mostrámos, descrevendo-as, a differença que havia entre as construcções dos dois diversos systemas.

Agora, concluindo o que então dissemos, apresentamos uma estampa que representa a pequena habitação d'uma familia de operarios em Soissons, bello e fertil paiz onde se encontram excellentes materiaes de construcção.

Parece-nos que esta humilde casa, de grande simplicidade, execução facil, e manutenção pouco despendiosa, deveria ser proposta como um dos modelos das pequenas casas de aldêa para uso dos operarios.

ESTUDOS SOBRE A HISTORIA DE FRANÇA.

OS REIS DA PRIMEIRA RAÇA.

Continuação.

568. Sigeberto e Gontran alliaram-se para vingar a morte de Galsuinda; mas depressa uma convenção socegou esta guerra em principio. O primeiro voltou as suas armas contra os abares; e, sendo vencido, foi feito prisioneiro; mas o rei d'esta nação barbara, commovido pela coragem do monarcha francez, deu-lhe a liberdade e accumulou-o de presentes.

569. Gontran, desbaratado pelos lombardos e saxonios, que assolavam a Borgonha, surprehendeu-os e desbaratou-os em outra batalha. Mummol, o maior cabo de guerra que houve em França, era quem commandava as suas tropas. N'esta conjuntura, dois bispos, o d'Embrun e o de Gap, de capacete na cabeça e a espada em punho, bateram o inimigo, e deram aos soldados o exemplo da carnificina.

575. Sigeberto e Chilperico começaram entre si uma guerra cruel. *Theodeberto*, filho do segundo, morreu n'um combate. O proprio Chilperico, abandonado dos seus, procurando a salvação na fuga, encerrou-se em Tournai. O victorioso Sigeberto marchou a sitial-o; e, a despeito das supplicas dos nobres dos seus estados, ja se preparava para immolar o irmão a sua vingança, quando dois scelerados, mandados por Fredegunda, o apunhalaram. Não obstante grandes defeitos, este principe era o monarcha mais prefeito que ainda tinha apparecido sobre o throno de Clovis.

576. Chilperico e Fredegunda, escapos do maior perigo, apressaram-se em aproveitar a morte do seu inimigo. Brunehaute foi presa com os filhos; mas um vassallo fiel tirou da prisão o joven *Childeberto* II, filho do monarcha assassinado, e o collocou sobre o throno d'Austrasia. Chilperico, irritado com este contratempo, desterrou Brunehaute para Rouen, onde esta em breve lhe causou grandes inquietações. O principe soube que *Meroveo*, seu filho, a desposara; e, furioso, voou a Rouen para punir a temeraria paixão do joven principe. Os esposos refugiaram-se em uma egreja, e so sairam tendo a certeza de salvar as vidas. Meroveo foi, a seu pesar, ordenado padre, e Brunehaute reenviada para Austrasia.

Continua.

O gosto não é senão um bom sentido delicado; e o genio é a razão sublime.

AO INSIGNE POETA

LUIZ AUGUSTO PALMEIRIM.

Irmão! recebe este canto
Como tributo, e não mais.
PALMEIRIM — Poesias.

Palmeirim, o meu intento
É mui ousado, bem sei!
Possuindo um estro humilde,
Cantar-te não poderei!
Mas ao ler tuas canções,
Petrarcha, Tasso e Camões,
Esqueci p'ra te admirar!
Senti n'alma a esperança
De te ver inda da França,
Um Béranger egualar!...

Poeta! tu nos revelas
Um genio superior;
Quando na lyra que pulsas
Cantaste a patria e o amor!
Offertando eternos cantos,
A esta terra de encantos,
Terra outr'ora tão feliz:
Cantaste as glorias passadas,
N'essas batalhas ganhadas,
Por heroes do teu paiz!...

Portugal! quanta poesia
Esse canto encerra em si!
Quanto amor, quanta saudade
N'aquelles versos eu li!...
Á patria hoje sem brilho,
Desejas como bom filho,
Despertar o seu valor!
A Portugal tão temido,
Que hoje pobre e abatido,
Jaz sem força e sem vigor!

Não olvidaste os amores,
Tão desditosos de Iguez!
Cantando-os como devia
Um poeta portuguez!
Nas tuas inspirações,
Tu nos fallas de Camões,
Nosso poeta immortal!
D'esse vate tão lembrado,
Que p'ra nodoa do passado,
Foi morrer n'um hospital!...

Ao martyr napolitano,
Mazaniello o pescador;
Tributaste uma saudade
Como livre trovador!
De *Kossuth*, que a pobre Hungria,
Quiz livrar da tyrannia,
Nos fizeste recordar;
Trazendo-nos a memoria,
Essas paginas da historia,
Que a fizeram 'scravisar!...

N'esses quadros tão sublimes,
Que nos sabes descrever;
Gomes Freire apresentaste,
No supplicio indo morrer!
D'esses cantos tão singelos,
Harmoniosos e bellos,
Da guerra peninsular,
Quem ao ler o *Veterano*,
Não lhe sentirá ufano,
O coração palpitar?!...

Palmeirim! eu te admiro,
N'esses teus cantos sem par!
Teus a c'rôa de poeta,
Que mais podes desejar?...
Defensor da liberdade,
O teu nome ainda hade
Ser grande como Camões!
E os teus versos sublimados,
Com amor serão lembrados,
Atravez das gerações!...

J. A. X. DE MAGALHÃES.

SOBRE A MORTE DO DUQUE DE CLARENCE.

É verdade que o duque de Clarence, irmão do rei d'Inglaterra Eduardo IV, foi afogado n'um tonel de vinho de malvasia?

O duque de Clarence foi condemnado a morte por motivo de rebellião, pela camara dos lords, e o orador da camara dos communs insistiu vivamente para que esta sentença fosse executada.

O rei deu o consentimento; mas quiz evitar a seu irmão a vergonha d'uma execução publica.

Os unicos autores contemporaneos que fizeram menção do genero de morte imposto ao duque ou escolhido por elle, são Fabiano e Commynes.

«O rei Eduardo, diz Commynes, fez morrer seu irmão, o duque de Clarence, em um barril de malvasia, porque queria fazer-se rei.» (*)

Commynes tomou a anecdota de Fabiano, que era inglez e habitava em Londres. Eis o texto de Fabiano: «O duque de Clarence foi morto secretamente e afogado *(drown)* em um barril de malvasia *(barrel of malvesye)*, proximo á Torre.»

Um critico inglez, mr. James Gardnair, tendo recentemente commentado estas duas linhas do antigo historiador, chegou a concluir que muito provavelmente o seu verdadeiro sentido e o seguinte:

«O duque de Clarence foi morto secretamente, e o seu corpo, encerrado em uma pipa que tivera malvasia, lançado ao Tamisa, junto da Torre de Londres.»

Em outros termos, Clarence foi talvez estrangulado ou apunhalado na prisão; depois, para fazer desapparecer o seu corpo, metteram-no em uma pipa vasia, e lançaram-no ao rio.

Mr. Gardnair demonstra, com effeito, com

(*) Memorias de Commynes, liv. I cap. VII.

exemplos tirados dos melhores autores antigos, que a palavra *drown* era empregada ordinariamente no sentido de «deitar n'agua» e applicava-se não só aos mortos e aos vivos, mas ainda a todas as coisas. Na *Tempestade* de Shakspeare, Prospero diz: «Deitarei n'agua o meu livro» (*I'll drown my book*). Na comedia *Bom é o que bem acaba*, Parolles diz: «Afogarei os meus vestidos» (*I'll drown my clothes*). Por outra parte, é certo que as palavras «barril de vinho, pipa de vinho», não significam precisamente que o barril ou a pipa contenha vinho, mas unicamente que o tenha contido ou seja destinado a contel-o.

O autor da balada ou historia rimada de *ladye Bessie* (Isabel d'York, mulher de Henrique II) faz dizer a esta princeza: «Elle matou meus irmãos no leito em que estavam deitados e afogou-os ambos em uma pipa de vinho.» São as proprias expressões de que se serviu Fabiano, e aqui o sentido não é duvidoso; trata-se incontestavelmente de corpos inanimados e d'uma pipa vasia: era antigo uso servirem-se em similhantes circunstancias de pipas em vez de saccos.

Pode pois acreditar-se que o eterno gracejo bachico dos cancionistas de adega, que desejam «acabar a vida em um tonel de malvasia», é fundado n'uma falsa interpretação da narrativa de Fabiano.

MEIO PARA ESPANTAR OS CÃES.

Tomando de repente uma posição desusada ou extravagante pode-se algumas vezes fazer fugir os cães furiosos, ou outros animaes ferozes. Watterton conta a maravilhosa derrota d'um bando de bufalos, na America do sul, que não teve outra causa alem d'um expediente d'este genero.

Outro viajante conta que, atravessando um dia uma ponte estreita, um cão d'aspecto ameaçador appareceu d'improviso diante d'elle na outra extremidade. Salvar-se, fugindo, era impossivel. Então, com grande presença d'espirito, poz-se a olhar afoitamente para o cão, depois a baixar a cabeça e a diminuir a estatura curvando-se, apoiando as mãos sobre os joelhos. O cão parou, pareceu admirado de ver este homem mudar assim de figura e bater com os pés ruidosamente: comtudo hesitava; mas tendo-se o viajante posto a andar para elle na mesma posição e sem cessar de sapatear com estrondo, o cão, cheio de medo, voltou-se, e fugiu a bom fugir. O autor da *Campanha de Roma*, atacado por um cão egualmente formidavel, teve a idéa d'abrir arrebatadamente o seu guarda-chuva e de fazer d'elle uma especie d'escudo: o cão saltou para traz, e fugiu latindo.

Os prazeres mundanos nunca satisfazem a alma: esse magico poder é só concedido ás almas virtuosas.

RELAÇÃO DAS COISAS QUE ACONTECERAM EM A CIDADE DE ANGRA, ILHA TERCEIRA, DEPOIS QUE SE PERDEU EL-REI D. SEBASTIÃO EM AFRICA.

Continuação.

C

De como foi preso o licenceado Balthazar Alvares Ramires, e o sentencearam que morresse.

O licenceado Balthazar Alvares Ramires foi preso depois de ido o marquez. Seria homem de setenta annos e lettrado antigo, e cidadão muito nobre, e tinha já servido por vezes de corregedor, e os melhores cargos da cidade, e os mais honrosos, e muito aparentado, e casado com mulher e filhos, e os cidadãos desta cidade gosam dos privilegios dos cidadãos da cidade de Lisboa. Servia elle de desembargador com os mais. Tanto que foi preso vieram com um libello contra elle. Deu sua defeza, e dizem que boa. Foi concluso: ajuntaram-se os adjunctos, tirado o bacharel Roque Dias, e em seu logar pozeram o licenceado Jorge Fernandes, porque Roque Dias era cunhado do dito Balthazar Alvares. E como todos eram suspeitos, Jorge Vaz Paes estava tido por homem mal inclinado, houve mais votos que morresse, que dizem foi o voto do corregedor, e de João de Orbina, e de Antonio Francisco e Jorge Vaz Paes. Houve muitos rogos de pessoas nobres, e religiosos que lhe recebessem appellação. Não houve remedio: mandaram confessar o dito Balthazar Alvares, de setenta annos. Tendo elle vindo com embargos não lhos receberam, e o mandaram enforcar ao longo da cadea, na forca antiga da cidade, que estava no monte do Brazil; de que houve grande lastima em toda a cidade e ilha; e na forca esteve té o outro dia, que o foram enterrar: e lhe tomaram seus bens, dos quaes lançou mão Melchior Estacio, por haver sentença contra a fazenda dos rebeldes.

CI

Do que aconteceu sobre uma nau que aqui veio de Flandres.

Depois do marquez ido desta cidade, d'ahi a alguns dias appareceu uma nau. Não se sabendo donde podia vir, e imaginando na cidade donde podia ser, não se podia atinar. Chegando a nau defronte da fortaleza de S. Sebastião, foi lá um barco da terra, em o qual foi Pedro Alvares Cabral, que servia de alcaide da cidade. A nau vinha de França, e por mercador della um portuguez. Parece que partiu de Flandres depois do marquez cá estar, e com os ventos contrarios e calmarias pôz perto de um mez na viagem. E o mercador o que trazia era dinheiro amoedado de cobre, moedas de quatro vintens, e de dois, e de vintem, que era o que se fazia nesta cidade. E levavam de cá a moeda, e por

ella faziam em Flandres muita copia, e a traziam em pipas para lhe pagarem o cobre, e custo, por conta do sr. D. Antonio, em pastel, ou em assucar, ou em outra mercadoria da terra. Perguntou-lhe Pedro Alvares, o alcaide, em chegando, donde era a vinda? Dice-lhe, que de Flandres, e que era enviado por el-rei D. Antonio. Perguntando mais, em que estado estava a terra? se a accommettera o marquez de Santa-Cruz? que havia lá por novas ter vindo com grossa armada, e que novas havia delle? Dice-lhe Pedro Alvares, que o marquez não ousara accommetter a ilha, e que havia estar na ilha de S. Miguel, ou ser já ido. Folgaram muito os da nau, e se metteram dentro no porto. E depois que estiveram mettidos das fortalezas para dentro, lhe diceram que a terra estava por el-rei Filippe, e o conde degolado com outros, e o marquez já ido, e que deixára presidio na terra. Ficaram pasmados, e suspensos, dizendo mal á sua pouca ventura, e desgraça. E com esta vinha outra nau atraz, e um homem da villa de S. Sebastião se botou a nado e poz uma bandeira branca, e o tomaram. Esta se acolheu logo. O alcaide lhe tirou as velas, e as levou para terra, e o mestre, e piloto, e mercador; e os metteram todos na cadea, e depois enforcaram o mestre, e o piloto; e o mercador foi com pregão pelas ruas publicas e degradado para galés pelos adjuntos que ao diante se dirá. E a nau e mais fazenda se tomou por sua magestade, e os marinheiros os deixaram andar soltos, e trabalharam nas obras d'el-rei.

CII.

Da ordem que tiveram os marinheiros para fugirem.

Tinha vindo Domingos Gonçalves, o *batarda*, piloto, com uma sua caravela de figo e passa, e outras cousas do Algarve. E tendo descarregado em terra parte da carga, mandou João de Orbina que os barris de atum, e a quarta parte dos figos e passa deixasse ficar dentro, que tudo havia mister por conta d'el-rei para ir para o Faial, por estar lá presidio; e juntamente lhe metteu dentro trezentos vestidos feitos de calções, roupetas, chapeos, meias, e sapatos, para 300 soldados que lá estavam; e lhes metteu muito biscoito feito, muita sardinha em quartos, jarras de azeitona, e pipas de vinho; e estava esperando por tempo para partir; e o piloto ia dormir a caravela, e o mestre e seus filhos; e tudo estava fechado debaixo de coberta; e os marinheiros flamengos, e outros que andavam nesta cidade, constrangidos ajudaram a remar nos barcos que levaram tudo á caravela. Em um domingo a horas do meio-dia, que estava o piloto, mestre, e marinheiros em terra jantando, e os artilheiros das fortalezas da mesma maneira, estavam a algumas naus flamengas, e inglezas onde elles costumavam ir muitas vezes a jantar nas suas barcas; sem attentarem por isso se foram todos metter em uma barca que estava amarrada no caes, e os moços a buscar agua ou vinho acima á cidade. Elles se metteram todos nella, por costumarem fazer assim os mais dos dias sem pessoa alguma attentar por isso. O vento estava noroeste rijo, e passaram pela caravela, e com muita presteza lhe ergueram as velas, e com o cabo por mão, e botaram a barca com uma fateixa que ella trazia, e a deixaram ancorada, e em um momento largaram todas as velas, e passaram pela fortaleza de S. Sebastião, estando as guardas olhando; a de Santo Antonio ficava longe que é a que tem as vigias dos navios que saem, e a de S. Sebastião se regula por ella. Quando de terra viram ir a caravela, logo os que sabiam que ella estava de caminho para o Faial diceram que ella ia fugindo com alguem dentro. Chamaram o dono e lhe diceram que ia a sua caravela pela barra fora. Acudiu, a ver o que era: ficou pasmado. Foi logo ao porto; soube que eram os flamengos que andavam na cidade. Sem das fortalezas lhe atirarem se foi desapparecendo como um passaro. Botaram após ella uma nau ingleza com muita pressa. Quando foi á noite não na viu mais, nem ao outro dia. Tornou para o porto, e os marinheiros foram ricos com a caravela carregada.

CIII

De como sobre a fugida da caravela fallaram algumas mulheres algumas cousas, e as açoutaram.

Uma mulher casada, por nome a *Cavaca*, e outra por nome a *Gameleira*, sobre a fugida da caravela, fallaram algumas cousas, dizendo que fizeram bem, e que o seu chorava por seu dono, e que ainda o sr. D. Antonio havia vir tomar a ilha, e ellas haviam haver suas pobrezas, por alguns ladrões da terra que ajudaram a entrar aos castelhanos. E destas cousas diceram o mais que quizeram. Não faltou, a quem ellas o diceram em segredo, que logo o foi dizer ao corregedor. Logo as mandou prender, e tiraram as testemunhas que as accusaram, e em breve tempo o corregedor com os adjunctos, sem mais appellação nem aggravo, as mandaram ambas junctas açoutar pelas ruas publicas. Uma dellas d'alli a pouco tempo morreu, dizem que de nojo.

Continua.

Examinar, no momento d'obrar, se a nossa acção pode ser imposta a todos os homens, erigida em lei e escripta nos codigos, e sem duvida o meio de julgar imparcialmente do nosso procedimento. Reid tinha ja dado egual conselho, quando, para melhor nos fazer julgar do nosso procedimento para com o proximo, nos recommendou que em mente trocassemos com elle os papeis, suppondo-o em nosso logar e nos no seu, para nos desprendermos assim ficticiamente de todos os laços de interesse. — *A. Garnier.*

BUNDELKAND

O Bundelkand, antigamente uma das provincias do Allahabad independente, estende-se desde o Agrah ate Malwa. A maior parte d'este territorio, invadido pelos inglezes, acha-se hoje comprehendido na presidencia de Calcuttá. Banda, capital do paiz, está situada na margem do Kiane. Uma das suas fortalezas, a de Adji-Gur, é notavel pela sua posição. Construida sobre uma rocha escarpada, de perto de trezentos metros de altura, seguem os seus muros os contornos irregulares do pincaro mais elevado. Antes da invasão ingleza, tinha sido sufficiente sempre para defendel-a um limitado numero de homens.

A paizagem de Bundelkand é de immensa belleza: a vegetação, rica e vigorosa, esta em admiravel harmonia com os restos dos templos e sepulchros, testemunhas ainda do gosto e magnificencia da antiga India. Frequentemente o viajante, depois de ter atravessado sombrios desfiladeiros, e quebradas profundas entre montanhas, dominadas por grandes ruinas, chega de improviso a uma vasta planura, onde bellissimas superficies de aguas tranquillas e puras reflectem todos os esplendores do ceo. Mais longe atravessa immensos bosques cujo silencio é unicamente interrompido, de tempos a tempos, pelos espantosos rugidos dos tygres, uivos dos lobos, ou silvos das serpentes.

Uma viagem nocturna por aquelles paizes offerece a cada passo contrastes que produzem na alma impressões de indelevel encanto. O sol, mudando o aspecto da natureza, costuma tambem embellezal-a, mas ao mesmo tempo allumia as tristes scenas de decaida civilisação. Parece que tudo devia convidar á tranquillidade e a ventura em um solo fertil, que occulta em seu seio minas de diamantes, rivaes das de Golconda. Mas um só facto indica ao observador estrangeiro que não sabe o homem aproveitar-se das liberalidades da Providencia Divina. Os habitantes andam continuamente armados: o lavrador conduz o arado sem abandonar a espada, a lança, ou a espingarda. A ignorancia, a miseria, a escravidão, e as dissensões intestinas exercem os seus estragos ha muitos seculos n'aquelle bello paiz. A anarchia converteu em logar de soffrimentos esta mansão de delicias.

MODAS — TRAJES NACIONAES.

Em um jornal inglez deparámos com a noticia de estar em projecto na Alemanha uma associação de senhoras da alta jerarchia, que pretendem banir do uso os veludos, as sedas, e as rendas adoptando um traje nacional, e sobretudo proscrevendo as saias chamadas de balão, que actualmente tocam a meta do ridiculo! A imperatriz dos francezes, segundo as folhas que se publicam em Paris, não ha muito que tentou abolir esta tão extravagante moda, apresentando-se em um baile sem este traje de basilica, o que dera logar a ser felicitada pelo imperador, que a comprimentara jubiloso, por ver que ella havia abandonado o donaire de boneca para voltar ao antigo traje de senhora. Mas apesar dos esforços da imperatriz, e da approvação do imperador, a caprichosa moda voltou aos arcos de pipa, ás barbas de baleia, ás molas de aço, as *crinolines*, e a toda essa farragem de fatos insuflados, que no nosso paiz tem chegado ao extremo da exageração!

A associação tem resolvido excluir dos seus quartos de vestir e toucar, conforme dissemos, os veludos, sedas e rendas de fabrico estrangeiro: as pessoas sensiveis favorecem tão bellos projectos, que sem duvida segundo antevemos não passarão de projectos, pois é facto indisputavel, que todos gritam contra o luxo, porém o luxo cada vez augmenta mais!

Seria de bastante interesse que senhoras de alta jerarchia, se tornassem legisladoras do imperio voluvel da moda! Isto seria novo! As senhoras reformando os seus toucadores, e cortando pelos seus gostos, caprichos, phantasias, e talvez pelos seus interesses, dariam mostras de uma rara abnegação! Acreditem essas senhoras que tal projecto conceberam, que isso lhes dá mais gloria do que para si ganharam as Zenobias, as Semiramis, e ainda a moderna madame de Stael com os seus romances metaphysicos. Nós, em nome do nosso sexo, podemos assegurar-lhes, que se ellas regulassem para elle o uniforme varonil, deviam contar com o seguirem á risca todos os homens, não só por obediencia, mas ate por gosto e devoção. Quem não trajaria a bel prazer do sexo formoso e delicado? Pensamos que não haveria homem tão rude que a isto se negasse, quando nos lembra ter lido que existiu uma rainha, que alcançou do divino Hercules, que este para si tomasse as tarefas feminis, não seria pois muito o conseguir dos homens o trajar, como varões, segundo o gosto, e os preceitos do sexo feminino. Porem não é esse o argumento; as senhoras fazem uma pragmatica para as senhoras; e por isso é de crer que por ellas seja tão mal obedecida, como o foi dos portuguezes a que fez para elles el-rei D. João v.

Como poderão as senhoras (que naturalmente amam e se comprazem na variedade) soffrer a perpetua monotonia de um traje uniforme? Como renunciar aos caprichos encantadores do luxo, que as recommenda como abastadas para os satisfazer? Como sacrificar os mais caros interesses do seu coração? Como abandonar as *crinolines* que fazem as delicias da sua alma, e que levam até as mais provectas a apresentar a rotundidade de um tonel ambulante, do qual sae um chapeo de *varina*, com abas largas e descaidas!

Todos conhecem quanto seja commodo, facil e economico o arranjar-se uma senhora com um vestido, decente e simples, pois ha tanta abundancia, e variedade de generos baratos que n'esse mister se podem empregar; pelo contrario se á senhora dá a phantasia de trajar ricamente, não podem chegar as minas do Potosi, nem todo o oiro da California para satisfazer o seu luxo desregrado; um vestido de preço, uma manta, uma touca de baile, que algumas senhoras usam para sair a publico só por um dia, exigem despezas que poderiam matar a fome a muitas familias desgraçadas por todo o anno. D'aqui toma origem a pobreza da nação, que vê passar ás mãos d'estrangeiros todas as suas riquezas, em preço de luzentes bagatelas, que recebe d'elles; ao passo que a miseria dos nossos artistas e fabricantes cresce de dia para dia por não terem em que se empreguem, e a moral publica soffre pelo augmento dos crimes, dos roubos, dos perjurios, dos adulterios, das prostituições, e não poucas vezes dos assassinios!

Tudo isto por desgraça se dá em o nosso Portugal, aonde, ao lado da miseria publica, se vê brilhar escandaloso o mais desenfreado luxo. É certo que esta gangrena que lavra no corpo social, só poderia estancar-se com remedios que cortassem o mal pela raiz, reformando os nossos costumes, fim este que não se poderia alcançar por via de pragmaticas, ou de outras quaesquer leis de policia, que são remedios inuteis, ou quando muito palliativos. Por isso, e por outras razões obvias, muito nos arreceamos que sejam infructiferos os louvaveis esforços das senhoras que compõem a associação alemã, a qual nos parece não terá muitas sectarias no nosso Portugal.

Não sairemos d'este assumpto sem dizer alguma coisa sobre os trajes nacionaes em geral, não esquecendo os da nossa patria. Um traje nacional, é sempre mais ou menos analogo aos costumes, constituição do governo, religião dominante, e ao clima das terras; e sempre indica um caracter nacional, aonde este traje se não confunde com o de outras nações: portanto, quando se vejam duas nações, que não sejam visinhas, que não tenham origem commum, e todavia usem o mesmo modo de trajar, pode dizer-se desde logo, que a servil imitadora da outra ha perdido o seu caracter, pois que affecta uma ridicula imitação.

Tanto é verdade serem os trajes nacionaes nascidos d'algumas d'aquellas causas, que nos o poderemos verificar pelos padrões dos trajes de todos os povos. Os gregos, que tinham os cos-

tumes os mais polidos de toda a antiguidade, nascidos com uma imaginação sensivel, e delicada, com uma religião que lhes offerecia imagens salientes de todos os portentos da natureza; emfim habitando n'um clima temperado e doce, usaram o traje mais elegante que até aqui se tenha inventado; e ainda esse sobresaia mais ajudado pelas formas elegantes dos seus esbeltos corpos. N'esta parte, só nos ficou dos gregos a imitação das suas estatuas com seus ornatos e decorações; mas isto só (quando não fosse a sua historia) fallaria por elles a toda a posteridade. Os romanos, aproveitando-se muito da gravidade e elegancia dos gregos (que em tudo foram seus mestres) adoptaram todavia um modo seu e original, que muito respeito e acatamento concilia á gravidade republicana. Com muita discrição adoptaram as nações modernas para os seus tribunaes aquella toga veneranda que roçava pelos assentos do foro romano. Assyrios, persas, caldeus, usavam, como ainda hoje, roupas leves, largas e soltas, no que se conformavam á conveniencia do seu clima abrasador. Finalmente os chinas (nação moderna, e antiga, que não tem mudado) vestem-se, ou paramentam-se de opas de ceremonia (decentes de mais, e com excesso incommodas) como está nos seus costumes de enfadonha prolixidade, e etiqueta.

As drogas, e fazendas, hoje empregadas nos vestidos das nações modernas policiadas, differem por certo muito na qualidade (que não podia isso deixar de ser, habitando ellas em terras de tão variada temperatura); porem quanto ao talhe, feição e feitio dos trajes, ainda que estes conservem sempre alguma coisa de particular e original entre as nações que tem caracter, todavia não se poderiam hoje notar, comparando o trajar de todas ellas, taes são os extravagantes contrastes e differenças que n'outro tempo se notavam entre os povos do mesmo continente: e que o commercio, vinculo universal da politica social, communica a todas as nações até a uniformidade de gostos em coisas indifferentes, e a despeito das barreiras das montanhas, rios e mares, que separam os povos, as nações nas suas commodidades e habitos se tem assimilhado quanto pode ser.

O trajar dos inglezes é serio e grave, sem que se lhes possa notar ridicula affectação, no que e mui conforme á gravidade dos seus costumes, e á forma de sua constituição. Elles são escrupulosos, como o devem ser, em guardar a decencia, e ordem do traje, em suas visitas de comprimento, nos bailes, nos jantares, e nos theatros. O chapeo redondo, que era tido por jacobino pelo imperador Paulo da Russia, e na Inglaterra sempre usado no trato civil diario, por isso que é mais commodo e menos despendioso; chapeo armado não se vê na rua, e só e admittido nos coretos de musicos, ou nas audiencias dos ministros de estado, ou no paço etc., conforme as etiquetas. Os capotes tão pouco se vêem, usam-os as sentinellas de policia de noite, e os cocheiros quando chove. Fallando em geral, o trajar dos inglezes é serio, aceado, e commodo. O traje feminino, sobretudo o que usam de manhã e para passeio é grave, airoso, decente e simples, distinguindo-se pela nitidez.

O traje dos francezes e bem distincto, e muito mais mudavel, e mais subjeito ás vertigens de moda: alem d'isso tem alguma coisa de mais garrido, ainda nas pessoas serias; accusa mais desleixo ou menos cuidado no povo; isto está ligado com a natural vivacidade franceza, e com os seus costumes mais folgados e menos subjeitos ao rigor da etiqueta. Quanto as senhoras, dão a lei ao mundo no gosto, na elegancia, e nos ademanes.

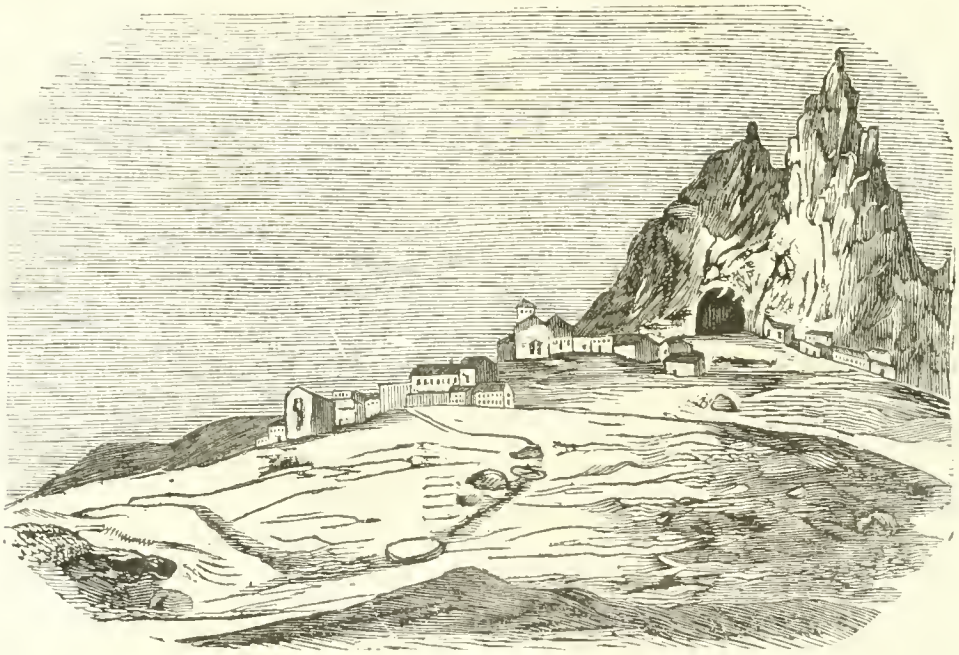
Os hespanhoes são todavia o povo, que pelo seu modo de trajar, mais distincto se faz entre todas as nações da Europa; como o mais antigo que se conhece entre os povos modernos, sem quasi notavel mudança do tempo dos moiros. Se isto accusa por uma parte menos civilisação, por não se lhes ter apegado alguma parte das modas, e usos mais commodos das outras nações, por outra parte mostra uma grande força de caracter nacional, de que os hespanhoes deram boas provas na ultima guerra de Bonaparte. Todavia, com quanto isto assim seja, não podemos deixar de reprovar o uso dos seus grandes chapeos, e dos seus capotes de panno de S. Fernando com forro ou dianteiras de veludo, em que nos ardentes campos e cidades da Andaluzia se embrulham no meio do calor do sol que os esta aconselhando para os tirar dos hombros! Pelo que respeita ao sexo feminino, esse prima com a mantilhà e a classica saia de setim, fazendo singular contraste com a mil vezes ridicula saia de balão!

Os trajes do nosso Portugal são bem distinctos dos dos nossos visinhos hespanhoes. Parece que as duas nações não tiveram origem, religião, costumes, e patria commum. Antigamente o nosso vestido de côrte e de ceremonia era a antiga moda hespanhola, que nós suppomos oriunda da polida côrte dos godos, tanto ella e airosa, grave, louçã, gentil e magnifica! Com ella appareciam nossos reis em todos os actos publicos da soberania; com ella os nossos governadores da India recebiam os reis e embaixadores das nações do Oriente; com ella o nosso Castro triumphou em Goa; e com ella se casou, e recebeu Maria Luiza com o imperador Napoleão, quando elle *macaqueava* Henrique IV. Consistia este traje em gorro de plumas na cabeça com um broche de diamantes, um manto, ou capa curta (pela feição do *paludamentum* dos generaes ou imperadores romanos), vestia e calção de veludo da mesma côr, e laços de fita nos sapatos. Quem d'isso quizer fazer mais clara idéa, pode ver Jacinto Freire, quando descreve o triumpho com que D. João de Castro entrou em Goa. D. João V, que tinha a vaidade de imitar o rei de França, introduziu todo o ceremonial da côrte de

Luiz XIV, e de todo aboliu aquelles trajes, que nos podiam fazer recordar os dias dos nossos antigos triumphos, e a nossa gloria nacional.

Quanto ao nosso traje nacional em a vida commum, como aquelle nosso rei deu exemplo das modas francezas em a nossa côrte, o povo de Portugal seguiu com furor desatinado o exemplo do seu rei, e os modelos que lhe vinham de França; e assim vê-se hoje que os nossos paizanos das provincias trajam da mesma feição que os paizanos francezes. Trajem como quizerem; mas seria bem util, que tanto os homens como as mulheres da classe secundaria da sociedade, largassem o uso moirisco dos capotes, que por mais de uma razão se deveria desterrar, como incommodo, e opposto ao espirito de um povo activo e industrioso.

E agora perdoem as nossas damas se porventura lhes não damos no fim d'este nosso artigo um logar separado; a razão já a ella alludimos no começo, e agora, ficando-nos pequeno espaço, esperamos nos desculparão accrescentar, que o não temos para accommodar as nossas modernas basilicas!



CELLORIGO.

A antiguidade da villa de *Cellorigo* e remotissima, e as moedas, os fragmentos de barro saguntino, e outros objectos de bronze e cobre que se costumam encontrar em suas immediações ao remover a terra para os trabalhos agricolas, attestam que pelo menos já existia no tempo dos romanos; e assim devia succeder, porque a sua posição é singular e inexpugnavel, parecendo que a natureza se esmerou em apresentar um phenomeno digno do estudo e admiração de todos.

Nós julgamos que *Cellorigo* se acha em um dos pontos mais elevados de Castella, sendo certo que de qualquer das suas ruas e casas se descortina um horisonte de muitas leguas, incluindo Rioja, as montanhas de Santander, a costa de Cantabria, a afamada serra de San-Lourenço e outras da provincia de Burgos.

O aspecto da villa é mui pittoresco, e vista de longe parece suspensa das nuvens, contribuindo para afórmoseal-a os eriçados penhascos que lhe servem como d'escudo, e que ao mesmo tempo parece que vão precipitar-se ao menor impulso, e destruil-a completamente.

Como não ha caminhos, nem pode havel-os, mas só sendas e más, gastando-se muito tempo para subir ao cimo do grande penhasco, chamado *Mata-asnos*, onde se acha a povoação, os habitantes d'esta vivem quasi sem trato nem relações, gosam d'uma paz invejavel, passando desapercebidos para elles os acontecimentos que commovem a Europa e ainda o mundo inteiro, e julgam-se felicissimos no anno em que suas terras lhes fornecem o trigo sufficiente para se alimentarem até á outra colheita.

O famoso castello de *Cellorigo* abateu por duas vezes, em fins do seculo IX, o orgulho e immenso poder dos reis de Cordova quando aspiravam á conquista da Europa. Ouçamos o monge Albelda na era 920, anno 882, reinando D. Affonso III:

«Almundar, enviado por seu pae Mahomat,

rei de Cordova, com oitenta mil homens, commandados por Abualit, depois de haver combatido as fortalezas de Saragoça e Tudela, sem rendel-as, possuidas pelos Zimaeles, filhos de Muza, inimigos do rei de Cordova, talando o exercito cordovez todo o paiz, chegou, reforçado com Ababdella, anteriormente nosso amigo, aos confins do nosso reino das Asturias; primeiramente accommetteu o castello de Cellorigo, defendido por Vela Gimenez, conde de Alava; mas foi rechaçado com perda de muita gente: d'ali passou com o seu exercito ao extremo de Castella a combater o castello de Pontecurbo, hoje Pancorbo, que atacou por tres dias; mas só conseguiu perder muita gente ao fio das espadas vingadoras dos sitiados: era conde de Castella Diogo, filho de Rodrigo. Na era seguinte de 921, anno de 833, fez a mesma expedição; correu desde Saragoça talando os campos, e saqueando quanto encontrava, mas sem poder render castello algum: voltou a combater o castello de *Cellorigo*, defendido pelo conde de Alava, Vela, vendo-se obrigado a renunciar á sua empresa com muita perda, succedendo-lhe o mesmo com o castello de Pontecurbo, defendido pelo seu conde Diogo.

Do referido castello de *Cellorigo*, que estava situado sobre uma das pontas dos penhascos escarpadissimos que se vêem á direita da gravura que apresentamos aos nossos leitores, apenas existem os vestigios.

A maneira que o castello de Pancorbo defendia a entrada pela foz do seu nome, o de *Cellorigo*, distante duas leguas, verificava o mesmo com respeito a garganta de Foncea e á foz de Morquera, ficando assim preservados os paizes de Alava e Castella, que depois se chamou Velha, das correrias e devastações que faziam frequentemente os exercitos nas terras de seus contrarios; e assim se vê, pela relação de Albelda, que Pancorbo era o extremo de Castella, e *Cellorigo* o dos condes de Alava, cuja villa ha bastantes annos é considerada Castella.

Posteriormente a tamanhos acontecimentos temos noticias da villa. No voto do conde Fernan Gonzalez, no foral de Miranda do Ebro dos fins do seculo XI, e no de Cerezo do seculo XII, falla-se em *Cellorigo*.

Tambem se menciona a sobredita villa na petição que os embaixadores do rei de Navarra D. Sancho VII, chamado o Sabio, apresentaram ao rei d'Inglaterra Henrique II contra o de Castella D. Affonso VIII, na quaresma do anno 1177, em compromisso feito em Agosto de 1176: advertindo que o citado rei de Navarra pretendia que o de Castella lhe entregasse Nágera, Grañon, Pancorbo, Belforado, Cerezo, *Cellorigo*, e mais algumas povoações.

Cellorigo é hoje uma pequena villa que se compõe de sessenta casas medianas, distribuidas em varias ruas, e uma pequena praça, e pertence á provincia de Logronho e ao districto judicial de Haro; dista dez leguas do primeiro ponto, tres do segundo, e duas pequenas de Miranda do Ebro. Tem uma antiquissima egreja; mas de nenhum merito artistico, e menos ainda desde que com um malfadado reboque de cal que lhe deram interiormente, desappareceram algumas pinturas, adornos e inscripções.

A situação elevada d'esta villa faz com que se denomine vulgarmente, mas com immensa propriedade, o *Pulpito da Rioja*.

CONFIDENCIAS.

(Fragmento.)

JULIO — AUGUSTO.

. . . . . .

JULIO.

Diz, Augusto, que juizo
Formas tu do sentimento
A que chama paraizo.
Ora um inferno lhe chama
A exaltação do talento?

AUGUSTO.

Não sei bem de que me fallas.

JULIO.

Fallo... fallo-te do amor.

AUGUSTO.

Ah! do amor?...

JULIO.

Achas que inflamma
Que tem tamanho calor
Essa luz do coração,
Como dizem por ahi
Os sectarios da poesia?

AUGUSTO.

Julio, tenho dó de ti.

JULIO.

Mas porque? Diz a razão,
Não te percebo a ironia.

AUGUSTO.

Ironia não é tal.
Tenho dó, repito-o agora,
Indagas, pois te devora
Um amor talvez fatal.

JULIO.

A mim!...

AUGUSTO.

Não queiras negal-o,
Deste-o logo a conhecer
Na pergunta que fizeste....
Sentes n'alma um fogo a arder,
E, como nunca o tiveste,
Como não sabes o que é,
Vens em segredo espreital-o
Na experiencia do amigo.
É provar que em mim tens fé.
Desabafa pois comigo.

JULIO.

Tu promettes não ralhar?

AUGUSTO.

Ralhar! . . Eu! . . . Com que direito?
Por ventura és tu meu filho?
Tens-me acaso por tutor?

JULIO.

Tenho-te o mesmo respeito,

AUGUSTO.

Pois então socega. . . e vamos. . .
Prometto ser indulgente.
Anda pupillo innocente. . .
Anda, filho, principia.

JULIO.

Já tu começas brincando. . .
Nunca te vi serio um dia. . .
Sempre a rir, sempre zombando. . .

AUGUSTO.

Nem sempre zombo, meu Julio.
Muitas vezes, olha. . . — Adiante!
Conta o que ias a dizer,
E se de amigo constante
Os conselhos queres ter,
Que os posso dar tu verás.

JULIO.

Meu Augusto, jurarás
Que a historia que vou contar-te
A ninguem revelarás.
Promettes?

AUGUSTO.

Se tu tens medo
É melhor ficar calado;
Mas se me queres fazer
Alguma revelação
Desde agora te asseguro
Toda a minha discrição.

JULIO.

Obrigado. — Vaes tu ver
O que a mim me succedeu.
Era n'um baile uma vez. . .

AUGUSTO.

Era uma vez! . . . Dá seus ares
D'uma historia d'aia velha. . .

JULIO.

Diz. . . quem foi que interrompeu? . . .
Depois se tu te enfadares. . .

AUGUSTO.

Adiante! . . .

JULIO.

Hade haver um mez. . .
N'um baile, como dizia,
Vi um rosto de mulher! . . .

AUGUSTO.

Era um anjo disfarçado
Que andava em tua procura?!

JULIO.

Na celeste formosura
A candidez transluzia! . .

AUGUSTO.

Custa pouco a perceber,
Ficaste ali namorado?

JULIO.

É verdade. Nunca vira
Tamanho e tal attractivo!
Quem ao vêl-a não sentira
Dentro d'alma. . .

AUGUSTO.

Um fogo vivo.
É já costume, bem sei. —
Não na foste convidar
Para uma polka, sequer?

JULIO.

Pois não fui! Logo que pude
Fui tiral-a para par.

AUGUSTO.

Conversaste?

JULIO.

Conversei.
Ai! que magia de falla! . . .
Que intelligencia elevada!
E que perfume que exhala! . . .

AUGUSTO.

Diz-me lá. . . é flor ou fada?

JULIO.

É anjo, é fada, é. . . e tudo

AUGUSTO.

Homem, tudo?! . . .

JULIO.

Quanto ha bello.

AUGUSTO.

E fallaste-lhe de amores?

JULIO.

Tanto estava allucinado
Que affrontando os seus rigores
Tive a audacia. . . de pintar-lhe
Da minh'alma o ancioso estado.

AUGUSTO.

Em resposta o que te disse?

JULIO.

Que havia sempre do amor
Feito idéa tão grandiosa
Que lhe custava a suppor
Fosse coisa d'este mundo.

AUGUSTO.

Tu então que respondeste?

JULIO.

Fui, pouco a pouco, buscando
Convencer a minha rosa. . .

AUGUSTO.

Foi o nome que lhe deste?

JULIO.

É o nome que ella tem. —
Busquei então convencel-a
De que a paixão fôra a herança,
Que Deus ao mundo legara
Que desde então era ella
Flor do mundo. . .

AUGUSTO.

Muito rara.
Eu dissera em seu logar.

JULIO.

Foi o mesmo que me disse. . .
Mas deixando perceber
Que não se tinha offendido
Com a minha confissão.

AUGUSTO.
Mas emfim... vamos a ver...
Que disse ella? Sim ou não?
JULIO.
Não ficou bem decidido.
AUGUSTO.
Não ficou?...
JULIO.
Não... e o motivo
Foi que a manhã traiçoeira
Fez o baile terminar...
Mas olhou-me de maneira,
Com tal saudade e pesar
Que inda mais me fez captivo.
E quando eu lhe perguntei
Se podia ter esp'rança...
AUGUSTO.
Respondeu-te?
JULIO.
N'um proverbio encantador:
« Quem espera »...
AUGUSTO.
« Desespera!... »
E rifão consolador.
JULIO.
Disse sorrindo, em vez d'isso:
« Quem espera sempre alcança! »
Mas com que graça e feitiço!
AUGUSTO.
E depois?
JULIO.
Depois... mais nada.
AUGUSTO.
Como assim!... Pois o romance
Não tem continuar-se-ha?
Ja tens a historia acabada?
JULIO.
Acabada não... Não está.
AUGUSTO.
Então venha o seguimento
Que já me sinto curioso.
JULIO.
Dias depois encontrei-a...
AUGUSTO.
E fallaste-lhe?
JULIO.
Não pude...
Porque tive acanhamento.
AUGUSTO.
Creança!...
JULIO.
Fui cauteloso...
E quero crer que fiz bem.
AUGUSTO.
Mas o que foi que fizeste?
JULIO.
Assim como quem passeia
Fui seguindo-a...
AUGUSTO.
Para ver
Onde morava? — Isso tem
O seu tanto de rasoavel. —
E da morada soubeste?
JULIO.
Fui mais feliz do que julgas.
AUGUSTO.
Que me dizes?
JULIO.
A verdade.
Vê tu que alegria immensa,
E que alvoroço eu não tive
Quando a vi entrar em casa
De minha prima Piedade...
Tu conhecel-a?
AUGUSTO.
Conheço.
É senhora muito amavel,
E galante por signal.
JULIO.
Pois são ambas muito amigas.
AUGUSTO.
O negocio não vae mal.
JULIO.
Para encurtarmos razões...
AUGUSTO.
Fazes bem que as aborreço...
JULIO.
Começou a convive.cia
E seguiu-se a intimidade.
AUGUSTO.
Então podeste á vontade,
Sem ser inconveniencia,
Indagar da tua sorte?...
JULIO.
Ja se vê! Tanto insisti
Té que uma noite por fim...
D'aquelles labios ouvi
Um gracioso e terno sim.
Imagina o meu transporte...
Fiquei louco de contente!
AUGUSTO.
Isso por força.
JULIO.
Ja vês
Que a datar d'aquelle instante...
AUGUSTO.
Lhe pozeste logo aos pés
Um coração delirante,
Fizeste trinta mil juras,
Disseste... o que toda a gente
Costuma em taes conjunturas...
Algumas vezes verdade,
As mais das vezes mentira.
JULIO.
Oh! este amor que ella inspira
Vêl-o extincto ninguem hade
Porque é toda a minha vida!
Se me enganasse... eu morria!

Continua. MENDES LEAL (ANTONIO).

O amor mais violento raras vezes resiste a uma prolongada separação.

Os applausos, e encomios do mundo, muitas vezes respondem ás exprobrações da consciencia.

ESTUDOS SOBRE A HISTORIA DE FRANÇA.

OS REIS DA PRIMEIRA RAÇA.

Continuação.

580. Fredegunda tinha jurado a perda dos filhos do primeiro matrimonio de Chilperico. Fez assassinar Meroveo, que ainda lhe fazia sombra. O que restava, Clovis, teve a mesma sorte. Finalmente, não achando outra victima a immolar além de seu esposo, a quem a sua fidelidade se tornara justamente suspeita, fel-o apunhalar em 584 por Landri, a quem ella amava. Tal foi o fim do Nero da França. Era tão avaro, que muitos dos vassallos, opprimidos com impostos, abandonaram os seus dominios. A sua tragica morte fez chorar d'alegria; e o seu corpo, abandonado de todos, ficaria no logar em que foi traspassado, se Malus, bispo de Senlis, não tivesse o cuidado de o transportar a Paris, onde foi enterrado na egreja de S. Germain-des-Près.

585 Chilperico deixou só um filho de quatro mezes, que lhe succedeu com o nome de Clotario II. Fredegunda, mãe do joven rei, soube ganhar a amisade de Gontran, que a declarou tutora e regente dos estados de seu filho. Debalde alguns nobres, inimigos d'esta princeza, quizeram dar a corôa a *Gondebaud*, que julgavam filho de *Clotario* I. Este aventureiro foi atraiçoado e morto pelos mesmos que o tinham acclamado, e este serviço foi ainda um beneficio de Gontran.

593. O reinado d'este foi longo e inglorio. Morreu em Chalons-sur-Saône, com mais de sessenta annos. A sua devoção, e principalmente os bens com que dotou os frades, foram a causa d'elle ser contado no numero dos santos; mas nunca será collocado no numero dos reis medioeres. Childeberto, que elle tinha adoptado, herdou os seus estados, reunindo assim o reino da Austrasia ao de Borgonha.

594. A morte de Gontran foi para Fredegunda e Childeberto um signal de rompimento. O monarcha austrasiano quiz aniquilar Clotario. O valor da regente augmentou com o perigo: juntou tropas, poz-se á sua frente, acompanhada do filho, enganou o inimigo por um estratagema, alcançou victoria, e, deixando por toda a parte os vestigios do seu furor, voltou a Soissons carregada de despojos.

596. O monarcha, vencido por uma mulher, vingou-se da derrota, exterminando os varnes, povos da Germania, que Fredegunda tinha excitado contra elle. Foi esta a ultima proesa do seu reinado: morreu alguns mezes depois, deixando os reinos a seus dois filhos, sob a regencia de Brunehaut, sua avó. *Theodeberto* II, o mais velho, foi coroado rei d'Austrasia; *Thieri* II teve em partilha o reino de Borgonha.

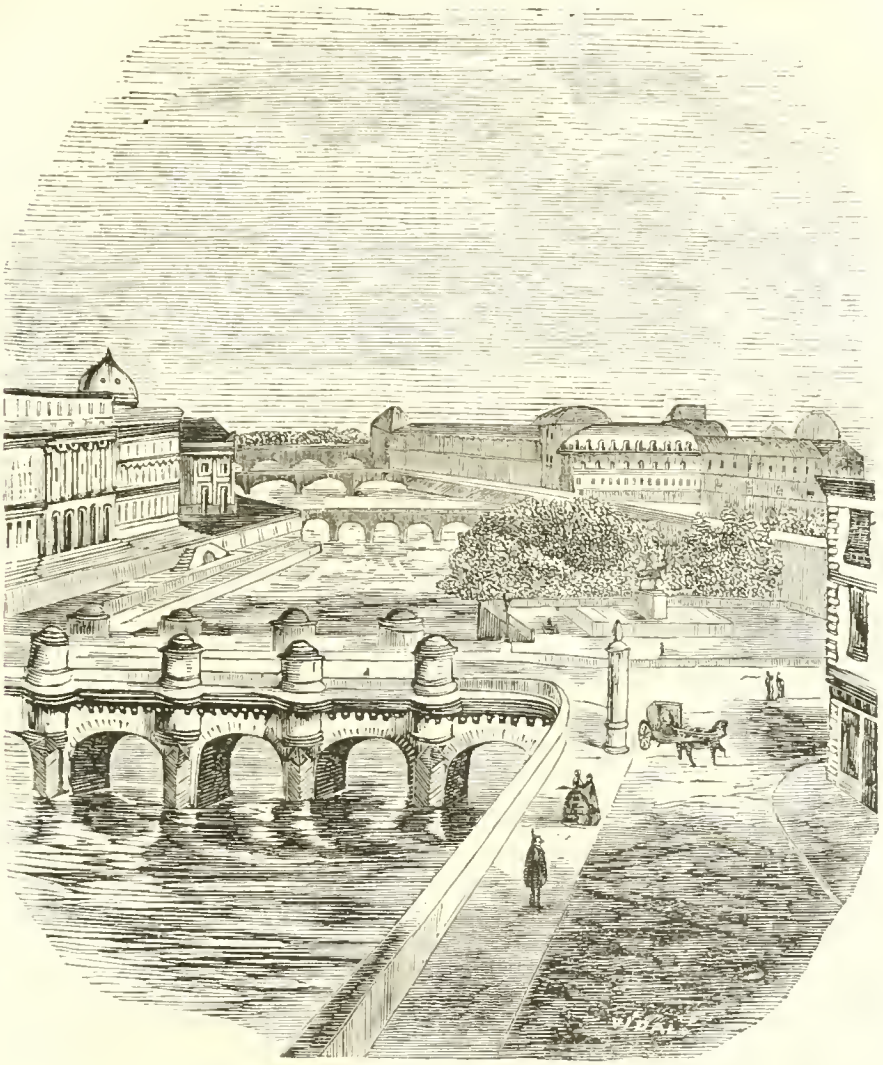
597. A guerra ateou-se de novo entre as duas côrtes d'Austrasia e Soissons. Fredegunda, á frente das suas tropas, apoderou-se de Paris e de muitas outras praças. Brunehaut quiz atalhar similhantes conquistas; mas a sua rival, mais feliz ou mais habil, derrotou-lhe os exercitos, e fez por toda a parte triumphar as bandeiras de Clotario. Fredegunda, no mais alto grau de prosperidade, via crescer a sua gloria com o poder do filho: chegava-se quasi a esquecer que esta mulher ambiciosa, vingativa, e cruel, tudo havia sacrificado á sua grandeza e segurança. Foi este momento de triumpho que o ceo escolheu para leval-a d'este mundo, terminando a sua carreira: foi enterrada junto de Chilperico, na egreja de S. Germain-des-Près, onde se vê ainda o seu tumulo.

613. A morte de Fredegunda seguiram-se algumas batalhas, em que Clotario não foi feliz. De tempos a tempos havia paz; mas foi absolutamente banida pelas dissensões que tiveram, entre si, os netos de Brunehaut. Theodeberto desterrou esta princeza, que se refugiou nos estados de Thieri, e induziu este á vingança. Os dois irmãos combateram muitas vezes: Theodeberto, vencido, foi morto. Thieri, ensoberbecido por este successo, voltou as armas contra Clotario; mas morreu em Metz d'uma disenteria. Clotario, então, tornou-se usurpador e feroz: mandou matar dois filhos de Thieri, e fez rapar o terceiro; escapando o quarto, que não tornou a apparecer. O tragico fim de Brunehaut poz termo a estas atrocidades: depois de a ter carregado de injurias, Clotario a abandonou aos insultos da soldadesca, a crueldade dos carrascos, e, por ultimo supplicio, fel-a arrastar pelas silvas e seixos por um cavallo bravo.

628. Clotario II, unico senhor da monarchia franceza, apagou, com rasgos de moderação e de justiça, as barbaridades de que era culpado. Dissipou as conjurações; convocou numerosas assembleas dos seus estados; submetteu os gascões e os saxonios, e morreu chorado dos povos, depois de ter associado *Dagoberto*, seu filho mais velho, á corôa. Feliz este principe, se não tivesse enfraquecido a sua autoridade em favor dos grandes! A dos *maires* de palacio começou, principalmente no seu reinado, a contrabalançar o poder real. Depressa veremos eclipsal-o inteiramente, e firmar-se emfim sobre as suas ruinas.

629. *Dagoberto* I tinha um irmão chamado *Ariberto* ou *Chariberto*, a quem deu em soberania uma parte da Aquitania, que se conservou na casa d'este principe com o titulo de ducado hereditario, até Luiz d'Armagnac, duque de Nemours, morto na batalha de Cerignoles em 1503, e que foi o ultimo d'esta illustre familia.

Se Dagoberto se não tivesse deixado corromper pelas paixões, e continuasse como começara, teria sido um modelo na arte de reinar. Fez ao principio florecer as leis e a boa ordem; mas logo o amor o precipitou nos mais horriveis excessos. Tres mulheres simultaneamente gosando do titulo de rainhas, e uma multidão de concubinas absorviam-lhe as rendas. Avexou os povos, e perdeu a sua estima. (Continua.)



A PONTE NOVA EM PARIS

A ponte nova foi começada pelo architecto Ducerceau, no reinado de Henrique III, cujo monarcha assentou a primeira pedra. Mas suspenderam-se os trabalhos pelos alborotos da Liga, e não se continuaram até ao tempo de Henrique IV, que custeou as despezas do seu bolsinho particular, encarregando a direcção dos trabalhos ao architecto Marchand, e concluindo-se a ponte no anno de 1604. Compõe-se de duas partes deseguaes que se reunem ao extremo occidental da ilha da *Cité*, onde se confundem os dois braços do Sena. A parte que cae sobre o braço direito consta de sete arcos circulares, e a do braço esquerdo de cinco, sendo a sua longitude de trezentos e quarenta metros, e a latitude de vinte e seis. Os arcos são esbeltos e elegantes, e sustentam uma cornija esculpida em marmore. No extremo da ilha, na parte central da ponte das Artes, está a estatua de bronze de Henrique IV, que foi erigida pela sua viuva Maria de Medicis.

A ponte nova tinha uma bomba ou machina hydraulica que enviava a agua ao Louvre e as Tulherias; mas foi destruída em 1813. Este monumento era antigamente um ponto de reunião de toda a rele do povo de Paris.

As perseguições no mundo são para os sabios, e não para os tolos.

O luto, que devia ser a demonstração do sentimento, e saudade, muitas vezes não e mais que observancia de pragmatica.

O GALEÃO ENXOBREGAS.

(Scenas navaes do seculo XVII.)

I

TORMENTA E REVOLTA.

Em uma quinta feira d'Ascensão, que se contavam treze dias do mez de Maio do anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo, 1679, reuniu-se muito povo na praia de Belem, para ver desaferrar do Tejo o galeão *Enxobregas*, uma das maiores naus do seu tempo, que por effeito de grossas avarias, não seguira para a India com o mais da frota d'esse anno, em 15 d'Abril; mas que, por ser veleiro e seguro, esperavam chegasse a Goa adiante d'aquelles que lhe tomaram a dianteira. A referida armada compunha-se apenas de dois galeões; já não eram aquellas grandes frotas do tempo de D. João III! Por capitania da viagem ia a nau *S. Lourenço*, construida na ribeira de Gôa, a qual se perdeu logo a 3 de Setembro nos baixos de Moxincale, como mui lastimosamente conta o jesuita Antonio Francisco Cardim, que era seu capellão; e por almirante um galeão novo, denominado *Nossa Senhora do Bom Successo do Povo*, que tambem se perdeu, cinco dias depois, perto das ilhas de Angoxa, no quarto da madorna, com vento em popa, amarras telingadas e vigias na sobrecevadeira, como egualmente conta o reverendo padre da companhia de Jesus. Com vento fresco e de feição, ao repontar da maré, desceu airoso o Tejo o nosso galeão *Enxobregas*, levando por seu capitão a Bastião de Moraes, *o dos oculos*, acanhado da vista mas desembaraçado do pulso. Por piloto ia Pero Dourado, velho navegador da India. Duarte Fernandes era o mestre da nau; e Pantaleão Vaz, *o cheira-dinheiro*, seu contramestre. De passagem levava varios fidalgos, officiaes e soldados, que iam a servir el-rei no ultramar; alguns missionarios da companhia de Jesus, e da ordem do seraphico S. Francisco; e duas senhoras de distincção, uma esposa, outra filha de Ruy da Cunha, provido com a fortaleza de Cananor.

Ao pôr do sol do mesmo dia da saida, já estes navegantes não viam terra da patria; e engolphando-se nas solidões do oceano procuravam o caminho da frondosa ilha da Madeira.

Viagem de rosas tiveram, não só até á altura de Porto Santo, que enxergaram de perto, e da Madeira, que avistaram ao longe, mas além da ilha de Santo Antão, uma das de Cabo-Verde, que marcaram ao cabo da decima oitava singradura.

Depois começaram-lhe a dar as trovoadas de Guine, e no parallelo da Serra Leôa viu-se o galeão perdido, com os ventos furiosos e desencontrados que o assaltaram, com o mar bravio que se levantava em pyramides, e com os raios que caiam em roda do navio, fazendo horrivel estrondo, cegando com o brilho dos relampagos, e ameaçando de o incendiar.

Os timoratos já pediam confissão ao capellão da nau, padre Jeronymo da Conceição, e aos demais frades passageiros; porem os homens experimentados nas coisas do mar, trataram de metter dentro, primeiro as gaveas, depois os papafigos, a mezena e a cevadeira; arriaram, como poderam, os mastareos; e, em arvore secca, offerecendo o cadaste á furia do mar, lá foi correndo o galeão a Deus e á ventura, rociado pelas vagas, até que abonançou a tormenta.

Seguiram-se alguns dias de enfadonha calma na *Linha*, e afinal dobrando os Abrolhos, seguiu a nau *Enxobregas*, desviando-se da costa do Brazil, até se internar pelo sul dentro, muito além da latitude do Cabo.

Já um impertinente frio entrava com a maruja, que mal a deixava acudir á manobra, quando o vento virou de feição, para deixar que a nau aproasse ao Cabo da Boa Esperança; visto que o capitão, contra o regimento d'el-rei, queria ir fundear em Moçambique, para fazer veniaga, em vez de seguir as ordens que o mandavam ir por fóra de Madagascar.

Entrava já o mez de Agosto; o galeão fazia alguma agua pelos altos, não coisa de cuidado, é verdade, mas que o embaraçava de puxar com todo o panno; e o piloto questionava com o sota-piloto sobre ter-se passado ou não o Adamastor, quando as *mangas de veludo* começando a cruzar por sobre os mastareos, vieram dar testemunho de que estavam alem do Cabo.

A vista do *Cabo Falso* confirmou no mesmo dia a alegre presumpção dos nautas. N'esse dia houve missa, banquete e dança a bordo.

Mas logo depois, correndo ao longo da costa de Natal, caiu tão dura refrega sobre a nau, e tão subita, que o mastro do traquete, já de si inclinado para vante, parecia querer ir beijar o gurupez; e o conseguira, se a vela se não rasgara em mil pedaços. Os mastros grande e da mezena, que caiam para ré, conforme a construcção do tempo, quasi que se pozeram a prumo; e as respectivas vergas soltaram de si as velas com a violencia da borrasca. O gurupez rendeu, e a verga da cevadeira partiu pela estagadura, ou, como hoje diriamos, pelo terço, se é que ainda ha navio que use de cevadeira!

O padre Jeronymo da Conceição acudiu ao chapiteo da popa, armado de um crucifixo, para exorcismar a tempestade, e os moços de primeira viagem, de involta com os soldados bisonhos, segurando-se ás roupetas dos filhos de Loyola e aos habitos dos franciscanos, clamavam, vós em grita: misericordia! O capitão, que nada entendia de nautica, ouvia os conselhos do piloto e sota-piloto, mestre, contra-mestre e guardião, e até dos marinheiros que sabiam tomar a altura do sol, não achando meio de conciliar os disparatados pareceres d'estes velhos navegadores. E a nau arfando, sem governo, por que os timo-

neiros mal podiam subjugar o leme, apesar das valentes talhas que lhe haviam dado.

A cerração era completa. O *cheira-dinheiro*, meneando um calabre, zurzia de popa á prôa os grumetes que não andavam lestos. Um velho marinheiro que, em 1593, vira de perto a morte no galeão *Santo Alberto*, encalhando no penedo das Fontes, repassava na mente a triste historia d'aquelle naufragio, e os trabalhos que se lhe seguiram, supportados então com a coragem de mancebo imberbe, mas a que o ancião não resistiria agora; e cria já ouvir as pancadas que o galeão estava dando sobre o baixio. O piloto e o sota-piloto eram concordes (coisa rara n'aquelles tempos!) em que a nau de sua magestade estava mais amarada, apesar de não verem o sol havia tres dias, e n'estas paragens correrem as aguas *como sangue*, segundo a expressão favorita dos marinheiros.

A agua crescia no porão, e começava a invadir a coberta. As bombas, meio entupidas, não lhe davam vasão, apesar de trabalharem sem descanso, tocando a ellas os proprios fidalgos, e mais gente grauda que ia a bordo. Os escravos passavam de continuo gamotes cheios de agua do porão para a tolda, a qual voltava ao oceano d'onde viera.

A situação tornava-se de momento para momento mais assustadora. Não obstante a falta das velas, que poderiam fazer pendor ao navio se fossem largas, o galeão adornou a estibordo, sorvendo um grande mar, com o que augmentou a desordem e terror abordo.

Novos gritos de afflicção eccoaram pelas amuradas do *Enxobregas*; novos brados de misericordia! subiram ao ceo, entre o fulgor dos relampagos, ao estampido dos raios, contra torrentes de chuva, no meio da escuridão da noite.

« Alija! ... alija tudo ao mar! bramou do chapiteo de prôa o mestre Fernandes; e a maruja acudiu immediatamente a executar a ordem de salvação. Foi uma *safa-rascada!* Ricos estofos, trem de artilheria, bahus de senhores, caixas de marinheiros, foram de companhia para o incommensuravel abysmo do oceano; e tal era a pressa, que o capellão do navio lançou por descuido ao mar o seu breviario.

O capitão-mór partiu os oculos, ficando, como dizem os maritimos, a *ver navios*. O piloto, apesar de ser um velho *lobo do mar*, perdeu a tramontana; e se não fôra a coragem stoica dos officiaes de prôa, feito era da nau d'el-rei, que não tornaria a indireitar-se.

Foi Deus servido, porém, guardar estes peccadores para outras tribulações, e não lhes acabar logo ali com a mesquinha existencia. Um jesuita, que ia missionar no Japão, tratou de confessar em publico os que pretendiam a absolvição; e tão grande foi o numero de crimes e erros que os penitentes manifestaram, que começou a clamar: « Este temporal é castigo de Deus contra os reprovados que vão abordo da nau... e os justos pagarão, como se fossem peccadores, pela má companhia em que se acham!

Assim passou esta noite de agonia, sem luzir no tope o esperançoso lume de santelmo. E quando alvoreceu o novo dia, se bem que o mar estivesse mais applacado, e menos furioso o vento, enxergavam-se melhor as avarias da embarcação, e á claridade do sol desenganaram-se de que não estavam em proximidade de terra, pois que a nenhum rumo se avistava.

Então principiou uma scena de outro genero, não promovida já pela natureza, mas pelos homens, e talvez mais horrorosa ainda. Declarou-se a insubordinação nos mosqueteiros que iam a servir na India, e o medo dos perigos do mar arrastou-os a tornarem ainda maiores esses temerosos perigos.

Quando a tempestade já começava a abonançar, e que se podia apresentar ao vento um bolso do traquete, armaram-se alguns soldados, e invadindo o chapiteo da popa, intimaram o capitão da nau para que mandasse arribar sobre a terra.

Debalde o piloto lhes explicava que não tinham pelo travez nenhum porto onde podessem reparar as avarias da viagem, o que só poderiam conseguir em Moçambique, a cujo rumo navegavam; a estupida soldadesca, coadjuvada por alguns marujos de ma-morte, gritava cada vez mais alto: « Vamos para terra... aproemos a terra! »

Ruy da Cunha, o capitão de Cananor, pretendeu impor-lhes respeito: mas não o attenderam. Sua esposa, D. Leonor, offereceu-lhes as joias que lhe restavam, depois do alijamento, e nada conseguiu. A joven e formosa filha d'estes conjuges, a encantadora Magdalena, em vão tentou com lagrimas enternecer os sublevados: e baldadas foram tambem as diligencias dos padres, que invocavam o nome do Redemptor... O capitão, e os seus bons homens do mar, seguiram outro caminho.

Bastião de Moraes lançou mão da sua boa espada de Toledo, e atirou-se aos revoltosos, como Santiago a moiros. De cada cutilada fazia um profundo gilvaz, e quando Deus queria uma amputação. Mestre Fernandes, com um velho chanfalho, fazia o que podia. O *cheira-dinheiro* armou-se com um pé de cabra. Pero Dourado servia-se do astrolabio como de um ariete. O sota-piloto arremessava contra os insurgentes as balas que achava pelas chaleiras. Um estrinqueiro atirava ao monte com o poleame que encontrava á mão, tornando em projectis de guerra moitões, cadernaes, poles, sapatas e caçoilos. O condestavel distribuiu á pressa algumas espadas e chuços pela marinhagem; e a revolta foi suffocada em sangue.

Imaginem os leitores que horrivel não seria esta luta, no acanhado ambito de um navio, no isolamento do mar, e em vista dos estragos produzidos pela tormenta! Em vez de louvarem a Deus pela bonança que lhes mandava, estes peccadores endurecidos confundiam o sangue de seus irmãos com as aguas do oceano, e escapa-

dos milagrosamente de um grande perigo, buscavam por suas mãos outro maior!

A golilha e as algemas adornaram os pescoços, mãos e pes dos delinquentes que o ferro poupou na refrega; os mortos foram lançados ao mar com os competentes pelouros amarrados ás pernas; e os feridos passaram a habitar nos catres da enfermaria, entregues ao cuidado de uma especie de licenceado que vinha a bordo.

Livre d'este obstaculo, o capitão-mór, que já havia encontrado outros oculos, chamou o carpinteiro e o calafate para lhes encarregar a faina de atamancarem o melhor possivel o navio, a ver se estancava a agua; ao mestre e contra-mestre recommendou o concerto do velame, e substituição do massame arrebentado e do poleame rendido; e encommendando-se mui devotamente a Nossa Senhora da Nazareth, ordenou ao piloto que soltasse o rumo para a ilha de Moçambique.

Continua. F. M. BORDALO.

A maioria das nossas necessidades provêm dos nossos caprichos e desejos.

PINTURA EM FAIANÇA.

O prato de faiança que representa a nossa estampa, foi pago por 120 libras esterlinas, ou 540$000 réis, nos leilões feitos em Londres, em Março de 1856, depois da morte d'um celebre amador, Ralph Bernal, squire. Estava inscripto sob o numero 1848 no catalogo dos objectos d'arte que compunham esta magnifica collecção, hoje dispersa.

Executado em Faenza ou Urbino, no principio do seculo XVI, este prato representa o interior da officina d'um dos pintores de faiança cujas obras são tão procuradas hoje. O artista, sentado em uma poltrona, tem na mão um prato que enriquece de elegantes phantasias. Sobre um escabello, á direita, vê-se um vaso e copos sem duvida cheios de tintas; mais adiante, sobre uma mesa baixa, está um jarro e um prato. Dois compradores, um mancebo e uma senhora, estão sentados diante do pintor, cujo trabalho examinam com interesse.

O prato e de bello desenho, de côres notavelmente vivas, e o objecto que representa dos mais interessantes para a historia da arte. O seu diametro é de nove polegadas e um quarto, medida ingleza.

CONFIDENCIAS

(Fragmento.)

JULIO — AUGUSTO

Conclusão.

AUGUSTO.

Oh! doce illusão querida!
Oh! formosa edade de oiro
Que vê no amor um thesoiro
E não calcula, não pensa
Nos insoffriveis espinhos
Que mais tarde vem cravar-se
No coração de quem ama!
N'uma edade como a tua
Veiu n'esta alma atear-se
Um incendio como o teu...

JULIO.

Tambem?

AUGUSTO.

Tambem, e verdade.
Eu sei como se insinua
Esse voraz sentimento
Que d'um peito se apodera

Dominando-o sem piedade!
Que a vida torna em delirio
Que n'um cahos de martyrio
Nos sepulta o coração...
Que ora nos dá mil venturas
Ora zelos e torturas...
Que nos desvaira a razão!...

JULIO.

Com que ironica amargura
Me descreves a paixão!...
Amaste muito?

AUGUSTO.

Se amei!...

JULIO.

Foste infeliz, eu já vejo.

AUGUSTO.

Tive um triste desengano,
Soffri muito... mas calei...
Era muito o meu desejo
Para não vir em meu damno!

JULIO.

Pobre amigo! Imaginava
Que jámais tinhas amado.
Quando alguem diante de ti
Fallava em coisas de amor...
Via-te sempre sorrir...

AUGUSTO.

Era ironia... era dôr!
Esses que dizem que amam
Nos cafés ou nos passeios,
Não fazem mais que mentir
Tanto aos outros como a si.
Mas esses, Julio, que enganam
São quasi sempre os felizes!...

JULIO.

Não pode ser o que dizes.
Pois a mulher não distingue
A mentira da verdade?

AUGUSTO.

Não distingue, não, que a cega
Antes de tudo a vaidade,
Que é, meu Julio, quasi em todas
A sua corda sensivel.

JULIO.

Como assim? pois será crivel
Que não se encontre nenhuma
Que saiba ter coração?

AUGUSTO.

Entre mil encontra-se uma!

JULIO.

Acho-te injusto de mais.

AUGUSTO.

Não sou tal... conheço o mundo
E os seus costumes banaes.
As culpadas não são ellas
A maior parte das vezes;
São os homens que as illudem
Com mentidas phrases bellas
Nos romances estudadas...
Depois, ellas enganadas,
Vão enganar por vingança
Destruindo muita crença,
Muita nobre inspiração...
E o puro amor á nascença
Trocam logo em decepção!
Como tu, tambem fui crente,
Tambem sonhei... acordado,
Como tu... mais imprudente...
Fiz um mundo d'um affecto,
D'elle um eden encantado,
Onde encerrava, discreto,
As minhas esp'ranças todas
E a minha existencia inteira!
D'aquelle amor fiz um culto
Fiz da minha alma um sacrario,
E, velando o santuario,
Desvelado lhe puzera
O respeito e o mysterio.
Como tu tambem dizia,
Quando um vago pensamento
Me toldava o ceo de amor:
«Se me enganasse... eu morria!»

JULIO.

E enganou-te?

AUGUSTO.

E vês-me vivo!...
Ninguem morre d'uma dôr
Quando resiste ao momento
Em que o golpe se recebe...
A chaga é viva e profunda,
Doe... se doe! turba os sentidos.
Corpo e espirito embrutece:
Mas são remedio infallivel,
São um optimo cauterio
Os desenganos colhidos.
Depois... O tempo a final
Vem fechar a f'rida aberta...
Mas não lhe apaga os vestigios
Mas não lhe tira o signal...
E, onde era o coração,
Fica a duvida sómente,
Que do amor a lava ardente
Destroe tudo quanto encontra,
Quanto d'antes nos sorria...
E resume-se a existencia
N'uma perpetua ironia...
Algumas vezes porem
Nas horas mortas da noite
Só por só co' o pensamento
Á phantasia nos vem
A lembrança do passado
Em que tanto nós gosámos..
Em que tanto padecemos...
E a falta então deploramos
De tudo quanto perdemos
N'aquelle engano fatal!...
E sente-se uma saudade
Tão profunda, tão sentida
D'essa epoca da vida
Tão povoada d'illusões,
Em que o bem vencia o mal!...

JULIO.

E, n'essas horas, não pensas
Que inda possas encontrar
Quem te avive as sensações
Dando-te alma para amar,

Quem te faça a crença antiga
D'essas cinzas renascer?

AUGUSTO.

Penso... Deus sabe se penso!

JULIO.

Pois então porque não buscas
Sair d'essa prostação?

AUGUSTO.

Ah! porque?... porque não posso...
Porque duvido de tudo,
Que foi severa a lição.
Se acaso podesse haver
Uma mulher que dissesse:
«Amo-te muito!... sou tua!...»
Que as leis do mundo esquecesse,
E, affrontando a sociedade
E os seus justos prejuisos,
Me offertasse a castidade
Dizendo: «não me acreditas...
Não crês ainda em tal paixão?...»
Assim mesmo duvidara
E respondera-lhe: «não!»

. . . . . .

MENDES LEAL (ANTONIO).

OS JUDEUS DEPOIS DE CHRISTO.

Continuação.

O seculo XII offerece na França novas scenas de infortunios para o povo judeu. Filippe Augusto foi para elles um flagello. No meio dos seus embaraços pecunarios, appellou para um genero de recursos nimiamente estranho, mas inteiramente nos costumes e idéas do seu seculo. Havia muito tempo que os judeus habitavam o territorio feudal da França. Disseminados pelas cidades e campos tinham-se apossado de todas as industrias, e senhores das transacções commerciaes, haviam adquirido incalculaveis riquezas. Era então coisa mui curiosa a existencia de um judeu n'um senhorio, ou mesmo n'uma communa burgueza. Havia uma portagem, uma percepção de direitos, de impostos, de reditos? era o judeu, quasi sempre, que os arrendava. Queriam fazer um emprestimo, comprar alguns pequenos objectos de luxo? era ainda o judeu que iam procurar. Elle recebia, em penhor, em sua casa, arredada de todas as outras habitações, o calice da egreja, os ornamentos do barão, o carbunculo que o cavalleiro tinha trazido da Palestina, a charrua do lavrador. O barão que o encontrava no caminho, cuspia-lhe na cara, chamava-lhe *cão infiel*, mas no dia seguinte ia-lhe empenhar o feudo, ou o seu cavallo de batalha. Em quasi todas as cidades estavam os judeus submettidos aos costumes, não so mais extravagantes, mas tambem mais humilhantes. Em Toulosa deviam receber na sexta-feira santa uma bofetada; em Beziers montavam em cima d'elles uma vez no anno; nos estados do conde de Blois submetteram-n'os, como os porcos, a uma commum portagem; n'uma palavra, por toda a parte despresados, mas precisando d'elles por toda a parte. Quando haviam adquirido muitas riquezas, despojavam-n'os, e expulsavam-n'os. Mas a grosseira prodigalidade dos barões não podia por longo tempo privar-se dos recursos que facilmente lhes offerecia o judeu da visinhança; e tornavam então a chamal-os, por meio de resgate, para recomeçarem o trafico, e serem por seu turno expulsos outra vez.

«N'este tempo do bom rei Filippe habitavam judeus em Paris e por toda a parte em grandissima multidão. Os mais sabios, e os maiores na lei de Moyses, tinham vindo ao paiz da França e principalmente a Paris. Na cidade habitaram tanto tempo, enriqueceram-se tanto, que compraram quasi metade de Paris. Tinham meirinhos, e procuradores, que viviam comsigo, em suas casas, e que faziam judaisar. Tratavam vilmente os ornamentos das egrejas que pela necessidade do povo lhes empenhavam, como patenas d'oiro e calices, capas d'asperges, casulas, e muitos outros ornamentos. Conservavam-se em tamanho odio á santa egreja, que faziam sopas de vinho nos calices, para seus filhos pequenos. Em Paris havia muitos ornamentos d'altar, como cruzes d'oiro e pedras preciosas; mas todas estas coisas as tinham em montão em suas casas, sem respeito á sua santidade.» (1)

Os rumores populares espalhavam tambem a opinião de que os judeus, cheios de odio e crueldade contra os christãos, immolavam em certas epocas do anno, e particularmente na sua paschoa, creanças, que punham n'uma cruz, e atravessavam com uma lança em commemoração da paixão de Christo. Algumas pinturas, quasi contemporaneas, representavam uma d'estas reuniões mysteriosas. Os rabbinos com a specto horrivel rasgam com pequenas facas o seio da victima, e recolhem o sangue em vasos, junto dos quaes jazem amontoados os corpos das creanças.

De qualquer modo que julguemos hoje estas prevaricações da multidão, não e menos verdadeiro que a expulsão d'uma classe de homens, objecto do odio geral, tinha em si mesma alguma coisa de popular, e podia felizmente começar o reinado do senhor do feudo. Entregar aos subditos as obrigações que haviam subscripto, e os penhores que tinham confiado aos judeus, era insinuar-se na mais viva paixão do coração humano, a cubiça. «Os burguezes, os cavalleiros, e os paizanos eram em tamanho empenho para com os judeus, pelos grandes dinheiros que lhes deviam, que os hebreus tomavam a uns os moveis, e os vendiam para se pagarem, retendo outros devedores como captivos e fianças em suas casas.» (2)

Já mui disposto a seguir os avidos conselhos que lhe davam contra os judeus, foi o rei consultar o irmão Bernardo, solitario de Vincennes,

(1) *Chronique de Saint-Denis*, an 1211.

(2) *Ibid*

personagem mysteriosa, que apparecia em todas as grandes circunstancias, para dirigir Filippe Augusto e governar a sua politica. Bernardo tinha escolhido um retiro, não longe do parque de Vincennes, na vasta floresta de Saint-Mandé, aonde levava vida de anacoreta. Considerava-o o rei como um d'estes santos personagens em perpetua communicação com o ceo. A simplicidade grosseira de seus vestidos, seus jejuns, suas macerações, lhe haviam attrahido o respeito da multidão, e na visinhança eccoava o clamor de seus milagres. — «Irmão, lhe diz o rei, que me aconselhas a respeito d'estes incredulos, para proveito da egreja, e dos pobres christãos?» — «Senhor rei, eu te aconselho o tirar-lhes, e entregar aos christãos do teu reino, tudo o que estes devem aos judeus. Expulsa-os do bello paiz da França, e retem para ti a quinta parte dos seus teres.» — Filippe disse então aos seus barões — «Creio que o irmão Bernardo tem razão» — e como os barões lhe responderam — «Senhor, faze o que quizeres» — promulgou uma ordenança pela qual prescreveu aos judeus deixarem o reino da França antes da festa de S. João Baptista. Permittia-lhes que vendessem seus moveis, mas retinha para o fisco todas as casas ou propriedades que tivessem adquirido, seus feudos, seus campos e vinhas, suas granjas e lagares. Ao mesmo tempo como lh'o aconselhara o irmão Bernardo, absolvia todos os seus subditos das dividas por elles subscriptas em proveito dos judeus. (1)

Logo que os judeus souberam d'este edito foram tomados de stupor. «Vão ao encontro dos prelados e barões, e promettem-lhes boa somma de dinheiro, se elles puderem obter do rei a sua persistencia.» Os barões propõem-se solicitar a revogação das ordens do soberano, mas Filippe foi inflexivel. «Quando os judeus viram que os prelados eram despedidos por Filippe, em quanto os outros reis tinham costume de se inclinarem facilmente á sua vontade, foram maravilhosamente pasmados e espavoridos: começaram a gritar *Scema Israel*, que quer dizer em hebreu *que Deus nos ouça*. Quando viram que não podia ser d'outra maneira, e que o termo em que deviam evacuar a França se aproximava, começaram a vender seus moveis e alfayas em maravilhosa hasta.» (2)

Filippe Augusto não se contentou com esta expulsão: fez prender no mesmo dia todos os israelitas reunidos na synagoga. «Despojou-os do seu oiro, e de seus vestidos, como em outro tempo os hebreus tinham feito aos egypcios, e lhes prescreveu resgatarem-se por dez mil marcos de prata. É n'esta epoca que se diz que os judeus sempre industriosos, inventaram a lettra de cambio, para salvar do naufragio alguns restos da fortuna. Com effeito enviaram parte do seu oiro e da sua prata á Italia e á Alemanha, por meio d'estas lettras de credito. Depois evacuaram o reino no termo prescripto, levando suas mulheres e creanças, e todo o seu trato domestico. Quando assim foram partidos, e a França foi evacuada por uma tal plebe, o bom rei ordenou que as synagogas dos judeus, aonde elles costumavam juntar-se, fossem limpas.»

A maior parte d'estas synagogas foram convertidas em egrejas. (1) O rei deu a d'Etampes aos clerigos da egreja, para n'ella cantarem as horas e viverem em conezias. (2) Muitas casas foram concedidas ao arcebispo de Paris, assim como ao clero d'Orleans.

Comtudo nem todos os barões seguiam o exemplo do rei. «Havia em *Brie* um castello chamado Bray, e n'este mesmo territorio a condessa de Brie tinha muitos judeus. Ora succedeu que um certo paizano, confessor da nossa fé, devia aos judeus um grande numero de *sous*, e como elle não lhe satisfizesse sua divida, a condessa lhes abandonou este infeliz para o punirem a sua vontade, entregando assim com a leviandade de uma mulher um membro da egreja de Christo, a seus inimigos. Este homem entregue á vingança dos judeus foi por elles despido todo, nú, pozeram-lhe na cabeça uma corôa d'espinhos e o conduziram de povoação em povoação, até que elevando-o n'uma cruz lhe atravessaram o lado com uma lança. Bem depressa esta triste nova se espalhou nos campos. O rei possuiu-se de uma grande colera contra a condessa de Brie; caminhou rapidamente sobre suas terras, e quantos judeus deparou (mais de 80) tantos fez entregar ás chammas.» (3)

Depois d'isto quem não dirá que e com grande justiça que o distincto historiador M. Capefigue, classifica estes procedimentos de Filippe Augusto *actos de violento fanatismo*, que o edito de 1198, revogando o outro porque os banira, não basta a desculpar?

Continua.

(1) *Alberic moine des Trois-Fontaines*, an. 1182.

(2) *Chronica de S. Biniz*, ao. 1182

(1) Ex chartulariis archiepiscop. Parisiens., Dubois, t. II, pag. 143

(2) Fleuriau, *Antiq. d'Etampes*, pag. 380.

(3) *Philipeidos*, de Guillaume le Breton, canto I.

RELAÇÃO DAS COISAS QUE ACONTECERAM EM A CIDADE DE ANGRA, ILHA TERCEIRA, DEPOIS QUE SE PERDEU EL-REI D. SEBASTIÃO EM AFRICA.

Conclusão.

CIV.

De como do Faial veio preso um Pedro Antão, por ser muito do serviço do sr. D. Antonio, e do que lhe fizeram.

Nesta cidade havia um homem chamado Pedro Antão, grande official de fazer retabulos, imagens, e outras obras de preço. Foi-se viver ao Faial, e estando lá moveram-se as alterações do sr. D. Antonio. Metteu-se elle em seu serviço

o mais que pôde; e estando aqui Manuel da Silva veio cá com seus instrumentos tirados. Botou-lhe elle o habito d'Aviz, e o tornou a enviar para o Faial. Ficaram lá alguns invejosos de lhe verem o habito, e sempre lha tiveram té á entrada da terra; e n'este tempo o accusaram e prenderam. Quando elle se viu preso, fez petição ao corregedor o mandasse cá vir com as culpas. Mandou o corregedor que sim. Veio preso á cadeia desta cidade de Angra; poz-se em livramento; deu sua defeza; sentenciaram-no, que fosse pelas ruas publicas com baraço e pregão, e degradado por cinco annos para os logares de Africa. Appellou: não lho receberam appellação nem aggravo, antes em um dia pela manhã o mandaram ir com baraço e pregão pelas ruas publicas, e o fizeram embarcar a cumprir o degredo, e lá no reino teve perdão. E destes homens muitos julgaram desta maneira; e assim iam com tudo ao cabo; e em casos de morte sem appellação nem aggravo.

CV

Do que aconteceu a um Francisco Fernandes que foi na armada do marquez, e logo se tornou a vir.

Dos homens que foram desterrados, por serem muito do serviço do sr. D. Antonio, foi um Francisco Fernandes, carpinteiro, o qual por se achar doente em Lisboa se tornou a vir, cuidando que não fazia nada, e se veio sem licença. Tanto que foram sabedores, que elle estava no porto desta cidade, do navio o foram tirar, e o metteram na cadeia, e logo o sentenciaram que o enforcassem, e juntamente o mestre e piloto flamengos do navio que trazia o dinheiro. E assim sentenciaram um homem que se chamava o *peralcocheiro*, que vivia na ilha Graciosa, por fallar pelo sr. D. Antonio. Todos quatro mandaram confessar, e os mandaram juntos enforcar na forca da cidade, que é no monte do Brasil, e todos juntamente foram levados, e os deixaram estar um dia, e ao outro os tiraram e enterraram. Este Francisco Fernandes e o *peralcocheiro*, eram casados nesta cidade, e tinham mulheres e filhos. E houve muitos rogos de religiosos, e de muitas pessoas de respeito; mas nada lhes valeo, nem lhe quizeram receber appellação nem aggravo.

CVI

De como prenderam a Balthazar Gonçalves d'Antona, João Gonçalves Correa, e um Pedro Alvares, o frade, e Alexandre Pinheiro, da Villa da Praia.

Balthazar Gonçalves d'Antona era um homem nobre, cidadão desta cidade. João Gonçalves Correa era lettrado e um dos desembargadores, e tinha servido de corregedor. E Pedro Alvares, o frade, e Alexandre Pinheiro, eram capitães de gente da villa da Praia. E o sobredito Balthazar Gonçalves de Antona era o capitão da fortaleza de Santo Antonio. Estes homens se tinham apresentado por terceiras pessoas dentro nos tres dias, uns por estarem doentes, outros por sairem feridos na batalha, e não poderem vir por seu pe, nem a cavallo. E tinham disso suas certidões. Como elles tinham inimigos, que eram os que tinham vindo na armada naturaes da ilha, e outros a quem tinham aggravado com os cargos, os accusaram que se não vieram apresentar. Foram logo presos e trazidos a cadea. Vieram com libellos contra elles: deram sua defeza, e bem d'espaço; e vieram com suas contradittas ás testemunhas, que lhes não foram recebidas, dizendo, que era sobre caso de lesa-magestade. Vieram a dar sentenças os adjunctos. Balthazar Gonçalves de Antona, e o licenceado João Gonçalves Correa, dez annos para Africa; e os dois Pedro Alvares, o frade, e Alexandre Pinheiro, cinco annos cada um para galés. Appellaram elles das sentenças, que cuido que tambem foram condemnados em dinheiro. Não lhes receberam appellação, antes o mestre de campo se tomava muito, quando diziam que appellavam. Pediram instrumento de aggravo: mandaram que papel nenhum lhes dessem; e os fizeram embarcar com muita pressa, e em chegando a Lisboa com cartas de guia foram logo mettidos no Limoeiro. Fizeram petição sobre o que era passado: mandou-se logo, que sendo assim como elles diziam em sua petição, que lhes recebessem appellação. Veio cá notificação aos bachareis Roque Dias, e Jorge Vaz Paes, e Heitor Coronel, e o corregedor, e Antonio Francisco, e Alvaro Pereira. Todos diziam que notificassem primeiro a João d'Orbina. Notificaram-no, e elle, como que lhe dessem alguma bombardada, vai-se a pelejar com os adjunctos, que deram os votos que não morressem, que eram uns Antonistas, porque se os enforcaram não viera aquillo: que não tinha de ver com os desembargadores; que havia vir assignado por sua magestade: que não havia receber appellação. Os que requeriam pediam ao escrivão lhes desse seu papel com as notificações; e o escrivão que era Luiz Mourato não queria. Elle já tirava instrumento de denegação: os adjuntos andavam com rogos com o mestre de campo pelo não aggravarem; e o que requeria a cada canto testemunhava com a gente. De maneira, que vieram a acabar com o mestre de campo, que lhes receberam appellação, e lhes deram os autos, e foram ao desembargo, e sairam todos soltos e livres; e os adjuntos, corregedor, e mestre de campo, dizem que muito reprehendidos. E d'alli por diante deram appellação e aggravo na forma da Ordenação; e o corregedor, e não houve mais adjunctos.

Christo será com todos.

Aqui acaba esta RELAÇÃO.

Os impostos representam o mel da sociedade, fabricado pelas abelhas, e algumas vezes comido pelos zangãos.

KURSAAL, EM WIESBADEN

A praça Wilhelm, em Wiesbaden, e um lindo taboleiro de relva guarnecido d'arvores e cercado de muitas casas; acha-se ahi o theatro; umas columnatas cobertas onde se abrigam de verão os mercadores; e o Kursaal, cujo portico mostra a nossa gravura.

O Kursaal e a grande casa de campo de Wiesbaden. As seis columnas jonicas que ornam a fachada são dominadas por uma inscripção latina que ninguem achará prolixa; compõe-se de duas palavras e uma cifra: FONTIBUS MATTIACIS, MDCCCX; o que recorda ter sido edificado o monumento em 1810, mas as aguas hygienicas de Wiesbaden eram conhecidas dos romanos, e tinham recebido d'elles o nome de *Fontes Mattiaci*, porque esta parte da Germania era então habitada pela tribu dos Mattiaci.

Passando pelo portico, entra-se em uma sala de mais de quarenta e tres metros de comprimento, sobre vinte de larga, e dezeseis de alta. Ornada de columnas de marmore, estatuas e bustos, serve alternativamente para danças, concertos, e banquetes. A esquerda, ficam as salas de jantar da casa de pasto: a direita, um gabinete de leitura e muitos salões de dança e jogo.

Do lado opposto a Wilhelmplatz, o Kursaal tem uma fachada que domina um lindo jardim, onde se pode tomar café e gelados, ouvir as symphonias e as polkas, ou á sombra dos salgueiros,

e acacias, deitar migalhas de pão aos peixes e gansos do tanque.

Subindo o ribeiro que desagua n'este tanque, vae-se ter, por uma vereda agradavel, ao moinho de Dieten e ás ruinas do castello de Sonnenberg.

VIAGENS DE BECKFORD A PORTUGAL.

Continuação. *

CARTA XXV.

DIVAGAÇÕES NO VALLE DE COLLARES. — CAMINHADA AO ALTO DA SERRA.

19 de Outubro de 1787.

A minha saude melhora de dia para dia; o tempo sereno e jucundo que vamos desfructando esperta a sensação da existencia; ando a cavallo, passeio, subo ladeiras, quando e por onde me apraz sem me fatigar; o valle de Collares ministra-me objecto de perenne recreio; tenho descoberto variedade de trilhos, que por entre castanheiros decotados e pomares conduzem a pequenos rocios de formas irregulares e relvosos, e ahi loireiros nascediços e balsas de limoeiros bracejam livremente acima da beira pedregosa de um regato, largando flor e fructo na corrente d'agua. Podeis andar milhas pelas margens d'este arroio deleitoso, aproveitando interminaveis perspectivas de moitas floridas nos espaços que deixam os choupos e castanheiros. A paizagem é de certo a dos Campos Elysios, e tal qual os poetas designam para repoiso das almas bemaventuradas.

Os musgosos fragmentos de penedia, os brutescos toros de arvores, e pontes rusticas que encontraes a cada passo, traçam na imaginação a Saboya e a Suissa; porem, a apparencia exotica da vegetação, o verde lustroso dos limoeiros, os doirados pomos da larangeira, os palmitos da murta, a rica fragrancia dos torrões guarnecidos de côres as mais brilhantes e das mais aromaticas flores, levavam-me a acreditar sem violento esforço da phantasia, que me achava no jardim das Hesperides, e esperava ver surdir um dragão debaixo de cada arvore. Não me passava pelo pensamento abandonar estes risonhos sitios, e vinte vezes n'este dia estive para revogar as ordens que dera para a minha jornada.

Quaesquer que fossem as objecções que eu pozesse á demora em Portugal, desvaneciam-se quando resolvia deixal-o; porque é tal a depravação da natureza humana que as coisas nos parecem mais estimaveis precisamente na occasião em que vamos perdel-as.

Havia esta manhã um brando luzeiro dos raios do sol e uma balsamica serenidade do ar, que infundiam o voluptuoso desleixo, o desejo de ficar endeusado n'um logar deleitavel, como em as ficções classicas se presume tornarem-se deslembrados da patria, dos amigos, e de todas as obrigações os que provaram o lotus. O que eu sentia não era dessimilhante, repugnava-me a idéa de retirar-me d'ali.

Não obstante haver-me embrenhado n'estes formosos pomares pouco depois de nascer o sol, os campanarios de algumas egrejas distantes bateram horas apoz horas, primeiro que eu me vencesse e decidisse largar os odoriferos e ramosos loireiros, debaixo dos quaes me recostava. Se as sombras frescas e fragrantes assim convidam a repoisar, devo tambem dizer que não ha veredas mais azadas para tentar a passeio os individuos ainda os mais mandriões, do que os caminhos que d'aqui abrem para todos os lados, e são compostos de uma areia macia e enxuta, tão ligada e compacta que forma uma superficie dura como cascalho.

Estes trilhos planos vão em voltas por entre um labyrintho de esbeltas e viçosas arvores fructiferas, amendoeiras, abrunheiros, e ginjeiras, lembrando as lamedas de Tonga-taboo, como as vemos descriptas nas viagens de Cook; e para augmento de similhança tapumes bem compostos de canavial, e telheiros baixos colmados de caniços se descortinam por intervallos, quebrando as linhas horisontaes das perspectivas.

Dilatei-me e vadiei muito a meu sabor quasi toda a manhã; mas, postoque a minha illusão me aligurasse como um habitante dos Elysios, quanto o podia autorisar a paizagem e o clima inspirar, não podia considerar-me individuo tão ethereo que existisse sem alimento; para fallar claro, achei-me esfomeado; e as peras, marmelos e laranjas baloiçadas sobre a minha cabeça não eram tão succosas e gratas ao paladar como se esperaria da sua promettedora apparencia.

Estando embrenhado mais de uma milha na floresta, sem guia, nem lembrança de caminho por onde me safasse, demorei-me meia hora pelo menos a cogitar por onde voltaria. Os telheiros e cercados, que mencionei, estavam feitos com diligencia e até primor; porém, mostravam não ter outros moradores senão uns bandos de gallinhas de Java, pavoneando-se, e destruindo os ovos e as esperanças de muitas familias de insectos. Estas aves lustrosas, como as suas eguaes, descriptas nas viagens de Anson, que animam as profundas solidões da ilha de Tinian, parece não terem dono.

Porfim, quando eu começava a desejar-me com todas as veras n'uma região menos romantica, ouvi os sons grossos, porém não desentoados, de uma forte voz feminina, retumbando pelas ruas cobertas de vicejantes arcadas; a esse tempo vinha saindo um mancebo camponez, robusto e corado, mui pittorescamente vestido de pardo e escarlate, tangendo uma besta muar, carregada com dois enormes cestos de uvas. Pedir um quinhão da sua preciosa carga e comprimentar o garrido conductor, foi acto instantaneo da minha parte, mas baldado. Respondeu-me piscando os olhos de matreiro: — «Pertencemos ao sr. José Dias, que tem a quinta d'aqui

* Do do n.º 38

meia legua; se o senhor quizer vir por este caminho, indo sempre seguido sem desgarrar-se nem para a direita nem para a esquerda, la chegará breve: e afoito-me a dizer-lhe que o feitor terá gosto em lhe dar quantos cachos appeteça. Deus lhe dê bons dias; que eu vou tratar da minha vida.

E assentando-se entre os cubiçosos cestos, partiu n'um instante. Eu tive a boa fortuna de ir parar direito ao portal de um muro de pedra secca, que torneava de alto a baixo irregular e rusticamente alguns oiteiros matagosos; porém se o exterior do cercado era desabrido e não promettia coisa boa, da banda de dentro apresentava-se o mais aprasivel painel de opulencia rural, vendo-se ordenhar vaccas e as cabras em quantidade, os fornos d'onde se estavam tirando grandes e gostosos pães e bolos, fileiras de colmeias, e uns como alpendres sobre pilares, todos forrados de cachos purpurinos e do loiro moscatel, meio passados, dispostos em pendura para seccar.

Um jovial e classico *magister pecorum*, maioral, seguido por dois cães bem ensinados inda que de olhar bravio, e que um leve aceno de seu dono não deixava ladrar, saudou-me cordealmente, e com sincera hospitalidade não só me franqueou a sua fazenda, mas até andou mostrando o melhor d'ella. A portia dois ou tres rapazes bochechudos, de cabello emmaranhado, contendiam a qual primeiro havia de trazer-me nozes recem-descascadas, taças de leite, e queijos frescos, fabricados pelo melhor modo, isto é, ao uso do Alemtejo.

Senti-me tão abstracto do mundo n'este retiro, tão perfeitamente transportado aos primitivos tempos patriarchaes, que não me recordo de ter jámais gosado umas poucas de horas de placidez mais deleitosa. «Aqui (disse para comigo) estou livre do rebolico das côrtes e dos ceremoniaes, dos comprimentos e visitas de tabella, e das palrações de golhilheiros.» — Mas, ah! quanto o que pensamos e dizemos para connosco falha noventa e nove vezes em cada cento.

Quando bemdizia a minha estrella por esta tregua no molesto tumulto da vida que tenho levado desde que sua magestade chegou a Cintra, subito me salteou do socegado recanto em que entrara e dissipou todas as minhas illusões uma estroudosa vozeria, acompanhada dos estoiros dos lategos e do estrepito dos cavallos. Luiz de Miranda, coronel do regimento de Cascaes, confidente e mui valido do principe do Brazil, investiu-me com um sem numero de cortezes queixas por eu ter desamparado o Ramalhão na propria manhã em que elle vinha com tenção de jantar comigo, e propor para depois da comida um passeio a cavallo ate um especial ponto da serra, sobranceiro, pelo que me assegurou, a uma vista como eu ainda não tivera a fortuna de descobrir em Portugal.

— «Ainda não é muito tarde (disse): trouxe os nossos cavallos, que achei impacientes e pateando debaixo da sombra de uma grande arvore, á entrada d'estas mesquinhas azinhagas. Venha; e por Deus faça-me favor de pôr pé no estribo, que eu fico que se dara por bem compensado com a paizagem que vou patentear-lhe.»

Como era destino meu ser perturbado e empurrado para fóra do elysio em que me embrenhara nas ultimas sete ou oito horas, não importava em que postura, se a pé, se a cavallo, annui por isso e logo mettemos a trote. Os cavallos eram seguros e firmes de cascos, senão, bem creio que rolariamos pelos precipicios abaixo; o nosso caminho, se pode dar-se o nome de caminho onde nenhum ha, levou-nos por zigzags e atalhos em subidas ingremes costa acima por espaço de tres ou quatro leguas, ate chegarmos a um ermo em que so crescem urzes, onde uma cruz solitaria, sobresaindo d'entre os mattos açoitados pelos temporaes, marca o mais elevado ponto d'esta agreste eminencia; um dos mais dilatados conspectos de mar e campos e montanhas distantes desenrolou-se repentinamente aos meus olhos admirados, tornando-se ainda mais vasto, aereo, incommensuravel em razão do illusivo e magico vapor que cercava o sol no occaso.

Tendo gosado por alguns momentos o effeito geral, comecei a distinguir os principaes objectos quanto podiam desenhar-se atravez da nevoa deslumbrante, encandeada com os raios derradeiros do astro luminoso. Segui o curso do Tejo desde a sua foz até onde se derrama em esteiros apaúlados para alem de Lisboa; por outro lado avistei Cascaes com os seus lanços de muralha e quarteis a prova de bomba similhando uma cidade moirisca, e com auxilio de um bom oculo divisei uma crescida palmeira campeando sobre uma pinhota de casas caiadas.

— «Muito bem (disse ao meu guia), este painel tem de certo bellezas dignas de serem contempladas; porém, não tanto que me faça esquecer de que é mais que tempo de voltar a casa e refrescarmos.»

— «Nem tanta pressa (foi a resposta); ainda temos muito para ver.»

Tendo adquirido, nem posso dizer porque nem como, um habito á moda dos carneiros de ir por onde vão os outros, dei de esporas atraz d'elle por uma aspera ladeira abaixo, juncada de bastos seixos e calhaus soltos; ao cabo d'esta descida se estende para todas as bandas um chão raso, medonho, queimado do sol. Desmontando e fazendo alto por alguns minutos para dar respiro aos cavallos, não pude eximir-me de observar que tudo que estavamos vendo muito mal pagava o risco de partirmos a cabeça baixando a cavallo por tão rapidos declives. Elle sorriu-se, e perguntou-me se não divisava coisa interessante.

— «Agora sim (lhe tornei) percebo a distancia de quasi um quarto de milha uma especie de caravana, objecto que não deixa de ser curioso; aquelles ranchos de gente vestida de côr

encarnada, com suas armas lustrosas, e azemolas carregadas, e aquelles toldos listrados, esticados e seguros nos muros velhos, offerecem exactamente uma pintura do que se poderia ver nos arredores do Cairo.»

— «Venha cá (me disse), é tempo de lhe aclarar o mysterio, e explicar-lhe porque nos demos ao trabalho de tão longa e fadigosa cavalgada. A caravana que se lhe afigura tão pittoresca compõe-se dos criados da comitiva do principe do Brazil, que foi passar todo o dia n'uma caçada, e é agora o momento de descansar alguma coisa á sombra dos toldos que acolá estão. Foi por desejo do principe que vos conduzi aqui, tendo-me incumbido de vos manifestar o gosto que teria de meia hora de conversação vossa, sem ser observado, e mantendo-se rigorosamente incognito. Passeae como se andasseis colhendo plantas, ou tirando esboços de paizagem; assim se fará saber a sua alteza real, e encontral-o-heis como por acaso, e sem formalidade alguma; ninguem se chegará tão perto que ouça uma só palavra do que ambos disserdes, porque eu me postarei a distancia pelo menos de cem passos, e afastarei todos os espreitadores e entremettidos.»

Continua. M.

QUATRO ESPIGAS D'OIRO.

Oysonville, hoje pequena povoação do districto de Chartres, possuia outr'ora um bello castello, que, no principio do seculo XVI, pertencia a Francisco d'Allonville.

Henrique IV, que estimava muito este fidalgo, foi um dia visital-o áquelle seu castello. Depois d'almoço, Francisco d'Allonville, conduzindo o rei ao jardim, folgava de o ver admirar as plantas raras de que tinha ornado os alegretes. Henrique IV demorava-se principalmente diante das diversas especies de roseiras, e dava os parabens ao seu hospede pela riqueza do jardim. Então um lavrador do paiz, chamado Cadot, o mais rico rendeiro do senhor d'Oysonville, aventurou-se a dizer ao rei que tinha ainda muito mais bellas flores e em grande quantidade, e que se sua magestade queria acompanhal-o, elle seria feliz em lh'as mostrar. Henrique IV era bom: consentiu em acompanhar o lavrador. Este conduziu o monarcha a um campo de trigo, e, mostrando-lhe as espigas, disse: «Senhor, eis as mais bellas flores que conheço.» — «Tens razão, meu amigo, respondeu Henrique, são tambem estas que eu prefiro.»

Voltando a Paris, o rei enviou ao lavrador quatro espigas de trigo d'oiro, que os descendentes de Cadot conservaram por muito tempo.

Os que na juventude barateiam a herdada fortuna em risos, e prazeres, tem de passar a velhice em privações e pezares.

RECORDAÇÃO.

Amei-a muito! — Foi ella
A que primeiro plantou
Em minha alma a flor mais bella
D'um casto amor. . . que murchou.
Só por só, e feiticeira,
Vi-a eu a vez primeira,
Como a rosa em seu rosal,
Offuscando as outras flores,
Rescendendo aroma e amores,
E não tendo outra rival!

Tinha a vista embevecida
Fita dos ceos na amplidão,
Como quem buscava a vida
N'uma ephemera visão;
Quem a visse ali sósinha
Julgal-a-hia rainha
D'aquelle ameno vergel;
D'um cedro sentada á sombra
Tendo a relva por alfombra
E a ramagem por docel.

Em frente um lago espelhando
A margem toda em redor;
N'agua o collo mergulhando
Um cysne, todo elle alvor.
Ciciava tenue a aragem
Do docel entre a folhagem,
E trinava o rouxinol
Com sympathica harmonia. . .
Augmentava esta poesia
Linda tarde ao pôr do sol.

. . . . . .

Côr de azeviche o cabello,
A tez alva de cegar,
Dentes um jaspe o mais bello
Vinham-lhe a boca esmaltar:
As faces de leite e rosas
Rubesciam pressurosas
Da côr do inquieto pudor,
Quando a pensar se engolfava,
E na mente lhe poisava
Um pensamento de amor!

Os olhos negros, rasgados,
Eram de languido olhar;
Mas uma vez animados,
Diziam mais que o fallar:
Que enlevo quando os fitava!
Se para a terra os baixava
Vendando-os do pranto o veo,
Eram elles um mysterio. . .
E era-nos magico o imperio
Se os erguia para o ceo!

O collo, eburneo e formoso,
Fazia como antever
O que o pudor receoso
Quer de todos esconder;
Guarda zeloso e discreto
D'aquelle foco d'affecto,
Que indiscreta ondulação
Diz ter ali prisioneiras
De amor as fontes primeiras
E a primeira tentação.

Talhe esbelto, cinta airosa,
Completavam o ideal
D'aquella visão graciosa
Que eu não julguei ser mortal:
O mesmo foi vêl-a e amal-a!
Largo espaço a contemplal-a,
Enamorado fiquei!
Por alcançar-lhe a belleza,
Rico, lhe dera a riqueza,
Throno e sceptro sendo rei.

Para a terra a vi pender-se:
E colhendo um malmequer
Indolentemente erguer-se
Desfolhando-o a estremecer;
A cada folha arrancada,
E no lago mergulhada,
Da prophetica flor,
Lhe corria pelo rosto
Uma nuvem de desgosto
Ou uma esp'rança de amor!

Uma só folha restava;
Que diria, não ou sim?
Vi que as faces lhe assomava
Um vivissimo carmim:
Encarou-me... ao ver-me absorto
Não fugiu — e por conforto
Meigo um sorriso me deu;
Cobrei n'elle confiança...
No sorrir me dera a esp'rança,
Na esp'rança dava-me o ceo.

Não fallámos. Que diria
Mais do que os olhos a voz?...
Da instantanea sympathia
Veiu este amor logo apoz:
Não ha phrases eloquentes
Que a taes affectos nascentes
Possam dizer mais paixão,
Porque uns olhos scintillantes
Um livro são para amantes,
E lê n'elle o coração.

Perto uma cruz pequenina
Surgia d'entre um rosal,
Emblema que o affecto ensina
Como não existe egual:
Caminhando á cruz chegamos
E junto d'ella parámos:
Ella então ajoelhou,
E da proxima roseira
Flor entre as flores primeira,
Encarando-me apanhou

Em silencio religioso
D'ella o exemplo segui,
Do mesmo arbusto formoso
Uma flor tambem colhi;
Depois os labios sorriram...
Depois... as rosas cairam,
Cairam... porque... não sei;
Mas nem eu fiquei co'a minha,
Nem ella com a que tinha...
E a nova rosa beijei!

A troca d'aquellas flores
Troca foi de corações
A trasbordarem d'amores
Palpitantes d'emoções!...
Durou-me pouco a ventura,
Porque em breve a sepultura
Deu-me o luto, o pranto e a dôr,
Murcha a rosa e a flor da edade,
Deixou-me eterna a saudade
D'essa tarde e d'esse amor!

Junho—57. MENDES LEAL (ANTONIO).

VINGANÇA POR VINGANÇA.

Continuação.

V

Ainda a barca não bem atracava ao caes, e já seis braços vigorosos e robustos seguravam o *Tranqueira*, o mudo, e o incognito que lhes dera signal quando a fragil embarcação se achava a meio do rio.

O mudo fez comprehender com seus gestos áquelle que o apertava entre as nervosas mãos, que viera ali como impellido por força maior.

O *Tranqueira*, insciente do que se cogitara, e da scena em que devia figurar, olhava estupefacto para o estranho modo com que o recebiam.

O incognito, fazendo um esforço por se desprender dos braços que tão rudemente o apertavam, soltou tres assovios, que, resoando na praia, e eccoando no espaço, se extinguiram lentamente confundindo-se com o susurro das aguas do Tejo.

A este signal viu-se destacar da parede que encostava á praia, uma sombra informe, que, avançando vagarosamente, a pouco e pouco se foi rareando e decompondo, até distinctamente se conhecer que eram seis vultos de homem.

Marchavam estes seis vultos tão vagarosa e pausadamente, como se fossem sombras evocadas pela força d'algum encantamento, para amedrontar aquelles contra quem se chamavam.

O seu perfil projectava-se em forma alongada por sobre as aguas do rio, e seguindo as ondulações dos rolos da negra vaga, que agitada pela procella vinha quebrar-se de encontro a areia, similhava espectros evocados pelo genio da tormenta.

Ao divisal-os, os olhos do incognito relampejaram como em signal de contentamento; e se a pallida claridade das raras estrellas que luziam no firmamento se pudera ver o sorriso que lhe assomara aos labios, penetrar-se-lhe-hia o pensamento da esperança que lhe inundava a alma.

Achava-se porém estreitado entre braços de quem não era para se assustar assim com o terror de phantasmas e apparições: razão para o pobre segurado sentir aquelles nervosos dedos enterrarem-se-lhe pelo corpo, como se garras de um demonio o estivessem rasgando.

— Contaste com a redempção e enganaste-te. Repara n'essas sombras que lentamente avançam para cá, e reconhece n'ellas, se podes, algum dos homens da tua traição.

— A mim!... bradou o incognito para os seis homens, que apenas já estavam distantes dez passos.

— A mim! repetiu mais ao longe outra voz, que mais gemebunda parecia pelo ecco da amplidão do espaço e das aguas.

Era a voz do *Tranqueira*, que debatendo-se, mas não podendo livrar-se do homem que o segurava, se sentia transportado para dentro da barca que ha pouco dissemos ter atracado ao caes.

E as seis figuras, a quem o incognito appellidara, continuavam a avançar para elle, silenciosas e mudas, como se não comprehendessem aquelle horrivel appello de agonia.

Ao chegarem junto d'elle, cruzaram os braços, e em mudo silencio pareceram preparar-se para a scena que se seguisse.

No entanto accendera-se repentinamente uma luz na popa da barca.

Esta luz projectava um vivo clarão sobre a figura, que, em pé sobre a abicada prôa, assistia áquella scena que se passava em terra, e que parecia dominal-a.

Um vestido negro, do feitio de uma tunica, lhe cobria o corpo, e as abas de um largo chapeo que lhe descaíam sobre a fronte, occultavam-lhe parte das feições.

Este homem estendeu o braço para a praia, e a este aceno toda a luta terminou. O mudo e o incognito foram transportados violentamente para dentro da embarcação: os seis desconhecidos, e os tres remeiros tambem n'ella se embarcaram; e levantada com presteza a vela, que se desfraldou ao vento, o vulto negro foi sentar-se á popa, e segurar o timão.

E quem o diria?! O timoneiro, o habil nauta que dirigia agora aquella embarcação que corria despedida rompendo as aguas do Tejo, era o padre Gaspar da Companhia de Jesus, a quem ha pouco encontramos em casa de Aldonsa Peres, recolhendo-se ao collegio, e predispondo a sua confessada para a reconciliação do seguinte dia da Epiphania!

Os idolos populares hoje são adorados, amanhã despedaçados.

BREVES REFLEXÕES SOBRE OS EFFEITOS GERAES DA REVOLUÇÃO FRANCEZA.

Nem os acanhados limites de um periodo, nem a vastidão do assumpto permittem expender agora quaes foram as causas d'esta espantosa revolução, que pela maior parte foram connexas com a forma do governo francez de então, estado publico da França, da Europa, e com o caracter particular dos francezes. A indagação, além de superior ás nossas forças, levar-nos-hia mais longe, do que o nosso alvo. A historia philosophica da revolução franceza ainda está para vir, e dois homens unicos na França, em nosso conceito, a teriam podido bem descrever: um era o abbade de Seyes, que não quiz metter-lhe seus hombros robustos, porque respeitos politicos lh'o vedaram; e outro o principe de Talleyrand que em obra posthuma deixou as suas Memorias para serem publicadas em longo praso depois da sua morte. Ambos estes grandes homens presenceararam todas as miserias da revolução franceza, e por n'ella tanto terem figurado, podiam dizer como Eneas disse a Dido, quando esta pedia lhe desse parte das lastimas de Troya:

> ..... *Quæque ipse miserrima vidi,*
> *Et quorum pars magna fuit.*

> Lastimas que passaram por meus olhos,
> Nas quaes boa parte tive.

Por certo que muito desejariamos viesse a effeito a publicação das Memorias do principe de Talleyrand, ou que algum bom engenho escrevesse a historia imparcial da revolução franceza, que só assim ficariam desvanecidas as sophisticas razões, com que os fautores da tyrannia e do despotismo forcejavam por classificar a liberdade da imprensa entre as causas mais efficazes da passada revolução, sem attenderem pela sua verdadeira origem, progresso e andamento, confundindo as causas, que a produziram, com os meios de que os revolucionarios se ajudaram; meios, que suppõem causas, e fins preexistentes; meios, que, em quanto se não fez abuso d'elles, eram em si mesmos tão innocentes, como os livros sagrados, de que hão feito os heresiarchas, em todos os tempos, abusivas interpretações. Em quanto porém os nossos desejos de uma historia imparcial da revolução franceza se não vêem estendidos em obra, não serão inuteis algumas reflexões, sobre a politica, moral, artes e sciencias, que foram obra da revolução que acabou.

Rebentou em França, nascida de muitas causas proximas e remotas, a revolução que levou ao cadafalso o mal-venturoso Luiz XVI, que passava pelo homem o mais honrado do seu reino, e parte da sua familia que nunca tal fim mereceram. Muitos foram os partidos tumultuarios, e as facções revolucionarias, que desde então laceraram o tão formoso, quão desgraçado territorio

de França, corrido a ferro e fogo, e inundado de sangue, sem alguma razão que lhe podesse ao menos servir de desculpa, nem mesmo um fim que sequer parecesse necessario. Todas as seitas politicas, que succederam, umas ás outras, como as vagas de um mar encapellado, que se degolaram entre si, e alcançaram o sceptro do poder, que muitas vezes só poderam guardar por alguns dias, ainda que todas estas *matilhas* de tartaros, apesar de varias em seus elementos, pretextaram ter por mira a regeneração dos homens, a felicidade renovada dos naturaes e singelos costumes, e por fim o estabelecimento da republica. Todos estes partidos concordavam tambem em outro ponto, e era derribar, mais ou menos, todas as instituições, e costumes antigos, sem previo exame, e até sem alguma outra razão, que não fosse a de terem sido do tempo dos reis. Na verdade custa a conceber como alguns homens, que figuraram na revolução, famosos por seu engenho e saber, como bem o mostram os seus escriptos; homens que tinham um analytico, e profundo conhecimento da natureza humana, se deixassem cegar e desvairar, a ponto de renunciar ás primeiras verdades da natureza, e da experiencia, pretendendo abolir nos cidadãos todos os habitos sociaes, leval-os até ao estado da natureza (que elles nunca haviam conhecido) para ao depois outra vez os conduzir a uma nova e chimerica sociedade da sua fabrica! Que misera illusão! Ainda nos parece um sonho! Tanto é certo quanto podem as paixões cegar os mais seguros juizos, e offuscar os mais claros entendimentos!

A santa religião, esperançosa, magnifica, e sublime consolação do povo desgraçado, rainha suprema das consciencias, como e o vinculo mais seguro entre os subditos e os governos, esta filha do ceo, desde o tempo de Clovis arreigada e domiciliada em França, onde resplandecia mais pura do que em parte nenhuma da christandade, foi de todas as publicas instituições a que mais affrontas soffreu das barbaras mãos dos anarchistas e demagogos, que levaram o seu furor vandalico, até ao ponto de destruir os primores da architectura, e outras bellas artes, que serviam ao culto e adoração! Fizeram mais, crearam uma nova religião sua sem passado e sem futuro, sem castigo ou sem recompensa, e aonde as divindades eram representadas (oh vergonhosa corrupção!) por mulheres, que em logares publicos de incontinencia vendiam prazeres e remorsos.

Esta ruinosa desmoralisação do povo influiu mais do que outra qualquer causa, como era de arrecear, na alteração do caracter nacional dos francezes; falton-lhes um vinculo tão forte como o da religião, e desde então soffreu muita quebra a sua antiga generosidade, o seu franco e leal proceder, e a sua conhecida humanidade. Viam-se correr numerosos exercitos de francezes, de uma a outra extremidade da Europa, roubando, destruindo, espedaçando homens, velhos, mulheres e creanças sem contemplação de sexo ou edade! E como o não fariam elles, quando estavam certos de não serem castigados pelo seu governo, e tinham sido educados com as maximas envenenadas de que não havia penas na outra vida? Em verdade Bonaparte, depois que foi imperador, fez alguns fracos esforços para a restituição da religião christã; todavia estes esforços não foram continuados, e mal o podiam ser, perseverando elle no seu systema de conquistas: os soldados viam a irreligião, e o atheismo; era muito natural que os soldados acostumados a licenciosidade militar, e depois d'elles a massa do povo, deixassem de julgar um allivio o descarregar-se da religião, e seguissem todos a mesma vereda.

Não se pode duvidar que os francezes foram pela revolução alliviados de muitos abusos em a disciplina ecclesiastica, como foram o emanciparem-se dos seus parochos, que andavam sempre á demanda com os freguezes, e os seus abbades *petits-maitres*, que pagavam continuas licenças de não residir, para irem escandalisar Paris, consumindo ali os pingues rendimentos dos seus beneficios em toda a perdição de costumes; mas nem estas reformas exteriores pertencem ao fundo da religião; nem esta, por um ou mais abusos em materia disciplinar, merecia ser abolida; nem as utilidades e proveitos, que aos francezes vieram d'estas reformas, lhes podem por algum modo compensar a ruina, e perdição que lhes veiu do seu pratico atheismo.

A impiedade dos chefes, e cabeças da revolução, que deitou a perder em França os costumes publicos, e alterou sensivelmente o caracter dos francezes, foi, segundo nos parece, de proveito para os outros estados da christandade, aos quaes quasi nenhum mal causou, antes fez o bem que podia. Isto parece um paradoxo, e comtudo não é senão uma verdade de facil demonstração. Os francezes, quando mais se desvairaram em os horrores da anarchia, da impiedade e do atheismo, foram nos primeiros tempos da sua revolução, quando eram de todas as partes investidos na sua propria casa, e quando os alliados com todas as suas forças poderosas haviam de todos os lados penetrado até ao coração da França; portanto a religião dos outros povos, arreigada como estava em seus corações por habitos inveterados, nenhum perigo correu de ser contaminada por exemplo tão mau, que mais servia de gerar horror, e escandalo, do que podia ser modelo para imitação. Quando os cabeças revolucionarios, largando a mascara da moderação, se deitaram no furor das conquistas avassallando a Hollanda, a Belgica, a Germania, a Italia etc.; quando o filho da revolução, Bonaparte, invadiu a peninsula das Hespanhas, já então havia passado a maior vertigem da impiedade, os exercitos francezes não eram apostolos capazes de converter os povos, e fazel-os mudar de religião; e até nem os invasores se embaraçaram com o fundo da religião, deixando a todos os povos, que invadiram,

as suas crenças, e seitas religiosas; todavia, se os francezes não se intrometteram com a parte essencial da religião, não deixaram de fazer em a lithurgia muitas reformas uteis a bem dos povos e dos estados, como foram a abolição de muitos dias santos, a extincção do horroroso tribunal da inquisição, a suppressão das ordens monasticas e religiosas, e o acabamento de procissões ridiculas, que por suas formas fanaticas e pagãs, serviam mais de desdoiro, do que de ornamento e honra á simples religião de Jesus Christo. Todas estas reformas, qualquer que fosse a sua origem, e viessem d'onde viessem, foram uteis, proveitosas, e mui conformes ás luzes e necessidades dos povos.

Continua. . . .

ESTUDOS SOBRE A HISTORIA DE FRANÇA.

OS REIS DA PRIMEIRA RAÇA.

Continuação.

633. Um mercador francez, chamado *Sansão*, tendo-se feito rei dos esclavonios vinidas, povos estabelecidos junto do Danubio, provocou Dagoberto. A guerra ateou-se, e as tropas francezas foram vencidas, por culpa dos austrasianos, irritados da tyrannia do principe. Dagoberto, para animal-os á defesa das fronteiras, deu-lhes um rei independente. Este foi *Sigeberto* II, seu filho mais velho. O expediente aproveitou: os barbaros e seu chefe, ou não ousaram emprehender mais nada, ou foram sempre repellidos.

634. O monarcha francez, tendo um filho chamado *Cloris* II, quiz assegurar-lhe uma corôa depois da sua morte. Em consequencia, declarou-o, com o consentimento dos grandes do reino, seu successor nos estados de Borgonha e Neustria.

638. Pouco tempo depois de ter regulado esta partilha, morreu na edade de trinta e seis annos, sendo o primeiro dos reis de França que se enterrou em S. Diniz, egreja que tinha edificado. Encheu de beneficios as suas amasias e os religiosos; mas esmagou o povo; e o unico bem que fez a França, foi o de compilar e rever todas as leis dos povos subjeitos á monarchia. Apesar dos escandalos do seu comportamento, soube attrahir a sua côrte homens virtuosos: notavam-se ahi principalmente Pepino de Landen, *maire* do palacio, santo e habil ministro; Dadon, conhecido pelo nome de *S. Ouen*, referendario; e S. Eloi, que foi thesoureiro-mor.

639—654. Sigeberto foi bom principe, mas pouco activo. Mais occupado em fundar mosteiros do que em governar estados, nasceu antes para obedecer do que para mandar. *Dagoberto* II, seu filho, não herdou a corôa senão para a deixar arrancar por Grimoaldo, *maire* do palacio, que o desterrou para a Irlanda, depois de lhe ter feito cortar os cabellos. O ambicioso ministro collocou o proprio filho no throno de seus soberanos, e publicou por toda a parte a morte do joven Dagoberto, pelo qual fez celebrar magnificas exequias. Mas os povos revolucionaram-se contra o usurpador, prenderam-no e ao pretendido rei, e os conduziram a Clovis, a quem se submetteram.

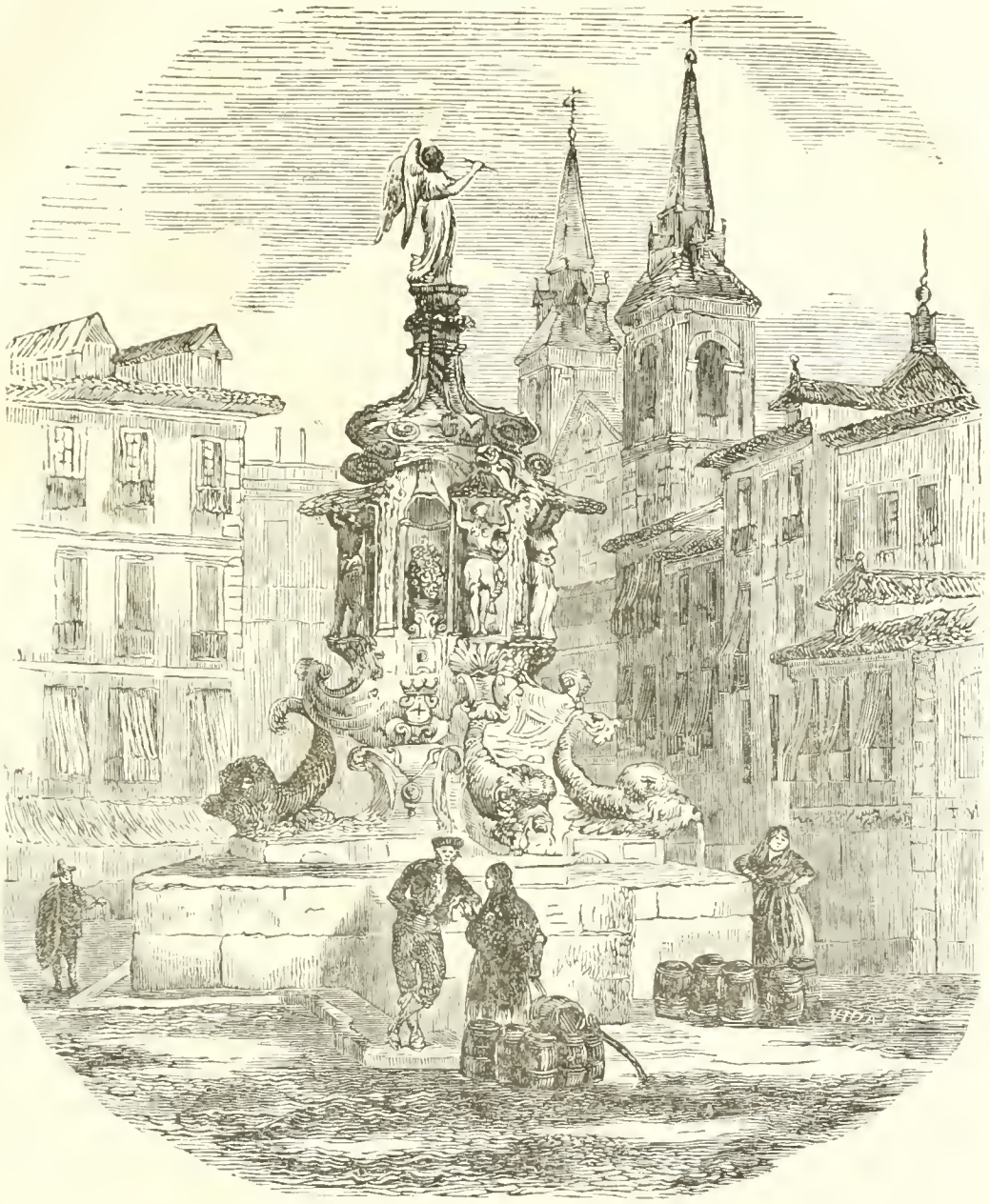
660—673. O reinado d'este ultimo não foi mais brilhante que o de seu irmão. Morreu na edade de vinte e um annos, deixando tres filhos, o mais novo dos quaes, *Thieri* III, nenhuma herança teve por então. O mais velho, chamado *Clotario* III, foi rei de Neustria e de Borgonha; e ao segundo, *Childerico* II, coube a Austrasia: sendo ambos confiados á tutela da rainha *Batilde*, sua mãe. Esta sabia princeza governou algum tempo com muita prudencia; mas em breve, desgostosa do mundo e das grandezas, retirou-se a um mosteiro, que tinha fundado. Foi uma calamidade para o estado, porque deixou caminho livre á ambição d'Ebroin, *maire* do palacio. Clotario morreu moço, sem filhos varões. Succedeu-lhe Thieri III, seu irmão, por autoridade do ministro. Os nobres, offendidos com este acto arbitrario, sublevaram-se. Ebroin foi desterrado; Thieri derribado do throno; e Childerico, rei d'Austrasia, reconhecido por unico soberano. Porém, o abuso que fez do poder apressou a sua perda. Um nobre, chamado *Bodillon*, tendo-lhe um dia feito algumas advertencias, foi açoitado. Este ultraje induziu-o á vingança, e cumpriu-a assassinando o rei, a rainha, e um de seus filhos, na floresta de Livri.

674—688. A esta noticia, Thieri abandonou a abbadia de S. Diniz, para onde se tinha retirado depois da sua desgraça, e tornou a cingir o diadema; em quanto Dagoberto II, que voltara d'Irlanda, e a quem Chilperico cedera uma parte da Austrasia, se assenhoreou do resto d'este reino Ebroin voltou, causou revoluções, intimidou Thieri, recubrou o seu antigo poder, e fez perecer S. Leger, bispo d'Autun, seu mortal inimigo, porque era virtuoso, e dava sabios conselhos ao monarcha. O despotismo do ministro sublevou toda a França, que não obstante se satisfez só com murmurações: unicamente a Austrasia, que a morte de Dagoberto, assassinado pelos sediciosos, deixara sem rei, sacudiu o jugo, e, em vez de reconhecer a autoridade de Thieri, escolheu por duque a *Pepino*, appellidado *Heristel* ou d'*Heristal*. Finalmente, um fidalgo, que Ebroin queria juntar a tantas victimas que immolara á sua ambição, anticipou-se, abrindo-lhe a cabeça com uma cutilada, e livrou o estado de um algoz, e o seu rei de um tyranno.

Continua.

É mais temivel do fraco a traição, que do forte a valentia.

Muitas vezes se lê — *merito e fidelidade* — nas medalhas, que ornam o peito, onde só existe traição e aleivosia.



FONTE DA PRAÇA ANTONIO-MARTIM EM MADRID.

«A praça Antonio-Martim, diz de la Borde no seu *Itinerario em Hespanha*, na rua d'Atocha, muito perto do Prado, é de mediano tamanho, e irregular; é propriamente uma dilatação da rua; está embellesada com um grande chafariz, cujos ornatos são de mau gosto.» Ha outros muitos chafarizes do mesmo estylo em Madrid. As fontes de conchinhas, com gollinhos e outros animaes, tritões, deuses e deusas, eram numerosas no seculo XVI, nas praças de muitas capitaes da Europa, e principalmente nas coutadas dos castellos.

Pode consultar-se, querendo estudar este objecto, a grande obra de Bocklern (*) e a de Giacomo Rossi (*), que ambas encerram muitos desenhos de fontes. Achar-se-hão ahi composições agradaveis, e outras que não passam de ridiculas. Estas ultimas não podem ser agradaveis, porque não é possivel agradar ferindo o gosto: parece-nos, pois, difficil que uma arte degenerada seja agradavel. Chama-se ordinariamente a isto arte exagerada, pretenciosa, e falsa. O chafariz de Antonio-Martim não é tão mau: é uma phantasia que se não pode condemnar.

(*) A *Architectura curiosa nova*, por Georges André Bocklern, architecto e engenheiro. Nuremberg, 1664 — Ou *Amœnitates hydragogices*. G. A. Boecleri; Noriberga.

(*) Giacomo Rossi, *le Fontane di Roma*, com desenhos e gravuras de Falda e Venturini.

O GALEÃO ENXOBREGAS.

(Scenas navaes do seculo XVII.)

Continuação.

II

NOVOS PERSONAGENS.

Vencendo com grande custo as indomitas correntes do canal de Moçambique, e bordejando a todo o panno entre a terra firme e a ilha de S. Lourenço, foi o galeão Enxobregas aproximando-se a pouco e pouco do logar que demandava, não sem grande magoa dos seus tripulantes, que não tinham já negocio que fazer na ilha, visto que as mercadorias haviam todas ido ao mar, e não poderiam passar esse anno á India, por ir adiantada a monção; ficando assim expostos ao malefico clima de Moçambique, sem especie alguma de compensação.

Entretanto o calafate tinha conseguido vedar a agua dos altos, e calafetar o arruinado trincanis da nau; bem como desobstruir a casa das bombas, para se *tocar redondo*, e esgotar continuamente a agua que lhe entrava pelas obras vivas. O carpinteiro concertou, como pôde, a habita que soffrera com o temporal, arranjou novos pes de carneiro para substituir os que renderam, fez novas bonecras para o logar das que se partiram, e cuidou em tudo o mais da sua obrigação com verdadeiro zelo. Tambem o mestre Fernandes se não descuidou da sua parte, e ajudado pelo laborioso *Cheira-dinheiro* (que apesar de toda a sua actividade nunca chegou a tomar-lhe o *gosto!)* arrotou o gurupez, e passou-lhe uma *contra-trinca;* substituiu a cevadeira quebrada por uma verga da gavea grande, que era pouco menor; botou a riba os mastareos, envergou novas gaveas, e com as betas passadas *de longo* levou as vergas ao seu logar. Depois amurou-lhe os papafigos, caçou-lhe as gaveas e a mesena, largou-lhe a cevadeira, e deixou ir o barco n'agua.

O piloto e sota-piloto consultavam os astros e as cartas, a côr da agua e os horisontes, e não pareciam desanimados.

O condestavel tratou de pôr em boa ordem as armas de mão, e safar a artilheria para combate ou para salva, como necessario fosse; e o guardião encarregou-se de pintar as alcaixas da nau, com a ajuda de tres moços que tinham manha de borradores.

Os gageiros andavam sempre lá por cima a ver se enxergavam terra; os padres passavam a vida em devotas occupações; e o capitão, curvado ao peso da responsabilidade que pesava inteira sobre elle, dava-se a perros por ter emprehendido esta viagem da India, podendo estar na fronteira de Portugal a bater-se com os castelhanos.

Já tocava quasi o seu fim o mez de Setembro, quando do galeão avistaram a *Mesa*, alta montanha das proximidades de Moçambique; porém como era noite resolveram deixar para a seguinte manhã o investimento do porto.

Appareceu-lhes então uma vela.... Se seria de hollandezes, que viessem vingar n'estes portuguezes a perda de Loanda, que Salvador Corrêa lhes arrebatara das mãos, havia um anno!

Em quanto a gente de guerra se apparelhava para combate, os padres tiravam esmolas para confrarias, e acceitavam os votos dos timoratos a todos os santos da côrte do ceo, para que não houvesse perigo.

A embarcação aproximou-se; era ingleza. Já então tremulava o pavilhão de Santo André por estes mares!

Passou por gilavento do Enxobregas, e saudou os nossos com suas trombetas; mas não obteve resposta, porque estes não estavam agora para comprimentos.... e então a inglezes!

A nau lá se foi a rumo do Cabo, e a nossa pairou no canal, á espera da manhã, e enfadada de repetidos aguaceiros.

Ao alvorecer do novo dia entestou com a costa, cerrando á bolina, a rastear com a ilha de Goa; e perpassando rente da magestosa fortaleza de S. Sebastião, foi lançar ancora, em seis braças de fundo, ao nor-noroeste da mesma fortaleza.

No porto não estava uma só embarcação de alto-bordo; apenas alguns pangaios cosidos com a terra; e as ligeiras almadias que sulcavam as aguas, dirigindo-se algumas d'ellas para o galeão.

O Enxobregas tinha má sina: não se salvava de um perigo senão para se espetar em outro! Assim bramavam os matalotes que o guarneciam. A amarra que arrearam para o fundo, estava dada ao cabrestante da xareta, e com a força do esticão no fundear, levou comsigo o cabrestante! Não estava outra amarra telingada, e em quanto a alavam a cima, tinha tempo a nau de se fazer em pedaços na Cabeceira, para onde as aguas a empurravam. Valeu o batel e o esquife, que ajudados das almadias, tomaram viradores e ostaxas de bordo, com que rebocaram o galeão para fóra da costa. A final largou outra ancora com mais cuidado, e o navio segurou de vez.

Como dissemos, não estava nenhuma nau no ancoradoiro, mas appareceu, com geral espanto, a bordo do Enxobregas, o capitão-mór do galeão *S. Lourenço*, saido de Lisboa um mez antes d'aquelle, e que, como dissemos, se perdera nos baixos de Moxincale, com grande extravio de pessoas e cabedal. Este cabo, por nome Diogo Leyte Pereira, commendador de Alegrete na ordem de Christo, vinha acompanhado pelo inquisidor apostolico, Paulo Castellino de Freitas, e outras pessoas de distincção, das que escaparam ao naufragio. Não sabiam porém novas do que devera ser seu companheiro toda a viagem, e que se apartou d'elles na altura de Guine, o galeão novo *Nossa Senhora do Bom Successo*, de

que era almirante Vasco d'Azevedo. Esta duvida poucos dias duron; porque a 14 de Outubro seguinte chegaram a Moçambique dois homens d'aquelle galeão, que se perdera, como tambem já dissemos, abaixo das ilhas de Angoxa, morrendo trezentas pessoas de seu bordo, escapando só com vida cento e dez; durante a viagem ja haviam fallecido de molestia ou accidente, cento e cinco homens, incluindo n'este numero o almirante.

Assim pois, em quanto se corrigiam as avarias do galeão Enxobregas, invernava a gente das tres naus n'esta doentia ilha de Moçambique, succumbindo muita d'ella ás febres da *carneirada*, e outra mesmo a falta de alimentos sadios. Os marinheiros ainda lá resistiam, mas os soldados *reinoes* caíam como tordos.

O fidalgo, que servia de governador na ausencia de Alvaro de Sousa de Tavora, que estava na terra firme, hospedou em sua casa o capitão do Enxobregas, e alguns passageiros de prol, como Ruy da Cunha e sua familia, do mesmo modo que o fizera já a Diogo Leyte, ao inquisidor, e a outros. Este hospede era mancebo ainda, de grandes brios, de gentil presença, e bem fallante. Chamava-se Luiz de Brito.

Com a vista quotidiana do formoso rosto e gracioso ademan de D. Magdalena da Cunha, acendeu-se no coração do joven governador interino uma invencivel paixão pela donzella; e resolvendo-se a pedil-a ao pae em casamento, obteve a sua mão, pois lhe não era inferior em fidalguia.

Foi um dia de festa para Moçambique o d'esse consorcio, que se celebrou a 10 de Março do anno 1650: e logo passados cinco dias se partiu a nau Enxobregas para Goa, aproveitando a monção pequena, e deixando em Moçambique a filha de Ruy da Cunha, que com mui grandes prantos se despediu de seus paes.

Não pense porem o leitor que perde de vista para sempre a formosissima Magdalena. Apesar de estarmos escrevendo uma veridica historia e não fabulosa novella, não podendo assim preparar surprehendentes peripecias, succede que a realidade teve n'este caso seus visos de romance, e que os principaes personagens que mencionamos voltam todos a encontrar-se, depois de separados em differentes pontos.

Largou pois a nau do porto de Moçambique a 15 de Março, pela manhã, com o terrenho; e deitando de barra fóra governou ao nordeste-meio-leste, em gaveas e papafigos, encontrando o mar de leite, algumas correntes a leste, vento do quadrante sueste, e ceo quasi sempre nublado.

Levava a seu bordo alguns dos naufragos dos galeões S. Lourenço e Bom Successo: outros d'estes infelizes seguiram logo a 10 de Abril para Goa no patacho do capitão de Diu: e o resto so deixou Moçambique na monção de Setembro. De mil e trezentos homens que n'estes dois navios sairam de Lisboa, só chegaram duzentos á India!

Tendo avistado a ilha do Comoro, continuaram sua derrota com cautela os do galeão Enxobregas, para se desviarem dos baixos de S. Lazaro e do Patrão; montado este, metteram a orça para leste quanto poderam, para afastar da costa da Deserta, aonde as aguas encostam com forte correnteza; e sempre com bom tempo foram navegando até avistar os *Ilheos queimados*, a melhor conhecença da proximidade de Goa.

Já antes haviam encontrado no mar as cobras, como enguias, de que fallam os roteiros, e que se afastam ate cem leguas da costa, ás vezes; os bandos de corvas pretas e nedias, cascas de siba alvas, e aquellas escumas redondas, desovamento de peixe, a que chamam *tostões* e *vintens*, e que, segundo o nosso Pimentel, são signaes certos da proximidade da costa.

A 13 de Abril avistaram com effeito o pharol da *Aguada*, a fortaleza da mesma denominação, a egreja de S. Lourenço, edificada poucos annos antes pelo vice-rei conde de Linhares, o convento de capuchos de Nossa Senhora do Cabo, e emfim o rio Mandovi que conduz a cidade. O galeão surgiu proximo do morro de Bardez, a um tiro de mosquete da terra.

Chegados felizmente á desejada India, os reinoes embarcaram-se em *tónas* para a cidade, ja com a mira nas *bailadeiras*, de que lhes fallavam a miudo os velhos navegadores do Malabar; em quanto estes observavam com tristeza o abatimento d'aquelle estado, que definhava a olhos vistos de anno para anno, de dia para dia!

O vice-rei, D. Filippe Mascarenhas, acolheu bem a todos; e D. Leonor da Cunha, á parte a saudade da filha, pôde emfim descansar em melhor clima, e com os regalos de senhora que ha muito lhe faltavam.

O galeão foi para a Ribeira das naus a forrar de novo, depois de prompto de toda a obra de carpintaria e calafeto. Passou-se-lhe uma rigorosa vistoria, e apesar de muito alquebrado, e de se lhe encontrarem partidos muitos vaus, curvas de convez e de revez, dormentes, entremixas, braços e hasteas, não o condemnaram; e a verdade é que ficou como novo, e que fazia linda vista quando appareceu de verga d'alto.

Não mui distante porem do logar em que jazia a nau, se deu um triste espectaculo por esse tempo. Com baraço e pregão foi conduzido á margem do Mandovi o mestre Domingos Henriques, do galeão S. Lourenço, e enforcado ahi como culpado da perda d'aquelle navio, por não ter as amarras telingadas quando foi o naufragio, o que contribuiu para se não poder salvar a embarcação, e outras culpas que lhe carregaram.

O piloto do mesmo galeão, de nome Diogo Tavares, foi condemnado em dez annos de galés; e outros officiaes soffreram prisões e incommodos. Desgraças sobre desgraças!

Em consequencia do grande naufragio que soffreram no porto de Goa em 1647 os navios que se destinavam para a China, e que todos se afun-

daram sem remedio, determinou agora o vice-rei de enviar o galeão Enxobregas áquellas partes, com o resto da preciosa carga que ainda para ali não havia sido possivel transportar.

Achando-se lesta a nau, e tripulada com os mesmos officiaes, e quasi toda a mesma marinhagem que trouxera de Lisboa, abalou de Goa aos nove dias do mez de Setembro d'aquelle anno de 1650, abarrotada de mui importante carregamento para Macau.

Lá ficava na India Ruy da Cunha e sua esposa, que ainda tornaremos a encontrar no decurso d'esta historia; e bem assim os fidalgos, officiaes e soldados, que iam servir na India, bem como os jesuitas e franciscanos que iam para os seus conventos d'aquella cidade e estado. Seguiu, porém, na nau, o seu capellão, frei Jeronymo, e o missionario que se destinava ao martyrio do Japão.

Embarcaram mais, de passagem para a China no galeão, duas pessoas que tem ainda de figurar n'esta narrativa: eram ellas, D. Martinho, principe de Arracam, que fôra creado e baptisado na India, servindo por alguns annos nas armadas d'aquelle estado, e ultimamente como capitão de Goa; e sua esposa, uma gentil chineza, convertida ao christianismo, que fôra roubada em pequenina a seus paes pelos nossos catholicos navegadores, e trazida a Cochim, onde foi acolhida e mui bem educada por um fidalgo portuguez. Esta formosa menina ia ver se descobria vestigios dos seus parentes, e seu marido acompanhava-a n'esta digressão, para voltarem juntos na mesma nau, e se transportarem a Lisboa, onde D. Martinho vinha requerer por seus serviços.

Deixemos pois a nau amarar-se da costa do Malabar, em quanto tomamos folego para a seguir na rota da China.

Continua. F. M. Bordalo.

A . . .

Como este amor começou
Não no podemos dizer;
Eu sei que a paz me tirou
Dando-me um novo viver.
Tu, sympathica donzella,
Que este amor torna mais bella,
Tambem não sabes dizel-o.
Tu não sabes mais que amar,
E languidamente olhar
Quem tão devêras te quer!
Sabemos só que foi magico
N'essa noite aquelle instante,
Em que inquiri, delirante,
Em tom de voz tão sumido
Que não ouviu mais ninguem.
Se por mim tinhas amor!
E tu, n'um gesto sómente
Mas que fallava eloquente
«Sim» disseste.
Como a rosa,
Que abre o calix purpurino
Ao rocio matutino
D'onde espera vida nova,
E que em cada gota prova
O que mal conhece ainda,
Assim tu, p'ra mim pendida,
Entre esp'ranças e receios,
Beber qu'rias outra vida,
E fazias-te mais linda,
E tornavas-te mais qu'rida!
Ambos pois nos illudiamos!
O que nós ambos sentiamos
Ha muito que era paixão.
Eu perdera o coração,
Tu não sabias do teu,
E buscavamos distante
O que tinhamos tão perto;
Tu n'um sonhar incessante;
Eu n'um louco devaneio....
Ambos nós em desacerto.
E se não fosse um acaso
Inda estavamos perdidos!
Sem inda crer que era amor,
Tinhamos uma egual dôr
Se um ou outro se apartava.
Ambos nós tinhamos zelos
Se prestavamos desvelos
Indiff'rentes a qualquer;
E soffria-se em segredo
Sem o motivo saber.
Hoje a venda jaz rasgada,
Pois que ja nos entendemos,
Que as nossas almas achámos,
E que trocadas as temos,
E trocadas ficarão;
E na troca mais se uniram,
N'uma prisão toda flores,
Nossas almas que não chegam
Para comer taes amores!
D'hoje em diante a vida é sonho!
Triste será ou risonho?
Deus que o deu que o abençoe!
O que sei dizer-te, e juro,
E que o meu affecto puro
Pode ser-te um infortunio;
Mas quebrar, não quebra não!
Se nasceu sem eu querer,
Sem mesmo n'elle pensar!
O que era ha pouco visão,
Hade agora, que tem nome,
Co'a minha vida acabar.
Se t'o digo é porque o sinto,
E eterna sinto a verdade
D'este indelevel amor.
Sinto-o na triste saudade
Que a minh'alma immerge em dôr,
Quando distante me vejo
De quem sempre qu'ria ver!
Sinto-o na louca alegria
Quando te vejo appar'cer!
Sinto-o até na inspiração
Que povôa a solidão

Em que hoje estou por meu mal!
Como este amor floreceu
Ai! não no posso explicar!
Só sei que esp'ranças do ceo
Não hade o mundo esfolhar.
Sei, ai! sei que és meu enlevo,
E que basta um teu olhar
Para matar a saudade
Que minh'alma immerge em dôr!
Sei que vivo por te amar...
Sei que vives d'este amor!

MENDES LEAL (ANTONIO).

DELHI.

Julgamos de interesse para nossos leitores offerecer-lhes uma idea resumida d'esta cidade no Indostão, que hoje esta sendo o theatro de tanto sangue derramado, na contenda entre a Grã-Bretanha, e a India sublevada, e onde as atrocidades commettidas por as castas barbaras e sanguinarias indianas, excedem os horrores perpetrados pelos povos os mais selvagens!

Delhi e a capital da provincia do Indostão, que tem o mesmo nome da capital. Confina pelo N. O. com Lahore; pelo N. com as montanhas de Himalch que a separam do Thibet; pelo E. com Kemaon e Oude; pelo S. com Agra; e pelo O. com Algimere e Moultan. A sua long. é de 17 9 E., e a sua lat. 28 43 N.

Por muitos annos foi considerada a mais bonita e a mais rica cidade de toda a India. Chamava-se antigamente Inderput, e em mahometano Shahjehanabed. Esta cidade é de singular nomeada historica pelas vicissitudes e desgraças porque tem passado, e actualmente tornou-se o sanguinolento theatro da guerra da India, achando-se sitiada por forças inglezas comparativamente diminutas, na presença de cincoenta mil sublevados que se conservam na cidade. Na epoca da sua prosperidade a cidade tinha dez milhas em circunferencia; hoje porém parte d'ella está em ruinas de antiga e moderna data.

No anno de 1193 foi tomada pelos mahometanos commandados por Cuttubadeen Khan que ahi fixou a sua residencia, e succedendo no throno da India, nomeou Delhi a capital do seu reino. Em 1398 foi tomada, saqueada, e reduzida a cinzas por Tamerlão. Foi em seguida reedificada, e recobrou depois parte da sua antiga grandeza, quando o imperador Akbar transferiu a séde da realeza para Agra. Porém em 1631 o imperador Shah Iehan começou a reedificar a nova cidade, que tencionava fosse um monumento duradoiro da magnificencia e riqueza de um monarcha do Oriente. Ajudado Iehan pelos mais habeis architectos da epoca, que eram francos de grande talento, projectou o plano da nova cidade que devia assumir o seu augusto nome. Os trabalhos e muros da cidade foram construidos com tão incrivel rapidez que os historiadores coevos attribuiram as obras ao poder magico do rei, e começou desde logo entre os indios fanaticos a affluir grande numero de moradores que ali vieram estabelecer-se, e outros procurar fortuna.

Delhi continuou a crescer em valor e poder até á celebre invasão de Nadir Shah em 1739, que depois de ter atravessado o coração da India, veiu acampar junto aos seus muros. Mohamed Shah, o rei da India, tinha reunido um numeroso exercito para se oppor aos invasores. O seu acampamento, que occupava um espaço de dez milhas em circunferencia, era defendido por baterias por todos os lados, e tinha cinco mil peças de artilheria. No centro d'este entrincheiramento gigantesco, se achava collocada a barraca imperial, coberta de bandeiras, flammulas, e peixes de madeira doirados, emblema favorito da realeza india. Elephantes, camellos, cavallos, enchiam o acampamento onde avultavam os arnezes e trens de guerra. A magnificencia do acampamento não impediu os progressos de Nadir, que em 20 de Março do anno mencionado, fez a sua entrada triumphante na cidade, passando em seguimento a apossar-se do palacio, que era então reputado o mais rico, e o mais sumptuoso do mundo.

Pouco depois de se haver Nadir Shah estabelecido na cidade de Delhi, arrebentou uma insurreição entre os habitantes, tendo Nadir entregue ao saque das suas tropas a cidade, e mandado matar perto de vinte mil pessoas, sendo tal a carnagem que os historiadores d'essa epoca a comparam ao dia do juizo final.

No dia 5 de Maio de 1740 Nadir carregado com os despojos de um imperio, partiu da capital do Indostão levando comsigo, segundo os annaes de então, o valor de 125 milhões sterlinos, além de mil elefantes, sete mil cavallos, e dez mil camellos. Em 1760 Delhi foi novamente saqueada por Ahmed-Abdallah, e subsequentemente tornou-se a residencia do Grã-Mogol, que ate 1803, epoca em que Delhi ficou de facto sob o dominio inglez, ali conservou um phantasma de autoridade em nome.

A moderna cidade de Delhi contem ainda muitos palacios sumptuosos, e bonitas mesquitas em optimo estado, entre as quaes sobresae a chamada Iumnah Musjeed, que fôra construida por Shah Iehan.

A parte mais habitada da moderna Delhi tem duas ruas espaçosas, das quaes a principal se chama Chandy Choke, e é talvez a mais larga que se encontra em cidade alguma do Oriente. A cidade tem sete milhas de circumferencia, e é cercada por altos muros com seteiras, e defendida na actualidade pelos regimentos indios que se rebellaram. Delhi conta diversas casas bonitas de moderna construcção, as quaes foram todas edificadas durante o dominio inglez; tem boas mesquitas com os seus minaretes. A mesquita principal é a que se chama Iumah, e que passa por ser a maior que existe na India. As ruas da cidade, salvo as duas que deixamos men-

cionadas, são em geral estreitas e mal alinhadas. Nos bairros mais pobres encontram-se habitações, que mais parecem cabanas de aldêa, do que casas pertencentes a uma cidade importante: são de bamboo forradas de esteiras, offerecendo, como se pode suppor, mesquinha apparencia. A maior extensão da cidade é de quatro milhas sobre tres de largo, e a sua população orçava em 1850, data do ultimo censo, por cento e quarenta mil almas, a maior parte indios e mahometanos. Antes da batalha de 5 de Julho d'este anno, em que os inglezes lhe pozeram cerco, contava apenas noventa familias christãs, hoje porém nem isso, porque á excepção de algum europeu que pôde refugiar-se no castello de Delhi, os mais ou foram assassinados pelos indios, ou conseguiram escapar.

Desde que a cidade ficara debaixo da protecção ingleza tinha melhorado muito, e ia progressivamente prosperando, com particularidade na parte administrativa e judicial, que tinha chegado ao maior estado de decadencia nos ultimos annos. Hoje, segundo consta, impera ali a anarchia, no meio do ruido das armas, e na presença de um cerco, que apesar de ser por ora fraco, pelo pequeno numero dos inglezes sitiadores, hade estreitar-se logo que estes recebam os reforços que todos os dias lhes vão chegando, e de que a maior parte, segundo as ultimas noticias, esta em caminho. A guerra da India parecia até aqui não ter chefe ostensivo, e proceder de uma revolta militar fomentada pelo fanatismo religioso; no entanto acaba de se conhecer que ella não foi produzida por um movimento espontaneo, e que tem um chefe, o qual é o rajah de Bisour, chamado Nina Saib, homem cruel e feroz, que por vingança jurou odio eterno aos inglezes. Este rajah é filho adoptivo de Peishaw Rajee Raow: vivia de uma pensão que por compensação o governo inglez concedera ao dito Peishaw, e com a qual se sustentava o filho adoptivo. Tendo morrido Peishaw, Nina Saib mandou um agente seu a Inglaterra, reclamar do governo inglez a continuação da pensão, a qual lhe foi recusada. Desde logo tratou Nina Saib de mandar prender os legitimos herdeiros de Peishaw Rajee, apossou-se dos seus bens, e começou a fomentar a rebellião entre as tropas nacionaes ao serviço da companhia, espalhando pelos seus agentes os mais absurdos boatos contra os inglezes para fanatisar os povos. Entre estes absurdos avulta o de terem mandado untar com banha de porco os cartuxos, para por este modo perderem aquellas *boas almas*, quando fossem morder os cartuxos que tinham sido untados com a gordura do animal immundo, severamente prohibido pela lei de Mafoma, que tão fanaticamente professam. O pretexto, por isso que era grande absurdo, foi acreditado por aquelles barbaros, e serviu para os fins do rebellado Nadir, que tornou Delhi a base principal das suas operações militares, fazendo marchar para ali a maior parte dos revoltosos, com todos os recursos que tem podido juntar, e que vae procurando reunir. Pela falta numerica de tropas inglezas em quem a companhia das Indias possa confiar, vão-se por ora limitando, como deixamos dito, á defensiva, e aguardando os reforços que lhe vão diariamente chegando, e que habilitarão os inglezes a suffocar a rebellião, por quanto não pode, a nosso ver, ser duvidoso o resultado, vendo a superioridade militar que elles teem sobre os indios, que em detalhe teem quasi sempre sido batidos até por forças dez vezes inferiores ás suas. N'esta contenda em que só os indios arregimentados teem tomado parte; com as rivalidades e odios de castas que existem entre si; continuando fieis as tropas das duas presidencias de Bombaim e Madrasta, e passivos os povos, o resultado final hade ser a favor da Inglaterra, que merece triumphar porque representa a causa da civilisação contra a da mais brutal ferocidade!

* * *

OS JUDEUS DEPOIS DE CHRISTO.

Continuação.

Por toda a parte a sorte dos judeus era quasi a mesma. Só por excepção apparecia um estado em que fossem tratados melhor que em França.

O nosso historiador philosopho A. Herculano, no tomo 2.º pag. 321 da sua *Historia de Portugal*, diz-nos que cerca de 1228 «na diocese de Lisboa davam-se com preferencia os cargos publicos aos judeus, em opprobrio do christianismo e com escandalo de muita gente.» — Mas nem em toda a parte desfructavam de egual favor. No reinado de Luiz IX (San-Luiz) no anno 1229, marcavam-n'os com grande execração. Uma assemblea dos bispos da provincia, reunida em Narbonna, ordenava que elles trouxessem sobre seus vestidos *a figura de uma roda de meio-pé de circunferencia*.

No anno seguinte, 1230, o mesmo rei Luiz IX publicou uma severa ordem contra os judeus, ora banidos, ora chamados ao reino, e sempre sanguesugas do estado. A França e os paizes visinhos estavam então cheios dos restos d'esta nação, e todos gemiam sob o peso de suas usuras. O que n'isto havia de mais horrivel era tirarem os senhores tambem sua parte d'este ganho infame, pela protecção que lhes prestavam; protecção que aquelles infelizes compravam muitas vezes bem caro, e sempre com condições egualmente contrarias á sua fortuna e á sua liberdade.

Vê-se com effeito por um grande numero de actos, que todo o judeu estabelecido no reino «étoit serf ou main mortable, et justiciable des corps et de chastel des Seigneurs, dont il étoit couchant et levant»: isto é, que sua pessoa, seus bens e seus moveis pertenciam aos barões dos logares em que habitavam. A lei defendia-lhes mudarem de domicilio sem permissão do

amo que podia il-os agarrar como escravos fugitivos ate nos dominios do rei. Parece mesmo que este povo infeliz era olhado como objecto commercial. Vendiam-n'os com a terra, ou mesmo separadamente, por mais ou por menos, segundo o numero, os talentos, e a industria. Matheus Paris conta que o rei d'Inglaterra, Henrique III, vendeu por alguns annos os judeus ao conde Ricardo seu irmão «afim de que este principe arrancasse as entranhas d'aquelles que o monarcha não tinha feito mais do que esfolar.» Imaginava-se apenas o proveito que d'elles vinha aos senhores. Logo que o thesouro estava exhausto ameaçavam expellil-os. No mesmo instante levavam elles sommas immensas para encher os cofres: a isto chamavam *beneficio de restituição*, beneficio tão consideravel, que Carlos II, rei da Sicilia, para indemnisação de os haver banido do condado d'Anjou e Maine, estabeleceu um fogal (tributo) de tres soldos em cada fogo, e de seis dinheiros em cada um de seus subditos christãos, que ganhasse a vida por seu mister. Um facto, mais singular ainda, é que o judeu convertido *caia em prevaricação*. Então o senhor ou o rei lhe confiscava todos os bens, e o deixava n'uma miseria absoluta. Dissereis que os christãos irritados, porque o judeu deixava de ser impio, procuravam indemnisar-se das taxas que não poderiam mais impor-lhe, tirando-lhe por uma vez tudo quanto possuia! Maxima barbara, sem duvida, e muito perniciosa em taes circunstancias, mas que subsistiu em França ate ao reinado de Carlos IV, que a fez annullar e proscrever. Tanto e verdade que o uso, o exemplo dos outros, e d'antigas promessas, fazem desapparecer a nosso respeito o ridiculo por mais palpavel, e por mais excessivo que elle seja.

Nota-se comtudo, que esta nação proscripta, ainda que pertencesse aos barões, sem duvida pela permissão do monarcha, era o rei especialmente que tinha todo o poder sobre ella. «É a mim, fazem dizer a San-Luiz, que pertence velar sobre os judeus, para os impedir d'opprimir os christãos por suas usuras, e de abusar da minha protecção para assolar o reino.»

Os judeus tinham juizes e tribunaes particulares, um sello que lhe era proprio, possessões em terras e em casas, cemiterio fora dos muros das cidades, e synagogas onde comtudo não podiam rezar senão em voz baixa e sem o menor canto, sob pena de 300 libras *Parisis* de multa. Obrigaram-n'os ainda a trazer em cima de si algum signal que podesse fazel-os reconhecer: nas mulheres era um veo que lhes cobria todo o rosto, e nos homens um solideo de feltro ou de panno de côr amarella, ou melhor «une grande ruelle *(roue)* bien notable, de la largeur de quatre doigts et de la hauteur d'une palme, d'autre couleur que la robe, pourtraite de fil ou de soye grossement, et telle qu'on pût l'appercevoir au vestement de dessus, soit mantel ou autre habit, en tel lieu qu'ils ne la pussent musser.» Se algum judeu apparecia em publico sem esta marca, devia ser condemnado em 10 libras *Tournois* de multa, e seu vestido confiscado em proveito do que o denunciasse. Prohibiam aos christãos todo o commercio com este povo reprobo; não era permittido ter judeu na qualidade de mordomo ou criado, nem ter alguma coisa d'elles, ou pela herança, arrendamento, ou emphyteuse; nem servir-se d'elles como medicos ou cirurgiões, nem tomar seus filhos para os amamentar e nutrir. Quando os judeus compareciam como testemunhas contra um christão, *obrigavam-n'os a jurar pelos dez nomes de Deus* com mil imprecações contra si mesmos se não dissessem a verdade. «Que o Senhor Deus, lhes diziam, vos mande febre contínua, terçã ou quartã, se perjurardes; que elle vos destrua em sua colera, e á vossa familia, e a vossos beus: que vossos inimigos se apoderem de vossos haveres, e violem vossas mulheres: que a espada da morte, o temor e as inquietações vos persigam por toda a parte: que a terra vos engula como Datan e Aviron: que todos os peccados de vossos parentes e todas as maldades contidas na lei de Moyses recaiam sobre vossas cabeças.» «*Assim seja*», respondiam por tres vezes estes tristes objectos da execração publica.

Um christão convencido de commercio criminoso com uma filha ou mulher d'esta nação, era queimado vivo. O motivo que dá um autor, digno discipulo d'aquelles seculos de ignorancia, parecera sem duvida singular, para não dizer ridiculo. *Manchar-se com uma judia* (diz elle) *é um crime egual aquelle que se commette com as bestas.*

Tão humilhantes servilismos não impediam estes infelizes de irem em chusma estabelecer-se na França, da qual insensivelmente invadiam todo o commercio. Dizem que sob Filippe Augusto eram possuidores de quasi metade de Paris. Já vimos que este grande principe não achou contra isso outro remedio senão declarar seus devedores quites, a excepção d'um quinto, que foi confiscado em proveito do monarcha, expulsando estas sanguesugas tão funestas ao estado, depois de as ter despojado de todos os bens de raiz.

Obrigado porém a chamal-os dezeseis annos depois, suppoz poder prevenir tudo com regulamentos preconisados então por tão sabios como severos: fracas barreiras contra a avareza d'um povo insaciavel, e cuja inefficacia o seu successor Luiz VIII reconheceu logo, vendo-se obrigado a ordenar «que nenhum interesse corresse para os judeus; que toda a divida que não exigissem depois de cinco annos ficaria extincta; e que as outras seriam pagas nas mãos de seus senhores, em nove termos, de quatro mezes cada um.»

Finalmente o já citado Luiz IX em uma assemblea de barões em Melun «fez prohibir universalmente aos judeus toda a sorte de emprestimo; deu tres annos de termo a seus devedo-

res; e declarou nullas as obrigações que estes usurarios não tivessem feito ver no anno a seus senhores.»

Ao mesmo tempo o famoso monarcha proscrevia toda a usura, e os grandes, combinados, juravam dar-lhe soccorro contra os infractores de tal lei.

Os editos que em 1253 haviam banido os judeus de França, foram confirmados em 1295. Mais numerosos então do que quando tinham saido do Egypto, despojaram-n'os de quanto possuiam, e expulsaram-n'os de novo sem lhes deixarem mais que os vestidos. Muitos procuraram salvar-se na Inglaterra e na Alemanha, mas ahi foram tratados com egual deshumanidade.

Sempre objectos da animadversão do publico, que arruinavam, não só como usurarios, mas tambem como rendeiros dos impostos, os judeus estavam incessantemente expostos a todas as sortes d'insultos. Nas cruzadas, nas sedições, alguma vez mesmo no socego da mais profunda paz, viam-se atacados, perseguidos, despojados, degolados emfim. Não cessavam de os accusar, ou de haverem ultrajado a hostia santa, ou de terem crucificado creanças em sexta-feira santa, ou de haverem profanado a imagem de Nosso Senhor. Se escapavam á severidade da justiça, não se salvavam da populaça. Os mesmos principes, depois de haverem feito d'elles instrumentos de suas vexações, os expelliam muitas vezes, para lhes fazer comprar seu novo chamamento a peso d'oiro.

Filippe IV não fez esperar muito uma ordem, em virtude da qual os judeus foram presos por toda a França n'um mesmo dia, banidos do reino, com prohibição de ahi tornarem, sob pena de morte, e todos os seus bens confiscados. Alguns se fizeram baptisar, e ficaram; muitos d'entre os outros morreram no caminho, de fadiga, de pesar ou de miseria: não lhes haviam permittido levar senão o dinheiro que lhes fosse preciso para os conduzir fora dos limites do imperio francez. Duvida-se se foi o zelo ou a cubiça que dictou este rigoroso edito!

Continua

ESTUDOS SOBRE A HISTORIA DE FRANÇA.

OS REIS DA PRIMEIRA RAÇA.

Continuação.

689—713. Thieri não foi bastante feliz ou habil para aproveitar esta circunstancia. Os descontentes, cujo numero augmentava de dia para dia, reuniam-se em tropel aos austrasianos. O monarcha, querendo, porém muito tarde, suspender esta retirada sediciosa, declarou guerra ao duque de Austrasia; mas foi vencido, e esta victoria submetteu toda a França a Pepino, que a engrandeceu. Thieri morreu, e Pepino continuou a reinar em nome de *Clovis* III filho d'este principe; depois em nome de *Childeberto* III, emfim, de *Dagoberto* III. No primeiro d'estes tres principes é que começa o reinado dos reis chamados *Preguiçosos*, isto é, que nada fizeram memoravel, porque, enfraquecendo-se sob a autoridade do *maire* do palacio, apenas tinham de reis o nome, e não se atreviam por si mesmos a executar qualquer coisa.

714 Pepino submetteu os inimigos do reino, cujos limites alargou, terminando a sua gloriosa carreira depois de uma administração de vinte e sete annos. Proximo á morte nomeou *Theodebaldo*, seu neto, ainda creança, *maire* do palacio, sob a tutela da sua viuva. Esta disposição desagradou: houve sublevação. Carlos Martel, filho natural de Pepino, que a regente tinha mandado prender, fugiu da prisão, e buscou asylo entre os austrasianos, que o receberam com transporte e o puzeram á sua frente.

717. Entretanto *Dagoberto* III morreu; e, ainda que deixasse um filho chamado *Thieri*, deram-lhe por successor *Daniel*, filho de Childerico II. O novo monarcha, que tomou o nome de *Chilperico* II, e que é preciso não confundir com os reis preguiçosos, quiz resistir a Carlos Martel. Foi duas vezes batido, em seguida entregue ao vencedor, que o tratou com respeito, e se satisfez com os titulos e autoridade que seu pae gosara.

721—732. Carlos, chegado então ao auge da grandeza, empregou o seu poder a bem dos povos e da gloria da nação. No reinado de *Thieri* IV, filho de Dagoberto III, e successor de Chilperico, desbaratou mais de trezentos mil sarracenos que, depois de terem subjugado a Hespanha, tinham vindo, sob o commando d'Abderame, seu chefe, tentar a submissão da França á lei de Mahomet.

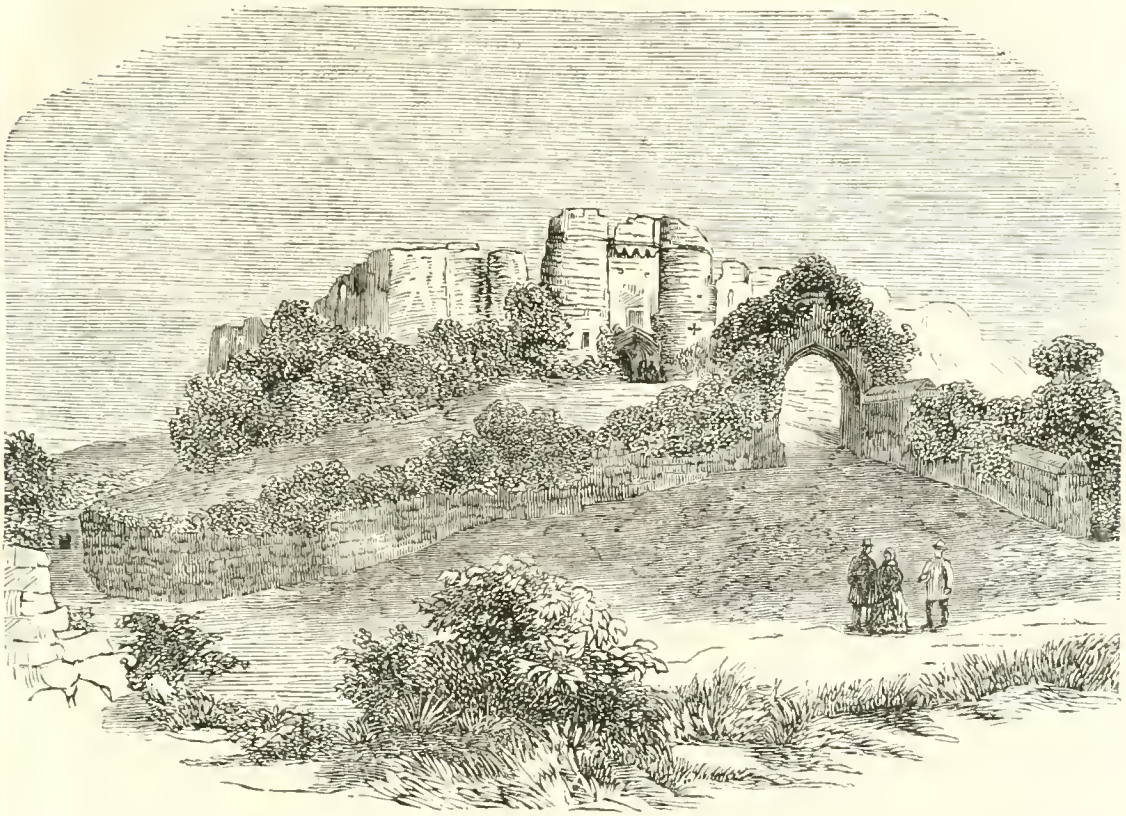
737. Tendo morrido Thieri, Carlos Martel continuou a governar, com o titulo de duque ou principe dos francezes, sem se dar ao trabalho de nomear outro rei. Elle conservou esta autoridade até á sua morte, succedida em 741. Antes de expirar, dividiu, com o consentimento dos nobres, o imperio francez pelos seus dois filhos *Carloman e Pepino o Pequeno*.

742-748. Carloman não governou senão quatro annos. Depois de ter alcançado brilhantes victorias, e creado alguns estabelecimentos uteis, renunciou ao poder supremo, para tomar o habito religioso em Monte Cassino, deixando a seu irmão todo o reino.

Pepino tinha outras vistas. Só lhe faltava a corôa: ambicionava-a; mas não ousava apossar-se d'ella. Era tal a fidelidade dos francezes para com o sangue de seus reis, que estavam desgostosos havia muito tempo por não terem monarcha. Pepino, para contental-os, den-lhes um tão proprio como os seus predecessores para ser o phantasma da soberana autoridade: era o filho de Chilperico II, e chamou-se *Childerico* III

Continua.

Os louvores immerecidos são ironias insultantes.



CASTELLO DE CARISBROOK, NA ILHA DE WIGHT.

Apresentando a vista do castello de Carisbrooke, na ilha de Wight, aproveitaremos a descripção que d'elle nos faz madame Luiza Colet, que visitou este anno o mencionado castello, e o palacio d'Osborne, de que fallaremos proximamente, na mesma ilha, residencia de verão da rainha d'Inglaterra.

A cidadella de Carisbrooke remonta á invasão dos romanos, e parece ter occultado ao tempo os seus vestigios. A principal entrada é uma grande porta arqueada, flanqueada por dois enormes bastiões.

Esta porta abre-se sobre um vasto pateo, especie de campo de Marte, destinado ás evoluções militares; depois eleva-se o corpo principal do edificio mais moderno, que serviu de prisão a Carlos I, e mais tarde a seus filhos. Na parte posterior do outro pateo levanta-se a *torre romana*, construida no seculo VI, para o cimo da qual se sobe por uma escada quebrada de setenta e dois degraus. No angulo sueste d'esta torre estão as ruinas d'outra torre chamada *Montjoie*, cujos muros teem dezoito pés de grossura; finalmente, da cidadella desmantelada existe ainda a janella pela qual o rei Carlos I tentou evadir-se: no campo esperavam-no os cavallos, uma barca na praia, e um navio, enviado de Hollanda pela rainha, nas aguas visinhas de Southampton; mas ainda que esta janella da cidadella, proxima do quarto do rei preso, não tivesse em cada arco diagonal senão um varão, elle não pôde metter a cabeça. Assim mallogrou-se esta evasão. Depois pozeram dois varões n'esta janella, actualmente arruinada.

Do alto da torre romana avista-se o mar; á direita fica a floresta e a linda aldêa de Carisbrooke com a sua egreja, cuja torre sustenta um grande relojo; d'outro lado está a cidade de Newport, e para a esquerda planicies e collinas magnificas.

O GALEÃO ENXOBREGAS.

(*Scenas navaes do seculo* XVII.)

Continuação.

III

FOME E SEDE!

Hoje é quasi um prazer o navegar. Prazer inteiro nunca direi que seja, por que sempre se soffrem algumas privações a bordo. Mas agora encontra-se o conforto, a velocidade, e até certo ponto a segurança que não havia no seculo XVII,

e que ainda muito tempo depois não houve. A relação das perdas de naus portuguezas nas carreiras da India, da China e do Japão, da Arabia e Sino persico, do Brazil, Guiné e Congo, é tão volumosa e tão horrivelmente tragica, que custa a crer como tantos de nossos avós, nobres e plebeus, ecclesiasticos e seculares, velhos e moços, e até mulheres, se arriscavam aos perigos de temerosos mares nos mal construidos, ronceiros e incommodos galeões, caravelas, zavras, patachos e galés d'aquelles rudes tempos, em permanente risco de uma morte dolorosa.

Desde que começaram as descobertas dos nossos conterraneos por todas as partes do mundo, não se passou talvez um anno, até á epoca a que se refere esta historia, sem que algum navio portuguez se perdesse, e com elle a vida de muitos homens, e preciosos cabedaes. A principio, a coragem dos nossos em se expor ás furias do Oceano, poder-se-hia explicar por um vehemente desejo de gloria, de ganhar nome honroso devassando novos mundos; porém no seculo XVII já não era mais do que a ambição que arrastava aos mares os filhos dos Gamas e dos Pachecos. Ao guerreiro substituira-se o negociante, ao descobridor o especulador, e até ao missionario já se ia substituindo o rico prebendado. O nosso imperio maritimo tinha de cair finalmente; e já se desmantelava por differentes partes em 1650, quando o galeão Enxobregas, alongando-se do Malabar, perdia o cheiro da pimenta, que diziam os marinheiros lisonjear o olfato por toda aquella costa, e procurava ver a, outr'ora nossa, ilha de Ceylão, aonde melhor aroma, o da canella, embalsama os ares até grande distancia da terra.

A 20 de Setembro, depois de terem apanhado bastantes trovoadas, mas poucas calmarias, por irem afastados da costa, enxergaram o cabo Comorim; e fugindo do golpho que separa o dito cabo da ilha de Ceylão, por causa da força das correntes que ahi se encontram, guinaram para fora de Ponta de Galle, desviando-se assim do celebrado *Pico de Adão*, tão respeitado dos indianos.

Com viagem regular, sem agua de mais na bomba, nem de menos nos toneis, foram navegando por aquelle extenso golpho de Bengala, governando de modo a passar pelo canal das ilhas de Nicobar, onde tencionavam tomar alguns refrescos. D'ahi singrando pelo canal do *Sombreiro*, já com vento mais frescalhão, e que promettia crescer, diligenciaram abrigar-se no optimo porto de leste da ilha da *Pimenta*, e fazer ahi mais aguada, em quanto passava a maior força da borrasca.

Andados já dias de Outubro, embocaram pelo estreito de Malaca, deixando pela popa o então insignificante *Pulo Pinão*, hoje importante *Pinang* ou ilha do *Principe de Galles* dos bretões; e encostando-se mais á terra de Achem do que á peninsula malaia, para não avistarem aquelle soberbo emporio avassallado por Albuquerque, e que ha mais de dez annos jazia em poder dos hollandezes, surgiram ao cabo de alguns dias em face da ilha de Sincapura, logar quasi deserto então, humilde valhacouto de miseraveis pescadores, e hoje assento de uma das mais formosas e commerciaes cidades do mundo.

As decantadas *samatras* d'estas paragens, não haviam affrontado muito os nossos navegantes no trajecto entre as duas portas do estreito de Malaca, cujas chaves guardam cuidadosamente hoje os nossos *antigos e mais fieis alliados*, modernos herdeiros d'este vinculo portuguez, instituido por Diogo Lopes de Sequeira, Fernão de Magalhães, e outros.

D'aqui para o mar da China sae-se por um de tres estreitos, que se denominam: do *Governador*, de *Salete-Baró*, ou *Sincapura a velha*, e de *Sincapura*. Este ultimo preferiu o piloto da nau Enxobregas para passar ávante, e governando a leste enxergou o alvo cume da *Pedra Branca*, aonde hoje existe um pharol. D'ahi navegando ao norte-quarta-de-nordeste, procurou reconhecer *Pulo Laor*. Com vento favoravel seguiu o galeão, prumando de meia em meia hora, á vista da enseada de Siam.

Quando porém se acercava de *Pulo Condor*, ante-manhã, e que o prumo marcava dezoito braças de fundo, areia branca com caramujos e conchinhas, tratou o piloto de orçar, buscando maior fundo, para não ir por dentro dos ilhotes encostar-se á terra de Camboja, onde, quasi um seculo antes, se perdera Camões; mas de repente caiu sobre o navio tão rija samatra, que parecia acabar-se o mundo.

O mestre, muito pratico d'esta navegação, gritou logo da prôa: «Amaina tudo! Amaina! E ligeiro, que não é para graças esta trovoada!» «Andar com a mão, camaradas!» bradou em seguida o contramestre; fazendo tomar as velas, menos um bolso do traquete; e distribuindo alguns pescoções aos moços, para activar a manobra. Quando o capitão appareceu no chapiteo da popa, para dar força moral á tripulação, já o mar andava revolto, como se a borrasca durasse ha muitos dias; o ceo negro e pesado achatava-se sobre os topes dos mastareos; a chuva caia em grossas gotas sobre o convez da nau; e o vento, assoviando horrivelmente por entre os cabos e antenas, parecia querer derribar todos os obstaculos que encontrava.

Era um quadro medonho! E posto que repetido mais de uma vez n'esta viagem, e contemplado mil vezes pela maruja e officialidade do Enxobregas em outras occasiões, nem por isso deixava de aterrar.

As scenas da tormenta são sempre originaes! Os seus aspectos, peripecias e resultados variam de um para outro ponto do globo, de uma para outra estação do anno, e estão em parte subjeitos a qualidade das embarcações, e á pericia dos seus mareantes.

Não houve remedio senão dar a popa ao vento, e correr, sem norte, talvez a caminho da perdição!

O leme dava horriveis pancadas, e nem passando-lhe novos aldropes eram bastantes dez homens para o subjugar!... A final, tão grande mar rebentou na popa do galeão, que os machos do leme partiram, e ficou sem governo o barco!

Começava a alvorada. O contramestre com alguns marinheiros mais experientes no seu officio, improvisava uma *esparrêla*, com tôros de amarra e uma antena, afim de substituir o perdido timão; e o mestre carpinteiro, com ajuda de alguns mancebos, tratava de concertar o *coice* da popa, e o *cadaste*, arruinados pelas pancadas que lhe dera o leme, quando se despegou d'elles. Mestre Duarte Fernandes corria a uma e outra parte do navio, *safando rascada*, e examinando se estava rebentado algum ovem da enxarcia, algum brandal ou estay, e se os cabos de laborar estavam claros para a manobra. O condestavel e o calafate fechavam, pregavam e calafetavam as portinholas das peças, em quanto os soldados de mar passavam contra-vergueiros á artilheria.

O sol raiou brilhante. A samatra havia fugido; mas, como uma maldição de Deus, deixara signaes indeleveis da sua passagem!

A nau pôde largar as gaveas; a esparrella foi collocada na popa, e governava com talhas dobradas, que passavam pelas portinholas dos guarda-lemes: porém Macau ainda estava muito longe!... Arribar; para onde? Seguir; e a tormenta?... Se lhe cae um tempo duro: sem leme!... O padre Jeronymo resolveu a questão, fazendo voto, em nome de todos os mareantes e passageiros presentes, de levarem a gavea do traquete em devota procissão aos pés de Nossa Senhora da Conceição, no seu altar de Macau, se Deus, por intercessão da Virgem, os conduzisse a salvamento a China; e que continuassem a navegar ao seu destino. Aprovada, por maioria, a moção, como hoje se diria, seguiu a nau a esteira do Oriente.

O tempo foi abonançando de hora para hora, por que o vento não era já de arrancar pinheiros, e só o baloiçar das vagas fazia enjoar a nau.

Achando com a sonda fundo de arêa preta, entendeu o sota-piloto estar com a *lagem de Matheus de Brito*, e posto que o piloto se fizesse já ao mar de *Pulo Cecir*, sempre foram deitando ao nordeste para *segurar a manobra*, e mesmo por desviar da costa de Champá, que se dizia andar suja de corsarios... bom estava agora o galeão para combates!

Passando a leste da *corôa de Santo Antonio*, e indo em demanda das primeiras ilhas da China, começou o vento leste a fustigar a nau, de modo que tornou a abrir agua. Ora n'um bordo, ora no outro, emfim, com as bombas na mão, lá iam barlaventeando para o seu caminho, em quanto elle durou; mas por dezoito graus de latitude septentrional, entraram umas impertinentes calmas com a embarcação, como se estivesse na Linha. Tomava-se o sol ao meio dia, e achava-se a mesma altura da vespera! A *barquinha* não trabalhava; e o panno, para se não romper, estava debaixo da gaxêta. Pairavam por força maior: não *como o hollandez a espera do bom tempo*.

Porém uma desgraça, maior do que todas as occorridas n'esta malfadada derrota, esperava ainda os miseraveis tripulantes da nau Enxohregas, e seus passageiros!.... Era a fome, com o dedo carcomido, apontando para as agonias de uma morte lenta... Era a sêde, mil vezes mais horrivel do que a fome, acenando com os delirios da febre a esta turba desesperada!...

Desde que haviam fugido da barra de Champá, que a gente da nau vinha a dois terços de ração, e tres quartilhos de agua para beber, e meia canada para cosinhar em cada dia; porem vieram denuncias ao capitão de que o dispenseiro, um tal Gil Corrêa, lavava a sua roupa em agua doce, e banqueteava os seus amigos todos os domingos e dias santos. Vendo pois Bastião de Moraes que continuavam as calmas, sem se poder adivinhar quando teriam termo, mandou tomar contas ao dispenseiro, tanto da aguada como dos mantimentos, por um conselho de officiaes e passageiros, assim composto: o principe D. Martinho, o sota-piloto, o missionario do Japão, o *cheira-dinheiro*, e o calafate. Mas qual não foi o terror d'estes homens, e em seguida o de toda a gente de bordo, quando por toda a vitualha encontraram um barril de biscoito, já encetado, e algumas gulodices que o dispenseiro reservava para si!... Duplicado horror, pasmo, e logo desesperação, achando apenas meio tonel de agua doce, e esvasiados todos os outros cascos da aguada!...

E a calma na vela! E agua na bomba! E a terra distante!... Com os paioes e a dispensa vasios!!...

O capitão lançou logo um bando em que ordenava, que quem quer que tivesse nos seus camarins ou beliches alguma quartola de agua, e qualquer mantimento, marmeladas e confeitos que fosse, viesse entregar tudo sem demora aos cinco commissionados, que haviam estabelecido a sua administração junto ao cabrestante de re, entre o mastro grande e o da mesena. E assim se fez; todos contribuiram para o monte grande, e desde esse momento repartiu-se egualmente o mantimento e a agua, em porções tenuissimas, por quantos vinham a bordo.

Porem a ultima moinha de bolacha estava engulida, depois de comidos todos os ratos, gatos, macacos e passarinhos que iam no galeão; a ultima sêde de agua fôra esgotada, de companhia com a que produzira uma copiosa chuva de algumas horas; e as pranchadas de chumbo da artilheria, cortadas em pedaços, serviam de unico refrigerio áquellas boccasescaldadas pela febre... e o vento sem chegar!

Ora pintava de um lado, ora apontava do outro, mas nunca passando de ligeira bafagem. Os bateis que rebocavam a nau, pouco a faziam adiantar; nem os marinheiros já tinham força para puxar dos remos.

Todos se admiravam, principalmente os velhos

navegadores d'estes mares, de achar tal constancia de calma em tão grande altura, e n'esta estação do anno; e só attribuiam este phenomeno a castigo de seus peccados.

Dois dias completos se passaram sem nada se comer nem beber a bordo do galeão. Um marinheiro, desvairado pela sêde, lançou-se ao mar a afogar; outro, aguilhoado pela fome, seguiu-o nas aguas para aproveitar o seu cadaver. Depois verificou-se na prôa uma horrivel scena de cannibalismo! Disputava-se ás facadas a posse de qualquer sevandija, que por acaso se descobria nas cobertas e porão!

A autoridade tinha-se annullado de todo n'aquelle microcosmo naval: a fome e a sêde faziam mais contra a disciplina do que a tormenta e a revolta!

Quando emfim uma aragem mais fresca e de feição veiu galvanisar aquelles cadaveres, encontrou a joven chineza prostrada, sem côr nem falla, no seu leito de agonia, tendo de joelhos a seus pes o extremoso principe de Arracam, e á cabeceira o padre Jeronymo que lhe lançava a absolvição.

Porém o vento refrescou pelo sueste, e o galeão fazendo força de vela, começou a deitar seis milhas por hora.

Era a salvação que chegava! Quasi que esqueceu a fome... a sêde e que era difficil de olvidar!

Porem o ceo, condoido alfim dos mesquinhos nautas, mandou-lhes abundante chuva.

No dia seguinte pescaram algum peixe, que foi devorado mesmo crú! E, finalmente, no ultimo de Dezembro, avistaram em distancia de quinze milhas a ilha dos *Ladrões*, e tomaram pratico, mantimentos e agua de uma lorcha chineza.

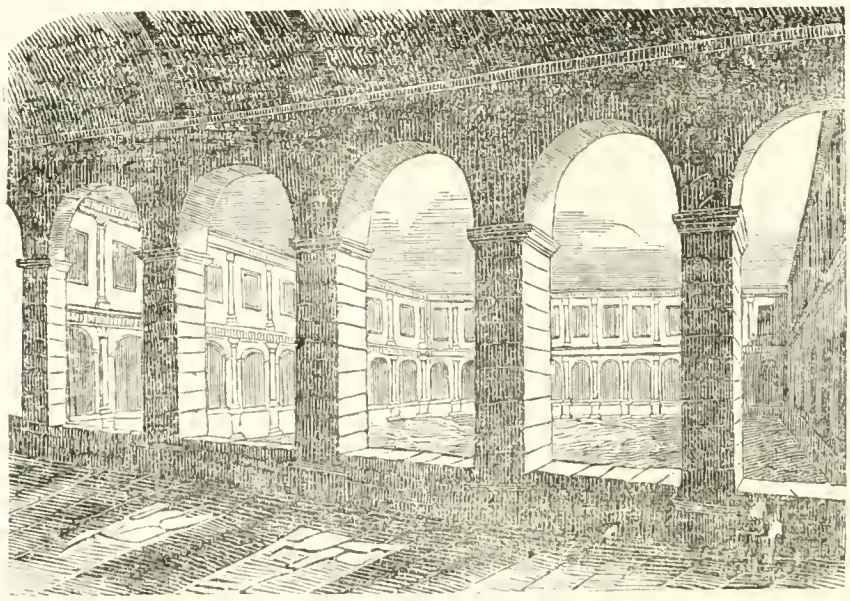
No primeiro dia do novo anno do Senhor, 1651, ancoraram a salvamento no porto de Macau, dando muitas graças a Deus de se acharem felizmente em terra de amigos.

Tratou-se logo de cumprir a promessa feita na occasião da tormenta; e aquelles que podiam arrastar-se, sairam em terra n'essa mesma tarde, conduzindo a gavea promettida a Nossa Senhora da Conceição.

Esperava-os na *praia Grande* o capitão geral, os membros do leal senado, cleresia, e povo da cidade, assim christãos como chins; e tomando a dianteira o missionario com a cruz alçada, pozse a caminho o prestito para o templo catholico, a pequena ermida de S. Lazaro, onde mui devotamente resaram, com choros de alegria, os miseros aventureiros.

Assim terminou o terceiro acto d'este medonho drama, com o qual não finalisa ainda a acção. Novas peripecias se desenrolarão ante os olhos do leitor, não menos verdadeiras e interessantes do que as precedentes, ate ao fatal desenlace, a pasmosa catastrophe do galeão Enxobregas.

Continua. F. M. BORDALO.



O EX-MOSTEIRO DE MATALLANA.

Quando os monjes de humildes ascetas se transformaram em senhores de terras e vassallos, variou em grande parte a sua condição social e politica. Em quanto estiveram entregues á meditação e penitencia, lavrando a terra pelas suas mãos e longe dos bens terrestres, bastaram-lhes a solidão e a pobreza. Mas depois que o baculo religioso foi substituido pelo sceptro feudal, que deixaram o ermo pela côrte, e a paz dos claustros pelo estrepito das batalhas, foi-lhes preciso o espectaculo do poderio e da mais elevada representação. D'esta metamorphose nasceu a de-

cadencia dos institutos monasticos. Todas as creações humanas degeneram ás mãos do tempo e do homem, e a degeneração é o primeiro symptoma de dissolução dos corpos collectivos. Matou os poderosos e heroicos templarios, acabou com as aristocracias, e tambem deu em terra com a grandeza monacal. Fazendo a civilisação, sempre progressiva, apparecer os inconvenientes d'aquelle desvio, e apresentando-as incompativeis com as novas necessidades, com as successivas aspirações da humanidade, e com os elementos principaes de cada seculo, ficam isoladas do sentimento social, e morrem pela propria caducidade. E por isso não resuscitam. E por isso se alguem, desconhecendo o espirito dos tempos, intentasse restituil-as a vida, não passaria isso de uma operação artificial e infecunda, similhante á do galvanismo sobre os hirtos e impassiveis membros do cadaver. Quem seria hoje capaz de emprehender uma cruzada?... O tempo é um rio que não retrocede.

D'aquella alteração soffrida pelo monachismo, procedeu tambem a mudança em suas condições d'existencia. As mercês regias e os favores aristocraticos, os feudos e senhorios, as jurisdicções e riquezas foram os elementos necessarios da sua nova posição. E passaram das retiradas cellas as sumptuosas moradas; das privações asceticas aos regalos da mollicie; da pobreza evangelica á opulencia senhorial. E levantaram-se logo á custa de prodigos bemfeitores os alcaçares soberbos, com porticos de marmore e cupulas de cristal, debaixo de cujas pittorescas abobadas passavam vida regalada os que renunciavam ás vaidades mundanas, ao vestir a cogula de S. Bernardo.

Matallana foi um dos monumentos insignes de tal engrandecimento. Nascido a sombra da purpura real e da espada feudal, e um testemunho do prestigio e importancia que chegaram a conquistar os filhos de Cister, desviados da sua bandeira primitiva. A sua historia é a mais eloquente paraphrase da fortuna monacal, e diz por si so tudo quanto pode suggerir o estudo mais philosophico sobre este ponto de litteratura historica.

O poderoso senhor D. Tello de Menezes e sua esposa Gontroda fundaram este mosteiro, sob a invocação de Santa Maria de Mataplana. No anno de 1213 deu-se por concluida a obra, e os senhores fundadores e seus filhos o doaram á ordem cisterciense, com a protecção e autoridade do rei D. Affonso. Este monarcha outorgou o privilegio, cujo litteral contheudo é o seguinte:

Concedo tibi Telli Petri et uxori tuæ Guntrudæ et filiis vestris ipsam Mataplanam dari à Deo et Beatæ Mariæ de Christh. Ordin. Cisterciensis, et ipsam recipio sub custodia atque defensione mea.

Este pergaminho prova que o termo de Matallana tinha-o D. Tello em feudo da corôa, e que pediu e obteve a indispensavel licença para a sua transmissão aos monjes. A phrase *ipsam Mataplanam* tem referencia naturalmente á petição, sobre que se outorgara o privilegio de sub-enfeudação. A necessidade d'esta licença explica-se pela organisação dos feudos, e em particular porque Mataplana, ao sair das mãos de D. Tello, entrava na jurisdicção espiritual em prejuiso da temporal. Pois ainda que os monjes como feudatarios ficavam subjeitos ao rei, costumavam valer-se de suas immunidades e preeminencia canonicas, para entorpecer-lhe a acção e desvirtuar-lhe a autoridade.

Continua.

ESTUDOS SOBRE A HISTORIA DE FRANÇA.

OS REIS DA PRIMEIRA RAÇA.

Continuação.

749. O duque dos francezes não tivera esta condescendencia com a nação senão para ganhar tempo. Amado dos povos, respeitado dos grandes, estimado do clero e dos frades, não via outra barreira entre si e o throno, senão a difficuldade de parecer subir a elle sem injustiça. O papa Zacarias, cujos predecessores tinham estendido a autoridade da santa sede sobre a França, soube aplanar este obstaculo. Pepino enviou-lhe uma especie de caso de consciencia, concebido n'estes termos: «É conveniente que um homem incapaz de reinar tenha em França o nome de *rei*, em quanto que o poder real é exercido por outro que faz d'elle bom uso?» O pontifice respondeu que valia mais dar o titulo de rei áquelle que tinha a autoridade. Esta decisão foi recebida como um oraculo, e os estados do reino conformaram-se com ella. Childerico foi rapado, e enclausurado, com *Thieri*, seu filho unico, em um mosteiro.

Assim acabou a raça Merovingiana, depois de trezentos e trinta e tres annos de reinado desde Pharamundo, e duzentos e setenta desde o grande Clovis. Deu trinta e seis reis a França, vinte e um dos quaes reinaram sobre Paris. Os primeiros quatro eram pagãos; os outros foram christãos, mas a maior parte mais de nome que de costumes. As dissensões domesticas, e as guerras civis abalaram ao principio o seu poder; a dissolução e o desleixo acabaram de o derrubar.

Quando, em uma reunião onde se ostente a opulencia, experimentardes vergonha percebendo que a simplicidade dos vossos vestidos e notada, perguntae a vós mesmo se trocarieis, com aquelles que vos cercam, o modo de vida, o caracter, o talento, e reassumi a altivez que fica bem ao homem honrado. — *Droz.*

O direito e o dever são como duas palmeiras, que não dão fructo senão crescendo ao pe uma da outra. — *Lamennais.*

A * * *

Que noite a de hontem, meu anjo!
O que nós ambos soffremos!
Tu choravas, eu chorava,
E no pranto mais a lava
Se ateava d'este amor!
Nada em phrases nós dissemos;
Mas os olhos, rasos d'agua,
Diziam bem quanta magua
Devastava as nossas almas!
Eu duplamente soffria,
Porque um remorso pungente
Vinha, por entre a agonia,
Tornar-me a dôr mais ardente!...
Sabes qual era o remorso?
Era o haver-te encadeado,
N'essa dupla primavèra
De taes annos e do amor,
A mim, que a sorte severa
Fez que esteja desherdado
Da modesta independencia
Que me compete e sonhava.
Tu choravas, na innocencia
Do teu puro coração,
Anjo, o primeiro desgosto
Que te desbota do rosto
Rubida côr de attracção!
Mas eu, anjo, deplorava
Ver-te a ti mimoso lyrio
Debruçado n'um martyrio
Que não mereces por certo.
Eu chorava por te haver
Socia feito do tormento
Em que vivo de continuo,
Sem o dar a conhecer
E sem soltar um lamento.
Mais a dôr subiu de ponto
Quando ao pé de mim chegaste,
E em soluços murmuraste
Um ai que esta alma partiu!
E eu, com a voz afogada
De soluços mal contidos
E com a face alagada
Dos teus prantos doloridos,
«Foge» disse!
E ninguem viu
Esta crise dolorosa;
Só a lua, meiga e pallida,
Astro magico de amores,
Appar'cendo luminosa
Entender-nos parecia;
E, alagando o Tejo em luz,
Par'cia dar a taes dôres
A luz da resignação!
Tu não te lembras, querida?
Lembras sim, que me encaraste
Anjo meu de que feitio!
Dos olhos o pranto em fio
As faces te aljofarava,
E na minh'alma caia!
Ai que dôr e que poesia!
Eu então já não chorava;
E n'um impeto de egoismo,
Bebendo-as, amei-te as lagrimas,
Que vi n'ellas o baptismo
Do teu affecto primeiro!
Triste baptismo foi elle!
Nunca julguei tanto amar-te!
Minha rosa mal aberta,
Alvo lyrio feiticeiro,
Um desgosto foi preciso
Para mostrar-me e provar-te
O que tinhas indeciso.
Se tu viras de que modo
Os humbraes d'esse teu lar
Eu transpuz, tremendo todo
Nas angustias da saudade,
Mais te crescera a piedade
E mais me houveras de amar
Se inda mais se ama no mundo!
N'esta minha soledade,
Se o corpo é longe de ti
A minh'alma está comtigo!
Partindo deixei-t'a ahi
Trouxe-te a imagem comigo!
Por ella só penso e vivo,
E, cada vez mais captivo,
Soffro e preso o soffrimento
Que é soffrer do nosso amor!
Terás tu amor bastante
Para n'elle achar valor
De luctar e sempre e amante
Até que a lucta se vença?
Tu tens muito que affrontar!
Anjo meu, calcula e pensa!
Se te não sentes com força
É melhor dizel-o agora,
Pois que o amor que me devora,
Se lhe falta o teu abrigo,
É capaz de me matar!
Ai! insensato o que digo!
Á tua edade, anjo meu,
Dá sempre forças o ceo;
Apar do amor põe a fé;
E nas horas de afflicção
Dir-te-ha Deus «espera e crê!»
O mundo não te conhece,
Nem tu conheces o mundo,
Esse sarcasmo profundo,
Que da ternura escarnece
Luctaremos p'ra vencer.
A lucta é grande, bem sei!
Mas á lei dos que não sentem
Oppondo do amor a lei...
O triumpho hemos de ter.
Seja o astro da esperança,
Quem nos guie em tal conflicto,
E veremos no infinito
O santelmo da bonança!

Á PRIMAVERA.

Primavera, doce encanto,
Vem tu de novo reinar;
Traz da aurora o fresco pranto
Ricas perolas sem par,
A que as flores sequiosas,

Abrem o seio, contentes
Por tornar-se mais formosas,
Por tornar-se mais virentes.
Vem do rijo inverno a neve
Desfazer com grato amor,
E festivo torna, em breve,
O preterito rigor!
Vem, oh! vem, meiga deidade,
Que ao teu magico poder
Surge a esp'rança da saudade,
E do campo o malmequer;
Esse propheta gracioso
Que a quem o desfolha diz
Se pode crer-se ditoso,
Se deve crer-se infeliz.
Traz á rosa o seu perfume
Que nos da tão casto goso,
E que faz morrer de ciume
O *amor-perfeito* invejoso!
Vem os despidos pomares
De galas brancas vestir;
Quanto mais os adornares
Mais nos devem produzir.
A seara ao ver-te se enfeita;
Vem trazer-lhe o teu calor,
Tornando em fertil colheita
O suor do agricultor.
Traz-nos os raios doirados
Do matutino arrebol,
E os gorgeios namorados
Do sentido rouxinol:
Que, escondido entre arvoredos,
Diz nas magicas canções
Muitos intimos segredos
Aos captivos corações.
Traz-nos as tardes fagueiras
Com a branda viração,
Que de visões feiticeiras
Nos povôa a solidão.
Traz-nos as noites queridas
De tanto goso e pesar,
Em que fogem, esquecidas,
Horas n'um vago scismar.
Em que a lua se namora
Da corrente nos cristaes,
Em que a chamma do amor cora
Muitos rostos divinaes.
Vem, Primavera divina,
Vem a alcachofra gentil
Fazer brotar da campina
Ao teu bafejo subtil.
Para queimada e ao relento,
Posta em noites de condão,
Reflorindo ao orvalho bento,
Responder ao coração.
Vem, oh! vem p'ra que a donzella,
Nos jardins colhendo as flores,
Com ellas forme a capella
Com que mais inspira amores!
Vem, rainha, doce encanto,
N'alma e no prado reinar,
Faz com teu orvalho santo
Flores e amores medrar!

MENDES LEAL (ANTONIO).

OS JUDEUS DEPOIS DE CHRISTO.

Continuação.

Luiz x, filho e successor de Filippe o *Bello*, reparou, em parte, as injustiças de seu pae. Tornou a chamar os judeus ao seu reino; mas fel-os pagar bem caro este acto de clemencia, mais approvado pela humanidade, que pela politica. Permittiram-lhes por 1315, e sob certas condições retornar á França, estabelecerem-se ahi por doze annos, fazerem um trafico honesto, viverem do trabalho de suas mãos, continuarem a cobrança de suas antigas dividas, das quaes todavia o monarcha se reservava dois terços, permittiam-lhes emfim recomprar as synagogas, os cemiterios e os livros, menos o Thalmud.

E o Thalmud era muito para elles porque pode ser considerado como uma especie de encyclopedia judaica, collecção que abrange as leis canonicas e civis, e geralmente todas as sciencias conhecidas no tempo em que foi publicada. A primeira compilação d'esta obra, redigida cerca do IV seculo, foi adoptada pelo pequeno numero de judeus que habitavam ainda na Palestina. No começo do VI seculo appareceu uma segunda, mais augmentada e menos escura que a primeira. É esta ultima que tem chegado até nós, e serve ainda de regra aos hebreus modernos. Mahomet no VII seculo, tirou d'este livro parte dos delirios mysteriosos que inseriu no seu Alcorão. O occidente estava então mergulhado em ignorancia tão grosseira, que em França se não aperceberam dos erros contidos no Thalmud senão por meiado do XIII seculo. Um judeu da Rochella chamado Thomaz, tendo abraçado a religião christã, emprehendeu de proposito a viagem de Roma para o denunciar ao papa. Gregorio IX, que reinava então, escreveu, em consequencia d'isto, a todos os principes christãos contra este livro perigoso. Innocencio IV, seu successor, o proscreveu tambem, e todos os exemplares que puderam apanhar-se foram queimados; perseguição que os judeus olharam como uma das mais crueis. Emfim o Thalmud e obra que excitaria em nossos dias mais piedade que sustos. As fabulas absurdas, e as allegorias pueris e ridiculas de que está cheio, apresentam um modelo completo de irracionalidade. Lê-se ali, que as lettras do alphabeto hebraico pediram a Deus ser empregadas como instrumentos da creação do mundo. Que as lettras que compõem o nome de *Satanaz* formam o numero 364, para marcar o poder que este inimigo tem sobre o genero humano durante 364 dias do anno, sem ter as mãos presas senão no unico dia da expiação. Os numeros, os nomes, os caracteres, operam prodigios no Thalmud. Isto tem feito pensar que talvez fosse este livro que desse nascimento á cabala, sciencia posterior, que os judeus orientaes receberam dos arabes mahometanos, logo que estes conquistadores, depois de terem desmembrado o imperio romano, cultiva-

ram e corromperam a philosophia introduzida por seus califas nas academias do Cairo e das outras cidades de sua dominação.

Em desconto das mencionadas concessões disseram aos judeus que o termo de doze annos expirava se alguma razão obrigasse a desterral-os de novo, mas que lhes dariam um praso conveniente para transportarem seus haveres, estabelecendo-lhes dois *praticos*, auditores ou juizes de todos os seus bens. Entretanto a alegria que lhes devia inspirar uma graça tão vivamente solicitada, e longamente recusada, devia ser muito modificada pelo rigor das condições com que lhes era concedida! Constrangiam-n'os ainda a trazer a marca ordinaria, isto e, uma roda da largura de uma torneza branca de prata (moeda) e de côr diversa do vestido. Não lhes permittiam emprestar nem por usura, nem sobre lettras, mas simplesmente sobre penhores, dos quaes porém se exceptuavam os ornamentos sagrados, *e os vestidos ensanguentados ou molhados*, sem duvida por temor de algum maleficio! Defendiam-lhes tambem, com as mais graves penas, disputarem sobre a fé, em publico, ou em particular.

A indulgencia de Luiz x não diminuiu nem as prevenções, nem a colera dos povos. Em muitas cidades do Languedoc e da Provença era permittido perseguir os judeus desde sexta-feira santa até á pascoa, logo que se encontrassem nas ruas. Obrigados a trazer uma pequena roda sobre o peito, ou um chapeo amarello, ou qualquer outro distinctivo, facilmente se distinguiam dos christãos. Tinham-lhes expressamente defendido tomar criadas ou amas de leite christãs, e sobretudo concubinas; porque, segundo alguns jurisconsultos d'aquelles tempos barbaros, dormir com um judeu ou com um cão, era pouco mais ou menos a mesma coisa. Tambem, conforme esta bella jurisprudencia, faziam queimar, em qualquer paiz, as raparigas, das quaes o israelita tivesse abusado.

Os rigores que exerceram contra os judeus em Inglaterra podem dar idéa da maneira como elles eram tratados nas outras partes da Europa. O rei João precisando d'uma somma consideravel, e não ousando tiral-a da bolsa de seus subditos, fez prender os judeus ricos para lh'a extorquir. Alguns d'elles escaparam ás perseguições da camara da justiça. Um, a quem arrancaram sete dentes, um apoz outro, para haver d'elle o thesouro, deu mil marcos de prata pelo oitavo. Henrique III tirou d'Aarão, judeu de Yorck, quatorze mil marcos de prata, e mais dez mil para a rainha. Como já dissemos vendeu os outros israelitas de Inglaterra a Ricardo seu irmão por um certo numero de annos, *ut quos rex excoriaverat*, diz Mattheus Paris, *comes eviscceraret*. E taes principes se diziam christãos!

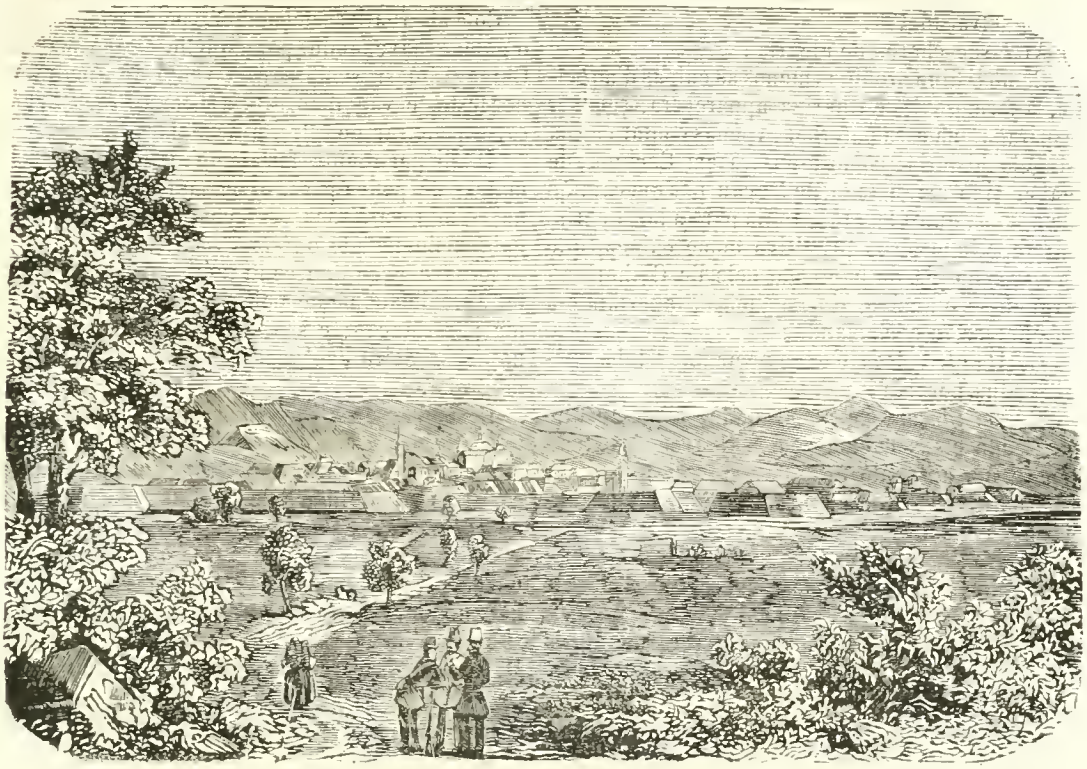
No reinado de Filippe v, de França (1320), um accesso de fanatismo se apossou dos camponezes e dos pastores. Queriam recobrar a terra santa, a despeito do pouco successo das tentativas anteriores. Os novos enthusiastas passaram á Aquitania, e de lá ao Languedoc; massacraram em toda a parte os judeus, roubando-lhes os armazens. Era um estranho modo de santificar a sua expedição. Não lhes deixando mais que a escolha entre a morte e o baptismo, os judeus fugiam por toda a parte diante d'elles, levando comsigo o que tinham de mais precioso e de mais caro. Uma multidão d'estes infelizes acolhera-se a uma torre mui forte e elevada, que pertencia ao rei, e estava no castello real de Verdun, sobre o Garonna, na diocese de Toulosa. Ahi mesmo foram assediados com furor, e se defenderam lançando contra os inimigos grossas areias, pedras, e até seus proprios filhos. Os pastores não se enfadavam com isto, até que chegaram a pôr fogo na porta da fortaleza. Então quasi abafados pelo fumo, conheceram os judeus que lhes não restava já meio de se escaparem; e para não cairem nas mãos dos incircumcisos, pediram a um de seus irmãos, moço forte e vigoroso, que a todos desse a morte. Acceita por elle a horrivel commissão, quinhentos israelitas foram degolados. Depois d'isto desceu o tremendo executor com algumas creanças que havia poupado, apresentou-se aos sitiantes, contou-lhes o que acabava de fazer, e pediu-lhes o baptismo. Horrorisaram-se da sua barbaridade, e fizeram-no pedaços. As creanças foram absolvidas e baptisadas.

Os pastores passaram d'ahi ao baixo Languedoc. Já estavam perto de Carcassonna quando o seneseal Aymeri de Cros fez publicar um bando em que prohibia se fizesse aos judeus a menor violencia, visto que elles pertenciam ao rei. Muitos porém diziam a isso, que não se deviam oppor a christãos para salvar infieis. Foi preciso reunir tropas, e prohibir sob pena de morte que qualquer desse ajuda ou defendesse os pretendidos cruzados. O conde de Foix deu-lhes caça com tamanha pressa e coragem que embargou o passo a tantos allucinados. Grande numero d'elles foi preso e enforcado, nos proprios logares em que tinham commettido seus crimes, principalmente em Toulosa, onde haviam degolado todos os judeus sem que ninguem lh'o podesse impedir. Parte dos amotinados dispunha-se a marchar sobre Avinhão, onde o papa tinha então a sua côrte, mas achou todas as passagens tomadas. Muitos foram mortos: muitos expiraram sobre patibulos: o resto fugiu *e se dissipou de repente como o fumo.*

No anno seguinte, 1321, o mesmo Filippe v expulsou de novo os judeus do seu reino. Fez morrer grande numero accusado pelo odio e necedade, de haver conspirado com os leprosos, para envenenarem os poços e as fontes, lançando n'elles saccos cheios de hervas maleficas, e outras misturas perniciosas á saude.

Accusados em 1348, no reinado de Filippe vi, da mortalidade d'uma epidemia espantosa, foram mais uma vez massacrados e queimados em muitos sitios.

Continua.



RAFTATT.

Em um fertil valle da Alemanha Rhenana, rodeado de uma vasta cadêa de montanhas sem vegetação e de côr escura, acha-se situada Raftatt, pequena povoação d'escassa importancia pela população, mas notavel pelas fortificações que a rodeiam e lhe dão a consideração d'uma praça importante. A nossa estampa representa a povoação pelo lado por onde offerece uma vista mais completa.

O GALEÃO ENXOBREGAS.

(Scenas navaes do seculo XVII.*)*

Continuação.

IV

TORNA-VIAGEM.

Reinava a paz em Macaù: depois dos soccorros militares que haviam prestado os seus habitantes ao imperio chinez, adquirindo assim a complacencia dos mandarins; e já desassombrada a cidade de todo o receio das invasões de hollandezes, que bem escarmentados haviam sido em duas tentativas de conquista, alguns annos antes: tratavam unicamente agora os macaenses da sua labutação commercial, e não negavam gasalhado a quem quer que ali aportasse, carecendo de protecção e abrigo.

D. Catharina, a joven esposa do principe de Arracam, não chegara a succumbir a fome, á sêde e aos trabalhos de todo o genero d'aquella horrivel viagem; e encontrou, com seu marido, todas as commodidades para se restabelecer, sob o tecto hospitaleiro de um dos vereadores do senado de Macau, o velho Thomaz Vieira, que ja fôra o terror dos batavos.

O missionario do Japão foi alojar-se com os seus irmãos da companhia de Jesus, em quanto não seguia a estrada do martyrio; Bastião de Moraes foi hospedado pelo capitão geral; o dispenseiro Gil Corrêa foi recebido no tronco pelo carcereiro, que lhe fez lançar grossas algemas, segundo a ordem que recebera do senado; e o resto da tripulação da nau, continuou a viver a bordo, salvo uma ou outra excursão que faziam até á *Pedra da Paciencia*.

O galeão, ancorado no porto interior de Macau, corrigia de novo as avarias, seu invariavel destino em todos os portos que afferrava!

Deixemos porem, momentaneamente, as ribas do mar, cuja vista talvez já fatigue de mais os nossos caros leitores; e caminhando terra a den-

tro (não para muito longe, porque o circuito de Macau é assaz limitado!) demos entrada na opulenta casa do nosso Thomaz Vieira.

Que é isto!... Lagrimas de naufragos no porto de salvação!...

Ah! são choros de alegria!

Como o filho prodigo, menos as culpas d'aquelle, a formosa D. Catharina apparecera, sem ser esperada, na casa paternal. Apenas contara a sua singela historia, como a ouvira em Cochim, de haver sido arrebatada de Macau por um capitão de navios, que a levara á India para a fazer christã; repetindo o seu primitivo nome chinez, que trocara na pia do baptismo pelo de Catharina, ergueu-se o ancião, o bom Vieira, apertando-a nos braços, e exclamando:

— *Aton!... Aton* é o teu nome?... Minha querida filha perdida!

E uma *tancar*, de meia edade, com seu alto penteado e sua cabaia azul, saiu ao mesmo tempo de um aposento interior, e lançando-se aos pés da joven chineza, bradou tambem, beijando-lhe as mãos:

— *Aton!...* Minha filha... achada!

D. Martinho contemplava em religioso silencio este bello quadro de familia.

Tão inesperado encontro parecerá phantasia de novelleiro, mas não é; o caso passou-se assim como o estamos contando.

Depois dos abraços e beijos correspondentes a tão feliz achado, o honrado Vieira tratou de reconhecer legalmente Aton como sua filha, e destinou logo o dia em que havia de casar com *Athoy*, a mãe de D. Catharina, para que esta se não envergonhasse do seu nascimento, e fosse sua natural e legitima herdeira. A china mãe já era christã, mas não mudara ainda o traje nacional pelo europeu, o que fez agora, para ir á egreja contrahir o sacramento do matrimonio, levando pela mão a sua Aton, a filha querida das suas entranhas.

A 28 de Fevereiro do mesmo anno de 1651, estando de todo descarregado o galeão Enxobregas das preciosas mercadorias que trouxera da India, e abarrotado de não menos importante carga de sedas, charões e artefactos de marfim e madreperola, soltou as velas ao vento (que para aquella gente era quasi sempre o vento da adversidade!) e largou do porto de Macau, conduzindo de novo a seu bordo os conjuges D. Martinho e D. Catharina, que, com muitas lagrimas, dirigiam um derradeiro olhar para a cidade, d'onde lhes acenavam com os lenços o bom Vieira e sua esposa, desejando-lhes de coração a *boa viagem!*

Se, por um lado, a joven Aton ia satisfeita por haver encontrado a sua familia, e por pae um honrado commerciante; por outro lado sentia a dôr da ausencia, depois de tão breve estada no lar paterno. Tambem D. Martinho desejaria ir ver as plagas onde nascera, porém o reino de Arracam ficava fóra da derrota da nau, que voltava directamente a Goa. Entre tristes e satisfeitos, os dois esposos contemplavam em silencio a amplidão dos mares, quando a noite estendeu sobre elles o seu funereo crepe; e invocando a Virgem:

Ave, maris stella!

foram repoisar, confiados na sua protecção.

Com alternativas de melhor e peior tempo, veiu o galeão navegando por aquelle amplo mar da China; quasi sempre com vento do quadrante nordeste, e vagalhão, até avistar a *Pedra Branca*, e penetrar no estreito de Malaca.

D'ahi por diante foi apanhando algumas samatras de pouco peso, e com mais ou menos panno, sempre á *trinca* por achar ventos escassos, galgou finalmente o *Pulo Pinão*.

A navegação que continuou a fazer até Goa, foi aproximadamente pelas mesmas paragens da ida para Macau; e sem notavel accidente surgiu no ancoradoiro da *Aguada*, a 12 d'Abril do mesmo anno.

Desembarcou ali grande parte do carregamento da China; e não carecendo de concerto algum o galeão (coisa rara!) abarrotaram-lhe o porão com tres mil quintaes de pimenta, e ficou de novo *lestes* a navegar.

Por esses dias chegou a Goa a noticia de que o conde de Aveiras, João da Silva Tello de Menezes, que voltava segunda vez á India como viso-rei, havia fallecido na viagem; e achando-se D. Filippe Mascarenhas a governar aquelle estado desde 30 de Dezembro de 1645, e já mui alquebrado pela doença, resolveu abrir a via de successão, que vinha do reino com o novo viso-rei, onde se acharam designados para lhe succeder na governança o arcebispo primaz do Oriente, D. Francisco dos Martyres, e dois fidalgos que serviam na India, Antonio de Sousa Coutinho, e Francisco de Mello e Castro. Então o velho D. Filippe não hesitou em fazer entrega do mando aos tres homens designados por el-rei para substituirem a falta do conde de Aveiras; o que teve logar em Goa, com toda a solemnidade, no dia primeiro de Junho; embarcando-se em seguida o ex-viso-rei para bordo da nau Enxobregas.

O nosso antigo conhecido Ruy da Cunha tambem embarcou no mesmo galeão, preso, por causa de certos capitulos que levantara contra elle o feitor da capitania de Cananor; e seguia-o sua esposa, a fiel companheira de seus prazeres e desditas.

No outro dia, por volta das oito horas da manhã, suspendeu do porto de Goa a nau d'el-rei, ao som da artilharia das fortalezas, que saudava o antigo governador na despedida, e da artilharia do navio, que agradecia em seu nome os comprimentos da cidade.

Ao pavoroso som da artilharia
A nautica celeuma se mistura,
Em negro rolo o fumo ao ar subia,
Tapando a luz ao sol brilhante e pura:
Da reconcava, agreste penedia
Se repercute o ecco, o mar murmura;
Incha as velas o vento, a chusma exulta,
E fica a terra no horisonte occulta. (*)

(*) J. A. de Macedo: O Oriente, poema.

O galeão vinha muito carregado e avolumado, por causa da ambição dos officiaes de mar e dos passageiros, e por não haver n'aquella monção outra nau que trouxesse especiaria para o reino. Tambem inclinava para estibordo pelo mal alastrado da carga, o que tudo o fazia pouco boiante, ronceiro, e de mau governo.

Logo á saida de Goa começaram a dividir-se as opiniões sobre a derrota a seguir: uns queriam trilhar a carreira velha, por fóra de S. Lourenço; outros a nova, pelo canal de Moçambique.

Esta ultima é que prevaleceu; porque o visorei vinha muito doente, e desejava tocar em todos os portos de escala, para comprar refrescos.

Dando pois resguardo aos baixos, de que são muito sujos aquelles mares, veiu o galeão Enxobregas avistar *Cabo Delgado;* e correndo ao longo da costa, na conveniente distancia, lançou ferro na barra de Moçambique.

Depois de uma demora de alguns dias, e tomando os necessarios refrescos, fez-se de novo ao largo a embarcação, em demanda do sempre temeroso cabo das Tormentas!

A lista dos passageiros havia sido augmentada em Moçambique com a formosa Magdalena e o gentil Luiz de Brito, que já tencionavam voltar ao reino aquelle anno, e que muito satisfeitos ficaram de ir em companhia de Ruy da Cunha e D. Leonor.

Escusado e dizer que se travaram intimas relações de amisade entre estas senhoras e D. Catharina, pois que na estreiteza de um navio não podem haver pessoas desconhecidas umas das outras, ou indifferentes entre si. A bordo reina sempre ou a amisade ou o odio de individuo para individuo.

Logo veremos que funestos resultados teve aquella intimidade entre as duas familias.

Sigamos por ora a esteira do Cabo, acompanhando o galeão por entre o *baixo da Judia* e a ilha de Madagascar; e afastando os olhos do interior do navio, contemplemos o ceo que se apresenta escuro e pesado, e os horisontes que se rasgam em fusis.

O vento salta com furia de quadrante em quadrante; tomam-se as velas; e um rijo furacão do noroeste traz o galeão em arvore secca a dar vista do *Cabo das Correntes.*

Aproveitando depois um salto de vento ao nordeste, o piloto, que não desamparava a *cadeira*, foi-se amarando com a nau, para ir tomar a altura do Cabo da Boa Esperança, em grande distancia da costa, visto que os hollandezes se haviam apoderado da *Aguada de Saldanha*, depois que o Enxobregas por ali havia passado, na vinda para a India.

Com este vendaval appareceu alguma agua na bomba, e pequenas avarias na mastreação: a mais importante foi render o gurupez pelo *papa-mosca;* mas lá a atamancaram como poderam. Na forma do costume de todas as naus da India, alijou-se ao mar muita carga, e o navio ficou mais boieiro e doce de leme.

Emfim, a 16 de Julho ao meio dia, achavam-se na latitude das ilhas de Tristão da Cunha, porem muito a leste; d'ahi soltaram o rumo direito a *Cabo Negro.*

Em quanto se aproxima lentamente o galeão dos socegados mares tropicaes, vamos nós informar o leitor do que se passa n'aquelle recinto, tão acanhado para tanta gente, e que tantos peccados albergava!

Ninguem está contente com a sua sorte n'este mundo de enganos e tribulações! O mandamento da lei de Deus que prohibe desejar a mulher do proximo, foi duplamente violado a bordo do galeão com publico escandalo; e quem sabe tambem quantas vezes o foi em particular!... Porém o castigo do Senhor, severo e prompto, não se fez esperar: caiu logo sobre a cabeça dos peccadores, como uma espada de justiça, applicando-lhes a pena de Talião.

Luiz de Brito, que casara por paixão com D. Magdalena, começou agora a achar mais graça nos olhos pequenos, mas negros e vivos, de Aton, do que no meigo olhar das azuladas pupilas de sua esposa; mais donaire no talhe esbelto porem breve de Catharina, do que na figura alta e magestosa da sua consorte; mais encanto no pésinho acanhado da chineza, do que no pé comprido e estreito (como o da Venus antiga) da filha de Ruy da Cunha...

Mas, em compensação, D. Martinho, que desposara Catharina sem nome de familia, sem dote, sem protectores, captivado unicamente da sua belleza, tambem descobria agora mais formosura no rosto oval de Magdalena, do que nas faces proeminentes da filha de Vieira; mais formosura nos cabellos loiros cendrados da esposa de Brito, do que nas bastas e negras madeixas da sua propria mulher; mais mimo na alva cutis da portugueza, do que no gracioso moreno da oriental...

E, sem se aperceber de tal, Magdalena de Brito encontrava um prazer, novo para ella, na conversação do principe de Arracam, que lhe referia as façanhas cavalleirosas de seus reaes avós, e as proprias no mar e na terra; em quanto seu marido, desde que passara a lua de mel, só lhe fallava do resgate do oiro e do marfim, do preço da pimenta e da canella: contemplava o rosto bronzeado de D. Martinho, com todo o brilho do sol oriental, e, mau grado seu, achava-o mais varonil e franco do que o do negociante-guerreiro, outr'ora branco de neve, mas hoje amarellecido, ou antes esverdeado pelas febres de Moçambique e Sofala: emfim lastimava no intimo do seu coração aquelle principe indiano, por haver desposado a filha de uma *tancur* (barqueira), pois sempre ouvira dizer a seus parentes navegadores, que era aquella a ultima raça das mulheres chinezas...

Ai, tambem Catharina fazia comparações en-

tre Luiz e Martinho... e não eram ellas nada favoraveis ao seu consorte!

O orgulho do principe humilhava a descendente dos marinheiros, tornados negociantes em Macau; ao passo que, considerando-se europea por seu pae, sentia em si uma certa superioridade sobre o indio, embora elle fosse neto de reis. Brito era portuguez de sangue puro: e esta lembrança seduzia Aton, que se sentia attrahida para elle por um iman desconhecido.

Era amor... amor adultero!... o que sentiam estes quatro entes?

Talvez. Quem o poderá dizer hoje, quando nada resta dos seus cadaveres?

Só Deus o sabe.

Porém cada um dos quatro comprehendeu o que se passava no coração, ou pelo menos no espirito dos outros tres...

Desde esse dia, as mulheres odiaram-se com todo o rancor de duas rivaes, com o torpe rancor de adulteras!... Os homens mediram-se com furor, e sem dizerem de parte a parte uma palavra, levaram a mão ao punho das espadas!

D. Leonor, por sua prudencia, pôde evitar um conflicto vergonhoso entre Catharina e Magdalena. O viso-rei impediu que as espadas saissem das bainhas, e que houvesse a bordo um duello de morte entre D. Martinho e Brito.

Já então o mez de Julho tocava o seu termo; e ao descair de uma calmosa tarde dos tropicos, bradou da gavea do traquete o sota-gageiro:

«Terra, por barlavento da prôa!

Era o focinho do *Cabo Negro*, onde jaz o ultimo padrão das descobertas africanas de Diogo Cam.

Todos ficaram contentes a bordo, que vinham lassos da viagem, almejando repoisar alguns dias, e refazer-se de mantimentos e aguada.

Pouco, porém, durou a alegria, porque o mesmo marinheiro tornou a bradar da gavea, annunciando outra nova bem diversa.

«Duas velas, por gilavento!

«Grandes ou pequenos barcos? perguntou o capitão.

«Grandes, e veleiros; parecem-me naus de *ingrezes* ou *framengos*.

«Toca a postos! gritou o capitão-mór.

«A minha espada! tragam-me a minha espada! disse o viso-rei, que mal podia ter-se nas pernas, por effeito da doença.

«As nossas espadas! accrescentaram os dois cavalleiros rivaes, esquecendo momentaneamente os seus aggravos, para se unirem na defesa do pavilhão nacional.

As dez peças (cinco por banda) da tolda, foram logo guarnecidas com soldados e moços; outras tantas que havia na coberta foram confiadas aos passageiros e escravos; e as duas meias-esperas da popa (guarda-lemes) ficaram confiadas exclusivamente aos fidalgos. Os pagens conduziam a polvora do payol para a bateria; e as mulheres, inclusivè as de alta nobreza, encarregaram-se de acudir com agua aos combatentes sequiosos.

Em menos de meia hora tudo estava a postos e lestes: e já se enxergavam distinctamente os cascos dos dois navios, e as bocas das suas peças: eram naus de guerra, e procuravam o galeão.

«Içem a bandeira, e firmem-na com um tiro, bradou o capitão.

Assim se fez.

E os fogachos de dois tiros, seguidos do fumo e ribombo, responderam a este convite, em companhia do pavilhão neerlandez, que subia vagarosamente ao tope das naus.

O combate era inevitavel!

Continua. F. M. Bordalo.

A JULIA.

Que noite, ó Julia, que serena e bella!
Cada uma estrella, recamando o ceo,
Que de mysterios não revela ao ente,
Que tristemente seu pensar lhe ergueu!

Como da lua, que illumina o Tejo
N'um longo beijo de pudico amor,
Os tenues raios vem florir, contentes,
O amor nos entes e no prado a flor!

Mais cresce o affecto na tristeza amena
Meiga e serena d'esta luz sem par!
Nasceu a lua para o casto goso,
E o sol perigoso pode o amor tornar.

O dia é bello! Mas o sol que inflamma
Da casta chamma faz tambem vulcão;
Seus raios queimam, e da lua os raios
Nem dão desmaios, nem tormentos dão.

Prefiro a noite; sinto mais com ella...
Faz-se mais bella, mais e mais seduz
A ingenua imagem da mulher amada
Illuminada da saudosa luz!

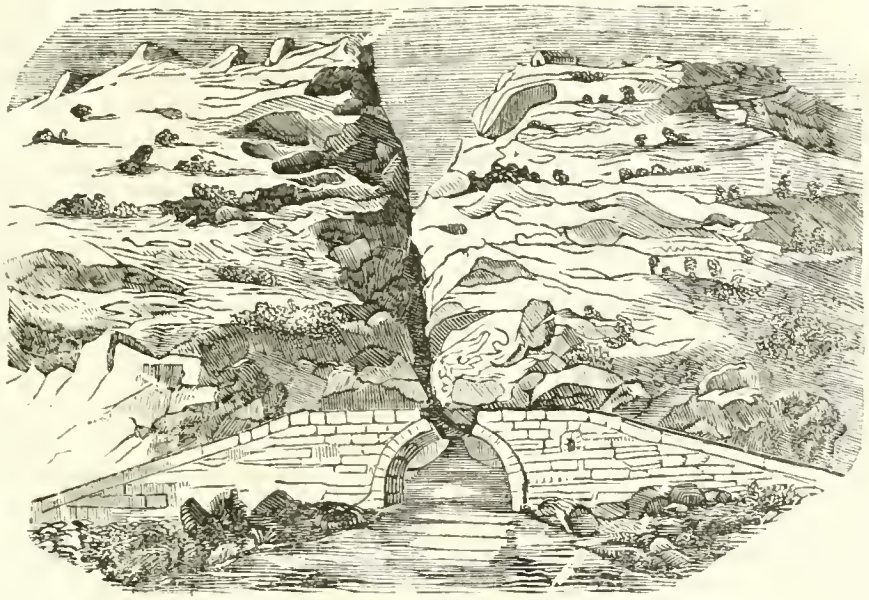
Julia, não achas que tem mais poesia
Esta magia meigamente ideal,
Que o lume ardente que o infeliz viandante
Prostra arrogante no deserto areal?

Pallido o astro que do ceo nos mira
Nada te inspira, minha Julia, diz?
Beija-te a face e não te diz, vaidosa,
Que és tu formosa e que me vê feliz?

Oh! diz de certo, n'esse olhar eu leio
Quanto o teu seio revelar não quer;
Mas lua e noite, mais a brisa pura
Dão-me a ventura... de indiscretas ser.

Os olhos baixas, e sorris e calas...
Oh! mais que as fallas, tudo falla aqui!...
Tua alma é d'anjo, teu olhar divino
És meu destino, vivo só p'ra ti!

MENDES LEAL (ANTONIO).



A SERRA DE FOZ.

Sobre a serra de Leire, na provincia de Navarra, cordilheira inferior das do grande Pyreneo, na direcção E. a O. em que se acha esta serra, no extremo O., distante meia legua da villa de Lumbier, encontra-se uma abertura formidavel que rompe a dita serra, apesar de ser toda de rocha viva até á base: a profundidade será de seiscentas varas perpendicular, sua largura de quarenta, cuja perspectiva é, ao passo que rara e maravilhosa, digna de observar-se detidamente; porque á sua vista não se pode calcular como e em quantos seculos pôde o rio Irate formar similhante abertura para passar ao lado S. de toda a grande montanha. Na verdade é um phenomeno surprehendente da natureza, que detem o homem e o obriga a contemplal-o com admiração.

Do lado N. d'esta serra acha-se situada a villa de Lumbier, pelas immediações da qual passa o rio Irate, que segue seu curso até tocar na serra que atravessa, e sae á parte S. sobre a estrada que vae de Sanguesa a Pamplona, unindo-se emfim nas immediações de Sanguesa ao rio Aragão.

A Foz ou rotura d'esta serra, feita pelas aguas do Irate, apresenta a rara perspectiva egual á gravura que damos. A esta grande obra da natureza, unica e admiravel no seu genero, dá-se no paiz o nome de Foz de Lumbier por estar muito proxima áquella villa.

Em 1527 construiu-se na desembocadura do rio, na parte S. uma ponte que se chama do Diabo, e dava passagem para o caminho que tomavam os arreeiros de Jaca, e valles de Echo e Ansó, por onde faziam os seus transportes de Pamplona e S. Sebastião, evitando baixar a Sanguesa e passar ó Aragão, para tomar d'ali a estrada que passa pela margem na Foz e ao S. d'ella.

Esta perspectiva dá logar a muitas reflexões, admirando-se o poder e sabedoria da natureza em todas as suas obras. Quantos milhões, quanto tempo teria empregado a arte para fazer outro tanto? Quantas vezes as aguas teriam devorado em seu caminho os povos da parte N., a não ter a sabia mãe commum determinado a sua sorte d'este modo, alcançando tal beneficio tambem a Sanguesa, porque o Irate, que se une ao Aragão já depois de sair em menor quantidade de aguas, impede, ao unir-se-lhe, o seu augmento de maneira a repetir-se outra inundação como a de 1787, que destruiu quatrocentas casas e fez perecer mais de quinhentas pessoas?

Em 1809 o general D. Francisco Espoz y Mina cortou a ponte do Diabo, quando situou o centro das suas operações entre Lumbier ou serra de Leire e os rios Irate e Aragão: desde aquella epoca conserva-se assim, como mostra a estampa.

Por ultimo, no mais alto da montanha, que está em segundo logar, ha uma ermida que se chama da Trindade, para subir á qual se gasta hora e meia.

A Foz tem duas mil setecentas varas de comprimento N. a S., e cento setenta e cinco na maior largura; o rio ordinariamente tem de cinco a seis varas de profundidade; e a montanha a elevação de oitocentas varas acima do nivel do rio.

Quanto mais me adianto na carreira da vida, mais vejo que o trabalho é necessario. Com o andar dos tempos torna-se elle o maior dos prazeres e substitue todas as illusões que se perderam. — *P. Corneille.*

O EX-MOSTEIRO DE MATALLANA.

Conclusão.

Fundado o mosteiro e entregue aos monjes, devia pensar-se na construcção de uma egreja digna da sua importancia. E já que D. Tello e sua esposa tinham costeado a sua instituição, e cedido para ella o *couto redondo com jurisdicção civil e criminal e mero imperio*, a casa dos monarchas quiz concluir a opulenta fundação. E effectivamente, a rainha D. Beatriz de Suevia (filha do imperador, duque D. Filippe e de Irene Angela), primeira mulher do santo rei D. Fernando III, fez principiar a fabrica do templo no anno 1228. Mas a morte atalhou os pensamentos d'esta senhora, levando-a ao sepulchro em 1235, quando começava a obra. Teria talvez ficado n'esse estado, se a grande D. Berenguela, mãe do santo monarcha, não abraçara o empenho de sua nora. Fez pois continuar a construcção, que se terminou felizmente, sendo abbade da casa Egidio. Em todos estes promenores concorda com o padre Florez a inscripção, existente entre os arcos da porta principal, e cujo theor é este em caracteres gothicos:

ANNO MILLESIMO DUCENTESIMO
VIGESIMO OCTAVO,
REGINA BEATRICE BONÆ MEMORIÆ CEPIT EDIFICARE
ECLESIAM, ET OBIT SUB
ERA MILLESIMA DUCENTESIMA SEPTUAGESIMA
TERTIA, ET EXTUNC REGINA
BERENGARIA CEPIT ECLESIAM FABRICARE:
ABBAS EJIDIUS.

Nos tempos do papa Leão X, no segundo anno da sua exaltação, sendo reis de Hespanha D. Isabel e D. Fernando, os Catholicos, e imperador de Alemanha Maximiliano XV, uniu-se este mosteiro á observancia de Castella, sob o reformador frei Valeriano de Olivença, e do abbade da casa frei Alonso de la Torre. Grandes e muitas eram as riquezas de Matallana em consequencia das numerosas e importantes doações de senhores e potentados. Alem da primitiva, feita por D. Tello, seu fundador, el-rei D. Fernando, na era 1261, mandou por um privilegio que não podessem entrar no couto, senhor, nem justiça que não fosse a do monarcha. Queixavam-se os monjes de que os senhores seculares lhes arrebatavam as possessões e rendas, sem mais direito que a sua lança e poder. Parece mais natural ter sido por effeito das revoluções intestinas ou das vicissitudes publicas; pois n'aquelle tempo de grandeza theocratica, seria mui perigoso ter pendencias com os monjes, acariciados pela corôa.

Na mesma era fez D. Affonso X, sendo ainda infante, uma doação ao mosteiro. D. Tello deu-lhe tambem a villa de Fuentes de Ungrillo, despovoada hoje. Em 1300, D. Martin Affonso, filho d'aquelle rei, e sua esposa D. Maria Mendez, confirmaram e renovaram a doação. Thereza Peres, neta de D. Tello, senhora de Montealegre, Meneses e Villalba, doou tambem as suas possessões de Fuentes em 1333. O almirante D. Fadrique, primeiro no anno 1449, sendo abbade D. Garcia, deu tres mil *maravedis* de juro sobre as terras da sua villa de Palacios. E elle mesmo, em 1463, deu mais sete mil *maravedis* de juro, sobre as alcavalas da mesma. Além d'isso, os monjes tinham por outra doação seis mil *maravedis* sobre as terças d'ella. Outras doações de particulares se lhes fizeram em diversos tempos, de copiosos senhorios, rendas e pertenças, que por brevidade omittimos. As enumeradas bastam para provar a consideração e opulencia da cisterciense Mataplana.

Estava situado o mosteiro na confluencia das vertentes formada por uma porção de collinas, parte das quaes constitue a cadêa de Alcores, que corre pelo paiz a E. e O., e ao fim de um pequeno valle que desce do campo de Villalba, regado pelas silenciosas correntes do riacho Mijares, e guarnecido de alamos e freixos seculares. Esta melancolica alameda prestou pittoresco ingresso á portaria exterior, formada por um alçado de dois corpos doricos, atraz dos quaes se estendia um espaçoso atrio. O mais notavel do edificio era a egreja, pertencente á escola gothica, dominante n'aquellas epocas. Era um formoso cruzeiro, com immensas columnas, que sustentavam elegantes arcadas e abobadas elipticas. Além das naves principaes, que formavam o corpo principal do templo, corriam parallelas a ellas outras cintas secundarias, com detalhes do estylo germanico. O comprimento era de duzentos e dez pés, sobre cento vinte e tres de largura, e altura proporcionada. O côro era junto ao cruzeiro, e n'elle estava o magnifico orgão, uma das primeiras peças d'arte no seu genero. A porta do templo, que caia entre N. e E., constava de dois arcos de baixo gothico, sobrepujados por outro, e ornados com pilastras diagonaes ao gosto bysantino. Tinha o edificio dois formosos claustros com seus pateos e jardins: um dorico, e o outro jonico, de que demos o desenho. Constavam de dois corpos com elegantes columnas e pilastras, que sustentavam vistosas galerias de arcos semicirculares. Este foi construido em 1592, e aquelle em 1760. O restante do edificio correspondia em solidez e circunstancias de commodidade ás pretenções de seus possuidores.

Mas a epoca dos monjes passou. E o espirito do seculo, que dirige a sua actividade por outras vias ao impulso da civilisação, não pode considerar estas construcções senão como monumentos de estudo sobre o tempo antigo, e de meditação ácerca das coisas da terra.

Os magistrados julgam da justiça dos homens; a opinião publica julga da justiça dos magistrados.

A moda tem um tal imperio, que chega a zombar das leis do pejo, e da honestidade.

FABRICAS QUE TINHAMOS NO FIM DO SECULO PASSADO.

A seguinte noticia, curiosissima sob todos os pontos economicos, e extrahida dos dados estatisticos officiaes, provará em que estado floresceram as artes entre nos, ha tres quartos de um seculo; e servirá para comparar com o nosso estado presente. Designamos as terras onde os productos se manufacturavam.

Abrantes. — Diversos tecidos de algodão simples, e com mistura.

Alburraque (immediações de Cintra.) — Chitas, e lenços estampados.

Alcanena (termo de Torres Novas.) — Sola, marroquins, e mais cortumes.

Alcobaça. — Cambraias lisas e lavradas; esguiões de todas as qualidades; lenços de cambraia lisos e lavrados; ruões de cafre; toalhas e guardanapos adamascados; acolchoados d'algodão; bombazinas d'algodão; fustões d'algodão; barretes d'algodão; meias d'algodão; velludos de algodão; velveretes d'algodão.

Alcolena. — Polvora fina e grossa.

Arguzello (comarca de Bragança.) — Grude.

Aveiro. — Baetilhas e pellucias d'algodão; linho; fustões; seralinas e varios tecidos d'algodão simples, e com mistura; loiça fina.

Azeitão. — Bombazinas d'algodão; fustões de algodão simples, e com mistura; velludos e velveretes; chitas e lenços estampados; fustões; baetilhas de lã estampadas, pelo que tinha privilegio exclusivo.

Alemquer. — Chitas e lenços estampados.

Batalha. — Grude.

Braga. — Sedas de matiz e lisas; fitas de seda, e galões, etc.

Bragança. — Diversos tecidos de seda, lisos e de matiz; algumas tinturarias de seda, etc.

Bucellas. — Chapeos finos.

Campo-Maior. — Sola, e mais cortumes.

Carnota. — Loiça fina.

Chacim. — Diversos tecidos de seda lisos, etc.; algumas tinturarias de seda, etc.; fiação de seda á piemonteza, e filatorio.

Chaves. — Chapeos finos e grossos.

Chellas. — Chitas, e lenços estampados, etc.

Coina. — Chitas, e lenços estampados; branquearia, e tinturaria, etc.

Cascaes. — Baetões; droguetes; cobertores de lã; limistes; pannos; silezias.

Coimbra. — Baetões; tecidos de seda lisos e de matiz; galões, e espiguilhas de oiro e prata, finos e falsos; fitas lizas e de matiz; loiça fina; cadinhos, etc.

Covilhã. — Agua-forte; baetas e baetões lisos; baetões de salpicos, no tear, e com agulha; droguetes, castores; pannos finos e ordinarios; silezias; seralinas; cobertores, e mais tecidos de lã; diversas tinturarias.

Covo (em Villa da Feira.) — Copos, garrafas, e mais vidros ordinarios.

Estremoz. — Loiça.

Elvas. — Chapeos finos.

Evora. — Chapeos finos.

Faro. — Sola e mais cortumes.

Freixo. — Diversos tecidos de seda lisos; diversas tinturarias.

Fundão. — Camelões; saetas; serafinas; tripes de lã.

Gueyras (Obidos.) — Sola, e mais cortumes.

Guimarães. — Charneiras para fivellas; fustões; lenços lavrados; toalhas e guardanapos adamascados e atoalhados; cutelaria, etc.

Juncal (Porto de Moz.) — Loiça fina.

Lapa (Villa da Feira.) — Papel ordinario e fino.

Leiria. — Grude; tecidos d'algodão.

Louzã. — Papel fino.

Lumiar. — Fitas de linho, e nastros.

Lisboa. — Diversos tecidos d'algodão, simples e com mistura de seda, linho, etc.; assucar refinado; bezerros, com privilegio exclusivo; camurças e pellicas, etc.; cortumes de sola, etc.; botões de casquinha; botões bordados; bandejas de ferro e cobre, acharoadas; bombas para fogos, e diversas machinas; brochas e sovelas para sapateiros; caixas de papelão, com privilegio exclusivo; caixas, leques novos, e concertados; cadeiras de palhinha; cal; caracteres para impressão; cartas para jogar; chapeos finos; chapas para musica, etc.; charneiras para fivellas; charneiras para chapeos de sol; chitas e lenços estampados; doces de vidro para ornatos de mesas; espelhos; espiguilhas d'oiro e prata, finas e falsas; escovas de todas as qualidades; fios e palhetas d'oiro e prata, finos e falsos; folhetas para cravação de pedras preciosas, com privilegio exclusivo; folhetas para botões; ferragens para moveis; fundição de peças para relojos de torres; fitas lisas e de matiz; fitas de linho e d'algodão; fivellas de latão; fivellas de casquinha e de prata; ferrarias diversas; frocos; galões d'oiro e prata, finos e falsos; grude; instrumentos de cirurgia; lantejoulas; lacre; limas; loiça fina; marroquins; meias de seda; bolsas; barretes; cintas, e coifas de seda; obras de bijouteria; obras de cutelaria; obras de ourives; obras de funileiro; obras de latoeiro, de fundição, de lima, e de martello; obras de sirigueiros; obras de serralheiros; obras de torneiros, assim de metaes, como de marfim, madeiras, etc.; obras de surradores; ornatos d'oiro e prata, com embutidos e com pedras, assim para egrejas, como pessoaes; oleados grossos, e para chapeos de sol; papel pintado e estampado; perolas falsas e de vidro; pentes de marfim, com privilegio exclusivo; diversas quincalharias de estanho e latão; relojos d algibeira, de parede, e de torre; rendas d'oiro e prata, finas e falsas; rendas de seda lavradas no tear; tapeçarias; tornos de torcer seda; tinturarias de seda; vidros adiamantados e lavrados; verdete; charões.

Na real fabrica das sedas, entre toda a sorte de tecidos, distinguiam-se as sedas brilhantes de matiz; cabaias á imitação das da Asia; canelez lisos, de matiz, e abrilhantados; canotões;

carlés; damascos rasos, e com oiro; espernegões; gorgorões lisos e de matiz; grodetus; garça; lenços; lhamas; lustrinas: nobrezas de matiz, com metaes, lavradas, lisas, de riscas, e abrilhantadas; pellucias; primaveras; riços; sarjas lisas e lavradas; setins lisos, lavrados, de raminhos, de listas, matiz, salpicos, com metaes, e de ramos grandes; tafetás; tolotões; tiços; velludos lisos e lavrados a jardim

Marinha Grande. — Vidros cristalinos e ordinarios para vidraças; adiamantar e lavrar vidros.

Moncorvo. — Fundição de ferro.

Mouta. — Sola, e mais cortumes; marroquins, etc.

Minho, Beira, e *Traz-os-Montes.* — Rezina extrahida dos pinheiros para deixar as madeiras similhantes ás de Flandres.

Odemira. — Sola, e mais cortumes.

Povos. — Sola, e mais cortumes.

Pombal. — Chapeos finos.

Penafiel. — Baetões e pannos.

Pernes. — Limas; diversas obras de serralheria; ferramentas de carpinteiro; verrumas; teares de meias.

Panasqueira. — Loiça de fogo, similhante á de Genova.

Portalegre. — Baetões; droguetes; pannos; silezias, e mais tecidos de lã.

Porto. — Assucar refinado; camurças, pellicas, e pergaminhos; diversos cortumes de sola; botões de casquinha; botões d'unha; bugias de cêra; chapeos finos; chitas e lenços estampados; folhetas para cravação; folhetas para botões; fitas lisas e de matiz; fivellas d'aço, ferro, etc.; galões d'oiro e prata, finos e falsos; grude; pannos de lã, finos e ordinarios; baetões e baetas; baetilhas; brins; lonas e meias lonas; loiça fina e de pó de pedra; meias de seda e cadarço; meias de laia, linha e algodão; obras de torneiro, assim de metaes, como marfim e madeiras; brilhantes de matiz; caneles; canotões; damascos rasos, e com oiro; espernegões; gorgorões lisos e de matiz; grodetus; lenços; lhamas; lustrinas; nobrezas; pellucias; primaveras; riços; sarjas; setins lisos, lavrados, de riscas, e de ramos; tafetas; tiço; velludos lisos e lavrados; troçal e retroz.

Rio de Mouro (Cintra.) — Chitas e lenços estampados.

Rio-Maior. — Loiça fina.

Sacavem. — Sola, e mais cortumes.

Sobral. — Tecidos d'algodão, tecidos de seda lisos e lavrados; fitas lisas e de matiz; cintas e lenços.

Setubal. — Rendas de linha; chitas e lenços estampados; sola e mais cortumes; sal.

Sete Rios (Bemfica.) — Chitas e lenços estampados.

Torres Novas. — Tecidos d'algodão; chitas e lenços estampados; azeite extrahido do bagaço da azeitona.

Trancão. — Antas; camurças e carneiras; pellicas, etc.

Tagarro (Alcoentre.) Sola e mais cortumes.

Tires (Cascaes.) — Chitas e lenços estampados.

Tavira. — Tapeçarias.

Thomar. — Meias, cintas e barretes de seda; meias de laia e barretes; coifas e bolsas de seda.

Unhos. — Sola e mais cortumes; grude.

Vianna. — Sola e mais cortumes; caixas de sola; loiça fina.

Valbom (Porto.) — Atanados e mais cortumes.

Vallongo (Porto.) — Tecidos de seda, lisos e de matiz.

Villa Nova d'Alverca (Trancoso.) — Grude.

Villa Nova (Thomar.) — Sola e mais cortumes.

Estes os principaes productos, porque as terras apontadas se tornavam distinctamente commerciaes, que muitas outras industrias deixámos de enumerar. Em presença d'esta estatistica official do anno de 1789, perguntamos se a nossa industria de hoje, especialmente a fabril, pode lançar injurias á do seculo passado?

F. D. D'ALMEIDA E ARAUJO.

O SILENCIO.

Pode dizer-se em geral, a respeito do silencio, que faltam motivos para fallar, mas nunca faltam para calar; isto é, que basta, para guardar silencio, não ter obrigação de fallar.

BREVE DISCURSO.

Cicero não teve em todo o decurso da sua vida momento de maior gloria, do que no dia em que acabando o seu consulado, e preparando-se para arengar ao povo, segundo era costume, lhe foi cortada a palavra pelo tribuno Metello, que queria insultal-o. Cicero havia começado a fallar n'estes termos: — «Eu juro... quando o tribuno o interrompeu, e então lhe declarou, que não lhe permittia arengar. O orador olhando então para o povo, reduziu o seu discurso ás seguintes palavras: — «Eu juro que salvei a patria!» Todo o auditorio como arrebatado exclamou: — «*Nós outros juramos que disse a verdade.*»

Se destruirdes o direito de propriedade, o trabalho será substituido pelo ocio; a actividade pela inercia; o estimulo pela indifferença; a terra ficará inculta; as artes em abandono; a industria sem alento; o commercio sem effeitos.

Publicou-se o 3.° volume da ENEIDA de Virgilio, por Barreto Feio — preço 1:000 réis.

Publicou-se a comedia em 3 actos e 9 quadros, STAMBUL, original de Aristides Abranches — preço 300 réis.

UMA FAMILIA DE PESCADORES.

Este quadro de mr. Jeanron pertence ao duque de Luynes. Representa uma familia de pescadores tomando a sua refeição a borda do mar, junto a Ambleteuse.

Os desgraçados habitantes d'este paiz, de verão occupam-se na pesca, ordinariamente sem barcos, e com pessimas redes; e de inverno, em mendigar.

Temos a admirar a bella expressão das figuras, e suppomos que é um serviço que mr. Jeanron faz ao seu paiz natal o de familiarisar, pelo seu habil pincel, os parisienses com as physionomias e costumes d'aquelles pescadores, porque pode acontecer que os banhistas, tendo sido chamada a sua attenção por este meio, corram aquelle paiz onde podem satisfazer o seu gosto ou necessidade, concorrendo para minorar, por algum tempo, a sorte de taes infelizes.

Em consequencia do nosso gravador ter faltado com a estampa cujo artigo segue, damos a presente gravura, e para o numero seguinte estamparemos a que devera ser publicada hoje.

CATARACTA DA RIBEIRA DE CAUSE E MURALHA ROMANA JUNTO D'AIX.

No ultimo plano da gravura, vê-se a montanha Santa Victoria, que limita pelo este a celebre planicie de Pourrières *(Campi Putridi)* onde Mario (102 antes de Jesus Christo) aniquilou um numeroso exercito de teutões. Conta-se que os romanos levantaram, no cume d'esta montanha, um pequeno templo dedicado á Victoria para perpetuar a lembrança da derrota dos barbaros. Na edade media, este templo foi convertido em egreja com a invocação de Santa Victoria. As muralhas de bello estylo, e verdadeiramente romanas, no meio das quaes se precipita a pequena ribeira *Cause*, parece serem os restos d'um grande aqueducto romano que condu-

zia as aguas, ainda muito abundantes hoje, da aldêa de Santo Antonino na colonia d'Aix. Esta aldêa está situada a oito kilometros da cidade. Algumas pessoas comtudo julgam ver n'esta muralha, que cerca ou devia cercar um vallesinho profundo, uma barreira destinada a formar um reservatorio ou lago artificial, como o que se construiu, ha alguns annos, a menos d'um kilometro, para levar a Aix, por meio do canal *Zola*, as aguas da mesma ribeira Cause. Não longe d'ali estão a aldêa e o castello, que teem ambos o nome de Tholonet. O castello pertence ao marquez de Gallifet, cujo pae publicou a *Viagem na Provença*, onde se acha uma lithographia representando tambem este muro, esta cataracta e este sitio, um dos mais interessantes da Provença, e ordinariamente visitado pelos viajantes que se demoram em Aix.

O GALEÃO ENXOBREGAS.

(*Scenas navaes do seculo* XVII.)

Continuação.

V

GUERRA E PESTE.

As duas naus hollandezas, mais solidas, mais veleiras, e mais bem artilhadas do que a nossa, chegaram com todo o panno largo á prôa do Enxobregas: e manobrando com acerto, passou uma d'ellas a rastejar com o gurupez do galeão, que tambem as procurava, e prolongou-se-lhe com o costado de estibordo, em quanto a outra passando por bombordo lhe deu uma banda, e metteu em seguida a *virar*.

O Enxobregas achava-se entre dois fogos, e conhecia a vantagem que lhe levavam os contrarios; mas tambem contava muito com o valor da sua gente, principalmente se chegassem á abordagem, em que a valentia pessoal se podia experimentar nas armas brancas.

O capitão Moraes mandou pois diminuir de panno, o que se executou sem confusão, a voz de Pero Dourado, que estava á cadeira. O galeão ficou só em gaveas, e desembaraçado o convez das escotas e amuras dos papafigos. Em seguida ordenou bandas de fogo por um e outro bordo contra as naus inimigas, mas estas respondiam-lhe com outras bandas, e em seguida furtavam-lhe o costado virando por *d'avante*, com o que aproveitavam toda a sua artilharia, e não recebiam em cheio a metralha dos portuguezes. Ligeiras, com todo o seu velame largo, executavam esta manobra com presteza, em quanto o Enxobregas apenas guinava a um lado e a outro, com pesados movimentos; porém a guarda da sua bandeira estava confiada ao braço e ao estoque do visorei; a defesa da varanda e chapiteo da popa a cargo do ex-capitão de Cananor; promptos, os primeiros, a abordar, estavam no castello de prôa, de espadas na mão, D. Martinho e Luiz de Brito. Os outros fidalgos conservavam-se na tolda, para defesa d'aquelle logar e serviço dos guarda-lemes. O mestre e o contra-mestre vigiavam os portalós; e os artifices tapavam os rombos que fazia no costado a artilharia inimiga, e acudiam a atalhar qualquer incendio que se ateava em alguns dos muitos combustiveis de bordo.

Vendo, porém, o capitão, depois de meia hora de combate, que o plano dos contrarios era metter-lhe o galeão a pique, sem nunca se chegarem á abordagem, mandou içar de novo as velas que amainara, e ainda metter monetas; porém um tiro certeiro do inimigo cortou as ostagas do traquete, e veiu a baixo a verga, que se partiu em dois pedaços, ficando *empachada* a artilharia da prôa com a vela e os respectivos cabos. Estava pois perdida a ultima esperança de dar caça aos hollandezes.

A noite, entretanto, tinha fechado de todo, e a cacimba tornava opaca a atmosphera; mas os contendores ainda se viam, e o capitão formando á pressa conselho com os mais prudentes e autorisados officiaes e passageiros do galeão, propoz-lhes deitar direito a costa, para reparar a avaria na *Angra do Negro* ou em Benguella, visto que os batavos se não chegavam á abordagem, e não era possivel caçal-os.

Assim se resolveu, e o piloto mandou arribar para o norte.

Não tardou que os hollandezes percebessem a manobra; e julgando que os nossos lhe fugiam por medo, fizeram força de vela nas suas aguas, e em pouco tempo estavam na alheta do Enxobregas.

Então trabalharam deveras as *meias-esperas* da popa, e com acerto, que um pelouro seu quebrou o gurupez da nau que vinha mais proxima. Deixando esta para re, a outra nau hollandeza veiu prolongar-se com o galeão, tentando, talvez, abordal-o finalmente.

Porém succedeu-lhe um horrivel sinistro! Ateou-se-lhe o fogo a bordo com uma rapidez e intensidade pasmosas, e em breves instantes toda a nau era chammas! O Enxobregas deitou á popa arrasada, para fugir do contacto d'este inimigo, agora perigosissimo; e a sua gente sentiu uma temerosa explosão, e observou com espanto fazer-se em pedaços o valente navio contrario, ao som dos gritos de desesperação que soltavam na derradeira agonia os seus tripulantes.

Os maritimos são sempre generosos. Qualquer acreditaria facilmente que o primeiro movimento do galeão Enxobregas seria dirigido sobre a nau hollandeza, que com a perda do gurupez, chave da mastreação, perdera os outros mastros, ficando rasa, e por tanto impossibilitada de navegar. Seria uma conquista facil. Mas não se tratou d'isso, em vista da perda da outra nau; pelo contrario, toda a guarnição portugueza, a uma voz, requereu que se lançassem ao mar os bateis, e que se salvassem da agua os inimigos que houvessem escapado do fogo.

Não succedeu assim aos nossos da nau *Chagas*, em 1591, pois que ardendo-lhe a embarcação, quando combatiam com tres vasos inglezes, foram recebidos nas pontas das lanças britanicas, e muitos d'elles assassinados, entre as vagas do Oceano! (*)

O esquife e os bateis desceram com effeito ao mar, e os marinheiros á portia se lançaram a elles para irem salvar os naufragos. Com grande trabalho ainda conseguiram trazer para bordo do galeão uma duzia de infelizes, mas todos elles mutilados, e dos quaes nem um só escapou á morte, proveniente das feridas. Depois dirigiram-se, seguidos do galeão, para a outra nau, arvorando bandeira branca, e sem resistencia se apossaram d'ella, desarvorada, e que já se ia a pique, com a muita agua que fazia. Cento e doze prisioneiros, entre officiaes, soldados e maruja, entraram a bordo do Enxobregas, e foram ahi mui bem tratados, principalmente os feridos.

A perda dos portuguezes fôra pequena, em relação ao encarniçamento do combate. Dois mortos e onze feridos, tudo marinheiros e escravos. Dos hollandezes perdera-se o almirante, e mais de duzentos tripulantes da frota. Quanto ás suas embarcações, se uma se espalhara em pedaços sobre as ondas, como vimos, a outra não tardou em submergir-se nas aguas!

Assim terminou esta renhida peleja; e o galeão seguiu a sua derrota direitamente para Angola, pois que, desassombrado de inimigos, tinha occasião de *deitar acima* uma nova verga de traquete, em logar da que partira.

Seguindo ao longo da costa d'Africa, em distancia de cinco leguas d'ella, avistaram as barreiras escalvadas, onde o mar rebenta com furia ao sul da *Angra do Negro* (hoje chamada bahia de Mussamedes); depois o morro do *Sombreiro*, extremidade meridional da bahia de Benguella, onde começava a prosperar uma colonia portugueza, fundada ahi em 1617, e que se tornou em cidade muito commercial, mas assaz doentia; em seguida enxergaram o morro de *Benguella a velha*, que da idea do Cabo do Espichel, na nossa costa, apoz o Cabo *Ledo* (bem pouco ledo que elle é!). E logo a ponta da *Palmeirinha*, e a ilha de *Loanda*, e a cidade de S. Paulo.

Bordejando dobraram a ponta da ilha, e surgiram em frente da feitoria, aonde então se despachavam os negros para o Brazil.

Do outro lado via-se a cidade, adornada de bandeiras e galhardetes, por ser o dia 15 de Agosto, terceiro anniversario da restauração de Loanda, do poder dos hollandezes, por Salvador Corrêa de Sá e Benevides.

A mor parte da tripulação e passageiros, escoltando os captivos hollandezes, desembarcou pouco depois de amarrado o navio, e dirigiu-se ao palacio do governo, d'onde em companhia d'este, do veneravel bispo, conegos e mais ecclesiasticos da sé d'Angola e Congo, com acompanhamento tambem de muito povo curioso, foram render graças a Deus e á Virgem Santa de os trazer até ali a salvamento, e com perda dos inimigos da religião catholica, ante o altar de Nossa Senhora da Assumpção, que se festejava n'esse dia, e que dera sobrenome á cidade.

A noite passou-se em folgares; mas logo na manhã seguinte se tratou de reparar o galeão, para seguir melhor apparelhado na volta de Lisboa, do que viera até ali, tanto no que dizia respeito á navegação, como ao encontro de inimigos; porem a *carneirada*, que n'esse anno caiu com immensa força sobre Angola, começou a dizimar a gente da nau, a tal ponto que, uns mortos outros doentes, tiveram que deixar todo o carrego das obras de bordo aos artifices da cidade e gente das lanchas costeiras. Todavia o fabrico progrediu, Deus sabe como, e verdade!... e por meiados de Outubro estava a nau apparelhada, alcatroada e pintada.

Parece-nos que o leitor já terá notado, com desprazer, que abandonassemos por tanto tempo os personagens d'esta veracissima chronica por quem, seguramente, mais se interessa. Não é assim?

É de certo! Mas não os esqueceu o chronista... Elles é que dissimularam, os quatro adulteros, seus peccaminosos desejos, e seus criminosos planos, até a chegada a terra.

Logo que desembarcaram em Loanda mostraram todavia que não havia esquecimento de injuria, nem menos odio de parte a parte; porem o velho Mascarenhas fazia vigiar de continuo os dois mancebos, e D. Leonor não perdia de vista as jovens rivaes. Alem d'isto, Magdalena enfermou com o mal da terra, e como o seu estado dava serios cuidados, tiveram ainda de se reprimir por mais algum tempo os dois implacaveis inimigos.

Aton, a chineza, nascida sob o tropico, e habituada a viver nos climas não menos ardentes da India, era talvez a unica pessoa, das que aportaram a Angola no galeão Enxobregas, isenta do menor ameaço de carneirada; pelo contrario estava nutrida, rosada, muito mais formosa; em quanto a sua rival pallida, abatida, se consumia em presa a uma febre lenta mas terrivel.

Luiz de Brito, o ingrato, o infiel, esquecia a esposa que agonisava n'um leito de dôres, para só se lembrar do seu amor e da sua vingança... mas já menos d'esta do que d'aquelle! Era cavalleiro e brioso, sim; mas a causa da projectada vingança estava prestes a sumir-se... e o alvo do amor cada vez mais bello, mais esplendido de attractivos!...

D. Martinho é que estava mais do que nunca empenhado em arrancar a vida ao fidalgo portuguez; porque a sua paixão por Magdalena esfriara, vendo-a no leito da morte, sem côr, sem falla, sem movimento... Sempre era amor de um indio!... E voltava de novo a adorar a ultrajada esposa, que o repellia com despreso, e amava ternamente o quasi viuvo da sua rival.

(*) Vidè Panorama. Vol. XI. Pag. 333.

A febre do amor e da vingança, junta á febre endemica do paiz, havia prostrado tambem no leito os dois cavalleiros, quando Magdalena deu o ultimo suspiro.

A quem achar prosaica esta morte da filha de Ruy da Cunha, lembraremos que não foi mais poetica a do apaixonado poeta da *Menina e Moça*, que tambem se finou da *carneirada* em S. Jorge da Mina.

Ruy da Cunha e Leonor, desesperados pela morte da sua filha querida, instaram com o governador de Angola para que obrigasse a ficar na terra o que elles chamavam assassino de sua filha; porem aquelle, apesar de amigo velho da familia Cunha, só lhe prometteu cumprir os seus desejos, no caso que Luiz de Brito desse algum pretexto para se fazer tal violencia.

O pretexto, e grave, não se fez esperar por parte do recente viuvo. Nas vesperas da partida do galeão, e achando-se já restabelecido das febres que soffrera, encontrou no *largo do Palacio* o seu rival e a sua amante, que vinham de visitar o governador; e furioso de ciume, de raiva, accommettido de subito delirio, arremessa-se a D. Martinho, separa-o da esposa, arranca-lhe a gorra, rasga-lhe o peitilho, e sacode-o pelas pontas de seus compridos bigodes!...

Isto foi rapido como o pensamento, e por tanto impossivel de prever e de evitar.

O governador, que estava no balcão central do palacio, gritou para a sua guarda que prendesse o aggressor; e antes que D. Martinho tivesse tempo de desembainhar a espada, estava Luiz de Brito manietado, e interpunha-se entre ambos uma barreira de corpos humanos.

«Sangue! sangue! bradava o principe indio, de espada em punho, diante das janellas do palacio.

Justiça se fará! respondeu energicamente o governador.

A moda dos duellos já tinha acabado n'esse tempo entre os portuguezes; e nunca mais voltou, a *serio*, até hoje... Deus louvado!

Como se vê, estava achado o pretexto, e mais do que pretexto, para reter em Angola a Luiz de Brito. Ruy da Cunha e sua esposa criam haver vingado a morte de uma filha querida; e posto que enfermos, como a maior parte dos seus companheiros de viagem, embarcaram mais satisfeitos do que o fariam apar d'aquelle odiado genro.

D. Martinho é que não tornou a ver um sorriso nos labios de sua esposa. Cada vez mais fria para com elle, a chineza, que escapara a carneirada, não evitou o *spleen* (como hoje se diria) e tornou-se quasi uma estatua. Ao principe, injuriado pelo rival, e despresado pela mulher, lembrou-lhe o suicidio... mas esse meio ainda não era então moda tambem! Quem escapou a febre, embarcou por fim no galeão, em dia de Finados, 2 de Novembro de 1651, mas quasi toda a gente mais para morrer do que para trabalhar! Quanto a Luiz de Brito, segundo dizia o governador, iria dar um passeio, pouco hygienico, pelas margens do Cuanza; e demorar-se em Massangano por algum tempo, onde provavelmente se finaria de doença.

Postas as ancoras em cima, soltas as velas, e dando e recebendo o costumado: *Boa viagem!* lá se foram os nautas afastando de Loanda no malfadado galeão Enxobregas, que singrava quatro a cinco milhas por hora, aproando ao nornoroeste e noroeste, com vento largo do quadrante sudoeste, e amura a bombordo.

Á vista da ilha da Ascenção lançaram ao mar com todas as solemnidades militares e religiosas o cadaver do velho D. Filippe Mascarenhas, a quem Deus já destinara que não tornasse a ver a patria, depois de seis annos d'ausencia! Melhor foi assim, que evitou os trabalhos que ainda estavam reservados para os seus companheiros de viagem.

Ate ao Equador tiveram bom tempo, e vento na vela: mas ahi começaram-lhe as calmas, depois as trovoadas; e quando principiavam a convalescer das febres d'Angola, entrou com elles o escorobuto, fructo da ruindade do mantimento, e da má agua que apodrecia nos toneis, a ponto de fazer algumas victimas, e deixar muitos estropeados.

Quando chegaram pela altura de Cabo Verde, já não haviam a bordo mais do que cento e dez almas, mas nem cincoenta corpos em estado de supportarem as fadigas de um temporal ou d'um combate!

N'estas tristes circunstancias se aventuravam, no rigor do inverno, a demandar o procelloso mar dos Açores, quasi sempre salteado de naus de herejes ou de infieis!...

Que valentias se praticam cá em terra, comparaveis a estas temeridades navaes?

Vereis o resto.

Continua. F. M. Bordalo.

BREVES REFLEXÕES SOBRE OS EFFEITOS GERAES DA REVOLUÇÃO FRANCEZA.

Conclusão. *

As alterações, que a revolução franceza fez na politica, seja quanto ao estado publico dos governos, ou seja em quanto as opiniões, idéas, e systema dos governados, e dos governos entre si, são mais sensiveis, e de maior peso, e influencia do que a primeira vista parecem. Em primeiro logar havemos visto (considerando a politica geral dos governos) uma nação que até então passava por meia selvagem, como era a Russia, condemnada pela natureza, e pela antiga politica dos gabinetes europeus, a não ser temivel e influente, senão para os tartaros da extremidade da Asia, vir hoje, por culpa da revolução franceza, influir não só em os negocios publicos do norte da Alemanha, e da Turquia, (que sem a concorrencia das outras potencias

(*) Do num. 43.

teria ultimamente perdido a sua nacionalidade), mas em os de toda a Europa, e ainda em os de todo o mundo, e concorrer, como um dos primeiros arbitros da terra, ao congresso dos reis. Da mesma sorte se ha visto a Inglaterra, por culpa da mesma revolução, e do louco systema seguido por Bonaparte, destruir todo o equilibrio do poder maritimo, dando cabo de todos os seus elementos com a ruina da marinha de guerra, e mercante da Hespanha, França, Hollanda e Dinamarca, e com isto e com os seus direitos maritimos, ficar só em campo, sem rival, que lhe podesse contrapesar o poder, constituindo um direito publico maritimo a seu modo, e dominando em todos os mares e suas dependencias, mais largamente do que nunca o fizera Bonaparte sobre o continente. Eis-aqui um dos maiores males que ha feito ao mundo a revolução de França, mal irreparavel ao qual não pôde o congresso de Vienna dar cabal remedio, deixando á Inglaterra a pacifica preponderancia dos mares, contra a qual não ha pôr-lhe freio ou limite politico.

Passemos agora a considerar os effeitos da revolução franceza, segundo influiu nas ideas politicas dos povos. Quando rebentou em França a revolução, haviam lá em verdade numerosos abusos que reformar, como eram, a dilapidação das rendas publicas, que havia produzido um grande atraso, desde o tempo de Luiz XIV, e mormente na epoca do regente; o modo arbitrario de lançar tributos; o pessimo systema da sua cobrança; os excessivos privilegios feudaes, que alimentavam a insolencia da alta nobreza; a incerteza do direito, pela grande variedade das jurisdicções; o despotismo dos magistrados de policia; as famosas *lettres de cachet*, pelas quaes o cidadão, sem processo e sem sentença, era muitas vezes por toda a vida recolhido em um segredo, e diversas outras violencias que ao lêl-as ainda hoje causam horror. Os revolucionarios se fortaleceram com a existencia d'estes abusos; protestavam e proclamavam a todos os povos que elles so tinham no animo o extirpal-os, e substituir-lhes uma nova ordem de coisas, e um governo regular, que, pugnando pelos direitos e dignidade do homem, e do cidadão, quebrasse para sempre os ferros da tyrannia, e da escravidão, e estabelecesse para o diante as solidas bases de uma justa e legitima obediencia das nações, e de uma suave e paternal autoridade dos governos. Quem não abraçaria tão especioso partido, ou não cairia em tão lisonjeiros engodos? Os povos da Europa eram pela maior parte mal governados, e gemiam como os francezes, acurvados ao peso insupportavel de todos estes abusos, e de outros vexames e tyrannias; portanto não e muito que então pensassem como os francezes, e a favor da causa d'elles, que então parecia a causa de todo o genero humano, fazendo votos secretos no fundo dos seus corações para que a revolução triumphasse. A isto se deve em boa parte attribuir a facilidade das conquistas dos francezes n'essa epoca.

Mas o prestigio foi de curta duração; em breve os cabeças da revolução deixaram descortinar os seus horrorosos fins, afogando a França em rios de sangue, e entregando este formoso paiz a todos os horrores da anarchia, e politica dissolução; então os povos das outras nações, perplexos com um tão novo espectaculo, vendo, em vez da liberdade politica, os tumultos e alvorotos dos pretorianos e janisaros; vendo reinar, em vez da republica, a licenciosidade militar, o orgulho, e a impudencia de uma plebe sem freio, o odio dos partidos, a anarchia, e a confusão, vacillaram em seus juisos e estremeceram. Bem depressa a anarchia foi seguida do mais brutal despotismo, que presencearam as edades, pois não se limitou ao paiz das Gallias, mas abrangeu, como se fôra uma rapida inundação, todo o continente da Europa de um a outro fim: então não só os povos tremeram; os reis e todos os governos, mais do que os mesmos povos, se horrorisaram, e receiaram a voragem e precipicio que se abria diante dos seus olhos; d'ahi nasceu tambem a conspiração de todos os governos, e a cooperação de todos os povos que atearam a guerra nacional europea, e acabaram com o despotismo do imperador dos francezes.

Este despotismo continental, ainda que por extremo pesado aos povos, na epoca em que o soffreram, não deixou todavia, depois de passado, de lhes ser util para a sua liberdade externa, e interna: — aquella, porque os governos tiveram todos uma boa lição para mais se não abandonarem a influencia de estrangeiros — e a esta, porque os povos, valendo-se da necessidade que d'elles tinham os seus governos, para repellir os ataques das forças estrangeiras, ousaram o que ate então nunca tinham feito impunemente representar aos seus proprios governos, com energia e dignidade, as reformas internas e os melhoramentos que se faziam mister para sua felicidade, e melhor poderem resistir ao tyranno. (*)

Aonde menos podiam fallar e escrever abertamente os escriptores assim mesmo caminhavam aos seus fins, e formavam a opinião publica, amaldiçoando Bonaparte, e o seu governo, e reprehendendo-os de vicios e vexames, que muitas vezes eram em tudo similhantes aos dos governos das terras aonde escreviam. O povo começou a ter politica, e a ser imbuido em todas as sciencias moraes, que com ella tem connexão, e por isso foi aprendendo os elementos naturaes, que ensinam o que os povos devem aos seus governos. Além d'isso o exemplo da França,

(*) Até no nosso Portugal, quando deitámos fóra os francezes, houve liberdade de escrever por algum tempo, em quanto o governo se não recobrou do susto, e de todo se não julgou bem seguro; e tanto assim, que á então imprensa regia, baixou um aviso do governo para la se imprimir sem alguma censura, ou pelo menos sem o menor estorvo, ou escrupulo, tudo quanto se quizesse dar á luz.

victima primeiro da anarchia, e caida depois em um agigantado despotismo, extremos sempre funestos ás nações, e o documento vivo que offerecia a Inglaterra, que de ambos estes extremos soube livrar-se, e resistir ao poder colossal de Bonaparte, não podiam deixar de gravar no animo de todos os povos o desejo ardente de um governo modelado sobre o da Grã-Bretanha, que á sombra da sua constituição tem chegado ao grau de prosperidade em que se acha.

Os governos não tem estado todos concordes com as opiniões e necessidades dos seus povos, com as luzes do seculo, e com as lições da experiencia; todavia alguns ha que de todas estas razões se tem aproveitado, procurando melhorar a condição do povo; tal por exemplo é a Belgica sob o governo do illustrado Leopoldo, tal é o imperio do Brasil sob o governo do popular imperador D. Pedro, e tal é o nosso Portugal tendo á sua frente o esperançoso D. Pedro v, e continuando no estado de tranquillidade que desfructamos ha seis annos, vendo progredir os seus interesses materiaes, e melhorar os ramos da sua administração.

É por certo grande cegueira a dos governos absolutos, em não quererem ver o perigo que a todos os instantes os ameaça, como a espada de Damocles, que pende de um delgado fio sobre suas cabeças, sem quererem trocar a sua precaria e incerta condição por um destino seguro, estavel e venturoso.

Mas voltemos ao nosso assumpto, e consideremos agora os effeitos da revolução franceza no commercio e industria dos povos. É certo que por effeito do louco systema continental, algum tanto se cultivaram, como necessarios, os recursos do commercio, pois muitas nações se viram obrigadas a tirar do seu seio os productos e manufacturas, que não podiam haver do estrangeiro, e n'este ponto de vista, algumas artes, entre ellas a agricultura, foram cultivadas; porem ou fosse pela bastardia das producções exoticas, as quaes repugnam aclimatar-se em terrenos contrarios a sua natureza, ou seja pela falta de rivalidade e concorrencia, ou pelo menor consumo e extracção, que desanima o fabricante, e tolhe as manufacturas a perfeição, ou pelas taxas de guerra, e estancos do monopolio, que deitaram a perder, ou seccaram muitas fontes de industria e prosperidade, ou finalmente por o concurso de todas estas causas, a verdade é, que o commercio em geral padeceu muito, e só ha poucos annos tem recobrado parte das passadas perdas.

A arte da guerra (arte infelizmente necessaria) dizem os entendidos ter sido levada a perfeição. Assim será, e não negaremos que a revolução produziu grandes capitães; mas por ventura não os houve tambem no seculo de Luiz XIV? E como decidir quaes eram melhores quando se torna impossivel um exacto parallelo e comparação?

Quanto ao modo de fazer a guerra, que é o que propriamente se diz a arte da guerra, a ultima campanha do Oriente deixou pouco a invejar aos generaes republicanos.

Pelo que pertence ás bellas artes, que formam o polido gosto das almas delicadas em França, e em todas as partes da Europa, aonde tinham patria, esmoreceram encolhidas, e notavelmente decairam, como era de esperar, no meio do bulicio das armas, e confusão da guerra. Dir-se-hia com verdade, que as musas, que as presidem, fugiram então espavoridas ao rouco som das trombetas de Marte; a musica, a pintura, a architectura, e mórmente a divina poesia, apparecem, como de todos os tempos se notou, só em o seculo dos Augustos, quando vêem fechada a porta de Jano, quando os principes lhes dão *premio e favor que as artes cria*, e tambem quando a nação é feliz com o seu governo, e tem obrado gloriosos feitos que dá vontade de celebrar. É verdade que Bonaparte trouxe para França as producções milagrosas de Rafael, Ticiano, Velasques, Miguel Angelo e outros; mas de nada serviram para o adiantamento da arte, que não prosperou, nem podia prosperar em uma terra onde os artistas a todas as horas esperavam ser chamados ás armas.

A eloquencia, considerada entre as humanidades como uma das boas artes, padeceu notavelmente com as ideas, e mudanças da revolução. Os francezes tinham modelos de estylo, e de eloquencia, que todos os bons engenhos faziam por imitar. Montaigne, Racine, Bossuet, Arnaud e outros eram perfeitos modelos para imitar, mas a revolução confundiu o simples com o trivial, e como as idéas, que então atordoavam as cabeças, eram chimericas e extravagantes, d'ahi veiu uma eloquencia barbara e depravada, que felizmente acabou.

Quanto ás sciencias, estas houveram melhor sorte. Antes da revolução havia sabios illustres, que não se espantaram com o estrepito das armas, nem interromperam os seus estudos. Os chefes da revolução, ou por calculo, ou por amor as sciencias fizeram caso d'ellas, e alguma protecção lhes concederam, no que Bonaparte quiz imital-os. Em verdade, porém, estas foram mais ajudadas das circunstancias particulares em que se achavam, do que dos favores dos homens do poder, porque a uns falleciam os meios para as favorecer, e outros não o faziam pela razão que da o nosso poeta

Que quem não sabe a arte não a estima.

Aqui poremos remate as nossas reflexões, tendo apontado alguns dos effeitos geraes da passada revolução franceza, que nenhum proveito trouxe á moral, a politica, ás artes, e mui pouco ás sciencias. Agora ninguem pode gabar-se de colher da marcha das ideas, quaes serão as revoluções, ou progressos que todos estes objectos experimentarão para o futuro; porém se nos não erra o juiso, podemos esperar que as tremendas lições da revolução que acabou, o esgotamento geral das forças, o mutuo interesse, e de-

pendencia do commercio, e a perfeição progressiva das sciencias, e artes uteis, darão ás gerações futuras, senão uma paz geral não interrompida, ao menos tempos mais folgados, do que as epocas calamitosas que passaram. Assim aprasa á Providencia. * * *

PRESENTE E PASSADO.

Immersa em trevas a minh'alma inanime,
Nem tinha alentos p'ra gemer a dôr!
Nem tinha ao menos uma voz sympathica,
Que d'uma esp'rança lhe mostrasse a flor!

Perdido estava; qual perdido um nautico,
Que em mar em furias o sepulchro vê;
Assim minh'alma, desvairada e misera,
No ceo, no Eterno nem já tinha fé!

Buscara affectos e buscara-os avido,
Como o viandante que, perdido, quer,
Morrendo á sêde nas soidões d'America,
A fonte amiga bem que ao longe ver.

E nada achava! só mentira cynica,
Em vez de extremos encontrara então!
Apoz o engano veiu entrando a duvida,
Que pouco a pouco foi tomando acção!

E fui deserendo! — Se me achava sceptico! —
De tudo e todos, té descri de mim!
Nem tinha prantos, d'esses prantos intimos
Que a dôr minoram d'um soffrer sem fim!

Tortura immensa! De tal modo extatico,
Levava a vida sem um goso achar!
Que o mundo ao ver-me me dissera estatua
De escarneo viva d'um cruel zombar!

Á noite escura da existencia lugubre
Succede aurora de fulgente luz!
Que luz e esta, que se mostra subita?
Que luz é esta? porque assim seduz?

Que luz é esta, que me estala o marmore
D'est'alma afflicta? que me faz verter,
Sulcando as faces, uma doce lagrima,
Nuncia do Eterno que me ensina a crer?

Oh! Deus que importa! se esta luz benefica
Me aquece a vida! se dizer-me vem:
Recobra esp'ranças, e recebe o balsamo
Que as magoas cura do desejo além!

E a luz que vejo, resplendendo vivida,
Oh! não, não mente... que a minh'alma a crê!
Fulgiu de uns olhos de ternura languidos
Ai! d'alma espelhos, onde amor se lê!

Já sinto e vivo porque a virgem pallida
Fitou-me os olhos e sorriu, tremeu...
E a virgem bella nos olhares pudicos
Ao triste um mundo de esperanças deu!

Minh'alma agora, n'uma crise rapida,
Trocou desgostos por ardente amor...
Tendo orvalhada d'uma aurora limpida
A flor do affecto, da esperança a flor!

Salvaste-me, anjo, dos abysmos horridos
Em que eu caira sem o teu sorrir!
Sorrir de virgem, na affeição sollicita,
Em que eu soletro: crença, amor, porvir!

MENDES LEAL (ANTONIO).

AUTO DA FÉ ÁS BRUXAS, CELEBRADO EM LOGRONHO NO ANNO DE 1610; SEGUIDO DA FAMOSISSIMA CARTA SOBRE EGUAL ASSUMPTO DO INQUISIDOR DE CALAHORRA AO CONDESTAVEL DE NAVARRA EM 1590.

Sob este titulo, publicou-se em um dos primeiros jornaes litterarios do visinho reino, o anno passado, um curiosissimo documento, que, posto tivesse já em 1820 visto a luz da imprensa, era pouco conhecido.

Este documento, que publicamos em seguida, vem no mencionado jornal acompanhado d'outro que era até então inedito, e que o senhor D. José Guell y Rente desencantou, procurando, como elle diz, dados que se referiam a outras causas mui interessantes.

Publicando-os, abstemo-nos de commentarios Satisfazem-nos as reflexões que os precedem, escriptas pelo senhor Guell y Rente.

Devemos comtudo uma declaração aos leitores.

Omittimos algumas palavras que se acham no original, porque a decencia nos aconselhou a isso. O *santo* tribunal da inquisição, que, como todos sabem, *era por extremo escrupuloso*, não recuava diante de nenhuma infamia, de nenhuma torpeza, para conseguir os seus fins, que se não sabe ao certo quaes eram.

Os dois documentos, escripto o primeiro vinte annos depois do outro, mostram o espirito evangelico do rei Filippe II e dos que compunham toda aquella caranguejola chamada santo officio, e põem em relevo a illustração da epoca em que foram escriptos. São uma das mais brilhantes paginas da historia da inquisição.

«No anno de 1820 publicou-se na imprensa de Collado o auto de fé celebrado na cidade de Logronho nos dias 7 e 8 de Novembro de 1610, sendo inquisidor geral o cardeal arcebispo de Toledo, D. Bernardo Sandoval y Rojas, annotado por D. Gines de Posadilla, que não era senão o celebre poeta D. Leandro de Moratin.

Esta relação extraordinaria no seu genero pela pontualidade com que está descripto o facto, em que figuram como foram os ministros e auxiliares da inquisição, e muitas pessoas de todas as condições; este auto da fé, famoso pela classe de delinquentes e pela crueldade das testemunhas, é digno da publicidade dos nossos tempos; mas ao desenterral-o do esquecimento, vou dar conta do notabilissimo documento que, so-

bre o mesmo assumpto escripto vinte annos antes, encontrei na bibliotheca de Madrid, buscando dados que se referiam a outras causas mui interessantes.

Tres seculos durou o tribunal da inquisição em Hespanha; tres seculos que passaram para nunca mais voltarem, deixando enlutadas e cobertas de sangue muitas paginas da nossa pobre civilisação.

Erros mui absurdos se propagaram durante o seu imperio. Delitos impossiveis de serem commettidos foram castigados com pomposa e cruel solemnidade. A autoridade dos poderes do estado caiu desfeita ante a vara do tribunal da fé. Atropellados os direitos dos homens, e as leis venerandas da Hespanha, a justiça perdeu o seu imperio, o fanatismo e a ignorancia levantaram os seus idolos e altares, e a propria razão, perturbada pelo medo e perseguição, dobrou o collo e fechou os olhos, sem levantar nenhum grito n'aquellas scenas lamentaveis e vergonhosas.

So assim se comprehende que tantos engenhos, como n'esses seculos teve a Hespanha, não deslizessem com a sua poderosa intelligencia as nuvens de *barberie* que involveram aquelles lamentaveis tempos; mas que muito que calassem, quando entre elles mesmos houve quem cresse em apparições e mysterios incomprehensiveis e fabulosos?...

Deixemos suas fraquezas, covardias ou conveniencias: não queiramos exigir d'elles o que o seculo talvez necessitava: lembremo-nos d'algumas coisas que succedem hoje mesmo, que passados estes tempos serão motivo de escarneo e despreso. Cada seculo tem as suas extravagancias: aquelles eram d'inquisição, os nossos tem suas manchas, que não quero mencionar, porque o meu fim, ao recordar o auto da fé de 1610, é juntar-lhe a carta do inquisidor de Calahorra ao condestavel de Navarra, manuscripto famoso e que lança raios de luz sobre a barbaria e crueldade d'aquelles successos.

O leitor comprehenderá o interesse d'este escripto, util para esclarecer as duvidas dos que se dedicam a escrever as causas da situação actual e os motivos da barberie passada.

João Mongaston, impressor da cidade de Logronho, com approvação de frei Gaspar de Palencia, guardião do convento de S. Francisco e consultor do santo-officio, e com licença do doutor Vergara de Porres, chantre e conego de Nossa Senhora de la Redonda da mesma cidade, imprimiu no anno de 1611 este famoso auto, que celebraram com grande pompa e vaidade D. Alonso Becerra Holguin, cavalleiro do habito de Alcantara, os licenceados D. João Valle Alvarado e Alonso de Salazar y Frias, inquisidores apostolicos do reino de Navarra e seu districto, havendo concorrido a elle grande multidão de gente de toda a Hespanha.»

— No sabbado 6 de Novembro começou esta grande ceremonia. Um rico pendão do santo-officio era a cabeça da procissão em que iam mais de mil familiares, commissarios e escrivães, muito luzidos e adornados de seus habitos e cruzes d'oiro nos peitos. Depois ia grande multidão de religiosos das ordens de S. Domingos, S. Francisco, Mercês, Santissima Trindade, da ordem de Jesus, e da maior parte dos conventos da comarca. No fim d'ella ia a Santa Cruz verde, insignia da inquisição, que era levada aos hombros do guardião de S. Francisco, qualificador do santo-officio; diante a musica dos cantores e menestreis, e fechavam a procissão duas dignidades da egreja collegial e o aguazil do santo-officio com a sua vara, e outros commissarios e pessoas graves, ministros do santo-officio, que todos em muito boa ordem levavam a plantar a Santa Cruz no mais alto d'um grande cadafalso de oitenta e quatro pés de largo e outros tantos de comprido, que tinha sido feito para o auto: e com vistosos pharoes e familiares de guarda, esteve toda a noite, até que no dia seguinte, logo ao amanhecer, sairam da inquisição.

Em primeiro logar, cincoenta e tres pessoas que foram tiradas ao auto d'esta maneira. Vinte um homens e mulheres que iam em forma e com insignias de penitentes, descobertas as cabeças, sem cintos e com uma vela de cera nas mãos, e seis d'elles com sogas na garganta, o que significava que haviam de ser açoitados. Seguiam-se logo outras vinte uma pessoas com seus sambenitos de reconciliados, e que tambem levavam suas velas nas mãos, e alguns cordas ao pescoço. Em seguida iam cinco estatuas de pessoas fallecidas com sambenitos de relaxados, e cinco ataudes com os ossos das pessoas que eram representadas por aquellas estatuas. E por ultimo, iam seis pessoas com sambenitos de relaxados, e cada uma das ditas cincoenta e tres pessoas entre dois aguazis da inquisição, com tão boa ordem e luzidos trajes, os dos penitentes, que era coisa muito para ver.

Atraz d'elles ia, entre quatro secretarios da inquisição em mui luzidos cavallos, uma carreta, que em um cofre guarnecido de velludo de tres pellos levava as sentenças; e em ultimo logar iam a cavallo os senhores inquisidores, doutor Alonso Becerra Holguin, licenceado João do Valle Alvarado e licenceado Alonso Salazar y Frias, levando no meio o mais antigo, acompanhado do estado ecclesiastico ao lado direito, e da justiça e regimento ao lado esquerdo, e um pouco adiante ia, no meio da procissão, o doutor Isidoro de S. Vicente com o estandarte da fe, postos em mui boa ordem, que representava tudo grande autoridade e gravidade.

Continua.

Publicou-se o 3.° volume da Eneida de Virgilio, por Barreto Feio — preço 1:000 reis.

Publicou-se a comedia em 3 actos e 9 quadros, Stambul, original de Aristides Abranches — preço 300 reis.

CATARACTA DA RIBEIRA DE CAUSE E MURALHA ROMANA JUNTO D'AIX.

ESTUDOS SOBRE A HISTORIA DE FRANÇA.

USOS E COSTUMES DOS FRANCEZES NO TEMPO DOS REIS DA PRIMEIRA RAÇA.

Sidonio, poeta celebre do seu tempo, e que morreu em 480, traça-nos assim o retrato dos francezes:

«Elles teem estatura alta, pelle muito branca, olhos azues; o rosto e inteiramente barbeado, á excepção do beiço superior, onde deixam crescer dois pequenos bigodes; os cabellos, cortados pela banda de traz, crescidos por diante, são loiros; o vestido é tão curto, que não chega a cobrir-lhes o joelho; e tão apertado, que deixa ver as formas do corpo. Trazem um largo cinto, d'onde pende uma pesada espada extremamen-

Vide n.° 47, pag. 369

te afiada. De todos os povos conhecidos é o que entende melhor os movimentos e evoluções militares. São de tanta destreza, que acertam sempre aonde miram; tão prodigiosamente ligeiros, que caem sobre o inimigo com a rapidez do tiro que disparam contra elle; emfim teem tamanha intrepidez que nada os apavora: podem perder a vida, mas não o valor.»

Rapar um principe era, entre os francos, reduzil-o a classe dos vassallos: tornava-se assim inhabil para reinar. Clovis, querendo apoderar-se dos estados de *Cararic*, seu parente, rei dos morinos, fel-o rapar, bem como ao filho d'este infeliz principe. Tendo o filho dito que eram ramos verdes que rebentariam um dia, pois que o tronco não estava cortado, o usurpador fez-lhes decepar as cabeças.

As casas de recreio dos antigos reis de França não eram senão ricas granjas. Bosques, tanques, estrebarias, rebanhos, escravos occupados em fazer produzir, sob as ordens d'um *domestico* ou intendente, tudo annunciava mais o util que o agradavel. Contavam-se acima de cento e sessenta em todo o reino. Os primeiros monarchas de França passavam a vida a viajar. As aldêas, abbadias, e castellos que se achavam no caminho, eram obrigados a fornecer-lhes o necessario para o alojamento e viagem, ajuntando-lhe algum presente de prata.

A caça era o seu divertimento ordinario; mas este nobre exercicio era só permittido aos principes, ou quando muito a alguns nobres privilegiados, que comtudo não podiam caçar senão em suas terras, e nunca nas possessões alheias, senão com licença do dono.

As princezas filhas dos reis tinham o titulo de *rainhas*, titulo que presagiava a sua futura alliança com algum soberano, porque não houve nenhuma no tempo dos reis Merovingianos, que deixasse de guardar o celibato, ou d'esposar um soberano.

O *maire* do palacio, que representava o que mais tarde se chamou grã-mestre, governava no palacio do rei. O conde do palacio julgava os officiaes: o referendario-mór, que foi chamado chanceller no reinado dos Carlovingianos, assignava os diplomas reaes, e sellava-os com o annel do principe: o condestavel, isto e, o conde das cavallhariças, tinha unicamente a intendencia d'estas. Estes cargos foram estabelecidos á imitação dos romanos.

Todos os annos, no mez de Março, juntavam-se as tropas sob as ordens dos seus chefes, e o rei passava-lhes revista; era a isto que se chamava *campo de Marte*. Regulavam-se ahi os interesses da monarchia: o rei, ou o *maire* do seu palacio, expunha as questões que deviam examinar-se, e a assemblea deliberava: a pluralidade dos votos decidia. O que a Dieta tinha pronunciado tornava-se lei do estado.

Clotario II reuniu muitas vezes assembleas nos seus castellos: chamava-se-lhes *placita*, d'onde veiu a palavra *audiencias*. Eram especies de parlamentos ambulatorios, compostos dos bispos, officiaes-móres da corôa, duques, condes, e barões. O de Bonneuil sobre o Marne foi um dos mais numerosos do reinado d'este principe.

693 — *Clovis* III juntou em Valencienne os estados do reino. O principe presidiu a elles com as vestes reaes. Era uma capa quadrada, algumas vezes toda branca, e outras bipartida d'azul, muito curta dos lados, comprida até aos pés por diante, e rojando pelo lado posterior. O throno, ou cadeira real em que estava sentado, era uma especie de tamborete sem braços nem costas, como para advertir o monarcha de que devia sustentar-se por si mesmo, sem o apoio de ninguem. A corôa, era um circulo d'oiro enriquecido de duas ordens de pedraria; o sceptro, uma vara do mesmo metal, de cinco a seis pes d'altura, e curva como um baculo.

Os francos combatiam a pé, com arco e flechas, espada, dardo, e uma hacha de dois gumes. O rei commandava o exercito; os duques e condes eram os seus subalternos. Estes duques e condes serviam de governadores das provincias e cidades, cuja administração tinham por commissão e em nome do principe. Não se conheciam então tropas regulares. Cada provincia tinha a sua milicia, e fazia-se marchar de ordinario a que estava mais perto dos logares onde o estado a precisava. Havia nas provincias, e particularmente nas fronteiras, viveres destinados ao sustento das tropas. Não parece que estas tivessem outro soldo além do saque. Era uso leval-o, e dividil-o em commum. A bandeira de França não era outra coisa mais que a capa de S. Martinho: um veo de tafetá, que tinha a imagem do santo, e se ia buscar em grande pompa ao seu tumulo. Guardavam-na respeitosamente em uma barraca, e passeavam-na em triumpho ao redor do campo, quando estavam proximos a pelejar.

Antigamente os reis de França nomeavam os bispos, sem esperar a approvação do povo e do clero. O povo tinha só o direito de reconhecer: os papas ainda não tinham arrogado a si o de confirmar. Enviava-se-lhes simplesmente uma profissão de fé, e pedia-se-lhes a communhão; era a unica homenagem que então se prestava á côrte de Roma.

Clovis redigiu a lei salica, na qual o direito de successão á corôa não era expressamente regulado, como se crê commummente. Ella diz so que, *em attenção á terra salica, as mulheres não teem parte alguma na herança*; o que nada tinha que ver com a casa real em particular, porque se chamavam *terras salicas* as que se derivavam do direito de conquista. A successão a corôa não foi concedida unicamente aos varões senão por uso, que se tornou lei constitutiva do estado.

A legislação dos francos limitava-se a fixar certas sommas para remir os crimes. O roubo e o homicidio estavam taxados. Só o crime d'estado era punido de morte. Purificavam-se pelo duello, ou se batessem em pessoa, ou tomassem um representante; e a victoria decidia da innocencia do vic-

torioso, ou da legitimidade do direito que defendia. A religião e a razão fizeram por muito tempo inuteis esforços por annullar este barbaro costume, vindo do norte, prescripto pelos borguinhezes, adoptado pelos francezes, e que se sustentou quasi doze seculos, apesar dos anathemas fulminados contra elle.

Para certificar as coisas duvidosas, fazia-se prestar juramento a um numero maior ou menor de testemunhas, segundo a importancia do negocio, e o merito ou qualidade das pessoas. Foi assim que Fredegunda provou ao rei Gontran, que Clotario, seu filho, o era tambem de Chilperico: ella jurou, e fez jurar comsigo trezentas testemunhas. O juiz, para advertir as testemunhas a que prestassem attenção ao juramento que iam fazer, puxava-lhes uma orelha, ou dava-lhes uma pequena bofetada.

Quem feria um homem na cabeça, pagava a multa de quinze soldos d'oiro (o soldo d'oiro valia pouco mais ou menos quinze libras). Quem despia um morto, pagava trinta.

Continua.

O GALEÃO ENXOBREGAS.

(Scenas navaes do seculo XVII.)

Conclusão.

VI

CATASTROPHE!

O mar dos Açores não affrontou o galeão, nem os piratas do norte o insultaram n'aquellas paragens, pouco seguras então.

Já as ilhas ficavam pela popa depois de dez singraduras, e os pilotos se faziam com a costa de Portugal, quando ao anoitecer do dia 13 de Janeiro de 1652, a gente do Enxobregas viu com assombro e terror um corpo luminoso, cuja extremidade inferior se agitava no espaço como se fosse baloiçada pelo vento.

«Senhor Jesus, misericordia!» bradaram os marinheiros, caindo em giolhos no convez: «Misericordia, que se acaba o mundo!»

O padre Jeronymo da Conceição dispunha-se a dar absolvição geral áquelles peccadores, quando Pero Dourado acudiu, rindo, a socegar os espiritos da marinhagem.

O velho piloto era sabedor da sua arte, e não supersticioso.

«Amigos, disse elle com voz segura; aquillo é um cometa; não faz damno aos homens do mar. Anda longe, e não se mette comnosco.»

Pantaleão Vaz, ainda moço, posto que já bom contramestre, tambem não cria em contos de bruxas, e achegando-se dos timoratos com uma boa *róta*, ás chibatadas lhes acabou de sacudir o medo, que as palavras do piloto tinham começado a dissipar.

Hevelius notou n'este cometa, e depois no de 1661, fortes ondulações na cauda, como antes e depois outros astronomos affirmaram ter observado em differentes cometas.

A noite passou sem novidade; e ao primeiro alvor da manhã uma tarja negra que se enxergou no horisonte, pela prôa, veiu alegrar os nautas, patenteando-lhes a terra da patria.

Como é doce, ao cabo de trinta e dois mezes de ausencia, tendo arrostado com toda a sorte de perigos e trabalhos, avistar o paiz natal!

E que dôr, quando um contratempo protrahe ou aniquila a suave esperança de pisar esse solo querido, e abraçar os parentes e os amigos!

Que alegria reinava n'esse momento a bordo do galeão... quem diria que em poucas horas se ia transformar em profunda tristeza!!!...

Uma vela, duas, quatro, oito, doze, vinte... appareceram successivamente pela prôa do galeão, saindo de traz do Cabo da Roca!... E o Enxobregas estava tão perto d'esse Cabo que, a serem inimigos, não era possivel fugir-lhes.

E eram inimigos, e crueis!... As meias luas de prata destacavam no fundo vermelho das bandeiras que aquelles navios arvoravam!

Naus de turcos, inimigos da cruz de Christo que hasteava o galeão portuguez, cercavam aquella pobre gente, morta de cansaço, extenuada pelas privações!

«Oh!... O cometa! exclamaram então os supersticiosos marinheiros... Vejam se elle não annunciava desgraça!»

E o seu primeiro desejo foi lançarem ao mar o piloto e o contramestre, que não criam em presagios.

Porém o inimigo aproximava-se a alcance da artilharia, mais em tom de festa do que de guerra, ao que parecia, pois vinham embandeiradas todas as naus, e na capitania ou almiranta se tangiam ruidosamente varios instrumentos musicos.

A peleja era inevitavel, e o seu resultado pouco duvidoso.

Vinte contra um, e aquelles robustos, e este enfraquecido... taes eram as proporções da lucta que se apresentava.

Ali, tão perto, a patria, a salvação.... Aqui, quasi certa a morte, ou o captiveiro!

Bastião de Moraes, *o dos oculos*, o de forte coração, dirigiu-se a sua gente n'estas concisas palavras:

«Quem prefere a deshonra a uma morte gloriosa, arrie o batel, e vá entregar-se aquelles perros descridos... O resto ponha lestes a artilharia, as lanças ao alcance do braço... e fogo e ferro sobre os infieis.»

«Viva o nosso capitão-mór!» bradou unisona toda a tripulação: «Viva Portugal, e morramos todos com honra pelo serviço de Deus e d'el-rei!»

«Eis-aqui quem hade ajudar-nos» accrescentou o capellão alçando no ar um crucifixo.... «Elle morreu por nós; demos pois a vida pela sua santa religião!»

«A elles!... Que a capitania inimiga já está pelo nosso travez.»

«Fogo!»

E o galeão Enxobregas, alquebrado, fazendo agua, com uma guarnição diminuta, foi o primeiro a travar tão desegual batalha!

E que os seus tripulantes e passageiros sacudiram de si n'esse momento solemne e decisivo a doença, a debilidade, o temor da morte, e tornaram-se gigantes. As proprias mulheres, esquecendo a fraqueza do seu sexo, armaram-se para o combate. Em poucos momentos tudo estava a postos, e um bem sustentado fogo vomitava sobre o inimigo uma chuva de pelouros.

Gil Corrêa, o dispenseiro imprevidente, que vinha em ferros no porão para ser sentenceado em Lisboa, quebrou as algemas, e apparecendo na tolda, de espada em punho, pediu ao capitão-mór, pelas Chagas de Christo e por sua Mãe Maria Santissima, que o deixasse morrer pelejando contra os inimigos da fe, ao lado dos seus camaradas. Todos louvaram o nobre proceder do dispenseiro, e a licença foi concedida sem delonga.

D. Catharina, empunhando tambem um montante, e chispando fogo dos negros e brilhantes olhos, parecia o anjo do exterminio, alçado sobre o chapiteo do galeão. Alguns passos distante d'ella, o principe D. Martinho dirigia o fogo das *esperas* da tolda, e mostrava amplo prazer, contemplando o quadro de destruição que se desenrolava ante seus olhos. Ruy da Cunha estava á bandeira, e D. Leonor acompanhava-o, não com lagrimas que enfraquecessem o animo do esforçado cavalleiro, mas com palavras de consolação e esperança, e brandindo egualmente uma espada.

O capitão corria o navio de popa á prôa, de um bordo a outro, visitando ora o convez, ora a coberta, e determinando fogo continuo em ambas as baterias, a bombordo e a estibordo ao mesmo tempo, porque as galés e as naus dos turcos estreitavam o galeão em um circulo infernal.

Todos faziam o seu dever; mais do que o seu dever... prodigios de heroicidade! Velhos, moços, livres, escravos, creanças, mulheres rivalisavam em coragem! Porem o combate não podia ser de longa dura, pela differença numerica dos contendores e das boccas de fogo.

Uma das maiores naus inimigas lançou os arpeos da abordagem ao galeão, e a gente do Enxobregas deixando de responder ao fogo dos outros vasos contrarios, correu toda á borda a que se encostara o turco: e em quanto os mahometanos, de alfange na mão, saltavam ás enxarcias e ao convez da nau portugueza, os nossos abriam, com a espada e com a lança, caminho para a embarcação inimiga, pelas portinholas da sua artilharia; e davam um combate na coberta inferior d'aquelle alteroso navio, ao mesmo tempo que não menos cruenta batalha se pelejava na tolda do Enxobregas.

«Rende-te!» Era o grito furioso que se escutava n'aquelles recintos, ora proferidos em arabe, ora em portuguez.

Aquelles encarniçados inimigos não poupavam mutuamente nenhum meio de se hostilisarem, por mais horrivel que fosse. Os turcos buscavam incendiar o galeão, que não suppunham facil de apresar, em vista da tenaz resistencia que lhe oppunham os nossos; e os portuguezes, contando com a morte certa, faziam eguaes diligencias com relação á nau dos infieis, pois queriam, á similhança de Sansão, involver na propria ruina a destruição dos contrarios.

Moiros e christãos realisaram os seus desejos. O fogo appareceu simultaneamente nas duas naus, rompendo pelas escotilhas em espadanas de fogo, lambendo os mastros, e enredando-se nos óvens da enxarcia.

Nem a presença de tão horrivel quadro fez abrandar o combate. Em quanto alguns turcos acudiam a apagar o incendio da sua embarcação, diligenciando separar-se da nossa; os portuguezes, sem lhe importar com a propria ruina, perseguiam os inimigos em retirada, e obstavam á desunião dos dois vasos. Entretanto a capitania, atravessada a pouca distancia da popa do Enxobregas, começava a metter-lhe balas de coxia, que varriam o convez e a coberta.

Um pelouro de trabuco varou o peito de Ruy da Cunha, que vibrava a espada com a mão direita e segurava com a esquerda a driça da bandeira nacional. Baqueando sobre a varanda, e sentindo-se morrer, abraçou a querida esposa, e só teve força para lhe dizer estas palavras:

«Não te deixes aprisionar pelos infieis...»

E acabou!

D. Leonor, vendo o navio em chammas, abraçou-se com o cadaver do marido, e lançando-se com elle no mar, foi acompanhar no fundo das aguas, e por toda a eternidade, aquelle de quem nunca se separara em vida.

Já não restava a menor esperança de salvação, nem para os nossos, nem para aquelles que tiveram a imprudencia de se aproximar tanto de homens desesperados. Banhado em sangue, no seu posto, jazia o velho piloto; e o padre Jeronymo, depois de o ouvir de confissão, absolveu-o em nome de Deus, correndo em seguida a prestar as ultimas consolações a mestre Fernandes, que acabava de cair tambem, mortalmente ferido.

D'ahi, vendo abaterem-se os mastros de que o fogo se apossara, e conhecendo bem que era chegada a ultima hora para todos aquelles peccadores, o padre subiu á borda, lançou a absolvição sobre todos os seus companheiros de viagem, e com a nobre abnegação de um martyr do christianismo, passou á nau contraria, a metter-se no meio da refrega, com a cabeça inclinada sobre o peito, e abraçado á cruz do Redemptor, achando ali poucos instantes depois a morte que buscava da mão dos infieis.

O capellão não chegou a ver o ultimo acto d'este sanguinolento drama. Sem esperanças de parte a parte, os contendores pelejavam não ja como

homens, nem como leões, mas como demonios!

Bastião de Moraes, mal ferido, ensanguentado, defendia-se só, e com a espada quebrada, contra vinte alfanges que lhe vibravam não interrompidos golpes. D. Martinho cobria com o seu o corpo de Catharina, disputando aos sabres mauritanos o resto de vida que ainda animava aquella heroina, horrivelmente mutilada no combate. Era um quadro medonho!

As naus turcas não vinham em auxilio d'aquella que aferrara o galeão, porque temiam o contacto do incendio que lavrava a olhos vistos, e receiavam mais ainda alguma explosão dos paioes da polvora. Tinham-se amarado algum tanto, porque o vento e a corrente arrastavam para a enseada de Cascaes os dois vasos incendiados. O povo acudia á praia, armado de chuços, velhos mosquetes e espadas, para soccorrer, sendo possivel, os seus compatriotas do galeão, que luctavam com coragem heroica nos ultimos trances da vida; porem nenhum auxilio lhes poderam prestar, porque, antes de chegarem á terra, as duas naus, que successivamente se iam afundando, mergulharam de todo, e foram a pique.

Ainda entre as vagas, nadando com o braço esquerdo, e esgrimindo a espada com a mão direita, alguns dos contendores pelejavam um combate sem egual nos fastos da guerra; e um só d'estes desgraçados, cortado de mil golpes, rolava para a praia, seguro a um madeiro.

Os esquifes turcos que se aproximaram do logar d'aquella estranha batalha, já não recolheram senão cadaveres!

Pouco depois a armada do sultão fez-se ao largo, em busca de mais facil presa.

O homem arrojado a praia era um portuguez, o *Cheira-Dinheiro*, unico que escapou do galeão Enxobregas. Foi elle que contou os promenores da viagem e successos do mesmo galeão a um frade da Terceira Ordem de S. Francisco, o qual deixou escripta, mas não impressa, uma relação dos referidos acontecimentos, que por acaso nos veiu á mão, vasculhando nas ruinas de um convento da ordem, e que fielmente transportámos para as columnas d'este jornal.

FINIS LAUS DEO.

F. M. BORDALO.

AUTO DA FÉ AS BRUXAS, CELEBRADO EM LOGRONHO NO ANNO DE 1610; SEGUIDO DA FAMOSISSIMA CARTA SOBRE EGUAL ASSUMPTO DO INQUISIDOR DE CALAHORRA AO CONDESTAVEL DE NAVARRA EM 1590.

Continuação.

Chegados ao cadafalso, os penitentes foram postos em uns degraus muito altos que estavam n'elle, por baixo da Cruz: as onze pessoas que haviam de ser relaxadas, que eram cinco homens e seis mulheres, no mais alto degrau, e logo os reconciliados, e no mais baixo os que haviam de ser penitenciados. E da outra parte do tablado, em frente, se subia por onze degraus ao sitio onde se pozeram os senhores inquisidores, tendo o estado ecclesiastico á mão direita, e a cidade e cavalleiros á esquerda, e no mais alto do primeiro degrau se sentou o fiscal do santo-officio com o estandarte. E os consultores e qualificadores, e os religiosos e ecclesiasticos se accommodaram nos ditos degraus, em que cabiam até mil pessoas. Todo o restante do tablado estava cheio de cavalleiros e pessoas principaes, e no meio levantava-se um pulpito quadrado em que se punham os penitentes quando lhes eram lidas as sentenças pelos secretarios do santo-officio, que para lêl-as se subiam a outros dois pulpitos que estavam em partes commodas do estrado.

Começou-se o auto por um sermão que pregou o prior do mosteiro dos dominicos, que é qualificador do santo-officio, e n'aquelle primeiro dia se leram as sentenças das onze pessoas que foram relaxadas á justiça secular, que por serem tamanhas e de coisas tão extraordinarias, occuparam todo o dia ate que ia anoitecer, que foi quando a dita justiça secular se encarregou d'ellas, *e as levou a queimar*, *seis em pessoa*, e as cinco estatuas com seus ossos, por terem sido convencidas de que eram bruxas e tinham commettido grandes maldades. Excepto uma, que se chamava Maria de Zozaya, que foi confitente, e a sua sentença das mais notaveis e espantosas de quantas ali se leram. E por ter sido mestra e ter feito bruxas a grande numero de pessoas, homens e mulheres, meninas e meninos, ainda que foi confitente, se mandou queimar por ter sido tão famosa mestra e dogmatisadora.

N'este auto verificaram-se muitas sentenças, e antes d'acabar, o inquisidor Holguin com grande gravidade, tendo suspensa e admirada a multidão, tirou o sambenito a bruxa Maria de Yurreteguia para que fosse exemplo da misericordia do santo tribunal, e pela dôr com que havia sido boa confessada e animo com que se tinha defendido dos bruxos que a queriam tornar a reduzir á sua seita. E com isto se acabou aquelle auto.

Esta mulher tinha declarado que na seita dos bruxos os havia mestres e mui antigos, de quem o diabo se aproveitava para fazer proselytos, que logo levavam ao Aquelarre (que em vasconço quer dizer prado do cabrão, porque n'essa figura apparecia aos bruxos), e ali acabavam de ser instruidos nos maleficios. O mestre ou mestra que convence alguem para entrar na seita, em um dos dias que ha Aquelarre, duas ou tres horas antes da meia noite, vae ao logar onde esta descansando o neophito, e depois de despertal-o, unta-lhe com uma agua verdenegra e hedionda as mãos, peitos.... e plantas dos pés, e logo o leva comsigo pelo ar, tirando-o pelas portas ou janellas que lhe abre o demonio, ou por qualquer abertura da porta, e com grande velocidade e presteza chegam ao Aquelarre, campo assignalado para as suas reuniões, onde em primeiro logar, apresenta o bruxo velho o seu noviço ao demonio, que está sentado em uma cadeira, que umas vezes

parece de oiro e outras de madeira negra, com magestade e gravidade, e com rosto muito triste, feio e irado (que por então se representa em figura de homem negro, com uma corôa de cornos pequenos, e tres d'elles são mui grandes, e como se fossem de bode, um dos quaes está na frente com que dá luz e allumia a todos os que estão no Aquelarre, e a claridade é maior que a da lua e muito menos que a que dá o sol; é a que basta para que todas as coisas se vejam e conheçam), tem os olhos redondos, grandes, muito abertos, acesos e espantosos, a barba como de cabra, o corpo e figura como entre homem e bode, as mãos e pés com dedos como de gente, mas todos eguaes, aguçados para as pontas com unhas rapantes, e as mãos curvas como ave de rapina, e os pes como se fossem de ganso. E tem a voz espantosa, desentoada, e quando falla sôa como um macho que zurra, e as palavras que falla são mal pronunciadas que não se deixam entender claramente, e sempre falla com voz triste, rouca, ainda que com muito grande gravidade e arrogancia, e o seu semblante é muito melancolico, e parece que sempre está desgostoso.

E quando a bruxa mestra lhe apresenta o noviço lhe diz: *Senhor, trago e apresento-vos este:* e o demonio se lhe mostra agradecido, e diz que o tratará bem para que com aquelle venham muitos mais. E logo o mandam pôr de joelhos em presença do demonio, que renegue na forma e das coisas que a bruxa sua mestra o instruira, e dizendo-lhe o demonio as palavras com que hade renegar, as vae repetindo, e renega primeiramente de Deus, da Virgem Santa Maria, sua mãe, de todos os santos e santas, do baptismo e confirmação e d'ambas as chrismas, e de seus padrinhos e paes, da fé e de todos os christãos, e recebe por seu deus ao demonio, o qual lhe diz que d'ali em diante não hade ter por seu deus e senhor ao dos christãos, mas a elle, que é o verdadeiro deus e senhor que o hade salvar e levar ao paraiso.

E logo o recebe por seu deus e senhor, e o adora beijando-lhe a mão esquerda, a bocca e os peitos, em cima do coração... e logo se volta sobre o lado esquerdo, e levanta a cauda (que é como a que teem os jumentos) e descobre aquella parte que é mui feia, suja e fetida, e o beija tambem debaixo da cauda. E logo o demonio estende a mão esquerda, e baixando-a pela cabeça para o hombro esquerdo ou em outras differentes partes do corpo (segundo lhe parece) lhe faz uma marca, fincando-lhe uma de suas unhas, com que lhe faz uma ferida e tira sangue, que recolhe em alguma vasilha, e o bruxo noviço sente da ferida mui grande dôr, que lhe dura por mais d'um mez, e a marca e signal por toda a vida; e depois na menina dos olhos, com uma coisa quente como se fosse d'oiro, lhe marca (sem dôr) *um signal com que se conhecem os bruxos uns aos outros.*

E logo o demonio dá á mestra certas moedas de prata em preço e compra d'aquelle escravo, e um sapo vestido, que é um demonio n'aquella figura, para que sirva como de anjo da guarda ao bruxo noviço que renegou. E é coisa notavel, que pela maior parte as moedas desapparecem, e que a bruxa mestra não tira proveito d'ellas, principalmente se as não gasta dentro de vinte e quatro horas depois de as receber. E o sapo sempre fica em poder dos bruxos, tendo-o e sustentando-o a mestra muito tempo, até que o demonio lh'o manda entregar ao bruxo noviço. Tambem é coisa notavel, que a marca que o demonio lhes faz é de tal condição que com ella lhes insensibilisa a parte onde entra a unha: de maneira que ainda que por ella lhes mettam uma agulha ou alfinete não sentem dôr nenhuma.

Acabado o acto de renegar, o demonio e demais bruxos antigos que estão presentes, advertem o noviço que não hade pronunciar o nome de Jesus, nem da Virgem Santa Maria, nem se hade persignar nem benzer: e logo lhe mandam que va folgar e bailar com os outros bruxos ao redor d'uns fogos fingidos que o demonio ali apresenta, e lhes diz que aquelles são os fogos do inferno; e que entrem e saiam por elles, e verão como não queimam nem dão nenhum tormento: e que assim, pois não ha mais pena do que aquella no inferno, folguem, tenham prazer, e não temam fazer o mal que puderem; pois os fogos do inferno não queimam nem fazem mal nenhum: com o que se animam a commetter todo o genero de maldades, e folgam e se entreteem bailando e dançando ao som de tamborim e flauta, que no Aquelarre de Zugarramurdi (do qual eram quasi todos os ditos), tangia um que se chamava João de Goiburu, ao som do tambor, que tocava outro por nome João de Sansin, ambos primos, que foram tirados do auto e reconciliados por terem sido bons confessados: e duram nas ditas danças e bailes, fazendo festa ao demonio (que os está vendo), até que é hora de cantar o gallo, depois de meia noite, que voltam todos a suas casas acompanhados dos seus sapos, e se desfaz a reunião, porque não pode estar mais tempo, e em muito pouco chegam a suas casas.

E o dito João de Goiburu algumas noites que vinha ao Aquelarre de outro logar que estava a duas leguas do de Zugarramurdi, confessa que quando voltava a elle, se era chegada a hora de cantar o gallo, o seu sapo desapparecia-lhe, e o seguia a pé até chegar a casa, porque não podia ir mais pelo ar.

Continua.

A MINHA ESTRELLA.

N'esse manto recamado
De parcellas luminosas,
Brilhando todas formosas,
Não vês um astro encantado
Melancolico appar'cer?
Como se espelha nas aguas
Que bem se casa c'o as magoas
Como attenua o soffrer!

Meiga a lua — astro saudoso
Que de mysterios murmura!
Muito mais á desventura,
Muito mais do que ao ditoso,
Ou de opulencia ou d'amor,
Na pallidez que a distingue
Nunca a tristeza se extingue,
Mas e tristeza sem dôr!

Ao pé não vês uma estrella,
Seguindo-a sempre constante,
Que brilha como o diamante
Tão radiante como bella
E de attractivo sem par?
Pois essa magica chamma
E que esta minh'alma inflamma
E a que sempre eu heide amar.

Não me apparece de dia
Se me vê, não posso vêl-a...
Porque se esconde assim ella?
É p'ra ter mais poesia
Quando á noite vem fulgir,
E p'ra mattar-me a saudade
E com mais intensidade
Sobre o triste reflectir.

Se as vezes nuvem traidora,
Ou cerração traiçoeira,
Vem roubar-me a companheira,
Triste a minh'alma deplora
A terrivel privação;
Mas se ao depois me apparece,
Em mais santo amor me aquece,
Mais me exalta o coração.

Existem astros na terra,
Nenhum porém fulge tanto!
Nenhum tem tamanho encanto
Como o encanto que este encerra
Pelo menos para mim!
Ha-os na terra formosos,
Mas são todos caprichosos,
Nenhum é constante assim.

Oh! scintillante rainha!
Bem me vês, sou teu captivo...
Serei teu em quanto vivo
Como ahi no espaço es minha,
Minha só de mais ninguem.
Podem outros encarar-te,
Mas esses hãode deixar-te
Por astros que o mundo tem.

Não, como eu ninguem te admira,
Ninguem te chama incessante,
Ninguem ao ver-te radiante
Ai! como eu por ti se inspira
E na poesia e no amor...
Se es toda a minha alegria!
Se es a estrella que me guia
Nas trevas da minha dôr!

N'UM ALBUM.

Ai! donzella, tu suspiras,
Porque suspiras, diz la?
Baixas os olhos e coras?
Porque motivo sera?

São amores, querido anjo?
Pois tão nova, com taes annos,
Já tens o peito captivo
Amas, e choras enganos?

Infeliz e debil planta,
Te sacode o vendaval
D'um desengano immer'cido
Ou d'uma illusão fatal?

Chora, pois, chora, donzella,
Que os prantos na tua edade
São como orvalhos da aurora
E não regam a saudade.

Se o tormento hoje te punge,
Se o soffrer, se exhala em ais
Louva, tonta, a Deus e pede
Que t'os não dê mais fataes!

Chora, pois, chora, donzella,
Que o pranto na tua edade
Da vida lava o desgosto
Do peito arranca a saudade.

MENDES LEAL (ANTONIO).

A GRATIDÃO.

A gratidão e a reminiscencia do coração; e a agradecida recordação de um obsequio recebido, combinada com o desejo generoso de produzir uma grata sensação.

A gratidão indica sempre grandeza d'alma, e nobreza de sentimentos; as acções que ella produz, são as que mais se distinguem, avultam, e brilham entre as virtudes humanas. Cumpre observar, que os maiores heroes foram em geral os mais gratos aos serviços recebidos. Pyrrho, Alexandre, e Affonso rei d'Aragão, recordavam constantes os serviços os mais triviaes que se lhes prestavam.

A terra da thesouros abundantes aos que lhe confiam as sementes, e os rios restituem ao mar as aguas que d'elle receberam pelos vapores da noite. Os animaes que são os mais nobres em seus instinctos, são os que dão maiores mostras de gratidão.

Um coração verdadeiramente grato, encarece o beneficio recebido, recorda o favor, e esquece só os que faz. A verdadeira gratidão nunca deslembra o bem que lhe fizeram, e não deixa de patenteal-o, ainda quando o bemfeitor se torna seu inimigo. Ainda mais, se acontece este morrer, sobrevive a gratidão, e a acção se transfere para os descendentes do fallecido.

Quando se diz a um bemfeitor que lhe somos gratos, é esta uma phrase banal de civilidade commum, porém não é prova de gratidão, nem de retribuição adequada ao obsequio recebido. São os outros os que devem memorar a nossa gratidão, e pagar um justo tributo á virtude do bemfeitor. A gratidão concilia-nos o respeito e a amisade d'aquelles que a presenceiam, porque as almas generosas comprazem-se em apregoal-a, e as almas mesquinhas são obrigadas a respeitar a virtude que são incapazes de imitar. Com um exemplo de verdadeira gratidão, apregoado na Historia d'Inglaterra no reinado de Henrique VIII, deparámos hoje, que nos pareceu digno de ser repetido.

Quando o orgulhoso Walsey decaiu da graça de Henrique VIII, os seus eguaes abandonaram-o, e os seus inferiores despresaram-o todos, com excepção porém de um cavalheiro por nome Fitz-Williams, que o ministro havia protegido no meio do seu valimento, empregando-o em um logar rendoso. Williams continuou apregoando os talentos e altas qualidades do estadista sem se afastar do seu lado; fez mais, para manifestar o quanto lhe era grato, convidou o ministro decaido da graça real para a sua casa de campo, onde o teve por hospede por largos dias, tratando-o com o mesmo respeito e consideração com que o tratava na epoca do seu valimento.

El-rei sabedor do que se passava mandou chamar á sua presença Fitz-Williams, e recebendo-o com ar severo, perguntou-lhe com semblante irado—«Como ousara albergar em sua casa um homem que descaira da sua graça, e que vergava sob o peso de uma accusação de alta traição?» «Senhor, respondeu Williams com toda a placidez, e nobreza de animo, não recebi em minha casa o decaido ministro d'estado, nem o reo de alta traição; hospedei em minha casa o meu bemfeitor, o meu protector, aquelle que me deu o pão para meus filhos, e a tranquillidade de que tenho gosado. Ah senhor! se eu o tivesse abandonado no meio da sua desgraça, eu seria o mais ingrato de todos os homens.»

Esta nobre resposta desarmou a severidade do rei, que não póde deixar de admirar a gratidão de que dava mostras Williams, que poucos tempos depois foi nomeado cavalleiro, e em seguida feito membro do *conselho privado*, em testemunho da real approvação pelo seu nobre procedimento.

* * *

UM BOM ECCLESIASTICO.

Passando um sacerdote por uma rua desviada, lançaram d'uma janella uma pouca d'agua a ferver que o molhou da cabeça aos pés. Limpou-se, enxugou-se o melhor que póde, e chegou á sua casa com passo vacillante. Quando a ama o viu com a cara inchada e empolada em muitas partes, começou a gritar induzindo-o a vingar-se.

— Meu Deus! como v. m.ce vem, senhor padre! E que fez a esses miseraveis?

— Agradeci-lhes.

— Agradeceu-lhes!... Porque?

— Por não terem deitado a vasilha atraz da agua, pois n'este caso, em vez de me escaldarem, ter-me-hiam quebrado a cabeça.

FRAUDE ENGENHOSAMENTE DESCOBERTA POR CHRISTIERNO IV REI DE DINAMARCA.

Rosenbranks, subdito dinamarquez sob o reinado de Christierno IV, exigiu da viuva Iull o pagamento de cinco mil duros, que pretendera ter-lhe ficado a dever o marido da viuva. A viuva que sabia consciencioso mente que seu marido não devia similhante somma, negou a divida, declarando que tanto a assignatura do fallecido marido, como a sua propria, que apparecia na declaração de divida, eram ambas falsas.

Começou-se uma demanda, e correndo os seus tramites, afinal Rosenbranks obteve sentença contra a viuva. Esta, protestando contra a injustiça que se lhe fazia, appellou para o rei Christierno, e apresentando-se-lhe invocando o testemunho da Providencia, declarou solemnemente que a obrigação era uma falsidade feita para se lhe extorquir similhante somma, por quanto nem o fallecido seu marido nem ella deviam coisa alguma a Rosenbranks, que por acto de vingança lhe intentara aquelle processo.

O rei informado cabalmente da probidade da viuva Iull, prometteu-lhe que mandaria indagar o caso, e que lhe outorgaria justiça. Mandou pois aconselhar Rosenbranks que desistisse da pretenção, e não podendo conseguir d'elle coisa alguma, chamou-o á sua presença, ordenando-lhe viesse munido com a obrigação de divida.

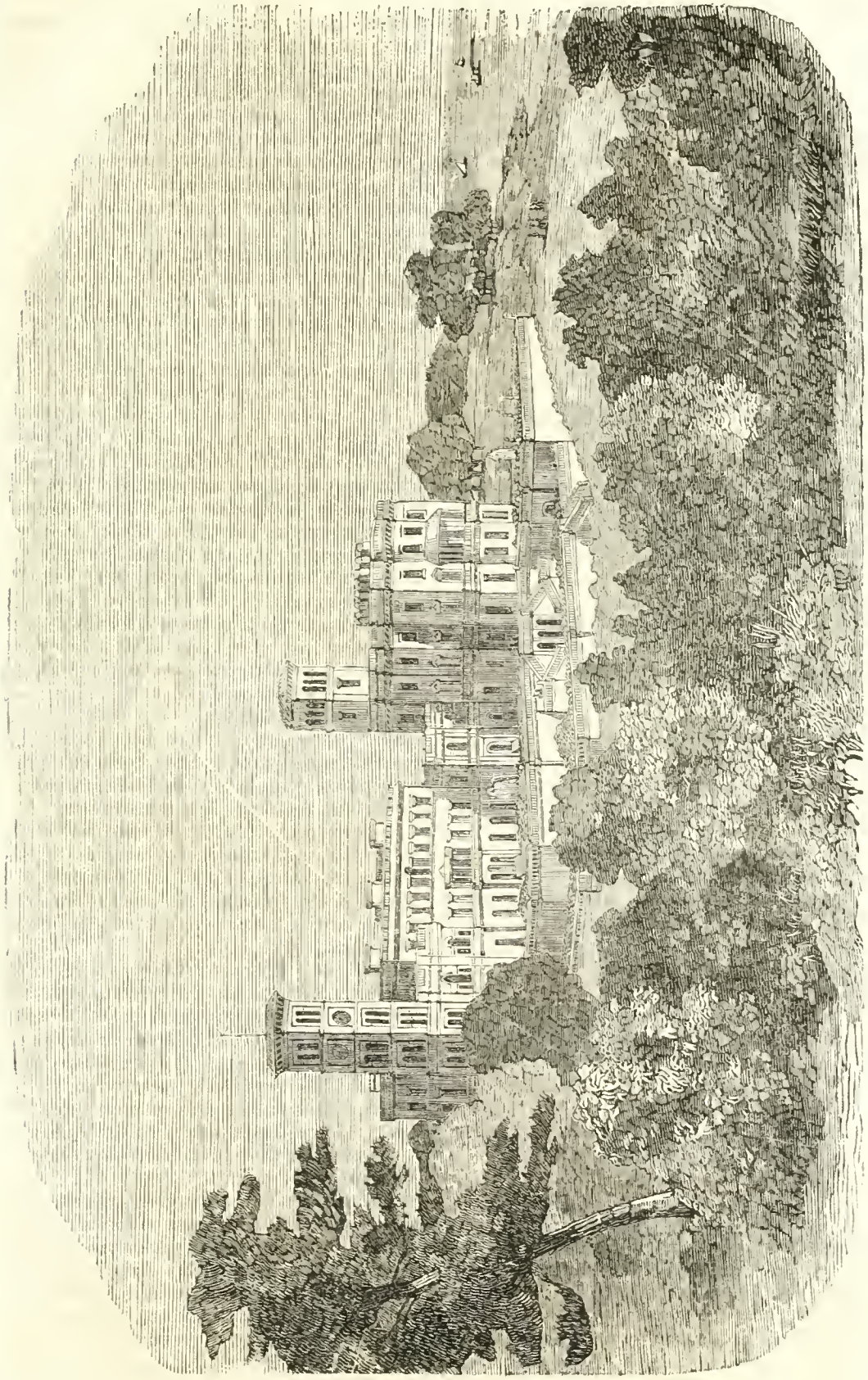
Rosenbranks obedeceu, e Christierno tendo exigido a obrigação, depois de a ler e examinar, lhe ordenou a deixasse em seu poder, e voltasse dias depois para lh'a restituir.

Christierno em seguimento mandou chamar o fabricante que tinha feito o papel, e mostrando-lhe o documento, quiz que elle declarasse se n'aquelle anno, que a marca d'agua inculcava, elle fabricara aquella qualidade de papel. O fabricante sem hesitação declarou que não, e foi buscar a qualidade de papel que fabricava na data do anno que figurava no documento, accrescentando que da qualidade em questão havia seis annos que não se fabricava. O rei, satisfeito com esta prova evidente da fraude, mandou processar Rosenbranks, e punil-o severamente.

* * *

A religião é tão necessaria, que até Voltaire disse, que — *se um Deus não existisse, seria necessario invental-o.*

As procissões são os actos da religião, a que se vae com menos devoção.



PALACIO D'OSBORNE, NA ILHA DE WIGHT.

PALACIO D'OSBORNE, NA ILHA DE WIGHT.

Ha dias apresentando a vista do castello de Carisbrooke, promettemos dizer alguma coisa sobre o palacio d'Osborne, residencia da rainha Victoria na ilha de Wight. Cumprindo agora a promessa que então fizemos, offerecemos aos nossos leitores o desenho do mesmo palacio, e a sua descripção feita por madame Luisa Colet, a quem já devemos a de Carisbrooke.

Osborne é a propriedade particular da rainha d'Inglaterra, e, de todas as suas residencias, a que prefere habitar. Apraz-lhe, d'accordo com seu marido, o principe Alberto, embellezal-a e augmentar as suas casas e jardins. Outr'ora Osborne pertencia a lady Blackford: era uma propriedade de familia cercada por uma tapada. A herdade visinha era do seculo d'Isabel; restaurou-se completamente sem se mudar nada do primitivo estylo. Outras propriedades adjacentes foram successivamente unidas á da rainha. O palacio é limitado a oeste pela grande estrada de *East-Cowes* a Newport, e a éste pelos rochedos chamados *King's-Quay*, que uma tradição indica como tendo servido de logar de refugio ao rei João, perseguido pelos barões rebeldes; ao norte está o canal de *Solent*, que serpeia por entre terras mattagosas.

Ao redor do palacio ha magnificos passeios. A *torre dos signaes* tem cento setenta pes d'altura, e a do *relojo* noventa. Dois largos terrados, um dos quaes — o da fachada principal — tem dezesete pés d'altura, e o outro dez, são um dos logares de descanso preferidos pela rainha. Os mais bellos quartos, ao *rez-de-chaussée*, são espaçosos e de elegancia verdadeiramente franceza; a *torre dos signaes* communica com uma galeria descoberta, que se estende sobre toda a fachada nordeste do castello. Do outro lado, a entrada das carruagens dá sobre um immenso taboleiro de relva, circundado d'arvores raras vindas da India e da Australia. A collina sobre que o palacio está situado é pouco mais ou menos da altura das que o cercam. Do cimo das torres, a vista é admiravel.

A rainha Victoria abandona em Osborne a etiqueta da côrte. Ahi, em um pavilhão especialmente destinado ás occupações mais familiares, assiste ao trabalho dos filhos, e assegura-se que as princezas ahi aprendiam a cosinhar, e os principes cada um sua profissão mechanica.

BASTIAT.

Quando se falla no autor das *Harmonias*, entende-se geralmente que é de Lamartine que se trata; porém ha um outro livro de *Harmonias*, menos conhecido do vulgo do que os versos do illustre poeta, e que todavia tem um merecimento superior, uma originalidade sem par no seu genero: é a obra prima de Frederico Bastiat.

Quem leu á frente das *Oeuvres completes* d'este autor a sua biographia, escripta por Miguel Chevalier, ou folheou a noticia sobre a vida e escriptos do mesmo por R. de Fontenay, ou finalmente passou pelos olhos algum outro dos muitos opusculos que se occupam d'este talento brilhante, que amenisou a economia politica, não se incommode a ler as seguintes linhas, despretenciosas de louvores, e unicamente destinadas a apresentar, aos que o não conhecem, este grande homem do nosso seculo, fallecido não ha muitos annos, e que se chamou na terra Frederico Bastiat.

O illustre economista nasceu em Bayona a 19 de Junho de 1801, quando as armas victoriosas de Buonaparte enchiam de pasmo e terror as nações da Europa. Orphão aos nove annos, e sem irmãos, o joven Frederico ficou sob a tutela de seu avô; e serviu-lhe de mãe sua tia, Justina Bastiat, que lhe sobreviveu ainda.

Tendo concluido os estudos no collegio de Sorrèze, em 1818, entrou na casa de commercio de seu tio em Bayona; mas apesar do prosaismo de tal occupação, Bastiat não deixava corromper-se o espirito com que Deus o dotara, estudando fervorosamente os idiomas, a musica, a litteratura franceza, ingleza, italiana, as questões religiosas e a economia politica.

Na edade de vinte e dois para vinte e tres annos dedicou-se á agricultura, tratando de fazer melhoramentos nas terras que herdara de seu avô, em Mugron, nas margens do Adour; o resultado, porém, d'estes esforços foi pouco satisfatorio para o emprehendedor.

N'este isolamento do campo encontrou um amigo verdadeiro, Felix Coudroy; como no collegio tivera outro, V. Calmètes; como depois possuiu um terceiro, Ricardo Cobden. O primeiro, amigo de coração; o segundo, de intelligencia; o ultimo, de politica. Coudroy foi collaborador de Bastiat nas suas estreias litterarias e economicas; e a intimidade entre estes dois homens durou mais de vinte annos, quasi sem interrupção, e sem discordancia!

O modesto juiz de paz de Mugron começou por escrever pequenos artigos de jornal; depois trabalhos mais serios, como o *Fisco e a Vinha* (1841), *A questão vinicula* (1843), *Memoria sobre a repartição do imposto nos bens de raiz em o departamento dos Landes* (1844) o occuparam, até que a questão da liberdade de commercio, que se debatia então com toda a força na Grã-Bretanha, lhe fez entrever novos e brilhantes horisontes de reforma para a França.

Principiou então a escrever aquelles famosos artigos, que todos admiraram no *Jornal dos Economistas*; os celebres *Sophismas economicos*, e a *Historia da Liga ingleza*. Em Maio de 1845 faz apparecer em Paris um livro intitulado *Cobden*; e em seguida passa a Inglaterra, para apertar a mão a esse homem que admirava e respeitava, e aos demais chefes da Liga.

Em 1846 organisa em Bordeaux uma associação promotora da liberdade de commercio, e vol-

ta á capital com o intento de agitar aquella Babylonia. Desprovido de fortuna, desconhecido em Paris, consegue, á força de perseverança, organisar uma commissão central, da qual fica sendo secretario, e um jornal hebdomadario que elle dirige, tudo no sentido d'aquella grande idéa que havia abraçado com enthusiasmo.

Lyão, Marselha, o Havre escutaram os seus discursos de reformador; e quem sabe a direcção que este negocio teria tomado, se não fosse a revolução de 1848, que o fez esfriar repentinamente.

Bastiat conhecia que era cedo para proclamar a republica em França, mas assim mesmo ligou-se á nova ordem de coisas. Eleito deputado á assemblea constituinte, e depois á legislativa, escreveu e imprimiu os discursos que a crescente fraqueza dos pulmões lhe não deixava recitar. Bastiat carecia das qualidades materiaes indispensaveis ao orador, mas nem por isso a sua força de persuasão era menos admiravel. Todavia os seus pamphletos politicos deram-lhe muito maior gloria do que as orações na assemblea.

A cada erro dos exagerados escriptores da epoca, Bastiat oppunha um dos seus persuasivos livrinhos: a doutrina de Luiz Blanc e combatida por elle com o opusculo *Propriedade e lei*; a de Leroux com o folheto *Justiça e fraternidade*; a de Proudhon com o *Capital e renda*: ao *comité* Mimerel oppõe *Proteccionismo e communismo;* ao papel-moeda o *Maldito dinheiro*, etc.

Já bastante enfraquecido pela doença, Bastiat escreveu o seu famoso livro das *Harmonias economicas*, obra de grande alcance scientifico, por que tendia a fundir em um só os diversos systemas que se contrariam; mas que ficou incompleta, á espera de outro Bastiat que a conclua. Não era uma sciencia nova que o distincto economista pretendia crear, era tão sómente apresentar sob um novo aspecto a sciencia ja creada.

Uma nota posthuma de Bastiat indica que o autor das Harmonias economicas se propunha a escrever mais tarde *As harmonias sociaes*, se a morte lhe não cortasse o vôo.

Não fatigaremos o leitor com o desinvolvimento das theorias economicas de Bastiat, que ficariam deslocadas em um semanario como o *Panorama*; e apenas daremos uma succinta idéa do resto das suas obras.

Publicado o primeiro volume das *Harmonias*, Bastiat lançou-se com ardor á confecção do segundo, que não acabou; e entretanto sustentava polemica nos jornaes com mr. Proudhon; escrevia o artigo *Abundancia* para o Diccionario de Economia politica, e occupava-se de outros trabalhos secundarios.

Os sophismas economicos é um dos livros de Bastiat mais conhecidos e mais justamente apreciados. *Cobden e a Liga; As considerações geraes sobre a liberdade de commercio; A questão das subsistencias*, são escriptos de grande alcance economico, e cuja leitura se tem vulgarisado em toda a Europa. O *Estado*, a *Lei*, *Propriedade e espoliação*, *Paz e Liberdade*, são opusculos destinados a combater as demasias dos socialistas. Outros artigos, taes como as *Incompatibilidades parlamentares*, *O que se vê e o que se não vê*, etc., pertencem á parte da carreira politica do illustre economista.

Bastiat tinha agradavel presença, maneiras insinuantes, e uma ingenuidade pouco commum. Leclerc chamava-lhe o *Lafontaine da economia politica*.

Desde a primavera de 1850 sentiu Frederico Bastiat que se aggravava a doença do peito, que ha annos o perseguia; e buscando as aguas dos Pyreneos, que mais de uma vez o haviam salvado, encontrou, pelo contrario, accrescimo de mal, perda da voz, fastio, e falta de respiração. No principio do outono aconselharam-lhe os medicos uma viagem á Italia; e chegando a Pisa leu nos jornaes a noticia da sua morte e os competentes necrologios. Effectivamente foi expirar em Roma, pouco tempo depois, a 24 de Dezembro, sem ter attingido a edade de cincoenta annos.

Mr. Paillottet, que correu de Paris a Roma para receber as derradeiras instrucções do seu amigo, deixou-nos um interessante diario das ultimas horas da vida de Bastiat, horas de serenidade christã.

Murmurando duas vezes: *A verdade!...* expirou, sem concluir a phrase.

F. M. Bordalo.

VINGANÇA POR VINGANÇA.

Continuação *

VI

SOBRE AS AGUAS.

A barca vae correndo para a foz do Tejo, com a dupla velocidade da maré que vasa, e do vento que lhe sopra a favor.

Apenas na sua popa apparecera a luz que ha pouco dissemos, egual pharol se acendera n'outra barca que se via bordejando pela altura da rocha do conde de Obidos, se bem que mais chegada aos lados da outra banda, do que ás praias de Lisboa.

Dado aquelle signal por via dos pharoes, as duas barcas velejaram uma para a outra; e em quanto lidam por se encontrar, é justo que descrevamos a scena que n'esse momento tinha logar sobre as aguas.

Do mudo pouco caso se fizera; e a esse o deixaram sentar onde bem lhe pareceu. Não foi já assim com o incognito, e com o Tranqueira, que ficaram collocados entre aquelles estranhos que vimos apparecer na praia.

Houve um momento de pausa, que serviu aos dois prisioneiros para se repôrem da estranheza do caso, e ao padre Gaspar para se preparar ao interrogatorio que ia fazer.

(*) Do num. 13.

— Mui bem, senhor fidalgo da côrte do regente o senhor D. Pedro. Sua senhoria não contava de certo com este leve transtorno nos seus planos.

Assim disse o padre Gaspar rudemente ao incognito.

Este replicou:

— E quem sois vós, homem da Companhia, para assim vos intrometterdes em caso que vos não respeita?

— Antes de responder, tenho de interrogar. Só uma palavra, e tudo findará. Está resolvido a abandonar a traça d'esses planos tão temerariamente urdidos, e com tão infernal manha postos em pratica?

— Não.

— Pois de mim lhe digo, senhor D. Gil, que tambem não abrirei mão do meu proposito em contrarial-os. A Companhia vela porque os seus irmãos sejam protegidos, e protege-os como vêdes.

— Mas que tem com a Companhia o mercador Simão Rodrigues?! Que eu saiba é para vós um estranho, e de mais a mais bem pouco affeiçoado.

— E que tendes vós com Beatriz Peres, a filha do honrado homem de negocio que não pouco testou de suas arcas a Companhia, e que transmittiu á velha Aldonsa essa veneração que nos tributa?

— Agrada-me, padre, e é quanto basta. Tereis entendido? A vontade de D. Gil nunca encontrou obstaculos, porque tem braços para os desfazer, e valimento para proseguir.

— Força que vos não valeu agora, D. Gil; e valimento que desde esta tarde perdeste. D. Pedro, que tem motivos para se não aggravar com a Companhia de Jesus, desde hoje vos baniu do seu real agrado.

— É impossivel!

— Nem tanto quanto vos parece. Credulo de mais é o que confia no valimento dos principes, porque a lisonja e a intriga que o fizeram alcançar, facil o deixam perder. Sabe, D. Gil, para onde navegamos?

— No poder de um padre da Companhia apostaria agora que velejamos para o inferno.

— Não vê D. Gil aquella barca que se nos aproxima?

— É a minha! Estou salvo.

— Vem n'ella homens d'armas que trazem ordem de conduzir D. Gil, como preso de estado, para os carceres da torre.

— Engana-vos o desejo, meu padre. Algum contratempo demorou a minha barca, e de longe reconheceu que eu corria perigo, e vem resgatar-me do vosso poder.

— Como é o coração humano!... sempre credulo, sempre esperançoso! Em poucos momentos recebereis o desengano. No entanto, D. Gil, aconselho-vos a desistir, se não quereis estar encarcerado por muito tempo. Bem sei que vos custa, porque o logro da empresa era excellente, e a fortuna de Beatriz Peres é d'aquellas que pode dar lustre á casa de um fidalgo arruinado; mas a Companhia tem sobre ella vistas mui differentes das vossas, e hãode cumprir-se.

N'isto a outra barca tinha-se prolongado com o costado da primeira, onde se passava a scena descripta, e ambas se atracaram.

A um signal do padre Gaspar, o meirinho das justiças d'el-rei tocou D. Gil com a sua vara, e lhe deu voz de preso.

O fidalgo, não se sobresaltando, puxou do bolso um papel, e o entregou ao meirinho, que lendo-o detida e silenciosamente, com vagar o dobrou, e o restituiu a D. Gil, acompanhando esta acção com um gesto imperativo de o seguir para a nova barca.

— Então não vêdes, aguazil, que é uma ordem do regente ás suas justiças, para me deixarem solto e livre, e prestarem-me auxilio quando lh'o demande?

— É verdade, porém est'outra, que esta tarde se expediu as justiças, ordena que prendam a D. Gil, onde quer que o encontrem, e o conduzam á torre, a ferros d'el-rei, não obstante quaesquer ordens em contrario, que o mesmo D. Gil apresente, porque todas essas se dão por nullas, e como se nunca tivessem existido. Ja vê, o meu bom senhor, que ao aguazil n'este caso só pertence o cumprir.

Durante esta scena o Tranqueira, aproveitando-se do interesse que o dialogo causava, vendo distrahidas as attenções, lançara-se a nado, porque seus motivos tinha para não gostar de ser preso.

O choque na agua chamara sobre elle a attenção; mas como não havia interesse em segurar similhante homem, ninguem tratou de o seguir.

Só D. Gil, como esclarecido pelo exemplo, pareceu espreitar o ensejo de tambem se lançar a nado; mas prevenido pelos que o acompanhavam, foi impellido para a outra barca, e n'esta intimado, que, se fizesse alguma tentativa de evasão, seria amarrado como um preso vulgar, sem attenção aos foros da sua classe.

Ao entrar na outra barca encontrou-se com o mercador Simão Rodrigues, que n'esse momento saltava para aquella onde se achava o padre mestre Gaspar.

Continua.

AUTO DA FÉ ÁS BRUXAS, CELEBRADO EM LOGRONHO NO ANNO DE 1610; SEGUIDO DA FAMOSISSIMA CARTA SOBRE EGUAL ASSUMPTO DO INQUISIDOR DE CALAHORRA AO CONDESTAVEL DE NAVARRA EM 1590.

Continuação.

Deu logar a que se descobrisse esta seita de bruxos, segundo se refere na sentença de Maria Yurreteguia, uma mulher de nação franceza, que se tinha creado em Zugarramurdi, que ha-

via ido ao Aquelarre pondo-se de joelhos diante do demonio em quanto a rodeavam muitos bruxos insignes: ainda que esta mulher se entregou ao demonio não pôde este conseguir d'ella que renegasse da Virgem, pelo que os bruxos atemorisados a perseguiam; ella fazia todos os maleficios da sua condição; mas em suas acções não havia fé; por fim, depois de anno e meio caiu enferma, e tendo chegado a ponto de morrer confessou o seu officio, e o bispo de Bayona mandou que se lhe desse a communhão, e aquella bruxa começou a ser boa mulher. Por este resultado os bruxos perseguiam-na de morte: voltou a Zugarramurdi onde se havia creado, e foi então que disse onde se effectuava o Aquelarre, dando declaração das pessoas que o compunham: entre ellas accusou Maria Yurreteguia, a qual, presa pela santa inquisição, declarou sel-o desde menina, por a ter ensinado Maria Chipia, irmã de sua mãe, que tambem foi tirada no auto.

Sentindo o demonio os grandes damnos que d'esta confissão lhe haviam de resultar, participou aos seus bruxos o grande sentimento que tinha porque aquella tivesse saido da sua bandeira, e logo começaram a perseguil-a, e a ir de noite a sua casa para a tirar e levar ao Aquelarre, mettendo-lhe medos e ameaçando-a se não fosse E em uma noite de Aquelarre, estando o demonio e todos os seus bruxos com elle, lhes disse o grande sentimento que tinha, e que era preciso que fossem todos para tirar de sua casa a dita Maria de Yurreteguia para a levar ao Aquelarre. E dando a todos diversas figuras de cães, gatos, porcos e cabras, e a Graciana de Barnechea (que era rainha do Aquelarre) a figura de egua, foram a casa de Maria de Yurreteguia, que era a de seu sogro, e havendo entrado na horta d'ella (deixando todos os bruxos moços na dita horta), o demonio se apartou com os bruxos mais velhos, e tornando a consultar o modo que seguiria para tiral-a de sua casa e leval-a ao Aquelarre, entraram na casa pelas portas e janellas abrindo-lh'as o demonio; e acharam que a dita Maria de Yurreteguia estava na cosinha rodeada de muita gente, que aquella noite tinha convocado para que a acompanhassem e guardassem pelo medo que tinham todos os de casa dos males que nas noites antecedentes lhes tinham feito os bruxos, e porque ella lhes disse que aquella era noite de Aquelarre, e iriam maltratal-a. E o demonio e Miguel de Goiburu, rei do Aquelarre, e outros bruxos, se puzeram de traz de um escabello, e por cima d'elle deitavam as cabeças para ver onde estava, e o que fazia a dita Maria de Yurreteguia, e para a chamarem fazendo-lhe signaes que fosse com elles. E Maria Chipia, sua mestra e tia, e outra irmã sua, se pozeram no alto da chaminé, e d'ali a chamavam com a mão, fazendo-lhe signal para que quizesse ir com ellas, e a ameaçavam pondo o dedo na fronte, jurando-lhe que lhe havia de pagar se não ia com elles, e ella se defendia gritando, e mostrando onde estavam os bruxos; mas os que estavam ali não podiam vêl-os, porque o demonio os tinha encantado, deitando-lhes umas sombras para que não os podessem ver, senão a dita Maria de Yurreteguia, a qual em gritos dizia: *deixae-me, traidores, não me persigaes mais, que muito tenho já seguido ao diabo.* E vendo o muito que a apertavam para que fosse com elles, tirando um rosario que tinha ao pescoço, levantou a cruz d'elle ao alto, dizendo: *deixae-me, deixae-me, que não quero servir mais ao demonio · a esta quero*, dizia beijando a cruz, *e esta me hade defender*; e benzeu-se chamando pelo nome de Jesus e da Virgem Santa Maria; desappareceram e foram-se todos fazendo grande ruido no telhado.

E tendo voltado com muita tristeza aonde estavam os outros bruxos, o demonio despeitado dava em si grandes pancadas com a mão esquerda nos peitos, para mostrar a grande pena e dôr que tinha por não ter podido reduzir á sua bandeira a dita Maria. E para vingar-se d'ella lhe arrancaram as hortaliças da horta, e lhe quebraram e destroçaram muitos pes de arvores, e logo se foram a um moinho que tinha arrendado o sogro da dita Maria de Yurreteguia, e para mais se vingar d'ella o destruiram rompendo e quebrando o pouso, desencaixaram o eixo, e o deitaram n'agua, arrancaram a galga, e a puzeram a um lado do moinho, e depois o demonio e grande numero de diabos (que ali appareceram, e todos os bruxos) levantaram todo o moinho que estava posto sobre quatro pilares, e o levaram ao alto d'um cerro que estava ali perto, onde o tiveram algum tempo com muito regozijo e riso por ver que tinham levado inteira toda aquella machina, e porque as bruxas mais velhas (como trabalhassem tanto para o levar), iam dizendo: *aqui moças, e em casa velhas*; e depois trouxeram todo o moinho inteiro como o levaram, e os demonios o pozeram e concertaram como estava, deixando quebrado o pouso, e o eixo na agua, e a pedra de moer a um lado. Como o tinham posto, foram-se com muito sentimento e despeito por não terem podido fazer voltar a sua bandeira a dita Maria Yurreteguia; e no dia seguinte se acharam feitos todos os ditos damnos, e levaram officiaes que concertaram e repararam o moinho.

Porque esta Maria de Yurreteguia deu principio na dita forma a que se descobrisse esta seita e complicidade, e perseverou sempre em suas confissões, resistindo com muito animo ao demonio e aos mais bruxos que pretendiam reduzil-a ao seu gremio; o santo tribunal usou com ella de tão grande misericordia, e dispoz que se lhe tirasse o sambenito (estando no tablado) depois que foi reconciliada, e se lhe deu licença para que podesse voltar á sua terra, e fosse exemplo a todos os demais bruxos da misericordia que com ella se usava por ser boa confitente.

N'estes tempos existiam muitos Aquelarres, e eram rainhas das legiões de bruxas de Navarra, Graciana de Barnechea e Estefania de Felechea,

que para dita do mundo e gloria da inquisição, morreram pomposamente queimadas.» —

Continua.

ESTUDOS SOBRE A HISTORIA DE FRANÇA.

USOS E COSTUMES DOS FRANCEZES NO TEMPO DOS REIS DA PRIMEIRA RAÇA.

Continuação.

O que apertava a mão a uma mulher livre era condemnado em quinze soldos d'oiro; e em trinta se lhe tivesse apertado o braço.

Não se conhecia, no tempo da primeira raça, o que hoje se chama gente togada. Os juizes seculares administravam a justiça armados de espadas, hachas e escudos. A sua commissão, que era temporaria, prohibia-lhes qualquer acquisição de bens na area da sua jurisdicção.

Os juizes davam audiencia em um logar publico, todos os oito ou quinze dias, segundo a quantidade dos negocios. Cada particular advogava a sua causa; as viuvas e os orphãos, assim como os pobres, estavam sob a protecção da egreja, e nunca se sentenceava contra elles sem a intervenção do bispo.

Cada estado, e cada profissão tinha tribunal proprio, bem como leis e costumes: os ecclesiasticos eram julgados pelo clero; os militares, pelos militares; o povo, por centuriões nas villas e aldêas, nas cidades por condes, e nas metropoles ou capitaes por duques. Os francezes deviam ser julgados conforme a lei salica; os gaulezes d'alem do Loire, segundo o direito romano; e os dos paizes septentrionaes, conforme o direito rutineiro. Não havia nenhum grau de jurisdicção entre os diversos tribunaes: das suas sentenças só se appellava para o rei. Se o appello era fundado, o juiz tornava-se responsavel pelas perdas e interesses; se o appellante tinha sido bem julgado, condemnavam-no em uma multa, sendo de classe distincta; aos açoites, se era plebeu. O principe enviava de tempos a tempos commissarios ás provincias, nunca menos de dois, sempre um bispo, um duque ou um conde, que se empregavam em ouvir as queixas, e dar conta d'ellas ao monarcha.

Algumas vezes o proprio rei administrava a justiça. A audiencia tinha logar sempre á porta do seu palacio. Quando não podia assistir pessoalmente, encarregava dois officiaes de receber os memoriaes, e responder immediatamente aos que não precisavam longa discussão. Havia, alem d'estes referendarios, um *conde-juiz*. Este tinha por conselheiros militares como elle, que se chamavam *vereadores de palacio*. Este tribunal julgava de tudo que dizia respeito ao estado, ao principe e ao publico. Quando o rei o presidia, assistido dos bispos, abbades e duques, a causa era relatada pelo conde-juiz, recolhiam-se os votos, e em seguida sentenceava-se.

Os filhos não podiam casar sem o consentimento do pae e da mãe. O futuro esposo devia offerecer uma somma aos paes da donzella. Esta especie de compra dava tamanho poder ao marido, que, se elle dissipava o dote ou as heranças pertencentes a sua mulher, esta não tinha direito de lhe pedir a restituição.

A adopção era permittida, dava todos os direitos de filho legitimo, e fazia-se perante o rei, que dava as ordens para a expedição dos diplomas.

Distinguiam-se tres especies de bens: os *proprios*, de que se permittia a livre disposição; os *beneficios*, que se recebiam do principe ou da egreja, sob certos censos; as *terras salicas*, que se possuiam com a condição do serviço militar. As mulheres não herdavam senão os proprios; os beneficios devolviam ao rei por morte do possuidor; as terras salicas pertenciam só aos varões. É para notar que os reis de França, entrando nas Gallias, deixaram aos gaulezes os dois terços das suas terras, fazendo-os tributarios: o outro foi dividido pelas tropas victoriosas. O quinhão do soldado dependia do official. O que este possuia era com certa subordinação a outro, que tambem não fruia senão por autoridade do rei. Assim tudo dependia do monarcha.

Carlos-Martel, depois de ter vencido os serracenos, apoderou-se d'uma parte dos bens da egreja, pretextando que se tinha desfalcado combatendo os inimigos do nome christão. Não contente de chamar a si os beneficios mais consideraveis, dividiu os bispados e abbadias pelos principaes senhores do seu exercito, e deu as parochias aos officiaes subalternos. Os beneficios tornaram-se hereditarios; fizeram-n'os entrar em commercio; e partilhavam-se como os outros bens de familia. Em certos inventarios venderam-se egrejas, altares, sinos, ornamentos, calices, cruzes e reliquias. Levou-se ainda mais longe este horrivel abuso: quando se casava uma filha, dava-se-lhe em dote uma parochia de que arrendava o dizimo e todo o producto. Foram necessarios seculos para reformar estes escandalos. Julga-se que d'ahi vieram os dizimos enfeudados, isto e, possuidos como em feudo pelos nobres ou outras pessoas leigas.

Continua.

?

Acaso já viram na terra uma virgem,
De formas divinas, de olhar seductor;
Enlevo das almas, um astro radioso,
Luzindo discreto de um novo fulgor?

As phrases que solta são todas candura,
Infiltram-se n'alma com tanta impressão!
Desenham, traduzem, tão ampla virtude;
E tem sobretudo tão bom coração!

Segredos que eu saiba na vida não conta,
O mundo não pode manchar-lhe o pudor,
Piedosa e affavel a todos acolhe
Humana consola com prantos a dôr!

Instincto elevado, finura agradavel,
Augmentam-lhe ainda de fada o condão;
Presente uma angustia, vae logo abraçal-a,
Entende-a, e chorando lhe aponta a oração.

Na mão que a indigencia tremendo lhe estende,
Humilde implorando lhe abrande o rigor,
E a fome lhe mate, sollicita esmola,
Ingenua, a donzella sorrindo vae pôr!

Responde graciosa, e modesta evitando
O affecto importuno, n'um magico *não*;
Desfaz as esp'ranças, se um louco as concebe,
E dá-lhe em vez d'ellas fraterna affeição.

Vaidade — nem sabe que exista no mundo
A virgem formosa de immenso valor,
Seus paes que a estremecem adora e respeita,
Contente por elles so vive de amor!

O rosto e-lhe espelho de terna bondade;
Não nega, se a offendem um nobre perdão,
Concede-o depressa, que, meiga e affavel,
Esquece de prompto se vê contricção.

Lisonjas não julguem, são tudo verdades,
Louvando só digo, revelo o que sinto;
O nome não digo, procurem-no perto
Se querem sabel-o, verão que não minto!

A PESCA.

CANÇÃO.

Pescador, barco ao mar sem demora,
Solta as velas ao brando frescor!
Redes promptas! Avante! sem medo!
Barco ao mar! e sentido! e vigor!
E a companha repete contente:
Barco ao mar! e sentido! e vigor!

Este mar que se espelha é de leite,
E de rosas se off'rece a maré!...
Eia! á pesca! nos peitos levamos
Esperanças, saudades e fé!
Infeliz não é certo, quem leva
Esperanças, saudades e fé!

Já se afasta veloz a companha,
Sobre as ondas alegre a correr;
Mais de uns olhos a seguem saudosos,
Mais de um peito suspende o prazer.
Porque as vagas do mar inconstante
O sepulchro d'amor podem ser!

Já vão longe. Na terra mais de uma,
Ai! murmura fervente oração;
Por qual d'elles? Por quem? O seu nome
Não no diz a ninguem, isso não!
É segredo que o peito lhe guarda,
É mysterio do seu coração!

E em quanto o cuidado estremece
Mais de um peito nas ancias do amor,
Vae no barco da pesca cantando,
Satisfeito o gentil pescador.
É suave, singela e sentida
A canção do gentil pescador!

«Meus amores em terra ficaram,
A saudade me punge no mar,
Protegei-me, meu Deus, contra os p'rigos,
Que as saudades desejo matar.
Quero á terra volver, aos amores,
Quero, emfim, as saudades matar.

Não é minha metade d'est'alma,
E a minh'alma partida não qu'reis;
É-me a pesca meu pão, meu sustento,
Mas d'amor os cuidados são leis,
Quero á terra volver, aos amores,
Que de amor os cuidados são leis.

De repente uma voz se levanta,
Que suspende trabalho e cantar:
Prôa á terra! — E o arraes que lhes brada,
Boa pesca lhe vamos levar.
E airoso, mudando de rumo,
Vem o barco na terra aproar.

O terror trocou-se em folguedos;
As saudades murcharam então;
E floriram d'amor as esp'ranças,
E perdeu-se no amor... a razão.
E cantaram alegres, folgaram,
Dando largas á mutua paixão!

MENDES LEAL (ANTONIO).

TABELLAS CURIOSAS.

Não vae fora de proposito, nas columnas de um jornal que tem conservado a missão de instruir deleitando, apresentar as seguintes tabellas, colhidas dos estudos de graves autores. Será a primeira a das alturas, e a segunda, a das velocidades.

A altura da atmosphera ate ao sitio em que reflectir a luz, é de 12 leguas e 20 graus.

A altura da atmosphera até ao logar em que ella pode conter a luz, é, segundo o calculo de Bouger, quasi de 2 leguas.

A serra Chimbaroso, no Peru, mede 3220 toezas de altura, acima do nivel do mar.

O fumo dos volcões eleva-se até á altura de 4400 toezas.

A elevação das nuvens na zona torrida sobre o nivel do mar sobe a 2400 toezas.

A altura do Monte Branco, na Saboia, é de 2391 toezas.

A altura do Pico de Tenerife, é de 1904 toezas.

A do Monte Ceny mede 1807 toezas.

A dos mais elevados montes dos Pyreneos é de 1763 toezas.

A do Monte Etna é de 1713 toezas.

A do Monte Neveira 1583 toezas.

A do Monte Libano 1500 toezas.

A da grande pyramide do Cairo 466 pés.

A da torre de Strasburgo 440 pés.

A da cruz de S. Pedro em Roma 378 pés.

Em quanto ás velocidades, tem-se calculado que um homem, que passeia naturalmente, avança 4 pés por segundo.

A velocidade de um bom cavallo de sege, é de 12 pés por segundo.

A de um cavallo da Laponia de 26 pés por segundo.

A de um bom cavallo de carreira, inglez, de 42 pés por segundo.

A de um galgo, ou bom cão de lebres, é de 88 pés por segundo.

A de um vento geral, e corrente entre os Tropicos, de 25 a 30 pés por segundo.

A de um navio bem veleiro, é quasi de 19 pés por segundo: advertindo que pode tomar os dois terços da velocidade do vento.

Nos furacões e tempestades, o vento corre algumas vezes mais de 100 pés; e n'este caso arranca as arvores pela raiz.

O som corre 173 toezas por segundo.

Uma bala de 24 libras corre 1300 pés por segundo.

A terra, no seu movimento diurno, o que quer dizer no ponto do Equador terrestre, corre 238 toezas por cada segundo: no seu movimento annual ao redor do sol, faz 7 leguas por cada segundo.

Mercurio faz 11 leguas em cada segundo.

Venus 8 leguas no mesmo espaço de tempo.

Marte percorre somente 6 leguas; Jupiter 3; Saturno 2; e Horchel $1\frac{1}{2}$.

Os corpos graves caindo para a terra, no primeiro segundo do seu descenço, descrevem 15 a 51 pés debaixo do Equador em 80 graus de latitude; fazem no mencionado tempo 15126 pés.

A sombra da lua em um eclypse decorre 12 até 15 leguas por minuto.

A velocidade de uma roda de moinho deve estar na razão da ametade da agua para produzir o maior effeito.

A luz deve gastar mais de tres annos em vir das estrellas fixas, que pelo menos estão 200000 vezes mais desviadas de nós que o sol.

F. D. d'Almeida e Araujo.

MUSEUS, GABINETES DE MEDALHAS, GABINETES DE PHYSICA, E JARDINS BOTANICOS.

Seria curiosa a noticia dos museus que hoje possuimos, se não houvesse tamanho descuido em fazer conhecidos estes thesouros, que parece uma especie de avareza nos seus proprietarios darem publico conhecimento d'elles.

Não succedia assim nos tempos passados; e por não recuar mais longe, tomaremos para exemplo o anno de 1807.

D'elles daremos uma abreviada noticia, que oxalá sirva de incentivo aos homens de hoje para fazerem conhecidos os que tão cuidadosamente occultam; que d'estes e outros similhantes descuidos de publicidade resulta o nosso atraso na estatistica, e d'ahi a falsa apreciação das riquezas do nosso paiz.

Não fallando no gabinete de Historia Natural, que era franco todas as quintas feiras de tarde, e situado na calçada d'Ajuda em Belem, havia o da universidade de Coimbra; o do marquez d'Angeja, á Junqueira; o do marquez d'Abrantes em Bemfica; o de D. Luiz de Vasconcellos e Sousa, ao lado do Passeio Publico; o do padre João Faustino, na Casa do Espirito Santo; o museu Maynense, em que se ensinava historia natural e botanica, instituida a aula pelo padre frei José Mayne, no convento de Nossa Senhora de Jesus; o da academia real das sciencias, no palacio do Calhariz; o de Adolfo Frederico Lindimberg, na rua Formosa; e o de Jorge Rei, aos Martyres.

Dos *gabinetes de medalhas e antiguidades*, tambem no mesmo tinhamos não pequena copia, e além do de sua alteza real o principe regente, havia o museu Maynense, onde existiam mais de 540 pinturas, comprehendendo muitas dos melhores autores; o da livraria publica, que então estava estabelecida na Praça do Commercio; o do marquez d'Angeja, na Junqueira: o dos padres theatinos; o dos monjes benedictinos; o do arcebispo d'Evora; o do desembargador João Vidal da Costa e Sousa, na rua de S. Bento; o de João de Magalhães d'Avellar, em Coimbra.

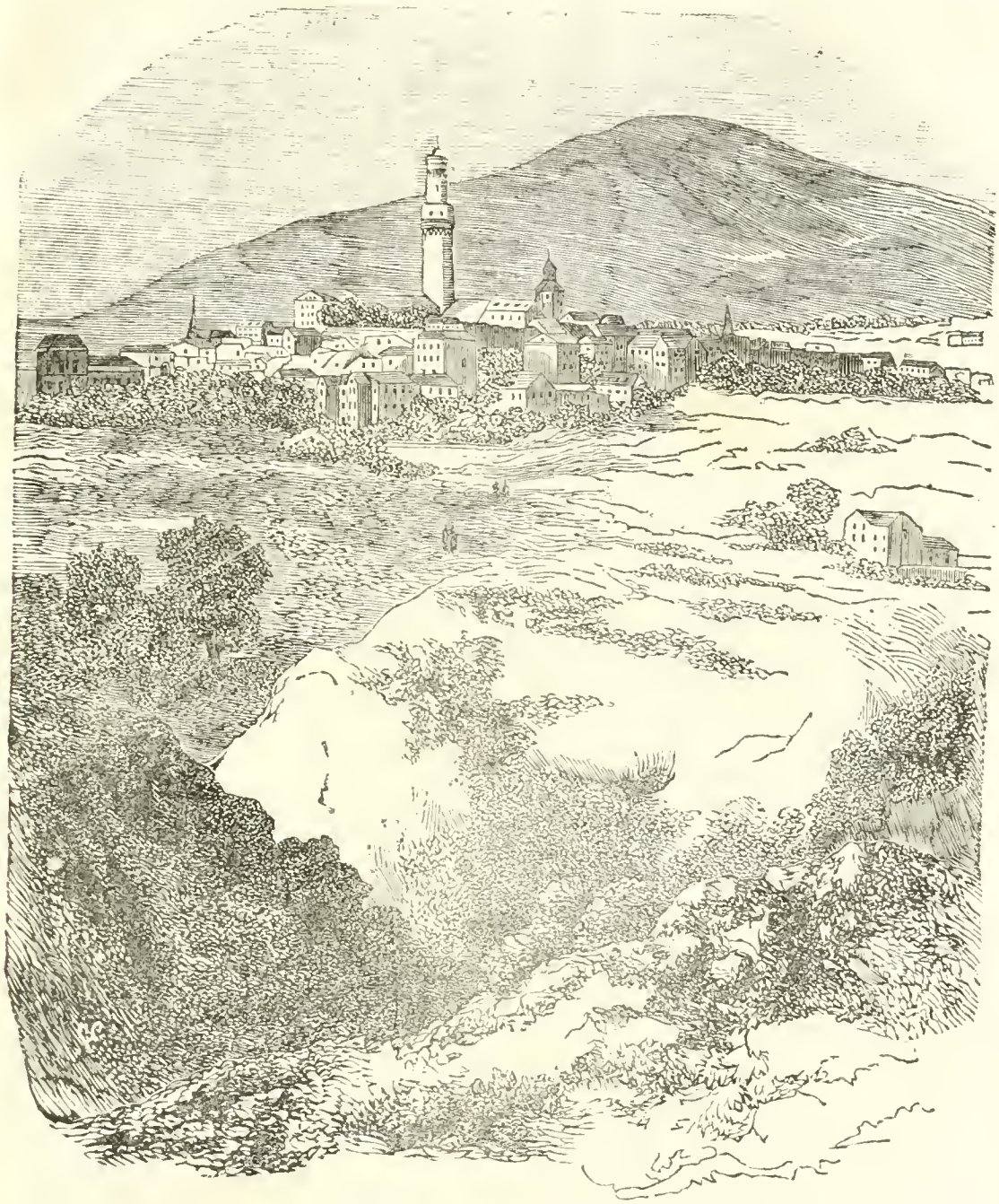
Gabinetes de physica contavam-se oito, a saber: o do principe regente; o da universidade de Coimbra; o do real hospicio de Nossa Senhora das Necessidades; o do marquez de Tancos, á Costa do Castello; o dos conegos regrantes, em S. Vicente de Fora; o da academia real das sciencias, ao Calhariz; o de Tiberio le Blanc, na rua nova de Jesus; e finalmente, o de João Diogo de Barros Leitão Carvalhosa, na sua quinta do Cabeço, a Sacavem.

Os jardins botanicos, além do d'Ajuda, contavamos o da universidade de Coimbra; o do marquez d'Angeja, ao Lumiar; e o do marquez de Abrantes, em Bemfica.

E por accessorios, como complemento d'esta honrosa lista de verdadeiros thesouros de sciencia, não podemos deixar de enumerar os nossos laboratorios chymicos, que eram, o de sua alteza real o principe regente; o de Antonio de Sousa da Silva Alcaforado, em Guimarães; o da universidade de Coimbra; e o da casa da moeda; e assim tambem os nossos observatorios astronomicos, que estavam estabelecidos na marinha real; na academia real das sciencias; no real hospicio das Necessidades, e na universidade de Coimbra.

Esta simples enumeração, consagrada nas paginas do *Panorama*, servirá de desaffrontar do epitheto de obscurantismo a geração que precedeu a actual.

F. D. d'Almeida e Araujo.



VISTA GERAL DA CIDADE DE HOMBURG.

O nome de Homburg soa desagradavelmente aos ouvidos honestos. Chama ao espirito a lembrança do jogo, dos ganhos illicitos, das paixões detestaveis, do desespero, e suicidios. É verdadeiramente um pensamento infernal escolher os logares onde a benefica natureza faz brotar fontes de saude para lhe collocar ao pé fontes de desmoralisação e miseria. Que se diria de um medico que estabelecesse em seu proveito, na casa onde os doentes vão esperar as suas consultas, jogo, musica, dança e refrescos? São mais innocentes os principes, ou as juntas de governo, que, por interesse pecuniario, deixam erguer, junto dos estabelecimentos de banhos, templos ao demonio do jogo?

No mez de Maio de 1849, a Confederação germanica, inspirada pelo pudor da antiga honra alemã, enviou um commissario imperial a Hom-

burg com ordem d'ahi fechar as casas de jogo. A opinião publica, em toda a Europa, applaudira esta medida; mais d'uma familia a tinha abençoado no coração. Mas não tardou muito que tornassem a apparecer, nas paredes das cidades populosas de França e Inglaterra, e nas quartas paginas dos maiores jornaes, pomposos annuncios convidando sem disfarce ás commoções do jogo os habitantes de todo o mundo. Segundo se disse, e porque o landgraviado de Hesse-Homburg, um dos dois mais pequenos estados da Confederação, supprimido em 1806, e restabelecido em 1815, estava muito endividado e precisava recursos extraordinarios, tanto para abastecer o contingente de quatrocentos oitenta e oito soldados que ministra ao exercito federal, como para dotar com a conveniente lista civil o seu soberano absoluto. Ora a sabedoria que governa este pequeno povo de vinte quatro mil almas, considerando que o dinheiro dos enfermos não bastava para acudir-lhes, concebeu a idéa de augmentar o orçamento com o dos jogadores e dissipadores de toda a especie, que estava certa de ver correr aos logares onde luzissem e tinissem os cartuxos d'oiro.

O edificio onde se joga, e que se chama, como todas as grandes casas de prazer d'Alemanha, o Kursaal, ergue-se mesmo no centro de Homburg; estende-se como alcatifa diante da sua frontaria um jardim de laranjeiras e flores. Por cima do peristilio ha um esplendido salão: e o salão dos principes; junto reservou-se uma elegante tribuna para o landgrave. Como se vê, é impossivel dar ao jogo, apoiado pelo governo por alto preço, canonisação mais official.

No andar baixo, a sala de baile, collocada entre o lado esquerdo onde se joga e o direito occupado pelo botequim e casa de pasto, pode conter obra de mil pessoas; e ornada de columnas de marmore e pinturas a fresco com brilhantes cores. Do outro lado do monumento, dispoz-se um pequeno jardim inglez, onde duas vezes por dia uma orchestra toca symphonias e walsas alemãs.

A direita d'este perigoso palacio está o estabelecimento dos banhos a vapor e de chuva. As fontes mineraes, em numero de quatro — a fonte Luiz, a do Imperador, a de Isabel, e a Ferruginosa, rebentam em uma campina, a um kilometro pouco mais ou menos do Kursaal. Balaustradas polidas cercam os tanques de pedra que contêm as aguas, recommendadas para as affecções d'estomago e figado; para a gotta, rheumatismo, e outras doenças.

Visto o Kursaal e as fontes, não ha mais que visitar, em Homburg, senão o castello do landgrave, cujo exterior é notavel pela mais completa ausencia de tudo que pode tornar um monumento agradavel a vista. No interior, mostram-se aos estrangeiros algumas armaduras e antiguidades romanas. No pateo ergue-se a torre *Branca*, de sessenta metros d'altura. É a parte mais antiga do edificio, e indica de muito longe aos viajantes a cidade de Homburg. O landgrave Frederico II fez edificar este castello na segunda metade do seculo XVII; a sua recordação e a de que mais se honra o landgraviado. Frederico II contribuiu gloriosamente para a victoria de Fehrbellin, ganha, a 18 de Junho de 1675, contra os suecos.

Atravessando os jardins do castello, chega-se perto da base do Taunus, e entra-se em uma grande rua de annosos alamos, que leva a uma vasta floresta de abetos que é o Tannenwald, o passeio mais agradavel dos arredores de Homburg. Na entrada, encontra-se o pequeno castello gothico, de que damos o desenho, servindo de ponto de reunião para caça, o jardim botanico, o viveiro das plantas, e o lago das trutas. Os abetos cobrem a montanha, d'onde estendendo a vista se descobre ao longe um lindo panorama, ou do lado de Wiesbade ou de Francfort.

As outras excursões que se podem fazer são: — a ascensão do Feldberg, a mais alta montanha da cadêa do Taunus, coberta de matto, penhascos e ruinas, — e duas aldêas, Friedrichsdorf e Dornholzhausen, fundadas por alguns protestantes francezes no seculo XVII. Diz-se que os habitantes actuaes fallam ainda a lingua franceza no estylo do seculo de Luiz XIV.

CATALOGO DAS PESSOAS QUE GOVERNARAM O ESTADO DO BRAZIL POR EL-REI DE PORTUGAL.

Governadores, sendo a sede do governo geral na Bahia, e datas da posse de cada um d'elles.

I. Thomé de Sousa, 1549.
Teve guerra com os indios do paiz.
II. D. Duarte da Costa, 1553.
Conquistou o Reconcavo.
III. Mem de Sá Barreto, 1558.
Expulsou os piratas francezes do Rio de Janeiro, bateu os indios, e falleceu em 1572. N'esse mesmo anno foi dividido o Brazil em dois governos independentes, e nomeados:
IV. Para a Bahia, Luiz de Brito; para o Rio, Antonio Salema, 1572.
Quatro annos depois acabou esta divisão, e continuou a sede do governo geral na Bahia.
V. Diogo Lourenço da Veiga, 1578.
Falleceu em 1581, designando a camara e o ouvidor por successores.
VI. Manuel Telles Barreto, 1582.
Perseguiu os francezes, e os indios revoltados que se lhe uniram: morreu em 1587, e ficaram governando o estado pela via de successão:
— D. Fr. Antonio Barreiros (bispo); Cristovão de Barros, provedor da fazenda, 1587.
VII. D. Francisco de Sousa, 1591.
Lançou os alicerces do arsenal.
VIII. D. Diogo Botelho, 1602.
IX. D. Diogo de Menezes, 1608.

Formou um estabelecimento no Ceará; e no seu tempo se installou a relação da Bahia.

X. Gaspar de Sousa, 1613

Expulsou os francezes do Maranhão.

XI. D. Luiz de Sousa, 1617.

XII. Diogo de Mendonça Furtado, 1622.

Já conhecido pelo seu valor no Oriente; mas caiu em poder dos hollandezes, que o levaram prisioneiro para os Paizes-Baixos em 1624, depois de haverem tomado a cidade.

XIII. Mathias d'Albuquerque, 1624.

Governou em Pernambuco, e restaurou a Bahia do poder dos hollandezes.

XIV. D. Francisco de Moura Rollim, 1625.

XV. Conde de Miranda, D. Diogo Luiz d'Oliveira, 1626.

Defendeu-se dos hollandezes, fortificou melhor a cidade, e estabeleceu uma fundição de artilharia.

XVI. Pedro da Silva, 1635.

Foi feito conde de S. Lourenço, pelos serviços que prestou n este estado.

XVII. Conde da Torre, D. Fernando Mascarenhas, 1638.

Querendo expulsar os hollandezes de Pernambuco, não tomou o porto, e veiu ter a Lisboa; governou na sua ausencia:

— Conde de Obidos, D. Vasco Mascarenhas, 1639.

Foi depois vice-rei da India, e mais tarde vice-rei do Brazil.

XVIII. Marquez de Montalvão, D. Jorge Mascarenhas (primeiro vice-rei do Brazil), 1640.

Foi preso, e enviado a Lisboa pelo governo intruso em nome de D. João IV; anno de 1641. Esse governo compunha-se assim:

— D. Pedro da Silva, bispo: Luiz Barbalho Bezerra, mestre de campo: Lourenço de Brito Corrêa, provedor-mor. 1641.

XIX. D. Antonio Telles da Silva, 1642.

XX. Conde de Villa-Pouca, Antonio Telles de Menezes, 1647.

Commandou para o Brazil uma forte esquadra.

XXI. Conde de Castel-Melhor, João Rodrigues de Vasconcellos e Sousa, 1650.

XXII. Conde d'Athouguia, D. Jeronymo de Athayde, 1651.

Capitularam os hollandezes em Pernambuco.

XXIII. Francisco Barreto de Menezes, 1657.

Ja havia sido um dos heroes na guerra contra os batavos.

XXIV. Conde d'Obidos, D. Vasco, 1663.

Já havia sido governador interino d'este estado, como acima se vê, e vice-rei da India: foi depois governador do Alemtejo, e conselheiro de estado (segundo vice-rei do Brazil.)

XXV. Alexandre de Sousa Freire, 1667.

O seu successor, João Corrêa da Silva, naufragou e morreu antes de chegar á Bahia, 1669.

XXVI. Visconde de Barbacena, D. Affonso Furtado de Mendonça do Rio, 1671.

Falleceu em 1675, tendo previamente nomeado, de accordo com a camara, os seguintes governadores:

— Agostinho d'Azevedo Monteiro, chanceller; Alvaro d'Azevedo, mestre de campo; Antonio Guedes de Brito, 1675.

N'esse tempo se descobriu o Piauhy. Foi nomeado vice-rei o conde de Villa-Flor, D. Sancho Manuel, porem morreu antes de partir de Lisboa.

XXVII. Roque da Costa Barreto, 1678.

XXVIII. Antonio de Sousa de Menezes, o *braço de prata*, 1682.

XXIX. Marquez das Minas, D. Antonio Luiz de Sousa Telles de Menezes, 1684.

Era brigadeiro, e havia governado as armas no Minho, e o Rio de Janeiro.

XXX. Mathias da Cunha, 1687.

Falleceu, tendo antes reunido os principaes da cidade, que elegeram para governadores:

— D. Fr. Manuel da Encarnação, arcebispo: Manuel Carneiro de Sá, chanceller, 1689.

XXXI. Antonio Luiz Gonçalves da Camara Coutinho, 1690.

Passou a vice-rei da India.

XXXII. D. João de Lencastre, 1694.

Havia sido governador d'Angola.

XXXIII. D. Rodrigo da Costa, 1702.

Foi governador da Madeira. Estabeleceu a fabrica da polvora na Bahia.

XXXIV. Luiz Cesar de Menezes, 1705.

Tinha sido governador do Rio de Janeiro e de Angola.

XXXV. D. Lourenço d'Almeida, 1710.

XXXVI. Conde de Castel-Melhor, Pedro de Vasconcellos e Sousa, 1711.

Fôra governador das armas do Minho, Beira e Alemtejo.

XXXVII. Marquez d'Angeja, D. Pedro Antonio de Noronha, 1714.

Terceiro vice-rei do Brazil, depois de ter egual dignidade na India. Fez lançar ao mar a maior nau construida no arsenal da Bahia, que se chamou *Padre Eterno*.

XXXVIII. Conde de Vimioso, D. Sancho de Faro e Sousa, 1718.

Morreu logo em 1719, substituindo-o no governo pela via de successão:

— D. Sebastião Monteiro de Vide, arcebispo: João d'Araujo Azevedo, mestre de campo: Caetano de Brito Figueiredo, ouvidor, 1719.

XXXIX. Conde de Sabugosa, Vasco Fernandes Cesar de Menezes, 1720.

Quarto vice-rei do Brazil, depois de haver exercido egual cargo na India. Era filho de Luiz de Menezes (34.º governador do Brazil) e sobrinho de D. João de Lencastre (32.º governador). Creou no seu palacio uma academia litteraria, com o nome de — Academia brazilica dos *Esquecidos*!

XL. Conde das Galveas, D. Andre de Mello e Castro, 1735.

Quinto vice-rei do Brazil.

XLI. Conde d'Athouguia, D. Luiz Pedro Peregrino Carvalho Menezes e Athayde, 1749.

Sexto vice-rei. Havia sido governador do

Algarve. No seu tempo se estabeleceu a relação do Rio de Janeiro, e se começou a cunhar dinheiro no Brazil. Instou pela sua demissão, e voltando a Lisboa foi pouco depois decapitado pela conjuração dos Tavoras. Governaram, pela via de successão:

— D. José Botelho de Mattos, arcebispo; Manuel da Cunha Soutomaior, chanceller, e provedor-mór da fazenda; Lourenço Monteiro, coronel, 1755.

XLII. Conde dos Arcos, D. Marcos de Noronha, 1755.

Setimo vice-rei do Brazil.

XLIII. Conde d'Avintes e de Lavradio, D. Antonio d'Almeida Portugal, 1760.

Oitavo vice-rei. Falleceu no mesmo anno em que tomou posse. Havia sido governador de Angola. A camara, relação e clero nomearam para o substituir:

— Thomaz Ruby de Barros, chanceller, 1760.

Porém o governo da metropole desapprovou a escolha, e nomeou:

— José de Carvalho Andrade, novo chanceller; Gonçalo Xavier de Barros Alvim, coronel; D. Fr. Manuel de Santa Ignez, 1761.

XLIV. Conde da Cunha, D. Antonio Alvarez da Cunha, 1763.

Nono vice-rei.

Mudou-se o governo para o Rio de Janeiro; e d'ahi em diante foi sempre o estado do Brazil governado por vice-reis, que antes tinham de tirocinio o governo da Bahia.

Vice-reis, sendo a sede do governo no Rio de Janeiro.

XLV. Conde da Azambuja, D. Antonio Rolim de Menezes, 1767.

Decimo vice-rei.

XLVI. Marquez de Lavradio, D. Luiz d'Almeida Portugal e Mascarenhas, 1769.

Decimo primeiro vice-rei.

XLVII. Luiz de Vasconcellos e Sousa, 1779.

Decimo segundo vice-rei.

XLVIII. Conde de Rezende, D. Jose de Castro, 1790.

Decimo terceiro vice-rei. Achada do grande diamante de Portugal em 1800, junto ao arroio de Abaeté.

XLIX. Marquez d'Aguiar, D. Fernando José de Portugal, 1801.

Decimo quarto vice-rei.

L. Conde dos Arcos, D. Marcos de Noronha e Brito, 1806.

Decimo quinto e ultimo vice-rei do Brazil. Governou até á chegada d'el-rei D. João VI, em 1808. F. M. B.

Tiberio não se contentou de punir as acções criminosas, e as palavras; elle fez condemnar os suspiros, as lagrimas, e até mesmo o silencio: eis-aqui o typo da tyrannia.

ADEUS!

(CANÇÃO.)

Volta, volta o cabrestante!
Solta velas! Attenção!
Ai! despede-te, saudade
Do meu pobre coração!

Adeus, patria, adeus berço de infancia
Ai! que eu nunca pensara deixar!
Adeus, campos de amena fragrancia
Onde infante medrei a brincar!

Leva o ferro! presto! Avante!
Prôa ao mar, embarcação!
Parte comigo a saudade
Fica em terra o coração!

Adeus, sonhos de ternos amores!
Sonhos só — porque tanto chamei!
Se vos fujo é que fujo aos rigores
Da má sorte em que sempre me achei!

Voga ao largo! Segue o rumo!
Vento assim! Vae de feição!
Levo esp'ranças e saudade...
Deixo em terra o coração!

Adeus! todos que eu amo na vida
Adeus todos que tanto choraes!...
O que soffro com tal despedida
Bem no dizem agora meus ais!

Ala os braços! Caça escotas!
Aproveita a viração!
Acompanha-me o saudade
Já que vou sem coração!

MENDES LEAL (ANTONIO).

OS JUDEUS DEPOIS DE CHRISTO.

Continuação. (*)

Em 1360, sob o rei João, julgaram os judeus ser chegado o momento favoravel para entrarem de novo em França. Banidos nos reinados precedentes, e mesmo depois da accessão do rei ao throno, não haviam depois gosado a permissão de ahi morarem mais do que por uma especie de tolerancia. Antes da libertação do rei, que quatro annos estivera preso em Inglaterra, tinham andado muito á roda do regente Carlos, filho do rei, que empregara todas as delongas para lhes não accordar uma graça, pela qual offereciam sommas consideraveis. Pouco tempo depois do livramento do rei, permittiu-lhes este retornarem á França e morarem no reino durante vinte annos. A mesma ordem era acompanhada de cartas, que encarregavam a guarda e

(*) Do num. 44.

CASTELLO DE TANNENWALD, PROXIMO DE HOMBURG.

conservação de seus privilegios ao conde d'Etampes, principe de sangue do ramo d'Evreux.

Alem da somma que esta nação industriosa sempre perseguida, sempre estrangeira no universo, e sempre rica, deu por esta liberdade, cada chefe de familia pagava doze florins d'oiro de Florença por sua entrada no reino, seis florins todos os annos por direito d'ahi habitar, e de mais um florim por cabeça de tributo annual, e imposto geral. Permittindo-lhes habitar em França, o rei julgou a proposito pôr freio á sua cubiça e moderar o interesse excessivo das sommas que elles prestavam a seus subditos. Foi-lhes por isso prohibido exigirem alem de quatro dinheiros por libra, cada semana: usura tão exorbitante que assim autorisada por uma declaração do principe bem annuncia a que grau de miseria estava o reino reduzido.

Mais de uma vez tinham os judeus experimentado vicissitudes que lhes haviam alternativamente aberto ou interdicto a entrada no reino.

San-Luiz, antes de partir para a primeira cruzada os expellira de seus estados, e se apoderara de seus bens, dizem, que sem intenção de aproveitar os seus despojos, mas só com o fim de indemnisar seus subditos das usuras que lhes haviam extorquido.

De retorno ao reino chamou-os de novo, mas não tardou muito em expulsal-os outra vez, para alguns mezes depois-lhes dar nova permissão para

volverem! Foi no tempo d'esta ultima revogação, que os subjeitaram á obrigação de trazerem sobre o hombro e sobre o peito um bocado de panno vermelho, ou amarello, a que chamavam *a roda dos judeus* (rota Judœorum), á qual Filippe III juntara um corno junto do bonnet. Até ao reinado de Filippe IV gosaram de alguma tranquillidade. Este principe prohibiu mesmo aos inquisidores da fé que os inquietassem. Alguns annos depois prescreveu-lhes sairem do reino, e não esqueceu o uso constante de lhes confiscar os bens. Luiz X chama-os de novo; permitte-lhes habitar no reino, tomando-os até sob sua protecção *especial*. A esta graça Filippe V junta novos privilegios, e permitte-lhes o herdarem. Carlos IV pelo contrario exila-os e despoja-os. Filippe VI consente que regressem, mas para lhes ordenar oito annos depois que se retirem. João logo que sobe ao throno os restabelece e assim passam ate 1357.

Durante a prisão do rei são outra vez banidos. Liberto o monarcha, chama-os de novo, como acabamos de ver.

Em todo o reinado de Carlos V lhes é permittido permanecerem em França. A rodella de panno de côr que eram obrigados a trazer como distincção, foi-lhes mudada n'uma platina de estanho, do tamanho d'um grande sello real.

Em quanto cerca de 1375 a jurisdicção dos inquisidores obrava com rigor contra os hereticos, os judeus gosavam d'um estado pacifico ao abrigo de seus privilegios, e da protecção do soberano. Depois da permissão obtida no reinado precedente para habitarem a França durante vinte annos, o rei lhes accordara uma prorogação de seis annos. Esta graça acabava ainda de ser augmentada com a dilação de mais dez annos.

O domicilio de França era tão vantajoso a este povo activo e industrioso que elle punha todo o seu empenho em retardar quanto possivel a epoca da sua retirada. Só a peso d'oiro é que adquiria cada uma d'estas prorogações. As mais fortes imposições não eram capazes de o repulsar. Os judeus eram tão ricos que em muitas provincias, entre outras no Languedoc, puderam compor-se com o rei, e pagaram adiantadas uma parte das taxas a que eram subjeitos por todo o tempo que lhes era permittido fixar seu domicilio no reino. Estas composições, que não pareciam sobrecarregar o povo, enchiam os cofres do rei com sommas consideraveis. Entretanto a residencia assim permittida aos judeus em França produzia um inconveniente ao qual o governo não prestava então a necessaria attenção. Como e que não viam que um povo de usurarios privilegiados, cujo trafico illicito se autorisava assim, introduzia no reino a sêde injusta das riquezas, e o habito de crer que tudo era permittido para as conseguir?

Viver em França era tão vantajoso para os judeus, que elles pagavam sempre sem difficuldade as taxas que lhes impunham. Muitas vezes iam mesmo além d'isto, e de prorogação em prorogação elevavam as sommas já de si consideraveis para obterem novas permissões de domicilio. D'entre elles, durante esta longa residencia muitos tinham aberto os olhos e reconhecido as verdades do christianismo. Estes novos convertidos transportados por um zelo indiscreto, confundiam com a distancia da lei que haviam abjurado, uma inimisade pessoal contra os que persistiam na primeira cegueira. Não havia mais crueis perseguidores dos judeus, que estes christãos modernos. Diariamente citados ante os tribunaes por accusações quasi sempre destituidas de fundamento, os judeus exasperados levaram suas queixas ao pé do throno. O monarcha persuadido de que a justiça é um bem devido a todos os homens, sem excepção de seus sentimentos em materia de fé, prohibiu expressamente que os judeus regenerados pelo baptismo se tornassem delatores, a menos que não dessem caução, e fornecessem provas evidentes das suas accusações. Ao mesmo tempo tiveram os juizes ordem para não admittirem nenhum dos testemunhos que lhes tivessem feito, se não fossem certificados por informações juridicas.

No reinado de Carlos VI cerca de 1380, o duque de Anjou pouco zeloso em prevenir desordens, sonhava apenas em aproveitar todos os instantes de uma regencia limitada a tão curto espaço. Os judeus, pezadelo da nação que arruinavam por suas usuras, nocivos ao commercio que invadiam em prejuiso dos cidadãos, mas que pareciam uteis ao principe, pelas contribuições excessivas que pagavam, gosavam do direito de domicilio em França ao abrigo de cartas de permissão que obtinham; graça que como temos visto tinham grande cuidado de fazer renovar por um certo numero d'annos. Como estas prorogações eram adquiridas a peso d'oiro, o regente não os esqueceu, e concedeu-lhes a confirmação dos privilegios que tinham obtido no reinado precedente, augmentando o termo da sua residencia no reino de mais cinco annos alem d'aquelle que Carlos V lhe havia prescripto. A esta dilação ajuntou em favor de muitos d'entre elles a isempção de trazer a *roda* que servia a distinguil-os; e de mais como se fosse uma economia perturbada, o lastimar as immunidades de gente que não as recebia jámais gratuitamente, expede-lhes uma abolição inteira de todos os crimes que geralmente pudessem ter commettido, ou contra o estado, ou contra o soberano. Esta concessão, quando os judeus eram tão despresados, que o simples testemunho dos delatores bastava para os culpar, a ponto das mulheres publicas chegarem a accusal-os de estupro, sendo cridas sob seu juramento, pode por isso julgar-se de que importancia não seria para gente fulminada pela execração publica. Se esta profusão de graças excitou, como não podia deixar de excitar, murmurios; o principe soube dissimulal-os em consideração das vanta-

gens que colhia. Isso porem não obstou que o povo não fosse pedir em massa ao chançarel João Desmaretz a expulsão dos judeus; e que o magistrado não respondesse que fallaria ao rei, e lhe daria satisfação.

Creram que esta nova exigencia não teria consequencias. Reforçados por outros successos que acompanhavam todos os seus passos, os amotinados tornaram a juntar-se no dia seguinte, excitados, dizem, por alguns nobres que tinham emprestadas sommas consideraveis dos judeus, que exerciam as duas profissões tão lucrativas como odiosas, de usurarios e de arrematantes dos impostos, sendo assim olhados com dobrado horror.

A sêde da pilhagem juntava-se a estes motivos de inimisade. A populaça avida e furiosa forçou as casas dos recebedores publicos, pela maior parte judeus ou lombardos; quebrou os cofres, espalhou o dinheiro nas ruas, rasgou as tarifas e os registos. Quarenta casas foram pilhadas n'uma só rua. Os fatos, os moveis, as baixellas, as pedrarias, tornaram-se presa do primeiro que se apossava d'elles. N'este tumulto não se esqueceram de deitar mão ás obrigações dos devedores. Os judeus espavoridos procuram desembaraçar-se com a fuga. Muitos são espatifados; outros salvam-se no *Châtelet*, antigo tribunal de primeira instancia, e prisão em Paris, cujas masmorras procuram como asylo. As mulheres d'estes infelizes israelitas, desgrenhadas, desfeitas em lagrimas, procuravam seguir seus maridos, com as creanças nos braços, quando lh'as arrancaram do seio materno para as levarem ao baptismo.

Esta ultima violencia pudera até certo ponto merecer louvor, vista á luz da civilisação d'aquelle seculo, se o furor e a avareza não lhe houvessem corrompido a santidade. Esta nova sublevação não foi mais reprimida que as precedentes: contentaram-se com fazer restabelecer os judeus em suas casas, e ordenar, sob pena de morte, a restituição do que lhes tinham furtado. No entanto sob um governo inconsequente e fraco ninguem se apressa a ceder. Os judeus despojados, viram-se ainda expostos ás perseguições dos que lhes haviam confiado penhores. Foi preciso que o rei os dispensasse de os apresentar, logo que affirmassem com juramento, que os penhores lhes haviam sido roubados na enorme commoção em que nada podiam fazer para os encontrar.

Como temos visto, depois da destruição do povo, seguia-se sempre a expoliação vingativa do judeu.

Alcançada a permissão d'exercer impunemente a usura mais iniqua, compravam diariamente novos privilegios ou pagavam a renovação dos antigos. Quantas graças lhes vendiam, tantas eram as contravenções ás leis. Entre o numero infinito de concessões que os judeus tinham obtido, merece olhada como uma das mais singulares a que lhes permittia, (1387) durante dez annos, exigirem de seus devedores o interesse dos interesses, com prohibição a qualquer juiz que fosse, de tentar deter o curso d'abusos, que pudessem commetter.

Em 1392 experimentavam na Alemanha a mesma sorte e revezes que na França.

ESTUDOS SOBRE A HISTORIA DE FRANÇA

ANEDOCTAS E FACTOS PARTICULARES SUCCEDIDOS NO TEMPO DOS REIS DA PRIMEIRA RAÇA.

Depois da derrota de *Syagrio*, dispondo-se a dividir o saque, Clovis viu nos despojos um vaso que pertencia á egreja de Reims, e que S. Remigio tinha pedido. O rei ia para lhe pegar, quando um soldado, oppondo-se-lhe, exclamou que a parte do rei devia ser tirada á sorte como a dos outros. Clovis dissimulou, e entregou o vaso ao santo bispo. Alguns mezes depois, passando revista ás suas tropas, notou que as armas d'aquelle soldado estavam em ma ordem. Arrancando-lh'as, deitou-as no chão; e, no momento em que o desgraçado se abaixou para as apanhar, parte-lhe a cabeça, dizendo: *Lembra-te do vaso de Soissons*. Esta acção inspirou mais respeito do que horror.

Tendo o bispo Didaco levado a Theodeberto, rei d'Austrasia, uma grossa somma que este principe emprestara aos habitantes de Verdun, não quiz elle acceital-a, e disse ao prelado: *Somos ambos muito felizes; vós, por me terdes procurado occasião de fazer bem: e eu, por não a ter despresado.*

Dois ou tres rasgos farão conhecer a ignorancia d'aquelles tempos. O joven Meroveo havia sido vencido por Chilperico I, seu pae, e refugiara-se na egreja de S. Martinho de Tours. O monarcha, desesperado por não poder immolar uma victima que devia amar, depois de ter debalde empregado as ameaças para o tirar do seu asylo, emprehendeu arrancal-o d'ali á força. Mas temendo provocar a indignação de S. Martinho, escreveu-lhe uma carta, em forma de consulta, e depositou-a sobre o tumulo do santo bispo. Chilperico tinha tido a precaução de a fazer acompanhar d'um papel branco, onde elle esperava que o bemaventurado pontifice escrevesse a decisão. Mas o papel, no fim de tres dias, foi achado sem letras; e o supersticioso monarcha abandonou a execução do seu projecto.

No segundo concilio de Macon, um bispo sustentou gravemente que a mulher não podia ser chamada *homem*. Esta questão agitou os espiritos; e, para decidil-a, recorreu-se á Escriptura, que diz: *Deus creou o homem macho e femea.*

Virgilio, missionario de Germania, que era tido por santo, foi denunciado, por seu collega Bonifacio, como ensinando que *havia um outro mundo, outros homens sobre a terra, outro sol, e outra lua.* Tratava-se dos povos que habitam a parte do globo que nos e opposta, e que, por

esta razão se chamam *Antipodas*. O papa Zacarias ordenou a Bonifacio que excommungasse e degradasse Virgilio, no caso de elle persistir em doutrina tão abominavel.

O mesmo Chilperico, tendo tido um filho, determinou que fosse baptisado em Paris, e queria assistir ao baptismo. Mas segundo o tratado de partilha feito com Childeberto, rei d'Austrasia, e Gontran, rei de Borgonha, não podia entrar n'aquella cidade sem o consentimento d'estes sob pena da maldição de S. Polieucte, de S. Martinho e de S. Hilario, fiadores do tratado. Que fez Chilperico? Entrou em Paris, levando diante de si as reliquias de muitos outros santos, pensando que estes o defenderiam da vingança dos outros.

A barbara Fredegunda não podia tolerar Riguntha, sua filha; e as pendencias entre ambas eram tão violentas, que algumas vezes chegavam quasi a brigar. Um dia, fingindo a rainha querer dar-lhe o que lhe pertencia dos thesouros de Chilperico, seu pae, Riguntha inclinou a cabeça para um dos cofres onde estavam: no mesmo instante sua mãe fechou-o arrebatadamente sobre ella. Se a princeza não fôra promptamente soccorrida, seria uma nova victima immolada aos furores d'aquella desapiedada mulher.

Achando-se moribunda uma das mulheres de Gontran, rei de Borgonha, pediu ao marido que mandasse matar dois medicos, cujos remedios, pretendia ella, a levavam ao tumulo. O monarcha foi bastante fraco para lh'o prometter, e assaz cruel para cumprir a sua palavra.

S. Eloi, chegando, pelos seus talentos na oirivesaria, ao cargo de monetario ou thesoureiro de Dagoberto, para o qual fez um throno d'oiro macisso, trazia cintos d'oiro, guarnecidos de pedras preciosas. Mas, depois, despojou-se das suas immensas riquezas em favor dos pobres e da egreja; e, tendo-se consagrado a Deus, veiu a ser bispo de Noyon. Foi este santo prelado que inspirou a Dagoberto o gosto das fundações; gosto que durou depois muito tempo em França, mas que ninguem levou mais longe do que este monarcha. «Meu principe, lhe disse elle um dia, dae-me a terra de Solignac, afim de que eu faça uma escada pela qual vós e eu mereçamos subir ao ceo.» Esta escada foi um grande mosteiro onde elle estabeleceu cento e cincoenta frades.

Continua.

DIREITO PUBLICO GERMANICO.

Não será de certo conhecido de todos os leitores do *Panorama*, o direito publico germanico, e por isso não vae fora de proposito darmos aqui uma breve noticia d'este direito, para se conhecer até onde chegam os deveres e prerogativas dos imperadores da Alemanha, e dos seus eleitores.

Estes são os principes que teem direito de eleger aquelles. Os autores não concordam na origem da dignidade eleitoral; e Pasquier, nas suas *Investigações*, julga que depois da extincção da raça Carlovingiana, a eleição dos imperadores foi commettida a seis dos principaes principes alemães, juntando-se a estes algum mais quando os votos se empatavam.

Outros autores pretendem que a instituição dos eleitores remonta ao tempo de Othon III; varios a reportam a Othon IV, e outros a Frederico II.

Alguns pretendem que os eleitores receberam o seu direito do papa. Esta opinião é erronea, porque o soberano pontifice nunca teve direito algum sobre o temporal do imperio, nem podia conferir o privilegio de eleger um imperador.

Os autores mais graves concordam em que o collegio eleitoral appareceu pela primeira vez no reinado de Frederico II; e que se estabeleceu com o concurso tacito dos outros principes e estados do imperio, fatigados das desordens e confusões que na mais fera anarchia agitavam a Alemanha. Provinham estas desordens dos longos interregnos que se succediam na occasião da eleição do imperador — eleição que n'aquelle tempo tinha logar entrando n'ella todos os estados do imperio.

Opinam varios que os eleitores se arrogaram para sempre um direito, que não lhes fôra originariamente deferido senão pela necessidade das circunstancias, e unicamente por um tempo determinado.

O certo é, que a bulla d'oiro é a primeira lei do imperio que fixa o numero dos eleitores, e a cada um assigna as suas funcções.

Por esta lei o numero estava fixado em sete, sendo tres ecclesiasticos, e quatro leigos: porem em 1648, pelo tratado de Westphalia, creou-se um quinto eleitorado secular em favor do duque de Baviera; e finalmente, em 1692, creou-se sexto eleitorado em favor do duque de Brunswick-Lunebourg, sob o nome de *eleitorado de Hanover*. Este principe não foi, porem, admittido sem contradicção no collegio eleitoral, senão em 1708.

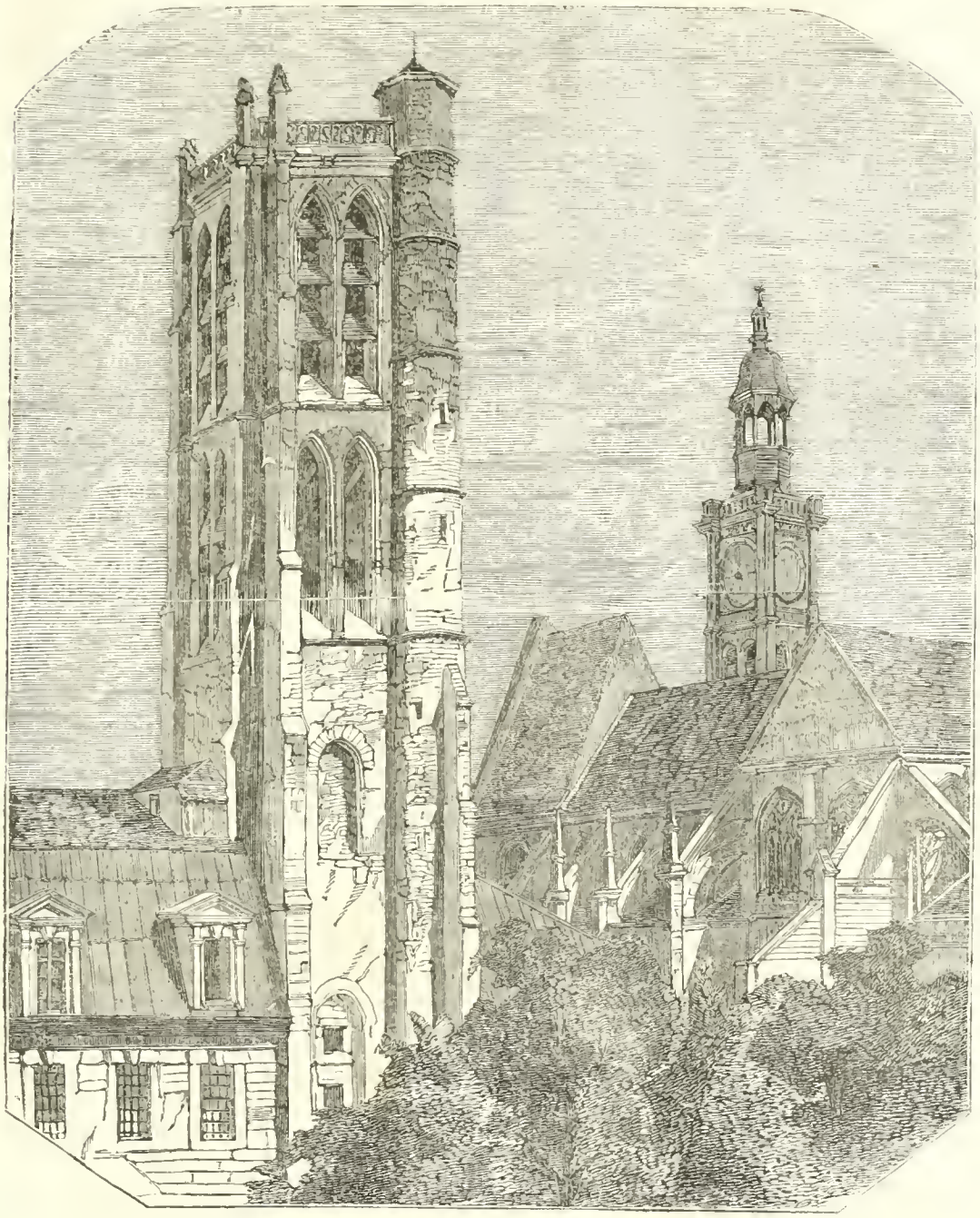
Assim está fixado o numero em nove eleitores; tres ecclesiasticos que são o de Moguncia, Treves e Colonia; e seis seculares, a saber: o rei de Bohemia, o duque de Baviera, de Saxonia, o margrave de Brandeburgo, o conde palatino do Rheno, e o duque de Branswick-Hanover.

Estes eleitores exercem os grandes officios do imperio, e chamam-se *archi-officia-imperii*.

O eleitor de Moguncia é o archi-chanceller do imperio pela Germania. O de Treves tem o titulo de archi-chanceller do imperio pelas Gaulas e Arles. O de Colonia é archi-chanceller pela Italia. Estes tres eleitores são arcebispos.

Continua. A.

Como ha homens de bem, não devemos ser desconfiados; como ha muitos velhacos, cumpre que sejamos acautelados.



A TORRE DE CLOTILDE.

Remontando-nos na historia de Paris aos primeiros seculos da nossa era, os factos apparecem obscuros no vago da tradição, e é bem difficil apontar-lhes a data exacta. Quem é, por exemplo, o verdadeiro fundador de Thermes, construcção colossal, attribuida gratuitamente a Juliano, formada de diversas partes, em muitas epocas, e cuja importancia não era bem apreciada antes da destruição das casas que se foram multiplicando sobre as suas ruinas, e fortalecendo com as suas vastas muralhas? Não saberiamos dizel-o com certeza: sabemos só que foi a habitação sumptuosa do soberano, durante o dominio romano e no tempo dos reis barbaros.

Não é duvidoso, por exemplo, que Clovis habitou ahi, — bem orgulhoso, de certo, de tal residencia. A tradição conta que fizera construir uma casa de campo a pouca distancia d'esta mo-

rada real, sobre o alto da collina chamada depois montanha Santa Genoveva. Esta localidade era então occupada em parte por um cemiterio, e em parte por oleiros. Estes acharam nos flancos da collina, a grande profundidade, excellente greda com que fabricavam a afamada loiça de barro.

Um dia que Clovis passeava acompanhado de Clotilde, sua mulher, deu-lhe parte das inquietações que lhe inspirava a guerra que rebentara entre os francos e a poderosa nação dos visigodos, senhora da mais rica parte das Gallias. A piedosa rainha não despresava occasião de voltar para Deus e os santos o espirito do barbaro cuja conversão obtivera: «Porque não recorreis, disse ella, aos santos apostolos Pedro e Paulo? intercederão por vós, e Deus vos dará a victoria.» No meio das hesitações em que Clovis se achava abysmado, pareceu-lhe bom o conselho. Lembrando-se que um voto lhe salvara a vida em Tolbiac, esperou que o mesmo meio teria bom exito tambem d'esta vez; e, arrojando a sua framea com vigorosa mão a que a esperança dava ainda mais força, exclamou: — «Juro levantar aqui mesmo uma egreja a S. Pedro e S. Paulo, se me derem a victoria e proximo regresso.» Notemos, de passagem, que os grandes actos de devoção, nas epocas barbaras, tem muitas vezes o caracter d'um contracto. Clovis promettera a Deus, durante a batalha de Tolbiac, abraçar a religião christã, com a condição de derrotar os alemães. Troca por troca; se fosse vencido, ficaria talvez idolatra.

Seja como fôr, cumpriu, quando voltou de Vouillé, com o escrupulo que tinha, não em todas as negociações, como o prova a sua historia, mas nos empenhos que tomava com Deus e os santos; pagou a sua divida aos santos apostolos; edificou a egreja que tinha votado a S. Pedro e S. Paulo, no sitio onde caira a framea. Os chronistas contam que ostentou n'esta construcção extraordinaria magnificencia. O que se admirava mais nas obras d'arte que o imperio deixara, eram estes grandes quadros indestructiveis onde se empregava quantidade de pequenas pedras de côr, entalhadas regularmente. Comparada a da pintura, a representação era tosca, mas solida; vantagem inapreciavel. A egreja foi pois ornada no interior de vastos mosaicos. Existiam ainda vestigios no tempo d'Estevão de Tournay, no seculo XII.

O conquistador não teve tempo de acabar a obra começada. A basilica foi continuada e concluida pela rainha Clotilde, que ahi depositou o corpo de seu marido, e foi ella mesma enterrada. Para o mesmo logar foram conduzidos os restos de santa Prudencia, de santa Alda, e o corpo d'esta heroica menina, santa Genoveva, protectora de Paris, a pacifica Joanna d'Arc do seculo V.

É deploravel, diz o autor d'onde extrahimos este artigo, que a antiga egreja de Clovis tenha desapparecido; que este jazigo subterraneo, onde foram depositados o primeiro rei francez e a grande santa nacional, fosse entulhado, não no meio das tempestades revolucionarias, mas tranquillamente de 1807 a 1808! Quem passar pela rua que conduz da praça do Pantheon á escola polytechnica, entre o lyceu Napoleon, e a egreja de S. Estevão du Mont, demore-se um instante: tem debaixo dos pes o solo onde repoisaram tranquillas, pelo espaço de trezentos annos, as cinzas de santa Genoveva, de Clovis, e de santa Clotilde. Do meio dos edificios da antiga abbadia de santa Genoveva, ergue-se uma torre; a tradição uniu-lhe o nome de Clotilde. Mas a que hoje ahi se vê não data de tão longe; foi construida durante o seculo X (entre 970 e 980), sem duvida sobre o terreno d'uma torre mais antiga que remontava ao tempo de Clotilde, e tinha soffrido, como a antiga egreja, as excursões devastadoras dos normandos.

Os fundamentos do campanario, de que damos o desenho, foram postos por um dos conegos seculares que occupavam a abbadia antes do abbade Suger a reformar introduzindo-lhe, pelo anno 1148, os religiosos da ordem de S. Victor. Chamava-se Theobaldo e exercia as funcções de mestre do côro. O necrologio da casa de S. Genoveva diz-nos que não tivera tempo d'acabar a torre e que a levantara só até ao primeiro andar: *Obiit Thebaldus sacerdos et precentor qui turrim usque ad premium solium erexit.* Não é duvidoso, quando se observa a solidez dos fundamentos, que a intenção de Theobaldo fosse de lhe dar consideravel altura.

O mais superficial exame mostra que o segundo e terceiro andares são quasi tão antigos como o primeiro, e deveram ter sido edificados pelo mesmo tempo. Liga-se a esta construcção o nome d'um personagem, chamado Maignault, que foi provavelmente quem a acabou.

Quasi no fim do seculo V cairam dois raios, e com intervallos proximos, sobre a torre, que foi gravemente damnificada, assim como a egreja e o edificio visinho. Em 1483, um incendio fez fundir os sinos. Toda a cidade de Paris assistiu a este espectaculo: um mar de fogo e de metal em fusão involveu por muitas horas a antiga torre, sem a destruir. As unicas partes que soffreram seriamente foram a agulha, as balaustradas, e a escada desde o segundo andar. Para reparar os estragos occasionados por estes terriveis accidentes, o abbade de S. Genoveva obteve da côrte de Roma a permissão de recorrer ás indulgencias, cuja venda deu origem, por esta epoca, a tantos abusos. N'estas circunstancias, as grandes sommas que a abbadia recolheu da piedade dos fieis receberam excellente emprego, porque foram applicadas a levantar novas construcções, mais consideraveis e melhor executadas do que as destruidas. Reparou-se pois o alto da torre, a agulha, a balaustrada, e a escada cujas elegantes janellas de sacada se vêem da rua Clovis. O estylo d'estas construcções do reinado de Carlos VIII é o gothico.

A obra do seculo X ficou intacta, salvo a ja-

nella do primeiro andar que foi restaurada. A flecha desappareceu no seculo passado; os campanariosinhos dos angulos foram apeados. Uma das janellas de sacada não existe: demoliram-na por temerem que caisse sobre os viandantes. Em summa, só soffreu a obra do seculo XV.

Subindo a esta torre, encontra-se no primeiro andar o antigo relojo, que regula o emprego das horas da vida dos estudantes com a inflexivel exactidão com que dividia a existencia estudiosa e recolhida dos religiosos. O relojoeiro que o construiu chamava-se Galande; era perfeito. A machina, que foi dada pelo duque d'Orleans á abbadia em 1718, e hoje, como então, excellente.

No segundo andar, o guardião, mostrando duas escadas, alçadas perpendicularmente ao meio do formidavel madeiramento interior, pergunta-vos se quereis ir a sala dos frades. É raro experimentar-se o desejo de satisfazer a curiosidade pelo preço d'esta ascensão. Mas quando cedeis, chegaes, segurando-vos bem aos varões, como em uma escada de corda, e ajudando-vos de pés e mãos, a um alçapão praticado no meio do pavimento collocado a distancia d'alguns metros da plataforma da torre. Ali, em uma especie de sala, limitada pelos muros do edificio, que occupa toda a largura, vêem-se banquetas postas em ordem d'ambos os lados. Por baixo do alçapão, está um abysmo de cem pés, d'onde vem a luz. O vento assovia na floresta de madeira que tendes aos pes, e brame ao redor das muralhas; ao seu ruido misturam-se os gritos das andorinhas e morcegos. Mas qual podia ser o destino d'esta sala a que é tão difficil chegar? A quem esperam estas banquetas ordenadas ao longo da parede? Era um logar de refugio? Não se sabe que perigo tinham a correr, e por conseguinte a prever os religiosos. Era comtudo um logar de reunião; não se pode duvidar. Em todo o caso, quando se ignora qual era o objecto d'estas reuniões, acha-se que o logar foi singularmente escolhido, e não se comprehende que os negocios do convento podessem nunca tornar necessario tanto mysterio e isolamento.

Do alto da torre, descortina-se immenso horisonte.

CATALOGO DAS PESSOAS QUE TEEM GOVERNADO O ESTADO DA INDIA, DESDE A SUA DESCOBERTA ATÉ HOJE, E DATAS DA POSSE DE CADA UM.

I. Governador e vice-rei, D. Francisco d'Almeida, 1505.
II. Governador, Affonso d'Albuquerque, 1509.
III. Lopo Soares d'Albergaria, 1515.
IV. Diogo Lopes de Sequeira, 1518.
V. D. Duarte de Menezes, 1521.
VI. D. Vasco da Gama, conde da Vidigueira (2.° vice-rei), 1524.
VII. D. Henrique de Menezes, o Roxo, 1526.
VIII. Lopo Vaz de Sampayo, idem.
IX. Nuno da Cunha, 1528.
X. D. Garcia de Noronha (3.° vice-rei), 1538.
XI. D. Estevão da Gama, 1540.
XII. Martim Affonso de Sousa, 1542.
XIII. D. João de Castro (4.° vice-rei), 1545.
XIV. Garcia de Sá, 1548.
XV. Jorge Cabral, 1549.
XVI. D. Affonso de Noronha (5.° vice-rei), 1551.
XVII. D. Pedro Mascarenhas (6.° vice-rei), 1554.
XVIII. Francisco Barreto, 1555.
XIX. D. Constantino de Bragança (7.° vice-rei), 1558.
XX. Conde de Redondo, D. Francisco (8.° vice-rei), 1561.
XXI. João de Mendonça, 1564.
XXII. D. Antão de Noronha (9.° vice-rei), idem.
XXIII. D. Luiz d'Athayde (10.° vice-rei), 1568.
XXIV. D. Antonio de Noronha (11.° vice-rei), 1571.
XXV. Antonio Moniz Barreto, 1573.
XXVI. D. Diogo de Menezes, 1576.
XXVII. D. Luiz d'Athayde, agora conde de Athouguia (12.° vice-rei) 2.ª vez, 1578.
XXVIII. Fernão Telles, 1580.
XXIX. Conde da villa d'Otta, D. Francisco Mascarenhas (13.° vice-rei), 1581.
XXX. D. Duarte de Menezes (14.° vice-rei), 1584.
XXXI. Manuel de Sousa Coutinho, 1588.
XXXII. Mathias d'Albuquerque (15.° vice-rei), 1590.
XXXIII. D. Francisco da Gama, conde almirante (16.° vice-rei), 1596.
XXXIV. Ayres de Saldanha (17.° vice-rei), 1601.
XXXV. D. Martinho Affonso de Castro (18.° vice-rei), 1605.
XXXVI. O arcebispo D. Aleixo de Menezes, 1607.
XXXVII. Andre Furtado de Mendonça, 1609.
XXXVIII. Ruy Lourenço de Tavora (19.° vice-rei), idem.
XXXIX. D. Jeronymo de Azevedo (20.° vice-rei), 1612.
XL. Conde de Redondo, D. João (21.° vice-rei), 1617.
XLI. Fernão d'Albuquerque, 1619.
XLII. Conde da Vidigueira, D. Francisco (22.° vice-rei), 1622.
XLIII. D. Fr. Luiz de Brito, bispo de Meliapor, 1628.
XLIV. D. Lourenço da Cunha; Nuno Alvares Botelho, 1629.
XLV. Conde de Linhares, D. Miguel (23.° vice-rei), idem.
XLVI. Pedro da Silva (24.° vice-rei), 1635.
XLVII. Antonio Telles, 1639.
XLVIII. Conde d'Aveiras, João (25.° vice-rei), 1640.

XLIX. D. Filippe Mascarenhas (26.º vice-rei), 1645.

Tendo morrido em viagem o conde d'Aveiras, que ia segunda vez governar a India, tomaram a governança por via de successão:

L. D. Fr. Francisco dos Martyres, arcebispo; Antonio de Sousa Coutinho; Francisco de Mello e Castro, 1651.

LI. Conde de Obidos, Vasco Mascarenhas (27.º vice-rei), 1652.

Foi deposto depois de uma sedição, e eleito para o substituir:

— D. Braz de Castro, 1653.

LII. Conde de Sarzedas (28.º vice-rei), 1655.

LIII. Manuel Mascarenhas Homem, 1656

LIV. Francisco de Mello e Castro (2.ª vez, Antonio de Sousa Coutinho idem.

LV. Luiz de Mendonça Furtado, 1661.

LVI. D. Pedro de Lencastre, 1662.

LVII. Antonio de Mello e Castro (29.º vice-rei), idem.

LVIII. Conde de S. Vicente (30.º vice-rei), 1666.

LIX. Antonio de Mello de Castro, 1668.

LX. Conde de Lavradio, Luiz de Mendonça Furtado, segunda vez (31.º vice-rei), 1671.

LXI. D. Pedro d'Almeida (32.º vice-rei), 1677.

LXII. D. Fr. Antonio Brandão, arcebispo; Antonio Paes de Sande, 1679.

LXIII. Conde de Alvor, Francisco de Tavora (33.º vice-rei), 1681.

LXIV. D. Rodrigo da Costa, 1686.

LXV. D. Miguel d'Almeida, 1690.

LXVI. D. Fernando Martins Mascarenhas; Luiz Gonçalves da Costa; D. Fr. Agostinho da Annunciação, 1691.

LXVII. Conde de Villa-Verde (34.º vice-rei), 1693.

LXVIII. Antonio Luiz Gonçalves da Camara Coutinho (35.º vice-rei), 1698.

LXIX. Arcebispo D. Agostinho (segunda vez); D. Vasco Luiz Coutinho, 1701.

LXX. Caetano de Mello e Castro (36.º vice-rei), 1702.

LXXI. D. Luiz da Costa (37.º vice-rei), 1707.

LXXII. Vasco Fernandes Cesar de Menezes (38.º vice-rei), 1712.

LXXIII. D. Sebastião de Andrade Pessanha, arcebispo, 1717.

LXXIV. Conde da Ericeira, D. Luiz de Menezes (39.º vice-rei), idem.

LXXV. Francisco José de Sampayo e Castro (40.º vice-rei), 1720.

LXXVI. D. Christovão de Mello, 1723.

Ao qual depois foram adjuntos:

— O arcebispo D. Ignacio de Santa Thereza; o chanceller Christovão Luiz d'Andrade.

LXXVII. João de Saldanha da Gama (41.º vice-rei), 1725.

LXXVIII. D. Ignacio de Santa Thereza (segunda vez); D. Christovão de Mello (idem); o secretario do estado, Thomé Gomes Moreira, 1732.

LXXIX. Conde de Sandomil, Pedro de Mascarenhas (42.º vice-rei), idem.

LXXX. Marquez de Louriçal, conde da Ericeira (43.º vice-rei), 1741.

LXXXI. D. Francisco Vasconcellos, bispo de Cochim; D. Lourenço de Noronha; D. Luiz Caetano d'Almeida, 1742.

LXXXII. Marquez de Castello Novo, depois de Alorna (44.º vice-rei), 1744.

LXXXIII. Marquez de Tavora (45.º vice-rei), 1750.

LXXXIV. Conde d'Alva, D. Luiz (46.º vice-rei), 1754.

LXXXV. D. Antonio Taveira, arcebispo; João de Mesquita Mattos, chanceller; Filippe de Valladares Soutomaior, 1756.

LXXXVI. Conde da Ega (47.º vice-rei), 1758.

Tendo morrido na viagem o vice-rei conde da Louzã, tomaram em seu logar a governança:

LXXXVII. D. Antonio Taveira (segunda vez); D. João José de Mello; João Baptista Vaz Pereireira, chanceller, 1765.

LXXXVIII. D. João José de Mello (só), 1768.

LXXXIX. Filippe de Valladares (segunda vez), 1774.

XC. D. José Pedro da Camara (primeiro governador e capitão general), idem.

XCI. D. Frederico Guilherme de Sousa, 1779.

XCII. Francisco da Cunha e Menezes, 1786.

XCIII. Francisco Antonio da Veiga Cabral da Camara, tenente general, 1794.

XCIV. Conde de Sarzedas (1.º vice-rei e capitão general de mar e terra), 1807.

XCV. Conde de Rio Pardo (idem), 1816.

Deposto em consequencia da revolução de 1820. Governaram por eleição popular:

— O conselheiro Manuel José Gomes Loureiro; os desembargadores Gonçalo de Magalhães Teixeira, e Manuel Duarte Leitão; os marechaes de campo Manuel Godinho de Mira, e Joaquim Manuel Corrêa da Gama, 1821.

XCVI. D. Manuel da Camara, idem.

Nomeado governador pela côrte, foi obrigado a tomar por companheiros na administração do estado:

— D. Fr. Paulo de S. Thomaz, arcebispo de Cranganor; Antonio José de Mello Soutomaior Telles, brigadeiro; João Carlos Leal, desembargador; Antonio José de Lima Leitão, physico-mór, idem.

— D. Manuel da Camara (só) vice-rei, 1822.

XCVII. D. Fr. Manuel de S. Galdino, arcebispo; Candido José Mourão, chefe de esquadra; Antonio Ribeiro de Carvalho, 1825.

XCVIII. D. Manuel de Portugal e Castro, ultimo vice-rei, 1827.

XCIX. Bernardo Peres da Silva (prefeito), 1835.

Foi deposto pelo povo e tropa.

— Joaquim Manuel Corrêa de Sá e Gama, marechal de campo. (Serviu como primeiro conselheiro de prefeitura). Governou oito dias! idem.

— Coronel João Casimiro Pereira da Rocha; physico-mór Manuel José Ribeiro; padre Constantino de Santa Ritta, idem.

Por morte dos dois ultimos:

— Os tenentes coroneis João Cabral de Estifique, e Antonio Maria de Mello, idem.

c. Barão de Sabroso (governador geral), 1837.

— D. Antonio de Santa Ritta, arcebispo; José Antonio Vieira da Fonseca, coronel; José Cancio Freire de Lima, juiz da relação; Domingos José Mariano Luiz, escrivão da fazenda, 1838.

ci. José Antonio Vieira da Fonseca (só) governador interino, 1839.

cii. Barão de Candal, idem.

— José Antonio Vieira da Fonseca (outra vez); José Cancio Freire de Lima, idem; Domingos José Mariano Luiz, idem; Vigario capitular, Antonio João d'Athaide; José da Costa Campos; Caetano de Sousa Vasconcellos, 1840.

ciii. José Joaquim Lopes de Lima (interino) idem.

Foi deposto por uma sublevação, e ficou regendo o estado o conselho do governo, assim composto:

— Antonio Ramalho de Sá; Antonio José de Mello Sotto-maior; José da Costa Campos (2.ª vez); Caetano de Sousa Vasconcellos, idem, 1842.

civ. Conde das Antas, idem.

cv. José Ferreira Pestana, 1843.

cvi. Visconde de Villa Nova d'Ourem, 1851.

cvii. Visconde de Torres Novas, 1855; ainda governa a India.

Dos vice-reis e governadores mencionados, morreram n'aquelle estado os seguintes:

Affonso d'Albuquerque, Vasco da Gama, D. Henrique de Menezes, D. Garcia de Noronha, D. João de Castro, Garcia de Sá, D. Pedro Mascarenhas, conde de Redondo (D. Francisco), D. Antão de Noronha, D. Luiz de Athaide, D. Duarte de Menezes, D. Martim Affonso de Castro, Conde de Redondo (D. João), D. Fr. Luiz de Brito, D. Lourenço da Cunha, Pedro da Silva, conde de Sarzedas, Manuel Mascarenhas Homem, conde de S. Vicente, D. Pedro de Almeida, D. Fr. Antonio Brandão, D. Rodrigo da Costa, D. Miguel de Almeida, Luiz Gonçalves da Costa, Francisco José de Sampaio e Castro, marquez de Louriçal, conde d'Alva, D. João José de Mello, D. Manuel da Camara, barão de Sabroso, e barão de Candal (!)

E falleceram na volta para o reino:

D. Francisco de Almeida, Nuno da Cunha, D. Filippe Mascarenhas, Manuel de Sousa Coutinho, conde de Lavradio, e Antonio Luiz Gonçalves da Camara Coutinho.

Se ajuntarmos a estes, os nomes de tantos outros heroes portuguezes que por lá ficaram, mortos ás mãos de moiros, de gentios e de cafres, victimas do mar, da fome e dos trabalhos de todo o genero, taes como D. Christovão da Gama, Manuel de Sousa de Sepulveda, Pedro de Athaide Inferno, Bartholomeu Dias, D. Lourenço de Almeida, o marechal D. Fernando Coutinho; os irmãos D. Affonso e D. Antonio de Noronha, sobrinhos do grande Albuquerque; D. Paulo da Gama, filho do descobridor; Heitor da Silveira, D. Fernando de Castro, D. Paulo de Lima, e muitos mais que não tornaram a ver a patria, e acabaram pelejando, naufragando, torturados pela doença ou pelos martyrios do captiveiro... acode logo á idéa o perguntar para que se derramou sangue tão nobre, em vista do estado actual da India portugueza!

Hoje só nos resta no Oriente a recordação de um nome glorioso, e a saudade dos tempos em que fomos grandes e respeitados!

F. M. Bordalo.

VINGANÇA POR VINGANÇA.

SOBRE AS AGUAS.

VI

Continuação *

Simão Rodrigues, sem ainda poder comprehender como aquelles estranhos successos se haviam passado, sentou-se na popa da barca, ao lado do padre Gaspar, e viu separar-se a outra, que foi velejando para a foz do Tejo, caminho da torre de S. Gião.

Reconheceu em D. Gil o personagem que o atacara quando se recolhia, e que ajudado de mais tres, depois de lhe taparem a bocca com mordaça, e o maniatarem, o conduziram por viellas e ruas pouco frequentadas até a beiramar, onde o obrigaram a metter n'um barco, andando no rio até serem alcançados por dois outros, que a força de vela o seguiram, manobrando com tal arte, que dentro em pouco seguraram entre si aquelle onde navegava.

Lembrava-se que uma das primeiras vozes soltadas pelos que tripulavam as segundas barcas, foram: «da parte d'el-rei, entregae-vos!» Que depois entre todos aquelles homens se travara uma luta; e que por fim entrada a barca á viva força, a sua tripulação se mudara para uma das outras, trocando-se alternativamente a equipagem.

Vira depois afastarem-se em opposta direcção as duas recemchegadas barcas, velejando uma para a praia, e seguindo a outra para a torre de S. Gião, como acima se disse; e conhecia que aquella em que se achava andava pairando, como irresoluta do rumo que seguiria.

Não dera pelo padre Gaspar em nenhuma das barcas que o vieram libertar; se bem que se recordava agora, achando-o a seu lado, ter visto n'uma d'ellas um vulto que no trajar se assimilhava ao padre.

Mas não podia comprehender porque estranho destino, ou casual providencia, o jesuita se encontrara áquellas horas no Tejo para o libertar; e menos acertava nos juizos que formava d'aquella concatenação de successos, tão variados no curto espaço de poucas horas.

O jesuita, estendendo a mão para Simão Rodrigues, fizera-lhe signal de que se sentasse junto a si; e dando-lhe, como acabamos de ver, as-

(*) Do num. 19.

saz tempo para reflectir sobre aquelles estranhos casos, pareceu absorver-se na contemplação dos astros, que n'este momento fulguravam destacando-se brilhantemente das trevas que obscureciam o horisonte.

Tudo ao redor era silencio.

— Á fé que não acerto com os successos d'esta noite, disse Simão Rodrigues voltando-se para o padre Gaspar.

— E bem confusos são, respondeu o jesuita sem despregar os olhos de sobre as estrellas, onde os fixara.

— Com o coração pulsando de alegria recolhia-me a casa...

— E especialmente satisfeito pela obra em favor do revendão.

— Que não é isso para se fallar em tal...

— Mas que d'ahi vos proveiu o salvamento, senhor Simão Rodrigues, disse o padre fitando as vistas no seu interlocutor. As boas obras são as sementes que se lançam á terra, e lá do ceo Deus as abençoa para fructificarem. Estranhareis, talvez, esta minha linguagem depois dos juizos que ainda esta tarde formastes a meu respeito...

— Eu!...

— Não me atalheis, senhor Simão Rodrigues. Um padre da Companhia lê no mais reservado pensamento, e aquelle modo frio com que me recebestes assaz me revelou o vosso sentir a meu respeito; mas louvado Deus, o padre Gaspar pode ter defeitos, e muitos, que tal é a natureza do homem; mas está longe de ter coração de fera, e de corresponder á idéa que o vulgo forma da nossa ordem. A companhia impera, e hade imperar, por estes sentimentos de humanidade, por esta acarinhação de vontades correndo em soccorro do afflicto. Ai d'ella, quando se transviar d'este caminho!... Isto em mim foi um desafogo, mancebo, que nada tem com os vossos trabalhos de hoje. Esqueceí o que disse, e lembrae-vos só de que no perigo corrido, foi a ronpeta de Santo Ignacio quem vos salvou.

— Padre Gaspar, disse o mancebo levantando-se, nunca eu sube ser ingrato.

— Assaz o sei, senhor Simão Rodrigues.

— Pois bem. Aqui, entre o ceo e as ondas, tomando por testemunhas as estrellas que nos illuminam, prometto a vos, e a Deus, que este beneficio nunca me será esquecido.

— E contae tambem com o nosso auxilio. A scena de hoje deve provar-vos que andaes cercado de inimigos, e que elles são poderosos. É mister por tanto acautelar-vos. O perigo não está só pela vossa parte. Ha outra pessoa que ainda o corre maior que vós.

— Beatriz!

— Sim, Beatriz. Bem sei que o vulgo accusa a Companhia de Jesus de ambiciosa em suas vistas, porque os seus membros são recebidos nas casas opulentas com favor... porém o vulgo não diz que a Companhia desce tambem á casa do pobre e do desvalido, e com elle reparte os thesouros que o rico lhe offerta! Bem sei eu que nos accusam da educação dos mancebos fidalgos, como meio de seducção para nos tornarmos poderosos; mas não dizem os invejosos que o filho humilde do homem do povo é instruido egualmente por nós como o filho do nobre, e que por nós é egualmente protegido e amparado para seguir os cargos publicos, porque não nos atemos a distincções, que as não fazemos nas nossas classes. Esse mal de que nos acoimam desmentem-no as acções; e se a Companhia é forte, se ella é poderosa, buscae-o no favor e protecção que lhe dispensam as agradecidas familias dos seus educandos, e não n'essas maximas insolitas que a impiedade nos attribue, porque não tem outra arma para nos combater, senão as da vilania! O pae de Beatriz fez bastante pela Companhia... fez muito. Aldonsa Peres é uma virtuosa senhora que reparte os dons de Deus, entregando-os ás nossas mãos para os derramarmos pela orphandade desvalida, e pela pobreza envergonhada: Beatriz é um lyrio de innocencia, que desabrochando apenas ao sol da primavera ainda não conheceu um dia de tempestade.... e vós, senhor Simão Rodrigues, sois um mancebo de honra.... Tanto basta para a Companhia proteger a todos. Ainda um outro motivo ha.... porém esse é pessoal para o interesse que vos dedico. Vossa mãe...

— Oh! minha mãe, minha mãe... Para que me fallaes d'ella, padre Gaspar?!

— Para vos dizer que foi um anjo, que mui cedo se desprendeu d'este mundo para voar ás regiões d'onde descera; e que de lá vos vigia e defende.

— Sim, padre... Nas auras que n'este momento passam deslisando-se em torno de nos... n'aquellas estrellas que acolá resplandecem sobre nossas cabeças... n'este murmurio das aguas que vão correndo para o Oceano, tão placidas agora depois da tormenta d'esta tarde, parece-me vêl-a, e ouvir-lhe a voz!... Quando ha pouco ainda o tufão rugia, e o raio estalava, confesso-vos que uma sinistra apprehensão me afastava de vós; porém agora, que a natureza cansada de tão horrenda luta voltou a repoisar, auras, estrellas e mar, tudo me impelle para vós, como para o meu protector!... Mas que tem minha mãe comvosco?.... Que perigo corre Beatriz n'este momento?.... Oh! fallae, fallae.

— Em quanto a Beatriz socegae, que a tempestade que a ameaça ainda vem remota, e ambos podemos conjural-a. O que teve vossa mãe comigo!... É uma historia mui longa, mas que breve resumirei. Ouvi.

E o padre Gaspar fazendo de novo sentar Simão Rodrigues junto a si, e dando uma pequena inclinação ao leme, para afastar a barca mais para o largo, assim principiou.

Continua.

F. D. d'Almeida e Araujo.

A mulher espirituosa tem mais valia que a formosa.

AMAR-ME-HAS?

CANÇÃO TRADUZIDA DO FRANCEZ.

Ai! Rosa, minha Rosa,
Vem dar-me o teu amor,
Teras quanto quizeres
Que eu sou grande senhor.
Tu dançaras
E walsaras,
Magica rosa;
Tu dançarás
E walsarás,
Diz: amar-me-has?

Ai não, não, não devo, responde-lhe a Rosa,
Não sou tão formosa que o possa merecer;
Sou muito p'r'amante, sou pouco p'ra esposa,
E a pobre da Rosa vender-se não quer!

Oh! gentil formosura
Rainha te farei,
E as flores d'esses prados
Em joias tornarei.
Tu dançaras
E walsarás,
Oh! formosura;
Tu dançarás
E walsarás,
Diz: amar-me-has?

Ai! não, não, não devo, responde-lhe a Rosa,
Não sou tão formosa que o possa merecer;
Sou muito p'r'amante, sou pouco p'ra esposa,
E a pobre da Rosa vender-se não quer!

Teras seda e velludos
Terás d'um grande o amor,
E dos jardins da côrte
Serás a melhor flor!
Tu dançaras
E walsarás,
Mas só na côrte:
Tu dançarás
E walsarás,
Diz: amar-me-has?

Ai! não, não, não devo, responde-lhe a Rosa,
Não sou tão formosa que o possa merecer;
Sou muito p'r'amante, sou pouco p'ra esposa,
E a pobre da Rosa vender-se não quer!

CONSOLAÇÃO.

Diz, ó virgem, porque inanime
Sobre o peito a fronte inclinas?
Porque as faces purpurinas
T'as desmaia a pallidez?
Porque suspiras tristissima,
Porque te vejo arquejante,
E o teu olhar scintillante
Se humedece em languidez?

Porque, triste e melancolica,
Scismas tu d'esse feitio,
E te vejo o pranto em fio
Pelas faces deslisar?
D'onde provém essas lagrimas,
Que, orvalhando o teu enleio,
Vão audazes ao teu seio
Discreto asylo buscar?

Soffres, vê-se: a dôr e intima
Mas qual? illusões perdidas?
Esp'ranças emmurchecidas
Ou mil saudades d'amor?
«É tudo!» murmura timida
A donzella feiticeira:
Da minha affeição primeira
Da saudade herdei a dôr!

Saudade, flor cruelissima,
Gosto amargo de infelizes,
Que vem firmar as raizes
Nas fibras do coração!»
Vê-se: da saudade és victima,
Soffres d'ella o acerbo trato,
Que por cego ou por ingrato
Amor pagou com traição!

Não chores, virgem, merecem-t'o?
Cobra alento e confiança,
Não nega Deus a esperança
Na terra aos anjos do ceo.
Pede ao Eterno em votos fervidos
Esquecimento e ventura;
Porque na terra a ternura...
A ternura... dou-t'a eu!...

MENDES LEAL (ANTONIO).

DIREITO PUBLICO GERMANICO.

Continuação.

O rei de Bohemia é *archi-pincerna*, que quer dizer copeiro-mór do imperio. O eleitor de Baviera é *archi-dapifer*, ou mordomo-mor. O eleitor de Saxe é *archi-marescallus*, grã-marechal. O eleitor de Brandebourg é *archi-camerarius*, camareiro-mor. O eleitor palatino é *archi-thesaurarius*, grã-thesoureiro do imperio. Quanto ao eleitor do Hanover não se lhe determinou officio.

Julga-se que a dignidade eleitoral, ou o direito de eleger o imperador, não se reuniu aos officios móres, ou principaes da corôa, senão porque os grã-officiaes eram os que annunciavam a eleição feita por todos os estados do imperio. No dia da coroação os eleitores exercem suas funcções junto ao imperador, por si, ou pelos seus substitutos, cujos officios são hereditarios em certas familias.

Os eleitores ecclesiasticos chegam á dignidade eleitoral pela escolha dos capitulos, os quaes elegendo um arcebispo, o fazem eleitor: d'onde

se vê que um simples conego de Moguncia, Treves, ou Colonia, pode chegar a esta eminente dignidade. Para os eleitores ecclesiasticos gosarem o direito de eleger imperador, basta que tenham sido eleitos, ou postulados legitimamente, sem carecerem para isso da confirmação do papa.

Os eleitorados seculares adquirem-se pelo direito de nascimento. São hereditarios; não se podem compartilhar; pertencem em inteiro aos primogenitos das casas eleitoraes, que são declarados maiores na edade de 18 annos, servindo-lhes de tutor na menoridade o parente aguado mais proximo.

O corpo mais augusto do imperio é o collegio eleitoral. Gosam de consideraveis prerogativas que os collocam acima dos outros principes da Alemanha: 1.º tem direito de eleger um imperador, e um rei dos romanos, só, e sem concurso dos outros estados do imperio: 2.º podem juntar-se para formar uma dieta eleitoral, e deliberar sobre os seus negocios particulares, e os de todo o imperio, sem para isso carecerem do concurso do imperador: 3.º exercem nos seus eleitorados uma jurisdicção soberana, sem que seus subditos possam appellar de suas decisões para os tribunaes do imperio; isto é para a camara imperial do conselho aulico; o que se chama na Alemanha, *privilegium de non appellando*: 4.º o imperador não pode convocar a dieta sem o consentimento do collegio eleitoral: 5.º cada eleitor tem o direito de apresentar dois accessores ou juizes da camara imperial: 6.º os eleitores são isemptos de pagarem direitos á chancellaria imperial, quando tomam a investidura dos seus estados.

Os eleitores pretendem marchar apar com as testas coroadas, e mesmo não cedem aos reis na côrte do imperador. Teem o direito de enviar embaixadores. O imperador quando lhes escreve, trata os eleitores ecclesiasticos por *sobrinhos*, e os seculares por *tios*. Querem ser os unicos no direito de redigir os artigos da capitulação imperial; mas este direito lhes é contestado pelos outros principes e estados do imperio; apesar do que sempre tem continuado de posse d'elle.

Além d'estes privilegios que são communs a todos os eleitores, ha ainda outros que são particulares a cada um d'elles. Os attributos da dignidade eleitoral são a corôa, que e um barrete escarlate, cercado de arminho, e com um semicirculo d'oiro coberto de perolas, com um globo e uma cruz em cima; a capa forrada d'arminho, a espada e a cruz para os ecclesiasticos. Dá-se-lhes o titulo de alteza eleitoral. O filho mais velho d'um eleitor secular intitula-se principe eleitoral.

Continua. A.

Se os militantes de Deus não quizessem ser militantes do mundo; os frades, e padres teriam sido mais respeitados nas guerras civis.

ESTUDOS SOBRE A HISTORIA DE FRANÇA.

OS REIS DE SEGUNDA RAÇA.

Pepino, o Pequeno.

Continuação.

751—754. Pepino fez-se sagrar em Soissons por S. Bonifacio, legado do papa, e arcebispo de Mayence. Por este acto de religião, até então desusado em França, e do qual só Clovis tinha dado exemplo, queria elle tornar a sua pessoa mais augusta, e mais respeitavel a sua usurpação. Em seguida o novo monarcha expulsou os sarracenos das provincias meridionaes onde se tinham conservado, e submetteu os saxonios que supportavam desgostosos o jugo da França.

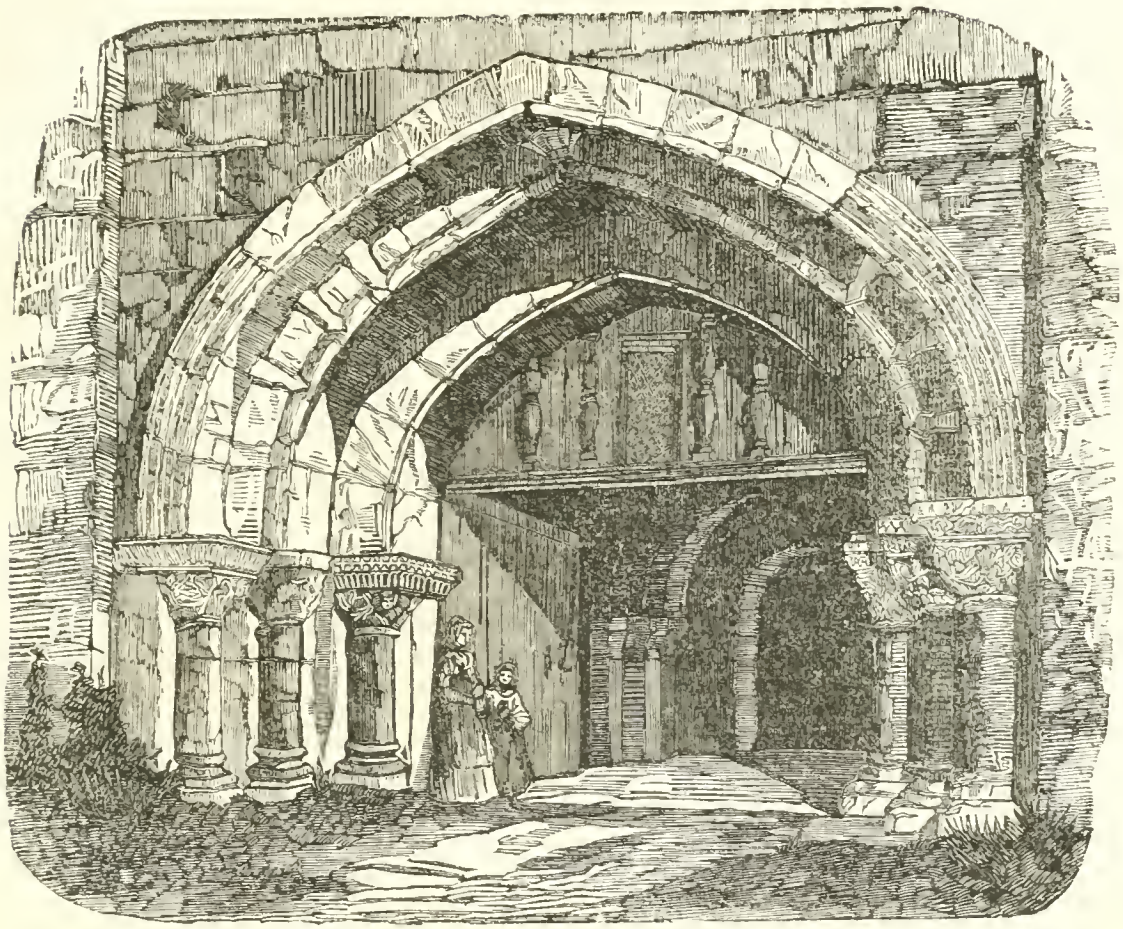
755—758. Começa aqui a epoca do poder temporal dos papas. Astolpho, rei dos lombardos, assenhoreou-se do exarchado de Ravenna, que pertencia ao imperador de Constantinopola, e emprehendeu tambem subjugar Roma. O papa Estevão III, muito fraco para lhe resistir, veiu a França pedir o auxilio de Pepino. Este retomou o exarchado, que restituiu ao papa, não reservando para si senão a homenagem. O pontifice, cheio de reconhecimento, tranquillisou, por meio d'absolvição, os remorsos de que o seu protector era victima depois que se sentara no throno do seu soberano, em despreso dos juramentos que fizera. Logo depois o papa conferiu-lhe de novo, na egreja de S. Diniz, a unção dos reis, e sagrou ao mesmo tempo a rainha Bertha, e seus dois filhos, Carlos e Carloman.

759—767. Pepino, sempre em guerra, quer contra os inimigos do papa, quer contra os do estado, era constantemente victorioso. *Gaifre* ou *Vaifre*, duque d'Aquitania, e um dos descendentes de Cariberto, segundo filho de Clotario II, tinha usurpado alguns bens que pertenciam aos ecclesiasticos, e recusava restituil-os. O monarcha francez voltou contra o rebelde as armas victoriosas; e, depois de muitas expedições motivadas por frequentes revoltas, despojou de suas provincias o desgraçado Gaifre, que foi morto por seus proprios soldados

768. Esta conquista foi o ultimo acontecimento memoravel do reinado de Pepino. Este principe morreu na edade de cincoenta e quatro annos, tendo reinado dezesete. Foi enterrado á porta da egreja de S. Diniz, como tinha ordenado, com o rosto para a terra, na posição d'um penitente.

Bom rei, bom pae, bom amigo, guerreiro invencivel e profundo politico, fez esquecer que não tinha nascido para o throno Teria passado por ser o maior monarcha da terra, se não tivesse tido por pae a Carlos Martel, e por filho a Carlos Magno. A sua administração foi dirigida com tão constante sabedoria, que depois, para dar a mais elevada idea de alguem, dizia-se em proverbio: *E' prudente como Pepino.* Pozeram-lhe no tumulo por epitaphio: *Aqui jaz Pepino, pae de Carlos Magno;* como se elle fosse ainda maior por seu filho do que por si proprio.

Continua.



PORTAL DE S. CYRO LA ROSIERE.

A freguezia de S. Cyro la Rosière, no cantão de Noce, districto de Mortagne, está hoje reunida á de S. Gauburge. Outr'ora era bastante consideravel, e por isso se dividia em duas partes, uma das quaes, *pro majori*, rendia 1800 libras, e a outra, *pro minori*, 1500. Ambas eram apresentação do senhor temporal. A architectura da fachada, que a nossa estampa representa, marca a transição do estylo romano para o ogival. A ogiva é obtusa, e annuncia a arte nova, em quanto as columnas conservam a forma pesada e os capiteis folhados e com figuras da arte que desapparece. É a parte mais curiosa e antiga da egreja. As abobadas são do seculo XV ou XVI. Em uma capella, nota-se um grupo, composto de oito figuras e representando o enterro de Christo. Esta obra, que não é destituida de merecimento, suppõe-se executada no seculo XVI, na cidade de Tours, onde existia então uma escola d'artistas esculptores. Distingue-se tambem, como digno d'attenção, na povoação de S. Cyro, o pequeno e forte castello de Langelardière, construido provavelmente no mesmo seculo.

A ANTIGA PAROCHIA DE SANTA CATHARINA.

Quem vos dirá, ao passar pelo pardeciro que existe na extrema direita sul da rua da Cruz de Pau, que ali houve n'outros tempos uma sumptuosa parochia, que em eras mais remotas foi um formoso desvelo da alma piedosa da rainha D. Catharina, mulher d'el-rei D. João III? Para attestal-o não bastará o testemunho dos olhos tomado d'aquellas paredes que simulam a forma externa de um templo: ser-vos-ha necessario dar volta pelo formoso largo d'aquelle maravilhoso panorama do Monte de Santa Catharina, e retirando a vista d'aquelles enlevos do nosso poetico rio, e seus pittorescos montes da margem esquerda, engrandecidos pelo maravilhoso do infinito por onde ella se espraia alem da barra, vir descansal-a, arrobada de tamanha maravilha, sobre uma lapida que mãos piedosas da geração que viveu nos fins do seculo passado, ahi fez assentar sobre a porta principal, para testemunho

futuro da piedade dos nossos avós, e escarmento cruel da incredulidade dos nossos dias.

Será a pedra, que a natureza creou muda, mas que a arte e a sciencia do homem ensinou a fallar, quem, em breves palavras, vos contara a historia d'aquellas ruinas, á porta das quaes se conserva como atalaya, assentada ali pela mão de Deus, para bradar o seu terrivel alerta aos ouvidos scepticos.

Ella vos dirá:

«Esta egreja fundou a rainha D. Catharina no anno de 1560, e a doou aos livrei-«ros d'esta cidade, e no 1.º de Novembro de «1755 o terremoto a arruinou, e os ditos li-«vreiros como padroeiros perpetuos a fize-«ram á sua custa no anno de 1757.»

Vêde lá, se é ou não verdade a pedra fallar-vos aos sentidos e á alma! Olhae lá na ironia d'aquellas singelas palavras com que vos conta quem a reedificou depois do terremoto de 1755! Seria a corporação dos livreiros então mais numerosa e rica do que hoje? Menos numerosa sim; e mais rica tambem, não de capitaes, que esses supprem o desejo vencedor de todas as difficuldades, e sim de crença, devoção e fé, que é o quilate mais subido do precioso metal de que se formam os homens e as sociedades.

Os mestres livreiros do terceiro quartel do seculo passado, encontraram na sua fé e na sua crença, as necessarias forças para a reedificarem; e os livreiros d'este terceiro quartel do seculo em que vivemos, levados ao principio pelo impulso de uma bemaventurada devoção, oppozeram-se a que a fazenda nacional incluisse a sua egreja na lista dos bens nacionaes para ser vendida em praça; mas conseguida a portaria de 1842, que lhes mandou restituir a egreja e suas pertenças, desanimaram no meio da empresa, e confessando-se sem meios para reedificar o antigo edificio, requereram licença para proceder á venda do terreno e material existente! Subjeitaram-se a viver da esmola que lhe offerta um templo estranho: e são elles pelas proprias mãos que apagam aquella honrosa legenda que J. B. de Castro lhes estampou, quando, ao narrar a transferencia da antiga confraria de S. José de Bibamar para a egreja de Santa Catharina, accrescenta que se lhes deu a administração d'ella, por serem ministros da sabedoria, de que esta Santa é protectora!

Assim retribuem os homens que constituem a corporação n'este seculo, os desvelos reaes de um infante e de uma rainha, que nos seculos alcunhados de obscurantismo primavam em reunir n'um esplendido gremio os homens, por cujas mãos tinham de passar a sciencia e o seu ensino! O primeiro compromisso foi feito no anno de 1540, e approvado pelo infante D. Pedro, filho do não menos heroico D. João I, e reformado depois por el-rei D. João III. Foi a esposa d'este, a rainha D. Catharina, que na regencia da menoridade de seu neto D. Sebastião, se deveu a fundação da que foi ermida com a invocação de Santa Catharina do Monte Sinai, no chamado *Monte do Pico* ou do *Belver*; e em 1560 começou a regalia d'esta ser parochia, com padroado real, que cedeu em 1567 á confraria, encorporada em irmandade, com obrigação de servir sempre de juiz um fidalgo da primeira grandeza.

Era da attribuição da irmandade, como donataria, prover annualmente a um cura, tres coadjutores, e um thesoureiro. Havia na egreja cinco irmandades; tinha dezenove capellanias, e uma confraria da Senhora da Nazareth. No templo existiam oito capellas perfeitamente adornadas, e n'ellas resplandeciam duas reliquias de Santa Catharina. O rendimento era grande não só pela extensão da freguezia que augmentava muito o valor da fabrica, mas pelos legados, predios, foros, etc., que se encorporavam na irmandade.

A maior parte d'estas regalias perdeu-as a irmandade depois que a freguezia se transferiu para o templo dos Paulistas. Não seria ainda tempo de as rehaver, se a corporação dos livreiros, com confiança nas suas posses, sobeja de vontade e de energia, reconstruisse a egreja que por seu desleixo perdeu?

F. D. d'Almeida e Araujo.

LISTA DOS PRELADOS DA SÉ PRIMACIAL DO ORIENTE.

A cidade de Goa foi erecta em bispado no anno de 1531.

BISPOS.

D. João de Albuquerque, tomou posse em 1538.
D. Fr. Jorge de Santa Luzia, 1553.

Goa foi elevada a arcebispado em 1557.

ARCEBISPOS.

D. Gaspar de Ornellas, 1560.
D. Fr. Jorge Themudo, 1567.
D. Gaspar de Ornellas (segunda vez), 1573
D. Fr. Henrique de Taura, 1578.
D. Fr. Vicente da Fonseca, 1583.
D. Fr. Matheus de Medina, 1588.
D. Fr. André de Santa Maria, bispo de Cochim, governador do arcebispado, 1594.
D. Fr. Aleixo de Menezes, foi governador do estado, e passou a arcebispo de Braga, 1595.
D. Fr. Domingos da Trindade, bispo de Salle, governador do arcebispado, 1609.
D. Fr. Christovão de Sá, 1616.
D. Fr. Sebastião de S. Pedro, 1623.
D. Fr. Manuel Telles de Brito, falleceu em viagem para a India, 1633.
D. Fr. Miguel Bangel, 1634.
D. Francisco dos Martyres, governou o estado, 1636.
D. Fr. Christovão da Silveira, falleceu na ida para a India, 1673.

D. Fr. Antonio Brandão, foi governador do estado, 1675.
D. Manuel de Sousa e Menezes, 1681
D. Alberto da Silva, 1687.
D. Fr. Pedro da Silva, 1689.
D. Fr. Agostinho da Annunciação, entrou duas vezes no governo do estado, 1691.
D. Sebastião de Andrade Pessanha, foi governador do estado, 1716.
D. Ignacio de Santa Thereza, tomou parte na governança do estado por duas vezes, 1721.
D. Fr. Eugenio Fregueiros, morreu em viagem para Goa, 1741.
D. Francisco de Vasconcellos, bispo de Cochim, governou o arcebispado, e o estado, 1741.
D. Fr. Lourenço de Santa Maria, 1744.
D. Antonio Taveira de Neiva Brum e Silveira, foi governador do estado, 1750.
D. Francisco d'Assumpção e Brito, 1774.
D. Fr. Manuel de Santa Catharina, 1785
D. Fr. Manuel de S. Galdino, tomou parte na governança do estado, 1812.
D. Antonio Feliciano de Santa Ritta, 1837.
D. Jose Maria da Silva Torres, 1840.

Governa actualmente o arcebispado, o bispo eleito de Cochim, D. Joaquim de Santa Ritta Botelho.

—

Em os proximos numeros do *Panorama*, daremos a relação dos bispos portuguezes d'Africa, nas dioceses de S. Thome, Congo, Angola e Cabo-Verde, bem como o catalogo dos governadores e capitães generaes das mesmas provincias.

F. M. B.

YAUNG-COOMPON.

Por este nome se designa o Ser Supremo entre os habitantes da Costa d'Oiro. William Hatton refere na sua *Viagem pela Africa*, que quando troveja dizem estes povos que o Ente Supremo anda de carruagem lá pelos ares, do mesmo modo que a nossos infantes, na sua simples credulidade, dizem que são os anjinhos que andam no ceo jogando a bola.

Aquelle Ente Supremo tambem tem os seus sacerdotes, appellidados fetiches. São feiticeiros e jograes d'uma revoltante immoralidade.

Entre estes povos, uma pedra que os fetiches pendurem na via publica, é um deus. Tambem esculpem em pau qualquer imagem grosseira, que collocam nas portas, e todas as manhãs lhe tributam suas religiosas homenagens. Cabanas entretecidas de ramos e folhas são os seus templos, e n'elles depositam ovos, pedras e vasilhas de barro, invocando a *Yaung-Coompon* com muitos gemidos; e com o deus invocam seu pae *Majeh*, ou sua mãe *(Minnachi)*.

As divindades variam, porem, segundo as localidades. N'umas adoram o crocodilo; n'outras a hyena; e em varias partes a serpente. O abutre é venerado em toda a costa.

Os sacrificios humanos formam uma importante parte das ceremonias religiosas, e tem logar especialmente quando morrem os reis, ou personagens importantes. No reino de Ashante, ou Achante, chega a milhares o numero de infelizes que se immolam n'estas occasiões, ou quando se solemnisa a colheita da batata, ou inhame. Em Dahomey ha exemplos de no principio das colheitas se torturarem e despedaçarem sessenta e cinco pessoas. Ás vezes empallam uma vestal para alcançarem dos deuses uma feliz navegação fluvial, e actividade de relações commerciaes.

Mr. Bowdich descreve assim o sacrificio d'um homem em Coomasia. Uma faca atravessava-lhe as faces; e alguem que ia adiante d'elle uma das orelhas: a outra pendia-lhe da cabeça presa n'um pequeno filamento. Em cada espadoa levava cravada uma faca. Varios homens o conduziam por uma corda que lhe atravessava as ventas. O desgraçado ia com as mãos amarradas atraz das costas. O cortejo é precedido de tambores.

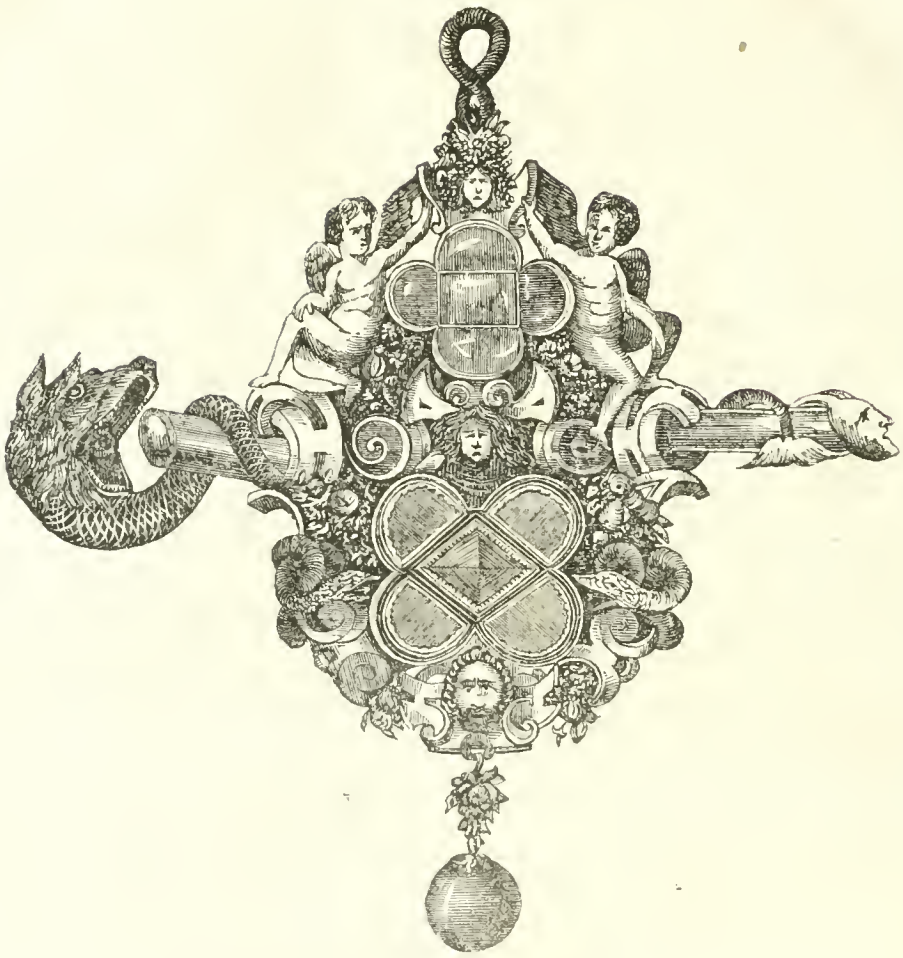
Uma festa que tem logar no mez de Janeiro, e especialmente celebre pelo grande numero de sacrificios humanos. Mr. Hutchinson, encarregado dos negocios britanicos na Coomasia, conta, que no decurso de dezesete dias, o rei fez degolar milhares de homens para propiciar a divindade á mãe, e duas irmãs, que lhe morreram depois da sua ascenção ao throno. Este barbaro sacrificio era acompanhado de musica, e quando esta parava, soavam estridentemente as cornetas, e o povo bradava: Morte! morte! morte!

O povo d'Ashante acredita na immortalidade da alma, mas não admitte o inferno. *Yaung-Coompon* protege-os e pune-os durante esta vida: porem lá no outro mundo contenta-se em entreter relações unicamente com os personagens eminentes, aos quaes concede, como cá sobre a terra, autoridade sobre a raça vulgar, que languida e somnolentamente se conserva nas cabanas dos fetiches.

É galante a tradição que elles tem da origem da especie humana

Dizem que Deus creou tres homens pretos, e outros tantos brancos, e a cada um d'elles brindou com uma mulher da mesma côr. Deixou-lhes o livre arbitrio na escolha do bem e do mal, collocando na terra uma enorme cabaça, e um papel dobrado e sellado. Os pretos foram os primeiros que tiveram o privilegio de escolher, e lançaram-se a cabaça, que julgavam cheia de objectos preciosos, e só encontraram n'ella um pedaço de oiro, um bocado de ferro, e fragmentos de outros metaes, cujo uso ignoravam. Os brancos romperam o sello ao papel, e desdobrando-o aprenderam n'elle todas as sciencias. Então Deus conduziu os brancos para as costas do mar, e deixou os pretos nos bosques; e communicando todas as noites com os primeiros ensinou-os a construirem uma barquinha, em que os transportou para outros paizes, que tambem faziam parte da Africa, mas d'onde não voltaram senão ao cabo de um extensissimo periodo.

A



APITO DO SECULO XVI.

Este apito, cujo tamanho exacto apresenta a nossa gravura, é de prata doirada, embutido de pedras preciosas. É um trabalho francez do seculo XVI. Não faz parte d'uma collecção assaz numerosa para ser conhecida. Suppõe-se que servia para chamar os criados no interior das casas, porque o uso das campainhas só foi introduzido em França no seculo XVII.

ESTUDOS SOBRE A HISTORIA DE FRANÇA.

OS REIS DE SEGUNDA RAÇA

Continuação.

Carlos Magno.

767—773. Os dois filhos de Pepino dividiram os estados; mas em breve a morte de *Carloman* tornou *Carlos Magno*, seu irmão, unico senhor da monarchia. As primeiras façanhas do novo soberano foram contra os saxonios. Estes tinham a sua frente um homem digno de se medir com elle — o famoso *Witikind*, a quem derrotou junto de Paderborn, e arrasando o templo d'estes barbaros, matou-lhes os sacerdotes sobre os despojos do idolo, e levou as suas conquistas até ao Veser.

774—777. Em quanto Carlos triumphava dos saxões, a Italia solicitava o seu auxilio. *Didier*, rei dos lombardos, invadira, governando o papa *Adriano* I, o exarchado de Ravenna. O monarcha francez voou contra o usurpador, aprisionou-o, e fez-se coroar rei da Lombardia. O vencedor renovou ao pontifice a doação do *patrimonio de S. Pedro;* Adriano conferiu-lhe, por gratidão, o titulo de patricio de Roma, com o direito d'entender na eleição dos papas e confirmal-a. Os romanos, por sua parte, submetteram-se ao seu poder.

778—799. Carlos passou a Hespanha, para restabelecer *Ibinaralabi* em Saragoça, d'onde fôra expulso pela rebellião. Cercou Pamplona, e apoderou-se do condado de Barcelona. Mas, na volta, os gascões bateram, no valle de Roncesvalles,

a retaguarda do seu exercito. *Rolando*, que tão celebre se tornou, perdeu ahi a vida.

Os saxões aproveitaram a ausencia do principe francez para se sublevarem. Carlos marchou contra elles, e alcançando novas victorias, submetteu finalmente ao estado e á religião o infatigavel Witikind, que, havia trinta e tres annos, luctava só contra todas as forças da França. Este famoso general foi tão bom subdito, como tinha sido formidavel inimigo.

Os saxões foram dispersos, na maior parte, pela Suissa e Flandres, onde communicaram o seu espirito agitador aos novos compatriotas. Um antigo escriptor, fallando da maneira porque o monarcha francez se comportava para converter estes barbaros ao christianismo, exclama: « Oh benignidade de Deus! que lhes deu por doutor e mestre o illustre Carlos, que obrigava, com as armas na mão, os que não podia subjeitar pela razão, e os constrangia assim a salvarem-se a seu pesar. » As leis do principe contra estes desgraçados eram bem pouco conformes ao espirito do Evangelho, pois condemnavam á morte quem se occultasse para não receber o baptismo. Um dia fez matar mais de quatro mil que pediam perdão.

802. O illustre filho de Pepino, chegado pela sua coragem ao auge da gloria, marchou para Roma em triumpho, e foi coroado imperador do Occidente por *Leão* III, renovando-se assim o imperio dos Cesares, extincto havia mais de tres seculos. Declararam-no *Cesar* e *Augusto:* decretaram-lhe as insignias dos antigos imperadores romanos, principalmente a aguia imperial. Havia muito tempo que o universo lhe dera o sobrenome de *Grande:* elle merecia-o pelos seus feitos heroicos, conquistas, qualidades pessoaes, e emfim pela immensa extensão dos seus dominios. Lançando-se a vista para o imperio, vê-se que possuia toda a Gallia, uma parte da Hespanha, o continente de Italia ate Benevento, toda a Alemanha, os Paizes Baixos, e uma parte da Hungria. O califa *Haroun-al-Raschid*, o mais poderoso principe do Oriente, enviou-lhe embaixadores, com magnificos presentes, como para prestar homenagem a sua grande celebridade; e cedeu-lhe a soberania da Terra-Santa, reservando para si o titulo de logar-tenente.

803—812. Logo que Carlos Magno foi proclamado imperador, affirma-se que *Irene*, imperatriz do Oriente, quiz desposal-o, para reunir ambas as monarchias; mas uma revolução repentina, expulsando do throno esta princeza, desvaneceu-lhe as esperanças. Vencedor por toda a parte, dedicou-se a policiar os seus estados, restabeleceu a marinha, visitou os portos, fez construir navios, e formou o projecto de reunir o Rheno ao Danubio por um canal, para a juncção do oceano com o Ponto-Euxino. As suas leis sobre as materias tanto ecclesiasticas como civis são admiraveis, sobretudo para tempo tão pouco illustrado. Ordenou que os pesos e medidas fossem postos em todo o imperio em egual pé; e regulou o preço dos estofos e vestuario de seus subditos segundo a condição e grau. Equilibrou tão sabiamente todas as classes do estado, que foram contrabalançadas, e elle ficou senhor. Tudo foi unido pela força do seu genio: o imperio manteve-se pela grandeza do chefe.

813. Este grande principe, sentindo proximo o seu fim, associou ao imperio *Luiz*, o unico filho que lhe restava. Em presença de todos os grandes do reino e de numerosa assemblea, fez um discurso, onde, entre outros conselhos, lhe disse: «Honrae os bispos como paes; amae os povos como filhos; obrigae pela força os maus e sediciosos a entrarem no seu dever; escolhei juizes e governadores a quem o temor de Deus faça incorruptiveis; e vós mesmo tornae-vos irreprehensivel perante Deus e os homens.» Depois ordenou ao principe que tomasse com a propria mão a corôa que elle tinha posto sobre o altar, para lhe dar a entender que a recebia de Deus só, e que os pontifices nenhum direito tinham de dispor d'ella. Deixou-lhe todos os seus estados, á excepção da Italia, que reservou para *Bernardo*, bastardo de seu filho *Pepino*. Carlos Magno não viu muito tempo o filho sobre o throno: um pleuriz terminou a sua longa e gloriosa carreira a 28 de Janeiro de 814, com setenta e um annos de edade, quarenta e sete de reinado, e quatorze d'imperio.

Vasto nos seus designios, simples na execução, ninguem possuiu em mais alto grau a arte de fazer as maiores coisas com facilidade, e as difficeis com promptidão. Brando e affavel com todos, sincero e modesto nos modos, amava a companhia das pessoas da côrte: governava a sua casa com a mesma sabedoria com que governava o imperio: fez crescer os rendimentos dos seus dominios, e tirou d'elles com que espalhar abundantes esmolas, e soccorrer o povo. Este principe era o homem mais robusto, alto e bem feito do seu reino: tinha olhos grandes e vivos, rosto alegre e franco, e nariz aquilino.

Foi enterrado na egreja d'Aix-la-Chapelle, que tinha edificado. Enterraram-no, ou, antes, metteram-no em um carneiro, onde o sentaram sobre throno d'oiro; adornaram-no com as vestes imperiaes, e pozeram-lhe o cilicio que trazia ordinariamente, espada ao lado, corôa na cabeça, o seu livro do Evangelho sobre os joelhos, o sceptro e o escudo aos pés: um e outro eram d'oiro, e o papa tinha-os benzido. Lançaram-lhe o manto real, e pozeram-lhe a grande bolsa de peregrino, que costumava usar nas viagens a Roma. Todo o sepulchro foi perfumado, e ahi metteram grande quantidade de peças d'oiro. Sellaram-no; e por cima levantaram-lhe um soberbo arco triumphal, onde se gravou este epitaphio: *Aqui repoisa o corpo de Carlos, grande e orthodoxo imperador, que augmentou gloriosamente o reino dos francezes, e o governou felizmente durante quarenta e sete annos.*

Continua.

RESPEITO E AMISADE.

AO ILLUSTRISSIMO E REVERENDISSIMO BENEFICIADO, FRANCISCO RAPHAEL DA SILVEIRA MALHÃO.

Estas phrases, senhor, que vos escrevo,
São sinceras, e n'ellas podeis crer;
São um tributo d'alma que dedico,
E quanto posso dar, por mais não ter!

Salvè, salvè, modelo de virtude,
Exemplo salutar de santo amor,
Interprete fiel do verbo santo,
Fazendo-o refulgir com mais fulgor.

Nas praticas em que eu vos tenho ouvido
Do pulpito fallaes ao coração;
Inspiraes co'a virtude as nobres crenças,
E daes em cada phrase uma lição!

Se fallaes ao peccador arrependido,
Ao morrer-lhe da vida quasi a luz,
N'um gesto só, mas n'um gesto eloquente,
Como esp'rança apontaes-lhe para a cruz!

Despido d'ambições e de vaidade,
Sois o typo, senhor, do bom christão;
As santas leis prégaes da santa Egreja,
E o exemplo daes na vossa abnegação!

E ministro de Deus, sois respeitado,
Não por austero, só por muito amor;
Pelo amor, que legou d'entre os martyrios,
O Rei dos reis, do mundo o Redemptor!

Ah! cumpris a missão do sacerdocio
Como ella escripta foi, como ella é;
Em alento trocaes o desalento,
Ao sceptico inspiraes a crença e a fe!

Poeta, deu-vos Deus a faculdade,
Nas azas de subir da inspiração,
De correr das ideas pelo infinito,
De colher n'essa aerea região,

Pensamentos a mil, de mil affectos,
Estrellados de muita inspiração,
Que repassam uma a uma d'alma as fibras,
Buscando por asylo o coração!

Poeta e sacerdote! Unidos ambos,
Por laços que só Deus pode formar,
A Egreja entrelaçada co'a poesia,
E n'uma alma sómente e sempre a par!

Oh! se ha nada mais bello e mais sublime!
Vê-se em vós creador e creação;
O dedo de Deus tendes n'alma impresso,
E ao mundo scintillaes essa impressão!

Obscuro, como sou, desconhecido,
Eu só sei respeitar-vos e admirar
Calado, mas absorto vos contemplo,
E dou-vos quanto um peito pode dar.

AI! NÃO ME NEGUES A ESP'RANÇA.

Porque me negas a esp'rança,
Quando o teu ardente olhar
Na minh'alma adormecida
Fez tanto amor acordar?

Tornei-me pois teu captivo,
E bem digo a escravidão,
Porque só hoje é que sinto,
Que me vive o coração!

Esses teus olhos, querida,
Tem tal vida e tal ardor,
Que ao fital-os senti logo,
O vivo incendio do amor!

E rendido e namorado,
Não pude o affecto conter,
E em phrase pobre e sentida,
Nada te pude esconder.

Respondeste-me dizendo,
Que te impunha uma traição!
Pois era traição pedir-te,
Que me não dissesses: «não?»

Podem acaso haver peias
Para tal amor ardente?
Amores jámais são crimes
Na consciencia de quem sente!

Porque affectos não se impõem,
Nem se podem suffocar;
Vindos elles e ceder-lhes,
Ninguem n'os pode evitar!

Porque fallas de deveres?
Pois não reparas, não vês,
Que ninguem como eu, querida,
De amor se roja a teus pes?

Pois tanto amor não te abala,
Não te faz nada sentir?
Porque me negas a esp'rança,
Porque me queres fugir?

Queres, esquiva, matar-me
Com tanta incerteza assim?
Porque «não» dizes nas phrases,
E nos olhos dizes «sim?»

Receias tu que eu te esqueça?
Tranquillisa-te, anjo meu;
Amor que tem tanto fogo,
Nunca mais arrefeceu!

Oh! transforma a tempestade
D'esta minh'alma em bonança,
Podemos ser tão felizes!...
Ai! não me negues a esp'rança!

MENDES LEAL (ANTONIO).

DIREITO PUBLICO GERMANICO.

Continuação.

Imperador é o nome que se dá ao principe que foi legitimamente escolhido pelos eleitores para chefe do imperio romano-germanico, e para governar segundo as leis que lhe são impostas pela capitulação imperial.

Desde a extincção da casa de Carlos Magno que possuia o imperio por direito de successão, ou depois de Henrique IV na opinião de outros autores, a dignidade imperial se tornou electiva, e desde esse tempo ninguem chegou a ella senão por esta via. Até os eleitores, receiando que os imperadores da casa d'Austria fizessem a dignidade imperial hereditaria na sua familia, inseriram na capitulação de Mathias, e na dos imperadores seguintes, uma clausula, por via da qual se obsta isso aos imperadores.

Os eleitores não são obrigados a limitarem a sua escolha a uma casa em especial: basta que a pessoa eleita seja: 1.º varão, porque a dignidade imperial não pode passar a mãos femininas; 2.º que o principe que se quer escolher seja alemão, ou, pelo menos, de raça originaria da Alemanha, mas esta regra tem tido suas excepções; 3.º que seja de nascimento illustre; 4.º a bulla de oiro diz vagamente que deve ser de edade conveniente, *justæ ætatis*, mas esta edade não está fixada por nenhuma lei; 5.º deve ser leigo, e não ecclesiastico; 6.º que não seja heretico, se bem que nenhuma lei fundamental do imperio exclue os protestantes da dignidade imperial.

Quando o throno imperial está vago seguem-se as seguintes formalidades para a eleição de novo imperador. O eleitor de Moguncia, na qualidade de archi-chanceller do imperio, deve convocar a assemblea dos outros eleitores no espaço de trinta dias, depois de noticiada a morte do imperador. Os eleitores dirigem-se a Francfort-sur-le-Main. Ahi comparecem na assemblea, ou pessoalmente, ou pelos seus deputados, munidos de plenos poderes, e redigem os artigos da capitulação imperial. Se um eleitor, devidamente convidado para a eleição, recusa comparecer n'ella, ou se retira depois de ter comparecido, não obsta a que os outros prosigam na eleição, e por isso não é menos legitima.

Fixado o dia para a eleição, faz-se sair da cidade todos os estrangeiros. Os eleitores assistem a uma missa do Espirito Santo, e prestam um juramento, cuja formula está determinada na bulla de oiro, de serem imparciaes na escolha que vão fazer. Depois d'isto entram no conclave, e procedem a eleição que se faz por unanimidade de votos, sendo estes contados pelo eleitor de Moguncia.

Concluida a eleição franqueiam-se as portas, mandam-se entrar no recinto da assemblea notarios e testemunhas, e lavra-se um instrumento que é assignado e sellado por cada um dos eleitores. Segundo a bulla de oiro, se a eleição se não fizer dentro de trinta dias, os eleitores deverão estar a pão e agua. Concluida a eleição, é logo annunciada na egreja principal da cidade. Os eleitores fazem-na notificar ao eleito, se está ausente, pedindo-lhe que aceite a dignidade imperial. Se está na cidade, apresenta-se-lhe a capitulação que elle jura observar, e os eleitores o conduzem, em ceremonia, do conclave ao altar-mór: ajoelha no degrau mais elevado, e faz oração, tendo os eleitores a seu lado. Depois apresentam-no sobre o altar, canta-se o *Te Deum*, e finalmente o eleito sobe a uma tribuna, e é então que se proclama imperador.

Continua.

ALMANAK DO POVO.

Como prova de esmero artistico na typographia, e como elegante adorno de gabinete, recommendamos o *Almanak do povo* para o anno de 1858. O seu diminuto preço de 40 reis, excita o desejo de o comprar.

Impresso a côres, em excellente papel, e typo novo, o *Almanak do povo* contem tudo que o curioso pode desejar.

É um tentamen que honra o senhor Desiderio Marques Leão, seu proprietario, pela concepção, e os senhores Lallemant pela execução artistica.

Suas Magestades, a quem foram offerecidos alguns exemplares, dignaram-se significar a sua real estima por um trabalho que comprova o progresso dos nossos artistas.

AVISO AOS SENHORES ASSIGNANTES

DO

RIO DE JANEIRO.

O Editor e proprietario do *Panorama* e *Illustração* declara que, em consequencia de graves motivos de queixa que tem contra o senhor Manuel Jose Vieira da Costa, rua da Quitanda, e que a qualquer tempo publicará, se necessario fôr; deixa este senhor de ser correspondente do Editor, no Rio de Janeiro, desde o primeiro de Janeiro de 1858, proximo futuro.

Os senhores Assignantes do *Panorama*, que quizerem continuar a sua assignatura, e bem assim os que desejarem assignar para a *Illustração Luso-Brasileira*, cuja publicação continuará no proximo futuro anno, queiram dirigir-se ao senhor Floriano Alves da Costa, rua de S. Pedro, n.º 26.

Ao senhor Alves da Costa devem ser feitas todas as requisições, não só d'aquelles dois jornaes, como de todas as obras, cujo catalogo vae inserto n'este mesmo jornal, de que é Editor o proprietario dos mesmos semanarios litterarios

OBRAS QUE SE VENDEM EM CASA DO EDITOR A. J. F. LOPES, LIVREIRO.
RUA AUREA, 227 E 228.

Panorama, semanario de instrucção e litteratura, fundado em 1837, e redigido por muitos escriptores distinctos. Publica-se regularmente todos os sabbados um numero contendo 16 columnas de folio com excellentes gravuras em madeira. Preço por assignatura — em Lisboa — anno 1:300 rs. — semestre, 700 rs. — nas provincias (franco) anno, 1:570 rs. — semestre 830 rs.

As collecções completas, desde a sua fundação até ao presente, 13 volumes, acham-se unicamente em casa do Editor. Preço — em papel, 17:500 rs. — encadernados, 21:100 rs.

Illustração Luso-Brasileira, periodico universal, collaborado pelos nossos mais distinctos escriptores. Acha-se completo o volume de 1856 — folio grande — contém diversos artigos instructivos e de recreio, e mais de trezentas gravuras, assim de objectos nacionaes, como estrangeiros. Preço, em papel, 3:600 rs. — encadernado, 4:200 rs., em Lisboa.

Poesias de M. M. de B. du Bocage, colligidas em nova e completa edição, dispostas e annotadas por I. F. da Silva, e precedidas de um estudo biographico e litterario sobre o poeta, escripto por L. A. Rebello da Silva. Edição completa em 6 volumes de 8.° francez, com mais de 400 paginas cada um. Preço rs. 4320

Natureza das Coisas, poema de T. Lucrecio Caro, traduzido do original latino para verso portuguez por A. J. de Lima Leitão. 1851—1853, 2 vol. 8.° br. rs. 800

Fastos da Egreja, historia da vida dos Santos, ornamentos do Christianismo, por L. A. Rebello da Silva, com censura e autorisação do patriarcado. Publica-se em cadernos de 150 paginas; cada volume comprehende dois cadernos. — Estão publicados 4 cadernos, que constituem o 1.° e 2.° volumes, contendo a Vida de Nosso Senhor Jesus Christo completa. Preço de cada volume em Lisboa, rs. . . . 480

Nas provincias, rs. 520

Poesias de L. A. Palmeirim — 2.ª edição, correcta e augmentada, 1 vol. de 8.° francez, rs. 600

Os Homens de Marmore, drama em 5 actos, por J. da S. Mendes Leal Junior, com um prologo pelo autor, um proloquio pelo sr. L. A. Rebello da Silva, e um esboço critico pelo sr. Lopes de Mendonça, 1 vol. de 8.° francez, rs. 480

O Homem de Oiro, drama em 3 actos (continuação dos Homens de Marmore), por J. da S. Mendes Leal Junior, com um prologo pelo autor, e um juizo critico pelo sr. Ernesto Biester, 1 vol. de 8.° francez br., rs. 300

Rudimentos de Economia Politica, para uso das escolas, por F. A. Marques Pereira, 1 vol. 8.° br., rs. 200

Addições ao Manual do Tabellião, por F.V. da Silva Barradas, 1 vol. 8.° francez br., rs. . . 200

Memorias de Litteratura Contemporanea, por A. P. Lopes de Mendonça, 1 vol. 8.° fr., rs. 720

Medicina Legal, por Sédillot, traduzida pelo doutor Lima Leitão — 2.ª edição augmentada de notas, 2 vol. em 8.° francez, rs. 1200

A Cruz, drama em 5 actos, por Luiz de Vasconcellos d'Azevedo e Silva, 1 vol 8.° fr., rs. . . 320

Um Quadro da Vida, drama em 5 actos, por Ernesto Biester, com um prologo pelo sr. L. A. Rebello da Silva, e um juizo critico pelo sr. L. de Mendonça, 1 vol. 8.° francez, rs. . . . 480

A Herança do Chanceller, comedia em 3 actos e em verso, por J. da S. Mendes Leal Junior, 1 vol. 8.° br., rs. 400

A Redempção, comedia-drama em 3 actos, por Ernesto Biester, com uma introducção pelo sr. Mendes Leal Junior, 1 vol. 8.° fr., rs. . . 360

Othello ou o Mouro de Veneza, tragedia em 5 actos, imitação por L. A. Rebello da Silva, 1 vol. 8.° francez, rs. 300

Dois Casamentos de Conveniencia, comedia em 3 actos, por L. A. Palmeirim, 1 vol. 8.° fr., rs. 360

Dalila, drama em 4 actos e 6 quadros, por A. de Serpa, 1 vol. 8.° francez, rs 400

Camões e o Jão, scena dramatica, por Casimiro Abreu, 8.° rs. 100

Duas Epocas da Vida, comedia em 3 actos, por Ernesto Biester, 8.° rs. 240

Camões do Rocio, comedia em 3 actos, por I. M. Feijoó, 1 vol. 8.° francez, rs. 300

Casamento e Despacho comedia em 3 actos, por A. de Serpa, 1 vol. 8.° francez, rs. 320

Sermões do doutor Francisco Soares Franco Junior, 1 vol. em 8.° francez rs. 480

Eneida de Virgilio em portuguez, 3 vol. 8.° francez, br., rs. 2880

O 3.° volume só, rs. 1000

A Torre do Corvo, drama em 4 actos e um prologo, pelo autor do Camões do Rocio, com o parecer do ex.mo sr. conselheiro Garrett, 1 vol. 8.° francez, rs. 400

A Mocidade de D. João V, comedia-drama em 5 actos, por L. A. Rebello da Silva e Ernesto Biester, 1 vol. 8.° francez br., rs. 480

Uma viagem pela litteratura contemporanea, por Ernesto Biester, 1 vol 8.° fr. br. rs. . . . 200

Uma viagem á Inglaterra, Belgica e França, por J. Mesquita da Rosa, 8.° port. br. rs. 120

Como se sobe ao poder, comedia em 3 actos, por L. A. Palmeirim, 1 vol. 8.° francez br. . . . 400

O Sapateiro d'escada, comedia de costumes em 1 acto, por L. A. Palmeirim, 1 vol. 8.° fr., rs. 160

Reflexões sobre a lingua portugueza, por Francisco José Freire, — Candido Luzitano, 8.° br., 3 vol., rs. 720

Stambul, comedia em 3 actos, e 9 quadros, por Aristides Abranches, 8.° fr. br., rs. . . . 300

Poesias de J. da S. Mendes Leal Junior. 720

Pedro, drama em 5 actos, por J. da S. Mendes Leal Junior. 400

Scenas de familia, comedia em 2 actos, original de Antonio Cesar de Lacerda 320

Ensaios poeticos, por L. Paulino Borges. 60

A Domadora de feras, comedia em 1 acto, por L. A. Palmeirim 160

Tambem se acham á venda no armazem de livros do Editor A. J. F. Lopes, rua Aurea, n.° 227 e 228, os primeiros oito volumes da Collecção Chronologica da Legislação Portugueza de 1603 em diante, annotada pelo doutor José Justino d'Andrade e Silva. — Preço de cada volume 2:200.

INDICE ALPHABETICO

DOS

ARTIGOS CONTIDOS

NO

VOLUME DECIMO QUARTO — PRIMEIRO DA QUARTA SERIE.

(OS ASTERISCOS DENOTAM AS GRAVURAS.)

A···, (poesia) 348
A···, (poesia) 358
Abbade de Whalley (o ultimo) 195, 205, 211, 220, 226, 237.
Abolição da escravidão em Alemanha 268
Academia das bellas-artes em S. Petersbourg * 27
Acrostico 390
Advertencia 8, 24, 64
Ai! não me negues a esperança (poesia) 414
Album (n'um) poesia 383
Alemães (os) e a sua moderna litteratura 124
Alfayas do Kremlin 194
Alimento dos selvagens . . . 263
Aliscamps * 273
Almanak do povo. 415
Amar-me-has? (poesia) . . . 407
Amo a noite, (poesia) 171
Aonde existe a ventura? (poesia) 84
Apito do seculo XVI * 412
Arboricultura. 284
Arcos normandos * 124
Arrependida, (poesia) 230
Astucia contra astucia. . . . 182
Asylo em Blackheath * 137
Auto da fé ás bruxas, celebrado em Logronho no anno de 1610; seguido da famosissima carta sobre egual assumpto do inquisidor de Calahorra ao condestavel de Navarra em 1590. 375, 381, 388
Balkans (os). 202
Bampfylde Moore Carew * . . 301
Barra da Figueira. 236
Barra de Vienna 261
Barra (a) do Douro 228
Barra e porto d'Aveiro . . . 252
Basilio (S.) em Moscow * . . 82
Bastiat 386
Bibliotheca de Alexandria. . 100
Bigodes de D. João de Castro? (que fim levaram os) . . . 175
Bohemia 183
Bolsa do commercio em S. Petersbourg ** 73
Bolsas. 246
Boulogne-sur-mer * 218
Bucharest * 210
Bundelkand * 321
Bushire no golpho persico * . 226
Byron! . . . 173, 178, 186, 197
Caminho de ferro de leste * . 50
Capella de Harrow * 153
Capella (nova) de S. Miguel * 28
Caravançará de Sarron * . . 89
Casa (pequena) de Soissons * 317
Castello de Barben * 265
Castello de Beaufort * . . . 297
Castello de Breda * 201
Castello de Carisbrooke, na ilha de Wight * 353
Castello (o) de Pau * 244
Catacumbas (as) de S. Pedro 201
Catalogo das pessoas que governaram o estado do Brazil por el-rei de Portugal. 394
Catalogo das pessoas que teem governado o estado da India, desde a sua descoberta até hoje, e datas da posse de cada um 403
Catarata da ribeira de Cause e muralha romana junto de Aix * 369
Causa (a) porque os malvados aborrecem os virtuosos . . 300
Cellorigo * 324
Cerca (a) inculta 304
Cerco de Troya, (poesia) . . 109
Christo no jardim das oliveiras * 113
Chronicas monasticas. 30, 47, 52, 60, 66, 74, 83, 104, 111, 126.
Cidade de Homburg (vista geral da) ** 393
Cintra, (poesia) 103
Coincidencias notaveis dos nove algarismos com a historia de Portugal, em quanto dominou n'este reino a linha Affonsina. 245, 253, 260, 269, 279.
Coisas da India (de como se passavam as) 235
Collegio (o) dos nobres em Moscow * 10
Columna serpentina do templo de Delphos, em Constantinopola * 313
Commemoração, (poesia). . . 310
Companhia (a) hollandeza das Indias. 162
Confidencias, (poesia) . . 325, 332
Consolação, (poesia). 407
Construcções antigas e modernas *** 305
Contrabandos (dois). . . 273, 286
Costumes hollandezes. 86
Danço-mania. 287
Delhi. 349
Dente (o) d'um macaco. . . . 259
Desafio do duque de Medina Sidonia 306
Descripção e recordações historicas do palacio e quinta de Queluz * 1
Desejos, (poesia). 52
Diabinhos (os) poesia. 166
Diluvio de luz 13, 21, 28
Dinheiro (o) 311
Direito publico germanico. . 400, 407, 415.
Discurso (breve) 368
Duello (um) 142
Ecclesiastico (um bom). . . . 384
Economia rural 8
Edificio monumento * 164
Effeitos d'uma praga 88
Egreja de Gamston * 173
Egreja (nova) de S. Salvador * 193
Egreja em Champion-Park * . 109
Egreja em Ortakeoi * 92
Emprego (optimo) das condemnações 167
Entrada (nova) do parque de S. James * 156
Escola philologica * 196
Escolas centraes do districto de Londres * 186
Escravo (o) branco, (poesia). 14
Espantosa inundação de mar 82, 97.
Espigas d'oiro (quatro). . . . 340
Estante do côro do convento dos Paulistas * 34
Estrella (a minha) poesia. . . 382
Estudo critico 133
Estudos sobre a historia de França, 307, 317, 328, 344, 352, 357, 377, 390, 399, 408 412
Estudos sobre a historia sagrada. 15, 23, 39, 45, 55, 62, 70 79
Estudos sobre a primitiva egreja christã. 94, 117 143 . . 151
Excerpto de D. Francisco Manuel 255
Exemplo para os sogros. . . . 255

Fabricas que tinhamos no fim do seculo passado 367
Familia (uma) de pescadores . 369
Flora (a) 145, 154
Fonte de praça Antonio Martim em Madrid 345
Fragmentos d'um poema inedito. 292
Fraude engenhosamente descoberta por Christierno IV rei de Dinamarca 384
Funchal 169, 188
Galeão (o) Enxobregas. 330, 346 353, 361, 370 379
Gentis homens de 1572 . . . 25
Glorias (duas). 234
Godos (os) na Peninsula. 89, 116
Grão (um) d'areia e as estrellas 268
Gratidão (a). 383
Historia dos amaletos 294
Hoffmann 83, 101, 130
Homem (o) das botas 243
Homens com rabo. 262
Hoo-Kiu-Shans 145
Hossana, (poesia) 115
Ilha das Serpentes 148
Illusões. 309
Imperio (o) d'Annam. 157, 161 172, 180, 190.
Imprensa periodica franceza. 138 149.
Incendio em Fontainebleau . 141
Indios (os) perante a nacionalidade brazileira. 265 . . . 276
Industria fabril. 302
Industria manufacturaria . . 282 290.
Introducção. 1
Isabel, (santa) rainha de Portugal 316
Janella gothica 100
Judeus (os) depois de Christo. 314 334, 350, 359. 396
Julia (a) poesia 364
Kiatat (o). 255
Kursaal, em Wiesbaden . . . 337
Lagrimas, (poesia) 59
Lanterna dos mortos, em Sarlat 177
Luiz Augusto Palmeirim (ao insigne poeta) poesia . . . 318
Machina para cortar pão . . . 292
Marcometro (o) de Saint-Maló 283
Meio para espantar os cães. . 319
Meissen, e a invenção da porcelana 136
Memorias historicas. . . . 37, 42
Mercado do trigo em Boston . 129
Minas de Portugal 105
Miscellanea. 127
Missões da India 210
Modas—trajes nacionaes. . . 322
Modo (galante) de satisfazer uma lettra 91
Montanhas (as) e os insectos. 252
Monte (o) Peregrino 233
Morte (sobre a) do duque de Clarence 318
Morto (o) vivo 189
Mosteiro de Ekmiazin 41
Mosteiro (o ex) de Matallana . 356 366
Museus, gabinetes de medalhas, gabinetes de physica, e jardins botanicos 392
Musica (a) entre os antigos. . 203
Narcoticos (os) 279
Natal em Mafra, (poesia) . . 36
Nazareth (a) 249
Necropolis de Doeimia 97
Obscuridades na primitiva historia da Lusitania . . . 78
Observações sobre algumas flores e arbustos modernos. . 158
Ordem da aguia branca na Polonia 80
Origem das camaras municipaes. 69
Padrão no Arco do Cego . . . 44
Pagode (o) de Budha em Kakodad 204
Palacio d'inverno em S. Petersbourg 269
Palacio d'Osborne, na ilha de Wight 386
Palacio de Palhavã 66
Parallelo entre as litteraturas alemã e ingleza 164
Parochia de Santa Catharina (a antiga) 409
Pensamentos de Domat. . . . 315
Pesca (a) poesia. 391
Pesca nocturna. 218
Pescadores norueguezes . . . 285
Pescadores tartaros 253
Pfalz 289
Pintura em Faiança 332
Pontão (um) nos rios da Alemanha. 96
Ponte (nova) d'Arcole 281
Ponte d'Allah-Verdi-Khan . . 161
Ponte (a) nova, em Nice . . . 169
Ponte (a) nova em Paris . . . 329
Portal de S. Cyro la Rosière . 409
Porta triumphal na estrada de Moscow 276
Prelados da sé primacial do oriente (lista dos). 410
Presente e passado, (poesia). 375
Primavera (á) poesia 358
Principado (o) de Neufchatel. 159
Principaes heresiarchas, e concilios que os reprimiram 198 206, 213, 221, 230.
Rattatt 361
Realidade (a) do infinito no espaço, e no tempo 171
Recordação, (poesia) 340
Reflexões (breves) sobre os effeitos geraes da revolução franceza 342, 372
Refugio (o). 242
Relação das coisas que aconteceram em a cidade d'Angra, ilha Terceira, depois que se perdeu el-rei D. Sebastião em Africa. 64, 71, 87, 160, 168 176, 184, 199, 207, 214, 222, 231, 247, 255, 263, 271, 280, 288, 295, 304, 311, 319, 335.
Respeito e amisade, (poesia). 414
Resurrexit 121
Retrato de Carlos Magno. . . 219
Retrato d'um homem destinado a viver muito tempo . . 243
Ruinas (as) poesia. 148
Ruinas da egreja e mosteiro de Crasto d'Avelãs 57
Ruinas do castello de Garnache 257
Ruinas do castello de Macheoul 241
Sacrificio (o) interrompido. . 175
Saudade, (poesia). 300
Saudades, (poesia) 135
Saxonia 152
Sementeira, e seus methodos. 229
Sentença. 311
Serra (a) de Foz 365
Silencio (o) 368
Supplicio (o) da Roda. 184
Suspeita (da). 262
Tabellas curiosas. 391
Theatro de Macri 17
Tobias Hobson 260
Torre (a) de Clotilde 401
Torre de Ragés 105
Torre do castello de Alnwick . 132
Torre inclinada de S. Miguel em Pisa 237
Vaso esmaltado de joias . . . 180
Viagens ao hemispherio austral. 140
Viagens de Beckford a Portugal, 122, 158, 258, 298, 338
Viajar... ao menos até Cintra 250
Vida (a) é sonho. (poesia) . 68
Vingança por vingança, 10, 18 25, 34, 50, 58, 76, 92, 107 147, 341, 387, 405.
Yaung Coompon. 411

FIM.

AP
65
P36
v.14

O Panorama

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY